Claudia Furiati

Fidel Castro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

Editora Revan

FidelCastro
UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA
TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

1ª Edição

Editora Revan

“Esta não será uma biografia autorizada, muito menos oficial. Trata-se de uma biografia consentida. Somente a lerei após sua publicação. Reservo-me o direito de dela discordar, se achar conveniente”.

(Declaração do Comandante Jesús Montané à autora, em nome de Fidel Castro) Havana, setembro de 1997

In memoriam

A Jesús Montané Oropesa e
Manuel Piñeiro Losada,
chaves de realização
desta obra que não
puderam ver concluída.

Sumário

T O M O I

ÍNDICE NO FINAL DO TOMO II

Agradecimentos

Preservo em mim todos os gestos e os rostos dos que me acompanharam em Cuba, Estados Unidos, Brasil e outros lugares, nessa extensa jornada, torcendo pelo seu placar seguro. Muito especialmente:

Nei Sroulevich, amor e cúmplice na produção deste livro, do início ao fim;

Helena e Daniel, meus filhos, que com sua generosidade e inteligência guiaram-me nas horas difíceis e compreenderam que o silêncio ou a distância eram um modo de me ter por perto;

Marilia, minha mãe, meu irmão Luis e a fortuita lembrança de meu pai Ilmar em dias e noites de concentração e trabalho;

Demais personagens de meu convívio: Ilka, Théa, Maria e Antônio, o real dono da casa. E Iupi, meiga cocker spaniel que estabeleceu um posto ao lado do computador;

Luís Henrique Araújo, meu entusiasmado ajudante de pesquisas em Cuba;

Paulo Nazareth, advogado e homem de Letras, que se debruçou sobre os originais da biografia com a profundidade dos sábios;

Beatriz Damasceno, uma leitora diligente e certeira. Adriana Mendonça, meu tranqüilo socorro nos acidentes da informática. Aninha e Marcos, a singela tropa do escritório;

Oscar Niemeyer, Roberto Amaral, Alcione Araújo, Eric Nepomuceno, Marcello Cerqueira e Milton Coelho da Graça, mentes que dissecaram com sinceridade e brilho o meu manuscrito;

Frederico Duque Estrada Meyer, perfeito diplomata, feito irmão, durante sua gestão na embaixada brasileira em Havana. José Aparecido de Oliveira e José Nogueira, embaixadores da cultura;

Ignacio Dominguez Chambombiant, o “Chino”, leal “escudeiro” durante os meus anos de residência em Cuba;

Emílio Aragonés e Tona, Manuel Rodríguez, Mercy Esperón, Lázaro Mora, María Elena Mora, Marta Harnecker, Camila Piñeiro, Arnol Rodríguez e Antonio (Tony) Martínez, doces companheiros de minha vida estrangeira;

Luis Báez, Benigno Iglesias, José Tabares del Real e Jorge Risquet, firmes aliados e conselheiros na tormenta da investigação;

Pedro Álvarez Tabío, funcionários da Oficina de Assuntos Históricos do Conselho de Estado da República de Cuba e a sua supervisora, inesquecível amiga, Elza Montero Maldonado, os guardiães da história de Fidel;

Hilda e Gemma, as competentes cubanas que digitaram milhares de páginas da coleta de informações;

Max Lesnick e sua esposa Miriam, que me acolheram com o carinho maior e conduziram-me por trilhas de Miami a enriquecer esta biografia;

Ramón Sánchez Parodi e Jorge Lezcano Perez, os embaixadores incansáveis do projeto. José Arbesú, Armando Campos, Sergio Cervantes, Nora Quintana e Jorge Ferrera, do Departamento América do CC do PCC;

Adhemar Reis, o torcedor maior desse time;

Lúcia Riff, a agente destemida a conduzir esta obra por outros mares;

Fernando Pimenta, o mago das linhas e figuras;

Renato Guimarães, meu caro e eterno editor;

Alfredo Guevara, Faure Chomón, Alfredo “Chino” Esquivel, Felipe Pérez Roque, Carlos Valenciaga, Rogelio Polanco, Tania Fraga Castro, Vilma Espín, Raúl, Ramón e Fidel Castro, todos os testemunhos e personagens desta obra, a quem espero haver correspondido com honestidade.

C.F.

Prefácio

O destino do homem é transformar o mundo

Roberto Amaral

"Os homens fazem sua própria história, mas
não a fazem como querem; não a fazem sob
circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas
com que se defrontam diretamente, legadas e
transmitidas pelo passado".
Karl Marx
O 18 brumário de Luís Bonaparte

"Não tenhamos dúvida de que sempre existirá
espaço para o exercício da vontade política,
quando esta se manifeste com vigor adequado".
Celso Furtado
O capitalismo global

De um lado, uma personalidade extraordinária, voluntarista; de outro, a necessidade histórica exigindo transformações sociais. De um lado, o ímpeto do líder; de outro, as condições objetivas, desfavoráveis. De um lado, o homem e suas circunstâncias; de outro, seu papel de agente, indômito. Entre um condicionante e outro, o acaso. Como resultado, o acidente

histórico de uma revolução impossível, fazendo-se real onde não devia e quando não podia. A sobrevivência de um fenômeno político sem a audiência das leis da história, eis a crônica deste livro extraordinário.

Dificilmente, outra biografia colocaria de forma tão clara e ao mesmo tempo tão imperiosa a reflexão sobre o papel do indivíduo na história. E muito raramente um líder terá sido tão sujeito da história, artesão dos fatos, cinzelando as circunstâncias. É evidente que a ação humana está presa a condições objetivas presentes e herdadas do passado – a revolução socialista não poderia ser construída sobre os escombros da Bastilha; Bismarck, lembra Plékanov, fosse qual fosse seu papel na história, jamais conseguiria retornar a Alemanha à economia natural – mas o homem é livre para agir: podendo optar, faz-se no mundo, mudando o mundo, inventando-se e inventando o mundo com sua existência.

Com estas linhas queremos sublinhar o papel das circunstâncias construindo o indivíduo, e interferindo no andamento dos fatos, e de certa forma moldando seu papel de agente. No caso do biografado, porém, trata-se de uma relação dialética: conhecendo as circunstâncias que modificam/condicionam sua existência, Fidel forcejou sempre por alterá-las, por utilizar-se delas, e com elas construir o processo histórico. Rompeu com todas as fronteiras onde o quiseram deter, para tornar-se uma legenda e um símbolo e, finalmente, um mito, o último mito do nosso tempo, desafiando tudo, inclusive a débâcle do "socialismo real", a autodissolução da União Soviética e o fim da guerra fria com a estrepitosa vitória, vitória política, ideológica, econômica e militar dos Estados Unidos da América.

O livro que vamos ler nas páginas seguintes, para além da biografia de Fidel Castro, é a revelação de mais de meio século da história de nosso Continente; para além da história recente de Cuba, é a história da luta dos povos subdesenvolvidos, é a história dos humilhados e ofendidos da Terra lutando por dignidade.

É a história do Terceiro Mundo. É a história não contada da descolonização da África. É a história da opressão e da liberdade. A história de muitos erros pessoais e coletivos, de muitos acertos e de muitas dúvidas, vez que o passado conhecido ainda não pode anunciar o futuro. É a história de um projeto político – e das biografias que o conduzem – se esbatendo contra os limites das circunstâncias.

Não há ainda distanciamento histórico para o julgamento de Fidel Castro, nem este é o objetivo de Furiati, que, mergulhando na história pessoal do líder cubano, e a partir dela, recompõe com esmero, com cuidado, com atenção, como quem esculpe, como quem desenha, como quem borda, a saga de quase um século de América Latina. Os dados são postos à vista do leitor, quase crus, limpos, livres de valoração. Caberá a cada um concertá-los e, arrumando-os, construir sua própria interpretação da única revolução social conhecida pelo Continente.

No recém-findo século XX, a América Latina, uma porção da tragédia ocidental, conheceu a fome, a pobreza, o atraso, teve esperança e sonhou com riqueza e igualdade social, e padeceu sob a opressão da sociedade de classes. Aqui reinaram algumas das piores ditaduras de todo o século, todas elas implantadas e sustentadas pelo grande irmão do Norte. Os Trujillo na pequena República Dominicana e, na mesma ilha, no Haiti, a ditadura Duvalier. Os Somoza na Nicarágua. Em toda a América Central e Caribe, depois da depredação colonial espanhola, as intervenções dos *marines* e os governos títeres da *United Fruit Company*. A longa ditadura Gomez na Venezuela. Na Colômbia, por todo o século e até hoje, uma sucessão de ditaduras e governos autoritários e conservadores e a guerra civil permanente. Stroessner no Paraguai. O peronismo e as ditaduras militares na Argentina, a ditadura militar no Chile, o varguismo e a ditadura militar no Brasil, a ditadura militar no Uruguai. De comum, a preeminência dos interesses norte-americanos, a estagnação econômica, a sucessão de golpes de Estado – sempre a serviço das forças con-

servadoras –, e, repetição impossível de evitar, as intervenções militares norte-americanas. Tudo fazia crer que estávamos condenados à desesperança. Atrasados, dependentes, sem autonomia histórica, sem soberania, nosso destino parecia estar definido como o de coadjuvantes, figurantes numa história em cujo roteiro não nos cabia dar palpite.

Foi neste Continente e foi neste tempo que a aventura voluntarista de uns poucos jovens, atuando em um dos países mais pobres do mundo, dos menores do Continente, numa ilha de camponeses, sem indústria, sem recursos naturais, começou a mudar a história, a apenas 150 quilômetros do mais poderoso país capitalista do planeta, seu inimigo luciferino.

Cuba, depois da ocupação direta norte-americana iniciada nos fins do século XIX, começa a ser administrada por governos títeres ou subalternos aos interesses dos Estados Unidos, todos conservadores e autoritários. Destacam-se, na repressão, a ditadura de Gerardo Machado, e a longa ditadura Batista, de 1934 até 1944, e, finalmente, de 1952 até sua queda em 1958. E que Cuba era esta que os jovens da Sierra Maestra iriam revolver? Uma cloaca. Pobre e prostituída, entreposto da máfia e do contrabando, balneário para repouso de *gangsters* aposentados, exílio de ditadores latino-americanos em recesso, condomínio de cassinos para lavagem de dinheiro, zona livre onde a CIA e os serviços de inteligência tinham quartel para a arquitetura de seus golpes contra as democracias sobreviventes e os movimentos de libertação nacional.

Um país sem futuro, sem amanhã, sem porvir, sem o direito de querer, à míngua de orgulho. Um povo sem esperança.

Nessa Cuba, a expectativa de progresso da mulher camponesa, da filha do trabalhador, da menina de classe média era a prostituição, o grande atrativo do balneário, respeitada fonte de receita, mantida a economia na monocultura da cana. Sócia no gozo, uma pequena elite – militares, grandes latifundiários, executivos das companhias norte-americanas, o grande comércio –,

sustentada por uma ditadura que jamais conheceu os limites da perversidade.

Solta em meio ao mar do Caribe – premonição do isolamento? – Cuba, 114.524 km^2, é uma ilha sem significação econômica em 1958. Economia predominantemente agrária (açúcar, tabaco e frutas), receita dependente da exportação do açúcar, sem indústria (registre-se a manufatura de charutos, mais do que tudo um artesanato e poucos estabelecimentos têxteis), sem proletariado organizado, pequena burguesia alienada aos interesses forâneos, sem vida sindical importante, sem movimento social organizado, a resistência à ditadura, urbana, tinha como base, verá o leitor, o movimento estudantil, a Universidade de Havana, a complexa Federação dos Estudantes Universitários.

No Continente, a crise social já explodira por sucessivas vezes nos países mais avançados e industrializados, no Brasil (1922, 24-25, 30, 35, 37), na Argentina, na Venezuela e na Colômbia. Superada a II Guerra Mundial, e estabelecido o novo Tratado de Tordesilhas, coubera-nos, ao Continente, a condição de protetorado norte-americano. E aqui, sem o progresso, se instalou a paz. Enquanto a crise rondava a Europa, a Ásia convulsionada, o Oriente Médio prestes a explodir, a África conhecendo os primeiros movimentos de libertação nacional e descolonização, a América Latina era a calmaria, a pasmaceira, a tranqüilidade. Aqui, não se conheciam projetos revolucionários, e as democracias consentidas conviviam com as ditaduras autorizadas. No Brasil vivíamos os anos de ouro de JK, a crença de que a industrialização seria possível (e com ela a superação de todos os nossos problemas) e de que o subdesenvolvimento não era um determinismo. Aqui então se pensava que a democracia poderia gestar a reforma social.

Foi nesse tempo, no *réveillon* de 1958 para 1959, que o mundo foi despertado para o anúncio da queda de Batista. Sim, de princípio era apenas isso: uma revolução democrático-burguesa. Um levante popular, uma guerrilha que contara com

simpatias dos democratas de todo o Continente, mesmo nos Estados Unidos, derrubara uma das mais abjetas ditaduras do mundo, sanguinária e corrupta, serviçal a todos os mandantes e opressora do povo cubano, e instalara um novo regime, comprometido com a realização de eleições gerais em 18 meses, o reordenamento constitucional e a reorganização dos partidos.

Do outro lado do mundo os vietnamitas – anunciando o que viria a ser a mais dramática guerra de libertação nacional de todos os tempos – resistiam ao domínio francês. Desde 1954 que o povo argelino estava em guerra contra a dominação francesa. Nasser, que já retomara o Canal de Suez do controle inglês, estava associado a Nehru, Sukarno e Tito no movimento dos não-alinhados, no intento de construir uma alternativa à margem das grandes potências que comandavam a guerra fria. Os húngaros já se haviam levantado contra o regime de Kadar e já haviam sido calados pelas tropas do Pacto de Varsóvia.

A tessitura da realidade, a construção dos fatos, a arrumação da história, a objetivação do sonho, o leitor vai encontrar na narração de Furiati, como o relato digno de um partícipe, porque ela tem absoluto controle dos fatos que conta, expõe, descreve, documenta. A história começa muito cedo. Começa no final do século XIX, quando, em dezembro de 1899, o jovem Angel Castro, retornando da Espanha, desembarca em Havana e vai trabalhar nas minas de Oriente, para conhecer Lina, com ela se casar, para que pudessem nascer Angelita, Ramón e Fidel, Raúl, Juana, Emma, Agustina. O conto começa em 1926 ou 1927, com o nascimento de Fidel Castro e, acompanhando a vida de Fidel Castro, menino livre numa fazenda de Birán, no interior de Cuba, jovem rebelde em Havana, prisioneiro político, conspirador no exílio mexicano, líder guerrilheiro em Sierra Maestra e estadista contestador, Furiati descreve, *vis-à-vis*, a construção da personalidade de um revolucionário exemplaríssimo e a arquitetura de uma revolução impossível, passo a passo, peça por peça, num artesanato histórico, numa recomposição de fatos e eventos, na

montagem e desmontagem de quebra-cabeças que se transformam iluminando uma história que nos interessa a todos, pois diz respeito a nós todos, latino-americanos.

Embora seja a biografia de Fidel Castro, o leitor tem diante de seus olhos a história de Cuba, que, contextualizada, é a história recente da América Latina. Contando-a, Furiati conta a nossa história, a história de nossos povos e de nossos países, uma longa história de submissão e revolta, de pobreza e luta pelo progresso, de subordinação e luta pela soberania.

Com a exceção da revolução de 1917, nenhum outro movimento influenciou tanto o mundo, e principalmente nosso Continente, quanto a revolução cubana e nenhum líder exerceu tanto fascínio sobre as multidões de jovens esperançosos quanto Fidel. Nenhum líder permaneceu no pódio por tanto tempo, e não conheço outra identificação tão profunda, tão íntima entre o líder e sua gente, entre a história do líder e a história de seu país.

Como é sabido, do ponto de vista da teoria marxista clássica, era impossível uma revolução socialista em Cuba. E no entanto ela se deu. Do ponto de vista da política e da geopolítica, da estratégia militar, da correlação internacional de forças, era impossível sua sobrevivência em face do bloqueio político-econômico e militar imposto pelos Estados Unidos e seus aliados; no entanto, ela sobreviveu. Já lá se vão 42 anos! Não havia qualquer sorte de dúvida de que o regime cubano cairia, como castelo de cartas de baralho, ou como peças de dominó, na sucessão das quedas dos regimes do socialismo real do Leste europeu, na seqüência da desconstituição da União Soviética. E no entanto, o regime de Castro sobreviveu. Já lá se vão 12 anos da queda do muro de Berlim.

Se o desenvolvimento das forças produtivas materiais não é suficiente para desencadear, por si só, a contradição insolúvel com as relações de produção vigentes, mostra a história das grandes nações industrializadas, a revolução cubana veio demonstrar a possibilidade da irrupção social em formações

políticas mais atrasadas, em sociedades autoritárias, em regimes de exceção com parca densidade industrial. Fidel Castro parece haver compreendido, com seu voluntarismo, mas também com sua obsessão revolucionária, com sua fidelidade aos objetivos traçados sem consideração às leis da história, que, se o socialismo é uma possibilidade, talvez até favorecida pela história, não é uma conseqüência inelutável. Não sendo uma dádiva, mas uma mera possibilidade, é uma escolha política, que precisava ser buscada.

Caberá à história que a posteridade escreverá a explicação científica da revolução cubana e do papel nela exercido pelo seu líder. Caberá à história explicar sua sobrevivência impossível. Não é esse o objetivo de Furiati. Mas sem este livro essa compreensão dificilmente seria alcançada. A biografia consentida de Fidel Castro – e só uma biografia assim consentida e assim informada, e assim documentada poderia ser tão reveladora, reveladora do papel do homem no desencadear dos fatos, das circunstâncias na moldagem do herói – é também a história consentida da Cuba revolucionária, em seus dramas, em suas vitórias e em seus malogros, em sua comovente luta pela sobrevivência, em seu esforço por superar a realidade objetiva que tantas vezes a condenou ao fracasso. Dessas páginas saltarão revelações as mais notáveis. Louve-se a coragem das autoridades cubanas franqueando à autora o acesso a seus arquivos; louve-se a coragem da biógrafa, louve-se sua persistência, louve-se sua tenacidade. Paralelamente à história de Fidel, o leitor conhecerá a luta de libertação nacional de todos os povos subdesenvolvidos a partir de 1960, e conhecerá a participação direta de Cuba, particularmente sua ajuda aos povos de Angola (em 10 anos passaram por esse país mais de 200 mil combatentes cubanos) e da Argélia; conhecerá também o fracassado projeto de exportar a revolução para a República Dominicana, o Laos, Venezuela, Congo, Tanzânia e, finalmente, a Bolívia. O fracasso da OLAS (Organização Latino-Americana de Solidariedade), e suas implicações

na história da resistência armada à ditadura brasileira. Conhecerá o fracasso da revolução tricontinental (Ásia, África e América Latina). Conhecerá por outros olhos a crise dos mísseis, e como o povo cubano foi utilizado pela União Soviética num jogo de barganha com os Estados Unidos.

Por estas páginas desfilarão, entre outros, Manuel Piñeiro, Raúl Castro, Alfredo Guevara, Ñico Lopez, Armand Hart, Camilo Cienfuegos, Risquet e Ernesto "Che" Guevara, que Fidel vai conhecer no México, quando se preparava para a guerrilha.

Ao contrário de Fidel – revolucionário nacionalista cubano, que via o mundo a partir de Cuba –, "Che" não conhecia limitações de fronteiras, nem de países, nem de povos. Ao contrário de "Che", Fidel era um patriota *stricto sensu*. Todos os seus atos, todos os seus gestos, seus projetos — quase diria seu pensamento também — estão voltados para Cuba e seu destino. "Che" era um internacionalista, sua pátria era o Terceiro Mundo. Quando decide juntar-se ao grupo de revolucionários cubanos exilados, nos preparativos para a futura odisséia da Sierra Maestra, "Che" exigiu de Fidel, nos conta Furiati, que jamais o limitasse e que futuras razões de Estado não o impedissem de rumar para a luta em qualquer país latino-americano. Em comum, tinham a visão quase romântica, visionária, idealista e nada leninista da revolução: uma procura obsessiva que não considera condições objetivas. Como se o *leitmotiv* fosse a aventura indômita, o prazer de desafiar o impossível, a necessidade de testar-se, provar-se, superar-se, vencer. Não está no plano da ciência política a explicação da saída de "Che" de Cuba, de seus projetos insurrecionais na África e, finalmente, de seu fracasso solitário e triste, compungente, na Bolívia. De suas memórias, Furiati recupera este texto revelador: "Via como duvidosa a possibilidade da vitória [da revolução cubana], mas envolvia-me com o comandante rebelde, ao qual me ligava, desde o princípio, um laço de simpatia e aventura e a compreensão de que valeria a pena morrer em uma praia estrangeira por um ideal tão puro".

Montado no Rocinante que as circunstâncias lhe permitiram, à frente de pequeno exército de desvairados, vestido apenas na armadura de uma paixão desenfreada por sua Dulcinéa, Fidel é um Quixote moderno, o cavaleiro da triste figura, apólogo da alma ocidental que deu certo, derrotando não Moinhos de Vento, mas dragões verdadeiros, os quais, porém, vencidos, renascem para a luta, e o líder cubano, tanto quanto o herói cervantino, não conhece a paz, mas sua Dulcinéa permanece preservada. Não economizou sonhos, dores e meios. Seu fiel escudeiro, porém, mesmo sem seu Rocinante, mesmo sem exército, aventurou-se na façanha alucinada/desesperada de libertar não uma, mas todas as Dulcinéias, e morreu, vencido pelo Moinho da empreitada solitária, sem duelo, sem as honras que devem ser reservadas a todos os cavaleiros andantes. Puro, de uma pureza quase ingênua, deixou saudade e saiu de cena admirado pelo que não conseguiu fazer. Sua imagem é ícone de amigos e adversários, multiplicada pelo sistema que não conseguiu abalar.

Se Claudia Furiati me permitisse eu diria que este livro são cinco. No primeiro, conta a história da vida rural em Cuba, contando a história do menino rebelde que ainda não sabe o destino que a história lhe reservou, correndo livre, camisa aberta ao peito; a descoberta da vida, a vida livre, o menino cavaleiro, os campos vencidos pelo potro Careto, jogador de basquete e beisebol, nadador, pugilista, atleta; a recomposição da vida familiar, as primeiras letras, a primeira saída de casa, até os estudos no colégio dos jesuítas, em Santiago, onde "se condenava a fraqueza e o deslize, preservava-se a iniciativa e o exemplo". Como pano de fundo, a grande depressão, a ditadura Machado, a revolução dos sargentos e a primeira e longa ditadura de Batista. Já então, ainda menino, estabelecer que algo era impossível era a melhor maneira de estimulá-lo em sua perseguição.

Em setembro de 1945, Fidel galga pela primeira vez as escadarias da Universidade de Havana e começa sua politização, que vai concluir, mais tarde, no embate real e nas leituras inten-

sivas que a prisão lhe permite. É o segundo livro. Compreende a construção do líder estudantil, e mais tarde do líder popular, a luta legal contra a segunda ditadura Batista, a tentativa de internar-se na República Dominicana, para derrubar Trujillo, sua participação no *Bogotazo* de 1948, a formatura em Direito, o primeiro casamento, a lua-de-mel nos Estados Unidos e a compra de *O capital* em Nova York, a pequena banca de advogado, o fracassado ataque ao Quartel Moncada, a queda, a prisão, o julgamento, a autodefesa e o famoso discurso "A História me absolverá", a vida na cadeia, a insaciável fome de leitura, os estudos dos clássicos marxistas, a Anistia, os breves dias de liberdade em Havana e a partida para o México. Já então um intelectual marxista.

O terceiro livro eu chamaria de "México e a preparação do herói". A dura vida do exílio e a cuidadosa, minuciosa montagem da revolução, os pequenos sucessos e os pequenos fracassos, os avanços e os recuos, até o embarque, numa noite de chuva, no velho *Granma*, iate aposentado, alquebrado após um ciclone que o deixara submerso. A missão quase impossível tornara-se questão de honra; era a pura fé na via armada, a crença de que o embate seria o motor que conduziria a luta de massas ao seu grau mais elaborado. O fato objetivo da resistência armada faria explodir no campo e nas cidades, por todo o país, o apoio popular. Na noite de 25 de novembro de 1956, nesse iate em que mal cabiam 25 pessoas, embarcam 82 rebeldes, armas, munições e mantimentos. São apenas 12 os que chegam a Sierra Maestra, para começar a história.

O quarto livro é essa história, a história de Sierra Maestra até a queda de Batista e a tomada do poder. Conto, memória, anais, diário, crônica, é a história contada de dois anos de luta revolucionária. Uma revolução perdida desde o início que no entanto conheceu a vitória. Sem perder a visão macro, as interrelações do processo social que fermentava a revolução, as articulações internacionais, Furiati nos conta a saga de Sierra

Maestra passo a passo, operação por operação, revelando como o ato isolado dos primeiros rebeldes se transforma num processo revolucionário que termina contagiando toda a sociedade cubana. Em 24 de maio de 1958, havia 280 rebeldes lutando contra 10 mil soldados do exército em 14 batalhões de infantaria e sete companhias independentes e mais as tropas aéreas e navais. No *réveillon* desse mesmo ano as tropas rebeldes tomam Havana.

Em nenhum momento merece registro o papel do partido político como organização revolucionária. Porque não havia partidos revolucionários em Cuba. Os partidos tradicionais, na oposição, liberais todos eles, não se constituem em instrumento de organização da sociedade. Mesmo o partido comunista cubano (Partido Socialista Popular), que chegara a apoiar Batista em 1940, é infenso a qualquer ruptura com a institucionalidade. Não há partido, nem comunista, nem socialista, não há organização leninista articulando os rebeldes nem no exílio no México, nem na ação revolucionária a partir de Sierra Maestra. Não é com os partidos que os rebeldes vitoriosos vão governar. Fidel, primeiro-ministro, vai dialogar diretamente com as massas, sem mediação. Partido político só aparece mesmo em cena a partir de 1965, quando Fidel adota o modelo soviético do partido único e organiza, para com ele governar, seu Partido Comunista Cubano.

Finalmente, ao quinto volume eu daria o título de "Poder". A partir de 1959 (tomo II) esta biografia se transforma na história da revolução cubana, não do ato da tomada do palácio presidencial e da instalação do governo provisório, mas de seu sempre difícil e caro exercício, sua construção, sua preservação, sua sobrevivência. Fundem-se Fidel e Cuba, biografia e história. Certamente se surpreenderá o leitor, por não conseguir, a partir daí, distinguir os dois destinos, tanto estão imbricadas a vida de Fidel e a história da Ilha. Muitas vezes se chocará com a confusão entre Fidel e o poder, entre Fidel e as instituições cubanas, entre Fidel e o Partido Comunista, como se tudo fosse uma só e única coisa: o grande líder, onipresente e onipotente, exercendo

um poder pessoal, para além dos limites das instituições e do Estado. O líder que não só dirigiu, mas acima de tudo construiu a revolução, construirá o regime, construirá o Estado, presidirá a história de Cuba, de forma pessoal, personalíssima, ensinando que o papel do homem na história é muito maior do que poderia supor nossa vã filosofia, mas sem conseguir fugir daquilo que parece ser o destino, a saga e a maldição de todas as revoluções, Moloc insaciável: devorar-se a si mesma, devorando suas entranhas e delas renascendo todo dia, crise após crise. A revolução e suas circunstâncias.

Despedindo-se do jovem estudante, que se encaminhava para a Universidade, em 1945, seu orientador no colégio dos Jesuítas, em Santiago, padre Armando Llorente, antecipou-lhe uma vida brilhante: "Fidel tem madeira e não faltará o artista". Não sabia ele, porém, que Fidel seria seu próprio escultor.

Rio de Janeiro, novembro de 2001
R.A.

Prólogo

Apesar de outros prognósticos, escrever sobre Fidel Castro não seria um mar de rosas. Foi um furacão devastador, que não via nítido quando me dispus a ir até o fim naquela ilha do Caribe.

Aventurar-me nessa densa biografia, em primeiro lugar, seria o fruto do aprofundamento, durante muitos anos, da minha relação com Cuba e Fidel, cuja seqüência de momentos cruciais passo a narrar, na ordem que me fala a lembrança.

Noite de festa nos salões do Laguito, uma pequena vila de mansões, ocultas por jardins de maciças árvores nos arredores de Havana, em volta de um viveiro, onde também se situa a fábrica dos charutos Cohiba. No saguão de entrada, o aglomerado que se formava à apresentação dos convites provocava um incômodo, não obstante os folgados espaços e o tímido burburinho. Vi-me, como de hábito, perdida, embora cruzasse com algumas pessoas queridas, outras que apreciava e desconhecia, de um lado e outro de duas grandes mesas em perpendicular que dispunham o bufê. Não havia tantos comensais a ancorá-las, à imagem das recepções dos anos 80. O atendimento era discreto, numa seleta reunião, em 1993. O país suportava, com uma névoa nos semblantes, a fatalidade de uma crise.

Fidel ainda não estava. Tampouco se sabia se viria, diziam os mancomunados do ritual do Comandante. Passou algum tempo e súbito disparava a notícia de que ele acabara de entrar por uma porta lateral. De fato, vi, mais ao fundo do salão, for-

mar-se um cerco, com a cabeça de Fidel, com seu inseparável boné, despontando de leve sobre as pessoas que lhe pediam aquela espécie de bênção protocolar. Aproximei-me devagar, em dúvida de se teria alguma oportunidade de cumprimentá-lo, e adiante nos enxergamos.

O cerco das pessoas afrouxou. Fidel dirigiu-se a mim resoluto, tomando-me de surpresa. "Como anda o seu livro, Claudia?", mostrando interesse por ouvir sobre o *ZR - O Rifle que matou Kennedy*, que eu escrevera recentemente e cuja narrativa identificava, com informações providas pelo Serviço Secreto de Cuba, um estranho enredo: os autores e executores do assassinato do Presidente Kennedy seriam os mesmos dos atentados à vida de Fidel. Para pesquisá-lo e escrevê-lo, eu havia permanecido em Cuba durante todo o ano anterior.

Acima da curiosidade política do Comandante, sempre atento aos detalhes, o motivo da pergunta, naquele momento, representou-me atenção e cavalheirismo. Era como se Fidel adivinhasse o desapontamento que me corroía, em razão de um acontecimento ocorrido naqueles dias.

"Vai bem, Comandante, obrigada...", respondi-lhe, controlando a emoção. "Depois das edições em português e inglês, agora está caminhando a em espanhol". "Ah, sim! Com quem?", perguntou-me. Vacilei dois segundos, em prejuízo do *timing* dele, enquanto pensava ser impossível lidar com Fidel com meias-verdades e revelei: "O original da tradução estava na mesa de um coronel do Ministério do Interior, mas desapareceu e não há cópia." "Desapareceu? Como?", quis saber ele. "Não se sabe", disse. "Terá sido a CIA?", ironizou, tentando corrigir o mal-estar.

Logo se virou para o seu secretário-assistente: "Anota isso, Felipe (Felipe Pérez Roque, ex-dirigente estudantil, secretário executivo do Conselho de Estado e hoje ministro das Relações Exteriores). Como é o nome do coronel?" "Não sei.", respondi. Quem estava por perto, e ouviu, gelou, pensando que eu fosse revelar o nome.

Rapidamente, providenciou-se uma nova tradução e saiu a edição cubana em menos de 60 dias. Até hoje, não sei se o sumiço do original foi apenas displicência, mas foi naquele diálogo que senti quanto o livro a que me dedicara, ao versar sobre a segurança dele, compunha um forte elo entre nós, cujo desenlace ainda estava por descobrir.

O assunto voltou à tona um ano depois, quando estávamos, eu e Nei Sroulevich, com um grupo de artistas brasileiros em visita ao Palácio do Governo para um encontro com Fidel. Em meio à conversa sobre novelas, medicina cubana e economia brasileira, perguntou-me Fidel de sopetão: "Devo alguma coisa a você, Claudia? O que posso fazer?". "Nada em absoluto, Comandante. Eu é que lhe devo...", interrompendo a frase, quase por instinto, sem nem saber por quê.

O fato é que, naquela fase, já me encontrava quase que exclusivamente dedicada a estudá-lo, conhecer mais e tudo sobre Fidel, reunindo materiais na expectativa de escrever um ensaio biográfico. A *persona* me cativava, embora, ao mesmo tempo, eu repudiasse a sujeição mental, o que me preservava o senso crítico.

Para esse segundo trabalho, havia consolidado idéias, um *plot* dramatúrgico, pode-se dizer: Fidel era um ser com uma rara espécie de imunidade. Apesar de atraído constantemente às situações extremas, a morte ou a tragédia perseguindo-o incessantes, ele jamais é derrubado. Era, decerto, um herói, mas também, e por isso, o seu avesso.

Como líder e estrategista, atingira o limite ao desenhar uma política inclusiva e excludente. Nada de santo, portanto. Poderia ser, quem sabe, "Godot" ou "um bom ditador", conforme sugerira Gabo (Gabriel García Márquez), em um intervalo das aulas da Oficina de Roteiros na Escola de Cinema em San Antonio de Los Baños (Cuba) – frase que, claro, retive para sempre como a impressão de um mito sobre o outro.

Biografar Fidel era o plano que eu não ousava explicitar, ainda que já fosse real. Ao dar-me conta de que, em 1996, ele

completetaria 70 anos, tomei a decisão de lançar-me ao risco e preparei um projeto para lhe apresentar. Em esboço, dividia sua trajetória em sete partes, quase uma década por parte, sete vidas como a do gato, numa referência ao seu fôlego.

Era visível nos traços. Fidel envelhecera e abria-se, em seu íntimo, um baú de memórias. Aqui e ali, entre conhecidos ou em atos formais, ele intercalava as conversas com algumas lembranças, fatos fora dos registros, de um modo inadvertido. Talvez fosse a atmosfera de final de milênio que se aproximava, ou um mal comum da terceira idade, viver de passado. Já temiam certos assessores que ele se fizesse indiscreto, que o especialista em surpresas decidisse reverter a história, como o subversivo jovem de outrora.

Hora certa para a proposta. Observando-o em uma dessas ocasiões, abordei-o: "Não chegou o momento de deter-se a discorrer sobre sua vida e obra, Comandante?" Olhou-me arregalado, divisando a intenção escondida e não me respondeu. Nem negou. E esse nosso novo encontro teria ficado no meu "atrevimento", ou no silêncio dele, se não fosse exatamente este a me compelir a buscar o canal certo. Procurei o comandante Jesús Montané, amigo e ajudante "histórico" de Fidel, cuja sala era ao lado da dele, no terceiro andar do Palácio do Governo, e entreguei-lhe o projeto que havia redigido.

Três meses transcorreram, Montané me transmitiu a resposta: Fidel dava o seu aval, abria-me todo o seu arquivo secreto, confidencial e reservado, mas não queria ser biografado. Diabos! Era um contra-senso e por quê? Não desejava interferir no texto, nem "autorizar" uma biografia, esclareceu ele. Para Fidel, biografar um político era discutível como conceito, míope para compreender a História, além de, por ideologia, ele rejeitar qualquer indício de "culto à personalidade". Se fosse só isso, considerei, jamais me ocorrera algo que pudesse se assemelhar a uma "história oficial", até porque em Cuba há suficientes historiadores e escritores para a tarefa. O efeito do trabalho, entretanto, seria o de uma biografia, querendo Fidel ou não. Dias depois, chega-

mos a uma conclusão e adotamos uma definição *sui generis*, criada por Fidel, que deixava explícita sua concordância: seria uma "biografia consentida". E mais, ele só a leria depois de publicada, discordando, publicamente, se assim desejasse.

É preciso sublinhar que o aval não surgia do nada. Historiadora e jornalista por formação, eu mantinha relações correntes com personalidades políticas e intelectuais cubanos desde a década de 70. Meu livro, *ZR Rifle*, garantira-me confiança, pela precisão e ética com que tratei os dados que colhi. Destacados jornalistas e historiadores estrangeiros procuraram o consentimento de Fidel para escrever sua biografia e não obtiveram. Quanto ao único trabalho de porte nessa direção, do jornalista norte-americano Tad Szulc (*Fidel: um retrato crítico*), falecido em maio de 2001, realizado com sua anuência, foi por Fidel considerado capenga em seu resultado final. Outras tentativas de descrevê-lo restringiam-se a uma etapa de sua vida e obra ou são entrevistas, eficientes como tal, destacando-se as do brasileiro Frei Betto, do italiano Gianni Miná e do nicaragüense Tomás Borge. Ainda mencionando-se as coletâneas sobre Fidel editadas pelo australiano David Deutschmann.

No decorrer dos cinco anos seguintes, em que residi em Cuba a maior parte, pude pontualizar com Fidel, por breves minutos, certos aspectos e detalhes das informações que coletava. Uma dessas vezes, Fidel, em um impulso, pegou um pedaço de papel e escreveu-me uma dedicatória.

Sobre a parte referente ao segundo tomo desta obra, que se inicia no ano de 1959 com o triunfo do Exército Rebelde e sua chegada ao poder, alcançávamos o consenso de que sua história tornava-se também a história da revolução em sua totalidade e relações, dois entes apenas tenuamente dissociáveis, o que, de alguma forma, terminava correspondendo à "antítese" de Fidel sobre biografias de líderes políticos e homens de Estado.

Dificuldades? Todas. Por vezes seria impraticável persuadir entrevistados e depoentes a dar seu livre testemunho sobre

Fidel, fosse pelo costume de desconfiar da mídia estrangeira, fosse pelo sólido hermetismo sobre a pessoa do chefe, mesmo após telefonemas do gabinete de Montané ou do escritório do Conselho de Estado, atestando os meus objetivos. Ainda haveria intrigas, provocações e até ameaças, de cubanos dentro e fora de Cuba, contrários à feitura do livro por diversas razões; ou a infinita demora de respostas sobre algum episódio ou assunto privado de Fidel. Ao menos, em meio aos obstáculos, eu havia ganho um novo aliado: o comandante Manuel Piñeiro (Barba Roja), chefe da inteligência de Fidel durante mais de duas décadas, incondicionalmente presente durante minha estada em Cuba, indo à minha casa quase todos os dias, disposto a limar as arestas e esclarecer o que fosse necessário em nome de Fidel.

Sem trégua, na agonia pela conclusão, seriam ao todo nove anos de uma turbulenta jornada. Atirada sobre o colosso de fatos, centenas de arquivos no computador, precisava ainda puxar a meada e escrever. Um nascimento, uma fazenda e uma ilha. Início de século. Distante começo que lhes ofereço a seguir.

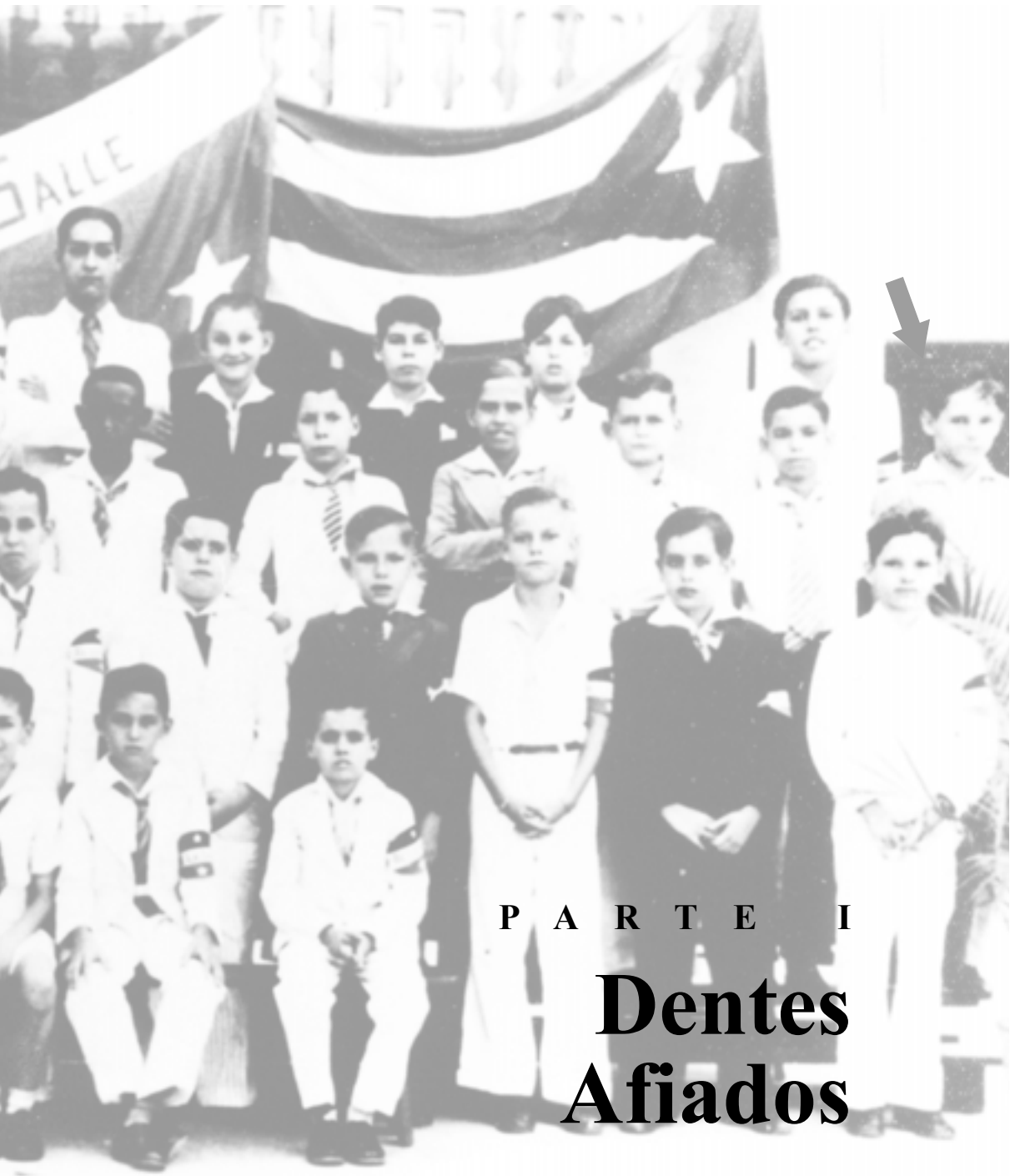
Rio de Janeiro, novembro de 2001
C.F.

Para Claudia, inolvidable amiga, insuperable investigadora de la Historia

Fidel Castro

Oct. 16, 94

***(Para Claudia, inesquecível amiga, insuperável pesquisadora da História.
Fidel Castro Ruz, 16 de outubro de 1994)***

Grupo de alunos do Colégio La Salle, 1936/37

P A R T E I

Dentes Afiados

Angel Castro, pai de Fidel

CAPÍTULO 1

Em visita à casa de Don Angel, em Láncara, Galícia - Espanha

Don Angel, um *gallego criollo*

Era fins do século XIX, quando em Láncara, Galícia, um jovem de nome Angel Castro alistava-se em um grupo de recrutas que rumaria para a guerra em Cuba. Com seu império esfacelado, a Coroa Espanhola ainda acalentava a esperança de manter a derradeira colônia e despachara emissários às

aldeias, arregimentando rapazes para as tropas. Após uma seqüência de derrotas frente aos *mambíses*[1] do Exército Libertador cubano, Madri tentava resistir ao esgotamento. A *Pérola das Antilhas*, como apelidaram a Ilha, havia assumido para os espanhóis, ao longo de séculos, um valor estratégico.

Angel, então com quase 20 anos, era descendente de lavradores. Ainda pequeno, ficara órfão e fora morar, com os quatro irmãos[2], na casa de um tio, dono de uma pequena fábrica de chouriços. Obrigado a desempenhar um ofício pelo qual não possuía interesse, nem habilidade, ingressar no serviço militar significava a possibilidade de mudar de vida e ainda deixar um bom dinheiro aos parentes[3]. Angel conseguiu incorporar-se ao destacamento usando uma outra identidade, a de um jovem fidalgo, cujos pais ofereceram centenas de pesetas a quem propusesse substituí-lo.

Chegando a Cuba, recebeu a patente de cabo, mas não teve de entrar em combate, pois informaram-no de que os adversários haviam decretado uma trégua. Decidiu, então, procurar um parente, que lhe disseram residir em Camajuaní, em uma província central do país. Com ele, acabou ganhando uma ocupação e um salário em sua manufatura de ladrilhos[4]. Decerto, avizinhava-se o fim da guerra. Permanecendo a Espanha impotente para reverter o fracasso, os Estados Unidos alertaram-na: se não se alcançasse a paz em breve, atuariam como lhes conviesse. Haviam já, em parte, destituído os espanhóis do seu monopólio comercial na região, ao penetrar na exploração do açúcar, das minas, do tabaco e em outras atividades, restando concluir o domínio político. Não tardou e o Presidente McKinley, autorizado pelo Congresso a liquidar o conflito, solicitou a colaboração do embaixador cubano em Nova York, Tomás Estrada Palma, que acedeu a que os generais cubanos, com suas tropas, se pusessem sob as ordens das forças norte-americanas. Sob intenso bombardeio, em questão de horas, a esquadra espanhola encontrava-se no fundo do Mar do Caribe e Cuba, sob a ocupação militar dos Estados Unidos.

Terminada a guerra, em 1898, a maioria dos soldados e recrutas espanhóis foi compelida a regressar à terra natal. Sob o ardor da Andaluzia ou das Canárias, muitos deles haviam vindo na expectativa de vencer e ficar no Novo Mundo, mas isso só foi permitido aos que haviam constituído família, como o capitão Capablanca, pai de um futuro campeão mundial de xadrez[5] . Angel Castro foi um dos tantos repatriados a contragosto.

Pouco depois retornaria por conta própria, como um simples imigrante. Sem um centavo no bolso, desembarcou do vapor francês *Mavane*, no porto de Havana, em 3 de dezembro de 1899[6] . Ansiava assentar sua vida em Santiago, na Província do Oriente, mas a região que conhecera transformara-se em um ano. Uma leva de empresários norte-americanos, que viera acompanhando o general John R. Brooke, o primeiro interventor militar, pudera adquirir, a preços irrisórios, vastas extensões de terra. A *Cuba Company*, a *Gramerey Sugar Refinery*, a *McCann Sugar Refinery* e a *United Fruit Sugar Company* montaram grandes usinas de exploração de açúcar. A presença norte-americana se confirmaria com a introdução da Emenda Platt à Constituição de Cuba em 1901, que atribuía aos Estados Unidos o direito de intervenção e determinava a cessão de porções do território cubano para a construção de bases e estações. Assim, ergueu-se a Base Naval de Guantânamo, que existe até hoje, no extremo sul de Cuba, percebido como um ponto ideal de supervisão sobre as Américas. Theodore Roosevelt, o novo Presidente, anunciava a política do *Big Stick,* inspirando-se na Doutrina Monroe. Em Cuba, iniciava-se o longo período de uma República alinhada a esses interesses.

Os meios de sobrevivência no oriente restringiram-se. Angel Castro só conseguiu estabelecer-se como operário nas minas, longe de Santiago. Junto a outros imigrantes, trabalhou ainda em construção de ferrovias. Era analfabeto, mas habilidoso e, anos depois, seu tino para os negócios despertava. Em 1905, montou na cidade de Guaro uma "pensão-bodega", batizada de *El Progreso*, onde vendia refeições populares. A seguir, passou

a coordenar grupos de trabalhadores para escavações em ferrovias e para o corte de lenha, utilizada como combustível nas usinas da United Fruit Company. Não demorou a acumular capital e logo obteve cidadania cubana, já que entrara em vigor uma lei que a concedia aos espanhóis residentes.

Do casamento com a filha de um empregado da United Fruit, María Luisa Argota Reyes, em março de 1911, houve cinco descendentes, mas só dois, Maria Lídia e Pedro Emílio, cresceriam saudáveis. A última filha veio ao mundo quando o casal já vivia separado e Angel conhecera aquela que viria a ser a mãe de Fidel: Lina, uma camponesa que migrara de Guane, do outro lado da Ilha, o extremo ocidental. Seus familiares haviam sido expulsos da terra, quando um furacão arrasara toda a região. Presas de um imenso redemoinho, amarraram-se em cipós desprendidos dos arbustos de tabaco para não disparar na ventania, conta Alejandro, um irmão de Lina, ao recordar a condição retirante da família. D. Pancho, o pai, modesto criador de gado, que dirigia carretas de carga[7], ao ver escapar a sorte, migrava, apostando na própria disposição. O pouco de bens que lhe restou dessa vez, ele vendeu e aceitou uma oferta de trabalho em Camagüey, de onde contratadores mandavam buscar os que quisessem vir, depois da catástrofe. Pancho e sua família fizeram uma viagem de trem, amontoados, por quase 700 quilômetros, fixando-se, finalmente, na aldeia de Hatuey.

Angel Castro ampliara as atividades. Nos meses de safra, o cliente norte-americano chamava-o para comandar o corte e o transporte da cana-de-açúcar. Tornara-se um empreiteiro reconhecido e, vez por outra, realizava viagens, com o objetivo de prover de braços as plantações. Em uma passagem por Camagüey, conhecera D. Pancho. Este, ocupado em consertar a buzina da carroça, próximo a uma serraria, viu quando alguém, de repente, apeou do cavalo. Virou-se e deu com aquele senhor, belo tipo, portando um jaquetão e um revólver na cintura. Identificou-o por instinto: um galego, imigrante como ele. Angel apresentou-se e

mostrou-lhe os documentos: "Sou espanhol contratador, queria saber se me deixam dormir por aqui. Também necessitaria de alguém que me guiasse para encontrar um cavalo."[8]. Procurava por um cavalo negro-azulão com uma estrela prata na fronte, que lhe fora roubado. Um conhecido dissera tê-lo visto por aquela região.

Pancho ofereceu-lhe hospedagem, arrumou um camponês que conhecia os arredores e, na manhã seguinte, o cavalo apareceu. Angel ainda quis permanecer uns dias, pois apreciara o jeito e o trato dado por Dona Dominga, a esposa de Pancho. Via-a durante o dia, laboriosa, preocupada com o asseio, dando brilho às tinas e às panelas, enquanto o marido e os filhos lidavam com dificuldade com aquela terra seca e árida. Resolveu propor-lhes trabalho, argumentando que fornecia boa comida e que no oriente era melhor o pastoreio do gado, com a grama gorda que crescia às margens das ferrovias. D. Pancho possuía, ademais, oito juntas e duas quadrilhas de bois[9], o que Angel necessitava para reforçar a carga das empreitadas. Trato feito, um telegrama seria o sinal para providenciar a mudança.

Escutando tenso o refrão da *Chambelona* ressoando nas cercanias, Pancho esperava o capataz que viria buscá-lo. Com ele, Dominga e os sete filhos: Panchita, Panchito, Lina, Antonia, Enrique, Alejandro, Maria Júlia e Belita, ainda um bebê, sem sequer haver sido batizada, conforme a preocupação dos pais. A toada que D. Pancho ouvia era a propaganda dos "liberais" que andavam em rebelião pelo país em 1917, com a tocha incendiária em punho, como nos tempos do Exército Libertador, protestando pelas fraudes eleitorais. Em contrapartida, soldados ameaçavam os transeuntes, usando machetes para golpear os revoltosos. Com a chegada de Nemésio, o capataz, a família seguiu viagem, enfrentando riscos, até Cueto, onde deteve-se na pousada de um espanhol. As goiabeiras haviam vedado a passagem e foi preciso abrir uma vereda no monte. Ao atingirem as margens do caudaloso Rio Nipe, onde barqueiros cobravam um real[10] para realizar a travessia, D. Pancho resolveu improvisar uma balsa

de tábuas de *yagrumas*[11], içando-a, para pôr a carroça em cima. E assim chegaram a Guaro. D. Angel recebeu-os satisfeito e recomendou: “O americano não é nenhum pé-rapado. É homem de dinheiro e eu sou o seu contratador. Devemos corresponder”.

Época de prosperidade. A demanda e o preço do açúcar cubano só faziam subir. A especulação econômica atingia o auge com o fim da Primeira Guerra Mundial, beneficiando Cuba, visto que outros fornecedores encontravam-se impedidos de abastecer o mercado. Empresários correram aos bancos a buscar empréstimos para aumentar a produção, em uma verdadeira “dança dos milhões”. Foi o começo da “febre açucareira”, na linguagem popular chamada “vacas gordas”. Com a colheita, havia dias de deixar repletas dezenas de carretas e o produto era vendido a lucros estupendos. Pipocaram bancos, financeiras, mansões e palácios nas cidades.

Angel enriqueceu. Além do que acumulara, ainda tirou a sorte grande, ganhando na loteria duas vezes. Na primeira, foram quase 100 mil dólares. Seus planos de comprar terras se concretizaram. Em Birán, adquiriu hectares no meio de um perímetro ocupado por grandes empresas: a *Altagracia Sugar Company* ao norte; uma mineradora e a serraria *Bahamas Cuban Company*, ao sul; a *Miranda Sugar State*, a oeste; e a United Fruit, a leste. Adiante, negociou lotes na vizinhança: as de Miguel Otorga e as de Carlos Hevia e Demétrio Castillo, antigos generais da Independência, a quem pagava o equivalente a 5% da renda do produto comercializado. Comprou a propriedade dos Osório e uma colônia chamada Dumoi, contíguas a Birán, e aproximadamente 200 hectares do norte-americano Thompson, além de ações de mineradoras. Montou ainda uma empresa para explorar madeira das terras que adquiriu em Pinares de Mayarí e, em Guaro, construiu imóveis para alugá-los.[12] Plantou cana-de-açúcar, cedro, *majagua*[13], laranja, bananas, coco, vegetais e outras frutas, e desenvolveu a pecuária. No total, chegou a possuir 1.800 hectares (70 *caballerías*) em seu nome, empregando 600 trabalhadores,

além de ser arrendatário e colono. Assim se tornou D. Angel, um exemplar do *gallego criollo*, adotando um apreço pela terra como aqueles antigos produtores locais.

Todo dia, de manhãzinha, dizia ao ajudante Balsa: "Sela o azulão!". Punha um terno branco, a escopeta à frente, atravessada no peito e, atento a cada detalhe, percorria a propriedade, onde, às vezes, apareciam bandoleiros, que os camponeses chamavam "alçados maus", exigindo dinheiro[14]. Ocupava-se de mandar limpar a mata, destruir os insetos e vigiava a retirada da cana. Desenvolvera o instinto do campo, via o céu limpo e adivinhava quando estouraria um temporal. Em época de seca, exigia que a terra fosse regada com baldes. Em tempo morto, parava horas remexendo a lenha do engenho com um látego, por puro costume.[15] Chegou, certas vezes, a comandar um corte de quatro milhões de arrobas.

Panchito e Enrique, filhos de D. Pancho, eram encarregados de juntar as mudas de cana para a grua. Se algumas quebrassem na passagem da carreta, Castro mandava recolhê-las. No final, dizia-lhes: "Agora podem ir buscar o capim para as vacas". Pagava dois ou três pesos pelo feixe de cana que os rapazes transportavam e um peso pela saca de grãos para o pasto, dizendo a René Cid, o inspetor: "Faça o vale dos *muchachos*!", quando não lhes pagava em dinheiro vivo. D. Pancho era quem cuidava da entrega. Não sabia ler ou escrever, mas tinha "boa cabeça": ditava de memória, sem engano, a quem correspondia cada carreta. Alejandro, ainda garoto, ajudava a arriar a junta de bois. "Menino, é melhor ir pegar a madeira", dizia-lhe Castro; e mandava-o, junto com Enrique, ao bosque *La Caridad*, propriedade de um norte-americano, colher a caoba.

Se os trabalhadores saíam dos limites da propriedade, D. Angel aconselhava: "Cuidado! Não vão se enganar com as cartas". Referia-se aos grupos em conflito. Havia os leais ao governo e os da *Chambelona*, mas ele mesmo preferia apoiar ambos. Com isso, impunha respeito. Em certa oportunidade, quando os

adversários já iam se enfrentar diante do cemitério de Birán, ordenou que se apartassem e eles acederam[16] . Dava alimento aos "alçados" e aos da guarda federal, pois o chefe do quartel não tinha como pagar os seus homens. Era alvo de pedintes[17] e, por ser mão-aberta, concedia.[18] Alejandro jamais esqueceu aquela época: "Eu me metia embaixo da cama, quando via os bandos chegarem. Uns, descalços; outros, sem camisa..." Um dia, Dona Dominga encontrou a casa, ainda em final de construção, em cinzas. Castro, alarmado, correu ao campo e avisou D. Pancho: "Pára aí! Queimaram a tua casa". Decidiu, então, transferi-lo para um outro local, provisoriamente.

O tempo das "vacas gordas" culminou em um *crack* vertiginoso. Mil novecentos e vinte seria o ano das "vacas magras": comerciantes, fazendeiros, estabelecimentos bancários e creditícios faliram. Salvaram-se apenas as companhias mais fortes, as norte-americanas, o que favoreceu uma nova concentração do capital para todos os setores. As inversões norte-americanas chegariam a 1.360 bilhão de dólares – 6,3 vezes mais que no início da Primeira Guerra Mundial. Os empresários dos Estados Unidos tornaram-se donos de 75 usinas açucareiras e 40% das melhores terras do país – controlando, assim, 68,5% da produção nacional. Castro deu graças a Deus por desconfiar de bancos. Guardava dinheiro no cofre e, portanto, pôde socorrer o seu amigo, o empresário Fidel Pino Santos, que, levado à ruína absoluta, ameaçava suicidar-se. Em uma fase turbulenta, Castro gabava-se por já ter eleito Birán, como morada, um calmo e recôndito vale rodeado por um pequeno planalto, o qual só viria a aparecer em um mapa anos depois, nomeado *Sabanilla de Castro* (Pequena Savana de Castro)[19] . A localidade contava com uma natureza abundante e privilegiada, plena de arbustos, riachos e árvores de madeiras preciosas – granadilho, jiguí, caoba e cedro. Em uma primeira panorâmica, aludia à galega Láncara, sua terra natal.

Enquanto ele adorava aquele vale, sua esposa, María Argota, jamais mostrara a boa vontade para sequer visitá-lo. Tratando de

aparentar uma origem nobre, dizia que a vida de interior a entediava; que o campo era para os pássaros[20] . Se vinha da cidade por uma semana, encerrava-se em casa de "nariz em pé", o que a fez ser apelidada de *Maria Rica* pelos empregados do marido. Um dia declarou que não retornaria a Birán e partiu. Os conhecidos de Castro começaram a comentar que ele estava separado; outros pensavam que ele era solteiro. Abatido, virava um ermitão no meio do mato. O casamento desmoronara, mas os dois filhos, Pedro Emílio e Maria Lídia, continuariam a ir à fazenda quando possível.[21]

Montada em uma eguazinha branca, a jovem Lina deslocava-se com agilidade pela propriedade para cumprir tarefas. Quando D. Angel a avistava, aproximava-se para trocar algumas palavras, cuidadoso. Já estava apaixonado e um dia decidiu pedir a sua mão em casamento, ao que D. Pancho respondeu: "Castro... Não. Você ainda é um homem casado. Não quero a minha filha na vida, lutei muito para criá-la". Além do mais, dizia, Lina era muito mais jovem que ele; tinha 16 anos e Angel, quase 47. "Pode até me custar a fazenda, que vale um milhão e pouco. Eu a levo e me caso!", insistiu com veemência o galego. D. Pancho retrucou: "Bem, mas eu não estou de acordo". O outro foi embora meio acabrunhado, mas três dias depois "roubou-a" de fato.

O viúvo Soto, paisano natural de Valladolid, aproveitou o momento venturoso e se casou com Antonia, irmã de Lina. E não havia muito, Panchita, a mais velha, havia se casado e ido morar em outra aldeia com o cozinheiro Darío, outro galego do primeiro grupo de Birán. Quanto a Angel, recuperou o garbo. Voltou a montar em seu cavalo moro, vestido com ternos impecáveis de linho marca *Drix #100* e sapatos *Frónshén*, da melhor qualidade na época. Sua figura impressionava tanto que seu amigo Pino (Fidel Pino Santos), agora o seu procurador, resolveu perguntar quem passava a sua roupa. Castro respondeu que era a sogra. Para Dona Dominga não era nada fácil, pois o fazia em

uma tábua de zinco sobre um fogareiro de carvão, sendo preciso amarrar um trapo com um sebo no ferro de passar, para não pegar na roupa.

Aos domingos, Castro às vezes tomava uns tragos com os amigos e passava da conta. Pedia, então, que a sogra viesse urgente para tratá-lo; preparar-lhe um remédio. Às noites, ele ia dormir tarde, tentando ler ou ouvindo rádio em busca de notícias. Assim acomodava-se a vida na Fazenda Manacas[22].

Casa natal de Fidel

CAPÍTULO 2

Lina Ruz, mãe de Fidel

Sob as rédeas de Lina

Lá e cá, para cima e para baixo, a pé ou a cavalo, com um revólver Colt na cintura, usando botas altas sob os vestidos soltos, assim era Lina. De manhã cedinho, dava milho às galinhas da granja, ordenhava vacas e cuidava dos zebus no curral. Atrás da casa da fazenda, havia um grande laranjal

que era a sua predileção. O próprio D. Angel podava os galhos e Lina cortava as laranjas com tesoura ou enxertava as sementes[1], alternando-as com cultivos de aipim, batata-doce e banana, em uma rotação instintiva que revigorava a terra, contrastando com o sistema predatório aplicado nos canaviais. Como a mãe, Dominga, era uma católica praticante. Comumente rezava o terço, fazia promessas e acendia velas para as imagens dos santos e da Virgem Maria, pedindo proteção.

Manacas diferia do patriarcado que imperava em outras fazendas. Lina não se furtava a dar a sua opinião sobre qualquer assunto, quando não o assumia ela mesma. Seu caráter marcaria os filhos do casal, particularmente Fidel, que teria sua vida amorosa pontilhada de mulheres fortes que souberam se impor, ainda que contracenando com sua personalidade. Embora parentes e íntimos evitem tocar no assunto, há que frisar que, por muito tempo, Lina permaneceu na condição de esposa ilegítima de Castro, que demorou para conseguir divorciar-se de María Luisa. Considerando-se os padrões da época, ela contava apenas com seus dotes pessoais para ganhar o respeito dos que a cercavam.

Hora e outra, era vista passando com o molho de chaves nas mãos[2], vistoriando as dependências principais. Tinha gênio e fibra, mas ficava de mau humor quando se via retida nas tarefas da cozinha, um infortúnio que não mais sofreu após a chegada de Josefa, uma empregada que Castro tivera em sua residência em Guaro. Detinha ainda uma habilidade que exercitava com prazer e pela qual era requisitada no cotidiano: era uma enfermeira autodidata. Diagnosticava, receitava remédios e dava pontos; administrava os primeiros socorros e realizava pequenas cirurgias; mantinha instrumentos fervidos, aplicava injeções e vacinava os animais. Mostrava destreza com as mãos, apesar de não contar com alguns dedos da direita, perdidos anos antes, quando fora atingida pelo cilindro mecânico de condensar a massa na padaria da fazenda.[3] Lina precisou receber várias aplicações de antiinflamatórios no Hospital da Usina Preston e, lá, familiari-

zou-se com a prática da medicina. O farmacêutico Castellanos, que montara sua loja em uma usina norte-americana próxima, era quem vendia fiado os remédios aos trabalhadores da fazenda, incluindo os custos na conta mensal de D. Angel[4].

Ele tomara os traços do "grande senhor". Todos os dias, matava-se um boi e, se não era vendido, Castro mandava salgar a carne para dividi-la entre os trabalhadores. Andava sempre com uma sacola de casimira ou de linho onde guardava a carteira, na eventualidade de ter de desembolsar alguma quantia a camponeses que chegavam às suas terras sem destino, normalmente em "tempo morto". Resolvera não largar de mão, na entressafra, os seus empregados que fossem pais de família, liberando os demais para buscar trabalho em outra parte.

Época de colheita, chegava na "sapa", caminhonete de duas portas do tipo usado pelos militares norte-americanos, trazendo goiabadas, latas de óleo, pão, queijo, tabaco e rum. Metia o pé no freio e dizia ao capataz: "Vamos! O café de nossa gente!", pedindo para ele chamar todo mundo[5]. De repente, parava ao lado de um trabalhador sulcando a terra e oferecia-lhe gentilmente um charuto dos que guardava nas algibeiras. Ao aproximar-se o Natal, os camponeses faziam fila no portão da sua residência. Uma semana antes da festa, ele mesmo ia até Santiago providenciar os mantimentos para encher as cestas – garrafas de cidra, de vinho moscatel, guloseimas, compotas e porções de uvas e maçãs. Nené Sánchez separava os machos do rebanho no pasto, amarrando as patas numa vara, para que cada qual levasse o seu cabrito ou o leitão da ceia. Se alguém ia se casar, Castro dava-lhe a posse de um pedaço de terra e animais; providenciava todo o enxoval dos noivos e quando lhe perguntavam de quem era o casório, respondia: "Ih, rapaz... Acho que é meu."

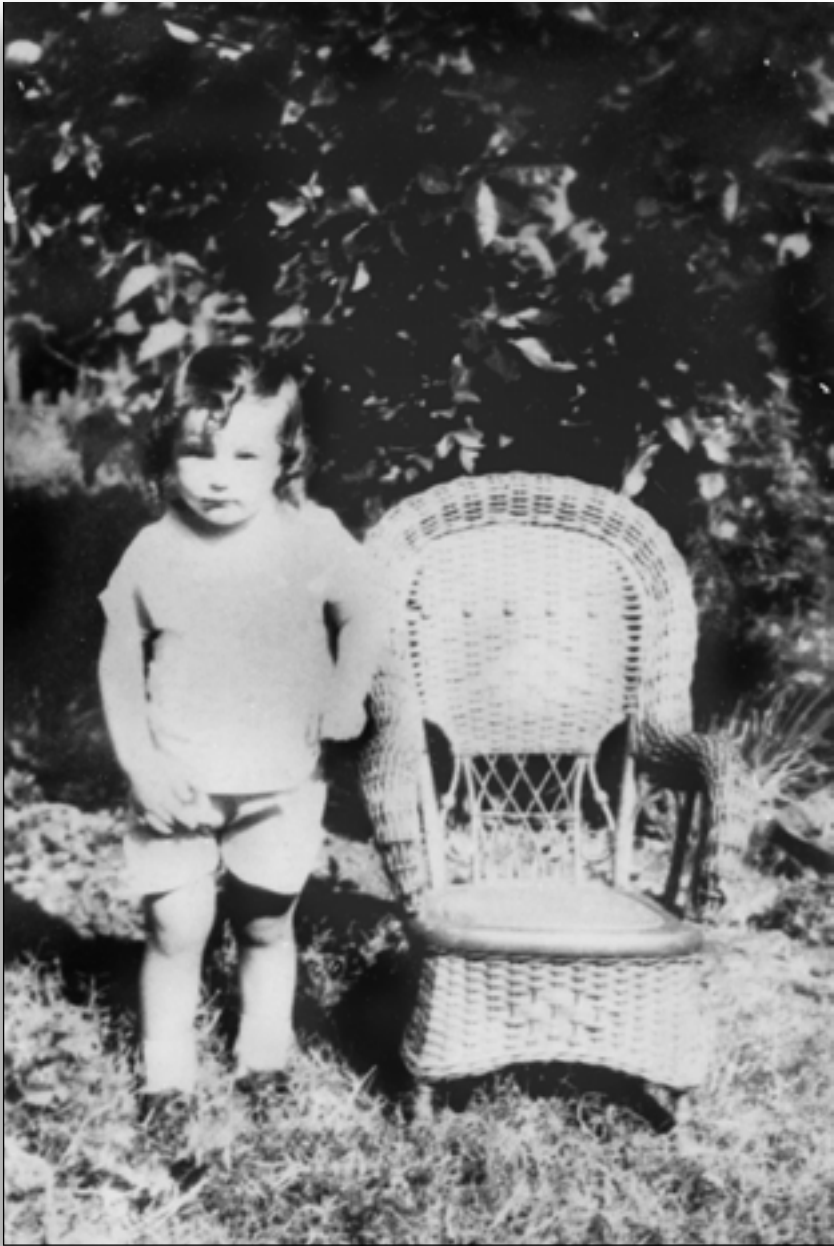
Em caso de emergência, mobilizava um grupo para levar uma grávida ou um enfermo ao Hospital da Usina Preston. Se necessária a internação, escrevia uma nota ao Dr. Silva, garantindo o pagamento. Periodicamente inspecionava como andavam

as vestimentas de seus empregados e se os via de camisa rasgada ou de sapatos estragados, pedia a Lina para entregar os novos do estoque do armazém, que ficava em frente ao correio-telégrafo, às margens do "caminho real", como chamavam a estrada de terra em direção a Manacas. Era ela quem o gerenciava. Por ser dotada de senso previdente, foi em Lina que D. Angel passaria a confiar para certos assuntos administrativos. Conhecendo sua própria suscetibilidade frente às reclamações de um trabalhador, mandava-o ir falar com Lina no armazém, que, de sua parte, se desconfiasse de abuso não teria desprendimento, exceto com os velhos haitianos que viviam num grande barracão não muito afastado da fazenda. Junto com os jamaicanos, os haitianos haviam chegado a Cuba no início da "febre açucareira", quando o governo encampara a imigração de trabalhadores braçais para as colônias. Em dez anos, haviam entrado no país mais de 250.000 haitianos e outros milhares de jamaicanos que, de uma forma geral, viviam em condições subumanas.

Por aquele produtivo latifúndio, mais as terras que arrendara ou colonizava, a sua vizinha United Fruit chegou de fato a oferecer-lhe 800 mil dólares, mas D. Angel recusou. Não as venderia nem por um milhão. Vista ao natural, de dentro, a fazenda de Birán era como uma aldeia – ou um mundo à parte. Além dos distintos estabelecimentos, a residência principal era um sobrado suspenso sobre altos pilotis de madeira, tipo chalé, como nas casas de província do interior da Galícia, com o teto vermelho de zinco e grandes janelas pintadas de branco. Na parte de baixo, o que seria um porão aberto, fez-se um curral onde, ao anoitecer, as vacas adormeciam após haverem sido recolhidas do pasto. Ao lado, foi montada uma pequena leiteria em que se fabricava queijo. No primeiro andar do sobrado, a sala era decorada com móveis de vime e de madeira caoba; havia ainda três quartos espaçosos com camas confortáveis e armários com espelhos, uma despensa para mantimentos, outra de remédios e os banheiros. No final do corredor ficava a copa, de onde se descia até a cozi-

nha de fogo a carvão. No segundo andar, junto ao quarto do casal, um mirante em que a brisa corria folgadamente. Lateral à construção, a escada a que se tinha acesso por uma portinhola de rija fechadura. Através do "caminho real" e das transversais ao longo da via férrea, viam-se os *chuchos* – estações de corte e distribuição da cana-de-açúcar, onde se concentravam moradias e parcelas de terras das centenas de trabalhadores. Dona Dominga vivia no *chucho* 31, a dois quilômetros da casa-grande.

Junto à fazenda, foi erguida uma rinha[6] para a briga de galos, uma diversão que se generalizara no país. Castro era um aficionado e comprava os galos que vinham da Espanha, informando-se da chegada das embarcações por seus amigos santiagueiros. Havia camponeses que levavam os seus próprios galos à disputa, outros apostavam toda a quinzenada num dos contendores, ou a gastavam em bebida, chegando à casa sem um centavo. Em tempo de safra, os homens trabalhavam até sábado à noite na colheita e, de madrugada, amontoavam-na nos vagões de carga, garantindo, assim, a folga do domingo. Nesse dia, todo mundo tinha direito a *cumbanchar*[7] e a beber cerveja gelada, Rum Bacardi e *El Cachau*, uma cachaça de água de coco, mel e rum; mas, nesse caso, Lina recomendava anotar[8] os gastos de cada um.

Do casal Angel e Lina, vieram os primeiros filhos. Em 1923, Angelita e, em 1925, Ramón, ambos rebentos bem desenvolvidos: Angelita nasceu pesando mais de seis quilos e Ramón, quase seis. A comadre Faustina não deu conta dos partos. No nascimento de Angelita, foi preciso chamar com urgência o médico do Hospital da Usina Preston, um norte-americano, o Dr. Strom. Segundo este, os fetos cresciam com exagero, porque Lina tomava leite puro e fresco em quantidade, hábito que adquiririam, desde os primeiros anos, também as suas crianças, que tomavam o primeiro leite extraído das vacas.

Em Birán, 1928

CAPÍTULO 3

Angelita, Ramón e Fidel

Titín é Fidel

Em um 13 de agosto, vinha ao mundo Fidel Castro, o terceiro filho de Lina e Angel. O nome foi previamente escolhido em homenagem ao amigo Fidel Pino Santos, que não apenas Angel Castro ajudara a eleger-se deputado, como a ele se associara em um vantajoso contrato com a United Fruit.

Ano do nascimento? Mil novecentos e vinte e seis ou 1927. Hora? Não há certeza, apesar do estipulado nos documentos. Talvez por se tratar da identidade de alguém fora do comum, o nascimento de Fidel sugere por si um *leitmotiv* de romance.

Seu primeiro documento de identidade foi o registro de batismo, celebrado na Catedral de Santiago de Cuba, anos depois, a 19 de janeiro de 1935. Ali aparece com o nome Fidel Hipólito e o sobrenome materno, Ruz Gonzalez. Posteriormente, seriam feitas três certidões de nascimento. Na primeira, datada de 1938, foi registrado como Fidel Casiano Ruz Gonzalez[1]. Como os pais ainda não eram legalmente casados, ficava proibida a inclusão do sobrenome paterno. Tampouco era costume estabelecer documentos de nascimento ou de casamento naquela época, notadamente no interior do país, ou pela dificuldade de deslocamento aos principais centros ou por outros empecilhos, daí o espaço de mais de dez anos até formalizar-se o nascimento de Fidel.

A segunda certidão é de 1941, lavrada com o objetivo de constar que Fidel teria um ano a mais. Havendo ele completado o primeiro grau, o velho Angel deu 100 pesos ao secretário do juiz da comarca para que ele mudasse os termos do documento anterior, fazendo constar o ano de 1926 como o do nascimento do filho, o que o habilitaria a matricular-se no segundo grau do Colégio Belén. "Foi assim que essa data tornou-se oficial", explica a irmã Angelita. Nada escuso; eram procedimentos corriqueiros na esfera do poder, por camaradagem, dinheiro ou troca de favores. Nesta certidão, Fidel aparecia com o que se tornou o seu nome atual – Fidel Alejandro Castro Ruz[2] –, dado que D. Angel já efetivara o divórcio da primeira esposa. Contudo, o juizado, meses depois, despachou-lhe um comunicado declarando que a certidão apresentava distorções e precisava ser refeita. Em 1943, com Angel e Lina recém-casados[3], providenciou-se uma nova, a definitiva[4].

Sendo assim, oficialmente, Fidel veio à luz em 1926 e, aos que sustentam esta versão, Angelita oferece mais contra-argu-

mentos, baseando-se em relatos ouvidos de sua mãe: “Com partos bárbaros como aqueles, não seria possível haver uma diferença de apenas dez meses entre Ramón e Fidel. O parto de Ramón foi a seco[5], tiveram de buscar o médico urgente, a cavalo, pois as vias estavam impraticáveis. Depois, minha mãe precisou de um longo resguardo e, além disso, amamentava os filhos até um ano e pouco”.

Ramón Castro também declara ter “22 meses a mais” que o irmão[6], o que nos faz concluir que Fidel nasceu no dia 13 de agosto de 1927. Sutilmente, na comemoração do seu 50º aniversário, como que reconhecendo o equívoco, após o irmão Raúl Castro ter afirmado que, na realidade, ele estava completando 49 anos, Fidel comentou: “Bem, tenho a idade que os papéis dizem. Se dizem 50, tenho 50.” Foi uma observação sensata, já que, a essa altura, era tarde demais para fazer do consagrado um simples não-dito. No imaginário de milhares de cubanos, o número 26 tornara-se um símbolo ligado à revolução, extrapolando a própria figura de Fidel. Além de ser o dobro de 13 (dia em que Fidel nasceu), 26 fora o ano em que um famoso ciclone assolou a Ilha. Portanto, o número acrescia-se de significados – reviravoltas, mudanças, rebelião, como a que foi semeada num dia 26 (de julho), quando um grupo dirigido por Fidel tentou tomar de assalto o quartel Moncada, como reação ao golpe de Estado desatado por Fulgêncio Batista no ano de 52 (o dobro de 26). Claro está que estas coincidências numerológicas só ganham sentido pelo aparecimento de Fidel no cenário político. Assim, não sendo naturalmente aconselhável quebrar a magia dessa história, aceitamos deixar os 27 como um atropelo fortuito, causado por investigadores tinhosos.

Ainda resta a imprecisão da hora do nascimento, às vezes difícil de ser estabelecida com exatidão, ainda mais neste caso, já que a memória de Lina podia não estar tão fresca quando foi feita a primeira certidão. Nesta, constava que o nascimento ocorrera às duas horas; já nas posteriores, fixava-se a meia-noite. Mas no

consenso dos pesquisadores do Arquivo Fidel Castro, a hora correta é a primeira. Quanto aos vários complementos do nome – Hipólito, Casiano e Alejandro – que constam dos diferentes registros, têm também o seu enredo. Os católicos praticantes, como Lina, tinham o hábito de atribuir aos filhos o nome do santo do dia, de acordo com o almanaque cristão. Mas, como o dia 13 de agosto é dos santos Hipólito e Ponciano, não lhe restou outra alternativa que a de dividir a dupla. Inseriu-se Hipólito na ata de batismo e inventou-se um Casiano para a primeira certidão (diga-se: uma aproximação de bom gosto com o verdadeiro nome do santo). Por predileção calada e persistente, Lina ainda reintroduziu Casiano no diploma de segundo grau de Fidel, mesmo depois de estabelecido Alejandro. Ao mesmo tempo, mentalizava com freqüência a imagem daquele que, segundo ela, era o verdadeiro protetor do filho, São Fidel de Sigmaringa (cujo dia é 24 de abril). Na trama da identidade de Fidel, a última influência se origina em um dos seus tios, cujo nome completo é Alejandro Fidel. Note-se que Alejandro seria o seu codinome preferido em uma fase de clandestinidade.

Como os irmãos, Fidel nasceu grande, pesando 5,443 quilos. Mais um parto difícil, com a chamada urgente do médico. Herdou o berço de ferro – espécie de patrimônio familiar que viera na bagagem dos Ruz Gonzalez quando se retiraram do oeste –, que ficava no quarto dos pais no andar de cima, junto ao solar. Ali, deitado, bem desperto, o bebê Fidel arqueava as sobrancelhas e movia a boca para a frente com um leve sorriso matreiro, quando algo lhe agradava ou surpreendia, uma expressão que se fez peculiar.

Ele vinha ao mundo em meio a acontecimentos que lançavam no cenário nacional as figuras que agitariam o país e a sua vida em particular, como Rubén Martínez Villena, Julio Antonio Mella, Eduardo Chibás e Antonio Guiteras. Nos anos 20, em meio à instabilidade econômica, a rebeldia irrompera nas cidades, abarcando intelectuais, estudantes e operários. Em dezembro

de 1922, fora criada a Federação dos Estudantes Universitários (FEU). No seu primeiro congresso, condenou-se o isolamento submetido à Revolução Russa pela comunidade internacional e foi exigida a anulação da Emenda Platt, assim como do Tratado Permanente entre Cuba e os Estados Unidos. Em Havana, o *Protesto dos 13*, um manifesto de jovens intelectuais, em março de 1923, denunciava falcatruas do Estado. Entre os seus assinantes, Martínez Villena e Juan Marinello, futuros dirigentes de esquerda, Nicolas Guillén e Alejo Carpentier, os escritores que desenvolveriam a temática da nação cubana com uma excelente qualidade.

Criou-se a primeira central sindical do país (Confederação Nacional Operária de Cuba - CNOC) e, em 1925, foi fundado o Partido Comunista de Cuba (PCC), como uma seção da III Internacional Comunista. Seu principal líder era Julio Antonio Mella, presidente da FEU. Acusado de terrorismo pelo general Machado, o Presidente, Mella foi preso e tornado incomunicável. Declarou-se em greve de fome, um ato considerado pequeno-burguês por outros dirigentes do PC que solicitaram o seu afastamento. Passados vários dias, Mella sofria um colapso e, por pressão popular, foi posto em liberdade, seguindo, clandestino, para o exílio no México. Ali, Mella tornar-se-ia dirigente do Partido Comunista Mexicano, uma solução "tirada do bolso" pelo Burô do Caribe[7] – uma divisão da Internacional Comunista coordenada pelo partido comunista norte-americano –, ante o pedido de sua expulsão. Mantendo contato com os seus aliados em Cuba, Mella iniciava gestões para uma insurreição armada. Informado do plano, o Presidente Machado mandou assassiná-lo. Na Universidade de Havana, o recém-criado Diretório Estudantil, com Antonio Guiteras e Eduardo R. Chibás, deflagraria a luta contra a prorrogação do mandato do ditador Machado, conforme aprovara o Congresso.

Nessa conjuntura, esboçou-se a problemática da esquerda cubana no curso da República. Decorria, em sua origem, de di-

vergências entre organizações no exterior. Havia as que se disciplinaram no modelo soviético, subordinando-se aos ditames do "Komintern" – como o PC cubano –, as que assumiram um projeto social-democrata ou reformista e as que se afogaram nas amargas heranças da guerra.

Em Birán, com quase dois anos, com o cabelo bem louro e cacheado, Fidel impressionava por seu olhar inquiridor e a postura ereta[8]. Aos quatro, já freqüentava a escola pública de Birán, uma casinha de madeira de teto de zinco, com mesas e cadeiras de ferro batido.[9] Como não tinha onde ficar, nem queria se afastar dos irmãos, a professora Eufrasia Feliu (Eufrasita) aceitou-o provisoriamente; mas o menino insistia tanto em permanecer, que acabou tornando-se aluno regular, a pedido de Lina. A classe era composta por uns 20 alunos, incluindo os irmãos e os primos de Fidel – Ana Rosa e Clara (esta da mesma idade do menino), Luis e Maria Antonia, os filhos de Antonia – e os camponeses da fazenda: Carlos Falcón, Julita, o "negrinho" Genaro, Pedro e Angel Guevara e Juan Socarrás, todos maiores. Ali, Fidel aprendeu a cantar o Hino Nacional e a identificar os símbolos pátrios; observava as aulas e rabiscava o caderno. "Sentava-me numa pequena carteira, na primeira fila; dali via o quadro-negro e escutava tudo o que ela dizia", lembra ele.

Dona Dominga gostava de ouvir as histórias da escolinha, quando os netos visitavam-na em seu *chucho*. Fidel chamava-a de mãe, assim como D. Pancho de pai, por conta da convivência diária com os tios na infância. Maria Júlia e Belita, as tias mais novas, ainda eram solteiras e viviam no sobrado, ajudando nos afazeres domésticos. A primeira foto de Fidel fora tirada em 1930, em frente à casa de Dominga[10], acompanhado de Lina e as irmãs, todos recostados em uma caminhonete. Ano difícil. Dominga só não entendia porque Castro estimulava que todos estudassem, em vez de ajudar mais na lavoura. Antigos moradores de Birán recordam que não houve safra; que outros proprietários locais roubaram a produção de colonos e vice-versa, em um cír-

culo vicioso. Eram os efeitos da "Quinta-feira Negra", o dia da queda da Bolsa de Nova York. Mais de um milhão de pessoas ficaram desempregadas em Cuba. Rubén Martínez Villena, o organizador de um grande movimento grevista, foi eliminado a mando do general Machado. Durante a Grande Depressão, vários engenhos detiveram a moagem. O governo norte-americano tentava sustentar os preços do açúcar cubano, mas o mercado só se reativou quatro anos depois.

Após as aulas, todos os dias, Fidel ia ao Rio Birán, banhar-se na cova do Charco Fundo ou no Charco del Jobo, uma pequena lagoa sombreada por árvores de jobo, uma pequena fruta amarela parecida com a ameixa. Acompanhando-o, os irmãos e os filhos dos camponeses, mais quatro cachorros – Huracán, Napoleón, Guarina e Escopeta[11] –, que com eles corriam até o rio, fazendo um escarcéu. Fidel aprendeu rápido a nadar e o fazia bem. Normalmente entrava na lagoinha montado no Careto, nome dado por ele a um potro de bom trote e cor marrom, com uma grande mancha branca na fronte. Pescando manjubas, em uma certa ocasião, Fidel tirou uma bem do fundo e colocou sobre a cabeça do amigo Carlos Falcón, que, zangado, ameaçou quebrar-lhe as costas. Pura brincadeira; aqueles dois eram feito unha e carne, principalmente se fosse preciso unir esforços contra um adversário comum. Na escolinha, estudava o filho do prefeito que era metido a valentão. "Vamos tirar a banca dele", propôs Fidel ao amigo, expondo-lhe um plano. No meio de um jogo de bola, no recreio, Carlito Falcón esbarrou no tal filho do prefeito e deu-lhe uma pisada. Ganhou um bofetão e Fidel se apresentou: "Dá em mim!", gritou. Embolaram-se os três. Em poucos minutos de briga, assistidos pela professora que chegara ao portão, o filho do prefeito pedia arrego.[12]

Correndo pela terra, quase sempre descalço, Fidel brincava de caçar com estilingue e arco e flecha, mostrando boa pontaria. Às vezes, atingia uma lima em cheio. A plantação de cítricos ampliara-se; além das laranjas, agora havia grapefruits, tangeri-

nas e limas, que, como dizia Lina, eram bem úteis nas doenças de infância, que costumavam pegar todos os irmãos e primos de uma vez só. A fazenda chegou a ter 15 mil árvores de cítricos, vendidos a dez centavos a centena e a um peso o milhar, sendo um cliente fixo o Hospital da Usina Preston. No fim do dia, hora de dormir, Fidel já ocupava, com o irmão Ramón, um dos quartos do andar de baixo. Um novo irmão estava por nascer, Raúl, em 3 de junho de 1931.

A cada dia, os meninos ficavam mais levados. "Certa vez deixaram a porta da escola aberta e, de noite, fomos rasgar o mapa de Cuba, porque Birán não aparecia nele", conta Ramón[13]. Noutra ocasião, a professora chamou a atenção de Fidel, que lhe gritou um palavrão aprendido com os vaqueiros e os haitianos, correu pelo corredor enfezado e saltou por uma janela dos fundos. Acabou caindo em cima de um caixote de goiabada e feriu-se com um prego na língua. Lina, enquanto tratava do ferimento, disse-lhe que tinha sido um castigo de Deus "pela boca suja"[14].

Eventualmente, saíam da escola e desapareciam pelo campo; ou metiam-se no barracão com os haitianos e almoçavam com eles. Chegavam a apreciar a sopa de farinha fervida, que, com um pouco de sorte, podia vir acompanhada de um pedaço de carne seca. Ao sentarem-se à mesa em casa, acabavam deixando a comida no prato. Lina, deduzindo o motivo, apressava-se a dar-lhes purgantes para não pegarem doenças. Quando não havia aula, de manhãzinha corriam ao *batey* (a lavoura), permanecendo até tarde. Nas casas dos camponeses compartilhavam da refeição com batata-doce ou das espigas de milho assadas, estas da preferência de Fidel.

Castro não se importava muito com as travessuras dos filhos. Dependendo do caso, podia enfurecer-se, mas logo serenava. As repreensões mais ásperas cabiam à mãe. Lina, quando achava necessário, impunha sua autoridade com um cinto deixado sempre ao alcance. Depois das surras e às escondidas, Ramón e Fidel iam pegar o cinto no armário e picotavam-no com a tesou-

ra; mas ela arranjava outro. Fidel era quem sabia levá-la. Quando a mãe ameaçava dar-lhe palmadas, olhava-a com firmeza, aceitando a advertência. Chegava a oferecer as nádegas e Lina se desconcertava.

No caráter, Fidel se parecia muito com Lina. Quando se machucava, agüentava calado e se curava sozinho. Operava lagartixas, dizendo que seria cirurgião, assimilando o pendor da mãe. Já nos traços físicos, e em certos sentimentos, era como o pai. "Cresci no seio de uma família de um grande proprietário, com todas as comodidades e privilégios,[15] mas meu pai era realmente um homem generoso. Observávamos a sua maneira de ser e, mais tarde, em várias ocasiões, víamo-nos resolvendo as coisas ao seu jeito"[16], recorda Fidel.

Encontrando-se às margens do rio, um dia, ainda pequeno, disse a um garoto de mais ou menos seis anos: "Por que você não vai à escola aprender? Se não, amanhã vão te enganar e roubar".[17] O menino respondeu que não tinha nem roupa nem sapato para ir à escola. Então, Fidel juntou seu par de sapatos e a camisa que vestia, fez uma trouxa, pôs em cima de uma pedra, chegou perto do menino e segredou: "Ali embaixo da cachoeira deixei o sapato e a camisa para você. Amanhã, você se apronta e vai à escola comigo". No dia seguinte, ao passar o garoto pela tenda, Lina reparou no traje e ficou intrigada. "Esses sapatos e essa camisa são de Titín", disse-lhe. O menino respondeu que tinha achado a roupa no rio, mas que, se ela quisesse, devolvia. Lina pensou bem e deu de ombros, resolvendo esquecer o assunto.

Durante a infância, entretanto, Fidel não era de ficar o tempo todo ao ar livre. Como já sabia ler, freqüentemente, detinha-se nas páginas de algum livro de histórias. Gostava dos relatos épicos e se entusiasmava quando o seu meio-irmão, Pedro Emílio, ao vir de visita, falava-lhe das batalhas gregas e romanas que estudava. Abstraía-se quando D. Angel falava dos heróis da Independência de Cuba, da guerra que ele próprio vivera. Escapava até o correio e permanecia contemplativo, da janela, "observan-

do como o telegrafista recebia as mensagens e a naturalidade com que as memorizava; escutando o som recorrente das teclas da máquina *Underwood*"[18].

Inquieto, afetivo, afoito, reflexivo e autoconfiante. A personalidade de Fidel era mesmo incomum e múltipla, com inteligência e dotes amplos. A memória era especialmente privilegiada, quem sabe uma herança do avô D. Pancho. Lia um poema e o retinha imediatamente. "Naquela época, já precisávamos conviver com a memória dele", declara Ramón, conformado[19].

Do avô, pegou ainda o temperamento de pavio curto. D. Pancho, quando se incomodava com alguém, não queria conversa, virava as costas. Se ficava brabo com Castro, botava o pé na estrada. Uma vez, ele se desgostou porque o genro, entre as terras comprometidas com um plantio, incluíra uma parte que era sua, justo a das bananeiras tratadas com tanto esmero. D. Pancho reuniu a família, meteu os pertences numa carreta e foi para Gíbara, depois sabe-se lá para onde. Maria Júlia e Belita insistiam em voltar para Birán e conseguiram afinal amolecer o pai[20]. Ele partiu e regressou outras duas vezes, mas dizem que a causa real do regresso era Lina ou Antonia, que sempre estavam para dar à luz. Os partos serviam de reconciliação.

* * *

Pelo país, a ditadura de Machado atingia os estertores. Várias organizações armadas clandestinas, de ação, surgiam, a favor e contra a manutenção do Presidente. Por orientação do Presidente Franklin Delano Roosevelt, promotor da "diplomacia da boa vizinhança", em maio de 1933, chegou a Cuba Benjamín Summer Welles, com a missão de convencer Machado a abandonar o governo. Ao chegar, Welles foi pedir o apoio de um grupo de comunistas detidos[21] para acalmar a ascendente contestação, os quais solicitaram liberdade para tomarem providências. O Partido Comunista via-se diante de um dilema: um setor propunha a

entrega de toda decisão às massas; outro admitia um acordo com Machado, justificando ser melhor que lidar com uma nova intervenção norte-americana.

A crise englobou categorias das forças armadas e da polícia. Dois sargentos – Fulgêncio Batista e Zaldívar – tramaram um golpe, em contato com dirigentes estudantis e comunistas. Batista, mais uma figura a despontar na época, seria a que Fidel derrubaria do poder 25 anos mais tarde.

A Revolução dos Sargentos, iniciada na madrugada de 4 de setembro de 1933, estabeleceu no poder um “governo de cinco”, sob a Presidência de Ramón Grau San Martín. Mas, logo, confrontar-se-iam duas tendências: a de Batista, promovido a coronel e a chefe do Estado Maior do Exército, e a de Antonio Guiteras, secretário de Governo, Guerra e Marinha, que implementou várias medidas progressistas. Tropas comandadas por Batista, que às escondidas entendia-se com o embaixador Summer Welles, reprimiram as manifestações de apoio ao regime. Mas seria Guiteras o acusado pelos comunistas de responsável pela violência nas ruas, por ser superior a Batista na hierarquia do poder. Condicionados por uma visão sectária, no fundo rejeitavam a política que traçara Guiteras. Atacado pelos dois extremos, da direita e da esquerda, ele se enfraqueceu – e com ele, a tentativa de um projeto nacional. Quanto ao Presidente Grau San Martín, parecia não saber que lado era melhor. Em 1934, o coronel Batista acabou apoderando-se do governo, abrindo campo para mandatários afinados com os Estados Unidos.

* * *

Em Birán, a professora Eufrasita permanecia durante todo o período letivo, residindo em uma casa cedida especialmente para ela por D. Angel, seguindo nas férias para Santiago, onde viviam seus parentes. Em meados de 1933, ela começou a insistir com Castro sobre a conveniência de as crianças estudarem na

cidade, onde receberiam uma instrução melhor. Repisava que Fidel era aplicado e esperto, assim como Angelita, ainda que nunca mencionasse Ramón, que não demonstrava inclinação para os estudos. Argumentava que ambos poderiam ficar aos cuidados de sua família, que Lina conhecera quando fora a Santiago e da qual guardava uma boa impressão.

A família Feliu se compunha de três irmãs solteironas e um pai viúvo. Nestor havia sido um alfaiate de prestígio, mas estava velho e enfermo. A irmã mais velha era médica, a do meio, pianista, sendo a menor Eufrasita, todas educadas no Haiti e dominando o francês. Lina retinha na memória especialmente a competente médica, por quem Angelita havia sido muito bem atendida. Percebendo que Lina simpatizava com a idéia, Castro se convenceu e decidiu entregar os filhos em confiança. Assim, Fidel, com seis anos, e Angelita, com dez, partiram de trem para Santiago.

O que não fora informado a Lina e Castro era que o nível de vida dos Feliu declinara sensivelmente. A médica, arrimo de família, falecera no ano anterior. O imóvel que possuíam teve que ser vendido para saldar dívidas e eles estavam vivendo como agregados na casa de parentes, onde Fidel e Angelita foram também alojados. Orosia, uma prima, e sua filha, Cosita, haviam montado ali uma pensão – "um trem de cantina", como dizia a clientela, por causa da correria com que serviam os pratos ou despachavam as refeições para viagem, riscando o ar feito discos. Cosita, "uma alegre gorda de quase 140 quilos e 40 anos"[22], era quem supervisionava o negócio. "Aquela cantina... Nunca se imaginou que passaria à história...", conta Angelita.[23]

Dias depois da chegada, foram tirar retrato na Foto Mexicana. Angelita, com um vestido branco rodado, e Fidel, ao seu lado, com uma roupa estilo marinheiro[24], presentes do pai, que tinha um refinado gosto para roupas – basta lembrar os seus ternos de linho Drix. Passando o primeiro Natal longe da fazenda, os dois acometeram-se de melancolia. Fidel escreveu uma carta "à vossa majestade" da sua imaginação, pedindo uma máquina

de filmar. No dia dos Reis Magos, acabou recebendo das Feliu uma corneta de papelão com ponta de metal, que não o agradou nem um pouco.

A estada na cantina seria breve, o tempo necessário para Eufrasita providenciar o aluguel de uma moradia no mesmo bairro, chamado pelos santiagueiros de "Intendente" (nome de uma das ladeiras que o formavam). Aquelas almas infantis, assustadas com a estranha cidade, saudosas de casa, distorciam sentidos de tempo e distância e a mudança para a casa nº 6, na outra calçada, pareceu-lhes uma viagem ao outro lado do mundo. Aquela contava com uma saleta e dois quartos diminutos para abrigar o velho Nestor, a irmã pianista (Emerenciana, apelidada Belén), Fidel, Angelita e a professora Eufrasita. Um mês depois, com a primeira mesada que D. Angel mandou – 40 pesos por cada um dos filhos –, Eufrasita resolveu alugar uma residência maior.

Fincada no cume da Ladeira Santa Rita, que fazia um ângulo com a do Intendente, era parte de um conjunto de três imóveis de propriedade do Sr. Gabriel Palau. Por sua localização, alagava-se com qualquer chuva, mas era aprazível; contava com uma pérgula aos fundos, um pequeno balcão que convidava às reuniões familiares, onde Fidel ficava admirando, impressionado, a vista da entrada da Baía de Santiago[25] e a Rua Virgem passando lá embaixo. Uma forte particularidade de Santiago fixava-se na mente infantil de Fidel: o sobe-desce ladeiras, os altos e baixos, ruas estreitas intercaladas em seu desenho colonial. Nessas imagens retidas na memória, uma especial, "uma escada de pedra junto à calçada"[26] que levava à casa vizinha.

Em abril de 1934, chegou Ramón, mandado pelo pai, acompanhado de Esmérida, uma camponesa de Birán que a professora solicitara para servir de criada. Apesar da bela paisagem ou das serenatas ocasionais, vinham a completar o quadro de uma experiência amarga. Naquela casa, os meninos, acostumados à fartura e à amplidão da fazenda, conheceram privações[27]. No almoço e no jantar, invariavelmente, pequenas porções de arroz, feijão,

batata-doce, banana e carne moída eram divididas entre seis pessoas. Fidel ficava catando, insatisfeito, o último grão de arroz, o que estimulava ainda mais o seu apetite. Pedia a Esmérida que guardasse alguma comida para depois lhe dar escondido[28]; mas ela mesma, coitada, comia lambendo os pratos, se sobrasse[29], e nem sequer tinha uma cama para dormir. "Pode-se dizer que conheci a pobreza e passei fome. Eu mesmo tinha que costurar o sapato quando furava, arriscando-me a levar uma bronca quando a agulha quebrava. Enfim, fiquei praticamente sem eles, descalço, muitos dias. Estávamos muito magros e cabeludos, porque nem à barbearia nos levavam. Passamos um grande aperto", rememora Fidel.

Embora presente apenas ocasionalmente, Eufrasita era quem ditava as ordens, impregnando a atmosfera com a sua personalidade. O velho Nestor, sempre doente e tossindo seco, lia muito; falava de jeito pausado e gostava de ficar quieto no seu canto. Quanto a Belén, passava horas dedilhando escalas invariáveis no piano, para praticar, ou dedicada às lições que dava a alguns raros alunos. Era diferente da irmã, tinha um temperamento doce e passivo. Fidel recebia aulas em casa com ela durante uma parte do dia, preparando-se para a prova de ingresso em uma escola local. Aprendeu rápido a fazer ditados e a dizer de cor as tabuadas. Gostava do exercício das operações matemáticas e tinha facilidade para cálculos, como D. Angel. Angelita estudava numa escola pública, a Spencer, a várias quadras dali, embora a mesada de Castro supusesse o pagamento de uma escola particular, situada no próprio bairro do Intendente. A menina saía todo dia bem cedo, a pé, regressando ao meio-dia, num trajeto de abandono que revertia em consolo, já que, ao menos, podia sofrer sem vigilância.

Com a carência absoluta, aumentava neles a saudade e a sensação de desamparo. D. Angel foi visitá-los num certo domingo, observou-os enfraquecidos, mas, diante da confiança depositada em Eufrasita e seus relatos amenos, não suspeitou que os filhos pudessem estar sofrendo maus tratos. As crianças,

coagidas, tampouco souberam manifestar-se. Alguma queixa escapou, mas o pai não levou a sério; interpretou como manha de criança ou pretextos para regressar à fazenda.

Depois da visita, Angelita ficou matutando, lá com os seus botões, uma maneira de contar o que estavam passando. Certo dia, trancou-se no banheiro e pôs-se a escrever uma carta à mãe, com as queixas. Eufrasita estava em casa na ocasião. Pressentindo algo estranho, ficou rondando a porta. Angelita acabou de escrever, dobrou a carta, pôs num envelope e ao sair, ali estava ela, que ordenou: "Me dê o que você tem na mão". E desapareceu com a carta.

Porém, um dia a tormenta do Intendente acabou. Debruçado na sacada da casa, observando distraído a rua lá embaixo, Fidel viu um táxi estacionar. De longe, enxergou uma senhora, acompanhada de um garotinho, que saltou e entrou na quitanda em frente. Teve o pressentimento. Ao sair do quitandeiro, a senhora encaminhou-se para a ladeira; Fidel foi acompanhando seus passos na subida, quando lá pela metade teve a certeza – era ninguém menos do que a mãe e o irmão Raúl! Foi um desafogo.

Lina chegou à porta e recebeu o abraço apertado de Titín. Sua presença preencheu todo o vazio. Trazia ainda a sacola repleta de doces e mangas – do bom "mango toledo de Caney de Santiago" –, que comprara na quitanda da rua de baixo. Em poucos instantes, Fidel, Ramón, Angelita e Esmérida devoraram tudo. Observando tamanha voracidade, uma interrogação brotou na mente de Lina. À tarde, levou-os para cortar o cabelo e, na volta, Angelita teve um acesso de dor de dentes, ao que Eufrasita comentou: "De comer gulodice demais". "Mas está tão fraquinha...", replicou Lina.

Aproveitando uma oportunidade, a camponesa Esmérida levou Lina até a calçada e contou que Fidel se desesperava de fome e Angelita vinha reclamando da dor nos dentes há mais de um mês, sem que a levassem ao dentista, além de uns outros pormenores. No final, implorou que Lina a levasse de volta.

Ao dar-se conta da situação, Lina prometeu resolver. Controlando a indignação, pediu que as crianças aprontassem as malas imediatamente. Sequer despediu-se do velho Feliu. Com discrição, apenas declarou a Belén: "Estou levando as crianças".

Com a irmã Angelita,
em Santiago de Cuba, 1933

CAPÍTULO 4

No Colégio La Salle: Fidel e o irmão Ramón, 1937

Garoto bamba de colarinho bordado

Fidel permanecera de pé no vagão, falando e gesticulando a viagem inteira. Raúl, com pouco mais de três anos, parecia uma pulguinha, como o chamavam os irmãos. Miúdo e buliçoso, corria o tempo todo, como o fez naquela estação da Ferrovia do Engenho. Lina e as crianças acabavam de chegar a

Canapu, junto à usina da *Miranda Sugar State*, no trecho de Santiago-Birán.

Logo ao frear o trem, o motorneiro avisou que dali não poderia prosseguir. Era tempo morto; o mato crescera cobrindo os trilhos e, a poucos metros, avistava-se uma turma de operários reparando a via. Diante do imprevisto, Lina procurou o chefe da estação, o galego Joaquín Fernández, que não lhe deu esperanças: "Êê... Estradas resvaladiças, animais soltos pelo caminho, passagens bloqueadas... Há que aguardar uns dias, minha senhora, não vejo solução". Antes mesmo que concluísse a fala, Lina já pensava em Almeida, um funcionário da companhia, antigo cliente de Castro, que talvez tivesse a boa vontade de ajudá-los a encontrar um meio de transporte até Birán.

Lina pediu a Fernández que mandasse chamar Almeida, enquanto ela e os filhos esperariam no galpão dos reparadores. Meia hora depois, apresentava-se o compadre, trazendo quatro cavalos e propondo-se a guiá-los à fazenda. As maletas foram penduradas nos arreios das selas e iniciou-se o trajeto, um quase faroeste por entre barrancos, com lama respingando em corpos e cabelos.

Ao aproximar-se Birán, o rosto de Fidel recuperou a luz. A revoada de pássaros, a atmosfera da fazenda, o rumor das cadeiras de balanço na varanda, recebiam-no de volta como um bálsamo. Ao vê-los despontar no portão, o cozinheiro galego, Manolo García, farejou o apetite e preparou uma travessa repleta de filés ao molho ferrugem. Após um banho, os bifes de García no centro da mesa da copa eram um banquete real.

Depois, Lina inteirou Castro de tudo o que acontecera em Intendente. Ao retornar a professora às aulas, ele mandou chamá-la ao seu gabinete. Detendo o ímpeto de expulsá-la de Birán, informou-a de que as crianças não mais regressariam à sua casa em Santiago. Eufrasita perguntou-lhe o motivo; ele respondeu que as crianças não haviam recebido o tratamento devido. Inquiriu-a, ainda, sobre o uso das mesadas. Mostrando-se frágil e franca,

a professora tratou de atenuar o quadro: uma série de dívidas caíra sobre os seus ombros após o falecimento da irmã e não conseguia sustentar a família com o seu ínfimo salário de ensino público. Afiançava-lhe que a situação melhoraria; além do que, as crianças não podiam interromper os estudos. Castro escutou-a com a feição contrita, num silêncio misto de condenação e dó, dela e de si, porque o impulso do perdão ameaçava suplantar a revolta. De sua parte, Ramón e Fidel traçaram um plano de vingança. Montariam uma barricada atrás da padaria e, de lá, depois de reunir um arsenal de 200 pedras, bombardeariam o teto da escolinha, tão logo a professora aparecesse. Mas como o pai assumira o assunto, acabaram recuando, ao menos em parte. A operação de guerra resumiu-se a duas pedradas[1].

* * *

Birán devolvia-lhes a sensação da liberdade. Logo no primeiro dia, Fidel acordou bem cedo, quando a penumbra da madrugada ainda ameaçava dissipar-se atrás da serra. Ao abrir os olhos, surpreendeu-se com o foco da lanterna de García perpassando o vidro da janela. Ajoelhou-se na cama e viu o cozinheiro chegando pela vereda ao lado, antecipando-se ao canto do galo na alvorada com sua cantiga de sempre: "... Mau raio parta o mau raio, que meu cavalo matou... Se não fosse pelo mau raio... cavalo teria eu..." Pulou da cama para tomar o café com leite da fazenda e depois percorrer o *batey*. Soltou-se na vastidão do campo e, mais tarde, empapado de suor, com terra até a alma, ao aproximar-se da casa para o almoço, escutou outra vez a cantoria do espanhol, versos ibéricos de nostalgia embalados no cheiro da sopa de grão-de-bico: "... Mariquita, me dá o beijo que tua mãe me mandou..." Foi espreitar García pela fresta da porta dos fundos e o viu atormentado, tratando de abrandar, em vão, os sacolejos da geladeira movida a gás que ameaçava parar de funcionar, como de costume.

Pelo terreno em direção à copa, em grupo, chegavam também os paisanos protegidos de Castro. Sentavam-se com a família à mesa grande, fazendo estardalhaço, arrastando as cadeiras. D. Angel preferia almoçar à parte, no escritório que tinha decorado em branco, ao lado do sobrado, reservando paz para ouvir as notícias da rádio. Já as noites da vida rústica eram de velas e lanternas. Depois de acesas, o aconchego do regaço de Lina, grávida outra vez, era o maná do céu. Os filhos ficavam à sua volta, disputando o chamego que serenava as suas broncas.

Mais tarde, as mulheres rezavam o rosário em torno do santuário que ficava na sala. Fidel fechava-se em um dos quartos para jogar dominó, gamão ou cartas com os irmãos, o que sabia não ser de agrado do pai. Quando o olhar repreensivo deste os surpreendia, o jogo era desfeito no ato; sem que nunca se soubesse por que D. Angel jurara a si mesmo largar para sempre as cartas, um hábito que trouxera da Galícia.

Um toque de tristeza ocorreu com a morte da irmã de Lina, Antonia, por dificuldades em seu sexto parto. Fidel compareceu ao velório da tia e acompanhou o cortejo até o cemitério em Marcané. Era a primeira vez que vivia o rito da morte. Nos velórios, costumava-se servir aos visitantes um caldo ou um porco assado, de acordo com as possibilidades de cada família. A vigília tornava-se uma atividade de bate-papo e até de flertes, ainda que dominada pelo pranto. Mas, por seu alto custo, para a maioria dos camponeses era difícil produzir um enterro digno de um ente querido e D. Angel já se acostumara a receber trabalhadores da United Fruit, que lhe pediam caixotes de madeira compridos, daqueles em que vinha do porto o bacalhau, para sepultar um falecido. O capataz Soto, marido de Antonia, viúvo outra vez, em breve se retiraria para a montanha em Pinares de Mayarí. Seus cinco filhos foram viver na casa da avó Dominga.

Demonstrando uma especial vocação, que só faria se desenvolver com o decorrer dos anos, o pequeno Raúl era cúmplice cativo das traquinadas dos irmãos maiores. Os meninos metiam-

se no quintal, divertindo-se em atiçar as galinhas, os porcos e ainda os patos que restaram vivos. Logo, surgiria uma epidemia entre as aves, como se fosse dia dos Santos Inocentes[2]. Pedro Lago, o trabalhador da granja, cavalgou a galope tenso para alcançar D. Angel no meio da plantação: "Castro, os patos estão doentes. Estão morrendo um atrás do outro desde cedinho".

Lina foi chamada às pressas para analisar o caso; no entanto, o que se descobriu foi que as pobres aves estavam sendo mortal e misteriosamente abatidas por um instrumento pontiagudo, uma seguida da outra. D. Angel desconfiou logo dos meninos e acertava em cheio. Com o entusiasmado apoio de Raúl, Fidel e Ramón disputavam uma competição para ver quem derrubava mais patos. Os dois vinham de um esconderijo atrás da cerca e, quando Lago se ausentava ou se distraía, *zapt*!... para o chão a vítima, um pato. Utilizavam como dardos pregos sem cabeça, atravessados em tampas de cortiça com plumas nas extremidades, que eram rapidamente recolhidos, depois de cada arremesso. Fidel era mais rápido e preciso, embora ambos tivessem a mão segura. Quando D. Angel os inquiriu, simplesmente responderam que tinham prestado um serviço ao abate de patos para o forno.

Resolveram também experimentar operar patinhos com lâminas Gilette. Ao flagrá-los, Lina pegou logo o cinto. Raúl e Ramón dispararam em fuga e sumiram, enquanto Fidel exercitou a tática de ficar parado, fitando-a sutilmente nos olhos. Lina, depois, comentaria com a irmã Maria Júlia sobre a nobreza do menino, que, em vez de bater em retirada, ficava à espera de levar a sova.

* * *

Não passaria muito tempo para o casal reacomodar a relação com Eufrasita. A professora conseguiu reconquistar a confiança de Lina, e D. Angel, como o senhor protetor dos membros da

comunidade de Birán, a quem cabe o castigo e a magnanimidade do perdão, resolveu que não houvera má intenção da sua parte. Por outro lado, é razoável supor que lhe fosse penoso admitir que fora ludibriado. Tendo ou não a professora cometido uma deslealdade para resolver problemas familiares, o caso estancou de modo a parecer compreensível, embora houvesse deixado marcas em Fidel. Tanto é que ele, até hoje, e com freqüência, recorda-se de uma ou outra minúcia do episódio, transformando o lado amargo em humor, classificando-o como uma preparação política e psicológica para reveses que ainda estava por sofrer. Fidel diz que não guardou rancor da professora, embora esteja convencido de que ela, em seu esforço de convencimento para levar as crianças para Santiago, procurava forjar uma situação de que pretendia tirar proveito[3].

Mesmo sendo uma criança, a intuição levava-o a desconsiderar certos aspectos, visando a um objetivo importante: queria estudar em Santiago, o que comunicou aos pais. Terminada a temporada de verão, Lina avisou a Eufrasita que Fidel seguiria a preparação para entrar em um colégio de padres e que Angelita se matricularia no Belén, a escola de freiras próxima à residência do Intendente. Já Ramón declarou que "para aquele inferno" não voltava, em parte, porque se apegava irremediavelmente ao campo e, de outra, pela irreversível mágoa[4].

Em Santiago, Fidel deparou-se com novidades. Ganhou um companheiro da sua idade para brincar no quarteirão da ladeira. Chamava-se Gabrielito e era filho do locador, o Sr. Palau, que passara a residir em uma das três casas do conjunto de sua propriedade, a que se situava acima. Outra alteração foi o súbito falecimento do velho Nestor, meses antes. Fidel estranhou a sua ausência; mas logo começaria a se acostumar à convivência principal com Belén, na casa. Na primeira semana, ela estipulou o horário de orientação de seus estudos para aprimorar a ortografia, a caligrafia e treinar cálculos, e dava aulas de piano a Angelita, que estudava em regime de externato.

Belén não possuía muitos atrativos e já estava longe de ser considerada uma moça, quando conheceu o cônsul do Haiti, Luís Alcides Hilbert, que por ela se interessou. O pretendente veio pedir permissão para cortejá-la a Eufrasita e iniciou-se o namoro em casa. Com a ajuda do cônsul, a situação das Feliu foi melhorando. O balcão dos fundos foi coberto por persianas, onde Belén instalou o seu piano, junto à janela que se abria à bela paisagem da baía. Logo eles selaram o compromisso de noivado e a castradora autoridade de Eufrasita foi sendo abafada.

Na família Castro, uma nova irmã, Emma, viria ao mundo no início de 1935, época em que também Belén casou-se com o cônsul Hilbert. No Natal daquele ano, Belén dera a Fidel outra corneta, agora de verdade, quem sabe insistindo para que ele tomasse gosto pela música, em vão, pois não demonstrava nenhum pendor. Pensando em reservar a matrícula de Fidel no Colégio Hermanos La Salle, soube ser imprescindível dispor da certidão de nascimento ou a de batismo do candidato, as quais o menino não possuía. Ante o que lhe pareceu uma emergência, providenciou a realização do sacramento, para o que não eram necessárias nem a presença nem a autorização dos pais. O batizado realizou-se na Catedral de Santiago, a 19 de janeiro, tendo Belén e Hilbert como padrinhos. Ao ser comunicado, D. Angel se desgostou, já que se comprometera com Fidel Pino Santos a chamá-lo para padrinho do filho, mas, até aquela data, não surgira um meio de combinar uma visita sua com a de um sacerdote a Birán, ou programar a cerimônia na cidade, com a presença de todos. Enfim, não havia remédio; a relação com as Feliu estava mesmo fadada aos embaraços.

Pino Santos, involuntariamente preterido, podia não ter mesmo razões nobres para manter a sua ligação com Castro. "Meu pai me dizia: 'meu bom amigo Pino Santos'. Mas eu respondia: 'Teu bom explorador' "[5], recorda Angelita. Quando Castro necessitou fazer face a uma dívida, recorreu a Pino, até porque já o tinha salvo da falência. O compadre concedeu-lhe o empréstimo, mas em troca da hipoteca da fazenda em Birán, cobrando-lhe

juros de até 20% ao ano. Anos depois, sob a justificativa de que Castro era bom pagador, resolveria abater os juros para 8%, mas a hipoteca só foi saldada em 1951[6]. Na usura e na especulação, Pino Santos apoderou-se dos bens de muitos. Quanto a Castro, guiado pela sorte, o acordo não pudera impedi-lo de continuar enriquecendo.

* * *

O menino Fidel fez o exame para o La Salle e saiu-se muito bem. Pegou as aulas no meio do período letivo, sem ter ainda oito anos completos. De manhã, saía de casa compenetrado, de uniforme – terno e gravata, com o colarinho da camisa branca bordado pela madrinha. Nas horas vagas, chamava o amigo Gabrielito e iam jogar bola no terreno em frente; ou, junto com Dieguito Barc, Panchito e Tito, seguiam até um barranco da ladeira para se atirarem, escorregando na poça d'água. Em dias de chuva, à tarde, mais ou menos às 18 horas, os meninos brigavam pela melhor poça[7]. Cansados, mortos de sede, passavam pelo comércio de batidas e sorvetes do Sr. Palau. Gabrielito tomava dois copos e dava um a Fidel, que nunca tinha um centavo no bolso.

Em 2 de junho, Fidel faria a sua Primeira Comunhão na catedral[8]. Já se frustrava com o colégio, pois nada estava aprendendo de novo. Era adiantado para a turma, mas o regulamento escolar o obrigara a ingressar no primeiro nível. Em casa, sentia-se insatisfeito com o comportamento que queriam lhe impor: preceitos formais da formação francesa de Belén, reanimada pela vivência com o cônsul, como o de jamais levantar a voz ou expressar um desconforto, além de outras coibições. "Pedi emprestado e fiquei devendo 82 centavos à minha madrinha, que me lembrou disso quando fui pedir mais uma moedinha", conta. Fidel não entendia esses freios. Sua indignação chegaria às atitudes e palavras violentas, provocando a ruptura com aquele cenário e os seus personagens.

Mandaram-no, então, para o regime de internato, ao que se incorporou também o irmão Ramón, enviado pelo pai de Birán, propiciando-lhe a companhia e devolvendo-lhe um bem-estar. Nas horas vagas, Fidel começava a abraçar os esportes, que seriam uma paixão em sua vida. No beisebol, o seu prazer era *pitchear*[9], lançava a bola dando-lhe um efeito que a fazia descrever uma curva. Repetia o movimento, sozinho, várias vezes, perseverante, procurando dominar o arremesso. Confiava ainda em sua habilidade como nadador. Numa excursão à represa de Charco Mono, estando proibida a travessia, Fidel desapareceu de repente. Quando foi avistado pelos colegas, já se atirava afoitamente à água, desdenhando do perigo da cheia e das avalanches. Estabelecer que algo era impossível era a melhor maneira de estimulá-lo a realizar. E isso seria sempre uma das suas características.

Às quintas e aos domingos, o La Salle organizava passeios a um acampamento em Renté, que alugara na Baía de Santiago. Lá, Fidel pescava, corria e nadava. Os alunos chegavam ao acampamento a pé, vencendo a subida de uma ladeira. Certo dia, ele resolveu tocar a campainha da porta de várias casas; a cada uma, depois, como castigo, correspondeu um safanão do irmão Bernardo, o inspetor, que costumava ser implacável com ele. No cais de Alameda, pegavam a lancha para cruzar a baía. Do cais, Fidel ficava observando as manobras e os giros das barcaças de duas chaminés. Numa, apareceu o letreiro La Salle, uma coincidência. No embarcadouro, na época, levas de haitianos ainda esperavam pelo embarque nos navios que os conduziriam de regresso ao país natal. Haviam sido gradualmente expulsos de Cuba, segundo dispositivos da lei de proteção de emprego aos cubanos, incentivada por Guiteras. O cônsul Hilbert acabou desempregado e teve de voltar para o Haiti. Belén decidiu-se pela separação, porque não quis deixar a sua irmã sozinha.

* * *

Batista afastara figuras do poder, mas elas não permaneceram inativas. Ramón Grau San Martín fundara, em 1934, o Partido Autêntico, com uma plataforma nacionalista; Antonio Guiteras, assassinado em 1935, havia criado a organização armada Jovem Cuba. O Partido Comunista, na clandestinidade, recebia uma nova orientação, após o VII Congresso da III Internacional: constituir frentes amplas, alianças com setores nacionalistas burgueses, penetrar nos aparatos de governo, como estratégia para combater o fascismo em ascensão – oposta à visão extremista que predominava até então.[10] "Hitler adquiria poder e armava-se até os dentes... Em âmbito internacional, as frentes amplas seriam a política inquestionavelmente correta, pois o que permitiu a sua ascensão na Alemanha foi a divisão na esquerda, a social-democracia e o Partido Comunista alemães..."[11]

Blas Roca, o secretário-geral, lançou-se a alinhavar um acordo com Ramón Grau, que evitou o encontro. Gestões do PC norte-americano para promover a aproximação não frutificaram. Eduardo Chibás, o jovem líder autêntico em voga, repudiou com veemência a possibilidade de acordo. Tecia críticas públicas à pequena guerra que Stálin patrocinava contra a Finlândia. "Em todo o mundo, os comunistas engajaram-se numa espécie de hara-kiri para defender a URSS. Certo que não podiam abandoná-la, apesar dos erros que cometera. Viram-se forçados a defender pontos impopulares, como o Pacto Molotov-Ribbentrop[12], a ocupação de uma parte do território polonês e a guerra contra a Finlândia... A URSS seguia uma política que deu margem a que se cometesse todo gênero de abusos e crimes... Praticamente, acabaram com o partido e com as forças armadas... e contribuíram para criar as condições mais adversas quando chegou o momento da guerra, excetuando o grande esforço de industrialização"[13], refletiu Fidel.

Consolidando-se no cargo, Stálin usou-o para eliminar opositores, rivais, inimigos imaginários e reais, como Leon Trotsky, banido da URSS. Este reforçara a prédica da "revolução interna-

cional", identificada com o repúdio ao "fechamento" proposto por Stálin. Redefiniam-se as vertentes da divisão no movimento comunista: alguns setores e organizações viram-se estimulados a romper com o "Komintern", reivindicando autonomia para atuarem de acordo com os seus contextos.

No quadro internacional, a URSS confluía em direção aos Estados Unidos. A ideologia fascista expandia-se pelo mundo, inspirando formas de governo e constituindo-se em ameaça à preponderância norte-americana. Roosevelt decidiu promover ajustes em sua política para a América Latina, estimulando a celebração de eleições e o relaxamento das ditaduras. Havia deixado sem efeito a Emenda Platt em Cuba, mas incentivou o aparelhamento de seus institutos militares e a formação de uma geração de oficiais cubanos em academias norte-americanas. Consoante com as expectativas, Batista assumiu uma postura populista, com medidas como a de criar uma rede de escolas cívico-militares, com sargentos habilitados como professores nas zonas rurais do país, uma dessas próxima a Birán.

* * *

Perto do fim do ano de 1936, houve uma epidemia de tifo em Santiago e os alunos internos não puderam deixar as escolas durante o Natal. Fidel teve de esperar um feriado seguinte para ser liberado. A primeira coisa que fez quando chegou a Birán foi pegar seu potro Careto na estrebaria. Depois de uma curta cavalgada, mergulhou, montado, na foz do Rio Nipe. Seus arroubos, nessa temporada, quase tiveram um desfecho trágico. O Nipe um dia andava encrespado, e mesmo assim Fidel, imprudentemente, entrou na correnteza, montado em Careto. De repente, um golpe de água atingiu-os e atirou Careto contra a comporta da represa, que, por sorte, encontrava-se aberta; não estivesse teriam sido esmagados. Ele ficou imerso por alguns minutos. Quando surgiu à tona, ofegante, estava agarrado a um tronco.

Com o braço livre, conseguiu nadar, sempre junto ao dorso do potro, e ambos chegaram à margem salvos.

Em casa, ficava num canto do andar de baixo lendo, saltando partes de algum dos dez volumes da *História da Revolução Francesa*. Às vezes, era tomado pelo som da música galega ou pela voz do cantor Caruso, nos discos que D. Angel punha na vitrola de dar corda, um trambolho feito de madeira. Se havia jogo de *pelota* (beisebol), uma das acirradas disputas entre as equipes de Almendares e Marianao, Fidel colocava os livros de lado e ia ouvir a transmissão pelo rádio. Reparou, pelas redondezas, que ninguém mais o chamava de "judío" (judeu), mas só então compreendeu que o apelido não se referia ao pássaro escuro e alvoroçado do mesmo nome (judío); mas, sim, porque se sabia que não era batizado.

Os galegos de Birán seguiam atentamente o desenrolar da guerra civil na Espanha. O cozinheiro García, que compunha o bloco dos imigrantes que rejeitavam Franco, ansiava sempre por notícias. De um modo geral, os imigrantes espanhóis em Cuba dividiam-se, meio a meio, em contra e a favor de Franco. Na copa, Fidel lia para o cozinheiro os jornais que vinham de Santiago e, em seguida, metia-se no laranjal. Lá, armava uma guerra, toda sua, chegando à casa empapado de suco de laranja podre.

Passeio de barco na Baía de Santiago com colegas do La Salle

Exemplo de luta

Oscar Niemeyer

É difícil falar sobre Fidel Castro sem cair na monotonia de frases já ditas. Para esta biografia tão importante escrita por Claudia Furiati, vou tentar fazer isto aqui. Embora um pouco constrangido, vou contar alguns fatos que entre nós ocorreram. Lembro-me, muitos anos passados, de quando Fidel me convidava para um projeto na Praça da Revolução, em Havana. Eu estava em Paris e, para ir a Cuba, teria que passar pela Espanha e de lá, num avião soviético, voar para a capital cubana. Não fui.

Depois, foi a vida a nos aproximar, com declarações que eu fazia sobre a Revolução Cubana, os protestos que assinava, as respostas que dava nos interrogatórios policiais, quando me perguntavam sobre ele e sua revolução.

E ficamos amigos.

No escritório de Niemeyer, em Copacabana, no Rio de Janeiro

De longe, Fidel me convocava e, como sabia da minha ojeriza por aviões, dizia sorrindo aos que lá circulavam: "Vou mandar um navio buscar o Niemeyer". E passamos a nos encontrar, sempre que ele vinha no Brasil. Recordo uma noite em que esteve em meu escritório, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Convoquei os amigos, e até meia-noite ele ficou a falar sobre a Revolução Cubana, as ameaças que surgiam, o cerco odioso que os norte-americanos mantinham contra o seu país. E o ouvíamos, surpresos não apenas com o seu talento verbal, mas principalmente com a coragem com que ele luta contra a pobreza e a miséria deste estranho mundo que deseja modificar.

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

Editora Revan

FidelCastro
UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA
TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

1ª Edição

Editora Revan

Coordenação Geral
Nei Sroulevich

Projeto Gráfico e Capas
Fernando Pimenta

Revisão
Heloiza Gomes

Diagramação e Editoração
Domingos Sávio

Fotos e Ilustrações Gráficas
Todas as fotos e ilustrações gráficas da presente edição foram gentilmente cedidas pela Oficina de Assuntos Históricos do Conselho de Estado da República de Cuba, incluindo as dos fotógrafos cubanos Alberto Korda, Libório Noval, Raúl Corrales e Osvaldo Salas; pelo jornal Juventud Rebelde, de Havana; pela Agência Noticiosa Prensa Latina (PL); e pelos fotógrafos brasileiros: Magno Mesquita, Evandro Teixeira/AJB, Wilson Dias/Radiobrás, Luiz Antonio/ Agência O Globo, Acervo-AE; e divulgação do Palácio da Liberdade.

Fotolitos
Imagem & Texto Ltda.

CIP-Brasil, Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Furiati, Claudia, 1954 - Fidel Castro, Uma Biografia Consentida / Biografia
I Tomo: Do Menino ao Guerrilheiro - 576p.
II Tomo: Do Subversivo ao Estadista - 480p.

ISBN

“Esta não será uma biografia autorizada, muito menos oficial. Trata-se de uma biografia consentida. Somente a lerei após sua publicação. Reservo-me o direito de dela discordar, se achar conveniente”.

(Declaração do Comandante Jesús Montané à autora, em nome de Fidel Castro) Havana, setembro de 1997

In memoriam

A Jesús Montané Oropesa e
Manuel Piñeiro Losada,
chaves de realização
desta obra que não
puderam ver concluída.

Sumário

TOMO I

Compondo a equipe de atletismo do Colégio Belén, 1943

P A R T E I I

Bola na Cesta e Trampolim

Nas terras de seu pai em Pinares de Mayarí, 1937

CAPÍTULO 5

Com o colega René Hernán de Bárzaga, em uma solenidade do Colégio Dolores, 1938

Namoro e reviravoltas

Fidel e Ramón preparavam-se para regressar à cidade e Raúl desandou a chorar, não se conformava em ser afastado dos irmãos. Castro, então, levou-o para matricular-se também no La Salle. Na conversa com o diretor, irmão Fernández, terminou comprometendo-se a contribuir financeiramente para as obras do novo prédio do colégio.

Com apenas cinco anos, o caçula do internato, Raúl, tornou-se a sensação da escola. Entre os colegas, consolidou-se o apelido que os irmãos lhe deram, Pulguinha, que aceitava de bom grado – nas mensagens enviadas aos pais, assinava inclusive: "com todo o carinho de Pulguita". Corria pedalando seu velocípede pelas dependências, geralmente atirando-se escadarias abaixo ou esbarrando de propósito no piano da sala de música. Alternando-se com o enfermeiro irmão Enrique, Ramón era quem cuidava dele; dava-lhe banho, vestia-o e o vigiava durante as excursões das quintas-feiras na lancha e no balneário, para que não se perdesse nem se jogasse no mar. Aquele miúdo era ardiloso: as encrencas que arrumava, geralmente com os marmanjos, acabavam sobrando para o papá Ramón, como Raúl chamava o irmão mais velho.

Certa feita, um barbeiro foi contratado para cortar o cabelo dos internos. Logo, o colega Reynaldo avisava a Ramón e Fidel que Raúl aparecera no pátio com um estranho corte de cabelo, cheio de falhas, dizendo que a culpa era do barbeiro. Os dois irmãos foram reclamar com o homem, que assegurou que não havia sequer posto os olhos em Raúl. O menino terminou confessando que se metera debaixo da cama, com um espelho, e, por conta própria, passara a tesoura no cabelo, pois estava atacado de coceira de piolhos. "Ah... Então, você vai ficar desse jeito mesmo", retrucou papá Ramón, enfezado. Mas Reynaldo, com pena de Raúl, levou-o para raspar a cabeça. Na comemoração do final do curso, ele apareceu assim no palco, muito engraçado, entoando um solo: "... A porta da minha casa tem uma coisa, tem uma coisa / Mas, que coisa, mas que coisa? / Que se abre e se fecha como as outras, como as outras..."

Angelita, interna no Colégio Belén de Santiago, recebia a visita de Fidel e Ramón aos domingos, quando saíam de folga. Levavam-lhe doces, pedindo que ela lhes desse alguns, porque todo o dinheiro que tinham havia sido gasto com o presente. Por duas vezes, Angelita foi com os irmãos em passeio à praia de

Renté, onde os Irmãos La Salle alugaram uma casa para banhos de mar e piqueniques. Lá, atravessavam a Baía de Santiago até a ponta do alto-mar. O choque forte das ondas, estremecendo a lancha, desesperava Angelita, embora deliciasse Fidel, que se atirava n'água para nadar.

A família de Cristóbal Bóris, dono da *Bahamas Cuban Company*, à qual D. Angel vendia madeira, acompanhava-os nos passeios. Bóris tinha um filho, Cristobita, companheiro dos três irmãos em um dos quartos particulares do internato, um privilégio decorrente dos favores que Castro prestava ao La Salle. Por sua ingenuidade, Cristobita acabou tornando-se uma vítima preferida de Raúl. Uma tarde, estando no quarto com ele, escutou carros de bombeiros passando pela rua. Assustado, perguntou: "O que está acontecendo?" Raúl lhe respondeu: "Santiago de Cuba está pegando fogo!" Cristobita saiu apavorado, gritando pelos corredores – "Socorro, socorro, quero minha mãe, minha mãe!" –, deixando os religiosos em polvorosa.

Havia, contudo, momentos de convívio ameno. Em Birán, Cristobita juntava-se aos irmãos para subir a montanha em direção à madeireira em Pinares de Mayarí. No percurso, Fidel falava sem cessar, expressando-se com gestos, enquanto Raúl preocupava-se em ajeitar o seu revólver de brinquedo preso ao cinto. O grupo pegara o gosto de cavalgar por aqueles atalhos, onde o acúmulo de chuvas não formava lodo e as águas escorriam naturalmente para o vale. Os cavalos sentiam o esforço da subida íngreme, fazendo ecoar um curioso som das ferraduras das patas, por conta de uma mina de ferro que existia no subsolo, a pouca profundidade. Mas, ao chegar ao topo, o frescor do clima os reanimava: as copas das árvores entrelaçavam-se como um tapete sobre os riachos e as cachoeiras. O ponto mais alto, o Mayarí de Cima, emparelhava-se à Sierra Maestra, vista a alguns quilômetros ao Sul, para onde Fidel também promovia prolongadas excursões, que lhe proporcionaram um conhecimento detalhado da região.

Em Pinares, ele montava no trator e participava do recolhimento das toras. Adorava caçar pelos arredores com as escopetas tiradas do depósito, aperfeiçoando a pontaria em galinhas da Guiné, periquitos e pombas-torcais. Os trabalhadores da madeireira precisavam manter as fogueiras acesas dia e noite – por lá, já no verão fazia frio, quanto mais no inverno. Finda a jornada, às escondidas, no sobrado, Ramón, Fidel e Raúl praticavam um novo jogo que haviam inventado, uma espécie de loteria. Surpreendidos por morcegos que invadiam o quarto, pela janela, os garotos lançavam trapos de roupa contra eles e faziam fumaça para espantá-los.

Por suas boas notas escolares, em 1938, Fidel saltou do quarto para o quinto ano, mas as suas relações com o La Salle logo começaram a se deteriorar. Os irmãos do colégio não eram sacerdotes; pertenciam a uma ordem não escolástica criada na França medieval. Como uma boa parte da imigração que se estabelecera no oriente da Ilha, cultuavam a conduta austera de normas inclementes. Alguns membros da direção, e mesmo inspetores, extrapolavam as suas atribuições, adotando o costume de punir e surrar certos meninos, sob diferentes pretextos, protegendo outros por sua origem de classe. A conduta desigual provocava a revolta de alunos desfavorecidos.

Fidel reconheceria o proveito da convivência com o código disciplinar, mas ressaltaria também, posteriormente, o quanto despertou para as injustiças que testemunhou[1]. O irmão Bernardo, por exemplo, depois que comia, vinha pelo pátio com a boca meio aberta e um palito movendo-se entre os dentes, exalando mau cheiro, a vigiar os internos. Parecia trazer o diabo dentro de si. Cismava com Ramón – na hora do recreio sempre o mandava para o banco de castigo, impedindo-o de jogar beisebol. Já esmurrara Fidel em duas ocasiões, por rixas inofensivas entre colegas. Na última, gritou para ele, que estava *pitcheando*: "Ê! Tu também... Castigo!" Seguindo o impulso de seu temperamento, Fidel reagiu com extrema veemência. Partiu para cima do religi-

oso e aplicou-lhe uma mordida no braço direito. O irmão Bernardo revidou, socando-o com a outra mão. O menino não soltava os dentes. Por pouco não lhe arrancou um pedaço do braço.

O irmão-diretor, habitualmente um homem cordato, mandou chamar D. Angel para pedir-lhe que retirasse os filhos da escola. No encontro, esqueceria – taticamente – a ajuda financeira fornecida por D. Angel às obras do estabelecimento. "Não vai à escola mais, vai ficar em Birán", o pai dizia a Fidel, com uma ponta de amofinação que só desanuviou ao receber a notícia da visita do seu irmão Gonzalo, vindo de Buenos Aires. Pena que a estada não passou de uma semana, embora D. Angel houvesse insistido para que permanecesse uns dias mais, recuperando-se, naqueles ares de campo, do desgaste com o trabalho. Mas já a esposa e os três filhos aguardavam-no na Espanha, para logo retornarem à Argentina, onde Gonzalo vislumbrara boas perspectivas de comércio, estando decidido a fixar-se no país[2].

Em Birán, Fidel começou a ajudar o pai na contabilidade do escritório durante a semana, ou a mãe na loja, por onde transitava toda aquela quantidade de pedintes, muitos em estado de miséria absoluta. Mas, assim que podia, montava o cavalo e ia explorar paragens distantes e outros chuchos, conversar com os camponeses. Nas manhãs de domingo, recolhia-se à leitura, pois não apreciava as brigas de galos, ao contrário dos conterrâneos.

Quanto a Raúl, mostrava-se incontrolável. Fustigava as meninas, ainda que com a irmã Juana, que tinha quase a sua idade, a implicância parecesse um jeito de mostrar afeto. Descobriu um esconderijo para meter-se quando o chamavam – um baú de quinquilharias depositado no segundo andar –, provocando, certa vez, um desespero geral por mais de uma hora. Castro decidiu pô-lo em uma escola cívica-militar – a Villa Moro –, das que Batista fundara. Às segundas-feiras, o velho paisano Cortiñas punha-o na sela do cavalo e levava-o ao núcleo, em Marcané, onde permanecia até as quintas, aos cuidados de um mestre tutor, Armando Nuñez Castillo, retornando à casa para os fins de se-

mana. Em uma dessas oportunidades, o tratorista Leôncio recebeu honras militares de uma improvisada tropa de camponeses, em cerimônia montada por Raúl, que a aprendera na escola – seria a primeira, de uma série de muitas que ele organizaria em um insuspeito futuro. Ainda em Villa Moro, o menino Raúl tiraria uma foto no colo de Batista, em uma passagem deste pela escola.

Recobrada a insatisfação, Fidel desejava voltar aos estudos. Percebendo que as suas insinuações ou os apelos ocasionais não surtiam efeito, ameaçou tocar fogo na casa, se não o mandassem de novo a Santiago. A intenção era pressionar a mãe a interceder por ele junto a D. Angel. Lina, por valorizar a formação que ela mesma não tivera, apoiou o filho e Castro cedeu.

No verão de 1938, Fidel já estava em Santiago, morando no aprazível casarão de esquina da família Mazorra, aguardando o ingresso em um novo colégio. Castro, além de patrício do Sr. Mazorra, era um antigo e cativo cliente de sua loja de roupas masculinas, *La Muñeca*.

Riset, a filha do comerciante, era colega de Angelita, que vinha receber aulas particulares da prestigiada professora Emiliana Danger Armiñán, no casarão. Com a curiosidade aguçada, Fidel aproximava-se para assistir às aulas e logo assimilou os ensinamentos. Quando a professora Danger formulava alguma pergunta, ele respondia espontaneamente, com presteza e elaboração, dependendo do tema. Assim, nasceu uma afinidade entre a professora – ela, uma negra de ascendência haitiana – e o aluno informal. O entusiasmo recíproco levou-a a oferecer-se para prepará-lo aos exames no Colégio Dolores.

Em setembro, na primeira semana de classes, ele sofreu uma crise de apendicite, precisando submeter-se a uma cirurgia. Permaneceu convalescendo três meses, na clínica da Colônia Espanhola, pois a cicatriz demorava a fechar. Reeditando o ciclo anterior, Ramón veio da fazenda para fazer-lhe companhia, em um tenso cotidiano hospitalar com freiras enfermeiras cruzando portas e corredores. Ali, o único lazer de Fidel, que por

pouco não virou uma mania, era extrair o apêndice de lagartixas. Quando capturava uma paciente, chamava Ramón: "Fique olhando. Vou operá-la".

Os estudos foram suspensos, mas a professora Danger se mostrava segura de que, tão logo ele recebesse alta, com um roteiro especial de lições, poderia não apenas recuperar o tempo perdido, como saltar o período que não pudera cursar. Dias de angústia para o adolescente Fidel. Restabelecido, mais magro e comprido, apesar de estar motivado para o colégio, sentia-se desgarrado no convívio dos Mazorra. Atormentava-se com voltar a Birán. Num fim de semana, acometido de dor de dentes, subiu ao balcão da varanda e ameaçou atirar-se à rua, na frente da irmã Angelita, que estava na casa de visita. Carmem, a esposa de Mazorra, acorreu aflita, mas nada sucedeu, era apenas o seu meio de chamar a atenção. Na alma de Fidel, a triste certeza: Birán restava cada vez mais distante.

* * *

Os exames para o Dolores foram realizados em uma instituição pública, em meados de 1939. Na argüição oral, o catedrático Douglas Lea propôs-lhe uma questão de Ciências:

– Diga o nome de um réptil...

– Um majá!, ele respondeu.

– Mencione outro réptil, insistiu o professor.

Ameaçando vacilar, Fidel disse:

– Outro majá![3]

A banca examinadora considerou acertada a resposta, sendo ou não um embuste, pois evitava a obviedade dos jacarés e crocodilos. Aprovado com o conceito notável, Fidel cumpria as previsões da professora Danger.

O colégio, administrado por jesuítas, era característico dos filhos da classe alta de Santiago, dividida em duas categorias: a

dos ricos negociantes sem linhagem e a dos representantes das oligarquias residentes no bairro de Vista Alegre. Havia uns poucos pobres – entre eles, um de sobrenome Ferrer que ganhara uma bolsa de estudos e executava pequenas tarefas para os padres –, mas de cor branca. Em todo o corpo discente, na lembrança de Fidel, havia apenas uma meia-exceção a essa tácita regra, um garoto mulato, a quem foi apresentado pelo padre Domínguez[4].

Semi-interno, Fidel voltava regularmente ao casarão dos Mazorra, para seu desgosto. Não se conformava por deixarem-no sem um centavo, o que o impedia de tomar sorvete, ir ao cinema ou comprar a revista semanal de quadrinhos *El Gorrión*, que chegava da Argentina aos domingos. O argumento, ou a desculpa, era que não alcançara ainda um rendimento máximo em todos os itens escolares. Sua diversão limitava-se a enfrentar a arrebentação das ondas ou a catar caranguejos na praia La Chivera.

Em um passeio da turma da escola à praia Siboney, dois de seus colegas foram proibidos de cair n'água por estarem pagando penitência. Fidel, mirando obcecado um trampolim bem alto e aborrecido por estarem os dois sentados nas pedras, propôs ao padre Julián Leon:

– Se eu me atirar de lá de cima, o senhor deixa eles entrarem n'água?

O padre, duvidando que ele realizasse a façanha, aceitou a aposta. Fidel subiu ao trampolim, deu dois saltos na tábua e lançou-se de cabeça, com categoria. Desapareceu submerso por um minuto, mas a seguir veio à tona botando água pela boca – e, assim, os rapazes foram liberados do castigo.

No colégio, praticava já diversas modalidades esportivas, além do beisebol, basquete e futebol americano. Tirava boas notas, embora só se pusesse a estudar quando se aproximavam as provas. Graças à sua desenvolvida memória, auditiva e visual, decorava rápido toda a matéria. "Impressionei-me em descobrir que cada região do mapa do mundo tivesse uma cor. Lembro perfeitamente que a vermelha pertencia a todas as colônias inglesas da África,

do Oriente Médio, Ásia e Oceania. Via um mapa quase todo vermelho. Isso era mostrado aos alunos como um fenômeno natural”[5], narrou Fidel, sobre a sua descoberta da Geografia Humana. Aprendeu a fazer as operações de dividir com rapidez, porque o padre Salgueiro, em vez das “mea culpas” copiadas em folhas e folhas, impunha como castigo fazer contas, com seis cifras no dividendo e três no divisor. Em geral, eram umas 20 divisões por penalidade.

Como método pedagógico, a par dos dogmatismos, os jesuítas estimulavam os exercícios para o desenvolvimento da personalidade. Condenava-se a fraqueza e o deslize; premiava-se a iniciativa e o empenho. Fidel decifrava, a seu modo, a sutil orientação. Ocorreu, certa vez, que lhe mandaram decorar uns versos que ele não apreciou. Negou-se a aprendê-los e, quando tentaram impor-lhe um castigo, rebelou-se, derrubou uma carteira e convocou os demais colegas a acompanhá-lo na sua retirada da sala de aula. Padre Salgueiro, o encarregado da turma, era um espanhol baixinho, de péssimo gênio; se zangado, fermentava e dizia barbaridades; contudo, de veneta, soltava um gesto amável. Fidel o observava. O garoto concluiu que o melhor seria não lhe dar o troco, ouvir calado.

Incentivado por Lina, Fidel trouxe de Birán um papagaio de presente para o padre prefeito, que tinha afeição por aves. Tamanha foi a satisfação do presenteado, que o papagaio teve direito a um poleiro especial no pequeno jardim pegado à janela do salão de estudos que padre Salgueiro vigiava. Amestrado em horas reservadas por Fidel e um grupo de internos, a primeira fala que o bicho aprendeu foi: “Salgueiro, 20 contas! Salgueiro, 20 contas!” Como o bicho era mascote do padre prefeito, Salgueiro precisou agüentar quieto a provocação.

Boa camaradagem Fidel fez com o padre García, que, numa breve folga, acompanhou-o a Birán. Em Manacas, Castro estava patrocinando a campanha do filho Pedro Emílio, candidato a deputado pelo Partido Autêntico. Deu-lhe um carro de presente

para que se locomovesse em Santiago e ainda colaborou, novamente, para a eleição de Pino Santos. Apesar dos juros que lhe pagava em dia, o compadre Castro tinha a permanente sensação de lhe dever alguma coisa. “Em minha casa sempre diziam que era ruim endividar-se. Cresci com a idéia de que pedir um empréstimo penhorando algo é vergonhoso”, comenta Fidel.

D. Angel ajudava outros políticos também, mas não exigia retribuição. Controlava os votos nas localidades onde exercia uma influência direta, dado que, como um resquício da época colonial, o homem do campo encarava a relação de trabalho como um favor, votando no candidato que o patrão indicava. Gastou 70 mil pesos, 60 mil só em pagamentos aos cabos eleitorais, ali denominados “sargentos políticos”, que andavam em permanente cavalgada pela Província do Oriente, distribuindo roupa e brindes aos eleitores. Normalmente, eram vaqueiros espertos, que ganhavam uma folgada comissão para conseguir os votos. Em períodos de eleição, o sono dos meninos era invariavelmente interrompido às 5h30 pelo metálico ruído de abrir e fechar das caixas das reservas de Castro, já que era a hora em que lhe apareciam, buscando artigos e dinheiro. Narra Fidel: “Naquele momento, eram 42 candidatos no oriente. Eu ensinava a votar em Pedro Emílio. Percorrendo as choupanas e as casas de Birán, dizia-lhes onde deviam marcar a cruz. Meu irmão me ofereceu um cavalo, se ele ganhasse... No dia das eleições, chegou a Guarda Rural e não deixou ninguém votar. Os soldados fizeram duas filas, com os eleitores a favor do governo de um lado e os que estavam contra, do outro. Aqueles votaram e os outros não. Bateram nas pessoas. Assim pude presenciar pela primeira vez uma grande farsa política. Pedro Emílio ficou como suplente. Ao falecer um deputado, chegou à Câmara e cumpriu a promessa do cavalo. Para quem vive no campo, uma promessa desse tipo significa muito...”[6].

* * *

No Executivo, o general Batista prosseguia em sua feição popular e populista, tolerando as liberdades e assumindo a convocação de uma Constituinte. No início de 1939, manteve um encontro com dirigentes do Partido Comunista (PC), no qual prometeu analisar as suas reivindicações, principalmente as da Central dos Trabalhadores de Cuba (CTC), controlada por eles. O PC promovia "um projeto democrático-burguês" para o país, ainda que sem perder de vista "objetivos revolucionários superiores", como na URSS[7]. Juan Marinello, eleito secretário-geral, propôs a composição de "um partido único de forças progressistas"[8] e a elaboração de uma Constituição que não fosse fascista nem comunista, tentando neutralizar os sectários.[9] Chibás, pelo Partido Autêntico em ascensão, também defendia uma fórmula unitária, desde que excluísse os comunistas.[10] Logo estes divulgavam a decisão de integrar a coalizão em apoio à candidatura de Batista à Presidência. Mútua manobra: para consolidar-se no meio sindical, Batista necessitava dos comunistas, que, de sua parte, apostavam nele como o meio de viabilizar as orientações do exterior. Para uma grande parte do povo, ele era um bom chefe. A coalizão foi vitoriosa, ascendendo ao poder federal em 1940; ainda que para a Assembléia Constituinte, os autênticos obtivessem a maior quantidade de votos. A nova Carta, sob a influência dos seis representantes comunistas, entre estes, o jovem Carlos Rafael Rodríguez, foi considerada a mais avançada do Continente, na época, destacando-se o artigo 90, que proscrevia o sistema do latifúndio.

Marinello entrava para o governo com um cargo honorífico, ministro sem pasta no Gabinete de Guerra. Batista facilitou ao PC a fundação do jornal *Hoy* e da estação de rádio *1010*. Sobre o período, Fidel avaliaria: "O PC viu-se obrigado (...) a tornar-se aliado desse governo. A contradição levou logicamente a que muitos jovens com inclinação revolucionária e gente de esquerda deixassem de ver com simpatia o partido marxista-leninista cubano"[11].

Oficializada a aliança entre Stálin e Roosevelt para o combate ao nazi-fascismo, na Conferência de Teerã (maio de 1943), dissolver-se-ia a Internacional Comunista. Consagrava-se a política das frentes amplas, chamada no Caribe "browderismo", em alusão ao seu grande propagador, Earl Browder, o secretário do PC norte-americano.

* * *

Autorizado o divórcio pela Constituição, formalizou-se a dissolução do primeiro matrimônio de D. Angel, que aproveitou o ensejo e registrou todos os seus filhos com Lina, com o seu sobrenome. Em comemoração, a família Castro foi passear na Baía de Nipe.

Perto da serraria de La Casímba em Pinares, aos domingos, Fidel e Ramón visitavam as namoradas, filhas de um alemão naturalizado. Fidel tinha pego o gosto de usar um boné de marinheiro e fazia-se um fino conquistador. Aproximava-se matreiro, depois convidava a moça a passear. Mesmo não sendo tímido, era reservado e não se vangloriava de conquistas[12]. Se lhe perguntavam, preferia negar. Teve uma namorada chamada Deisy e parecia gostar de seu olhar estrábico[13]. Ao voltar ao sobrado, observava o interminável namoro de sua tia Maria Júlia com o pobre Martín Conde, que, sempre à mesma hora, amarrava as rédeas do cavalo na cerca e a esperava na varanda. Maria Júlia, então, aparecia e sentava-se ao seu lado. Os dois ficavam roçando os dedos e trocando olhares, pensando em quando poderiam se casar.

Vez por outra, Fidel apropriava-se das armas de D. Angel. Na época, andava exercitando-se com a escopeta marca U de chumbo grosso, nas aves do quintal. Emmita, uma das irmãs, reclamou quando o viu atirando.

– Vou dizer à mamãe!, gritou.

Fidel veio de mansinho, habilidoso:

Em exercícios ao ar livre com a turma do Colégio Dolores, 1938/39

– Não, não... Experimenta também...

Emmita empunhou a arma e disparou.

– Depenaste a galinha! Ih, já não podes dizer nada à mãe..., brincou ele.

Em seguida a cada safra, a semeadura da cana proliferava pelos bosques da região. As terras arrendadas por Castro já calculavam-se em dez mil hectares. Ao redor de Manacas, a United Fruit Company igualmente expandira-se, aumentando em dez vezes a sua área, proporcionalmente à extensão da presença norte-americana no país. Por conta de uma superposição de circunstâncias, o elo de Cuba com o vizinho do Norte nutria-se como um cordão umbilical, embora a ponto de romper-se, em algumas fases. Como curiosidade, note-se a indébita apropriação dos versos de uma "conga"[14] do compositor cubano Compay Segundo (Francisco Repilado). Quando gravada em inglês, "*Nasci en Siboney, província de Oriente, donde el sol es más caliente y se coje por el carey*" (Nasci em Siboney, na província de Orien-

te, onde o sol é bem mais quente e passa pelo chapéu), tornou-se: "*I was born in Manhattan, in the city of New York, where the dog eats dog and for a penny one gets shot*" (Eu nasci em Nova York, na província de Mannhatan, onde o cachorro come cachorro e por um centavo se mata).

Do progresso, a contrapartida alardeada do papel dos Estados Unidos na vida cubana, um sinal generoso apareceu na cozinha do sobrado. D. Angel finalmente se convenceu de que a energia a gás estava obsoleta e comprou um gerador, cancelando as agruras de García com a geladeira. Fidel pôde assim desfrutar da experiência de fabricar sorvetes, de preferência os de guanábana e manga, aprendendo o jeito de bater o creme com a espátula à mão. Pela rádio, a seqüência da Segunda Guerra Mundial entrava em Birán, quando D. Angel, preocupado, concentrava-se para ouvir as notícias.

Encarando a máquina fotográfica, no refeitório do Colégio Dolores, 1940/41

C A P Í T U L O 6

Em 1942

Mensagem a Mister Roosevelt

Parados frente ao espelho, Fidel, Raúl e Emma comentavam como eram parecidos. Verdade que tinham traços similares, ressaltando-se, entretanto, duas diferenças em Fidel: o biótipo longilíneo – suas pernas eram sempre mais compridas do que as calças, mesmo após Lina soltar as bainhas – e as me-

chas alouradas no cabelo. Estava em franca adolescência. Dispunha-se a todas as competições com os irmãos, das mais pueris, como quem tomava mais leite ou suco – até um incontido "basta!" – às arrojadas, como atirar facas em objetos a distância. Sobre a mesa de pinho rente aos azulejos, eram tantas as peças de queijo fresco ou curtido à espera de um incerto freguês na leiteria, que lhes provocavam o irresistível impulso de atravessá-las.

Recentemente, trouxera da cidade o equipamento necessário para formar um time de beisebol em Birán e disputar partidas com a equipe de Marcané. Dedicou-se com afinco aos treinamentos e idealizava, com o irmão Ramón, espalhar torneios por toda a região. Andava fascinado pelas lutas de boxe e pediu a D. Angel que comprasse alguns pares de luvas, avisando aos rapazes da redondeza que armaria um ringue no terreiro da briga de galos. Marcou o quadrilátero com uma corda, na vala redonda, e permanecia ali horas, inventando um pugilismo sem instrutor nem técnica. Encaixava o muque, posicionava os braços e metia murros no saco de treinamento. Quando voltava para casa, continuava cruzando as luvas contra o vento.

Como o boxe era uma novidade no meio rural, o ringue superlotou no dia da inauguração. A platéia morria de rir, pois os adversários ignoravam as regras do esporte. Na hora da luta, valia quase tudo, apesar do alerta de que deveriam ater-se ao espírito amador da demonstração, sendo distribuídas luvas folgadas aos menores, para não se machucarem.

Fidel também gostava de correr, o que fazia na estrada a Marcané, pedindo para alguém cronometrar o tempo, tentando reduzi-lo a cada novo estirão. As pernas compridas contribuíam para a excelência da *performance*, apesar de ele ter um leve defeito – virava os pés para dentro –, herdado por seu primeiro filho[1], que usaria sapatos ortopédicos.

Guardava em segredo a intenção de experimentar o Winchester 11, um rifle da época de Buffalo Bill. E logo teria a sua oportunidade. Das montanhas, quando salteadores armados

desciam para tentar invadir a fazenda, de olho na fortuna de D. Angel, a comunidade se mobilizava para rechaçá-los. Não havia pelotão de polícia ou do exército alojado perto da propriedade e, desde rapazola, Fidel teve de aprender a manusear bem as armas para ajudar os capatazes[2]. Quando dois bandoleiros que se moviam naquela zona, Azafrán e Mexicano, mandaram um recado ameaçando o sobrado, Fidel armou uma barricada na varanda e ficou de vigília, junto aos cães de guarda, com o portão semiaberto; mas, por azar ou sorte, nessa madrugada não se viu a sombra dos salafrários.

Noutra noite, antes da hora da leitura, decidiu empunhar o Winchester e mirou Ramón de brincadeira. Desviou o rifle para o alto e um tiro escapou. A bala chegou a romper o chão de madeira do quarto de cima e os pais desceram as escadas em pânico. Ao deparar-se com o rifle nas mãos de Fidel, a fúria subiu às faces de Castro. Prevendo o que iria acontecer, Ramón adiantou-se para socorrer o irmão:

– Foi um acidente, a escopeta encravou!

Mas o pai só abrandaria com Fidel na semana seguinte, quando este veio puxar o assunto dos guerreiros da Independência. Desde a infância de Fidel, a relação dos dois intensificava-se nesses momentos de recontar velhas histórias de aventura.

* * *

De navio, chegara a Santiago uma equipe de estudantes norte-americanos para uma competição de basquete. O primeiro jogo com o Colégio Dolores seria no campo da Alameda. A pedido de Fidel, de volta às aulas, escalado como titular para o time, a luz do pátio da escola permanecia acesa à noite para treinamentos. Ele não descansava enquanto não acertava diversos arremessos contínuos à cesta. Inserido na atmosfera de intimidade com os Estados Unidos, ainda engatinhando no inglês, resolveu escrever uma carta ao Presidente Roosevelt[3]: "*President*

of the United States... If you like, give me a ten dollars bill green american, in the letter because never I have not seen a ten dollars bill green american and I would like to have one of them. My adress is: Sr. Fidel Castro, Colegio de Dolores, Santiago de Cuba, Oriente-Cuba... I don't know very English but I know very much Spanish and I suppose you don't know very Spanish but you know very English because you are American but I am not American" (Presidente dos Estados Unidos... Se você gostar, me dá uma nota verde de dez dólares, na carta porque eu nunca vi uma nota verde de dez dólares e gostaria de ter uma delas. Meu endereço é: Fidel Castro, Colégio de Dolores, Santiago de Cuba, Oriente-Cuba... Eu não sei muito inglês, mas sei muito espanhol e suponho que o senhor não sabe muito espanhol, mas sabe muito inglês porque o senhor é americano, mas eu não sou americano...").

Fidel fez um bom amigo, René. Participavam de excursões campestres, junto com os colegas de turma: Mastrapa, Prada, Martínez e Balbino, filho de um próspero negociante, dono do *Magazin El Encanto*. René testemunhou que Fidel era um entusiasta do alpinismo e do *camping*. Uma das primeiras explorações foi em Porto Boniato, depois em El Cobre e El Caney. Querendo sempre escalar a parte mais alta, Fidel era o primeiro a subir e o último a voltar. Às vezes, o ônibus escolar retardava o regresso em até duas horas, só porque ele permanecia na montanha[4].

Raúl passara por uma escola em Playa Manteca[5], para cuja direção fora designado o seu tutor, Castillo, de Villa Moro. Tratando de não perder a ajuda econômica que recebia de D. Angel, o tutor pedira para levar consigo o discípulo, mas um dia chegou uma ordem governamental proibindo a residência de menores na escola e Raúl foi conduzido às pressas para a casa de um parente do mestre, em Santiago. Ao tomar conhecimento do ocorrido, D. Angel foi buscar o filho e matriculou-o no Dolores, reunindo-o aos irmãos.

Nesta fase, Raúl e Fidel costumavam implicar um com o outro.

– Apaga a luz!, dizia Fidel antes de dormir.

– Apaga você a luz, Fidel!, respondia Raúl.

A seguir, Fidel dava-lhe uns cutucões de leve, rumorando seguidas vezes: “Chiiiiiii...”, para lhe provocar a vontade de urinar. Quem afinal terminava levantando para apagar a luz era Ramón, com eles ainda despertos. A birra entre os dois expressava uma fixação afetiva, sob as diferenças de temperamento e aptidões. “Todo dia, Fidel envolvia-se numa briga. Era de gênio explosivo. Desafiava os mais fortes e, mesmo derrotado, nunca se dava por vencido”. A observação é de Raúl, originada das partidas de beisebol no Estádio Leguina; ao passo que ele próprio, de modo esperto, colecionava artimanhas, mas evitava expor-se diretamente.

Em casa, um dia, Raúl perguntou à empregada Manuelita se santo emprestava dinheiro. Tinha em mente as duas caixas, em frente ao santuário, onde Lina depositava o pagamento das promessas devidas por graças alcançadas junto a São Lázaro e a Virgen de la Caridad del Cobre. A empregada respondeu que sim, mas que sempre se devia pagar o empréstimo, como a qualquer um. Raúl, então, pegou todo o dinheiro das caixas, prometendo aos santos, em meditação, devolvê-lo. Quando Lina descobriu a limpeza, logo adivinhou quem havia sido o culpado.

No colégio, durante uma reza coletiva na capela, Raúl percebeu o Magro Rodríguez adormecido. Buscou uma corda, amarrou uma das pontas ao sino da parede lateral e, a outra, ao tornozelo do garoto. Começou a espetá-lo para que se remexesse, fazendo o sino badalar. Em breve, os fiéis da vizinhança amontoavam-se no portão, mas Raúl já havia desaparecido.

A predileção pelos ardis não quer dizer que dispensasse uma briga. No ringue improvisado na fazenda, Raúl desafiou Agustín Sánchez e lhe aplicou vários socos. O outro avançou mordendo-o com fúria e Fidel teve de separá-los.

Um grupo sempre se reunia no ringue do terreiro para boxear. Mongo (apelido de Ramón) chamou Gilberto Suárez, certo dia, e lhe disse:

– Olha, é você com Fidel.

O outro, que tinha cinco anos mais do que Fidel, respondeu:

– *Chico*, as luvas não me servem e não posso ficar muito tempo por aqui. Ele gosta sempre de esticar as lutas.

Mongo, que atuava como segundo de Fidel, acabou convencendo-o, prometendo que seria uma luta curta. Fidel calçou as luvas, mas observou que Gilberto não tinha amarrado as suas. "Amarra as luvas", exigiu. E Gilberto sentiu, então, que ele se perfilava com a intenção de lutar para valer.

Logo, os dois estavam enganchados numa chave de braço, trocando golpes cada vez mais renhidos, até que Gilberto deu um murro forte na cabeça de Fidel, que quis reagir. Mongo rapidamente sujeitou o irmão no canto e lhe disse:

– Chega, já está bom!

– Bom para quem?, irritou-se Fidel, empurrando-o.

Daí, voltou ao centro do ringue, mas Gilberto resolvera que o melhor era sair dali o quanto antes. Atrás dele, o resto da platéia.

Em outro episódio, Goyo, um lavrador da United, tipo peso-pesado, que lutava com Fidel, de repente, arrancou as luvas, agarrou-o pelo cangote com aquelas mãos que pareciam patas de cabra e deu-lhe um murro forte na cabeça. Fidel ficou completamente zonzo, esteve a ponto de ir à lona, nocaute completo. O outro ainda se debruçou para agarrá-lo e da platéia gritaram para que o soltasse. A reação intempestiva de Fidel foi abandonar o ringue decidido a buscar uma arma, enquanto Ramón conduzia Goyo a um esconderijo no campo. Com a pistola no cinto, Fidel rodou por Birán à procura do homem, mas, como não o encontrou, logo esqueceu a vingança. Comentaria oportunamente que o rapaz era um "Stevenson", o norte-americano campeão amador mundial de boxe, em potencial – e seu golpe, o mais forte recebido em toda essa fase de excitação pugilista.

Há experiências que se enterram, outras não. Até pouco antes da morte do seu velho companheiro, Carlos Falcón, Fidel lhe perguntava, ao vê-lo: "Vamos à casa do Valeriano?". Repor-

tava-se a uma manhã quando, ao raiar o sol, os dois saíram a cavalo em direção a Pinares. No caminho, passaram pela granja do velho Valeriano, que estava ordenhando uma vaca. Como de costume, o velho ofereceu-lhes algo de comer e Fidel se fartou de mel com presunto[6]. Seguiram a galope. Ao chegarem à ponte do Martíllo, Fidel disse a Carlos: "Estou tonto..." Apeou, atirou-se na relva e dali não se ergueu até o fim da tarde, atestando o provérbio camponês: mel em jejum embebeda.

Já adultos, lembravam-se sempre do dia em que foram buscar Pepe, um velho periquito esfogueado, e o meteram no viveiro, promovendo uma verdadeira guerra de bicadas. Ou do apelido que Fidel dera a Juancito – Juan *La Noche*, pois o amigo era um negro retinto. E da porca branca que comia toda a ração das galinhas e do trote do bode Perico, que amassava a cana mais nova. E isso até que Castro ordenasse que "desaparecessem" com esses bichos. "O bode lutou contra a morte feito um lobo", comentou Falcón. E só salvou-se a pele dos cães Huracán e Napoleón, graças à intervenção de Fidel – tinham destroçado dois faisões recém-chegados a Manacas, mas o garoto propôs ao pai que criassem cutias, que não aguçavam o apetite canino. A memória percorria até a figura das pombas abatidas no laranjal. "Fidel já era um atirador de primeira. Ele dizia: 'Agora é a tua vez...' E eu corria à tenda para encher os bolsos de munição, discretamente...", relembrou Falcón. Lina acabou percebendo o roubo e providenciou um vigia.

Noutra oportunidade, destrancaram a caixa d'água, o que quase fez a plantação virar uma lagoa. D. Angel chamou-os e tirou uma nota de dez pesos da sacola de casimira: "Darei a quem confessar, porque... até reconheço que o trabalho foi bem feito. Regaram o laranjal..." Ao ver que não podia convencer nenhum dos dois, ergueu a bengala de *carey*[7]. Mas era só ameaça, como nas vezes em que, ao recostar-se para a sesta após o almoço, os meninos arrastavam a espreguiçadeira pela varanda cortando o seu cochilo.

A idade de Angel avançava. Entretinha-se na sala de estar, como se fosse um recebedor. Vinham os amigos, gente de fora ou os trabalhadores mesmo, haitianos ou cubanos, e se sentavam para conversar. O reumatismo estava atacando os joelhos e a bengala se tornava uma extensão do seu corpo. Mas era ainda útil para conferir se os meninos estavam mesmo na cama na hora de dormir. Tudo começara com as intrigas de Pepito. Primeiro, ele contou que os irmãos escapavam à noite para ir à padaria jogar com Padilla. O velho Castro não fez muito caso, mas quando Birán ficou sem pão fresco, certa manhã, descobriu que Padilla deixara de cumprir a tarefa porque o jogo acabara já muito tarde. Teve de mandar buscar pão no Alto Cedro a cavalo, pelos charcos. Depois, Pepito fuxicou que viu o padeiro e os meninos jogando dados com os haitianos no *batey*, o que molestou de verdade o velho. A partir daí, ele passava pelos quartos todas as noites e cutucava cada um com a bengala para conferir se estavam deitados. Depois que subia, Raúl esperava um tempo e escapulia. Afinal, os mexericos deram resultado. Castro tirou o contrato de Padilla e arrendou a Pepito a padaria.

Apesar de delgado, Fidel não apenas comia bastante, como desfrutava o ritual da mesa. O pai julgou que já era hora de ele conhecer outros prazeres: um charuto, uma bebida. O primeiro, nesse momento, rejeitou, mas bem apreciou o vinho. O pai, então, passou a lhe servir um copo no jantar. Raramente Fidel pedia mais, talvez porque o copo cheio o impedisse de movimentá-lo e ele, enquanto falava ou concentrava-se em algo, a mão, segurando o copo, explorava todo o arco ao redor do prato, se desocupada da refeição principal ou da sobremesa.

Ocasionalmente, D. Angel ainda exagerava na bebida, o que é comum na gente do interior, e depois esquecia o que lhe havia sucedido. Ao retornar uma noite de Miranda, onde fora tratar de um negócio, bastante embriagado, deteve-se na entrada da casa do cunhado Alejandro. Desceu do cavalo, desatou duas maletas cheias de dinheiro das correias da mula de carga

e bateu à porta. O cunhado acudiu aflito, logo percebendo o seu estado.

"*Ê... Chico, aguanta eso ahí*", pediu Castro, mostrando-lhe a carga. Alejandro recolheu-a e lhe ofereceu ajuda para montar no cavalo. Cambaleando, Castro assentiu com a cabeça e, depois de montado, seguiu caminho, trôpego. No dia seguinte, amanheceu reclamando com García, o cozinheiro, que tinha sumido todo o dinheiro que lhe haviam pago em Miranda. Pelo meio da tarde, apareceu Alejandro. Encontrou Castro macambúzio na sala, fumando um charuto espesso, abatido pela enxaqueca. Alejandro foi logo avisando que deixara as maletas no escritório de Angel. Acabou ganhando 15 dias de férias, mais 100 pesos, investidos em seguida na compra de um galo de briga que ganhara fama depois de derrotar um outro, 17 vezes campeão[8]. O tal galo provou ser bom mesmo e Castro acabou querendo comprá-lo, embora já estivesse desiludido da rinha porque raramente saía vencedor, além de ter seus melhores galos mortos nas competições.

* * *

Fidel entrava em uma nova fase de tédio, com ânsia de varar novos horizontes. Projetava ir para a capital, Havana, estudar. Para tanto, começou a pressionar, com jeito, os pais para que o deixassem partir, intuindo que seria bem-sucedido. Em uma das lutas de boxe, o adversário foi um amigo da região chamado Llane. No dia seguinte, ao chegar Lina ao armazém, acompanhada de Fidel segurando uma pedra de gelo na testa, Llane resolveu desaparecer, pensando que ele pretendia vingar-se dos golpes sofridos. O encarregado do armazém, que tinha intimidade com Fidel, foi lhe perguntar:

– Que aconteceu entre você e Llane?

– Nem me fale, Bartolo, esse moreno promete! Tem uma empunhadeira fantástica. Deu-me um golpe que ainda dói... E

completou, olhando Lina: "Vou levá-lo para Havana, prepará-lo lá no Vedado, para que boxeie de verdade".

Como o Colégio Belén, o maior da ordem jesuíta, exigia que o candidato ao segundo grau contasse com 15 anos completos e a solicitação formalizava-se em junho e Fidel só os completaria em agosto, D. Angel resolveu alterar a sua certidão – e daí veio o estabelecimento de sua data de nascimento no ano de 1926. Na partida à capital, Lina seguiu o filho pelo trajeto íngreme até a estação do Alto Cedro. Insistira uma última vez com Ramón para que acompanhasse o irmão, mas ele estava decidido a dedicar-se à fazenda. Fidel abraçou forte a mãe e o irmão, pegou a bagagem e foi andando para o trem, só e seguro.

Ao descer na estação de Havana, em setembro de 1942, Fidel retinha na mente a preocupação de não perder o seu dinheiro. Imbuído de responsabilidade, controlava a ansiedade de descobrir a cidade pela janela da condução. Quando lhe apontaram o prédio do colégio, construído sobre um pequeno monte, arregalou os olhos diante da sua imponência, e atravessou a quadra atrás da ponte sobre o Rio Almendares. Ao entrar no Belén, vinha abraçado ao relatório do reitor do Colégio Dolores, que declarava as suas ótimas aptidões.

A construção era suntuosa e acolhia mais de mil alunos. Quase 200 eram internos; outros tantos, semi-internos, que almoçavam em dois turnos num imenso refeitório. Havia três dormitórios: um, no segundo andar, dos meninos menores; o dos alunos do segundo grau, onde se alojaria Fidel, ficava num andar acima; um outro, à parte, era destinado à turma do último nível. As aulas gerais e as práticas desportivas eram realizadas em separado, de acordo com a faixa etária. O estabelecimento contava com vários campos, o ginásio – para beisebol, futebol, vôlei e basquete – e uma pista de atletismo.

Fidel logo se destacou por sua habilidade física, incorporando-se às distintas equipes que disputavam os campeonatos de esporte intercolegiais e estaduais. Machucava-se com freqüência,

sendo sempre atendido por Bebo, um rapaz ajudante de enfermeiro que se tornou um de seus primeiros amigos[9]. Bebo tinha três irmãos, também empregados no Belén: o servente Oscar, o cozinheiro Virginio e o ajudante de cozinha Manuel. Moravam na mesma quadra do colégio, em uma vila de casinhas alugadas a baixo preço pela administração jesuíta a alguns funcionários; enquanto outros, normalmente imigrantes espanhóis ou portugueses sem família, ocupavam quartos do subsolo do recinto escolar. A relativa concessão de moradia e a garantia da alimentação compensavam o fato de receberem menos do que um salário mínimo mensal.

Na escola, sempre se via Fidel conversando com os serventes. “Era franco e aberto, não como a maioria dos internos, os filhos de ricos que tinham o seu círculo e evitavam intimidade com o pessoal servidor”, relatou Bebo. Só Carlos Remedios, como era companheiro de time de Fidel, convidava-o para ir à sua mansão em um ou outro fim de semana. Ali havia um campo, onde eles, com Jorge, o irmão de Carlos, e Enrique Ovares, jogavam basquete. Para os alunos ricos, Fidel era um *guajiro* – camponês de cor branca – e assim era chamado. Não freqüentava os clubes *privés*, nem fazia parte das altas rodas sociais da capital. “Era alguém em quem não se pensava para a lista de convidados”.[10]

Bebo, um dia, resolveu lhe perguntar: “Se você também é rico, por que não sai para se divertir como todos os da sua idade?”. Fidel respondeu que mais lhe agradava “conversar com Pelón, o garçon galego, com o seu mano Manuel ou com Juan Ramos, o seu cunhado, que ajudava no treinamento da equipe de beisebol”.

Vindo de outra criação, mantinha o distanciamento do mundo esnobe, mas não se retraía. Na relação com os colegas, atribuíra-se uma função: distribuir os utensílios do esporte, como bolas, luvas e joelheiras. Seguia treinando muito, mas, pouco afeito às convenções, quase sempre o fazia fora do horário.

Depois passava pela enfermaria, cumprimentava Bebo e tomava um energizante, a poção *Jacout*, um preparado à base de aniz chamado por todo mundo de *El rayo*, que se bebia de um único gole[11]. Numa dessas ocasiões, conheceu o trabalhador Medina, que cursava à noite a Eletromecânica de Belén, uma escola técnica situada em frente ao colégio, dirigida pelo padre Sílvio. Fidel pareceu-lhe espichado "como uma palmeira" e brincalhão.

Ao sair da enfermaria, tomava um banho apressado e chegava ao refeitório para jantar quando os outros já se retiravam. Assim, com seu jeito desligado, Fidel preservava o mundo de Birán dentro de si, com que o real contato começaria a escassear. Nem sequer soube que, assim que seguiu para Havana, o velho cozinheiro García caiu doente e acabou preso ao leito definitivamente. A menina Agustina rezava ao seu lado todo dia, pedindo à Virgem que morresse tranqüilo.

A capital, que absorvia Fidel, vivia o fim da conjuntura de guerra, com efeitos visíveis no panorama urbano. O texto da progressista Constituição permanecera sem aplicação; as leis não foram aprovadas. Além do descalabro econômico, no interior dos organismos do Estado, a corrupção se infiltrava, dilapidando os orçamentos.

Os bandos, do gênero "gatilho na mão", compostos por ex-machadistas, batistianos, autênticos e outros rebeldes, ocupavam as ruas como verdadeiras gangues, interferindo no processo político. Muitos valentões, gradualmente alçados a chefes de gangue, ganhavam notoriedade. Entre eles, El Colorado, Manzanillo, Jesús González Cartas, Emílio Tro e Mario Salabarría. Um dos bandos, a Ação Revolucionária Guiteras (ARG) tinha por objetivo executar membros da ordem pública. Os comunistas contavam também com uma tropa de choque, comandada por Rolando Masferrer. Em um ambiente de expansão da violência, Batista acabou apeado do governo, com a vitória eleitoral de Grau San Martín, o presidente do Partido Autêntico.

O programa, nacional-reformista, propunha uma "revolução autêntica", proclamando-se o partido como o legítimo herdeiro do ideário de José Martí.[12] Prometia moradias, escolas, melhores salários e meio ambiente sustentável, resgatando vários itens da Constituição de 1940. Trazia esperanças, algo essencial, e, logo, captava muitos seguidores[13]. Em seguida, com a vitória dos Aliados na Segunda Guerra, os Estados Unidos, com garbo superprotetor, estreitavam o seu abraço a toda a América Latina.

Fidel, Raúl e Ramón, em Santiago de Cuba, 1941

Treinando, Colégio Belén, 1943

C A P Í T U L O 7

No time de futebol do Colégio Belén, 1943

Bate-papo com quem pega no batente

Padre Barbei, o coordenador de Educação Física do Colégio Belén, exigia estrito cumprimento dos horários. Absorto em alguma atividade, Fidel atrasava-se ocasionalmente, chegando às pressas ao ginásio ou ao pátio, após a chamada. A princípio, Barbei repreendia-o asperamente. Mas, passados

alguns meses, deixara de se importar com seus atrasos, percebendo que não se tratava de negligência. Ao contrário, durante as aulas, Fidel demonstrava a constante obsessão por superar-se. Numa corrida de bicicleta, acabou caindo e ferindo-se na cabeça, de tanto que forçou para vencer a prova.

Em dezembro, participou da Liga Intercolegial e Juvenil de Futebol, como titular na categoria de menores de 18 anos, exibindo um chute potente: "Fidel Castro distinguiu-se neste campeonato, com sua impetuosidade indomável. Este foi o único reforço que recebeu Belén para a categoria superior".[1] O time do colégio terminou em primeiro lugar, após três empates. O jornal *Diário de La Marina* (05/05/1944), em seu suplemento de esportes, destacaria o seu nome como integrante do ataque da equipe do Belén.

Fanático, Fidel ansiava a semana inteira por ter a chance de assistir às partidas profissionais no estádio havaneiro. Aos poucos, passou a dedicar-se mais ao basquete. Numa final, o treinador o chamou do banco de reserva e o pôs no jogo, em um momento em que o time não conseguia avançar além do empate no placar. Demorou alguns minutos para aquecer-se e, ao entrar, fez três cestas consecutivas, de longa distância, deslanchando a vitória. Tornava-se "o cestinha do Belén", com a equipe invicta. Quando algum jogador cometia uma falta, ele vinha tomar satisfações no fim do jogo. Fidel relata: "Ordóñez lembrou-me, como uma boa dose de vaidade, que ele era o capitão da equipe, e eu lhe disse: 'Sim, você era o capitão, mas era eu quem ganhava os jogos...' Porém, agora está explicado por que não ganhamos todos os campeonatos..."[2]

No ano seguinte, sendo considerado *all star*, não foi incluído na equipe, mas nomearam-no treinador. "Daqui destas páginas, nosso *coach* felicitou o insubstituível Fidel que, mesmo tendo sido impedido de jogar, pelo medo terrível que lhe tinham, soube levar à perfeição a sua fama de treinador, por ter sido designado 'all star' dos colegiais..."[3]

No beisebol, revelou-se o melhor dos *pitchers* (lançadores), sendo apelidado *el rey de la curva*. Entre os felicitados como capitães de equipe no final do campeonato, encontrava-se "Fidel da Equipe Iberia... O labor pesou sobre o oriental Castro, *el rey de la curva*, o destacado *pitcher* da equipe..."[4] No *track* (corrida), o treinador Capi Campuzano, ao vê-lo praticar para a prova de 800 metros rasos, achou que não tinha estilo, mas Fidel terminou conquistando o segundo lugar da categoria no Carnaval de Relevos do Atletismo (maio de 1943). Chegou a ser o recordista nas corridas de 200 e 300 metros livres. Estabeleceu a marca também de 1,77m no salto em altura. No final da temporada de 1943-44, foi proclamado o melhor atleta colegial.

"Consentiam-me tudo pelas medalhas desportivas", recorda. Como estudante, desligava-se, às vezes, durante as aulas. Era capaz de escapar, percorrer o mundo, a imaginação embalava-o a esferas de outra compreensão. Alguns professores notavam essa dispersão, mas não o censuravam porque, além de ser um atleta de destaque, apresentava bom rendimento geral.

Recebeu a tarefa de cuidar do salão da biblioteca. Sentia-se bem lá, à noite. Era o último a sair, fechava a porta e guardava as chaves. Na quinzena de exames, permanecia na biblioteca por até quatro horas, repassando as matérias e, com leituras de apoio, conseguia compensar alguma dificuldade. Manifestava uma excentricidade: se o livro lhe pertencia, arrancava as páginas depois de lidas e as jogava no lixo. "Um livro de 500 páginas acabava com 100. Fidel dizia que não precisava mais delas, já as aprendera".[5] Decorava a ponto de repetir o texto exatamente como estava escrito, com a mesma pontuação e sintaxe.

Ao concluir o primeiro período, suas médias foram: Matemática, 82; Espanhol, 96; Inglês, 97; Psicologia, 100; Física, 65; Geografia, 90; História de Cuba, 92; Educação Física, 93; e Cívica, 62[6]. Saía-se bem nas dissertações, pois tinha facilidade de fabular e argumentar. Em Matemática, houve vezes que ultrapassou os primeiros alunos; ganhou o único "excelente" da turma

em um exame de Geografia de Cuba (90) e a nota máxima em Física, após ser instigado pelo padre Armando Llorente. "Chamou-me e ao senhor que era representante de meu pai, certa vez, para dar queixa, dizendo que eu precisava estudar mais, pois me arriscava a perder o ano", relembra Fidel.

Fernández Varela, um dos poucos mestres leigos do Belén, narra as suas recordações: "Fidel e eu travamos uma boa relação... Dei-me conta de seu talento pouco a pouco, mais que tudo por demonstrar personalidade ante as situações. Escolhia as matérias a que se dedicaria, com as outras não se importava. Entre os seus interesses, o de não ser o primeiro da classe".[7]

Os padres inventavam passeios a Zoroa e a outros lugares aprazíveis, para divertir os internos nos feriados prolongados, e organizavam colônias de férias no verão. Os rapazes escalavam morros, exercitavam caça e pesca, tomavam banho de rio e cachoeira nas excursões às alturas do Monte Monserrat e na Cordilheira dos Órgãos. Para muitos, era uma grande descoberta, mas para Fidel era como se sentir em casa, de volta à Birán. Ele entrou no grupo de escoteiros uniformizados, sob a direção do padre Llorente, e os colegas ficavam tranqüilos quando era Fidel a atiçar a fogueira à noite porque, com a sua prática, ela nunca apagava. Foi logo promovido a chefe dos exploradores. Os arquivos do Belén[8] registraram a boa atuação de Fidel por seu "espírito de vigia".

"Houve alguns valentes que percorreram a Serra uns 50 quilômetros, por montanhas, desfiladeiros, atravessando rios. O resto permaneceu no acampamento. Entre os que mais se distinguiram por seu arrojo, encontrava-se Fidel Castro..."[9] Embrenhava-se na mata sem temor. Já havia passado uma noite na serra fechada, não muito longe de Birán, quando, em meio a um tremendo aguaceiro, buscou um abrigo e ali ficou aguardando estiar. Sobre uma excursão às montanhas de Pinar del Rio, organizada para três dias e que acabou durando quase uma semana, publicaram: "Quatro foram os que realizaram as maiores façanhas do alpinismo nos

anais belenistas... Fidel Castro e outros companheiros, sacrificando os dias de folga que se mostravam amenos, planejaram esta excursão. Em apenas três dias, percorreram 150 quilômetros, pondo a bandeirola do Belén no pico mais alto das montanhas pinarenhas, onde muito poucos chegaram... Estávamos intranqüilos por sua sorte, mas um telegrama de Fidel devolveu a serenidade ao nosso espírito."[10]

Certo exagero houve por parte da editoria da revista escolar. O *Pan de Guajaibón*, a montanha que desejavam escalar, ficava do lado norte e eles tomaram um trem que partiu em direção ao sul. Buscando orientar-se, caminharam dias e noites, até que a encontraram e empreenderam a subida, mas desistiram de atingir o cume, pois lhes pareceu impossível. Noutra vez, quando o grupo de exploradores acampou próximo ao Rio Tacotaco, desabou uma tempestade e o padre Llorente pediu que Fidel fosse observar se havia condições de cruzar o rio. Ao regressar, ele informou que as águas haviam subido bastante, mas que a travessia era viável. A turma desarmou o acampamento e, ao chegar às margens do Tacotaco, Llorente deteve-se ante o enorme caudal de pedras e galhos arrastados. Fidel disse que o cruzaria assim mesmo. Entrou na correnteza e foi levando a corda para atá-la à outra borda. Foi como o grupo pôde atravessar o rio, mas o padre precisou ser ajudado por Fidel.

Se tinha sossego ou lhe cabia a vigília da guarda, juntava-se a Virginio, o cozinheiro, que os padres levavam na excursão. Fidel vivia conversando com ele, ocasião em que aprendia aspectos da vida dos trabalhadores na cidade e expressava opiniões, fruto de um incipiente raciocínio político. Soube, por exemplo, que do salário mínimo mensal de 60 pesos pago aos funcionários, a administração do Belén descontava, pela cessão de alimentação, 15 pesos, e pela de moradia, 12. Concluiu que, mesmo sendo ínfima a quantia que restava, a situação apresentava vantagens em relação à da grande maioria dos operários cubanos.

Em muitos fins de semana, escapava também para empenhar-se em longas conversas em um botequim da esquina, acertando com o porteiro do colégio o modo de sair e entrar sem ser detectado. "Sentava num engradado de cerveja atrás do balcão para não ser visto, se por acaso alguém passasse"[11]. Fez camaradagem com o velho da faxina, que o protegia; quando indagado, ele dizia que o menino Fidel estava no dormitório.

Outros dois grandes amigos desta época, com quem compartilhava fartas conversações, eram José Luis Tassende, que conheceu como adversário numa partida de beisebol com o time dos Salesianos, e Gildo Fleitas, que trabalhava na secretaria do Belén e dava aulas de inglês. Este morava com a mãe e a irmã na vila dos funcionários, numa casinha que Fidel começou a freqüentar em horas de folga. "Fleitas via pelos olhos de Fidel, assumia a forma que ele pensava, tudo o que ele dizia"[12].

No transcurso da semana, a qualquer hora, Fidel retornava à cozinha para beliscar as especialidades de Virginio, como os croquetes de frango. Estava sempre esfomeado. Aproximava-se de Manuel na pia, brincalhão, dizendo que o vira entrando com as sacas de compras na caminhonete, e aí aproveitava para pegar um punhado de fritas – pelas costas do padre gerente, senão, vinha a repreensão. Dos Gómez Reyes, Manuel era quem tinha bagagem política. Filiara-se ao grupo ABC contra o regime de Machado, participando de uma ação armada. Chegou a candidatar-se a vereador, depois se desiludiu com a organização e, ao surgirem os autênticos, apoiou Ramón Grau. Virginio, ao contrário, só despertou para a política na convivência com Fidel. A propósito do projeto de instalação de um armazém no quarteirão do Belén, pela Ordem dos Cavalheiros Católicos, Virginio sugeriu a Bebo que eles também deviam organizar uma cooperativa. Serviria para a construção de moradia. Ele encaminharia uma proposta aos padres, para que adiantassem algum capital, a ser saldado em leves prestações. Ao ouvir isso, Bebo ressabiou-se: "Mas que idéia é essa?" Virginio confessou que se tratava de uma su-

gestão de Fidel, que ficara dando voltas na sua cabeça, após um feriado na montanha.

Obrigar-se à mudez era particularmente penoso a Fidel, como nos retiros espirituais, quando os padres determinavam aquelas longas horas para recolhimento e silêncio. Entre as práticas religiosas, havia o rotineiro comparecimento à missa, antes do café da manhã, com as orações em latim. Ao ouvir sobre a História Sagrada, por entre as palavras do padre professor, desfilavam pela mente de Fidel imagens colossais, como as dos quadros de Bosh expostos na seção medieval do Louvre, do horror do inferno e das trevas eternas aos pecadores sem penitência. Estranhava as pueris gravuras dos livros religiosos curriculares.

Crenças e ritos pareciam-lhe mecânicos. Sua convivência com uma mentalidade maniqueísta durava já há alguns anos. Mas, ao lado do estímulo à autodeterminação, à investigação científica e do próprio gosto de Fidel pelo aperfeiçoamento, além dos códigos morais, integrantes da doutrina cristã e do próprio arquétipo do cavalheiro espanhol – refletido na figura do pai –, os dogmas neutralizaram-se na construção de sua personalidade. No Dolores e no Belén, construiu-se o segundo paradigma do seu caráter. Princípios de ética e rigor espartano nele encontrariam um equilíbrio original com o sentido da liberdade que adquirira na fazenda. Combinado ao impulso da aventura, interiorizava o perfil do jesuíta e as virtudes que permitem concluir uma missão designada – modéstia, tenacidade, sacrifício e uma quase predisposição ao martírio. Suscetível à tentação dos desafios, de pôr-se constantemente à prova, recusando submeter-se a limites, assimilava também a razão, a diligência e a medida. Harmonia entre idealismo e razão, o eixo cardinal da filosofia de São Tomás de Aquino, assimilada pela corrente de jesuítas espanhóis emigrantes. Valendo-se dessa mescla, Fidel enfrentaria muitas situações em sua vida, definindo-se como um preceptor de si mesmo[13].

Um episódio é bem emblemático para se entender a personalidade de Fidel, já naquela época. Correu o boato de que sabia

do paradeiro de dois colegas fugitivos do colégio. O padre reitor o interrogou, ele confirmou que sabia onde estavam, mas que lhes prometera não revelar nada a respeito. Pressionado pelos pais aflitos, Fidel relutava. O reitor acabou perdendo a paciência e ameaçou-o de expulsão, se não contasse o que sabia. Fidel foi direto comunicar ao padre Llorente, o seu interlocutor de confiança, declarando que se retiraria do Belén naquele mesmo dia; não cometeria o que considerava uma traição aos colegas. Padre Llorente pediu-lhe que esperasse ao menos uma semana, para ver se acontecia algo novo. Ele concordou. No dia seguinte, os dois rapazes foram localizados. Haviam tentado alistar-se como derradeiros voluntários para a guerra.

Com colegas do Belén, 1945

C A P Í T U L O 8

Argumentando no "debate parlamentar" encenado no Colégio Belén, 1945

Do pódio à tribuna

Debate parlamentar, 22 de março de 1945: "Os alunos pré-universitários de Letras, que logo sairão a defender na vida pública os princípios e as doutrinas aprendidos no colégio, fizeram eco a um projeto de lei apresentado à consideração do honorável Senado da República, limitando a liberdade

de expressão e, em particular, a liberdade do ensino. Os futuros parlamentares cubanos exercitaram-se na Bandeira e na Cruz... Fidel Castro iniciou a segunda parte do ato explicando agradavelmente ao público o outro gráfico, expressando como a intervenção do Estado no ensino privado nos diversos países, como Estados Unidos, França, Inglaterra, vai desde a mais completa liberdade e, às vezes, apoio, até a mais absoluta centralização, como ocorre na Rússia e na Alemanha..."[1]

A propósito do evento, o jornal *Hoy*, o órgão oficial do Partido Socialista Popular - PSP (comunista), comentou no artigo intitulado *Estupendo Show* (23/03/1945): "Os parlamentares foram escolhidos cuidadosamente entre os pobres coitados mais profundamente infectados pela propaganda nazifalangista... Usaram frases de elegância. O segundo papel da divertida farsa esteve a cargo de um aspirante ao estrelato, nomeado Fidel Castro, o casto Fidel, fiel discípulo de seus mentores totalitários do Colégio Belén... Fidel Castro se deu um formidável 'atracón de gofio seco' em torno das relações entre o ensino oficial e o privado. Com essa dissertação, em meio a grandes aplausos da concorrência, foi concluída a primeira parte da festa". A expressão "atracón de gofio seco" era usada por um personagem de um filme em cartaz na cidade, referindo-se aos falastrões. Fidel se sentiu insultado e quis tomar satisfação com o jornalista comunista, mas os colegas o apaziguaram.

O evento realizou-se na Academia Literária Avellaneda, do Colégio Belén, para os alunos de último ano com especialidade em Letras. Ali, além de elaborarem textos, treinavam oratória e didática, servindo-se dos discursos de Mirabeau, Napoleão, Cícero e Demóstenes. Como, na ocasião, discutia-se o projeto de Lei do Ensino, o professor Fernández Varela decidiu aproveitar o tema e escolheu discípulos para realizar um debate público, simulando um Parlamento. Presentes, entre os convidados, autoridades políticas e pedagógicas envolvidas na discussão: as que defendiam a autonomia das escolas particulares, em sua maioria

religiosas, tendo por veículo o jornal *Diário de La Marina*; e as que opinavam a favor das intervenções – entre outras, a de substituir os livros adotados no ensino particular por obras que valorizassem os "libertadores" de Cuba.

Na década de 40, a sociedade cubana viveu um duradouro embate entre setores da Igreja e parlamentares comunistas, estes em defesa de uma "escola cubana" (entenda-se: não dirigida pelo alto clero católico espanhol). Diziam que os colégios religiosos editavam e empregavam textos com pontos de vista falsos e antinacionais. De sua parte, os jesuítas do Belén, simpatizantes do franquismo, corroboravam o catolicismo de classe e o preconceito racial, ainda que se mostrassem flexíveis em matéria didática.

"No dia da apresentação, à minha direita, estava Fidel, que fazia a defesa do ensino privado; à minha esquerda, Valentín Arenas e José Ignacio Rasco, argumentando conforme o dirigente comunista Juan Marinello, que propunha a estatização do setor", conta o professor Varela. Da tribuna, o iniciante orador Fidel explicou como a interferência do Estado nas áreas sociais poderia mostrar-se prejudicial. Com a repercussão dos debates, seria criada a entidade Por Uma Escola Cubana em Cuba Livre, dirigida pelos intelectuais Fernando Ortiz e Emilio Roig, cuja atuação afetou o prestígio do ensino privado, embora não conseguisse a mudança dos textos. O projeto de Marinello tampouco foi aprovado.

Fidel entrava em contato com os grandes clássicos da literatura, fundamentalmente os espanhóis, que o atraíam tanto quanto as obras de História, fosse de Cuba ou mundial. Até a sua última noite no Belén, manteve com prazer a responsabilidade para com a biblioteca, o salão central de estudos. Recolhia e arrumava os livros nas estantes, fechava as janelas, apagava as luzes e guardava as chaves. Seu último boletim apresentou as notas: Francês, 75; Espanhol, 90; História da América, 98; Lógica, 100; e no dia da formatura, como Bacharel em Letras[2], recebeu o prêmio de

Sociologia. Lina, no papel de madrinha, ruboresceu de orgulho e timidez. Padre Llorente, o confidente de Fidel, dedicou-lhe as palavras de despedida com um ar de prenúncio: "Fidel Castro Ruz distinguiu-se sempre em todas as matérias relacionadas com as Letras. Excelência e espírito congregante, foi um verdadeiro atleta, defendendo sempre com valor e orgulho a bandeira do colégio. Soube ganhar a admiração e o carinho de todos. Cursará a carreira de Direito e não duvidamos que preencherá com páginas brilhantes o livro de sua vida. Fidel tem madeira e não faltará o artista"[3].

Chegando à fazenda, após um longo período, ele vinha contemplando os camponeses com o seu jeito largado, dando trancos para a ordenha do gado pela estrada. O cheiro e os sons de Birán adiantavam-se em rotação acelerada – o motor da padaria, o ronco da grua e a vaquejada. Ao passar pela grande cerca, Fidel observou a novidade: uma sala de projeção de filmes, *El Cine de Juanita.* D. Angel veio em sua direção, ansioso por lhe dar o presente de formando: um belo relógio. Logo atrás, os irmãos.

Ramón, depois de haver passado por um curso de comércio em Santiago, estreitava relações com a Usina Preston, onde, em tempo morto, acompanhava a soldagem das peças e a reparação de tratores na oficina da administração norte-americana. Raúl passara alguns meses interno, sozinho, no Dolores, mas, certa vez, quando Angelita foi visitá-lo, implorou: "Me tira daqui... que o padre 'Lloviznita' (Chuvinha) inferniza a minha vida." O padre, quando falava, era cuspe para todo o lado... Finalmente, Raúl declarou-se em greve para que o expulsassem, e a manobra deu certo. Por conta disso, o velho Angel manteve-o mais de dois anos de castigo, quase o tempo que Fidel cursou o Belén, pondo-o a trabalhar no campo sem pagamento.

Acolhido no ambiente caseiro, o lado quieto de Fidel prevaleceu – talvez pelo costume adquirido de dedicar-se à reflexão. Durante vários dias, percorreu, sem pressa, páginas sobre o Século das Luzes, os enciclopedistas, a Revolução Francesa e a

Independência de Cuba, um álbum sobre as guerras napoleônicas e outro sobre Paris, antes e depois das barricadas. Simpatizava com os filósofos Rousseau e Diderot, intuindo a passagem do idealismo ético ao materialismo, como que ensaiando o caminho que viria a seguir. Fidel aprofundava observações sobre o progresso, a ciência e a democracia.

Um conhecido de seu pai, Alvarez, um asturiano erudito e poliglota, aficionado por livros, às vezes aparecia para uma visita. Era um senhor gentil e Fidel gostava de pará-lo para uma conversa – o visitante contava sempre uma nova fábula, um achado de alguma obra rara, algo sobre algum grande orador ou político da Grécia ou da Roma antigas. Fidel muito se impressionou com a versão de que Demóstenes era gago e, para superar a dificuldade, guardava uma pequena pedra embaixo da língua. Tanto se abstraía com essas histórias que se via perdido, caminhando em meio ao galope dos cavalos dos invasores bárbaros na Alta Idade Média, ou por entre o incêndio da biblioteca de Alexandria, buscando salvar os discursos de Demóstenes e de Cícero. Sua concentração somente se interrompia quando Ramón lhe propunha jogar em Marcané no domingo, contra o time da usina.

"Vou *pitchear*", dizia a caminho, acompanhando os irmãos. No campo dominava a curva para baixo, para dentro e para fora, não deixava ninguém arremessar, nem havia quem pudesse substituí-lo. Com o jogo ganho, certa vez, a torcida adversária caiu em cima dos filhos de Castro, era um grito atrás do outro: "*Guajiros*! Vão tomar banho!". O mulato Mingueli, um carregador de sacos de açúcar de 100 quilos, pôs-se a berrar junto ao ouvido de Fidel, que se voltou, possesso. Com ele, funcionava o dito "quem procura, acha", e os dois se engalfinharam. A raiva só acalmou dentro do café do Chino Pancho, onde o povo ficava bebericando. Na saída, os três irmãos dirigiram-se ao escritório da usina, frente ao qual deixaram os cavalos amarrados, e montaram rápido, pensando apenas em alcançar Manacas. Raúl, que tinha um alazão como Fidel, sempre chegava primeiro – era melhor cavaleiro.

Domingo seguinte, nova partida. Ramón, atuando de *manager*, não colocou Fidel de *pitcher*. Posicionou-o na linha de recepção e reforçou a equipe com sete jogadores, pagando, a cada um, cinco pesos. No meio da partida, quando estavam ganhando de 1 a 0, com Fidel no *right* (posição de defesa, canto direito), a bola subitamente projetou-se nas alturas. Fidel disparou em seu encalço, pulou a cerca de um metro e pouco, meteu-se na mata de farpas e, enfim, aparou-a com galhos e tudo, a poucos palmos do chão. "Da arquibancada, um lance e tanto... Num instante, Fidel saiu com a bola segura na luva e atirou rápido..."[4] O ar como que se paralisou; ninguém podia crer. Todos os corredores foram para *home*[5]. Ele arremessou a segunda e o time fez *triple play*[6]. Resultado: a equipe da usina norte-americana convidou-o para ser o seu *pitcher* no domingo seguinte.

* * *

No banquete de formatura do Belén, 1945

Em 27 de setembro de 1945, começava uma nova etapa na vida do cubano. Bem alto, quase 1,83 m, e esbelto, pesando 82 quilos, o calouro Fidel Alejandro Castro Ruz galgou a escadaria (conhecida como "La Escalinata") da Universidade de Havana. Tinha várias providências a tomar. Primeiro, preencher o formulário de "aspirante ao título de Doutor em Direito e Contador Público". Inscreveu-se em nove matérias[7]: Teoria Geral do Estado, Princípios do Direito Cívico, Matemáticas Financeiras, Contabilidade Superior, na específica de Esportes e outras que lhe permitiriam obter mais de um título universitário no futuro. Depois, alugou uma pequena residência num bairro central, o Vedado – Calle 5ta. nº 8, entre 2 e 4, La Sierra –, e foi registrar-se na União Atlética de Amadores do Esporte[8] para competir em beisebol, basquete e *track* no Cassino Espanhol e pelo Clube da Universidade. Dias depois, estava no terminal ferroviário aguardando a chegada das irmãs Juanita e Emma, que estudariam na Mericy Academy, as Ursulinas norte-americanas, junto com Angelita, a mais velha. Só Agustina, a caçula, cursava uma escola protestante em El Cristo, no oriente. A partir de então, Fidel passaria, todo final de tarde, na Mericy, para ver as irmãs e conversar com a madre superiora Elizabeth Therèse sobre a sua adaptação.

O cabelo estava bem mais curto e para trás, em vez de repartido à esquerda, como de costume. No primeiro dia de aula, Fidel aguardava, entre os calouros de Direito, aglomerados no *hall*, que abrissem o portão do prédio da faculdade. Depois do trote dos veteranos, os rapazes, de "corte ao coco", parecendo cadetes, temiam serem vítimas de outras brincadeiras mais diabólicas, como medir a rua inteira com um palito, ter o corpo pincelado de tinta, vestir-se de mulher e ser forçado a desfilar por Havana.

Um dos novatos buscou o refúgio atrás de uma pilastra com a ilusão de que não seria notado. Enganou-se. "Apareceu, bem em minha frente, um sujeito alto, impetuoso pela forma com que se aproximou, dizendo: 'Eu me chamo Fidel Castro e

você?'. 'Bem, sou Alfredo Esquivel...' 'Te interessa fazer política?', ele perguntou... Disse que sim e começamos os dois..."[9]. O colega, por seus traços e olhos puxados, logo receberia um apelido de Fidel, Chino. Seria para sempre o amigo Chino Esquivel.

O ambiente universitário fervia na primeira semana com a convocação de eleições gerais pela Federação dos Estudantes Universitários (FEU), a se realizarem em três meses. Cada turma disciplinar precisaria eleger o seu delegado, o representante. Formavam-se grupos buscando garantir o controle de cada nível, de cada associação de escola e universidade. A função histórica adquirida pela FEU empurrava as questões acadêmicas para a macropolítica; e o grupo que então controlava a organização apoiava o governo autêntico.

Fidel viu-se irremediavelmente atraído por aquele alvoroço. Havendo obtido o certificado da Comissão Atlética Universitária[10], declararam-no apto a participar dos torneios da União de Cuba. Contudo, o tempo começou a escassear para os treinos, enquanto a sua vocação política saltava como instinto. O esporte nacional perdia, portanto, uma vocação promissora. Tampouco conseguiu ser fiel à missão de cuidar das irmãs, suas visitas começaram a rarear.

Ajudaria a formar o grupo que se chamou *Los Manicatos* (Mãos Duras), o mesmo nome do grupo fundado por Julio Antonio Mella, o líder da FEU nos anos 20. Estudantes graduados lhes haviam passado o registro do nome, feito na vice-reitoria de Assuntos Acadêmicos. Fidel foi escolhendo os componentes, os que demonstravam possibilidades de influenciar setores do eleitorado, convocando-os um a um; e promovendo reuniões para agregá-los.

Egressos do Belén, ele já conhecia Ordaz, Rasco e Arenas, católicos professos; apresentou-se a uns estudantes camagüeyanos, do Oriente – Arturo Gómez e Felipe Luaces –; a Walterio Carbonell, de tendência socialista, e Hortencia Ruiz del Viso, que colabo-

raria para o *Diario de las Americas*. Chino Esquivel e Augusto Alfonso Astudillo vinham do Instituto Público do Vedado, na capital. "Sabia captar. Capturar mesmo, quem estava faltando para compor um quadro"[11], e aglutinou candidaturas para todas as disciplinas do primeiro ano, independentes, evitando compromissos com os dos níveis mais altos que os buscavam para obter a maioria. Chino seria candidato a delegado para Direito Administrativo, mas Fidel pediu: "Faz um sacrifício e deixa o Augusto Alfonso de delegado, você vai de suplente. Precisamos ganhar um outro grupo de estudantes..." Na chapa completa, incluíam-se Mario Cabrales, Isidro Sosa, Rogelio Garayta, Elsa López, Haydée Darías e Arturo Don. No início de 1946, deslanchou-se a campanha previamente fabulada por Fidel.

Fidel decidira candidatar-se pela cadeira de Antropologia Jurídica. Como os inscritos na disciplina possuíam um carnê com uma foto, para poderem circular livremente e empreender pesquisas de campo, Fidel consultou a relação e memorizou o retrato e o nome de cada eleitor. Assim que os via, chamava-os pelo nome, mostrando familiaridade. Como propaganda, criou-se um panfleto onde aparecia, em cima, a expressão *Los Manicatos*, e abaixo um pensamento de José Martí: "Mais vale uma trincheira de idéias do que uma trincheira de pedras". Assim que terminavam as aulas, desciam a "escalinata" e caminhavam até a esquina de Infanta e San Lázaro, a três ou quatro quarteirões dali, onde comiam ostras e tomavam refrigerantes, fazendo proselitismo com os estudantes. Fidel também enviava cartas, convocando os colegas a participarem das eleições, onde indicava o seu novo endereço: Hotel Vedado (atualmente Victoria), M e 19, Vedado.

A votação ocorreu a 18 de março[12], para as 13 associações de alunos, das distintas faculdades. Quatro dias depois, confirmava-se a eleição de Fidel como delegado de Antropologia Jurídica. "Lembro que no dia foram votar 200 e tantos alunos. Recebi 181 votos e o meu adversário, 33. Nosso grupo elegeu quase todos

os delegados do primeiro curso, foi um voto coeso". A 23 de abril, os manicatos distribuíram volantes com o perfil e as propostas de Fidel, que, no mesmo mês, foi eleito tesoureiro da Associação de Estudantes de Direito: "Era um cargo honorífico, não havia um único centavo em caixa..."[13]

Uma das atividades dos manicatos foi promover uma excursão ao Presídio da Ilha de Pinos, situado do outro lado da costa, para estudar o regime penal. Chino sugerira a Fidel que fossem pedir recursos ao ministro de Educação, José Alemán, para empreender a viagem. O chefe de gabinete do ministro era um antigo colega do segundo grau. Com Alemán, conseguiram 500 pesos para cobrir os custos. À parte, Fidel conversou com o oficial da Marinha, Casanova, estudante de Direito, e solicitou a cessão do transporte. Diante da prosa, o oficial ofereceu uma canhoneira e um caça-submarino para o percurso.

No presídio, observaram o trato e a alimentação dos reclusos, os quais, durante a visita, tentaram lhes vender peças de artesanato que fabricavam. Os guardas intervieram de maneira brusca. Fidel interpôs-se, em defesa dos detentos. Em Havana, redigiu uma nota e enviou-a ao jornal *Pueblo* criticando Capote, o diretor do sistema penal, pela má situação do estabelecimento, assinando-a em parceria com Chino. O jornal publicou o que seria a primeira declaração pública de Fidel, como líder dos manicatos.

Outra atividade deu-se na Escola de Filosofia. Um grupo montou um tribunal para emitir um julgamento sobre um estudante acusado de conduta desonesta. Fidel, convencido de que se tratava de uma injustiça, apareceu com os seus aliados para tentar impedir que o rapaz fosse declarado culpado e expulso da federação estudantil. Ao perceber que não teria êxito, decidiu retirar-se. Dias depois, descobriu-se que o acusado havia sido alvo de uma grande intriga. Os manicatos conquistavam influência fora da esfera do Direito e Fidel catalisava atenções. "Sentia que começavam a fixar-se em mim", relembrou.

A corrupção tornava-se um mal crônico da República. O poder do Estado evoluía em galopante dissipação. O Presidente Grau estabelecera uma dotação especial, no Ministério de Educação, para servir, extra-oficialmente, ao pagamento de indivíduos e grupos que lhe servissem de sustentação. Chegou a distribuir comandos de divisões da polícia entre alguns chefes de facções rivais. Mario Salabarría, líder do Movimento Socialista Revolucionário (MSR), foi designado chefe da polícia secreta; Fábio Ruiz, como chefe da polícia de Havana; e Emílio Tro, diretor de assuntos juvenis do Ministério da Educação e, depois, da Academia Nacional de Polícia – os dois últimos da União Insurrecional Revolucionária (UIR). Apesar das denominações, pouco continham de ideologia, eram bandos de ação. Em retribuição a favores recebidos, como bolsas de estudo e diplomas, realizavam "trabalhos sujos" – suborno, coerção psicológica e atentados – de interesse do governo. Investidos de autoridade, contavam com trânsito livre em todas as áreas.

Na universidade, como um reflexo, disseminavam-se extorsões e sinecuras. "Havia uma enorme confusão; muitos dos altos funcionários do governo haviam sido do diretório da FEU... A universidade convertia-se em um baluarte nas mãos do governo, da Polícia Nacional e do Burô de Investigações de Atividades Inimigas... Nós resolvemos assumir uma postura de oposição", declarou Fidel.

Ele visitava com freqüência o bairro de La Ceiba, que ficava perto do Colégio Belén, estreitando as relações com Gildo Fleitas, os irmãos Gómez Reyes e José Luis Tassende. Mantinha ativo o lugar onde havia despertado a sua sensibilidade política, que se expandia em um novo contexto. Também era visto no bairro de Cayo Hueso, no centro da capital, onde se situava a maioria das pensões das centenas de estudantes que vinham do interior do país. No Parque Aguirre, juntava-se a jovens trabalhadores para distrair-se ou reclamar do roubo do dinheiro público e da falta de estabilidade no emprego[14]. Pela manhã, tomava a

média com pão e manteiga no botequim junto à pensão e, à noite, a conversa no bar *El Faro*, na esquina de Infanta com San Rafael.

Em Infanta, era intermitente a concentração de estudantes, divididos em grupos, por toda a extensão das calçadas. Os rapazes flertando com as moças. Alguns se sentavam ao redor de uma mesa para beber um refresco, uma cerveja, um café; outros permaneciam horas, entrando pela madrugada, em discussões intermináveis. O comércio era pujante na rua transversal, a San Rafael, onde havia a loja *La India* e a lanchonete *El Vara en Tierra*, que vendia salgadinhos, doces, vitaminas e refrescos. O proprietário era um espanhol que a gerenciava até às 22 horas; depois passava o posto ao seu filho, Jesús Roblete, estudante de Farmácia e amigo de Fidel, que ficava encostado na murada tomando vitaminas de graça.

Com o dono da carrocinha que vendia batatas fritas e recheadas, Fidel quis se associar, assim como a outros mais pela cidade, mas ele não dava para comerciante. Não sabia guardar dinheiro. Continuava comilão e descobrira, enfim, o prazer de um charuto, aguardando a chance de dar a notícia a D. Angel. Em San Lazaro e Infanta, entrava na tenda que vendia frutos do mar, pois era louco por ostras. Se arrumava um tempo, ia jogar futebol no estádio universitário e zombava de Cesar Vega. O rapaz, miudinho, ganhava empurrões dos graúdos nos porões do estádio, mas tudo terminava em camaradagem. Mais acima, as pensões de estudantes. Numa delas havia uma moça bonita chamada Norma, neta da proprietária, que Fidel gostava de observar.

Nesse ritmo plural e feérico, Fidel passou bem no primeiro ano da faculdade. Seus "amigos do povo", os do Parque Aguirre, ironizaram-no, porque levava os estudos a sério; mas D. Angel, ao saber da notícia, sentiu-se orgulhoso, dizendo a qualquer um que aparecia em Birán: "Tenho um filho estudando Direito em Havana, que logo estará defendendo os meus interesses".

No verão, cavalgando no campo, Fidel costumava encontrar-se com Baudilio (Bilito) Castellanos, o filho do farmacêutico

camarada dos Castro, que se formara Bacharel em Letras, o mesmo título de Fidel. Já se conheciam de anos anteriores[15] e ambos haviam estudado em escolas internas – Bilito freqüentara por nove anos um colégio norte-americano da Igreja Batista, perto de Santiago. "Jogando bilhar no clube da usina norte-americana onde estava a farmácia, Fidel me perguntou: 'O que você vai estudar?' Respondi: 'Direito'. 'E você gostaria de fazer política na universidade?' 'Claro. Tive alguma experiência nisso no instituto em Santiago. Fizemos uma paralisação dos secundaristas para exigir a reforma das instalações.' E engatou logo o segundo ataque: 'Vamos lá. Não se preocupe. Organizei uma chapa e já controlo o primeiro ano. Quando você chegar, eu o ponho no primeiro e passo a controlar o segundo. Conto para você toda a técnica... e, então, dos cinco anos da escola, temos de buscar outro aliado e já teremos a presidência. Com ela, podemos aspirar à presidência da FEU...' E foi assim que combinamos nos unir." [16]

Bilito seria um companheiro de Fidel de toda a vida. Tanto que, desprezando a possibilidade de ser alvo de uma represália por agentes do governo, assumiria a defesa do amigo e dos outros envolvidos no assalto ao quartel Moncada, anos depois. Ambos possuíam o talento da oratória, além de formações cruzadas – "Viver interno num colégio religioso é viver exilado. São muros que isolam..."[17] –, o que lhes conferiu uma ética particular. Por outro lado, diferentemente da estrutura de Fidel, rural em essência, Bilito crescera num centro fabril açucareiro norte-americano, ainda que no meio agrário, a Usina Preston, que desde a década de 30 contava com um núcleo sindical ativo controlado por comunistas.

* * *

Setembro de 1946. Em Havana, Fidel estava residindo numa pensão na Rua L com 21, a dois quarteirões da universidade, mas hospedou-se temporariamente num outro endereço, Calle

21#104 ap.7. Começou o segundo ano com a intenção de cursar 12 matérias, aspirando a dois títulos universitários: Direito Civil e Ciências Sociais. No fim do mês, compareceu a um ato na "escalinata" que pedia a liquidação do mercado negro, da especulação, da fome dos camponeses e dos traficantes oficiais. Em outubro, participou de um jogo de beisebol pela universidade e, em novembro, regressou à tribuna: "Abertura da Exposição – 17 de Novembro, nos salões da Associação de Estudantes de Direito, palavras dirigidas pelo delegado Fidel Castro. Em memória de quando os estudantes de Praga se lançaram às ruas contra a Gestapo e os SS de Hitler a 17 de novembro de 1939..."[18] Dia 27, falou no Cemitério de Colón junto à tumba dos estudantes de Medicina fuzilados em 1871, em nome da Faculdade de Direito e como representante da FEU, quando citou frases de Martí: "Viemos ante os mortos porque a Pátria os quer... Com seu sacrifício estabeleceram uma consciência nacional..." Atacou a política do ministro Alemán e outras figuras do Governo. "A tolerância presidencial para que alguns ministros malversem os fundos públicos e os *bonches*[19] invadam as esferas governamentais... O Dr. Grau matou as esperanças do povo cubano..."[20] Este seria o primeiro discurso do dirigente universitário Fidel registrado pela imprensa diária nacional[21].

Fidel, aos poucos, ganhava projeção no cenário político, graças à sua atuação no meio estudantil. Certo dia, ele e Chino vinham conversando pelo campus na Praça Cadenas e Fidel viu Luis Conte Agüero sentado num banco. Parou. "Aquele ali... Sabe o que aconteceu?" E relatou a Chino o que sucedera ao jornalista, que escrevera um artigo contra o gangster Masferrer. O matador esperou perto do Cine Infanta, em frente à pensão onde Conte Agüero se hospedava. Quando este saiu, foi lhe mostrando o recorte de jornal: "Você escreveu isso?" Conte Agüero procurou se justificar, o outro ficou ouvindo e, logo, amassou-lhe o papel na cara: "Come aí!" Fidel contava a história em tom de desdém[22] . No entanto, compreendia que, proporcional ao seu prestígio

que crescia, aumentava também sobre ele a atenção dos rivais, principalmente o mais forte, Manolo Castro, do MSR[23], que, apesar do nome, não era seu parente.

Com seu amigo Chino Esquivel

Exemplo de luta

Oscar Niemeyer

É difícil falar sobre Fidel Castro sem cair na monotonia de frases já ditas. Para esta biografia tão importante escrita por Claudia Furiati, vou tentar fazer isto aqui. Embora um pouco constrangido, vou contar alguns fatos que entre nós ocorreram. Lembro-me, muitos anos passados, de quando Fidel me convidava para um projeto na Praça da Revolução, em Havana. Eu estava em Paris e, para ir a Cuba, teria que passar pela Espanha e de lá, num avião soviético, voar para a capital cubana. Não fui.

Depois, foi a vida a nos aproximar, com declarações que eu fazia sobre a Revolução Cubana, os protestos que assinava, as respostas que dava nos interrogatórios policiais, quando me perguntavam sobre ele e sua revolução.

E ficamos amigos.

No escritório de Niemeyer,
em Copacabana, no Rio de Janeiro

De longe, Fidel me convocava e, como sabia da minha ojeriza por aviões, dizia sorrindo aos que lá circulavam: "Vou mandar um navio buscar o Niemeyer". E passamos a nos encontrar, sempre que ele vinha no Brasil. Recordo uma noite em que esteve em meu escritório, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Convoquei os amigos, e até meia-noite ele ficou a falar sobre a Revolução Cubana, as ameaças que surgiam, o cerco odioso que os norte-americanos mantinham contra o seu país. E o ouvíamos, surpresos não apenas com o seu talento verbal, mas principalmente com a coragem com que ele luta contra a pobreza e a miséria deste estranho mundo que deseja modificar.

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

Editora Revan

FidelCastro
UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA
TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

1ª Edição

Editora Revan

“Esta não será uma biografia autorizada, muito menos oficial. Trata-se de uma biografia consentida. Somente a lerei após sua publicação. Reservo-me o direito de dela discordar, se achar conveniente”.

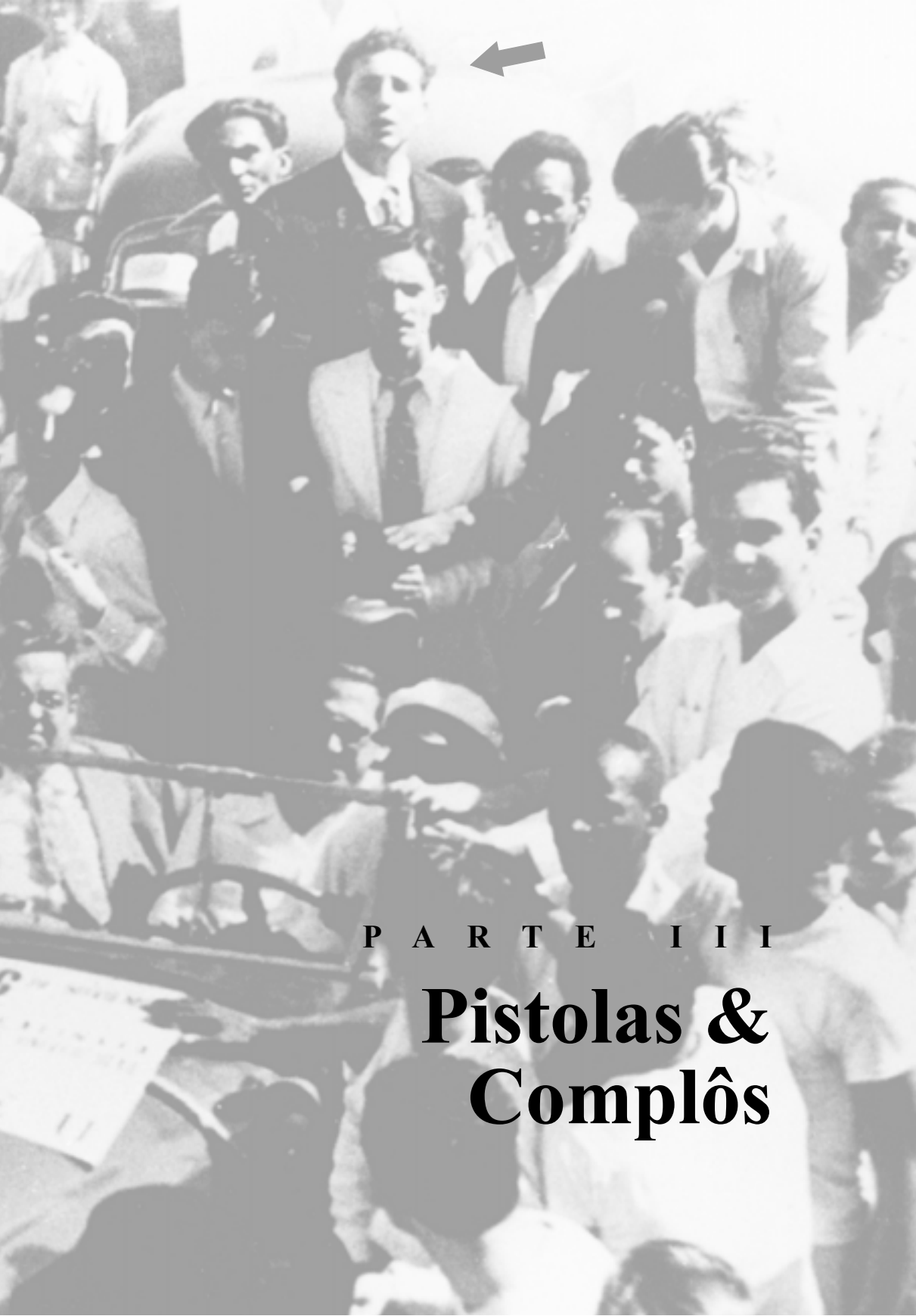
(Declaração do Comandante Jesús Montané à autora, em nome de Fidel Castro) Havana, setembro de 1997

In memoriam

A Jesús Montané Oropesa e
Manuel Piñeiro Losada,
chaves de realização
desta obra que não
puderam ver concluída.

Sumário

TOMO I

No meio de grande agitação universitária

P A R T E I I I

Pistolas & Complôs

Com Don Angel, no posto dos "Correios e Telégrafos"de Birán

C A P Í T U L O   9

No centro de um grupo de alunos de Direito, 1947

O Quixote cubano frente aos bandidos

Alfredo Guevara é parte do restrito anel de figuras ao redor de Fidel Castro. Apresenta-se, incondicionalmente, com um paletó azul-marinho sobre os ombros e as mangas da camisa arregaçadas. Memória pouco afeita a reter datas, enquanto fala, traça intermináveis ângulos numa folha de papel,

desfiando relatos sobre a série de fotografias justapostas com rigor na ponta direita da mesa, que, a não ser naquele canto, é um tumulto de papéis empilhados e pastas. As fotos, entretanto, curiosamente, estão em absoluta ordem.

As lembranças vão buscar o clima de agitação pré-eleitoral do início do ano de 1946. O jovem Guevara já fora abordado algumas vezes por colegas, e até pelo irmão, que pediam sua atenção para um certo candidato da faculdade de Direito. Logo, ele se depararia com o jovem alto, que avistou, falando e gesticulando intensamente, no meio de um ajuntamento. “Pus-me a ouvi-lo. Expressava-se bem e de forma coerente. Tinha um aspecto airoso, atlético, era agressivo e seguro de si...”[1], lembra o antigo colega. Pensou em trocar algumas palavras, mas preferiu não fazê-lo, nem mesmo se apresentar. Permaneceu ali estudando Fidel a distância. Considerando tudo que aconteceria a partir de então, apesar de declarar-se um cético convicto, Alfredo Guevara admite que o incidente teve um cunho de predestinação.

Procurou levantar maiores informações sobre Fidel, para melhor “compreendê-lo”, suspeitando que este possuísse objetivos semelhantes aos seus. Inicialmente, tudo o que pôde descobrir foi que o rapaz provinha do Colégio Belén e logo a sua mente configurou nele o espectro de um clero repressor sobrevoando a universidade. A imagem reforçou-se ao reparar em um traje usual de Fidel, um terno preto bem abotoado, com o qual “parecia um anjo negro”.

Em sua lente particular, na Cuba de entranhas ibéricas, a cor preta reportava-se ao obscurantismo medieval – se bem que os colegas de Fidel também vestiam paletó e gravatas pretos em determinadas ocasiões, como advogados que seriam, ensaiando o porte austero. Ocorria que o objeto de análise de Guevara experimentava uma sensação correspondente, no contato com um determinado elenco da estudantada. “Viam-me como um personagem estranho, que devia ser o mais reacionário do mundo: filho de latifundiário e formado no Belén”, observaria Fidel.

Alfredo seguia observando-lhe os passos, buscando decifrar seu carisma. "Será um gangster ou um José Martí", pensava. De fato, como todos do movimento estudantil da época, Fidel estava sujeito a ser aliciado por algum bando. Os rivais cerravam fileiras. O exercício da política era dominado pela medição de forças. "Iria aquele rapaz cair nessas mãos ou resistiria?", indagava-se Alfredo.

Avizinhando-se novas eleições para a Federação dos Estudantes Universitários (FEU), a questão principal para os interessados era como situar-se na dinâmica de alianças, a favor ou contra o status quo. Os candidatos que se destacavam tornavam-se alvos da turma de Manolo Castro, o presidente eleito, cujo grupo, o Movimento Socialista Revolucionário (MSR), contava com o truculento Rolando Masferrer em seus quadros e cultivava relações com Salabarría, o chefe da polícia secreta do governo e dono da noite havaneira, como se dizia. Detinha ainda o controle da reitoria e da polícia universitária, ancorado no aparato do Estado, que, assim, mantinha a FEU como sua base política. Sem constrangimentos, o grupo, no controle da situação, agia com violência física e psíquica contra quem quer que relutasse em tornar-se seu aliado.

O espaço da universidade tornava-se um microcosmo do poder, que se caracterizava pela trindade "polícia, política e gangues". Na política estudantil, o embate entre os que apoiavam e os que se opunham ao governo, bem como qualquer outra disputa, ganhavam o ponto de bala, com armas ocultas nas vestes sempre ao alcance das mãos, como nos faroestes ou filmes de gangsters exibidos nas telas dos cinemas locais, entre uma ou outra comédia do bonitão Clark Gable.

Afirma-se que Manolo Castro fez circular rumores de que escolheria Fidel como o seu sucessor, desde que ele abandonasse a postura intransigente. O certo é que, sendo Fidel uma liderança ascendente, corria perigo. Em ininterrupta campanha, ele convocava os parceiros a qualquer hora da noite ou da madrugada

para visitar estudantes nas pensões ou em suas casas, a fim de conversar e convencê-los[2], levando com isso vantagem em relação aos competidores. A ponto de concretizar os seus planos de conquistar o segundo ano (e Bilito Castellanos, o primeiro), tornava-se especialmente visado, até porque a Escola de Direito era o centro formador de políticos, além do fiel da balança na disputa dos grupos ou o pomo da discórdia, conforme uma expressão do próprio Fidel.

Em janeiro de 1947, Fidel tornou-se um ativo defensor da independência de Porto Rico[3] e Presidente do Comitê Pró-Democracia Dominicana na universidade. Mudou de endereço – agora residia na Calle 21#104, Altos e/L y M, Vedado – e freqüentava o programa de Eduardo Chibás na emissora de rádio CMQ. Numa rápida articulação, juntamente com alguns colegas, anunciou a criação do Diretório Estudantil contra a Prorrogação de Poderes, a Reeleição e a Imposição de Candidatos[4], na ocasião em que o Presidente Grau voltou atrás de seu compromisso de não se apresentar como candidato.

Na época, causou muita polêmica o fato de Fidel sugerir aos estudantes um apoio à União Insurrecional Revolucionária (UIR), uma gangue ou um grupo político, de acordo com quem o caracterizasse, mas ao qual ele atribuía uma atitude independente.

Chino narra como o episódio começou. Informaram Fidel que Aramís Taboada andava em conversações com um grupo do Instituto de Havana, o de Leonel Gómez, um dos líderes da UIR. Fidel se enfureceu: “Não vamos permitir que penetrem aqui!”, repetia, apesar dos argumentos de Chino de que aquilo podia ser boato ou uma tentativa de provocação. Taboada era candidato à reeleição para a presidência do Direito e Chino não acreditava que ele se deixasse arrastar pelas gangues. Dias depois, em uma festa *guajira* no Parque José Martí, Chino, que vinha caminhando à frente de Fidel, reparou no valentão Leonel Gómez encostado a uma mesa de jogo. Conseguiu despistar e foi tomando outro

rumo com Fidel, para evitar um confronto. Mais tarde, Fidel enxergou Leonel de longe, afastando-se do parque, e quis correr atrás dele, mas o amigo conseguiu demovê-lo.

Outra noite, a altas horas, Fidel bateu à porta de Chino: "Vamos lá!" "Aonde?" "À casa de Leonel..." "Eh... Quer buscar problema? Deixa disso..." Mas dessa feita não pôde amansá-lo. Ao chegar lá, Fidel advertiu o rapaz de que não toleraria que tentasse manobrar as eleições. Gómez não o levou a sério e passou a deixar-se bem à vista, em atividade pelo campus.

Durante uma partida de beisebol no estádio, Fidel avistou Leonel na platéia. Chamou o seu grupo e se retiraram, mas permaneceram encostados à muralha do lado de fora. Terminada a partida, Leonel saiu e, quando vinha descendo a rampa, recebeu vários tiros (entre os quais, um de Fidel)[5] . Ferido, olhou ao redor, conseguiu dar alguns passos e tomar um táxi para o hospital do bairro, onde daria entrada no setor de emergência. No hospital, foi visitado por membros da UIR e denunciou os atiradores. A ocorrência logo chegou aos ouvidos do Chino, por um conhecido que a presenciara. Por intermédio de José Luis Tassende – colega de Fidel desde o Belén –, providenciou-se um contato com Emílio Tro, chefe da UIR.

A organização exigiu um juízo que seria realizado na madrugada seguinte e ao qual Fidel compareceu sozinho, como representante e líder dos manicatos. Lá, foi acusado do atentado, embora não existissem provas de que a bala que atingira Leonel fora disparada por ele. A essa altura da reunião, Tro decidiu encerrá-la, alegando que a vítima também não estava isenta de culpa, dado que desatara provocações. Adiante, num encontro privado, veio propor a Fidel proteção, desde que ele ingressasse na UIR.

A 7 de março de 1947, Fidel elegia-se delegado do segundo ano, pela cadeira de Parte Geral e Pessoa de Direito Civil, com uma folgada maioria de votos, creditando-se como mais um forte candidato à presidência do Direito. Após uma sondagem em que apareceu como favorito, o estudante Lamar foi visto

a trocar socos com ele no estádio. Em outra ocasião, precisou sair da faculdade sob a escolta da turma inteira da Antropologia, que o cercou em bloco, protegendo-o, "deixando notar as pistolas que traziam na cintura"[6] , por todo o caminho até sua casa, já que estava desarmado e os gangsters apareceram à sua procura. Finalmente, próximo à votação, ele chegou a pronunciar-se a favor da reeleição de Aramís Taboada, mas, a 24 de março, um estudante do quarto ano, Federico Marín, saiu vencedor e Fidel ficou como seu vice. Os manicatos, que formavam seu grupo de apoio, já se dissolviam por conta de opiniões divergentes.

Começava o último turno das pressões, ameaças ou promessas de emprego público, dirigidas aos novos 13 presidentes de escolas que deveriam escolher o presidente da FEU. Ao ser conhecido o resultado da votação, menos de um mês depois, os delegados do Direito viram-se obrigados a destituir o seu presidente, Federico Marín, que "fora eleito com o solene compromisso de votar contra o candidato governamental e não o cumpriu[7] ". Fidel assumiu automaticamente o cargo. A seguir, os grupos no controle da situação, apoiando-se nos estatutos, declararam a ilegalidade da destituição, estabelecendo-se, assim, uma dualidade entre a situação de fato – a vontade da maioria – e a de direito, puramente formal[8].

O chefe de polícia, Mario Salabarría, abordou Fidel nas imediações do prédio da faculdade, exigindo que renunciasse ou abandonasse a universidade; caso contrário, podia considerar-se "desaparecido". Fidel foi isolar-se numa praia, agoniado. Não pretendia obedecer ao ultimato, mas doía-lhe admitir que seria sumariamente executado e que caberia aos seus algozes divulgar a versão que bem quisessem dos fatos. Não lhe restavam muitas opções. Os grupos armados, no comando da máquina política, empenhar-se-iam em liquidá-lo. Se voltasse à universidade, armado e só, caso não fosse morto de imediato por policiais ou gangsters, estaria oferecendo o pretexto para ser preso, pois portar armas era um delito.

Resolveu deixar-se guiar por sua instintiva razão prática e vislumbrou a fórmula de voltar ao jogo: aceitar a proposta de Emílio Tro e apoiar a UIR. Avaliando sua escolha, Fidel afirmaria: "Não me encontrava preparado para compreender as raízes da profunda crise que desfigurava o país, daí que minha resistência estivesse centrada na idéia do valor pessoal".[9]

Muitos gangsters, vítimas de uma ilusão, pensavam em si como heróis. Qualificavam-se de revolucionários, às vezes honestamente. Fazer a revolução, para muitos deles, consistia em castigar um torturador que vinha da época de Machado ou de Batista. Um participante da época assim refletiria: "Sob certa ótica, a UIR encaixava-se em uma vertente de ação esquerdista, mas, como os demais bandos, servia aos interesses dos autênticos. Compelidos pelas heranças do passado, todos reproduziam, em um regime incapaz da lisura, as práticas da vingança, dos ódios e dos ressentimentos".[10] "Era um modo de luta armada em condições peculiares"[11], complementou Fidel.

Fidel pediu a UIR uma Browning 15 tiros, que lhe foi entregue, e um automóvel Buick usado, a marca da organização, como prova do pacto. Os companheiros de Tro encarregaram-se de acompanhar Fidel na volta à universidade. O plano era controlar, primeiro, a lanchonete, entrando por duas pequenas escadas. Assim, Fidel dividiu a escolta em grupos. Conduzindo o Buick, penetrou pela parte de trás do jardim, junto ao prédio do hospital, por onde se subia ao estacionamento. Chegando de surpresa, na lanchonete, fortemente acompanhado, a turma rival não soube como reagir. A UIR praticamente ocupou o prédio, acuando os adversários, que se encontravam dispersos.

Nos dias que se seguiram, a maioria dos delegados que destituíra Marín voltou a insistir para que Fidel assumisse o posto do Direito. Comparecendo sozinho à universidade, havendo já dispensado o seu apoio ostensivo, era constantemente fustigado. Seus inimigos sabiam que ele tinha o "pavio curto" e tentavam provocar um incidente para eliminá-lo. Numa dessas ocasiões,

após escassas horas de sono, Fidel levantou cedo e seguiu para a universidade. Ao sair do carro, vestindo um terno branco, o tenente da polícia universitária, apelidado Diabo, interceptou-o, dizendo que não podia entrar armado e pôs-se logo a revistá-lo. Fidel advertiu: "A pistola eu não entrego. Se a quiser vai precisar de um canhão para tirá-la de mim". O tenente, enfezado, retrucou: "Me aguarda no estádio. Vou tirar o uniforme".

Formou-se o burburinho. Alertaram Fidel que podia ser uma armadilha, talvez um atentado, pois fora percebida uma movimentação suspeita no campus, elementos estranhos foram detectados circulando sem ter aparentemente o que fazer por ali. Chino apareceu e levou Fidel para a sala onde tinham uma prova de Direito Penal. Sentaram-se pegados à parede, meio refugiados, e concluíram o exame. Na saída, comunicaram-se com os seus aliados, que intervieram para amansar os nervos. Neste episódio, um detalhe curioso: do lado contrário, encontrava-se, já fazendo escola, um dos cubanos que, décadas mais tarde, estaria nas manchetes americanas por conta do escândalo de Watergate, Rolando Martínez, *El Musculito*. Antes de ser contratado para a invasão da sede dos democratas em Washington, em 1972, esse mesmo personagem participaria de operações contra Fidel Castro.

Nos quadros universitários, a desorientação e a ansiedade. Não apenas Fidel, ou os mais atuantes, mas a maioria do contingente estudantil andava em busca de um norte político ou de um rumo de idéias. Entre as tendências, distorcidas ou segmentadas, os católicos, alguns deles ex-manicatos, vieram a integrar a Agrupação Católica Universitária (ACU), que reservava uma certa margem de independência dos cânones da alta hierarquia eclesiástica. Fidel foi convidado a integrar-se a ACU e recusou. Dedicava-se a alinhavar um novo grupo, o Movimento Estudantil Ação Caribe, com o lema "vida ascendente e programa infinito"[12] .

Uma alternativa no contexto político nacional surgia por intermédio de Eduardo Chibás, que revelava a intenção de abandonar os autênticos e fundar um novo partido. Imprudente e

impetuoso, Chibás erigia-se rapidamente em um paladino contra o governo, o que atraía Fidel. Outros caminhos possíveis, o Partido Comunista ou a sua Juventude, foram descartados, pois não lhe pareciam convenientes, entre outras razões, por sua obediência à URSS e por sua antiga ligação com o governo de Batista.

A Alfredo Guevara, o persistente observador, intrigava mais e mais a figura de Fidel. Decidiu-se a "provar se poderia conquistá-lo ou se, ao contrário, ele representava de fato um obstáculo"[13]. Militantes secretos da Juventude Socialista, ele, Guevara, e o seu colega Lionel Soto almejavam controlar a FEU. Traziam na bagagem a experiência de direção da Associação dos Secundaristas de Havana[14]. Como um primeiro passo, Lionel assumira o secretariado do núcleo informal dos comunistas da universidade. Investigando a estratégia posta em prática por Fidel e Bilito – a dupla que se alternava na representação dos cursos de Direito, até garantir um suporte majoritário nas bases –, Guevara confirmou uma suspeita: o objetivo de Fidel era similar ao seu, alcançar a presidência da FEU. Por sorte, muito antes do previsto, Guevara alcançou a presidência da Escola de Filosofia e Lionel, a secretaria. Uma estudante do último ano propusera a Alfredo uma aliança – ela saindo como candidata a presidente e ele a vice – que acabou vencedora. Como a cabeça de chapa logo se formou, Alfredo ganhou o cargo.

Fidel afirmava-se como o sensível elemento a ser captado, devido, especialmente, a um traço: "Em um ato ou assembléia, embora não contasse com um grupo formalmente organizado, seu discurso era capaz de alterar um resultado dado como certo até então". Ainda não desenvolvera a capacidade do improviso e fiava-se, acima de tudo, na memória. Recorda Chino: "Fidel lia o texto não mais do que duas vezes. Entregava-me depois, sentava-se em uma poltrona e eu, ao lado ou em frente. Ele discorria sobre tudo, com emoção, tal e qual estava escrito"[15].

Em fins de abril de 1947, parado com uns colegas na esquina de San Jose e Mazon, Fidel foi ameaçado por ocupantes

de outros três carros, armados de metralhadoras e pistolas – entre eles, Mario Salabarría. Primeiro foi conduzido ao Serviço de Investigações Extraordinárias Especiais da Polícia (SIEE) e, em seguida, preso no Castillo del Príncipe, por porte de arma. Seria posto em liberdade um dia depois, sob fiança[16]. Apesar das constantes ameaças, Fidel procurava cumprir, na medida do possível, as suas atribuições de delegado acadêmico, incluindo uma eventual monitoria, como a que ministrava a uma turma formada pelos poucos militares estudantes, que freqüentavam as aulas sem uniforme para evitar provocações. Como faltavam bastante, sempre necessitavam inteirar-se da matéria, na semana dos exames[17]. Circulava num Ford V-8 preto, último tipo, duas portas, que, a seu pedido, o pai presenteara-lhe no fim do ano; mas o carro durou pouco. Em 8 de maio, acompanhado de Chino e Tambor (apelido do gorducho Echevit), ao passar na estrada do Morrillo, o Ford bateu e ficou aos pedaços.

Nomeado diretor do Instituto Nacional de Esportes do Ministério da Educação, Manolo Castro afastou-se da direção da FEU. A entidade foi assumida por Ruiz Leiro, da Odontologia, em caráter interino, com Fidel ocupando a vice-presidência. Em 15 de maio, Fidel compareceria à assembléia da fundação do Partido do Povo Cubano (PPC-Ortodoxo), o projeto concretizado por Chibás, e à reunião convocada para o local onde funcionava a ex-seção Juvenil Autêntica.

Como temas programáticos, o PPC(O) defendia "o nacionalismo, a independência econômica, a eliminação do gangsterismo, a moralidade administrativa e o equilíbrio das classes sociais". Compor-se-ia majoritariamente, a partir de então, de setores da pequena burguesia, de correntes de esquerda não-comunista e elementos da burguesia que rechaçavam a degradação administrativa, boa parte destes, egressos do autenticismo. "Entendíamos que representava uma correção revolucionária, portanto generalizou-se o termo Partido Ortodoxo. Nós, da corrente jovem do partido, acalentávamos esperanças de transformação,

uma vez resolvido o problema da corrupção administrativa e garantidos certos patamares econômicos na relação com os Estados Unidos. Pensávamos usar os canais da política para realizar reformas que conferissem ao país uma certa independência econômica, sendo inimaginável uma atitude de confronto com os Estados Unidos, que controlavam a América...”[18], recordou Max Lesnick. Eduardo Chibás apostava que, em pouco tempo, conquistaria a maioria nacional. Para uma parte da juventude, o partido preenchia o vazio de opções políticas.

Em junho, diante da crise institucional da FEU, a ala progressista da representação estudantil deslanchou um movimento para convocar uma Constituinte e reestruturar a entidade. Fidel Castro e Alfredo Guevara eram candidatos à secretaria da instituição, encontrando-se entre os principais incentivadores do movimento. Logicamente, os gangsters tratariam de manobrar a convenção. Manolo Castro já não freqüentava a universidade, mas Mario Salabarría e o seu comparsa, Eufemio Fernández, mantinham-se em ronda constante pelas imediações[19].

A 4 de julho, preocupado com as ameaças que pesavam sobre seu filho, D. Angel Castro resolveu solicitar a expedição de seu passaporte. Escreveu uma carta ao ministro da Justiça[20]: “que seu filho Fidel Alejandro Castro Ruz, natural de Cueto, Província do Oriente, de 20 anos de idade, estudante e morador da rua 21 nº 104, Vedado... possa transferir-se aos Estados Unidos de Norte América ou qualquer outro país que estime conveniente...” Quanto a Emílio Tro, o chefe da UIR, tomou posse como oficial de polícia, contando com a presença de Fidel à solenidade[21].

Dois dias depois, deu-se a sessão inaugural da Constituinte da FEU, com a participação de 891 delegados. Fidel foi o quarto a se pronunciar, representando os estudantes de Direito. Começou a sua intervenção recordando dois heróis do movimento universitário do passado: Julio Antonio Mella e Ramiro Valdés Daussa; propôs oxigenar o ambiente estudantil, destruindo “o

indiferentismo motivado pelo predomínio de minorias apoiadas na razão da força – e não na força da razão".

À sessão, compareceram também os estudantes comandados por Salabarría, tentando amedrontar os delegados e criar divisões. Para evitar o mal maior, o grupo ligado a Ruiz Leiro e Fidel foi conversar com Alfredo Guevara. Argumentaram que, antes de verem a entidade ser novamente entregue à "máfia", deveriam pinçar um nome neutro, de consenso. Com isso, na prática, sinalizavam que Fidel, que até então se mantivera em silêncio, não poderia sair do encontro como o presidente da FEU.

Mas ainda era preciso neutralizar ou atrair dirigentes já cooptados. Alfredo acreditava na viabilidade de uma negociação, opondo-se a Fidel, que dizia ser inútil a tentativa e, com a voz alterada e uma arma na cintura, perguntava a cada um do grupo reunido por que preço se venderia. Guevara visava encontrar uma saída e concentrou-se em conversar com Bilito Castellanos, um forte candidato à presidência. "Eu poderia aglutinar sete votos", contou Bilito, "se Alfredo votasse por mim, mas ele estava comprometido. Disse-me: Não vou votar em você, mas não se preocupe. Quando assumirmos, rompo o meu acordo e vamos criar um bloco possante na universidade. Com muito mais poder adiante do que se fizermos outra opção agora..."[22]

Por um primado tático, cedeu-se a presidência. A representação comunista concebera que Enrique Ovares, o presidente da Arquitetura, era o nome indicado, e deu-lhe o voto decisivo[23]. Como referência, Ovares fora o secretário geral da FEU na gestão de Manolo Castro e chefiara a delegação de estudantes cubanos à primeira reunião da União Internacional de Estudantes (UIE), realizada em agosto de 1946, em Praga. "Ocorrera a Alfredo a genial idéia de fazer o acordo com Enrique, viabilizando uma nova direção para FEU, neutralizando a máquina..."[24]

As eleições processaram-se a 19 de julho nos salões da reitoria. Alfredo foi eleito secretário com 114 votos, ou seja, pela maioria das suas bases secundaristas e normalistas, recém-

chegadas à universidade. Fidel obteve 19 votos. A derrota de Ruiz Leiro à presidência provocou a retirada dos seus partidários. Distribuiu-se um manifesto, assinado também por Fidel, que acusava os componentes da mesa executiva de fraude e amiguismo[25]. Dos 891 delegados, só permaneceram no recinto 182[26].

Ajustava-se o movimento, com uma aparente conciliação. Os bandos pareciam aquietar-se ao verem a direção em mãos aparentemente inofensivas – as de Enrique Ovares e Alfredo Guevara. A transação encoberta permitira a substituição da hegemonia do grupo de Manolo Castro e, num prazo ainda incerto, talvez a dos bandos.

Alfredo transformar-se-ia em uma espécie de Richelieu do organismo, disposto a realizar um verdadeiro programa de mudanças. Era membro da Juventude Comunista, mas considerava-se um militante autônomo (ou rebelde). Desprezava os contatos com os do núcleo, porque julgava que não sabiam fazer política. Sua premissa básica coincidia com a de Lionel – "se a idéia não anda acompanhada da ação na hora exata, é como a fábula da carabina de Ambrosio que atirava para trás matando o atirador"[27] – e repunha seus olhos sobre Fidel.

Conforme as impressões que transmitia a Carlos Rafael Rodríguez, uma eminência do partido, Fidel era um ciclone. Se tomasse firme a bandeira da libertação, poderia concretizá-la, no bojo de uma geração que vivia a frustração com uma "República mediatizada". Os progressistas em ação na política cubana acalentavam esse sonho, ou essa expectativa, o surgimento de uma figura catalisadora. Alguém que provavelmente viria de fora dos partidos vigentes, onde inexistia ainda uma força política capaz de barrar definitivamente os que se escudavam na FEU para garantir benesses ou vice-versa[28].

Ocorre que o ciclone Fidel caminhava por moto próprio, conforme a sua natureza e formação que, de forma alternada ao que assimilava naquele meio ambiente, freava ou acionava o seu desenvolvimento. Alfredo Guevara não demorou a dar-

se conta de que não podia conduzir ou controlar Fidel. Ele constituía-se em um gênero original de contestador. A seu modo, um Quixote.

Discursando em frente ao Palácio Presidencial, em protesto pelo assassinato do estudante Carlos Martínez Junco, 1947

CAPÍTULO 10

Ao centro, tendo atrás Alfredo Guevara, 1947

Nas águas de um tubarão

Perto da Av. Prado, o jornaleiro, ao vê-lo, fechou a cara. Fidel vinha caminhando desde La Gallega, na esquina de L e 27, seu novo endereço, uma hospedaria das mais conhecidas, pois, além de acolher estudantes do interior, outros

tantos passavam horas conversando em seu terraço. O quarto custava 100 dólares mensais, pagos por D. Angel.

Entre hotéis e quartos alugados, vivia mal acomodado e raramente tinha um centavo no bolso. O último locador, temendo problemas, insinuou despachá-lo e ele entendeu o recado. Espalhara-se pelo bairro que Fidel era membro de um bando. Para ele, sobreviver ia se tornando uma perícia de pormenores; mas, em fins de julho, encontrou uma saída. Como presidente do Comitê Pró-Democracia Dominicana, entendeu ser seu dever alistar-se na expedição que vinha se organizando para derrubar o Presidente Rafael Leonidas Trujillo. Dominicanos no exílio em Cuba planejavam a hora final do ditador.

Cuba e a República Dominicana mantinham estreitos laços históricos. A junta organizadora da expedição era dirigida pelo escritor Juan Bosch e pelo ex-general Juan Rodríguez, ambos do Partido Revolucionário Dominicano (PRD), fundado em Havana, em janeiro de 1939[1]. O Bloco Alemán-Grau-Alcina (BAGA) – uma engrenagem política dirigida por Alemán, o ministro da Educação – havia fornecido recursos financeiros estimados em um milhão de dólares[2]; algo mais fora conseguido com venezuelanos de esquerda. Os organizadores providenciaram, nos Estados Unidos, a compra de aviões DC-3 e B-26, além de três buques – batizados de *Aurora*, *Berta* e *Fantasma* –, e armamentos na Argentina.

A preparação já durava algumas semanas, incluindo as reuniões no "quartel geral do estado maior", o Hotel Sevilla, no Paseo do Prado, com a participação do grupo de Manolo Castro e de militantes comunistas. Alguns encontros realizaram-se na residência de Eduardo Chibás e no Sindicato dos Eletricistas. Um recrutamento foi iniciado às pressas, convocando amplamente voluntários.

Fidel e Chino Esquivel, informados do plano, foram visitar o ex-general Juan Rodríguez no Hotel San Luis, onde residia. Fidel queria ingressar na tropa, mas, como seus adversários, no

comando da ação, não o permitiam, solicitou o aval do chefe militar, assim como o do coordenador político, seu amigo Juan Bosch. Também falou com Enrique Ovares, por saber que era um camarada de Manolo Castro. "*Guajiro*, você está louco. Vai se meter na boca do leão...", comentou o presidente da Federação dos Estudantes Universitários (FEU), que, entretanto, atendeu à solicitação. O fato é que alguns bandos, em conluio com o ministro Alemán, utilizavam a causa dos dominicanos como peça do seu jogo de interesses.

Enfim, Fidel conseguiu as passagens de trem, mas disse ao Chino: "Espero você lá. Vou de avião". O destino era a Província do Oriente, onde se aglutinariam os expedicionários. Quando Chino estava para embarcar, um chefe da União Insurrecional Revolucionária (UIR) veio vê-lo, expondo uma apreciação similar à de Ovares: "Para que vão se arriscar dessa maneira? Vá lá e traga de volta o Fidel. É o melhor que tem a fazer..."

Chegando ao acampamento, Chino pediu aos vigias do alojamento para localizarem o amigo. Fidel apareceu com um capacete de explorador na cabeça, fazendo Chino cair na gargalhada. Mas logo a conversa ficou mais séria. Chino expôs ao amigo porque não pretendia permanecer na tropa e sugeriu que Fidel voltasse com ele. No entanto, este respondeu que estava disposto a ir em frente, encerrando a argumentação. O outro percebeu que não adiantava insistir e se despediu.

Segundo os planos, a força expedicionária se concentraria na ilhota de Cayo Confites, para concluir o treinamento, e lá aguardaria até uma data ainda indefinida, mas não distante. Afinal, conseguiram reunir 1.200 homens, entre os idealistas, aventureiros, marginais e delinqüentes enviados à região. Fidel foi logo nomeado tenente-ajudante do general Manuel Calderón e colocado no comando de um pelotão.

Lá pelo final de agosto, o general considerou que já havia condições de partir[3], o que foi transmitido, em carta, por Fidel ao amigo Enrique Cotrera[4]. Contudo, as semanas transcorriam e

os expedicionários permaneciam em Cayo Conflites. O ambiente tornava-se mais tenso a cada dia, principalmente depois da notícia, em setembro, de que agentes do chefe de polícia Salabarría haviam assassinado a tiros o oficial Emílio Tro e outros membros da UIR, em Marianao, subúrbio de Havana.

Acompanhado de um pequeno grupo, Tro encontrava-se de visita a um conhecido delegado que vivia no bairro de Orfila. Os agentes do chefe de polícia chegaram, apresentando uma ordem de detenção contra Tro, que se recusou a se entregar. Começou o tiroteio. Na casa, sete homens resistiram ao fogo cerrado durante uma hora e meia, quando, então, tropas do Exército foram despachadas ao local para dirimir a questão. Informado da chegada dos militares, Tro resolveu abandonar a casa, acompanhado da esposa do amigo, mas ambos foram metralhados pelos policiais, assim como os demais membros da UIR, caindo mortos na calçada[5]. O caso ficaria conhecido como a Batalha ou Matança de Orfila, com um saldo de seis mortos e numerosos feridos.

Um jornalista conseguiu registrar as principais cenas do episódio numa filmadora e, assim, formou-se o escândalo. O Exército deteve os policiais agressores e, nos dias seguintes, outros a eles vinculados perderiam seus postos. Salabarría foi acusado de haver "fabricado" a ordem de detenção contra Emílio Tro, a partir de uma denúncia vaga extraída de um dono de botequim, segundo corria, às custas de maus tratos físicos. Com a Matança de Orfila, veio a longa seqüência da vendeta entre os bandos e ainda o pretexto para Genovevo Pérez, o comandante do Exército, liquidar com a expedição acampada em Confites.

Enquanto o ministro Alemán apadrinhava a expedição, o ditador Trujillo subornava o comandante do Exército cubano para que a abortassem. Por seu intermédio, instigavam-se toda sorte de conflitos. Aos ouvidos do Presidente Grau chegou a informação de que os expedicionários, na verdade, conspiravam contra o regime. O governo dividiu-se entre civis e militares, a favor e contra o projeto, cujos aspectos, pretensamente reservados, ter-

minaram de domínio público. Finalmente, Trujillo pediu uma investigação internacional. O ex-general Juan Rodríguez propôs renunciar a tudo, a tempo, mas grande parte dos envolvidos, inclusive do próprio PRD, negavam-se a abandonar a ilhota. Os três buques chegaram a zarpar, porém dois deles logo regressaram ao cais, frente às ordens emitidas por Rolando Masferrer e pela UIR, exigindo a volta a Havana.

Até então, três meses de concentração e treinamentos haviam transcorrido. Na confusão generalizada, incluindo tanto desertores como alguns kamikazes jogando-se no mar para alcançar as costas dominicanas, Cayo Confites transformou-se numa espécie de terra de todos e de ninguém. O Presidente Grau vacilava (como de costume), mas, ante a solicitação do Presidente norte-americano Harry Truman, aceitou que os expedicionários fossem detidos. Dos Estados Unidos partiu uma esquadra com aviões de combate e mais de três toneladas de bombas e armas[6], em direção às águas territoriais da República Dominicana.

Fidel era um daqueles que desejavam seguir com a invasão. Considerava a libertação da República Dominicana uma dívida de honra para o comandante das Guerras da Independência, o general Máximo Gómez, de nacionalidade dominicana. Embarcou no buque *Aurora,* e os planos da agora pequena força eram organizar uma guerrilha nas montanhas, após o desembarque. Entretanto, a fragata da Marinha de Guerra interceptou o buque, intimando os tripulantes à rendição.

Por longo tempo, Fidel permaneceu imóvel, solitário, sentado numa escada do convés. Mas, entrada a noite, no momento que julgou apropriado, tomou as armas ao seu alcance, agarrou uma balsa e partiu. Adiante abandonou a embarcação, lançou-se ao mar e nadou dois quilômetros até o litoral, através das águas freqüentadas pelo famoso tubarão Pepe, como o chamavam os pescadores locais, creditando-lhe um enorme número de vítimas, em muitas apavorantes histórias. Mas o temido devorador não apareceu e Fidel concluiu o percurso são e salvo.

Saetía, a ilhota onde chegou, era familiar a Fidel desde a infância. Das areias, foi caminhando, atravessando o mangue e o bosque, com o uniforme colado à pele e escorrendo água salgada, tentando lembrar-se da trilha que conduzia à vivenda de Lalo, o faroleiro, um conhecido de D. Angel.

"Preciso de você", disse-lhe, ao assomar-se à porta extenuado, causando um susto em Lalo e em sua mulher[7]. Contou-lhes uma parte do sucedido, pedindo ajuda para sair da região do modo mais seguro. Depois de alimentado, Lalo levou-o a descansar numa dependência a poucos metros da casa.

Com o amanhecer, Fidel se preparou para tomar o seu rumo. Lalo veio entregar-lhe um cantil, algumas balas de revólver, roupas para se trocar e acompanhou-o. Cruzaram a velha estrada entre Nipe e Levisa, ponto de concentração de pescadores, com casas de fornos a lenha que se notavam na passagem. Podia-se perceber o movimento de soldados do exército e da marinha em direção à serra e pelas cercanias, uma zona rica em jazidas minerais de níquel, ferro e cobalto, controlada pela Nicaro Nickel Company.

Lalo encontrou um bote livre e os dois remaram até o outro extremo do canal. O faroleiro, então, se despediu, lembrando Fidel de aguardar a caminhonete que fora alugada, conforme a sua recomendação. Fidel lhe pediu que não contasse a ninguém que se haviam encontrado. Pouco depois, apareceu um motorista que se apresentou com o nome de Potaje, dizendo ter sido mandado para apanhar "o filho de D. Angel, de Birán". Fidel vestiu um chapéu grande de *yarey*, uma calça azul e uma camisa de xadrez, e montou no veículo com destino a Mayarí. Em dado momento, resolveu descer e escondeu as armas num cano de diâmetro largo, que viu à margem da estrada.

Potaje deixou-o no Hotel Mascota – antes, porém, Fidel pediu que entregasse um bilhete à sua irmã Angelita, que morava na cidade, em frente ao quartel. Pensava em ir a Birán, mas, em razão das chuvas, escrevia à irmã que necessitaria de um bom cavalo para fazer o trajeto.

Recostado na poltrona do quarto do hotel, sorvendo uma dose de conhaque Felipe II, Fidel escutou pelo rádio que alguns expedicionários de Confites já se encontravam confinados no quartel central de Columbia. Por ora, não precisaria se preocupar com o burburinho dos guardas na rua, à procura de algum remanescente da invasão abortada. Comunicou-se com Angelita, mas decidiu alterar seus planos, considerando que não era recomendável permanecer na região. Mudou seu penteado, arrumou óculos diferentes e providenciou condução para a capital. Parou apenas no ponto da estrada onde escondera as armas, mas já haviam desaparecido.

Era noite alta quando o Chino foi atender uma chamada telefônica. “Vem para cá. Estou na casa de Mirta...” Chino reconheceu de imediato a voz de Fidel. Mirta era a moça com quem este iniciara um namoro antes de engajar-se na expedição – Mirta Díaz-Balart, estudante de Filosofia, militante na política universitária e irmã de um colega seu, Rafael, mais um ex-integrante dos manicatos[8]. Natural, como ele, da região oriental, era uma bonita e doce loura de olhos claros por quem se mostrara interessado desde o dia em que a conheceu. Aliás, o interesse foi mútuo. Depois passou a vê-la na universidade e o envolvimento entre os dois ocorreu naturalmente, sem precipitações, até porque, Fidel era um tímido na matéria, discreto e reservado em questões sentimentais. Encontrar-se com a namorada era, na verdade, o seu único lazer, pois vê-lo numa festa era uma raridade, pois não sabia ou não gostava de dançar.

Chino foi encontrá-lo escondido no sótão do edifício onde os Díaz-Balart moravam com a avó. “Morri de rir. De nada servia aquele disfarce com os óculos diminutos na ponta do nariz e o cabelo repartido ao meio. Ele era inconfundível”[9], relembrou Alfredo Esquivel. Avaliando os acontecimentos em conversa com o amigo, concluiu que a sua permanência na capital representava um risco duplo. Fidel era um alvo certo da vendeta desatada em Orfila e, certamente, seria um dos mais procurados, quando

as buscas por expedicionários desaparecidos deixassem de se limitar ao Oriente. Comentava-se que Masferrer perguntava por seu paradeiro, espalhando o boato de que Fidel era um desertor.

Como medida cautelar, Chino providenciou uma passagem de trem-leito, com embarque na província limítrofe de Matanzas. Fez um contato com Walterio Carbonell e alugaram um carro. Compraram três bilhetes para assentos no fundo do ônibus Havana-Matanzas. Calcularam o tempo hábil para recolher Fidel e chegar ao destino exatamente no instante do toque da sineta que anunciava a partida, de modo a serem os últimos passageiros a embarcar. E assim sucedeu. Chegaram à cidade de Matanzas à meia-noite, bem a tempo de tomarem o trem.

Walterio permaneceu esperando à entrada da estação, enquanto Chino acompanhava Fidel pela plataforma até o local de embarque. Uma dupla de soldados cruzou com eles, observando-os, e Fidel alertou baixinho: “Nem olha”. Seguiram adiante de cabeça baixa, com Fidel já tentando visualizar a melhor maneira de escapar, caso fosse descoberto. Ganhara experiência e não pretendia ser uma presa dócil.

No entanto, sem maiores incidentes, chegou a Birán, onde passou alguns dias. Durante esse período, as autoridades declararam encerradas as investigações sobre o caso de Confites. Estavam convencidas de que os que não foram presos teriam sido tragados pelas águas ou pelos dentes do tubarão de Nipe.

De volta à capital, finalmente, “o morto apareceu nas escadarias da universidade”[10], causando espanto geral. Nem aos mais chegados Fidel queria delongar-se em explicações, pois tinha urgência em resolver a sua situação acadêmica. Não prestara os exames finais e, para evitar a perda do registro de universitário, a única solução era optar pela “matrícula livre, não-oficial”, que lhe permitia cursar matérias, mas não outorgava direito a votar, aspirar ou desempenhar qualquer função na FEU. Considerou que, pelo menos, poderia ser uma oportunidade para dedicar-se aos estudos. Inscreveu-se em 20 matérias, declaran-

do a intenção de obter três títulos em Direito – Público, Diplomático e Administrativo – e um em Ciências Sociais. Guardava o interesse suplementar pelo de Economia Política, para o qual precisaria ganhar uma bolsa, a que só teria direito mediante a conclusão de 30 matérias no período seguinte. Como Fidel perdia o cargo de dirigente, por não contar com uma matrícula oficial, Bilito Castellanos manteria a presidência do Direito por três anos.

A aspiração de se concentrar nos estudos seria desfavorecida por outras circunstâncias. Fidel continuava sofrendo a perseguição das gangues, embora estas estivessem entrando em um lento declínio. O movimento estudantil, de cara renovada, também não iria lhe consentir pausas prolongadas. O núcleo emergente de agitadores sociais avalizados pela nova direção da FEU, mesclando socialistas, independentes e ortodoxos, assumia as rédeas do movimento estudantil – entre esses, estava Fidel. Seu caráter contestador amadureceriria nessa fase, mas, a rigor, ainda não a

Com colegas da Universidade, 1947

sua consciência política, segundo uma auto-análise que faria oportunamente. Os representantes oficiais da ordem iniciariam uma ação, agora sem intermediários, contra os novos dirigentes.

Na prática, a transição experimentada na universidade correspondia ao momento que vivia a nação. O dinheiro público propiciava o enriquecimento pessoal das autoridades, que faziam negócios com contrabandistas, especuladores, no jogo e na prostituição. O ministro da Educação, José Manuel Alemán, entesourava uma fortuna que, anos depois, seria calculada em 100 milhões de dólares.

À medida que o Partido Autêntico debilitava-se, o líder ortodoxo Eduardo Chibás convertia-se no mentor da luta contra os "vilões de Cuba", numa intensa cruzada contra a corrupção do Estado, deflagrada em seus programas radiofônicos. Chibás popularizou o lema "Vergonha contra Dinheiro" e chamadas na rádio contra os "polvos norte-americanos", como apelidava os trustes da eletricidade, telefonia e outros. A campanha motivava um veloz crescimento do partido, que primava por ser uma extensão do próprio Chibás. No final de 1947, a ortodoxia teria perto de 165 mil filiados em todo o país.

Enquanto isso, a turbulência continuava a caracterizar as disputas na política estudantil. Numa campanha contra o BAGA que aglutinou os secundaristas, o estudante Carlos Martínez Junco acabou morto a tiros no meio da multidão. Quando o corpo saiu do hospital com destino ao cemitério, um automóvel interpôs-se ao carro fúnebre e obrigou o motorista a rumar para o instituto de segundo grau, onde montaram o velório. Os estudantes pronunciaram-se em vários meios de comunicação e uma greve do setor foi proclamada por 48 horas. A 10 de outubro, o cortejo, debaixo de temporal, foi desviado para passar em frente ao Palácio Presidencial, onde os populares e os estudantes se detiveram, em silêncio. O caixão vinha coberto com a bandeira cubana e Fidel pôs-se de pé, equilibrando-se num muro do palácio, para exigir em alto e bom som a deposição do "Presidente assassino".

Os novos ativistas possuíam seus pontos de encontro: o bar Biki, o Patio de los Laureles e a cafeteria ao lado do cinema em San Lazaro e Infanta. Numa manhã, estando num desses locais, Fidel abriu o jornal e viu estampada a manchete: "Veteranos negam a 'campana' ao governo de Grau". Pensou de imediato em voz alta: "Vamos trazer o sino e realizar um ato na 'escalinata'..." "Ê, escuta, *guajiro*... E por que iriam entregá-lo a nós?", foi a réplica de Chino, que serviu apenas para atiçar ainda mais Fidel.

Tratava-se do sino de Demajagua, a fazenda de Carlos Manuel de Céspedes, o *criollo* que, em 10 de outubro de 1868, partindo de seu engenho, deflagrou a primeira Guerra de Independência de Cuba. Já na época, o simbolismo em torno daquele sino, e de tudo o que dissesse respeito às guerras de Independência, fascinava Fidel, que ao mesmo tempo compreendia o quanto significava para o povo cubano, principalmente no período que atravessavam. Tomar aquele símbolo negado ao governo logo lhe pareceu um objetivo fundamental a ser alcançado para fortalecer a oposição diante da opinião cubana.

A primeira providência foi procurar Alfredo Guevara, que encontrou almoçando no bar da esquina de L e 27[11]. Fidel arrastou-o à calçada e expôs-lhe a idéia que tinha na cabeça: os estudantes trariam o sino[12] à capital; este seria tocado do alto da colina universitária, convocando o povo a tomar o Palácio. Estava convencido de que obteriam êxito onde fracassara o governo, que recebera uma peremptória negativa da Câmara Municipal de Manzanillo à solicitação de enviar o sino à capital para a comemoração do 10 de outubro. Fidel argumentava que a FEU capitalizaria imensamente com o ato[13] e a Grau, considerado indigno de tutelar os ideais da Independência, só restaria a renúncia.

Idéia aprovada, acompanhado de Ovares e Justo Fuentes, vice-presidente do Direito, foram apelar a um rico senhor ressentido com Grau, Isidro Hernández, que provia os estudantes de Medicina de material didático e aulas particulares. Hernández prontificou-se a contribuir para os gastos da operação.

Fidel viajou com Lionel Soto para formalizar a solicitação. Dois dias depois, Chino recebia por telefone a notícia de que a Câmara de Manzanillo entregaria o sino aos estudantes. Chino providenciou o aluguel de automóveis conversíveis com motoristas, de modo a organizar a caravana de recepção do terminal de trens até a "escalinata". Em 3 de novembro, Fidel e Soto chegaram à estação com a relíquia da pátria, uma peça de bronze de 50 quilos, acompanhados de uma delegação de veteranos da Guerra da Independência. O sino foi escoltado por populares e estudantes até a universidade, ao som do Hino Nacional. Lá, foi depositado nas dependências da reitoria, local destinado pela polícia universitária para a sua custódia.

Convocada uma assembléia extraordinária para decidir o que fazer com a relíquia, apareceram ostensivamente os pistoleiros de Masferrer e Salabarría, que se encontravam ainda presos na ocasião, por conta da matança de Orfila. Um dos pistoleiros lançou a ameaça – os organizadores do ato se lastimariam se fosse aprovada a proposta de utilizar o sino contra o Presidente.

No entanto, Fidel Castro insistia; "desejava a destituição de Grau com badalos de sino"[14], e acabou acrescentando a UIR à lista dos seus antagonistas. A organização que o protegera assinou um comunicado, que depois seria divulgado na imprensa, "contra Fidel, seus aliados esquerdistas e as intrigas do stalinismo criollo"[15]. Alguns dos coordenadores da operação vestiram um solene terno escuro e se retrataram em torno da relíquia[16].

Como o sino deveria permanecer na reitoria por 24 horas, Alfredo Guevara ficara com a incumbência de obter as armas para a sua vigília noturna. Foi providenciada uma pequena guarda estudantil, embora Fidel defendesse a necessidade de um contingente massivo, para maior segurança. De manhã cedo, ao se abrirem as portas do gabinete do reitor, o sino havia desaparecido. A notícia se espalhou feito um raio e Fidel apareceu em seguida, como alucinado. Com os colegas Sosa, Alfonso e Rafael Del Pino, concluiu o óbvio, que o governo ordenara o roubo para

sabotar a concentração popular que realizariam naquele dia. Teria de fato sido impossível a retirada da peça das dependências da reitoria sem contar com a conivência da polícia universitária.

Aos berros, Fidel protestava: "As ratazanas que fiquem! Vamos denunciar o roubo!". Dirigiu-se, então, à casa de Ovares, em companhia de Alfredo Guevara, com quem explorou as pistas disponíveis. Ao saírem, cruzaram com um automóvel com homens armados, entre eles Eufemio Fernández, um comparsa de Salabarría. Fidel fez que este descesse do carro e dissesse onde estava escondido o sino. Eufemio negou qualquer conhecimento do caso, mas Fidel experimentava sérias suspeitas de que a peça se encontrava na casa de Tony Santiago, um dirigente da Juventude Autêntica ligado a Salabarría.

Dali, partiu em comitiva para formular a denúncia ao comissariado de polícia. O comandante Manuel Cruz escutou-o impassível, enquanto ele declarava que pistoleiros haviam ameaçado estudantes na tarde anterior, citando a polícia universitária e os gângsteres Rolando Masferrer, Manolo Castro, Eufemio Fernández e os seguidores de Mario Salabarría como os responsáveis pelo roubo. Repetiu o mesmo relato aos jornalistas que esperavam do lado de fora[17]. Enquanto o sino permanecia desaparecido, a imprensa e os estudantes especulavam que deveria surgir, de repente, no Palácio Presidencial. Com efeito, ao anoitecer de 6 de novembro, soube-se que o sino ali se encontrava. Em carta aberta à opinião pública, o núcleo da FEU pediu "a deposição de Grau com a entrega do poder ao Supremo Tribunal Federal e a criação de uma Junta Patriótica de Fiscalização Cidadã"[18]. Começava a aglomeração na escadaria da univesidade, que logo contaria com quase 30 mil pessoas.

Guevara, Ovares e Fidel discursaram. O último afirmou: "A postura do estudantado deve ser de oposição independente... Não podemos permitir que nos confundam com homens de Machado ou de Batista... No plano nacional, devemos criar uma unidade de luta do povo para conseguir a sua verdadeira inde-

pendência, emancipação econômica, soberania e liberdades políticas...” Acusou ainda os chefes de polícia (Salabarría e Fábio Ruiz) e o ministro do Interior, Cossio del Pino, de haverem tentado confiscar o filme do massacre de Orfila. Nas notícias que se veicularam, afirmava-se que a sociedade exigia a imediata devolução do sino de Demajagua à sua cidade.

No dia 12 de novembro, o governo, que não pudera obtê-lo emprestado, acabaria sendo obrigado a devolvê-lo. Posteriormente, ficou demonstrado que o autor do roubo fora o gângster Eufemio Fernández, em cumplicidade com a polícia, que expulsara a guarda estudantil com a justificativa de que estudantes armados não podiam permanecer no recinto. A seguir, como Fidel e os demais dirigentes da FEU suspeitavam, o sino fora depositado no apartamento de Tony Santiago, seguindo, posteriormente, para o Palácio.

Aos poucos, o nome de Fidel se expandia para além da capital. Com o tempo, adquiria também mais consistência na oratória e no pensamento político, que revelou naquela noite em discurso sofisticado, mas de formato espontâneo, explorando verbetes de José Martí. Ainda dentro das comemorações da Independência, os secundaristas de Artemisa tinham vindo a Havana especialmente para convidá-lo a ser o orador representante da FEU à cerimônia que realizavam anualmente[19], conseguindo localizá-lo numa emissora de rádio, onde ele dava uma entrevista. De regresso à capital, com Díaz-Balart e Rafael Del Pino, foi provocado por agentes do governo. Del Pino atuava de guarda-costas – fora soldado das tropas norte-americanas na II Guerra Mundial e era útil a Fidel nessa fase.

A perseguição acentuava-se. Em janeiro de 1948, a FEU assinou um manifesto condenando o assassinato de dois líderes sindicais comunistas – Jesús Menéndez, dos açucareiros, e Aracelio Iglesias, dos portuários – por pistoleiros a mando do governo. Um protesto que realizaram contra a brutalidade policial terminou com a depredação de um bonde[20]. No dia seguinte, Fidel

apareceu carregando uma bandeira cubana numa passeata[21]. Três caminhões e várias viaturas, com 60 policiais, avançaram sobre os manifestantes, e vários sofreram lesões – entre eles, Fidel, que foi parar na 9ª delegacia, com uma ferida na cabeça.

Em outro episódio, a *Rádio Bemba*, o sistema de comunicação boca a boca de Havana, propagou a notícia de que Salabarría e Masferrer acusavam Fidel do assassinato de Manolo Castro[22], ex-presidente da FEU. O crime ocorreu na tarde do dia 22 de fevereiro, na porta do Cine Resumen, quando Fidel encontrava-se no Café El Dorado. À noite, ele se dirigiu ao Hotel Plaza, onde se hospedava, e na manhã seguinte verificou num jornal que seu nome constava da lista de suspeitos, assim como o do colega Manolo Corrales, membro do Partido Comunista, que, na verdade, testemunhara o assassinato e conhecia o verdadeiro culpado[23]. Dois dias depois, em companhia de Justo Fuentes e Pedro Mirassou, igualmente mencionados como membros da UIR[24] e supostamente envolvidos no atentado, Fidel abordou uma patrulha e solicitou que os conduzissem ao comissariado do terceiro distrito policial. Lá, os três afirmaram não ter qualquer relação com o assassinato, apresentando seus respectivos álibis.

Após serem submetidos ao teste de parafina, constatou-se que não haviam disparado armas de fogo nos últimos dias. Portanto, não havia provas contra eles[25]. O juiz Gisper liberou-os no dia 26. Antes de abandonar o prédio, Fidel falou aos jornalistas. “As acusações que nos fazem, principalmente as que vêm da parte de Rolando Masferrer, cuja atuação é conhecida de todos, têm um único objetivo: apoderar-se da direção universitária e pô-la a serviço de seus interesses pessoais. Isto é o que temos tratado de impedir, apesar da coação e da violência praticadas contra nós, há muito tempo”.

Fidel deixou claro que ele e seus colegas haviam se apresentado espontaneamente à polícia. A imprensa em seguida receberia a informação de que a única pessoa realmente implicada era um outro membro da UIR, cuja pistola cheirava à pólvora

quando foi capturado algumas quadras abaixo do local do crime. Tratava-se da seqüência da vendeta; a vingança pelo assassinato de Emílio Tro. Logo também seria morto Eufemio Fernández.

Quanto a Fidel, que agia de forma independente, apesar de filiado à Juventude Ortodoxa, era alguém que se convertera – como ele mesmo supôs e os fatos atestaram[26] – num perfeito alvo para os remanescentes das gangues. E não contava mais com a antiga aliança com a UIR, o que o livrava da proteção prometida, mas inepta, já que essa ligação apenas servira para marcá-lo de morte. Foi com essa certeza que combinou um encontro com Alfredo Guevara na casa de Maria Lídia, a sua meia-irmã, então residindo na capital, para tratar do assunto.

"Não me interessa estar dando explicações a ninguém. Todos não passam de um punhado de bandidos, mas você é o único a quem quero dizer que não tenho nada a ver com isso"[27], falou Fidel sobre os assassinatos. Alfredo respondeu que não tinha dúvidas disso e que a própria FEU fizera uma declaração formal em seu apoio e dos dois outros acusados. Fidel consultou-o sobre o que achava da situação, ao que Guevara replicou que o melhor que ele poderia fazer seria sumir de circulação. Com a ajuda financeira e moral de Mario García Incháustegui, providenciaram logo um esconderijo. Fidel sabia que viveria em semiclandestinidade por tempo indeterminado. Foi assim que se produziu o vínculo definitivo de Alfredo Guevara e Fidel, que também encerrava, definitivamente, qualquer ligação com as gangues.

C A P Í T U L O 1 1

Em Bogotá, Colômbia, 1948

Tufão em Bogotá

Ninguém, a não ser os mais íntimos, tinha qualquer acesso a Fidel. Ele aproveitou o isolamento para aprofundar-se em economia política, que começara a apreciar a partir das aulas do professor Delio. Além disso, selecionou para leitura algumas biografias dos militares da independência – Máximo Gómez, Céspedes, Agramonte e Maceo.

Havia pouco, comentara com o escritor Juan Bosch, um dos organizadores da expedição à República Dominicana, o seu profundo desejo de conhecer a situação dos países da América Latina[1]. Acreditava que determinados fatores, como a corrupção, tinham nas demais nações latinas influência semelhante à que se constatava em Cuba. Pensava em ir à Venezuela, Colômbia, Equador e Peru, e perguntara a Bosch se podia fornecer-lhe referências de gente conhecida nesses países. O escritor preparou duas cartas de apresentação para amigos da Ação Democrática (AD) em Caracas. Entretanto, devido às circunstâncias em que se encontrava, Fidel relutava em abandonar Cuba para não parecer covardia ou sinal de culpa, apesar do conselho em contrário dos amigos.

Além disso, o quadro político latino-americano propiciava o surgimento de um parceiro especial para a Federação dos Estudantes Universitários (FEU) de Cuba. Emissários do general Juan Domingo Perón, o Presidente da Argentina, desembarcaram em Havana em meados de março. Perón desejava encontrar aliados para respaldar a sua reivindicação de soberania territorial sobre as Ilhas Malvinas[2], ocupadas pela Inglaterra, que o Governo argentino trataria de expor na IX Conferência de Chanceleres da Organização dos Estados Americanos (OEA), a realizar-se no dia 10 de abril em Bogotá. De sua parte, a FEU, desde o último encontro internacional dos estudantes, assumira a tarefa de convocar o Primeiro Congresso Estudantil da América Latina[3], cujos princípios afinavam com a chamada terceira posição, defendida por Perón: anti-soviética e anti-norte-americana. Um representante da FEU acabava de regressar de uma viagem à América do Sul e a juventude peronista foi das que mais se entusiasmaram em buscar os meios para viabilizar o Congresso.

A comissão de Perón, recém-chegada ao Hotel Nacional, era integrada por Iglesias Mónica e Antonio Caffiero. Informado dos propósitos de ambos os lados, Fidel providenciou contato com a delegação peronista e lançou a proposta de organizar um evento estudantil em Bogotá, a coincidir com a data da Confe-

rência da OEA. Diego Molinary, o embaixador argentino, logo lhes confirmava a boa nova: o general aceitava arcar com os gastos para a reunião[4].

Mas os cubanos ainda necessitavam coordenar as representações dos demais países latino-americanos, para o que tinham pouco tempo. Para Fidel, apresentava-se um bom motivo para se ausentar do país até que a perseguição esfriasse; viajaria à Venezuela e ao Panamá em missão da FEU, com cobertura financeira e diplomática da Argentina[5]. Foi aceita inclusive a sua solicitação de levar o companheiro Rafael Del Pino, o que lhe propiciaria mais segurança. Outras comissões também foram formadas: Chino Esquivel e Aramís Taboada iriam à Guatemala, El Salvador e México; Pablo Acosta e Carlos Moreno, a Honduras, Nicarágua e Costa Rica; Enrique Ovares e Alfredo Guevara, os dirigentes máximos da FEU, seguiriam para Bogotá, onde se encontrariam com Fidel.

No dia 19 de março, previsto para o embarque, Fidel foi detido por agentes policiais no aeroporto sob a alegação de ser um fugitivo da justiça. Ante o instrutor do sumário pela morte de Manolo Castro, alegou que fora designado pela FEU para participar de um congresso, portanto sua viagem não fugia sequer aos termos de sua liberdade provisória. Soltaram-no, mas retiveram o seu passaporte recentemente expedido e alguns pertences, que seriam devolvidos no dia seguinte, quando, então, pôde embarcar. Antes de passar à pista de embarque, declarou a um jornalista: "A apreensão foi obra dos que pretendem criar contra mim uma opinião pública desfavorável e obstruir minha militância estudantil".[6] Além disso, exigiu que fosse divulgado que um grupo armado pretendia assassiná-lo[7].

Fidel passou cinco dias na Venezuela, quando, além de acertar a representação estudantil, participou de um encontro de estudantes com o recém-eleito Presidente da Venezuela, Romulo Gallegos, em sua residência em Guaira. No Panamá, permaneceu de 27 a 30 de março, e compareceu a uma concentração popular,

perto da zona do canal, contra um tratado que objetivava sua hipoteca em benefício dos Estados Unidos[8]. Em companhia de Luis Carlos Noriega[9], o secretário da Federação de Estudantes do Panamá, visitou o estudante Sebastián Tapias, que, atacado pela repressão durante os protestos contra a ocupação do canal, ocorridos na semana anterior, sofrera ferimentos sérios que terminaram por deixá-lo inválido.

A revista *Mundo Gráfico* entrevistou-o, perguntando[10] sobre a pauta de discussões do evento a realizar-se em Bogotá. Fidel respondeu que debateriam "os casos de usurpação de territórios por governos estrangeiros, como Belize, Trinidad, Guiana Inglesa, Terra Antártica e as Ilhas Malvinas, e os de países escravizados por ditaduras bárbaras, como a de Trujillo na República Dominicana". Afirmou ainda que tinha a intenção de conversar com o secretário de Estado norte-americano, general George Marshall e outros chanceleres sobre essas questões. Acrescentou que em Bogotá pretendiam formar a Federação de Estudantes Latino-americanos, "com caráter independente".

Fidel desembarcou em Bogotá com a barba bem feita e trajando uma jaqueta de pele escura, na fria manhã de 1º de abril de 1948. Aos três estudantes que foram recebê-lo, manifestou ansiedade em conhecer os demais participantes, durante o trajeto em direção ao Hotel Claridge, onde se hospedava a delegação peronista. O hotel era próximo ao Capitólio, onde ocorreria a reunião da OEA. Algumas de suas primeiras observações constam de uma carta que escreveu ao pai: "Meu companheiro (Del Pino) e eu nos hospedamos no Hotel Claridge que é muito bom, onde cobram 9,50 dólares a diária. Segue uma fotografia junto à estátua do general Santander..."

No dia 3, compareceu a uma recepção no Teatro Colón, na presença de delegações da OEA, em que distribuiu panfletos reivindicando a devolução da zona do canal ao Panamá, das Ilhas Malvinas à Argentina, a independência de Porto Rico e a democratização da República Dominicana. Juntamente com os demais

estudantes, Fidel foi quase imediatamente detido no saguão. Depois de fichados e interrogados, foram soltos. "Fiquei com a impressão de que um dos detetives aprovava a posição que expusemos, mais ampla e radical que a dos delegados de Perón aos encontros...", disse Fidel.

Numa reunião com representantes sindicais, o dirigente estudantil e também da União Sindical Operária colombiana, Felipe Poza Abisambra, que o vinha acompanhando desde a chegada, pediu atenção especial às palavras do "visitante cubano Fidel Castro", elevando-o à presidência da mesa. A seguir, um assistente solicitou que o cubano apresentasse as suas credenciais, argumentando que o tom de seu discurso, fortemente de esquerda, parecia com o que os provocadores comumente utilizavam. Fidel ficou sem jeito; afinal, não contava com o direito de representação da FEU, por não ser um estudante regular. Iniciou uma resposta de timbre incerto, mas logo recuperou o ímpeto e declarou que a sua identidade era a dos "povos esmagados, como Porto Rico, Panamá e a sua Cuba, obrigada a aceitar a Base de Guantânamo". Terminou ovacionado. O episódio abriu caminho para que Fidel se tornasse uma das figuras centrais do encontro.

A Colômbia daquela época tornara-se a terra de Jorge Eliecer Gaitán, a sua figura política mais popular, tido como futuro Presidente. Fidel desejava conhecer o excepcional tribuno que assumira a liderança do Partido Liberal, despojando a oligarquia, e que o povo escolhera como o seu caudilho. Sabia que exercia influência sobre Eduardo Chibás, principalmente no campo ético, embora suas idéias andassem mais à frente, margeando a democracia socialista. Também soube que Gaitán interessava-se por realizar uma conferência pan-americana paralela à da OEA, que considerava um conclave inócuo, submetido aos interesses de Harry Truman, o Presidente norte-americano.

Às 10 horas do dia 7 de abril, Fidel encontrou-se com Gaitán no escritório deste, no Edifício Augustín Nieto, na Carrera Séptima. Ali, conheceu o seu discurso *Oração pela Paz*, pronunciado dois

meses antes na Plaza Bolívar, do qual muitos colombianos repetiam trechos de cor. Saiu de lá com a promessa de se encontrarem outra vez, dois dias depois, quando Fidel pensava juntar uma comissão para lhe fazer, pessoalmente, o convite para discursar no congresso estudantil. À noite, foi assistir a um julgamento de um tenente do Exército, acusado da morte de uma autoridade do governo conservador, no qual Gaitán atuava como defensor. Fidel estava interessado em ver como ele conduziria a argumentação, pois Gaitán era ainda reconhecido como o mais brilhante jurista penal do país.

Os demais representantes da FEU cubana, Enrique Ovares e Alfredo Guevara, chegaram pouco depois e logo se questionaria se Ovares, pela função que desempenhava, não deveria assumir a presidência da mesa nas reuniões, que fora entregue a Fidel. Este se encarregou de abrir mão do posto, mas a maioria dos delegados decidiu por sua permanência.

Na manhã do dia 8, as notícias e contatos diplomáticos prévios à abertura oficial da conferência indicavam que a Casa Branca pretendia continentalizar a política macarthista na OEA. Com efeito, o secretário de Estado americano, general George Marshall, chefe da delegação norte-americana, declarava, na sua chegada à capital colombiana, que uma conjuração internacional comunista ameaçava a América. Perguntado sobre as possibilidades de ajuda econômica aos países da América Latina, ofereceu um empréstimo de 500 milhões de dólares por intermédio do *Export-Import Bank* para todo o Continente – o que seria julgado uma autêntica esmola –, sugerindo que se convidasse o capital privado norte-americano a realizar investimentos. O ministro colombiano lançou acusações a estudantes cubanos de passagem pelo país, especialmente o jovem Fidel Castro, vinculando-os à penetração comunista. A representação cubana reclamou dos cortes na cota de açúcar, por parte dos Estados Unidos, o que provocaria uma nota do Departamento de Estado[11].

No início da tarde do dia 9, Fidel e Rafael Del Pino foram encontrar-se com Ovares e Guevara num café, para daí rumarem ao escritório de Gaitán. Vestindo branco no frio andino, o que acentuava a sua palidez, Fidel era um ente bizarro nas ruas do centro de Bogotá.

No meio do caminho, de repente, estourou uma gritaria por todos os lados: "Mataram Gaitán! Mataram Gaitán!". A notícia espalhou-se pela cidade em questão de segundos, e a população logo tomou as ruas, como uma correnteza, movendo-se desnorteada. Uns sacudiam braços no ar, outros se abraçavam ou caíam no asfalto. Fidel, chocado com a notícia, sem conseguir confirmá-la, atordoava-se mais ainda na erupção geral. Mais adiante, encontrou um conhecido que lhe assegurou que Gaitán estava, efetivamente, morto. Começou, então, a preocupar-se, pensando onde andariam os quadros do Partido Liberal, pois não aparecia ninguém para organizar o tumulto das ruas.

O crime fora cometido na porta do edifício do escritório de Gaitán, na Carrera Séptima, quando o líder político saía para almoçar. Eram precisamente 13h15 quando um desequilibrado (segundo o que se apurou depois) abateu-o a tiros na calçada, pelas costas. Logo, formou-se uma aglomeração que perseguiu o assassino e trucidou-o dentro de uma farmácia. Depois, decidiram levar o cadáver de Gaitán para depositá-lo no Palácio do Governo. Lá, a multidão deparou-se com o prédio protegido por centenas de soldados armados – as autoridades haviam convocado as tropas para sufocar o movimento. Os soldados abriram fogo. Na impossibilidade de assaltar o Palácio, a aglomeração dirigiu-se ao Capitólio, onde estava sediada a Conferência da OEA. E começou o saque.

Fidel, envolvido no tumulto, tinha chegado à frente do prédio, onde havia o cordão de policiais perfilados. Do meio do parque, ficou observando aquela quantidade de pedras voando, dezenas, ou centenas, de pessoas avançando sobre os portões, forçando a formação de soldados a desfazer-se. Resolveu aproximar-se mais

e viu as peças e os móveis dos gabinetes do Parlamento sendo atirados do alto, pelas janelas, para o meio da rua. Na esquina, observou um senhor pronunciando um discurso em voz alta, mas ninguém lhe dava atenção.

Enquanto isso, outros edifícios públicos foram invadidos e depredados por revoltosos que berravam: "Viva a guerra civil!"; "Viva o Partido Liberal!" O saque estendia-se por todo o centro, assim como os incêndios. Bogotá virou um campo de batalha. Crescia a procissão de gente; uma multidão com machados, fuzis, correias ou cacetetes, enfrentando as tropas do Exército e da polícia leais aos conservadores. O pisco, o champanhe e o uísque ingeridos aos litros aumentavam o desatino. *Pueblo! A la carga!*, gritavam. As autoridades, que haviam gasto mais de quatro milhões de pesos para enfeitar a cidade meses antes – embolsando boa parte deles –, assistiam-na transformar-se na imagem de uma índia velha e bêbada.

De alguma maneira, Fidel e Del Pino conseguiram chegar ao café onde estavam Ovares e Guevara. Trocaram não mais do que meia dúzia de palavras e já assistiram à correria alucinada, do lado de fora, e os gritos: "Mataram Gaitán!", como se começasse tudo de novo, outro tufão de gente com armas, cabos de ferro e madeira. Os cubanos decidiram que o melhor era reunirem-se aos estudantes na universidade. Moveram-se dali, não se sabe como. Poucas quadras adiante, disse Fidel: "Vou ao quartel da polícia e volto logo!". Alfredo lembra que ainda o escutou terminando a frase, mas já não o conseguia ver, em meio à multidão. Encontravam-se, de fato, nas cercanias de um depósito onde policiais entregavam armas a simpatizantes de Gaitán, e Fidel decidira incorporar-se às milícias espontâneas.

Em meio à confusão de pessoas, Fidel só conseguiu agarrar uma escopeta de gás lacrimogêneo entre os apetrechos distribuídos a quem pegasse primeiro. Viu um gorro largado, colocou-o na cabeça, e assim sentiu-se um pouco mais preparado para a guerra. Encontrou um par de botas no segundo andar

do quartel, mas não lhe serviram. Desceu ao pátio, onde um oficial tentava organizar uma esquadra. Com ele, Fidel conseguiu um fuzil, o qual pôde reter a duras penas, ao mesmo tempo em que os grupos, a maioria formado de jovens, já se despachavam dali, desordenadamente.

Fidel estava preocupado com a desordem. Sabia que daquele jeito a resistência não vingaria. A três quarteirões, avistou cinco soldados da polícia que tentavam implementar certa organização e se ofereceu para ajudá-los. Deles ganhou um capote, o que compunha melhor a sua improvisada farda. Em dado momento, entretanto, deu-se conta de que os policiais pertenciam à guarda presidencial, e isso o deixou perplexo, sem entender o que estavam fazendo ali. Um carro passou transportando cadáveres de estudantes. Provinham da *Radio Difusora*, onde um grupo de jovens era sitiado. Então, resolveram marchar até o local – embora ninguém soubesse, com certeza, onde ficava a emissora.

O exército, como um todo, parecia viver à margem dos acontecimentos, embora se soubesse de grupos militares adeptos de

Discursando nos protestos estudantis, 1947

Gaitán. Já uma boa parte da polícia, aproveitando a oportunidade, rebelava-se contra o governo. Mais de uma hora transcorrida desde o atentado, Bogotá estava em chamas, com o Presidente relutando em entregar o poder e o povo lançando-se às ruas.

Reunindo-se a novo pequeno grupo, Fidel deteve-se ante um imponente edifício. Um batalhão com tanques vinha avançando em sua direção, mas ninguém sabia dizer por quê. Naquele enredo era impossível distinguir os amigos dos inimigos. Cuidaram de se afastar do caminho do tanque, protegendo-se atrás de bancos de rua. O batalhão, então, cruzou marcialmente por eles, sem sequer olhá-los. Foi quando Fidel percebeu que se encontravam às portas do Ministério da Guerra. Empoleirou-se num banco e iniciou uma arenga aos militares para que se unissem aos rebeldes.

Um ônibus vinha se aproximando e eles correram para pegá-lo, pedindo que os deixassem perto da *Radio Difusora Nacional*. Na avenida, ao descerem, depararam-se com um descomunal tiroteio. Salvaram-se por pura sorte, porque se meteram rapidamente atrás de uma murada, aproveitando a primeira chance para se retirarem rumo à universidade. Lá, encontraram conflito ainda mais intenso, agravado pelo fato de não disporem de nenhum recurso de defesa. Como, a essa altura, Fidel era o único a possuir um fuzil, os estudantes designaram-no comandante do assalto que tinham em vista, a uma divisão policial, para a obtenção das armas.

Fidel avaliou que a ação representaria um verdadeiro suicídio, mas obedeceu ao que considerou seu desígnio e partiu com dezenas de jovens a segui-lo. A sorte acabou favorecendo-os: a divisão policial era uma das que se rebelara. Fidel apresentou-se ao chefe como um estudante cubano e acabou incorporado como ajudante de uma missão à sede do Partido Liberal, para onde o oficial se dirigia. Afinal, notou, relacionava-se com alguém que podia e sabia traçar orientações no caos. Caía a noite. E já rodava a notícia de que uma junta, sob orientação liberal, fora constituída para assumir o governo em caráter provisório.

Virando uma esquina, o jipe do chefe policial enguiçou. Fidel desceu do seu transporte, que vinha apinhado de gente, ofereceu-lhe o seu lugar e decidiu permanecer na calçada, junto com outros que também apearam do jipe. Ao olhar em volta, percebeu que parara justo ao lado do Ministério de Guerra e que três ou quatro soldados vinham se aproximando, portando fuzis e baionetas. Por precaução, Fidel chamou os demais e cruzaram a rua, em diagonal, e, na outra ponta, toparam com um outro soldado de uniforme diferente. Perguntaram-lhe de onde era e ele respondeu: "Quinta Divisão de Polícia. Sublevada..." Perfeito.

Decidiram somar-se à nova tropa. No pátio, deram com centenas de homens armados e um oficial passando a revista, fazendo a contagem. Logo, todos receberiam a ordem de ocupar várias posições de defesa do quartel. Fidel foi para o segundo andar. Contrariado, pediu uma entrevista com o chefe. "Toda a experiência demonstra que uma força que se aquartela está perdida", garantiu, a partir do que aprendera em suas leituras de história militar. No entanto, seu argumento a favor da ofensiva foi desconsiderado. Varou ali toda a noite, esperando um ataque imaginário do exército, descobrindo-se sozinho com um fuzil numa espécie de ratoeira. Teve ganas de escapar, mas, depois de tudo, resolveu que não poderia abandonar a rebelião.

Preservando sua visão militar, acabou reparando que se encontravam no sopé de uma colina, e foi alertar novamente o comandante: se sofressem um ataque de cima, a derrota era certa; precisavam defender o cume. Solicitou-lhe um pequeno destacamento, que lhe foi cedido, e subiu o morro de Monserrate, onde permaneceu até quase o fim da tarde do dia 10 em vigília.

A situação política revertera-se e outra junta, conservadora, fora nomeada, que ordenou a deposição das armas e deu início à caça dos revoltosos. Ao amanhecer, comentava-se sobre o acordo com a oposição, para frustração dos populares em luta. Ao meio-dia, Fidel despediu-se com emoção do pessoal da Quinta Divisão e entregou o seu fuzil. Perguntou se podia levar um sabre de

recordação, mas não lhe foi permitido. Saiu em companhia de Rafael Del Pino, que fora parar na mesma divisão, após uma série de dificuldades.

Ao passarem pelo Hotel Claridge, souberam que estavam sendo procurados. O governo colombiano decretara a detenção dos cubanos, divulgando a versão de que o Bogotaço fora fruto de uma conspiração de comunistas e estrangeiros. A polícia colombiana alegaria que "Fidel Castro Ruz e Rafael Del Pino foram os principais dirigentes dos saques de igrejas e residências durante os acontecimentos... Ambos haviam deixado de se apresentar ao embaixador cubano e assim contribuíram para interromper a Conferência da OEA, em união com outros comunistas... Quando os detetives compareceram ao hotel (Claridge), apoderaram-se da correspondência remetida de Havana ao referido lugar, podendo-se comprovar, pelo seu texto, que a mesma pertenciam ao Partido Comunista de Cuba, que assinalava instruções a seguir....."[12] As agências internacionais de notícias confirmavam que o movimento revolucionário eclodido na Colômbia fora estimulado por comunistas, a partir do assassinato do esquerdista Gaitán.

Sem lugar para ir, os dois foram solicitar albergue na pensão onde estavam Ovares e Guevara. Ocorreu, entretanto, que o proprietário, um conservador, andava dizendo horrores de Gaitán e dando graças a Deus pela sua morte. Fidel exaltou-se e acabou expulso. Eram 17h35 e o toque de recolher começava às 18 horas. Estar na rua significava morrer. Correram a um hotel onde estavam outros estudantes. Lá chegando, cinco minutos antes do toque, viram o argentino Iglesias num carro diplomático. Pediram para o automóvel parar e foram imediatamente reconhecidos pelo argentino, que lhes disse: "Subam já! Em que confusão vocês se meteram!".

Informado da situação, o ministro argentino providenciara um carro da embaixada para recolher os cubanos e conduzi-los à sua representação. Enquanto as autoridades colombianas estavam certas da saída dos estudantes num avião militar enviado de

Cuba, o embaixador combinava embarcá-los num avião de carga que transportaria touros a uma exposição de gado em Havana[13]. "Chovia a cântaros. Vínhamos num avião, atirados no solo, um ao lado do outro... e ele falando que ia se concentrar na conclusão de seu curso livre de marxismo..."[14] Nas últimas horas da noite do dia 12, Fidel já se encontrava em território cubano, enquanto as rádios do mundo informavam o saldo do Bogotaço: mais de mil mortos e cinco mil feridos em três dias.

"Não temos conexão com os comunistas..."[15] "Longe de participar dos saques, tratamos de cooperar com a preservação da ordem... Sim, continuarão os preparativos da conferência estudantil e o organismo será de natureza apolítica..." Estas seriam algumas declarações de Fidel à imprensa que o assediou logo à chegada[16].

A experiência repercutiu fortemente no íntimo de Fidel. Haver participado de um levante popular latino-americano, com a OEA acuada e um governo caído em frangalhos em 45 minutos de revolta, foi algo que alterou de modo radical as suas concepções políticas. Com base no Bogotaço, adiante refletiria sobre a qualidade da luta de massas, a importância de uma orientação política e o papel de um Exército Rebelde e popular – as "vias e possibilidades para uma revolução".[17] O episódio representaria um marco na sua transição ideológica. Fora o seu "batismo de fogo".[18]

* * *

Fidel regressava agora a uma Cuba em plena campanha para as eleições gerais de junho, com Eduardo Chibás como candidato à Presidência. Chibás tinha como emblema uma vassoura, brandida contra as sujeiras dos autênticos. Um setor da ortodoxia era favorável ao estabelecimento de uma aliança conjuntural com o Partido Socialista Popular (PSP), que havia buscado uma aproximação com Chibás, mas, em função de compromissos com candidatos vinculados às oligarquias, certos magnatas do açúcar

e reis do gado, Chibás vetou a proposta. Em essência, o candidato era um anticomunista, que propalava a "ameaça do imperialismo totalitário de Moscou".[19]

De sua parte, Fidel expressou que lhe parecia lógico o PSP preferir Chibás a outro candidato, mas de fato defendia a autonomia de linha (neste caso, da ortodoxia) que evitasse pactos ou coalizões. Abraçando de peito aberto a campanha, tornou-se delegado do Partido Ortodoxo pela Província do Oriente e refez a sua matrícula livre na universidade[20].

Participaria como orador em vários comícios de Chibás. Em Santiago, precedeu-o na palavra diversas vezes. Protagonizou uma emissão radiofônica na cadeia *COCO*, entre os programas que apoiavam o candidato, como os dos jornalistas Pardo Llada, em Havana, e Luis Conte Agüero, em Santiago. Mas, por mostrar excessiva independência, Fidel não era persona grata aos olhos dos altos dirigentes do partido. Constantemente, lançava-lhes farpas diante dos militantes da base. "Os velhos tratavam de que Fidel e nós, a ala jovem do partido, não tivéssemos acesso às assembléias para não influenciar as bases"[21], conta Alfredo Esquivel.

Logo retomaria suas visitas à *Barriada de la Ceiba*, um arrabalde havaneiro humilde, onde encontrava seus velhos amigos. Se a porta da casa dos Gómez Reyes, aqueles que trabalhavam no Colégio Belén, estivesse aberta, Fidel entrava direto e ia à cozinha conversar com dona Brígida, a mãe. Ficava lá nem que fosse só 15 minutos, tomava uns goles de café e beliscava alguma guloseima ou fritura que ela e a filha estivessem preparando. Virginio entusiasmou-se com a idéia de ser delegado ortodoxo no bairro, apoiando a candidatura a vereador de Juan Manuel Márquez, que Fidel conhecera no programa de rádio. Este, que fora o responsável pelo despertar de Virginio para a política, agora arrastava-o simplesmente, garantindo a cumplicidade do velho Manuel Reyes, o pai[22]. A eles, reunia-se Gildo Fleitas (o secretário do Belén). Entre todos, Bebo era o menos esperançoso, depois de quatro anos de mandato do Presidente Grau.

O irmão mais velho de Fidel, Ramón, saiu eleito vereador por cinco distritos de Mayarí. Postulara-se pelo Partido Autêntico, por influência do compadre Pino Santos, sendo identificado durante a campanha como "o filho do Castro, que levava o povo a se vacinar contra o tifo no hospital".

Em Havana, Fidel seguia com ânimo, em campanha, embora pressentisse a derrota de Chibás. Um episódio da ofensiva do governo sobre o movimento sindical levou-o a travar relações, que se fariam prolongadas, com o sindicato têxtil de Bauta, que agrupava 4.500 trabalhadores. Neste, uma aliança entre ortodoxos e comunistas derrotara os *mujalistas* patronais, fiéis a Eusebio Mujal, o protegido de Carlos Prío, ministro do Trabalho e também candidato à Presidência. Entretanto, logo apareceram pistoleiros fazendo ameaças e querendo levar as urnas ao Ministério do Trabalho para reformular o escrutínio. Fidel, ao tomar conhecimento da notícia, foi ao sindicato, unir-se aos legítimos vencedores[23] que decretaram paralisação. No panorama nacional, os autênticos, animados pelo clima de guerra fria, impunham a debacle da maioria comunista na representação da Central dos Trabalhadores de Cuba (CTC), por meio da ação de gangsters e de policiais. Por recomendação do ministro Prío, Eusebio Mujal, dirigente sindical do Partido Autêntico, visitara Miami no início de 1947 para elaborar, com a Federação Americana do Trabalho, uma estratégia contra os comunistas.

Em 4 de julho, Fidel seria novamente acusado de um crime de morte, a de um sargento da polícia universitária, chamado Oscar Fernández Carral[24] (um dos que o denunciara pelo atentado a Manolo Castro). Rolando Masferrer, recentemente eleito deputado, voltava à carga, reafirmando publicamente que Fidel era o autor dos dois atentados e de mais um outro, em que morrera um policial. Para viabilizar a prisão, a polícia apoiava-se na declaração de uma testemunha que, a partir de uma foto que lhe foi mostrada, identificara-o como alguém "parecido" com um dos indivíduos que vira fazer os disparos. Dois dias depois, Fidel

escaparia, por sorte ou presteza, de um atentado. Encontrava-se circulando num jipe em companhia de Del Pino e Enrique del Valle. Ao perceberem que eram seguidos, aumentaram a velocidade e, no instante em que os perseguidores preparavam-se para abrir fogo, Fidel saltou rapidamente. Ninguém saiu ferido.

Em depoimento à Justiça, a suposta testemunha (Reinaldo Aranda) depôs que certos agentes policiais o haviam subornado e coagido para acusar Fidel do crime. De um esconderijo, o acusado preparou uma carta ao juiz Riera Medina (o mesmo que instruíra o caso Orfila): "Creio, honorável juiz, que minhas razões são de alguma consideração. Para justificar a minha desconfiança, basta que recorde o massacre (de Orfila). Vossa Senhoria está agora num caso análogo e ainda pior, pois a testemunha denunciou a coação... De quem será a responsabilidade se, por uma ordem de detenção sem fundamento e injusta, alguns agentes policiais a serviço dos interesses bastardos que combati, aproveitarem a oportunidade para me assassinar? (...) No estado atual do sumário, sem nenhum outro indício contra mim, não penso, por tal motivo, apresentar-me...". Sugeria-lhe, então, ordenar a prisão dos policiais que haviam tentado fraudar o testemunho de Aranda.

Tanto a FEU como a Juventude Ortodoxa pronunciaram-se em apoio a Fidel. A segunda, havia pouco tempo, distribuíra um folheto em que explicitava concepções em favor do socialismo, como etapa subseqüente à libertação nacional e como a única solução aos problemas de Cuba. Com isso, abria deliberadamente um canal de comunicação com a Juventude Comunista (JC), mas complicava as suas relações com a alta direção de seu próprio partido. Na prática, tal caminho seria implementado pelo jovem Max Lesnick, que, prestes a ingressar na universidade, viria a ser o próximo dirigente a integrar o núcleo da FEU. Assim como Lesnick, a quem conhecia de assembléias da ortodoxia[25], Fidel avaliava que se deveria buscar uma união de forças contra o regime, embora primasse por independência, diferente de Lesnick,

que despontava no cenário como a figura principal da Juventude Ortodoxa. Se havia fatores que distanciavam ortodoxos e comunistas, um desejo era capaz de uni-los – o de mudança do poder –, como se faria patente no leque de atos de grande impacto social que os estudantes de ambas vertentes promoveriam em conjunto.

Além do embate político, as lideranças oposicionistas tratavam de não se distanciar do dia-a-dia da população. Isso se percebia no envolvimento de todos os setores antigovernistas na luta contra o aumento dos preços das passagens de ônibus no início de setembro. Fidel, Lionel Soto e Alfredo Guevara conceberam medidas extremas: os estudantes entravam nos ônibus que passavam no quarteirão da universidade, pediam aos passageiros que descessem e conduziam os veículos ao campus. Ali, os ônibus foram deixados uma noite inteira, ornamentados com bandeiras de Cuba. Após várias ações, conseguiram uma redução do aumento e a melhoria do serviço.

Luis Más Martín, Presidente da JC de Havana, que também trabalhara na coordenação dos atos contra o aumento das passagens, desempenhou um papel crucial em outro episódio. Martín escutara rumores de que um colega, Justo Fuentes, vendera informações falsas à polícia, sobre planos de um inexistente levante estudantil. O líder da JC foi direto ao apartamento de Fidel, encontrando-o concentrado no estudo. Aconselhou-o a deixar tudo em pratos limpos, em público, antes que fosse apontado como implicado. Fidel atirou os livros no chão, soltou dois ou três palavrões e correu à universidade. Convocou quem encontrava no trajeto e improvisou sua defesa em alto e bom som[26].

Mas não tardaria a receber uma outra ordem de prisão, sob a alegação de haver participado, com membros da União Insurrecional Revolucionária (UIR), de um tiroteio nas escadarias do Capitólio, onde um dos alvos era Masferrer, com o balanço de um morto e três feridos. Fidel conseguiu com o juiz Hevia a anulação da ordem.

A persistente perseguição que sofria adotava, nesta fase, a justificativa do estreitamento da sua colaboração com comunistas no âmbito da FEU. Mas, sobre esse assunto, de maneira irônica, Fidel esclareceria: "Não, não me recrutaram... Recrutei-me... eu mesmo...".

Em uma reunião de ativistas sindicais, 1950

CAPÍTULO 12

Discursando nos protestos estudantis, 1948

Cara ou coroa?

Refletindo a efervescência de Cuba, aqueles eram dias de muitas indefinições para Fidel. Os acontecimentos precipitavam-se, mas que direção tomariam? Sabia que tanta ação sem rumo não adiantaria nada. Principalmente, urgia organizar o seu próprio raciocínio, mais afeito a impulsos do que a

procedimentos e planos metódicos. E algo lhe dizia que o tempo não corria a seu favor.

Foi nesse período que os seus colegas comunistas, sempre cercando-o, receptivos a captar suas inquietações, facilitaram-lhe a aquisição, no partido, fiado, de textos que lhe abririam uma nova compreensão.[1] "Se tratamos de influenciá-lo? Bom, ele se interessou e, como éramos amigos, nos oferecemos para ajudá-lo..."[2], declarou Lionel Soto.

O Partido Socialista Popular – PSP – (comunista) estava numa espécie de limbo legal, embora a circulação da literatura marxista fosse tolerada por setores do governo. As obras de Lênin e de José Martí, Marx e Engels – especialmente o *Manifesto Comunista* –, tornar-se-iam co-responsáveis pela transformação filosófica, gradativa, de Fidel. Dentro e fora da universidade, ele encontrava-se freqüentemente com os comunistas, na presença ocasional de Flávio Bravo, presidente nacional da Juventude Socialista. Um leitor privilegiado dos relatórios sobre tais intercâmbios era Carlos Rafael Rodríguez, um membro do Burô Político. Mesmo com essa convivência, Fidel guardava a certeza de que uma revolução a partir do PSP seria inviável, no âmbito da guerra fria, pela oposição ferrenha que despertaria por parte dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, vivenciava a cisão estrutural dos quadros da ortodoxia. De um lado, as oligarquias, de outro, as bases populares e jovens, identificadas com Chibás, para cujas aspirações Fidel começava a enxergar respostas na sua consciência em gestação. Calou-se, entretanto, sobre a adoção do marxismo – atitude que manteria por muitos anos, para não despertar contra si o anticomunismo enraizado na sociedade.

Ao aprofundar as suas concepções, toda a estratégia de ação política que nele brotaria começou a dispor-se em uma textura marxista. Assim foi o seu auto-recrutamento, conforme expressou, ou a sua conversão a algo como a esquerda do Partido Ortodoxo. Mantendo-se neste marco partidário, fazia-se revo-

lucionário, martiano e socialista, enquanto militante ortodoxo. Dessa maneira, libertava-se, irrevogavelmente, do fatalismo do homem do campo, uma marca que mantivera de sua infância em Birán.

A Federação dos Estudantes Universitários (FEU) enlaçava-se às lutas populares, nas quais os jovens ortodoxos, comunistas e outros, misturavam-se, em plena onda *macarthista*. "Havia uma aliança baseada na coincidência de oposição, entre nós, os ortodoxos, Alfredo, Lionel, Walterio Carbonell, Manolo Corrales, que chamávamos 'Corraloff', Nuñez Jiménez e os comunistas"[3], conta Max Lesnick. Nessa expansão popular do movimento, os quadros comunistas em muito contribuíam, "sumamente úteis para agitar, pois seus membros não falhavam e garantiam uma mobilização em vários bairros de Havana"[4].

Ao tornar-se universitário, Max Lesnick encontrou imediata afinidade com Alfredo Guevara, a quem ocorreu a idéia de criar comitês colaterais à direção da FEU, para distintos fins. O primeiro foi contra o Polvo da Eletricidade, a companhia norte-americana produtora de energia, que pretendia aumentar as tarifas. Presidido por Lesnick, o comitê organizou o protesto da "vela e do pavio": a "escalinata" ficou repleta de gente portando candelabros de latas de leite condensado ou simples velas nas mãos, enquanto as luzes e os postes de todo o bairro do Vedado permaneciam apagados.

Depois seria o comitê contra o gangsterismo, nascido de uma conversa entre Lesnick e Bilito Castellanos, no banco em frente à Escola de Direito. Acabara de sair a notícia de que o Presidente eleito, Carlos Prío, orquestraria um pacto de grupos, uma fórmula para que todos os bandos parapoliciais fossem desativados, mas simultaneamente incorporados à máquina estatal. Receberiam, inclusive, uma nova verba especial, apesar da grave crise econômica e do enorme déficit público deixados por Grau. O comitê dar-se-ia por instituído em uma reunião na casa de Lesnick, sendo batizado de "30 de Setembro"[5]. "Alfredo e

Bilito solicitaram a admissão de Fidel, mas outros fizeram objeção, pelo seu envolvimento com os gângsteres. Para dirimir a questão, estabeleceram o critério de que devíamos entrar desarmados na universidade – quando a maioria de nós, como forma de defesa, usávamos pistolas – e empreender um desmascaramento público dos gângsteres empregados no governo...”[6], relata Lesnick. Quando Bilito apresentou a Fidel o documento em que constavam as condições, ele não titubeou: “Não apenas vou desarmado junto a todos vocês, como serei o denunciante, com nomes e sobrenomes”.[7]

Era uma tarde cinzenta. Um vento frio fazia ruído na Galeria dos Mártires, onde se realizaria a assembléia. Proibidos de entrar, para não violar a autonomia universitária, os pistoleiros perfilaram-se nas calçadas externas. Evidentemente, ao contrário dos componentes do “30 de Setembro”, encontravam-se fartamente armados. Fidel parou diante da assembléia, pedindo a palavra a Ovares. Tirou do bolso do terno negro um papel e leu a relação dos bandidos protegidos pelo governo, conseguida por intermédio de pessoas influentes na oposição.

Começou pelos inimigos, pausadamente, no que demonstrou astúcia, pois, passados alguns minutos, alguém da platéia reclamou: “Fidel, fala dos da UIR!”, ao que ele retrucou: “Todos estão na lista...”. E prosseguiu: “Guillermo Comellas, 60 pesos; Tribunal Executor Revolucionário, 110; Ação Guiteras, 250; Masferrer, 500; Banda dos Policarpos, 600...”. E assim desfilou a lista completa, o que equivalia a mais de dois mil cheques mensais pagos a servidores falsamente alocados em órgãos públicos. Além disso, destacou que Orlando Puente, secretário do Presidente, mandava envelopes todo mês aos merecedores de alguma suplementação.

As denúncias provocaram um escândalo e, no final, os estudantes se dispersaram nervosamente. Restaram Fidel e os membros do comitê. Chino Esquivel segredou a Max, o único com um automóvel disponível: “Temos de tirar o *guajiro* da-

qui... Lá embaixo, estão todos os que querem matá-lo...” O outro retrucou: “Levo, mas com uma condição. Ninguém mais no carro...”, pensando que era a única possibilidade de os acusados não atacarem o carro a tiros, já que ele, Max, era uma autoridade ligada a Chibás. Chamou Fidel, conduziu-o ao carro, um conversível vermelho, desceu a capota e foi seguindo sem problemas pela Calle Jovellar. “Fidel, de co-piloto, ia sério, solene, como se rumasse ao cadafalso... Eles, os gângsteres, observando-nos passar paralisados, sem nenhuma reação...”[8], recordou o motorista.

Por que não atacaram, naquele momento, e nem sequer o puseram na mira? Talvez por não terem ordens para matá-lo. O fato é que Max conseguiu chegar à sua casa sem nenhum incidente grave.

A velha Teresa, avó de Max, seria a companheira de Fidel em seus dias de vida discreta, dando trela aos casos que ele lhe contava. Certa vez, debruçado na varanda que dava para o terraço norte do Palácio Presidencial, Fidel, empunhando um cabo de vassoura feito um rifle, com um olho aberto mirando na ponta, comentou: “Velha, se eu tivesse um desses de mira telescópica, no dia que Prío parasse ali, quem sabe não conseguiria matá-lo?” “Ah, que isso, meu filho? E o que seria de nós?”. “Bem, resolveríamos depois. Mas não se assuste. Só estou falando porque qualquer um parado aqui pode muito bem ter a mesma idéia...”

Max passava o dia inteiro na rua. Ao voltar, encontrava Fidel no quarto, imerso em algum livro da estante de História, ou na literatura marxista, ou ainda em algum que atendesse à sua obsessão por Martí ou pela Revolução Francesa. Todos os membros daquele grupo eram habitués desses temas, encantando-se com os grandes renovadores, trágicos ou épicos, despojados de dogmas que impedissem de apreciar Marx junto com Martí. A breve estada serviu para estreitar os laços: “Deu-se a corrente de simpatia... Fidel não era da Juventude Ortodoxa, e sim do partido, portanto, não tínhamos conflitos de ordem prática, como aspirar a uma posição que o outro quisesse...”[9], explicou Max Lesnick.

Mas era evidente que de uma hora para outra, e muito em breve, Fidel precisaria evadir-se de Havana. Em determinado dia, finalmente, Max recebeu o sinal de Chino e, com toda pressa, transferiu-o ao local indicado. Dali, Fidel entrou num trem com destino a Birán. Às escondidas, corria também outra providência, a única a que se dedicou no *frisson* dos últimos meses: firmar um compromisso de casamento com a namorada, Mirta. Durante a semana, quando podia, dirigia-se à biblioteca do prédio da Filosofia para vê-la, sendo normalmente flagrados por Alfredo Guevara, quando conversavam simulando ler. Havia oposição dos familiares dela, mas, ao anunciar-se a decisão de ambos, o problema pareceu superado[10].

O casamento realizou-se no dia 11 de outubro de 1948[11], sendo a cerimônia civil na residência dos Díaz-Balart, em Banes, na província do Oriente, com Ramón como testemunha da parte dos Castro. A cerimônia religiosa oficiou-se no mesmo dia, pelo monsenhor de Madariaga, na Igreja Nossa Senhora da Caridade. Entre as testemunhas, encontravam-se ainda John J. Brickey, o administrador da United Fruit Co., e o compadre Fidel Pino Santos. Conforme a certidão, "o matrimônio entre Fidel Castro Ruz e Mirta Díaz-Balart y Gutiérres efetuou-se este dia em horas da manhã... atuando de padrinho, Rafael Díaz-Balart y Gutiérres e de madrinha, Lina Ruz Gonzalez de Castro..."[12].

Em seguida, os noivos partiram a Camaguey, depois para os Estados Unidos, a 2 de novembro, em viagem de lua-de-mel. D. Angel entregou ao filho 10 mil dólares para a viagem, satisfeito de vê-lo iniciando uma nova vida, à qual imaginava que Fidel se acomodaria, por fim, dedicando-se a ser um bom pai e um promissor profissional.

A primeira escala foi em Miami, onde passaram alguns dias. Lá, Fidel ouviu no rádio a notícia da vitória de Harry Truman, que conseguiu reeleger-se para a Presidência dos Estados Unidos. Como era época de baixa temporada, havia pouca afluência

às muitas opções de lazer e passeios. Foi também uma viagem dedicada à gastronomia. Saboreavam com prazer um *sirloin-steak* ou, pela primeira vez em suas vidas, um prato com salmão defumado. Acima de tudo, podiam deixar o tempo correr em paz.

Fidel não escapou de alguns choques culturais. Durante uma visita a um parente dos Díaz-Balart que trabalhava na Universidade de Princeton, o casal deparou-se com namorados que se beijavam e se acariciavam à vista de todos, nos pavilhões dos dormitórios, algo que lhes pareceu um sacrilégio, dentro de suas concepções de família latina e cubana tradicionais.

De trem, o casal seguiu para Nova York, onde se hospedou numa pensão do Bronx. Mais impressionado ficaria com os arranha-céus, o porto gigantesco, o visível desenvolvimento técnico, o ininterrupto bulício dos transeuntes, a grandiosidade da metrópole. Logo Fidel intrometeu-se na cidade, caminhando, percebendo-a por dentro, observando suas ruas feito desfiladeiros e o ar de solidão. Seus pontos favoritos eram os delicatessen e os mercados “minimax”. Nessa época, com poucos dólares, podia fazer compras e pagar a semana da pensão, cuja proprietária alemã era ciosa a ponto de cobrar sempre adiantado.

Propôs-se a estudar inglês numa academia em Manhattan e bisbilhotava, claro, as livrarias novaiorquinas. Numa delas, resolveu adquirir um volume de *O Capital*. No meio da temporada, encontraram-se com Rafael, o cunhado, e um outro dirigente ortodoxo, ou com o jornalista Pardo Llada, que foi excelente companhia nos muitos programas. Sua atração pela Economia Política não diminuía e ele resolveu estudar a matéria em Harvard, depois de formado. Chegou a averiguar as condições também na Universidade de Boston. Como é notório, não chegou a concretizar nenhum desses projetos.

Prestes a retornar a Cuba, comprou um automóvel Lincoln azul, de segunda mão, cuja porta abria à pressão de botões. Assim, terminou de gastar praticamente todo o dinheiro que recebera do pai para viajar. Não restou nada para o imposto alfandegário

e o carro ficou retido no aeroporto. Um colega da faculdade, Raúl Granados, foi quem ajudou a retirá-lo[13].

Filho casado, mas sem diploma, D. Angel teve de aumentar-lhe a mesada. O casal foi morar num modesto apartamento no Vedado – Calle B, nº 312, esquina 18, com Ponte Almendares[14]. No retorno, reencontrou o Comitê 30 de Setembro indo de vento em popa, consolidando-se "como uma espécie de partidozinho oculto, uma organização paralela"[15], com aproximadamente 50 membros, e Bilito eleito presidente. O espírito do grupo era iconoclasta, facilitando as pontes da universidade com vários segmentos sociais, como sindicalistas, secundaristas, a imprensa progressista e os católicos de esquerda. "Sentíamo-nos co-responsáveis pela mudança que se processava, resgatando Mella e o processo da Revolução de 33. Considerávamo-nos como aqueles estudantes de Córdoba, das lutas de 1927, sob a influência do pensamento de Ingenieros; por um moral sem dogmas..."[16], lembra Bilito. Cada membro contribuía com um tanto para a montagem da infra-estrutura requerida às atividades, sendo assíduo o Partido Comunista, apesar das suas dificuldades financeiras[17].

A matriz do 30 de Setembro, a FEU, transformava-se numa força político-social. Calculava-se que aproximadamente 60 mil pessoas compareciam aos atos. No entanto, seis presidentes de escolas, encabeçados por Ovares, resolveram impugnar o comitê como "comunista e gangsteril", intento impedido pelos outros sete presidentes.

A política – a grande rival de Mirta – logo tornaria a ocupar o primeiro plano da mente de Fidel. Em janeiro de 1949, ele denunciou o escuso acordo entre o administrador das estradas de rodagem e alguns dirigentes, entre os quais Orlando Bosch, o Presidente da Escola de Medicina, que teriam aceito 2.500 pesos cada para trabalhar em favor das posições patronais[18]. Suas relações com o sindicato têxtil de Bauta mantiveram-se em dia. Após a intervenção dos pelegos, promoveram-se novas eleições, com apoio dos programas de rádio de Chibás e do jornalista García

Agüero, um senador do PSP. O movimento ganhou repercussão nacional e custou o posto do ministro do Trabalho. "Era a primeira vitória contra o sistema de Mujal. Tomamos posse no início do ano e mandamos um convite a Fidel..."[19], relembra Jesús Soto.

Lendo o jornal *Alerta*, Fidel viu fotos publicadas com destaque de "marines" norte-americanos fazendo balbúrdia junto à estátua de Martí do Parque Central. Uma das fotos, tiradas pela presença fortuita de um profissional nas imediações, mostrava um marine urinando nos ombros da estátua.

Cuba era o quintal e o bordel dos "marines", que, assim que desembarcavam, buscavam prostitutas e se embebedavam. Cartazes e luminosos nas ruas, mais em inglês do que em espanhol, compunham a disfarçada subserviência, mesmo muitos havaneiros do bairro fechando-lhes as casas com asco.

Naquela noite, diante do impacto da notícia, quem se encontrava nos cafés da praça expressou sua revolta, iniciando um tumulto. A polícia apresentou-se e levou os "marines" detidos. Durante a madrugada, um grupo plantou-se à entrada da divisão policial, pedindo a punição dos ianques.

"Descemos todos para protestar com letreiros: A universidade rebelde nem se rende, nem se aluga, nem se vende!"[20], conta Bilito. Pela manhã, em frente à embaixada dos Estados Unidos, na qual atiravam pedras, Fidel ajudou Lionel a subir num poste para derrubar o escudo norte-americano[21]. Reclamavam a entrega dos marinheiros aos populares, para que fossem julgados por tribunais cubanos. Exigiam ainda que a bandeira dos Estados Unidos fosse retirada da frente do prédio até que os "marines" fossem entregues. Um diplomata da embaixada foi prestar declarações a jornalistas como se fosse um representante da FEU, expressando que o organismo não era responsável pela manifestação. Com efeito, alguns presidentes de escola e seus grupos estavam ausentes, mas Fidel, ao presenciar a entrevista, apressou-se a desmentir o jovem, reafirmando que aquele era um ato consciente, de condenação, realizado pelos estudantes.

Dezenas de policiais chegaram empunhando os cassetetes, ferindo estudantes e provocando a dispersão. Um capitão veio dizer a Fidel que era proibido proceder daquela forma às portas da representação norte-americana. “Ah, é? E se algum cubano ultrajasse o monumento a George Washington ou a Lincoln em seu país?”, contestou. Bilito, que se encontrava perto de Fidel, sofreu contusões por todo o corpo, enquanto protegia Alfredo Guevara, que convalescia de uma doença pulmonar[22].

Fidel levou Bilito a um pronto-socorro e exigiu o certificado médico; depois, encaminhou-se ao Ministério do Interior: “Venho fazer uma denúncia contra o ministro pelas agressões da polícia...” A denúncia ficou registrada. Dias depois, o embaixador Robert Butler, ao gravar um pedido de desculpas ao povo cubano pelo incidente, engasgou e esqueceu o nome do herói nacional ultrajado pelos “marines”.

Quanto ao outro Lincoln, o carro de Fidel, estava bebendo tanto ou mais do que um “marine”. Os colegas precisavam colaborar para encher o tanque, até que Fidel bateu com o mostrengo, deixando-o inutilizado.

* * *

Em 5 de abril de 1949, Justo Fuentes, vice-Presidente da FEU, foi assassinado. Fidel acusou Masferrer, denunciando ainda a cumplicidade do Exército, que cedera soldados para sua proteção. O jornal *Pueblo* publicou um artigo de Fidel, no qual afirmava: “Muitos optam por não dar importância, mas não vejo por que tenham de permanecer flutuando no ambiente as barbaridades que a este senhor ocorre dizer de todo o mundo, nas quais, à força de serem repetidas 100 vezes, os ingênuos chegam a crer... Perguntem aos expedicionários de Confites, a quem ele tanto enganou e maltratou. Perguntem aos seus ex-companheiros do PSP, de onde o expulsaram desonrosamente...” Concluindo, solicitava que retirassem a imunidade de Masferrer, eleito deputado com Carlos Prío.

Em julho, Fidel participou das assembléias que concluíram a interminável greve dos rodoviários. Quatorze ônibus foram seqüestrados pelos estudantes e levados ao pátio da reitoria. Os líderes sindicais corporativistas procuraram o 30 de Setembro, com uma proposta insólita: a entrega dos veículos contra o compromisso de sua devolução aos estudantes, caso as demandas dos operários não fossem satisfeitas. Um dos pelegos, no nervosismo das negociações, sacou um revólver. Fidel pôs-se de pé sobre uma mesa e disparou: "Exijo que a negociação se dê por encerrada. Não aceitamos e nem podemos aceitar coações de nenhuma natureza..." O jornal comunista *Hoy*, em sua coluna *Esmeril*, criticou a atitude de Fidel, provavelmente refletindo a opinião do setor do partido que não simpatizava com suas inclinações. Na mesma época, Fidel começava a freqüentar regularmente um seminário de estudos marxistas organizado pelo PSP.

Em companhia de Chino, foi procurar o proprietário da Radio Cadena Habana, que aceitou ceder-lhe um espaço para um pronunciamento sobre Rafael Trejo – o mote inspirador do 30 de Setembro. "Escrevia antes os discursos que faria e os decorava. Sentávamo-nos nas poltronas da sala da casa de meus pais, eu com o texto em mãos... Ele o recitava literalmente..."[23], relembra Alfredo Esquivel.

Enquanto Fidel se via assoberbado, redigindo notas e dando telefonemas para divulgar a transmissão, que seria no dia seguinte, Mirta começava o trabalho de parto de seu primeiro filho: Fidel Castro Díaz-Balart, nascido em 11 de setembro.

A Havana, chegava também o irmão Raúl Castro, para cursar a universidade e morar com Fidel. Ao estabelecer-se, Raúl vinculou-se aos amigos do irmão, Alfredo Guevara e Lionel Soto, e às suas respectivas atividades. "Orientou-se, rápida e naturalmente, para o socialismo, e uniu-se à Juventude Comunista, a mim pessoalmente, assumindo um delicado paralelo à trajetória do irmão..."[24], conta Lionel Soto. Raúl pouco se dedicava à universidade. Quando abandonou o Dolores, os padres, inclusive,

aconselharam D. Angel a não desperdiçar esforços na sua formação escolar, considerando-o refratário aos estudos. Assim, D. Angel pusera-o a trabalhar na contabilidade do escritório, pagando-lhe um salário de 60 pesos mensais. Entretanto, certa feita, descobriu que Raúl costumava rasgar os vales assinados pelos camponeses, deixando o escritório sem comprovação dos adiantamentos sobre salários ou mesmo dos empréstimos concedidos.

* * *

A FEU foi alvo, nessa ocasião, de um grave golpe. Acusada de partidária da esquerda, ainda que controlando a maioria das escolas, a entidade foi dissolvida em novembro por um decreto do Conselho Universitário. As tendências se enfrentaram aos tabefes; aulas e eleições foram suspensas. Em fins de abril de 1950, após a realização de uma reunião ilegal, tendo em vista o decreto de dissolução do órgão, cerca de 200 estudantes, quase todos secundaristas, concentraram-se em frente à FEU em protesto. A sede foi arrombada e Lionel Soto, acusado de agressão à polícia universitária. Fidel Castro foi falar com o reitor Inclán: "Se expulsarem Lionel Soto, terão que fazer o mesmo comigo. E mais, terão que expulsar da Alma Máter todas as pessoas decentes".[25]

Por essa época, o Gabinete Nacional de Identificação, que abrira um expediente policial sobre as atividades de Fidel[26], remeteu-o ao Burô de Investigações. Posteriormente foram solicitados itens que faltavam, como as impressões digitais, os quais foram enviados a 20 de março sob a rubrica: "Confidencial Um... FACR, nº 429794, Arquivo Geral Datiloscópico..." O expediente serviu para atender ao cônsul da Colômbia, que pediu um informe sobre Fidel Castro e os dirigentes presentes ao Bogotaço[27]. Na verdade, era apenas mais um indício do estreitamento dos espaços legais permitidos à oposição mais radical ao regime.

CAPÍTULO 13

Em campanha para deputado, 1951

Doutor em leis, pai de família e candidato

Para habilitar-se ao diploma de bacharel em Direito, Fidel precisou apresentar uma monografia, para a qual escolheu como tema e título: *A letra de câmbio no Direito Internacional Privado e na legislação comparada*. No sumário, constavam como itens do trabalho: 1) breve estudo sobre sua origem e natu-

reza jurídica; 2) sua importância internacional e a natureza das normas que a regem: regulamentação no Direito Internacional Privado e na Legislação Comparada[1]. A banca examinadora aprovou-o com destaque e, em fins de setembro de 1950, Fidel recebeu o título de Doutor em leis, além das licenciaturas em Direito Administrativo e Direito Diplomático[2]. Para cumprir os quesitos de obtenção de uma bolsa de estudos de pós-graduação ou o curso de Economia Política, precisaria apenas concluir algumas matérias (o que lhe conferiria automaticamente outro título, o de Bacharel em Ciências Sociais), mas não foi possível prosseguir nos estudos. Necessitava garantir uma fonte de renda própria para manter a família, já que a mesada de D. Angel um dia teria fim (ainda que não anunciado). Contudo, ele demoraria a livrar-se do estigma de estudante profissional.

Findo o ato da formatura, estava descendo a “escalinata”, quando lhe ocorreu propor aos colegas Jorge e Rafael abrir um escritório de advocacia. No dia seguinte, os três buscavam uma sala para alugar. As que encontraram anunciadas perto do cais do porto em Havana Velha – Edifício Rosário, Calle Tejadillo, 57 – pareciam ideais. O proprietário, José Alvarez, mostrou-lhes uma com dois pequenos cômodos, custando 60 pesos mensais. Para fechar o contrato, exigia o pagamento antecipado de dois meses, condição demasiadamente onerosa para os pobres sócios. No máximo, podiam dispor de 80 pesos. E ainda precisariam de alguma quantia para equipar o escritório. Assim, foram apelar ao proprietário, comprometendo-se a entregar o restante logo que pudessem.

Tiveram sorte. Alvarez simpatizara com o trio de jovens doutores e não apenas concordou em parcelar o pagamento como lhes emprestou alguns móveis. “Compramos uma máquina de escrever usada a prazo... Em outubro, inauguramos o escritório Aspiazo-Castro-Resende: Assuntos Civis, Criminais e Sociais...”[3], conforme os dizeres da porta da sala 206. No interior, havia estantes com livros, a máquina de escrever, um sofá de palhinha,

uma lâmpada de luz fria e a caixa de envelopes com o nome da firma e o endereço sobre a mesa.

Preparavam-se para o novo ofício, quando atitudes restritivas do ministro de Educação atiçaram o movimento dos secundaristas à greve geral. Tropas militares ocuparam as escolas, ordenou-se o fechamento do Instituto de Matanzas e da Associação dos Secundaristas de Havana. Fidel correu para se unir à comissão de apoio e foi conversar com o general Uría, chefe da Polícia Nacional. A seguir, em representação da Federação dos Estudantes Universitários (FEU), ele e Enrique Benavides partiram para a cidade de Cienfuegos, situada em uma província central.

Ao chegarem, os estudantes haviam acabado de receber a ordem de suspender um ato de protesto programado para a noite. Ainda assim saíram às ruas com microfones, arengando os transeuntes, enquanto trabalhadores colaboravam na organização. Fidel e Enrique partiram para a chefatura de polícia da cidade, argumentando que a suspensão do ato era ilegal e inconstitucional e, pouco depois das 20h15, dirigiram-se todos à Câmara Municipal, recebendo a adesão de populares.

A força pública apresentou-se para desfazer a aglomeração e a violência explodiu. Uma rádio registrou: “Remetidos à prisão de Santa Clara, os líderes da FEU: Fidel Castro, de 24 anos, morador de Calle 3ra, esquina a 2, Vedado, Havana, Presidente da Associação de Estudantes da Escola de Ciências Sociais, e Enrique Benavides Santos, de 26 anos... que tinham vindo participar dos atos organizados em protesto contra as resoluções do ministro...”

Às 4 horas, por uma janela superior da cela, Fidel e Enrique, alternando-se em subir um nos ombros do outro, observavam a tensão que se estendera de Cienfuegos a Santa Clara, a capital da província. Do lado de fora, os manifestantes gritavam: “Soltem eles! Soltem, covardes!”.

Ao alvorecer, a situação parecia acalmar-se, quando quatro guardas entraram na cela com ordens expressas de levá-los

dali – só não esclareciam para onde. Fidel e Enrique foram algemados e introduzidos num veículo que tomou destino ignorado, escoltado por outro carro. Depois de, aproximadamente, 20 minutos, chegaram a um descampado, rodeado de morros, onde foram obrigados a descer. Resistiram ao arrasto como podiam, com pontapés e cotoveladas. "Um carro vinha piscando os faróis e se deteve ao lado. Do seu interior desceu um senhor perguntando: 'O que pretendem fazer com os rapazes?...' Era o Presidente da Câmara..."[4]. Sua chegada, possivelmente, salvou Fidel e Enrique da execução sumária e clandestina.

Depois de solto, Fidel mandou uma carta aberta à cidade de Cienfuegos: "São eles os que não guardam nem a ordem pública nem a privada, os que não respeitam nem normas nem sentimentos, os que violam a Constituição... Terá alguma razão aquele descomposto capitão – que não merece sê-lo – do Exército cubano, que de forma insolente e covarde chamou-nos de forasteiros, e nos pôs algemas? Pode-se perdoar que ignore o parágrafo da Constituição, segundo o qual todo cubano poderá entrar e permanecer no território nacional, sair dele, transferir-se de um lugar a outro e mudar de residência sem necessidade de permissão extra ou outro qualquer requisito semelhante?".

Em Havana, na Aula Magna da universidade, no tradicional recordatório dos estudantes mortos em 1871, a 27 de novembro, Fidel afirmou que aquele seria o seu último ato na FEU, pois se retirava definitivamente para exercer a carreira. Uma revista ironizou a permanência de Fidel no movimento estudantil: "...agora matriculado na Escola de Ciências Sociais, aspirando a controlar a presidência da FEU". Ele, então, enviou uma réplica. "Acabei de concluir meus estudos na universidade... após cinco anos acadêmicos, sem haver perdido um só curso, sem jamais haver sido suspenso e com um currículo que posso exibir orgulhoso em defesa do conceito do qual sou merecedor. Podem dar testemunho cabal sobre ele ilustres professores, sobre os quais não recai suspeita de veleidade e de quem tenho recebido, mais de uma

vez, sinceras felicitações por meus exames...”[5]. Outra publicação reiterava que “Fidel Castro, dirigente universitário e membro do Comitê Nacional do PPO, Ortodoxo” era um dos que assinavam o manifesto do Comitê Juvenil Cubano em Favor da Paz[6].

Recém-incorporado à Ordem dos Advogados de Cuba, Fidel não mostrava entusiasmo em atrair clientes de prestígio e posses. Satisfazia-se com os humildes e, muitas vezes, sequer cobrava honorários[7]. A 10 de outubro, assumiu a sua primeira causa: nº 154, da sede Quarta do Juizado, representando três feirantes ameaçados de expulsão do Mercado Único – Miguel Carraico Herreras (apelido *El Mocho*), Pedro Pogés e Pedro Montanals, do Sindicato dos Carregadores. Fidel montou a defesa explorando uma questão paralela; todos os moradores do bairro La Pelusa, onde se situava o mercado, estavam sendo ameaçados de desalojamento pela empresa construtora da Plaza Cívica. Venceu o pleito e recebeu uma boa quantia; mas, posteriormente, perdeu a causa de um outro trabalhador do Mercado Único, preso portando uma faca numa agitação sindical. O juiz aplicou uma multa ao réu por porte de arma, embora a faca fosse o seu instrumento de trabalho. Defendeu ainda um grupo de estudantes acusados de desordem pública e, logo, o litígio da viúva Lucila Milanés sobre a herança de uma barbearia, que tramitou normalmente, conforme se demonstra em carta à sua cliente, de 23 de novembro: “Estimada Lucila... No meu entender, a senhora não deve enviar ninguém, no momento, à barbearia. O assunto vai muito bem e é necessário evitar dificuldades... Seus interesses estão perfeitamente garantidos, pois é interesse meu e de todos... Sigo tendo muitas simpatias e afetos. Seu criado, Fidel Castro”[8]. Concomitantemente, iniciava-se um caso mais prolongado, o da *Madereras Gancedo S.A*, fornecedora de material bruto a carpintarias.

Os proprietários foram ver os advogados certa manhã e acordaram doar a madeira para fabricar os móveis do escritório, contanto que os três advogados cobrassem dos carpinteiros as

contas em atraso[9]. O escritório enviou comunicações aos devedores e, quando um deles atendeu ao chamado, apresentando seus argumentos, Fidel abordou o problema de forma subjetiva: “Nosso cliente, a Madeireiras Gancedo, não tem apuros econômicos, mas você sim...”. A um dos carpinteiros, foi pedir que fabricasse as mesas e a estante do escritório, com a matéria-prima que forneceria. Pouco tempo depois, esse mesmo carpinteiro seria despejado por um adquirente do terreno onde se situava sua oficina. Fidel propôs-se a assumir sua defesa, o carpinteiro retomou a posse e o proprietário não encontrou outra alternativa senão lhe oferecer dinheiro para que se mudasse. De qualquer forma, a banca de advocacia rendia pouco, quando não dava até prejuízo, já que o trio de advogados costumava, vez por outra, tirar do próprio bolso para saldar dívidas dos clientes e até de adversários.

No início de dezembro, Fidel foi intimado a juízo por desrespeito à autoridade em Cienfuegos. “Siga as minhas instruções ao pé da letra”, recomendou a Enrique Benavides (igualmente convocado), o que significava para Benavides ratificar o que Fidel declarasse no tribunal. Mas o colega estava descrente: a justiça era manobrada; eles não tinham nenhuma influência no Governo e, além do mais, Fidel era um iniciante no ramo[10]. Decidiram-se, então, por uma separação de responsabilidades. Proporiam a Benito Besada, um ex-colega mais experiente que vivia em Santa Clara, assumir a defesa de Benavides. Fidel varou a madrugada da viagem de trem lendo trechos de Martí, preparando-se para a audiência.

Chegaram à estação de manhã cedo e trataram logo de localizar a casa de Benito. Não foi difícil. O colega ouviu o relato, aceitou a petição, depois foi ao fórum apurar particularidades do processo. Ao voltar, encontrou Fidel arriado no sofá, com uma tradução do *J'Accuse*, de Emile Zola, sobre as pernas[11], imerso num sono profundo. Já a leitura escolhida por seu representado para o momento lhe pareceu um sinal preocupante...

Cutucou-o. Esperou que estivesse bem desperto para proferir as suas impressões. Prever um resultado era arriscado, dependeria muito do teor da defesa e das declarações das testemunhas. No íntimo pensava – e de certa maneira, tratou de alertá-lo – que uma exaltação de sua parte, comum em momentos de pressão, poderia complicar o caso.

A sessão transcorreria no início da tarde. Encontraram os corredores do tribunal em impaciente movimento, com muitos jovens que vinham compor a platéia. Fidel, em estado de concentração, foi providenciar uma toga.... Toques de martelo: "Na cidade de Santa Clara, aos 14 do mês de dezembro de 1950, constituída em Audiência Pública a Seção Primeira da Sala de Justiça de Las Villas... comparecem para a celebração deste Juízo de Urgência número 543... Como denunciante, capitão Manuel Pérez Borroto Marrero... Como acusados, Fidel Castro Ruz... e Enrique Benavides Santos... Perguntados como se declaravam em relação à acusação, ambos se disseram inocentes..."

Arroladas as testemunhas de acusação, não se apresentaram provas consistentes. Era, então, a vez de a defesa contestar os argumentos da promotoria. Benito apresentou-se como advogado de Benavides. "Quanto ao senhor, Fidel Castro?", perguntou o juiz. "Assumirei a minha defesa", repondeu o acusado. "Pois vista o símbolo do advogado e passe a ocupar o seu lugar no estrado!" Fidel saiu da sala e logo regressou vestindo a toga. Deu algumas passadas, buscando concentração e, então, dirigiu-se acusadoramente ao denunciante: "Muito mal o senhor representa o povo, quando reprime e asfixia os seus direitos legítimos!" O capitão reiterou a acusação, que já parecia débil aos olhos da platéia, e Fidel desfiou um discurso contra o regime, em defesa própria, justamente o avesso do que lhe fora recomendado.

Quando os jurados se retiraram para deliberar, Fidel confidenciou ao colega: "Não importa a sorte que nos caiba, Benny, havia que dizer essas verdades..." Demoraram meia hora para dar o veredito, uma raridade nos juízos de urgência. Como não

havia a confirmação dos delitos, absolveram os acusados. O resultado do julgamento foi comemorado no Restaurante Miami, em Havana, com a mulher e familiares, dando um descanso aos espaguetes que Fidel adorava inventar na cozinha.

De fato, quem o assistia discursando, percebia que o palanque tornava-se cenário de seu personagem e, cada objeto, um detalhe de composição do monólogo. Podia-se constatar também que, embora fosse um fundamento da sua formação, a oratória grega ou romana, retórica e grandiloqüente, que acudia ao arranjo das palavras mais do que à mensagem, restava apenas como clima. Fidel havia freqüentado obras de outros oradores – era de fato uma matéria de sua preferência –, como os discursos parlamentares de Castelar; e conformava o seu estilo, privilegiando o que dizer, ainda que sem desprezar o modo.

* * *

Desde janeiro de 1950, Fidel integrava o Comitê Nacional do PPO (ortodoxo)[12], embora já não depositasse fé nos objetivos do partido. Esse conflito se constituiria, lentamente, num fator de discórdia com o amigo Chino Esquivel, que apostava no projeto ortodoxo e que decidira integrar-se de pleno à campanha do popular jornalista Pardo Llada nas eleições daquele ano[13]. Naquele momento, Llada representava um nome aglutinador para o partido e obteve uma excelente votação, assim como Eduardo Chibás, que se elegeu para o Senado com 200 mil votos, o máximo registrado até então na República, o que o credenciava como fortíssimo candidato à Presidência. De sua parte, Fidel mantinha-se em sua postura autônoma, reavivando a desconfiança dos elementos da alta direção ortodoxa.

No decorrer do ano, colocara o seu nome na relação de candidatos a um cargo eletivo no pleito de 1952.[14] Desejava o espaço político para expor os seus pontos de vista. Começava a formular uma linha mais agressiva no campo social, que, entre-

tanto, não ia de encontro ao programa geral ortodoxo. Na realidade, acreditava que suas concepções e as do partido eram complementares. "Via a candidatura como um meio, não como um fim..."[15]. Ou seja, reeditava o conceito martiano de "fazer a todo momento o que em cada momento é necessário".

Já era nítido que os pensamentos de Fidel desviavam-se para o projeto de dedicar-se a consolidar bases políticas, o que significava deixar em segundo plano os deveres de advogado. Certo mesmo era que não poderia abrir mão da ajuda financeira de D. Angel Castro, na torrente de ações que o aguardavam. Em janeiro de 1951, publicou um artigo no *Saeta*, o veículo clandestino do Comitê 30 de Setembro, dirigido por Lionel Soto, propondo uma reforma universitária. Estava em plena campanha. Em fevereiro, pronunciou um discurso aos moradores de Aguacate, município da capital, depois criou um Comitê em Defesa dos Direitos Democráticos – com sede no Edifício Fren-Mar, em 3ª e 2, Vedado, o seu endereço particular – e compôs uma mesa-redonda na FEU sobre o aumento de passagens de ônibus – episódio que entraria para a sua ficha no Serviço de Inteligência Militar (SIM).

Mais à frente, participou de uma manifestação contra o decreto *Mordaza*, que estabelecia censura para opiniões políticas nas rádios. A força pública entrou em ação, dissolvendo a manifestação a tiros, e Fidel foi acusado de ser um dos responsáveis dos distúrbios[16].

Naquele mês, seu avô, D. Pancho, de quem herdara o gênio forte, faleceria em Birán aos 87 anos. Operado de uma hérnia, proibiram-no de fazer qualquer esforço, mas ele não largava os seus bois no canavial. Dizia que era aquela a sua vida. Num dia de fortes trovoadas, D. Pancho insistiu em dar pessoalmente de beber aos bois no rio, pela segunda vez. No regresso, o cavalo, contente com o aguaceiro desatado, mordeu um dos bois por trás. O animal voltou-se raivoso e o cavalo, no susto, empinou. O velho caiu no chão e um outro boi pisoteou-o. No final, não resistiu.

Em março, o *Saeta*, com Raúl Castro como membro do conselho editorial, publicou outro libelo de autoria de Fidel contra a repressão aos estudantes, a violação da liberdade de imprensa e do direito de reunião, respaldado pelo comitê sediado em sua residência. Fez um discurso ao povo do arrabalde de San José de Las Lajas e, a princípios de maio, integrou a delegação dos candidatos ortodoxos em viagem pela província do Oriente. Ingressou também no Comitê de Luta contra a Carestia da Vida e no dos Estudantes e Profissionais Universitários em defesa da cota açucareira. Na prática, a campanha de Fidel tomava vulto também devido ao impulso da candidatura de Chibás à Presidência, nas eleições que se realizariam no ano seguinte, quanto mais que a política econômica do Presidente Prío encaminhava o país e a população para um agravamento de suas dificuldades.

Prío solicitara, no início de 1951, um empréstimo de 200 milhões de pesos aos Estados Unidos. Em contrapartida, uma missão de 17 especialistas, chefiada pelo banqueiro Francis Adams Truslow, viera a Cuba para analisar previamente a situação da economia do país. Em julho, veio à luz o volumoso informe do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), que caracterizou Cuba como uma refém de problemas crônicos, como o mau uso dos fundos públicos, entre muitos outros. Propunham medidas de saneamento, como ampliar o turismo e as indústrias derivadas do açúcar, o financiamento a empresários por intermédio do BIRD e a redução dos impostos para os investidores norte-americanos.

Aconselhava ainda o rebaixamento dos salários, expedientes para facilitar demissões de trabalhadores e um rápido ajuste nas relações entre trabalhadores-patrões-governo, com a criação de um forte sindicato patronal, visando sustar o avanço dos conflitos sociais. Mas, justamente, esses conflitos, e sua efervescência naquela conjuntura, impediriam a aplicação do catecismo do BIRD, que, em suma, requeria um governo de linha dura para sua execução. Finalmente, os Estados Unidos negaram o empréstimo

solicitado por Prío. O embaixador Robert Butler, seu amigo pessoal, em solidariedade, retirou-se do país.

Com a crise crescente, a ortodoxia captava o ideário que os autênticos haviam abandonado, devido à guerra fria[17], ao quebrar as defesas do Estado e alinhar-se totalmente aos Estados Unidos. A combinação desses elementos e o descontentamento da população apontavam para o provável triunfo de Chibás em 1952. A sua ferrenha campanha contra a corrupção governamental contava, naturalmente, com a reação dos que se encontravam na iminência de perder o poder, segundo as pesquisas de opinião. No entanto, a candidatura Chibás teve um desfecho totalmente inesperado.

Em seu programa *Hora*, na Rádio CMQ, que ia ao ar todos os domingos às 20 horas, o senador afirmara que o ministro da Educação, Aureliano Sánchez Arango, "roubara dinheiro das escolas públicas para construir um bairro residencial de luxo na Guatemala". O ministro foi a público exigir que se mostrassem as provas da acusação e, durante duas semanas, atiçou-se o duelo transformado em debate nacional. Chibás prometeu ao povo que apresentaria as provas, mas não conseguiu obtê-las. "Companheiros da ortodoxia, adiante! Pela independência econômica, liberdade política e justiça social! Vamos varrer os ladrões do governo! (...) Este é o meu último pronunciamento..." Assim foi feito o seu patético apelo em plena transmissão do programa, segundos antes de dar-se um tiro no estômago. Encontrava-se profundamente deprimido por não poder cumprir a palavra.

O senador foi retirado do estúdio ainda com vida. Fidel e o porteiro da estação – que por coincidência vinha a ser Gabriel Palau[18], o seu amigo de infância em Santiago – estavam entre os que carregaram o corpo ao veículo que o levaria ao Centro Médico Cirúrgico. Fidel sempre admirara Chibás, embora nos últimos tempos houvesse redefinido aquela figura dentro de si: um grande líder popular, mas populista; o catalisador da situação política, mas não o seu mentor. Permaneceu em vigília alternada no hospital. Dez dias depois, o senador faleceu.

"Era de madrugada. Do lado de fora, estávamos Alvaro Barba, Fidel, Aramís, eu, outros mais... Fidel desejava que o velório se realizasse na universidade, principalmente, porque a polícia impedira o senador de fazer pregação política por lá. Sabia que daria uma tremenda publicidade, que as câmeras de TV registrariam tudo, mas precisávamos da autorização de Enrique Huerta, o presidente da FEU, para levar o corpo..."[19], conta Alfredo Esquivel. Fidel e Alvaro foram falar com Enrique, que preferiu comunicar-se com o reitor, antes de dar uma resposta final. Passada uma hora, veio a autorização, e o corpo seguiu para ser velado na Aula Magna. Fidel participou da primeira e da segunda guardas de honra. Sendo procurado para entrevistas, preparou rápido, à mão, duas ou três falas – parte de uma ou de outra apareceriam sucessivamente na televisão e no rádio. Na caravana do enterro, a multidão ocupava quatro quilômetros, da universidade ao cemitério de Colón. Ramalhetes e coroas de flores mandados por políticos apontados como corruptos eram queimados.

Fidel logo advogaria o caso de um operário atacado e morto em ato contra o aumento das passagens. Acusou como mandantes os oficiais de polícia Rafael Casals e Fernandes del Cueto e o tenente Salas Cañizares. A 7 de setembro, no tribunal, dirigindo-se ao juiz, alertou que as autoridades tratavam de desviar-se da culpa: "Não me interessa que nenhum policial seja detido, quando a responsabilidade deve recair sobre os oficiais superiores..." Como pena, o juiz estipulou uma multa de cinco mil pesos a cada um dos oficiais, atribuindo-lhes uma liberdade condicional. O jornal *Alerta* lançou, em primeira página, a chamada para um artigo de Fidel sobre o assassinato do operário e também o de um viciado em drogas, Fabio Peñalver García, na prisão de Havana, por agentes do Birô de Investigações. "Cabe lembrar que os verdadeiros agentes da maconha e da droga devem ser procurados entre as principais figuras do governo... Estamos nos umbrais da ditadura, o que quer dizer, também, nos umbrais da

revolução...", declarava, deslanchando de vez o seu nome como candidato a deputado.

Em novembro, os ortodoxos divulgaram a listagem oficial de seus candidatos, recondicionando a sua chapa majoritária: Roberto Agramonte, professor de Sociologia da universidade e da Academia Militar, um homem de idéias conservadoras, oriundo da média burguesia, assumia a candidatura à Presidência, com Emílio (*Millo*) Ochoa como vice. Fidel Castro Ruz aparecia compondo a relação para o Congresso Nacional[20]. As sondagens de opinião confirmavam a vitória do candidato ortodoxo sobre o dos autênticos – Carlos Hevia, engenheiro graduado pela Academia Naval dos Estados Unidos – e sobre o ex-Presidente e senador Fulgêncio Batista, que concorria pelo recém-criado Partido da Ação Unificadora (PAU). Batista, que residira em Daytona Beach, Flórida, ganhara uma vaga para o Senado nas últimas eleições e regressara a Cuba. Mesmo com o trauma do suicídio do seu fundador, o PPC (O), que, até então, contava com 80 mil filiados, apresentaria um crescimento significativo.

Durante a campanha, formou-se novo leque de aliados de Fidel, com uma maioria de simpatizantes chibasistas, outros da esquerda do partido, e o resgate de alguns velhos amigos. Em San José de Las Lajas, moravam os irmãos Gómez Reyes, que haviam trabalhado no Belén. Fidel passaria a visitá-los com mais assiduidade. Junto com Gildo Fleitas, que conhecera como funcionário administrativo do colégio com pendores intelectuais, viriam compor uma importante base política, autonomeada *Grupo de La Ceiba*.

Entre os que se uniriam a Fidel a partir de então, estava o operário Ñico López, simpático e espichado feito ele, da Juventude Socialista, e Raúl Granados, *el flaco* (magrão). Fidel movia-se para todo lado com essa gente num Chevrolet verde, o seu novo carro, comprado a prestação, com Gildo, Juan Martínez Tinguao ou ele mesmo de motorista, todos colaborando para pagar a gasolina. Na necessidade de dinheiro vivo urgente, Fidel empenhava

o relógio, conseguindo algo em torno de cinco pesos. A experiência de campanha o ensinou a desconsiderar os ensinamentos de D.Angel, para quem penhorar qualquer coisa era uma heresia. Barbon, como o chamava Fidel, era o encarregado de ir à loja de penhores negociar o que pudesse, nessas horas. O *staff* de campanha contava ainda, ocasionalmente, no papel de guarda-costas do futuro parlamentar, com Miguelito, apelido *Niño* ou *Hienita*, devido à sua índole.

Outros antigos conhecidos da época de estudante, trabalhadores, indicaram-no delegado municipal do PPC (O) por Cayo Hueso[21], bairro de pequenos mercadores e artesãos, satisfazendo, assim, a condição de representar previamente um distrito eleitoral para poder postular-se. No bairro, havia uma barbearia, em Neptuno 823, convertida em ponto de encontro de simpatizantes de Eduardo Chibás. Adolfo Torres Romero (Adolfito barbeiro) era o delegado do partido na jurisdição. Fidel tornou-se seu freguês assíduo. Aproveitava os cortes de cabelo para tratar de política: "Sugeriu-me uma união de forças...", lembra Adolfito. "Raúl de Aguiar dera-lhe a entrada. Quando me dei conta, ele já cativara o bairro..."[22]

Com proselitismo direto pela vizinhança ou por correspondência, copiando a lista dos filiados ortodoxos do bairro com a ajuda de Aguiar e Fleitas, Fidel tomou o lugar de Adolfito, junto do eleitorado, aparentemente sem traumas do destituído. Conseguiu ainda eleger-se delegado pelos municípios vizinhos, San Lazaro e Pueblo Nuevo. O grupo sindical dos têxteis de Ariguanabo, em Bauta, comprometeu-se a apoiá-lo[23].

Fidel adotou procedimentos inovadores, considerando os tradicionais métodos de campanha. Redigiu uma carta de felicitação aos eleitores no Natal, lançando um recado político. No Ano Novo repetiu o gesto. "Tristes e recentes recordações enlutam as nossas alegrias, mas novas e alentadoras esperanças nascerão ao calor das primeiras luzes que o sacrifício ascendeu...", era a epígrafe no cabeçalho. Para rodar a correspondência e

outros materiais, o ortodoxo René Rodríguez revezava-se com Gildo no mimeógrafo. O primeiro viria a se converter no homem de confiança de Fidel.[24]

Fidelito (Fidel Castro Díaz-Balart), primogênito de Fidel, aos 8 anos de idade

Com correligionários, tendo ao lado Abel Santa María, 1952

C A P Í T U L O 1 4

Com aliados, 1952

O golpe do sun-sun

Ouvindo a prosa de Pedro Trigo em Santiago de Las Vegas, Fidel tomou conhecimento da pérola das falcatruas do Presidente da República. Por aquela região, morava um senhor endinheirado, de sobrenome Mendigutía, de quem Carlos Prío havia sido advogado. Ao assumir a Presidência, exercendo

sua boa influência, Prío colaborara para indultá-lo de um crime e ainda nomeara-o seu secretário civil. Em agradecimento, o antigo cliente presenteou-o com uma pequena fazenda. Prío foi adquirindo terras ao redor e, em muito pouco tempo, era o dono de uma enorme propriedade, denominada *El Rocio*, em pleno coração da província havaneira.

Fidel pressentiu o escândalo e o abalo que se produziria sobre o governo. Faltava apenas preencher certas lacunas. Assim, sugeriu a Trigo iniciarem um levantamento de provas – Fidel sob o amparo da patente de advogado. Proposta aceita, no dia seguinte, os novos parceiros saíram a averiguar *El Rocio* e a traçar planos da investigação.

Primeiramente, ocorreu a Fidel programar um piquenique na fazenda, a fim de colher detalhes in loco. Nesse dia, divertindo-se, em companhia de Tinguao e algumas colegas, observou a aproximação de um soldado. Este se apresentou como cabo Tejeda e indagou-lhe como se atreviam a invadir a fazenda do Presidente. Fidel fez cara de desentendido e, com naturalidade, perguntou a que presidente o soldado se referia, se o do Senado ou o do Supremo Tribunal, recebendo com firmeza a resposta de que a propriedade pertencia ao Presidente da República e que, portanto, deveriam se retirar. Fidel desculpou-se, alegando que seus amigos e ele nada mais queriam além de um inocente piquenique em lugar aprazível.

Durante as semanas seguintes, José Luis Tassende (mais um colega do tempo do Belén), Fleitas e Trigo dedicaram-se a fotografar o local, ocultando-se pelos bosques. Conseguiram flagrar soldados do exército plantando árvores, erguendo muros de pedra e realizando trabalhos de construção. Fidel e Fleitas realizaram entrevistas com um arrendatário desalojado e trabalhadores, conseguiram uma avioneta usada para reportagens e sobrevoaram a propriedade tirando fotos; e outras nasceram da lente do profissional Fernando Chenard (do *Grupo de La Ceiba*), burlando a guarda.

Foram ao sítio *La Chata*, a 20 quilômetros da cidade, onde Carlos Prío montara uma luxuosa residência de veraneio, e a outras fazendas situadas em diversas províncias, como Pinar del Rio e Santa Clara, onde a propriedade era permanentemente vigiada por soldados. Como advogado, Fidel não só apurou os registros das propriedades, em nome da Cia. Imobiliária Acirema, cujo dono era Carlos Prío[1], mas também que o crime praticado pelo Sr. Mendigutía fora o estupro de uma menina de oito anos, pelo qual havia sido sentenciado a seis anos de prisão e ao pagamento de uma indenização de 10 mil pesos à família da vítima. A interferência de Prío salvou-o de cumprir a pena.

* * *

Enquanto isso, Fidel seguia em campanha. Ñico López arranjou o mimeógrafo para imprimir prospectos e o Grupo de La Ceiba colaborava no preenchimento dos envelopes, carimbando e despachando a correspondência aos milhares de filiados da província. Pondo-se em campo desde às 5 horas, todos os dias, Fidel visitava os destinatários que podia, pedia o voto e ainda participava de comícios do partido. Conseguiu um horário próprio na estação de rádio *La Voz del Aire* e escrevia editoriais para o programa *Vergonha Contra Dinheiro* – o velho lema de Chibás –, na cadeia *COCO*, tendo como produtor Gildo Fleitas. Os populares residentes dos bairros de La Pelusa, La Timba e La Corea freqüentavam o seu espaço no rádio, no qual Fidel dedicou-se a uma campanha contra um novo consórcio de pecuaristas, amigos de Prío, que, apoiados na intimidação de pistoleiros contratados, pressionavam pequenos produtores a não venderem seus produtos à Cia. Leiteira de Cuba.

Parecia uma campanha comum, mas o fato é que, nessa época, Fidel tinha metas políticas inconfessas. Rendido pelas teses do marxismo-leninismo, pretendia utilizar a tribuna para lançar um programa revolucionário, com uma etapa de constru-

ção do movimento e outra conclusiva, de tomada revolucionária do poder, com um levante popular que eclodiria "no momento oportuno"[2]. Acreditava, inclusive, que determinadas condições para tanto já existiam no quadro cubano. "Vejo-me num partido de grande força popular com concepções éticas, mas não revolucionárias, no campo social. É a partir dessa contradição e da trágica morte de seu combativo e tenaz fundador, que elaboro a concepção de como fazer a revolução nas condições de nosso país...", analisou Fidel. E nem sequer a meta podia taxar-se de devaneio, pois se encadeava às teses comuns aos partidos comunistas, sendo o Partido Socialista Popular (PSP) o seu aliado potencial. Fidel previa, além disso, que a imunidade e os recursos de deputado serviriam para mover-se e conspirar mais livremente. Mas, evidentemente, sempre atento à possível repercussão negativa de qualquer posição mais explícita, nada disso foi ventilado por ele, em nenhum instante, naquele período.

Com a investigação sobre os negócios do Presidente adiantada e as respectivas provas em mãos, Fidel foi solicitar ao partido permissão para expô-las na emissão oficial de rádio transmitida aos sábados. No entanto, encontrou obstáculos: um grupo da direção se disse pouco disposto a abonar "as loucuras de Fidel Castro". Ocorreu que, ao tomar conhecimento da bomba que Fidel vinha guardando, o jornal *Alerta* decidiu comprar os direitos de publicação. A 28 de janeiro de 1952, iniciava-se a série de matérias com as denúncias contra Prío, todas em estilo incendiário.

Texto da chamada de primeira página: "Fazendo graves imputações ao Presidente da República sobre a aquisição de diversas propriedades e o emprego indevido que nas mesmas se dá a membros das Forças Armadas, como peões e trabalhadores braçais, assim como a violação de todas as leis sociais quanto aos trabalhadores agrícolas empregados lá, o Dr. Fidel Castro, ex-líder universitário, fez interessantes declarações, em caráter exclusivo, ao *Alerta*...".

Eu acuso o Presidente Prío de trair os altos interesses da Nação; *Prío rebaixa a função de nossas Forças Armadas*. Estes eram os subtítulos da matéria, em que se revelava a compra, concretizada por um intermediário, de grandes extensões de terra, a sua utilização ilegal e a exploração de mão-de-obra militar. Um fragmento da matéria: "Aproximadamente 40 recrutas do Acampamento Militar de Manágua são transportados diariamente à fazenda pela estrada... num caminhão de chapa oficial número 2770. Começam o trabalho às 7 horas e terminam às 17h30. A limpeza das quadras e cavalariças corre a cargo do soldado Figueredo, da Polícia Nacional. O cabo Tejeda ocupa o posto de cocheiro... Os soldados trabalham sob a direção de um tenente-capataz, residente em Rancho Boyeros...."

O texto informava ainda que Prío construíra prédios em Nova York e residências na Guatemala. "Quando Chibás acusou-o de empreender grandes negócios de apartamentos nos Estados Unidos... Quando o acusou de construir bairros residenciais na Guatemala e um império madeireiro... era verdade. Um informe da Comissão Econômica delatava a torrente de milhões que saía do país..."

A 11 de fevereiro, a segunda matéria – *Eu acuso o Presidente Prío de levar o país à ruína*; 34 *fazendas compradas numa só província* – que contava o caso de seu cúmplice milionário, o estupro da menina, os fundos que Prío roubara do tesouro público, os subterfúgios legais para esconder essas operações e a relação das fazendas em seu nome e de seu irmão Francisco. "... Fazenda Casas Viejas, Fazenda Gordillo, Fazenda Potrero San Francisco de Paula ou Menocal, Fazenda Potrero Galera e Cafetal anexo Avelino... Uma estrada, que iria de Calabazar a Manágua, municípios do interior da Província, foi construída imediatamente, mas não até Managua e sim ao coração das terras compreendidas sob uma sociedade anônima... Quinze fazendas em um único território municipal... Pior são tratados os operários vigiados severamente pelo tenente Coy, cuja chefatura é, logicamente, arbitrária

e tirânica, valendo-se de sua condição de militar, portando sempre uma baioneta na cintura...”

Fornecia também detalhes da produção na propriedade: “Há dois estábulos dedicados à leiteria. No mais velho, ordenham-se 87 vacas Hershey e no novo, outras tantas de distintas raças. Estão sendo criados 200 porcos de raça atualmente. As aves de criação contam-se em milhares. Para a lavoura, utilizam três *bulldozers*, cerca de 20 tratores e uma turbina do ‘Ministério de Salubridade’ para a irrigação...” Exibiam-se fotos do *La Chata* com a piscina, as quadras de tênis, o cassino, as estrebarias, o galinheiro e o Presidente recebendo convidados. Na conclusão, Fidel convidava os leitores a comprovar as suas denúncias num Tribunal de Honra, onde a documentação seria deixada à disposição para consulta livre: “Tudo quanto declarei é rigorosamente exato... e demonstra como o Dr. Carlos Prío não tem escrúpulos de rebaixar a dignidade de seu cargo e seu decoro profissional, ao indultar, enquanto Presidente, quem não pôde absolver como advogado...”.

O último artigo, *Faço Prío responsável pela nossa tragédia perante a história de Cuba; Palácio doa 18.000 mensais a bandos*: “Prío sustenta a terrível maquinária do crime”, publicado em 4 de março, batia na tecla dos vínculos entre a administração pública e os gângsteres, já denunciados por Fidel, em boa parte. O conteúdo era o mesmo do relatório que enviara, no dia anterior, ao Tribunal de Contas, abrindo um processo contra o Presidente por “prostituir o espírito da graça presidencial”. Citava a distribuição de mais de 2.100 postos e comissões a pistoleiros arrolados em ordem alfabética. O Tribunal de Contas demandou a Fidel a ratificação da denúncia, admitindo que providenciaria a tramitação. Prío, por sua vez, convocou uma coletiva dos meios de comunicação, oportunidade em que se mostrou incapaz de refutar as acusações.

Fidel mudara-se recentemente com Mirta e Fidelito para um pequeno edifício no mesmo bairro, Vedado (Calle 27 no.

1511), onde, num quarto do sótão, dormiam o irmão Raúl e, eventualmente, os seus dois cunhados. Com a vida que levava, chegava em casa normalmente muito tarde. E foi numa dessas noites, enquanto Fidel chegava ao seu lar já de madrugada, que, do outro lado da cidade, se iniciou a conspiração.

A moderada velocidade, quatro veículos conduzindo o senador general Fulgêncio Batista e mais 17 oficiais da ativa e da reserva, avançavam pela Estrada Central rumo ao coração de Havana. Detiveram-se a poucos metros da sede do Estado Maior das Forças Armadas, o quartel militar de Columbia. Ao reconhecerem o general e oficiais nos veículos, os sentinelas, ainda que surpresos pela visita tão tardia, liberaram automaticamente as cancelas e o grupo penetrou na caserna.

Dias antes, Fidel ouvira rumores de golpe de Estado. Buscou sondar com seus conhecidos, membros do partido de Batista, o Partido da Ação Unificadora (PAU), e ficou intrigado com a exacerbada defesa de um dos seus principais dirigentes quanto à urgência de se implantar uma ditadura para pôr ordem no país. Seu cunhado Rafael (Díaz-Balart) era bem relacionado nesses meios[3], mas nada confirmou. Tampouco os rumores eram inéditos. O jornal *Miami Herald*, em meados do ano anterior, próximo ao suicídio de Chibás, assinalara que, de acordo com fontes militares, havia clima para um golpe em Cuba, com Batista como o indicado a assumir o poder – fato igualmente divulgado em novembro pelo PSP.

A lógica e, especialmente, o passado histórico conduziam a crer que Batista, a menos de três meses das eleições, frente à estável e crescente primazia do candidato da ortodoxia, não devia enxergar outra alternativa para retornar ao governo. Fidel solicitou, à direção do seu partido, um tempo no horário eleitoral, para apresentar a questão, mas novamente deparou-se com restrições. Exigiam que ele apresentasse provas de que o golpe estivesse em marcha. Raúl Chibás, irmão do falecido senador, com quem Fidel encontrara-se na residência de Roberto Agramonte,

dispôs-se a averiguar com o comandante do Distrito Naval[4] e realizaram-se consultas a professores civis da Escola Superior de Guerra. Todos asseguravam não haver qualquer sinal de insubordinação nas hostes militares.

Não obstante, rolavam conspirações de oficiais da ativa, muitos dos quais haviam apoiado o autenticismo e assistiram ao ócio e ao gangsterismo políticos minarem os governos[5]. "A mais significativa (dessas conspirações) foi coordenada pelo capitão Jorge García Tuñon, oficial de grande prestígio no exército, que defendia o resgate das instituições... Mas, ao terem de decidir a execução do plano, atemorizaram-se ante a incerteza de poder contar com a totalidade militar e avaliaram ser melhor apresentar a proposta a Batista. Apostavam que os escalões inferiores o seguiriam, pois ele preservava a imagem do benfeitor dos soldados. Prontamente Batista aceitou tornar-se o chefe."[6] Com efeito, o Serviço de Inteligência Militar (SIM), desde o início de fevereiro, estava a par da evolução de um complô, devido a um informe de autoria do capitão da contra-inteligência, Salvador Díaz[7]. Aparentemente, Batista tampouco estava seguro do sucesso da empresa: antes de partirem para o quartel geral de Columbia, sua preocupação era se os militares da ativa haviam tomado providências para uma rápida retirada, em caso de necessidade.

Mas, às 2h40 de 10 de março, Batista assumiu o comando, sem tiro ou alarde, e proclamou-se chefe do Estado. O episódio foi chamado entre populares de "golpe do sun-sun", em alusão a uma *guaracha* da moda sobre um discreto passarinho madrugador.

Qual fora a real substância do complô? Divergências, no âmbito da oficialidade, originavam-se entre os ex-sargentos de 1933, que ascenderam com a gestão de Batista, e os que se constituíram, na fase seguinte, nos graduados em academias militares norte-americanas – era um segmento do exército que se considerava mais ilustrado.

O ex-Presidente Ramón Grau, ao assumir, dedicara-se à reforma dos quadros do exército, retirando militares fiéis ao antecessor. Contudo, parte do novo oficialato logo se desgostou com o poder autêntico, por sua deterioração. Mesmo inexistindo um grupo numericamente expressivo e leal ao caudilho exilado (Batista), a hierarquia militar desprendeu-se do Poder Executivo e o exército renunciou ao seu papel de grande fiador do Estado. Aliás, fora esse um dos motivos do apadrinhamento, por parte de Grau e de Prío, de tantos grupos armados paralelos.

Com relação aos Estados Unidos, o quadro era igualmente ambíguo. "A maioria dos oficiais considerava a aliança com os Estados Unidos inevitável; alguns a apreciavam, mas outros julgavam insensatas certas resoluções do establishment..."[8] Por exemplo, veja-se que Carlos Prío se comprometera a enviar um contingente de 25 mil cubanos para lutar junto aos Estado Unidos na guerra da Coréia, mas, em vista de desavenças entre militares sobre o tema, acrescidas de protestos populares, a promessa não se cumpriu. Para o governo norte-americano, Prío tornara-se a expressão de um sistema devasso, inerte e inconveniente. Os Estados Unidos ansiavam por uma solução que tirasse Cuba do estado diagnosticado pelo informe do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) – especialmente quanto à influência que os comunistas preservavam sobre o movimento sindical, apesar dos esforços do Presidente em anulá-la.

O golpe assentava como luva aos interesses norte-americanos. No entanto, não há provas de que os Estados Unidos, ou qualquer representação oficial daquele país, tenham participado diretamente da trama, como quiseram crer certos analistas, embora se registre, no decorrer do processo de substituição de poderes, a presença de alguns altos funcionários norte-americanos na sua *mise-en-scène* – um deles, em Columbia, outros dois na Base Naval de Guantânamo e no quartel de Santiago. Nelson Rockfeller, subsecretário de Estado para América Latina, esteve em Havana dias antes do golpe, para assinar um novo tratado militar com

Cuba. A embaixada norte-americana guardava ciência da conspiração e, inclusive, havia advertido o Presidente, assim como fizera o SIM, mas tudo o que Prío fez foi solicitar confirmação ao exército, dirigindo-se a uma divisão cujo chefe era um conspirador. De qualquer maneira, o fato é que o quartelaço da madrugada atendeu a uma conjunção de interesses: impedir a vitória do Partido Ortodoxo, curar feridas institucionais e realinhar Cuba à órbita norte-americana.

Instalada a situação de exceção, Fidel escapuliu de vista. René Rodríguez, um dos ortodoxos que a ele se unira, foi procurá-lo pela manhã, sendo dos raros a saber por Mirta que ele se encontrava na casa de Lídia, sua meia-irmã, a cinco quadras dali. Assim que apareceu, Fidel orientou-o a obter informações sobre o panorama universitário. No campus, René soube que uma delegação de estudantes partira para o Palácio, às 7 horas, com o intuito de oferecer seu apoio ao Presidente[9], mas ainda não regressara. Comunicou-se, então, com Fidel, que pediu que esperasse Alvaro Barba, Presidente da Federação dos Estudantes Universitários (FEU), e o conduzisse ao seu encontro. Uma hora depois, Barba lhe contaria a conversa mantida com Prío, que lhes prometera enviar armas o mais breve possível para deslanchar a resistência estudantil ao golpe.

René dirigiu-se ainda à residência de Roberto Agramonte para conhecer a reação do partido. O quase futuro Presidente, antecipadamente deposto, encontrava-se reunido com partidários, entre os quais Raúl Chibás, em estado de perplexidade, certo de que seria detido. De qualquer modo, a tendência dos dirigentes era encaminhar uma espécie de reação cívica. No término da manhã, centenas de estudantes amontoavam-se na "escalinata" e no vestíbulo da reitoria, com os dirigentes estudantis à espera das armas prometidas, quando tropas militares começaram a cercar o quarteirão. Preso, Prío já estava abandonando o Palácio Presidencial, após oficializar que Batista assumira o controle de Columbia[10]. Nada pudera ou quisera fazer para resistir.

À noite, Fidel resolveu transferir-se para um hotel, até René encontrar um esconderijo. Para ele não havia dúvida de que sofreria represálias do chefe de polícia recém-nomeado, o tenente Salas Cañizares, posto por ele no banco dos réus. Desceu à rua pela manhã metido numa folgada camisa *guayabera*[11] e com um par de óculos escuros não habituais. Na esquina, ele e René tomaram um ônibus, cujas passagens foram pagas por um senhor que os socorreu ao ver que possuíam apenas uma nota de cinco para a qual o condutor não tinha troco.

Guardava a intenção de rascunhar um manifesto, ao chegar ao apartamento de Eva Jiménez, uma militante ortodoxa que se oferecera para hospedá-los[12]. Pediu a René que buscasse a máquina de escrever e um maço de papéis em seu apartamento; mas Rafael, seu cunhado, não permitiu que nada fosse retirado dali[13]. Teve de escrever à mão a versão final do texto *Revolução Não, Quartelaço!*, na expectativa de poder publicá-lo no *Alerta*. Eva e René o entregaram a Vasconcelos, o diretor do jornal, que ao passar os olhos sobre aquele ácido panfleto teve de recusá-lo. A censura já estava em ação. Ao menos puderam montar, com o linotipista do jornal, a impressão em celulóide; mais tarde, rodaram uma certa quantidade de exemplares no instituto em que Eva trabalhava e outra no escritório de um publicitário amigo de Raúl de Aguiar, membro da esquerda ortodoxa.

Fidel permaneceu fora das ruas e trocando de esconderijo sempre que podia. Pouco antes do início do ato mensal em memória de Chibás, dia 16, no cemitério de Colón, o grupo de Fidel entrava cautelosamente por uma porta lateral. Aproximaram-se do conjunto de assistentes e, ao perceberem que não havia patrulha, começaram a distribuição do panfleto. Terminada a leitura do manifesto oficial da ortodoxia, demandando a anulação do golpe e a instalação de um governo neutro[14], Fidel subiu numa tumba de mármore: "Eduardo Chibás, viemos te dizer que nunca renunciaremos aos teus ideais! (...) Se Batista subiu ao poder pela força, pela força se há de derrocá-lo!".

Alguns presentes perguntaram quem era a figura espigada que resolvia discursar e os conhecidos indicavam que era o autor do texto que se distribuía: "Mentira, cínica justificação. Não chame revolução a essa punhalada trapaceira que acaba de se cravar nas costas da República! Trujillo foi o primeiro a reconhecer o seu governo, isto diz melhor que qualquer outra... Outra vez as botas. Sei de antemão que sua garantia será a tortura e o palmacristi... Patriotas não; usurpadores! Revolução não, Quartelaço! (...) Ria quem quiser, mas os princípios são, ao longo do tempo, mais poderosos do que os canhões. E a verdade, nesta hora difícil, correrá subterrânea, de boca em boca, em cada homem e mulher, ainda que ninguém a diga em público, nem a imprensa escreva... Se se perde a vida, nada se perde... Morrer pela Pátria é viver..."[15].

Seus termos, inspirados no discurso dos combatentes antifranquistas espanhóis, matéria de estudo na Escola de Direito, integrariam ainda o "recurso de inconstitucionalidade contra o regime instaurado por Batista" por seus delitos de "sedição, traição, rebelião e ataque noturno", que o Dr. Fidel Castro apresentaria ao Tribunal de Urgência, amparando-se em artigos da Constituição e do Código de Defesa Social[16], creditando-lhe a pena de mais de 100 anos de prisão. A causa foi arquivada pelos magistrados, assim como o panfleto restringira-se ao evento.

Batista fizera letra morta da Constituição de 1940, substituindo-a por estatutos que lhe conferiam amplos poderes. Dissolveu o Congresso, partidos políticos, suspendeu eleições, destituiu governadores e prefeitos, fortaleceu o corporativismo sindical, a censura e a repressão. Enviou o seu cúmplice, capitão García Tuñon, para comprar armas na Europa e, antes que este regressasse, designou-o adido militar na Inglaterra, evitando, assim, prováveis competidores. A maioria dos antigos bandos já estavam extintos, mas Rolando Masferrer manteve-se como um dos sustentáculos do regime. Seus *tigres* eram especializados em diversos trabalhos sujos.

As missões norte-americanas ampliaram-se, iniciou-se a aplicação das recomendações do Informe Truslow e criou-se o Burô Repressivo de Atividades Comunistas (BRAC), assessorado pela CIA. Nos últimos anos, Havana convertera-se no centro preferido de turistas. Diversificavam-se os hotéis-cassinos e bordéis de luxo, por conta da penetração da máfia, proveniente dos Estados Unidos, que amadurecera a sua relação com o poder. O jogo, a prostituição e o tráfico de drogas eram acobertados na ilha sem-lei. Os interesses dos Estados Unidos foram sendo inseridos nos programas de governo, por obra de uma vasta rede envolvendo políticos e policiais. A máfia consolidar-se-ia com Batista, mas não abandonaria Prío no exílio.

Tanto autênticos como ortodoxos se desconcertaram, imergindo em divisões. Pelos autênticos, Prío e Aureliano Sánchez Arango, e pelos ortodoxos, Millo Ochoa, Max Lesnick e Pardo Llada ensaiavam contatos com o objetivo de incentivar conspirações. Um pacto formal destes grupos ocorreria em um encontro em Montreal, Canadá, a 2 de junho do ano seguinte (1953)[17]; momento em que os seus contrários, definidos como abstencionistas (Agramonte e Raúl Chibás), preferiam esperar o surgimento de melhores condições para atuar e os eleitoralistas, encabeçados por Grau, pregavam a volta do voto.

O mais curioso é que, pela série de denúncias contra Prío, adversários acusariam Fidel de haver provocado a quebra da ordem constitucional, ou seja, o golpe. Enquanto isso, o raciocínio de Fidel percorria um diapasão além. O regime imposto removia ainda mais terreno para a revolução que ele desejara incitar a partir do Parlamento[18]. A sociedade sofrera um baque e, vale frisar, depois da safra açucareira, a grande atividade em Cuba era a política eleitoral sem trégua. Depois das eleições gerais, entravam as parciais para prefeitos, vereadores e para um certo número de parlamentares.

Fidel tratou de persuadir dirigentes ortodoxos de que só com uma ação armada se poderia eliminar Batista[19], embora não

lhes verbalizasse a sua meta essencial. Em encontro com um setor da direção ortodoxa, ficou acertada a articulação de um grupo armado[20] sob a sua coordenação, a denominar-se *Habana Campo*. Imerso, aparentemente, em seus deveres de advogado, Fidel seria visto, a partir de então, a semana inteira, na sede do PPC (O), na Av. Prado 109, estabelecendo contatos em uma pequena sala dos fundos.

Tendo herdado o seu leque de bases fiéis para a campanha, como os grupos de La Ceiba e Cayo Hueso, não era difícil iniciar a tarefa. Esses, junto aos do núcleo de Artemisa (divisa com a Província de Pinar del Río), fruto do recente acordo com Pepe Suárez, dirigente local da Juventude Ortodoxa, comporiam os pilares da organização. A preocupação seria a situação financeira de Fidel, que a cada nova fase de sua vida tornava-se mais crítica. No início de 1953, havia pensado em vender o carro, mas, acabou desistindo, já que necessitava de um meio de locomoção constante.

Nas consultas sobre a venda do veículo, ficou conhecendo o chefe de um departamento da filial da General Motors, Jesús Montané, um sindicalista ortodoxo. Logo no ato em Colón, a 1º de maio, Montané avistou Fidel, aproximou-se para perguntar pelo automóvel e apresentou-lhe um amigo, Abel Santamaría, contador na empresa Pontiac. Trocaram impressões sobre a situação do país por um par de horas e perceberam afinidades[21].

Abel e Montané haviam comprado um mimeógrafo e começado a editar clandestinamente um boletim chamado *Son los Mismos*. Convidaram Fidel para dar seqüência à conversa. Fidel não tardou a aparecer no apartamento de Abel com seu jeito inquieto, caminhando pela sala, associando idéias e derrubando cinzas de charuto pelo chão – uma lembrança indelével para Haydée, a irmã de Abel, que acabara de fazer uma limpeza na casa. Apareceram Jesús Montané e Elda Pérez. E também Melba, uma colega recente de todos, advogada com experiência idêntica à de Fidel: a defesa dos desafortunados. O acaso lhe oferecia

o próximo pilar da sua incipiente organização – o grupo da 25 e O (endereço do apartamento de Abel e Haydée) –, que viria a determinar a precoce virada em seu vetor, com encontros que se estenderiam ao endereço de Melba, em Jovellar 107, num quarteirão vizinho. Comporiam o motor principal do que Fidel denominaria Movimento, um engarrafamento de visões e posturas, as que se propunha a organizar e as que não, mas que visavam tirar Batista do Governo.

Um dia, ao sair do escritório de Prado 109, Fidel não viu seu carro na vaga. Teria sido roubado? Não; a revendedora notificou-o de que recolhera o veículo devido à falta de pagamento das prestações. Abatido, o que era raro, dirigiu-se ao boteco onde costumava tomar café e fumar um charuto. Fidel narra o episódio: “Tive a honradez de dizer ao dono: ‘Não tenho dinheiro.’ E aquele senhor, que sempre fora amistoso, negou-se a seguir facilitando-me crédito. Caminhei pela Avenida Prado, cruzei pela calçada do Palácio Presidencial vendo a guarda perfilada, sem um centavo no bolso, frente aos símbolos de poder... Parei na esquina com Neptuno, onde havia uma banca, e pus-me a ler as manchetes. O ajudante, um rapazinho, irritou-se: ‘Ei, sai daí!’, e me repeliu. Nada para o bonde ou para o ônibus, segui andando uns três quilômetros até perto da universidade, um prédio onde me haviam cedido um quarto, e me deitei. Fazia tremendo calor e dormi, mais ou menos, umas quatro horas. Passei um dia muito triste...”

Na Sierra Maestra

Exemplo de luta

Oscar Niemeyer

É difícil falar sobre Fidel Castro sem cair na monotonia de frases já ditas. Para esta biografia tão importante escrita por Claudia Furiati, vou tentar fazer isto aqui. Embora um pouco constrangido, vou contar alguns fatos que entre nós ocorreram. Lembro-me, muitos anos passados, de quando Fidel me convidava para um projeto na Praça da Revolução, em Havana. Eu estava em Paris e, para ir a Cuba, teria que passar pela Espanha e de lá, num avião soviético, voar para a capital cubana. Não fui.

Depois, foi a vida a nos aproximar, com declarações que eu fazia sobre a Revolução Cubana, os protestos que assinava, as respostas que dava nos interrogatórios policiais, quando me perguntavam sobre ele e sua revolução. E ficamos amigos.

No escritório de Niemeyer, em Copacabana, no Rio de Janeiro

De longe, Fidel me convocava e, como sabia da minha ojeriza por aviões, dizia sorrindo aos que lá circulavam: "Vou mandar um navio buscar o Niemeyer". E passamos a nos encontrar, sempre que ele vinha no Brasil. Recordo uma noite em que esteve em meu escritório, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Convoquei os amigos, e até meia-noite ele ficou a falar sobre a Revolução Cubana, as ameaças que surgiam, o cerco odioso que os norte-americanos mantinham contra o seu país. E o ouvíamos, surpresos não apenas com o seu talento verbal, mas principalmente com a coragem com que ele luta contra a pobreza e a miséria deste estranho mundo que deseja modificar.

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

Editora Revan

FidelCastro
UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA
TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO I - DO MENINO AO GUERRILHEIRO

1ª Edição

Editora Revan

“Esta não será uma biografia autorizada, muito menos oficial. Trata-se de uma biografia consentida. Somente a lerei após sua publicação. Reservo-me o direito de dela discordar, se achar conveniente”.

(Declaração do Comandante Jesús Montané à autora, em nome de Fidel Castro) Havana, setembro de 1997

In memoriam

A Jesús Montané Oropesa e
Manuel Piñeiro Losada,
chaves de realização
desta obra que não
puderam ver concluída.

Sumário

TOMO I

Na Sierra Maestra

PARTE IV

Esconderijos & Emboscadas

ASSALTO AO QUARTEL MONCADA
26.07.1953
Calle C
Calle D
Casa do Chefe do Regimento
Paseo Martí
Calle E
Calle F
Calle G
Quartel Moncada
Hospital Civil Saturnino Lora
Clube de Oficiais
Trinidad
Casas de Assalto
Palácio de Justiça
Hospital Militar
Creche
Avenida Garzón
SANTIAGO DE CUBA
Escola Normal
Mendez
Bayamón
Praça de Marte
EXÉRCITO
Sentinela do chefe da guarda
Sentinelas fixas
Quartel Moncada - muro fortificado
metralhadoras
Rota da patrulha exterior
Encontro com a patrulha
Soldados capturados
FORÇAS ASSALTANTES
Uma das casas onde se hospedam
Hotel Rex - onde outro grupo se aloja
Rota a partir da Granja Siboney
Grupo de assaltantes
Ao Quartel
Ao Hospital Civil
Ao Palácio de Justiça
Extraviados
Posição dos primeiros carros

Pouco dinheiro e muito segredo

Não existia dinheiro sequer para saldar as mínimas contas da casa. Se restava algum, coisa rara, Fidel levava Mirta e Fidelito a um restaurante chinês para comer *chop suey* e arroz com camarões, mas mesmo o lazer mais modesto constituía uma exorbitância. Montané ofereceu colaboração para remediar

as dívidas, quando o Chevrolet teve de internar-se outra vez na mecânica: já era um caso fadado ao enguiço. Fidel pediu ao companheiro que providenciasse com urgência um outro carro para cumprirem o compromisso de domingo em Matanzas.

Durante o trajeto de quase 200 quilômetros, saindo de Havana rumo Leste, Fidel deixou o cérebro e a voz à solta: "*Son los Mismos* é um título morno, por que não um de mais garra, digamos, *El Acusador*? (...) Além disso, devemos aumentar a tiragem para fazê-lo chegar a Cayo Hueso, Marianao, Santiago de las Vegas, Güines, Calabázar, Madruga e Artemisa... Temos muito a dizer, muito há que denunciar e são muitos a captar! A linha consiste em juntar gente jovem, sem os vícios da política! (....) *El Acusador* não será suficiente. Precisamos de um programa de rádio para a propaganda. Não importa que as emissoras não cedam seus horários. Os recursos dependem do esforço, da dedicação e da tenacidade... Vamos criar nossos meios. Derrotar, pela violência, partindo da base popular, as baionetas!".

Abel freou frente à casa de amplo portal, o consultório de Mario Muñoz. Previamente cativado para a causa, o médico, também um especialista em comunicações, concordou em montar sem demora as duas rádios piratas de que necessitavam. Antes do fim de maio de 1953, encontravam-se em operação em Havana. Quanto ao *El Acusador*, definira o seu corpo editorial: Raúl Gómez García, pseudônimo El Ciudadano, diretor; Abel Santamaría, subdiretor executivo; e como redatores, Fidel Castro, pseudônimo Alejandro, o orientador político Juan M. Tinguao, como D. Tin, Ricardo Valladares, como El que habla, e Jesús Montané, como Canino, responsável pela coluna *Incisivas*. Alguns destes, havendo se apegado ao *Son Los Mismos*, insistiam em editar ambos; mas Fidel convenceu-os de que seria um esforço inútil.

A 1º de junho saíram os primeiros 500 exemplares do tablóide, ao preço de cinco centavos cada. Tinha quatro páginas e o logotipo ressuscitava o lema "Liberdade ou Morte" dos

mambíses da Independência. "Desfiguravam os personagens do regime; na linguagem, era um panfleto jacobino, rebelde, radical, a face do Fidel que eu conheci na universidade", lembra Max Lesnick. Dias depois, a polícia assaltava o escritório do PPC(O) na Av. Prado, à procura dos agitadores jornalistas. As dependências do partido foram destruídas.[1]

A segunda edição saiu em 29 de julho e a terceira – última e especial, com 10 mil exemplares – em 16 de agosto. Continha dois artigos de Alejandro. *Eu Acuso*, divisa de sua predileção, era o título de um deles: "Batista... Falas da tua origem humilde e vives em palácios. Não és, como dizes, o amigo do soldado – deles queres fazer escada das tuas ambições. Falas de eleições; e quem pode crer em ti? Triunfaste nas eleições de 1940 mediante a força das baionetas... Falas de trabalho e há mais desocupados do que nunca. Falas de progresso e te situas junto aos grandes interesses cubanos e estrangeiros. Falas, enfim, de Pátria e és cão fiel do imperialismo, o criado adulador de todos os embaixadores... A Cuba resta só um caminho. Eu te acuso, tirano ruim!".

Em outro artigo, *Reconto Crítico do PPC(O)*, mostrava como a direção do partido desmoronara em brigas estéreis e pessoais, distanciando-se, portanto, das massas: "Os serviços prestados a Batista com semelhante conduta não foram poucos. Para os que tenham, ao invés, fé cega nas massas, aos que crêem na força irredutível das grandes idéias, não será motivo de afrouxamento e desalento a indecisão dos líderes... O momento é revolucionário e não político!".

Conceitos similares apareceriam em dois artigos em 30 de agosto, no *Alma Máter*, de âmbito universitário: *Responsabilidade Criminal de Fulgêncio Batista* e *O maioral de Kukine*, igualmente assinados por Alejandro. Logo, agentes do Serviço de Inteligência Militar (SIM) descobriam o porão onde havia sido impresso o *El Acusador*, detendo Abel, Montané e outros, que foram liberados após interrogatório e coleta de impressões digitais.

Durante os meses em que se providenciava a propaganda, avançava também a constituição das células da organização, a maioria composta por trabalhadores. Só não havia solução à vista quanto à fonte de recursos para as partes operativa e militar. Fidel procurou tecer contatos, pressionar os dirigentes ortodoxos, sempre com a expectativa de um sinal verde. Não teve êxito, entretanto, e assim resolveu seguir por sua conta e risco. Mais uma vez, optava pelo caminho independente.

Pedro Miret, um herdeiro do Comitê 30 de Setembro, estava por concluir a graduação como agrimensor. A pedido de Fidel, aceitaria assumir o adestramento básico militar de componentes do seu grupo, em um discreto recanto de nome imponente, Salão dos Mártires da Federação dos Estudantes Universitários (FEU). Miret – codinomes Chicho ou Júlio, para a referida missão – usaria alguns parcos fuzis M-1 e Springfield que ele mesmo reparava, quando preciso, em um sótão do estabelecimento, sendo adiante assessorado por Ñico López. Como a condição de estudante justificaria o seu livre acesso ao campus, Fidel solicitou uma nova matrícula na universidade, em Ciências Sociais, Filosofia e Letras, mas precavia-se de evidenciar a qualidade de sua relação com Miret e os demais. Ao chefe de polícia, chegaram informações de que um Chevrolet 1950, chapa 0315, circulava com certos passageiros em atitude suspeita, nas imediações. Fidel, Abel e Miguel Rodríguez Lazo foram detidos e interrogados dia 8 de setembro, mas não se provou qualquer envolvimento em subversão.

Levando vida de cigano, Fidel forçava uma crise no casamento. A luz sofria freqüentes cortes por falta de pagamento e as dívidas com o açougue e o armazém eram crescentes. Montané, novamente, e Abel ajudaram a saldar o aluguel, as contas de luz e telefone. Na prática, como todo o seu tempo era empregado na militância política, Fidel tornava-se um quadro profissional do grupo, recebendo ajuda para seu sustento.

Perto do fim do ano, Fidel conheceu Natty Revuelta, uma linda mulher vinculada aos ortodoxos, que muito contribuiria

para a nascente organização. Natty entregaria as chaves de sua residência a pessoas que nem ela nem seu marido conheciam. Pouco depois, a casa se transformariria em mais um pólo de conspiração e ela, em uma referência amorosa de Fidel.

* * *

No ano de 1953, comemorava-se o centenário do nascimento de José Martí. No movimento estudantil, propunha-se estender a autonomia universitária a toda a área circundante à colina onde a instituição estava situada[2]. Um comitê integrado por Pedro Miret, Léster Rodríguez, Raúl Castro, Marcelo Fernández – com o suporte de Alfredo Guevara, que também fez uma nova matrícula na universidade – programou, em primeira instância, uma homenagem ao fundador da FEU, Julio Antônio Mella, em 10 de janeiro, a data em que este havia sido assassinado no México. Bem no centro da pequena praça em frente à "escalinata" foi inaugurado o seu busto em gesso, o qual apareceria inteiramente manchado na manhã seguinte, o que seria suficiente para estourar uma manifestação estudantil em pleno regime de exceção.

Na oportunidade, entre outros, discursaram Fidel Castro e Léster Rodríguez. A concentração foi dissolvida pela polícia, a tiros e jatos d'água. Doze estudantes foram feridos. Fidel, juntamente com Alvaro Barba, o Presidente da FEU, foram levados à 4ª estação de polícia. Com a ortodoxa Aída Pelayo, presidenta da Frente Cívica de Mulheres Martianas, seriam indiciados num tribunal por desordem pública. Em meio ao acontecimento, formalizou-se a crise definitiva do Partido Ortodoxo, com a cisão do seu conselho político.

Um mês depois, morreu Rubén Batista, um dos estudantes feridos no ataque policial. No cortejo de seu funeral, segundo o que se divulgou, havia milhares de pessoas, muitas clamando abertamente contra o regime. Após o enterro, um grupo apedrejaria a residência e viraria o automóvel de um agente de Batista.

Fidel, acusado como o principal organizador da ação, declararia: “O tenente-coronel Martín Pérez quer me apresentar como o cabeça da manifestação que desfilou pela Calle 23... Por aí estão as imagens gravadas no dia. Desafio a que o prove, que assinale a minha pessoa em alguma delas...”. A partir do episódio, ele decidiria que os membros de sua organização estavam proibidos de participar –visivelmente – de atos dessa natureza, para não colocar em risco o grande plano.

“É preciso acionar um motor pequeno para ajudar a arrancar o motor grande”, era o mote do que se elaborou em discrição absoluta. “Selecionamos um pequeno executivo para levar a cabo as atividades mais secretas e delicadas, Abel Santamaría, Raúl Martínez e eu...”, como relatou posteriormente Fidel. A coordenação possuía dois setores: um militar, sob o seu comando, e o outro civil, chefiado por Abel Santamaría. Não chegaram a estipular quando se realizaria a ação, mas sabiam que se iniciaria no Oriente, e tão logo julgassem o grupo pronto. “Planejávamos tomar os quartéis de Moncada e Bayamo, para garantir uma vanguarda aparelhada contra o possível ataque de Batista”, relembrou o líder do Movimento.

O Moncada era a segunda fortaleza militar do país em importância e a sua distância da capital dilatava o tempo da chegada de reforços. Uma vez tomados os armamentos, os quartéis seriam abandonados, até por carecerem de meios de defesa antiaérea. A seguir, pensavam controlar com relativa presteza os destacamentos policiais e da marinha locais e depois, usar as estações de rádio para o chamamento à greve geral. Pretendiam, também pelo rádio, divulgar o *Manifesto do Moncada* à nação, além da leitura de poemas, da execução de hinos e da reprise do último discurso de Chibás. “Avaliávamos duas variantes: a primeira, tratar de provocar o levante nacional para derrocar Batista; e uma outra, no caso da principal falhar, ou de Batista reagir com forças superiores em Santiago, marchar às montanhas e ali proceder a uma guerra irregular...”, lembrou Fidel.

Na primeira variante, considerava-se que a região do oriente, sendo o tradicional berço da Independência, responderia rapidamente à convocação, em que se engajariam as demais forças opositoras[3]. Na segunda, o fato de a cidade de Santiago ser rodeada por uma cordilheira, com reduzidas vias de acesso, favorecendo o passo à guerrilha, em termos similares ao realizado pelo Exército *mambí* contra a Espanha. "O projeto do Movimento, elaborado por Fidel Castro, com a luta armada insurrecional como forma de tomar o poder, tem a sua raiz no projeto de Antonio Guiteras – fundamentados, ambos, em uma interpretação baseada no marxismo, mas plantados em aspectos do contexto cubano – e com a mesma concepção de vanguarda: os prejudicados pelo capitalismo, não uma classe determinada, a operária."[4]

Decidiram agilizar a cruzada pelos recursos. Estabeleceu-se uma contribuição dos membros, que poderia ser semanal ou quinzenal, a qual, eventualmente, Pedro Trigo, em companhia de Fidel, passava a recolher. Certa feita, como era caminho, passaram no apartamento de Fidel, que o encontrou às escuras. Soube, então, que o filho Fidelito adoecera. Providenciou para que o menino fosse examinado por um médico amigo e Trigo deixou por lá cinco pesos de seu bolso, num dia em que a coleta do Movimento alcançava 100 pesos e as primeiras armas puderam ser adquiridas, ainda que todas de pequeno calibre.

Além de haver infiltrado homens em outros grupos para manejar alternativas, Abel Santamaría foi conversar com os autênticos na intenção de lhes demonstrar a magnitude da sua organização. Foi assim que se aproximaram de um agrupamento insurrecional que surgira havia pouco, a Ação Armada Autêntica (Triple A), cujos chefes integravam a vertente do Partido Autêntico que se aliara aos ortodoxos – como Sánchez Arango (o ministro de Prío denunciado por Eduardo Chibás) –, encontrando-se, portanto, no exílio, amparados por gordas fortunas egressas do Tesouro Nacional.

Um ex-oficial da marinha pertencente à Triple A foi escalado para a verificação das forças do grupo. Centenas de membros aquartelaram-se em dez casas de Havana, com disciplina espartana. Uma dessas residências era a de Melba, que a esvaziara previamente com a cumplicidade dos pais. "Assombroso o silêncio que mantinham. Ordenado o alarme, a resposta foi ligeira. O tal oficial nem sequer quis ver as casas que faltavam. Comentou que havíamos ensandecido, que seríamos presos e torturados"[5], declarou mais tarde Melba Hernández.

Todavia, as conversações prosseguiram. Os autênticos estabeleciam que, para cederem armas, precisavam da lista com os nomes dos componentes da organização, os quais, chegado o momento, seriam chamados. Fidel recusou atender à exigência. A iniciativa esmoreceu, segundo ele, não só pelo lance manhoso da Triple A, mas por toda a falta de visão e conseqüência dos que, meramente acomodados em camarotes, haviam se mostrado favoráveis à resistência armada à ditadura.

Corriam muitas iniciativas, algumas mais vagas, outras mais definidas, com orientações e metodologias distintas, mas todas convergindo para a necessidade de tirar Batista do poder à custa de um golpe de Estado. "Havia, por exemplo, um plano que supunha que coronéis da reserva e jovens oficiais da ativa efetuariam um golpe contra Batista. Os grupos civis, entre os quais o de Fidel, apoiariam de imediato a ação, entrariam em Columbia e assumiriam o poder".[6]

De uma forma geral, os diferentes grupos aguardavam uma situação ideal de composição de forças para entrarem em ação. Os ortodoxos jogaram, sim, com a hipótese do combate, mas permaneceram na observação cautelosa da flutuação das forças sociais. O Partido Comunista mantinha-se na incansável esperança de "um concerto das oposições, com objetivos profundos e duradouros"[7], como na ordem anterior ao golpe. Bem ao contrário, Fidel foi quem decidiu responder a *O que fazer?*, de Lênin; e seus parceiros, os bolcheviques cubanos, acreditavam que um

punhado de homens era o bastante para desatar a luta e abater o seu czar – uma espécie de loucura, quando os demais eram os donos da razão. O grupo, atribuindo-se um fim e uma identidade própria, passou a ser chamado por Fidel de *Movimento*.

Às 23h30 de 27 de janeiro, desceram a colina as primeiras alas de estudantes para o Desfile das Antorchas (tochas iluminadas) pelo natalício de Martí, a culminar no dia seguinte em frente à sua estátua no Parque Central. Sempre composta de milhares de participantes, ocuparia seis quarteirões tomados do povo em geral, que empunhava tochas improvisadas, com brados de "Abaixo a ditadura!" e "Viva Martí!".

Fidel desceu à frente de uma coluna de jovens, separada do todo, parte anônima deste, com tochas mais compridas e pregos na extremidade, por precaução. Avançavam em formação distinta, com a fisionomia marcial de uma tropa. Abel Santamaría era o único que se movia, irregularmente, de uma ponta à outra, atento a preservar a coesão das células.

As tochas foram idealizadas pelo Congresso Unitário Martí, uma cria dos comunistas, presidido por Léster Rodríguez (que acabara de aderir ao Movimento) e apoiado por diversos setores, entre os quais, os grupos insurrecionais que espocavam, em sua dinâmica cíclica na República, com braços na universidade. O instrutor Pedro Miret e o Salão dos Mártires, o recôndito espaço de adestramento militar do Movimento, eram compartilhados com os demais insurgentes. "Coincidimos com os que estavam na conspiração de Fidel... Pensamos, de igual modo, que podíamos contar com a Triple A, mas comprovamos que sua intenção era usar-nos, sem permitir o acesso às armas. Criamos, então, a Assembléia Revolucionária. Cada grupo nomearia os seus representantes e a unidade se concretizaria de per si, sem as infinitas discussões sobre como fazê-la... A parte militar era dirigida por Miret e, na formulação, estivemos com Lester..."[8], testemunhou Faure Chomón, dirigente de um outro grupo em gestação.

Para o desfile em memória do herói-patrono da Nação, os policiais receberam ordens de manter-se em prontidão, apenas vigiando. No entanto, dois dias depois, depredaram a oficina de um escultor célebre, de nome Fidalgo, um artista de máscaras de grandes personagens, pois, de acordo com o que se apurou, ao pé das estatuetas de Martí, ele havia gravado a epígrafe martiana: "Para Cuba que sofre". Deste fato, Fidel seria o repórter exclusivo, por mero acaso, junto ao fotógrafo Fernando Chenard, então colaborador da revista *Bohemia*, na qual publicaram o artigo relatando o episódio[9].

Além do Salão de Mártires, novas escolas de treinamento militar surgiram, como a do Clube de Caçadores do Cerro, para onde os alunos iam, fingindo-se de desportistas diletantes, e em campo aberto, em locais relacionados às células fundadas nos municípios do interior. No final, essas células somavam mais de 20, incluindo a de Colón, em Matanzas e em Pinar del Río, além da de Artemisa, Guanajay e San Cristóbal. Numa fazenda em Calabázar, montaram o primeiro depósito de uniformes a serem usados na ação dos quartéis, obtidos com um funcionário do Hospital Militar, Florentino Fernández León, primo da esposa de Pedro Trigo.

Quando oferecera o intermediário, Trigo foi alertado de que qualquer indiscrição ou imprudência seria julgada pelo Movimento, apesar da confiança e do parentesco. Abel acompanhou-o em um encontro com o militar, usando um codinome. Mas, saiu com uma boa impressão. Florentino era um radical opositor do regime e pareceu-lhe adequado o pretexto que pensava utilizar para retirar do estabelecimento as fardas rotas – doá-las aos camponeses da zona tabaqueira, onde vivia, para o trabalho da semeadura[10]. Sugeriu a Fidel conhecê-lo, pois o militar lhe dissera que podia conseguir armas.

As finanças melhoraram. O médico Mario Muñoz doou os 10 mil pesos da venda de sua avioneta Piper, Jesús Montané entregou ao Movimento o seu seguro-desemprego de 4 mil pe-

sos e foram comprados fuzis calibre 22 e escopetas de caça. "Inofensivos... Escopetas automáticas e cartuchos – não para caçar patos, mas para caçar veados e javalis... Batista se sentia tão seguro que as lojas de venda de armas funcionavam normalmente. Alguns companheiros, disfarçados de burgueses adeptos da caça, é que iam comprá-las...", explicou Fidel, um entendedor de armamentos desde menino, que visitava cada uma das células para o acompanhamento prático e teórico. José Luis Tassende, Ernesto Tizol e Julito Díaz ajudavam nos exercícios. O Movimento estruturava-se como os organismos de inteligência, com uma seleta direção e operações compartimentadas. E a perspicácia era a melhor forma de resguardar os segredos.

Pepe Suárez encarregou-se de providenciar um local para um treinamento relâmpago. Levou consigo um par de leitões. De repente, o homem escalado como vigia avisou da aproximação inesperada de um general (Rojas) e seus ajudantes. As armas foram recolhidas às pressas, posta a toalha, os pratos e copos, e o treinamento militar logo viraria um churrasco de confraternização[11].

"Tínhamos de buscar o ponto onde concentrar o pessoal para o ataque. O sítio localizava-se a alguns quilômetros do Moncada, em linha reta...", recordou Fidel. No início de abril de 1953, Fidel, Ernesto Tizol e Raúl Martínez viajaram ao Oriente à procura do local, sob o pretexto de montar uma granja avícola. O carro diminuiu a marcha. Por entre coqueiros, Tizol avistou um terreno com uma casa de alvenaria pintada de branco[12], à venda. Fecharam negócio.

Fidel chegou a uma curta distância de Birán. O episódio é lembrado por Ramón: "Telefonou marcando um encontro num local da estrada... Contou-me que preparava uma ação, sem dizer onde nem como. Falou somente que precisava de dinheiro. Mostrei-me cético, mas acordamos que eu prepararia um pequeno grupo com as armas que pudesse... Em Holguín, à noite, fomos a uma cafeteria. O cantor da voz-prima estendeu o chapéu a Fidel, pedindo gorjeta. Ele pegou no bolso três centavos e lhe entre-

gou. O cantor proferiu insultos... Fidel, aborrecido, retrucou: Rapaz, ofereci o que tinha; mas, afinal de contas, é o que vale a tua música..."[13] O irmão contribuiu com 140 pesos. Com o pai, nem podia pensar em comentar o assunto.

Na volta, entrou com Raúl Martínez em Palma Soriano, Bayamo, onde se criara uma célula. Visitaram as minas de Charco Redondo, acompanhados de Pedro Celestino Aguilera, pensando utilizar operários e dinamite para destruir as pontes de acesso à região, no instante do ataque ao quartel. Naquele mês, decidia-se que as operações se realizariam a 26 de julho, um domingo de carnaval.

Respondendo a interrogatório na prisão de Vivac, após o assalto ao Moncada, 1953

C A P Í T U L O 16

Fichado na prisão de Vivac, Santiago, 1953

Questão de surpresa

Anos antes, Fidel pedira a Alfredo Guevara que o ajudasse a zelar por seu irmão Raúl. Desde então, Alfredo e Raúl tornaram-se muito próximos. Nos últimos tempos, os dois compunham um grupo com Léster Rodríguez, Gustavo Arcos e Pedro Miret, que passara a dividir um quarto com Raúl.

Costumavam fazer suas refeições na pensão La Gallega onde, às vezes, à noite, faziam serenatas. Fidel aparecia por lá, ocasionalmente, sempre só, para encontrar-se com a sua célula da Federação dos Estudantes Universitários (FEU), na qual havia um único membro que desdenhava do marxismo, Gustavo.

Certa noite, ao chegar, aproximou-se de Alfredo: "Necessito ler tudo sobre táticas de guerrilha em linhas inimigas. Por exemplo, dos soviéticos contra os alemães". Combinaram, então, uma ida à livraria do Partido Comunista (PC), onde selecionaram algumas obras e deixaram uma dívida a ser liquidada oportunamente[1]. Alfredo não soube o motivo da necessidade de Fidel, embora desconfiasse; mas, naquele grupo, o único bem informado sobre o Movimento, assim como sobre outras organizações, pela função que desempenhava, era Miret.

Aprendendo o manejo de armas no Salão dos Mártires, encontravam-se elementos de um outro foco insurrecional, o Movimento Nacional Revolucionário (MNR), que gravitava em torno do professor Rafael García Bárcenas, um egresso da geração de 30 e ex-docente na Academia Militar. A organização era composta por uma maioria de chibasistas (assim como a de Fidel) e inspirava-se nos ideais da Escola Superior de Guerra de Perón. Seu objetivo era a tomada do Quartel Central de Columbia, em operação conjunta com militares descontentes. Entre os civis, havia 80 operários têxteis de Bauta envolvidos no plano, que abraçaram a idéia da luta armada após uma intervenção de Fidel em assembléia realizada, discretamente, em uma rinha de galos[2], dada a proibição das atividades sindicais. O MNR estabelecera representações fora da capital, sendo que, na região oriental, ganhara um nome próprio, Ação Revolucionária Oriental (ARO), sob a direção do jovem Frank País [3].

No início de março de 1953, Fidel atendeu a um chamado do professor Bárcenas, que desejava propor-lhe uma junção de forças. "Vamos analisar. Temos gente suficiente para levar a cabo a operação, se é que existem esses quadros militares

dispostos a apoiarem-na. Mas não fale com mais ninguém", respondeu Fidel, quando ainda preservava a expectativa de uma ação comum com algum grupo. Não descartara de pronto a oferta, mas, no fundo, não lhe agradava a hipótese da continuidade do governo militar. Tampouco os membros do MNR mantinham reserva – o plano era o mais anunciado da história de Cuba, mesmo entre sussurros. Suspeitando de seu fracasso, Fidel orientou os mais íntimos a não permanecerem em casa na semana da ação, a fim de não se tornarem alvos de uma repressão que se generalizaria.

O fracasso explicitou-se em 5 de abril. Os que haviam investido no grupo de Bárcenas, acreditando que ele tinha apoio dentro do exército, comprovaram que a dita articulação com militares descontentes era pura fantasia[4]. Bárcenas acabou delatado e preso.

* * *

O incidente estimularia Fidel a detonar o seu próprio plano, intensificando os treinamentos ao ar livre. Junto a Melba, resolveu assumir a causa do dono de um arrozal, que possuía ações do jornal conservador *Diário de La Marina*, com a intenção de fortalecer as finanças. Entretanto, à medida que se inteiraram dos fatos, passaram à defesa dos acusados pelo rico senhor. Trinta deles estavam, havia seis meses, sem receber salários, devido a uma disputa entre o proprietário e o arrendatário das terras.

Fidel dirigiu-se à fazenda Acana. "Duvido que um advogado de Havana venha nos procurar sem interesse", ironizou Perdomo, secretário do Sindicato Agrícola, então na ilegalidade. "Não é nada do que você está pensando, rapaz. Arrume um lugar para reunir os trabalhadores...", replicou o advogado. No local providenciado, o casebre de um agricultor, dispuseram os bancos na saleta, depois Fidel sentou-se na mesa e pediu à

senhora um pouco de café. Começou a escrever, quando Perdomo interrompeu-o: “Resolvemos aceitar a sua proposta, mas deve constar da Ata que, se terminado o prazo, o dinheiro não tiver sido cobrado, retiraremos o seu poder”. Fidel concordou. Quatro dias depois, Gildo Fleitas, nomeado procurador dos trabalhadores, entregava-lhes os cheques, cujos valores somavam mais de cinco mil pesos.[5]

Fidel não aceitou honorários, nem para consertar a porta do Chevrolet que havia despencado. Ia concluindo, assim, a sua trajetória no escritório de advocacia, do qual pouco a pouco se desvencilhava, após outras causas em favor de operários em Melena del Sur e camponeses de Santa Cruz do Norte, ameaçados de despejo. Seus sócios, Aspiazo e Resende, a seu pedido, ainda autuaram três ministros, por desvio de fundos da Previdência Social, e a subsidiária cubana da Telephone Company, que estaria cobrando em excesso aos usuários. Ambos os processos foram arquivados nas respectivas instâncias.

Um informe sobre as atividades realizadas no quarteirão da sede do PPC (O), datado de 22 de maio, foi acrescentado ao *Expediente 1-A-957, de Fidel Alejandro Castro Ruz* [6]. Em destaque: “Atividades Fidelistas Revolucionárias – Membro da ilícita organização gangsteril União Insurrecional Revolucionária (UIR)” e, no último tópico, “8 de setembro de 1952 – Fidel e outros são capturados pelo Chefe do DI”.

Em período de exceção, o escritório da ortodoxia servia-lhe como fachada para os encontros com representantes das células, sendo que os mais visados, ocasionalmente, permaneciam para pernoitar. Ainda distraindo a possível atenção sobre as casas de Haydée e Melba, havia outros pontos de reunião: o laboratório do contador Oscar Alcalde e a residência de Josefa Bazán. A detenção do irmão Raúl Castro, a 7 de junho, com dois guatemaltecos (Bernardo Lemus Mendoza e Ricardo Ramírez León), ao regressar da Conferência Internacional de Juventude realizada em Praga, no mundo socialista, fez crescer o expedi-

ente. Fidel precisou assinar um documento solicitando a liberdade provisória do irmão, para que não interrompesse seus estudos.

* * *

Fazendo-se passar por um fazendeiro, Ernesto Tizol chegava à província do Oriente para alugar, por sua conta, aquele sítio em Siboney, onde, segundo dizia, se dedicaria à criação de galinhas. Fidel relata: "Fizemos camaradagem com o camponês vizinho da casa em frente e ele nunca suspeitou de nada. Havia uma única pessoa em Santiago que conhecia o ponto". Este era Renato Guitart, o jovem que Fidel conhecera na noite anterior à morte do estudante Rubén Batista, quando o primeiro fora visitar o seu velho amigo, internado em estado de coma, no hospital. A Renato, que a intuição do líder do Movimento indicara como a pessoa de que necessitava, corresponderam várias tarefas: a reserva de hotéis e casas de trânsito, a aquisição de mais munição, o aluguel do local da concentração do grupo do assalto ao quartel de Bayamo e a elaboração do mapa das instalações do Moncada.

Enfim, para ultimar a infra-estrutura, foi preciso contar com o desprendimento dos integrantes do Movimento. No total, 16.800 dólares seriam recolhidos. Pedro Marrero, empregado de uma fábrica de cervejas, vendeu o seu refrigerador e alguns móveis. Oscar Alcalde hipotecou o seu laboratório no valor de 3.600 pesos. Fernando Chenard empenhou a sua câmera fotográfica, Renato Guitart doou mil pesos, Elpidio Sosa passou o seu emprego por 300 e Abel Santamaría negociou o seu automóvel. Duas contas, em bancos distintos, foram abertas em nome do laboratório farmacêutico Tion, de Oscar Alcalde, para girar os cheques.

Outro preço pago para realizar o complô foi a desordem na vida pessoal de Fidel. Ele se encontrava residindo na casa da irmã Lídia quando recebeu a ordem de despejo do apartamento

onde estava a família. O despejo foi executado em meados de julho. Os poucos pesos que sobraram serviram para comprar ingredientes do tamal e das tortillas com batatas, as especialidades de Haydée que a turma apareceu para provar.

Tizol recebeu a visita dos seus "sócios". Fidel foi observar a instalação das incubadoras e Abel aguardou, por trem e ônibus, o despacho da carga: caixas marcadas como ração para aves e ferramentas agrícolas (armas e fardas). Na sexta-feira, 24 de julho, foi comprada a maior parte do armamento – uma antiga metralhadora Browning calibre 45, um rifle M-1, alguns Winchester calibre 44 e várias pistolas e semi-automáticas calibre 22[7]. Haviam tentado obter de um espanhol dez pequenos fuzis Thompson por 250 dólares cada, mas descobriram, a tempo, que o comerciante era um alcagüete. Então, desistiram do material militar que, de todo modo, além de representar um risco, era demasiado caro[8]. Abel escondeu o arsenal num poço tapado por uma árvore plantada por ele mesmo.

Ninguém, além das pessoas estritamente ligadas à direção do grupo, tomou conhecimento de detalhes do plano, dos equipamentos e dos membros com que o Movimento contava. Enquanto isso, a polícia de Batista concentrava a sua vigilância sobre a Ação Armada Autêntica (Triple A), que exibia recursos quase displicentemente. Fidel foi almoçar com seu cunhado, Rafael Díaz-Balart, que se tornara muito chegado a Batista, e da conversa concluiu que não havia desconfiança contra ele e o grupo. Visitou também o Burô de Investigações da Polícia, na condição de advogado, para uma conversa amigável com o coronel que chefiava o órgão, o que confirmou suas impressões.

O Movimento dispunha de 1.200 adeptos ou simpatizantes. Destes, 165 foram escalados para a operação contra o Moncada. Fidel, pessoalmente ou por meio de recados enviados, mandou que se preparassem para uma viagem, sem que nenhum deles soubesse que chegara a hora. Assimilaram que se realizaria mais uma prática militar em alguma área longe da capital. Dos oito

do *Grupo de La Ceiba*, Virginio era sempre o mais próximo de Fidel; quanto a Manuel, seu irmão, mesmo sem encontrar-se com boa saúde, foi totalmente ineficaz a recomendação de que permanecesse em Havana.

Noite de 24 de julho. De Havana, partiram 17 automóveis, sendo que os motoristas eram os únicos cientes do destino. Fidel despachou uns e outros na casa de Abel e na de Melba. Deslocaram-se em carros alugados, resignando-se ao fato de que o Chevrolet tornara-se sucata. Raúl Castro recebeu a sua chamada no hospital onde fazia companhia a Alfredo Guevara, enfermo do pulmão. Ao desligar o telefone, disse ao amigo que precisava ausentar-se, mas que regressaria em seguida. Logo recebeu a passagem de trem com destino a Santiago, deduzindo assim onde se executaria a ação.

Fidel foi ao seu apartamento recolher a bagagem – uma guayabera e um livro – e despedir-se, informando à família que passaria alguns dias em Pinar del Río. Depois passou pela casa de Natty Revuelta, onde recolheu o manuscrito do *Manifesto do Moncada* e uma cópia, orientando-a a distribuir as demais ao concluir-se o assalto. Ao tomarem a estrada num Dodge preto, foram multados por uma ordem de parada que Teodulio Mitchell, na direção, não obedeceu[9]. Explicaram à polícia rodoviária que temiam atrasar-se para recolherem familiares no aeroporto. Ao arrancarem, comentou Fidel: “E nem se deram conta que a essa hora não chegam aviões...”

Pela manhã, pararam na cidade de Santa Clara, onde Fidel fez novos óculos, pois havia esquecido os seus na casa de Melba. À noite, próximos a Bayamo, avistaram um Oldsmobile que parecia conhecido e aproximaram-se. Era Ernesto Tizol. Fidel fez sinal para que o seguisse e entraram na cidade, até o lugar da concentração do grupo de participantes da operação do quartel de Bayamo, chefiada por Raúl Martínez, tendo como segundo, em comando, Ñico López. Foi repassado o plano e, por volta das 22 horas, Fidel seguiu viagem.

Pouco depois, depararam-se com uma barreira de controle do exército. Um soldado abordou Mitchell, que o reconheceu, pois, como ele, era natural de Palma Soriano. "Olá, Mora!", disse-lhe, apertando-lhe a mão. "Ah, é você? Adiante!" Mitchell recuperou a viagem e Fidel cruzou os dedos para conservar a sorte, apesar de aquele ser um procedimento de rotina de estrada nessa época do ano, quando Santiago recebia muitos cubanos de outras províncias para o carnaval – uma autêntica festa popular na região.

Haydée, a "esposa" do "sócio" Abel, encontrava-se na granja de Siboney, esperando muitas visitas para esses dias, portanto explicava-se a encomenda de tantas camas. Melba, Renato Guitart e Elpidio Sosa já haviam chegado. Renato animou-se com o preparo do mexido com frango para a noite – ou um "fricasé", de acordo com Haydée. "Mexido é como se diz em Volta Abaixo", insistia Renato.

Enquanto isso, a pouca distância, em uma rua de Santiago, Abel andava em busca do Dr. Mario Muñoz. Pedro Trigo aguardava numa esquina e Fidel perdera-se temporariamente na algazarra carnavalesca, ao som das cantigas e batuques de bongôs. Do miolo de um bloco, apareceu-lhe Gildo Fleitas dançando uma conga, o que o fez cair na risada. Fleitas estava aguardando o conserto de um dos carros na oficina e, como não havia nenhum conhecido no alojamento que lhe designaram, decidira sair para ver se encontrava alguém. Nesse instante, chegou Abel com o Dr. Muñoz. Fidel ainda tentaria encontrar o jornalista partidário da ortodoxia, Luis Conte Agüero, em sua casa, para providenciar as transmissões radiofônicas após a tomada do quartel, mas ele já fora transferido para Havana pela Cadeia Oriental.

Na madrugada de 26 de julho, domingo, 135 homens reuniam-se nas dependências da granja. Quarenta e quatro eram operários (estivadores, pedreiros, caminhoneiros) ou aprendizes; 33 eram empregados administrativos, incluindo os garçons; havia 13 estudantes, 11 agricultores, quatro profissionais liberais,

seis do pequeno comércio – Jose Testa era vendedor ambulante de flores e Roland San Román vivia de vender ostras numa barraca –, dez trabalhadores autônomos e caixeiros viajantes, um taxista, um professor e um soldado. Fidel pôs-se a despertar os que cochilavam. Melba e Haydée iniciaram a distribuição dos uniformes com graus militares variados e as armas, sob uma atmosfera de suspense.

Afinal, uma incógnita geral e calada pesava no ar, até que Fidel projetou a voz: "Companheiros, vamos atacar o Quartel Moncada. Será um ataque surpresa que não deve durar mais de dez minutos...", explicando que se realizariam ações simultâneas em mais dois estabelecimentos da quadra – o Palácio da Justiça, que ficava à frente, e o Hospital Civil, cujas janelas davam para o pátio do quartel –, em apoio à ação principal. Portanto, seriam divididos em três comandos. Pediu voluntários para o assalto à guarita nº 3 do quartel, o ponto nuclear do plano. Alguns se ofereceram e Fidel escolheu os que lhe pareciam indicados.

Abel apresentou-se, mas não foi selecionado e reclamou. Fidel argumentou que, por ele ser o segundo chefe do Movimento, necessitava garantir a sua sobrevivência, preferindo-o na chefia do grupo do hospital, enquanto Raúl Castro comandaria a tomada do Palácio. As duas mulheres, Haydée e Melba, foram instruídas a permanecer na granja, mas se rebelaram. Melba disse a Fidel que não devia discriminá-las, ele titubeou e entregou a decisão final para Abel. Com a mediação do Dr. Muñoz, as duas conseguiriam incorporar-se ao comando do Hospital como "enfermeiras".

Pronta a tropa, Fidel dirigiu-lhe novas palavras: "Poderão vencer ou ser vencidos dentro de algumas horas, mas, de qualquer forma, ouçam bem: o Movimento triunfará. Se vencermos, se fará mais cedo o que aspirou Martí. Se ocorrer o contrário, servirá de exemplo ao povo de Cuba para que este tome a bandeira e siga adiante. O povo nos respaldará no Oriente e em toda a Ilha. Jovens do Centenário do Apóstolo! Como em 1868 e 1895, no Oriente, damos o primeiro grito de 'Liberdade ou Morte!'.

Sem dúvida alguma é perigoso; e todo aquele que sair daqui comigo deve fazê-lo por sua livre e espontânea vontade. Ainda está em tempo de decidir. De todo modo, alguns terão de ficar por faltarem armas. Os que estiverem determinados, dêem um passo à frente... A orientação é não matar; o contrário só em caso de última necessidade...” “Bem, sigam-me!”, disse Fidel, conduzindo-os à cozinha. Do grupo, 131 adiantaram-se.

Víctor Escalona declarou que ele e mais três haviam desistido de participar. “Por quê?”, quis saber Fidel. E Victor respondeu: “Porque as armas que temos são inúteis”. “Ora, escuta. Seriam inúteis se fosse em campo raso, mas para lutar dentro de um edifício, a curta distância, servem muito bem. Sobretudo os fuzis de caça...”, retrucou o comandante. Mas Víctor não se convenceu. Fidel fixou o olhar nos outros, inquirindo se estavam de acordo. Eles acederam com a cabeça. “Estão proibidos de sair da cozinha”. “Que vão fazer conosco?”, perguntaram. “Tranqüilos. Nada vai acontecer a vocês”. Fidel trancou a porta. No corredor, Abel o aguardava; precisara isolar num quarto alguns estudantes que também argumentaram não haver condições de combate com as armas recebidas e Montané designara um sentinela para vigiá-los. Alguém à direita de Fidel cutucou-o. “O que você quer?”, perguntou Fidel. “Sou Manuel Lorenzo, o radio-telegrafista. Queria saber qual a minha tarefa”. “Pois bem. Conto com você para fazer funcionar o transmissor do Moncada, quando tomarmos o quartel”. “Mas eu não vou até lá!”, desesperou-se o rapaz e Fidel enviou-o para junto dos estudantes. “Alguém mais deseja se retirar?”, perguntou em voz alta. Correram segundos de silêncio e ninguém se pronunciou.

Por fim, leu-se o *Manifesto do Moncada*, redigido pelo poeta Raúl Gómez García e orientado por Fidel: “A revolução se declara livre de travas com nações estrangeiras; também de influências e apetites de políticos... Declara que respeita a integridade dos cidadãos livres e dos homens de uniforme que não traíram o coração nacional... a sua decisão firme de situar Cuba no plano

do bem-estar e prosperidade econômica... seu amor e sua confiança na virtude, na honra e no decoro dos homens... Não é uma revolução de castas... reconhece e se assenta nos ideais de Martí, faz seus os programas revolucionários da Jovem Cuba, do ABC Radical[10] e do Partido do Povo Cubano (Ortodoxos)... a única bandeira cubana é a tricolor da estrela solitária... 23 de julho de 1953...” O manifesto apresentava um breve programa político: o restabelecimento da Constituição de 1940 e mais seis leis básicas – a entrega da propriedade da terra aos que a cultivavam (pequenos colonos, arrendatários, parceiros e moradores), com a indenização pelo Estado dos prejudicados; a participação dos operários nos lucros das empresas e dos colonos em 55% do rendimento da cana-de-açúcar; a criação de novas indústrias; o estímulo ao capital nacional; e o confisco dos bens dos malversadores.

* * *

Quase 5 horas. O carnaval santiagueiro entrava em recesso. Dispersos bêbados e máscaras resistiam nos últimos blocos, mas a cidade iniciava o sono. Da granja de Siboney, saíam primeiro os três carros com destino ao hospital; atrás, os dois dirigindo-se ao Palácio de Justiça e, por último, os 14 veículos para o Moncada, levando 90 homens sob o comando de Fidel. À parte a tensão, o único atropelo do trajeto aconteceu antes da curva que conduziria ao quartel, quando foram obrigados a parar enfileirados para cruzar uma ponte de mão única.

Diante do Moncada, os oito componentes do primeiro carro – entre eles, Renato Guitart, Ramiro Valdés, Jose (Pepe) Suárez e Jesús Montané – chegaram à guarita nº 3 para imobilizar os sentinelas. Mantendo a necessária distância, Fidel, que vinha dirigindo o segundo carro, viu surgir, inesperadamente, por uma via lateral, uma patrulha volante do exército. Colou a vista nos soldados que resolveram se deter relativamente perto daquele ponto, com pequenas metralhadoras nas mãos. Pensou em

neutralizá-los – o que parecia fácil, pois estavam de costas –, para proteger os que tomavam a guarita e evitar que possíveis disparos pusessem em alerta o resto do quartel[11]. Disse aos seus acompanhantes: “Vamos imobilizá-los!”, e foi se aproximando devagar. Quando estavam a três metros da patrulha, abriu suavemente a porta, sacando a pistola Lugger, e começou a frear o carro. A seu lado, Reinaldo Benítez e Pedro Miret respondiam à ação, mas os que se encontravam no banco traseiro (Gustavo Arcos, Abelardo Crespo, Carlos González e Israel Tápanes) tinham a atenção voltada para trás, observando um sargento que descia a avenida a passos rápidos, na direção deles. Ao reparar no veículo, por reflexo, levara a mão ao coldre.

As cenas sucederam-se em frações de segundos, movidas por instintos. Quando os sentinelas da guarita já se encontravam neutralizados, Renato Guitart falou: “Abram a cancela, que aí vem o general!” Com a entrada franqueada, previra-se, no plano, que o comboio de carros penetraria de imediato no quartel. Os invasores apoderar-se-iam de surpresa das instalações, dominariam o contingente militar e tomariam as armas. Todavia, ao ouvirem a voz de Renato, a patrulha toda se virou, deparando-se, por um lado, com sargentos sustando vigilantes e, por outro, com o auto de Fidel. Gustavo Arcos abriu a porta de trás e pôs um pé na calçada. Fidel acelerou, girou o volante para a esquerda e projetou o carro sobre os patrulheiros, jogando o seu corpo para fora. González e Crespo despencaram pela outra porta traseira e Israel rolou, indo parar, não se sabe como, entre Fidel e Miret, atrás do carro, com um fuzil na mão. Quando viu aparecer um soldado numa janela, disparou, e um alarme ressoou estridente no Moncada, detonando o tiroteio.

Os invasores permaneceram sob fogo cruzado do bloco principal do quartel e das torres da muralha, durante quase uma hora. Mais um azar ocorrera: o grupo que seria responsável pela retaguarda do assalto e que carregava as melhores armas em dois carros, nem sequer apareceu na Avenida Moncada. Desconhecendo a ci-

dade, haviam errado o caminho. Fidel tentou desesperadamente reorganizar os seus comandados: “Vocês ainda estão fora do acampamento! Em frente! Em frente!”. Mas todos se dispersavam por distintos pontos da quadra. “Creio que se tivéssemos seguido adiante, sem fazer caso à patrulha, teríamos tomado o quartel”, refletiria Fidel, em autocrítica posterior.

Continuar o combate seria o suicídio coletivo. Assim, Fidel Castro resolveu ordenar a retirada. Disparando para todos os lados, recuava, enquanto Pedro Miret e um outro Fidel, sobrenome Labrador, orientavam seis franco-atiradores na cobertura. Veio um carro, Castro entrou e ordenou seguir depressa a direção norte, ao Posto da Guarda de Caney – tomar esse pequeno destacamento rural, de 20 ou 30 soldados, em caso de falha no assalto ao Moncada fora uma alternativa que visualizara no plano. Pensou por um segundo no grupo de 28 homens em Bayamo, com uma dose de fé em seu sucesso, mas, adiante, saberia que também essa operação fracassara. Só os grupos dirigidos por Abel e Raúl puderam cumprir os seus objetivos.

Sem conseguir encontrar o caminho, Ricardo Santana, que dirigia o carro onde seguia Fidel, terminou de volta à estrada de Siboney. O comandante detectou o erro, mas já era tarde. Avistaram um dos veículos abandonados e pararam. Do matagal, saíram os ocupantes do carro. Um pneu furado os havia forçado a parar ali pouco depois da saída da fazenda. Ao ver que se aproximava um veículo particular, Fidel, de pé no meio da estrada, fez sinal, detendo-o, e alguns puderam subir.

Na granja, encontravam-se outros remanescentes. Fidel reuniu todos e passou a considerar o novo cenário: ou dirigiam-se à Serra Maestra, onde estabeleceriam contatos para organizar-se com melhores armas e continuar a luta, ou tentavam o exílio, ou saíam simplesmente à procura de companheiros da ortodoxia que pudessem ajudá-los a regressar à normalidade. Frisou que escolheria a primeira opção, mas lembrava que cada qual devia eleger por si, e 19 optaram por acompanhá-lo.

Ao meio-dia, de roupa trocada, iniciaram a escalada da Gran Piedra, a colina abrupta que se ergue sobre uma série de outras de menor porte. Ao cabo de algumas horas, alcançaram um ponto de onde podia se ver toda a Santiago. Manter-se-iam pela região, sem água ou alimentos disponíveis, sob um sol ardente.

Versões veiculadas ao público na manhã de domingo supunham a ocorrência de um levante de uma parte do exército. Ainda bem cedo, Chino Esquivel soube, por Aramís Taboada, do tiroteio, anunciado pela rádio, às portas do quartel Moncada. Dirigiu-se ao jornal *Pueblo*, cujo diretor era Luis Ortega, que naquele preciso momento recebia notícias do oriente, dando conta de que o quartel fora atacado por um grupo armado. As informações ainda eram fragmentadas. Chino pressentiu que fora algo ligado a Fidel e o seu sexto sentido guiou-o – assim como a Max Lesnick – ao apartamento de Mirta, que lhe contou que, sexta à noite, ele buscara uma muda de roupa para viajar a Pinar del Rio; e aproveitou também para reclamar das crescentes dívidas. Similar intuição conduziria Alfredo Guevara a checar a presença, na cidade, de Pedro, Gustavo, Raúl e Léster, que continuavam desaparecidos. A seguir, contabilizou outros rastros: a ficha recente de Fidel na livraria do PC e os livros marxistas na cômoda do quarto de Miret e Raúl – e eliminou-os.

Deduzida a autoria do assalto, Chino preocupava-se em buscar meios para socorrer Mirta. Fidel não se encontrava em dia com a anuidade da Ordem de Advogados. Se o matassem, não haveria pensão para a família. Chino foi providenciar a regularização de documentos, como a última via da certidão do nascimento de Fidelito[12]. Ao atravessar uma praça, escutou o chamado de Rafael Díaz-Balart (irmão de Mirta), nomeado subsecretário de Governo, que passava em comitiva pelo mesmo local. “Reúne um grupo e vai falar com o cardeal, enquanto eu trato o assunto com Batista”, confidenciou-lhe Rafael[13].

Chino reuniu Jorge Aspiazo, Taboada, Mirta e Fidelito e pediu uma audiência urgente ao cardeal. Por um diminuto eleva-

dor interno, subiram até o terraço onde Sua Eminência encontrava-se recostado em uma poltrona. Beijaram-lhe as mãos e a seguir relataram-lhe o problema. O cardeal concordou em intervir[14] e comunicou-se prontamente com o Exército e o arcebispo de Santiago. Combinou que os acompanharia a Santiago em uma viagem de avião que decolaria do quartel central de Columbia no dia seguinte, na intenção de transmitir a Fidel Castro confiança para se entregar. Entretanto, o chefe do Exército não demorou a cancelar o trato.

Um plantão de notícias apresentava o coronel Río Chaviano, uma autoridade militar em Santiago, que responsabilizava "um grupo de aventureiros dirigido por Fidel Castro" pelo ataque, e anunciava a morte de Fidel. Declarações de Batista mencionavam a cifra de 70 rebeldes eliminados em combate. Mas, de fato, apenas três do conjunto de atacantes de Santiago e Bayamo foram abatidos lutando, enquanto outros foram recolhidos com ferimentos. Da parte dos soldados, 11 morreram e 22 foram feridos. A partir da tarde, a maioria dos rebeldes foi detida nas imediações do quartel, muitos submetidos a torturas até a morte, conforme imagens que se guardaram nos arquivos do Exército.

"Noventa mortos... Trinta assassinados na primeira noite. Nos arredores de Santiago, forças a mando do comandante Pérez Chaumont liquidaram 21 combatentes desarmados e dispersos, muitos obrigados a cavar a sua própria sepultura... Injetaram cânfora nas veias dos reclusos no Hospital Militar. Somente cinco restaram vivos. Dois – Jose Ponce e Gustavo Arcos – foram defendidos pelo Dr. Posada, que não permitiu que fossem arrancados da Colônia Espanhola. O capitão Tamayo, médico do exército, transferiu os feridos Pedro Miret, Abelardo Crespo e Fidel Labrador, do Hospital Militar ao Hospital Civil..."[15] "Cinco feridos. Somente cinco, repito, ficaram vivos. Grande parte foi arrancada das mesas de cirurgia e, antes mesmo de sair do hospital, alguns foram mortos no elevador."[16]

Em Marcané, Ramón escondeu três (Raúl de Aguiar, Andrés Valdés e Armando del Valle), mas, ao tentarem alcançar a capital, foram assassinados. Outros conseguiriam fugir passando por entre as patrulhas do exército e outros, ainda, decidiram apresentar-se ao arcebispo de Santiago de Cuba, o monsenhor Pérez Serantes, que manifestara em público sua disposição de intervir para salvar sobreviventes. Fidel escutou os pronunciamentos oficiais em um rádio de uma bodega da serra, quando ainda o acompanhavam cerca de dez homens. Uma parte esperou ser resgatada pelo monsenhor, que relatou mais tarde: "Estavam depauperados e era preciso preservar-lhes a vida... Aproximamo-nos de uma casa e conversamos com aquela gente, que combinou um encontro do grupo com o arcebispo".

Detido no Quartel Moncada

CAPÍTULO 17

Depondo, preso no Quartel Moncada

A providência dos tenentes

"Fidelito terá sido o cabeça disso?", indagou-se o velho Angel, ao ouvir as notícias no domingo. Muitas informações ainda não haviam sido confirmadas, mas, ao mencionarem o nome de Fidel, D. Angel amarrou uma certeza interior e desesperou-se. "Salve o meu filho...", balbuciava, en-

tre lágrimas, diante de uma imagem do Sagrado Coração, apegando-se intuitivamente à religiosidade de Lina. Havia se surpreendido em saber que seu caçula, Raúl, também estava implicado: “E Fidel ainda desgraçou o pequeno...”.

Pelos cantos do sobrado, vagava ainda em dúvida quanto ao destino dos filhos. Sua tristeza era tanta que pediu a Angelita que fosse a Santiago, em plena efervescência do fato, procurar um cabo do exército, um antigo amigo que servira em Birán, para ver como podia salvar seus filhos, se ainda estivessem vivos.

Angelita partiu sozinha, morta de medo. Até Cueto, seguiu no carro de conhecidos, precavendo-se para não ser identificada; depois tomou um ônibus. Em Santiago, pelotões marchavam pelas ruas, ladeiras e vielas, encenando o toque de recolher. Chegando à casa de uma família que era amparada por seus pais, para ver se ali podia passar a noite, deparou-se com a senhora tomada de pavor; falava que matariam o seu filho pequeno e já ateara fogo em todos os livros com o nome de Fidel que Lina lhe cedera. Angelita se desculpou, dizendo que procuraria um hotel, mas antes precisaria encontrar o cabo Piloto, que residia no outro lado da cidade.

Na residência do cabo, iria ouvir, conformada, a insinuação da esposa de que Fidel podia haver sido o causador da morte dos seus familiares, muitos alistados no exército. Quanto ao cabo Piloto, que informou que participava de uma das várias rondas à cata de Fidel, lavou as mãos e nenhuma mensagem desejou mandar ao seu antigo amigo. Angelita ainda acompanharia Lina a Santiago para falar com o general Díaz Tamayo, que as recebeu, mas apenas informou que Raúl e o irmão estavam vivos.

* * *

Provavelmente interceptando comunicações, o exército tomara conhecimento dos movimentos do arcebispo, pois a região da Gran Piedra enchera-se de patrulhas. Fidel afastara-se

do local onde deixara os seus cinco companheiros, pensando cruzar de noite a estrada até a Baía de Santiago e alcançar a Sierra Maestra. Acompanhado de Oscar Alcalde e Pepe Suárez, já estava havia quase uma semana perambulando por uma parte da colina, encontrando-se à beira da exaustão. Ao avistarem um barracão abandonado, resolveram recostar-se ali até perto do amanhecer. Foram despertados por um pelotão, encostando-lhes fuzis sobre o peito.

Pedro Sarría, o tenente no comando da tropa, aguardava do lado de fora. Fidel saiu e parou diante dele. Sarría contou as armas que os três possuíam: oito *Remingtons*. "Faltam cinco homens. Onde estão?", perguntou. "Foram embora", respondeu Fidel[1]. Nesse instante, o tenente teve a vaga suspeita de conhecer aquele rapaz de algum lugar. Pôs a mão em sua cabeça, um gesto que podia indicar posse, um vínculo ou uma identificação, que Fidel percebeu como a terceira.

Sarría pediu ao ajudante papel e lápis para anotar os dados: "estudante, 26 anos, natural de Havana". Ocorria-lhe agora que podia ser o elemento que mais se procurava, o qual, apesar de dado como morto, ainda não fora identificado entre os corpos em poder das tropas oficiais. Examinou-o com vagar e, aparentando aos presentes credulidade, comentou: "Não. Este é moreno, parece que o que se quer é mestiço..." Caminhou, deu meia-volta e inquiriu Fidel: "Como é mesmo o seu nome?" Francisco González Calderín, rebateu, encarando-o. Sarría observava seu cabelo áspero, certamente como efeito do sol intenso de tantos dias, mas estava convencido de que o conhecera na universidade.

Os três, amarrados, foram conduzidos à estrada. Os soldados pareciam tesos para matar, mas o tenente repetia: "Não disparem, não disparem!". Ouviram tiros a pequena distância, levantando em Fidel suspeitas, que logo seriam confirmadas – eram os cinco combatentes deixados para trás e que, aguardando o arcebispo, haviam sido capturados. Sarría ordenou a todos que,

por precaução, se deitassem no chão. "Não quero ser levado a nenhuma parte. Quero morrer", disse-lhe Fidel, seguro de que tudo era um truque para retardar o objetivo: não vislumbrava a mais remota possibilidade de sobreviver nas mãos do governo. "Aqui quem manda sou eu! No chão! Deitado!", ordenou o tenente. Estendido ao seu lado, Fidel confessou-lhe: "O homem que o senhor imaginou sou eu". "Qual?" "O chefe, no que o senhor pensou quando me viu. Sou Fidel Castro." "Ah, caramba, é verdade... Como você mudou, rapaz! Em tão pouco tempo!" "Pois já pode me matar e tudo se acabará." "E quem está falando aqui de matar? Por quem me toma?" Uma vez mais Fidel escaparia por muito pouco da morte.

Bilito Castellanos encontrava-se residindo em Santiago, trabalhando como advogado. Ao inteirar-se de uma entrevista de Raúl Castro, após ser detido na periferia da cidade, dirigiu-se à Central de Polícia, o Vivac. "Quero ver o acusado, Fidel Castro", solicitou ao diretor, um conhecido seu, que lhe sugeriu ir procurá-lo no Serviço de Inteligência Militar (SIM) ou na Justiça Militar. Bilito engoliu em seco, de susto, deduzindo que Fidel estava marcado para morrer – se é que já não fora assassinado – e perguntou por Raúl. Foi encontrá-lo atrás das grades, acompanhado de Jesús Montané e de cerca de 20 homens. Bilito prontificou-se a defendê-los e indagou a Raúl o motivo de haver feito declarações explicitando posições próprias dos comunistas. Este explicou que, por dar como certa a morte do irmão, entendeu que algo precisava ser dito ao público.

Longe dali, submetidos ao destacamento de Sarría, os três prisioneiros subiram em um caminhão, reunindo-se aos outros cinco que ali estavam. Fidel sentou-se na cabine da direção, entre o tenente e o motorista. No caminho, toparam com o comandante Pérez Chaumont, um superior que ordenou que se encaminhassem os detidos ao Exército. No entanto, o tenente manteve-se na intenção de entregá-los à Polícia Civil. Em Vivac, logo apareceria o coronel Chaviano, em representação do alto comando do

Exército, lançando chispas de repreensão a Sarría, por sua resistência em entregar Fidel e seus homens.

* * *

Início da tarde de 1º de agosto de 1953: "Que entrem os jornalistas!", disse o coronel. Vestindo uma camisa clara de manga curta e uma calça rasgada no joelho, Fidel entrou escoltado no gabinete do diretor. O rosto mostrava a barba crescida, torrada de sol. Manteve-se de pé, junto ao coronel Chaviano, enquanto respondia às perguntas dos repórteres. Quanto ao objetivo do assalto, relacionou os pontos do *Manifesto do Moncada*: a devolução da soberania ao povo, o saneamento da administração do Estado, o aperfeiçoamento da saúde e da educação públicas. Manifestou que Batista, em seu discurso no quartel de Columbia, mentira sobre os fatos do 26 de julho – embora ele próprio, Fidel, nesse momento, ignorasse a dimensão do massacre dos sobreviventes. Parecia sereno. Não gesticulou uma só vez, procurando ser conciso, intuindo que seu tempo de fala seria breve. O coronel, sedento de cortar a entrevista, aproveitou a primeira deixa para encerrá-la e retirá-lo da sala. No mesmo dia, seguiu para o *Cárcere de Boniato*, acompanhado do tenente Jesús Llanes Pelletier. Raúl e os demais presos foram igualmente transferidos para lá em outras viaturas.

Em Boniato, Fidel, por ordem expressa das autoridades da segurança, permaneceria incomunicável. Bilito teve de procurar Raúl para discutir as linhas de estratégia da defesa. A disposição geral, segundo este, era de confessar a responsabilidade pela ação, mas, ao mesmo tempo, denunciar a ditadura: "Diremos que falhamos, mas que na próxima vez venceremos..." Um sargento que vigiava o encontro retirou-se nesse instante[2].

Aproveitando o ensejo, na mesma leva dos moncadistas, Vivac e Boniato superlotaram-se de membros da oposição; autênticos, ortodoxos e comunistas foram caçados indiscrimi-

nadamente, no próprio 26 de julho, nas províncias e na capital. O grupo dos detentos de filiação comunista era significativo, pois o acaso fizera com que se encontrassem em Santiago para uma atividade naquele fim-de-semana[3]. Além de declararem-se isentos de qualquer laço com a operação do quartel, condenaram-na em bloco, com exceção do dirigente César Vilar que, ao adotar uma posição discordante da oficial, seria logo expulso do Partido Comunista de Cuba (PCC).

Entre os integrantes do Movimento, cinco fizeram seu "mea culpa" em coro, declarando-se arrependidos por terem participado de tão insensata aventura[4]. Haydée Santamaría, confinada numa cela junto com Melba, escreveu uma carta que circulou entre os presos, clamando pela unidade contra o regime, narrando o ocorrido com seu irmão Abel e seu namorado Boris Luis Santacoloma, mortos sob tortura, conforme um parente pudera comprovar ao examinar os cadáveres. Na prisão onde foram confinados, inicialmente, um oficial de polícia entrava constantemente na cela de Haydée, com as mãos e o uniforme manchados de sangue, esmiuçando-lhes as truculências que praticava. Certo dia, sorridente, lhe contou que acabava de arrancar um olho de Abel.

Após o encaminhamento do processo pelo advogado Baudilio Castellanos, em primeira instância e em caráter de Tribunal de Urgência, marcou-se o julgamento dos indiciados da Causa 37 – assalto aos quartéis de Moncada e Céspedes –, em que se relacionavam ativistas políticos não-participantes das referidas ações. Por aqueles dias, apesar do isolamento a que submeteram Fidel, o supervisor militar do cárcere, tenente Llanes Pelletier, veio oferecer-lhe um apoio discreto para o que necessitasse, considerando haverem sido contemporâneos na Escola de Direito. O Comandante, então, pediu-lhe o favor de contactar, em Havana, a Sra. Natalia Revuelta, e alertá-la a tomar precauções, pois o Serviço de Inteligência Militar (SIM) andava a interceptar a correspondência[5].

O Colégio de Advogados de Havana designara o Dr. Jorge Pagliere, o decano dos advogados, para representar Fidel, mas

diversos obstáculos foram plantados para impedir o jurista de vê-lo. Somente com a intervenção do Tribunal de Urgência, já formalizado, foram concedidos ao advogado dez minutos de entrevista com o colega, na presença de um oficial do SIM. Nenhum dos dois se dispôs a tolerar a obrigatória fiscalização e decidiram que Fidel produziria sua autodefesa, um trato que seria imediatamente transmitido à chefia do SIM. Ramón teve aí a sua participação: intuíra sobre a conveniência de o irmão assumir a própria defesa, chegando mesmo a procurar Pagliere para abordar o tema[6].

No dia 21 de setembro, data da abertura do julgamento, cordões de guardas ladeavam toda a extensão de Boniato ao Palácio de Justiça. Por ali, foram conduzidos os réus, sob pesada escolta de armas. O espetáculo, impressionante, completava-se com a zangada vigilância às portas do tribunal. Fidel Castro, o condenado-mor, acabava de chegar, trajando o seu terno escuro de praxe. "Escuta aí, sou da CMKC", disse uma repórter a um dos guardas, espremendo-se com dificuldade no turbilhão de curiosos. Era Gloria Cuadras, uma ortodoxa conhecida de Fidel, que queria, antes do seu dever profissional, oferecer o seu apoio. Conseguiu vê-lo, finalmente, e se cumprimentaram.

A sessão iniciou-se às 10h40. "Fomos ao combate pela liberdade de Cuba e não nos arrependemos de havê-lo feito", diziam, um a um, os implicados, quando se chamavam os seus nomes. Fidel foi convocado a tomar assento no banco dos acusados para enfrentar o interrogatório da promotoria. Seria o único a prestar um amplo e detalhado depoimento, até porque, Haydée, na carta que dirigira aos presos, solicitou-lhes deixar a cargo dele o pronunciamento em nome do grupo. A seqüência do depoimento está registrada:

– Minha responsabilidade é intelectual e física. Esses jovens e eu lutamos pela liberdade de Cuba... Não tive de persuadi-los, mostraram-se convencidos de que o caminho a tomar era o das armas.

– Limite-se a responder às perguntas do Ministério Público. Quero lhe pedir que sua resposta não se entranhe de um discurso político.

– Minha política é a verdade. Batista quer a guerra porque se nega a toda solução verdadeiramente democrática.

– Por que, para conseguir o seu propósito, o senhor não usou a via civil? O senhor é advogado...

– Muito simples. Depois de 10 de março, não pude falar mais. Utilizei-me sem nenhum êxito dos meios comuns e, finalmente, decidi apelar à violência da rebeldia...

– O senhor quer dizer que depois de 10 de março não se pôde fazer política?

– Exatamente.

– Pode dizer onde obteve o dinheiro para comprar armas e organizar o levante? O Presidente Prío foi o seu financiador?

Nesse ponto, Fidel arrolou as doações de cada um dos participantes do Movimento. Adiante, entre as intervenções da defesa, perguntou-lhe um dos advogados:

– O senhor colaborou com algum líder do Partido Socialista Popular (PSP)?

– Não, senhor.

– Encontrou-se alguma obra de Lênin que pertencesse a Abel Santamaría?

– Não sei. Mas é possível, pois lemos livros de todo o gênero. Mas o único mentor intelectual desse movimento, devo deixar claro, é José Martí.

Encerradas as quase duas horas de inquérito, Fidel pediu permissão ao juiz para sentar-se na ala dos advogados da defesa. "Ao pôr-se ao meu lado, banhado em suor, disse-me: 'Bilito, o pior já passou'. Uma frase enigmática, que só compreendi com o tempo. A face verdadeira do regime começava a expor-se, a partir das tantas vítimas, e isso acontecia nesse momento, ali, no próprio espaço do Poder Judiciário".[7]

Com a conclusão das duas primeiras audiências, o juiz decretou a liberdade provisória de alguns acusados, ao patentear-se quem estivera ou não comprometido.

O governo julgou que as declarações de Fidel haviam maculado o Estado. Na noite de 25 de setembro, dois médicos forenses, por ordem do coronel Chaviano, foram examiná-lo, a fim de produzirem um atestado de enfermidade que o impedisse de continuar assistindo ao julgamento, segundo lhe confessaram na ocasião. Fidel escreveu uma carta e conseguiu fazê-la chegar às mãos de Melba Hernández, que a entregou ao juiz, assim que se anunciou a sua inesperada ausência na terceira sessão: "Ao Tribunal de Urgência. Fidel Castro Ruz, advogado em sua própria defesa na causa nº 37 (...) ante essa sala expõe respeitosamente o seguinte: 1. Que se trata de impedir minha presença no tribunal para que não se destruam as fantásticas falsidades tecidas ao redor dos fatos do 26 de julho; 2. Que, apesar das reiteradas comunicações do Poder Judicial e da última que essa sala dirigiu às autoridades da prisão, demandando cessar a nossa incomunicabilidade por ser ilegal e delitiva, sigo totalmente incomunicável, sem que nos 57 dias que levo nesta prisão tenham permitido-me tomar sol, falar com alguém ou ver a minha família; 3. Que pude conhecer, com toda certeza, que se trama a minha eliminação física... Cuba inteira tem os olhos postos neste tribunal. De minha parte, se para a minha vida tenho de ceder o meu direito ou a minha honra, prefiro perdê-la mil vezes: um princípio justo do fundo de uma cova pode mais que um Exército... Cárcere Provincial do Oriente, 26 de setembro de 1953. Fidel Castro Ruz".

A carta lhe trouxe retaliações; as autoridades militares ordenaram o isolamento de Melba e o confinamento de Fidel em uma cela distante. Todos os acusados passaram a ser revistados dos pés à cabeça, antes de saírem para o tribunal. De fato, o tenente Pelletier recebera a orientação de misturar veneno à comida de Fidel. "Dias depois de meu ingresso em Boniato,

(Chaviano) ordenou a suspensão e a expulsão, das Forças Armadas, do supervisor, um oficial honrado (Llanes Pelletier) que se negou a me envenenar. Já tinham preparado o veneno e uma declaração pública apresentando a versão de um suicídio. A ele, como a Sarría, devo a minha vida...”[8], reconheceu Fidel.

Nas ruas, durante vários dias, circularam elementos desconhecidos distribuindo panfletos que incentivavam o resgate de Fidel da prisão, como um meio de facilitar a sua eliminação. Os dois médicos, enfim, expediram um atestado correto, mas ele permaneceu isolado, impedido de ir ao tribunal, ainda que acompanhando o desenrolar dos acontecimentos por mensagens ou recortes de jornais – sempre havia quem os trouxesse, mesmo contrariando ordens.

Citado para um julgamento à parte no dia 16 de outubro, às 8 horas, foi-lhe permitido receber as breves visitas de Mirta e Fidelito e ainda dos irmãos Angelita e Ramón, que lhe contaram sobre o ambiente na fazenda e como Lina procurava colher um ramo de esperança para o velho Castro, a fim de desviá-lo do profundo desgosto que o consumia. A 13 de outubro, foram sentenciados 28 participantes do ataque ao Moncada, incluindo Haydée e Melba. As penas impostas aos homens variavam entre três e 15 anos, a serem cumpridas na Fortaleza Militar de la Cabaña, em Havana. As mulheres foram sentenciadas a sete meses no Reclusório Feminino de Guanajay, a 45 quilômetros da capital. Surpreendentemente, no entanto, os homens seguiram para o Presídio Modelo da Ilha de Pinos, situado do outro lado da costa.

Dois detentos ainda permaneceram em Boniato, dividindo a mesma cela com Fidel: o seu homônimo, de sobrenome Labrador, e Gerardo Poll Cabrera, um ferroviário, veterano do PSP[9]. Na cela, havia alguns livros, de onde Fidel pinçava trechos e idéias, embora nenhum fosse de Direito Penal, pois lhe proibiam as obras de natureza técnica. No dia anterior ao seu julgamento, concluiu, depois de trabalhar sem descanso, a redação de um texto de cerca de 50 páginas, que leu em voz alta aos companheiros de cela.

Cedo, pela manhã, vestiu o terno azul-escuro, com camisa branca e gravata vermelha. Já tinha o manuscrito na memória. Entrou no salão da Escola de Enfermaria do Hospital Saturnino Lora às 9 horas em ponto.

Um esqueleto em um mostruário para estudo, vitrines com livros, um retrato de Florence Nathingale e duas mesas com cadeiras, onde se sentaram os magistrados, eram os objetos inanimados do pequeno espaço. No lugar ao centro da cabeceira da mesa, o secretário do juiz depositou os seus papéis. Além dos representantes da Justiça, encontravam-se os réus Poll Cabrera e o estudante de Engenharia Abelardo Crespo – convalescendo de um tiro que lhe atravessara o pulmão, deitado em uma cama – e alguns jornalistas credenciados.

Antes de Fidel entrar, duas santiagueiras, Maria Antonia Figueroa e Nilda Ferrer, quiseram tocá-lo, mas ele, ao perceber a intenção, dirigiu-lhes um olhar que as paralisou. Com as mãos algemadas, pingando de suor, observou o recinto. A Bilito, pediu um código e uma folha de papel. Vestiu a toga que lhe emprestaram e comentou com as autoridades: "É pena que os senhores, tendo um palácio novo e agradável, tenham que vir trabalhar aqui...". Os empregados do hospital e os guardas da escolta posicionaram-se junto à porta para escutá-lo. Fidel iniciou sua argumentação. Analisou a crise geral do país, seus antecedentes remotos e imediatos, os fatores do fracasso do assalto ao Moncada e os crimes da ditadura. Reeditou o pensamento martiano e expôs o seu programa democrático. Durante mais de duas horas, foi um acusador.

"Senhores magistrados, sou aquele cidadão humilde que um dia apresentou-se inutilmente ante os tribunais para pedir que castigassem os ambiciosos que violaram as leis... Repetiu-se com muita ênfase pelo governo que o povo não secundou o movimento... Pretendem evidenciar, com isso, a submissão e a covardia do povo... Chamamos povo, se de luta se trata, aos 600 mil cubanos que estão sem trabalho desejando ganhar o pão

honradamente sem ter de emigrar de sua pátria em busca de sustento; aos 500 mil operários do campo que habitam em casebres miseráveis, que trabalham quatro meses por ano e passam fome o resto do tempo, compartilhando com seus filhos a miséria, que não têm um palmo de terra para plantar e cuja existência deveria mover mais a compaixão, se não houvesse tantos corações de pedra; aos 400 mil operários industriais e braçais, cujo futuro é o rebaixamento do salário e a demissão... e cujo descanso é o túmulo; aos 100 mil agricultores pequenos que vivem e morrem trabalhando uma terra que não é sua, contemplando-a sempre tristemente como Moisés, a terra prometida, para morrer sem chegar a possuí-la, e que têm de pagar por sua parcela como os servos feudais... aos 30 mil professores e mestres abnegados e necessários ao destino melhor das futuras gerações e a quem tão mal se trata e se paga; aos 20 mil pequenos comerciantes, abarrotados de dívidas, arruinados pela crise... aos 10 mil profissionais jovens, médicos, engenheiros, advogados, veterinários, pedagogos, dentistas, farmacêuticos, jornalistas, pintores, escultores, etc., que saem das aulas para encontrarem um beco sem saída... Minha lógica é a simples lógica do povo. (...)

"O problema da terra, o problema da industrialização, o problema da moradia, o problema do desemprego, o problema da educação e o problema da saúde do povo. Eis aqui concretizados os seis pontos cuja solução seria encaminhada resolutamente por nossos esforços, junto com a conquista das liberdades públicas e a democracia política. O militar de honra não assassina o prisioneiro indefeso depois do combate, mas o respeita. Não remata o ferido, mas o ajuda, impede o crime...

"Vi muitos soldados combaterem com magnífico valor, como aqueles da patrulha que dispararam contra nós as suas metralhadoras em um combate quase corpo a corpo ou aquele sargento que desafiando a morte se apoderou do alarme para mobilizar o acampamento. Acreditavam cumprir um dever e isso os faz, para mim, dignos de admiração e respeito. A honra ganha pelos sol-

dados mortos em combate foi manchada pelos generais, ao mandarem assassinar prisioneiros. Homens que se fizeram generais de madrugada sem haver disparado um tiro, que compraram as suas estrelas com alta traição à República, são os do 10 de março... Reconheço que muitos militares se portaram dignamente e não mancharam as mãos naquela orgia de sangue... Não se matou durante um minuto, uma hora ou um dia inteiro, mas em uma semana completa... O quartel Moncada converteu-se em uma oficina de tortura e morte, e uns poucos homens indignos converteram o uniforme militar em aventais de carniceiros... Quero ser, pessoalmente, respeitoso com os senhores magistrados... Sei perfeitamente que a máxima responsabilidade cabe à alta oligarquia que, sem um gesto digno, se dobrou servilmente aos ditados do usurpador... quando é a mim que agora acusam de querer derrubar este regime ilegal e restabelecer a Constituição legítima da República... Um fiscal, com um código na mão, muito solenemente, pede, para mim, 26 anos de cárcere...

"Não é conveniente, advirto, que se atribua justiça do quarto de um hospital, rodeado de sentinelas com baioneta calada. Se não há lei exatamente aplicável ao ponto controverso, não há delito. Em que país está vivendo o Sr. Promotor? Por muito que se estire, se encolha ou remende, nem uma só vírgula do artigo 148 é aplicável aos fatos do 26 de julho... Advirto-lhes que acabo de começar. Se em vossas almas resta um latido de amor à Pátria, à humanidade, à justiça, escutem-me com atenção. Sei que me obrigarão ao silêncio durante muitos anos... que tratarão de ocultar a verdade por todos os meios possíveis... que contra mim se alçará a conjura do esquecimento. Mas a minha voz não se afogará por isso: cobra força em meu peito, quanto mais só me sinto e quero dar-lhe em meu coração todo o calor que lhe negam as almas covardes... Vejo que tenho por único público, na sala e nos corredores, cerca de 100 soldados e oficiais. Obrigado pela séria e amável atenção que me estão dedicando. Oxalá tivesse diante de mim todo o Exército!

"Só uma coisa vou pedir ao tribunal, e espero que me concedam, em compensação de tanto excesso e agravo que teve de sofrer este acusado, sem amparo algum das leis; que se respeite meu direito a expressar-me com inteira liberdade... Em que país está vivendo o Sr. Promotor? Quem disse que promovemos alçamento contra os poderes constitucionais do Estado? Promovemos rebelião contra um poder único, ilegítimo, que usurpou e reuniu, em um só, os poderes legislativo e executivo da Nação... O direito de resistência que estabelece o artigo 40 dessa Constituição está plenamente vigente... Jean Jacques Rousseau, em seu *Contrato Social*, afirma: 'Enquanto um povo se vê forçado a obedecer e obedece, faz bem; tão logo possa sacudir o jugo, que o faça, recuperando a liberdade pelo mesmo direito que lhe foi arrancado...' Renunciar à liberdade é renunciar à qualidade de ser humano; tirar toda a liberdade à vontade é destruir a moralidade e afastar toda a liberdade da vontade é retirar toda a moralidade das ações... A Declaração de Independência do Congresso de Filadélfia, em 4 de julho de 1775, consagrou este direito...

"Termino minha defesa, mas não o farei, como fazem sempre todos os letrados, pedindo a liberdade do defendido; não posso pedi-la quando meus companheiros estão sofrendo desde já, na Ilha de Pinos, uma ignominiosa prisão. Enviai-me junto a eles para compartir a sua sorte. É concebível que os homens honrados estejam mortos ou presos em uma República onde está de Presidente um criminoso, um ladrão. Aos senhores magistrados, minha sincera gratidão por haver-me permitido expressar-me livremente, sem mesquinhas coações. Não lhes guardo rancor, sei que o Presidente deste tribunal, homem de limpa vida, não pode dissimular a sua repugnância pelo estado de coisas reinantes que o obrigam a ditar um veredito injusto. Condenai-me, não importa, *a história me absolverá...*"

Ao terminar, retirou a toga e dobrou-a sobre o braço. Dele aproximou-se a estudante Irma Mejías, filha do magistrado de Santiago de Cuba, para cumprimentá-lo por sua defesa. Fidel

sentou-se, emocionado, à espera da sentença. Deram-lhe 15 anos de reclusão na Fortaleza Militar de La Cabaña, conforme o artigo 161 e o disposto no de nº 70-a do Código de Defesa Social, sobre delitos políticos. Poll Cabrera foi absolvido e Abelardo Crespo condenado a dez anos. Quando vieram repor as algemas em Fidel, ele recomendou: "Cuidado com o relógio". A pulseira caía sobre o dorso da mão: seus braços haviam afinado. Logo estaria enviando um telegrama ao pai, avisando-o que partia para a Ilha de Pinos na manhã do dia 17.

Cinco enormes edifícios circulares, cada qual com cinco andares e 93 celas de dois catres dobráveis encostados à parede, o do centro conhecido como o refeitório dos "três mil silêncios". Ao fundo dessa seca geografia, avistavam-se os pavilhões para os doentes mentais e o do hospital. Era o Presídio Modelo, em que Fidel foi devidamente fichado ao ingressar:

"Nº de ordem: 3859; filiação...; naturalidade...; residência: Calle 17, nº 336, Nicanor del Campo, Marianao, Havana; estado civil: casado; idade: 26; profissão: advogado; cor: branca; cabelo: castanho; sobrancelhas: castanhas; olhos: castanho escuro; nariz: reto; rosto: anguloso; boca: pequena; barba: escassa; estatura: 1,80m; sinais particulares: lunares disseminados pelas costas, uma cicatriz extensa na região inguinal direita, parecendo ser de operação apendicular, uma cicatriz no terço superior da perna esquerda; contato: Ramón Castro, Usina Marcané, Oriente."

Recusou a cela de certa comodidade que lhe foi oferecida, pedindo para ser transferido para junto dos companheiros. Quando entrou no pavilhão do hospital, seguiu o percurso de camas metálicas até onde se indicava a sua, ao lado de Jesús Montané, no extremo daquele retângulo branco. A seguir, as suas primeiras impressões:

Telegrama: 18/10/1953, 10 horas, a Lina Castro Ruz, Birán: "Estamos bem. Fidel e Raúl".

Ilha de Pinos, 27/10/1953: "Queridos pais, Mirta Emmita e Lídia vieram ver-nos dia 23. Também trouxeram Fidelito. Fi-

xaram a terceira sexta de cada mês como o dia de visita, das 12 às 15 horas... Unânime o critério nas ruas de que nossa detenção será breve. Todo mundo nos envia livros e estamos organizando uma academia... Fidel Castro".

* * *

Os prisioneiros decidiram organizar o ensino da Aritmética, Gramática, Geografia e História de Cuba, Inglês e Filosofia. "Havia operários que não tinham cursado o Primeiro Grau e precisávamos criar uma escola que contemplasse o ensino básico, além dos aspectos ideológicos... O diretor era Fidel, que ensinava Filosofia Geral e Filosofia Marxista-Leninista..."[10], contou Luiz Orlando Rodríguez. Inaugurada a 29 de outubro, dia em que Fidel encontrava-se bastante febril e encatarrado, a escola foi batizada de Academia Ideológica Abel Santamaría e resumia-se a um quadro negro e a uma mesa de madeira onde faziam as refeições, sob os beirais do telhado do pátio.

"Querido irmão Ramón, sei que escreveste uma longa carta... Sei porque, segundo o costume, abrem a correspondência na minha presença... então, levaram para censurá-la... mas ontem me disseram que esta dita carta não podia passar porque tratava de assuntos não permitidos pela censura... Na realidade, estranhei muito porque... sei de sobra que foste sempre respeitoso e correto ao escrever. Não vá desanimar por isso. Escreva-me outra vez e diga-me mais ou menos o que querias dizer, suprimindo qualquer palavra áspera ou dura. Há muitas maneiras de dizer as coisas... P.S: Mirta separou passagem para ti no avião para sexta, 20 deste mês, dia de visita. Por que não fazes um esforço para vir? Não quero dizer com isso, irmão, que estamos aqui num paraíso... mas parece que há boa vontade por parte da direção e tudo se conseguirá... Devo uma carta a Angelita. Está aí ou em Havana? (...) Carinhos a todos. Abraços. Fidel."[11]

Entre os variados impactos do episódio do Moncada, destacou-se o grau em que foram sacudidos a participação e o posicionamento dos diversos agentes políticos no panorama cubano. Em sua publicação *Carta Semanal*, o PSP descreveu, em 20 de outubro, o ataque ao quartel como uma "ação desesperada", das que "não conduzem a outra coisa senão ao fracasso, ao desperdício de forças, à morte sem objetivos...", e denominava-a putsch, embora o conceito fosse mais adequado a um complô proveniente da corporação militar.

* * *

No meio universitário, a Ação Armada Autêntica (Triple A) reativou o estilo gangster, com ameaças de pistola visando a abocanhar o poder. Já desde o começo do ano, Batista anunciava que pretendia realizar eleições e recebeu o isolado respaldo do Movimento de Recuperação Autêntica de Ramón Grau. As demais organizações, com distintas inserções no cenário político, recusaram o jogo sob as regras ditadas pelo regime e procuravam fórmulas de ação. Desse modo, a convocação foi suspensa, com a promessa de reativar-se no ano seguinte.

Em Havana, Angelita, a irmã de Fidel, e seus filhos obrigavam-se a conviver com a ostensiva espionagem de policiais escalados na casa em frente. A capital, como em muitos outros lugares de Cuba, era submetida a um estado de sítio não declarado, mas evidente.

REPUBLICA DE CUBA

Reclusorio Nacional para Hombres

BRIGADA 1 Dpto Nº DE ORDEN 3859

HOJA HISTÓRICO-PENAL del sancionado Blanco

Fidel Castro Ruz

Hijo de Angel y de Lina

Natural de Birán

Prov. de Oriente vecino de calle 17 Nº 836

Estado casado edad 26 años, oficio Abogado

¿ES REINCIDENTE? FAMILIA 1 hijo

¿ESTÁ VACUNADO?

Núm. del Retrato

Mayo 15/55 AMNISTIADO

FILIACION	FECHA DIA	MES	AÑO	VICISITUDES
	17	Oct	1953	El Director de la Prisión de Oriente cumpliendo lo ordenado por el Sr. Ministro de Gobernación, traslada al sancionado con cuyo nombre se inicia este expediente, para que extinga la Causa Nº 37 de 1953, por el delito de Contra la Estabilidad de la República
	17	Oct	1953	Ingresó en este Re[illegible] procedente de la Prisión Provincial de [illegible]

Primeira folha do dossiê de entrada na Prisão Nacional para Homens, em 17 de outubro de 1953. No alto, à direita, o carimbo de anistiado em 15 de maio de 1955

C A P Í T U L O 1 8

Presídio da Ilha de Pinos

Mergulho no branco

É na correspondência que troca com Natty Revuelta que Fidel produz as melhores descrições do ambiente físico e de sua rotina na prisão. Os dois mantiveram um e outro encontro íntimo na etapa que antecedeu o Moncada. Ela era casada e nessa condição permaneceria, embora profundamente ligada a Fidel.

O prisioneiro compensa o isolamento e a inatividade com uma entrega voraz à leitura, a ponto de declarar que, se pudesse, não comeria nem dormiria, para não interrompê-la[1]. Fora isso, alguns exercícios físicos e as tarefas que se impôs com relação aos companheiros presos: duas aulas diárias e uma hora de leitura coletiva. Além, claro, de escrever cartas a amigos, familiares e, principalmente, a Natty.

"Estamos em um galeria de uns 40m de comprimento por 8 de largura, em uma ala da enfermaria... Edifício grande de um único andar, paredes de cal branca, piso de granito de mármore. Banheiro num extremo e no outro, um pequeno balcão de mármore, onde se faz café. De uma ponta à outra, duas fileiras de camas alinhadas em perfeita formação: 27 no total... Pátio interior de uns 20 x 12 m. Ao redor, um portal amplo, também sustentado por colunas de granito. Junto à porta de saída do pátio, duas mesas largas.... Não se vê paisagem exterior, todas as janelas estão a mais de três metros de altura. (...) Às 5 horas, em ponto, quando parece que acabamos de fechar os olhos, ouve-se uma voz: 'Chamada!', seguida de palmas, para nos recordar que estamos na prisão; pois enquanto sonhávamos, já tínhamos nos esquecido disso um pouco. As luzes, que não haviam se apagado toda a noite – cinco lâmpadas de 500 watts, combinando com o barulho dos que realizam trabalhos forçados à noite no terreno próximo –, brilham mais do que nunca; e a cabeça, pesada como chumbo. Mas temos de nos pôr de pé! Claro que não levo mais de 30 segundos para calçar sapatos, vestir as calças e a camisa; e não volto a dormir até as 23 horas, quando o sono me vem ao ler Marx ou Rolland; ou, se é como hoje, em que escrevo, até que termine a carta..."[2]

"Às 5h30, café da manhã; aulas, das 8 às 10h30; almoço, às 10h45; das 14 às 15 horas, aulas de novo; recreio até às 16 horas; jantar, às 16h45; das 19 às 20h15, aula de Economia Política e leitura coletiva; 21h30, silêncio... Todas as manhãs, explico um dia Filosofia e, outro, História Universal. História de Cuba, Gramática, Aritmética, Geografia e Inglês são aplicadas por ou-

tros companheiros. À noite, me toca a Economia Política e, duas vezes por semana, Oratória... A Biblioteca Raúl Gómez García[3] já possui 300 volumes..."[4]

"Quero saber tudo e até repasso as bibliografias de cada livro, acariciando a esperança de ler. Na rua, me inquietava porque o tempo me faltava e aqui, onde o tempo parece sobrar, também me inquieto..."[5]

"Depois de quebrar um pouco a cabeça com Kant, Marx parece-me mais fácil do que o Padre Nosso. Tanto ele como Lênin possuíam um terrível espírito polêmico e eu, aqui, me divirto, rio e gozo lendo. Eram implacáveis e temíveis com o inimigo. Nos últimos dias, li várias obras de algum interesse: *A Feira das Vaidades*, de William Thackeray; *Ninho de Fidalgos*, de Iván

*A Academia Ideológica
Abel Santamaría,
onde se reuniam na prisão*

Turguenev; *A Vida de Luis Carlos Prestes, o Cavalheiro da Esperança*, de Jorge Amado; *O Segredo da Fortaleza Soviética*, de Dean de Canterbury; *Fugitivos do Amor*, de Eric Knight; *Así se templó el Acero*, de Nikolai Ostrovski; uma novela russa moderna; uma autobiografia de um participante da Revolução; além de *A Cidadela*, de A. J. Cronin. Estudo a fundo *O Capital*, de Marx... Que escola tão formidável é essa prisão!"[6]

Ao conhecer as biografias de Bolívar, Aníbal, o general cartaginês, Alexandre Magno e Julio César, Fidel não titubeou em adotar o primeiro: "Martí é um Bolívar de pensamento; Bolívar foi um gênio da política, um gênio da guerra, um estadista, porque teve as opotunidades que Martí não teve, de dirigir Estados e reunir o Continente". De fato, acima dos clássicos marxistas, dava aos textos de Martí lugar cativo na cabeceira do leito, como que buscando introjetar de modo absoluto os alicerces do pensamento do herói cubano.

No entanto, não só relatos são transmitidos por meio dessas cartas a Natty. A distância, Fidel cultiva dentro de si um sentimento:

"Um cumprimento carinhoso daqui de minha prisão. Fielmente te recordo e te quero, ainda que faça tempo que não sei de ti... Guardo e guardarei sempre a terna carta que enviaste à minha mãe. Se tiveres que sofrer por minha culpa, em vários aspectos, pensa que eu daria com prazer a minha vida por tua honra e por teu bem. As aparências neste mundo não devem nos importar, o que vale é o que está dentro das nossas consciências... Há coisas duradouras, apesar das misérias desta vida; coisas eternas, como as impressões que guardo de ti, tão indeléveis, que me acompanharão até a sepultura... Sempre teu, Fidel."[7]

Como interlocutor político fora dos muros do presídio, Fidel elegeria o jornalista e partidário da ortodoxia, Luis Conte Agüero, a quem frisaria, em longa e catártica correspondência, a lealdade do Movimento aos verdadeiros ideais de Chibás, conforme constava de documentos destruídos pela contra-inteligência. Foi

por intermédio de Conte Agüero que ele cobrou com insistência uma posição mais coerente do partido diante do regime. O subproduto da carta, cujo extrato vem a seguir, denominar-se-ia *Manifesto à Nação* e circularia por canais clandestinos:

“Querido irmão Luis Conte, (...) Jamais deveriam haver corrido, no seio do conselho diretor (do Partido Ortodoxo), estéreis e inoportunas teorias sobre se o Moncada foi *putsch* ou revolução. (...) Por que não denunciaram... as torturas atrozes e o assassinato em massa, bárbaro e vesano? (...) Quanto aos nossos prisioneiros, bem caberia, na entrada do Quartel Moncada, o letreiro que aparecia na verga da porta do inferno de Dante: ‘Deixa toda a esperança.’ (...) Noventa mortos e apenas cinco feridos. Pode-se conceber semelhante proporção n’alguma guerra? Nosso triunfo teria significado a ascensão imediata da ortodoxia ao poder, primeiro provisoriamente e depois mediante eleições gerais... As possibilidades de triunfo estavam na medida dos nossos meios. Não resta a menor dúvida de que lutávamos com 90% delas... Rogo-te também que visites Quevedo e que o exorte neste sentido. (...) Mañach fez alusão a esse aspecto do problema. Por que não falas com ele? Luis, toma esta honrosa causa... Vou te pedir um favor: redige um manifesto de acordo ao conteúdo desta, assina com o meu nome e entrega a Mirta. Que se publique no *Alma Máter*... Dedica o pagamento aos familiares dos mortos (...) Espero que um dia, na Pátria livre, juntos percorramos os campos do Indômito Oriente (...) Fidel.”[8]

Para o fim do ano de 1953, a biblioteca da Academia Ideológica Abel Santamaría já reunia 600 obras, doadas por amigos, políticos e professores. Balzac, Stefan Zweig, Oscar Wilde, Tolstoi, Victor Hugo e Shakespeare compunham as estantes. O tema de *Os Miseráveis* entusiasmava Fidel, mas a “linguagem empolada e a carga, às vezes, tediosa e exagerada de erudição” de Victor Hugo provocaram-lhe um certo tédio. Preferiu mergulhar em *O 18 Brumário de Luis Bonaparte* (Karl Marx). “Onde Victor Hugo vê um aventureiro com sorte, Marx enxerga o resultado inevitá-

vel das contradições sociais e a luta de interesses. Para um, a história é o azar. Para o outro, um processo regido por leis...”[9]

No Natal, os prisioneiros recusaram a ceia do presídio, optando por socializar, em 27 porções, um pedaço de leitão e um peru. Para gerir a convivência interna, o grupo virava o ano estipulando uma pauta de normas simples, realizando assembléias periódicas para a solução de pendências. Além disso, organizaram uma cooperativa para melhorar a alimentação de todos, graças ao que conseguiam enviar familiares e conhecidos. Os acordos passavam a um livro de atas.

* * *

Na manhã de 12 de fevereiro de 1954, um acontecimento ameaçou cortar o elo mais precioso que o prisioneiro mantinha com a vida. O cabo *Pistolita*, da guarda do presídio, viera comunicar aos prisioneiros que as ordens eram permanecer no dormitório o dia inteiro. Algo estranho rondava o ar, a segurança fora reforçada e ouviam-se ruídos incomuns no prédio. Juan Almeida empoleirou-se na grade acima do salão, seguido por Ramiro e Ciro, para sondar o movimento. E foi assim que descobriram que Batista estava sendo aguardado para uma visita ao presídio. Pelo que puderam escutar, tratava-se da inauguração do novo sistema elétrico. Fidel começou a circular pelo ambiente a passos largos, com uma idéia encravada. De repente, parou, reuniu o grupo e combinaram um plano.

Terminada a cerimônia, a comitiva presidencial pôs-se a percorrer as galerias e dependências. Almeida, ainda empoleirado, ao perceber que se aproximava da enfermaria, deu o sinal. O grupo começou a cantar o mais alto que podia. A princípio, pensando que lhe faziam uma saudação, Batista sorriu, mas logo, prestando atenção à letra, empalideceu: “... O sangue que em Cuba se derramou, não podemos esquecer... *Viva la Revolución!...*” Era o hino do 26 de Julho[10]. Batista perguntou ao supervisor,

que o seguia logo atrás, quem eram os integrantes do coro. Quando lhe disseram que se tratava dos moncadistas, ele comentou, em tom azedo: "Estão bem alimentados, hein?".

No dia seguinte, em represália, foram todos confinados ao pavilhão e permaneceriam mais de 15 dias sem jornal, rádio ou qualquer contato com o exterior. Por gestões de familiares, a Cadeia Oriental de Rádio noticiou o incidente. O pai de Almeida (o prisioneiro que tocava violão e animava sempre o grupo) alardeara a conhecidos na imprensa que agentes do Serviço de Inteligência Militar (SIM) haviam destruído e fechado a Academia Abel Santamaría.

Em 13 de fevereiro, Fidel foi reconduzido à solitária, um cubículo sem luz, com uma pia, um vaso sanitário onde antes existira um aparelho de odontologia e o catre. As visitas estavam proibidas e, portanto, quase nada dele se sabia. O correio era o único meio de comunicação, embora sujeito a longos intervalos. "Ontem, à noite, não foi somente a escuridão e a solidão... Pouco depois começou um aguaceiro furioso... Fiz o que pude para proteger os livros dentro das malas, colocando um cobertor por cima..."[11], relatou Fidel a Mirta.

Vista externa da entrada do pavilhão-hospital onde estavam presos os "moncadistas". À esquerda da porta, a cela em que Fidel esteve incomunicavel

O catre compartilhava o diminuto perímetro com pilhas de livros que o prisioneiro consumia ao longo de dez, 12, 14 horas por dia. Foi asim que varou os quatro volumes das *Obras Completas de Sigmund Freud*, além dos cinco de *O Capital*, de Karl Marx, e os principais de Dostoievski – *Os Irmãos Karamasov*, *Humilhados e Ofendidos*, *Crime e Castigo*, *O Idiota*, *O Sepulcro dos Vivos*, *As Pobres Gentes* e o conto *Proarchin*. Sem poder conversar com ninguém, ele escrevia mais e mais, sem freio, reservando tempo para ir reconstruindo a sua autodefesa em juízo ou voltando-se às reflexões filosóficas, o terreno próprio da formação de sua esposa Mirta.

"Robespierre foi idealista e honrado até a morte. A revolução estava em perigo, as fronteiras rodeadas de inimigos por todo lado, os traidores com o punhal levantado pelas costas, os vacilantes obstruindo o avanço; era necessário ser duro, inflexível, severo; pecar por excesso e nunca por defeito, quando nele possa estar a perdição. Era preciso estabelecer vários meses de terror para pôr fim ao que existiu durante séculos. Em Cuba, necessitamos de muitos 'Robespierres'..."[12]

No entanto, as perseguições continuavam, o que o fazia dirigir ásperas reclamações à direção do presídio:

"Informaram-me que dois livros que me mandaram ficaram retidos. Um deles se chama *Stáline* e foi escrito por Trotsky. Suponho que isso aconteceu exatamente porque o livro se chama *Stáline*, pois não vejo qualquer outra razão; e mesmo que tivesse sido escrito por um partidário de Stálin, e fosse uma defesa de Stálin, francamente, não acho que fosse motivo para retê-lo. Estou aqui fechado neste pavilhão e só passo o tempo estudando. Com isso, não prejudico nem incomodo ninguém, nem à penitenciária, nem ao Estado. Não estou pedindo melhoria de condições, nem que mudem as normas da prisão... Rogo-lhe que não me prejudiquem inutilmente... o único livro que me interessa é o de Trotsky; o outro, se for de Malasarte, não me interessa..."[13]

Passados 40 dias, improvisou uma lamparina. Sendo-lhe permitido receber um fogareiro e mantimentos da família, pôde, enfim, cozinhar. Às vezes, entretinha-se fazendo algum prato. O irmão Ramón enviou um pedaço de presunto, que Fidel preparou com geléia de goiaba. Aprontava espaguetis de diferentes receitas e, vez por outra, uma torta salgada de queijo. Certo dia, deu-se de presente um mexido com lulas e, de sobremesa, bombons italianos, arrematados com café feito na hora e um charuto *H. Upmann* nº 4. Foi uma espécie de comemoração da qual era anfitrião e convidado único.

"... Oito meses e meio. Não é infundada a tua confiança em meu poder de resistência. É certo que resisto e sofro firme, mas é claro que esta vida que levo não é natural. Em todos os aspectos é o mais oposto que se possa imaginar ao meu temperamento... Estou como um corpo que tem a sua própria forma, prensado num molde diferente. Curioso é que não tenho ambições pessoais; todos os meus motivos são morais, o sentido de honra, dignidade, dever... A minha maior contradição reside nisso: um homem absolutamente indiferente ao castigo físico, material, à existência biológica, que poderia fazer troça de tudo isto, com um sorriso nos lábios, e cuja única prisão, o laço, força perante a qual se inclina, é o dever... Como homem, como ser físico, sinto-me poderoso e considero que nenhuma força física do mundo me faria medo, simplesmente porque não a temo. No entanto, o homem, ser moral que há em mim, me obriga a submeter-me ao homem ser físico. O rebelde inato, lutando sempre contra a razão serena e fria, estando esta a serviço de um forte sentimento moral..."[14]

Mas suas artimanhas para afastar a solidão às vezes se exauriam. Em outras cartas a Natty Revuelta, percebia-se algum abatimento:

"... Militei num partido cujo maior timbre de glória era ser diferente dos outros. Mas terminou sendo tão parecido com tudo, como gotas de água. (...)

"Faço alguma coisa, invento mundos, pensando e pensando. Às vezes, sinto-me esgotado... Estive no juizado, conversei

com um funcionário sobre temas nacionais. Depois, quando voltei, me senti incomodado pela maneira como falei, maquinalmente. Luz, paisagem, horizonte, tudo me afetou como um mundo estranho, distante e esquecido...”[15]

Como era réu primário, o Gabinete Nacional de Identificação despachou a definitiva classificação de Fidel, considerando as suas fichas passadas. O novo expediente circularia periodicamente por departamentos superiores da justiça para ser revisado, censurado ou não. No dia 3 de abril de 1954, Fidel deixou pela primeira vez o presídio para prestar declarações ao juizado. A família de Montané, residente na região, foi informada da saída dele e, junto com adolescentes de uma escola próxima, foram à rua para ver Fidel passar[16]. Dizia-se ser uma citação de rotina, em juízo, como outras aconteceriam, como um recurso para a quebra do isolamento. Não foram raras as ocasiões em que amigos advogados as redigiam, visando burlar a detenção dos moncadistas. Estes mesmos advogados encaminharam denúncias variadas, três delas por assassinato e torturas de companheiros, outras por contínua violação de direitos individuais. Ao todo, ocorreram cinco saídas de integrantes do grupo até o Tribunal de Nova Gerona, a capital da Ilha de Pinos. Em uma delas, Fidel e Raúl saíram juntos do presídio, com destino ao Tribunal de Urgência de Santiago; em outra, Fidel foi conduzido sozinho a Havana.

De volta ao cubículo, sempre a rotina. O tempo que passava fora lhe devolvia a exata dimensão da cela – sobretudo, um vasto mundo de insetos. As moscas lutando com os mosquitos, as aranhas caçando as moscas e as formigas catando os destroços, de preferência após às 19 horas. Os mosquitos o infernizavam e, alegando para si mesmo que fazia isso para espantá-los com a fumaça, Fidel aproveitou-se para acender um dos charutos *H. Upmann* enviados por Miró Cardona – reservados para ocasiões especiais.

“Já tenho sol várias horas todas as tardes... Quando apanho raios pela manhã, de short, e sinto o ar do mar, parece que

estou numa praia. Depois monto um pequeno restaurante aqui. Vão me fazer crer que estou de férias! Que diria Karl Marx de semelhante revolucionário? (...)”[17]

Após sete meses de confinamento, a 20 de fevereiro daquele ano, Melba e Haydée foram libertadas do Presídio Nacional de Mulheres. De imediato, assumiram a tarefa de não apenas reviver, mas expandir o Movimento, sob delegação dos 27 homens no presídio. As duas mulheres comunicavam-se com Fidel para receber orientações. No dia 17 de abril, ele escreveu: “Querida Melba, Mirta te dirá o meio para que te comuniques comigo todos os dias, se quiseres. Guarda sobre isto absoluta reserva, informando unicamente a Yeyé (Haydée), quando regresse”.

Fidel lhes passava instruções sobre contatos a fazer, panfletos a serem divulgados, como também pedia que tomassem providências, como uma comemoração “condigna” para a data do 26 de julho.[18] Não ficaria desapontado. A seu pedido, a Federação dos Estudantes Universitários (FEU) realizou um ato na “escalinata”, além de outros que ocorreram em institutos de Santiago e os articulados por núcleos no exílio – os comitês ortodoxos de Nova York, México e Costa Rica. Ainda ficaria a cargo de Melba a veiculação do folheto que continha a reconstituição da autodefesa de Fidel em juízo, transformada em programa político. Em fase de conclusão, intitular-se-ia *A História me absolverá*, a frase com que finalizara o seu pronunciamento. O documento seria contrabandeado para fora do presídio, pedaço por pedaço, sob os disfarces mais originais.

Em 22 de abril, o juiz municipal do norte de Havana, Dr. Waldo Medina, a partir do interesse expresso por um grupo de professores e alunos secundaristas, de conhecer os moncadistas, levou-os à Ilha de Pinos. Esperava ter a sua entrada franqueada ao assomar-se ao portão, dado que fora um funcionário da instituição penal anos antes. No entanto, não foi o que aconteceu e, assim, ele pediu para falar com o tenente Montesinos. “Queremos ver Fidel Castro. Nunca lhe pedi nada, tenente. Mas não

queremos perder a viagem...", argumentou-lhe. O oficial baixou a cabeça, talvez pelo reflexo guardado de aceder às ordens do juiz: "Olha, doutor, quero servi-lo; mas se o comandante Capote descobrir..." Calou-se. Vistoriou demoradamente o grupo de visitantes e decidiu: "Seus amigos verão os rapazes, mas só o senhor será encaminhado a Fidel Castro..."

Ele descansava em sua lona. A imagem remeteu o observador a uma ilha rodeada de livros, uma Cuba ainda menor. No solo, localizou *Economia e Sociedade*, de Max Weber, *Liberdade, Poder e Planificação Democrática*, de Karl Mannheim, *Filosofia do poder*, de Alfred Pose, *Ensaios*, de Mariátegui, *Discursos*, de Juan José Arévalo, e *Retorno ao Futuro*, de Cardoza Aragón.[19] Uma "ilha" de aparência sã e lúcida.

Outra visita, que muito animou Fidel, foi a do filho Fidelito. Percebeu-o bem crescido e mais forte[20]. Por trás da grata surpresa, algo caminhava de extraordinário: parecia que seu isolamento era relaxado, talvez pela contingência de possuir um sogro ministro de transportes e um cunhado bem situado na inteligência do governo. No entanto, suas condições permaneciam precárias, além de alguns contratempos que sofreria pela frente.

Vista geral da sala do hospital que serviu de cela coletiva para os "moncadistas"

"Querido irmão, posso dizer que só tenho companhia quando há algum preso morto na pequena funerária diante da minha cela... Em certas ocasiões, aparecem misteriosos enforcados, estranhos assassinatos... Mas não posso vê-los, porque há uma perene tábua de dois metros de altura na porta da cela, para que não enxergue nenhum ser humano, vivo ou morto. Seria muita magnanimidade permitir-me a companhia de um cadáver!..."[21]

"... Quatro meses e uma semana me têm encerrado nesta cela... Disseram, a princípio, que seria por quatro meses, mas na realidade têm intenções de me deixar aqui definitivamente. (...) Entretanto, não sei até quando terei energias para vencer a mim mesmo... Creio que deves integrar a comissão onde estão Mirta, minha irmã Lídia, Melba, Haydée e outros líderes do partido, para visitar diretores de jornais e estações de rádio, colocando-lhes, pessoalmente, o problema, pedindo colaboração... como um problema humano... A intervenção da *Bohemia* seria decisiva. Ninguém resiste a um bom texto, que poderia ser feito por você, Montaner ou Mañach... A postura do Colégio de Advogados tem sido bastante frouxa. Devem visitar Miró Cardona, professor da Academia Militar, como Agramonte, e solicitar do colégio uma cooperação mais enérgica... A FEU, com seus interesses de grupos e rixas, tem se portado muito mal. Não obstante, poderás persuadi-la a lutar contra uma injustiça muito mais grave que outras, às quais dedica todo seu entusiasmo... Já levo mais de três mil horas completamente só, salvo os brevíssimos instantes que passei com minha mulher e meu filho... Somem-se a isso os outros três meses em igual situação em Santiago... Te pagarei este favor em charutos quando voltar à vida...Um abraço de teu irmão."[22]

"Mirta, sigo sem luz, não deixaram passar as velas. À noite não foi somente o escuro e a solidão, mas também a chuva. Ao anoitecer, começou a trovejar repetidamente; depois, o relampejar incessante cortava a cada segundo a negritude da noite, iluminando a cela pelas janelas e desenhando-se sobre os rincões

dos barrotes. Em poucos segundos, iniciou-se um furioso aguaceiro. A água, arrastada pelo vento, penetrava pelas grades, molhando tudo impunemente. Fiz quanto pude para proteger os livros nas maletas, cobrindo com um pano. A cama, entretanto, se empapou, o piso encharcou-se e um ar gélido e carregado invadia tudo. Num canto, calados os ossos de umidade e frio, esperei com infinita paciência...”[23]

Enquanto isso, principalmente diante da iminência de eleições, às quais Batista concorreria à Presidência, havia articulações em curso. A frente Sociedade dos Amigos da República e o Bloco Cubano de Imprensa (*Diário da Marinha*, *El País*, *Avance*, *Prensa Libre*, *Alerta*, *El Mundo* e a revista *Bohemia*) tomaram iniciativas de diálogo com o governo, em busca de alternativas prudentes, ante as tendências mais radicais. Outras envolviam segmentos autênticos e da ortodoxia fora e dentro do país que, naturalmente, não desprezavam o patrimônio político ou a notoriedade ganha pelos integrantes do Movimento. Chegou-se a propor o restabelecimento da Constituição com a renúncia de Batista, que tentava deter o avanço oposicionista com medidas “liberalizantes”, inclusive o levantamento da censura e uma anistia parcial, que beneficiou o professor García Bárcenas e o ex-Presidente Carlos Prío, então exilado no México. Os autênticos – entre os quais, a Organização Autêntica (OA) sob a sua coordenação, adepta do método insurrecional – e os ortodoxos começaram a se reunir abertamente.

Fidel orientou Melba a viajar para o México, a fim de se reunir com Raúl Martínez e Léster Rodríguez. No entanto, deixava bem claras as suas desconfianças:

“A conduta deste grupo para comigo e o Movimento tem sido a seguinte: antes de 26 de julho, desconhecer-nos, excluir-nos, sabotar-nos, tirar-nos pessoas, incutindo em suas cabeças boatos... e alardeando as vantagens dadas por seus milhões roubados; durante o 26 e os dias seguintes, invejar-nos, criticar-nos, caluniar-nos, chegando a dizer, inclusive, que havíamos dado o

golpe de comum acordo com Batista; depois do processo, silenciar-nos, deixando-nos sós na luta contra a calúnia, o crime e a miséria... Quero que seja expresso às pessoas no México. (...) O Pacto de Montréal foi um funesto erro de um setor ortodoxo, porque entranhava a união com irreconciliáveis adversários de ontem... Aceitar as eleições de 1º de novembro como um caminho adequado para derrocar o regime é dar razão à política oportunista... Utilizar o nome do fundador da ortodoxia para buscar vantagens pessoais, assistindo a eleições que haverão de ser fraudulentas, sem voto direto e fazendo o jogo do ditador, é uma infâmia imperdoável.[24] ... Mais que nunca estou convencido de que devemos manter independente o Movimento, como fizemos nos momentos mais difíceis..."[25]

Melba regressou a 19 de maio, confirmando que "agentes a serviço de Prío" dedicavam-se a captar elementos do 26 de Julho, refugiados na América Central. Conseguira inclusive a cópia de uma carta em que o ex-Presidente requeria uma penetração no "grupo fidelista".

No curso do mês de junho, Fidel pôs o ponto final na redação de *A História me absolverá*. Logo também se concluiria o sofisticado trânsito do texto para fora do presídio. "Tiravam-se as capas dos charutos. Escrevia-se com uma letra miudinha em um papel muito fino, depois o fumo era reenvolto... Quando iam receber uma visita, levavam um charuto na boca e até fumavam, sabendo até onde parar para não danificar a mensagem e encontravam o instante de entregar. Muitos visitantes vinham fumando também e fazíamos a permuta, ficando claro que levávamos mensagens... Não toda, mas uma boa parte do texto seguiu assim..."[26], relembrou Luiz Orlando Rodríguez.

Além do truque do charuto, valeram-se ainda de outros engenhos para manter comunicações. Durante uma partida de beisebol, aproveitavam para atirar bolinhas de papel com recados ao pátio onde estava Fidel. Documentos eram veiculados escondidos nas roupas, alimentos ou caixas de fósforos, para o que, eventualmente, colaboravam outros prisioneiros e serven-

tes. Na correspondência corriqueira, entre os parágrafos, ou em seu verso, eram escritas mensagens confidenciais com uma caneta de ponta bem fina, molhada em sumo de limão. Quando passadas a ferro, em baixo calor, o manuscrito tornava-se legível. Na parte posterior de tubos de pasta de dente também introduziam-se recados, envoltos em papel celofane. O artifício mais agradável era o das tortas doces: antes de as decorarem com creme ou suspiro, os parentes e amigos, devidamente instruídos, repetiam a operação do celofane, de modo a não despertar suspeitas nos guardas que as furavam para averiguar se traziam armas.

A campanha a favor da libertação dos moncadistas acelerou-se. Foi criado o Comitê de Familiares dos Presos Políticos, ao que se somaram outras organizações. Na capital, membros do antigo Movimento Nacional Revolucionário (MNR) de Bárcenas convocaram um encontro para rearticulações, ao que Melba e Haydée compareceram em nome do Movimento[27], com uma mensagem de Fidel ao professor Bárcenas. Mas logo tornou a recrudescer a perseguição e Bárcenas precisou se exilar.

Em junho de 1954, Raúl Martín Sánchez, um repórter da revista *Bohemia* chegou à Ilha de Pinos para fazer uma matéria, especialmente com o chefe do ataque ao Moncada[28]. Vinha munido do prévio consentimento do próprio supervisor geral da penal, Juan M. Capote, o comandante Capote. Já não era o primeiro sintoma de que algo estava sendo tramado em esferas superiores. Na realidade, ocorrera que o supervisor havia informado secretamente ao tenente Roger Pérez Díaz, chefe de Segurança Pública, que recebera "ordens de cima" para eliminar Fidel Castro. O chefe de Segurança Pública expôs o assunto ao ministro de Governo, Ramón Hermida, e uma entrevista a um órgão de imprensa foi proposta, como uma maneira de chamar a atenção e congelar a trama do atentado. Esta provinha de outra instância e aqueles desejavam "lavar as mãos". A Fidel, trouxe surpresa a transferência para o seu convívio, dentro da cela, de dois soldados da Marinha de Guerra recentemente sentenciados. Desconhecia

que o chefe da penal os enviara como um expediente de proteção à sua vida.

Finalmente, revelava-se o golpe, o qual Fidel compreendeu como uma tentativa de desmoralizá-lo diante da opinião pública. No dia 5 de julho, escutou por rádio a notícia de que Mirta fora "aposentada do seu emprego no Ministério de Governo". Iniciava-se aqui, na verdade, o afastamento do casal. Como se pode deduzir das cartas abaixo, trocadas entre Fidel, de um lado, Mirta, Conte Agüero e Lídia, de outro, talvez Mirta tenha sido pressionada pela família para tanto, principalmente pelo irmão Rafael, assistente do ministro de Governo.

"Mirta, como não posso crer, em nenhuma hipótese, que tenhas figurado como empregada desse ministério, procede que inicies imediatamente uma querela criminal por difamação contra esse senhor, dirigida por Rosa Ravelo ou qualquer outro letrado. Talvez tenham falsificado tua assinatura e outro esteja recebendo... Se tal situação for obra de teu irmão, Rafael, deves exigir, sem outra alternativa, que ele elucide publicamente essa questão... embora isso possa lhe custar o cargo ou a vida. (...) Não deixes de apresentar, agora com mais razão do que nunca, o escrito a Miguel Quevedo. Atua com firmeza e não vaciles em enfrentar a situação. Peça conselho a Luis Conte, a quem escrevo também umas linhas. Considero que tua pena e tua tristeza devem ser grandes, mas conta com a minha confiança e carinho incondicionais..."[29]

"Luis... Isto é uma maquinação contra mim (...) Peço que me ajudes nisto e que atues em meu nome... Agora me cega a ira e quase nem posso pensar. (...) Estou disposto a processar meu próprio cunhado... É o prestígio de minha esposa e minha honra de revolucionário que estão em jogo (...) Fidel Castro."[30]

"Ontem, domingo, Mirta e Fidelito vieram à nossa casa, pois se julgou preferível que estivéssemos todos juntos... Mas, à tarde, chegaram o pai dela, seus irmãos Rafael e Waldo e sua tia Noelia; e ela decidiu ir embora com eles para Tarara... Decidiu se retirar de toda atividade relacionada contigo... Lídia."[31]

"... Minha querida e fiel irmã:... Respondo-te em seguida ainda que breve, porque não tenho muita vontade de escrever. Não te preocupes por mim; sabes que tenho o coração de ferro e serei digno até o último dia de minha vida... Fidel."[32]

"Luis, não tenho que te dizer o que sofri estes dias, sob os efeitos de uma dor nova, desconhecida e terrível, mil vezes mais angustiosa e desesperante por encontrar-me indefeso atrás de umas grades que mais que nunca me parecem malditas... Trata-se, Luis, de se posso continuar defendendo e representando uma causa; ou de ser ignominiosa, vil e brutalmente destruído... Nunca imaginei que Rafael fosse tão canalha e estivesse tão corrompido; não concebo como pôde sacrificar, tão impiedosamente, a honra e o nome de sua irmã, expondo-a à eterna infelicidade e vergonha. (...) Lídia deve haver te contado a forma indecente com que Rafael a ameaçou. Quanto a mim, disse que se não havia vomitado sangue, vomitaria agora de verdade... Vivo porque creio que tenho deveres a cumprir. Em muitos momentos, dos terríveis que sofri em um ano, pensei quão mais agradável seria estar morto... O pouco que fiz com soma infinita de sacrifícios e nobre ilusão, não poderão destruir... Luis, depois de chorar e suar sangue, que resta ainda por aprender na escola da dor?"[33]

A 26 de julho, completando-se um ano do assalto, Fidel receberia a visita de três ministros – o da Justiça, Gastón Godoy Loret de Mola; o da Fazenda, Marino López Blanco; e o de Governo, Ramón Hermida Antorcha (chefe de seu cunhado, Rafael Díaz-Balart). A única fonte sobre o que foi conversado nessa entrevista é uma carta a Luis Conte Agüero:

"Luis, estava em minha cela, mais ou menos às 13h15, deitado de cuecas, lendo, quando o guarda deu-me voz de atenção. Sem dar-me tempo a nada, entraram o comandante e dois senhores vestidos de linho 'dril cem'... Disse o guarda: 'Castro, os senhores Gaston Godoy e Marino López Blanco querem conhecê-lo e cumprimentá-lo!' Respondi: 'Bem, deviam ter-me avisado um pouco antes, para estar composto...' 'Queríamos sa-

ber como o tratam', disse López Blanco. 'Houve muita dificuldade, mas jamais imaginei a prisão como um hotel ou um palácio.' Desenvolveu-se um diálogo de mais cinco ou seis minutos sobre tópicos sem importância, até que se despediram. Ameaçando sair, o comandante anunciou: 'Castro, o senhor ministro de Governo está aqui e deseja lhe falar, mas não sabe como o senhor o receberá.' 'Comandante, não sou nenhum rapaz malcriado de quem se possa temer uma grosseria. Agora, estou muito ofendido com umas declarações do senhor ministro e, se falasse com ele, seria unicamente para lhe pedir uma satisfação.' O comandante contestou: 'Creio ser melhor que o senhor não trate esta questão.' 'Então, comandante, melhor seria que eu não visse o ministro.'

"Apesar disto, cinco minutos depois, o ministro entrou e, com a maior cordialidade, estendeu-me a mão. 'Castro, quero que saibas que não sou teu inimigo pessoal; tampouco o Presidente o é. Nada tenho contra ti, sou simplesmente um funcionário que desempenha um cargo ministerial. Vocês estão presos por-

Presos e identificados: Raúl, Fidel e Almeida

que foram sentenciados pelos tribunais e minha missão é simplesmente, neste caso, zelar pelo cumprimento das prisões...' Escutava tudo isso em silêncio. Falei: 'Tenho sido agredido em umas declarações suas que pretendem pôr em dúvida a minha integridade moral... Um familiar meu é, por sua vez, um dos altos funcionários do regime; e alheio por completo à minha vontade e conhecimento, fazem figurar um outro familiar, mais próximo, na lista de pessoal de um ministério. O senhor não deveria jamais utilizar essa circunstância para atacar o meu lar e querer pôr em juízo o meu nome. Estou preso e não posso defender-me, nem sequer provar, como poderia, minha ignorância absoluta neste problema, nem exigir responsabilidade a esses funcionários que, valendo-se da condição de família, procederam de modo tão incorreto contra mim. Todos os milhões do tesouro não poderão tentar-me! Como pretender semelhante intriga contra minha honradez?' O ministro, então, declarou: 'Olha, Castro, sei que o culpado disto é Rafaelito, que atua sempre como um menino irresponsável; asseguro-te por minha honra...' 'Está bem, ministro, aceito a explicação do senhor, reservando-me elucidar inteiramente este problema quando estiver em liberdade. De todo modo, reconheço que, de sua parte, foi correto reparar em parte o agravo, compreendendo que o único momento que não tem desculpa ou perdão humilhar um homem é precisamente aquele em que não pode defender-se.' Voltando a insistir que não me impacientasse e que tivesse calma, despediu-se e se foi..."[34]

"E deu-se o caso extraordinário de que, a propósito de Fidel Castro, surgisse uma crise no gabinete de Batista..."[35] A atitude de Hermida indignou de tal maneira o seu subordinado, Rafael Díaz-Balart, que, em carta pública, este censurou duramente o seu superior por essa visita ao "promotor da criminosa intentona". Afirmou que Hermida havia ofendido as Forças Armadas e a memória dos soldados mortos no assalto. O escândalo tomou tal vulto que tanto Díaz-Balart como o ministro renunciaram. Contudo, Batista interveio para superar a crise.

Para completar a trama, faltava o ingrediente mais encoberto e escandaloso. Segundo relembra Alfredo Esquivel, o SIM interceptou uma carta enviada por Natty a Fidel. Rafael tomou conhecimento dela, imediatamente. Daí, providenciaram para que uma carta de Fidel a Mirta fosse enviada para Natty, e vice-versa. Foi o que bastou para se encaminhar um divórcio.

Os irmãos, saindo da prisão

Na saída do Presídio da Ilha de Pinos, com Raúl Castro e Juan Almeida

C A P Í T U L O 1 9

Capa da primeira edição de "A História me absolverá"

Anistia para um duelo

Melba e Haydée conseguiram emprego num lugar onde podiam trabalhar em dias alternados e nunca à noite, evitando despertar suspeitas nos policiais da ronda. Passavam a ferro quente os pedaços de papel contrabandeados do presídio e, assim, revelava-se o texto de *A História me absol-*

verá. Lídia montava os parágrafos, Melba e o pai datilografavam e Emmita prontificou-se a guardar um dos originais num baú do Colégio Ursulinas.

A seguir, escolheram uma gráfica pequena e desconhecida, só que, por algum motivo, a polícia começou a vigiar o estabelecimento. No entanto, deram-se conta a tempo e, concluída a tiragem, a polícia não conseguiu encontrar qualquer evidência, quando vasculhou o galpão. A primeira edição era de 27.500 exemplares, viabilizada com dois mil pesos arrecadados na venda de rifas de dois aparelhos de tevê. A maior quantidade de cópias foi enviada à Província do Oriente, em Cuba, conforme orientara Fidel. Com o auxílio de Conchita Fernández, a ex-secretária particular do finado senador Chibás, a distribuição alcançou Nova York em outubro.

Liberado para compartilhar a cela do irmão, Raúl prostrava-se na janela horas seguidas, olhando um reduzido mundo lá fora. Nessa fase, Fidel também começou a cultivar a amizade do velho guarda do setor, Conrado Selles. Certa vez, Selles mostrou-lhe a sua carteira da Ação Revolucionária Guiteras (ARG), um dos grupos de ação dos anos 30. Fidel aconselhou-o a escondê-la muito bem, para evitar problemas. Selles tornou-se seu protetor. Em uma oportunidade, deixou de lhe entregar um pacote de cigarros que lhe mandaram, desconfiado por este não haver chegado aberto da vistoria, como sempre. Noutra feita, foi ao cozinheiro devolver uma carne de mau cheiro, servida ao prisioneiro, pedindo a substituição de toda a refeição.

De ouvido colado no rádio junto à grade da pequena janela, foi Raúl quem tomou conhecimento do incêndio: "A casa do fazendeiro Angel Castro Argiz, pai de Fidel e Raúl, que se encontram prisioneiros na Ilha de Pinos, queimou..." Raúl desesperou-se, gritou pelo irmão, que pareceu não dar importância ao fato. Foi a 3 de setembro de 1954. A maioria das pessoas que habitualmente circulavam pela casa estava ausente, quando os trabalhadores, da plantação, viram a fumaça subir. O motivo pro-

vável fora um charuto aceso, esquecido pelo velho Castro sobre a mesinha de cabeceira coberta por uma toalha de nylon. Como nenhum estranho havia penetrado no sobrado, descartou-se a primeira impressão, um incêndio criminoso, mas a casa e a tendinha anexa ficaram totalmente destruídas.

Graças ao senso de previdência de D. Angel, a família não ficou sem teto. Anos antes, o velho construíra outra casa na fazenda, pensando no crescimento da descendência, especialmente em Fidel. O próprio Angel fizera as vezes de arquiteto e batizou a casa de La Paloma, e foi para lá que se transferiu. Lina enfrentava mais esse revés. Os furacões da vida moldavam a sua personalidade – o que, diga-se de passagem, gravara-se na genética dos caribenhos, as eternas vítimas de cíclicas intempéries. Já o gosto de Angelita por colecionar lembranças, que a levara a carregar consigo muitas fotos de família para Havana, preservou-as das chamas. Contudo, entre as miudezas ardidas na madeira de pinho, desaparecera a foto de Raúl menino, vestido de sargento[1].

A aparente frieza de Fidel ante o incidente denotava não apenas o penoso aprendizado de controle sobre as emoções, durante a vivência clandestina e do presídio, mas também um estado de concentração em assuntos essenciais, em vias de resolução. Exemplos:

“Querida irmã, alegra-me muito o que me dizes sobre o divórcio, sobretudo que se fará cumprindo estritamente as minhas instruções. Sobre o menino, mantenho o meu ponto de vista... Fundo é o abismo que me separa daquela gente... Resisti a todos os vexames com a mesma firmeza com que saberei exigir a sua reparação; tenho sofrido a ausência injustificável de meu filho, com a mesma fortaleza com que haverei de resgatá-lo a qualquer preço. (...) Presumo que não ignorem que, para tirar-me esse menino, terão que me matar e nem ainda assim... Perco a cabeça quando me ponho a pensar...Te espero no sábado...”[2]

“Querida irmã, o dia em que Pelayo e Jose Manuel[3] estiveram aqui, disse-lhes que acederia, se trouxessem previamente o

menino e o matriculassem no colégio por mim designado, sob a minha custódia; do contrário, apresentaríamos a demanda. Disseram-me que a outra parte poderia contestar, baseando-se no fato de que me encontro sancionado por um tribunal de justiça... Respondi-lhes que, nesse caso, longe de me preocupar, honrava-me que um tribunal houvesse sentenciado contra mim, alegando os digníssimos motivos que me trouxeram à prisão... Permaneço, pois, intransigente; suficientemente cavalheiro para evitar um litígio amargo se devolverem o meu filho seqüestrado e decidido a levar esta luta até onde for necessária. Se alimentam o sonho ilusório de que lhes permitirei educar esse menino como um parasita... Que sobre suas consciências derramem-se todas as responsabilidades de suas condutas; do comportamento humano e vil que evidenciaram em toda a ordem! Foram eles os provocadores de tudo isso... Receba um forte abraço de teu irmão, Fidel."[4]

Em janeiro de 1955, Fidel escreveu a um leal parceiro, Ñico López, companheiro do assalto ao Moncada, que se encontrava no México passando por extremas dificuldades e com intenção de regressar em companhia de Calixto García:

"Se, por hipótese, não os detiverem à chegada, para evitar precisamente o que estamos visando, apresentem-se, então, de livre e espontânea vontade, perante o Tribunal de Urgência de Santiago, a Baudilio Castellanos, que será o vosso defensor... dizendo que o que querem é 'correr a mesma sorte dos companheiros presos' e eles não terão outro remédio senão atuar... A chegada seria precedida por declarações que remeto em anexo, para serem enviadas, com as assinaturas de vocês, à CMQ, a Miguel Quevedo, a Conte Agüero, a Pardo Llada, a Unión Radio, a Manuel Palacio Blanco, a *Prensa Libre*, ao *El Mundo* e ao *Diario Nacional*... O processo reabrir-se-á e agitaremos o país... precisamente antes da posse presidencial. Seria um golpe psicológico formidável, num momento em que todas as vozes reclamam pela nossa anistia. Deves comunicar este plano aos demais compa-

nheiros exilados que te pareça conveniente, mas, olhe bem, como uma idéia tua, porque não quero exercer nenhuma pressão moral sobre eles. Rogo-te não esquecer esta discrição elementar...”[5]

Assim como o seu temperamento transitava do estoicismo à extrema extroversão, a impertinência já não dispensava cautelas. Note-se a mensagem enviada a René Guitart, o pai de Renato (um dos que morreram na ação do quartel), por um intermediário seguro:

“Pareceu-me mais prudente não voltar a lhe escrever porque desconfio da torpeza oficial. Mesmo sendo o senhor um ente tão querido de todos nós, considerado e respeitado nessa cidade, por que crer que não serão capazes de molestá-lo, ao notarem uma correspondência freqüente comigo? (...) Os rapazes emocionaram-se muito... com o retrato... Aqui se supõe que, entre nós, não existe a menor comunicação; e qualquer alusão que, porventura, Pedro (Miret) fizesse ao senhor, revelaria, para a censura, que nos relacionamos...”[6]

E, em contrapartida, os recados malcriados que passava aos representantes da ordem, em adendo à correspondência corrente:

“Não pedi nem peço anistia. Tenho suficiente dignidade para passar aqui 20 anos ou morrer antes, de raiva. Agora, permitam-me, pelo menos, ser cortês e até, de vez em quando, mandar às favas meio mundo e ao diabo os que andam buscando sempre um pretexto para estourar a paciência dos outros...”[7]

De fato, a questão da anistia e de seu alcance era a polêmica central em Cuba, em meio aos desfalques do Tesouro Nacional, expedientes de suborno e peculato, a escassez crescente e uma dívida de cerca de 400 milhões de pesos. Para as eleições de novembro, ganhava força a tese do “voto útil” no ex-Presidente Grau, o candidato a disputar com Batista. Os aliados deste lançaram-se pelo país afora, comprando votos e pressionando o funcionalismo público com ameaças de demissão. Mas Grau renunciaria como postulante às vésperas da votação e Batista se elegeria, derrotando, em particular, a moral dos segmentos promotores de um diálogo.

Divulgada ao público na coluna *Tribuna Livre*, da revista *Bohemia*, a *Carta sobre a Anistia*, versão de um escrito de Fidel, o Conselho do Presídio Modelo foi levado a se reunir para fixar-lhe uma pena adicional. Trechos da carta a seguir:

"Meu bom amigo, resulta impossível guardar silêncio sem que a dignidade se lastime... O interesse que uma imensa parte da cidadania tem demonstrado a favor de nossa libertação, decorre do sentimento inato de justiça das massas. (...) Ao redor deste sentimento, levantou-se uma orgia de demagogia, hipocrisia, oportunismo e má-fé. (...) Alguns alardearam que 'até os do Moncada serão incluídos'. Duvidam, vacilam, mas sabem... se fizerem uma enquete, 99% do povo a pedirá (...)

"Tão estranha a conduta do regime conosco. Em público chama-nos assassinos; em privado, nos qualifica de cavalheiros. Em público, nos combate com exasperação; em privado, vem nos conhecer. Um dia é um coronel que me obsequia um charuto, me oferece um livro... Outro dia aparecem três ministros sorridentes... Agora nos cabe responder, também com civismo, à sujeição moral que o regime impõe quando declara que haverá anistia se os presos e exilados renunciarem à sua atitude; se houver um compromisso tácito de acatamento ao Governo. (...) Convertendo-nos em reféns, tal como os nazistas nos países que ocuparam. (...) Em troca de nossa liberdade, não daremos, pois, nem um bocado de nossa honra... Aos 77 anos do protesto heróico, o Titán de Bronze[8] terá, em nós, os seus filhos espirituais... Fidel"[9]

Fidel foi ressentenciado a 30 dias de privação de comunicações e Raúl foi acusado de cúmplice. Parte da imprensa manifestou-se: "Como todas as primeiras sextas-feiras do mês, Lídia e Emma Castro foram visitar seu irmão... Esperava-as uma rotunda negativa... A situação parece insustentável... Tudo recomenda uma imediata transferência dos combatentes à prisão de La Cabaña (Havana)... Seria cumprir a sentença do Tribunal de Urgência de Santiago de Cuba, que lhes indicou esta prisão militar."[10] Saíram matérias no jornal *La Calle*, outras em *Bohemia*,

programas radiofônicos pronunciaram-se pelo término do isolamento de Fidel e o Comitê Pró-Anistia, sob a coordenação dos pais de Almeida e Montané, ampliou-se sensivelmente. Os ex-sócios de Fidel, os advogados Aspiazo e Resende, apresentaram à Câmara um projeto de lei de anistia com mais de 20 mil assinaturas. A 2 de maio de 1955, o projeto foi aprovado pela maioria dos deputados, aliados de Batista. Para o governante, que assinaria a lei quatro dias depois, a anistia era mais um estratagema dos que se munia em momentos de pressão.[11] Fidel reagiu assim à notícia:

"Minha querida irmã, passei hoje o telegrama sobre a conveniência de alugar o pequeno apartamento. Fi-lo por ver o encantada que estavas com o de 75 pesos (...) Tinha em mente que um pudesse se converter numa espécie de escritório para atender os meus assuntos, deixando o outro exclusivamente para residência de nós quatro[12] ... Quanto à comodidade, se não fosse imperativo viver com um mínimo de decência material, creia-me que eu seria feliz em um canto qualquer, dormindo sobre uma esteira, com um caixão para guardar a roupa. Alimento-me com um prato de nabo ou de batatas e parece-me tão gostoso como o maná dos israelitas... Assim aprendi a viver... e mais independente serei, mais útil, quanto menos me atarem as exigências da vida material. (...)Vou sair daqui com o terno cinza de lã, desgastado pelo uso, embora estejamos em pleno verão... é que o hábito faz o monge e eu sou pobre, não roubei um centavo e minha carreira foi entregue a uma causa (...) Ao enfrentar-me novamente com todos os pequenos problemas cotidianos, talvez sinta falta da tranqüilidade da prisão. Nunca se está satisfeito, mas aqui ao menos os cobradores não molestam. Talvez Balzac, tão acossado sempre por esses personagens, tivesse se sentido muito bem em tais circunstâncias. Oxalá não se cumpra a premonição de que na rua lembrarei do cárcere!Já falei bastante..."[13]

* * *

Domingo, dia 15. Familiares, amigos e simpatizantes – aos quais se juntaram repórteres e fotógrafos – montaram vigília em frente aos portões, sentados na grama. Recebido o telegrama da Audiência de Santiago, o supervisor encontrava-se pronto a proceder à ordem de anistia aos presos. Aos libertos, foram distribuídos os bilhetes da embarcação que partia às 20 horas. Os carcereiros abriram os portões e apareceu a primeira leva descendo as escadas, às 13h05[14]. Menos de meia hora depois, veio a segunda leva: Fidel Castro, Raúl Castro, Juan Almeida, Enrique Cámara Pérez, Agustin Díaz Cartaya, Armando Mestre Martínez, Orlando Cortés e Mario Cháves de Armas.

Da esquerda à direita: os irmãos Raúl, Emma, Juana e Maria Lídia, Melba Hernández, Fidel e Haydée Santamaría, na saída do Presídio de Ilha de Pinos, 1955

"Quero despedir-me do tenente Pérez Díaz", solicitou Fidel. O oficial, chefe da Segurança Pública, aproximou-se. Ele o abraçou: "Com esta manifestação, não quero prejudicá-lo. O senhor é um militar digno e cavalheiro... Não encaro o Exército como inimigo, mas como adversário...". "Aceito qualquer responsabilidade...", retrucou o tenente, agradecendo o gesto à vista de todos. Dirigindo-se aos que se aglutinavam ao redor, declarou Fidel: "Agradeceria, senhores jornalistas, que resenhassem esta cena tal como ocorreu, com a objetividade que conhecem..." Adiante, entre os abraços de boas-vindas, os de Lídia, Emma, Juana, Agustina, Melba e Haydée. Enquanto isso, a saída do terceiro grupo[15] era antecipada, já que começara a chover após um longo período de seca e sol escaldante na região sudoeste.

Ao visitar a família de Montané, Fidel pediu que localizassem o vigia Conrado, que estava de folga e a quem deixou de lembrança o seu rádio. No lobby do Hotel Nova Gerona, repartiu abraços, recordou rostos e nomes e arquivou os que se apresentavam. Não parava de chegar gente ao recinto já lotado. Era evidente que Fidel tornara-se, definitivamente, uma figura nacional. Foi com dificuldade que puderam deslocá-lo até o lugar onde se daria a coletiva.

"Penso permanecer em Cuba... Muitos exilados, antes de regressar, esperarão para ver o que nos sucederá; se há ou não garantias. Serviremos, com prazer, de cobaias. (...) Quanto aos meus planos, não aspiro a nada. Analisarei com meus companheiros a situação política do país e depois atuaremos. Possivelmente, entraremos em contato com todos os movimentos políticos do país. (...) Quanto à ortodoxia, onde sempre militei, quero expressar que muito nos alegra a unidade reconquistada e consideramos como um grande acerto a designação de Raúl Chibás como seu líder. (...) Somos pelo critério de que devem se unir todas as forças morais do país, sob a tese do chibasismo revolucionário. (...) Nem constituinte, nem parciais; isto seria reproduzir o processo eleitoral de novembro, com uma oposição colabora-

cionista. (...) Não há outra fórmula a não ser eleições gerais, no mais breve tempo possível, para que a democracia tenha vigência. (...) Repudiamos os procedimentos terroristas porque são desumanos, anti-revolucionários e beneficiam indiretamente o governo. Nossa linha é a mobilização de massas, não a conspiração...”

Fidel pedia água o tempo todo e transpirava, com a face ansiosa e o olhar agitado. Deixou escapar a alguém mais íntimo, por perto, que se via como um urso no entorno humano. Arrolava explicações, mas era como se reaprendesse a fala, corroída de ferrugem. Ao fim da entrevista, entregou aos repórteres um documento – *Manifesto ao Povo de Cuba*, de Fidel Castro e combatentes – e retornou à casa dos Montané.

À noite, foram a pé ao cais do Rio Las Casas, local do embarque no vapor Piñeiro, a perene ligação da pequena ilha à maior. O amanhecer veio em Batabanó, um porto pesqueiro ao sul da Província de Havana, tomado pelos curiosos. Daí tomaram o trem para a capital às 7 horas.

Na estação de Havana, aguardavam-no os conselhos diretores da ortodoxia e da Federação dos Estudantes Universitários (FEU). Fidel foi retirado por uma janela, carregado nos ombros[16] entre bandeiras de Cuba e o canto do Hino Nacional. À saída, duas discretas viaturas da polícia observavam. Fidel dirigiu-se à residência das irmãs, na Calle 23, em frente à fábrica de Partagás, encontrando-a lotada de políticos, intelectuais e jovens. Sua *guayabera* tivera os botões arrancados, mas sobravam manchas de suor. Os sapatos estavam com os cadarços soltos. Ainda pela manhã, submetia-se a mais um interrogatório.

Era intenção de Fidel não eliminar, a priori, qualquer caminho, embora, no íntimo, estivesse convicto da inutilidade de um trabalho político tradicional. Desejava pôr sobre a mesa todas as alternativas. Logo iniciaria a seqüência de contatos reservados. “Fui conversar com ele de forma independente... A idéia era criar um movimento que poderíamos qualificar de for-

ças morais... deixando para trás a velha política, rompendo com os partidos existentes, onde a figura seria Fidel; e recrutar – vale o termo – todos que estivessem dispostos a lutar contra a ditadura. Se o governo de Batista alimentasse um movimento populista ou até popular democrático – algo talvez impensável, mas que sucedera em 1944 –, então, não haveria razão para a luta armada...”[17], relembra Max Lesnick.

Max propôs-lhe um encontro com José Antonio Echeverría, emergente líder e presidente da FEU, que ocorreria dias depois. A rejeição ao governo seguira num crescendo entre os estudantes. A tensão chegara ao ponto em que os candidatos à direção da entidade renunciaram por antecipação e os partidários de Echeverría, o secretário-geral, proclamaram-no presidente por substituição regulamentar.

“Isso começou com sangue e tem de terminar com sangue”, disse a Fidel, de entrada, o presidente da FEU. Fidel assimilou a declaração como uma espécie de desafio. “Havendo experimentado tudo antes de todos, soava como ruído determinar-lhe o método...”[18], e o acordo ficou em suspenso.

Com o professor García Bárcenas, o divisor de águas continuava sendo a crença deste em uma conspiração militar, enquanto Fidel orientava-se pela insurreição popular. Dois membros da direção do Movimento Nacional Revolucionário (MNR), Armando Hart Dávalos e Faustino Pérez Hernández, presentes ao encontro, saíram junto com Fidel da casa de Bárcenas. Reparando a disposição de ambos de integrar-se ao Movimento, Fidel sugeriu: “Podem ficar conosco... Se o professor produzir um golpe de Estado, então, dêem-lhe apoio...”[19]. No rol de conversas introdutórias, houve ainda uma com Jorge Mañach, o jornalista que coordenava o programa de tevê *Ante La Prensa* e era o líder do grupo Movimento Radical Revolucionário (MRR).

A sós em seu gabinete, Fidel preparou uma nota ao advogado Pelayo Cuervo, comunicando-lhe que apresentaria a sua renúncia como membro do Partido do Povo Cubano - PPC (O),

"pois, agora, proclamam-me militante ortodoxo, mas antes negaram reconhecê-lo, ou silenciaram covardemente..."

Mas a liberdade de ação dos primeiros dias não se prolongou por muito tempo. Ao término de um debate na Onda Hispano-Cubana, com a participação de Fidel, a polícia invadiu a estação e o diretor foi preso. Em 20 de maio, ao chegar a uma concentração na "escalinata" como convidado da direção da FEU, a polícia impediu a sua passagem e a de seus acompanhantes.

Apesar disso, Fidel estava empenhado em garantir um espaço público para sua atuação política. A um repórter especial da revista *Bohemia*, declarou: "Não faremos o que convém ao Governo, que seria entregar-nos às atividades conspirativas. Ratificamos, sem reticências, porque não somos perturbadores de ofício, que se um câmbio de circunstâncias e um regime de garantias positivas exigirem uma mudança de tática de luta, assim o faremos, em acatamento aos supremos interesses da nação..."[20]. Quando ia começar a sessão de fotos, pediu a Max Lesnick que se sentasse ao seu lado.

Mais tarde, dando prosseguimento ao debate, e aproveitando para abrir fendas no estamento militar, declararia: "Não combato, neste escrito, as Forças Armadas. Os soldados caídos em combate terão sempre o nosso respeito de adversários, sem medo e sem ódio por seus familiares, e ajuda generosa quando a revolução pensadora e magnânima for poder..."[21]

O pequeno vespertino *La Calle*, dirigido por Luiz Orlando Rodríguez, lançou aspectos inéditos do massacre militar aos moncadistas. Fidel o convertera em seu porta-voz desde a prisão, quando, baseando-se em uma denúncia apresentada ao Supremo Tribunal, Rodríguez publicara duas reportagens sobre o planejado atentado contra ele e seus companheiros. À exceção dos domingos, dia em que o jornal não rodava, Fidel comparecia às tardes à redação, para escrever. O vespertino mantinha-se com déficit, sempre ameaçado de fechar.

Reservadamente, Fidel tinha definido as suas prioridades. Coordenava a recriação do Movimento, com o seguinte programa: recrutar homens e levantar fundos para uma expedição a desembarcar em Cuba com o objetivo de combater as forças de Batista. Na prática, isso equivalia a equipar e treinar um pequeno exército.

"Tínhamos a disposição de aceitar uma saída pacífica ao problema de Cuba mediante determinadas condições – que sabíamos, de antemão, que não se produziriam nunca... Possuíamos uma estratégia elaborada; conhecíamos muito bem o país, seus políticos e o sistema. Mas importava demonstrar, ante a opinião pública, que não havia solução política com Batista... e bastaram algumas semanas para se provar que ela não existia. Nisso influiu também a tese martiana de que a guerra é o último dos recursos...", declarou Fidel.

O Movimento, decerto, não era outro, sequer programaticamente, mas surgia agora recondicionado com o nome 26 de Julho, conforme sugerido de madrugada em encontro restrito a bordo do vapor Piñeiro. Aproveitava-se, assim, a popularidade do assalto ao Moncada, transformado na opinião pública cubana em símbolo de oposição a Batista. Na verdade, tudo respondia às definições que haviam sido fruto de uma prolongada reflexão no presídio. O princípio geral mantinha-se: o combate armado vinculado à luta de massas.

A direção funcionaria dentro e fora de Cuba, composta por Fidel Castro, Raúl Castro, Jesús Montané, Melba Hernández, Haydée Santamaría, Pedro Celestino Aguilera, Armando Hart; mais os encarregados de atribuições específicas: Faustino Pérez (finanças), Pedro Miret (setor militar), Luis Bonito Milián (frente operária), Ñico López e Pepe Suárez (setor jovem). Estabeleceu-se que Fidel partiria ao exílio em breve, a fim de iniciar a preparação do contingente, sendo seguido mais adiante por Montané, uma vez organizado o aparato de propaganda[22].

No entanto, a pressão aumentava. Raúl Castro foi acusado de haver participado em uma ação terrorista no Cine Tosca, onde

explodira uma bomba. A *Hora Ortodoxa*, o programa da *União Rádio* no qual Fidel se manifestava, foi cancelado. Ele recebeu ainda o veto para apresentar-se no canal 11, uma emissora de tevê, logo na entrada do estúdio, quando chegava para gravar o programa. "A ordem veio diretamente do Palácio. Desejaria saber a que se propõe o Sr. Batista com esse plano de encurralar-me..."[23], declarou o perseguido.

Finalmente, fecharam também o *La Calle*. O telefone de Fidel foi grampeado e ele começou a receber ameaças de morte. Decidiu, então, enviar um relatório ao Tribunal de Urgência, expondo a intenção de oficiais militares de eliminá-lo e ao seu irmão, a quem precisou persuadir a partir para o exílio. Raúl relutou bastante, mas, enfim, solicitou asilo político à embaixada do México. No dia 24 de junho, chegaria à capital do país.

Fidel pressentia que se aproximava também a sua hora de deixar Cuba[24]. Nada mais tinha a fazer, exceto acabar de alinhavar a estrutura do Movimento 26 de Julho (M-26). Em reunião no apartamento de Melba, tratou dos quadros na Província do Oriente: Léster Rodríguez, Bilito Castellanos (organizações cívicas), Frank País (operações) – cuja organização, ARO/ANR, acordou fundir-se à de Fidel – Ramón Alvarez (frente operária), Gloria Cuadras (propaganda) e, como tesoureira, Maria Antonia Figueroa, que veio de Santiago convocada por Fidel. Era uma das moças que foram saudá-lo à porta do hospital onde se realizara o seu julgamento, quase dois anos antes. Na hora, Fidel não respondera ao chamado, por um bom motivo. Mas guardara bem o rosto da moça e sentia que lhe devia uma explicação. Assim que a encontrou de novo, informou-a que, na época, teve a intenção de protegê-las da polícia[25].

Não havia mais aparentes ambiguidades nas proposições políticas de Fidel. Numa reunião, ao ser defendido o nome de Ñico López como candidato às próximas eleições na Juventude Ortodoxa (JO), Fidel, delimitando as fronteiras, argumentou que o mais adequado seria trabalhar o apoio da entidade à posição

insurrecional. O cerco contra ele se fechava. O próprio Ramón veio a Havana para lhe dizer que se metesse urgente também em uma embaixada, mas Fidel sustentava que sairia do país normalmente, pelo aeroporto. Retirou o novo passaporte, nº 17702, válido para deixar o território nacional até 24 de agosto. A seguir, providenciou o visto como turista, expedido com o nº. 2863, pelo consulado mexicano, válido por seis meses.

Lídia ajudou-o a preparar a maleta, sempre com mais livros que roupas. Muitos foram vê-lo, a outros telefonou ou visitou. Passou pela revista *Bohemia*, que estava produzindo uma enquete sobre o anúncio da volta de Carlos Prío. Foi quando aproveitaram para tomar uma declaração sua a respeito:

"Não é possível que Carlos Prío regresse a Cuba sem que seja enviado à prisão, onde se encontram vários cubanos, falsamente acusados de terrorismo, em uma causa na qual ele é apontado como o principal responsável.... Não se concebe, portanto, que Batista e seu ministro Santiago Rey declarem publicamente que Prío não será incomodado, quando existem já três ordens de detenção contra ele, ditadas pelo Tribunal de Urgência. (...) Então, por que estão detidos Juan Pedro Carbó, Carbonell Duque e José Machado? Meu próprio irmão teve que tomar o caminho do exílio, acusado igualmente, quando se encontrava a quilômetros de distância junto a meu pai enfermo... Não sei se são sinceras, por conseguinte, as palavras de Prío ao anunciar seu regresso a Cuba em tom de paz. Permitirão que fale? Teríamos que reconhecer que é um afortunado... Estou fazendo as malas para ir-me de Cuba, ainda que até o dinheiro do passaporte tive de pedir emprestado... Depois de seis semanas na rua, já não creio em eleições gerais. Fechadas ao povo todas as portas para a luta cívica, não resta outra solução que não as de 1868 e 1895..."[26]

A Pepin Sánchez, "o mais fiel colaborador de Chibás", entregou uma dedicatória em um exemplar de *A História me absolverá*: "Com todo o afeto e a admiração de quem parte amanhã para empreender uma luta da qual não se regressa; ou se

volta com a tirania descabeçada aos pés. Fidel Castro, Havana, 6 de julho de 1955."

Esteve ainda no apartamento de Carmen Castro Porta, para conversar sobre a Frente Cívica das Mulheres Martianas (FCMM). No café Las Delicias de Medina, em L e 21, falou com José Antonio Echeverría e Fructuoso Rodríguez, acompanhado por Ñico López. Outra participante da FCMM, Pastorita Nuñez, presa pouco tempo antes, veio buscá-lo em um automóvel. À noite, jantou com Jorge Azpiazo.

O casamento com Mirta estava legalmente desfeito. O divórcio concluíra-se a 18 de junho de 1955, com a separação de bens prévia à liquidação contratual. Na audiência pública, compareceram os advogados de Fidel, mas não o de Mirta (Aramís Taboada). O menor Fidel, de cinco anos, ficou em poder e sob custódia do pai, sem prejuízo de comunicação com a mãe. Vale dizer que nesse seu breve período livre no país, além de Natty Revuelta, Fidel relacionou-se com uma outra mulher: María Laborde, que integraria o M-26.

Acompanhando Fidel na despedida, estavam o filho Fidelito, as irmãs Lídia e Emma, María Laborde, Gustavo Amejeiras e outros companheiros. No saguão do aeroporto, encontrou-se com juristas de renome, dois dirigentes estudantis – René Anillo e Juan Nuiry – e o comentarista de rádio Guido García Inclán. "O Dr. Fidel Castro, destacada figura da oposição, recentemente anistiado, declarou que residiria em algum lugar do Caribe", apareceria com destaque nos matutinos.

Ao regime, ele deixava o gosto de vencedor de um duelo. Embarcou no vôo 566 da Mexicana de Aviação, que tocou a terra de Mérida, na Península de Iucatã, na tarde de 7 de julho. Trajava seu desgastado terno cinza de lã, como imaginou meses antes, saindo para um regresso.

CAPÍTULO 20

Com Jesús Montané, no exílio mexicano, 1955

México, Texas & New York

A escala em Mérida foi muito breve. A seguir, Fidel tomou o vôo para Veracruz, em rota sudoeste sobre o golfo de Campeche. Ao chegar, foi procurar um amigo que fixara moradia por lá, o escultor Fidalgo. Pernoitou em sua casa e na manhã do dia 8 de julho de 1955 pegou o ônibus com desti-

no à capital, Cidade do México. Na rodoviária, esperava-o uma cubana desconhecida.

Maria Antonia González transferira-se para o México desde o ano anterior, após o assassinato de seu irmão em Havana. Casara-se com um mexicano, o profissional de luta livre Ansacio Kid Vanegas, e vivia em um modesto apartamento de um bairro central. O número 49 da Calle Emparán tornara-se um refúgio de desgarrados do sistema. "Reuni-me na primeira noite ali com Raúl e mais dois ou três cubanos. Traçamos um plano de como obter notícias de Cuba, até o modo de nos aproximarmo de figuras influentes no país, que poderiam ser úteis... a seu tempo", relembrou Fidel.

Dia 9, pela manhã, depois de instalar-se em um quarto de uma pensão ordinária não muito longe de Emparán, Fidel saiu para dar um passeio em companhia de Kid Vanegas, com a intenção de se familiarizar com os arredores. Começou pela Avenida Juárez, respirando o ar frio de um vale seco, a 2.300 metros de altitude, impregnado da atmosfera cosmopolita. Com duas horas de conversa e caminhada, sentiu que podia confiar em Kid, o lutador.

Dessa forma, iniciava a etapa de sua mais profunda clandestinidade, repleta de artimanhas e peripécias, a ponto de, até hoje, persistirem discrepâncias na reconstrução de seus movimentos nessa fase[1]. Todo cuidado era pouco. A qualquer suspeita de risco, Fidel subitamente sumia de vista. Nem mesmo sua decantada memória elefantina assimilou a totalidade dos contratempos.

Para corresponder-se com seus companheiros, em Cuba, adotou o codinome de Alicia Zaragoza, chamando Sara a Pedro Pérez Font e/ou Luis Conte Agüero. Alicia era de fato uma mexicana que ajudava Maria Antonia nos afazeres domésticos.

"Querida Sara, rogo que me desculpes o atraso em escrever duas linhas. Passei os primeiros dias tratando de acomodar-me e me adaptando ao novo ambiente. Vou me ordenando e pisando firme... Quanto aos recursos, sustento-me com os últimos. Meus gastos pessoais são bem módicos, mas ainda pago a comida de

dois ou três cubanos... Cozinha-se na casa de uma senhora cubana e basta-nos qualquer coisa. Levo uma rígida administração dos centavinhos que trouxe e espero que, com esse sistema, ninguém passe fome; nem agora nem depois. Cada qual tem resolvido, mais ou menos, o alojamento à sua maneira. Hoje, limito-me a informar a este respeito. Para enviar-me algum dinheiro, leva ao City Bank e, através da sucursal que eles têm em outra cidade, transfiram a Alicia Zaragoza, Loja de Móveis Acapulco, Ramón Guzmán 318, México, D.F... À parte disso, podes escrever ao mesmo endereço para dar notícias de vocês. Interessa-me sobretudo saber que mantêm muita fé. Estou dedicado, por inteiro, ao meu trabalho... Afetuosamente, Alicia. P.S.: Os amigos do americano encarregaram-me de dizer que logo te escreverão."[2]

As primeiras cartas seguiram por um intermediário que lhe inspirou confiança. Num papel à parte, anotou o destinatário, a quem seria entregue um envelope destinado a Melba, com uma carta de uma página para a Doutora (ela mesma), em cujo verso listou, com o método da escritura simulada – com uma caneta de ponta bem fina molhada em sumo de limão –, cinco opções de nomes com endereços seus para qualquer comunicação e uma outra ao Médico (Faustino Pérez), a quem narrou pormenores de seu cotidiano. O governo mexicano era tolerante em política exterior, mas não os agentes de Batista no estrangeiro.

"Vivo em um quartinho e o tempo de que disponho livre, dedico a ler e estudar. Agora estou documentando-me sobre o processo revolucionário do México, sob a direção de Lázaro Cárdenas. Mais adiante penso redigir o programa revolucionário completo que vamos apresentar ao país em forma de folheto, que poderá ser impresso aqui e introduzido clandestinamente em Cuba. (...) A norma básica de meus passos é e será sempre de suma cautela e absoluta discrição... Tenho procurado fazer-me notar o menos possível..."[3]

Na comunidade cubana, embora esta não fosse muito grande, havia alguns em boa posição, aos quais poderia recorrer.

Mas tratou de estabelecer contatos de forma lenta e prudente, assim como fez com a cidade – a Avenida Ramón Guzmán (ou Insurgentes), a mais comprida do mundo; o Passeio da Reforma, o Zócalo, o trânsito angustiante do dia e a noite iluminada e delinqüente.

Carecia de dinheiro; ossos do ofício. Decidiu levar o seu sobretudo a uma loja de penhores – no México, esses estabelecimentos eram estatais e cobravam juros razoáveis – e obteve por ele 80 pesos. Na condição em que se encontrava, qualquer providência tornava-se mais complexa, assim como a instalação em terra estrangeira.

"Querida Doutora, fico louco de impaciência de saber como andam os trabalhos (...) Por um emissário seguro, penso enviar logo, já impressas, algumas centenas ou talvez milhares do *Manifesto Nº 1*. (...) Cada um sairá com um intervalo de duas semanas... É muito importante que busques duas pessoas, mulheres se possível, de absoluta confiança, às que, como substitutas de vocês, eu possa dirigir a correspondência, como faço agora. Preocupa-me este ponto... Considero que a idéia de ir retirando da frente interna cada companheiro cujas atividades se façam evidentes é formidável; mas é absolutamente indispensável que, no comando das tarefas, fiquem pessoas da maior capacidade e confiança. O êxito depende de que não se desarticule uma só peça do aparato; que todos os métodos de comunicação, coordenação e substituição se superem cada vez mais. Aqui realmente necessito de colaboradores, tanto em um lado como em outro... Encontrarão um terreno que já vou conhecendo cuidadosamente... e os dias, para cada um de vocês, serão menos amargos do que aqueles que tive de viver, abrindo passagem em um cenário completamente novo, cheio de inquietação... Contudo, nada me desanima, como nada deve desanimar vocês. Pelo contrário, cada dia descubro um detalhe novo, um modo de transpor barreiras que parecem irreversíveis... Não obstante, trabalho com grandes obstáculos por falta de meios; não sei se até fome teremos de

passar nos primeiros meses... Esforço-me para que, quando venham, encontrem condições de vida mais aceitáveis...Tenho para P.M. (referia-se a Pedro Miret) e senhora acomodação em casa de uma família cubana, que não lhes custará nada. Bom seria que me pudessem enviar, entre 10 e 15 de agosto, alguém com um amplo informe verbal, e a viagem deve ser feita com a maior economia: Havana-Veracruz em barco, Veracruz-México em ônibus. Tudo perfeitamente possível por 60 pesos. O companheiro poderá regressar ou permanecer definitivamente aqui, mas deve-se buscar uma pessoa idônea que possa ir e vir quantas vezes seja necessário. De Alfarez, que me visitou, tive boa referência. É um pouco louco, segundo me disseram, o que é uma virtude nesses tempos de tanta gente certinha... E vocês? Tiveram referência dele? Qualquer pessoa que vier me ver deve se alojar em um hotel qualquer da cidade e deixar logo uma mensagem no edifício onde Raúl mora. Serei localizado prontamente... Duas vezes por dia perguntamos se há carta ou mensagem. Endereço de Raúl: Calle Ramón Guzmán, nº 6, apto. 29, México, D.F. Abstive-me de fazer declarações públicas à minha chegada. Ademais, o pudor me impede. Não é direito levar, a nenhum lugar do mundo, as penas de Cuba, enquanto houver um cubano que possa pegar um rifle para remediá-las. (...) No mais desaventurado dos casos, poderá se dizer de nós, no dia de amanhã, que soubemos morrer ante um impossível, mas que não nos viram chorar de impotência. Como me preocupa não ter sequer a segurança de que esta chegará ao seu destino! Estarão interceptando todas as cartas que vêm para mim, ainda que nem sequer me mencionem? Sinto-me mais isolado do que quando me tinham em uma cela solitária. Quanto desejo de saber de vocês! Não me façam esperar nem um minuto, tão logo recebam esta. A todos desejaria falar em particular, mas não seria o mais discreto. Para todos, o meu mais fraterno abraço, Fidel."[4]

* * *

Em casa de Maria Antonia, conheceu a peruana Laura Meneses e o portorriquenho Juan Juarbe. Na colônia de republicanos espanhóis, descobriu um personagem, o general de aviação Alberto Bayo, nascido em Cuba, mas com uma carreira na Espanha e, sobretudo, na legião estrangeira, especialmente no Marrocos. Bayo tinha características peculiares; era caolho e notório pelas conferências que proferia, recomendando a tática das guerrilhas. Levado por um amigo comum, Javier Cancio Peña, Fidel foi à casa do general, na Av. do Country Club. Transcorridas as formalidades de apresentação, em poucos minutos gesticulava prodigamente, de pé, no centro da sala, dando uma quase reprimenda naquele senhor idoso: "Você é cubano e tem a irrefutável obrigação de nos ajudar!". Era uma espécie de ardil de choque para persuadi-lo a treinar seus homens para guerrilha, "quando os tivesse organizados para um futuro desembarque em Cuba e só depois que pudesse comprar os barcos", de acordo com o que recordou posteriormente o general. Ao ouvir a pregação de Fidel, Bayo viu, no mínimo graça, em um rapaz que almejava levantar uma montanha com uma só mão. Para seu próprio espanto, sentiu-se estimulado a aceitar a proposta.

México, 1956

Fidel havia se informado previamente sobre as preferências do general e reforçou o seu discurso com pinceladas de desprezo por Franco. Tiro e queda. Na despedida, garantiu-lhe que, em sete ou oito meses, voltaria a procurá-lo para a tarefa. "Obrigado de antemão, ainda que não se deva agradecer a um cubano por morrer por sua pátria...", acrescentou.

* * *

Para comemorar o 26 de Julho, optou por nenhum alarde, exortando os envolvidos a se absterem de comentar o assunto publicamente. Na manhã daquela data, depositou flores no Monumento aos Meninos Heróis de Chapultepec[5]. À noite, compareceu a um ato no Ateneu Espanhol, promovido por jovens do Movimento Continental Indo-Americano, quando refugiados antifranquistas manifestaram a sua admiração pelos moncadistas. Depois, Fidel seguiu para uma confraternização na casa das cubanas Eva e Graciela Jiménez, onde ele mesmo preparou os "spaguettis" com mariscos e queijo. Na ocasião, um convidado argentino passou grande parte do tempo observando-o. Reparou, por exemplo, que Fidel manteve-se silencioso e reservado – mais uma razão para reforçar a sua decisão de aproximar-se daquele exilado cubano sobre quem já tanto se falava. O observador curioso era um médico. Seu nome, Ernesto ("Che") Guevara.

"Che" (em linguagem coloquial dos pampas: "Olá", "Caramba" e "Que coisa!") foi o apelido que lhe deram os amigos cubanos. Conhecera alguns na Costa Rica e na Guatemala, fugitivos da ditadura e do Moncada, como Ñico López. Havia poucas semanas, quando tirava fotos na praça da catedral, reencontrara Ñico e conheceu, então, Raúl Castro. A afinidade entre "Che" e Raúl fez com que este providenciasse a oportunidade de apresentá-lo ao irmão.

O encontro entre Fidel e "Che" correu em clima de muita cordialidade e sutis sondagens mútuas. O tema principal foi o

Continente americano e a política internacional. "Che" transmitiu uma compreensão do processo social latino-americano, segundo a experiência que vivera em seu vasto e desatinado périplo por diversos países, as outras realidades latinas que Fidel ansiava por conhecer mais intimamente. Trocaram idéias, por exemplo, sobre a instituição militar e como as forças armadas se comportavam diante de uma situação insurrecional.

"Che" acreditava que o exército, em qualquer país, não poderia ser ganho para a causa revolucionária – a tendência conservadora da instituição e a influência estadunidense a levariam sempre a contrapor-se aos movimentos de transformação, principalmente em sua fase insurrecional. Baseando-se na experiência boliviana de milícias populares que havia testemunhado durante o governo de Victor Paz Estensoro (1952-56), acreditava ser preciso armar o povo para manter o processo em curso e não deixar debilitar-se a experiência. De fato, a hesitação quanto a esse passo, no bojo da crise, acabaria conduzindo ao retrocesso na Bolívia (ao governo de Paz Estenssoro, sucederia o do conservador Hernán Siles Zuazo, que duraria até 1960). Sob aquele argumento, "Che" justificava a necessidade de uma "instituição militar revolucionária", a mesma direção que Fidel defendia.

Abordando uma temática tão ampla, registrou-se o fato de "Che", naquela noite, ter deixado a falação mais a cargo de Fidel – este, na ocasião, afônico, lutando contra uma teimosa gripe que denunciava a estranheza de seu organismo ao clima da Cidade do México. Ao contrário do cubano, não era do temperamento de "Che" a premência em polemizar. Ouviu detidamente o relato de Fidel sobre a sua experiência no Bogotaço, o fracasso do Moncada e a estratégia de abandonar Cuba para regressar, reprisando Jose Martí, mas com o fim presente de provocar a revolta popular, derrubar o ditador e seu exército. Percebeu mais: a fala era orquestrada pelo fino bigode e um olhar míope que esquadrinhava cada tema, atrás dos grossos óculos. Havia naquele encontro uma curiosa coincidência. Fidel apresentava a

"Che" a possibilidade de engajar-se num destino ao qual o argentino ansiava por abraçar.

De sua parte, Fidel intrigara-se com o seu interlocutor. Embora impelido a captá-lo ou decidido a descobri-lo, resolveu que o melhor era ter cautela na aproximação, ainda mais porque percebia em "Che" uma inteligência que escondia bem além do que expressava. Em dado momento, quando "Che" lhe disse que era médico, surpreendeu-se. Para ele, não se encaixava no perfil do personagem à sua frente. Contudo, ao amanhecer, o novo conhecido já estava investido no posto de médico da futura expedição e, num encontro seguinte, encontraram-se para jantar. Foi quando "Che" apresentou-lhe Hilda Gadea, a peruana com quem se casaria.

* * *

Fidel desesperava-se pela falta de qualquer palavra direta proveniente de seus companheiros em Cuba. Duas vezes por dia passava pela residência de Raúl, para conferir se haviam chegado notícias ou mensagens. A espera seguiu, em vão, até 1º de agosto, quando chegou às suas mãos a primeira carta, vindo da direção do Movimento 26 de Julho (M-26) que permanecera em Havana. Por essa mensagem, compreendeu que não poderia confiar tanto assim na sua intuição para designar pessoas de confiança. Não tinha muitas alternativas, é verdade, mas, de qualquer modo, reelaborou – ou complicou ainda mais – o estratagema usado para comunicação:

"Queridas irmãs, ontem, por fim, recebi notícia direta de vocês e, com ela, o anúncio de que um amplo informe chegaria de um momento a outro. A primeira comunicação que me dizem não haver recebido (uma carta para o Médico e outra para a Doutora) foi enviada por um empregado da Cia. Cubana de Aviación chamado Ramón Jaliana, de média estatura, delgado, moreno, de 28 anos de idade. Estava tirando férias... Que alguém averigüe na sede em Havana. Na representação do México,

disseram-me que o rapaz não pôde localizar o destinatário... Pensei em lhe escrever em termos muito duros, mas como ao menos se desculpou, o farei mais suavemente... Tive a impressão de que era um pouco covarde... Espero até setembro ter canais seguros. (...)

"Hoje vão diversas comunicações, com uma letra, a princípio, em cada uma, para identificá-las... Se recuperarem a primeira comunicação, podem utilizar três dos cinco endereços que vão nela, no dorso; pois, estando escritos todos de forma especial, pode-se comprovar perfeitamente se foram descobertos ou não. (...) É o menos provável, pois um dos cinco endereços é o que trazia a carta de ontem e que informei por outra via..."[6]

Em tempo: a dita "via" era o amigo Pedro Pérez Font, codinome de correspondência Sara, a quem escreveu no mesmo dia agradecendo os 85 pesos enviados e informando-o de que, dali para frente, manteria o nome de Alicia Saragoza para correspondência, mas um outro endereço: Heroes no. 46, ap. interior 7, México, D.F.[7]

Segue Fidel:

"(...) Desses, não usem os da Calle Canarias 605, nem o da loja de móveis Acapulco. Isso se deve a que Alicia já não trabalha na loja e o rapaz da Calle Canarias se mudará de um momento ao outro... À parte os restantes, envio o seguinte endereço que é muito seguro: Sra. Haida Pi Gonzalez – Nicolas San Juan no. 125 Ap.3 – Colonia Navarte, México D.F... Não mencionem meu nome jamais, para nada. Além disso, devem me escrever todas as cartas e informes com a maior discrição. Em casos de maior cuidado, utilizem o método especial. Logo teremos que usar código..."[8]

E passaria a comentar a alardeada volta do ex-Presidente Carlos Prío a Cuba, em 6 de agosto:

"Ninguém sabe. Não disse a ninguém a que se propõe... É possível que nem ele mesmo, o protagonista principal da cena montada, saiba. Se daqui ao dia 6 não ocorrer em Cuba absolu-

tamente nada, não concebo de que forma poderá ele viabilizar um movimento insurrecional! De tudo isso, deduzo, como o mais provável, que se não adotar abertamente a tese pacifista eleitoral, irá parar nas celas do Castelo do Príncipe, posando de vítima. As conspirações estão no ambiente... prenhe de intranqüilidade... As armas seguirão transitando. Até quando poderão, pois, continuar mantendo, nessas circunstâncias, a fábula insurrecional? O problema de Cuba se enredará como um nó 'gorkiano', que só uma revolução poderá desfazer..."[9]

Finalizava a carta pedindo informações sobre o andamento das tarefas de cada um, sobre a situação de diferentes organismos, como a JO e a Frente Cívica das Mulheres Martianas. Enfatizava ainda a necessidade de arrecadarem fundos e concluía a carta com uma curiosa exortação: "Volto a reiterar minha promessa de que, se o que almejamos não for possível, se ficarmos sozinhos, me verão chegar em um bote, a uma praia qualquer, com um fuzil na mão... Fidel".

A preocupação de Fidel quanto a dispor de um emissário confiável tornava-se ainda mais crítica diante de sua intenção de enviar para Havana um manifesto importante, que viria a ser o primeiro documento oficial do M-26. Para tanto, foi visitar Onelio Pino, conhecido de Ñico, e, lá, deparou-se com as irmãs Ondina e Orquidea. Já encontrara esta última no Ateneu Espanhol. Convidado à sua elegante mansão, iniciou conversa com o marido dela, o engenheiro mexicano Alfonso Gutiérrez. Decidiu contar-lhe que planejava uma expedição a Cuba. Gutiérrez interessou-se em colaborar e, um dia depois, estava à procura de Fidel, em casa de Maria Antonia. Ali encontrou Jesús Montané, que acabava de chegar ao México para tornar-se o assessor particular de Fidel, além do tesoureiro-geral da organização.

Disfarçado entre as páginas de um volume da *História Inca*, o manifesto, reproduzido abaixo, foi impresso numa gráfica da Cidade do México. Foi acertado que Ondina seria a emissária. Fidel encarregou Melba de providenciar papel su-

ficiente e mimeógrafo para rodar 50 mil cópias, a serem distribuídas no Cemitério Colón a 16 de agosto, data de aniversário da morte de Chibás.

"*Primeiro Manifesto do 26 de Julho ao Povo de Cuba*: Cuba é a minha Pátria e a ela não voltarei, ou voltarei dignamente como tenho prometido... Ou conquistamos a Pátria a qualquer preço, para que se possa viver com decoro e honra, ou ficaremos sem ela... Pátria é algo mais que opressão, que um pedaço de terra sem liberdade e sem vida... Em Cuba só podem reunir-se livremente os incondicionais do regime ou os que fazem o jogo de uma oposição dócil e inofensiva. Os que duvidam da firmeza com que levaremos nossa promessa, os que nos vêem reduzidos à impotência, porque não temos fortuna privada, nem milhões roubados do povo... Aos que aconselham, impudicamente, a assistência a eleições parciais como solução nacional, respondemos: A quem importam essas eleições? A inconformidade não está nos políticos que ambicionam cargos, mas no povo que ambiciona justiça. Pensam muito mal dos cubanos os que crêem que seus graves problemas se reduzem a satisfazer o apetite de uma centena de minguados aspirantes a umas quantas prefeituras e cadeiras de deputados. Que resultou da politicagem nos últimos 50 anos? Discursos, contos de vigário, mentiras, embromações, traições, enriquecimento indevido, palavrório oco, corrupção, infâmia. (...) Se queremos o poder, é como um meio e não como um fim em si mesmo... A hora atual de uma América cada vez mais invadida de ditaduras reacionárias... A única solução cívica que aceitaríamos, a única honesta, lógica e justa é a de eleições gerais imediatas sem Batista. Enquanto seguiremos sem descanso em nossa linha revolucionária... Direitos se conquistam, não se pedem; arrancam-se, não se mendigam... (...) O 26 de Julho é de todos que, sinceramente, desejem restabelecer a democracia política e implantar a justiça social. Seu programa: 1 - proscrição do latifúndio; distribuição de terra aos camponeses, pequenos

proprietários, colonos, parceiros e posseiros, com ajuda econômica e técnica do Estado e redução de impostos; 2 - restabelecimento das conquistas dos trabalhadores operários, anuladas pela ditadura, com o direito a participar dos lucros... em determinadas épocas do ano, independentemente do salário; 3 - industrialização imediata do país planificada pelo Estado, utilizando-se todos os recursos econômicos e humanos da Nação; 4 - rebaixamento vertical dos aluguéis; construção pelo Estado de moradias para dar abrigo às 400 mil famílias residentes em barracos; extensão da rede elétrica a 2,8 milhões de pessoas das zonas rural e suburbana; conversão de cada inquilino em proprietário, por amortização do valor do imóvel a longo prazo; 5 - nacionalização dos serviços públicos; 6 - construção de 'cidades infantis' com fim educacional; 7 - extensão da cultura; 8 - reforma geral do sistema fiscal, evitando-se 'o mal manejo' dos fundos pelo Estado, a satisfazer as necessidades da coletividade; 9 - reorganização da administração pública e estabelecimento da carreira administrativa; 10 - implantação de 'classificação inviolável' na hierarquia militar; supressão da pena de morte no Código Penal Militar por delitos cometidos em época de paz; prestação de funções de benefício social pelos institutos armados; 11 - retribuição generosa ao funcionalismo, aposentados e outras categorias de interesse nacional, como médicos e professores; 12 - fim da discriminação racial; 13 - Seguro Social e Estatal contra o desemprego; 14 - Abolição dos tribunais de urgência e reestruturação do Poder Judiciário; 15 - confisco de bens dos dilapidadores do dinheiro público... A Revolução Cubana realizará todas as reformas dentro do espírito e dispositivos de nossa Constituição avançada de 1940... castigará com mão firme todos os atos de violência contra a pessoa humana que se estejam cometendo sob a tirania, mas repudiará toda a manifestação de vingança inspirada no ódio e nas baixas paixões... Não faz compromisso com grupos ou pessoas de nenhuma classe, nem a ninguém oferece empregos públicos civis ou cargos nas Forças Armadas... Respeitará a capacidade e

o mérito, jamais o Estado como presa de guerra de um grupo vitorioso... Pensamos, como Martí, que o verdadeiro homem não olha de que lado se vive melhor, mas de que lado está o dever... Em nome do Movimento Revolucionário 26 de Julho, aos oito dias do mês de agosto de 1955... Assina o exposto, Fidel Castro."[10]

* * *

Concomitantemente, membros do M-26 conseguiriam que a mensagem de Fidel às 500 pessoas presentes ao Congresso de Militantes Ortodoxos fosse incluída como um dos seus documentos oficiais:

"(...) Ao inverso do conto famoso, vamos crer que sob o disfarce do lobo se encontra a cândida avozinha? (...) Basta observar como cobriram de insultos a venerável figura de D. Cosme de la Torriente e a Sociedade de Amigos da República, em resposta às suas gestões. A ninguém ocorreu gritar bem alto, com toda a força que a razão dá: para que haja paz é necessário que haja justiça; para que haja paz é necessário que haja direitos; para que haja paz é necessário liberdade; para que haja paz é necessário que o Sr. Batista renuncie à Presidência da República. (...) A oposição pede eleições gerais como única fórmula de solução pacífica. Que fará se Batista, como é provável, se negar totalmente a conceder essa única fórmula de solução? Cruzará os braços a chorar como Magdalena, o que não teve a coragem de exigir com decoro? (...) Cuba está em uma encruzilhada, que marcha para uma prostração política e moral mais vergonhosa, que pode durar 20 anos, como dura sem esperança em Santo Domingo e outros povos de América... As eleições parciais são um caminho; o outro se chama revolução: exercício do direito que têm os povos a rebelarem-se contra a opressão, a continuação histórica da luta de 1868, 1895 e 1933... Os ortodoxos sabem que chegou a hora de escolher entre uma e outra.

"Não foi conquistando posições que se fundou a ortodoxia. Renunciando a elas fez-se grande Eduardo Chibás e os que o seguiram, abandonaram o poder e foram lutar a campo aberto, sacrificando ministérios, atas de senadores e prefeituras. (...) Façamos, os ortodoxos, um exame de consciência desde 10 de março, quando nos arrancaram o triunfo das mãos. (...) O Congresso de Militantes se reuniu; é um grande passo. Nossa felicitação sincera a seus organizadores e a Raúl Chibás, que lhe deu todo o apoio. (...) Não constituímos uma tendência dentro do partido; somos o aparato revolucionário do Chibasismo enraizado em suas massas, de cujo seio surgiu para lutar contra a ditadura quando a ortodoxia jazia impotente, dividida em mil pedaços. (...)"[11]

Na ocasião do Congresso Ortodoxo, a Ação Cívica de Nova York acabou estendendo a Fidel um convite para visitar a comunidade de emigrantes. Informado por Fouché (Pedro Miret), ele aceitou o convite, considerando que a viagem poderia ser útil para angariar adeptos e fundos. Registrou-se, ainda, o encontro de Fidel para conversações, no México, com Justo Carrillo, dirigente de um outro grupo cubano insurreto, a Ação Libertadora.

Nesse meio tempo, em Cuba, crescia a idéia de designar Fidel para o posto de secretário geral da JO, o que acarretaria um efeito desintegrador. Uma reunião celebrada em Prado 109 (em setembro de 1955), com o assunto em pauta, foi encerrada debaixo de uma sessão de troca de bordoadas entre os participantes. Na verdade, Fidel não aspirava ao cargo, por não acreditar mais nos espaços institucionais da política cubana. Pelo contrário, via a JO, assim como outras organizações, como bases de apoio à insurreição, liderada pelo M-26. Mandou o recado através de Jesús Montané, que enviou carta a JO, utilizando o pseudônimo de Canino e referindo-se a Fidel como Alex:

"(...)Alex não pode ser um aspirante a essa posição, nem pode se apresentar em nenhum momento como tal. Esse é o critério de todos nós e o único ponto em que discrepamos do magnífico informe que enviaram. Seria conveniente que, por parte dos nossos

elementos na Juventude, se preparasse alguma declaração de que Alex não está aspirando, nem nunca aspirou a nenhum cargo dentro do partido, que renunciou ao cargo que lhe ofereceram como membro do Conselho Diretor e como presidente da Assembléia Municipal de Havana. (...) a luta dentro da JO é apenas parte do grande plano de trabalho que estamos desenvolvendo, dentro dos setores revolucionários de nosso país. (...) Canino."

Em Havana, Melba também receberia instrução paralela:

"O acordo a que se chegue – se as circunstâncias não impedirem – teria que ser de conhecimento público antes do congresso e esse acordo não poderá ser outro serão a total adesão da JO à linha revolucionária do 26 de Julho. (...) Como medida previdente, é indispensável expedir instruções imediatas a todos os nossos representantes na Juventude para que levem o maior número de delegados possíveis ao congresso. (...) Este parágrafo me foi ditado por Alex e o transcrevi textualmente. Acrescenta que lamenta muito não poder ser testemunha da boda, mas que aqui te faremos (a 9 de outubro, quando chegues) uma modesta, mas cálida e fraternal recepção; que não creia que vou te absorver em seguida, porque primeiro terás que conversar com todos, longas horas, antes de me entregarem a certidão de casamento. Querem que nosso matrimônio seja um modelo de união revolucionária. (...) Para ti todo meu carinho de companheiro e futuro esposo, Canino. P.S. 3: Lembra de trazer a 9 de outubro a maquininha portátil de escrever que está na casa de Lídia. Faz muita falta."[12]

Logo chegavam ao México Melba e muitos outros membros do M-26. Orquidea Pino seria a fiadora dos aluguéis dos novos locais. Em Havana, Miret, com Faustino e Pepe Suárez, prosseguia contatos com vertentes autênticas para a obtenção de armas. Além de haver ampliado relações com grupos de exilados, Fidel iniciava o contato com figuras influentes no país em encontros sociais na mansão dos Gutiérrez. Foi assim que conheceu um prestigiado advogado, Rafael Lebrija (que com ele

colaboraria oportunamente para ocultar armas) e também Raúl Pérez e D. Manuel Justo Sierra, filho de um grande amigo de José Martí. Fidel preocupava-se em conseguir apoios em outros países, entre os cubanos residentes no exterior, de quem esperava doações em dinheiro e adesões à expedição. A isso se deveu a sua viagem a Nova York, em outubro de 1955.

Obteve de empréstimo a quantia para a compra do bilhete de ida; quanto à volta, acreditava no sucesso da viagem. Ao general Bayo, foi dizer que dentro de sete ou oito meses o procuraria para planejarem o treinamento militar. A seguir, foi marcar presença em uma comemoração pela Independência de Cuba, na qual uma banda militar executou o Hino Nacional junto à estátua de Martí. À 1 hora do dia 20 de outubro, Fidel embarcou rumo aos Estados Unidos, em companhia de Juan Manuel Márquez. Completava-se, assim, um círculo de coincidências com a jornada martiana um século antes, algumas propositais, como a de haver assinado com um nome de mulher – Adelaida Ralté era um codinome de Martí – no exílio.

A imigração de San Antonio, no Texas, liberou-lhes a entrada em território norte-americano. A primeira parada seria na Filadélfia. De lá, Fidel escreveria mensagem cifrada ao(s) companheiro(s):

"Querido John, entrega o envelope adjunto ao teu sócio (refere-se a Pedro Miret). Se não puder localizá-lo, leva-o à sua companheira, a Y (*Yeyé*, apelido de Haydée Santamaría) ou ao médico... Passo dois dias nesta cidade. Amanhã rumarei a Nova York. Estarei várias semanas nos Estados Unidos. Te escreverei... Não deixes de mandar ao México as quantias de sempre para que se cumpram as obrigações. Por aqui me arranjarei como puder..."[13]

Nova York, outono chuvoso. Um jornalista da revista *Bohemia*[14] levou-o para tirar fotos nos locais que seriam, segundo se supunha, os preferidos de Martí, como o Central Park. Sucederam-se atos e reuniões com comitês de emigrados e exi-

lados em Union City, Nova Jersey, Bridgeport, Connecticut, Elizabeth e Long Island.

Em Union City e Nova Jersey, os promotores esqueceram-se de solicitar a permissão da municipalidade para a realização do encontro. Viaturas da polícia rodeavam o local, enquanto Fidel e Juan Manuel penetravam sorrateiramente e outros entretinham os detetives. Em Nova York, andaram à procura de um espaço e encontraram disponível o salão amplo do Palm Garden. Para o ato ali realizado a 30 de outubro, tirou-se uma edição relâmpago de 5.500 exemplares de *A História me absolverá*, para venda ao preço de um dólar cada, cujo prólogo era assinado por todas as organizações representadas no exílio. O salão estava repleto. Falou-lhes Fidel:

"Vem lhes pedir um cubano modesto e pobre, que não se diverte, que ninguém nunca o verá tomar uma bebida, nem ir a um night club, nem gastar um centavo que não seja o mais indispensável para subsistir... Em Nova York, que consegue reunir 2.000 cubanos, que dêem dois pesos todas as semanas duas horas de trabalho, o dinheiro de ir ao cinema, de tomar um whisky... Seis meses de ajuda dos cubanos de Nova York, digo-lhes com toda responsabilidade: bastariam para conquistar a liberdade de Cuba. (...)

"Em outras ocasiões já usei este exemplo: o homem que se enamora de uma mulher bela e virtuosa, que a quer com toda a sua alma, seria incapaz de prostituí-la, de alugá-la, seria incapaz de vendê-la e explorá-la, não quer sequer que a olhem ou a ofendam... Assim, temos a santa idéia da Pátria! É antes de tudo uma revolução moral! Estamos levantando a trincheira de idéias, mas também a trincheira de pedras... (...) Posso informá-los que, em 1956, seremos livres ou mártires..."[15]

Animados com os resultados, os dois viajantes pediram a prorrogação de seus vistos ao Departamento de Imigração, no intuito de obter um tempo adicional para deixar organizadas as representações. Os frutos não demoraram a acontecer:

"Faço constar por este meio que o M-26 está representado na cidade de Nova York por uma comissão de três membros, integrada por um representante de cada uma das organizações que inicialmente aderiram ao mesmo: Ação Cívica Cubana, Comitê Ortodoxo de Nova York e Comitê Operário Democrático de Exilados Cubanos. (...) Estas faculdades são conferidas pela Direção Nacional do M- 26... para os trabalhos de organização e preparação da grande luta revolucionária que conduzirá à plena liberação do povo cubano... Nova York, 3 de novembro de 1955. Fidel Castro."

E a Raúl e Montané, escreveu:

"Temos muita saudade de 'mamã' Maria Antonia. A impressão de 5.500 folhetos custou 500 dólares; mais o envio de informação para *Bohemia* e outros, os gastos ascenderam a 700 dólares. Estão sendo impressos 5 mil folhetos mais... Essa segunda edição se pagará em Nova York. Todos os folhetos se venderão a 1 dólar, as pessoas compram como pão quente. A arrecadação chegará a 9 mil dólares... Em princípios de dezembro, espero ter milhares de pesos. Estas foram as causas de não lhes haver enviado nenhum até agora.... Nunca estive mais contente. Fidel."[16]

Constituía-se o M-26 no exílio, por meio de clubes, cujos membros, portadores de um carnê, tinham por missão ampliá-lo, divulga-lo e arrecadar recursos. No entanto, nem só de êxitos se recobriria sua viagem aos Estados Unidos. A repercussão e a notoriedade que estava ganhando pôs em alerta seus adversários. Em breve, ser-lhe-iam cobradas.

México, 1956

C A P Í T U L O 2 1

Nas práticas de tiro em Los Lomitos, México, 1956

Antes só, que mal acompanhado

No dia 13 de novembro de 1955, a revista *Bohemia* publicara com grande destaque o artigo de Angel Boan Acosta intitulado *Fidel, não preste um serviço a Batista*. Estando na Flórida, Fidel reagiu de modo indignado. Preparou uma

réplica imediata ao texto que o acusava de instrumento de afirmação do regime ditatorial. Procurou deixar explícito que, para o Movimento 26 de Julho (M-26), qualquer laço com Fulgêncio Batista estava fora de questão. Mas os ataques pela imprensa não paravam. Explorando um diferente viés, o jornal *Prensa Libre* noticiou entendimentos de Fidel com o ex-Presidente autêntico Carlos Prío. Ao regressar a Havana, Prío proclamara estar renunciando ao combate a Batista. Reservadamente, entretanto, continuava patrocinando elementos que estivessem em busca de armas ou recursos para derrubar o ditador. Para os mais próximos, Fidel expressava sua crença de que a atitude do ex-Presidente tinha por objetivo atiçar o M-26[1]. E havia, de fato, o que se poderia chamar de grupos rivais, disputando, à ponta de lança, a tomada do poder.

Em vista do bombardeio geral por parte da imprensa, Fidel concentrava-se na preparação de um evento de porte, marcado para o Teatro Flagger, de Miami, no qual pretendia dar a resposta às acusações a partir da Convocatória:

"... À porta dos malversadores, não bateremos! Não nos faltarão, entretanto, recursos. (...) Só entre os emigrados cubanos dos Estados Unidos alcançaremos a cifra de 10 mil filiados contribuintes, com um aporte de mais de 30 mil pesos a cada mês (...) Os céticos, os que duvidam, que venham ao Flagger no próximo domingo, dia 20, às 10h30; que venham conosco a Tampa a 27 de novembro, e a Cayo Hueso. (...) Congreguemos todas essas forças do país para reivindicar a renúncia de Batista e a entrega do poder a D. Cosme de la Torriente, o único homem que, neste momento, seria aceito por todos os cubanos para guiar a nave da República..."[2]

Trajando terno azul-marinho, ao centro da mesa coordenadora do evento, ladeado por seu filho Fidelito, por Juan Manuel Márquez, o Dr. Juan Orta (Presidente do Clube de Miami) e Rafael Del Pino, logo no início da solenidade, Fidel preocupou-se em recomendar, discretamente, ao incumbido da coleta: "Não pas-

sem o chapéu como nas capelas... Isto tem de ser completamente espontâneo." O recado à distância, aos políticos, continuava em seu discurso:

"... Alguns se admirarão de que tenhamos fixado o ano da revolução... mas não dissemos o mês, nem o dia nem a hora, nem como, nem por onde. Mas poderíamos dizer a estratégia que se desenvolverá: insurreição, secundada por uma greve geral revolucionária organizada desde a base... Ninguém se arrependerá de haver contribuído; mas, mesmo se a ajuda for insuficiente, iremos a Cuba, com 10 mil fuzis ou com um só...."[3]

O teatro estava lotado e a platéia ovacionou o orador. Já a imprensa foi comedida nos comentários: nem contra, nem a favor. Entretanto, para as derradeiras reuniões surgiram dificuldades, criadas por agentes de Batista nos Estados Unidos. Em Tampa, induzidos por estes, policiais do bairro fecharam o local onde se realizaria o encontro "subversivo", mas a sabotagem acabou tendo êxito parcial, pois outro salão seria viabilizado pelo clube em poucas horas.[4] Em Cayo Hueso, ao anunciar-se o evento na casa do tesoureiro, o Dr. Poo, chegou o aviso do delegado de polícia, em combinação com o cônsul cubano, de que os assistentes seriam presos. Como se manteve em segredo um local alternativo, o Elks Club, em um condado de uma jurisdição vizinha, todos se dirigiram para lá, sob a custódia de um xerife amigo.

Em Miami, Fidel já se preparava para o regresso ao México. Deixara aos novos clubes o endereço dos mexicanos Alfonso Gutiérrez e Orquidea Pino, para as remessas financeiras.

"Queridos companheiros, vejo que a situação do país é extremamente tensa; mas ainda não é a revolução. Qualquer passo que se tentar, sem que esteja preparada a greve geral, mediante um trabalho intenso de organização e propaganda, será suicida. Um regime não cai sozinho, mas se as ações se converterem em tipicamente revolucionárias, serão brecadas pelos tanques e as viaturas. Deve-se prever a repressão a qualquer choque sangrento que o desespero desate. Desde este instante, dedicar-me-ei a

colecionar armas; vocês, a buscar recursos, com igual ânsia. Não há lugar para a timidez; moral e razão existem de sobra, para pedir; além do mais, é questão de vida ou morte. Imprescindível que no final deste mês tenham reunido, ao menos, 20 mil pesos. De minha parte, receberei já as primeiras ajudas da emigração. Sairei para o México esta tarde. Tive informação de que a perseguição internacional do regime contra mim será intensa. Temos que nos comunicar com mais freqüência... Abraços, Fidel."[5]

A redação do *Segundo Manifesto do 26 de Julho* seria concluída na viagem de volta, numa escala em Nassau, nas Bahamas:

"A ditadura quis ganhar tempo, o que conseguiu plenamente, graças à prodigiosa ingenuidade de D. Cosme. Batista, necessitando uma pausa, recebeu-o no Palácio nos dias mais críticos de seu Governo. (...)

"Na revolução, disse Martí, 'os métodos são secretos e os fins são públicos'. Mas como vamos pedir recursos ao povo se não lhe falarmos para que os queremos? Se a revolução solicitar a ajuda dos grupos de interesse, estará comprometida antes de chegar ao poder. Predicar a revolução em voz alta dará, sem dúvida, melhores frutos que falar de paz em público e conspirar em segredo – o método seguido durante três anos e meio pela equipe desalojada do poder. (...)

"(A revolução) deve proporcionar as bandeiras que, em toda parte, deverão seguir as massas, quando estoure, como uma tempestade, a rebelião nacional, para que os destacamentos de combate, bem armados e bem dirigidos, e os quadros juvenis de ação e agitação, possam ser secundados pelos trabalhadores capazes de desatar a greve geral. (...)

"Em nome da Direção Nacional do Movimento Revolucionário 26 de Julho, assina na Ilha de Nassau, em 10 de dezembro de 1955, Fidel Castro."[6]

Internamente, em Cuba, as ações de Fidel começavam a repercutir além dos limites. Mesmo entre os que apoiavam o governo havia quem vislumbrasse as possibilidades de crescimento do M-26, como demonstra a percepção de um vereador do partido de Batista:

"Aos políticos, sem exceção, muito nos interessa pôr um freio nos planos insurrecionais de Fidel Castro. Se dormirmos no ponto e continuarmos obstinados em fechar os caminhos políticos, estaremos abrindo-lhe a via revolucionária. Quisera ver quem, dos da oposição e do governo, vamos nos salvar, se o fidelismo triunfar em Cuba."[7]

Todas as expectativas daqueles a quem Fidel conseguia mobilizar – e ao mesmo tempo, os receios de seus inimigos – concentravam-se na prometida expedição que desembarcaria em Cuba. De volta ao México, debruçado nos preparativos, com o que proviesse dos Estados Unidos e de Cuba, Fidel precisava cobrir gastos projetados para serem vultosos. Já o dinheiro que trouxera em mãos, em poucos dias seria rapidamente consumido em pendências, no cotidiano, em outras necessidades, como a impressão do *Segundo Manifesto* e a retirada do seu sobretudo da penhora.

Em companhia de Juan Manuel, começou a vasculhar locais apropriados para instalar o treinamento militar. Para despistar a vigilância que sofria, mudou de endereço, estabelecendo-se na Av. Ramón Guzmán (atual Insurgentes), nº 5. Fez questão de apresentar-se ao general Lázaro Cárdenas, o ex-mandatário mexicano, com quem passou horas, em seu escritório, numa afiada troca de idéias e pontos-de-vista. Brotaria entre os dois um grande apreço[8]. Com os colegas, em horas vagas, freqüentava a confeitaria de Puente Alvarado, onde comia *yoyos* (chocolate com sorvete) e onde ganhou uma amiga, a doceira Gabriela Ortiz, uma terna mexicana.

* * *

Fim do ano. De barba farta, vestindo jaqueta escura como as da marinha norte-americana, Fidel esperava em frente ao portão do Hotel Regys. De um carro saltou Max Lesnick, que vinha passar a sua lua-de-mel na capital mexicana. Os dois amigos necessitavam, há muito, de uma conversa. Apesar de identificarem-se no mesmo campo – da Juventude Ortodoxa (JO) – ultimamente haviam experimentado atritos. Na época, embora seu prestígio dentro do partido tivesse lhe permitido vencer as últimas eleições internas, das quais saíra "matematicamente vitorioso"[9], Lesnick estava ciente de que o M-26 liderava uma forte tendência dentro da ortodoxia.

Max entregou-lhe a última *Bohemia*, com uma foto de José Antonio Echeverría e seus aliados em plena comoção grevista. Comentou-lhe o quadro. O dirigente estudantil vinha constituindo, há meses, em segredo, uma organização, para cumprir o papel de aparato armado da Federação dos Estudantes Universitários (FEU). Para eles, só havia a resposta violenta à ditadura do regime, mas estavam cientes de que poderiam levá-la ao martírio ou ao suicídio. A existência do Diretório Revolucionário (DR), crescido na órbita do líder, seria anunciada ao público em breve, a 24 de fevereiro de 1956, na Aula Magna da Universidade de Havana. Por pressão do momento e da condição de clandestinidade em que viveria, não perseguia teses; privilegiava a ação, preferencialmente no palco urbano. Desempenhava, desde logo, um relevante papel de contestação, procurando as alianças no meio sindical e participando de mobilizações de peso.

Fidel examinou as páginas. "Isso resolve bem como agitação e propaganda, mas não conduz aos objetivos de uma revolução, pois tem que ser parte de um plano... Você tem conversado com ele?", perguntou a Max. "Não tem sido possível, realmente, nestes tempos...", respondeu o companheiro. "Crês ser possível que ele entenda que com ações descoordenadas não se chegará a nada?" Desceu uma réstia de preocupação sobre o rosto de Max. Procurando desanuviar o clima, Fidel lhe propôs: "Ê...Convida-me,

então, a comer uma milanesa...” Max jamais ouvira o termo corrente para o *bisteck* empanado, como se diz em Cuba, mas aceitou a sugestão. “Será em um restaurante barato, não se assuste...”, assegurou Fidel.

No dia seguinte, foram almoçar juntos, na presença de Raúl e de um sujeito que chamavam de Coreano, treinador de um grupo de Fidel, que pareceu suspeito a Max. A conversa versou sobre o destino da ortodoxia. Ambos concordavam que o partido não se recuperaria de seus atuais desvios – e com ele sucumbiria o diálogo cívico, uma acomodação negociada entre as oposições e o regime de Batista. Assim, a perspectiva, acalentada por Fidel, de que a pressão revolucionária da JO pudesse forçar o PPC (O) a radicalizar suas posições[10], fracassara. “Fidel não desprezou nenhum caminho; mas não quer dizer que depositasse esperança em qualquer outro que não a guerra contra a ditadura. Em sua mente, esta premissa existiu desde o início e, na prática, moveuse por etapas...”[11] Ao final da conversa, em caráter reservado, Fidel deu a Lesnick a missão de convencer Echeverría a vir ao México negociar.

* * *

O ano de 1956 iniciou com uma denúncia que ocupou as primeiras páginas dos jornais cubanos. Numa declaração à imprensa, o coronel Antonio Blanco Rico, chefe do Serviço de Inteligência Militar (SIM), acusava “o Dr. Fidel Castro de responsável por um plano subversivo estruturado no estrangeiro contra a Nação”. Os detalhes, como os nomes dos conspiradores, haviam sido remetidos ao Tribunal de Urgência, que entendeu estar ocorrendo delito contra os Poderes do Estado, determinando a detenção de Fidel Castro e Juan Pedro Carbó Serviá (um membro do DR), assim como uma ampla investigação policial. Eram mencionadas as regiões de Las Villas, Camagüey e Pinar del Río como focos do plano, que contava, segundo os denunciantes,

com a colaboração dos autênticos de Prío, do PPC (O), dos comunistas e outros[12].

Em *A Pátria não é de Fidel*, um artigo publicado em *Bohemia*, projetava-se a dúvida sobre o uso que Fidel poderia estar fazendo dos recursos financeiros que os emigrantes cubanos lhe destinaram. A resposta veio com virulência, pelo mesmo veículo, com o texto intitulado *Frente a todos*[13]:

"Se fosse um vendido, mercenário ou vigarista, as manchetes dos seus libelos dedicar-se-iam a me elogiar. Mas fiz o contrário. Renunciei a uma cobiçada postulação na ortodoxia; a um cargo no Conselho Diretor que me ofereceram, simultaneamente, no mesmo partido... A um soldo de 500 pesos mensais que uma companhia de seguros me ofereceu – porque não lucro com o meu prestígio, que não é meu, mas de uma causa. Recusei a oferta de um jornal importante da capital para que fosse seu colaborador e me pus a escrever no jornal de Luis Orlando, que não podia pagar um centavo a ninguém. Abdiquei de tudo que significasse tranqüilidade e segurança pessoal; renunciei ao silêncio, o cômodo refúgio dos timoratos contra a difamação ou o perigo; denunciei crimes, desmascarei assassinos... Conservo ainda as fatídicas papeletas judiciais com que os proprietários expulsam os inquilinos. Não tinha rendas pessoais, vivia quase da caridade de meus amigos e sei o que é a fome de um filho, tendo o dinheiro da Pátria nos bolsos..."

Acusaram também o M-26 de envolvimento com o ditador dominicano. Fidel aproveitou a necessidade de fazer a defesa, para tentar aprofundar divisões no meio militar:

"A Trujillo interessa, mais que derrubar Batista, impedir o triunfo de uma revolução em Cuba. Trujillo e Batista estão teatralizando um jogo infame, cujos frutos ameaçam ser amargos. Pretende-se criar um estado de confusão, para quando a luta estale, acusar de *trujillista* o broto revolucionário e frear, assim, o povo e lançar os soldados contra nós, sob o pretexto de que se luta em defesa da soberania nacional, e não contra uma revolu-

ção, que tem inclusive as simpatias de muitos militares... Se, em alguma ocasião, a soberania e a dignidade de nossa Pátria forem agredidas, os homens do 26 de Julho lutarão junto aos soldados de nosso Exército..."[14]

Por outro lado, tendo em conta o caráter de suas relações pessoais e políticas, via-se forçado a revidar, com cuidado, os ataques da alta esfera do Partido Ortodoxo, o que exigia desempenho de jogador:

"... Por que devemos assistir à comédia? Por que se deixou enredar nas malhas tecidas pelos adversários? Por que nos deixou sós, antes de existir o 26 de Julho? Doer-me-ia profundamente um rompimento entre a direção do partido e a sua ala revolucionária... porque tenho, entre outras razões, grande simpatia por Raúl Chibás, porque estimo Conte (Agüero)."[15]

"(...) Hoje renegam o meu nome. Não renegaram, no entanto, quando, à saída da honrosa prisão de dois anos que sofri, necessitaram umas declarações minhas de adesão. Meu modesto apartamento era, então, honrado com a visita constante desses mesmos líderes. É certo que a comissão mais adiante nos defendeu, a seu modo. Disse que nossa atitude estava justificada, porque o regime tinha nos fechado toda oportunidade de atuar em Cuba. (...) E não estaria mais justificada a adoção dessa linha por um partido do qual foi arrancado o triunfo a 80 dias das eleições e que há quatro anos não pode atuar em Cuba? (...)

"O Movimento 26 de Julho é o convite caloroso a estreitar fileiras. Abre seus braços a todos os revolucionários de Cuba, sem mesquinhas diferenças partidárias e quaisquer que tenham sido as diferenças anteriores. O Movimento 26 de Julho é o porvir, o justiceiro da Pátria, a honra empenhada ante o povo, a promessa que será cumprida... Porque detestamos a força, é que não estamos dispostos a que nos governem pela força. Para as massas chibasistas, o Movimento 26 de Julho não é algo distinto da ortodoxia; é a ortodoxia sem uma direção de proprietários...

sem latifundiários açucareiros... sem especuladores de bolsa, sem magnatas da indústria e do comércio, sem advogados de grandes interesses, sem caciques provinciais, sem politiqueiros de nenhuma índole...”[16]

Acompanhando a efervescência social, explodia também uma conspiração que há muito progredia no âmbito da oficialidade militar. Por conta de uma delação, a 3 de abril de 1956, foram descobertos e condenados à prisão os principais cabeças: coronel Ramón Barquín – adido militar da embaixada de Cuba em Washington – e o comandante Enrique Borbonet. Entre os participantes, vários oficiais jovens, formados nos institutos norte-americanos, incluindo os que ostentavam posições radicais, a favor da reforma agrária ou da execução sumária de Batista. Mas quanto aos vários rumores da implicação dos Estados Unidos no episódio, em função, principalmente, do cargo do coronel Barquín, não se comprovaram, valendo apenas notar que, “de uma forma ou outra, o governo norte-americano acompanhava... E quando começou a perceber que Batista, a médio prazo, não controlaria o país, trataram de depauperá-lo, incentivando tramas de figuras não comunistas com chance de êxito...”[17]

O cerco interno e externo crescia, mas nem por isso Pedro Miret e Frank País interromperam o seu percurso pela província do Oriente, listando opções para o desembarque dos expedicionários. Uma ativista de Manzanillo, Célia Sánchez, participava da exploração, informando-se das condições de marés e ventos e encadeando contatos com camponeses e núcleos sindicais. Ao ancorar um barco português na costa de Pilón, ela com seu grupo buscaram fazer camaradagem com o capitão, o que lhes permitiu o acesso à carta náutica da região. Outros mapas foram retirados do escritório de uma usina açucareira e Célia entregou-os a Miret em Havana. A organização do M-26 em cada província e município cubano fazia-se similar à da direção, com distintos núcleos responsáveis pela propaganda, finanças, ação, juventude e operariado, com reuniões periódicas para discus-

sões e deliberações, tanto quanto possível, em regime de clandestinidade.

No México, Fidel cruzava a província de Toluca observando encostas e os sopés das montanhas, aparentemente a passeio, acompanhado de conhecidos latino-americanos – os porto-riquenhos Laurita Albizu Campos (esposa de D. Pedro) e Juan Juarbe, os mexicanos Alfonso Sánchez García, Vegas León, Carlos Hank e Jesús (*Chuchú*) Reyes, e ainda os seus assistentes Jesús Montané e Juan Manuel Márquez.

Em janeiro de 1956, havia sido despachada a primeira leva de cubanos – 40 – para o México, para compor a futura tropa. No mês seguinte, mais dez. Alguns partiram na condição de perseguidos políticos, outros foram selecionados ou se uniram por iniciativa própria ao tomarem conhecimento do plano. O M-26 havia atraído os egressos da Ação Revolucionária Oriental (ARO), de Frank País, e do Movimento Nacional Revolucionário (MNR), de Bárcenas, centenas de ortodoxos, membros da Ação Libertadora, autênticos e elementos dispersos. Logo, também comunistas descontentes, por força das denúncias contra o stalinismo, levantadas no XX Congresso do PCUS, em fevereiro, e da ascensão de Krushov, em um ano que acumularia a invasão da Hungria por tropas do Pacto de Varsóvia.[18]

Assumindo distintos nomes e papéis, Maria Antonia González ocupava-se da tramitação dos aluguéis e das condições mínimas de acomodação dos recém-chegados. O ponto de encontro era a sua casa, onde Fidel os recebia e definia a residência de cada um, sempre de maneira dispersa, para evitar que se evidenciassem as ligações entre eles. Na ocasião, liam-se as normas de disciplina, que estabeleciam o que fazer e como se comportar, horários de estudo de política e cultura geral, a proibição de visitas, telefonemas e encontros na rua entre os membros, assim como a necessária divisão de trabalho em cada alojamento, cuja dotação era de "oito centavos de dólar per capita por dia" para alimentação. Para os encontros com o chefe, utilizavam um có-

digo de sinais e mensagens, do qual eventualmente participava até um dono de botequim de esquina.

Entretanto, a aflição pelo contato ou a urgência em dirimir um problema conduzia todos, com freqüência, de volta à casa de Maria Antonia – na Emparán, 49 –, onde se fazia o teto, a pensão e a intransitável central de operações, atolado de lonas e camas de armar, recebendo os eventuais emissários de informes, documentos ou finanças do movimento, os quais, em alguns casos, eram convidados a pernoitar ou permanecer ali, hospedados.

O general Bayo, personagem que Fidel escolhera para quando chegasse a oportunidade, entrava em cena. Ao assumir o treinamento do grupo, ele abandonava, aos 65 anos, a gerência de sua fábrica de móveis e as amenas aulas que proferia na Escola de Aviação. Primeiro repartiu as aulas de teoria militar em rodízio pelas residências, a maioria no bairro central. Um grupo de recrutas iniciava, simultaneamente, a parte tática; alguns foram indicados para praticar exercícios físicos e de defesa pessoal, levantamento de peso ou judô, em um ginásio da cidade; outros tinham aulas de natação e remo no Lago Chapultepec, após o aquecimento com caminhadas de vários quilômetros pela margem, no bosque, ou pelas ruas. Para essa tropa de andarilhos, havia ainda o destino dos clubes de tiro, o Aguila ou o Azteca, onde treinavam com fuzis calibre 30.06 e, logo, as escaladas nas montanhas da região, onde ensaiavam práticas de combate, disfarçados como estudantes aficionados da caça. Cada pequeno grupo desconhecia a agenda do outro, seguindo, assim, as normas de compartimentação e invisibilidade das sociedades secretas.

"Che" Guevara, que acabava de tornar-se pai de uma menina, Hildita, no México, tentava subir o Pico do Popocatepetl quase toda semana. Jamais conseguia alcançar o topo, mas era persistente em superar-se, tentando vencer sua asma crônica. Ao juntar-se ao grupo como médico, expusera um princípio a Fidel: que não o limitasse e que razões de Estado não o impedissem de rumar para a luta em algum país da América Latina, preferivel-

mente Argentina, ao apresentar-se o momento e concluídas as suas responsabilidades para com a futura revolução[19]. Condição aceita, "Che" compareceu às aulas teóricas e ao treinamento com afinco. "Via como duvidosa a possibilidade da vitória, mas envolvia-me com o Comandante rebelde, ao qual me ligava, desde o princípio, um laço de simpatia romântica e aventureira e a consideração de que valeria a pena morrer em uma praia estrangeira por um ideal tão puro...", foi o que deixou em seus escritos como a profunda impressão desta fase.

Em dias alternados, Pedro Miret e Ñico López foram obrigados a abandonar o país pelo aeroporto de Santiago, que era menos vigiado que o de Havana, em vôos para o México com escalas no Haiti e Miami. Logo seria a vez de Faustino Pérez, que trouxe para Fidel um bem-vindo cheque de 7 mil pesos, o que viabilizou a compra de armas em um armazém ilegal cujo proprietário era Antonio del Conde, conhecido por *El Cuate*.

Descartando as zonas mais geladas e de muita ventania, Fidel decidia-se, finalmente, pela região do Chalco, para montar um acampamento, nas encostas dos montes Popo e Ixta. Lá encontrou uma propriedade abandonada de aproximadamente mil metros quadrados, rodeada de terra silvestre, entre a planície e a montanha, a 35 quilômetros da capital. A 10 de maio, o general Bayo, a pedido de Fidel, candidatou-se a locatário do Rancho Santa Rosa, como sítio de veraneio, conseguindo logo fechar o negócio.

Um grande número dos recrutas transferiu-se para lá, adotando um regime disciplinar triplicado. Dormiam no chão duro, como parte do treinamento, e a única cama existente, de pés trôpegos, destinava-se ao general Bayo, que lhes explicava que guerrilheiro não usava sabão, pasta ou escova, sendo necessário formar hábitos. Portanto, parte dos exercícios realizava-se à noite, incluindo caça e pesca, simulações de batalhas, táticas de ataque e defesa, cruzamento de rios e o confronto com animais selvagens. Em certa ocasião, durante uma marcha, Calixto Morales negou-se a dar um passo a mais. Recebeu pena de prisão e, pas-

sados alguns dias, foi indultado com a condição de retomar o treinamento. Em breve, revelaram-se os melhores atiradores sobre alvos fixos: Calixto García e Juan Almeida, além de “Che” Guevara. “Acertavam um prato a 800 pés, não só de frente, também de perfil...”[20] Intercalavam-se sessões de estudo militar, doutrinas políticas e temas cubanos à tarde.

Fidel visitava o rancho com certa regularidade. Participava do treinamento e perguntava por tudo. Observou o desempenho do argentino Guevara, excelente nas práticas de tiro e o único a não manifestar fadiga. Destacou-o como exemplo, até por identificação – ambos adaptavam-se com prazer à severa disciplina. Afinal, elevou-o ao cargo de chefe de treinamento, em conjunto com o general.

Nos breves intervalos em que se recolhia, Fidel esforçava-se por fotografar movimentos que visualizava em um tabuleiro de combate. Fluíam-lhe esquemas, alternativas. Bayo, com discrição, aproximava-se e oferecia-lhe a sua cama para descansar. “Não, a cama é para você, meu general”, respondia o jovem revolucionário.

*Encontrando-se com Pedro Miret,
no Aeroporto da Cidade do México*

CAPÍTULO 22

Detido na prisão de Miguel Schultz, México, 1956

Jogos de xadrez

Na contabilidade de Fidel, para fechar as contas até o embarque do seu contingente, antes do fim do ano, seria necessário dispor de 100 mil pesos. Assim, decidiu empreender uma viagem à Costa Rica, para fazer contatos, enquanto Melba seguiu com o mesmo fim para Havana.

"Querida Doutora, recebi a tua comunicação, trazendo-me tão gratas notícias... Realiza teu esforço final com a alentadora idéia de que em tuas mãos está o dia e a hora... Teu presente (referia-se a um rifle) está aqui, bem cuidado, aguardando-te. Espero te dar, de minha parte também, as mais agradáveis notícias. Consome-me a impaciência de saber das tuas impressões pessoalmente. Saio hoje para a Costa Rica. Regressarei o quanto antes, mais tardar dia 15. Hoje, como outras tantas vezes que conheces, não poderei dormir um minuto, mas estou contente e otimista. Te abraça e felicita, Alex."[1]

Entretanto, a partir de junho, a polícia cubana deflagrou uma ofensiva direta contra o Movimento 26 de Julho (M-26). Na verdade, apesar dos cuidados adotados, tornara-se fácil "rastrear" o trânsito recorrente dos principais personagens da organização. Fidel tomou conhecimento de uma traição e de duas deserções sensíveis aos quadros. Companheiros mais experimentados no ofício clandestino detectavam os sinais de estreitamento da perseguição. Com efeito, sob o patrocínio da embaixada cubana no México, um plano para eliminá-lo tomara caráter oficial, embora ele próprio duvidasse de que as autoridades mexicanas se dispusessem a dar suporte a Batista. Ocorre que, nessa área, era de praxe serem acionados "poderes paralelos" para a execução. Fidel relata:

"... O problema era evitar, no possível, o escândalo e não deixar vestígios. Em parte por estarmos informados, mas, antes de tudo, por pura sorte, o plano não foi levado a cabo. O agente encarregado da missão fez duas viagens ao México nos últimos meses. Em ambas ocasiões, hospedou-se no Hotel Prado, o mais luxuoso do México. Na primeira, foi descoberto por companheiros nossos ao rondar a casa de Emparán. Aparentemente desalentado, regressou a Cuba informando que não era fácil levar a cabo a tarefa. Semanas mais tarde regressou, com outros dois agentes... Foi então que lhe asseguraram que a única pessoa capaz de realizar com êxito a empresa era um sujeito cubano, fugitivo da

Justiça, que residia no México com papéis de veracruzano, conhecido por Arturo, *El Jarocho* – que é, além do mais, agente do Serviço Secreto e homem de confiança do gal. Molinari, chefe de polícia. Entendo, no entanto, que Molinari não tinha nada a ver com este assunto, pois os agentes cubanos trataram diretamente com El Jarocho e estipularam um preço de 10 mil dólares, que ele teria que repartir com um outro indivíduo que devia chegar da Venezuela, pois 'não queriam mexicanos no assunto'... Sabiam que alguma pessoa me acompanhava sempre, e tinham o propósito de eliminá-la também. Seu plano era apresentar-se em um carro patrulha da polícia, deter-nos, algemar-nos, sequestrar-nos e desaparecer conosco, sem deixar nenhum rastro. Asseguram-me que eles possuíam um papel com a minha assinatura, perfeitamente falsificada, com a qual pensavam enviar uma carta de outro país, dirigida a Emparán 49, onde eu dizia que precisava ausentar-me do México. Pretendiam semear a confusão inicialmente, enquanto punham a circular distintas versões. Depois de deixar ultimados todos os detalhes, os agentes regressaram a Cuba a 10 de junho, aproximadamente..."[2]

Evaristo Veneréo, um ex-tenente da polícia universitária em Havana, que conhecera o comandante nos anos 40, havia sido escolhido para entabular a aproximação no México. Fidel desconfiou dele, mas julgou hábil não afastá-lo e, sim, "desinformá-lo". Assim, ambos passaram a cumprir com desenvoltura um ritual de mútua utilização; mas, apesar de identificado, o policial acabou tendo êxito em coletar informações – que inclusive levariam à prisão de Fidel e outros membros do M-26.

"... Tínhamos que esperar tranqüilamente os acontecimentos", segue narrando Fidel, "sabendo que um vulgar assassino tramava a nossa morte pelo preço de 10 mil dólares. O que fizemos foi tomar medidas elementares: sair pouco e deixar de freqüentar os lugares costumeiros; mas devo convir que não previmos todos os perigos de nossa situação... Quando se deram conta de que estávamos alertas e prontos para nos defender, que

era muito arriscado realizar o plano original, lançaram sobre nós a Federal de Segurança... A embaixada cubana estava a par de tudo..."[3]

Na noite de 20 de junho de 1956, Fidel, escoltado por Ramiro Valdés e Universo Sánchez, foi visitar um amigo doente na Calle Kepler, esquina com Copérnico. Da janela, repararam que, na rua, passava uma viatura a baixa velocidade, que se afastava para depois voltar. Deduziram o perigo. Na mala do carro de chapa norte-americana que deixaram estacionado, traziam armas, e no próprio apartamento em que se encontravam estavam guardados armamentos e munições. Como se soubessem onde procurar, os policiais começaram a inspecionar o carro que trouxera o grupo. Um dos companheiros de Fidel desceu e perguntou aos policiais se havia algum problema. Não recebeu uma resposta convincente e, assim, subiu de volta. Logo, Fidel resolveu descer e sair à rua. Naturalmente, recomendou a Ramiro que o seguisse a uma certa distância, depois Universo. "Cheguei à esquina onde havia um edifício em obras. Vi homens armados descerem rapidamente de um carro para interceptar-me... e pus-me atrás de uma coluna. Quando tentei sacar a pistola automática, um dos policiais, encostou uma 45 na minha cabeça por trás", contou. Ramiro e Universo, já detidos, foram usados como escudos para obrigar Fidel a depor a arma. Os três foram conduzidos à prisão migratória de Miguel Schultz.

Consta na sua ficha de entrada: "Divorciado, 30 anos, advogado, estatura 1,84m, olhos pardos, fartas sobrancelhas, boca regular e nariz retilíneo. Sinal particular: bigode recortado. Endereço: Emparán, 49. Observações: detido em Havana por dirigir um movimento revolucionário contra o atual regime. Nesta Divisão Federal do Estado (DFE), por porte de armas proibidas e sob investigação por contrabando (de armas)..."[4]

A ação conjunta das polícias federal e secreta realizava-se sob a justificativa de que eram estrangeiros montando uma operação armada em território mexicano, violando o direito de asilo.

Os agentes não revistaram o apartamento onde Fidel estivera à noite, mas invadiram a central de Emparán, perguntando por um "senhor Guevara, de relações comunistas". Na busca que realizaram no apartamento de Hilda Gadea, meia hora antes, haviam encontrado "suficiente literatura marxista" e um carnê do Instituto México-URSS, onde "Che" começara a estudar russo. Dos que se encontravam presentes em Emparán, à exceção de Evaristo Veneréo, todos foram presos, incluindo Maria Antonia. Na noite da prisão de Fidel, e na manhã seguinte, tudo o que a polícia mexicana pudera capturar de armamentos resumia-se a cinco fuzis e quatro pistolas.

As primeiras visitas para Fidel apareceram naquela mesma manhã, no portão metálico da prisão migratória: as amigas Teresa (Teté) Casuso, escritora cubana exilada no México que se oferecera para ajudar o M-26 no que fosse preciso, e Gabriela Ortiz, a amável doceira mexicana.

Com "Che" na prisão do México, 1956

Um pedaço de papel deixado cair por um dos detidos, com o itinerário do Rancho Santa Rosa, forneceria a pista do grupo do general Bayo. As autoridades do cárcere informaram Fidel de que a busca seria empreendida e ele prontamente propôs-se a acompanhá-los, com a intenção de evitar o tiroteio. A 24 de junho, carros da polícia estavam a caminho do rancho. Ao chegarem ao último trecho da estrada, Fidel saltou e adiantou-se sozinho, deixando-se reconhecer pelos sentinelas de turno, um dos quais era "Che" Guevara, agachado na copa de uma árvore. Ao solicitar-se a rendição geral, só dois terços dos integrantes foram levados; os restantes estavam espalhados pelo campo ou pela colina e conseguiram se livrar, entre eles Raúl Castro e o próprio Bayo, que se encarregou de ocultar armamentos pelos pinheirais. Por causa desse episódio, o general decidiria sair definitivamente de cena. Divulgaram as agências de notícias:

"Cidade do México, 25 de junho de 1956 (AP) – (...) Segundo as confissões obtidas pela Polícia Federal, os detidos queriam atentar contra a vida do general Batista. Outros 15 foram presos mais tarde, em um rancho pertencente a Erasmo Rivera; outros escaparam..."

"México, 3 de julho (UPI) – (...) Acusado de manter 'um campo de adestramento de comandos nas terras do México', Castro negou que sua agrupação tivesse a intenção de dar morte a Batista: 'A simples eliminação de um homem não resolve o problema. Essas são medidas desesperadas, que os revolucionários que contam com o apoio de todo um país não utilizam... Estamos organizando toda a Nação, em um movimento capaz de varrer a tirania e as causas que a produziram.' (...) 'O Movimento Revolucionário 26 de Julho', disse Castro, 'luta por fazer de Cuba uma Nação livre, economicamente desenvolvida, onde cada cubano possa viver de seu trabalho honrado no escritório, na fábrica ou no campo...' Um documento assinado por Castro também afirma que 'três companheiros foram atrozmente torturados no cárcere de Pocito mediante golpes e imersão em um tanque de água

fria'.... Os presos encontram-se no centro de detenção do Ministério do Interior e serão transferidos para uma prisão comum... A ordem judicial indica ainda que a causa de deportação deverá resolver-se pelos tribunais mexicanos, em um processo que requererá vários meses..."

* * *

Raúl correu para avisar Orquidea Pino da urgência de esvaziar a sua casa das armas e documentos que a incriminassem. O advogado Rafael Lebrija ofereceu-se para representá-los, enquanto Antonio del Conde (*El Cuate*) e Chuchú Reyes retiravam equipamentos armazenados de mais dois lugares, conseguindo transferi-los para a residência de Orlando de Cárdenas.

Havana exigia a extradição de Fidel e dos 27 prisioneiros. Raúl Castro e Juan Manuel Márquez recorriam à influência dos amigos para contratar advogados. No dia 1º de julho, a imprensa mexicana publicou uma matéria paga, *Não somos coiotes, nem delinquentes, nem mercenários*, assinada por Héctor Aldama, Raúl Castro e Juan Manuel Márquez, que já regressara aos Estados Unidos, onde recolhia fundos e comprava mais armas.

Graças à gestão do ex-Presidente general Cárdenas[5] que, procurado pelos advogados, comunicara-se sem demora com o Governo, o juiz Lavalle Fuentes expediu, no dia 2 de julho, a ordem de soltura dos detentos, sem a exigência de deportação, como queria o ministro do Interior.

O jornal *Excelsior*, de 4 de julho, registrou o fato: "A polícia os acusou de preparar uma revolta contra o Presidente Batista. Para confirmá-lo, apresentam vários objetos, entre eles, umas poucas pistolas e velhos rifles que se consideram armas inofensivas. Três cubanos foram torturados na infame Prisão de Pocito. É de se celebrar, calorosamente, que a Justiça Federal tenha desfeito, ainda que um pouco tardiamente, uma das manobras da impropriamente chamada Polícia Mexicana de Segurança..."[6]

Embora houvesse conquistado a simpatia de setores do poder mexicano, Fidel, o autor da comentada conspiração, "Che" Guevara, sob a alegação de ser argentino em condições ilegais no México, e o cubano Calixto García, por irregularidades no visto, permaneceram na prisão. Enquanto aguardava o avanço das negociações em seu favor, Fidel pôde informar-se melhor, por intermédio de seus bem posicionados amigos mexicanos, sobre os aspectos das acusações que enfrentava, inclusive a de comandar uma conjuração comunista. Com a informação apurada, produziu um extenso relato na prisão.

"... Fizeram publicar, de imediato, dados que só a embaixada cubana podia conhecer, acrescentando a estúpida afirmação de que eu havia entrado no México com um passaporte obtido por recomendação de Lázaro Peña e Lombardo Toledano... (...) Naturalmente que a acusação de comunista resulta absurda aos olhos de todos os que em Cuba conhecem a minha trajetória pública, sem vinculações de nenhuma índole com o Partido Comunista... O próprio capitão Gutiérrez Barrios leu-me o informe remetido ao Presidente do México, após uma semana de minuciosas investigações... Um extrato desse informe apareceu publicado no (jornal) *Excelsior*. Diz textualmente: 'A Direção Federal de Segurança frisou que o grupo 26 de Julho não tem nexos comunistas, nem recebe ajuda dos comunistas...' Que moral tem o Sr. Batista para falar de comunismo, se foi candidato presidencial do Partido Comunista nas eleições de 1940, se seus pasquins eleitorais circularam com a foice e o martelo, se anda em fotos junto com Blas Roca e Lázaro Peña, se meia dúzia de seus atuais ministros e colaboradores de confiança foram membros destacados do Partido Comunista? Batista foi o candidato oficial do Partido Comunista nas eleições de 1940 e seu governo atual inclui numerosos comunistas. (...) O Movimento 26 de Julho, que conserva intactas todas as suas forças, proclama a necessidade de unir todos os homens, todas as armas e todos os recursos frente à tirania que nos divide, persegue-nos e nos assassina em sepa-

rado. A dispersão das forças é a morte da revolução, a união de todos os revolucionários é a morte da ditadura..."[7]

Ao negar a opção comunista, Fidel fazia apenas preservar o seu projeto revolucionário e os seus colaboradores próximos. Um deles, o nomeado comunista "Che" Guevara, com quem compartilhava a cela, convertera-se no seu adversário cotidiano de partidas de xadrez, jogo no qual provavam, intuitivamente, geometrias política e militar. Fidel e "Che" eram mestres em evitar o tédio. Comentar as obras lidas era um outro entretenimento. Fidel, aparentemente, reservava para a prisão seus dotes culinários – variava como podia um cardápio básico de arroz e feijão, além dos espaguetis, sua eterna peça de resistência, em diversas versões e temperos, preparada em um fogão de duas bocas. Havia ainda as horas dedicadas aos contatos:

"Querido J.M.M (referia-se a Juan Manuel Márquez), o vencimento dos prazos para cumprir obrigações e tudo o mais, obriga-nos a recorrer à fonte que propuseste explorar na última viagem... Candido de La Torre, que veio me ver várias vezes, ofereceu-se para providenciar, de Cuba, o envio imediato e seguro de 50 mil dólares. Considerando a obscura origem desta soma, disse-lhe que preferia obter de outra maneira, pois podia ser de procedência inaceitável; por outro lado, o homem de Miami havia feito contato com ele, indagando sobre nós, sumamente interessado em coordenar esforços e colaborar... Ratifiquei a necessidade de unir todos os homens, armas e recursos, e, assim, roguei que o comunicasse... Trato com absoluta sinceridade: além do mais, penso que se poderia obter um triunfo seguro e fulminante... Neste estreito e difícil marco de ação a que nos reduziram, somos obrigados a aceitar... Seu ponto de localização: tel. 353244."[8]

O "homem de Miami" vinha a ser ninguém menos que Carlos Prío. Juan Manuel era instruído para travar o contato com Candido de la Torre, que detinha os dados sobre a referida oferta, e realizar o acordo, representando o M-26.

"... Em primeiro lugar, a obtenção de um empréstimo de 50 mil em caráter urgente, para ser devolvido em um prazo de 30 a 45 dias – é preciso insistir no caráter de empréstimo e na sua garantida devolução... C. de la T. foi informado dos aspectos mais sigilosos de nossos planos. É necessário ter bem presente a realidade da nossa situação, considerando o caso de termos que permanecer no país, obrigados a comparecer todos os dias à Secretaria de governo (Ministério do Interior); e contemplar a eventualidade de abandonar o país, o que implica uma série de complicados passos. Não há dúvida que só com a posse dos recursos econômicos, pode-se salvar tudo; do contrário, tudo está perdido. Um forte abraço de Fidel Castro."[9]

"J.M.M, nada de publicidade, condição sine qua non... Explica-lhe que tudo está estagnado... Podes expor a nossa disposição de desembarcar em Cuba... e se for preciso, vários dias antes, para atrair sobre nós todas as forças e ele poder chegar por outro ponto..."[10]

Fidel Castro foi solto em 24 de julho, prometendo a "Che" não sossegar enquanto não resolvesse a sua situação. "Che" recomendou-lhe que não prejudicasse o processo por sua causa, acrescentando que o único esforço que poderia ser feito seria tentar enviá-lo a um país vizinho; mas o outro nem queria lhe escutar.

* * *

A central de Emparán havia sido desativada, assim como o treinamento. Fora das grades, obrigado à extrema prudência, Fidel chegou a fixar-se em um pequeno apartamento próximo ao Bosque Chapultepec, mas assumiu uma vida nômade, escondendo-se onde e como podia pelo país.

Frank País, coordenador do M-26 em Santiago, apareceu no México no início de agosto para conversarem. Considerou que ainda lhe parecia cedo para montar a expedição; os núcleos que pensara criar para as ações simultâneas na província não

estavam preparados. Quanto ao parque bélico, tampouco pudera completar-se apenas com as armas capturadas em assaltos a depósitos de clubes de caça ou às pequenas estações de polícia, ou subornando mariners. Frank encontrava-se na expectativa de um despacho de armas e munições, proveniente da Ação Armada Autêntica (Triple A), com a sua conexão dominicana, que se comprometia a ceder a terça parte – uma tonelada do carregamento – desde que o M-26 se responsabilizasse pelo transporte e a recepção em território cubano.

Fidel não aceitou as ponderações. Para ele, era importante manter o propósito, tornado compromisso quando anunciado em Palm Garden: “Em 1956, seremos livres ou mártires”. Propôs a Frank que voltasse dentro de um mês, aproximadamente, para darem andamento aos planos. Frank regressaria ao México em fins de setembro, dando notícias de ter tudo encaminhado para o estouro de um motim em Santiago, com distúrbios simultâneos em outras regiões, a fim de distrair o exército de Batista e impedi-lo de acudir à zona do desembarque[11]. Na ocasião, foi nomeado por Fidel como “chefe nacional de ação”.

Em situação de absoluta clandestinidade, devia-se providenciar os locais para abrigar os novos recrutas e os evadidos da perseguição. Mais 40 chegaram ao México, de Cuba e dos Estados Unidos, distribuindo-se nos novos acampamentos de Veracruz e Boca del Río, Jalapa e Ciudad Victoria, espalhados pelo interior, ao longo da costa do Golfo do México. Um grupo foi detido pela polícia judiciária ao entrar em Mérida; Melba providenciou a fiança e eles puderam sair em liberdade provisória, seguindo para Veracruz. “Che” Guevara e Calixto García foram liberados na metade de agosto e instados a abandonar o país.

Havia ondas intermitentes de rumores sobre uma suposta invasão a Cuba que partiria da República Dominicana. A mais recente calçava-se em uma declaração do chefe da polícia de Batista, Salas Cañizares, que insistia na cumplicidade entre Fidel e Trujillo em um plano subversivo. Uma vez mais no mesmo

ano, a réplica de Fidel foi decretada impublicável na revista *Bohemia*. Ei-la:

"O abismo ideológico e moral que nos separa de Batista é o que nos separa de Trujillo. E o único que pode convir ao tirano Trujillo é a permanência de Batista no poder. Há que evidenciar esta manobra. Se é certo que existe um pacto insurrecional entre Trujillo, Prío e nós, significaria que há uma intervenção franca e descarada de um tirano estrangeiro na política interna do nosso país. Ou o governo desmente o pacto ou deve declarar guerra a Trujillo, em defesa da honra e da soberania nacional. O regime está obrigado a ser conseqüente com a sua denúncia ou desmenti-la..."[12]

A rede de articulações que preparava terreno para o desembarque em Cuba estendia-se. Finalmente, anunciava-se o encontro entre José Antonio Echeverría e Fidel Castro. A atividade urbana do grupo, em confronto com a ordem, elevara-se a tal ponto que a executiva do Diretório Revolucionário (DR) concebia estar à beira da guerra, vendo, portanto, a necessidade de articular-se com a ação que seria empreendida por Fidel e o M-26[13]. Estando de viagem marcada para o Chile, para participar de um congresso estudantil, Echeverría aproveitou para passar pelo México. A 23 de agosto, os dois líderes encontraram-se no apartamento da Calle Pachuca, selando um acordo a ser divulgado oportunamente. No dia 30, foi concluída a *Carta do México*, um documento de vários tópicos, cujo redator final foi Fidel[14]:

"... Item 5 - Um tirano estrangeiro, Rafael Leonidas Trujillo, intervindo diretamente na política interna de nosso país, elaborou uma conspiração contra Cuba com a cumplicidade de um grupo de oficiais de 10 de março"; (...) 14 - A FEU e o 26 de Julho consideram o coronel Barquín, e demais oficiais presos e destituídos, a mais digna representação de nosso Exército e dos homens de hoje; (...) 17 -... é hora de os partidos políticos e a Sociedade de Amigos da República cessarem o inútil esforço de implorar soluções amigáveis, em uma atitude que em outros momentos pôde ser patriótica mas que, depois de quatro anos de

rechaço, desprezo e negativa, pode ser infame...; 18 -...ambas organizações decidiram unir solidamente seus esforços, no propósito de derrocar a tirania e levar a cabo a Revolução Cubana...; 19 -... a revolução chegará ao poder livre de compromissos e interesses, para servir a Cuba em um programa de justiça social, liberdade e democracia..."

A *Carta do México* simbolizava a disposição que Fidel manifestara desde o ano anterior e a quebra da resistência de Echeverría e de alguns de seus parceiros a um acordo. Fidel e Echeverría percebiam que, se não acertassem termos de convergência, seus caminhos tendiam a anular-se mutuamente, e alinhavados representavam uma ofensiva política sobre setores jovens avessos ao projeto de rebelião. O marxista René Anillo, presente ao encontro, foi designado o elo entre as duas organizações até uma nova reunião. Em 12 de outubro, dirigentes do DR[15] foram ao México discutir um programa de ação.

"Creio que não devemos esperar ter a mesma tática de luta armada", argumentou-lhes Fidel, "porque todas as formas de luta são necessárias. O que devemos é nos unir em tempo e cada um desenvolver a sua tática. Se vocês puderem realizar ações que agucem mais a situação antes do desembarque, melhor..." Fidel, garantindo a autonomia de ambos grupos, consolidara a aliança. Nem o DR nem o M-26 pretendiam dissolver as suas particularidades. Apresentando-se como um mecanismo de defesa da FEU, para o DR bastava desempenhar o que entendia como a sua herança, com ações de choque, concentrando em Havana os seus quadros, predominantemente estudantis. "Copiamos os métodos da juventude que lutou contra Franco na Espanha e Machado em Cuba nos anos 20 e 30, em resposta ao terrorismo de Estado..."[16], disse Faure Chomón. Já Fidel e o M-26, apoiando-se em concepções apreendidas do processo da Independência, desejavam agenciar a guerra revolucionária com uma expedição ao oriente do país, delegando uma função às ações urbanas, e, enfim, realizar o projeto de governo explicitado em *A História me absolverá*.

Dali, o DR saiu para dar seqüência aos seus planos de eliminar autoridades do Estado ("a cabeça da tirania"), intensificando a comoção. Planejavam ainda um assalto à sede do governo, o Palácio Presidencial, quando fosse possível.

As negociações preparatórias de Fidel chegavam igualmente ao ex-Presidente Prío, apesar de todos os desmentidos. Prío havia entregado 20 mil dólares como contribuição ao M-26 e combinado, com Juan Manuel Márquez, um encontro com o líder da organização. Em meados de setembro, Fidel partiu acompanhado de Faustino Pérez e Rafael Del Pino, com destino aos Estados Unidos, detendo-se na cidade mexicana de Reynosa, às margens do Rio Grande. Pérez e Del Pino o conduziram até um modesto bote de recreação e, depois, retiraram-se. A bordo, Fidel iniciou a travessia, mas a uma certa altura atirou-se nas águas barrentas do rio e submergiu, para alcançar o ponto previsto a nado. Não possuía passaporte em dia, tinha de cruzar a fronteira clandestinamente. Na verdade, nem sequer tentara obter um visto, pois certamente não o concederiam. Ao emergir, notou que se aproximava de um rancho, o McAllen, situado na margem norte-americana, em um prazeroso vale do Texas. Chegando à terra, populares que se encontravam próximos, aparentemente a passeio, ajudaram-no a sair da água e lhe entregaram uma muda de roupa limpa.

Após uma curta viagem de carro, ao entrar no lobby do Hotel Casa de Palmas, o líder rebelde vestia um elegante traje esportivo. Faustino Pérez e Rafael Del Pino se encontravam à sua espera. Haviam atravessado a ponte sobre o Rio Grande normalmente, com documentação legal. Em um sofá, Fidel avistou Prío, que viera de Miami especialmente para encontrar-se com o seu convidado. A escolta relaxou. Cumprimentaram-se e foram caminhando em direção ao elevador. Já dentro da suíte 21, a conversa seria compartilhada por Carlos Maristany Sánchez, uma personalidade do mundo dos autênticos que simpatizava com o advogado Fidel Castro.

Ao encararem-se, não necessitaram estudar-se. Jamais haviam trocado uma palavra, mas conheciam-se o suficiente para, no fundo, nutrirem recíproca aversão. Sobre Prío, nesse momento, recaía a acusação de violar o *US Neutrality Act* por contrabando de armamentos. O ex-Presidente, portanto, encontrava-se impedido de sair do país. Para Fidel, urgia acelerar o plano de desembarcar em Cuba antes que fosse bloqueado. Sem rodeios, declarou a Prío que ele e o seu contingente estavam prontos para o ataque a Batista, mas necessitavam de dinheiro. Discorreu longamente sobre as razões que o levavam a acreditar no sucesso de sua empresa.

Depois de mais algumas horas de conversa, Prío finalmente questionou Fidel sobre o ponto que tinha como fundamental: o que ocorreria após ganha a batalha? Fidel retrucou que manteria o seu programa com uma frente unida. Então, Prío declarou que lhe entregaria 100 mil dólares (ou talvez 50[17]). "Coordenaremos as atividades...", acrescentou o ex-Presidente, ao despedir-se. Fidel meneou a cabeça, concordando. Ambos sabiam perfeitamente que se tratava de interesses circunstancialmente coincidentes, um risco assumido em cima de oportunidades, reservando, um e outro, seus pensamentos privados. Fidel não duvidava de que Prío representava o oposto da revolução que pretendia, o retrocesso. E Prío, ao pretender assumir o comando do futuro governo pós-Batista, provavelmente enxergava Fidel como o seu antagonista garantido. É fato, contudo, que o ex-Presidente colaborava com grupos rebeldes – como o próprio DR –, assim como tampouco renunciara ao projeto de invasão a Cuba a partir da República Dominicana.

Finanças acertadas graças à contribuição de Prío, as providências saíram do papel. Maria Antonia González escolheu o tecido verde apropriado à camuflagem e encomendou, em uma alfaiataria, a confecção de uma série de uniformes de molde básico. Compraram cantis, botas, ponchos, mochilas, lonas de zíper e nylon azul e os demais utensílios de campanha. O parque bélico completar-se-ia com armas compradas no México e nos Estados

Unidos. Em Delaware, foi adquirido uma *Patrol Torpedo Boat*, embarcação que podia cumprir os requisitos ao transporte do contingente; mas como não se obteve a permissão de saída, os 8 mil dólares investidos foram perdidos.

Fidel percorreu Cuernavaca e Yucatán – onde visitou, como um interessado turista, as ruínas de Chichén Itza e Uxmal do império asteca –, mas foi em Tuxpan, um pequeno povoado às margens de um rio do mesmo nome, que viu ancorado no cais um velho e depauperado iate para recreação à venda.

Branco, 12 metros de comprimento, com capacidade para 25 pessoas (máxima aproximada, sem contar cargas) e dois motores Diesel, o iate necessitava de uma série de consertos por haver estado submerso após um ciclone. Apesar de nada credenciá-lo como embarcação capaz de transportar uma expedição revolucionária, o fato é que decidiram adquirir o *Granma*.[18]

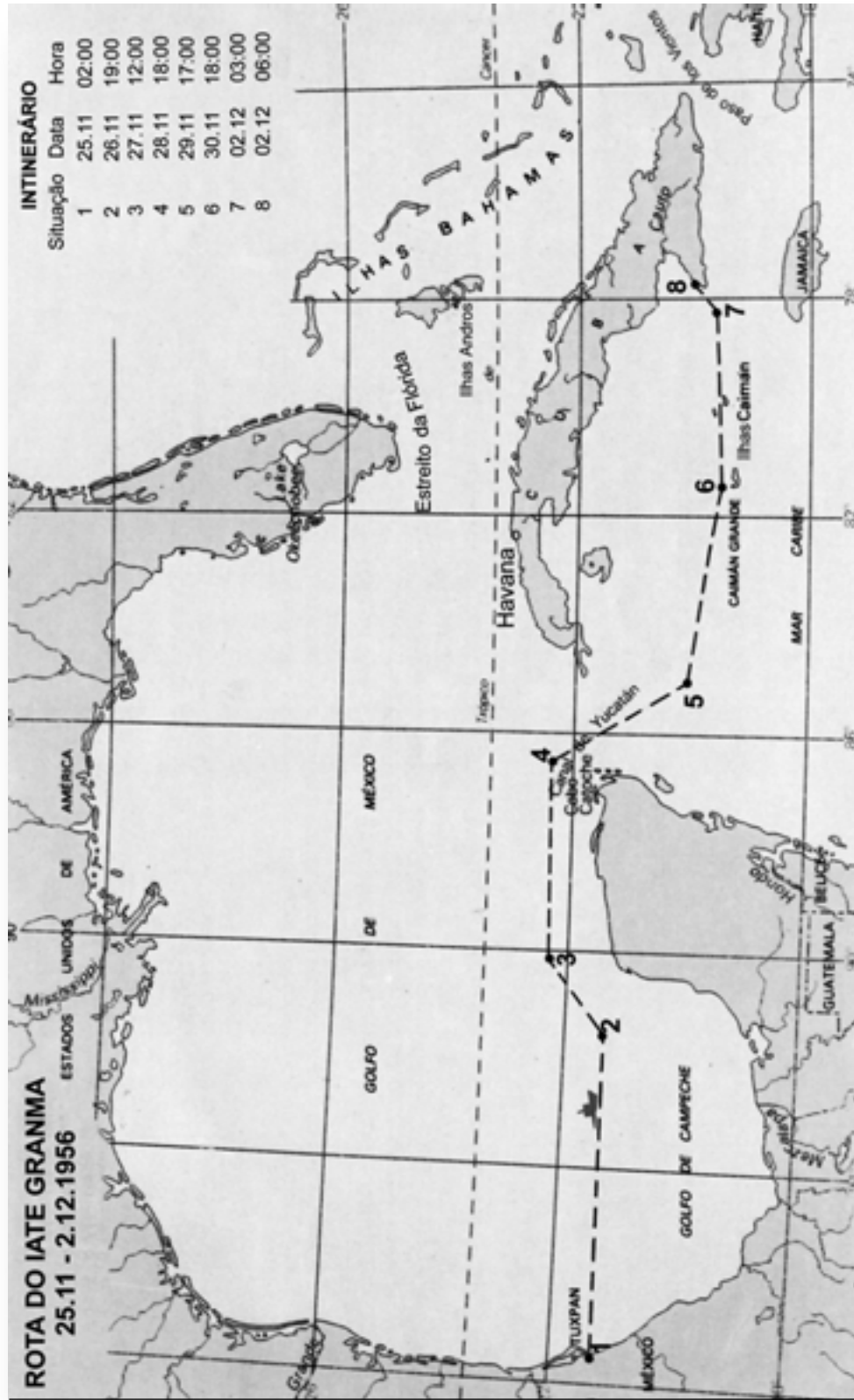
Antonio del Conde (El Cuate), seu acompanhante na ocasião, foi negociar com o dono. A proposta incluía a aquisição do iate e de uma casa, igualmente à venda, perto da foz do Rio Tuxpan, por um valor total de 25 mil dólares. Mr. Erickson, o proprietário norte-americano, aceitou, fazendo questão de mencionar no contrato o nome do iate – *Granma* (abreviatura de vovó, em inglês) –, que Fidel julgou conveniente preservar – Gran Ma também é o nome de uma deusa pagã na santería, a umbanda cubana. Com isso, Tuxpan ficava definido como o ponto da saída[19].

No dia 12 de outubro, Emma e Agustina Castro chegavam à Cidade do México com Fidelito. Sem residência fixa, Fidel instalou as irmãs e o filho no apartamento da Calle Fuego 791, um dos que alugara. Dividia seu tempo entre esse endereço e o de Cuernavaca, onde trabalhava e escrevia com mais tranqüilidade. Certo dia, chegou um telegrama do amigo jornalista, Luis Orlando Rodríguez, expressando a seco a notícia do falecimento de D. Angel Castro, em 21 de outubro. Os familiares de Fidel nem sequer sabiam para onde mandar a notícia. Ramón recorreu à rádio CMQ, divulgando a notícia, para fazê-la chegar a Fidel.

Fidel não via o pai havia três anos. Decaiu, sob o impacto da perda. A seguir, chamou Raúl, por reflexo. Deu-lhe a notícia como pôde, aguentando o sofrimento, sem preparação nem disfarces. Raúl foi se trancar no quarto para chorar; já o irmão correu a uma central pública para telefonar a Ramón, que explicou que o pai escorregara no piso do banheiro e a hérnia, de que sofria, o estrangulara.

Até o ano anterior, ajudara Lina a cuidar das laranjas e percorria a fazenda a cavalo ou no jipe dirigido pela esposa. Deprimira-se quando os dois filhos rumaram para o exílio. Com a crise de hérnia agravando-se, decidira investir no que pudesse, saldar todas as contas – quanto aos que lhe deviam, não havia jeito, não efetivava as cobranças. Naquele triste dia, no sobrado estava apenas Lina, que, dando com o marido no chão, correu a buscar gente pela plantação. Levado com urgência para operar-se no Hospital de Marcané, o velho recomendou que, se o pior acontecesse, jamais esquecessem dos cunhados. Ao seu lado, Ramón, Lina, Juanita e o enfermeiro Miguel. Adiante, no corredor, Enrique e Alejandro, os irmãos de Lina, cabisbaixos. Minutos depois de tomar a anestesia, faleceu. Deixava a caixa-forte da casa sem fortuna viva, mas plantado um futuro. Lina e Ramón assumiriam a administração do patrimônio da família. Para o primogênito, era o de menos, pois da terra tudo aprendera – montava tratores, arava, colhia a cana e reparava motores, de dia ou de noite.

O corpo foi velado na sala da casa de Ramón em Marcané. Camponeses, haitianos e carpideiras – quem não tinha cavalo ou não montava, nem pegara condução, vinha e ia a pé avolumando o cortejo. “Papá Castro morreu...”, corria, de boca em boca, alertando os soldados. Sobre o féretro, alguém deixou um ramalhete de palmas brancas com um recado: “Não vieram por medo...” E foi verdade; muita gente conhecida evitou a cerimônia por causa dos dois filhos de D. Angel.

ROTA DO IATE GRANMA
25.11 - 2.12.1956
INTINERÁRIO
Situação Data Hora
1 25.11 02:00
2 26.11 19:00
3 27.11 12:00
4 28.11 18:00
5 29.11 17:00
6 30.11 18:00
7 02.12 03:00
8 02.12 06:00
ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA
GOLFO DE MÉXICO
GOLFO DE CAMPECHE
MÉXICO
TUXPAN
Estreito da Flórida
Ilhas Andros
ILHAS BAHAMAS
Havana
Cabo Catoche
Yucatán
CAIMÁN GRANDE
Ilhas Caimán
MAR CARIBE
JAMAICA
GUATEMALA
BELICE
Paso de los Vientos

CAPÍTULO 23

Futuros expedicionários do iate Granma, Cidade do México, 1956

Maratona para um naufrágio

Os grupos armados em Cuba, independentemente de concepções programáticas, tinham um alvo em comum: Fulgêncio Batista. No caso do Diretório Revolucionário (DR), um atentado ao ditador fora planejado para ocorrer num trecho da estrada que ele percorria todos os dias. O armamento dado pelos autênticos para levar a cabo a execução somava

14 M1, um fuzil-metralhadora Thompson e 80 granadas. Todavia, na data fixada, com o comando que realizaria a operação a postos e aquartelado[1], Batista não apareceu, mudando sua rotina, assim como nos dias seguintes. Cancelado o plano, os autênticos enviaram um capanga para recolher as doações. José Antonio Echeverría não aceitou devolvê-las: "Vocês devem saber por que Batista não passou e nem passará, não é? Mas as armas são nossas, nós as ganhamos, e um dia elas vão disparar..."[2] Echeverría insinuara a existência de contatos entre agentes de Prío e da polícia de Batista. O curioso e calado personagem, portador da missão, deu meia-volta sem poder cumpri-la.[3]

O novo plano do DR era eliminar um partidário de Batista e, quando se celebrassem os funerais, dinamitariam o cemitério para explodir o Presidente com toda a sua equipe.[4] José Antonio obteve a informação de que alguns oficiais assistiriam a um espetáculo no Cabaret Montmartre, no final da semana. No dia 27 de outubro de 1956, um sábado, o coronel Antonio Blanco Rico, chefe do Serviço de Inteligência Militar (SIM), foi executado a tiros ao sair do cabaré. A bala certeira foi disparada por Rolando Cubela, um integrante do comando que conseguiu escapar dali às pressas.

A violência recrudesceu. Qualquer rebelde era incluído na lista de suspeitos e jurado de tortura ou morte. Como vinham fazendo em relação a todas as iniciativas do DR, os comunistas criticaram o atentado a Blanco Rico, classificando a organização de ameaça à instituição da Federação dos Estudantes Universitários (FEU) e à própria juventude. Debaixo de intenso tiroteio, um pelotão de polícia invadiu a sede da embaixada do Haiti, onde, informara-se, haviam se asilado os autores do atentado. Com mais este confronto, o saldo geral para as duas partes foi um coronel e um general mortos, vários coronéis e oficiais feridos e dez jovens civis assassinados.

Envolto no trâmite de distribuição do seu destacamento expedicionário – grande parte já espalhada pelo sul, próxima a Tuxpan, e, uma outra, concentrando-se ao norte, em um rancho em Avasolo,

no Estado de Tamaulipas – Fidel comentou, ao ser questionado sobre o acontecimento: “Ignoro quem sejam os responsáveis e os motivos que os impeliram, mas creio que, do ponto de vista político e revolucionário, não é justificável. O coronel Blanco Rico não era um esbirro torturador. Mas não condeno o atentado como um instrumento revolucionário, se as circunstâncias o exigem; só que não podem perpetrar-se indiscriminadamente...”

Contava-se nos dedos quem detinha em Cuba a correta informação sobre o desembarque, a saber: a executiva do Movimento 26 de Julho (M-26) – ou Estado Maior, como se intitulavam –, em Santiago, e Célia Sánchez, em Manzanillo. Toda a contingência da viagem em si, a precariedade do transporte escolhido ou as informações sobre as condições de navegação que enfrentariam, tornavam inviável determinar se os revolucionários chegariam a leste ou a oeste de Cabo Cruz na costa sul. A opção era a costa de Niquero, na Praia de Las Coloradas, onde tomariam o quartel pela madrugada. Conforme o acerto entre Fidel e Frank País, este receberia um telegrama com a senha – “Obra pedida esgotada. Editora Divulgação” –, que seria despachado cinco dias antes da saída da expedição, espaço de tempo entendido como suficiente para deslanchar os motins concomitantes à chegada – marcada para 30 de novembro – em toda a província do Oriente, especialmente na capital. “Os companheiros de Santiago achavam melhor agir de modo simultâneo; mas dissemos que era preferível desembarcar primeiro e iniciar a sublevação logo que as forças inimigas se movessem para o local...”, manifestou Fidel. Ainda ressalvou a Frank País, por precaução: “Não se deixem levar pelo puro cálculo, pois qualquer imprevisto poderá retardar ou precipitar, o telegrama inclusive...”

Sem dúvida, o êxito da empreitada dependia crucialmente da possibilidade de dispersar as tropas do governo. Se as Forças Armadas se dividissem enfrentando diversas ações, a meta principal da expedição seria facilitada: atingir as montanhas para manter a luta em curso. Em Niquero, os guerrilheiros montariam em ca-

minhões e seguiriam a Pilón, ali iniciando o trajeto para a Sierra Maestra. Para tanto, apostavam na arregimentação de populares organizada por Célia Sánchez ao longo daquele trecho litorâneo.

Se, por um lado, Fidel não poupava esforços para conquistar aliados, também não abria mão do princípio da rebelião com o exército revolucionário de vanguarda. Acreditava que os grupos, agindo nas cidades, não se constituiriam em força decisiva para a vitória final. Para ele, seria a montanha que garantiria a derrubada da ordem.

Em meados de 1956, o Partido Socialista Popular - PSP - (na clandestinidade) formalizara contatos com o M-26. Alguns dos membros do partido vinham cooperando com a organização na zona do porto de Santiago e na região de Guantânamo. No México, a relação dava-se especialmente por intermédio de Raúl Castro, fossem os exilados, como o líder sindical Lázaro Peña, ou os fortuitos observadores, como Osvaldo Sánchez, chefe de um discreto dispositivo, programado para executar funções militares, se a situação exigisse[5]. A 10 de novembro, Sánchez e Flávio Bravo, membros do Burô Político[6], reuniram-se com Fidel em missão oficial do partido. Vinham transmitir-lhe a opinião de que a situação interna de Cuba desfavorecia uma insurreição; entretanto, se esta coincidisse com uma grande greve açucareira, que se organizaria no começo da safra de janeiro, aproveitando o clima de desânimo pelo (previsto) declínio da produção, poderia ter êxito. Fidel, que, na ocasião, estava acompanhado de Montané, Melba e Raúl[7], disse entender o argumento, mas que precisava cumprir a sua promessa tornada pública; além do mais, estava convencido de que o desembarque produziria levantes por todo o país, para os quais solicitava a colaboração dos comunistas. Flávio Bravo contestou que não ficaria de braços cruzados, se o plano se orientava no primado da luta de massas.

Intimamente, Fidel acreditava que, ao recomendar o adiamento da expedição, o PSP procurava arrastá-lo para as suas concepções políticas; mas, para ele, a luta armada era o motor

que conduziria a luta de massas ao seu grau mais elevado, ambas, desde sempre, entrelaçadas. Importara de Antonio Guiteras tal idéia da combinação das guerrilhas na cidade e no campo, assim como elementos do pensamento martiano, da revolução mexicana e dos libertadores latino-americanos. Tanto o projeto de Martí como o de Guiteras – com quem os comunistas colidiram na década de 30 – haviam sido interrompidos de modo traumático, necessitando resolução, a qual Fidel se propunha a concretizar com o M-26. Nesses termos, entendia a greve geral como um fecho, diversamente do partido comunista, que a via como uma premissa.

Greve geral seguida de grande rebelião popular fora o que pusera abaixo Machado, em agosto de 1933, uma experiência que os comunistas conheceram de perto. Por estranha coincidência, o DR adotara esse mesmo passado como inspirador, embora levasse ao ápice o combate armado. Se por um lado, o PSP tinha uma avaliação mais realista sobre a conjuntura cubana do que o M-26 ou o DR, por outro, no enredo das relações entre os grupos de esquerda, acabava pendendo para a banda direita, ao acolher, inclusive, a possibilidade de uma saída eleitoral em uma situação de anormalidade institucional. Contudo, nem sequer entre os comunistas rezava-se a mesma cartilha.

Dias depois do encontro com a representação comunista, em uma entrevista ao jornal *Alerta*[8], Fidel afirmou reservar-se o direito de iniciar a luta revolucionária, se Batista não renunciasse em um prazo de duas semanas, e enviou uma mensagem ao diretor do órgão, que ocupava também o cargo de ministro das Comunicações:

"Renomado adversário, redijo estas linhas para cumprimentá-lo e expressar minha gratidão pela gentileza de haver enviado um repórter. Procurei comprazê-lo com a maior serenidade em meus juízos. Como o conheço, sei que a publicará. Seu repórter trabalhou estes dias incansavelmente... Procuramos atendê-lo com toda a consideração..."[9]

Em novembro, recebeu a visita de Rafael Del Pino que, embora houvesse se estabelecido repentinamente nos Estados

Unidos, não havia se desligado dos preparativos. Del Pino vendera ao M-26 um carregamento de armas, um transmissor e o Torpedo Boat; e parecia ansioso por conhecer os detalhes finais do projeto. Acabou descobrindo o bastante para delatar com rapidez. Em conseqüência, a polícia secreta deu flagrante em dois albergues com armas, um em uma casa da Calle Sierra Nevada, na colônia Lomas de Chapultepec, e em dois campos de treinamento, um dos quais sob a chefia de Pedro Miret, igualmente detido. Del Pino vendeu os segredos do seu antigo protegido por 25 mil dólares.

Incidentes desse tipo foram tomados por Fidel como razão mais do que suficiente para que se acelerasse a saída. O M-26 seria neutralizado antes que pudessem concretizá-la, ainda mais que, no rastro dos federais mexicanos, estavam o FBI e a CIA[10]. O cerco múltiplo contribuiu, assim, para a empurrá-los, e mesmo a desprezarem maior reflexão e cálculo sobre o plano e os recursos de que dispunham. A missão, quase impossível, tornava-se acima de tudo uma questão de honra. O iate *Granma*, atracado em um espigão do Rio Tuxpan, foi regulado para navegar continuamente em velocidade máxima. A toque de caixa, providenciou-se o restante dos mantimentos.

No dia 20 de novembro de 1956, começava o transporte dos uniformes, do material para camuflagem, metralhadoras, fuzis antitanques calibre 30.06 (mais de 50 de mira telescópica) e embalagens de munição. "Procuravam-nos por toda parte... Guardamos as armas em pequenos lotes, em motéis pela estrada do México a Tuxpan..."[11], relembraria Fidel, anos mais tarde. No dia 21, os expedicionários receberam a ordem de abandonar seus postos, especialmente os que ainda se encontravam na capital. Dividindo-se em grupos de seis, hospedaram-se em motéis baratos. Dois deles desapareceram – não se sabe se vítimas da polícia secreta ou se desertaram.

Fidel perambulou de automóvel da forma mais precavida que pôde, atravessando zonas rurais e um ou outro povoado, reunindo seus homens e armas. O motel *Mi Ranchito*, estabelecimento

provido de várias cabanas, fora escolhido como derradeiro esconderijo. Pela comoção, escasseavam palavras, mas Fidel lhes recordou: “Vamos para Cuba visando não a mudanças políticas superficiais, mas a transformações que garantam a cada cubano um trabalho decoroso, o pleno desfrute da liberdade e o exercício absoluto da soberania...” Melba Hernández e o mexicano Alfonso Gutiérrez, que permaneceriam no país, foram instruídos a remeterem cinco telegramas a Cuba, em diferentes textos-códigos previamente combinados com os destinatários, anunciando a partida. Fidel também lhes deixara um testamento:

“No automóvel que me conduz ao ponto de saída para Cuba, a cumprir um dever sagrado com a minha Pátria e o meu povo... quero deixar constância deste ato de última vontade para o caso de perecer na luta. Entrego meu filho aos cuidados do casal Alfonso Gutiérrez e Orquidia Pino... Tomo esta determinação porque não quero que, na minha ausência, meu filho Fidelito caia em mãos dos que foram os meus mais ferozes inimigos e detratores. Os que, em um ato de vileza sem limites, valendo-se de vínculos familiares, ultrajaram meu lar e o sacrificaram no interesse da tirania sanguinária à que servem. Como minha esposa demonstrou ser incapaz de livrar-se da vassalagem que sua família lhe impõe, não quero expor meu filho a ser educado pelas idéias nefastas contra as que possivelmente morrerei lutando... Deixo-o, por isso, aos que melhor poderão educá-lo, ao matrimônio bom e generoso que tem sido, ademais, nossos melhores amigos no exílio e em cuja casa, nós, os revolucionários cubanos, encontramos um verdadeiro lar. E ao lhes deixar meu filho, entrego-o também ao México, para que aqui cresça e se eduque, neste país livre e hospitaleiro... e que não volte à minha Pátria até que seja livre ou possa lutar por ela. Espero que este desejo humano e justo, com respeito ao único filho que possuo, seja cumprido. 24 de novembro de 1956. Fidel Castro Ruz.”[12]

* * *

Granma – iate que transportou os 82 revolucionários do México a Cuba

Na noite de 24 de novembro, aos poucos, todos os integrantes do pequeno exército confluíram ao porto de Tuxpan. Um grupo abandonou os carros a uma prudente distância e veio atravessando as ruas escuras. Em determinado ponto, havia alguém mostrando o rumo: 200 metros até o cais. Coberto por uma capa e um chapéu de aba larga, Fidel observava o traslado dos últimos pacotes – pistolas, algumas metralhadoras e rifles de mira telescópica, leite condensado, pão, chocolate, sete presuntos e muitas laranjas – e os tanques de reserva de gasolina, retirados da casa alugada. Tomando cuidado para não fazer muito barulho, os carregadores procuravam aproveitar ao máximo o espaço do iate.

Cerca das 22 horas, sob a garoa intermitente do inverno, o *Granma* cambaleava iluminado por réstias de luz noturna em céu de rara estrela. Haviam lhe restituído a boa aparência com a mão de pintura. Mas isso não impediu Universo Sánchez, o guarda-costas de Fidel, de levar um susto ao vê-lo. "E onde está o grande?", deixou escapar num sussurro. Fidel permaneceu imperturbável, calado, mas era evidente que a tropa treinada não caberia na diminuta embarcação. Boa parte nem sequer fora avisada da partida; outros não foram recolhidos pelos veículos e, portanto, não chegaram ao porto – entre eles, Gustavo Arcos.

Vindo da margem oposta do rio, o outro lado da cidade, um bote cruzou as águas quase imperceptível, trazendo nove homens. A exemplo dos que estavam no porto, pouparam movimentos, exceto o olhar, para evitar ruídos. Fidel supervisionou o embarque... Além do carregamento, havia 82 pessoas a bordo – e o *Granma* era projetado para, no máximo, 25 passageiros –, todos cubanos, exceto o médico argentino, um italiano, um mexicano (*Chuchú* Reyes) e o timoneiro *Pichirilo*, natural da República Dominicana. Fidel negara-se a recrutar Patojo, o amigo guatemalteco de "Che" Guevara. Quatro pessoas permaneceram no cais: Melba, Alfonso, El Cuate e Piedad Solís. Melba perguntou a hora e Alfonso respondeu: "Meia-noite e vinte..."

O iate soltou as âncoras e deslizou com o motor em marcha moderada e as luzes apagadas. A navegação estava proibida. O vento norte caribenho rugia agitado, fazendo com que tardassem meia hora no curso do Rio Pantepec, contíguo ao Tuxpan, até penetrarem no golfo. Na ponte de comando, Fidel, Juan Manuel Márquez, Raúl Castro, Faustino, "Che" Guevara e Roque. Próximo ao leme, Norberto Collado e Pichirilo. Fidel irritava-se com a lentidão, preocupado que surgisse alguma patrulha. Aproximando-se da embocadura, solicitou seguirem à toda. O silêncio machucava os corpos de tensão, e, de repente, um punhado deles entoou de improviso os hinos de Cuba e o do M-26. Mas a ventania arbitrária, com a ajuda das correntes, teimava em desviar o iate que, sobrecarregado, desobedecia ao timoneiro.

Transcorreram dois dias e duas noites sob um tempo hostil. Dadas as condições de bordo, avançavam numa angustiante vagareza. Fidel dormia no camarote da popa junto com armas e pacotes, quando amanheceu o dia 27, com o sol saindo entre as nuvens. Ao meio-dia, mediu-se o meridiano do sol e determinou-se a posição provável do iate.[13] Menu diário: lascas de presunto, laranjas e uma lata de leite condensado para três. Faustino distribuiu pastilhas de vitaminas e sais minerais.

Quarenta e oito horas depois da partida, como pedira Fidel, os telegramas cifrados foram enviados. O primeiro, a Frank País, foi endereçado a Arturo Duque de Estrada, Calle San Fermín, 358, Santiago de Cuba. Assim que o recebeu, Frank contatou Célia, que no dia 29 deixou Manzanillo em um jipe para encontrar o camponês Crescencio Pérez, o qual ela escalara para a rede de apoio. Em Niquero, Pilón, El Macho e Magdalena, pela franja costeira a sudoeste da província, onde as montanhas se ligam ao mar, grupos espalhados, na maioria pescadores e trabalhadores açucareiros, puseram-se de vigia. O grupo chefiado pelo camponês Guillermo García aguardaria na região do Rio Toro, em El Plátano. Na altitude de Purial de Vicana, o sítio de Ramón (Mongo) Pérez, seria o destino de contato. Pela planície litorâ-

nea de Niquero, começavam a estacionar os caminhões nas vias entre usinas, à espera de transportar a tropa de Fidel.[14]

Em Havana, o DR, sob rigidez clandestina, montava o tradicional ato do 27 de novembro. Um comando fora plantado na "escalinata" para brecar a entrada de policiais; outros se aquartelaram em casas e pensões ao redor da universidade. Faculdades de Havana e Santiago foram fechadas sob o lema "Não haverá aulas com Batista". No mesmo dia, o DR recebia um telegrama[15] dirigido ao Dr. Primitivo Lima, Calle 21, nº 104, ap. 4, Vedado. A mensagem foi recolhida por Enrique Rodríguez Loeches e entregue a José A. Echeverría. "Fidel em alto-mar", era o que se decifrava.

Um terceiro telegrama foi enviado à farmácia García Naranjo, em Camaguey, com a frase: "Livros encomendados serão remetidos". O destinatário, Raúl García Peláez, era o coordenador provincial do M-26. Um quarto telegrama seguiu para Matanzas, endereçado a Pérez Font com o texto "separe quarto hotel". Aldo Santamaría, que faria o contato com Havana e Pinar Del Río, recolheu-o, mas precisou engoli-lo, quando foi detido na capital. O quinto telegrama, datado de 28 de novembro, foi enviado à Província de Las Villas, a Haydée Leal, Nazareno 9, oeste, apartamento 2, com os seguintes dizeres: "Urge envio certificado título. Carinhos. Assinado: Bertha". Destinatário: o coordenador provincial Santiago Riera. O vocábulo "urge" significava a partida. Em caso de não se incluir, expressava o cancelamento do embarque.

"Pelas ondas que encontramos no Caribe e para evitar a observação aérea e naval, tivemos que passar longe de Cuba, fazer um arco para chegar à zona de Niquero...", narrou Fidel. Sinais no mar ou no céu convertiam-se em ameaças. No mar, avistaram dois barcos pesqueiros. Fidel ordenou cobrirem-se todos e o equipamento militar, enquanto o capitão Pino era obrigado a desviar-se uma vez mais. Perto das 17 horas do dia 29, o rumo trocado para 105 graus conduzia-os ao farol norte da ilha do Grande Caimán. Horas depois, um navio mercante passou por

perto. "Içamos uma bandeira da qual nem recordo a nacionalidade, mas não despertou a mais leve suspeita...", contou Fidel.

O vento soprava inclemente e as ondas avolumavam-se bravias. O *Granma* bamboleava; detinha-se e subitamente saltava empurrado pelo mar[16]. A água entrava estremecendo o casco e, com o excesso de peso, rebaixava o barco. De nada adiantou utilizarem bombas de sucção e baldes; estavam prestes a naufragar. Com aflição nos rostos e as cabeças debruçadas, abraçavam o estômago, sofrendo enjoos. "Che" Guevara lutava desesperadamente contra uma crise de asma. Começou, então, a busca pela maleta dos remédios que não aparecia.

Enfim, a tempestade amainou. No *Granma*, os corpos espremidos, cabeças escondidas, fome, cansaço e sono. Fidel aproximou-se de Calixto García, que montara uma caverna no camarote, ali hibernando havia quatro dias. Perguntou-lhe como estava: bem, não tinha enjoado, como Fidel, que deu meia-volta e dirigiu-se à popa. Os homens imóveis alçavam olhos para observá-lo. Ele pusera-se de pé, no bombordo, a experimentar fuzis e ajustar as miras telescópicas sobre um suporte inventado. No momento, navegavam pelo sul das Ilhas Caimán, a umas cinco ou seis milhas da costa.

* * *

A agência UPI noticiou o início da aventura: "O Dr. Fidel Castro Ruz publicou hoje um manifesto no México em que diz que está de regresso ao solo cubano para dirigir a luta até a morte do último combatente... O documento diz que a revolução persegue dois fins: 'iniciar imediatamente a luta para eliminar a tirania interna' e 'salvar a Nação do perigo ainda maior da tirania estrangeira.' 'Com os pés firmes sobre o solo da Pátria, com a satisfação de ter cumprido uma promessa, com o rifle nas costas... até alcançarmos para o nosso povo os direitos que a tirania pisoteou, anunciamos que começou a luta de morte entre o des-

potismo e os soldados da liberdade.' Acrescenta que 'os criminosos e traidores não podem ser perdoados, porque a dignidade nacional ferida não o permite.' Pede a todos os povos do Continente que apoiem o cubano..."[17]

Já era 30 de novembro. Passados cinco dias da saída, nada de chegar a tropa revolucionária, conforme previsto. Em Santiago, Frank País imaginava as dificuldades que seus companheiros estariam enfrentando no mar e a iminente possibilidade de uma onda de desinformação, com as autoridades espalhando notícias truncadas sobre o desembarque, confundindo populares e os grupos de prontidão. Decidiu, então, precipitar o levante, em vez de esperar a confirmação da chegada, como queria Fidel, para desconcentrar as forças do Governo. Assim, divulgou as linhas de ação – bombardeio, cerco e tomada das chefaturas da Polícia Marítima e Nacional, do quartel Moncada e do aeroporto; libertação dos presos políticos do cárcere de Boniato e convocação do povo pela estação de rádio CMKC. No dia seguinte, a cidade amanheceu sob tiroteio, sirenes e vôos rasantes das avionetas militares.

Entre um e outro brado alentador de "Proa a Cuba!" dos pilotos, Fidel, grave e ensimesmado, escutava no rádio as chamadas das reportagens: "...Atacada a estação naval e a chefatura de polícia. Morteiros e metralhadoras tomados no Instituto… Paralisação de Guantânamo, onda de sabotagens em Matanzas e Las Villas. Incêndios…" O iate ia sulcando as águas ao sul da Ilha de Pinos, enquanto as manobras que deveriam acobertar o desembarque já corriam. Penoso atraso, incontornável. "Queria ter a faculdade de voar!", soltou Fidel, ao perceber a gravidade da situação.

No fim da tarde, Santiago virara um inferno. Na capitania do Porto, os rebeldes conseguiram tomar 20 fuzis e os marinheiros se renderam. Ferroviários, comerciários e farmacêuticos declararam-se em greve. Completava-se o Plano 1, conforme o trato entre Frank e Fidel. No entanto, a insurreição, de fato, estava à míngua. As demais ações previstas na Província do Oriente

e no extremo ocidental, em Pinar del Río, não se realizaram – aqui incluído o Plano 2, que previa a expansão do movimento pela província, com o deslocamento de comandos para as proximidades de Santiago, com a missão de postarem-se como franco-atiradores. E havia ainda o Plano 3, previsto para os 50 dias após o levante, com as sabotagens econômicas de serviços públicos e grandes propriedades.

Só os núcleos operários do M-26 na Província de Guantânamo conseguiram paralisar a capital regional, inutilizando transportes e sabotado a rede elétrica. Em Las Villas, Santiago Riera e um ex-oficial do exército deveriam se apresentar no quartel rural de Santa Clara, onde um grupo de oficiais estaria comprometido a rebelar-se; em Cienfuegos (na mesma província), Santiago Ríos, um cabo da Marinha de Guerra, conduziria o apoio. Ninguém se moveu. Em Camaguey, tampouco se receberam as armas que viriam de Santiago. A cidade seria submetida a três dias de vôos rasantes, com soldados disparando. Alastrava-se o caos, urgindo a retirada em boa ordem.

Em Havana, Pepe Suárez, o chefe de ação do M-26, nada sabia até ser chamado pelo DR. Em uma reunião, a que compareceram alguns autênticos, detectou-se a carência de organização e material bélico para ativar um levantamento armado na capital. O DR considerava ainda a possibilidade de um assalto à sede do governo, mas, ante as circunstâncias, Echeverría preferiu evitar o pior. Por parte de militantes do 26, houve atos esparsos, como descarrilamento de trens e derrubada de postes.

Enquanto isso, a bordo do *Granma*, na tarde de 1º de dezembro, Fidel organizava a estrutura e a hierarquia da coluna invasora. Estado Maior: Fidel Castro, Juan Manuel Márquez e Faustino Pérez. Oficiais adscritos: Antonio (Ñico) López, Onelio Pino, Jesús Reyes, Cândido González, Roberto Roque, Jesús Montané e César Gómez. Intendência: Pablo Díaz, com os ajudantes Armando Huoap e Félix Elmuza. Saúde: Dr. Ernesto Guevara. Pelotão de vanguarda – Chefe: capitão José Smith Co-

mas. Pelotão do centro – Chefe: capitão Juan Almeida. Pelotão de retaguarda – Chefe: capitão Raúl Castro.

Cada um dos pelotões contava com 22 homens. As instruções básicas eram evitar combates e tomar o caminho da Sierra Maestra. Em caso de se perderem, o rumo era o Pico Turquino. Lá descansariam e começariam a ofensiva. Se esbarrassem com guarnições menores, deviam procurar rendê-las sem lutar. Fidel procedeu, então, à entrega das armas, com as melhores correspondendo ao pelotão de assalto, a vanguarda, e fez saber o local do desembarque: Las Coloradas. A tropa vestiu uniforme, jogando ao mar as roupas que usava e tomando as mochilas. No meio da noite, deixaram para trás Caimán Brac.

Com um mar insistentemente encrespado, tinham de navegar em baixa velocidade e às escuras, para precaver-se de encontros com unidades da patrulha naval. Mas, na manhã de 2 de dezembro, o piloto Roque, buscando aflito enxergar o farol de Cabo Cruz, subindo ao teto do iate mais uma vez, escorregou. O som de pancada seca indicava que resvalara para o mar. Fidel deu ordem de amainar os motores para resgatá-lo, mas a tremenda penumbra impedia-os de localizá-lo. Quase uma hora permaneceram lá, com o barco volteando, o combustível em escassez, marcando duas polegadas, o piloto sendo dado por afogado, quando Fidel rogou um último intento com a lanterna, a única a bordo. O foco luminoso, de repente, encontrou o homem no mar. Salvo Roque, Pino, o outro piloto, acelerou em direção a Cuba.

Guiavam-se por uma carta náutica. Vários teimavam em subir à cabine, pressentindo que a costa se aproximava. O "terra à vista" foi comemorado com enorme alívio e euforia. Porém, era preciso situar o ponto do pequeno cais de Las Coloradas e, como não contavam com reserva de gasolina, tornou-se urgente aportar.

"Sabia onde estávamos, pois viéramos da região dos Caimán. Mas, quando o piloto repetiu, pela terceira vez, que daria mais uma volta, neguei-me. Fiz a pergunta: 'É a Ilha de Cuba, não?', como querendo apenas descartar se não seria um dos *cayos*, inú-

meros, do arquipélago cubano. Ele me confirmou e eu lhe disse: 'Solta toda a velocidade! Proa à costa!' De qualquer forma, seriam as imediações de Cabo Cruz. Ao enxergarem o farol, acreditavam estar entrando no canal de Niquero, mas as bóias largadas não respondiam, o barco teimava em ancorar", relatou Fidel.

A quina tocou um relevo e encalhou. Fidel disse a René Rodríguez, que era rápido e leve: "Salta e vê o que aconteceu..." Lá debaixo, ele respondeu: "Está firme." Então, o Comandante seguiu logo atrás, mas, por ser corpulento e com todo o peso que carregava, começou a afundar. Não podia mover os pés, enterrando-se no banco de limo até o ventre. Experimentaram descer um bote auxiliar de alumínio, mas a embarcação se encheu de água e afundou. Fidel ordenou o desembarque do Estado Maior e do pelotão da frente – todos tiveram a mesma sorte dele, acabaram enterrados no limo. Um tiro escapou. Com uma terrível dificuldade, o grupo ia retirando a carga. Pouco a pouco, cada qual ficando apenas com o estritamente necessário, iam cruzando a interminável via de pântano centrífugo e farpas cruzadas, com mosquitos rondando as cabeças. Um barco passou próximo em ritmo moderado e enxergou a manobra.

"Che" Guevara e Raúl Castro foram dos últimos a abandonar o iate. Os da retaguarda tentavam ainda levar equipamentos e acessórios, mas o lodaçal ameaçava enguli-los. Ao sentirem pernas ou mãos sobre uma porção mais alta de terra, animavam-se, mas imediatamente despencavam pelo limo. A alvorada emitia uma luz triste sobre o destino daquele pequeno exército. Encontravam-se em Los Cayuelos, a aproximadamente dois quilômetros da Praia de Las Coloradas,[18] a nordeste do Cabo Cruz, bem dentro do que os carvoeiros da zona batizaram Torniquete (El Torno).

Fidel ardia de angústia. Suspeitava estarem de fato sobre um *cayo*, o que seria o pior, pois como se moveriam depois para a Ilha, sem um veículo? À deriva, aos solavancos, como "fantasmas sob o impulso de algum obscuro mecanismo psíquico"[19], enfim, puseram o pé em terra firme, na pequena aldeia de Belic.

Imagine-se o choro de alegria contida daquela bisonha e depauperada tropa.

No entanto, o pequeno barco de cabotagem que os avistara comunicara o fato ao posto de Niquero. O posto chamara um avião da Marinha de Guerra, que agora cruzava o céu devagar, bem acima deles. Quase duas horas haviam transcorrido desde o encalhe no mangue. Mantinham-se andando, mas já haviam ultrapassado o limiar da exaustão. A maioria tinha os pés sangrando dentro das botas, e alguns as haviam perdido na água ou pelo caminho. Mas já não se viam todos; Juan Manuel Márquez e mais sete haviam se extraviado no quase naufrágio.

Fidel pediu a Abelardo Crespo para verificar a pequena casa que haviam avistado a distância, enquanto esperava os restantes. Crespo regressou acompanhado do camponês Angel Pérez Rosabal. Fidel, à frente, adiantou-se e pôs a mão no ombro dele: “Não tema. Viemos para ajudar o homem do campo...” O *guajiro* levou-o para casa, enquanto iam lhe perguntando dados e direções do lugar. Fidel disse-lhe, então, que necessitavam comer qualquer coisa e propôs-se a pagá-lo. Ele concordou em preparar um porco com batata-doce, quando se ouviram disparos.

Eram um navio guarda-fronteiras e aviões da FAE atirando contra o mangue – toda a zona foi declarada situação de operações, estabelecendo-se o cerco para eliminar o contingente. Fidel ordenou que todos buscassem abrigo, enquanto o buque regressava rebocando o *Granma*.

Pela região, a rede de apoio ao M-26 vira-se, de repente, solta, sem idéia do que acontecera com a expedição. O grupo de Célia Sánchez havia regressado à vida normal, fugindo ao perigo. Ela, por sua vez, resolvera pegar um ônibus para conversar com Frank em Santiago. Parada em um armazém no caminho, à espera de um contato, apareceram três viaturas policiais. Uma delas estacionou. Um policial aproximou-se em tom inquiridor, mas, num instante em que o homem se distraiu à porta, Célia zarpou por trás em disparada. Acabaria metida em um matagal

que lhe encheu o corpo de espinhos. Conseguiu uma carona para Manzanillo e, ao descer, escutou o ranger dos aviões do Exército, ocupando o aeroporto.

Os grupos de Santiago, martelados pela preocupação, postavam-se na casa de São Gerônimo, da família de Vilma Espín, a insuspeita e eficiente fachada da central de operações. Frank decidira manter-se por quanto tempo pudesse na capital, para aguardar algum comunicado de Fidel.

Com Célia Sánchez, Sierra Maestra, 1957

Com Raúl Castro, na Sierra Maestra, 1957

CAPÍTULO 24

Da esquerda à direita: "Che", Fidel, Calixto Garcia, Ramiro Valdés e Juan Almeida, Sierra Maestra, 1957

Estréia de guerrilha

O *guajiro* Pérez Rosabal lhes indicara o leste, a direção da montanha. Precisariam percorrer um longo trajeto, evitando a todo custo serem descobertos. A qualquer sobrevôo dos pilotos da Marinha de Guerra, atiravam-se em meio ao matagal. Mas, por volta do meio-dia, a sede os compeliu a

deterem-se em um rancho. Um dos trabalhadores, ao deparar-se com a tropa, fugiu alarmado; mas um outro se prontificou a servir-lhes água por uma portinhola. Reiniciaram a jornada. Ao avizinhar-se a noite, acamparam em um monte e, na alvorada, deram por sorte com gente que lhes cedeu mel de abelha e aipim com molho para se alimentarem, enquanto aviões militares voltavam a rondar a área.

Com a pistola enganchada na calça, a camisa aberta e o fuzil no ombro, Fidel vinha adiante do grupo, quando encontraram uma venda. Ali compraram mantimentos e comeram um pouco de feijão. Um dos carvoeiros presentes quis saber qual deles era o chefe. Fidel afastou-se, discretamente. Seus companheiros, olhando em volta, disseram que o chefe não se encontrava com eles, que talvez estivesse pelos arredores, mas que o seu nome era Fidel Castro. Desconfiado, o carvoeiro perguntou se não se tratava do “grandalhão que chegara na frente”. Eles negaram; não podiam prescindir de cautela, embora soubessem que, em situação de extrema fragilidade, necessitando de auxílio, impunha-se confiar em terceiros.

Afastando-se dali, um rapaz do campo ofereceu-se para acompanhá-los. Ao internarem-se pela vereda de um bosque, ele desapareceu, vindo a reencontrá-los no dia seguinte, trazendo os oito expedicionários que haviam se perdido no pântano. O rapaz partiu de novo, em seguida, enquanto eles cruzavam os canaviais da Usina Niquero e os aviões já circulavam outra vez, metralhando mais forte e a esmo. Os expedicionários misturaram-se aos lavradores para tentar evadir-se, mas acabaram perdidos. Dois habitantes locais dispuseram-se a orientá-los, conduzindo o grupo até um cruzamento de picadas. Recomendaram que continuassem em linha reta pelo canavial, pois sairiam na subida da Sierra. Caía a noite. Fidel, por algum motivo, não havia confiado na orientação recebida e tomou o rumo que a intuição lhe indicava, fazendo sinais, agoniado para que os que vinham atrás não diminuíssem o passo. Temia que a luz do dia os surpreen-

desse antes de alcançarem a Sierra. O grupo numeroso deixava rastros contínuos de bagaços da cana, sugados para repor energia. E foi assim que Tato Vega, um dos solícitos guias, pôde levar o exército à localização do grupo.

Já estavam completamente exauridos quando Fidel ordenou que fizessem alto em uma encosta próxima a um canavial abandonado. Quase amanhecia e ainda faltava bastante para alcançarem seu ponto de destino. Jogaram-se sobre a relva. Arrancaram as botas, soltaram as mochilas, alguns caíram no sono; outros foram curar as chagas dos pés, com a ajuda dos médicos "Che" Guevara e Faustino Pérez. Outros mais se recostaram a contar casos e piadas, quem sabe incentivados pela falsa trégua dos bombardeios, enquanto um grupo foi destacado para inspecionar as cercanias.

Fidel enraiveceu-se com o barulho exagerado, chamando a atenção de membros do pelotão do capitão Raúl, seu irmão, também devidamente admoestado. Uma lata com 40 pedaços de lingüiça, pacotes de biscoitos, três latas de salsichas, quatro de leite condensado, dois quilos de açúcar mascavo completavam o levantamento dos alimentos de que dispunham para uma refeição – além das caixas de cigarro e os cantis vazios. Distribuiu-se o que corresponderia ao almoço de cada um, fornecendo uma lingüiça extra aos mais depauperados.

Os batedores retornaram com a preocupante notícia de que, a poucos quilômetros, justo na direção que precisariam tomar, postara-se um destacamento militar. Era 5 de dezembro de 1956 e estavam próximos à colônia Alegria de Pío. Uma esquadrilha de aviões começou voar em círculos sobre o local. Ouviu-se um disparo. A princípio, pensaram que talvez tivesse sido um dos expedicionários limpando a arma, mas era o sinal de que soldados fechavam o cerco. Ao estalar uma saraivada de metralhadora, Fidel gritou para que todos se jogassem ao solo.

De um lado, tinham o tiroteio cerrado; de outro, um incêndio que fora provocado no canavial, para acuá-los. A aviação

passava em rasantes quase roçando a copa das árvores. Cada um tentou escapar para um lado, enquanto os militares exigiram que se entregassem. Fidel ordenou que empreendessem a fuga em direção a um trecho do bosque de onde não partiam disparos. Rastejavam com as balas zunindo. Já havia vários mortos ou feridos, entre os quais "Che" Guevara, que, atingido no pescoço, teve de largar a mochila dos remédios. Agarrou a caixa de balas e ainda conseguiu correr, ajudado pelo capitão Almeida. Um dos últimos a retirar-se foi Fidel, que cobria o deslocamento dos companheiros, disparando com o fuzil.

Fidel tentou reagrupá-los na plantação vizinha ao bosque, mas os combatentes dispersavam-se irremediavelmente. Com Fidel, permaneceram dois homens; Universo Sánchez e Juan Manuel Márquez. Ainda prosseguiram um pouco, barriga roçando a terra feito serpentes. Então, Juan Manuel, que vinha atrás, também desapareceu para sempre. Fidel e Universo resolveram parar e cobrir-se com feixes de cana. Observaram que contavam ainda com uma considerável munição e permaneceriam imóveis por certo tempo, até que escutaram o ruído de gente chegando. Já preparavam-se para atirar quando reconheceram Faustino Pérez. Passariam a noite ali, em claro, ocultos, paralisados, ouvindo os soldados movimentarem-se pelas redondezas.

Fidel sussurrava repetidamente os nomes dos seus expedicionários, ansiando saber o que lhes sucedera, acalentando a esperança de sair dali e reencontrá-los, todos. Faustino retrucava-lhe, pacientemente, a cada vez: "Muitos devem estar mortos...", mas era sempre difícil demovê-lo de convicções. Pela manhã, quando Fidel quis deslocar-se e chegou a avançar um pouco, Faustino argumentou-lhe a conveniência de voltar e manter-se protegido no canavial, onde podiam saciar fome e a sede. O comandante acedeu, enfim.

Por volta do meio-dia, uma avioneta localizou-os e abriu fogo, a menos de 50 metros de altura. Quando o aparelho precisou realizar uma volta, afastando-se momentaneamente, o trio

deslizou veloz, ganhando alguns metros até uma espessa ramagem de cana. Cobriram-se com a palha, chamando os nomes um do outro para certificarem-se que nenhum deles havia se perdido, enquanto o avião varria com a metralha o ponto de onde haviam acabado de sair.

O cansaço, finalmente, venceu-os, forçando-os a desistir de se moverem dali. Antes de entregar-se ao sono, Fidel posicionou a culatra do fuzil entre as pernas dobradas e puxou ligeiramente o gatilho, apoiando a extremidade do cano debaixo do queixo. Em caso de ser surpreendido, preferia matar-se a ser capturado. Assim dormiu várias horas.

Dias inteiros transcorreram com eles abrigados sob a plantação, alimentando-se de tocos de cana cortada por Universo, com a força de suas mãos e um mínimo de som. A sede aguçada

COMBATESE EN LA
ZONA DE NIQUERO
Huyen los rebeldes
alerta

Anunciando os primeiros combates, com a imagem do Granma abandonado, 5 de dezembro de 1956

pelo doce da cana era aplacada pelo orvalho. Fidel balbuciava, de quando em quando, um monólogo sobre o que a revolução faria no futuro em benefício do povo. Já sentiam cãibras de tanta imobilidade quando, num anoitecer, resolveram avançar rumo a um canavial a oeste, mais crescido e compacto, onde internaram-se outra vez. Rompeu-se a mórbida rotina quando, no dia 10, cessado aparentemente o assédio das forças militares e o único ruído era o das folhas de cana pelo vento, Fidel intuiu que era a chance de abandonar o esconderijo.

À noite, andaram quatro quilômetros na direção nordeste, em separado, orientados pela posição do pôr do sol, o instinto, as estrelas. Passaram um dia novamente ocultos sob a cana, mas ao escurecer seguiram por um caminho onde deram em dois sítios cheios de soldados. Com imensa cautela, ultrapassaram o obstáculo, mas o retorno de explosões a distância recordou-lhes a perseguição.

Qualquer silêncio incentivava a chance de salvarem-se, mas os intervalos eram sempre breves. Batista reforçava e ampliava o cerco, com a perspectiva da iminente aniquilação da expedição. Até então, como se soube depois, além dos mortos no combate de Alegría de Pío, 38 expedicionários haviam sido capturados, dos quais 21 foram assassinados. Portanto, o contigente que permanecia vivo, incluindo o chefe Fidel, era considerado alvo fácil, por estar fragilizado e completamente isolado. Parte dos sobreviventes tentava orientar-se para alcançar a Sierra Maestra; mas havia também aqueles que, havendo alcançado o seu limite, resolveram escapar ou voltar para casa. De toda forma, encontrava-se desmantelado o pequeno exército, enquanto pelo país afora, as agências internacionais de notícias veiculavam a informação da morte de Fidel e de dezenas de insurgentes.[1]

Em Birán, o telegrafista acionou sua maquineta. Ramón estava ao lado, ansioso por ver impressa alguma notícia sobre os irmãos. Foi assim que recebeu a informação sobre a morte de Fidel e Raúl. Duvidou, de imediato, mas, mesmo assim, montou

em seu cavalo e partiu para o engenho de Marcané onde vivia, recusando-se a enfrentar a reação da mãe, que enviuvara havia menos de dois meses. Ao percorrer o povoado, os conhecidos, todos, davam-lhe os pêsames. Um *guajiro* passou vendendo um enorme peru por três pesos e ele resolveu comprá-lo, para guardá-lo no congelador, com a recôndita esperança de prepará-lo para receber os irmãos algum dia.[2]

Lina não demorou a aparecer ao portão da casa do filho, montada no alazão, banhada em suor. Viera a galope, vencendo os sete quilômetros de Birán a Marcané. "Ramoncito, filho! Mataram Fidelito e Raúlito!", gritou-lhe. "Não, eles estão vivos...", disse Ramón. "Tem certeza, filho? E por quê?" Ramón respondeu que era o que sentia e a mãe tranqüilizou-se um pouco, embora as notícias se amontoassem, imprecisas e capciosas.

Após o que parecia ser um anúncio oficial e definitivo da morte dos irmãos, Ramón veio lhe dizer: "Temos de reclamar os cadáveres...". Decidiram ir a Manzanillo, mas, naquela mesma noite, uma emissora de rádio informou que Raúl e Fidel, "possivelmente", ainda não teriam sido capturados. Entretanto, reconfirmou-se a morte de ambos, mas não havia meio de Lina crer no que quer que fosse, talvez, em conseqüência da tortura informativa; talvez por disciplinar-se à lei do coração. Quanto a Ramón, começou a ver que tudo era um teatro arranjado por Batista.

Enquanto Fidel e seus dois companheiros cruzavam uma extensa lavoura, foram surpreendidos por um avião Piper. Um B-26 voou rasante forçando-os a se esconderem. Mais adiante, perto de um bananal, bateram à porta de uma choupana. A família *guajira* apavorou-se – ao redor dali circulavam muitos guardas e iriam matá-los, se ajudassem os fugitivos. Os três se retiraram. Pelo caminho, um camponês, ao vê-los, desconfiou que seriam expedicionários e perguntou se algum deles não era Alejandro. O conhecimento do codinome de Fidel evidenciava que se tratava de um homem engajado na ação revolucionária. O camponês levou-os à sua gente, ofereceu-lhes alimento, declarou pertencer

ao grupo coordenado por Guillermo García, e comentou que já outros, iguais a eles, haviam passado por ali e sido atendidos. Fidel, enfim, era acolhido dentro da rede formada pelo Movimento 26 de Julho (M-26).

Em 15 de dezembro, aproveitando que havia sido levantado o cerco de patrulhas, reiniciaram a escalada para a montanha. Avisado da presença dos companheiros, logo se juntaram a eles Guillermo García e Ignacio, filho de Crescencio Pérez, o outro coordenador da rede. Por Guillermo, que nos últimos dias estivera à cata de pistas de sobreviventes, Fidel soube que as forças de Batista haviam encarcerado 17 expedicionários do *Granma* e havia um grande número de mortos e assassinados. Após longa marcha, na noite de 16, chegaram ao sítio de Ramón (Mongo) Pérez, irmão de Crescencio, ex-vereador ortodoxo, em Purial de Vicana. Conhecido como Cinco Palmas, era precisamente o ponto pensado por Célia Sánchez para transferirem-se ao intrincado da Sierra Maestra.

Na manhã do dia 18, por volta das 10 horas, aproximou-se de Fidel o camponês Primitivo Pérez, trazendo uma pequena bolsa de couro. Dentro, achava-se a carteira de motorista, mexicana, de Raúl. “Onde está ele? Anda armado?”, perguntou Fidel, entusiasmando-se. Primitivo explicou-lhe que pessoas da vizinhança, a dois quilômetros dali, receberam aquela carteira de madrugada, em casa, de alguém que se identificava como Raúl Castro.

Não querendo correr riscos, Fidel instruiu o camponês: “Olha... Vou te dizer os nomes dos estrangeiros que vieram conosco. Um argentino de nome Ernesto Guevara e chamam-no “Che”; o outro é dominicano e seu nome é Mejía, mas chamam-no *Pichirilo*. Aprenda estes nomes e peça ao tal senhor que te diga os nomes e os apelidos. Se responder certo, é Raúl…” Primitivo anotou tudo e partiu, voltando na maior alegria, já que a pessoa interrogada acertara na mosca.

Fidel já não cabia em si. Estava emocionado ao reencontrar Raúl e seu grupo[3], mas logo lhe perguntaria: “Quantos fuzis

você trouxe?" "Cinco", disse Raúl. "Com os dois que tenho, são sete! Agora sim ganhamos a guerra!", gabou-se Fidel, numa espontânea alusão ao dito de Carlos Manuel de Céspedes, herói da Independência, ao reunir o núcleo de seus homens após o primeiro revés daquela guerra. Mongo Pérez desceu a Manzanillo para avisar Célia na manhã seguinte e, quando voltou, dois dias depois, trazia cerveja para festejar, roupas, botas, remédios e um pouco de dinheiro que Célia lhe entregara.

No dia 21, de madrugada, o grupo de Juan Almeida, "Che" Guevara e mais cinco[4], viriam a desembocar no mesmo ponto, após viverem a sua fábula particular. O reencontro era tanto um produto do estranho ou predestinado acaso, como o resultado da articulação dos camponeses. Quanto mais perto da trilha da Sierra, mais chance se tinha de esbarrar com simpatizantes da rede. Entre os abraços e a euforia, reparando que não vestiam uniformes e que estavam praticamente desarmados, com apenas duas pistolas, Fidel reintroduziu-os na crua realidade: "É um crime e uma estupidez abandonar as suas armas! Um homem sem um fuzil é um homem morto! Ora, vocês têm é mentalidade de pistoleiros... Vão pagar caro a falta que cometeram!"[5]. Como punição, Juan Almeida seria um capitão sem fuzil por algum tempo.

Com uma fração da sua tropa recuperada, Fidel comandou um treinamento pelas imediações. Logo, a mando dos militantes locais do M-26, três pessoas aproximaram-se do sítio, entre elas uma mulher trazendo, sob a saia, 300 balas, três detonadores e nove cartuchos de dinamite. À noite, Fidel achou por bem enviar Faustino Pérez à cidade, junto aos emissários, com a missão de reavivar o M-26-7 urbano. Em Santiago, Frank recebia um recado: deveria escolher um jornalista especial para subir a montanha e documentar a existência do acampamento revolucionário – seria a maneira de Fidel desmentir as notícias sobre a sua morte. Pediram a Frank ainda que lhes enviasse um pequeno grupo de militantes como reforço. Os membros da direção desconheciam o paradeiro de seu líder. Foi com prazer e comemoração que

escutaram a doce voz de Cayita Araújo transmitir a mensagem cifrada: "Maria, vem comer suspiro...".

Em Havana, numa reunião clandestina realizada num subúrbio, Faustino foi apresentado por Frank, que o acompanhou à capital, como o novo coordenador provincial.

* * *

Em Birán, vivia-se um Natal de tragédia. Lina, quando se ausentava do perímetro da fazenda, era provocada por soldados do regimento local, mas suportava as agressões com altivez.[6] O coronel Fermín Cowley, chefe do regimento, foi a Manacas em busca de informações, ou quem sabe, com a intenção de provocar a família. Lina rezava rosários e, aos mais próximos, dizia que Deus tocava-lhe as costas, avisando-a de que seus filhos estavam protegidos. Insistia com Ramón para que encontrasse a maneira de consultar Montané, que, sabia-se, era um dos detidos no Presídio da Ilha de Pinos. Quando Ramón conseguiu encontrá-lo, mediante o favor de um capitão, Montané, apesar de convicto materialista, apenas reiterou-lhe a mesma fé de Lina[7]. Seria o camponês Juan Socarrás que, em Manzanillo, obteve de membros do M-26 a exata informação do destino dos Castro e traria alívio à vida da fazenda.

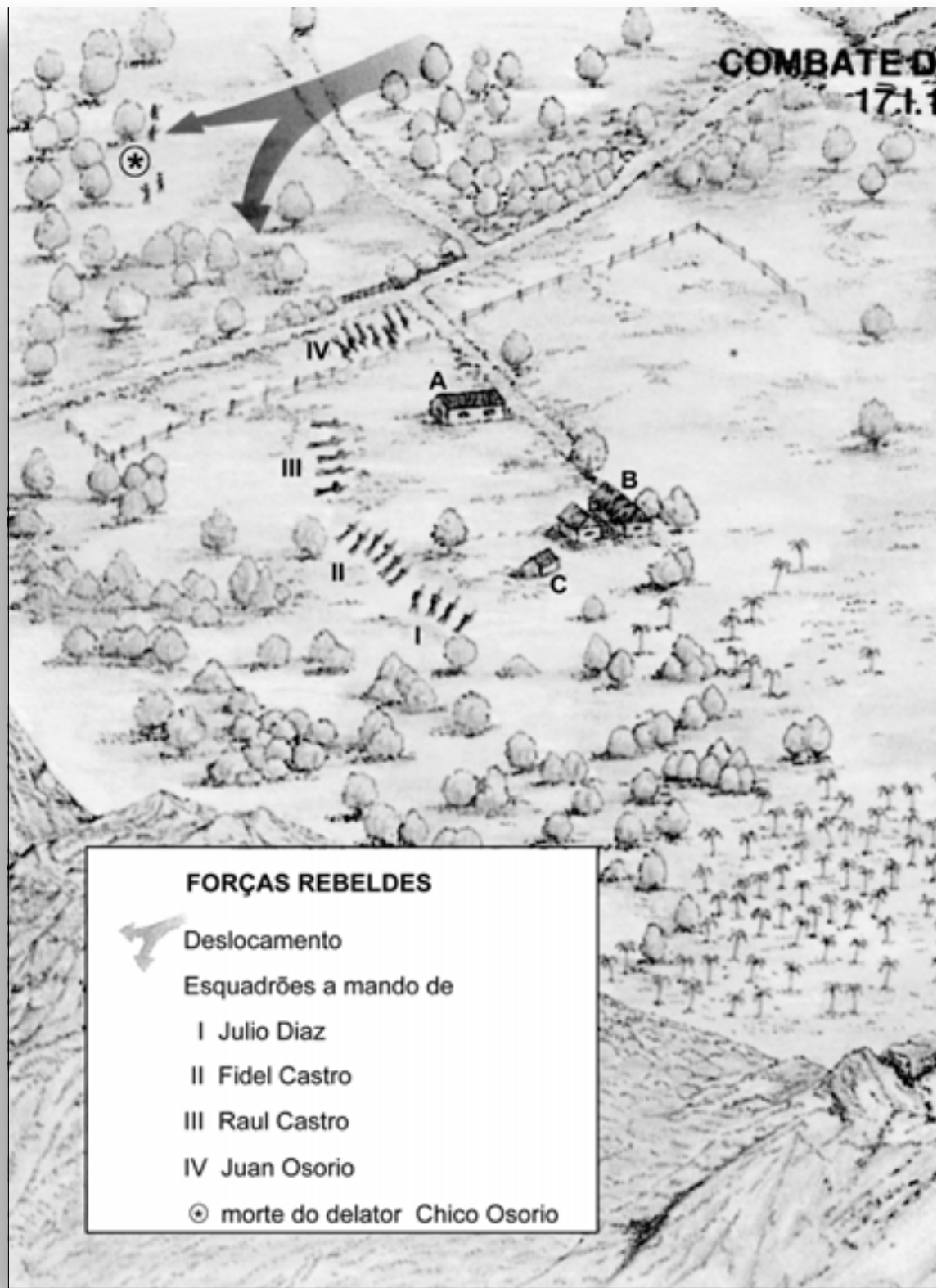
* * *

À tropa, incorporou-se um grupo de camponeses. Fidel decidiu não esperar mais pelo reforço da cidade, pois já haviam passado muitos dias e, a qualquer momento, alguma indiscrição podia pôr o grupo em perigo. Sobre a mesa, deixaram um papel de agradecimento a Mongo Pérez e, por volta das 23 horas do dia 25, a coluna, com 18 combatentes e sete fuzis, comandada por um caudilho diferente, desejoso de fazer guerra revolucionária[8], saía de Cinco Palmas com destino à Sierra Maestra.

A primeira parada foi na montanha Catalina, próximo de um cafezal e um córrego. Ali, mais três sobreviventes, desgarrados da tropa em Alegria de Pío, apareceram, levados por camponeses que também se propunham a integrar a coluna e transportavam munições. Chegara a hora de penetrar no labirinto verde. Era dia 31 quando os 29 homens acamparam em frente ao riacho La Cotundera, de onde se avistava o cume do Pico Caracas por entre os relevos da Maestra. Ante a espinha dorsal do oriente, altiva, enorme, cada um reduzia-se à sua pequenez.

Fidel arrepiou-se, sentindo-se abrigado no manto castanho verde-esmeralda daquela natureza particular. Parecia-lhe impossível que pudessem encontrá-lo naquela região.

A 6 de janeiro, a rede localizava nove combatentes vindos de Manzanillo. Fidel pediu um guia experiente e Crescencio prometeu enviar-lhe um líder rural simpatizante dos autênticos, Eutimio Guerra, a quem se pediria que esmiuçasse os arredores do quartel de La Plata. A região era caracterizada por pequenos lotes de subsistência, com serviços de educação e saúde nulos, mas com significativo movimento camponês. Naquele momento, os habitantes estavam sendo desalojados pela Guarda Rural, em operação conjunta com comandos de capatazes da Cia. Beattie, interessada em instalar-se na região. Após conversar com pessoas que vinham ao seu encontro para trocar idéias e informações, inclusive moradores locais, Fidel amadureceu o plano da sua primeira operação guerrilheira.

Na primeira quinzena de janeiro, a coluna chegaria ao sopé do Pico Caracas[9]. Compunha-se nesse momento de 32 homens, 18 oriundos do *Granma*, mas nem todos em condição de combate, uma vez que não havia armas suficientes: somente 21 de grande porte, entre fuzis e duas metralhadoras Thompson, mais pistolas, revólveres, oito granadas e cartuchos de dinamite.[10] Fidel concentrou-se na elaboração do ataque e, no dia 15, ordenou a saída, perseguindo a rota previamente delineada pelo guia Eutimio. À frente, além do guia, uma patrulha de cinco homens; na reta-

COMBATE D
17.I.1
IV
A
III
B
II
C
I
FORÇAS REBELDES
Deslocamento
Esquadrões a mando de
I Julio Diaz
II Fidel Castro
III Raul Castro
IV Juan Osorio
morte do delator Chico Osorio

E LA PLATA.
957
EXÉRCITO
A - Quartel
B - Casa de Honório Olazábal,
o capataz
C - Armazém depósito de cocos
Rio La Plata
Cocal
MAR
CARIBE

guarda, Fidel, desempenhando o papel de um coronel de Batista, realizando uma inspeção local, furioso por comprovar que os rebeldes ainda não haviam sido totalmente liquidados. Interrogava camponeses com que topava, anotando nomes, verificando simpatizantes ou não do exército. Os demais se divertiam intimamente, assistindo ao desempenho de seu comandante.

Às 23 horas, a um quilômetro aproximadamente, avistaram o quartel, uma casa de madeira no centro de um vale entre quatro montanhas. Fidel estabeleceu um posto de observação na mata e aguardou. Constatou, em volta, uma estranha movimentação que o induziu a adiar a ação para o dia seguinte.

De madrugada, Universo Sánchez encaminhou ao coronel o capataz de uma fazenda próxima, que andava pelas imediações em avançado estado etílico. “Como o senhor se chama?”, perguntou Fidel. “Chicho Osorio, 100% batistiano, meu coronel. Gostaria de pegar Fidel e estourar-lhe os miolos...” “É isso mesmo que eu quero, mas esse velhaco é difícil de agarrar...” A conversa avançou e Osorio confirmou ser íntimo do pessoal do quartel, comunicando detalhes da vigilância e as senhas de passe livre. “Quando lhes derem alto, é só gritar: mosquito!”, explicou o capataz. Obtidas as informações, Fidel revelou a sua real identidade e declarou-o seu prisioneiro. Chicho Osorio implorou misericórdia, explicando que era um batistiano só por agradecimento, porque havia sido indultado de um crime por elementos do regime. Fidel encarou-o com dureza. Depois, retirou-lhe o revólver e ordenou que amarrassem as suas mãos, determinando que Osorio os guiasse ao quartel.

* * *

Madrugada de 17 de janeiro de 1957. Chicho, caminhando adiante, gritou a contra-senha para a guarita. Fidel deu o sinal de ataque, disparando a metralhadora. No confronto, os 22 combatentes levavam vantagem numérica, além da surpre-

sa. Em meia hora, haviam dominado a situação. Após 45 minutos de combate, um dos guardas fez tremular um lenço branco, e o contigente rendeu-se. Entre os soldados, houve dois mortos e cinco feridos, mais os que se encontravam nas imediações e foram aprisionados. Para a coluna, nenhuma morte nem ferimento, e boa provisão capturada: nove Springfields, uma metralhadora Thompson, abundante charque, outros alimentos e apetrechos. Os remédios serviriam para cuidar dos feridos. O quartel foi incendiado e Chicho Osorio foi executado pelos rebeldes. Os prisioneiros, libertados.

Ao noticiar-se o episódio, desmontava-se a versão do governo sobre o extermínio do contingente. Do ponto de vista militar, a ação demonstrava a capacidade de manobra e a agilidade da guerrilha, atuando em um local muito distante de onde se produzira a grande dispersão. O êxito da empreitada sanava, parcialmente, o trauma de Alegria de Pío, mas também era de se prever que o exército lançar-se-ia enraivecido no encalço deles.

Deixando rastros intencionais "para atrair o inimigo", Fidel buscava um lugar para montar um acampamento e armar uma emboscada, à espera de alguma tropa que passasse em marcha. Conhecedor da área, Eutimio Guerra assinalou, no mapa, o lugar ideal – Llano del Infierno (ou Palma Mocha)[11]. Para lá dirigiram-se e, depois de um exame cuidadoso do terreno, Fidel distribuiu as posições. Iniciou-se, então, a tensa espera.

Na manhã do dia 22, uma detonação de fuzil os alertou da aproximação de um destacamento de pára-quedistas comandados por um dos melhores oficiais de Batista, o temível tenente Sánchez Mosquera, bem conhecido por pilhagens e estupros que patrocinara na região. O líder rebelde situou as forças, ocultas na única passagem pela qual poderiam vir os soldados. Oito deles caminhavam na frente, pelo centro do vale. Fidel avançou, disparando a metralhadora, sendo seguido por todos, que combatiam em bloco, conforme os orientara. Os primeiros pára-quedistas morreram, os demais fugiram.

A lei da guerrilha era mobilidade; golpear e embrenhar-se. Após uma jornada extensa e dura, abrindo vias pela vegetação com facões, o guia apontou o lugar para a tropa se repor, com fácil saída para qualquer direção em caso de ataque. Ao chegarem ao bosque de El Mulato solicitou ausentar-se por alguns dias para visitar a família, com a promessa de reencontrá-los já no Pico Caracas, para onde Fidel pretendia deslocar-se em breve. Quando empreendiam a subida, foram surpreendidos por bombardeiros B-26 e P-47, de fabricação norte-americana. Com extrema dificuldade, Fidel conseguiu deslocar-se com seus homens para o abrigo de uma pequena floresta, procurando proteger-se dos disparos. Alguns dos combatentes, atingidos, tombaram.

Como efeito, estourava uma crise no moral da tropa. Como e por que haviam sido descobertos com tanta facilidade? A fumaça da fogueira, que alguns lembraram, era uma ingênua explicação. Conforme observaria "Che" Guevara em seu diário de guerra, os companheiros conservavam "uma cara de cerco" (pavor no rosto), enquanto discutiam a situação; viam-se sem perspectiva e alguns haviam expressado o desejo de desertar. Intrigado, desconfiando ainda de alguma delação, "Che" Guevara veio conversar com Fidel, que reuniria a coluna para um pronunciamento. Exigiu-lhes disciplina e pontuou: "insubordinação, deserção e derrotismo são delitos que podem ser castigados com a pena máxima".

De fato, como pressentira "Che", o ataque fora resultado da denúncia do guia Eutimio. No caminho para casa, fora detido por soldados, cujo comandante ofereceu-lhe 20 mil pesos e um posto de sargento do Exército, se concordasse em tornar-se um informante, relatando-lhes os movimentos da guerrilha, e em assassinar Fidel, na primeira oportunidade que se apresentasse. Durante o bombardeio nas alturas do Caracas, Eutimio encontrava-se em um avião militar de observação, mostrando a posição do grupo.

Dias depois, ele reapareceu para a tropa guerrilheira. Ainda não havia indícios reais contra ele. O pressentimento de Guevara era abstrato, próprio de sua personalidade. Uma violenta tempestade ameaçava cair, a friagem era mortal, e Eutimio aconselhou ao grupo que se instalasse sob a pequena gruta de um barranco, para proteger-se durante a noite. Como Eutimio não tinha com o que se cobrir, Fidel ofereceu-lhe compartilhar a manta.

Transcorreu toda a noite e a madrugada com o guia ao lado de Fidel, portando uma 45 e um par de granadas, que deveria lançar para a cobertura da sua fuga; entretanto, não se decidiu a consumar o ato. Talvez temesse ser flagrado por Universo Sánchez ou mesmo por "Che", que, revezando-se em turnos, atuavam como guarda-costas do líder. No entanto, o fato é que a aspereza da noite obrigara a todos a permanecerem imóveis debaixo de suas cobertas.

A rede de apoio chegou com mantimentos para abastecê-los e mais dez homens. Crescencio Pérez percebia a gravidade da situação e aconselhou que os 30 combatentes se dividissem em equipes para darem menos na vista. Ele e Guillermo García incumbir-se-iam de reuni-los posteriormente. Fidel concordou, permanecendo com Eutimio e nove homens. Curiosamente, na mesma semana, em sua edição de 5 de fevereiro, narrava o *Times*:

"Operando com grupos de 22 homens cada, eles dormem na intempérie, a cada noite em um lugar... Atacam e desaparecem entre árvores. De acordo com o crescimento da força rebelde, ao extremo de, atualmente, contar com 500 homens, Batista pôs em prática o bombardeio aéreo com napalm e descidas de pára-quedistas, mas tudo teve um escasso efeito sobre os guerrilheiros de Castro."

"Quais são as perspectivas daqui para frente?", perguntou Eutimio a Fidel, entabulando conversa em um momento de pausa. O Comandante estranhou a indiscrição do guia, nada costumeira, e seguiu sorvendo seu café. "E eu," acrescentava o guia, "que esperança posso ter, sobre o que poderei ganhar depois?" Estava

claro o interesse e Fidel respondeu-lhe sem hesitar: "Perspectivas, temos todas. E para ti, o que desejares..." Inadvertidamente, Eutimio acabara de atrair sobre si as suspeitas de Fidel.

Em 7 de fevereiro, o guia se ausentaria outra vez, alegando precisar tratar de assuntos pendentes. A perseguição constante levara Fidel a se aferrar à tática de mover-se sem cessar, a ponto de os ataques freqüentemente se concentrarem sobre o ponto de onde acabara de sair. Na ocasião, ocultava-se em um bosque perto do Pico Gloria. Mandou dois homens fazerem o reconhecimento do local. Eles logo retornariam relatando a presença de soldados nas encostas. Fidel ordenaria a rápida retirada pelo barranco.

Um jovem camponês ligado à rede soube por um servente de um acampamento do exército que Eutimio Guerra vinha participando do planejamento de um bombardeio maciço sobre toda a região, que se encontrava repleta de tropas com morteiros e a aviação a postos. Fidel foi logo informado e imediatamente deu ordens a seus homens para que subissem até o alto do Pico Espinosa, onde enfrentariam um cerco mortífero. Passados três dias, a ponto de sucumbir, o contingente de Fidel reunia-se em um lugar denominado Derecha de la Caridad. Dos 30 combatentes, dez haviam sido abatidos. A vigilância foi redobrada quando avisaram da aproximação de Eutimio, e Almeida recebeu a ordem de prendê-lo[12]. Com ele, encontraram um salvo-conduto do tenente-coronel Joaquín Casillas, a pistola e as granadas.

Fidel, pessoalmente, interrogou-o e Eutimio confessou a traição. Informou que as tropas oficiais acreditavam que o seu contingente havia sido liquidado, por conta do bombardeio. Salvara-se por sorte, porque, naquela semana, a delação de Eutimio provocara a destruição de várias bodegas e cabanas de camponeses que apoiavam os rebeldes. Ele próprio reconheceu que merecia ser executado. Como último desejo, pediu que a revolução cuidasse de seus filhos.[13]

* * *

Um redator do *The New York Times*, especialista em temas latino-americanos, seria o jornalista a subir a Sierra para a reportagem exclusiva com Fidel, até porque a imprensa nacional estava sob censura. Encarregado de negociar o contato, René Rodríguez descera em fins de janeiro, trazendo ainda a convocação de Fidel para uma reunião dos membros da direção nacional na Sierra, a coincidir com o momento da entrevista. Em 4 de fevereiro, Rodríguez encontrou-se com o correspondente do jornal norte-americano, Ruby Hart Phillips, em Havana, no escritório do Felipe Pazos, ex-Presidente do Banco Nacional de Cuba, na presença do filho deste, Javier. Ao tomar conhecimento do interesse de Fidel, entusiasmou-se de imediato, e, logo, sucederam-se movimentos que levariam à famosa entrevista.

No dia 9 daquele mês, Herbert Matthews, o dito redator especialista em temas latino-americanos do jornal, aterrissaria em Havana para uma missão da qual nada ainda lhe havia sido explicado. Logo que tomou conhecimento do que se tratava, engajou-se inteiramente no projeto. No dia 15, à noite, ele, sua esposa Nacie, o médico Faustino Pérez e Javier Pazos viajaram até a região oriental. Contavam com álibi e camuflagem perfeitos, disfarçados numa ingênua comitiva de um americano ricaço, em alta temporada turística, interessado em adquirir terras. Foi o que declararam à guarda rodoviária que inspecionava todos os veículos que se dirigiam às proximidades da cordilheira oriental, inclusive para justificar as somas de dinheiro que levavam – 400 pesos, que seriam entregues a Fidel.

Ao chegarem ao lugar fixado, a fazenda de Epifanio Díaz em Los Chorros, não encontraram Fidel, mas um recado para permanecerem de sobreaviso, aguardando. A espera prolongou-se até o amanhecer do seguinte dia, 17 de fevereiro – precursora de uma vasta série de situações idênticas, que desafiaram a paciência de figuras do mundo inteiro, durante décadas, como fundamento de um ritual para encontrar Fidel. Daquela fazenda, o jornalista Matthews foi conduzido a um recanto na floresta,

onde uma colcha foi esticada sobre o chão, para que se acomodasse. Neste local, pôde identificar componentes da tropa, particularmente "um negro sorridente, de barba e bigode" (Juan Almeida). Minutos depois, aparecia Fidel, fardado, com barba crescida e o rifle sueco de mira telescópica. Sentou-se ao lado do jornalista, abriu uma caixa de charutos e iniciaram uma conversação de três horas.

O norte-americano foi seduzido pelo charme peculiar do revolucionário. Tinham como intérpretes Vilma Espín (que chegara de Santiago) e Javier Pazos. No decorrer da entrevista, o capitão Raúl passou frente a eles, por mais de uma vez, com um destacamento em formação, e mensageiros vieram entregar informes de unidades longínquas. Prestavam-se todos a desempenhar papéis em um convincente cenário[14], ainda que custasse, a alguns deles, manter o ar marcial que Fidel solicitara, devido ao estado de algumas vestimentas e artefatos. A camisa de Fajardo, por exemplo, não tinha mais as costas e ele viu-se obrigado a andar de lado o tempo todo, carregando a mochila. Referindo-se às forças do exército, Fidel declarou ao jornalista:

Com Vilma Espín, na Sierra Maestra, 1957

“Não somos antimilitaristas. Não temos ódio do exército... Lutamos há 79 dias e somos mais fortes... Os soldados lutam pior, sua moral é baixa... Matamos em combate; mas, quando fazemos prisioneiros, não são mortos... Interrogamos, falamos educadamente, pegamos suas armas e equipamentos e logo os deixamos livres. Eles não desejam lutar e não sabem fazê-lo neste tipo de terreno... Podemos alcançá-los a mil jardas, com estas escopetas... Eles nunca sabem onde estamos; mas, sempre sabemos onde eles estão. (...) Você se arriscou, dispondo-se a chegar até aqui; mas poderá sair com segurança, pois temos toda a área ocupada. (...) Não há pressa, Cuba está em estado de guerra e Batista esconde esse fato. Uma ditadura deve mostrar que é onipotente... Nós estamos mostrando que é impotente...”[15]

No final da entrevista, Fidel pôs sua assinatura em uma das páginas do caderno de Matthews, datou e despediu-se. O jornalista guardou a impressão de que Fidel era um ser quase invulnerável, sequer imaginando, por exemplo, que o território sob o domínio daquele potente chefe resumia-se, em verdade, aos parcos metros quadrados onde o conheceu.

O acontecimento resultaria numa série de três artigos, o primeiro publicado em 24 de fevereiro, tendo como principal manchete de primeira página: *Rebelde cubano é visitado em seu esconderijo*. No texto, lia-se:

“Fidel Castro, o chefe rebelde da juventude cubana, está vivo e lutando nos inóspitos e quase impenetráveis montes da Sierra Maestra, no extremo sul da Ilha... Sua personalidade é cativante. Fácil é compreender porque seus homens o adoram... Observando-o, de primeira, de físico e personalidade, ele é um homem educado, de fanática dedicação à causa, um homem de ideais, coragem e qualidade notáveis de liderança. Suas idéias de liberdade, democracia, justiça social, necessidade de restaurar a Constituição, celebrar eleições, estão bem arraigadas. Também conta com as suas próprias teorias econômicas, que talvez um entendido considere débeis. Interessante evidência: Fidel paga

tudo que toma dos *guajiros*. Ninguém pode dizer ainda o que vai fazer com o poder que tem. Ele tampouco pode saber, porque está se dando conta de que certos ideais, como a abolição dos jogos de azar, não são possíveis. Um formidável movimento de oposição ao general Batista está se desenvolvendo... Fidel Castro e seu movimento são o flamante símbolo da oposição ao regime. É um movimento revolucionário que se autodenomina socializador... também nacionalista, o que, em geral, na América Latina, significa antiianque. O programa é vago, com itens generalizantes, mas traz uma nova proposta para Cuba, radical, democrática e... anticomunista... Aceita que brigar com os Estados Unidos é um luxo que Cuba não se pode dar. Quer que haja amizade, a que pagará com igual moeda. Castro é um novo Bolívar; um Lincoln caribenho; um Robin Hood latino-americano..."[16]

Nos dias 25 e 26, saíram os outros dois artigos, nos quais Matthews comentava ainda o delicado panorama político de Cuba. O ministro da Defesa de Batista veio, então, a público, contestar a veracidade da reportagem, argumentando que não fora apre-

Na Sierra Maestra, com Herbert Matthews, do New York Times, 1957

sentada nenhuma prova sólida de que o encontro houvesse ocorrido. No dia 28, o *New York Times* publicou a foto de Matthews com Fidel – uma foto, aliás, que começaria a dar a sua volta pelos meios de comunicação de todo o mundo. Pelo viés do jornalista, a guerrilha conquistava ressonância internacional e o seu chefe, a imagem de um romântico justiceiro.

Batista, que desde o início do ano prometera (de novo) realizar eleições, no que foi respaldado pelo Departamento de Estado norte-americano, decidiu suspender, na ocasião, a censura à imprensa e as publicações nacionais reproduziram o artigo. Apesar de o regime haver caído no ridículo, seu máximo representante ainda não perdera o sentido do teatro político.

Na tarde de 17, após retirar-se o jornalista, a direção nacional do M-26 reuniu-se com Fidel e Raúl. Presentes: Frank País, Faustino Pérez, Armando Hart, Haydée Santamaría, Vilma Espín e Célia Sánchez. Frank passou relatos sobre a região oriental e o resultado de seu encontro com Raúl Chibás, que renunciara à presidência do combalido Partido Ortodoxo por conta do acúmulo de conflitos. Chibás propusera ampliar a Resistência Cívica (movimento auxiliar ao M-26, mencionado em capítulo anterior), articulando-a aos organismos de representação civil nacional e formando uma corrente arrecadadora: cada filiado comprometer-se-ia a arrumar dez contribuintes de um peso ao mês.

Em prol do retorno à normalidade institucional e da segurança cidadã, aproximavam-se da iniciativa as figuras de José Miró Cardona, em representação dos advogados, e a de Julio Velazco, pelos médicos – um espectro de oposição legal, sem a disposição de tomar armas ou realizar sabotagens. Muito reservadamente, Frank País comunicava a Fidel a sua intenção de criar uma "frente oriental armada", compartilhando o poder entre "planície" e "montanha", consoante o que pensara antes de unir-se ao M-26. Manifestava-se preocupado com o movimento de tropas em direção a Sierra Maestra e concebia que a abertura de uma segunda frente dividiria o inimigo.

Faustino expôs a situação da capital, assim como a busca de contatos com autênticos e com o Diretório Revolucionário (DR) para traçar ações comuns. Também propôs a criação de uma nova frente guerrilheira na Serra do Escambray, no centro do país. Após muita discussão, as propostas foram aceitas, apesar de um senão de Fidel sobre as frentes, pois solicitava prioridade ao apoio à luta do núcleo já existente na montanha. Manifestou que precisava, com urgência, de alguns milhares de balas, mais 25 combatentes selecionados, preferivelmente com experiência do levante de 30 de novembro em Santiago. Um pormenor especial da reunião foi o amor à primeira vista entre Fidel e Célia, que se tornaria, a partir daí, seu indelével braço direito. Terminada a reunião, Fidel concentrou-se na redação do primeiro manifesto da Sierra Maestra:

"... Ao Povo de Cuba:... Desde a Sierra Maestra, aos 80 dias de campanha, escrevo este manifesto. A tirania, incapaz de vencer a revolução pelas armas, recorreu às mentiras mais covardes anunciando o extermínio do destacamento expedicionário e de minha própria pessoa. Impedidos, de sua parte, os repórteres, de obter alguma informação; estabelecida logo a mais rigorosa censura que sofreu a República desde a sua fundação, não nos restava outro remédio que responder com fatos às mentiras da ditadura. E hoje... podemos anunciar ao país que o destacamento 'exterminado' rompeu o cerco de mais de mil soldados entre Niquero e Pilón; atacou o baluarte de La Plata, quinta-feira, 17 de janeiro, às 2h40; destroçou a coluna do tenente Sánchez Mosquera nos altos de Palma Mocha, terça-feira, 22 de janeiro, às 12 horas; rompeu o anel que lhe fizeram três companhias de tropas especiais, a 9 de fevereiro, às 15h15, nos altos de Espinosa... Certo é que o destacamento 'exterminado' segue em pé e já não é um, mas sim vários que estão operando na Sierra Maestra. Mais da metade das armas e 90% das balas com que combatemos arrebatamos do adversário em luta aberta. Dói que, frente à cruz de nossas miras, não estejam os verdadeiros culpados desta

situação, que não vêm jamais à Sierra, senadores, ministros, politiqueiros... A quantos soldados prisioneiros que fazemos, perguntamos acerca de seu pensamento político e ouvimos dizer, invariavelmente: Nosso maior desejo é que isto se solucione... E esta resposta eles dão de coração, sem qualquer coação, porque somos incapazes de maltratar os prisioneiros. A tirania está perdida irreversivelmente, desde o instante em que não só os partidos políticos, as instituições cívicas, o povo inteiro, mas também os soldados desejam uma solução nacional. Não resta outro caminho aos partidos políticos senão apoiar a revolução que demonstrou já, durante 80 dias, a sua força combativa..." (...) O texto definia seis diretrizes para a derrubada do regime:

"1 - intensificar a queima de cana-de-açucar para privá-lo (ao governo) das rendas com que paga os soldados que envia à morte e compra aviões e bombas que assassinam dezenas de famílias na Sierra Maestra... 2 - sabotagem geral de todos os serviços públicos e todas as vias de comunicação e transporte... 3 - execução direta e sumária dos agentes policiais que torturam e assassinam revolucionários, dos políticos do regime que com sua arrogância e estupidez levaram o país a esta situação, e de todo aquele que obstaculize a conclusão do Movimento Revolucionário... 4 - organização da resistência cívica em todas as cidades de Cuba... 5 - intensificação da campanha econômica para atender os gastos crescentes do Movimento... 6 - a greve geral revolucionária como ponto culminante e final da luta... Assinado na Sierra Maestra, aos 20 dias do mês de fevereiro de 1957, Fidel Castro Ruz."[17]

Ao serem transmitidas aos demais grupos ou organizações, foram aceitas pelos autênticos de Prío e os ortodoxos vinculados a Raúl Chibás. No entanto, setores mais radicais acusaram o manifesto de irresponsável e idealista.

Pouco depois de haverem descido os dirigentes, os guerrilheiros foram atacados e perseguidos por uma coluna de centenas de soldados armados com morteiros. Fidel correu ao sítio de um

camponês, debaixo de intenso aguaceiro, para alojar “Che” Guevara, vítima de um gravíssimo ataque de asma. Novamente fazendo-se passar por um coronel do Exército, Fidel interrogou o homem que se declarou, de imediato, batistiano, mas que parecia atemorizado, como a maioria local, pois os pelotões do exército surgiam, de repente, fazendo ameaças e espancando quem conseguiam alcançar. Fidel, mostrando-se um militar decente, ganhou a confiança do camponês. Assim, apesar da primeira declaração, considerou possível conquistá-lo. Contou-lhe quem era na verdade e pediu-lhe que providenciasse o medicamento necessário para “Che”, enquanto este ficava em seu sítio, acompanhado de um recruta postado de vigia com um fuzil Johnson – “uma jóia rara do parque da guerrilha”.[18] O camponês conseguiu o remédio. Tropas já se aproximavam dos dois lados, ameaçando cercá-los, e eles tiveram que se retirar.

Ao centro de um grupo de guerrilheiros, Altos de Palma Mocha, Sierra Maestra, 1957

C A P Í T U L O 2 5

No Pico Turquino, ladeado por Raúl Castro e Universo Sánchez, 1957 (foto tirada pela equipe da CBS, em reportagem na Sierra Maestra)

Dois comandantes valem quatro

À tarde de 13 de março de 1957, estando instalado, provisoriamente, no sopé do Pico Caracas na Sierra, Fidel ouviu a notícia do assassinato de Echeverría por policiais, ao sintonizar a emissora Rádio Relógio.

Na capital, o Diretório Revolucionário (DR) havia perseguido o intento de tomar de assalto a residência de Batista – o Palácio Presidencial – e fazer-lhe justiça. Uma fração dos que dirigiam o plano, atada aos autênticos de Prío e dotada de recursos financeiros, pretendia tomar o poder. Uma outra, composta dos militantes do DR, almejava desbaratar a máquina do governo para atiçar a rebelião social. Dessa, alguns cogitavam, em silêncio tático, habilitar a guerrilha do Movimento 26 de Julho (M-26) para tomar quartéis e avançar até Havana, inspirada pelo pacto entre Echeverría e Fidel. Na parceria entre os grupos, o DR aparecia com duplo sentido: como co-autor e instrumento, até certo ponto, inconsciente dos autênticos – sem que se pudesse descartar a alternativa reversa, a depender da evolução dos acontecimentos.

Durante semanas, os autênticos aqueceram o circuito Miami-Havana, transitando com relativa desenvoltura. Providenciavam armamento eficiente e sofisticado, como metralhadoras calibre 30, uma calibre 50 giratória, rifles automáticos, carabinas M-1 e uma grande quantidade de pistolas. Após desembarcarem nos portos ou aeroportos, favorecendo-se de relações com empresários de transporte, viabilizaram o traslado das armas em refrigeradores, barris de piche, sacos de carvão e areia e nos chassis de carros e caminhões. A operação incluiria duas unidades: a que se incumbiria do assalto e a que, com 20 homens, ocuparia concomitantemente a Rádio Relógio, onde Echeverría pronunciaria um discurso no qual noticiaria a morte de Batista e convocaria o povo a levantar-se.[1] A seguir, na universidade, instalar-se-ia o quartel central revolucionário.

No dia 13 de março, o comando de ataque ao Palácio, composto por 50 homens[2], conseguiu ultrapassar o térreo e o segundo andar; mas, quando já próximos à ante-sala do gabinete de Batista, caíram vítimas de intenso fogo proveniente do andar de cima e do sótão. "Missão muito difícil, pelas características do edifício e pela estreiteza da entrada principal – que era, sem dú-

vida, a mais conveniente, pelo acesso rápido aos despachos da Presidência. O esforço valioso de chegar ao segundo e até ao terceiro andar, necessariamente, produziria muitas baixas entre os atacantes", avaliaria Fidel, posteriormente. Um grupo destinado ao reforço não apareceu e o saldo foi de 35 mortos.

Enquanto isso, a fala de Echeverría foi ao ar pela Rádio Relógio e, por algumas horas, muita gente pensou que Batista havia sido liqüidado. Todavia, ao dirigir-se para a universidade com o seu grupo, Echeverría confrontou-se com uma viatura policial. Ele começou a disparar pela janela, mas uma rajada de metralhadora, em resposta, o matou.[3]

Ouvindo a rádio, Fidel imaginava a onda de repressão que desabaria contra os combatentes. A capital estava cheia de perseguidores: unidades militares, carros blindados, tanques e aviação. Ruas viraram palco de uma guerra civil espasmódica. Sob tenebrosa perseguição, sem poderem permanecer por mais de 24 horas em um mesmo lugar, o derradeiro esconderijo de quatro dos prin-

Caminhão utilizado para o assalto ao Palácio Presidencial

ASSALTO AO PALÁCIO PRESIDENCIAL
13.3.1957

Calle Refug

Zulueta

Colón

Dois automóveis e um caminhão partem de uma casa no bairro do Vedado. Dentro, vai um grupo de combatentes do Diretório com a missão de matar Fulgêncio Batista.

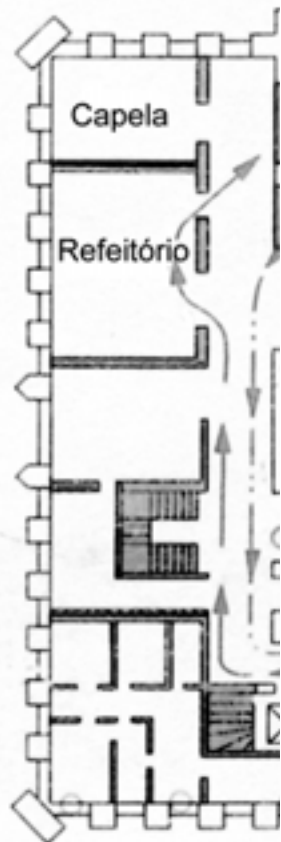
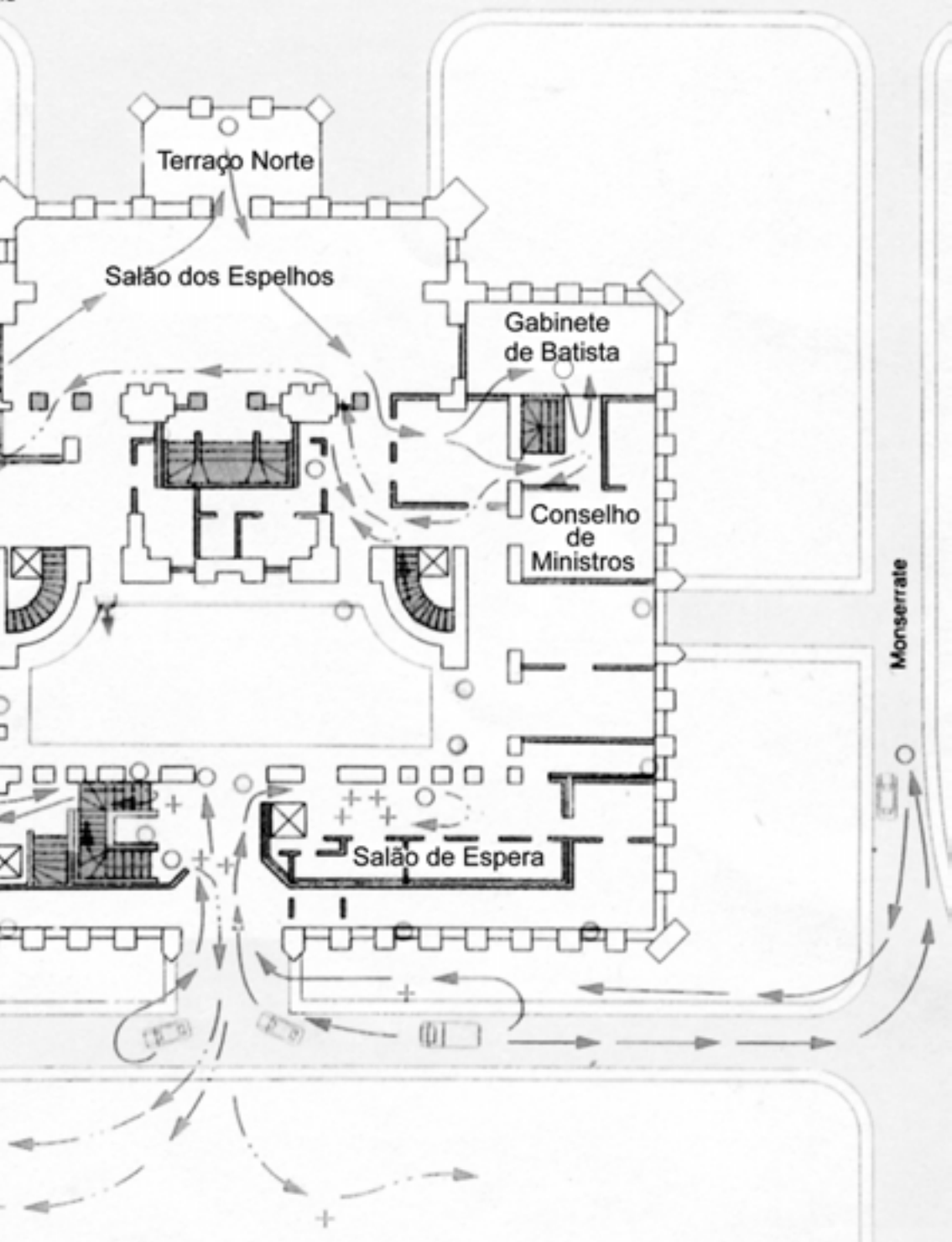
- Estrutura comum do palácio
- Locais do primeiro andar
- Locais do segundo andar
- Elevadores
- Escadas

FORÇAS ASSALTANTES

- Rota de ataque
- Posições no combate
- Lugar onde morrem assaltantes
- Retirada

EXÉRCITO

- Posições
- Metralhadora calibre 30

Terraço Norte
Salão dos Espelhos
Gabinete de Batista
Conselho de Ministros
Salão de Espera
Monserrate

cipais dirigentes do DR seria a Calle Humboldt nº 7. A 20 de abril, Juan Pedro Carbó Serviá, Fructuoso Rodríguez, José Machado e Joe Westbrook seriam assassinados pela polícia de Batista, em conseqüência da delação de um jovem, próximo a eles (Marquito Rodríguez), que mantinha relações com veteranos comunistas. O episódio, conhecido como Crime da Rua Humboldt 7, chocaria a opinião nacional e organizações estudantis no exterior. Anos depois, desencadeou um caso, dos mais significativos, na ordem revolucionária em construção, o Julgamento de Marquito[4], em 1964.

A morte do líder Echeverría repercutiu em cheio no DR. Um ciclo da organização esgotou-se, fechando-se sobre si. Ao haverem se proposto a impedir que os gansgters tornassem a controlar a FEU, haviam sido acusados de usar o mesmo estilo; ao chamarem para si as heranças do Moncada, foram taxados igualmente de *putschistas*; ao revidarem a violência do regime, com o "olho por olho, dente por dente", provocaram a própria aniquilação, física e política, completada em Humboldt 7. Os poucos dirigentes que restaram vivos fixar-se-iam no exílio, uma grande parte em Miami.

Embora discordasse das práticas de atentado pessoal e ao que chamou de "tiranicídio"[5], Fidel chocou-se com a tragédia que se abateu sobre o grupo. De outro modo, o esfacelamento do DR contribuiu para fortalecer o papel da guerrilha na Sierra Maestra, no campo das correntes que combatiam Batista.

A 10 de março, chegaram 58 recrutas à Sierra, mais uma grande quantidade de fuzis e pistolas, conforme Fidel acertara com Frank País. Recuperado da crise asmática, "Che" Guevara recebera o encargo de instruí-los e coordená-los[6]. No íntimo, não se sentia confortável com a tarefa, pois a relação com cubanos, ciosos da sua nacionalidade, detonava-lhe um complexo de "estrangeiro".

Fidel, acompanhado da tropa, perto de Palma Mocha, encontrou-se com o emissário que levaria as mensagens a Célia,

transformada em essencial esteio da guerrilha. Numa, agradecia-lhe os cinco pares de óculos que lhe mandara; em outra, Raúl pedia-lhe vitaminas e cálcio para todos, por conta da dieta alimentar limitada – bananas, arroz, aipim ou cará; além de algo especial e forte para o irmão, que se encontrava magro e precisando vencer uma forte gripe[7]. Acampado, Fidel aguardava também a chegada de uma equipe de reportagem norte-americana que vinha documentá-lo.

A repercussão da matéria no *The New York Times* gerou o enorme assédio da imprensa. A CBS requisitou filmar a "epopéia guerrilheira" e o jornalista Robert Taber, com o cinegrafista Wendell Hoffman – e três filhos de funcionários da Base Naval de Guantânamo[8] desejosos de conhecer os heróis – subiriam a

Fidel (no alto), ladeado por Juan Almeida, Célia Sánchez e Raúl Castro, na Sierra Maestra, 1957

Sierra, em um trajeto que foi uma verdadeira aventura. Durou cinco dias, às escondidas do exército, em companhia de um grupo do M-26 que foi reunindo-se, de surpresa, por etapas, com Célia Sánchez, Lalo Sardiñas, Haydée Santamaría, Marcelo Fernández e Carlos Iglesias (*Nicarágua*). Célia levava encomendas requisitadas e dinheiro; Marcelo também: cinco mil pesos arrecadados em Havana. No quarto dia de viagem, num instante noturno em que descansavam, apareceram oito barbudos armados, com o chefe, tenente Camilo Cienfuegos, que vinham resgatá-los, pois correra o rumor de que estavam perdidos e ameaçados de captura pelo exército.[9] Às 17 horas do dia 23 de abril, chegavam ao acampamento.

Fidel pensou em oferecer-lhes um grande impacto visual: uma escalada, inédita para a coluna, ao pico mais alto da Ilha, o Turquino (1.850 m), onde foi realizada a entrevista, junto a um busto de José Martí. Filmaram mais de três mil pés e fizeram muitas fotos, o que resultou no documentário *The Story of Cuba's Jungle Fighters*. Em plena altitude, chovia contínua e impunemente, com frio cortante e a neblina densa, como se pode entrever nas imagens filmadas. Entre muitas afirmações curiosas, Fidel lhes declarou: "Rejeito muitos voluntários, porque carecemos de armas... E se aparecem muitos, saio em seguida do lugar em que estou, porque indica que meu paradeiro já é conhecido..."

Quanto às relações com os Estados Unidos, declarou que o arsenal militar mandado a Batista estava sendo usado "contra os interesses do hemisfério" e apelou a que se detivesse o apoio bélico até que terminasse a contenda. Perguntado sobre uma solução política para Cuba, replicou que essa não poderia existir, enquanto o ditador não renunciasse ao poder que usurpara à força.[10]

Quando os norte-americanos ainda estavam na Sierra, em 4 de maio, Fidel, pessoalmente, conduziu o interrogatório de um informante do exército, Gilberto Nápoles, que a seguir foi fuzilado, mas o episódio não foi registrado pelas câmeras. A equipe regressou à planície pelo rumo que conduziria a Guantânamo,[11]

levando dois dos rapazes da Base, excetuando o terceiro, Chuk Ryan que, sendo de mais idade, resolveu permanecer com os rebeldes por mais tempo. Na mesma semana, surgia um outro jornalista, Andrew Saint George, um húngaro-americano, que observou os movimentos da guerrilha por duas semanas. "Che" Guevara, por algum indício, desconfiou de Saint George, no que estava certo, pois era um agente do FBI.

Adotando uma estrutura simples, com uma divisão em pelotões, a coluna dava seqüência à tática da guerra de movimentos – morder e fugir –, sem uma base territorial permanente. Com o aviso para se porem em marcha, preparavam-se em cinco minutos, desarmando as redes de dormir e as cortinas ou mantas usadas como teto. Qualquer penhasco podia servir de guarida a um sentinela guerrilheiro, de cuja pupila alerta e pontaria certeira dependia a vida dos demais. A presença que os ajudaria a penetrar nos segredos de sobreviver naquele meio agreste passava a ser a de uma mulher, profunda conhecedora de suas particularidades, posto que ali passara os seus primeiros anos – Célia Sánchez, que, nesse momento, não possuía mais alternativas para escapar da perseguição policial e precisava abrigar-se na montanha.

Célia incorporara a linguagem e os costumes da região – como obter água, frutos silvestres comestíveis, espantar a mosca Macagüera (venenosa), curar feridas com certas folhas e buscar caminhos atrás dos porcos selvagens, os jíbaros. Dinâmica e rigorosa, mas de jeito simples e despojado, "essa combinação facilitou uma depurada, fina e profunda identificação com Fidel."[12]

A 7 de maio, a guerrilha encontrava-se em Pino del Agua, uma zona que percorreu com redobrada cautela. Observaram que centenas de soldados estavam ocupando a área. Em um certo ponto, fizeram prisioneiro um cabo do exército de nome Aldana, que encontraram no caminho. Por não disporem de alimento, sacrificaram um cavalo, o segundo animal de montaria que virava churrasco naquele período – o primeiro fora o de um camponês informante do exército.

Fidel disse aos camponeses reunidos à tropa que, em função da carência de recursos, os que desejassem podiam deixá-los. Quinze se foram. Com os que permaneceram, desferiu uma bem-sucedida escaramuça contra uma tropa.[13] Além das armas que capturaram, a 18 de maio, chegava-lhes um pequeno carregamento de Santiago.

Projetava Fidel uma outra ação de impacto contra o regime, para dali a poucos dias. Juntou seus mais próximos colaboradores, os chefes de pelotão, e tomaram a direção da costa: o quartel de Uvero, situado junto ao Mar do Caribe e ao pé da Sierra. O tenente Camilo Cienfuegos saiu na frente, explorando o monte escorregadio, depois das chuvas que prenunciavam o verão, quando uma patrulha de cerca de 60 soldados abriu fogo.

Era a vez da emboscada inimiga abater vários rebeldes; embora, meia hora depois, a patrulha sob o comando do capitão Almeida, que vinha por um flanco lateral, conseguisse dispersar e afugentar alguns soldados. Com o episódio, Fidel compreendia que precisava mover-se com ainda mais destreza e cuidado, pois o exército estava ciente da sua rota. Providenciou nova depuração e a força reduziu-se a uns 120 homens, a maioria armados.

Na madrugada escura de 28 de maio, ele encontrava-se defronte do quartel. Após direcionar os grupos em três linhas, Fidel, atacando pelo norte, derrubou o alvo a 600 metros: o telégrafo do destacamento[14], pensando em impossibilitá-lo de pedir reforços. Os disparos de parte a parte se sucederam por duas horas e 45 minutos, até que os soldados abandonaram o quartel e procuraram, em vão, opor resistência atrás de um parapeito. Logo se renderiam. Balanço de baixas: na guerrilha, seis mortos e nove feridos – entre estes o capitão Almeida; do exército, 14 mortos, 19 feridos e 14 prisioneiros, logo liberados.

"Estimo que se deva fazer um esforço para abrir, de imediato, a Segunda Frente na província", escrevia Fidel a Frank País, alterando sobremaneira o seu prisma, certamente animado com

a afirmação da guerrilha e visualizando as condições da sua ampliação. Não obstante, o antigo plano de Frank – que assumira a direção da planície, após a detenção de Faustino Pérez – relutava em avançar, apesar dos preparativos abarcarem até colaboradores no interior da Base Naval de Guantânamo, onde o M-26 conseguiu obter 12 morteiros de 61mm, uma metralhadora 30, sete fuzis Garand 3006, quatro Sprinfield 3006, seis escopetas calibre 12, além de informações da esfera militar de Batista. A expectativa de Frank incluía a instalação, logo que possível, de um equipamento de rádio para a Sierra, afim de resolver o problema de comunicação. Mas, a 30 de junho, em um confronto em Santiago morriam o irmão de Frank, Josué, e outros mais, quando o governo promovia atos em praças públicas, com tanques militares e os *tigres* do gângster Rolando Masferrer. Assim, os esquemas de Frank foram afetados.

"Estimado Alejandro, a Segunda Frente, preparada tão secretamente, abortou-se. Perdemos armas e equipamentos no valor de mais de 20 mil dólares. (...) Interessa é saber se chegaram as armas, a comida, o fuzil-metralhadora Masden, o parque e, sobretudo, os clips com parque de Garand que, suponho, necessitarás para os Garands que agora tens... Quero as especificações do parque de que necessitas. Sei que todos os fuzis disponíveis são 30.06, no entanto, nunca pedes outro. Para o de calibre 270, que é bom, não foram mais de 200 balas na primeira remessa; do Winchester 250, foram 100 balas; mais os revólveres 38, 32 e 45... e as pistolas 32, 38 e 45..."[15], escreveu Frank a Fidel.

Analisando a evolução dos acontecimentos, o governo norte-americano decidia apurar contatos com o aparato urbano do M-26. Assim, a representação diplomática norte-americana em Santiago (o cônsul Park Wollan e o vice-cônsul, Robert Wiecha, um oficial de inteligência) iniciou encontros com Frank País, conforme se constata na seguida correspondência entre Frank, sob o pseudônimo de David, e Fidel, durante o mês de julho.

CONSTRUÇÕES DA MADEIREIRA BABUN

A - Casa do administrador "Lalo" Pupo
B - Escritório e depósito de ferramentas
C - Oficina mecânica
D - Hospedagem
E - Pensão
F - Casa de Gilberto Cardero
G - Casas de trabalhadores
H - Casas de trabalhadores

M A R C A

FORÇAS REBELDES
Posto de mando do Comandante Fidel Castro
Pelotão de Raul Castro
Esquadrão de Reinerio Jiménez
Esquadrão de Emiliano Díaz
Pelotão de Juan Almeida
Esquadrão de L. Gonzalez Pantoja
Esquadrão de Camilo Cienfuegos
Esquadrão de Efigenio Ameijeiras
Esquadrão de Ernesto "Che" Guevara
Pelotão de Crescencio Pérez
Esquadrão de Francisco Maderal
Pelotão de Jorge Sotús
Esquadrão de Guilhermo Garcia
Esquadrão de Juan Soto
Fuzil-metralhadora
Metralhadora trípede 30
Deslocamento até o combate
Direção do avanço
EXÉRCITO
Quartel
sentinelas reforçadas
R I B E

"(...) Por fim, foi para os Estados Unidos o gordinho... A embaixada americana recusava-se a nos oferecer qualquer ajuda e pedia para pararmos de pegar armas da base; pedimos, em troca, que nos dessem um visto para ele por dois anos. Cumpriram o compromisso. O cônsul expediu-o pessoalmente; e todos os papéis, cartas e mapas embarcaram em valise diplomática... As armas, se tudo sair bem, traremos diretamente dos Estados Unidos... Teremos que retirá-las, mas disso não falaram... Vou te mandar agora um morteiro 60 para que o lustres, cuides e aprendas a manejar... David"[16]

"Maria A. (referia-se a Maria Antonia Figueroa) me disse que o vice-cônsul americano quer falar contigo... e que uma outra pessoa iria em representação... Disse-lhe que teríamos que averiguar primeiro quem é o senhor e o assunto... Já estou arisco com tanto movimento e conversações da embaixada; creio que conviria fechar-nos um pouco mais. Nunca perder o enlace, mas não lhes dar a importância... Vejo que estão se introduzindo e não enxergo com clareza com que verdadeiros fins... Contesta-me o mais rápido que puderes... David."[17]

"Pude captar, nas conversas com o cônsul norte-americano, que o verdadeiro medo dos setores financeiros é que, com a queda de Batista, não tenhamos suficiente força para constituir um governo próprio e estável e que tenhamos que chamar todos esses partidos, movimentos e submovimentos, que a cada dia se dividem e separam mais... David."[18]

Mencionaria Frank as figuras de Justo Carrillo, Felipe Pazos e Raúl Chibás, como apropriadas a um diálogo com Fidel. Em meados de julho, estes dois últimos chegavam à Sierra, a propósito de montar "uma frente cívico-revolucionária de forças opostas à ditadura"[19], sobre bases aceitáveis para as diferentes linhas políticas. A idéia era antiga, mas apresentava-se com um novo integrante, o M-26 em seu próprio campo, como um efeito de sua cria em ascensão, o movimento da Resistência Cívica, onde atuavam representantes de várias categorias sociais, inclusive

burgueses. Nos últimos três meses, aquele movimento havia arrecadado 40.654,50 pesos em contribuições, computando-se, no dia 9 de julho, após gastos de equipamentos e com o projeto da Segunda Frente, um líquido de 20.141,13 pesos[20].

Finda a reunião, Fidel redigiu o manifesto, assinado conjuntamente com os dois participantes, no qual pedia a renúncia do ditador:

"... Queremos eleições, mas verdadeiramente livres, democráticas, imparciais... De que vale o voto direto e livre, se no dia das eleições não deixam que ninguém vote e completam a urna sob a mira das baionetas? As eleições devem ser presididas por um governo provisório, neutro, com o respaldo de todos... A frente abriga o propósito de apartar o exército da política... de garantia absoluta da liberdade de informação... supressão do peculato nos organismos de Estado... democratização da política sindical... intensa campanha de educação cívica... assentar as bases de uma reforma agrária que tenda à distribuição das terras ociosas e a converter em proprietários todos os colonos, parceiros, arrendatários... aceleração do processo de industrialização e criação de empregos...".

"Não é necessário decretar a revolução – que se organize a frente que propomos e a queda do regime virá por si só, talvez sem que se derrame uma gota mais de sangue. Poderá haver outra solução em meio da guerra civil com um governo que não é capaz de garantir a vida humana, que já não controla nem a ação de suas próprias forças repressivas?... Raúl Chibás... Felipe Pazos... Fidel Castro... Sierra Maestra, 12 de julho de 1957."[21]

Uma cópia do original seria guardada por Célia Sánchez; outra enviada a Conchita Fernández (ex-secretária do senador Chibás), que a entregou ao diretor da revista *Bohemia* para publicação. Concomitantemente, os suportes de Batista sofriam alterações, conforme se nota nos trechos, abaixo, das cartas de Frank País:

"Em Havana, há muitos militares conspirando... Com alguns temos conversado, para sentir a opinião e o estado de ânimo...

Na Marinha, a tônica, formada por oficiais novos, é revolucionária e democrática. Recebi um deles hoje... Crê que, ao apresentarmos um bloco revolucionário de civis e militares, as Forças Armadas se fracionariam e a moral acabaria de se destruir.... Este oficial esteve encarrregado de operações na Sierra e disse que ela é de vocês..."[22]

"Conversamos longamente com o cônsul, que nos disse, abertamente, que o governo americano havia mudado a sua política com Batista e não vê inconveniente de reconhecer governos puramente nacionalistas; que nos olhavam com simpatia e, se chegássemos ao poder, nos reconheceriam imediatamente... Seus receios são de que não possamos controlar sozinhos o poder... Notei que têm pânico de que, atrás de nós, movam-se os comunistas... Agora, o inaudito: aconselhou-nos a apertar a sabotagem; que, se realizássemos uma ação como a de 30 (de novembro) em duas ou três cidades, o regime cairia... Garantiu-nos que o Exército não subirá a Sierra, pois há discórdias e medo..."[23]

* * *

A Administração Eisenhower sentia-se compelida a revogar o seu apoio, ao menos público, a Batista, pois as aventuras de Fidel haviam conquistado um alto índice de popularidade entre os norte-americanos. Como providência, o embaixador Arthur Gardner, um servidor contumaz de Batista, foi substituído por Earl E. Smith, instruído pelo Departamento de Estado a dedicar mais atenção ao elenco de opositores do regime.[24] De seu lado, Fidel, apesar de ampliar o diálogo, jamais havia perdido de vista que a guerrilha era a detonadora do processo. Percebia, sim, que chegara o momento de consolidar suas posições:

"Sobre a viagem do último contingente e seus resultados: desperdício de balas... latas de leite condensado atiradas no chão meio vazias... Os culpados não tem perdão... De Santiago chegaram só uns porquinhos... Resultado: nem sequer um

médico temos, nem um enfermeiro! Aqui no total recebemos umas 1.500 balas 30.06, incluindo as de metralhadoras que vinham nos cintos; outros tantas de Mendoza; e umas mil de 44 cartuchos e outros calibres. Não passavam de 4.200 entre todas... Penso que pelo caminho fizeram um horror e meio com o material que traziam... Seguimos com urgência de balas 30.06... A nossa estratégia segue condicionada pelo parque. Nossa tropa é cada dia mais seleta e efetiva, estamos constituindo um verdadeiro exército... Do último dinheiro 1.050 dólares, recebemos 600... Alejandro."[25]

Com a chegada, a 17 de julho, de mais homens e armas de Santiago, ele cogitaria em dispensar a condição exclusivamente nômade, ainda que jamais a concepção tática em tripé: mobilidade, surpresa e ataque. É evidente que esse procedimento vinha se constituindo na vantagem que obtinham sobre o exército regular, depois de meses de enfrentamento. Para tanto, um dos fundamentos era conhecer previamente, o máximo possível, as condições de cada área.[26]

Um médico de prestígio viera da capital para incorporar-se ao contingente: Julio Martínez Páez, levando um equipamento completo de cirurgia e anestesia[27] a substituir as poucas pinças e o bisturi remanescentes dos revezes. Martínez Páez chegara em companhia do jovem Manuel Piñeiro Losada, do M-26 da província de Matanzas, disfarçado de enfermeiro. Contaram que, pelo caminho, por pouco não haviam sido detidos por guardas de Batista. Ao que Fidel precisou lhes explicar que se tratava de seus guerrilheiros, também disfarçados, em missão de reconhecimento. A chegada do cirurgião aliviava a responsabilidade de "Che" Guevara, que vinha reencontrar-se, após várias semanas, com Fidel, trazendo consigo os feridos do combate de Uvero, já tratados.

Em fins de julho, o contingente deslocou-se para Minas de Frío. No trajeto, armaram uma emboscada contra o destacamento de Sánchez Mosquera. No entanto, por certa negligência na hora da retirada, depararam-se com uma outra tropa de soldados e quase

foram abatidos. Ao sentar acampamento, Fidel repreendeu a coluna inteira, dos capitães aos combatentes privados de suas armas.

Na madrugada de 27 de julho, um assalto à guarnição da guarda rural da Usina Estrada Palma, composta de um sargento e sete soldados, malogrou. Detectando incompetências, Fidel, usando de suas atribuições como Comandante, destituiu chefias[28] de pelotões e promoveu alterações na hierarquia. Como um expediente para iludir sobre o tamanho real da sua tropa e diversificar contra-ataques, decidiu desmembrar a coluna em duas, a atuar independentemente ou de modo combinado.

No dia 30, soube da perda da sua peça básica na planície. Frank País morria em um choque com policiais nas ruas de Santiago. A capital do oriente amanheceu sob comoção. No cortejo fúnebre, acompanhado por uma multidão, observavam-se grupos empunhando a palavra-de-ordem: "Greve já", o que em poucas horas de fato ocorreu na cidade.[29]

* * *

Uma das colunas encontrava-se sob as ordens de "Che" Guevara – ascendido a comandante –, denominando-se "4". Sua primeira ação em separado foi a 31 de julho, contra o quartel de Bueycito. A Guevara foi designado, como território de combate, o lado leste da Sierra Maestra, considerando-se como eixo o Pico Turquino, e El Hombrito, o local escolhido para montar a sua base. Naquele local, aos poucos, se veria nascer uma comunidade. Apareceram um missionário presbiteriano e membros de diferentes seitas, conquistando adeptos. Estabeleceu-se uma escola de cursos gerais e alfabetização para os guajiros. Instalou-se um mimeógrafo, onde começou a se imprimir o primeiro tablóide da guerrilha, *El Cubano Libre*, com o mesmo título do que fora criado pelo Exército Libertador no século anterior. A todos os mensageiros que iam à cidade, "Che" encomendava o envio da aparelhagem para instalar a emissora de rádio, em seqüência à

preocupação de Frank País. Sobre uma armação de pedras improvisou-se a cozinha, com uma refeição básica de aipim, cará e arroz que, ao ser preparada, deixava a sensação – por tudo justificada – de poder ser a última.

Em El Hombrito, montariam um refúgio antiaéreo, uma represa, depósito de armas, uma pequena padaria e uma clínica. Ao receber da cidade um estojo de instrumentos de odontologia, "Che" Guevara assumiu a função de "tiradentes", mas, como não dispunha de anestesia química, buscava fazer suportável a dor com insolentes sátiras e broncas nos pacientes, permeados por seus gritos, para ele profiláticos. O nome do médico argentino espalhara-se pela Sierra, a ponto de um certo camponês ganhar a confiança de mulheres para examiná-las fazendo-se passar pelo "Che".

A coluna nº 1 de Fidel levantava acampamento às 5 horas, reiniciando caminhadas. Prosseguia pelo dia inteiro e mesmo à noite, avançando por montes, com as breves paradas de descanso, sem alimento. Dividia-se em três grandes pelotões: o da vanguarda (no qual se situava Fidel), o do centro e a retaguarda. Os da frente, que abriam caminhos, conheciam o destino seguinte; os que vinham atrás, não. Como algumas áreas já haviam sido percorridas, quando transbordavam o cansaço e a fome sabiam como saná-los[30]. Ao atingir a confluência do Rio La Plata com o arroio El Jigue, Fidel anunciou: "*Muchachos, vamos comer una vaca!*". Fez-se o abate e a carne rara, preciosa, dividia-se nas fogueiras acesas às margens dos rios. Era uma espécie de prêmio antecipado para animar os combatentes, enquanto o Comandante planejava o próximo ataque.

A 20 de agosto, os rebeldes caíram sobre um quartel na desembocadura do Rio Palma Mocha, que se renderia depois de 20 minutos de tiroreio. Entre os soldados, cinco feridos; na coluna, uma baixa. Ao retirar-se veloz, até o cimo do Pico Turquino, Fidel repreendeu com ira um rapaz do pelotão de Raúl que esqueceu para trás um fuzil[31], castigando-o ainda com dois dias de

jejum. No último dia do mês, reuniam-se as forças das colunas 1 e 4 na Zona da Mesa.

Protagonizada por “Che” e Fidel, a manobra diversionista de 10 de setembro definiu o sucesso do confronto em Pino del Agua. Certa noite, depois de deixarem-se ver durante alguns dias pela região, os homens sob o comando de “Che” ocuparam o pequeno quartel desprovido de soldados. Enquanto isso, calculando que a informação seria transmitida pelos olheiros, Fidel e os seus perambulavam por outras bandas. A coluna 4 de “Che” manteve-se por uma semana emboscada no quartel, na expectativa da chegada do exército, conforme concebera o Comandante. Sob um temporal que não abrandava, o pelotão de frente deteve um caminhão que se aproximava transportando uma companhia inteira. Os demais guerrilheiros, pelas laterais, disparavam sobre os outros quatro veículos que se aproximavam. Após uma grande resistência, conseguiriam pôr os soldados em debandada.

No “llano” (a planície)[32], a direção do M-26 unira-se a uma conspiração de oficiais das três corporações militares: Marinha de Guerra, Força Aérea e Exército. Em uma reunião em Havana, no final do mês de agosto, definiram-se os planos: a Marinha detonaria a operação, de forma simultânea, em quatro cidades litorâneas (Havana, Cienfuegos, Santiago de Cuba e Mariel). Pelos planos, o M-26 tomaria uma emissora nacional de rádio e convocaria o país, em seu nome e no das Forças Armadas, à greve geral, acompanhada de sabotagens e ações armadas, com colaboradores da Organização Autêntica (OA) e da Ação Armada Autêntica (Triple A).

Um ponto crucial era a base naval de Cayo Loco, em Cienfuegos (Las Villas), onde Julio Camacho Aguilera e Totico Aragonés, do M-26 local, estimulavam contatos privilegiados. Com efeito, a 5 de setembro, Cayo Loco foi dominada com facilidade por um grupo sob as ordens do tenente Dionisio San Román (afastado do serviço militar por cumplicidade no levante do coronel Barquín). O grupo tomou armamentos para distribuir aos

civis, que aguardavam, mobilizados. Marinheiros da referida base e populares resistiram sublevados durante todo o dia. Entretanto, a ação não repercutiu nas demais cidades nem nos escalões superiores previstos. O dia do levante fora transferido à última hora, em Havana. O imprevisto foi contado, em carta, por René Ramos Latour:

"Alejandro, por falta de coordenação na data escolhida pela Marinha – primeiro era dia 5 e mais tarde dia 6 (o que estava condicionado ao número de fragatas no porto) –, uma mudança não avisada aos responsáveis em Cienfuegos, produziu-se o desastre, cujas conseqüências a população da cidade padeceu... Há ao redor de 90 oficiais detidos; a confusão é enorme dentro das Forças Armadas. Te abraça... Daniel."[33]

Os altos estamentos da ordem sufocaram a insurreição, totalizando mais de 300 mortes. No entanto, há que destacar o estado de opinião de oficiais implicados e conduzidos ao tribunal. "Consideramos a angústia em que vive o país e coincidimos na necessidade de lutar por restabelecer o ritmo constitucional e democrático da nação, alterado pelo golpe de 10 de março", declarou, em juízo, o oficial Teobaldo Cuervo Castillo.

Em Las Villas, fora programada uma retirada posterior à Serra do Escambray, onde se abriria uma frente guerrilheira com as armas obtidas – a Terceira Frente, que almejava Faustino Pérez. Afinal, o equipamento bélico escondido pelo M-26 – dezenas de fuzis com mira telescópica e sete ou oito M-1[34] – seria enviado à Sierra Maestra, como queria Fidel: "Prefiro um espião que chegue com arma do que um simpatizante desarmado. A questão é mandá-los embora quando cheguem à Sierra... Todos os fuzis, todas as balas, todos os recursos para a Sierra!"[35].

Fidel definira-se, em princípio, contrário à desconcentração do contingente guerrilheiro e ao deslocamento de voluntários da planície para a montanha, salvo casos especiais, a fim de salvaguardar as estruturas em amadurecimento. Chegara a concordar com a idéia da Segunda Frente, desejada por Frank País, mas voltara atrás.

Mas o levante de Cienfuegos indicara outros desdobramentos: posições distintas dentro do M-26 quanto à estratégia de condução da guerra contra o regime. Vários quadros urbanos percebiam a Sierra como uma representação apenas simbólica, nem sequer como suporte[36], enfatizando, como condição básica para derrubar o ditador, a greve geral. Neles, notava-se certa avidez, e mesmo pressa, em convocá-la, deslumbrados com o movimento grevístico que se espraiara espontaneamente pelo território, em seguida ao assassinato de Frank País. Os responsáveis pela seção operária do M-26 davam os passos para a criação da Frente Operária Nacional (FON), que arregimentaria o movimento da massa trabalhadora.

A idéia era realizar a greve geral que abrisse caminho para a insurreição e deflagrasse a crise última do regime[37]. Paralisações relâmpagos promovidas pelo M-26 a título de teste,[38] nas semanas seguintes, confirmariam as expectativas; mas o desenvolvimento da FON viu-se, desde o nascedouro, prejudicado pelos conflitos. Armando Hart, da direção do M-26, foi conversar com Carlos Rafael Rodríguez, do Partido Socialista Popular (PSP), possuidor de raízes no movimento sindical; mas uma outra parte da direção se negava a um entendimento com o PSP. Este, desde antes, entendia o M-26 como pequeno burguês e Fidel, como um caudilho aventureiro[39]. Em seu modo dialético particular, Fidel abraçava o projeto dos seus setores urbanos, mas não aceitava que excluísse a guerrilha, nem que tivesse qualquer primazia sobre a luta travada a partir da Sierra, pelas próprias divisões, impedimentos e incipiência com que se defrontavam.

Distanciados de considerações doutrinárias, continuavam os combates na montanha. A 17 de setembro, terminou o de Pino del Agua, após mais de três horas de fogo cruzado, com muitas baixas no inimigo, e cinco feridos e quatro mortos na coluna. A retirada fora às pressas, pois se sabia que aviões militares bombardeariam, de imediato, a zona onde sucedera o confronto. A cada embate, Fidel ia logrando antecipar-se aos movimentos do

adversário e burlá-lo. Aperfeiçoara a intuição e tornara-se ainda mais desconfiado, jamais acreditando em história ou informação que vinham lhe contar. Procurava checar tudo, todos os detalhes, escutar diferentes pontos de vista, como o do médico e soldado Martínez Páez, ainda que não se deixasse influenciar por ninguém. Recorda Paéz que, freqüentemente, era puxado para uma conversa demorada, nas noites em que não havia deslocamento, quando Fidel tampouco conseguia dormir. Não parava de comentar, planejar, resolver ou escrever, pedindo armas sempre, todas automáticas se possível, Garands e M-2, especialmente. O médico, a certo momento, sim, fechava os olhos, sem conseguir mais afastar o sono[40]. Com certeza foi um dos raros personagens que, ao viver a etapa da Sierra, conseguiu evitar a completa alteração do relógio biológico.

Outra pessoa que Fidel procurava escutar era Célia Sánchez, que se tornara a sua confidente, secretária, mulher e sombra protetora, além da mãe de que todos careciam. Havia já um grupo de mulheres acompanhando o contingente, que se desempenhavam como mensageiras, ajudavam a cuidar dos feridos e, algumas, como a jovem Tetê Puebla, costuravam, cozinhavam, tratavam da correspondência de quem não sabia ler ou escrever. Eram também as professoras das classes de alfabetização. Quando a coluna permanecia acampada por mais de um dia, aproveitavam para lavar, em um riacho ou correnteza, as únicas roupas que cada qual possuía, só trocadas quando combatentes morriam e legavam seus bens para os sobreviventes.

Em certas áreas encontrava-se cacau, para preparar chocolate, alho e maior diversidade de legumes que, com a carne assada de mula ou de rês, melhorava a refeição. Cozinhava-se, em geral, às 19 horas, para encobrir a fumaça. Se escutavam ruído de avião descendo rasante, a primeira providência era abafar o fogo. Ao amanhecer, reapareciam os encarregados de sondar o deslocamento dos soldados pela região, trazendo novidades. Reiniciando as jornadas, carregavam as mochilas com muni-

ção e a esteira, o indispensável apenas, pois precisavam ser mantidas sempre leves.

Fidel não transigia em questões de conduta, exigindo da tropa um modus vivendi rígido, previstos os casos de juízo e as punições. Por exemplo, quem se embebedava no trajeto era expulso. “Surgia uma semente de banditismo em gente ligada ao 26. Um grupo, por exemplo, havia assaltado uma tenda e cometido delitos... Camilo (Cienfuegos) e seus homens foram verificar e prender culpados... que foram julgados e sentenciados com a pena máxima...”, relatou.

O episódio do capitão Lalo Sardiñas, lotado na coluna 4, foi um acidente, mas que “provocou um princípio de motim na tropa”. O capitão, ao resolver, por sua conta, repreender um combatente, deixara escapar um tiro e o matou. “Imediatamente apresentei-me no local, pondo Lalo sob custódia. Os combatentes exigiam um juízo sumaríssimo: castigar, fisicamente, um companheiro era ato proibido na guerrilha, e Lalo Sardiñas era reincidente nessa falta. Era uma situação delicada, mas Lalo havia sido um soldado de muito valor...”, contou o Comandante. Fidel acudiu propondo que a pena – fuzilamento ou degradação – fosse posta em votação. Apurados, em uma cuia, os votos dos 246 guerrilheiros resultaram em empate. Foi quando o líder tomou a palavra e proferiu uma defesa, de uma hora, clamando por uma segunda chance, uma votação em outros termos, na qual venceria o perdão.

Lalo transferiu-se para a coluna 1 e Fidel entregou ao “Che” um dos seus melhores homens: Camilo Cienfuegos, que de tenente passava a capitão de vanguarda da coluna 4. No entanto, no dia seguinte, um grupo de inconformados com a solução do caso decidiu retirar-se da guerrilha.

A 22 de outubro, quando acampados em El Coco, às margens do Rio Magdalena, Fidel ordenou a captura de um grupo de bandoleiros capitaneados por um sujeito conhecido por Chino Chang, os quais, apresentando-se como guerrilheiros, estavam

cometendo assaltos e estupros. Condenados à morte, o chefe e um dos estupradores foram justiçados, atados a troncos, sendo que o segundo rejeitou a venda e saudou a revolução antes de morrer, olho a olho com os fuzis. Chino Chang pediu a extrema-unção do padre Guillermo Sardiñas, que acompanhava o contingente, mas que naquele momento encontrava-se longe do acampamento. Três bandoleiros foram submetidos a apenas um simulacro de execução, de olhos vendados, posto que Fidel considerou que mereciam uma nova oportunidade.[41] Logo ingressaram na coluna.

Na segunda quinzena de novembro, produziram-se seguidos confrontos com tropas do exército, em Moreón, São Lourenço, Macho, Gabiro, Mota, El Salto, Veguitas e Chapala, com as forças aglutinadas ou separadas das colunas 1 e 4. As baixas adversárias e a apreensão de armamentos tiveram como represália um tiroteio sobre camponeses inocentes. Um comando do M-26 executou o coronel Fermín Cowley, o protagonista da matança. Depois de Veguitas, ataque realizado sem a anuência de Fidel, deu-se um juízo, sendo condenados e destituídos os chefes dos pelotões.

Outros acusados de roubo, violações ou assassinato recebiam também seus vereditos em tribunais improvisados, com *guajiros* servindo de testemunhas. Houve ainda os casos típicos de traidores que já se haviam integrado à guerrilha sem convicção, como o caso de Aristídio, que não demorou a vender o revólver recebido e a alardear, pela comarca, que não era bobo e que faria contato com o exército. Após uma investigação, foi justiçado. "Aristídio teve o azar de fazer o que fez num momento em que nos sentíamos fortes o suficiente para sancionar drasticamente um ato como o seu; e nem tanto para poder castigá-lo de outra maneira..."[42], avaliou "Che" Guevara.

Mostrando como manejar um fuzil a Haydée e Célia, Sierra Maestra, 1957

CAPÍTULO 26

Da esquerda à direita: Raúl Chibás, Raúl Castro, Efigenio Ameijeiras, Roberto Agramonte, Enrique Barroso e Fidel, Sierra Maestra, 1957

A unidade dos americanos

O Presidente americano Eisenhower dizia que Cuba, por aqueles anos, havia sido contemplada com uma ajuda militar de milhões de dólares. Batista era apoiado pelo Pentágono e, particularmente, pelo vice-Presidente Richard Nixon, que, assim, divergia de um setor da inteligência e do Departamento de Estado.

Posicionando-se na vertente pró-Batista, o embaixador Earl Smith enviou telegrama confidencial a Allen Dulles, o diretor da CIA, recomendando-lhe a infiltração de um agente junto ao alto escalão de Fidel Castro, na Sierra Maestra, para que a agência obtivesse informações mais precisas sobre a extensão da influência comunista. Todavia, representantes do governo norte-americano, que simpatizavam com os moderados da oposição em Cuba, desejavam um diálogo com Fidel, que afirmara não abrigar qualquer antiamericanismo em seu projeto. Buscaram contatos com Faustino Pérez e Armando Hart. Robert Wiecha, o oficial da CIA que atuava como vice-cônsul em Santiago, além da comunicação que travara com Frank País, a partir de outubro de 1957, ofereceu ajuda financeira ao Movimento 26 de Julho (M-26). Em geral, quem conspirava no país e no exílio preocupava-se com os pontos de vista norte-americanos, devido à dependência de Cuba em relação aos Estados Unidos.

Em meio às fricções sobre o processo, Fidel decidiu enviar Jorge Sotús, ex-capitão na Sierra Maestra, a Miami, com a missão precípua de reunir fundos e enviar armas. Raúl Chibás saíra do país com a mesma tarefa. A seguir, ele saberia de uma aliança das oposições cubanas em andamento nos Estados Unidos.

Em 1º de novembro, após uma série de conversações, formalizou-se o Pacto de Miami (ou Junta de Libertação Cubana), por representantes de sete organizações no exílio – PRC (autêntico), PPC (ortodoxo), Organização Autêntica (OA), Federação dos Estudantes Universitários (FEU), Diretório Operário Revolucionário, Partido Democrata, Diretório Revolucionário e, supostamente, o M-26 –, o qual foi anunciado, com uma salva de palmas, na sessão de encerramento da reunião da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), em Nova York.

Suscetíveis à ofensiva de uma parte do governo norte-americano, visando a unificar setores burgueses e isolar os radicais, o ex-Presidente Carlos Prío Socarrás e Felipe Pazos coordenaram a junta. Carlos Maristany Sánchez[1], o lobbista de Prío,

negociara o acordo com o Departamento de Estado. Outra figura que atuou foi o oficial cubano Jorge García Tuñon, realizando contatos militares.[2] A insatisfação no meio castrense de Cuba levara o governo estadunidense a consentir na hipótese de um golpe de Estado[3].

No programa acertado, propunha-se a constituição de um governo provisório, sob o amparo da Organização dos Estados Americanos (OEA) e da Organização das Nações Unidas (ONU), a ser presidido por Pazos, que realizaria reformas e eleições gerais em um prazo de 18 meses. Contrariamente ao *Manifesto da Sierra Maestra* – assinado por Raúl Chibás, Felipe Pazos e Fidel em julho – não repudiava as intervenções estrangeiras nem as juntas militares. Após um desgaste de quase cinco anos de ditadura e de resistência, haviam-se generalizado opiniões, entre moderados e insurgentes, de que os americanos encontrariam a solução para Cuba, ou que contra eles e contra o Exército era impossível lutar.

Uma cópia mimeografada do pacto foi enviada a Havana, apavorando dirigentes do M-26[4]. Em nome da organização, constavam as assinaturas de Felipe Pazos e Léster Rodríguez, o delegado bélico, que não haviam sido incumbidos de negociar acordo algum. Diante da gravidade do fato, a solução de emergência foi elaborar um documento à junta, a título provisório e discreto. Armando Hart e Luis Buch o redigiram, esclarecendo que o M-26 não podia comprometer-se com a referida unidade, até conhecer a decisão de Fidel. Não podia romper, de forma pública, com o subscrito por parceiros[5]. Logo, eles saberiam que Jorge Sotús e "Daniel" (René Ramos Latour), dirigentes do M-26, também haviam apoiado o pacto.

Visando providenciar embarques de armas, Léster mantivera encontros com representantes de Prío, inclusive no México, onde se reunira com os seus velhos amigos Pedro Miret e Alfredo Guevara. Miret permanecia no México desde a partida do *Granma*, para coordenar uma futura segunda expedição. Quanto a Alfredo

Guevara, encontrava-se exilado após meses de calabouço em Havana, salvo pela inesperada compaixão de um policial.

Em Miami, Léster procurou Faure Chomón, o dirigente principal do Diretório Revolucionário (DR), afirmando trazer instruções de Fidel, nas quais este solicitava sua integração ao projeto da junta.[6] Chomón argumentou que se tratava de uma manobra oportunista, mas Léster insistiu, dizendo ser essa a fórmula para se abastecerem de armas – das que Faure também necessitava muito, pois preparava sua expedição a Cuba. Até a data da celebração do acordo, participou das discussões, defendendo seus pontos de vista.

Fidel, isolado e embrenhado na montanha, ao tomar conhecimento das notícias por rádio e jornal, estourou de impaciência. Não havia qualquer desmentido da direção do M-26. Esbravejava de indignação com o concerto de exilados fazendo "uma revolução imaginária"[7]. "Che" Guevara, separado dele e recuperando-se de um novo ferimento, ao saber, pensou que Fidel interviera no pacto em favor da unidade desejada.

Quanto aos dirigentes, Luis Buch viajou a Miami, em representação, a fim de desautorizar, reservadamente, a auto-representação de Felipe Pazos e Léster Rodríguez[8]. Armando Hart encontrava-se a caminho da Sierra, tratando de chegar a Fidel, para informá-lo e conhecer sua decisão. Levava com ele, inclusive, a proposta de um outro nome para Presidente provisório da República: o juiz da Província do Oriente, Manuel Urrútia Lleó.

Fidel seria o último a saber de tudo. Se os mentores do pacto pensavam que ele não veria alternativa, a não ser se incorporar, iludiram-se. Em dezembro, dirigiu carta à junta, provocando seu naufrágio:

"Esta exposição é só o primeiro passo... Para quem está lutando contra um inimigo incomparavelmente superior em número e armas... forçoso é compreender que a notícia de um pacto, ampla e intencionalmente divulgado, que compromete a conduta futura do Movimento sem que se tenha tido sequer a delicadeza

– se não a obrigação elementar – de consultar seus dirigentes e combatentes, tem que resultar altamente ferino e indignante para todos nós...

“(...) O Movimento Revolucionário 26 de Julho não designou nem autorizou nenhuma delegação para discutir ditas negociações. No entanto, não teria havido inconveniente em designá-la, se fosse consultado sobre dita iniciativa, e teria se preocupado em dar instruções muito concretas aos seus representantes, por tratar-se de algo tão sério para as atividades presentes e futuras de nossa organização...

“(...) As notícias que possuíamos acerca das relações com alguns desses setores estavam contidas em um informe do Sr. Léster Rodríguez, delegado de Assuntos Bélicos no estrangeiro: ‘Com respeito a Prío e ao Diretório te direi que mantive uma série de entrevistas com eles para coordenar planos de tipo militar, única e exclusivamente, até lograr a formação de um governo provisório, garantido e respeitado pelos três setores. Como é ló-

Combatentes do M-26-7

gico, minha proposição foi que se aceitasse a Carta (Manifesto) da Sierra... em que esse Governo devia formar-se de acordo com a vontade das forças cívicas do país. Isto trouxe a primeira dificuldade. Quando se produziu a comoção da greve geral, realizamos uma reunião de urgência.... Prío contestou que não tinha os efetivos suficientes para realizar algo que resultasse vitorioso... A tudo isto lhe contestei que quando ele considerasse que tinha tudo pronto... me avisasse, para, então, podermos falar de possíveis pactos... Definitivamente não existe nenhum compromisso com esses senhores e creio que no futuro tampouco é recomendável tê-lo...'

"(...) Vendo-se ante um fato consumado na opinião nacional e estrangeira, restava a alternativa de desmenti-lo com a seqüela de confusionismo que implicaria. (...) Jamais aceitaremos sacrificar certos princípios que são cardeais... contidos no *Manifesto da Sierra Maestra* (...) Declarar que somos contrários à intervenção não é só pedir que não se faça em favor da revolução, porque isso iria em menosprezo de um princípio que afeta a todos os povos da América... Mas, porque lograr que não se intervenha é já derrocar a tirania...

"(...) O mais nefasto que pode ocorrer à Nação nestes instantes, com a ilusão enganosa de que o problema de Cuba se resolveu com a ausência do ditador, é a substituição de Batista por uma Junta Militar. (...) Os civis, a governar com decência e honradez, os soldados aos seus quartéis e cada qual cumprindo com o seu dever! Ou será que estamos esperando pelos generais de 10 de março, a quem Batista gostosamente cederia o poder quando o considerar insustentável?

"(...) Os fatos nos têm demonstrado que tão logo se suprime a ordem existente, uma série de travas se desata e a delinqüência, se não freada a tempo, germina... O Movimento Revolucionário 26 de Julho reclama para si a função de manter a ordem pública e reorganizar os institutos armados da República... porque é a única organização que possui milícias organizadas disciplinada-

mente em todo o país e um exército em campanha com 20 vitórias sobre o inimigo...

"(...) Continuam os autênticos pensando em "putsch" na capital? Contitnuarão acumulando armas e mais armas que mais cedo ou mais tarde caem em mãos da polícia...?

"(...) A greve geral será levada a cabo pela efetiva coordenação dos esforços do Movimento de Resistência Cívica, a Frente Operária Nacional e qualquer setor eqüidistante de partidarismos políticos e em íntimo contato com o Movimento Revolucionário 26 de Julho por ser, até o momento, a única organização que combate em todo o país.

"(...) No *Manifesto da Sierra Maestra* se fixou a necessidade de designar a pessoa chamada a ocupar a Presidência da República. (...) Como transcorreram cinco meses e esse trâmite não se realizou ainda, é mais urgente que nunca dar ao país a resposta à pergunta de quem sucederá o ditador, e não é possível esperar nem um dia mais. (...) Essa figura deve ser o digno magistrado da Audiência do Oriente, Dr. Manuel Urrútia. Não somos nós, mas a sua própria conduta quem o indica... Declarou, na causa pelos expedicionários do *Granma*, que organizar uma força armada contra o regime não era delito, mas perfeitamente lícito, de acordo com o espírito e a letra da Constituição e da Lei...

"(...) Se nossas condições forem rejeitadas, condições estas desinteressadas... seguiremos sós na luta como até hoje, sem mais armas do que as que arrebatamos ao inimigo em cada combate, sem mais ajuda do que a do povo... Para cair com dignidade, não é preciso companhia...

Pela Direção Nacional do Movimento Revolucionário 26 de Julho

(A.) FIDEL CASTRO

Sierra Maestra, 14 de dezembro de 1957."

O texto desatou de uma vez os conflitos entre dirigentes, dentro e fora do M-26, com os comentários à solta. "Che" Guevara, ao conhecer o papel desempenhado por Daniel no episódio, en-

viou-lhe uma mensagem acusando-o de direitista, ironizando: “Para nós, Fidel foi sempre um autêntico líder da burguesia de esquerda...” Redarguiu Daniel: “Os da tua tendência ideológica pensam que a solução para os nossos males é liberarmo-nos do nefasto domínio dos ianques, pondo-nos debaixo do não menos nefasto domínio dos soviéticos”. E quando Jorge Sotús soube da carta, exasperou-se, pois aguardava que, em breve, estaria transportando armas à Sierra, fiado na palavra de Carlos Prío, que se comprometera a financiar a operação.

Tanto o ex-senador Manuel Antonio de Varona, um autêntico tradicional, como Faure Chomón, contestariam o documento. Este último afirmou: “Nenhuma organização pode, ou deveria, como o Dr. Fidel Castro o fez de forma sectária, reivindicar para si a representação de uma revolução que está sendo feita por todos em Cuba”. Comentaria, posteriormente, que, ao deparar-se com a argumentação da carta, similar à sua, viu-se atingido pelo engano e ainda forçado a justificar, em público, a organização que representava, recente vítima de trágico débâcle.

De fato, entre o feixe de argumentos expostos por Fidel, o mais pontiagudo era o status de emergente ordem – militar e política – que delegava ao seu M-26. Por sorte ou habilidade, Fidel não havia sido neutralizado, nem manobrado pela junta, e ainda produzira um pequeno e certeiro contragolpe. Os artífices do *Pacto de Miami* foram neutralizados, ao menos por algum tempo. Na verdade, precisavam resolver uma questão básica: derrubar Batista, isto é, o seu poder de armas; mas não contavam com a disposição de invasão militar direta por parte do governo norte-americano.

C A P Í T U L O 2 7

Festa de Ano Novo na Sierra Maestra, 1958,
“Che” Guevara é o sexto agachado, da esquerda à direita

Miragens da planície

A 8 de fevereiro, em Nuevitas, costa norte da Província de Camagüey, ancorava o iate Scapade, procedente da Flórida, trazendo sete toneladas de armas e munições, com 16 expedicionários[1] encabeçados por Faure Chomón. Ao desembarcarem, parte do grupo rumou para Havana e outra para o maciço

montanhoso da região central, a fim de completar a formação da Segunda Frente Nacional do Escambray[2], vinculada ao Diretório Revolucionário (DR).

A base do contingente guerrilheiro fora organizada havia meses, por ocasião dos arranjos do Pacto de Miami, com uma maioria de combatentes proveniente das fileiras autênticas, sob a chefia de Eloy Gutiérrez Menoyo. Quando se dirigira a Miami para articular-se com Chomón, Menoyo travara também um contato privado com Carlos Prío, oferecendo-lhe o projeto da frente[3], que o ex-Presidente incluiria em seus acordos com as autoridades norte-americanas.

A CIA participou do plano desde sua origem. O grupo, dirigido por Menoyo, "atuaria como uma espécie de muro de contenção"[4], em caso de uma derrota do exército batistiano para as forças de Fidel no oriente. A agência metia-se, então, no palco da guerra, prometendo destinar à frente uma grande quantidade de equipamento bélico. Em posição de mando, foi situado o agente William Alexander Morgan e, como contato entre a CIA e os promotores da operação, o italo-norteamericano John Maples Spiritto[5]. Já na partida de sua expedição, Faure coletava indícios do acerto entre Menoyo e Prío, mas preferiu checar melhor o que fora acordado quando chegasse ao território cubano.

Ao saber da instalação oficial de uma segunda frente, com o desembarque dos integrantes da nata do DR, Fidel mandou-lhes uma mensagem de leve picardia: "Se não puderem manter-se aí, frente à ação do exército, podem transferir-se para a Sierra Maestra...", e discorria sobre certas noções básicas de guerrilha, de acordo com a experiência do Movimento 26 de Julho (M-26). Quanto ao ângulo oculto – o acerto de Prío com a CIA –, ele nada podia conhecer.

Na Maestra, os enfrentamentos passavam por um período de trégua. Fulgêncio Batista levantava a censura à imprensa, decidindo apelar a uma nova solução eleitoral, prometendo ao povo entregar o governo ao virtual sucessor. O anúncio fora fei-

to no dia 24 de janeiro de 1958, seguindo-se à derrubada do ditador da Venezuela, Marcos Pérez Jiménez, em um processo que terminara com uma greve geral convocada por uma Junta Patriótica – o que alentava os grupos da oposição urbana em Cuba.

Acampado, Fidel recebia o correspondente do *The New York Times*[6], a quem expôs as suas condições para aceitar a proposta de Batista: as tropas do Exército Rebelde assumiriam a guarda da região do oriente na oportunidade das eleições, enquanto observadores internacionais deveriam estar dispostos pelo resto das províncias.

Numa ação em que se fundiram os comandos de Fidel e "Che", a 16 de fevereiro, realizou-se o segundo combate de Pino del Agua, um quartel situado em meio de uma serraria no cume da Maestra, cuja supressão como ponto avançado do exército regular fazia-se vital para a afirmação rebelde. Fora sua particular localização, que obrigava qualquer transeunte a dar longos volteios pelo relevo elevado, a guarnição encontrava-se fortemente defendida desde o assalto da guerrilha no ano anterior, o que agravava o perigo de tráfego na zona.

"Che" Guevara havia pedido a Fidel que o designasse para a chefia do destacamento que devia tomar o quartel. Imaginava aproximar-se o máximo possível, lançando coquetéis *Molotov* para provocar o incêndio rápido nas toras de madeira, ajudado pela gasolina ali guardada em tonéis. A tropa se veria obrigada à rendição ou correria em debandada, expondo-se ao tiroteio. Mas Fidel, que concebia e dirigia o plano, não apostava na possibilidade de tomada da guarnição: "Pretendia atacá-la, eliminar os sentinelas, cercá-la e esperar a vinda dos reforços, que sabíamos que surgiriam..."[7]

Os homens avançavam pela madrugada de densa serração, com destino às diversas linhas de fogo. Fidel percorria, ida e volta, as seções do seu pequeno exército, cochichando: "Não fumem, não fumem...", proferindo outras ordens e recomendações. Em um dado instante, despachou cada qual à trilha

correspondente à linha que projetara em um mapa. Ao aproximar-se do ponto que situara para seu comando, junto com o capitão Almeida – o alto de um barranco, bem em frente ao quartel –, entreviu o panorama e resolveu enviar mensagem a "Che":

"Se tudo depender desse ataque pelo teu lado, sem um apoio de Camilo e Guillermo, corre-se o risco de termos muitas baixas e não se lograr o objetivo... Não deves fazer nada suicida. Te recomendo, muito seriamente, que tenhas cuidado... Por ordem terminante, não assumas posição de combatente. Encarrega-te de dirigir bem a tropa, que é o indispensável neste momento... Fidel."[8]

* * *

Cinco da madrugada. Trinta homens, fixando miras, rodeavam as edificações onde se encontravam 150 soldados. Aproveitando a neblina, Fidel deu o disparo que autorizava o tiroteio, o qual devia manter-se em dosagem suficiente apenas para forçar o quartel a pedir reforços. Pequenas bombas envoltas em folhas de flandres, batizadas por membros da tropa do M-26 ou Sputnik, pois causavam enorme alarde, foram lançadas contra o inimigo para desempenhar papel psicológico. Logo veio a ronqueira da aviação sobre a área, quando uma névoa compacta a cobriria outra vez, ofuscando o alvo das metralhadas.

Setenta combatentes comandados por Raúl Castro distribuíram-se por pontos estratégicos para aguardar a chegada dos contingentes militares. A manobra foi bem-sucedida e a maioria dos soldados foi rendida pelas emboscadas. No entanto, em torno do quartel a situação permanecia quase inalterada, quando Fidel Castro enviou uma mensagem ao comandante do quartel:

"... 12h30... Compatriota, nós os temos cercados com forças numericamente superiores. Nenhum reforço poderá lhes chegar, porque todas as vias estão controladas, a considerável distância... A causa que o senhor e seus homens defendem não é justa...

Antes que lancemos o ataque final, que custará muito sangue, convido-o a depor as armas... Não apenas lhes respeitaremos a vida, como é nosso invariável costume, como também os porei em liberdade em 24 horas... E se alguém temer represálias da tirania, poderá permanecer em nossas fileiras... Pode enviar, como negociador, qualquer civil de sua confiança... Mando-lhe três soldados feridos para que sejam tratados... e pode reenviá-los às nossas linhas, para que os ponhamos em lugar seguro... Atenciosamente, Fidel Castro R., comandante rebelde."

Passadas 24 horas, a resposta não chegou e os rebeldes retomaram o fogo. Fidel resolveu retirar o seu comando, mantendo-se no local o de "Che" Guevara que, sentado num tronco, fumando cachimbo, disparava cada vez que um soldado tentava passar de uma casa a outra. Ao anoitecer, Pino del Agua consumia-se em chamas.

No desfecho da ação, alguns soldados da tropa de reforços, que avançara protegendo-se atrás de um muro de mulheres e crianças camponesas, matou 13 de seus reféns. Além de muitos feridos e cinco prisioneiros, o exército teve 25 mortos, com os quais foram deixados dinheiro e pertences de valor. Era a aplicação da Lei da Sierra, que dispunha sobre procedimentos considerados criminosos, alguns podendo ser punidos com a execução. Pela parte dos rebeldes, as baixas foram de um morto e três feridos, entre os quais Camilo Cienfuegos, que foi atendido, à força e urgência, pelo Dr. Sergio del Valle[9], pois queria continuar em combate.

Fidel conseguia, passo a passo, fazer-se senhor da área do leste do Pico Turquino, nas imediações do Pico Caracas. Para os grupos da planície, isso equivalia a demonstrar que a guerrilha seguia, cada vez mais fortalecida, combinando ataques em seqüência com a tomada de posições estratégicas, que só conservava quando lhe ofereciam absoluta garantia. As características físicas da região eram um grande aliado. Vista de cima, a Sierra era apenas uma plural gama de tonalidades do verde a partir do es-

O repouso do guerrilheiro, Sierra Maestra, 1958

meralda. Embaixo, uma penumbra impenetrável: árvores altas, copas amigas, acidentes de terreno, os rios estreitos e sinuosos tentando espaços na montanha com seus leitos de pedras que os desviam de escorregar para o mar.

A 3 de março, Fidel atacaria a Usina Açucareira Estrada Palma, guarnecida por um destacamento militar. Empregaria a mesma tática de Pino del Agua: situou o grosso de seus combatentes nas prováveis trilhas de passagem de tropas de reforço. Quinze soldados e dois insurgentes morreram. Na mesma semana, decidia modificar a estrutura do seu exército. Formou a coluna 7, sob a chefia de Crescencio Pérez, para atuar em junção com a sua, nº. 1 e, do Pico Turquino, despachou as colunas 3 e 6 – com Raúl Castro e Juan Almeida no comando, respectivamente –, com a missão de organizar novas frentes: a segunda e a terceira do M-26-7. Por segurança, a numeração das colunas era saltada.

Raúl, que levava mais de 50 armas, teria de ocupar o lado leste da cidade de Santiago, além da região do extremo oriental, representando a primeira investida da guerrilha para tomar posições nas planícies. Quanto a Almeida, devia rumar para o lado oeste de Santiago, o que na estratégia de Fidel visava, no futuro, estreitar o cerco sobre a cidade. Dessa maneira, desorientava a perseguição inimiga e pulverizava os eixos de combate, além de minar projetos de operações militares ou de alçamentos guerrilheiros à revelia, nessas regiões.

Logo, Fidel receberia Faustino Pérez, que traria informações sobre o estado da luta urbana. Pérez considerou-lhe que, em decorrência do grande desenvolvimento das ações contra o governo, da propaganda e da Resistência Cívica em vários setores da sociedade, "as condições mínimas e indispensáveis estavam dadas para se convocar a greve geral para os primeiros dias de abril"[10]. Estando na Sierra sem uma visão direta da planície, Fidel assumia como realista a análise de Faustino[11]; e, em 12 de março, firmaria com ele um manifesto de 22 pontos, que instruía

sobre a organização do movimento grevista e o futuro governo pós-ditadura:

"(...) pelo desmoronamento visível da ditadura, a madureza da consciência nacional e a participação beligerante de todos os setores sociais, políticos, culturais e religiosos do país, a luta contra Batista entrou em sua etapa final... 2 - (...) a estratégia do golpe decisivo se baseia na Greve Geral Revolucionária secundada pela ação armada... (...) 6 - (...) designação do Dr. Urrútia para presidir o Governo Provisório... 7 - A organização e a direção da greve no setor operário estará a cargo da Frente Operária Nacional (FON)... 8 – (...) nos setores profissionais, comerciais e industriais, a cargo do Movimento de Resistência Cívica... 9 - (...) a greve estudantil, pela Frente Estudantil Nacional... 10 - A ação armada estará a cargo das Forças Revolucionárias, as milícias do Movimento 26 de Julho e de todas as organizações revolucionárias que secundem o movimento... (...) 14 - A partir do dia primeiro de abril, por razões de ordem militar, fica proibido o trânsito por rodovia ou ferrovia no território da Província do Oriente... Poderá se disparar sem prévio aviso... 15 - (...) proibidos os pagamentos de impostos... em todo o território nacional... (...) 22 - A partir deste instante, o país deve considerar-se em guerra total contra a tirania... Fidel Castro Ruz, comandante chefe das Forças Rebeldes... Faustino Pérez, delegado da Direção Nacional."[12]

O informe de Faustino não pecava por abstração. A seqüência dos acontecimentos nos últimos sete meses, no país, estimulava um otimismo – e até fantasias. As células do M-26 haviam realizado uma série de atos e sabotagens "para corroer a base econômica e política do governo"[13], além de haverem incrementado publicações para vários públicos-alvo. Desde o mês de fevereiro, aquecera-se o movimento estudantil, secundário e universitário. Episódios como o levante em Cienfuegos, a queda do ditador Pérez Jiménez – que gerara o slogan "se Venezuela pôde, também poderemos" – e o seqüestro (ou "retenção patri-

ótica”) do supercampeão de automobilismo, o argentino Juan Manuel Fangio, acaloravam as expectativas. Este último, julgado um golpe espetacular, uma operação perfeita, realizada por jovens militantes amadores, ocorrera havia apenas duas semanas, na noite de 23 de fevereiro, quando um comando do M-26 levou o piloto do saguão do Hotel Lincoln, em Havana, para um local desconhecido – uma residência dentro da própria cidade. Permaneceria ali trancado por 26 horas, período em que a corrida acabou acontecendo com a sua grande estrela ausente, enquanto Batista mobilizava todas as tropas especiais na expectativa da captura. Tudo em vão. O comando do seqüestro, sob orientação de Faustino Pérez, iludindo a polícia, executou com sucesso o plano de devolução do piloto à representação diplomática argentina. Não apenas o incidente, mas também o seu contexto – a situação de Cuba – espalhar-se-iam pelos veículos de comunicação de todo o mundo, conforme almejaram seus idealizadores.[14]

Ainda em março, reverberou na opinião pública a convocatória da comissão do Episcopado Nacional para que sociedade e governo chegassem a um acordo de paz. A alta hierarquia da Igreja esperava que a figura do monsenhor Pérez Serrantes, que auxiliara moncadistas em 1953, pudesse influenciar Fidel, mas ficou desapontada. Em cartas dirigidas a jornalistas, seus conhecidos, ele apresentou as condições para iniciar uma conversa: expor os seus critérios ante uma comissão da imprensa nacional na Sierra Maestra, onde os repórteres pudessem testemunhar a realidade da guerrilha.[15] E a 15 de março, sob o incentivo do Colégio de Advogados e da Juventude Católica, relacionados à Resistência Cívica, as instituições cubanas, em conjunto, produziram um chamamento ao governo e ao povo, para evitar a derrubada do Estado. Para tanto, propunham a renúncia do Executivo e a dissolução do Legislativo, o que abriria passagem à formação do tão pregado governo provisório. Inroduzindo-se no eco, o Departamento de Estado norte-americano despachou um

especialista, William Pawley, para apelar a Batista que capitulasse e apontasse uma junta militar para governar Cuba. Parecia a volta do Pacto de Miami, mas, como se poderia supor, Batista recusou o acordo. Sua alternativa à convulsão social foi suspender de novo as garantias constitucionais, adiar as eleições de 1º de junho para 3 de novembro e reimplantar a censura. Fracassada a gestão conciliatória, os Estados Unidos suspenderam os envios oficiais de armas a Cuba – o que assinalava um distanciamento formal da ditadura –, embora o apoio bélico continuasse a chegar por vias informais.

De regresso à capital, Faustino se dedicou a amarrar compromissos para o apoio à greve geral com o Diretório Revolucionário (DR) e o Partido Socialista Popular (PSP). Com respeito ao primeiro, Faure Chomón compartilhava a avaliação de que existiam "condições subjetivas" – possibilidade de disseminação e respaldo popular – para uma greve geral e propôs uma convocação comum "pelas duas organizações, apelando ao Pacto do México".[16] Havia a premissa de contar com milícias armadas para dar suporte aos grevistas e, embora o M-26 não dispussesse de recursos para tanto, boa parte do armamento – 33 metralhadoras Thompson, três ou quatro metralhadoras calibre ponto 30, quatro antitanques e uma calibre ponto 50 – que o DR trouxera de Miami, encontrava-se guardada na em esconderijo na capital.

No tocante ao PSP, era um caminho mais tortuoso. Desde o início do ano, via-se favorecida a fórmula de acordo com o M-26. Um grupo do Comitê Central conseguira flexibilizar certas diretrizes partidárias, aprovando-se uma "estratégia mista" de combate ao regime, combinando ação armada e greve geral[17]. Raciocinavam – alguns, havia anos – que, sem luta armada, a mobilização de massas mostrava-se inviável pela característica do regime, que ainda possuía os seus potentes aliados na direção das organizações sindicais. Tomavam por base o engano do partido ao polarizar, no processo da Revolução de 1933, com Antonio Guiteras, o que facilitara o controle do poder por Batista. Tudo

isto os levava a reavaliar Fidel[18], que com o seu M-26 significava, na prática, a combinação desejada.

Não se deve esquecer que a resolução do PSP coadunava-se ao momento do comunismo internacional: Nikita Krushov, o líder da URSS, vinha buscando alinhavar-se com as esquerdas na América Latina e em outras regiões, apesar da defesa professa de modos de transição pacífica. Na ocasião, fora admitida em escala contida, a incorporação de militantes do partido à guerrilha, cuja primeira leva[19] tomou o destino da coluna de Raúl Castro, em função do seu vínculo com a Juventude Comunista[20]. Por essa razão, Raúl manifestou ansiedade em saber a exata posição do partido, ao acolher os recém-chegados e comunicou-se com o irmão sobre o delicado tema. Fidel aparentava reservas, sempre medindo até onde a relação com os comunistas podia ser prejudicial ao M-26, frente à sociedade.

Os escalões superiores da FON, apesar de declararem-na ampla e irrestrita, seguiam impedindo a participação dos comunistas nos comitês de greve. David Salvador, dirigente da seção operária do M-26, pronunciara-se abertamente contra a aliança. Assim mesmo, Faustino reuniu-se em distintos níveis com o partido, para acertar a colaboração. Ao encontrar-se com Aníbal Escalante, que, naquele momento, era o dirigente máximo da agremiação comunista no país, este manifestou acreditar na necessidade de reelaborar, previamente, comissões de greve a partir das bases, para depois se produzir uma integração. Discordava, portanto, da data pré-fixada para a convocatória – entre os primeiros dias de abril –, respaldada em comitês da FON já constituídos. Escalante expôs ainda critérios políticos sobre o futuro governo após a queda de Batista, mas Faustino declarou que não tinha delegação para discutir a matéria[21]. Pedia simplesmente o apoio à greve geral e não acreditava que houvesse espaço para recuos nessa proposta. Quando já despontava abril, faria um último contato com dirigentes do PSP[22], que não alteraria a postura até por uma questão de tempo.

Dirigentes do M-26 na planície também projetavam o futuro em *petit comité*: "ante o Governo Provisório Revolucionário, a FON assumiria a representação da classe operária", assim como a Resistência Cívica e a Frente Estudantil Nacional (FEN) o posto em relação a seus respectivos setores sociais[23], despachando para a teoria, ou dispensando, o problema da unidade. Alguns engrossavam a tinta sobre "os erros do PSP", com um discurso anticomunista, suscetíveis à influência da Juventude Operária Católica (JOC) que se imbricara no M-26 e ameaçava romper com os comitês, se houvesse trato com comunistas. Tanto a JOC como o Comitê de Moralização Cristã vinham servindo como boa fachada para certas providências, tais como a compra de materiais de divulgação e propaganda. Essa vertente era justamente a dos que desdenhavam a importância da guerrilha na montanha, à semelhança dos veteranos comunistas, mas sem dar ouvidos às bases, onde a solidariedade entre os militantes permitia acordos.

Na Sierra, Fidel, ao obter informações parciais sobre os preparativos da greve, lançou à planície, no dia 26 de março, uma mensagem sobre a necessidade de a FON "coordenar esforços com as demais organizações opostas ao regime":

"Todos os trabalhadores cubanos, qualquer que seja a sua militância política ou revolucionária, têm direito a integrar os comitês de greve nos centros de trabalho. A FON não é um organismo sectário: ideou-se se como um instrumento para agregar e dirigir os operários na luta contra a ditadura..."[24]

Na cidade, a polícia descobria o esconderijo do arsenal do DR, mas abriam-se expectativas para o provimento bélico do M-26. Para Havana, armamentos estariam por desembarcar de uma lancha que atracaria em Pinar del Río (a oeste)[25]. Um avião com um carregamento de armas, em uma expedição dirigida pelo autêntico Candido de la Torre (com quem Léster Rodríguez fizera contato), deveria descer em uma pista improvisada no meio da Sierra Maestra, após decolar da Costa Rica. No México, Pedro Miret e Gustavo Arcos introduziram-se no circuito, em repre-

sentação de Fidel, que dera um pronto sinal verde à operação. Miret foi escalado para viajar para Cuba, integrado à expedição,[26] e Gustavo Arcos assumiu a chefia do grupo do M-26 no exílio mexicano – muitos em desesperada ânsia pela ordem de se reunirem à guerrilha na Sierra –, e Alfredo Guevara passava a ser o segundo em comando.

A rede de apoio da expedição incluía, entre os costarriquenhos, o ex-Presidente José Figueres – que facilitou o aluguel de um C-46 por 12 mil dólares –, e o seu ex-ministro do Exército, Frank Marshall, que providenciou o contato com traficantes de armas para a aquisição de uma grande parte do carregamento. Do lado dos mexicanos, a família de grandes produtores da indústria cinematográfica, os Barbachano, que viabilizaram o traslado de recursos como material cinematográfico em aeronaves da Mexicana, até a costa de Mérida.[27] Na Flórida, o caixa do comitê do 26 captou, para a operação, 14.648 dólares.

Previamente, Fidel avisara a Ricardo Lorié ("Luis Pérez"), do núcleo de Miami, que o avião deveria aterrissar em Cieneguilla, às 18h15, em ponto, de 30 de março, dado que os militares cessavam de sobrevoar a região a essa hora, segundo suas observações. Na hora precisa daquele dia, a aeronave sobrevoou a pista, mas deu meia-volta, já que não visualizava o sinal combinado: um lençol branco, que não foi esticado pelos encarregados por hesitação em identificar o avião como amigo ou inimigo. A aterrissagem realizou-se em um ponto distante, na mata, e uma das hélices esbarrou no solo, danificando a fuselagem. Com as armas, os pilotos (Pedro Luís Díaz Lanz e Roberto Verdaguer) e os passageiros (Pedro Miret e Húber Mattos) retiraram-se às pressas e o avião foi incendiado. Os homens mantiveram-se no local aguardando o contato, quando em noite avançada apareceu Fidel. Este examinou a carga – 50.000 projéteis 30.06; 30.000 calibre 9 mm; 5.000 projéteis calibre 50; 10.000 calibre 45; 10 metralhadoras calibre 50; 46 obuses calibre 60 mm e 50 fuzis Mauser com 5.000 balas – e experimentou cada arma.

Visto o sucesso da operação, o responsável pelos contatos e pela aquisição das armas, Ricardo Lorié, foi corroborado por Fidel na função de delegado bélico com poderes extraordinários, até mesmo como um artifício para livrar-se, de vez, da intermediação do Comitê do Exílio em Miami[28].

Enquanto isso, prosseguiam os enfrentamentos na montanha. Por ordem de Fidel, o capitão Camilo Cienfuegos havia descido à zona de El Cauto para apoiar a greve iminente. A coluna de Juan Almeida também fora instruída a realizar ações nos arrabaldes de Santiago. Quanto a Raúl Castro, próximo à cidade de Guantânamo com seu contingente, terminaria vítima de um estranho equívoco:

"Querido Fidel, preparamos um plano de emergência com as milícias da cidade de Guantânamo (...) Estando já próximo de partir para colocar-me a leste (da cidade), Daniel chegou acompanhado de um chefe de patrulha (...) na tarde do dia 30 de março... Explicou que a greve havia sido adiada por uma semana, mais ou menos, tempo que o Movimento aproveitaria para introduzir armas recentemente adquiridas no estrangeiro (...) Para a nossa zona, destinara-se uma provisão, cuja enumeração eriçou-me os pêlos. (...) que tinha que haver chegado via aérea no dia anterior, mas o envio fora suspenso ao não me localizarem a tempo... Durante quatro noites estivemos esperando pacientemente…"[29]

O adiamento resultava das contradições internas do M-26. Luis Buch comparecera a uma reunião com os dirigentes de Santiago[30], que argumentaram, receosos, ser preciso confirmar com Fidel a data da greve. Por telefone, Faustino sustentara não ser necessário, já que o texto do manifesto era claro o suficiente; tampouco seria possível a consulta, como acabaram concluindo os participantes.[31] De outra parte, nenhuma notícia sobre os armamentos previstos para chegada no fim de março. Considerando que "a greve não podia acontecer sem apoio armado"[32], propôs-se o adiamento, que foi aprovado.

Transcorria a primeira semana de abril e as armas pareciam haver desaparecido no trajeto. De uma forma ou de outra, a 9 de abril, o M-26 viu-se compelido a convocar a greve, sofrendo de miragem ou de voluntarismo. Às 11 horas, interromperam as transmissões da Rádio Relógio e da Onda Hispano Cubana, convocando: “Hoje, greve geral revolucionária!”.

Grande parte dos trabalhadores não escutou a notícia no rádio; pontos da cidade foram infestados de panfletos e de gente desconfiada. Entre os próprios quadros organizados, a dúvida: haviam circulado boletins, anteriormente, avisando que, em breve, ocorreria a greve geral, mas jamais se divulgara a data. Havia inclusive aliados do regime lançando alarmes falsos sobre paralisações, alguns dias antes. Ainda na manhã do dia 9, representantes sindicais foram coagidos pelo principal dirigente da Central dos Trabalhadores de Cuba (CTC), Eusebio Mujal, com ameaças de demissão, se apoiassem a greve.

A hora escolhida, 11 horas, era quando cessava a atividade dos portuários e alternava-se o turno dos vigilantes. Nesse instante, pensava-se fechar as ruas de acesso a Havana Velha, montar barricadas, assaltar o depósito de armas e emboscar-se para enfrentar a polícia. Logo, ao meio-dia, hora de almoço de bancários e funcionários públicos, previa-se que estes tomariam o caminho de casa ao ver instalada a greve. Mas, na realidade, não apenas o plano de Havana Velha fracassou, por conta de uma delação e falha de coordenação entre o grupo que assaltaria o depósito e o que bloquearia os acessos, ocasionando uma matança generalizada, como a maioria dos ativistas, parte atuando com pistolas nas ruas, foi detida e assassinada. O regime reagia ágil e violento. Sergio Sanjenís, um especialista em técnicas militares, ex-soldado do exército norte-americano, mandado a Havana por Daniel para chefiar as milícias, havia simplesmente desaparecido.

Quanto ao resto do país, em Santiago, um quartel foi atacado; em Matanzas, uma emissora; enquanto, em Sagua La Grande, cerca de 30 homens mal armados conseguiram tomar a cidade

por mais de 48 horas. No cômputo geral, a mobilização sequer tomara fôlego.

Fidel, que acabava de chegar do ataque à Usina Açucareira San Ramón, em Campechuela, ao escutar a convocação, exultou, visualizando assaltos e emboscadas a realizar em seguida. Mas ao acompanhar a seqüência de notícias pela rádio, deu-se conta de que uma emissora atrás da outra saía do ar. Soube que tropas de "marines" americanos ocupavam o porto de Havana. Enraivecido, dirigiu-se ao comando de Guevara em La Mesa e redigiu o boletim noticioso da Rádio Rebelde[33], demandando o imediato regresso dos militares norte-americanos que aviltavam a soberania de Cuba. As transmissões da emissora da coluna guerrilheira haviam sido inauguradas a 24 de fevereiro, por iniciativa de "Che" Guevara, que havia providenciado a subida de um técnico à Sierra para cuidar da instalação e manutenção do equipamento.[34]

De resto, Fidel sabia que deveria assumir a responsabilidade pela devassa e a "liquidação das conseqüências" (em jargão militar). Agiu logo, no sentido de evitar que Faustino Pérez, ou qualquer outro dirigente, fosse acusado pelo fracasso da greve geral. No momento, o que mais o preocupava era saber que Batista sentir-se-ia fortalecido e programaria a investida sobre as forças rebeldes. Esta reflexão foi exposta em uma carta a Faustino, cujo portador foi *Zoilo* (Marcelo Fernández), por meio de quem Fidel convocava também toda a direção da planície para uma reunião urgente na Sierra. A situação obrigava a um redesenho de estratégia.

Praticando tiro em La Jeringa, Sierra Maestra, 1958

CAPÍTULO 28

Combatendo na Sierra Maestra, 1958

Operação FF (Fim de Fidel)

Fidel apresentou aos dirigentes, no território e no exílio, o seu desgosto: "... Se toda a Ilha estivesse ocupada por colunas rebeldes, como o oriente, nenhuma medida repressiva poderia conter a ação do povo... É urgente fortalecer a revolução no seu aspecto militar... Pelo momento, não cabe sequer falar em greve geral..."[1]

A violenta repressão desencadeada pela greve fizera escassear até a generosidade de alguns bons burgueses: se antes era possível obter abrigo e auxílio em lares de classes média e alta, agora na grande maioria deles não se atendia ao telefone, nem se franqueava a porta. Mas a direção só podia enviar para a Sierra os militantes de grande risco. Na cidade, o Movimento 26 de Julho entrava em profunda crise.

No dia 3 de maio, às 6 horas, em um quarto de um sítio em Altos de Mompié, começaria o encontro dos dirigentes convocados por Fidel. Ele e Daniel sentaram-se, um ao lado do outro, em uma cama maior; Faustino, Marcelo Fernández, Vilma Espín e Haydée Santamaría, em uma menor, em frente; David Salvador e Ñico Torres, em volta de uma pequena mesa; e "Che" Guevara – convidado por requisição de Faustino e Daniel, a quem criticara duramente[2] –, acomodou-se sobre um toco de madeira feito banco no chão, junto à porta, ao lado de Célia, escalada para tomar as notas da reunião.[3] Presentes ainda Luis Buch e, horas depois, Enzo Infante.

A atmosfera era nervosa, dado que os da planície sabiam que seriam julgados. Logo de início, Fidel propôs que cada um levantasse os fatores que haviam conduzido ao desastre. Aos poucos, emergiram, em exposições e apartes: a carência de armamentos – um carregamento que se esperava de Miami fora interceptado no mar pela polícia norte-americana e o outro, que desembarcaria em Pinar del Río, só chegou no dia 11 de abril[4] –; a transferência da data da greve, ocasionando a perda de um suposto clímax de agitação; a convocação inadequada, sem divulgar a data, pretendendo mantê-la em segredo para evitar represálias do governo; e a atitude fechada para com outros setores políticos, entre outros.[5]

Ao falar, Fidel recriminou a falta de visão predominante nos preparativos e no desencadeamento da greve[6] e questionou a exclusão dos comunistas dos comitês da Frente Operária Nacional (FON)[7], criticando o sectarismo de alguns dirigentes urbanos,

como David Salvador. Conforme a observação de um anônimo em carta endereçada a Fidel, dias antes do encontro: "Na realidade, a greve descansava na ação revolucionária, e não esta naquela, como dão a entender os documentos da Sierra ao enunciarem que as brigadas apoiariam a greve..."[8]. Reconhecia Fidel que, influenciado por Faustino, deixara-se iludir por avaliações sem base.

A greve de abril foi um fracasso, mas levou à percepção de que a queda do regime dependeria da vitória do Exército Rebelde contra as Forças Armadas de Batista – o que pareceria um delírio maior. Como fruto da reunião de Mompié, o M-26 unificou-se sob a direção de um executivo estabelecido na Sierra Maestra, com Fidel assumindo as funções de secretário-geral e Comandante-em-Chefe de todas as forças e milícias, concentrando as direções política e militar.[9]

Reestruturava-se, inclusive, a representação do exílio. Luis Buch, designado coordenador de Relações Públicas, seguiria para Caracas (Venezuela), contando, desde já, com a cobertura do contra-almirante Wolfgang Larrazábal, Presidente provisório do país, e do líder da Junta Patriótica, Fabricio Ojeda, que haviam declarado a disposição de apoiar o M-26. Haydée Santamaría, nomeada tesoureira e "agente especial", passaria a residir em Miami, assim como Antonio (Tony) Buch, o novo responsável pela propaganda. José Llanusa, indicado como secretário de Organização, rumaria para Nova York. Os objetivos primordiais eram, além de propiciar os recursos bélicos à montanha, obter o apoio de organizações estrangeiras e aglutinar as forças do M-26 e da ortodoxia emigradas.

Fidel decidia fixar uma base para o comando na Sierra. A escolha recaiu sobre La Plata, no terreno do sítio do Santaclareiro, apelido do produtor rural Julián Pérez. A topografia abrupta, a frondosa e espessa vegetação de cobertura e o apoio do campesinato da redondeza eram elementos que faziam o lugar ideal para refúgio e centro de operações. Os membros do pequeno Exército

Rebelde, de barbas e cabelos crescidos e a vestimenta verde-oliva, foram ali se aglutinando com suas mochilas e sacolas de objetos e mercadorias. Em pouco tempo, o terreno, de pouco mais de dois quilômetros, contaria com mais de 15 casas suspensas sobre troncos no barranco, ocultas no emaranhado das árvores, com parapeitos de pedra para protegê-las de ataques aéreos e acessos por degraus e corrimões de madeira – um resultado da engenharia intuitiva de Célia Sánchez com um grupo de carpinteiros.

A sede do comando logo se identificaria pela presença de René Rodríguez (o antigo amigo de Fidel na ortodoxia, agora um dos seus capitães) e de escoltas à entrada. O interior era dividido por um tabique de palma real: de um lado, um balcão precipitando-se sobre a montanha; de outro, mapas e papéis sobre a mesa larga, bancos de troncos e alguns livros, como *O Príncipe*, de Maquiavel, e as *Obras Completas* de José Martí[10].

A cozinha coletiva ficava junto a um poço. Uma espécie de palafita com um teto de folhagens, onde dispuseram uma série de cabos, era a nova sede da Rádio Rebelde, que iria ao ar dali, pela primeira vez, a 1º de maio de 1958. Transformar-se-ia no centro gerador e receptor das comunicações, e na operadora matriz de uma cadeia com a *Rádio Rumbos*, depois com a *Rádio Continente* (da Venezuela), a *Rádio Caracol* (Colômbia) e *A Voz dos Andes de Quito* (Equador), com um custo irrisório.

Em Caracas, montou-se uma emissora semiclandestina: a *Dois Índios Verdes* (*2 IV*), logo suspensa por problemas ocasionados ao governo venezuelano; e, na Cidade do México, a *Índio Azul*, operada por Gustavo Arcos, que viria a ser a estação oficial do M- 26. As retransmissões das gravações, em fita magnética, na *Cadeia da Liberdade*, realizavam-se à mesma hora, durante, aproximadamente, 30 minutos, entre às 19 e 20 horas. Para mensagens secretas, Fidel inventou um código que, segundo ele, inspirava-se no Teorema de Pitágoras; mas o código que realmente se efetivou foi criado por Luis Buch, a partir de uma idéia de "Che", tendo por base dicionários bilíngues e um abecedário

correspondente a números. Para as comunicações telefônicas, foi estendida, em poucos dias, uma rede de fios abarcando a região que incluía Mompié, Las Vegas, Minas del Frío, Santo Domingo e La Plata.

Organizava-se uma pequena república, com juízes, religiosos e médicos[11], estes trabalhando em postos especialmente construídos e com suprimento melhorado de remédios e antibióticos. O padre Guillermo Sardiñas rezava missa aos domingos em um tosco altar de campanha, conferia sacramentos e casava camponeses. Protestantes também realizavam seu ofício. Fidel levantava-se cedo, escutava o rádio e começava a andar de um lado para o outro, repassando idéias e brincando com seu rifle. O charuto, normalmente preso aos lábios, só era retirado para uma conversa, sendo logo reposto para acompanhar o caminho circular das suas pernas compridas e retesadas.

Na segunda quinzena de maio, pediu uma reunião urgente com os capitães situados na área ao seu alcance. Célia obtivera a confirmação, por parte de um piloto da Força Aérea e da esposa de um telegrafista de Manzanillo, de que o regime deslancharia, em breve, uma ofensiva em larga escala contra os rebeldes. A postos, 10 mil soldados do Exército, em 14 batalhões de infantaria e sete companhias independentes, mais as tropas aéreas e navais.

Fidel convocou as colunas de Ramiro Valdés (4) e Crescencio Pérez (7) para aproximarem-se rápido e sem alarde, em direção ao oeste imediato do Pico Turquino, onde se situava La Plata, para reforçar a resistência. Desde o mês anterior, as duas colunas haviam se desprendido do comando, para realizarem operações em áreas mais afastadas. Em seguida, Fidel retirou "Che" Guevara de Minas del Frío, onde encontrava-se orientando mil recrutas da escola de preparação militar recém-criada, colocando-o na chefia da coluna 8. Designou, enfim, as áreas e os modos de operação de cada grupo, a partir de uma revisão dos esquemas habituais de deslocamento do exército[12].

No começo da ofensiva, a 24 de maio, havia 280 rebeldes em armas, que no dia 25 foram atacados, simultaneamente, em Minas de Bueycito e Las Mercedes, onde um pelotão de 14 combatentes foi vencido por tanques e aviões de guerra, após 30 horas de combate. A correlação de efetivos militares era profundamente desigual. Embora setores de Washington houvessem aprovado o embargo do envio de armas a Batista, estas continuariam transitando para Cuba por intermédio dos governos da República Dominicana e da Nicarágua, restando ao Comandante Fidel a expectativa da chegada de um segundo carregamento de armas e munições vindo de Miami.

Haydée comprara um avião Cessna, registrando-o para práticas de pilotagem, que foram tentadas, com efeito, em uma pista abandonada perto de Miami, para despistar a vizinhança e o FBI. Conseguiu-se obter a autorização para um vôo Miami-Jamaica, de onde o Cessna decolou a 29 de maio, aterrissando em um campo próximo a La Plata, conforme o prévio trato entre Fidel e o piloto Pedro Luís Díaz Lanz (um membro do M-26 que devia manter boas relações com os federais norte-americanos, porque circulava sem reservas nesse território). O carregamento continha 20 mil projéteis de fuzis 30-06, pacotes de disparadores elétricos para explosivos em geral, 30 carabinas italianas, com seus respectivos artefatos e munição, um fuzil Garand e centenas de projéteis para fuzil M-1. O único passageiro era Carlos Franqui, um jornalista convocado do exílio para assumir a direção da Rádio Rebelde e compor o executivo do M-26-7 na Sierra.

Naquela semana, as forças regulares de Batista provocavam mais três confrontos com os rebeldes, em pontos variados: em Las Cuchillas de Bayamo, Minas de Buey Arriba e El Macío. Em 5 de junho, o ataque vindo da parte sul foi intenso desde a costa. A destruição da casa de um camponês, pelo bombardeio, provocou a ira de Fidel contra os Estados Unidos[13]:

"Célia, quando vi as bombas que jogaram na casa de Mário, jurei que os norte-americanos vão pagar bem caro o que

Sierra Maestra
junio 5-58

Celia:
Al ver los cohetes que
tiraron en casa de Mario,
me he jurado que los
americanos van a pa-
gar bien caro lo que es-
tán haciendo. Cuando esta
guerra se acabe, empezará
para mí una guerra
mucho más larga y
grande: la guerra que
voy a echar contra ellos.
Me doy cuenta que ese
va a ser mi destino ver-
dadero. Fidel

estão fazendo. Quando esta guerra acabar, começará para mim uma guerra bem maior e mais longa: a guerra que vou levar contra eles. Dou-me conta que este será o meu destino verdadeiro. *Fidel* ”

Paulatinamente, o exército tentava aproximar-se, por diferentes flancos, do Pico Turquino, próximo ao comando. Era preciso acionar a tática de defesa, a resistência máxima "por três meses indispensáveis", tempo necessário para se conseguir armas e "alargar as linhas do inimigo", a fim de deslocá-lo para posições onde se concentravam rebeldes e "lançar o contra-ataque assim que o exército comece a fraquejar."[14] Em segredo absoluto, as tropas de Almeida (coluna 3) e a de Camilo (coluna 2), que se encontravam mais distantes, receberam a ordem de projetarem-se em direção à coluna 1, para completarem a formação de uma só frente – com a única exceção das tropas de Raúl, que permaneceriam no extremo leste, formando a Segunda Frente. Note-se ainda a renovada numeração dos grupos, a partir de um novo mapeamento, prejudicando a lógica do adversário.

Fidel media distâncias para postar os destacamentos no interior de um raio de aproximadamente 20 quilômetros, considerando La Plata como eixo. Sua concepção bélica não implicava uma logística superpotente, mas a derrota do inimigo em campo, ponto a ponto, mantendo-se a tática básica: sitiar para provocar um movimento de dentro para fora – dispersão, fuga ou rendição das tropas –; ou de fora para dentro (o apelo de reforços que deveriam ser interceptados pelas emboscadas). Estava também ciente de que, na realidade, o risco do cerco ao contrário – ao redor de si –, era total. Portanto, nada lhe restava a não ser dirigir a guerra como lhe parecia melhor e exercer o máximo de controle dos detalhes, com o mínimo de desespero nos papéis:

"Célia, aqui estou feito um merda, porque não tenho sequer com quem mandar uma mensagem, nem cavalo, nada para mover-me... Estou esperando, desde o meio-dia, o menino que vem com as caixas... e este telefone não funciona..."

Nesse mês, junho de 1958, uma série de orientações seria dada, em particular, a "Che" Guevara. Fidel recomendou-lhe a desmontagem do acampamento de La Mesa e a sua transferência com todos os artefatos e "as reses possíveis" para mais perto

de si, e a abertura imediata de túneis (refúgios antiaéreos). Em anexo, enviou-lhe um mapa do seu plano geral, assinalando a área que cada um devia se encarregar de cobrir para preservar o território básico.

O dia mais crítico seria 19 de junho. Em Santo Domingo, aproximava-se do comando um dos mais agressivos batalhões do exército, chefiado por Sánchez Mosquera, esmagando o esquadrão que defendia aquela rota. "Situação extremadamente

De prontidão, durante a ofensiva inimiga

perigosa. Aqui só tenho o meu fuzil, para dar a cara. Tenho uma imperiosa necessidade dos homens que pedi para salvar a zona de La Plata...”[15], informou o líder rebelde.

Pelo norte e pelo sul, as forças inimigas penetravam fundo: “As que avançavam pelo sul chegaram a quatro quilômetros (do comando); as que vinham pelo norte, a três quilômetros... ”, recordou Fidel. Era iminente o cerco a La Plata, formando um anel de fogo de dois batalhões com 600 homens, quando os disparos de um morteiro, bem instalado em um barranco, ocasionou 27 baixas entre os soldados, fazendo as tropas recuarem. Mas os soldados tratariam de se reorganizar no morro, respondendo a uma artilharia cruzada de quatro direções, que recebera de Fidel a recomendação de dar atenção a cada tiro para economizar munição.

Logo se ouviria, através de amplificadores de som, o conjunto[16] de músicos camponeses que Fidel e Célia haviam convidado a se apresentarem na Rádio Rebelde. Denominado Quinteto Rebelde, eles interpretavam cantos patrióticos e humorísticos – “Que venha a ofensiva e vá embora o macaco” era o refrão alusivo a Batista –, em meio à batalha, como fizeram os combatentes republicanos na Guerra Civil Espanhola para desmoralizar os franquistas. A Primeira Batalha de Santo Domingo durou de 28 a 30 de junho, com a vitória do pequeno exército de Fidel.

Além das armas, os equipamentos de rádio de uma companhia – um Minipak e um PRC-10 –, assim como os seus códigos secretos, caíram em poder dos rebeldes. Desde então, Fidel teria conhecimento prévio, a cada combate, das disposições táticas e das ordens do inimigo. Em uma ocasião em que uma de suas unidades encontrava-se incomunicável, com o seu Minipak quebrado, os rebeldes deram ordens por rádio à Força Aérea de Batista para bombardear locais onde se situava o seu próprio exército.

Diretrizes estratégicas das forças do governo eram também interceptadas por uma rede que começara a funcionar havia quase dois anos na própria central telefônica de Santiago. Carlos

Amat, dirigente do Sindicato dos Telefonistas, ligado ao M-26, deslanchou a operação. Durante a ofensiva, a telefonista Rosita Casan[17] penetrava nas comunicações dos chefes militares, conectando-as diretamente com uma escuta. Quando percebia que o fone fora levantado, ordenava: "Tapa!", para evitar ruídos; e se ocorria algum contratempo, retirava os plugues e interrompia a chamada.

Entre paredes, o estratagema de Batista era apelidado de Plano FF (Fim de Fidel). Conforme intuído, visava a dividir a área onde se encontravam as colunas rebeldes, para cindi-las, e investir, então, contra a coluna 1. Para cumprir o objetivo de cercar Fidel, os efetivos regulares partiam de quatro flancos: um contingente maior, sob as ordens do general Eulogio Cantillo, o comandante da Divisão do Leste, saiu de Estrada Palma, seguindo por Vegas de Jibacoa e Minas del Frío; outro grupo, com o tenente-coronel Sánchez Mosquera, de Minas de Bueycito, passando por La Mesa, desviando-se por El Descanso (Minas del Frío), Berraco e Cacao, chegando a Santo Domingo; o terceiro viria pelo rio Palma Mocha, com tropas a mando do comandante José Quevedo, rumo a La Plata; o quarto, por Las Mercedes, em direção ao mesmo núcleo. Era uma espécie de forca, cujo laço fora afouxado pela ação do Exército Rebelde.

Na primeira semana de julho, ocorreram dois combates, um pelo Rio La Plata e outro em Meriño; dos dias 11 a 21, a Batalha de Jigüe. Às 5h45, soltaram-se os primeiros tiros de uma escaramuça dos rebeldes contra soldados do batalhão 18 da infantaria, que acampava a uns sete quilômetros da costa sul e a uns dez quilômetros a oeste do Pico Turquino (em um ponto conhecido por El Jigüe). Passados 15 minutos, cessaram o ataque e se retiraram, enquanto outras unidades rebeldes ocupavam pontos estratégicos ao redor do batalhão, com ordens de não disparar. Durante a manhã, dois pelotões de soldados partiram em direção à praia conduzindo feridos e mulas para carregar comida, quando sofreram uma emboscada que os obrigou a retroceder.

O silêncio entre os contendores se prolongou por 72 horas. Só na tarde de 14 de julho uma companhia avançou pelo mesmo trajeto, ocasionando um novo combate até a noite, com balas vindo de todos os lados, evidenciando que o batalhão estava cercado – e sem alimentos. A conclusão seria adiada para os dias seguintes, em um provável confronto com reforços, quando apareceria a aviação atirando e lançando bombas de napalm. Dia 17, pela manhã, partiu da costa uma companhia de infantaria que foi rechaçada em parte. Mas a Força Aérea continuava atacando, assim como tropas na desembocadura do Rio La Plata. Dia 19, uma outra companhia avançou partindo da praia. Foram 24 horas de fogo ininterrupto, mas os rebeldes conseguiram fazer os reforços retrocederem. Assim, o batalhão 18 permanecia sitiado havia nove dias, com 50 rebeldes a umas dezenas de metros de suas trincheiras, cortando-lhes também a água.[18] Naquele mesmo dia, Fidel preparava uma carta ao comandante Quevedo, que lhe seria entregue por um de seus soldados feito prisioneiro[19], com uma proposta de rendição:

"Comandante Quevedo... 23 horas. Se o senhor não fosse o cavalheiro que é... o chefe querido de seus soldados pelo trato que lhes tem dado, se não fosse um militar de sentimentos, forçado por amargas circunstâncias a guiar uma campanha contra a razão, o direito e a justiça (...), não me doeria ver o senhor perecer de fome e de rajadas de metralhadora, com todos os seus soldados. (...) Mas minha consciência de homem honrado, minha sensibilidade humana em relação a outros homens na adversidade, me impõem, ao menos, a obrigação de fazer algo por esses homens que aí estão, a maior parte enganados. (...) Sabe o senhor que as tropas estão esgotadas e os detidos por deserção na Chefatura de Operações somam centenas, cujo estado deplorável de ânimo não poderia vencer a nossa resistência tenaz e decidida? Não crê o senhor que a honra militar exigiria, antes de tudo, que o Exército da República e seus oficiais de Academia jamais houvessem sido postos a serviço do crime e do roubo? (...)"[20]

No dia 20, o líder rebelde deu a ordem de suspender fogo e o amplificador da Rádio Rebelde informava o inimigo a situação real. Quevedo mantinha ainda o controle sobre a tropa depauperada e negava-se a se render, tentando ganhar tempo.[21] Apesar de acuado em plena montanha, resistia sem capitular, com os soldados respeitando sua decisão. Quanto a Fidel, aguardava também; mas, na madrugada do dia 21, o batalhão aceitou entregar-se. O Exército Rebelde tomou-lhe 91 fuzis Springfield, 46 metralhadoras Cristóbal, 15 Garands, quatro fuzis-metralhadoras, duas de tripé, 15 bazucas com 60 projéteis, um morteiro 81 com 60 obuses, um morteiro de 60 com 80 obuses, 35 mil balas e cento e 26 granadas.

Procedente de Genebra, Pierre Jacquier, o delegado da Cruz Vermelha Internacional, veio receber, em Vegas de Jibacoa, na Sierra, os soldados feridos e o total de prisioneiros nos últimos combates. No mês anterior, a instituição recebera um cabograma de Fidel solicitando a sua intervenção para viabilizar a entrega do contingente que mantinha em seu poder. Batista se opôs, mas ante a insistência da Cruz Vermelha, a Rádio Rebelde recebeu a mensagem de confirmação. Nos dias 23 e 24 de julho, decidida uma trégua, foram entregues 254 soldados, entre eles 57 feridos. Fidel resolvera que só o comandante Quevedo deveria permanecer como prisioneiro de guerra.

No acampamento de La Plata, Sierra Maestra, 1958

C A P Í T U L O 29

Com "Che" Guevara em La Mesa, Sierra Maestra, 1958

Tarde demais para caçar o urso

Ante as dificuldades que enfrentava, Batista tentou "fabricar" um confronto entre a Segunda Frente do comandante Raúl Castro, assentada na Sierra Cristal no extremo sul oriental[1], e os norte-americanos na Base de Guantânamo, que se situava em um território "liberado". Retirou a custódia

militar do aqueduto de Yateritas que abastecia toda a região e, em 28 de julho, um destacamento de "marines" o ocupou.

O Departamento de Estado, ao saber da ocorrência, propôs que a zona fosse considerada neutra, o que foi aceito por Batista, mas negado com veemência por Fidel, que pela Rádio Rebelde declarou: "(...) A presença de forças norte-americanas neste ponto é ilegal. Será considerada uma provocação consciente e deliberada... e um caso evidente de invasão ao território nacional... O Exército Rebelde... atuará serenamente, sem precipitação..."

Ainda em junho, em plena "ofensiva de verão", quando descoberta, a Segunda Frente era bombardeada sem cessar pela Força Aérea cubana, cujos aviões transitavam pela base, tratando de debilitá-la ante o avanço do exército por terra. Em vista da pressão, Raúl resolveu seqüestrar 49 norte-americanos – engenheiros de uma fábrica de tratamento de níquel e marinheiros que regressavam de ônibus à base –, no intuito de forçar Batista a suspender o ataque e catalizar a atenção da opinião pública. Diante da clara disposição do cônsul norte-americano em Santiago de negociar, Fidel ordenou que os retidos fossem postos em liberdade, a fim de aplacar o atrito com o governo norte-americano. Os bombardeios seriam suspensos. Em Caracas, Luis Buch, como representante do Movimento 26 de Julho, iniciava negociações com Bill Patterson, da embaixada estadunidense, cuja conclusão seria a retirada dos "marines" e a entrega da administração do aqueduto ao Exército Rebelde.

Entendendo o recado do seqüestro e ante as derrotas do regime cubano, a Administração Eisenhower via a premência de estabelecer uma projeção política sobre sua vizinha ilha. Em 1958, os investimentos norte-americanos em Cuba ultrapassavam a cifra de um bilhão de dólares, contabilizando 40% da produção açucareira, duas das três refinarias do país, 50% das reservas minerais (níquel e cobalto, particularmente) e das ferrovias, além de 90% dos serviços públicos e dos principais ramos de produ-

ção e comércio internos: têxteis, bebidas, alimentos em geral e produtos de higiene. Os bancos estadunidenses controlavam o grosso das finanças, e a máfia norte-americana, a gerência da vultosa arremetida em negócios de turismo. Fosse pelo domínio econômico, pela obsessão com a penetração comunista ou o dever de "superintendência da América Latina"[2], os Estados Unidos atavam-se a Cuba por vários cordões. Enquanto o embaixador Earl Smith e seus colaboradores acreditavam no desempenho de Batista, outras personalidades e autoridades prediziam o seu breve aniquilamento. O inspetor geral da CIA[3] foi enviado a Havana, onde um superagente[4] lhe asseverou que o governo norte-americano devia desligar-se do ditador o quanto antes, insistindo em um esquema por intermédio, por exemplo, do ex-Presidente Carlos Prío (que, por sinal, recentemente fora detido nos Estados Unidos sob nova acusação de violar as leis de neutralidade por montar conspiração). Internamente, com efeito, o apoio inconteste a Batista ia resumindo-se às oligarquias e ao lúmpen que compunha seu exército[5].

Em Caracas, prosseguia o contato entre Luis Buch e o embaixador Patterson, que avisou-lhe da chegada de Lyman Kirkpatrick, vindo de Cuba. O teor da conversa foi relatado a Fidel em dois informes cifrados, em 18 de agosto e 12 de setembro.[6] De sua parte, Buch assegurara que, ao instalar-se, o governo provisório coordenado pelo M-26 "manteria a ordem e a propriedade" e projetava ir a "eleições livres para todos os cargos públicos". Sobre a perspectiva de um golpe militar em Cuba, o governo norte-americano mencionou os generais Martín Díaz Tamayo e Eulogio Cantillo e estimava que a junta a se formar teria que entregar o poder aos revolucionários, em 48 ou 72 horas.[7] As instâncias de poder norte-americano, particularmente as áreas da informação e da inteligência, dividiam-se sobre uma intervenção direta em Cuba, sentindo-se mais à vontade em acionar mecanismos "encobertos". Nos Estados Unidos, José Llanusa, o secretário de Organização do M-26, acompanhava de perto as

gestões do Departamento de Estado para influir sobre o processo e, especialmente, sobre o seu grupo. De todo modo, era tarde para deter Fidel, tanto na sua faceta militar quanto na política.

Em um breve interregno entre os últimos confrontos de monta – a Segunda Batalha de Santo Domingo e em Las Vegas de Jibacoa –, Fidel falou pela Rádio Rebelde, comemorando a data de 26 de julho com um aproveitamento do espírito que o havia animado no Moncada:

"O problema de Cuba pode ser resolvido entre as Forças Armadas e a Revolução, cujos interesses não são e nem têm por que serem antagônicos. (...) Se o intento de golpe militar for obra de gente honesta e tiver um fim sinceramente revolucionário, será possível, então, uma solução de paz sobre bases justas e benéficas à Pátria. (...) O dilema que se mostra ao Exército é bem claro: ou dá um passo à frente, desprendendo-se desse cadáver que é o regime de Batista... ou se suicida como instituição. (...) Mais de 200 oficiais participaram na última ofensiva e não podem esquecer o desastre. (...) Liberdade ou morte..."

O desmonte da ofensiva completar-se-ia a 6 de agosto, no mesmo local onde começara, na Batalha de las Mercedes. Ainda pela Rádio Rebelde, o líder do M-26 afirmou:

"(...) Hoje volto a falar ao povo, a partir desta emissora que não deixou de sair ao ar nem em dias em que morteiros e bombas estalavam ao redor (...) O Exército Rebelde, após 76 dias de luta incessante contra a Frente 1, 30 combates e seis batalhas de envergadura, rechaçou por completo e destruiu virtualmente a flor e a nata das forças da tirania. (...)"[8]

O próprio líder resumiria sua ciência como algo "igual a jogar pingue-pongue: devemos devolver a bola por onde o adversário não espera". No entanto, conforme a apreciação de Raúl Castro, Fidel qualificou-se um "mestre das pequenas forças disponíveis, na criação das frentes e deslocamentos e nas chamadas emboscadas de contenção, uma chave contra a aproximação do inimigo"[9]. Algo próprio aos enxadristas, portanto.

Conjugando métodos de guerrilha e de luta regular, em pouco mais de dois meses obtivera o que denominou, em jargão militar, "produtividade combativa"[10]: o saldo de mortos entre rebeldes fora de 25[11], mais 50 feridos, alguns dos quais faleceriam nas semanas seguintes. Já o total de baixas de soldados em combate fora de 231 mortos e 422 prisioneiros (grande parte feridos)[12]. Destes, 169 compunham a segunda leva entregue à Cruz Vermelha Internacional. Os armamentos tomados ultrapassariam a soma de 500 peças, a mencionar: 12 canhões de 337 mm., uma antiaérea ligeira e 11 calibre 30, entre as metralhadoras, diversos fuzis e carabinas; aproximadamente 100 mil balas e projéteis como munição e ainda centenas de equipamentos – mochilas, redes, botas e remédios –, seis rádios de campo "Minipak" e 14 PRC-10. Terminada a ofensiva, cresceria também para 800 a soma dos combatentes da Frente 1.

A alta produtividade caracterizou-se ainda na seara política. Durante o período, Jorge Mañach, um intelectual cubano progressista e moderado, aferiu: "Se, por desgraça, perecer Castro na contenda, é de se temer que o processo cubano não mude, salvo na superfície"[13]. Com a imagem revigorada, Fidel tornava-se o pólo de um novo arranjo da oposição. Avaliações que o davam como burguês esquerdista, um golpista aventureiro, caudilho ou comunista, introduziam-se em uma espécie de rolo compressor, tornando-o alvo de vários interesses. A estes, ele acedeu, entregando ao tempo a garantia dos seus.

A mais recente gestão ativou-se após uma troca de discretas mensagens entre o ex-senador Manuel Antonio de Varona (líder de uma facção de autênticos) e Fidel, que se incumbiu de redigir um documento unitário. A 20 de julho, formalizava-se, na Venezuela, o Pacto de Caracas – uma ressurreição do Pacto de Miami, mas com a assinatura de Fidel pelo M-26 –, em favor da recuperação democrática pela insurreição armada e popular, confirmando a indicação do Dr. Manuel Urrútia como futuro Presidente.[14]

Só o Partido Socialista Popular (PSP) deixou de assinar, embora não esperasse frutos das promessas eleitorais de Batista. Contudo, a via que desejava um novo regime sem Fidel encontrava-se, extra-oficialmente, muito bem representada nos acordos.[15]

Na expectativa de uma nova rodada de combates, Fidel absorvia teorias sobre a guerra prolongada[16], em conversas com seus oficiais em La Plata, aventando que a luta podia durar até um dia longínquo e incerto, quando o ditador estivesse totalmente derrotado, ou o último rebelde morto. Foi com esse ânimo que se decidiu a tomar a dianteira de uma contra-ofensiva[17].

Com 900 homens, redimensionou as colunas existentes e compôs novas, reenviando a de Almeida para operar nas imediações de Santiago de Cuba e formar a Terceira Frente Oriental. As demais seguiram em direção ao norte oriental e ao centro do país. As colunas de "Che" Guevara com 140 homens e Camilo Cienfuegos, com 90, sairiam também a caminho do ocidente, cruzando planícies consideradas de máximo risco. Fidel comen-

Com o jornalista argentino Jorge Ricardo Masetti, 1958

ta: “Camilo desenvolvia-se melhor com uma tropa mais leve. “Che” tinha a tendência a sobrecarregar-se...”.

Para o mesmo momento, providenciavam-se duas expedições com apetrechos de guerra, por delegados do M-26, nos Estados Unidos. A primeira, ao desembarcar, só trouxe frustração. O avião, um Beech Craft, acabou aterrissando na Base de Guantânamo. Um outro carregamento partiu de uma pista abandonada de Fort Lauderdale, utilizada por aprendizes de pilotos, chegando a 29 de agosto. A Força Aérea de Batista interceptara a informação, conseguindo localizar e destruir a aeronave. Por sorte, já haviam sido desembarcados 30 mil projéteis 30-06 e alguns fuzis M-1, que completariam o equipamento necessário à coluna de “Che”.

Já por essa época, intensificava-se a presença de militantes comunistas no Exército Rebelde.[18] O partido decidira coordenar-se com Fidel, de modo reservado, delegando a tarefa a Carlos Rafael Rodríguez. Na Sierra, Fidel resolvera mantê-lo afastado da sede (La Plata), instalando-o em um acampamento em Las Vegas, a cerca de dois quilômetros, para evitar choques com representantes de uma tendência anticomunista. Sempre adotava prudência neste campo, preferindo o silêncio a entrar em acaloradas discussões sobre o comunismo e a URSS[19], como ocorria em encontros de dirigentes e oficiais em La Plata. No entanto, para compor sua escolta e assessoria, escolhia tanto os socialistas intuitivos quanto os mais elaborados, como o capitão Antonio Llibre.

A 31 de agosto, Fidel despediu-se das tropas de “Che” e Camilo. Distribuiu os grupos e revisou os armamentos. Camilo levava consigo a missão de seguir até o extremo oeste, Pinar del Río; Guevara deveria permanecer na região central o período suficiente para integrar as unidades guerrilheiras que ali operavam e logo completar a invasão ao ocidente, reeditando o modelo da Guerra da Independência. Fidel orientou o médico argentino:

“(...) Tua situação, com respeito a Menoyo, dependerá muito do grau em que se tenha desenvolvido nele o desejo de encabeçar uma organização independente, ou se realmente está interessado

no êxito da luta do ponto de vista estritamente militar. (...) A posição teórica deles é muito débil. Praticamente propõem o desenvolvimento dos exércitos revolucionários completamente independentes... (...) Se a revolução chegar às últimas conseqüências (...) não podemos admitir dois exércitos, dois mandos, porque, definitivamente, um terá de se subordinar ao outro. (...) A tese que temos que defender é a de um Exército Rebelde único. (...) O único inconveniente... é que se possa pensar que tenho algum interesse de assumir. (...)"[20]

Com esses contingentes, completava o deslocamento de 553 homens. A Rádio Rebelde anunciou a marcha e o exército mobilizou centenas de soldados, despachando-os em direções desencontradas. Mas, a 15 de setembro, os rebeldes conseguiam chegar aos limites de Camaguey, havendo cruzado já mais de 200 quilômetros e vencido vários cercos de tropas. Dias depois, a coluna 11, encarregada de atuar na referida província, seria dizimada em uma emboscada.[21]

Enquanto isso, a divisão imperava na Sierra do Escambray. O comando máximo do Diretório Revolucionário (DR), ao interceptar cartas de Menoyo a Prío que desvelavam o caráter da ligação entre os dois, expulsara-o da organização[22]. O contingente leal ao DR passava a chamar-se Frente do Escambray e do Diretório Revolucionário,[23] enquanto Menoyo permanecia como chefe da Segunda Frente do Escambray. Segundo seus próprios termos, a partir de então, estava "aberta a qualquer um, pois era uma frente exclusivamente de liberação"[24], para a qual conseguia captar, desde logo, uma coluna do M-26 que se estabelecera na região[25] – uma informação que já havia chegado ao conhecimento de Fidel. Na verdade, a direção do M-26 de Las Villas, na crença de obter, em breve, a adesão de Menoyo após conversações, havia instruído o chefe da coluna a integrar-se.

Na Sierra Maestra, toda a extensão que abrangia as vitórias da Primeira Frente na última campanha era declarada território livre (ou liberado), sob a guarda do Exército Rebelde. Fidel su-

geriu: "Faustino: Administração Civil do Território Livre (ACTL). Assim me ocorre que deve se chamar o teu departamento. Que te parece redigir já uma ata para começar?".[26]

Logo em seguida, o gerente entrava em operação. Cobrança e controle do pagamento de impostos das usinas açucareiras[27] e dos grandes proprietários da região[28] seria uma das suas principais atribuições, que também se aplicaria aos territórios da segunda e da terceira frentes e nas demais áreas que, assim se esperava, seriam liberadas por "Che" Guevara e Camilo Cienfuegos. Estabeleceu-se também uma taxa única e nacional a ser cobrada dos bancos sediados no país, valendo acordos para pagamentos e depósitos em contas do M-26 no México, Venezuela e Estados Unidos, como sucedia com as doações.

À Bolsa de Valores foi fixada a contribuição global de um milhão de pesos (dólares), a ser quitada "antes da data de 30 de setembro". Fidel exigiu insistentemente que comandantes e chefes de coluna enviassem, mensalmente, um balanço de suas receitas e gastos ao tesoureiro geral, Rául Chibás, que se encontrava em La Plata. Boa parte do montante líquido final, zerados os custos gerais de sobrevivência e manutenção, destinava-se à compra de equipamentos de guerra. Todo gasto que não se justificasse, nem fosse declarado, era considerado um crime de malversação de fundos. Fidel advertia:

"Raúl, há, em todos os nossos chefes, a tendência a receber e a gastar sem prestar contas. Penso estabelecer a norma da contabillidade, do chefe de pelotão aos chefes das frentes... Te advirto que não deves confiar em ninguém para operações no estrangeiro... F."[29]

"Almeida, isto obedece ao propósito de criar um costume para o futuro e um princípio elementar de ordem e disciplina... Aplica uma política econômica de restrição nos gastos. Que a gente não se acostume à abundância de dinheiro... Não deixes de tomar medidas severas para superar a desordem que deves ter encontrado neste território..."[30]

Puseram-se em execução um Regulamento de Abastecimento, com uma tabela de preços para produtos de primeira necessidade vendidos no comércio local, outro sobre o Aproveitamento das Terras do Estado, um Registro Civil, um Código Civil e um Código Penal. "Faculta-se aos capitães (...) constituirem tribunais de guerra em suas zonas de operações, para que julguem os delitos que se possam cometer e apliquem-se as penas do Código Penal Rebelde..."[31]

A lista dos delitos de guerrilheiros incluía a apropriação de armas de camponeses e a coação sobre os mesmos para realizar qualquer serviço. Um outro item do Código Penal previa o confisco e a perda de direitos de posse da terra ao produtor, em caso de comércio ou autoconsumo das reses, posto que estas deveriam ser repartidas, de forma equânime, entre as famílias de cada distrito administrativo. O camponês Dionísio foi julgado e punido por excesso de consumo: sustentava três casas, pois tinha três mulheres. A carne, que sempre fora um produto escasso, já não faltava para ninguém, porque o Exército Rebelde vinha confiscando as reses de militares e proprietários, parte das quais, após o abate, era conservada em um grande refrigerador movido a querosene recém-chegado a La Plata.

Para a segurança do território, foi designada uma divisão de informação e contra-inteligência. Para formular e dirimir as questões de teor jurídico, Fidel elegeu um corpo de inspetores e auditores. Em meados de outubro, a ACTL já organizara os camponeses em associações, controlava escolas e postos de saúde. Dia 10 desse mês, Fidel assinou a Lei Agrária da Sierra[32], que nada mais era do que uma pauta para reforma agrária: expropriação e divisão de grandes propriedades à razão de duas *caballerías* por família de produtor[33] – a quem o Exército Rebelde conferiria um documento de posse – e assentamento de camponeses em terras patrimoniais do Estado, que só teve a oportunidade de ser aplicada parcialmente.

Constantemente, Fidel deixava o quartel-general de La Plata para coordenar inspeções, fazer visitas e cumprir compromissos

na região, como ser padrinho de casamentos e batizados. Célia Sánchez também era convidada para madrinha de muitos recém-nascidos.

Restavam poucos momentos de intimidade na vida de Fidel, ou para dedicar-se às leituras e aos seus pensamentos. Na maior parte do tempo, era acompanhado por uma escolta, pois as tropas de Batista tinham como missão permanente caçá-lo, além de tentar sustentar alguma posição tática, diante dos incontáveis guerrilheiros que agora fermentavam por todo o canto. Por aqueles dias, o Comandante ainda instruiu o estabelecimento de uma frente em Pinar del Río, na Serra dos Órgãos[34], com milícias que atuavam na região, obrigando o regime a mobilizar tropas em seu extremo oposto. Ele nunca dizia a ninguém para onde se moveria, nem à sua escolta, tomando as suas próprias medidas de segurança. Quando conseguia, enfim, um pretexto para afastar-se, e caminhar um pouco – era um andarilho compulsivo –, aproveitava-o, mesmo usando os batizados como pretexto. Era quando lhe vinha à mente o filho Fidelito, que se encontrava com a mãe, Mirta, nos Estados Unidos, assim como algumas das suas irmãs. Chegariam a aparecer, naquela altitude da Maestra, várias caixas de bombons que elas lhe enviavam de presente e que o médico Martínez Páez mandava esconder, pois Fidel era glutão, com tendência a engordar e louco por chocolate[35]. Mas ele invadia a despensa e devorava tudo aquilo que era seu de direito.

Dormia pouco; às vezes, quatro ou seis horas por noite. Entrar em seu recinto privado, a casa do comando, era permitido apenas a um reduzido círculo, normalmente em momentos que despachava a sua extensa correspondência pessoal, ordens militares e as notas a serem lidas na Rádio Rebelde, com o seu ajudante, capitão Llibre, desempenhando o papel de mecanógrafo[36].

Pelo mês de setembro ainda cooptaria para o seu exército o comandante-major Quevedo, aquele seu especial prisioneiro de guerra. O oficial preferira permanecer com os rebeldes a ser solto, após Fidel comunicar-lhe o resultado de uma sondagem

que mandara fazer junto a certas fontes militares: a execução do major vinha sendo considerada na cúpula do Exército, que o julgava traidor. “Tenho uma dívida dupla com Fidel”, afirma o hoje general Quevedo, “uma física, outra de consciência, pois poderiam ter-me fuzilado, ao menos com a razão da vingança, tanto uns, como os outros...”[37]

Para Fidel, era válido utilizar finos ardis para realizar um objetivo em que investia há anos: desestabilizar o regime pelas Forças Armadas. A Quevedo e ao tenente Laferté, este aprisionado por Raúl numa das emboscadas em Pino del Agua, Fidel proporia assumirem a tarefa – sem que, por enquanto, precisassem chefiar ou se incorporar a uma coluna – de estabelecer contatos com os oficiais que desejassem, tratando de convencê-los a se unirem e formarem, no futuro, se a guerra se prolongasse, unidades que reuniriam militares e combatentes do Exército Rebelde. Aliás, Fidel não esperava um desfecho da luta para breve, inclusive já prevendo sua própria volta ao campo da batalha. Em várias oportunidades, aconteceu de ordenar aos que estavam à sua volta que recolhessem todo o equipamento, porque estariam marchando em instantes para o combate, soltando impropérios contra os que tentavam detê-lo. Perto dele estavam sempre Célia, Pupo, Marcelo e Llibre.

Com efeito, a 27 de setembro, retornaria à região de Las Mercedes, para atacar uma guarnição do exército em Cerro Pelado. A ação reuniria a tropa do capitão Lalo Sardiñas e o pelotão de Las Marianas[38], exclusivamente feminino, que fazia o seu batismo de fogo. Diante da exigência das mulheres de participarem dos combates, Fidel acedera, e ele próprio as treinara com fuzis M-1, contra a reprovação da maioria dos homens.

Após o confronto, Fidel propôs ao exército a troca de prisioneiros por alguns oficiais militares detidos por conspiração no Presídio da Ilha de Pinos – como o coronel Carrasco, capturado pelo Exército Rebelde, por Enrique Borbonet –, mas não recebeu resposta. De volta a La Plata, enviou uma mensagem a Sergio Montané (pai de Jesús Montané, detido no presídio), su-

gerindo-lhe a organização de uma frente na região da Ilha de Pinos, a fim de pressionar as autoridades locais pela liberação dos presos políticos. Enviou à comissão ali formada uma quantia de 5 mil pesos como auxílio, aconselhando-a a eleger "o responsável da tesouraria para fazer a correta distribuição"[39].

A 10 de outubro, comunicava a Raúl Castro, mediante mensagem cifrada, sua decisão de criar a IV Frente Oriental: "Carlos Iglesias (*Nicarágua*) deverá ocupar municípios. Principal objetivo: fustigar e tratar, pouco a pouco, de tornar impossível o trânsito na Estrada Holguín – Banes... Penso nomear (Délio Gómez) Ochoa chefe da coluna que opera já em Las Tunas, Puerto Padre, Holguín, Gíbara. Mandar amanhã mesmo Nicarágua algum reforço rápido balas e fuzis..."

E, no dia 14, respondia a Camilo Cienfuegos, logo ao saber que, enfim, havia passado a divisa da Província de Las Villas, após o penoso percurso de burla de cercos e emboscadas. Camilo lhe comunicara o êxito no contato feito com o núcleo guerrilheiro criado pelos comunistas ao norte da província, sob a chefia de um líder camponês.[40] Pela Rádio Rebelde, Fidel informava:

"As colunas rebeldes avançarão em todas as direções sobre o resto do território nacional, sem que nada, ou ninguém, possa detê-las. Se um chefe cair, outro o substituirá. Se um homem morrer, outro ocupará o seu posto. O povo de Cuba deve se preparar para auxiliar os nossos combatentes. Qualquer povo ou zona de Cuba poderá se converter, nos próximos meses, em campo de batalha. A população civil deve estar pronta para suportar valorosamente as privações da guerra."

* * *

Fidel partiu de La Plata no dia 12 de novembro, no comando de 230 homens com armas pesadas, com destino a Buey Arriba e Guisa, para acelerar a ofensiva em torno da cidade de Santiago de Cuba, a capital do oriente. Tomou o quartel de Minas de Bueycito

e, a 20 de novembro, atingiu as cercanias de Guisa, povoado próximo à estrada principal que cruzava o país. Ali, encontrar-se-ia com a frente de Almeida, que mandara buscar.

Uma da manhã. Explodia a velha ponte de acesso ao povoado com as cargas de dinamite, para impedir a chegada de tanques quando se realizasse o cerco. Logo as tropas de reforços começaram a cair nas emboscadas pela estrada. Fidel, com a sua M-2 no ombro, tomou posição junto a um arvoredo. Ao deixar-se ver, parecia um urso saído à hibernação, com o olho de lince, captando o cenário da guerra a golpes de vista.

O exército se aproximava; uma avioneta, um caça e dois B-26 começavam a metralhar a zona. Contudo, à tarde, as minas instaladas já haviam destruído um tanque e um caminhão com 20 soldados e as tropas rebeldes rechaçaram os reforços que vinham de Bayamo.

Fidel decidia instalar um acampamento em um bom refúgio contra bombardeios, onde recebeu a visita de um grupo da Associação dos Pecuaristas que lhe entregou dois milhões de pesos relativos aos impostos cobrados pela ACTL. No amanhecer do dia 25, soube que um batalhão de infantaria, precedido por dois T-17, avançava pela estrada, em um comboio de 14 caminhões. Os rebeldes abriram fogo, iniciando um dos confrontos mais violentos de toda a campanha. Sitiados o quartel de Guisa e o batalhão de reforço. Ao lado de um tanque tombado, cavaram uma vala na estrada, bloqueando a passagem. Nas primeiras horas do dia 26, aproximaram-se mais dois batalhões com dois tanques; mas, antes de anoitecer, os blindados e a infantaria iniciavam uma retirada geral. Três dias depois, o bombardeio por ar ainda permanecia, quando Fidel, em um dos tanques capturados, entrava no quartel municipal. Mortos 200 soldados e apenas oito rebeldes, após a Batalha de Guisa, o primeiro dos três grandes confrontos decisivos, abria-se a possibilidade de tomar Santiago, capital do oriente.

CAPÍTULO 30

Sierra Maestra , 1958

Militares, para quê?

A última fase da guerra caracterizar-se-ia por uma sucessão de ações e conspirações. Em fins de outubro de 1958, em plena concentração para a Batalha de Guisa, Fidel havia convocado, por meio de mensagem cifrada, diversos oposicionistas no exílio a reunir-se em La Plata. Mesmo imaginando

que o conflito duraria por um longo tempo ainda, reconhecia a necessidade de aparelhar-se para o seu possível término. Para o encontro, previa, de imediato, marcar uma posição refratária às eleições prestes a se realizarem em Cuba.[1] No entanto, na data prevista à decolagem do avião que traria o grupo de Miami, a rede serrana de informantes detectou a presença de policiais cubanos em uma cabana muito próxima à pista combinada para a aterrissagem. Para Fidel, era o sinal de espionagem infiltrada no Movimento de 26 Julho, o que bastou para que enviasse um comunicado urgente a Haydée Santamaría, ditando a suspensão do vôo.

Dias depois, no México, agentes federais apreenderam, quase simultaneamente, em diferentes locais, o caminhão que conduzia o arsenal com destino a Sierra Maestra, a aeronave estacionada e alguns responsáveis pelo plano, quando estavam a caminho da pista de decolagem. Em conseqüência, não apenas abortava-se o embarque via México, como também bloqueava-se a saída de um outro já a postos na Venezuela. Posteriormente, Fidel confirmaria que o canal de informação era Frank Sturgis, que fazia as vezes de co-piloto de Díaz Lanz. Sturgis era o agente da CIA que se recomendara infiltrar no "circuito" da Sierra Maestra. Ele e Díaz Lanz eram dois dos três detidos pelos policiais mexicanos[2], sendo liberados com rapidez, o que havia servido para compor "tecnicamente" a cena.

Ainda a circunstância de diferentes frentes armadas no oriente e no centro do país – uma das quais articulada com a CIA –, em dois palcos de confronto com o regime, nutria a polarização e as recíprocas desconfianças. Em Las Villas e no Escambray, valia a regra do todos contra todos. A 26 de outubro, para poder avançar no controle da parte norte regional, Camilo dispôs, por uma ordem militar, que os militantes do M-26 se subordinassem a um comando único, o do capitão William Gálvez; e que "qualquer outra força, não importando sua ideologia", em luta contra a ditadura, devia "aceitar o comando da coluna invasora". Logo

pôde criar uma coluna mista, que integrava a do Partido Socialista Popular (PSP)[3] e a do M-26, que se separava de uma aliança com o grupo de Gutiérrez Menoyo.

Quanto a "Che" Guevara, que adentrava a Serra do Escambray, o panorama lhe exigiria tanta ou mais acrobacia política, conforme lhe alertava Fidel por carta. Ao propor um pacto de ação ao comando do Diretório Revolucionário (DR), recebeu a resposta positiva, "desde que o acordo não incluísse Menoyo"[4]. Já ao contatar a direção provincial do M-26, esta rejeitaria qualquer acordo com o PSP. Nos dias que se seguiram, de um lado, pôde comprovar a impossibilidade de aproximar-se de Menoyo, pela natureza e hostilidade do próprio grupo; de outro, atinava com o meio de introduzir no pacto o PSP, sem avivar conflitos. "Che" propôs que o partido aderisse posteriormente, por carta, ao pacto que, naquele momento, incluiria somente o M-26-7 e a Frente do Diretório.

Por sua vez, Faure Chomón concluíra que Menoyo, atendendo a objetivos pessoais e de Carlos Prío, havia planejado controlar as províncias centrais e avançar para Havana, contando que o alcance do exército de Fidel se restringiria ao oriente – hipótese que se anulara com a chegada de Camilo e "Che". Com o denominado Pacto de Pedreiro, a 1º de dezembro, possibilitar-se-ia uma ação consistente contra as forças de Batista e "marginalizar a Frente do Escambray"[5], onde, com razão, Guevara visualizava articulações subterrâneas.

A 2 de dezembro, Fidel estabelecia um acampamento em La Rinconada, perto de Baire, a noroeste de Santiago. Dia 7, ali chegaria o Dr. Manuel Urrútia, designado Presidente cubano pelas organizações signatárias do Pacto de Caracas, proveniente desta capital, como o principal passageiro de uma expedição que trazia um vultoso carregamento[6]. Na Venezuela, realizara-se uma campanha onde foram coletados 261 mil bolívares e o Dr. Urrútia havia sido recebido pelo Presidente provisório venezuelano, Larrazábal – candidato às eleições que se decidiriam na seguinte

semana –, na qualidade de futuro mandatário cubano. A aeronave não permaneceu em terra mais de 20 minutos, por instrução de Fidel, tempo que se calculou hábil para evitar o ataque de aviões estacionados em Manzanillo.

Com vistas a pautar as demandas a serem atendidas pelo futuro governo, na mesma semana realizava-se, na Segunda Frente, de Raúl Castro, um congresso operário com 110 delegados, convocado pela Frente Operária Nacional Unida (FONU)[7], que desautorizou a Central dos Trabalhadores de Cuba (CTC) e a Federação Nacional de Trabalhadores Açucareiros (FNTA) por sua subserviência ao Estado. A antiga e polêmica idéia de unir as representações dos operários vinha se concretizando havia três meses, quando no mesmo local reuniram-se camponeses e pequenos produtores de café, cana e outros frutos da região, defendendo um programa de "cultivos de matérias-primas para a indústria nacional... e de bens para o mercado interno...": um recorte das expectativas desses trabalhadores, quase 200 mil "arrendatários, parceiros, colonos, precaristas[8], locatários e até posseiros"[9], todos almejando tornarem-se donos da terra em que plantavam.

Experimentando equipamentos, 1958

O caminho para Santiago se abria. A 9 de dezembro, Fidel arremetia tropas nos rumos oeste e noroeste da cidade. A seguir, deslocou-se pela mata até o posto de guarda da Usina América. Tomado o posto, ali se concentrou para estudar a região. Foi onde recebeu a notícia da derrota de Larrazábal, nas eleições para a Presidência da Venezuela, a quem enviou um telegrama: "Não importa a posição que o senhor ocupe em seu país... Será sempre, entre nós, o primeiro dos venezuelanos..."[10]

No dia seguinte, iniciava-se a Batalha de Maffo, o penúltimo dos confrontos decisivos. Enquanto isso, a Segunda Frente cercava e atacava o exército em vários pontos, confluindo para o mesmo objetivo, a capital do oriente. Selava-se a articulação das três frentes orientais, sob o comando de Fidel. Em 14 de dezembro, o embaixador Earl Smith comunicava a Batista que seu governo estava retirando o apoio que lhe prestava, sendo que dois dias depois propôs que abandonasse o poder e o entregasse a uma junta militar. Reapresentava-se a familiar ficha do jogo.

O comandante da Divisão do Leste, general Eulogio Cantillo, vinha tratando de acertar uma reunião com Fidel, por intermédio de um jesuíta, o padre Guzmán. Outros altos oficiais militares como o coronel Alberto del Río Chaviano e o coronel Rosell Levya, que recentemente havia comparecido a encontros com autoridades em Washington, também entraram no circuito, enviando mensagem a um núcleo do M-26 em Havana, pedindo um encontro com a direção provincial[11]. No dia 21, à tarde, ocorreu de fato a reunião – com a presença de parte da direção provincial do M-26 –, na qual o coronel Rosell Levya expôs planos a serem discutidos com Fidel.

"Alejandro, (...) X propôs alocar tropas para o Oriente, Camaguey e Las Villas, com todas as armas a favor dos rebeldes e, conjuntamente, invadir as províncias ocidentais. Ponto. Estabelecimento Junta Cívico-Militar integrada por Cantillo ou por outro militar que poderia escolher-se entre Barquín, Borbonet ou Varela, e três civis que seriam Urrútia e dois mais escolhidos

por você. Ponto. Poriam aviões com efetivos suficientes para deixar em liberdade militares presos e civis que você assinale. Ponto. Entregariam todos os responsáveis do 10 de março inclusive Batista. Ponto. (...) Exigem que minemos duas pontes que unem Matanzas a Las Villas. Ponto. Querem entrevista com você ou com Guevara dentro de 24 horas. Ponto. Nós nos limitamos a escutar... Diego, comandante."[12]

A resposta foi: "Rejeitadas condições. Ponto. Estou disposto à conferência com Rosell e Cantillo...".[13] A seguir, Rosell Levya, o coronel Chaviano e mais um senhor de nome Delfín Campañat[14], encontrar-se-iam com os dirigentes em Las Villas, onde perguntaram se seria possível obter uma trégua do comandante Guevara – a qual foi por ele recusada, sem que antes houvesse instruções do chefe. Ao mesmo tempo, o general Cantillo receberia a confirmação para seu próximo encontro com Fidel.

* * *

Na manhã de 24 de dezembro, véspera de Natal, recémtomado o quartel de La Maya, em Palma Soriano, Fidel aparecia de surpresa em Birán. Não via a mãe havia quase quatro anos. O cozinheiro Enrique preparava o café de Lina, quando ouviu ruídos de freios de vários carros ao portão. Correu à varanda e viu Fidel, ao longe, saltando de um dos veículos. Abriu portas e janelas, subiu ao quarto de Lina que acabava de acordar e deu-lhe a notícia. Não era de se crer; ela, trêmula, desceu como pôde para abraçá-lo. E Fidel estava radiante, como aquele menino que chegava para suas férias na fazenda.

"Vem logo, que Titín está aqui...", disse Lina a Ramón, por telefone. Amanhecia bonito, mas começou a cair um tremendo aguaceiro. O piso da varanda virou lodo puro com toda aquela gente de Birán subindo para vê-lo, com a escolta afrouxada. Fidel foi à cozinha, segurou Enrique pelo braço, como é seu costume quando quer ser incisivo, e lhe disse: "Somos 30

famintos. Faça *bisteks*, ovos fritos e banana cozida". A prima Ana Rosa e a tia Belita ajudaram no preparo "e todos eles tomaram café como se fosse almoço". Depois caminharam até o laranjal, onde o Comandante convidou a tropa a comer laranjas. E Lina agora chorava porque iam destroçar a sua bem-amada plantação, arrancando frutas sem cortar com a tesoura. Ramón, que já havia chegado, ouviu dele a confidência: "Esta será a primeira propriedade que passará às mãos do Estado...".

Ao anoitecer, dirigiu-se à casa do irmão em Marcané: "Vamos comer o peru que ele tem reservado há dois anos...", disse à mãe. Referia-se à ave que Ramón comprara quando do desembarque do *Granma*, planejando prepará-la quando encontrasse o irmão vivo.

De Birán, Fidel seguiria direto para concluir a tomada de Santiago de Cuba, armando-se desde já o cerco. No dia 27, o ator Errol Flyn, em visita a Cuba, fez questão de cumprimentá-lo na Usina América, próximo à cidade, mas encontrou o Comandante sem tempo sequer para exercitar o seu precário inglês.

Confirmado o encontro com o general Cantillo, este desceu de helicóptero à Usina Oriente, um engenho abandonado perto de Palma Soriano, às 8 horas de 28 de dezembro. Raúl Castro, Vilma Espín, Raúl Chibás, o major Quevedo e o padre Guzmán acompanhavam Fidel. Já na primeira meia hora, "o general admitiu que eles haviam perdido a guerra e eu lhe sugeri: 'Vamos buscar uma saída elegante...'", contou o líder rebelde. Enfim, Cantillo aceitou organizar um levante militar em Santiago, em associação com o Exército Rebelde. Na íntima concepção de Fidel, esse era o meio de se impedir a imediata instauração de uma junta militar, como provavelmente sucederia em Havana, de acordo com o que lhe informara Buch de suas conversas com os norte-americanos em Caracas.

"Colocamos três condições. Primeira, não aceitávamos o golpe de Estado. Segunda, opúnhamo-nos a qualquer intento de salvar Batista e, terceira, recusávamos também qualquer arranjo com a embaixada americana...", explicou Fidel.

Cantillo manifestou intenção de ir a Havana, antes de iniciar os preparativos para o levante. Fidel lhe recomendou que não o fizesse por causa dos riscos, mas Cantillo insistiu que seus contatos eram fortes o bastante para garanti-lo. "Ou ele controla mais do que diz, ou está querendo nos dar um golpe!", Fidel deduziu.

Enquanto isso, no centro do país, "Che" Guevara comandava a Batalha de Santa Clara, em campanha combinada com o Diretório. Já Camilo Cienfuegos concluía a Batalha de Yaguajay. Assim, as últimas localidades da região caíam em poder dos rebeldes no dia 31, quando Fidel recebeu uma nota do general Cantillo: "Variaram muito as circunstâncias, em um sentido favorável a uma solução nacional... Recomendo nada fazer ainda neste momento e esperar os acontecimentos na próxima semana, antes do dia 6". Respondeu Fidel, indignado: "Isso se distancia completamente dos acordos tomados... é ambíguo e incompreensível. Fez-me perder a confiança na seriedade dos acordos..." Por um portador, o líder rebelde mandava uma mensagem ao comandante militar na cidade: "... Se ocorrerem hostilidades, por conta de acordos que não se cumpriram, seremos obrigados a atacar Santiago (...) e não haverá outra solução que não a rendição".

Na manhã de 31 de dezembro, estabelecido na Usina América, Fidel reclamava, enraivecido, do desperdício de munição na celebração da virada do ano. Ameaçava castigar os que dispararam tiros para o alto, emendava passos de um lado para o outro da sala. Só se acalmou quando um capitão veio lhe desejar feliz ano novo, dizendo que aquele seria o ano da vitória. O líder repousou uma mão sobre o ombro do combatente, como se desculpando por sua altura, e disse, recuperando o senso de humor: "Do que tenho certeza é que este ano será de preocupações; mais vitórias, mais responsabilidades... 1957 foi o ano do cará; 1958, o das reses; 1959 será o das preocupações".[15] Virou-se para Manolo[16] e perguntou: "Quais as notícias?" O rapaz retrucou: "Desde ontem, boatos. Estão falando que a família de Batista foi embora..."

Fidel voltou a se ensimesmar grave, tenso e inquieto, indo e voltando até a frente da casa, com a M-2 pendurada ao ombro e o boné meio solto, sobre a testa. Célia logo chegou trazendo cartas. O Comandante dispunha-se a tomar um café-da-manhã distante das privações da serra. A senhora da casa[17] lhe havia preparado café com leite e arroz com frango, quando às 8 horas, perto dali, ouviram-se as chamadas do noticiário da Rádio Progreso. Correram a lhe comunicar a notícia: "O general Cantillo assumiu o comando do exército e nomeou um Governo Provisório com o magistrado do Supremo Tribunal, dr. Carlos M. Piedra..."

Fidel, de imediato, se pôs de pé. Retorcia os pêlos da barba, esforçando-se por se conter, mas logo declarou em voz alta: "Que traição covarde! Há que tomar Santiago agora mesmo! Busquem René de los Santos, chamem Calixto! Que se apresentem em seguida os capitães de Santiago!" Mais alguém chegava com outra notícia do plantão: Batista e sua família haviam deixado Cuba.

Esquivava-se Fidel de comentários, só ditava ordens: "O tanque... Que Pedrito Miret tire de Maffo e traga em seguida para Santiago. A tropa de Húber Mattos, que se prepare para atacar com artilharia o Moncada. Toda a gente que está em Palma e Contramaestre, que se situe em El Cobre!" Em meio ao tumulto, apoiou-se em um armário, tirou uma caderneta do bolso e começou a fazer anotações, clamando que alguém se adiantasse e fosse a Palma Soriano demandar de Franqui a preparação do aparelho para a gravação. Logo Hidalgo[18] entrou para anunciar que seu jipe estava pronto.

* * *

"Instruções do comando geral a todos os chefes-comandantes do Exército Rebelde e ao povo: (...) Quaisquer que sejam as notícias procedentes da capital, nossas tropas não devem fazer alto em nenhum momento. Nossas forças devem prosseguir suas operações contra o inimigo em todas as frentes de batalha.

Aceite-se somente conceder direito às guarnições que desejem render-se. Ao que parece, produziu-se um golpe de Estado na capital. As condições em que esse golpe se produziu são ignoradas pelo Exército Rebelde. O povo deve estar muito alerta e atender apenas às instruções da comandância geral. A ditadura caiu em conseqüência das enormes derrotas sofridas nas últimas semanas, mas isso não quer dizer que já exista o triunfo da revolução... Revolução sim; golpe militar não! Golpe militar de costas ao povo e à revolução, não, porque só serviria para prolongar a guerra! Golpe de Estado para que Batista e os grandes culpados escapem, não, porque só serviria para prolongar a guerra! Golpe de Estado de acordo com Batista, não, porque só serviria para prolongar a guerra!

(...) Depois de sete anos de luta, a vitória democrática do povo tem que ser absoluta, para que nunca mais volte a se produzir na nossa Pátria um 10 de março. Ninguém se deixe confundir nem enganar! Estar alerta é a palavra de ordem! O povo e, muito especialmente, os trabalhadores de toda a República, devem estar atentos à Rádio Rebelde e preparar-se urgentemente em todos os centros de trabalho para a greve geral e iniciá-la tão logo se receba a ordem, se for necessário para afastar qualquer intento de golpe contra-revolucionário. Mais unidos e mais firmes que nunca devem estar o povo e o Exército Rebelde, para que não lhes arrebatem a vitória, que custou tanto sangue!..."

O breve discurso foi transmitido pela Rádio Rebelde e repassado em cadeia. Logo Fidel enviou instruções a Camilo e "Che" para partirem imediatamente para Havana, com o objetivo de tomar os pontos militares – "Che", a fortaleza de La Cabaña; Camilo, o quartel central de Columbia, a sede do golpe – levando consigo "exclusivamente as forças do M-26". O DR comunicou a Guevara que, de sua parte, partiria para a capital, faria da Universidade de Havana a sua trincheira e, se possível, tomaria as bases militares restantes. Às 13 horas, o embaixador norte-americano Earl Smith e colaboradores encontravam-se com o general

Cantillo, em Columbia. Em seguida, o general despacharia um destacamento ao Presídio de Ilha de Pinos com a missão de trazer o coronel Ramón Barquín, ex-adido militar nos Estados Unidos, e os demais militares presos por conspiração contra Batista, para assumirem a gestão das Forças Armadas, em frangalhos a esta altura, além de derrotadas e divididas. Com isso, Cantillo assumia sua incapacidade de controlar os militares. Parte dos oficiais que cumpriam pena formara um elo na preparação do golpe[19].

Na Ilha de Pinos, e certamente em outras partes do país, as últimas notícias atordoavam, mais do que esclareciam sobre a situação, aos presos políticos em geral. Ao surgir uma tropa com a ordem do general Cantillo de levar Barquín e outros militares, os demais se mostraram inconformados[20]. Diante da resolução de Barquín de partir de qualquer maneira, os demais se revoltaram. Dois[21] homens foram escalados para acompanhar o coronel e comunicar tudo o que estivesse acontecendo em Columbia, o mais urgente possível. Enquanto isso, o oficial José Ramón Fernández, nomeado chefe militar da rebelião, dirigiu a tomada do presídio.

O cerco a Santiago de Cuba se fechava. Um grupo de detidos foi conduzido a Fidel, que, ao reparar que se encontravam desarmados, esbravejou; quis saber quem dera semelhante ordem e que as armas lhes fossem imediatamente devolvidas. Declarou ao grupo que só seriam castigados os que estivessem envolvidos em práticas de tortura e repressão.

Já era considerável, e crescente, o número de soldados e oficiais que iam se integrando espontaneamente ao Exército Rebelde. Seriam todos convidados por Fidel a entrar com ele em Santiago, pois "de madrugada ali se celebraria a posse de Manuel Urrútia como Presidente". Durante a noite, Fidel discursou para uma massa de populares no Parque Céspedes e decretou Santiago a capital provisória da República.

De madrugada, pousava na pista do quartel de Columbia um avião carregado de armas, trazendo o grupo de presos políticos. Eles haviam sido avisados de que deveriam partir para Havana,

pois "o exército estava derrotado". Efetivado o controle do território pelo Exército Rebelde, horas depois Armando Hart comunicava a Barquín que Fidel ordenava a entrega de Columbia ao comandante Camilo Cienfuegos, ao que o coronel acedeu. Ao mesmo tempo, o oficial José Ramón Fernández dirigia-se à residência de Cantillo para prendê-lo por traição. Já rumando para Havana, Fidel sentiu de repente um vazio pleno. De vida. "*Se eu estivesse morto, todos diriam que eu estava errado*", pensou.

Discursando no Quartel Moncada, em Santiago de Cuba, 1959

A N E X O I

Frentes de Guerra

Dez. 1956 — Dez. 1958

Frente	Composição	Sob comando de
Primeira Frente *"José Martí"*	Col. 1 "José Martí"	Cmdte. em Chefe Fidel Castro
	Col. 4 "Desalojo Campesino" (até maio de 1958)	Cmdte. Ernesto "Che" Guevara
	Col. 7 "Regimento Caracas"	Cmdte. Crescencio Pérez

Mar — Dez. 1958

Frente	Composição	Sob o comando de
Segunda Frente *Oriental "Frank País"*	Col. 6 "Juan M. Ameijeiras"	Cmdte. Efigenio Ameijeiras Cmdte. Raúl Castro
	Col. 16 "Enrique Hart"	Cmdte. Carlos Iglesias
	Col. 17 "Abel Santamaría"	Cmdte. Antonio E. Lussón
	Col.18 "Nico López"	Cmdte. Félix Pena
	Col.19 "José Tey"	Cmdte. Belarmino Castilla
	Col. 20 "Gustavo	Cmdte. Demetrio Montseny Fraga"

Terceira Frente Oriental *"Mario Muñoz"* *Cmdte. Juan Almeida*	Col.3 "Stgo de Cuba"	Cmdte. Juan Almeida
	Col.9 "Antonio Guiteras"	Cmdte. Húber Mattos
	Col.10 "R. Ramos Latour"	Cmdte. René de los Santos

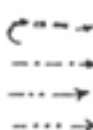
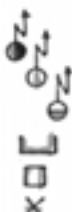
Out — Dez. 1958

Frente	Composição	Sob comando de
Quarta Frente Oriental *"Simón Bolivar"* *Cmdte. Delio Gómez*	Col. 32 "José A. Echeverría"	Cmdte. Delio Gómez
	Col. 12 "Simón Bolivar"	Cmdte. Eduardo Sardiñas
	Col. 14 "J.M. Márquez"	Cap. Osvaldo Lara
	Col. 31 "Benito Juaréz"	Cap. Luis Pérez
Frente Camagüey *Cmdte. V. Mora (T)*	Col. 11 "Candido González"	Cmdte. J. Vega
	Col. 13 "Ignacio Agramonte"	Cmdte. V. Mora
Frente Norte de Las Villas *Cmdte. Camilo Cienfuegos*	Col. 2 "Antonio Maceo"	Cmdte. Camilo Cienfuegos
	Destacamento "Máximo Gómez"	Cmdte. Félix Torres
	Grupo "Marcelo Salado"	Cap. V. Paneque

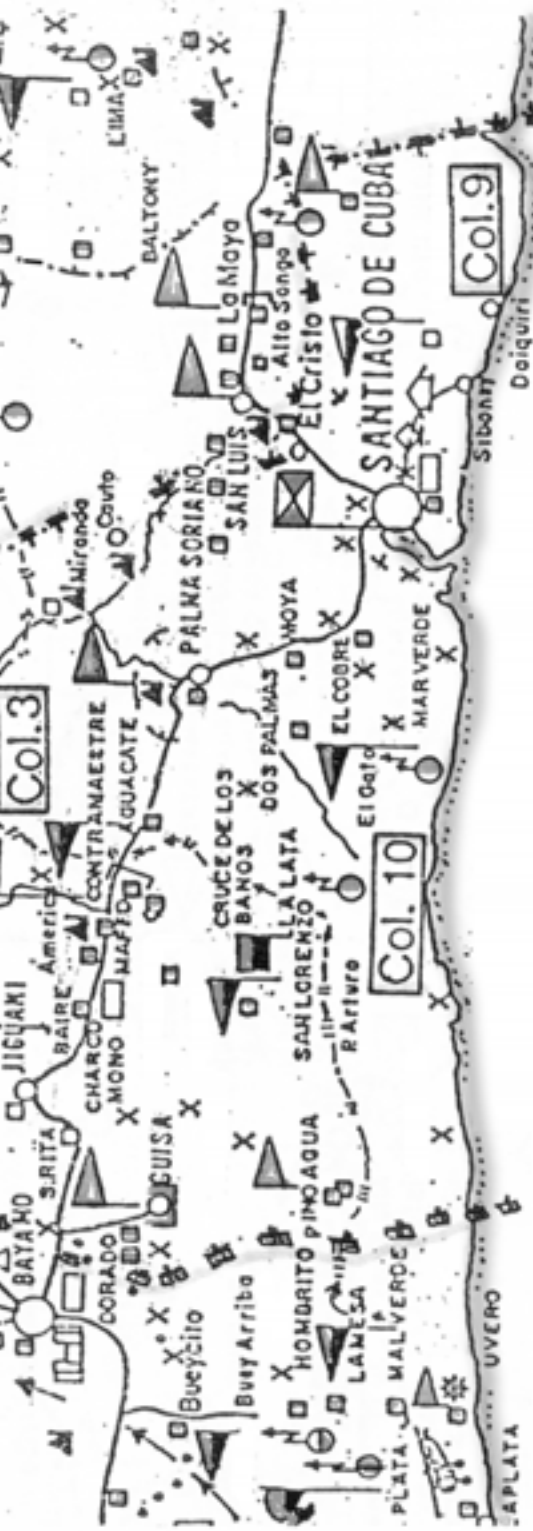
Frente Centro e Sul	Col.8 “Ciro Redondo”	Cmdte. Ernesto “Che” Guevara
Las Villas	Dest. “D.R13.M”	Cmdte. Faure Chomón
Cmdte. Ernesto		
“Che” Guevara	Col. “M-26-7”	Cmdte. Víctor Bordón
	Col. “II F.N.E”	Cmdte. E. Gutiérrez (T)

Mai — Dez. 1958

Frente	**Composição**	**Sob comando de**
Havana — Matanzas	Col. “Enrique Hart”	
(Frente em formação)	Grupo “M-26-7”	
	Grupo “P.S.P”	
	Col. “Ángel Ameijeiras”	
Frente Pinar del Rio	Col. 1	Cmdte. Dermidio Escalona
Cmdte. Dermidio	Col. 2 “Ciro Redondo”	Cap. Rogelio Payret
Escalona	Col. 3 “Hnos. Saíz”	Cap. José Argibay
	Col. 4	Cap. Pedro Garcia
	Grupo “D.R. 13M.”	Cap. Raúl Fornel
	Grupo “M-26-7”	Cap. Roberto Amarán

FATOS PRINCIPAIS 1956/58
DESEMBARQUE E EXPEDIÇÕES
Desembarque do Granma 02.12.1956
Expedições e carregamentos de armas por mar
Expedições aéreas
ROTAS DURANTE A GUERRA
Expedicionários do Granma até a dispersão de Alegria de Pio (2 a 5.12.1956)
Grupo de Fidel Castro (5 a 16.12.1956)
Grupo de Raul Castro (5 a 18.12.1956)
Grupo de Juan Almeida (5 a 20.12.1956)
Reunificação e saida de Cinco Palmas
A guerrilha até o combate de La Plata (25..12.1956 a 17.01.1957)
Primeiro reforço enviado por Frank Pais (15 a 24.03.1957)
Expedicionários do Diretório Revolucionário
Coluna 6 - Segunda Frente
Coluna 3 - Terceira Frente
Coluna 32 - Quarta Frente
Coluna 2 - ao Ocidente
Coluna 8 - a Las Villas
REUNIÕES SIGNIFICATIVAS
Do Comandante em Chefe Fidel Castro com a Direção do M-26-7 e com o jornalista Herbert Mathews (17.02.1957)
Dos chefes das colunas 2 e 8 em sua rota para o Ocidente
RÁDIOS REVOLUCIONÁRIAS
Rádio Rebelde
De outras frentes e colunas
Móvil
Batalhas
Combates
Encontros ou Ataques
PRIMEIR
Tablada
MANZANIL
POZÓN
San Ramón
CAMPECHUELA
Media Luna
Estrada Palm
JIBARO
MERCEDES
MIQUERO
CINCO PALMAS
Purial de Vicana
CARACA
DERECHA
Col. 7
Bélic
Las Coloradas
MACAGUAL
ALEGRIA DE PIO
PILON
MOTA
Cabo Cruz

RA FRENTE
EXÉRCITO
Quartel principal da zona de operações na Sierra Maestra
Quartéis com tropas especiais
Tropas reforçadas da guarda rural
Rio Cauto
BAYAMO
America
BAIRE
CHARCO MONO
MAFFO
GUISA
Yoro
Bueycito
OTILIA
Buey Arriba
HOMBRITO
PINO AGUA
SAN LORENZO
LA LATA
STO DOMINGO
LA MESA
LA PLATA
MALVERDE
Col. 4
UVERO
LAPLATA
Col. 1
Dezembro/1956 - Dezembro/1958
Frente:
Primeira Frente "José Martí" Comandante em Chefe Fidel Castro
Denominação:
Coluna 1 -"José Martí"
Coluna 4
Coluna 7
Ao mando de:
Comandante Fidel Castro
Comandante Ernesto "Che" Guevara
Comandante Crescencio Pérez

SEGUNDA FRENTE ORIENTAL
Gibara
Cabo Lucrecia
Sta. Lucia
BANES
VISTA ALEGRE
AGUAS CLARAS
HOLGUIN
Antilla
BAGUANOS
PRESTON
Col. 16
Guaro
CABONICO
LEVISA
CAYO MAMBI
Mayari
Cueto
ACUJAL
SAGUA
San German
MINAS
LA ZANJA
Marcane
Biran
Col. 17
Mangos de Baragua
Alto Cedro
PILOTO EN MEDIO
Mayari Arriba
AGUACATE
BAYATE
America
Col. 6
CONTRAMAESTRE
Miranda
MAFFO
AGUACATE
Cauto
BALTONY
PALMA SORIANO
SAN LUIS
La Maya
GUANTANAMO
LA LATA
DOS PALMAS
Alto Songo
LORENZO
MOYA
El Cristo
Arturo
EL COBRE
RAMON DE LAS YAGUAS
El Gato
SANTIAGO DE CUBA
MAR VERDE
Col. 20
Sevilla
Siboney
Daiquiri
EXÉRCITO
Quartéis com tropas e
Tropas reforçadas da

AÇÕES DAS FORÇAS REBELDES
Comandância da Primeira Frente
POSTOS DE MANDO
Das colunas nas Frentes
Greve de 9 de abril de 1958 (locais de apoio)
Locais de maior atividade dos grupos de ação e sabotagem
Usinas açucareiras
Batalhas
Combates
Encontros e ataques
Expedições e carregamento de armas por mar
Expedições aéreas
RÁDIOS REVOLUCIONÁRIAS
Rádio Rebelde
De outras frentes e colunas
Móvil
Vitimas do "Natal Sangrento" (25.12.1956)
MOA
CAYO GUAN
DE TANAMO
Sabana
MAYAS
Col. 19
Cayo Guin
BARACOA
PALENQUE
FELICIDAD DE YATERAS
CASIMBAS
GUAYABAL
Moisi
PURIALES CAUJERI
Col. 18
CAJOBABO
Imías
SN. ANTONIO DEL SUR
BOQUERON
TORTUGUILLA
especiais
guarda rural
Frente:
Segunda Frente Comandante Raul Castro
Denominação:
Ao mando de:
Coluna 6
Comandante Efigenio Ameijeiras
Coluna 16
Comandante Carlos Iglesias
Coluna 17
Comandante Antonio E. Lussón
Coluna 18
Comandante Félix Pena
Coluna 19
Comandante Belarmino Castilla
Coluna 20
Comandante Demetrio Montseny

Col.3
Col. 10
Col.9
BAYAMO
JIGUANI
S.RITA
BAIRE
America
CHARCO
MONO
DORADO
MAFFO
CONTRAMAESTRE
AGUACATE
Miranda
Couto
LIMA
BALTONY
GUISA
Bueycito
Buey Arriba
PALMA SORIANO
SAN LUIS
La Maya
CRUCE DE LOS BAÑOS
DOS PALMAS
LA LATA
HOMBRITO
PINO AGUA
SAN LORENZO
R.Arturo
MOYA
Alto Songo
El Cristo
LA MESA
EL COBRE
El Gato
SANTIAGO DE CUBA
PLATA
MALVERDE
MAR VERDE
UVERO
LA PLATA
Siboney
Daiquirí
EXÉRCITO
Quartel principal de operações na Sierra Maestra
Quartéis com tropas especiais
Tropas reforçadas da guarda rural
AÇÕES DAS FORÇAS REBELDES
Comandância da Primeira Frente
POSTOS DE MANDO
Das colunas nas Frentes
Greve de 9 de abril de 1958 (locais de apoio)
Locais de maior atividade dos grupos de ação e sabotagem
Usinas açucareiras
Batalhas
Combates
Encontros e ataques
Expedições e carregamento de armas por mar
Expedições aéreas
RÁDIOS REVOLUCIONÁRIAS
Rádio Rebelde
De outras frentes e colunas
Móvil
Vítimas do "Natal Sangrento" (25.12.1956)
Frente: Terceira Frente Oriental
Denominação: Coluna 3 / Coluna 9
Ao mando de: Comandante Juan Almeida / Comandante Huber Mattos

Com Raúl, perto da vitória

ANEXO II

Cronologia da guerrilha

(novembro de 1956 a dezembro de 1958)

1956

25 de novembro:
De madrugada, sai de Tuxpan, no México, o iate *Granma*, com 82 expedicionários a bordo.

30 de novembro:
O *Granma* surge nos mares ao sul da Ilha de Pinos. Inicia-se uma rebelião em Santiago de Cuba e outras localidades, organizada e dirigida por Frank País.

02 de dezembro:
Ao amanhecer, o iate *Granma* chega às costas cubanas, em um lugar conhecido por Los Cayuelos, próximo à praia Las Coloradas, na Província do Oriente.

05 de dezembro:
Depois de atravessar pântanos e bosques, os expedicionários acampam em um local chamado Alegría de Pío. São surpreendidos pelas forças do exército de Batista. A maioria dos combatentes se dispersa em distintas direções.

08 a 16 de dezembro:
São presos e /ou assassinados vários combatentes pela região.

16 de dezembro:
Fidel Castro, Faustino Pérez e Universo Sánchez conseguem cruzar o cerco do exército e chegam à fazenda Cinco Palmas, em Purial de Vicana.

17 de dezembro:
A eles, une-se o expedicionário Calixto Morales.

18 de dezembro:
Incorporam-se ao grupo de Fidel: Raúl Castro, Ciro Redondo Frías, René Rodríguez Cruz, Efigenio Ameijeiras Delgado e Armando Rodríguez Moya.

20 de dezembro:
Chegam ao mesmo ponto: Juan Almeida, Ernesto ("Che") Guevara, Ramiro Valdés Menéndez, Camilo Cienfuegos, Reinaldo Benítez Nápoles, Francisco González e Rafael Chao.

25 de dezembro:
Os 15 expedicionários, mais cinco camponeses locais, saem da fazenda Cinco Palmas, em Purial de Vicana.

1957

17 de janeiro:
Combate de La Plata, primeira ação vitoriosa dos rebeldes.

22 de janeiro:
Combate nos Llanos del Infierno.

30 de janeiro:
Bombardeio da aviação militar na zona do Pico Caracas, o que provocou a dispersão das forças rebeldes.

09 de fevereiro:
Nova dispersão no Alto de Espinosa.

17 de fevereiro:
Reunião da Direção Nacional do M-26-7 na zona de Jíbaro e entrevista de Fidel ao jornalista Herbert Matthews, do *New York Times*.

01 de março:
Nova dispersão e isolamento do grupo guerrilheiro.

15 de março:
O primeiro reforço enviado por Frank País sai do acampamento que Célia Sánchez organizou em um bambuzal próximo de Manzanillo, em direção à Sierra Maestra, e chega a Derecha de la Caridad de Mota no dia 24.

28 de abril:
O destacamento guerrilheiro avança mais ao Leste e sobe pela primeira vez ao Pico Turquino.

28 de maio:
Combate de Uvero.

24 de junho:
Fidel e os guerrilheiros sobem novamente ao Pico Turquino.

30 de junho:
Depois de descer próximo às costas de Ocujal,
voltam a escalar o Turquino.

17 de julho:
Em Llanos del Infierno, Fidel nomeia Ernesto (“Che”) Guevara chefe
e, posteriormente, comandante da Coluna 4.

27 de julho:
Combate na Central Estrada Palma.

31 de julho:
Ataque ao Quartel de Bueycito por forças da Coluna 4.

20 de agosto:
A Coluna 4 ataca o exército de Batista na desembocadura do Rio
Palma Mocha e retira-se para o Pico Turquino.

29 de agosto:
Combate de Hombrito. Participam forças da Coluna 4.

17 de setembro:
Primeiro combate de Pino del Agua. Intervém a Coluna 4 e
um pelotão da Coluna 1 (de Fidel).

08 de novembro:
Combate em Mareón, próximo de Pilón.

20 de novembro:
Forças da Coluna 1 combatem em San Lorenzo, em Gabiro e Mota.

29 de novembro:
Combate de Malverde.

04 de dezembro:
Confronto na zona de Hombrito. Forças da Coluna 4 intervêm.

08 de dezembro:
Confronto no Alto de Conrado. Coluna 4 participa.

24 de dezembro:
Combate de Chapala, zona de Calicito. Coluna 1 participa.

1958 — Primeira Frente
(Coluna 1, comando de Fidel Castro)

16 de fevereiro:
Segundo combate de Pino del Agua por forças combinadas das Colunas 1 e 4.

01 de março:
Por determinação de Fidel, saem de Pata de la Mesa: a Coluna 6, sob o comando de Raúl Castro, para organizar a Segunda Frente; e a Coluna 3, sob o comando de Juan Almeida, para constituir a IIIa. Frente.

03 de março:
Ataque da Coluna 1 à Central Estrada Palma.

01 de abril:
Camilo Cienfuegos assume o comando do território da Llanura del Cauto, desde Bayamo à Victoria de las Tunas. Posteriormente é nomeado comandante.

17 de abril:
Combate na Central San Ramón, em Campechuela, sob o mando de Fidel.

24 de maio:
Combate em Las Cuchillas de Bayamo, dirigido por Camilo Cienfuegos.

25 de maio:
Combate de Las Mercedes. Começa a ofensiva adversária.

28 de maio:
Combate em Las Minas de Buey Arriba. Coluna 4 luta.

29 de maio:
Combate em El Macío, próximo de Buey Arriba.

19 de junho:
Início oficial da grande ofensiva denominada "Fim de Fidel".
Combate no Alto de la Caridad, próximo de Palma Mocha.
Combate em La Manteca-Santo Domingo, à beira do Yara.
Combate em Los Isleños e El Mango, no rio Jibacoa.

28 de junho:
Começa a Primeira Batalha de Santo Domingo.

30 de junho:
Termina a Primeira Batalha de Santo Domingo.

05 de julho:
Combate de El Naranjal, próximo do Rio La Plata.

08 de julho:
Combate no Alto de Meriño.

11 de julho:
Começa a Batalha de El Jigüe.

21 de julho:
Termina a Batalha de El Jigüe.

25 de julho:
Em Las Vegas de Jibacoa são entregues à Cruz Vermelha mais de 150 soldados prisioneiros. Inicia-se a Segunda Batalha de Santo Domingo.

29 de julho:
Combate em Las Vegas de Jibacoa.

30 de julho:
Combate em El Jobal de Arroyón.

31 de julho:
Inicia-se a Batalha de Las Mercedes.

06 de agosto:
O exército se retira de Las Mercedes ao finalizar a batalha.
Termina a ofensiva.

09 e 13 de agosto:
Entrega de soldados prisioneiros à Cruz Vermelha.

21 de agosto:
Sai de El Salto, às margens do rio Yara, a Coluna 2,
sob o comando de Camilo Cienfuegos, com destino ao
extremo oeste do país (Pinar del Rio).

28 de agosto:
A Coluna 9 parte para unir-se à Terceira Frente.

30 de agosto:
Sai para unir-se à Terceira Frente a Coluna 10,
sob o comando de René de los Santos.

31 de agosto:
Sai de Jíbaro para Las Villas a Coluna 8, sob o comando de Ernesto
("Che") Guevara.

08 de setembro:
A Coluna 11 parte de Las Vegas de Jibacoa, com o objetivo de abrir a
Frente Guerrilheira de Camagüey.

25 de outubro:
Sob o comando de Delio Gomez Ochoa, a Coluna 32 sai de La Plata
para constituir a Quarta Frente.

03 de novembro:
Ataque ao aeroporto de Manzanillo.

13 de novembro:
Instruções de Fidel para a ofensiva rebelde final.

19 de novembro:
Fidel e Juan Almeida reúnem-se na Ponte Monjarás. Inicia-se a Batalha de Guisa, com forças combinadas da Primeira e da Segunda Frentes.

30 de novembro:
Termina a Batalha de Guisa e o exército de Batista abandona o povoado.

02 de dezembro:
Fidel estabelece o comando em La Rinconada.

04 de dezembro:
Combate em Arroyo Blanco, Palma Soriano.

10 de dezembro:
Começa o combate em Maffo, que se estende por 21 dias. Intervêm forças da Terceira Frente, todas sob o comando de Fidel.

18 de dezembro:
Combate em Baire. Reunião de Fidel e Raúl Castro em La Rinconada.

19 de dezembro:
Combate em San José del Retiro, Jiguaní.

27 de dezembro:
Termina, depois de cinco dias, o combate de Palma Soriano. Participam forças da Segunda e da Terceira Frentes.

31 de dezembro:
Fica cortada toda a comunicação terrestre entre Santiago de Cuba e o resto da Ilha.

01 de janeiro de 1959:
Fidel convoca à greve geral e se reúne em El Escandel, com altos oficiais do governo, para a rendição incondicional da cidade de Santiago de Cuba.

1958 — Segunda Frente
(Coluna 6, comando de Raúl Castro)

11 de março:
Depois de atravessar a Estrada Central, a Coluna 6 chega à zona de Piloto en Medio, próximo a Pinares de Mayarí, onde se funda oficialmente a Segunda Frente.

31 de março:
Combate em Moa.

04 de abril:
Combate em Caimanera.

09 de abril:
Ataque ao Quartel de Imías.

28 de abril:
Combate em Ramón de las Yaguas.

23 de maio:
Combate em Moa.

28 de maio:
Combate em La Lima, ao norte de Guantánamo.

29 de maio:
Ataque às Minas de Ocujal.

04 de junho:
Combate em La Zanja.

27 de junho:
Captura de 29 “mariners” norte-americanos, próximo de Caimanera, para evitar o envio de armas a Batista a partir da base naval.

01 de julho:
Ataque à Central Ermita.

01 de setembro:
Ataque ao quartel da Polícia de San Luis.

12 de setembro:
Ataque ao Quartel de Cueto.

10 de outubro:
Combate em Levisa.

20 de outubro:
As forças rebeldes ocupam a central produtora de níquel de Nicaro.
O exército adversário incendeia o povoado de Levisa.

01 de novembro:
Durante semanas, combate-se em La Maya, Songo, Cuneira,
Soledad, Baltony, Alto Cedro, Borjita, Socorro, San Luis,
Marcané e Minas de Ocujal.

19 de novembro:
Iniciam-se os combates em Sagua de Tánamo e Mayarí.

07 de dezembro:
Findo o combate em La Maya.

09 de dezembro:
Termina o combate em San Luis, começa em Paraná.

19 de dezembro:
Fim do confronto em Caimanera.

23 de dezembro:
Termina o combate em Cueto.

24 de dezembro:
Sagua de Tánamo se rende às forças da Coluna 19.

29 de dezembro:
Forças das Colunas 14, 16 e 17 rodeiam a cidade de Holguín.

30 de dezembro:
Combate de Guanina.

31 de dezembro:
Vitória em Mayarí. Estabelece-se o cerco a Guantánamo, bloqueando a cidade.

1958 — Terceira Frente
(Coluna 3, comando de Juan Almeida)

05 de janeiro:
Combatem grupos guerrilheiros em Dos Palmas.

07 de janeiro:
Confronto em Cruce de Los Baños.

05 de fevereiro:
Combate em Guineo, Alto de La Babosa.

25 de fevereiro:
Combate nas Minas de Charco Redondo.

06 de março:
Constitui-se oficialmente a Terceira Frente na zona de Puerto Arturo. Próximo de San Lorenzo de Céspedes, unem-se guerrilheiros que operam naquela zona.

13 de março:
Ataque à refinaria de petróleo em Santiago de Cuba.

04 de abril:
Ataque ao Quartel de Aguacate.

05 de abril:
Combate em Dos Palmas.

10 de abril:
Combate em El Cobre, que termina no dia seguinte.

15 de abril:
Durante cinco dias, combate em Charco Mono.

30 de maio:
Combate em Ramón de Guaninao.

02 de junho:
Combate na Mina Grande, El Cobre.

04 de junho:
Combate em Tres Pechos.

11 de junho:
Combates em La Pimienta e Palma Soriano.

14 de junho:
Combates em La Trinchera e Manacas, próximo de El Cobre.

07 de julho:
Ataque a Dos Palmas.

22 de agosto:
Combate em El Cristo.

29 de agosto:
Ataque ao Cacao, zona de Matías.

31 de agosto:
Combate no povoado de Dos Palmas.

24 de setembro:
Combate em Puerto de Moya, Estrada Central.

27 de setembro:
Combate em Paraná.

16 de outubro:
Três dias de combate em Puerto Pelado.

27 de outubro:
Combate em El Caney.

31 de outubro:
Combate em Malverde, próximo de Santiago de Cuba.

01 de novembro:
Ataque a El Cristo.

13 de novembro:
Ataque ao quartel de El Cobre.

19 de novembro:
Forças combinadas das Primeira e Terceira Frentes iniciam a Batalha de Guisa.

22 de novembro:
Combate em Puerto de Moya.

23 de novembro:
Ataque a Dos Palmas.

05 de dezembro:
Os rebeldes seqüestram duas escunas perto de Santiago de Cuba.

12 de dezembro:
Cinco dias de combate em La Aduana, próximo de Palma Soriano. Rebeldes atacam o aeródromo da Central Palma.

14 de dezembro:
Combate em Puerto de Moya. Nas proximidades de El Cobre, atacam uma grande tropa que passa pela rodovia.

25 de dezembro:
Rende-se o quartel de El Cobre.

31 de dezembro:
Fecham o cerco sobre Santiago de Cuba. No dia seguinte, rendem-se as tropas regulares da cidade.

1958 — Quarta Frente
(comando de Delio Gómez Ochoa)

09 de outubro:
Confronto em Arroyo del Muerto.

10 de outubro:
A Coluna 12, sob o comando de Eduardo (Lalo) Sardiñas, sai para integrar-se à Quarta Frente.

21 de outubro:
Combate na represa de Holguín e em Aguas Claras.

22 de outubro:
Encontro em Jobabo.

25 de outubro:
Na zona da Quarta Frente, juntam-se a Coluna 32, sob o comando de Delio Gómez Ochoa, e a Coluna 14, sob o comando de Orlando Lara.

30 de outubro:
Combate no aqueduto de Gibara.

01 de novembro:
Ataque à cidade de Victoria de Las Tunas.
Confronto em Buenaventura.

02 de novembro:
Combate em Güiros.

04 de novembro:
Ataque à Central Velazco.

07 de novembro:
Combate em San Agustín de Aguarás.

17 de novembro:
Ataque à cidade de Puerto Padre.

25 de novembro:
Combate em Guanábana.

27 de novembro:
Ataque à Central Chaparra.

29 de novembro:
Combate no povoado de San Andrés.

15 de dezembro:
Combate em Buenaventura.

16 de dezembro:
Ataque aos quartéis de Bartle e Manatí.

23 de dezembro:
Combate na cidade de Puerto Padre.

28 de dezembro:
Inicia-se o sítio à cidade de Holguín. Forças combinadas da Quarta e Segunda Frentes entram em San Germán.

30 de dezembro:
Forças das Colunas 12 e 13 controlam Jobabo.

31 de dezembro:
Assalto à cidade de Victoria de Las Tunas.

1958 — FRENTE CAMAGÜEY
(Colunas 11 e 13, comandos de Vega e Mora)

20 de fevereiro:
Combate em Las Nuevas.

25 de março:
Incorpora-se o capitão Orlando Lara com forças da Coluna 13.

01 de abril:
Assalto ao quartel do povoado Mir.

09 de abril:
Ataque à central elétrica da cidade de Camagüey. Ataque à central elétrica em Vicente, Ciego de Avila. Ataque a San Clemente.

22 de abril:
Ataque ao trem em Las Gordas e confronto em Berrocal.

12 de maio:
Assalto ao povoado de Camalote.

09 de setembro:
Combate da Coluna 8 (“Che” Guevara) em La Federal.

13 de setembro:
Combate da Coluna 2 (Camilo Cienfuegos) em La Malograda.

14 de setembro:
Combate da Coluna 8 em Cuatro Compañeros.

22 de setembro:
A Coluna 11 chega à Província de Camagüey.

23 de setembro:
Confronto em Corojito de Vialla.

26 de setembro:
Combate em Pino 4.

27 de setembro:
Emboscada do exército à Coluna 11 em Pino 3.

30 de setembro:
Assalto a um trem próximo à Central Francisco.

22 de outubro:
Incêndio na Prefeitura de Cuatro Caminos.

29 de outubro:
Assalto a um trem próximo à Central Francisco.

30 de outubro:
Chegam mais combatentes da Coluna 13 à Província de Camagüey.

01 de novembro:
Rendição do quartel de Lombillo.

02 de novembro:
Assalto ao povoado de Algarrobo.

03 de novembro:
Confronto em Jagua 3.

05 de novembro:
Confronto da Coluna 11 em Amarillas.

17 de novembro:
Captura-se aparelhagem de rádio inimiga, próximo à Central Francisco.

22 de novembro:
Combate na central Najasa.

27 de novembro:
Ataque ao quartel do povoado Marroquí.

11 de dezembro:
Ataque ao aeroporto da Central Francisco.

14 de dezembro:
Combate em San Manuel de Junco.

17 de dezembro:
Assalto ao quartel de Punta Alegre.

20 de dezembro:
Combate no km. 6 da Rodovia Camagüey — Flórida.

21 de dezembro:
Assalto ao trem de Holguín-Guáimaro.

22 de dezembro:
Ataque ao quartel de Tamarindo.

28 de dezembro:
Liberação da central Jobabo.

1958 — FRENTE CENTRO E SUL LAS VILLAS
(Coluna 8, comando de "Che" Guevara)

16 de outubro:
Chega ao alto de Obispo, zona central de Las Villas, a Coluna 8, sob o comando de Ernesto ("Che") Guevara.

21 de outubro:
Combate de Cabaiguán por forças do Diretório Revolucionário.

26 de outubro:
Combate em Güinía de Miranda.

12 de novembro:
Combate em Banao.

21 de novembro:
Combate em Caracusey.

28 de novembro:
O exército inicia sua última ofensiva ao acampamento de Pedrero.

01 de dezembro:
Firma-se o Pacto del Pedrero entre o Movimento Revolucionário 26 de Julho e o Diretório Revolucionário. Dias mais tarde, o Partido Socialista Popular adere ao acordo. Os rebeldes destróem a Ponte Falcón na rodovia central. Inicia-se o combate de Fomento e começa a campanha de Las Villas, por forças do M-26-7 e D.R-13-M, sob o comando geral de "Che" Guevara.

21 de dezembro:
Combate em Cabaiguán e Guayos.

22 de dezembro:
Combate em Manicaragua.

23 de dezembro:
Combate em Sancti Spíritus.

24 de dezembro:
Combate em Placetas.

25 de dezembro:
Combate em Remedios e em Caibarién.

29 de dezembro:
Inicia-se a Batalha de Santa Clara.

31 de dezembro:
Controlada a cidade de Trinidad por forças do D.R-13-M e se rende a cidade de Santa Clara.

1958 — FRENTE NORTE LAS VILLAS
(Coluna 2, comando de Camilo Cienfuegos)

07 de outubro:
A Coluna 2, sob o comando de Camilo Cienfuegos, chega à zona norte de Las Villas.

15 de outubro:
Combate em Monte Alicante.

22 de outubro:
Combate em Yigre.

27 de outubro:
Combate em Gambao, Remedios.

31 de outubro:
Combate em Venegas.

24 de novembro:
Combate em Zulueta.

05 de dezembro:
Combate na central elétrica de Iguará.

15 de dezembro:
Combate em Iguará.

18 de dezembro:
Combate em Meneses, que dura dois dias.

19 de dezembro:
Combate em Mayajigua.

20 de dezembro:
Combate em Yaguajay.

21 de dezembro:
Combate em Zulueta.

31 de dezembro:
Rende-se o quartel e controla-se Yaguajay.

1958 — FRENTE HAVANA-MATANZAS
(em formação)

maio:
Organizam-se os grupos guerrilheiros.

17 de junho:
Desembarque de armas perto de La Rayonera de Matanzas.

Setembro.
Aterrissa um avião com armas na Via Blanca.

01 de novembro:
Assalto ao quartel da Guarda Rural de Agramonte.

02 de novembro:
Assalto e tomada da Central Triunfo em Limonar.

08 de novembro:
O Capitão José Garcerán de Valls desembarca por Varadero.

17 de dezembro:
Destruição do trem *Minguino*, próximo de Los Arabos. Confronto na ponte San Agustín, Ceiba Mocha. Morre o capitão de Valls. Assalto e tomada da Central Dos Rosas.

27 de dezembro:
Assalto e tomada da Central Zorrilla em Los Arabos.

28 de dezembro:
Encontro no povoado Martí.

31 de dezembro:
Ataque a San Miguel de los Baños.

1958 — FRENTE PINAR DEL RIO
(comando de Dermidio Escalona)

12 de abril:
Confronto na Sierra de Pinalillo.

14 de abril:
Desembarca, em La Coloma, uma expedição a bordo de *El Corojo*, procedente de Cancún, México.

25 de abril:
Confronto nas margens do rio Los Palacios.

20 de junho:
Combate na fazenda La Güira, em Consolación del Sur.

09 de agosto:
Ataque a San Andrés de Caiguanabo.

17 de agosto:
Confronto em San Cristóbal.

19 de agosto:
Combate em Seboruco, Los Palacios.

21 de agosto:
Confronto em Sierra de los Condenados, San Cristóbal.

03 de outubro:
Desembarque de armas procedentes de Miami, em Bahia Honda.

11 de outubro:
Ataque ao quartel de Las Pozas.

18 de outubro:
Confronto em Ensenada, San Juan e Martínez.

09 de novembro:
Confronto na Ladeira de Peñas Blancas.

17 de novembro:
Ataque a carros militares a seis quilômetros de Cabañas.

18 de novembro:
Ataque a um ônibus e a uma patrulha na Ladeira La Vigía,
Bahia Honda.

19 de novembro:
Confronto na fazenda San Claudio, Bahia Honda.

29 de novembro:
Emboscada na Ladeira El Rubí, Cayajabos.

10 de dezembro:
Confronto na Ladeira El Toro, Bairro Limones, Los Palacios.

19 de dezembro:
Confronto na fazenda Margarita, Las Pozas.

28 de dezembro:
Confronto no Pan de Guajaibón.

29 de dezembro:
Ataque ao povoado Sumidero.

30 de dezembro:
Confronto na Sierra de Cacarajícara, Bahia Honda.

Na Sierra, 1958

N O T A S

Capítulo 1

[1] Termo de origem africana, que ganhou o significado em Cuba de insurreto contra o domínio espanhol, relativo a "mambo", uma dança da América Central. O Exército Libertador cubano era chamado de "Exército mambí" e os seus soldados de "mambíses".

[2] Maria Antonia, Petra, Gonzalo e a caçula Juana.

[3] Entrevista Ramón Castro.

[4] Depoimento de Emma Castro, em *Genealogia da família Castro Ruz*, pesquisa em andamento por Tania Fraga Castro.

[5] O cubano José Raul Capablanca (1888-1942) foi campeão nacional aos 12 anos e campeão mundial de xadrez de 1921 a 1927.

[6] Fidel e Angelita Castro, sua irmã, ouviram esta versão do pai D. Angel.

[7] Entrevistas Alejandro Ruz Gonzalez e Ramón Castro.

[8] Entrevista Alejandro Ruz Gonzalez.

[9] Entrevista Ramón Castro.

[10] "Real" era o nome da moeda cubana na época.

[11] Espécie de madeira local, extraída de árvore comum em terrenos alagadiços de Cuba.

[12] Registro Civil de Mayarí, Província do Oriente, Cuba – Acta nº 77, Livro duplicado nº 7, Seção Matrimônios, pags. 195 a 198. No texto, Angel Castro aparece com a profissão de "contratador".

[13] Espécie de árvore ulmácea.

[14] Entrevista Alejandro Ruz Gonzalez.

[15] Entrevista Tino Cortiñas, filho do companheiro de Angel no jogo de dominó, nos tempos da guerra.

[16] Depoimento de Panchita (Francisca Ruz González), em *Genealogia da família Castro Ruz*, ref. cit.

[17] Entrevista Alejandro Ruz Gonzalez.

[18] Entrevista Angelita Castro.

[19] Depoimento de Emma Castro, considerando memórias de seu pai, relatadas na varanda da fazenda, pouco antes de sua morte, em *Genealogia da família Castro Ruz*, ref. cit.

[20] Curioso assinalar que Castro, do latim Castru, foi a denominação de várias cidades, desde o início da Idade Média, e significa castelo fortificado. As derivações do termo, como castrense, referem-se a categoria ou acampamento militares.

[21] Depoimento de Belita (Isabel Ruz Gonzalez), em *Genealogia da família Castro Ruz*, ref. cit.

[22] Entrevista Juan Socarrás, camponês de Birán.

Capítulo 2

[1] Entrevista Angelita Castro Ruz.

[2] Idem.

[3] Entrevista Ramón Castro Ruz.

[4] Entrevista Baudilio Castellanos.

[5] Entrevistas Ramón Castro Ruz e Angelita Castro Ruz.

[6] Entrevista Carlos Cortiñas, camponês de Birán.

[7] Dança de origem africana.

[8] Entrevista Juan Socarrás, camponês de Birán.

Capítulo 3

[1] Arquivo Fidel Castro, Oficina de Assuntos Históricos do Conselho de Estado da República de Cuba, ítens 114/115, Registro nº 3 – cópia original do registro de batismo, Livro 42, Folio 153, nº 1219, da Santa Igreja Catedral da Cidade e Arcebispado de Santiago de Cuba, Província do Oriente; e cópia original da primeira certidão do Juizado Municipal de Cueto, Província do Oriente, Registro nº 4, Folio 258, Tomo nº 10, 11 de janeiro de 1938.

[2] Arquivo Fidel Castro, ref. cit., itens 114/115 – cópia original do Registro nº 8, Folio 129, Tomo 14, do mesmo Juizado, 10 de maio de 1941.

[3] Arquivo Fidel Castro, ref. cit. - cópia original do Registro de Inscrição de Matrimônio no 309 de município del Cueto, às 10 horas, de 26 de abril de 1943.

[4] Arquivo Fidel Castro, itens 114/115 - cópia original do Registro nº 10, Folio 279, Tomo 16, do mesmo Juizado, 11 de dezembro de 1943. Termos: "Fidel Alejandro Castro Ruz - em Cueto, Província de Oriente, às 10 horas do dia 11 de dezembro de 1943 ante o Dtor. Amador Ramírez e Sigas, Juiz Municipal encarregado do Registro Civil e de Alberico Gómez de la Torre, Secretário, se procede a inscrever o nascimento de um menino, ocorrido às 12 horas do dia 13 de agosto de 1926, em Birán deste termo. É filho de Angel Castro Argíz e de Lina Ruz González. Na paterna, naturais de Lancara, Lugo, Espanha, lavrador e sua casa e já defuntos; e na materna de Francisco e Dominga, naturais de San Juan e Martínez, Pinar del Río, maiores de idade, labrador e sua casa e moradores de Birán, e que ao inscrito se pôs o nome de Fidel Alejandro."

[5] Sem anestesia. Entrevista Angelita Castro.

[6] Entrevista Ramón Castro.

[7] Relato particular de Vitorio Vidale, Secretário do Burô do Caribe na Internacional Comunista, ao historiador cubano José Tabares del Real. A seção caribenha era uma entre várias subordinadas ao "Komintern", o organismo criado na reunião da III Internacional em 1919, em Moscou, para centralizar o movimento e os partidos comunistas do mundo, no intuito de dar-lhes suporte, consolidar o Estado russo e preservar a paz com o mundo capitalista.

[8] A observar: fotos Fidel menino, 1928.

[9] Castro, Fidel – Depoimentos, Arquivo Fidel Castro, ref. cit.

[10] A residência dos avós ficava em um "chucho", termo designativo de uma estação de corte e distribuição da cana, dentro da plantação.

[11] Entrevista Ramón Castro.

[12] Entrevista Carlos Falcón.

[13] Entrevista Ramón Castro.

[14] Entrevista Angelita Castro.

[15] Castro, Fidel – Depoimentos, ref. cit.

[16] Entrevista Angelita Castro.

[17] Castro, Fidel – Depoimentos, ref.cit.

[18] Castro, Fidel – Depoimentos, Arquivo do Centro de Estudos de História Militar das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), Cuba.

[19] Entrevista Ramón Castro.

[20] Depoimento de Tania Fraga Castro, baseado em relato ouvido de Maria Isabel (Belita) Ruz Gonzalez.

[21] Departamento de Estado, EUA: Relações Exteriores, v. 5, 1933 – "The American Republics". Os presos eram: Jorge A. Vivó (secretário geral do PCC), Joaquin Ordóqui (dirigente da CNOC sindical), Severo Aguirre e Aníbal Escalante, entre outros.

[22] Entrevistas Angelita e Ramón Castro.

[23] Entrevista Angelita Castro.

[24] Idem.

[25] Castro, Fidel – Depoimentos, ref. Cit.

[26] Idem

[27] Entrevistas Ramón e Angelita Castro.

[28] Depoimento de Esmérida Marcheco, arquivo particular de Tania Fraga Castro.

[29] Entrevista Ramón Castro.

Para toda a reconstrução do ambiente em que Fidel se criou, consideramos ainda os depoimentos de Ana Rosa Soto Ruz, prima de Fidel, e Benito Rizo, um outro trabalhador de Birán na época.

Capítulo 4

[1] Entrevista Ramón Castro.

[2] O dia é 28 de dezembro, quando é costume alguém enganar o outro, como no dia 1º de abril no Brasil.

[3] Castro, Fidel – Depoimentos, ref. cit.

[4] Entrevista Ramón Castro.

[5] Entrevista Angelita Castro.

[6] Dados apurados por Emma Castro Ruz, que os relatou à irmã Angelita.

[7] Conversação gravada. Lembranças de Fidel Castro e Gabriel Palau.

[8] Santa Igreja Catedral, Santiago de Cuba, 2 de junho de 1935.

[9] No beisebol, corresponde à posição do lançador da bola para o batedor.

[10] Ver: *Brauderismo em Cuba* – Um Estudo sobre uma etapa do movimento comunista", tese de doutorado de Paula Ortiz, da Faculdade de Filosofia e História da Universidade de Havana. Ainda: Ata da Reunião da União Revolucionária (UR), a 20 de maio de 1935, Arquivo do Instituto de História de Cuba.

[11] Castro Ruz, Fidel – Discurso na Aula Magna da Universidade de Havana, setembro de 1995.

[12] Pacto Germano-Soviético.

[13] Castro Ruz, Fidel – *Un grano de maíz*, entrevista ao comandante nicaraguense Tomás Borge.

Para as referências de conjuntura, considere-se ainda a análise e os comentários de Lionel Soto, Jorge Risquet e Jose Tabares del Real, em entrevistas à autora.

Capítulo 5

[1] Castro, Fidel – Entrevista ao jornalista italiano Gianni Miná, em *Um Encontro com Fidel*.

[2] Entrevista Angelita Castro.

[3] Majá é uma serpente não venenosa da ilha de Cuba que atinge até dois metros de comprimento.

[4] Conversação de Fidel com populares em Santiago, sem data, Arquivo Fidel Castro, ref. Cit.

[5] Castro, Fidel – Entrevista aos acadêmicos norte-americanos Mervin Dymally e Jeffrey Elliot, 29 de março de 1985.

[6] Castro, Fidel – no IV Congresso da Felap, 7 de julho de 1985.

[7] Para a análise do pensamento comunista na conjuntura, foram consultadas as seguintes fontes: Pronunciamento de Blas Roca (secretário geral do Partido Comunista de Cuba) a 14 de abril de 1936, em reunião do Burô Político; a declaração do IX Pleno do CC do PC de Cuba, a 26 e 27 de novembro de 1937: que Batista preparava-se "para assumir o controle absoluto do poder" e era o "obstáculo fundamental da revolução cubana". Ainda, informe rendido por Aníbal Escalante ao IX Pleno do CC do PC de Cuba, a partir de uma análise das etapas da Revolução Chinesa; Informe do X Pleno do CC do PC de Cuba, em julho de 1938; e a Carta do intelectual Pablo de la Torriente Brau a Raúl Roa.

[8] Informe rendido por Blas Roca, 14/15 de janeiro de 1939, III Assembléia Nacional do Partido Comunista de Cuba. Entrevista de Blas Roca, Jornal Hoy, 11 de dezembro de 1938

[9] Programa de Salvação Nacional sugerido ao Executivo eleito em 1940, de autoria de Aníbal Escalante e Blas Roca; Ordóqui, Joaquin – *Memórias*, Arquivo do Instituto de História de Cuba.

[10] Pronunciamento público de Eduardo Chibás, a 14 de maio de 1939.

[11] Deve-se observar que, após 1940, posteriormente à "Coalizão Socialista Popular" que viabilizou a candidatura de Batista, o Partido Comunista de Cuba, por uma disposição regimentar, passou a denominar-se Partido Socialista Popular (PSP).

[12] Depoimento de Ana Rosa Soto, prima de Fidel.

[13] Entrevista Ramón Castro.

[14] Dança de salão na América Central.

Capítulo 6

[1] Fidel Angel Castro Díaz-Balart.

[2] Entrevista Alfredo ("Chino") Esquivel.

[3] Documento do Arquivo Fidel Castro, ano 1940.

[4] Testemunho de René Férnández Bárzaga, Arquivo das FAR, Cuba.

[5] Região de Mayarí, Baía de Nipe, Província do Oriente.

[6] Entrevista Carlos Falcón.

[7] Arbusto que se emprega para fazer bastões e bengalas.

[8] Entrevista Alejandro Ruz Gonzalez.

[9] Entrevista José Heribaldo ("Bebo") Gómez Reyes.

[10] Entrevista Enrique Ovares.

[11] Entrevista Antonio Medina Fernández.

[12] Programa do PRC (A), Arquivo da Biblioteca Nacional, Cuba.

[13] Civeira, Francisca López – *O Autenticismo*, Tese de doutorado em História, Universidade de Havana.

Capítulo 7

[1] Revista *Ecos de Belén*, publicação periódica escolar, junho de 1944.

[2] Castro, Fidel – Encerramento do VII Seminário Internacional de Atenção Primária, Havana, 28 de novembro de 1997.

[3] Revista *Ecos de Belén*, junho de 1945.

[4] Idem, junho de 1945.

[5] Entrevista Ramón Castro.

[6] Fichário, Arquivo Fidel Castro, ref. Cit.

[7] Entrevista Fernández Varela.

[8] Revista *Ecos de Belén*, publicação periódica escolar, junho de 1943.

[9] Idem, junho de 1944.

[10] Idem, junho de 1943.

[11] Entrevista Antonio Medina Fernández.

[12] Entrevista Fernández Varela.

[13] Castro, Fidel – em reunião com representante religiosos na Jamaica, 20 de outubro de 1977.

Capítulo 8

[1] Revista *Ecos de Belén*, publicação periódica escolar, junho de 1945.

[2] O título de Fidel Castro foi registrado no Instituto público de Segundo Grau na pasta 761, no. 2720 e no Ministério da Educação na pasta 291, no. 44682. Fonte, Arquivo Fidel Castro, Registro#15, Estante Al.2, Caixa 2, Ficha 6, ref. cit.

[3] Revista *Ecos de Belén*, junho de 1945.

[4] Isidrón del Valle, Aldo – "Viagem ao mundo das recordações", em *Antes do Moncada* (ver bibliografia).

[5] Na ofensiva, o objetivo de uma equipe de beisebol é chegar a *home*. Cada vez que um jogador chega a *home*, anota-se uma carreira (de pontos).

[6] Uma jogada de *triple play* equivale a pôr em *out* (para fora) três jogadores em uma só jogada.

[7] Expediente no. 1308 da Universidade de Havana; Registro#16, Estante Al.2, Caixa 2, File 7, Arquivo Fidel Castro, ref. Cit.

[8] Ficha no. 7697, Arq. Fidel Castro, ref. Cit.; Registro #17, Estante Al.2, Caixa 2, File 8.

[9] Entrevista Alfredo Esquivel.

[10] Registro#18, Estante Al.2, Caixa 2, File 9. Na ficha de Fidel, aparecem os seguintes dados: "19 anos, cabelo castanho, olhos pardos, 161 libras de peso, 6 pés de altura, solteiro, natural de Mayarí", datada de 5 de novembro de 1945. Recebeu o carnê nº 909.

[11] Entrevista Alfredo Esquivel.

[12] Registro#19, Estante Al.2, Caixa 2, File 10, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[13] Castro, Fidel – Discurso na Aula Magna da Universidade de Havana, setembro de 1995.

[14] Entrevista Antonio Medina Fernández.

[15] Entrevista Bilito Castellanos.

[16] Idem.

[17] Idem.

[18] Revista *El Mundo*, 16 de novembro de 1946. A União Internacional dos Estudantes (UIE) estabelecera a data de 17 de novembro como a do Dia Internacional dos Estudantes.

[19] Termo originário de *El Bonche*, um grupo que manteve a universidade aterrorizada em 1940.

[20] Jornal *Información*, 28 de novembro de 1946.

[21] Jornal *Avance Criollo*, 28 de novembro de 1946. O *El Mundo* ainda destacou o nome "Fidel Castro", com uma breve resenha de seu discurso.

[22] Entrevista Alfredo Esquivel.

[23] Depoimento de Francisco Benavides Santos, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

Capítulo 9

[1] Entrevista Alfredo Guevara.

[2] Entrevista Bilito Castellanos.

[3] Fichário, Arquivo Fidel Castro, ref. cit.

[4] Jornais *Prensa Libre* e *El Mundo*, 17 de janeiro de 1947.

[5] Entrevista Alfredo Esquivel.

[6] Depoimento de Francisco Benavides, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[7] Castro, Fidel – Depoimentos, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[8] Entrevista Bilito Castellanos.

[9] Castro, Fidel – Entrevista a Gloria Gaitán, em *A desordem nacional*, Revista *América*, Bogotá, 1961.

[10] Entrevista Max Lesnick.

[11] Castro, Fidel – Artigo à revista *Bohemia*, escrito no exílio do México, 1955.

[12] Entrevista Alfredo (Chino) Esquivel.

[13] Entrevista Alfredo Guevara.

[14] Entrevista Lionel Soto.
[15] Entrevista Alfredo Esquivel.
[16] Jornal *Prensa Libre*, 26 de abril de 1947.
[17] Entrevista general José Quevedo.
[18] Entrevista Max Lesnick.
[19] Jornal *Prensa Libre*, 15 de julho de 1947.
[20] Registro#27, Estante Al.2, Caixa 2, File 18, Arq. Fidel Castro, ref. cit.
[21] Jornal *Información*, 17 de julho de 1947.
[22] Entrevista Bilito Castellanos.
[23] Entrevista Enrique Ovares.
[24] Entrevista Bilito Castellanos.
[25] Revista *Bohemia* e jornal *El Mundo*, 20 de julho de 1947.
[26] Registro#28, Estante Al.2; Caixa 2; File 19, Arquivo Fidel Castro, ref. cit.
[27] Entrevista Alfredo Guevara.
[28] Entrevista Faure Chomón.

Capítulo 10

[1] Registro#89, Arq. Fidel Castro, ref. cit.
[2] Revista *Bohemia*, 5 de outubro de 1947.
[3] Registro#30, Estante Al.2; Caixa 2; File 21 - Arq. Fidel Castro, ref. cit.
[4] Carta de Fidel ao amigo Enrique Cotrera, 27 de agosto de 1947, Arq. Fidel Castro, ref. cit.
[5] Jornal *El Mundo*, 16 de setembro de 1947.
[6] Jornal *El Mundo*, 1 de outubro de 1947.
[7] Testemunho de Lalo, o faroleiro, Arq. Fidel Castro, ref. cit. Ver ainda: Isidrón del Valle, Aldo – "Lalo, el guardafaro de Cayo Saetía, un hombre de palabra.", em *Antes do Moncada*.
[8] Entrevista Alfredo Esquivel.
[9] Idem.
[10] Castro, Fidel – Depoimentos, ref. Cit.
[11] Entrevista Alfredo Guevara.
[12] Chamava-se Campana de Demajagua, nome da fazenda de Carlos Manuel de Céspedes, o "criollo" que proclamou a Independência de Cuba.

[13] Rojas, Marta – “Combate de Fidel por la reivindicación de la Campana”, em *Antes do Moncada* (ver bibliografia).

[14] Revista *Bohemia*, 16 de novembro de 1947.

[15] Jornal *Información*, 6 de novembro de 1947.

[16] Ao redor do Sino, tiraram fotos os estudantes Alfredo Guevara, Enrique Ovares, Fidel Castro, Alfredo Esquivel, Rafael Del Pino e Justo Fuentes.

[17] Jornal *Información*, 6 de novembro de 1947.

[18] Registro#16, Estante Al.2, Caixa 2, File 7, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[19] Isidrón del Valle, Aldo – “Noviembre 1947: Artemisa por primera vez”, em *Antes do Moncada* (ver bibliografia).

[20] Jornal *Hoy*, 13 de fevereiro de 1948.

[21] Jornal *Información*, 13 de fevereiro de 1948.

[22] Registro#34, Estante Al.3, Caixa 3, File 1, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[23] Entrevista Alfredo Guevara.

[24] Revista *Bohemia*, 29 de fevereiro de 1948.

[25] Jornal *Alerta*, 26 de fevereiro de 1948.

[26] A 2 de novembro de 1949, a revista *Bohemia* publicou documentos reservados do MSR, em que Fidel aparecia como um sentenciado à morte.

[27] Entrevista Alfredo Guevara.

Capítulo 11

[1] Registro#33; estante Al.2; Caixa 2; File 24. Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[2] Jornal *Miami Herald*, 9 de abril de 1988 – Entrevista com Santiago Touriño (em 1948 era um dos dirigentes da Escola de Direito na FEU).

[3] Entrevista Enrique Ovares.

[4] Fichário, Arquivo Fidel castro, ref. cit.

[5] Jornal *Miami Herald*, ref.cit.

[6] Jornal *Información*, 21 de março de 1948.

[7] Jornal *Hoy*, 21 de março de 1948.

[8] Depoimento de Alvaro Menéndez, poeta e jornalista panamenho. Ver ainda: Revista *Pensamiento Crítico*, La Habana, agosto de 1969.

[9] Revista *Mundo Gráfico*, Panamá, 3 de abril de 1948.

[10] Registro #38, Estante Al.3, Caixa 3, File 3, Doc. datado de 3 de abril de 1948. Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[11] *Papers relating to foreign relations*, State Sec., 1948, vol. IX, p. 564-565.

[12] Expediente relativo às atividades de Fidel Alejandro Castro Ruz, 40-50, Burô de Investigações, Havana, Cuba.

[13] Entrevista Enrique Ovares.

[14] Entrevista Alfredo Guevara.

[15] Declaração de Fidel Castro ao jornalista Francis McCarthy, da UPI, 20 de abril de 1948.

[16] Declaração de Fidel Castro ao programa *A Palavra*, União Rádio de Havana, 13 de abril de 1948; e jornal *Prensa Libre*, 15 de abril de 1948.

[17] Castro, Fidel – Depoimentos, Centro de Estudos de História Militar das FAR, Cuba.

[18] Publicação *América Libre*, Bogotá, maio de 1961. Entrevista de Fidel Castro a Gloria Gaitán, filha do líder colombiano.

[19] Conte Agüero, Luis – “Chibás”, Havana, 1959

[20] Registro#16; Estante Al. 12; Caixa 2; File 7; Expediente de Fidel na Universidade de Havana, 4 de maio de 1948, Arq Fidel Castro, ref. cit.

[21] Entrevista Alfredo Esquivel.

[22] Entrevista José Heribaldo (Bebo) Gómes Reyes.

[23] Entrevista Jesús Soto.

[24] Registro#34; estante Al.3; Caixa 3; File 1, Expediente relativo às atividades de Fidel controladas pela Polícia, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[25] Entrevista Max Lesnick.

[26] Revista *Bohemia*, 10 de abril de 1949.

Capítulo 12

[1] Castro, Fidel – Alocução no programa de TV Universidade Popular, dezembro de 1961.

[2] Entrevista Lionel Soto.

[3] Entrevista Max Lesnick.

[4] Entrevista Alfredo Esquivel.

[5] Data comemorativa da morte de Rafael Trejo, estudante assassinado pela repressão em 1933.

[6] Entrevista Max Lesnick.

[7] Idem.

[8] Idem.

[9] Idem.

[10] Entrevista Alfredo Esquivel.

[11] Registro #16, Estante Al.2, Caixa 2 – Expediente de Fidel Castro, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[12] Jornal *Diário de Cuba*, 12 de outubro de 1948, Santiago de Cuba.

[13] Entrevista Alfredo Esquivel.

[14] Registro#16, Estante Al.2, Caixa2, File7-Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[15] Entrevista Alfredo Guevara.

[16] Entrevista Bilito Castellanos.

[17] Entrevista Alfredo Esquivel.

[18] Revista *Bohemia*, seção *Em Cuba*, janeiro de 1949.

[19] Entrevista Jesús Soto.

[20] Entrevista Bilito Castellanos.

[21] Depoimento de Francisco Benavides Santos, Arq. Fidel Castro, ref.cit.

[22] Entrevista Bilito Castellanos.

[23] Entrevista Alfredo Esquivel.

[24] Entrevista Lionel Soto.

[25] Revista *Bohemia*, 7 de maio de 1950.

[26] Registro #49, Estante Al.3, Caixa 3, File 7 – Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[27] A solicitação foi feita pelo cônsul colombiano Lácidez Moreno Blanco, em 27 de março de 1950.

Capítulo 13

[1] Consta como bibliografia da monografia de Fidel: “MONTELLA, Gay de. Legislação Comercial Espanhola; VECENTE A., GELLA. Introdução ao Direito Mercantil Comparado; BENITO, Lorenzo. Direito Mercantil; BUSTAMANTE, A.S. de. Manual de Direito Internacional Privado; ZAYDIN, Ramón. Conferências de Clases; ALEMÁN, Ricardo M. La Letra de Cambio...(e)...Código de Comércio Anotado; SUPINO. Direito Mercantil; PASTOR. O Código Comércio na Jurisprudência.”

[2] Expediente do aluno Fidel Alejandro Castro Ruz na Universidade de Havana, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[3] Testemunho de Jorge Aspiazo, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[4] Testemunho de Enrique Benavides, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[5] Carta de Fidel Castro publicada na Revista *Carteles*, em 10 de dezembro de 1950.

[6] Duas publicações da época vinculavam o nome de Fidel ao *Chamamento de Estocolmo*, editado pelo Comitê Mundial em Defesa da Paz: revistas *Mella* (nacional) e *Saeta* (universitária), em março de 1950; e *Mella*, em novembro de 1950.

[7] Testemunho de Jorge Aspiazo, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[8] Registro 46, Atividades Profissionais de Fidel Castro, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[9] Testemunho de Jorge Aspiazo, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[10] Testemunho de Enrique Benavides, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[11] Testemunho de Benito Besada, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[12] Ata da Assembléia Nacional Ortodoxa, doc. Arq. Fidel Castro, ref. cit., janeiro de 1950.

[13] Entrevista Alfredo Esquivel.

[14] A cédula eleitoral de Fidel Castro foi expedida a 31 de janeiro de 1950, com o nº 1089721, bairro 3, município 3, Província 3. Na inscrição, Fidel aparecia como residente à Calle Gervasio no.530, Bairro Dragones, Município de Havana.

[15] Entrevista Jose Vicente Llanusa.

[16] Jornal *Alerta*, 21 de fevereiro de 1951.

[17] Entrevista Jose Tabares del Real.

[18] Depoimento de Gabriel Palau, ref. cit.

[19] Entrevista Alfredo Esquivel.

[20] *La Escoba*, Quizenário de Divulgação Ortodoxa, 15 de novembro de 1951.

[21] Entrevista Antonio Medina Fernández.

[22] Depoimento de Adolfito, o barbeiro, Arquivo Fidel Castro, ref. cit.

[23] Entrevista Jesús Soto.

[24] Depoimento de René Rodríguez, Arq Fidel Castro, ref. Cit.

Capítulo 14

[1] Testemunho de Pedro Trigo, Arquivo Fidel Castro, ref.cit; e *Moncada, Antecedentes e Preparativos*, Tomo 1, 3 ed., Havana, 1985.

[2] Castro, Fidel – Entrevista à revista mexicana *Política*, 1967.

[3] Entrevista Raúl Chibás.

[4] Idem.

[5] Entrevista general José Quevedo.

[6] Idem.

[7] El Vignier y G. Alonso – *La corrupcion politica y la administrativa en Cuba*, 1944-52, La Habana, 1973.

[8] Entrevista general José Quevedo.

[9] Revista *Bohemia*, 23 de março de 1952.

[10] Castro, Fidel – *Un lunes como otro cualquier*, artigo sobre o golpe de Batista.

[11] Camisa típica da região caribenha.

[12] Mencía, Mario – *Tiempos Precursores* (ver bibliografia).

[13] Testemunho de René Rodríguez, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[14] *Manifesto da Ortodoxia ao Povo de Cuba*, março de 1952.

[15] Castro, Fidel – *Revolução não, Quartelaço!*, março de 1952.

[16] Castro, Fidel – Ao Tribunal de Urgência, Arq. Fidel Castro, ref. cit.; Jornal *El Mundo*, 25 de março de 1952; Castro, Fidel - Moncada, Antecedentes e Preparativos, La Habana, 1974, FAR

[17] *Carta de Montréal*, revista *Bohemia*, 7 de junho de 1953.

[18] Castro, Fidel – Entrevista à revista mexicana *Política*, 1967.

[19] Entrevista Max Lesnick.

[20] Conversações com Jesus Montané.

[21] Santamaría, Haydée – *Esa es la maleta*, Fragmentos, Seção de História da Direção Política Central das FAR, Cuba.

Capítulo 15

[1] Revista *Bohemia*, 23 de junho de 1952.

[2] Entrevista Alfredo Guevara.

[3] Conversação de combatentes do Moncada, *Resumen Semanal*, programa da TV cubana, 26 de junho de 1973.

[4] Entrevista José Tabares del Real.

[5] Depoimento de Melba Hernández, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[6] Entrevista Max Lesnick.

[7] Revista *Fundamentos*, janeiro de 1952.

[8] Entrevista Faure Chomón.

[9] Castro, Fidel – *Assaltado e Destruído o estúdio do escultor Fidalgo*, na revista *Bohemia*, 8 de fevereiro de 1953.

[10] "Os uniformes dos assaltantes ao Quartel Moncada", relato de Florentino Fernández de León, revista *Verde Olivo*, 26 de julho de 1964, Centro de Estudos de História Militar das FAR.

[11] Testemunho de José "Pepe" Suárez, Centro de Estudos de História Militar das FAR.

[12] Entrevista a Ernesto Tizol Aguilera, revista *Bohemia*, 20 de julho de 1973.

[13] Entrevista Ramón Castro.

Capítulo 16

[1] Entrevista Alfredo Guevara.

[2] Entrevista Jesús Soto.

[3] Espín Guillois, Vilma – *Homenagem a Frank País*, 30 de julho de 1997.

[4] Entrevista Armando Hart.

[5] Arias, Santiago Cardoso – *Presença de Fidel na Fazenda Acana*, em *Antes do Moncada* (ver bibliografia).

[6] Registro # 34, Estante Al.3. Caixa 3, File 1, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[7] Castro, Raúl - Pronunciamento, 26 de julho de 1961.

[8] Testemunho de Pedro Miret, revista *Verde Olivo*, 29 de julho de 1962.

[9] Depoimento de Teodulio Mitchell, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[10] O ABC Radical foi um dos grupos de ação durante a Revolução de 33.

[11] Castro, Fidel – Discurso, 26 de julho de 1963.

[12] Dados da certidão de nascimento: Fidel Angel Castro Díaz-Balart, nascido a 1º setembro de 1949, folio 285, tomo 48, Seção de Nascimento do Registro Civil, n.3.

[13] Entrevista Alfredo Esquivel.

[14] Idem.

[15] Castro, Fidel – Carta a Luis Conte Aguero, 12 de dezembro de 1953.

[16] Castro, Fidel – *Manifesto à Nação*, 1953, Arq. Fidel Castro, Caderno 28, folha 106 / 1620.

Capítulo 17

[1] Depoimento de Pedro Sarría Tartabull, Centro de Estudos de História Militar das FAR, ref. cit.
[2] Entrevista Bilito Castellanos.
[3] Idem.
[4] Entrevista Max Lesnick.
[5] Entrevista Alfredo Esquivel.
[6] Entrevista Ramón Castro.
[7] Entrevista Bilito Castellanos.
[8] Castro, Fidel – *Mentes, Chaviano*, revista *Bohemia*, 29 de maio de 1955.
[9] Rojas, Marta – *Gerardo Poll Cabrera, a primeira testemunha de A História me absolverá*, 1983.
[10] Depoimento de Luis Orlando Rodríguez, Arq. Fidel Castro, ref. Cit.
[11] Castro, Fidel – Carta a Ramón Castro, 5 de novembro de 1953.

Capítulo 18

[1] Castro, Fidel – Carta a Natty Revuelta, 18 de dezembro de 1953.
[2] Castro, Fidel – Carta a Natty Revuelta, 22 de dezembro de 1953.
[3] Refere-se a um dos participantes do Assalto ao Moncada, morto na ação.
[4] Castro, Fidel – Carta a Natty Revuelta, 22 de dezembro de 1953.
[5] Idem, 8 de dezembro de 1953.
[6] Idem, 18 de dezembro de 1953.
[7] Idem, 7 de novembro de 1953.
[8] Castro, Fidel – Carta a Luis Conte Agüero, 12 de dezembro de 1953.
[9] Castro, Fidel – Carta a Natty Revuelta, 18 de dezembro de 1953.
[10] O Hino do 26 de Julho é uma composição de Agustín Díaz Cartaya, um combatente proveniente da célula de Marianao. Fidel, quando soube que ele compunha, pediu-lhe que criasse uma canção épica. A letra receberia acréscimos na prisão de Boniato.
[11] Castro, Fidel – Carta a Mirta Díaz-Balart, 1º de março de 1954.
[12] Idem, 23 de março de 1954.
[13] Castro, Fidel – Carta à administração do Presídio, fins de março de 1954.

[14] Castro, Fidel – Carta a Natty Revuelta, 11 de abril de 1954.

[15] Idem, 12 de abril de 1954.

[16] Depoimento de Adriana González, funcionária do Juizado, Arq. Fidel Castro, ref.cit

[17] Castro, Fidel – Carta a Mirta Díaz-Balart, 4 de abril de 1954.

[18] Castro, Fidel – Carta a Melba Hernández, 17 de abril de 1954.

[19] Depoimento de Waldo Medina, Arq. Fidel Castro, ref.cit.

[20] Castro, Fidel – Carta a Mirta Díaz-Balart, 12 de maio de 1954.

[21] Castro, Fidel – Carta a Luis Conte Agüero, 12 de junho de 1954.

[22] Castro, Fidel – Carta a Luis Conte Agüero, 19 de junho de 1954.

[23] Castro, Fidel – Carta a Mirta Díaz-Balart, 20 de junho de 1954.

[24] Castro, Fidel – Carta a M. (Melba Hernández), 12 de maio de 1954.

[25] Castro, Fidel – Carta a M. e H (Melba e Haydée), 18 de junho de 1954.

[26] Depoimento de Luis Orlando Rodríguez, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[27] Castro, Fidel – Carta a M. e H. (Melba e Haydée), 19 de junho de 1954.

[28] *Com os presos políticos*, por Raúl Martín Sánchez, revista *Bohemia*, 9 de julho de 1954.

[29] Castro, Fidel – Carta a Mirta Díaz-Balart, 17 de julho de 1954.

[30] Castro, Fidel – Carta a Luis Conte Agüero, 17 de julho de 1954.

[31] Carta de Maria Lidia a Fidel, 19 de julho de 1954.

[32] Castro, Fidel – Carta a Maria Lidia, 22 de julho de 1954.

[33] Castro, Fidel – Carta a Luis Conte Agüero, 31 de julho de 1954.

[34] Castro, Fidel – Carta a Luis Conte Agüero, sem data (provavelmente dos primeiros dias de julho de 1954).

[35] Revista *Bohemia*, seção *Em Cuba*, por Enrique de La Osa, agosto de 1954.

Capítulo 19

[1] Entrevista Angelita Castro.

[2] Castro, Fidel – Carta a Maria Lidia, 29 de novembro de 1954.

[3] Os advogados Pelayo Cuervo Navarro e Jose Manuel Gutiérrez.

[4] Castro, Fidel – Carta a Maria Lidia, 8 de dezembro de 1954.

[5] Castro, Fidel – Carta a Ñico López, 1º de janeiro de 1955.

[6] Castro, Fidel – Carta a René Guitart, 18 de março de 1955.

[7] Castro, Fidel – Carta a Maria Lidia, 13 de março de 1955.

[8] Referência ao general Antonio Maceo, da Independência.

[9] Castro, Fidel – Carta a Luis Conte Agüero, 19 de março de 1955.

[10] *Diário Nacional*, 5 de abril de 1955.

[11] Entrevista Jorge Risquet.

[12] Fidel refere-se a Lidia, Emma, Raúl e a ele mesmo.

[13] Castro, Fidel – Carta a Maria Lidia, 2 de maio de 1955.

[14] Eduardo Rodríguez Alemán, José Suárez Blanco, Jesús Montané Oropesa, Ernesto Tizol Aguilera, Oscar Alcalde Valls, Fidel Labrador, Abelardo Arias Crespo, Pedro Miret, Ciro Redondo Garcia e Gustavo Arcos.

[15] Ramiro Valdés Menéndez, René Bedia Morales, Gabriel Gil Alfonso, José Ponce Diaz, Israel Tápanes Vento, Rosendo Menéndez, Andrés Garcia Diaz, Reinaldo Benitez, Eduardo Montano Benitez, Julio Diaz González e Francisco González.

[16] Jornal *Diário Nacional*, 17 de maio de 1955.

[17] Entrevista Max Lesnick.

[18] Idem.

[19] Entrevista Armando Hart.

[20] Reportagem de Agustín Alles Soberón, 22 de maio de 1955.

[21] Castro, Fidel – *Mentes, Chaviano*, revista *Bohemia*, 29 de maio de 1955.

[22] A reunião realizou-se na Calle Factoria, casa nº 62, em Havana Velha.

[23] Castro, Fidel – Jornal *La Calle*, 14 de junho de 1955.

[24] Castro, Fidel – no Ato de Condecoração a Raúl Castro como Herói da República de Cuba, março de 1998.

[25] Entrevista Maria Antonia Figueroa.

[26] Fidel refere-se aos marcos da Guerra de Independência. Fonte: revista *Bohemia*, 8 de julho de 1955.

Capítulo 20

[1] A esse respeito, pesquisas de Heberto Norman e Otto Hernández, historiadores da Oficina de Assuntos Históricos do Conselho de Estado da República de Cuba.

[2] Castro, Fidel – Carta a “Sara”, México, 16 de julho de 1955.

[3] Castro, Fidel – Carta ao “Médico”, 14 de julho de 1955.

[4] Castro, Fidel – Carta à "Doutora", 24 de julho de 1955.

[5] Referência aos cadetes, menores de 18 anos, que lutaram contra a invasão norte-americana em setembro de 1847.

[6] Castro, Fidel – Carta às "irmãs", 2 de agosto de 1955.

[7] Castro, Fidel – Carta a "Pedro Pérez Font", 1 de agosto de 1955.

[8] Castro, Fidel – Carta às "irmãs", 2 de agosto de 1955.

[9] Idem.

[10] Arquivo Fidel Castro, Caderno 38, folha 186, ítem 1047.

[11] Castro, Fidel – Mensagem ao Congresso de Militantes Ortodoxos, 15 de agosto de 1955.

[12] Castro, Fidel – Carta à "Doutora", escrita por Montané em nome de Fidel, 4 de outubro de 1955.

[13] Castro, Fidel – Carta a John (Sara, Pedro Pérez Font ou Luis Conte Agüero), 22 de outubro de 1955.

[14] Agustín Alles, com o fotógrafo Osvaldo Salas.

[15] Castro, Fidel – Discurso em Palm Garden, 30 de outubro de 1955, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[16] Castro, Fidel – Carta a Montané e Raúl, provavelmente na primeira semana de novembro de 1955.

Capítulo 21

[1] Castro, Fidel – Carta à direção do Movimento em Havana, Cayo Hueso, 4 de dezembro de 1955.

[2] Castro, Fidel – Convocatória ao Teatro Flagger, 16 de novembro de 1955.

[3] Castro, Fidel – Palavras no Teatro Flagger, 20 de novembro de 1955.

[4] Castro, Fidel – Carta aos responsáveis do Club do 26 de Julho em NY, México, 13 de dezembro de 1955.

[5] Castro, Fidel – Carta à Direção do 26, Miami, 10 de dezembro de 1955.

[6] Castro, Fidel – *Manifesto nº 2*, manuscrito de sete páginas, item 246, Caderno 44, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[7] Reflexão de Pedro Alomá Kessel, 14 de dezembro de 1955.

[8] Testemunho de Amália Solórzano, esposa de Lázaro Cárdenas, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[9] Entrevista Max Lesnick.

[10] Castro, Fidel – Carta à direção do Movimento, Cayo Hueso, 4 de dezembro de 1955.

[11] Entrevista Max Lesnick.

[12] Jornal *El País*, 3 de janeiro de 1956.

[13] Castro, Fidel – *Frente a Todos*, escrito a 25 de dezembro de 1955 e publicado na *Bohemia*, a 8 de janeiro de 1956.

[14] Castro, Fidel – *A Pátria e a Revolução em perigo*, 28 de outubro de 1956. Artigo enviado à *Bohemia* e não publicado, por cancelamento na hora da edição.

[15] Castro, Fidel – *A condenação que nos pedem*, revista *Bohemia*, 11 de março de 1956.

[16] Castro, Fidel – *O Movimento 26 de Julho*, 19 de março de 1956.

[17] Entrevista general José Quevedo.

[18] Conversações com Vilma Espín de Castro.

[19] Conversações com Manuel Piñeiro.

[20] Castro, Fidel – Discurso, 13 de março de 1966.

Capítulo 22

[1] Castro, Fidel – Carta à "Doutora", 10 de junho de 1956.

[2] Castro, Fidel – *Basta já de mentiras*, escrito na prisão do México e publicado parcialmente na revista *Bohemia* a 15 de julho de 1956.

[3] Castro, Fidel – Idem.

[4] Caderno 49, itens 284 a 297, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[5] Revista *Sucesos*, entrevista com Fidel Castro, 10 de setembro de 1966.

[6] Jornal *Excelsior*, *Amparo significativo*, Editorial, 4 de julho de 1956, México.

[7] Castro, Fidel – *Basta já de mentiras*, revista *Bohemia*, 15 de julho de 1956.

[8] Caderno 50, itens 297-301, julho de 1956, Arq. Fidel Castro, ref. Cit.

[9] Idem.

[10] Castro, Fidel – Carta a J.M.M, 24 de julho de 1956.

[11] Guillois, Vilma Espín – Homenagem ao 40 aniversário da morte de Frank País, 30 de julho de 1997.

[12] Castro, Fidel – *Carta sobre Trujillo*, 26 de agosto de 1956, artigo enviado à revista *Bohemia*, não publicado.

[13] Entrevista Faure Chomón.

[14] Caderno 50, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[15] Compunha-no: Faure Chomón Mediavilla, Fructuoso Rodríguez, Joe Westbrook e Juan Pedro Carbo Serviá.

[16] Entrevista Faure Chomón.

[17] A dúvida reside em declarações conflitantes de Prío e Fidel, respectivamente, sobre o episódio.

[18] Especificações do iate *Granma*, conforme o contrato: largura: 75 pés, peso bruto: 21 ton., líquido: 17 ton., velocidade: 5. milhas.

[19] Castro, Fidel – Revista *Sucesos* (México), 10 de setembro de 1966.

Capítulo 23

[1] Participavam do intento, em junho de 1956: Juan Pedro Carbó Serviá, Machadito, Fructuoso Rodríguez, Rolando Cubela e Ramón Guin. Após o triunfo da Revolução, os dois últimos participariam de uma conspiração para eliminar Fidel Castro. O mesmo grupo integrara a "Operação Palácio", um projeto dos "priístas" referido no capítulo 21, quando ainda não se constituíra o Diretório Revolucionário (DR).

[2] Entrevista Faure Chomón.

[3] Seu nome era Hermínio Díaz García. Vários anos depois, havendo-se vinculado à máfia e sido guarda-costas do capo Santos Trafficante, tentaria se infiltrar em Cuba ao chegar em um barco, próximo do Monte Barreo, no litoral da Província de Havana. Ali mesmo foi abatido pela polícia do regime. A esse respeito, ver *ZR – O Rifle que matou Kennedy*.

[4] Entrevista Faure Chomón.

[5] Entrevista Lionel Soto.

[6] O Burô Político do PSP era composto por: Juan Marinello, Blas Roca, Carlos Rafael Rodríguez, Severo Aguirre, Manolo Luzardo, Flávio Bravo, Lazaro Peña, Aníbal e Cesar Escalante.

[7] Conversações com Jesús Montané.

[8] Jornal *Alerta*, matéria de Benjamin de La Veja, 19 de novembro de 1956.

[9] Castro, Fidel – Carta a Ramón Vasconcelos, 17 de novembro de 1956, Arq. Fidel Castro, ref.cit. Registro 301, Caderno 50, itens 297 a 301.

[10] John Mapples Spiritto, um agente da CIA, rondava o grupo e confessou o seu plano de matar Fidel, quando detido em Cuba em 1962.

[11] Castro, Fidel – Discurso, 15 de março de 1997.

[12] Caderno 51, folha 303, item 1065, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[13] Relato de Roberto Roque, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[14] Relatos de Célia Sánchez, Lalo Vazquez e César Suárez, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[15] Entrevista Faure Chomón.

[16] Relato de Calixto García, ref. cit.

[17] UPI, 30 de novembro de 1956.

[18] *Diário da Guerra I*, Oficina de Publicações do Conselho de Estado da República de Cuba, Havana, 1991.

[19] Expressão de Ernesto ("Che") Guevara.

Capítulo 24

[1] *Diário da Guerra I*, Dez 1956 – Fev 1957, Oficina de Publicações, ref. cit.; UPI, 6 e 7 de dezembro de 1956.

[2] Entrevista Ramón Castro.

[3] Ciro Redondo, Efigenio Ameijeiras, René Rodriguez e Armando Rodríguez.

[4] Camilo Cienfuegos, Ramiro Valdés, Francisco González, Reinaldo Benítez e Rafael Chao.

[5] Entrevista Juan Almeida.

[6] Depoimento de Ana Rosa Soto, prima de Fidel – Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[7] Conversações com Jesús Montané.

[8] Guevara, Ernesto – *Projeções sociais do Exército Rebelde*, in: Obras Completas (bibliografia).

[9] Castro, Raúl – *Diário da Guerra*, dezembro de 1956 a fevereiro de 1957, Oficina de Assuntos Históricos do Conselho de Estado, 1986.

[10] *Diário da Guerra*, ref. cit.

[11] Significa Planície do Inferno.

[12] Entrevista Juan Almeida.

[13] Os dois filhos de Eutimio Guerra hoje são oficiais das Forças Armadas Revolucionárias (FAR).

[14] Testemunho de Manuel Fajardo, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[15] Matthews, Herbert – Entrevista a Fidel Castro, 17 de fevereiro de 1957; NY Times, 24 a 26 de fevereiro de 1957, reproduzido em revista *Bohemia*, 3 de março de 1957.

[16] Idem.

[17] Castro, Fidel – *Manifesto da Sierra Maestra* ou *Proclamação de Santiago e da Sierra Maestra*, 20 de fevereiro de 1957, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[18] Guevara, Ernesto – *Projeções sociais do Exército Rebelde*, ref. cit.

Capítulo 25

[1] Participavam desta unidade: José Azzeff, Pedro Martínez Brito, Joe Westbrook, Otto Hernández e Fructuoso Rodríguez.

[2] Os chefes da operação: Carlos Gutiérrez Menoyo e Menelao Mora. Participantes: Faure Chomón, Juan Pedro Carbó Serviá, José Machado (Machadito), entre outros.

[3] Rodríguez, Fructuoso – Carta a Rolando Cubela, in García Olivera, Julio – *Assalto à Rádio Relógio*.

[4] Sentença nº 4 do Tribunal Supremo de Justiça, Havana, 1964.

[5] Castro, Fidel – Carta a Vicente Cubillas, 15 de outubro de 1955.

[6] Depoimento do general Abelardo Colomé ("Furry"), que na época integrava o contingente recém-chegado, em Báez, Luiz – *Secretos de Generales*, (ver bibliografia)

[7] Depoimento de "Lalo" Sardiñas, camponês unido à guerrilha, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[8] Eram eles: Victor Buehlman, Mike Gravey e Chuk Ryan.

[9] Depoimento do cinegrafista Wendell Hoffman.

[10] Castro, Fidel em entrevista à CBS, 23 de abril de 1957. A transmissão ocorreu a 16 de maio de 1957.

[11] *Diário de Pitín*, um combatente – Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[12] Hart Dávalos, Armando – *Aldabonazo* (ver bibliografia)

[13] *Diário de Nano*, um combatente – Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[14] Entrevista Juan Almeida.

[15] Carta de Frank País a Fidel, 5 de julho de 1957.

[16] Idem.

[17] Carta de Frank País a Fidel, 11 de julho de 1957.

[18] Carta de Frank País a Fidel, 9 de julho de 1957.

[19] *Questões de unidade*, informe de Luis Buch a "Che" Guevara.

[20] Carta de Frank País a Fidel, 17 de julho de 1957.

[21] *Manifesto ao Povo de Cuba*, 12 de julho de 1957, Arq. Fidel Castro, Cad. 55, itens 326/329.

[22] Nota de Frank País a Fidel, 12 de julho de 1957.

[23] Carta de Frank País a Fidel, 20 de julho de 1957.

[24] Rabe, Stephen G. – "Eisenhower and Latin America: The Foreign Policy of Antiommunism", Univ. of North Carolina, 1988.

[25] Carta de Frank País a Fidel, 24 de julho de 1957.

[26] Castro, Fidel – Mensagem a Frank País, 11 de julho de 1957.

[27] Conversações com Manuel Piñeiro.

[28] Depoimento do Dr. Julio Martínez Páez, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[29] Jornal *El País* e Rádio Progreso, 1º de agosto de 1957.

[30] Castro, Fidel – Carta a Aly (o outro pseudônimo de Célia), 31 de julho de 1957.

[31] Diário de Juan Almeida, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[32] Os conceitos "llano" e "sierra", no movimento cubano, nos reportam à oposição "planície" e "montanha" na fase mais radical da Revolução Francesa, quando instituída a Primeira República (1793). Nessa, representavam não só a localização dos assentos na Assembléia, como as posições ideológicas de determinados grupos.

[33] Carta de René Ramos Latour ("Daniel") a Fidel Castro, 18 de setembro de 1957.

[34] Entrevista Emílio Aragonés.

[35] Castro, Fidel – Carta à Célia Sánchez, 11 de agosto de 1957.

[36] Entrevista Angel Fernández Villa ("Fernando" ou "Horácio"), delegado de Propaganda do M-26-7 em Havana.

[37] Entrevista Armando Hart.

[38] Pérez, Faustino – *Resposta à tese: O movimento operário na etapa insurrecional*, arquivo pessoal do autor.

[39] Entrevista Angel Fernández Villa.

[40] Entrevista Julio Martínez Paez.

[41] St. George, Andrew – revista *Look*, 4 de fevereiro de 1958.

[42] Guevara, Ernesto – *Retratos da guerra revolucionária*, in Obras Completas (ver bibliografia).

Capítulo 26

[1] Maristany era a figura que acompanhava Prío ao encontro com Fidel em 1956.

[2] Tuñón estava exilado por envolvimento em conspirações. Fonte: Entrevista general José Quevedo.

[3] Entrevista Raúl Chibas.

[4] Castro, Fidel – Carta a Mario Llerena, 30 de outubro de 1957.

[5] Entrevista Armando Hart.

[6] Entrevista Ramón Sánchez Parodi.

[7] Entrevista Armando Hart.

[8] Informe de Luis Buch e Armando Hart a "Che" Guevara, novembro de 1957.

Capítulo 27

[1] Entre estes, Rolando Cubela, Julio García Olivera, Tony Santiago, Pepín Naranjo e Enrique Rodríguez Loeches.

[2] Escambray é o nome da serra regional.

[3] Menoyo filiara-se ao Diretório Revolucionário após a morte de seu irmão Carlos, um dos principais coordenadores do assalto ao Palácio Presidencial. Por conta deste passado, galgara o posto de chefe de ação, logo com a incumbência de criar a Frente. Fonte: Escalante Font, Fabián (ver bibliografia)

[4] Entrevista Faure Chomón.

[5] Escalante Font, Fabián – ref. cit.

[6] Homer Bigart.

[7] Guevara, Ernesto – *Retratos da guerra revolucionária*, ref.cit.

[8] Mensagem de Fidel a "Che" Guevara, 16 de fevereiro de 1958, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[9] Del Valle seria o segundo médico a unir-se à guerrilha, precisamente na coluna de "Che" Guevara. Anos depois ocupou o cargo de Ministro do Interior.

[10] Pérez, Faustino – Carta ao reitor da Universidade de Havana, Dr. Fernando Rojas, 21 de novembro de 1983.

[11] Pérez, Faustino – Discurso no 25º aniversário da Greve de Abril, Sagua la Grande, 1983.

[12] Manifesto dos 22 Pontos, 12 de março de 1958, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[13] Entrevista Angel Fernández Villa. A partir da segunda metade do ano de 1957, houve uma seqüência de ações urbanas, como "A noite das 100 bombas", detonadas concomitantemente em vários pontos da capital; a

explosão de tanques da refinaria; a execução de soldados da tirania e a sabotagem nos cabos elétricos que deixou Havana três dias sem luz.

[14] Fangio foi seqüestrado para ser impedido de participar de um grande evento promovido por Batista: o II Grande Prêmio de Cuba. Afinal seria entregue, tranqüilo e ileso, às autoridades diplomáticas de seu país pouco mais de 24 horas depois.

[15] Em: *La rebelion de la juventud*, revista *Elite*, Havana, 13 de abril de 1958.

[16] Entrevista Faure Chomón.

[17] Entrevista Lionel Soto.

[18] Conversações com Jesus Montané Oropesa. A este respeito, ver também: Soto, Lionel – *La Revolución de 33* (bibliografia).

[19] Antonio (Tony) Pérez Herrero, o dirigente rural José (Pepe) Ramírez e Osvaldo Sánchez, chefe do dispositivo militar do partido, estavam entre os primeiros.

[20] Entrevista Tony Pérez.

[21] Pérez, Faustino – Testemunho, Universidade de Havana, 15 de março de 1984.

[22] Ursinio Rojas e Carlos Rafael Rodríguez são os mais mencionados nos documentos.

[23] Pérez, Faustino – *O movimento operário na etapa insurrecional*, arq. pessoal do autor.

[24] Castro, Fidel – Mensagem, 26 de março de 1958, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[25] Conhecida como expedição de "El Corojo".

[26] Entrevista Alfredo Guevara.

[27] Idem.

[28] Há que mencionar que Léster Rodríguez, o primeiro delegado bélico, fora substituído por Bebo Hidalgo após o Pacto de Miami.

[29] Carta-Informe de Raúl Castro a Fidel Castro, 20 de abril de 1958.

[30] O núcleo dirigente em Santiago era composto por "Daniel" (René Ramos Latour), "Zoilo" (Marcelo Fernández), "Débora" (Vilma Espín) e David Salvador.

[31] Gravação. Movimento 26 de Julho, Documentos. Reunião de dirigentes sobre o sucedido na greve de abril. Participantes: Faustino Pérez, Octavio Louit Cabrera, Arnol Rodríguez, Luis Buch, Marcelo Fernández, Angel Fernández Villa, Hector Ravelo.

[32] Conversações com Arnol Rodríguez.

[33] A Rádio Rebelde foi dirigida por Luis Orlando Rodríguez (o ex-dono do jornal *La Calle* onde escrevera Fidel), tendo por locutores principais Orestes

Valera e Ricardo Martínez, além de Violeta Casals e Jorge Enrique Mendoza Reboredo. O técnico era Eduardo Fernández.

[34] Carta de "Che" Guevara a Pupo (membro do M-26 no oriente), 8 de janeiro de 1958.

Capítulo 28

[1] Carta de Fidel ao Comitê do Exílio, Caderno 82, ítens 541-555, Arq. Fidel Castro, ref. Cit.

[2] Guevara, Ernesto – *Una reunión decisiva*, em Obras Completas (ver bibliografia)

[3] Entrevista Luis Buch.

[4] Carta de Faustino Pérez a Armando Hart, 3 de outubro de 1958.

[5] Parte do 26 de Julho, identificada com a Resistência Cívica e os católicos, opôs-se ao que chamou de influência comunista no movimento revolucionário, mostrando o que de fato desejava: a volta ao regime anterior ao golpe de Batista. Ver ainda: Pérez, Faustino – Carta a companheiros no exílio, 13 de abril de 1958.

[6] Buch, Luis – *Mas alla de los codigos* (ver bibliografia)

[7] Entrevista Tony Pérez.

[8] Carta anônima a Fidel, 19 de abril de 1958, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[9] "Daniel" (René Ramos Latour) foi destituído da coordenação do 26 na "planície", Faustino foi deslocado para a Sierra onde assumiria tarefas administrativas e David Salvador foi substituído por Antonio Torres.

[10] Castro, Fidel – Entrevista a Enrique Meneses, *Le Figaro-Paris-Match*, março de 1958.

[11] O grupo de médicos incluiria, além de Martínez Páez, René Vallejo, Bernabé Ordaz e Manuel Fajardo.

[12] Castro, Fidel – em *A Palavra*, programa radiofônico, janeiro de 1959.

[13] Castro, Fidel – Mensagem a Célia, 5 de junho de 1958.

[14] Castro, Fidel – *Instruções da Comandância Geral aos Comandantes de Colunas*, Mensagens, junho de 1958.

[15] Castro, Fidel – Mensagem a "Che" Guevara, 19 de junho de 1958

[16] Formavam parte do Quinteto: Osvaldo (depois substituído por Ruben de la O), Alejandro, Eugenio e Gerardo Medina, e Alcides de la O.

[17] A rede secreta de "escuta" em que operava Rosita Casan (presa e torturada em 18 de julho de 1958) prestou valiosos serviços: a descoberta da

traição de José Morán Losilla (o Gallego Morán), ex-expedicionário do *Granma* que passou a prestar serviços ao Exército; a identificacão do delator de Frank País e a preservação da vida de Armando Hart, detido e torturado no oriente em 11 de janeiro de 1958.

[18] Castro, Fidel – *La Batalla de El Jigue*, manuscrito, 24 de julho de 1958, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[19] Eulogio Rodríguez, cozinheiro da Companhia 103.

[20] Castro, Fidel – Carta a Quevedo, 19 de julho de 1958.

[21] Entrevista general José Quevedo.

Capítulo 29

[1] O comando de Raúl, dividido em seis colunas, chegou a controlar um território de 15 mil quilômetros, no qual situavam-se ricas jazidas minerais – níquel, ferro, cromo e cobalto – exploradas por empresas norte-americanas e 18 das principais usinas açucareiras. Constituía-se em uma república própria, com departamentos de justiça, construção e comunicações, finanças, propaganda, educação e saúde – esta coordenada pelo Dr. José Ramón Machado Ventura. Organizou o campesinato da região e conteve os focos de banditismo que ali fermentavam, em função do trabalho de um Corpo de Inteligência Rebelde, sob a chefia do comandante Manuel Piñeiro (Barba Roja), encarregado ainda de espionagem, interrogatórios a detidos e elaboração de croquis da região.

[2] Barnet, Richard J. – *Intervention & Revolution: The United States in the Third World*, NY, 1972.

[3] Lyman Kirkpatrick. No mesmo momento, em Caracas, Luis Buch, enquanto representante do Movimento 26 de Julho, iniciava negociações com Bill Patterson, da embaixada dos Estados Unidos, sobre a “transição” em Cuba. Acertaram, em primeira instância, a retirada dos “marines” do aqueduto de Yateritas em 31 de julho, deixando a administração do local para o Exército Rebelde.

[4] David Atlee Phillips estabelecera-se em Havana como diretor de uma agência de relações públicas. A respeito, ver: *ZR – O Rifle que matou Kennedy*, desta autora.

[5] Entrevista Armando Hart.

[6] “Caracas, 18 de agosto 18 de 1958, 9 horas. Entrevista com um funcionário do Ministério da Defesa dos Estados Unidos... Começou com sucinta explicação dos postulados democráticos sustentados pelo M-26-7... cha-

mou-se a atenção sobre o apoio moral e material que a missão militar norte-americana brinda a Batista...(...) Dissemos que nós não permitimos, nem permitiríamos, em momento algum, nem ajuda, nem intervenção a nosso favor, já que somente exigimos de seu governo a mais absoluta neutralidade em nossos problemas internos...O delegado do National Security Council (NSC) mostrou o seu desgosto com alguns gestos de seu próprio governo, muito especialmente a condecoração de Tabernilla, o chefe do Estado Maior Conjunto do exército de Cuba... (...)...Pergunta (do Inspetor): Se estimávamos que o colapso de Batista se daria a partir do exército regular. Resposta: O exército, ante o descalabro que sofreu na ofensiva, chegaria à sua total descomposição. Batista procuraria uma saída mediante uma Junta Militar... O Movimento 26 de Julho havia traçado a linha irremissível de não aceitar jamais uma Junta Militar... Pergunta: Todas as forças revolucionárias que combatem Batista estão unidas? Resposta: Uma Frente Cívico Revolucionária (FCR) acaba de se constituir. Pergunta: O Dr. Carlos Prío Socarrás participa nisto? Resposta: Sim. Pergunta: Que pensa o Movimento com relação ao comunismo? Resposta: Consideramos o Partido Comunista débil. Somente teve força no regime anterior de Batista... Não participa na unidade, porque, em recente documento, manifestou-se pela possível solução dos problemas cubanos mediante um processo eleitoral... Controlam alguns setores, como os tipógrafos e os tabaqueiros e, em menor escala, alguns açucareiros... (..)"

[7] O Departamento de Estado também retrucou às perguntas do 26 de Julho. Buch as formulou e, no dia 12 de setembro, vieram as respostas, informadas a Fidel por mensagens cifradas. O governo estadunidense mencionou os generais Martín Díaz Tamayo e Eulogio Cantillo como chefes de um provável e breve golpe militar. Estimava que a Junta Militar que se formaria teria que entregar o poder aos revolucionários em 48 ou 72 horas. No caso do juiz Manuel Urrútia (pré-designado Presidente do governo provisório pelos rebeldes) assumir o cargo, cumprindo os requisitos de manutenção da ordem e de reconhecimento dos compromissos internacionais, afirmava que seria prontamente reconhecido pelos Estados Unidos. Quanto a se o embargo de armas a Batista se manteria, respondeu: "Enquanto a revolução tiver força – e tudo indica que vai num crescendo –, o governo dos Estados Unidos o manterá, pela simples razão de que não lhe convém entregá-las...". O texto enviado a Buch mencionava ainda um encontro entre o embaixador norte-americano em Cuba, Earl Smith, e Batista, onde este reconhecera haver perdido o controle sobre o território nacional. Smith julgava que o Departamento de Estado sucumbia de uma vez à força rebelde.

[8] Castro, Fidel – Alocução por Rádio Rebelde, agosto de 1958.

[9] Castro, Raúl – *Sobre a estratégia militar do Exército Rebelde*, julho de 1996.

[10] Idem.

[11] Entre os quais sete oficiais, como os capitães Paz e Cuevas e “Daniel” (René Ramos Latour).

[12] Os médicos do Exército Rebelde realizavam as cirurgias em algum refúgio antiaéreo ou ao ar livre, quando de máxima urgência; mas em certas ocasiões era preciso interrompê-las, dado que a aviação retomava o bombardeio.

[13] Mañach, Jorge – in revista *Cuadernos*, publicação do Congresso pela Liberdade da Cultura, junho de 1958.

[14] Sob a coordenação do Dr. José Miró Cardona, eminência da Ordem dos Advogados e da Resistência Cívica, outros firmantes eram: Enrique Rodríguez Loeches (Diretório Revolucionário - DR), David Salvador (Unidade Operária), Justo Carrillo Hernández (Grupo Montecristi) e Carlos Prío (Organização Autêntica - OA); Lincoln Rondón (Partido Democrata), José Puente e Omar Fernández (FEU), Capitão Gabino Rodríguez Villaverde, ex-oficial do Exército e Angel María Santos Buch (Resistência Cívica).

[15] Além do exposto sobre Carlos Prío e seu elo com a CIA, o grupo Montecristi, que se vinculara a oficiais das Forças Armadas, também manteve ligações com a agência. A afirmação consta do *Informe Taylor*, de autoria do general norte-americano do mesmo nome, concluído em junho de 1961, ao referir-se à conjuntura anterior ao triunfo da Revolução cubana.

[16] Entrevista Antonio Llibre.

[17] Castro, Fidel – Entrevista ao argentino Jorge Ricardo Masetti, maio de 1958, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[18] À Segunda Frente, haviam-se unido os dirigentes comunistas Jorge Risquet, Severo Aguire, Luis Más Martín e Juan Escalona Reguera, entre outros. A “Che” Guevara unir-se-ia Armando Acosta.

[19] Entrevista Antonio Llibre.

[20] Castro, Fidel – Carta a “Che” Guevara, 19 de setembro de 1958.

[21] Integrada por 160 rebeldes, a 22 de setembro, a coluna penetrara na província. O seu capitão, Jaime Vega Saturnino, acusado de erro, foi depois submetido a um Conselho de Guerra.

[22] Entrevista Faure Chomón.

[23] Os comandantes eram Faure Chomón, Tony Santiago e Rolando Cubela.

[24] Entrevista Eloy Gutiérrez Menoyo.

[25] Sob o comando de Victor Bordón.

[26] Castro, Fidel – Mensagem a Faustino Pérez, 9 de setembro de 1958.

[27] Para as usinas, prescreveu-se uma taxa de 15 centavos por saca de açúcar produzido, e as que operavam com colonos deviam saldar o total e depois descontar dos produtores cinco centavos por saca, na safra seguinte. Até o fim da guerra, pagariam impostos à ACTL: Usina San Germán; Cia. Açucareira Fidelidad S. A Holguín; Cia. Açucareira Alta Gracia; Baltony Belona Sugar Company e Borjitas; Cia. Açucareira América S.A.

[28] Donos de cafezais e pecuaristas com mais de 100 reses. Se o proprietário realizasse uma doação ao Movimento, esta era deduzida dos impostos.

[29] Castro, Fidel – Carta a Raúl Castro, 8 de setembro de 1958.

[30] Castro, Fidel – Carta a Almeida, 23 de setembro de 1958.

[31] Castro, Fidel – Ordem militar, 13 de setembro de 1958.

[32] O texto foi redigido em comum com o advogado Humberto Sorí Marín, o Auditor Rebelde.

[33] O limite fora estabelecido pela Constituição cubana de 1940.

[34] Sob o comando de Dermídio Escalona.

[35] Entrevista Julio Martínez Páez.

[36] Entrevista Antonio Llibre.

[37] Entrevista general José Quevedo.

[38] Entre elas: Lola Feria, Edemys Tamayo, tenentes Teté Puebla e Isabel Rielo, a chefe.

[39] Castro, Fidel – Mensagem a Magaly Montané, 12 de outubro de 1958.

[40] Comandante Félix Torres. Fonte: Cienfuegos, Camilo – *Diário de Campanha*, 9 de outubro de 1958.

Capítulo 30

[1] O Exército Rebelde emitira a "Lei nº 2 da Sierra", em 10 de outubro, que estipulava pena de 30 anos de prisão a todo aquele que participasse como candidato na "farsa eleitoral". Com um perfil pouco significativo de candidatos, entre os quais alguns do PSP, no dia da votação, a 3 de novembro, elegeu-se para a Presidência Rivero Agüero, com 20% de comparecimento às urnas.

[2] O outro que os acompanhava era o cubano Enio Leyva, um colaborador do 26 de Julho.

[3] Ainda sob o comando de Félix Torres.

[4] Entrevista Faure Chomón.

[5] Idem.

[6] Correspondia a sete toneladas: 100 mil balas 30.06; 150 fuzis Garand; dez metralhadoras de trípode, calibre 30 com seus artefatos; 20 fuzis-metralhadoras Browning, 100 granadas de mão, muitos equipamentos e um fuzil FAL para Fidel de presente da Venezuela.

[7] FONU foi uma denominação proposta pelos comunistas, para apagar resquícios do quadro anterior, onde a tendência anticomunista da FON estava representada no dirigente David Salvador.

[8] Trabalhadores em terras do Estado, que lhe deviam 30% do valor da colheita.

[9] A cifra correta é de 199.817, conforme o Censo Rural de Cuba, ano 1957.

[10] Castro, Fidel – Carta a Wolfgang Larrazábal, 10 de dezembro de 1958.

[11] Suárez de la Paz, Echemendía – Relatório particular, Arquivo do M-26-7, dezembro de 1958.

[12] Mensagem em código enviada a Fidel pelo M-26-7, Havana, 22 de dezembro de 1958.

[13] Mensagem de Fidel ao M-26-7 em Havana, 22 de dezembro de 1958.

[14] Campañat, enquanto agente duplo, servira de enlace entre o Movimento e o Exército. Havia atuado no Burô Repressivo de Atividades Comunistas (BRAC) e contava com trânsito na embaixada norte-americana.

[15] Llada, Pardo – Testemunho, Arq. Fidel Castro, ref. cit.

[16] Manolo Penábaz.

[17] Yolanda de Ruiz.

[18] Mario Hidalgo.

[19] Entrevista Armando Hart.

[20] No estabelecimento, encontravam-se importantes elementos da oposição, tais como: Jesús Montané e Armando Hart, do 26 de Julho; Lionel Soto, da Juventude Comunista; além dos oficiais militares Ramón Barquín, Enrique Borbonet e José Ramón Fernández.

[21] Quintín Pino Machado e Mario Hidalgo.

Discursando no Quartel Moncada, em Santiago de Cuba, 1959

Entrada triunfal do Exército Rebelde em Havana, no dia 8 de janeiro de 1959

Delta
AIR LINES
NADA MAS RAPIDO
NADA MAS LUJOSO
Glidden

Exemplo de luta

Oscar Niemeyer

É difícil falar sobre Fidel Castro sem cair na monotonia de frases já ditas. Para esta biografia tão importante escrita por Claudia Furiati, vou tentar fazer isto aqui. Embora um pouco constrangido, vou contar alguns fatos que entre nós ocorreram. Lembro-me, muitos anos passados, de quando Fidel me convidava para um projeto na Praça da Revolução, em Havana. Eu estava em Paris e, para ir a Cuba, teria que passar pela Espanha e de lá, num avião soviético, voar para a capital cubana. Não fui.

Depois, foi a vida a nos aproximar, com declarações que eu fazia sobre a Revolução Cubana, os protestos que assinava, as respostas que dava nos interrogatórios policiais, quando me perguntavam sobre ele e sua revolução. E ficamos amigos.

No escritório de Niemeyer, em Copacabana, no Rio de Janeiro

De longe, Fidel me convocava e, como sabia da minha ojeriza por aviões, dizia sorrindo aos que lá circulavam: "Vou mandar um navio buscar o Niemeyer". E passamos a nos encontrar, sempre que ele vinha no Brasil. Recordo uma noite em que esteve em meu escritório, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Convoquei os amigos, e até meia-noite ele ficou a falar sobre a Revolução Cubana, as ameaças que surgiam, o cerco odioso que os norte-americanos mantinham contra o seu país. E o ouvíamos, surpresos não apenas com o seu talento verbal, mas principalmente com a coragem com que ele luta contra a pobreza e a miséria deste estranho mundo que deseja modificar.

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO II - DO SUBVERSIVO AO ESTADISTA

Editora Revan

FidelCastro
UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA
TOMO II - DO SUBVERSIVO AO ESTADISTA

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO II - DO SUBVERSIVO AO ESTADISTA

1ª Edição

Editora Revan

In memoriam

A Jesús Montané Oropesa e
Manuel Piñeiro Losada,
chaves de realização
desta obra que não
puderam ver concluída.

Sumário

TOMO II

Prefácio

Fidel Castro: a formação da alma

Marcello Cerqueira

O objetivo deste livro é o de contribuir para que uma das maiores figuras do século XX, afinal, tenha a sua merecida biografia. Churchill e De Gaulle (autobiografias e biografias), Roosevelt, Stálin (biografias de seus idólatras e a verrina de Isaac Deutscher: *Stálin – a história de uma tirania*), Trotsky, Lênin, Gandhi, Mao, Kennedy, João XXIII, João Paulo II, "Che" Guevara, Salvador Allende, Mandela,Vargas, Perón, entre tantos estadistas e políticos que marcaram o século XX, tiveram suas vidas relatadas minuciosamente, alguns já como revisão política e histórica.

Este livro cobre uma lacuna. Em seu *A Ilha* (1974; 30ª ed. Cia. das Letras, SP, 2001), Fernando Morais se ressente de uma biografia do líder cubano. Herbert L. Matthews (*Fidel Castro: uma biografia política*, ed. Civilização Brasileira, Rio, 1970), repórter do *The New York Times*, em 1957 consegue furar o bloqueio imposto pelas tropas de Fulgêncio Batista ao reduto revolucionário de Sierra Maestra, entrevista Fidel e revela ao mundo a guerrilha que visava emancipar Cuba da tutela norte-americana. Acompanhando a Revolução Cubana até sua vitória, Matthews produz, em 1968, uma biografia política de Fidel, reconhecendo a dificuldade de escrever sobre uma figura tão fascinante e multifacetada mantendo frio distanciamento, mas se propondo a oferecer um testemunho honesto e imparcial do que viu e sentiu.

Impedido de sair da Ilha de Manhattan, em Nova Iorque, Fidel, que viajara para a 15ª Sessão da Assembléia Geral das Nações Unidas, recusando as exigências impostas pelo Hotel Shelburne onde se hospedava, com a delegação cubana se transfere para o Hotel Theresa, no Harlem, onde se encontra com o líder muçulmano Malcolm X, narrado no livro de Rosemari Mealy, *Fidel & Malcolm X – Lembranças de um encontro* (Casa Jorge Editorial, NT, 1995). Entre nós, salvo omissões, temos também, sobre o líder cubano: *Fidel Castro: A Dívida Externa* (L&PM), *Salvação da América Latina* (Revan) e *Homem novo e nova mulher em Cuba* (Revan), *Che na lembrança de Fidel* (Casa Jorge Editorial); *De Martí a Fidel*, Moniz Bandeira, Civilização Brasileira; *Fidel Castro - os Grandes Líderes*, John J. Vail, Nova Cultural; *João Paulo II e Fidel Castro*, Roque Schneider pe., Loyola; *Fidel Castro*, Emir Sader, Atica; *Alina: Memórias da filha de Fidel Castro*, Alina Fernandez, Atica; *Fidel e a religião*, Frei Betto, Brasiliense; ainda Tad Szulc, *Fidel a critical portrait*, EUA, 1985, publicado no Brasil pela Best Seller com o título *Fidel – um retrato crítico*.

Anoto, entre escassas biografias em inglês, *Fidel Castro*, Quirk Robert, W.W Norton Ed., e Hugh Thomas, *Cuba or the pursuit of freedom*, Londres, 1971; as biografias do Che em comemoração aos trinta anos de sua morte: "*Che*" *Guevara: a Vida em Vermelho*, Jorge G. Castañeda, Cia. das Letras, e "*Che*" *Guevara: uma Biografia*, Jon Lee Anderson, Objetiva, entre outras, naturalmente tendo o "Che" como centro, abordam sua relação com Fidel e projetam luz sobre o líder cubano.

Entretanto, não creio que esta biografia de Fidel, que Claudia Furiati nos oferece, tenha competidor na liça. São mais de nove anos de pesquisa que alia o rigor acadêmico ao acesso a fontes até então não reveladas. O biografado, que facilitou a consulta aos documentos do governo cubano, admite que não é uma biografia autorizada, mas consentida: prudente, reserva-se o líder. O desafio de escrever esta "densa" biografia, esclarece a autora

em seu Prólogo, foi uma aventura – que decorreu de suas longas relações com a Ilha, seu povo, e do convívio com os líderes da Revolução e seu Comandante.

Claudia permaneceu durante o ano de 1992 em Cuba, para pesquisar as relações entre os autores dos diversos atentados a Fidel e aqueles que executaram John Kennedy, justo quando o então Presidente norte-americano sinalizava com o abrandamento das sanções que os Estados Unidos impunham e ainda impõem a Cuba, agravadas recentemente (julho de 2001) pelo novo Presidente W. Bush. Informações consistentes do Serviço Secreto de Cuba abriram caminho para o instigante *ZR – O Rifle que matou Kennedy* (Revan, 1993), também editado em inglês, grego, espanhol e russo. Já por essa época, Claudia dedicava-se a estudar Fidel, conhecê-lo mais profundamente, reunir material para escrever um ensaio, em que o fascínio que o líder exercia sobre ela não a impedisse de um distanciamento capaz de compor, "com senso crítico", biografia isenta, e com os rigores que uma pesquisa séria demanda. E assim fez. Destaca a autora, em seu Prólogo, essa espécie de imunidade que acompanha Fidel, sempre exposto a situações extremas, como pessoa e como líder de uma nação, e talvez mais do que isso, com a morte e a tragédia em seus calcanhares, mas jamais conseguindo alcançá-lo.

Antes de Fidel completar 70 anos (1995), a autora decidiu ser o momento de apresentar-lhe a sinopse de um projeto de sua biografia. Criativo, o esboço dividia sua trajetória em sete partes distintas, alcançando as sete décadas de sua vida: os sete fôlegos do gato! Embora sempre reservado no que se refere à sua vida pessoal e extremamente cuidadoso com os bastidores dos acontecimentos políticos que protagonizou, o fato era que Fidel, em conversa com amigos íntimos, já revelava lembranças, registrava memórias. Animada por essas confidências, perguntou-lhe: "Não chegou o momento de deter-se a discorrer sobre sua vida e obra, Comandante?" Fidel não respondeu. Fechou-se em copas. Mas não negou, nem deu sinais de aborrecimento. Tão

cioso de sua vida pessoal e suas articulações políticas, não estaria aí escondido um sinal de que a pergunta o teria abalado?

O silêncio levou a autora a procurar o histórico ajudante de Fidel, comandante Jesús Montané, entregando-lhe o projeto da biografia. Após três meses, lhe respondeu com uma aparente contradição: Fidel abriria todos os seus arquivos secretos, confidenciais e reservados ... mas não queria ser biografado. Afinal, a solução sui generis, sugerida por ele mesmo, deixava explícita sua concordância – seria uma biografia consentida. Ele só a leria depois de publicada, podendo dela discordar. Com relações de mútua confiança com políticos e intelectuais cubanos desde a década de 70 e ancorada no prestígio de seu livro *ZR – O Rifle que matou Kennedy*, a autora, em meio a dificuldades de toda sorte, a que não faltaram ameaças, ainda contou com a inestimável ajuda do comandante Manuel Piñeiro, chamado Barba Roja, chefe da inteligência do governo cubano por mais de duas décadas. Sua amizade com o comandante Raúl Castro também a ajudou em sua enorme empreitada.

Pois aqui vai uma biografia completa do Comandante cubano, desde seu nascimento em uma fazenda no início do século até nossos dias. A obra é articulada em dois tomos. O primeiro, com quatro partes, retrata os antecedentes de Fidel, de como seu pai, Angel Castro, galego, em fins do século XIX, se estabelece em Cuba, até a vitoriosa marcha para Havana. A riqueza de pormenores, desde a formação do jovem Fidel até as agruras da luta guerrilheira, vão descritas com incontáveis informações e revelações, além de forte narrativa literariamente bem expressa. Afinal, Fidel envia instruções para que "Che" Guevara tome a Fortaleza de La Cabaña e Camilo Cienfuegos, o quartel central de Columbia. A revolução está vitoriosa. O tomo termina com um desabafo de Fidel: "Se eu estivesse morto, todos diriam que eu estava errado". Está encerrada a viagem pelo primeiro tomo.

Em suas Memórias, Churchill adota, tanto quanto possível, o método desenvolvido por Defoe em *Memórias de um*

Cavaleiro, no qual o autor articula a crônica e a discussão dos grandes acontecimentos militares e políticos com o fio das experiências pessoais de um indivíduo (Winston S. Churchil, *Memórias da Segunda Guerra*, Nova Fronteira, RJ, 1995; Daniel Defoe, *Mémoires d'um cavalier*, in Moll Flanders, Gallimard, Paris, 1951). De alguma forma, Claudia reproduz a técnica de Defoe no segundo tomo. Tendo como fio condutor a saga de Fidel, a autora discorre sobre os acontecimentos políticos e militares desde o advento da Revolução Cubana. Narra, discute, esclarece. A luta do povo cubano pela preservação da Ilha, a liderança e a obstinação do líder, se confundem, ou melhor, se integram, formando quase uma só história. Que mundo conheceu a Revolução Cubana? Em que mundo ela se desenvolveu, em meio a que crises e contradições?

Os 45 anos que vão do lançamento, pelos Estados Unidos da América, das bombas atômicas sobre o Japão, até o fim da União Soviética, marca o confronto entre as duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial: a chamada "guerra fria". Apesar da retórica apocalíptica dos contendores, e das constantes tensões, ao aceitarem a divisão do mundo ao final da guerra, os EUA e a URSS afastaram o perigo de uma nova contenda mundial (que não aconteceu!), cada país mantendo sua zona de influência. Com o ingresso da URSS no clube nuclear, as grandes potências abandonariam a opção pela guerra mundial como instrumento de ação política. Seus líderes mais conscientes viam a possibilidade de um conflito nuclear como um verdadeiro pacto suicida. Sem embargo disso, não resultou suficientemente esclarecido se as superpotências chegaram seriamente a considerar a possibilidade de uma ação nuclear contra terceiros – os EUA na Coréia em 1951 e para salvar os franceses no Vietnã em 1954; a URSS contra a China em 1969. Hoje se sabe que as armas não chegaram a ser utilizadas, mas a ameaça nuclear para acelerar as "negociações de paz" foi empregada, abalando os nervos de várias gerações.

A crise dos mísseis cubanos de 1962, um exercício de força inteiramente supérfluo, por alguns dias deixou a humanidade à beira de uma guerra desnecessária. O líder soviético Nikita S. Krushov decidiu colocar mísseis soviéticos em Cuba, para contrabalançar os mísseis americanos já instalados no outro lado da fronteira soviética com a Turquia. Os EUA obrigaram a retirar os mísseis com a ameaça de guerra, mas também retiraram os mísseis da Turquia. Os mísseis soviéticos, como sabia Kennedy, não faziam diferença para o equilíbrio estratégico, embora extremamente relevantes para a política interna americana. Os mísseis americanos retirados foram descritos como obsoletos. Como agora se conhece, a principal preocupação dos dois lados era impedir que gestos belicosos fossem interpretados como medidas efetivas para a guerra (Hobsbawm, 1995, citando Burlatsky, 1992; Ball, 1992 e Ball, 1993; Walker, 1988). De qualquer forma, o acordo para retirar os mísseis da Ilha garantiu o mais importante para Cuba: o compromisso dos EUA de não invadir Cuba, que é observado até hoje.

Essa "coexistência pacífica" não impediria que as superpotências iniciassem insana corrida armamentista estimulada pela política belicista norte-americana, por aquilo que o Presidente Eisenhower chamou de "complexo industrial militar", ou seja, o crescimento cada vez maior de homens e interesses que viviam da preparação da guerra. A capacidade militar excedente era usada pelos governos para atrair e armar aliados e clientes, conquistando lucrativos mercados de exportação, reservando-se os armamentos mais atualizados e naturalmente as armas nucleares. A prosperidade durante os anos 50, que Hobsbawm chamou de "Os anos dourados", com o desenvolvimento americano e a recuperação dos países europeus e do Japão no pós-guerra, ocorreu essencialmente nos países capitalistas desenvolvidos, embora desse a impressão que os países do bloco soviético levassem alguma vantagem. (A taxa de crescimento na URSS na década de 1950 foi comparativamente

maior que a dos países ocidentais, ritmo que o bloco oriental iria perder em 1960)

Apesar de fenômeno mundial, a riqueza gerada pela grande expansão econômica, já então promovida pela revolução tecnológica, naturalmente não alcançou os países mais pobres. A expansão da economia no início da década de 1970, movida por forte inflação, significativo aumento dos meios circulantes e o enorme déficit americano, agravada pelo colapso do sistema financeiro internacional de Bretton Woods em 1971, além da crise da OPEP de 1973, impediram que a economia mundial recuperasse sua antiga pujança e o *crash* tornou-se inevitável. Uma era chegava ao fim. As décadas que se abrem com a crise do petróleo seriam novamente uma era de crise. O mundo iria conhecer a mais importante mudança da metade do século, definitiva clivagem com o passado: a morte do campesinato, cumprindo antiga previsão de Karl Marx da inevitabilidade de sua extinção – a industrialização eliminaria o campesinato.

As novas relações entre os sexos e as gerações engendrariam o fenômeno que o mundo conheceu como Revolução Cultural, que abriu passo para uma juventude autônoma que teria sua face mais explosiva nas manifestações estudantis de maio de 1968 em Paris, com seu notável slogan: "É proibido proibir". Descolonização e revolução transformaram de forma impressionante o mapa político do globo. O número de Estados internacionalmente conhecidos como independentes na Ásia quintuplicou. Na África, onde só havia um em 1939, criaram-se cerca de 50. Mesmo nas Américas, aos 20 países saídos da descolonização acrescentaram-se mais 12 repúblicas. Contudo, o mais importante nelas não era o seu número, mas seu significativo e crescente peso demográfico, além da pressão que representavam coletivamente (Hobsbawm, 1995, p. 337).

A explosão demográfica nos países pobres do mundo é provavelmente a mudança mais fundamental no breve século XX e seguramente o fato central da existência de um assim chamado

Terceiro Mundo. Os países surgidos no pós-guerra e que adotaram sistemas políticos semelhantes ou próximos dos colonizadores, ou ainda aqueles que resultaram de guerras de libertação nacional, olhavam com simpatia o modelo soviético. Já os antigos países latino-americanos, prisioneiros de uma elite velha de séculos, tendiam a apelar para os militares sempre que se sentiam ameaçados por reivindicações populares.

Países, entretanto, desejosos de uma ação independente dos dois blocos de poder (Primeiro Mundo dos países capitalistas desenvolvidos e Segundo Mundo dos países desenvolvidos comunistas) procuraram um sistema de alianças que os mantivesse apartados de um temido confronto nuclear e que a eles permitisse, política e diplomaticamente, contribuir para afastar o fantasma de uma Terceira Guerra Mundial. Resultado de uma primeira conferência em Bandung, Indonésia – Índia (Nehru), Indonésia (Sukarno) e Tito (Iugoslávia) –, foi criado o bloco dos "Não-Alinhados", grupo ao qual, mais tarde, se agregaria Cuba (Fidel), ocasião em que deixou de ser uma organização política essencialmente afro-asiática para se tornar Tri-Continental. O conceito do chamado Terceiro Mundo como entidade individual, entretanto, iria perder substância política na década de 1970 com a avassaladora globalização econômica neoliberal. Uma "nova divisão internacional de trabalho", o desemprego estrutural, o desenvolvimento ou riqueza de alguns de suas regiões (Emirados Árabes, Coréia do Sul, Malásia, "tigres asiáticos", Índia, Brasil e o México), selaram o desmoronamento da entidade Terceiro Mundo, já comprimida desde o nascedouro. O "socialismo real", que sob a liderança da União Soviética conheceu fases de enorme prosperidade, não sobreviveu à instabilidade e à crise dos vinte anos após a década de 1970, em que o "mundo perdeu suas referências" (Hobsbawm, 1995, p. 393: "as fundações da Era de Ouro haviam desmoronado irrecuperavelmente"). Inicialmente, a crise foi ocultada nos países socialistas e por isso mesmo cresceu, sem que a população se apercebesse da conjuntura adversa,

de tal forma que o repentino colapso euro-soviético de 1989-1991 surpreendeu a todos em todo o mundo!

Economicamente, a década de 1960 já dava sinais de que o socialismo centralmente planejado pelo Estado necessitava de reformas urgentes. A partir de 1970, havia fortes sinais de regressão real. Foi o momento mesmo em que essas economias se viram expostas, como todas as demais, em diferentes medidas, aos incontroláveis movimentos e imprevisíveis flutuações da economia mundial transnacional. A segregação ou a auto-segregação do "campo socialista" foi desmoronando aos poucos nas décadas de 1970 e 1980. A crise mundial do petróleo carreou enormes recursos para os países produtores. A União Soviética, grande produtora, muito beneficiou-se dos altos preços alcançados no mercado internacional do barril de petróleo. A crise de 1973 quadruplicou o valor de mercado das gigantescas novas jazidas de petróleo e gás natural descobertas na União Soviética, em meados da década de 1960, e permitiu adiar a necessidade de reformas econômicas, além de tentar o regime de Brejnev – a chamada "era da estagnação" – a procurar igualar a superioridade de armamentos americanos e a envolver as Forças Armadas soviéticas na aventura do Afeganistão, o Vietnã da União Soviética.

Em 1960, as grandes exportações soviéticas consistiam em maquinarias, equipamentos, meios de transporte, metais ou artigos de metais, mas já em 1985 dependia basicamente de exportar energias (petróleo e gás). Por outro lado, quase 60% de suas importações eram de máquinas, metais e artigos de consumo. A URSS, com essa equação alterada, tornara-se produtora de energia para indústrias mais avançadas e para países de sua influência. A desvantagem do sistema soviético, e que acabou por derrotá-lo, era sua inflexibilidade em admitir mudanças. Sua economia estava voltada para o crescimento constante na produção de bens cujo caráter e qualidade estavam predeterminados, mas não continha qualquer mecanismo interno para variar quantidade (a não ser para cima) e qualidade, nem para inovar. De

fato, não sabia o que fazer com as invenções, e não as usava na economia civil, distinta do complexo industrial-militar. "Uma proporção que pode chegar a apenas um terço de todas as invenções encontra aplicação na economia, e mesmo nesses casos sua difusão é rara" (Vernikov, 1989, p. 7).

A súbita ruptura do comércio com Cuba, especialmente o corte na exportação de energia, lançaria a Ilha no tormentoso período de enormes dificuldades que lá foi singularmente chamado de "Período Especial". Os antigos países socialistas da região soviética, como se sabe, não lograram êxito em aplicar o amargo receituário neoliberal. A tentativa de transferir, de um dia para outro, as operações econômicas para os azares do livre mercado foram desastrosas. Em 1990, os únicos ex-Estados socialistas da Europa Oriental que ainda atraíam algum investimento estrangeiro eram a Polônia e a Checoslováquia. De uma maneira ou de outra, a maior parte do ex-Segundo Mundo estava regredindo ao status de Terceiro Mundo. Até a Finlândia, espetacular sucesso de desenvolvimento econômico da Europa do pós-guerra, e sempre politicamente independente do comunismo, foi mergulhada numa grande depressão após a débâcle da economia soviética. A Alemanha, maior potência econômica da Europa, sofreu graves tensões em sua economia ao subestimar os custos de absorção da minúscula economia socialista de 16 milhões de alemães orientais (Hobsbawm, 1995, p. 406).

A vastidão e a complexidade do Terceiro Mundo não recomenda generalizações, antes prudência no exame das diferentes questões políticas e econômicas. No que se refere particularmente à política da URSS com relação aos movimentos revolucionários do Terceiro Mundo – em especial da América Latina, interesse principal da obra –, não pretendia e nem esperava aumentar a região sob domínio comunista, política que permaneceu mesmo no período Krushov (1956-64) quando várias revoluções autóctones, em que os comunistas nem sequer tomaram parte, chegaram ao poder com energia própria, notadamente em Cuba (1959) e

na Argélia (1962), além de Gana, Guiné, Mali, Congo Belga. Quando um dos novos regimes, o de Fidel Castro em Cuba, se declarou de fato e oficialmente comunista, para surpresa de todos, a URSS tomou-o sob sua proteção, mas não a ponto de colocar em risco suas relações com os EUA (Hobsbawm, 1995, p. 423-424).

A política desenvolvida pelo Partido Comunista da URSS e praticada pelos Partidos Comunistas latino-americanos que seguiam sua liderança era de relativa moderação em face do "imperialismo norte-americano". O caminho almejado, ainda na linha do Comintern da década de 1930 (as estratégias revolucionárias originais de 1917-23 já haviam sido abandonadas), não era o da luta armada, mas o da formação de uma ampla frente nacional e popular, que agregasse setores avançados da burguesia nacional e da pequena burguesia esclarecida, estratégia que pareceu, em certo momento, dar resultados no Brasil e no Chile, afinal submetidos a terríveis ditaduras militares e ao terrorismo de Estado, que depois se estendeu, impiedosa, para todo o Cone Sul.

A Revolução Cubana, vitoriosa em 1º de janeiro de 1959, iniciou-se com um movimento relativamente pequeno (Thomas, 1971, p. 1040), atípico, mas bem sucedido, que pôs a estratégia da guerrilha nas principais páginas dos jornais de todo o mundo.

Apesar de tudo, e ainda sofrendo o covarde e brutal bloqueio econômico e diplomático norte-americano por mais de quarenta anos, altivos e independentes, os cubanos seguiram seu destino. Fidel Castro era uma figura política não característica na política americana – avalia Hobsbawm –: "um jovem forte e carismático, de boa família, proprietário de terras, de política indefinida, mas que estava decidido a demonstrar bravura pessoal e ser um herói de qualquer causa da liberdade contra a tirania, que se apresentasse no momento certo. Mesmo seus slogans (Pátria ou morte – originalmente Vitória ou morte – e Venceremos) pertencem a uma era mais antiga de libertação: admiráveis, mas sem muita precisão [...] O método de Fidel era ativista: um ata-

que a um quartel do exército em 1953, cadeia, exílio e a invasão de Cuba por uma força guerrilheira que, numa segunda tentativa, se estabeleceu nas montanhas da província mais remota. A jogada mal preparada deu certo. Em termos puramente militares, o desafio era modesto. "Che" Guevara, o médico argentino altamente talentoso como líder guerrilheiro, partiu para conquistar o resto de Cuba com 148 homens, que se elevaram a trezentos quando já praticamente o conseguira [...] Fidel venceu porque o regime de Batista era frágil, não tinha apoio real [...] Desmoronou assim que a oposição de todas as classes políticas, da burguesia democrática aos comunistas, se uniram contra ele [...] A vitória do exército rebelde foi geralmente sentida pela maioria dos cubanos como um momento de libertação e infinita promessa, encarnada em seu jovem comandante. Provavelmente nenhum líder no Breve Século XX, uma era cheia de figuras carismáticas em sacadas e diante de microfones, idolatradas pelas massas, teve menos ouvintes céticos ou hostis que esse homem grande, barbudo, impontual, de uniforme de combate amassado, que falava horas seguidas, partilhando seus pensamentos um tanto assistemáticos com as multidões atentas e crédulas (incluindo, entre muitos estrangeiros, Hobsbawm e o autor destas linhas). Uma vez na vida, a revolução foi sentida como uma lua-de-mel coletiva. Aonde iria levar? Tinha de ser para algum lugar! melhor" (Hobsbawm, 1995, pp. 425-426).

A indagação de Hobsbawm é respondida minuciosamente por Claudia Furiati no segundo tomo de sua obra. Desde a tomada do poder pelos revolucionários até a consolidação do regime rumo ao socialismo, e mesmo sua permanência após a queda do "socialismo real", respondendo à acusação habitual de ser mero satélite da União Soviética. (Antes do colapso soviético, inúmeros Estados tinham as palavras "do povo", "popular", "democrático" ou "socialista" em seus nomes oficiais – que não mantiveram: Hobsbawm, 1995, p. 340). Ainda na transição, após empossar, em Santiago, o juiz Manuel Urrútia como Presidente da Repú-

blica, Fidel, usando o título de "Delegado Geral do Presidente", declarou, em discurso que pronunciou no Palácio dos Esportes, que iria propor à direção do Movimento que designasse Raúl Castro como segundo chefe do 26 de julho. Agora, mais de quarenta anos depois, volta a designar o irmão como seu sucessor. Entre essas datas, correu-lhe a vida. Vida que Claudia se encarrega de contar, fazendo a sua parte na extraordinária saga do povo cubano e do seu Comandante.

Para Fidel, cabem os versos de Brecht:

"Os fracos não lutam.
Os fortes talvez lutem durante uma hora.
Outros, mais fortes, lutam durante vários anos.
Os mais fortes de todos lutam a vida inteira.
Estes são insubstituíveis."

Rio de Janeiro, novembro de 2001
M.C.

Verificando o passaporte de "Che" Guevara disfarçado, antes de sua partida para a Bolívia, 1967

P A R T E V

Na Mira de um Fuzil

No "Discurso das pombas", ao lado de Camilo Cienfuegos, após a entrada em Havana, 1959

CAPÍTULO 31

A caminho de Havana, 1959. À sua frente, Célia Sánchez

Ser Robespierre, Danton e Marat, eis a questão

O ditador Batista escapara altas horas da noite, da mesma forma subreptícia com que conduzira o seu golpe cinco anos antes. Ruía o regime em Cuba, mas 1959 amanhecia sob uma pesada incerteza. Um passado ressentido insinuava alguns ajustes de contas.

Núcleos de exilados, em distintas partes das Américas, apressavam-se para regressar à terra. Centenas, dos que podiam dispor de transportes, partiram nas primeiras horas, desembarcando alvoroçados em Havana ou em Santiago. Nos Estados Unidos, José Llanusa e Haydée Santamaría, os principais coordenadores do Movimento 26 de Julho (M-26 ou M-26-7) no exílio, também preparavam a volta, encontrando-se ainda sob intermitente pressão, recém-liberados de mais um interrogatório policial na Flórida. Haydée, que acompanhava os esquemas para aquisição de armas, devia apresentar-se toda semana ao FBI, sem poder se afastar do Condado de Dade. Llanusa, desempenhando-se como um interlocutor de ligações sensíveis, com elementos da máfia e com o Departamento de Estado, era o desejado alvo de cooptação. Do último, recebera recentemente a proposta do acerto entre o M-26 e um grupo de oficiais do exército de Batista, para uma breve e branda conclusão do conflito bélico. Fidel, ao mesmo tempo, descobrira o arranjo centrado na figura do general Cantillo.

Na capital cubana, uma junta militar apropriou-se do quartel central de Columbia, mas o Palácio Presidencial restou vazio. Ante o fato, Rolando Cubela, o segundo chefe do Diretório Revolucionário, decidiu, de motu próprio, ocupá-lo com a sua tropa, na tentativa de reescrever um final feliz para o plano que vitimara sua organização no frustrado assalto de março de 1957. Faure Chomón, o principal dirigente do DR, ocupou a Universidade de Havana com seus homens, convocou grupos a resistir ao golpe militar e destinou-lhes a tomada das bases de San Ambrosio e San Antonio de Los Baños nas cercanias da cidade, assim como o Palácio Presidencial. Logo saberia que ali já se encontrava aquartelado o seu segundo, que aproveitou um emissário para lhe mandar um recado: o corpo diplomático estava a caminho e era recomendável sua presença para recebê-lo. Uma hora depois, o decano do corpo, o embaixador brasileiro Vasco Leitão da Cunha, exporia a Chomón as aflições do grupo de diplomatas,

que solicitava garantias ante o contraditório quadro institucional. Referia-se à contingência de uma junta militar no mando do país, um Exército Rebelde vitorioso na guerra e o singular adendo de uma tropa do Diretório estabelecida no Palácio. Chomón, postado à entrada do imponente prédio, respondeu que a requisição seria transmitida ao alto mando dos rebeldes – sem tecer comentários, contudo, sobre o inesperado ato de Cubela. No instante seguinte, recebia de um aliado a informação de que o grupo designado à base militar de San Antonio havia se insubordinado e se apropriado das armas. Para tantos comandantes, surgia uma porção de caudilhos.

Em um sistema esfacelado, populares em geral também se organizavam: formavam milícias, entravam em delegacias, nos prédios públicos e tomavam armas; muitos exibindo, na corrente da euforia, braceletes com a sigla M-26-7 – inclusive soldados e policiais do aparato oficial. Vários locais passavam ao controle de grupos do M-26-7, do Diretório e também da Segunda Frente do Escambray, e os trabalhadores paralisavam as atividades, observando o apelo de greve lançado por Fidel em Santiago. Nesse quadro político complexo, enquanto alguns setores plantavam as suas salvaguardas, outros tratavam de defender posições, ao ignorar-se não apenas o desfecho, mas também a qualidade do novo complô militar, assim como as manobras que porventura ainda poderia realizar Fidel com o seu Exército Rebelde.

A caravana que trazia Fidel acabara de cruzar o oriente, onde os últimos destacamentos se haviam rendido. Lá, em seu íntimo, ele visualizava o quadro político e não abstraía os riscos ao percorrer o trecho final rumo ao centro da República. Vinha equacionando alternativas, no caso de um enfrentamento com a junta, embora soubesse que os necessários suportes internos ou externos aos golpistas vinham se dissipando por inteiro. Confiava também no pleno sucesso da tarefa que delegara a "Che" Guevara e Camilo Cienfuegos, cujas colunas, que entravam em Havana, deveriam tomar as sedes militares – a Fortaleza de La

Cabaña e o Columbia. Decerto, não demoraram a desmantelar a conspiração, já previamente desalentada pelo embaixador dos Estados Unidos, Earl Smith. Só se abstiveram de entrar no Palácio Presidencial, onde o comandante Rolando Cubela mantinha-se sem dar sinal de pretender abandoná-lo, gerando desconfiança. O Presidente empossado por Fidel, em Santiago, o juiz Manuel Urrútia, ao transferir-se de avião para Havana no dia 5 pela manhã, acompanhado dos ministros, foi obrigado a abdicar da sede e estabelecer-se no Columbia. Dia 7, o novo governo era reconhecido pelos Estados Unidos e, em seguida, por vários países da Europa e da América Latina.

Havana parecia inerte na manhã do dia 8, previsto para a chegada de Fidel na "caravana da vitória". Próxima ao porto, ladeando a enseada que lhe franqueia a passagem por mar, pul-

Na "caravana da vitória", 1959

sava uma aglomeração à espera, completando-se em rosário pelas calçadas da Avenida do Malecón. Na outra margem, onde se situa a Fortaleza de La Cabaña, distante apenas por um breve corredor de águas, via-se Maria Antonia – a cubana que mandaram buscar no México, onde ela acolhera o núcleo inicial do *Granma*. Colada ao pé da estátua de Cristo erguida no monte, a mulher fazia-se como par de sentinela do quartel, na entrada da cidade – um perímetro de arquitetura em que se resume o passado intacto, uma Havana colonial intocada. Com a exata panorâmica, Maria Antonia olhava a multidão no porto, ofuscada por uma névoa de lembranças, da última vez que ela vira Fidel despedindo-se com um até já casual, disfarçando-lhe o momento de partir.

Três da tarde. Sob uma grandiosa expectativa, aumentada pelo atraso, aquela imagem retida de súbito apagou, quando Fidel surgiu de verdade. A fortaleza de Maria Antonia cedeu às lágrimas. Ele, de pé, em um daqueles tanques ganhos na Batalha de Santo Domingo, era o protagonista de um *retake*: adentrava a cidade como o último libertador, a síntese dos heróis da Independência, completando-lhes a tarefa deixada em suspenso. Em um plano simbólico, conciliando o político e o militar, rematava a sina de José Martí e dos generais Máximo Gómez e Antonio Maceo. Movendo-se febril como de costume, virando o rosto enérgico, as pessoas vibrando, de cores diversas, nas ruas transversais, espremidas, compunham imagens que, gravadas na ocasião, revelam uma verdadeira apoteose. No olhar de Fidel, estampas – justamente inversas à da convulsa maré que vivera no Bogotaço dez anos antes.

O veículo que o levava freou de repente. Fidel havia avistado o filho Fidelito, de mãos dadas com a sua meia-irmã Lídia, rente à calçada. Ansioso, dera ordem de parada. Apressou-se a descer para abraçá-lo, a prendê-lo no peito. Após quase três anos, Fidel permitia-se estremecer de emoção. Ofegava carente, apesar dos momentos de glória, seu corpo alto e rijo agora plantado

no chão. E sentiu-lhe o ser. Vivera na luta a eternidade do vazio, o afeto descompensado do guerreiro, a só imaginá-lo, o filho, trancando culpas, reprimindo-se ante a missão. Ninguém viu, nem poderia, mas os olhos do pai marejaram prudentes, em um surto de silêncio acossado pelo êxtase que o impedia de parar.

Agarrado a Fidelito, montou ali mesmo em um jipe e dirigiu-se ao Palácio Presidencial, com a escolta. Precisava cumprimentar o Presidente Urrútia, que lá se estabelecera, enfim, desde o dia anterior, após o eficaz ultimato, por telefone, de Camilo a Cubela. Depois caminhou ao terraço-norte do majestoso edifício para dirigir-se ao povo, aglutinado na avenida perpendicular ao mar. A sua mente, treinada na fatalidade, impregnada de profundezas da serra, vinha martelando um tema: a delicada unidade em meio às divisões entre parceiros. Os últimos acontecimentos acentuavam a sua preocupação em ultrapassar a contingência dos acordos e definir as alianças de governo.

"Creio que se fizemos um exército com apenas 12 homens", proferiu, "que jamais abandonaram um ferido, nem golpearam um prisioneiro, somos os que devemos mandar nas forças da República. (...) Talvez alguns tenham encontrado um pretexto – por haver sido eu nomeado chefe – de falar que o nosso era um "exército político"... Não. As suas portas estarão abertas a todos os combatentes revolucionários. Ninguém tem o direito a ter exércitos particulares. (...) E advirto-lhes, desde já, que nada, nem ninguém, poderá salvar os criminosos que assassinaram sem exceção nem piedade... Em época da ditadura, a opinião pública não era nada; mas, em época da liberdade, é tudo. Os fuzis têm que se dobrar perante a opinião pública... (...)"

Mirou Camilo e perguntou: "Estou indo bem, Camilo?"[1]. O outro, de pé ao seu lado, replicou: "Sim, vais bem, Fidel". Seguidamente, em meio às frases que Fidel arrolava, uma das pombas do parque da esquina que alçaram vôo pousou em seu ombro, delatando a intenção de harmonia. Ele a segurou por um segundo e soltou-a no ar, montando uma cena que gerou supers-

tição: naquele mês, o povo cercou o número 24 no jogo da "charada", baseado em bichos, crente que o resultado seria pomba na cabeça. Mas deu leão.

A massiva audiência correspondia a cada frase ou gesto dele, como que seduzida ou afagada, instaurando um gênero de democracia direta, pessoal, rechaçado no ocidente. Articulando as palavras, enchendo o peito de ar, Fidel mexia a cabeça feito um nadador. Os dedos das mãos criavam desenhos no espaço, acompanhando o pensamento.

Ao estilo de um grande e informal orador, esboçando uma retórica de reiteração de verbos e orações principais, Fidel saía de um ponto, explicava um outro, divagava sobre uma questão e, quando menos se esperava, estava de volta àquele, o primeiro ou o terceiro, algumas horas depois:

"E para que estão armazenando armas clandestinamente neste momento? Que esses revolucionários abandonem as suas falsas posições e ponham-se de acordo com o direito e a paz populares! (...) Armas, para quê? Para combater quem? Contra o governo revolucionário que tem o apoio popular? Para lutar contra a Revolução? Para chantagear o Presidente da República? Para ameaçar a paz? Para que vejamos abundar o gangsterismo e o tiroteio diários? Armas, enfim, para quê?

(...) Pois eu lhes digo que, há dois dias, elementos de determinada organização entraram no quartel de San Antonio, que estava sob a jurisdição de Camilo Cienfuegos e minha, como Comandante-em-Chefe das Forças Armadas, e levaram 500 armas e metralhadoras... (...) Se buscavam provocação, não faltavam fuzis, mas, sim, homens do povo para segui-los..."[2]

Dois dias depois, ele censurava Faure Chomón por haver se apoderado das bases e armamentos,[3] como se empreendesse uma disputa de poder. Os dois acabaram em um *tête-à-tête*, cujo conteúdo permaneceu, até agora, como confidência entre paredes. Chomón lhe explicou que, finda a campanha em Las Villas, separados os grupos e com a capital sob a ameaça da junta mili-

tar, resolvera definir objetivos. Assumira a autoria do ato de Cubela, que havia sido uma insubordinação, apenas para não estimular discórdias. O entendimento entre Fidel e Chomón se processou, ainda que não se estendesse, de imediato, às organizações que ambos comandavam, apesar de que aqueles que permaneciam em armas pouco a pouco as depuseram.

O gabinete ministerial do Presidente Urrútia[4] teria um caráter provisório. Produto de uma coalizão per si vulnerável, buscava representar o heterogêneo arco dos opositores da ditadura, mas privilegiava alguns segmentos. Combinava, principalmente, ortodoxos de perfil moderado, como Roberto Agramonte e Raúl Chibás, e expoentes do M-26. Fidel recebeu o cargo de "delegado geral do Presidente perante os organismos armados" e instalou seu escritório-residência no 20º andar do Hotel Havana Hilton, que contava com um acesso exclusivo. Célia Sánchez seria sua chefe de gabinete: possuía o olho clínico para protegidos ou os que mereciam crédito, além de uma suficiente e rara ascendência sobre ele. Nas semanas seguintes, Célia dividiria os afazeres com Conchita Fernández – a ex-secretária do falecido senador Eduardo Chibás –, convocada, pessoalmente, por Fidel.

O apartamento de Célia, que assumiu o apelido da rua em que se situava, a Calle 11, ocupava dois de três andares de um edifício comum e tornar-se-ia um ponto perene de Fidel. Quando ele ali chegava, sempre inadvertido, o acesso à rua era bloqueado. Em seu recanto particular, o gabinete, além de livros e pastas nas estantes, um grande mapa de Cuba e um quadro de San Ignacio de Loyola, o jesuíta, na parede, a lembrar-lhe a formação de esquemas tomistas e a disciplina da reflexão. Outros detalhes do ambiente denotavam o gosto de Célia pela natureza e a vida simples. No terraço, via-se uma rede, onde, às vezes, ela se recostava para ler.

Na nova circunstância de Fidel, de volta à cidade para o centro do poder, regras da clandestinidade, que há tantos anos conduziam sua existência, não o abandonavam. Ao contrário, diversificavam-se. Jamais se sabia, com certeza, onde ele pode-

ria estar ou para onde se deslocaria, nem mesmo os muito próximos. Andando a pé, de carro ou de avião, nula era, entretanto, a sua preocupação com a própria segurança. Meio largado aos acasos, não permitia controles, não avisava a agenda nem intenções a ninguém. Sua condição era dispersa, instável; entrava, saía dos lugares, passava noites em claro, desvirtuando os observadores e mantendo vários sítios, até para melhor poder lhes saborear o frescor. Um deles, entre os freqüentes, era um belvedere no cume de uma colina, perto da praia de Cojímar, a leste de Havana. O sinal de sua aproximação ou presença apenas se identificava pelo ir e vir de um helicóptero.

No quartel de Columbia, ele também preservava uma sala, na qual, em breve, ocorreria uma conversa com o grupo de militares egressos do Presídio da Ilha de Pinos, boa parte envolvida na conspiração da junta militar, como o coronel Barquín. Da reunião, alguns cairiam no ostracismo, outros se ausentariam definitivamente do país, com exceção do oficial José Ramón Fernández, que comandara a última rebelião dentro do presídio,

Em entrevista após a vitória, 1959

apoiando o M-26. Fidel decidiu propor-lhe a direção da nova Escola de Cadetes, dizendo que só não podia pagar-lhe um soldo equivalente ao de um administrador de usina açucareira, como Fernández planejava ser ao retirar-se das armas. Após alguns largos passos, pausados, pelo centro da sala – a sua peculiaridade de concentração –, Fidel exclamou: "Isso mesmo! Você deve ir para a usina, vou escrever um livro e a Revolução que vá à merda, não é mesmo?". E foi assim que o convenceu.

Do lado de fora do quartel, na alameda de entrada, em frente ao obelisco, de manhã à madrugada, era intermitente o corredor de pessoas. Pais com crianças ansiosas para verem Fidel e os "barbudos", gente circulando em visita aos detidos, os que vinham pedir favores e grupos de trabalhadores com faixas reclamando a implantação das melhorias sociais. Fidel escutava e falava sem cessar. Era o eterno acossado e gostosamente rendido, onde quer que fosse, por repórteres, funcionários, proprietários de terra, parceiros, políticos e a gente em geral, alérgico às frias e formais conversas, com premissas ou questionários prévios. De todas as mulheres, era um meio-namorado, acendia paixões. Desfrutava do contato direto, com uma certa exceção, conforme confessou:

"Apareciam sobrinhos do cardeal, o dono do jornal *Diário da Marinha*, banqueiros, comerciantes, diretores de empresas… Fiz a idéia de que era uma das minhas obrigações recebê-los e digo, hoje, que era um excesso de decência… Repugnava-me ver essa gente e pensava: se crêem que podem contar conosco, maior será a surpresa que levarão!"

Incorporava um papel ao qual decidia submeter-se em tempo integral. Eventualmente, cochilava umas duas horas de dia ou de noite, enquanto já era aguardado atrás da porta. Nesse ritmo, Fidel precisou deixar Fidelito aos cuidados de Lídia, ajudada pelas outras irmãs, Emma[5] e Agustina, recém-chegadas do México, e ainda Juanita, esta vindo dos Estados Unidos. O menino, então com dez anos, não conhecia o código de uma vida nor-

mal, uma morada certa. Era o trágico refém da fatal desavença entre o pai e a mãe, equilibrando-se sobre o abismo entre dois mundos. Acabou voltando temporariamente para a companhia da mãe Mirta, que se exilava de Cuba com os familiares, os Díaz-Balart, estreitamente ligados a Batista e ao antigo regime. Contudo, por ser ele o filho de Fidel, razões de segurança exigiram o seu regresso e permanência em Cuba, onde ficaria mais protegido.

Na prática do poder, Fidel era a personalidade que respondia pela linha programática. E para prevenir-se das intrigas, fazia questão de patentear que o Presidente Urrútia o autorizara a emitir declarações em nome do governo; que acataria tranqüilamente sua ordem, quando o Presidente julgasse por bem contê-lo.[6] Sobre a restauração da ordem institucional, anunciou a aplicação da lei contra os latifúndios, pendente desde a Constituição de 1940; a realização de eleições gerais em um prazo de 18 meses; e a reorganização dos partidos políticos dentro de oito ou dez meses – posto que foram dissolvidos nos primeiros dias, junto com o Congresso Nacional, sendo delegado ao Conselho de Ministros um poder constituinte.

Falando em nome da Revolução e de Cuba, ele ia além, personificava-as. Bombardeado constantemente com perguntas sobre a relação com os Estados Unidos, frisava a independência que a Revolução assumia, atualizando o estilo contumaz que herdara do jovem Fidel, nele enraizado. A ajuda que ofereciam de bom grado devia ser bem recebida, dizia ele, mas quanto à permanência da missão militar norte-americana, tida como opcional pelos Estados Unidos, sublinhava que a prerrogativa da decisão de retirar era de Cuba, que não queria “espiões nem conspiradores dentro das suas Forças Armadas...”[7] Falando com os membros da missão, em um castelhano pontilhado de termos em inglês, perguntou como pensavam seguir dando lições, se o exército a que serviam estava derrotado. “Realmente, não sei o que vocês fazem aqui...”, completou. A missão acabou sendo retirada pe-

los Estados Unidos no fim do mês de janeiro, mas a Base Naval de Guantânamo permaneceu, posto que a região havia sido arrendada em condições muito favoráveis, por um tratado de assistência datado de 1934.[8]

Com a execução das primeiras medidas, explodiram as insatisfações de vários segmentos sociais. Uma lei determinou a intervenção em "negócios fraudulentos". Muitos bens, móveis e imóveis, julgados como fruto de roubo, foram confiscados, ressalvando os adquiridos em anos anteriores ao do golpe de Batista. Empresas suspeitas de favorecimento ilícito sofreram intervenção no primeiro mês[9] e as propriedades foram assumidas pelo Estado. Em conseqüência, muitas famílias de posses partiram para o exílio, com a intenção de regressar, aspirando a que a radicalidade ética do governo duraria pouco, justo o tempo de uma nova acomodação com os Estados Unidos.

Outra disposição drástica foi a de julgar e, eventualmente, punir com a pena máxima, membros do aparato de Batista responsáveis por torturas e crimes. "Che" Guevara foi designado por Fidel para coordenar a "depuração" dos quadros militares do antigo regime, que de fato resultaria na sua extinção.

Emergiu uma violenta reprovação, fora e dentro do país. Fidel argumentou que se encontrava respaldado pelo Presidente da República, pela Lei Penal promulgada na Sierra Maestra[10] e ainda pelo finado Chibás[11], acrescentando que seriam elaborados processos judiciais, caso a caso, por um corpo de investigadores e advogados. Logo os acusados seriam conduzidos à Fortaleza de La Cabaña, onde se criariam os "tribunais revolucionários". A 22 de janeiro, no Palácio dos Esportes, franqueado ao público, iniciou-se a Operação Verdade – um megaprocesso contra três oficiais de Batista, entre eles um chefe de polícia[12] acusado de 108 assassinatos. Foi nesta ocasião que Fidel explicitou, pela primeira vez, o critério da sucessão no poder revolucionário:

"(...) Aos meus inimigos, direi: atrás de mim vêm outros mais radicais... Vou propor à direção do movimento que designe

Raúl Castro como o segundo chefe do 26 de Julho. Não porque seja meu irmão – todo mundo sabe quanto odiamos o nepotismo –, mas porque, honradamente, considero-o com qualidades suficientes para me substituir, caso amanhã eu venha a morrer nesta luta... Quero consultar o povo, se está de acordo! (aclamações e gritos de “sim!”) (...) Podem me matar quando quiserem... Ademais, se matarem também Raúl, atrás dele virá outro e atrás outro e outro.

(...) E vamos aproveitar a ocasião para solicitar ao governo dos Estados Unidos a devolução dos criminosos de guerra que lá se refugiaram e os milhões de pesos que roubaram para depositar em bancos americanos...”[13]

Conforme assegurou, os condenados não passariam de 400. Ele próprio presidiu os tribunais, em que exaltados cubanos gritavam: “Paredón! Paredón!”. Em Havana, nesse primeiro ano, julgaram-se publicamente 150 agentes de Batista, aos quais se decretou o fuzilamento[14], sendo que alguns preferiram o suicídio a serem executados. Vários acusados conseguiram escapar do país em tempo, outros receberam extensas penas de prisão e muitos viriam a ser executados nos anos seguintes. A imprensa internacional noticiava os vereditos como “atos de barbárie em um banho de sangue”.

Vítima de uma bateria de críticas, Fidel necessitava confirmar apoios, especialmente no Continente. A transformação por que passava Cuba, embora inédita na forma, não se constituía em fenômeno isolado: associava-se, mundo afora, à luta vietnamita contra a França, à egípcia contra a Grã-Bretanha, a de húngaros contra soviéticos e a outros processos que conduziram, em diferentes condições, tanto ao assassinato de Jacobo Arbenz na Guatemala (1954), como ao do ditador Anastacio Somoza na Nicarágua (1956). A Revolução em Cuba inscrevia-se na ascensão do Terceiro Mundo, em uma área que conservava ditadores: Idígora Fuentes, na Guatemala, e Rafael Leonidas Trujillo, em Santo Domingo.

A primeira viagem de Fidel, após a Revolução, foi a Caracas, a 24 de janeiro, para participar do primeiro aniversário da derrocada do ditador Marcos Pérez Jiménez. Encabeçando uma recepção multitudinária no aeroporto e nas ruas da capital venezuelana, encontrava-se um amigo, o contra-almirante Wolfgang Larrazábal, ex-Presidente do governo provisório. Na Venezuela, Fidel buscou adequar o discurso a uma platéia motivada pelo processo democrático em curso, esclarecendo que seu objetivo era a independência econômica e política dentro de um amplo quadro de liberdades. Talvez pela espinhosa consecução da meta, desde logo, não definia um prazo, nem o modo, para a alternância de poder: "Presto contas aos povos do mundo. Quando as maiorias estiverem contra nós, nos retiraremos..."[15].

Durante os dias da viagem, Fidel testemunhou a disseminação da campanha contra a Revolução, nos meios de comunicação e na opinião pública. Decidiu, então, criar uma agência de notí-

Chegando a Caracas, Venezuela, 1959

cias, com matriz cubana, a Prensa Latina, que se destinaria a transmitir fatos que se omitiam e a refutar informações veiculadas pelas agências internacionais. Para assumir a direção, chamou o jornalista argentino Jorge Ricardo Masetti, que entrevistara comandantes na Sierra Maestra e tornara-se amigo de "Che" Guevara. Entre os dispostos a colaborar ou correspondentes convidados, relacionava-se o então repórter colombiano Gabriel García Márquez.

Na controvérsia inseriu-se o Partido Comunista – o Partido Socialista Popular (PSP) o único em Cuba que ainda se reunia, embora com discrição, na nova conjuntura –, proclamando sua oposição ao governo, por julgá-lo burguês:

"Nenhum caudilho, nem partido, nem grupo particular, pode substituir o povo em sua tarefa. (...) O governo provisório, no que se refere à sua composição política, não pode ser chamado de governo de coalizão revolucionária e popular. A luta pela unidade supõe... demandar que as discrepâncias sejam ventiladas e resolvidas de modo democrático... Cuba necessita de um governo democrático de liberação, isto é, um governo integrado pela classe operária, pelos camponeses, a pequena burguesia urbana e a burguesia nacional, sob a direção da primeira..." [16]

Com isso, o PSP desviava-se da linha que vinha sustentando desde o período do combate ao nazi-fascismo: a formação de uma frente ampla por um projeto nacional. Não enxergava, por submersa e arteira, a estratégia de Fidel. Ele previra uma coalizão de governo para uma etapa de transição, sob a hipótese de que uma parte significativa dos seus integrantes abandonaria os postos ou deles seriam naturalmente expelidos, devido às transformações. O lado maquiavélico de Fidel, antes anunciado, conquistava o campo próprio para florescer. Em caráter reservado, expôs a colaboradores, no início de fevereiro:

"Vamos fazer o socialismo por meio de leis; contestar sempre a oposição com uma outra medida mais radical. O povo irá observando, entendendo o que é o justo, até que chegará o momento de definir..."[17]

Sob aquela tese oficial do PSP, ainda se podia entrever um não reconhecimento do comando de Fidel.[18] Alguns comunistas o encaravam como uma versão cubana de Kerensky e desejavam ver aplicado no país o modelo bolchevique.[19] Contudo, o Comandante não tardou a se abrir aos comunistas de sua confiança, sabedor de que representavam os quadros adequados ao seu propósito. A afinidade de Fidel com perfis rebeldes a um enquadramento ou a uma doutrina, com gosto pela ação ou intuitivos, retomava-se agora a partir de uma situação de poder.

Um local na praia de Tarara, a leste de Havana, converteu-se em ponto de reuniões discretas de um grupo: era a casa de "Che" Guevara. Para lá convergiam Alfredo Guevara, Vilma Espín, Raúl Castro, Camilo Cienfuegos, Ramiro Valdés, o geógrafo marxista Antonio Núñez Jiménez e, mais adiante, Lionel Soto, além de Fidel em horas da madrugada, para mudar tudo. Em elaboração, o plano da reforma agrária e outros.[20] Pela via dos bastidores, foi esse o grupo que lançou as bases do novo regime, sendo batizado, ao vir à luz anos depois, de "governo invisível".

A primeira crise no gabinete ministerial vinha, portanto, a calhar nesse arranjo. O primeiro-ministro, José Miró Cardona[21] , na noite de 13 de fevereiro, comunicou sua renúncia ao Presidente Urrútia, assinalando que "Fidel Castro devia assumir as faculdades de verdadeiro chefe de governo". Recordou Fidel: "Urrútia pediu-me, em nome dos ministros, para assumir, e pus uma única condição: que me dessem a responsabilidade da política a ser seguida, o que foi aceito".

Empossado, Fidel estabeleceu um programa de governo de 20 pontos[22], cotejando a antiga plataforma do senador Chibás, extratos de *A História me absolverá* e da Constituição de 1940. Para persuadir, abusou do didatismo, de velozes cálculos matemáticos e de grandiloqüência, os elementos que vinham compondo seu estilo de comunicação. Entre os itens do programa, constavam as reformas agrária, fiscal e tarifária – esta para aumentar as depauperadas reservas do Estado – e um pla-

no de industrialização que criaria "400 mil empregos em dois anos"; além de aumento salarial generalizado, proibição de demissões sem justa causa, redução de preços de remédios, de aluguéis, de artigos de primeira necessidade e de tarifas de serviços públicos (luz, gás e telefone), convocando às inversões de capital, nacionais ou estrangeiros, através de organismos estatais de crédito. Confirmou a plena garantia aos bancos, apelando a que se incrementassem os depósitos, para a obtenção dos fundos necessários ao desenvolvimento agroindustrial; e propôs aos trabalhadores a poupança de uma parte mínima de seus salários como colaboração às reformas.

Em uma assembléia dos açucareiros, que reclamavam dos patrões a aprovação de um quarto turno de trabalho nas usinas, acabou convencendo-os a renunciarem à reivindicação e aceitarem o teto salarial, após várias horas noturnas de diálogo. O objetivo de Fidel era evitar um conflito prematuro com o empresariado. "Difícil era argumentar, como um poder revolucionário, a partir de uma ótica coincidente com os interesses patronais", comentou.

Outros itens do programa eram educação integral para o povo – para o que necessitaria de "150 milhões em materiais, para as obras de 10 mil escolas"; a construção de 180 aquedutos, que custariam 300 milhões, para expandir a capacidade de produção energética em um país de insuficiente bacia hidrográfica; a ampliação e melhorias da rede hospitalar, "com um custo de 30 milhões durante cinco anos, para oferecer 13 mil leitos, quatro por milhar de habitantes no campo e seis por milhar de habitantes na cidade". Para Fidel, era esta uma aspiração modesta, se observada a situação dos Estados Unidos, onde havia dez leitos para cada mil habitantes, ou da Suécia, 17 por mil. Demais projetos previstos eram a construção de áreas esportivas e recreativas – com alimentação adequada, formação, seguros e aposentadoria para os atletas –, estradas, rodovias, portos, praças e parques. No total, um bilhão em obras.

As praias do país que, em sua maioria, eram particulares e vedadas aos negros, foram declaradas de uso público. Para reunir recursos à edificação de moradias populares, foi criado o Instituto Nacional de Poupança e Habitação, incumbido de gerir a conversão da renda da Loteria em poupança, assim como de supervisionar e cobrar taxas sobre o funcionamento das salas de jogo – sete das quais em hotéis, três em cabarés e uma no hipódromo –, cujos administradores eram, em boa parte, norte-americanos. Em janeiro, o jogo fora proibido e os cassinos fechados, mas voltaram a funcionar para turistas e estrangeiros, em uma resolução oficializada por Fidel como primeiro-ministro. Sobre a questão, ele declarou, na época: “Quando pudermos, acabaremos com o jogo nos cassinos. Agora são uma necessidade social, para evitar que ponham na rua uma quantidade de trabalhadores...”[23]

Compelido por suas precoces e recorrentes leituras sobre a Revolução Francesa, Fidel, como dirigente, cingia a combinação de um Robespierre, com Danton e Marat. Propunha um socialismo popular não explícito, de feições burguesa e extremista. Desejava executar o programa rapidamente, mas o governo, do qual fazia parte, desconversava. Alguns ministros deixavam o tempo passar propositadamente, engavetando papéis e gaguejando promessas. Fidel contava, na verdade, com poucos aliados no conselho, que não aprovou com facilidade o programa. A sua base residia, principalmente, no Exército Rebelde, onde se concentravam os seus leais.

“Vim por um flanco; nem esquerda nem direita...”, definiu o seu rumo[24], embora estivesse ciente de que não havia lugar para meios termos, fosse pela polarização interna ou externa. Fidel se confirmava como um nacionalista perigoso e radical aos seus supostos e reticentes parceiros de governo, embora não abdicasse de cativá-los. Na época, as manifestações do líder confundiam muitos, que terminavam absortos à procura de um critério para decifrá-lo, o que apenas recheava ainda mais o seu carisma.

“Não tenho medo da contradição econômica...”, alardeou,[25] enquanto proprietários de imóveis reagiam ao rebaixamento dos aluguéis e os patrões à viva voz dos trabalhadores. Para normalizar o fornecimento das linhas de telefone, Fidel precisou intervir na Cuban Telephone Company (CTC), a companhia subsidiária da ITT norte-americana. Os trusts começavam a ameaçar represálias, como a de reduzir a cota açucareira.

Anunciando as primeiras medidas de governo, 1959

Lina Ruz Gonzales de Castro, mãe de Fidel

CAPÍTULO 32

Com "Che" e chefes rebeldes, 1959

Que revolução é essa?

O novo embaixador Phillip W. Bonsal, no entanto, buscava preservar um bom relacionamento com Cuba. "Recebi-o no sítio de Cojímar. Ouvi-o sobre os problemas da eletricidade, os telefones, os bancos, as fazendas, todas as companhias norte-americanas e o que tinham feito pelo país... Mas

ele não tinha a menor idéia de com quem estava falando...", relatou Fidel.

Inaugurava-se, desde então, o perpétuo drama entre Fidel e seu mais acabado antagonista, os Estados Unidos. De todo modo, naquele momento, em favor da política, o líder cubano também adotou a diplomacia e lhe confirmou que, em breve, visitaria os Estados Unidos, a convite da Sociedade Interamericana de Imprensa, embora não desejasse incutir à viagem um caráter oficial. Seria a oportunidade para que a administração de Eisenhower melhor testasse suas diferentes percepções sobre Fidel. Uma se originava no diretor da CIA, Allen Dulles, que, na fase final da guerra, previra a participação de comunistas no futuro governo, como Raúl Castro e "Che" Guevara; mas afirmou que Fidel não podia ser assim classificado. Entretanto, o Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, a 10 de março de 1959, já explorava alternativas para a derrubada do regime de Cuba.

Durante os 11 dias de estada, trajando o indefectível uniforme de campanha, em discursos, entrevistas e conversas com autoridades, no Central Park ou na Universidade de Harvard, Fidel mostrou-se um sincero progressista, seduzindo uma opinião previamente tocada por sua imagem. "Queremos estabelecer em Cuba uma verdadeira democracia, sem rastro de fascismo, peronismo ou comunismo... (...) Não há ditadura que suporte a imprensa livre, que é a sua inimiga número 1..."[1], afirmou, em Nova York.

Perguntado sobre a posição que Cuba assumiria em uma guerra entre os Estados Unidos e a URSS, Fidel reprisou o argumento neutro que expressara ao Presidente José Figueres (da Costa Rica), em Havana, poucos dias antes, quando este lhe questionou sobre o lado que Cuba abraçaria em uma luta entre a democracia e o comunismo: "A beligerância não tem que ser fatalmente a opção...". Expressou ainda a vontade de formalizar um novo tratado comercial com os Estados Unidos, a fim de ampliar a base

para os investimentos em seu país e recuperar um bom nível para a cota açucareira no mercado estadunidense.[2]

Felipe Pazos, designado presidente do Banco Nacional de Cuba pela coalizão governista, fora a Washington no início do ano apresentar um plano de desenvolvimento, do qual, até então, não recebera qualquer retorno. Aliás, Eisenhower não recebeu Fidel, nem o secretário de Estado John Foster Dulles, mas ele se reuniu, por três horas, com o vice-Presidente Richard Nixon, que depois opinou, aos seus companheiros de governo, ser conveniente a adoção de uma "linha dura" com Fidel, por abordar fórmulas socialistas, embora não acreditasse que ele fosse um comunista.

Ao passar por Houston (Texas), Fidel encontrou Raúl Castro de surpresa, à sua espera, para ter uma conversa particular. Uma crise no Caribe era iminente. Um grupo de expedicionários fora preso ao desembarcar nas costas do Panamá, com o intuito de provocar uma rebelião, e nele figuravam vários cubanos. Trujillo, o ditador da República Dominicana, onde Batista encontrava-se exilado, aproveitava a ocasião para apelar à necessidade de criação de uma polícia internacional para reprimir atividades de Cuba, apesar de que, a seguir, se apurasse que a expedição era desprovida de vínculos com autoridades do país. Fidel fez a réplica:

"Que devolvam então os cubanos e não encham mais o saco. Não vamos falar com mais ninguém, nem meia-palavra sobre este assunto! Falamos em favor da democracia e não pensamos em enviar armas a outros países..."

De passagem por Montréal (Canadá), Fidel não retornaria logo a Havana. Não se confirmou, mas essa era a escala rumo a Buenos Aires, onde participaria da Conferência dos 21 da Organização dos Estados Americanos (OEA), em que, pela primeira vez, os chanceleres pretendiam considerar soluções para o subdesenvolvimento econômico do Continente. Brotava também o rumor de que Fidel pararia no Rio de Janeiro, mas as informações eram desconcertadas. Na intenção de desestimular qualquer conspiração ou atentado, os serviços de informação de Cuba

tampouco desmentiam. Encontrando-se a postos as equipes encarregadas de recebê-lo no Aeroporto do Galeão, enquanto o Presidente brasileiro Juscelino Kubitschek aguardava-o no Palácio do Catete, uma avaria na pista de pouso forçou o desvio do avião de Fidel para São Paulo. Dia 28 de abril de 1959, às 21h30, o líder cubano descia, inesperadamente, em Congonhas, entre trancos e rasteiras de repórteres, cinegrafistas, fãs, Força Pública e a escolta. No tumultuado improviso, dele se ouviu que as Américas precisavam de sintonia.

Já em Buenos Aires, a 2 de maio, Fidel convocava os Estados Unidos a sustentarem o crescimento continental. Propunha uma espécie de Plano Marshall, com um fundo equivalente a 30 vezes o pretendido para a Operação Pan-Americana (OPA), o programa de assistência idealizado pelo Presidente Kubstichek, mas "apenas a metade do que os Estados Unidos dedicavam ao seu programa de defesa", apoiando a necessidade de profundas transformações nas estruturas atrasadas da região.

"Se não abrirmos os olhos, a América Latina se transformará num campo de batalha ideológica e os comunistas acabarão prevalecendo... A liberdade reclama 30 bilhões de dólares em dez anos para financiar o desenvolvimento econômico (...), por intermédio de um novo organismo internacional que permita aos governos administrar os recursos de acordo aos seus planos de desenvolvimento", alertou. Outros países, contudo, viram a proposta como uma provocação aos Estados Unidos.

Em Buenos Aires, Fidel ainda encontrou tempo para almoçar com o seu tio Gonzalo Castro, que completava, então, 79 anos, imigrante na Argentina há mais de duas décadas. Na verdade, pouco se recordava de sua figura, não o via desde menino em Birán, e, emocionado, ouvia-o falar de seu falecido pai, D. Angel, constatando nele a igual fisionomia, tratando ainda de amainarlhe a grande perturbação ante um sobrinho tão famoso e subversivo.

Em um breve trânsito por Montevidéu (Uruguai), descartava de vez qualquer possibilidade de eleições em Cuba, enquanto

não existissem “condições propícias” e partidos políticos “como órgãos da opinião pública”: “Poderíamos convocar eleições para amanhã e ganharíamos, mas isso significaria um cesarismo político, já que não existem organismos de oposição...”[3] Para muitos, tratava-se de um sofisma que terminava por agredir o conceito de liberdade em que tanto insistia.

Tresnoitado, na tarde de 5 de maio, aterrissou no Rio de Janeiro. Para impedir a aluvião de gente, soldados e agentes policiais do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), o órgão policial que combatia os esquerdistas, formavam cordões na saída do aeroporto e na entrada do hotel, onde centenas de fotógrafos disputavam um melhor enquadramento. Querer chegar perto dele era meter-se em empurrões. Ao mover-se, nos dias seguintes, um grupo de policiais brasileiros completava, com a escolta cubana, o anel de segurança ao seu redor.

Almoçando com o Presidente JK, 1959

Após um almoço com o Presidente JK, com a voz rouca e o cabelo desgrenhado, falou por três horas em um palanque na Esplanada do Castelo, em uma concentração calculada em 30 mil pessoas, promovida pelas organizações sindicais e estudantis lideradas pela União Nacional dos Estudantes (UNE). À noite, compareceu a uma festa em casa de José e Maria do Carmo Nabuco, filhos do embaixador brasileiro em Cuba. Ao general Henrique Teixeira Lott, ministro da Guerra, fez cara de poucos amigos quando ele lhe disse ser contrário à violência com derramamento de sangue. No dia 7 de maio, embarcou de volta a Cuba, deixando pelos lugares onde passara réstias de dúvida sobre o que de fato pretendia com a Revolução.

O ano de 1959 pareceria mesmo interminável. Nele, tudo se esboçou no tocante à vida de Fidel e de seu projeto no poder, em suas faces interna e externa, sendo decisivo à compreensão de sua trajetória.

As viagens serviram de aquecimento para novas decisões. Em Havana, anunciou que extinguiria os "tribunais revolucionários", sobre os quais sentira a daninha repercussão no exterior,[4] e propôs uma nova legislação para "atividades contra-revolucionárias", com pena de morte prevista para certos casos. Quando explicava as medidas à população em um programa de tevê, ao vivo, recebeu uma nota de Célia, trazida pelo chofer Leoncito (Antonio León), dizendo que Fidelito acabara de sofrer um acidente de carro e precisava de uma cirurgia de emergência, devido a lesões no tórax e no abdômen. Fidel não abandonou a gravação, mas apressou-se em concluí-la, contrariando uma praxe. Chegando no hospital, o filho já estava sendo operado e em poucos dias se recuperou.

Em ritmo atribulado, de contratempos, em que a tevê e o helicóptero eram extensões do governante, as aflições de Fidel e seus gostos, como ler e praticar esportes, não encontravam lugar. Ele acabaria descobrindo meios de se exercitar nadando durante a madrugada, na piscina do Palácio; usando, eventualmente, os aparelhos de ginástica dispostos no terceiro andar da Calle 11;

ou participando como "coringa" em algum jogo profissional de beisebol, instantes em que aproveitava para motivar o aperfeiçoamento dos atletas, sempre usando brechas de uma atividade protocolar ou política, como na ocasião da visita a Cuba do campeão norte-americano de pesca, Frank Carte. Fidel acompanhou-o à Laguna del Tesoro. Enquanto o famoso atleta realizava uma demonstração, o líder se afastou, subiu em um bote e, com um fuzil sobre as pernas, observava o instante de atingir um pato. Desfrutava do abate, com disparos certeiros, pois assimilara a prática desde quando era menino em Birán.

Para promulgar a reforma agrária, aproveitou para escalar ao seu antigo acampamento na Sierra Maestra. A lei, ali assinada a 17 de maio, transformou a estrutura de propriedade, com os latifúndios passando a centros de produção em mãos do Estado. As terras de norte-americanos, quase 75% da parte cultivável, e inclusive as da família Castro, encontraram-se entre as primeiras nacionalizadas. Previu-se a indenização das perdas, através de bônus ou títulos públicos, mas a proposta foi rejeitada pelos expropriados. Lina perguntou a Raúl, que fora até Birán, que diabos estavam fazendo com a fazenda. "Isso é o socialismo", respondeu. Já Fidel, tentando afastar a suspeita, justificava a sociedade de outra forma: "Queremos liberar o homem dos dogmas... O problema é que nos puseram a escolher entre um capitalismo que mata a gente de fome e o comunismo que resolve o problema econômico, mas que suprime as liberdades tão caras ao homem..."[5]

Tampouco desejava uma implementação forçosa, de choque. Áreas de pequena propriedade se mantiveram e aos que pagavam renda pelo usufruto de parcelas de terra, em um máximo de 402 ha – podendo chegar a quase 1.200 ha em cultivos de grande produtividade[6] –, permitiu-se o direito de posse. Acumulando a presidência do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA), Fidel pensava estimular, a médio prazo, modalidades cooperativas – de produção, de distribuição ou de consumo –,

com o Estado facilitando ajuda técnica e empréstimos aos produtores. Seu objetivo era constituir “zonas de desenvolvimento agrário”, de forma gradual, embora Raúl Castro e “Che” Guevara preferissem acelerar as mudanças. Adepto da mesma visão, Manuel Piñeiro, o chefe da praça militar de Santiago, pôs-se a entregar armamentos aos camponeses contra os grandes proprietários, e foi repreendido pelo Comandante como inconseqüente.

Fidel guardava a convicção de que, efetivando-se, a reforma agrária já tomaria a sua real projeção, arrasadora. Logo no início, a burguesia viu-se expelida. Com ela, muitos profissionais liberais. Mais levas de cubanos seguiram para o exílio, principalmente a Miami, deixando seus bens para o Estado. Nos Estados Unidos, abriu-se a torneira da reação. O vice Richard Nixon, candidato à Presidência, reuniu-se com grandes empresários prejudicados em Cuba, como os da United Fruit Company, e comprometeu-se a derrocar Fidel em troca do apoio à sua campanha.

Proclamando a Reforma Agrária, 1959

Também parte do falso "enigma" do Comandante, ou sua aparente ambigüidade, desvendava-se por si. E enquanto reservava-se ao espaço da política visível, delegava a certos parceiros a extensão de sua silenciosa estratégia. Enviou o geógrafo marxista Núñez Jiménez para uma sondagem de contatos pelo Leste Europeu, desejando antecipar-se aos fatos – a violenta reação norte-americana. Em uma outra diagonal do tabuleiro, confiou a "Che" Guevara a conformação de vínculos com movimentos de esquerda na América Latina. Tornava, assim, mútuo o "leit-motiv" que "Che" lhe expusera no México, quando aceitou integrar-se ao seu incipiente exército guerrilheiro: realizar uma revolução latino-americana, preferencialmente a partir da Argentina, o seu país natal. Tudo o mais que desempenhasse em Cuba, para ele, eram tarefas das que pensava desincumbir-se logo que possível.[7] Em Havana, ambos, Fidel e "Che", começaram a dedicar um tempo extra a determinados visitantes estrangeiros, em conversas que varavam noites e madrugadas, geralmente acompanhadas pelo comandante Manuel Piñeiro, recentemente deslocado para a inteligência que se ocupava dessas relações.

Essa vertente da Revolução Cubana – a sua "exportação" – teria sua própria e longa história. Em uma primeira etapa, alguns cubanos foram enviados em apoio ao tenente Somarriba, um ex-oficial do Exército de Somoza, que decidira montar o seu grupo guerrilheiro na Nicarágua. "Che" inclusive enviou-lhe, por um emissário, uma mensagem, em que se dispunha a integrar-se à sua luta, assim que o grupo inicial se alicerçasse no território – o que não sucedeu, pois foi aniquilado por tropas do Exército na fronteira de Honduras, em conseqüência de uma delação.

Na mesma região, um outro grupo, dirigido pelos irmãos Martínez (Harold e Alejandro), estabeleceu ligações com "Che". Nessa época, houve enlaces com outros combatentes nicaragüenses, como Tomás Borge e Carlos Fonseca, com os guatemaltecos Turcios Lima, John Sosa, Rolando Ramírez, Pablo Monzanto e Julio Cáceres (Patojo); com os peruanos Luis de la Puente Uceda,

Héctor Béjar e Javier Heraud; com o venezuelano Fabricio Ojeda; os peronistas William Cooke e Alicia Eguren; os colombianos Fabio Vázquez, os irmãos La Rota, Franco e Gilberto Vieira; o uruguaio Rodney Arismendi; os chilenos Salvador Allende e Jaime Barrios; os brasileiros Luís Carlos Prestes e Francisco Julião, além de outros dirigentes haitianos e dominicanos.[8] O elenco era diversificado no campo da esquerda, havendo comunistas, do partido ou não, adeptos ou refratários à luta armada, em correspondência aos diversos perfis e contextos nacionais. Na Venezuela, no Peru e na Colômbia, onde havia embriões de movimento armado, "Che" chegou a amadurecer vínculos, exportando um *know-how* em combatentes, estratégia e armas.

Sob o crivo de Fidel, a 12 de junho, "Che" Guevara saiu a um périplo terceiro-mundista pelo Médio e o Extremo Oriente,

Com Ahmed Sukarno, Presidente da Indonésia, 1959.
O chanceler Raúl Roa aparece ao centro

com uma passagem pelo Leste Europeu. A intenção era poder associar Cuba ao "neutralismo", que representava uma "terceira posição" na arena internacional, característica dos governos dos países do itinerário. No Egito, o coronel Gamal Abdel Nasser[9], o líder do mundo árabe emergente; em Nova Delhi (India), o primeiro-ministro Pandhiet Nehru; na Indonésia, o líder Ahmed Sukarno; na Iugoslávia, o marechal Josip Broz (Tito).

Durante a viagem, que duraria um mês e meio, Guevara pôde assimilar distintas formas da emancipação, recortes da "descolonização" que levara à independência ou à transformação política, em cadeia consecutiva, de vários países, desde o fim da Segunda Guerra Mundial[10], nos quais se evidenciou, para ele, a influência subseqüente da Revolução Chinesa. "Che" passou também pelo Japão para explorar possibilidades comerciais, especialmente para o açúcar cubano.

Em julho, na República Dominicana, a polícia deteve um grupo de cubanos que viera em uma expedição de apoio a guerrilheiros. Não era propriamente um fato de "exportação revolucionária", mas muito mais um revide – flagrado – de Fidel a Trujillo. Veremos por quê.

Meses antes, o ditador dominicano criara o contingente Legião do Caribe, composto de mercenários, para liquidar com a "subversão comunista" na área, conforme sua manifesta intenção. Após um encontro com um oficial da CIA (*Gerry Droller* ou Frank Bender), foi montada uma operação para Cuba – que se conheceu como "conspiração trujillista" –, tendo como outro parceiro a Rosa Branca, uma organização de partidários de Batista fundada nos Estados Unidos. William Alexander Morgan, o agente da CIA que havia se tornado comandante da Segunda Frente do Escambray, foi contatado em Cuba para organizar o apoio a uma pretendida invasão ao país. A mensagem, de poucos detalhes, foi trazida por um mafioso (Fred Nelson), a quem Morgan pediu um milhão de dólares pelo trabalho, em um encontro realizado no Hotel Capri, em Havana.

Ao ser comunicado por Morgan, Eloy Gutiérrez Menoyo aceitou participar do projeto, com a condição de que houvesse uma expressa anuência do governo dos Estados Unidos. "Assumi para verificar quem estava por detrás. Detectamos o cônsul da República Dominicana em Miami, Fernando de Aquino, representando Trujillo"[11], declarou Menoyo.

Max Lesnick, o amigo de Fidel dos tempos da universidade, que se unira a Menoyo por "independência de pensamento e ceticismo quanto à probabilidade de sobrevivência de Cuba sem os Estados Unidos", também foi chamado para participar da conspiração.[12]

Os meandros da operação foram acompanhados e manejados por Fidel muito antes que ela se concluísse. Sendo abordado por oficiais da G2, a inteligência cubana, que desconfiou de seus movimentos, Menoyo solicitou uma reunião urgente com o líder cubano na Calle 11. Com Morgan, expôs-lhe o plano. Fidel os escutou e orientou a seguirem em frente, como se nada anormal houvesse ocorrido. Após o encontro, deu instruções à G-2 de penetrar na rede da conspiração.

O padre Velazco chegou a Havana como um enviado de Trujillo[13] e seria atendido por um agente da G-2 disfarçado. A 20 de julho, em um encontro no Hotel Capri, o religioso confirmou que três mil homens da Legião do Caribe desembarcariam na praia de El Inglês, ao sul de Las Villas, nos próximos dias. Iniciaram-se detenções de implicados, reportadas pela agência UPI com dados forjados pela G-2, sobre a ocorrência de uma sedição militar, o que estimulou Trujillo. Acompanhados por Camilo Cienfuegos, Morgan e Menoyo seguiram para a praia de El Inglês, onde foi instalado um equipamento de rádio para comunicações.

Na madrugada de 11 de agosto, pára-quedistas da Legião desciam na praia e sobre os montes, quando Morgan comunicava-se por rádio com Trujillo. Fidel, que estava na escuta, passou um recado a Morgan, que disse a seu interlocutor: "Acabam de me confirmar que Trinidad caiu em poder de nossas tropas. Vocês

já podem vir, pelo aeroporto...". Mas notícias divergentes fizeram com que Trujillo desconfiasse e suspendesse o envio de aviões. No dia 14, Fidel resolveu ir à tevê contar a trama da invasão, concebida para coincidir com uma reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA).[14] Cento e quarenta pessoas seriam sancionadas pela conspiração, com as penas variando de 20 a 30 anos.[15] No elenco das testemunhas, figuravam Fidel, William Morgan e Gutiérrez Menoyo[16]. Permanecendo à deriva, só restaria, aos dois ex-chefes da Segunda Frente do Escambray, o exercício de seu talento camaleônico.

Um mês antes, quando obteve a confirmação dos planos, Fidel agilizou contatos com dominicanos que se refugiavam em Cuba e programou a expedição de ajuda à guerrilha em Santo Domingo[17]. Conhecedor do repúdio que o Presidente venezuelano Rômulo Betancourt cultivava pelo ditador dominicano, até por uma disputa de preponderância regional, enviou representantes a Caracas[18], que recolheram finanças para a expedição. Ao mesmo tempo, recomendou a entrega de seis metralhadoras e seis fuzis a um grupo da Ação Democrática (AD, o partido do Presidente venezuelano) que pensava armar-se contra a possibilidade de um golpe militar.

Fidel recebeu os 150 mil dólares vindos da Venezuela, na casa de Cojímar. Exclamou: "Esta é a merda que Betancourt nos manda, hein!". Dias depois, na Calle 11, ao se encontrar com integrantes da expedição prestes a partir, aconselhou que desembarcassem e tomassem o destino das montanhas, sem realizar nenhuma ação de imediato. Chamou Raúl Castro para pedir que providenciasse a defesa, em caso de uma represália de Trujillo. Em certo momento, sussurrou algo aos ouvidos de um dominicano e pediu ao comandante cubano Délio Gómez Ochoa a caneta emprestada. Escreveu uma frase em um papel, à vista do dominicano, e pediu que ele a repetisse, ao seu ouvido, o que acabara de ler. Pôs a caneta de Ochoa no bolso e destruiu o papel. Delio, por respeito, não pediu a caneta (de estimação) de volta. Sequer

a viu mais com Fidel, supondo que a abandonara em algum canto, com a mesma displicência com que a pedira.

O segredo do dominicano, um dos que foram mortos por policiais em seu país, seguiu com ele ao túmulo. O plano da expedição havia sido delatado previamente a Trujillo pelo então chefe da Força Aérea de Cuba, Pedro Luís Díaz Lanz, que desertou em seguida. Ao investigar as razões do seu afastamento, Fidel terminou por confirmar a antiga ligação de Díaz Lanz com a CIA, através do agente Frank Sturgis, que fora seu co-piloto em incursões que levaram armamentos para a Sierra Maestra. Sturgis circulava pelos meios oficiais de Cuba com o nome de Frank Fiorini.

O caso de Díaz Lanz atualizou a crise, em uma situação de transição e provisoriedade da ordem institucional. Proveniente do âmbito militar, o primeiro sensor na construção do poder,

Multidão na Praça da Revolução, 1959

ganhava em dimensionamento. Os ministros Roberto Agramonte (Relações Exteriores) e Humberto Sorí-Marín (Agricultura), já descontentes, em seguida anunciaram que entregariam seus cargos. Fidel tentou dissuadir Sorí-Marín, mas ele já possuía um sensível desafeto desde a Sierra: "Che" Guevara. Sendo ministro da Agricultura, fora excluído da elaboração final da reforma agrária, por desconfiança de "Che", assim como outros do Movimento 26 de Julho (M-26) – um tópico que Fidel evitava assuntar. Com a renúncia, Pedro Miret assumiu a pasta e Raúl Roa, as Relações Exteriores.

Quanto ao Presidente Urrútia, sua figura tornava-se cada vez mais formal e esvaziada. Entre ele e Fidel havia discrepâncias, uma das quais, importante, dizia respeito ao funcionamento do jogo e dos cassinos nas cidades. Urrútia batia-se pela sua imediata eliminação, em favor da moralização de costumes; mas Fidel contra-argumentava que eles eram geradores de emprego e não lhe pareciam ser os causadores de degradação social. Outros atritos se deveram à reforma agrária e aos tribunais revolucionários. Após infindáveis discussões ministeriais, o Presidente recolocava na gaveta documentos a serem discutidos e assinados, emperrando decisões.

Fidel vinha meditando sobre o que fazer. No dia 17 de julho, resolveu renunciar ao posto de primeiro-ministro e acusar o Presidente de "imobilismo proposital". Urrútia decidiu contestar a acusação e o Comandante propôs uma discussão ao vivo, em cadeia nacional. O Presidente recusou.

Renunciante, Fidel internou-se na casa da praia de Cojímar. Por um lado, estava satisfeito por ver-se liberado do protocolo que o cargo lhe impunha. Por outro, no íntimo, sabia que Urrútia, mais dia, menos dia, não suportaria os efeitos, em cadeia, da crise. Atuava sobre a realidade, enquanto observava o desenho das peças em jogo, acirrando o embate para logo tratar de saná-lo. Pelos gabinetes do Estado, corria a tese de que sua renúncia era uma artimanha fabricada por "Che" e Raúl, os comunistas. Urrútia disso se convenceu após manter uma conversa com o

jornalista Luis Conte Agüero, outro velho amigo de Fidel. Agüero insuflara o Presidente sobre as "perspectivas socialistas" do ex-primeiro-ministro.

Logo Urrútia também renunciou. Aqui e ali apelavam a que Fidel reassumisse o cargo, mas ele se negava, acreditando que tal atitude evidenciaria sua renúncia como uma tática. O Dr. Osvaldo Dorticós Torrado, diretor do Colégio Nacional de Advogados, homem relacionado a democratas e a comunistas, foi nomeado Presidente pelo Conselho de Ministros. Ladeado pelo mexicano Lázaro Cárdenas e pelo senador chileno Salvador Allende, foi ele quem anunciou o retorno de Fidel ao posto, em meio à aclamação popular, nas comemorações do 26 de Julho.

Veio outra onda para o exílio, de uma nova categoria de opositores. Interna e externamente, convergiam os insatisfeitos, agora os egressos das próprias fileiras da Revolução e elementos de partidos da oposição na antiga ordem, apoiados pela Igreja[19]. "O problema religioso foi utilizado como um instrumento de resistência à Revolução... sobre o fato de que o catolicismo era a religião da classe afetada...", explicou o líder cubano.

Enquanto Fidel, seus leais e a "esquerda" do M-26 formavam o pólo ascendente no novo diapasão político, a "direita" da organização, que compartilhava do poder, com vários de seus elementos em postos ministeriais, perdia terreno. A seu modo, o conflito correspondia à cadência da profunda e ambivalente história das relações Estados Unidos e Cuba, as que admitiam apenas os extremos de fidelidade ou de rejeição.[20] A perspectiva da "direita" aproximava-se de figuras desgarradas da ortodoxia, como Max Lesnick, com a diferença de que aquela se compunha basicamente dos anticomunistas, que marcaram a cena durante a greve de abril de 1958.

A essa nova categoria de opositores, juntaram-se setores rurais que se constituíram em "bandos", coordenados por proprietários atingidos pela reforma agrária, fundamentalmente na região central do país. Várias tropas foram enviadas para o cer-

co aos "bandidos", dando início a uma luta que não teria um fim à vista. A G-2 foi reforçada, transformando-se em um grande aparato disperso pela sociedade civil, com estrutura e escritórios clandestinos, mas que aparentavam ser apenas uma seção. "Como um *iceberg*, de que só se pode ver um pedaço à tona", dizia Raúl.

O ministro demissionário Sorí-Marín e Artime, gerente do INRA, elaboraram um plano de motim para derrubar o governo, ancorados em figuras do antigo autenticismo[21]. O comandante Húber Mattos, um aliado do ex-Presidente Urrútia, ao saber do plano, ofereceu-se para sublevar o regimento de Camagüey, onde era o chefe.

Em curto espaço de tempo, Cuba viveria a orquestração de contra-revolucionários, com as organizações Movimento de Recuperação Revolucionária (MRR), chefiada por Manuel Artime, e Movimento Revolucionário do Povo (MRP)[22], liderada por Manolo Ray, o ministro de Obras Públicas em exercício, atuando em primeiro plano.

Momento raro: fumando cachimbo, regressando à Sierra Maestra, 1959

Discursando na ONU, 1960

CAPÍTULO 33

Na Assembléia da ONU, tendo ao lado direito o chanceler Raúl Roa e Antonio Núñez Jiménez, 1960

Rompe-se o acordo de Yalta

O desmoronamento do governo provisório ratificava os objetivos de Fidel. Embora ele não abdicasse da maior costura política possível, desejava fazer valer sua própria linha de governo, com a fusão dos setores que identificava como revolucionários, as maiores frações do Diretório e do Par-

tido Socialista Popular - PSP (o comunista). Tal unidade almejada era em si restrita, no entanto, provocando distanciamentos ou sectarismos de grupos, mas abrigava desde o início os marxistas dispostos aos experimentos, como o capitão Emílio Aragonés. Ao nomeá-lo coordenador do Movimento 26 de Julho, com a cautelosa tarefa de concretizar a mencionada fusão, Fidel recomendou-lhe:

"Nunca exponha a orientação, para não atirar o movimento na arena das maledicências... Nunca desista de somar e de incluir todo aquele que puder ser útil... porque as táticas se podem alterar, aqui e ali, mas a estratégia deve ser resguardada..."[1]

Para viabilizar uma composição mais abrangente, Fidel não podia ir, na retórica política pública, além de uma certa fronteira. Sua opção às claras lhe provocaria não apenas a perda de apoio popular, como lhe diminuiria a margem de manobra.

Ele acompanhava a temperatura do processo pelo termômetro de certos amigos, além dos incondicionais. Vez em quando, encontrava-se com um dos "vacantes" da extinta ortodoxia, que pareciam não encontrar lugar nessa inédita transição: o Chino Esquivel, fosse no Restaurante La Pelota como nos tempos de estudante, ou no Restaurante Pekín para comer arroz colorido, pois o amigo incomodava-se com o anel do poder em torno de Fidel e com as aglomerações em que era o centro.[2] Este, agora primeiro-ministro, convidava-o, mas nunca tinha como pagar e, como de hábito, perguntava muito. Chino demonstrava não estar satisfeito, pois o que queria era uma democracia regular no país, como lhe expressou. Meses se passaram e já pensava em sair de Cuba. Fidel chegou a oferecer-lhe uma representação diplomática, no México, que Chino recusou, preferindo juntar-se aos seus familiares em Marselha, na França.

Na segunda metade do ano, enfrentou o levante do comandante Húber Mattos, o chefe do regimento de Camaguey, o que coincidiu com a conjuntura de posse de Raúl Castro como ministro das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), a centralizar

os organismos de defesa e de segurança, extinguindo-se o Exército Rebelde.

"Quando Húber tentou atrair um oficial aos seus propósitos, este nos informou o assunto", explicou Fidel. Após receber o informe, questionou Mattos sobre os rumores de existência de um complô em seu comando, mas o outro a negou com a convicção suficiente para confirmar-se como um traidor. Em 19 de outubro, aquartelou-se com uma tropa e renunciou publicamente ao exército, argumentando a presença de comunistas no poder.

"Primeiro dei instruções a uma milícia do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) na região para ocupar, com forças policiais, os pontos estratégicos da cidade e posicionar-se para o combate nas imediações do quartel... E segui de avião pela manhã a Camagüey, com Camilo Cienfuegos...", relembrou Fidel.

Camilo adiantou-se com uma tropa, conseguiu render o grupo de Húber Mattos e assumiu o comando do regimento. Enquanto isso ocorria, Fidel aproximava-se normalmente pelas ruas, a pé, seguido pela gente local. O levante fora brecado.[3]

Dois dias depois, Manuel Artime fez circular uma carta pública renunciando ao seu cargo no INRA, por Fidel haver entregue o país ao comunismo internacional. Ainda no dia 21, lançavam-se de um avião, sobre vários locais de Havana, explosivos e milhares de panfletos exortando à rebelião. Os bombardeios causaram dois mortos e mais de 40 feridos. Díaz Lanz (o ex-chefe da Força Aérea) confirmou ao FBI em Miami, que fora o autor do ato, com Frank Sturgis.

Entre os estudantes, o segundo sensor na construção do poder, depois dos militares, também ocorriam conflitos. Em outubro, nas eleições para a presidência da Federação dos Estudantes Universitários (FEU), pela primeira vez por voto direto, enquanto uma grande parte do M-26, influída pela "direita", trabalhava a candidatura de Pedro Luis Boitel[4], da Associação Católica Universitária[5]. Fidel, ainda que não explicitamente, apoiava o contendor, Rolando Cubela – cuja chapa propunha-se como vice

o jovem Ricardo Alarcón–, garantindo à organização do Diretório o espaço que lhe cabia. Para isto, ativava um contato reservado com alguns estudantes, como o candidato à presidência da organização estudantil na Escola de Engenharia, José Rebellón.

Apenas horas antes da votação, a 27 de outubro, Fidel decidia declarar: "Nem o governo nem o M-26-7 apoiam candidatos à FEU... O 26 de Julho não luta contra o Diretório Revolucionário na universidade, nem em qualquer outro campo. Que assim conste, para que não reste a menor margem para a especulação e a intriga dos inimigos... Em Cuba, agora não vale outra divisão senão a dos que estão com a Revolução e os que não estão ..."

O postulante católico retirou sua candidatura, o que permitiu a vitória de Cubela. Em seguida, Fidel se readaptava ao habitat de sua formação política, comparecendo todas as semanas ao campus da universidade. Com os estudantes, pescava idéias para o incremento da formação técnica superior.

Ainda em outubro, no dia 29, veio a notícia do desaparecimento de Camilo Cienfuegos, em um vôo de regresso a Havana, após mais uns dias em Camagüey, normalizando a situação. Ao telefonar para a cidade, seu irmão, o capitão Osmani Cienfuegos, soube que ele havia partido desde o final da tarde do dia anterior, sem informar a viagem, por razões de segurança.

Havendo decolado em um bimotor Cessna 310, o tempo de vôo até Havana seria, em condições normais, de duas horas. Contudo, como caíra um forte temporal pela rota que a avioneta devia percorrer, o piloto teria sido obrigado a um desvio sobre o mar, em busca de um céu menos fechado. Pairou o desasossego. Deu-se a busca por toda a região, por terra e mar, com Fidel conturbado, unido às equipes de salvamento. Mas, após dias, nenhum resquício foi encontrado.

O episódio provocou uma enorme comoção em Fidel. Por Camilo, ele devotava um grande afeto, além do companheirismo de lutas. Com ele, desenvolvera uma relação solta, em que não se via premido a intelectualizar, sentindo-se à vontade com o

seu jeito *criollo* – de profunda latinidade, sensual, simples e ousado –, mas que não dispensava o sentido da medida nas situações de risco, uma característica que o diferenciava de "Che", como pontualizou Fidel. O desaparecimento de Camilo significava, ademais, a perda simbólica do Exército Rebelde, para um povo que igualmente o venerava, por sua simpatia e bravura.

Como nunca o fato seria cabalmente esclarecido, proliferaram, por décadas, as especulações sobre a morte: ou ele fora eliminado por conspiradores contra o regime; ou fora a mando de Fidel ou de Raúl, por disputas no campo militar, como se veiculou em meios contra-revolucionários. Entretanto, depois de repetidas investigações, a explicação que se impôs foi a do acidente, a queda abrupta da aeronave no oceano.

O terceiro sensor da engrenagem política cabia à classe operária, objeto igualmente de diferenças. Uma delas manifestar-se-ia no X Congresso Nacional da Central dos Trabalhadores de Cuba (CTC), realizado em novembro, com a participação de 1.700 organizações sindicais. David Salvador, o velho dirigente do M-26, e seu grupo, expoentes da "direita" da organização,

Em ato da CTC, no Teatro Blanquita, 1959

lutavam para impedir a ascensão dos comunistas, liderando a defesa de uma candidatura única. Já a representação destes, tradicionalmente marcante em toda a República, propunha um "pacto por cima", prévio à eleição da mesa diretora. A diferença atingiu o ponto da discórdia quando o grupo de David Salvador resolveu se apoderar do estabelecimento onde se realizava o congresso. A abertura, marcada para a tarde do dia 18 de novembro, foi transferida para a noite, pois Fidel mandou avisar que compareceria.

Raúl Castro chegou antes e dirigiu umas palavras à assembléia, alertando que os que, naquele momento, pretendiam dividir a organização, vinham a ser os mesmos que haviam provocado o fracasso da greve de abril de 1958, destruindo o movimento urbano de resistência a Batista.[6] Cerca de uma da madrugada, apareceu Fidel: "Creio que todos estamos perfeitamente de acordo! Então, para que se perder no interesse dos inimigos da Revolução? Uma vassoura é o que faz falta aqui. Que seja ela o nosso símbolo!"[7].

Em um salto da memória, a marca da campanha de Eduardo Chibás flutuou pelo ambiente, quando Fidel associou os sectários do M-26 aos "pelegos" de décadas passadas que o senador desejava varrer da cena. "Aqui não cabem equívocos", continuou, "porque, em processos como estes, pode-se resvalar do extremismo ao reacionarismo extremos... Ou se triunfa plenamente ou se é derrotado!"

Afinal, a direção eleita resultou na combinação das tendências.[8] Uma mão dupla se processava. Não só Fidel apadrinhava a aproximação dos comunistas, como eles também desejavam posições no governo. De fato, ocorria a penetração gradual de comunistas no poder, o que se caracterizava como um elemento complicador. De modo incipiente e secreto, constituía-se já o núcleo do denominado Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC), uma espécie de conselho político resultante da fusão das organizações que se encaminhava.[9] Dentro dele, os

"fidelistas" caracterizavam-se como uma esquerda de ação, de base intuitiva, menos pautada pelas teorias, como também havia sido o jovem Fidel.

A etapa de governabilidade com a burguesia sucumbira, mas não o projeto nacional reformista, que vinha se realizando sem romper as relações capitalistas. Naquele momento, na economia cubana, combinava-se um setor produtor do Estado não majoritário, com outro de capitais pequenos e médios – um esquema que, frente à nova formação do poder, sofreria uma rápida reviravolta, concomitante ao avanço do conflito com os Estados Unidos. Para Fidel, fazia-se premente o desenvolvimento do país, sob determinadas premissas, no que a URSS emergia como um exemplo. Alçado à chefia do Departamento de Industrialização do INRA, "Che" Guevara era um apreciador das conquistas soviéticas, mas pensava em empreender um modelo econômico

Com camponeses, 1959

próprio – sem dinheiro no Tesouro Público e com uma lista de indústrias desprovidas de proprietários e gerentes, além de outras em que os administradores, que permaneciam no país, começavam a boicotar a produção. Pelas ruas circulava o comentário de que, no fim do ano, o funcionalismo não receberia salários e era iminente outra crise no gabinete de governo. Fidel voltou à CTC para apelar à consciência dos operários para os projetos de industrialização: "Como poderemos nos desenvolver, se comemos tudo o que produzimos e importamos mais do que exportamos?"[10].

Pela tevê expôs uma verdadeira catilinária, arrolando índices de criminalidade, de desemprego (600 mil desempregados), de subemprego e da dissipação das reservas financeiras, equacionando como diminuir o déficit do Estado, que assumia o papel de empreendedor. Pensava substituir imediatamente as importações para poder economizar até 140 milhões de dólares.[11]

Em um país grande produtor de rum, uma medida anunciada foi a do aumento dos impostos sobre as bebidas alcóolicas: "Estamos consumindo 300% a mais de rum do que antes do triunfo da Revolução... Não podemos acudir a uma Lei Seca, mas a minha opinião é de que um bêbado é um espetáculo tão deprimente como o de um indivíduo fumando um cigarro de maconha, sonhando com a lua...".

Ao regressar aos Estados Unidos para participar da Assembléia da Organização das Nações Unidas (ONU), projetou uma imagem bem diferente da viagem anterior, com um discurso radical e agressivo, atribuindo ao governo norte-americano a culpa pela pobreza de Cuba. Eisenhower preparava-se para jogar com um ditador esquerdista, cujo nacionalismo, julgavam os analistas, o faria pender para o comunismo. Conforme as mensagens de embaixadores de países aliados, não se poderia descartar a hipótese de que o povo o seguiria, pois lhe devotava uma fé pessoal. Em Nova York, Fidel foi recebido com editoriais dos jornais de 23 de setembro criticando a antidemocrática

"indústria de Estado" que ele pretendia implantar em seu país, mas pouco se importou com as avaliações. Entre os norte-americanos que observavam o desenrolar dos acontecimentos, quem alcançara a curta e cheia conclusão sobre o que ocorria em Cuba, muito antes, havia sido o jornalista Robert Taber, ao documentar a guerrilha na Sierra Maestra: "A Revolução, personificada em Fidel, é, antes de tudo, a declaração de Independência em relação aos Estados Unidos".

Manifestando-se propenso a negociar com o Norte, que ameaçava decretar a suspensão da cota açucareira de Cuba em seu mercado e cortar o envio de petróleo, Fidel não abdicava, contudo, de reivindicar o fim das atividades anti-revolucionári-as dos asilados cubanos em território estadunidense, e "dos

Lendo ao povo acordos entre
o ditador Batista e o governo dos EUA,
na I Declaração de Havana, 1959

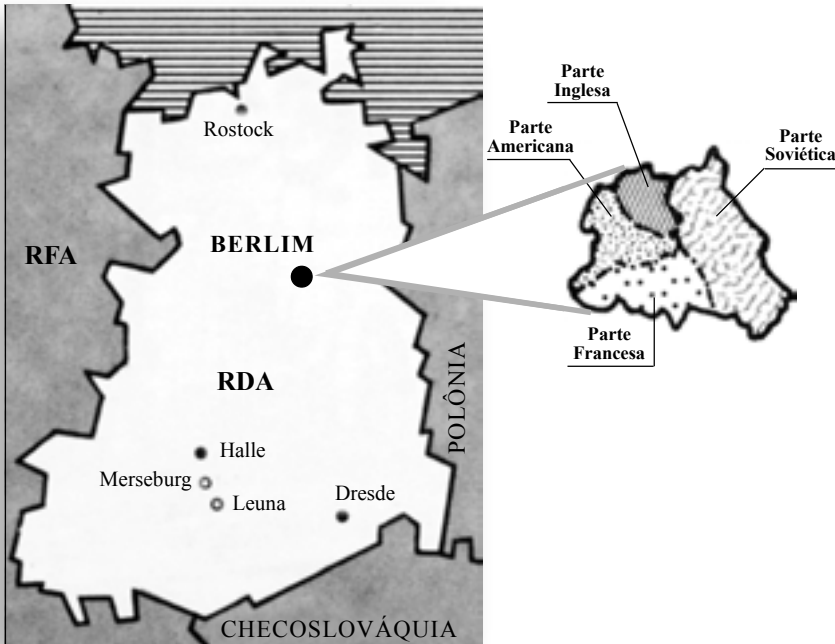
norte-americanos que os instigavam e apoiavam"[12]. Recebia evasivas como resposta ou nenhuma. A Administração de Eisenhower partia do primado de que todas as nações do Caribe deviam acomodar-se aos interesses da segurança norte-americana.[13]

Como alternativa, já atenta à Ilha do Caribe, a URSS propôs comprar o açúcar cubano e vender o seu petróleo a Cuba. De modo secreto, missões de representação cubana emprenderam vôos a Moscou e a Pequim. Dentro da proposta dos soviéticos, a exportação de 900 mil toneladas de petróleo, que correspondia a uma quarta parte das necessidades de Cuba, que com isso poderia economizar 24 milhões de dólares. O "sim" veio rápido e rotundo, sem variantes, pois qualquer outra implicaria contenção do programa de desenvolvimento. Logo, as refinarias norte-americanas afirmavam que não processariam a matéria-prima russa, justificando inclusive que era de grossa espessura, imprópria aos seus equipamentos.

Alexandr Alexeiev, um dos primeiros soviéticos a desembarcar na Ilha com a Revolução, como correspondente da Agência Tass, seria o agente-chave no concerto cubano-soviético. Travou rapidamente boas relações com a direção política, tanto a oficial como a extra-oficial. Alexeiev, ao encontrar-se com Fidel, meses antes, reivindicara-lhe o restabelecimento das relações diplomáticas, mas o seu interlocutor respondera-lhe que não era hora de sequer abordar o tema, conseguindo fazê-lo entender as razões.

Na URSS, como para muitos nos Estados Unidos, a imagem de Fidel era a do herói que ganhara a batalha – onde jamais se poderia conceber. Mesmo sabedor de que, em regiões latinas e africanas, os planos socialistas chamariam o alerta e o cerco das demais potências, o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Nikita Krushov, ansiava pela expansão soviética, espremida a oeste pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a leste pela China e pelo Japão. Consolidado no cargo, passara a projetar o seu país de modo competitivo, no

campo econômico e militar – e Cuba era “um porco-espinho a 144 quilômetros da costa dos Estados Unidos”, conforme expressou. Ela, que lhe surgia espontânea, evidenciava a debilidade da comunhão americana, como a fruta madura às avessas da Doutrina Monroe.

Mas o atrativo possuía os seus senões. Embora frágil, era sagrado o equilíbrio mundial, permitindo a coexistência entre antagônicos blocos – capitalista e socialista –, encabeçados pelos Estados Unidos e pela URSS. Ao terminar a Segunda Guerra Mundial, na conferência de Yalta (uma localidade da Criméia, na URSS), Roosevelt, Stálin e Churchill reuniram-se para definir a “divisão do mundo” em áreas de influência.[14] Apenas como uma amostra da seriedade do trato, os norte-americanos cruzaram os

Berlim após os acordos de Yalta, com suas zonas de ocupação

braços no levante da Hungria contra a URSS, em 1956, não ajudando sediciosos. Portanto, aliar-se a Cuba era, para os soviéticos, penetrar no coração alheio.

Diferentemente do secretário-geral, para a outra parte da direção soviética, a decisão de firmar o vínculo com Cuba exigia um estudo cuidadoso, inclusive pelas suas cartas fechadas no plano interno. Informações anteriormente recebidas de comunistas do PSP indicavam que Fidel, filho de um rico latifundiário, era um oportunista, contrário à luta de classes. Na verdade, era, sim, bom de tocaia, de restar à espreita. Nas festas de fim de ano, apareceu para incorporar-se à dança da conga na rua, feito cobra sinuosa. Por casualidade, compartilhava daquela corrente um general de Batista, chamado Umberto Carrera, que permanecera em Cuba. Quando houve a chance, Fidel foi conversar com o general e, tanto fez, que o convenceu de seu programa.[15]

Comemorando um ano da vitória rebelde, ele saiu, de mochila nas costas, acompanhado de Célia, convidados e de um grupo de estudantes, em direção ao topo da Sierra Maestra. Com os recrutas da Escola de Minas del Frío, treinou pontaria com os seus dois novos fuzis – um MAX e um FAL com mira telescópica, este um presente da fábrica belga. Ao seu lado, observava-o, interessado, o venezuelano Fabricio Ojeda, dirigente de oposição que não tardaria a tornar-se comandante de guerrilha em seu país. A política do Presidente venezuelano Rômulo Betancourt, de "conciliação nacional", mostrara-se, em essência, uma barrragem ao movimento popular, que vinha num crescendo desde a queda do ditador Pérez Jiménez. Na conversa, Fidel ofereceu a Ojeda o que lhe pareceu um dever: armas e homens, dadas as relações estabelecidas com os venezuelanos na etapa final da guerra. Para viabilizar o despacho, vislumbraria o caminho seguro adiante.

Como produto da experiência cubana em boa medida, desenvolviam-se tentativas de luta armada pela América Latina, assim como em outras regiões. Iniciando uma trajetória que atra-

vessaria a década, com parceiros homônimos nos territórios vizinhos, na Venezuela, a constituição do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), cujo núcleo compunha-se de membros desprendidos da Ação Democrática (AD, o partido no governo). Um outro grupo guerrilheiro formava-se com militantes comunistas desgarrados de esquemas partidários.

Fidel assumia-se como o promotor dessa Revolução além-fronteiras. Entre os seus claros sinais, a posição em favor da independência da Argélia e o anúncio da realização de uma próxima conferência "terceiro-mundista" em Havana, promovida em comum com o coronel egípcio Nasser. Para tanto, o líder cubano enviou emissários para convocar latinos, africanos e asiáticos, ao encontro que se previa para meados do ano e para o qual propunha "uma agenda aberta".[16] O elo entre Fidel e Nasser era a decorrência da viagem realizada no ano anterior por "Che" Guevara.

O coronel Nasser acalentava a idéia da emancipação intercontinental. Com fortes parceiros em Nehru e Tito, o líder egípcio insertava-se, plenamente, no estreito espaço entre a bipolaridade americano-soviética, disparando conceitos do chamado "neutralismo positivo", engatilhando o futuro Movimento dos Países Não-Alinhados. Enredava, desse modo, as condições que permitiriam aos Estados Unidos substituírem os países europeus no controle do Oriente Médio, além de frações da Ásia e da África.

A lhe servir de avalista na ofensiva, surgia a intelectualidade francesa, eufórica com a mudança estrutural iniciada em Cuba. Os escritores-filósofos Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, André Breton, fundador do movimento surrealista, Jean Cocteau, cineasta e poeta, entre outros, além de pensadores e artistas de vários países, saíam em defesa de Fidel e enviavam-lhe cumprimentos. Em fevereiro de 1960, o Comandante intercambiava opiniões com intelectuais convidados para o júri do recém-criado Concurso Literário Latino-Americano Casa de Las Américas, em Havana – entre eles, Miguel Angel Asturías, Benjamin Carrión e Roger Callois.

Retorcendo o charuto *H. Upmann* entre os dedos, ele lhes satisfazia a curiosidade do por que usava dois relógios. Havia sido o pavor tomado na guerra, de que o primeiro enguiçasse em certa "hora H", sem qualquer previsão de conserto. Os interlocutores insistiram se um dos relógios não era um gravador e Fidel respondeu que não dispunha de suficiente provisão de pilhas para dar conta de tanta conversa. Os intelectuais, de uma maneira geral, desfrutavam do encontro com Fidel, de sua leve, mas sofisticada inteligência, forjando um raro par que tanto lhes custava atingir. A ressaltar, alguns de seus fãs desse campo seriam o poeta chileno Pablo Neruda e o escritor norte-americano Ernest Hemingway, que esteve com Fidel pela primeira vez ao felicitá-lo pela conquista do Prêmio Pesca de la Aguja, disputado com outros 15 pescadores. Reparou que o cubano, que vinha adotando os esportes aquáticos como o lazer preferencial, havia sido o único a permanecer vestido com uma camisa, durante e depois da atividade, por uma timidez física, unida às reservas do cargo e ao frio forçado pelos jorros d'água. Hemingway era um antigo apaixonado pela Ilha e ali montara um aprazível sítio à beira-mar, de nome La Vigia de São Francisco de Paula. Boa parte do restante de sua vida, o escritor passaria em companhia dos pescadores da praia de Cojímar.[17]

Lançando-se na roda dos acontecimentos, provocando-os e a eles reagindo, particularmente na relação com os Estados Unidos, Fidel recebeu uma delegação de influentes norte-americanos – Robert Watson (presidente da Câmara de Comércio); Curt Lasser (Columbia Features); o campeão de boxe Joe Louis; e Mr. Herb Wright (Phillips Morris Incorporation) – em Havana, um intento de *marketing*, enquanto as relações bilaterais complicavam-se a cada dia. Aviões vindos do território norte-americano e de outras zonas do Caribe bombardeavam os canaviais, sendo alguns derrubados. O seqüestro de aeronaves cubanas, inclusive das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), tornava-se uma prática; eram levadas aos Estados Unidos e, muitas, logo destruídas

nos hangares dos aeroportos. Faziam-se freqüentes as sabotagens e as infiltrações de pessoas e armamentos para promover levantes. O Presidente Eisenhower justificava a necessidade de sanções, porque, dizia, o governo de Castro favorecia as reuniões dos comunistas. A fria diplomacia das notas de chancelaria – um hábito que muito frutificaria no embate cubano-americano –, junto às ameaças de corte da cota açucareira e da retenção de embarques de mercadorias, acompanhavam a intensidade das ações de choque, contextualizando as dificuldades de diálogo.

Na lógica de Fidel, era o preâmbulo de uma intervenção militar norte-americana, incentivando a militarização do Estado cubano, sob o argumento da urgência de reforçar as defesas. Junto com Raúl, pelas manhãs, passava em revista as tropas de milhares de milicianos que se exercitavam no campo das FAR. A universidade seria uma das primeiras instituições civis a organizar milícias, que, afinal, se formaram por todo o país sob o lema do "povo em armas".[18]

Em 1º de março, correu o boato em Washington do assassinato de Fidel, o segundo de ressonância desde sua última viagem aos Estados Unidos. Com jornalistas de todas as partes do mundo chamando Havana para apurar a informação, o cubano decidiu, em determinado momento, pegar um fone e dizer a um repórter norte-americano: "Diga a todos que digo que estou morto e, como tal, estou atuando como quem morreu faz tempo...".

No cais do porto de Havana, no dia 4, explodia o vapor francês *La Coubre*, ao descarregarem-se os *containers* de armas adquiridas na Bélgica, ocasionando 70 mortos e mais de 100 feridos. Os testes realizados por especialistas dariam a Fidel bases para afirmar que o acidente fora fruto de uma sabotagem preparada em porto europeu, com dinamite e explosivos à base de TNT.

Os jornais cubanos *Avance*, *Diário de La Marina* e *Prensa Libre* publicavam declarações de exilados políticos em Miami e no Caribe, que reclamavam eleições e o fim da violência no país.

Com os funcionários investindo contra os proprietários, Fidel pediu-lhes que tentassem uma solução harmônica, embora marcasse a sua posição: “Eles publicam o que querem e vêm dizer que aqui há censura? Isto é parte de um plano de difamação internacional para gestar as condições da agressão!”.

Os proprietários, enfim, anunciaram o fechamento de suas publicações e se asilaram. Sob esse efeito, Fidel revelaria, pela tevê, as conexões alinhavadas por um velho amigo, o jornalista Luis Conte Agüero, com o grupo Rosa Branca, de orientação batistiana, no exterior.

Por detrás de todos os acontecimentos, um denominado Projeto Cuba. Fora apresentado por Allen Dullles, diretor da CIA, ao Conselho de Segurança Nacional (NSC), em 13 de janeiro de 1960. Ainda que não contemplasse a “rápida eliminação de Castro”, estabelecia as condições para “uma planificação previsora

Falando ao povo, 1960

de ações encobertas".[19] A CIA dava início à Operação 40, em homenagem ao nome do grupo seleto formado no seio do NSC, igualmente intitulado Grupo dos 40 ou Comitê 5412.

Em 9 de março, numa reunião com executivos da agência, o coronel J. C. King, chefe da Divisão do Hemisfério Ocidental, recomendou que se provasse que o governo cubano promovia "um ataque à Base Naval de Guantânamo" ou que se eliminasse "de um só golpe os dirigentes (Fidel, Raúl e "Che" Guevara)"; caso contrário, ele "só será derrocado com o uso da força".[20] Oito dias depois, Eisenhower assinou uma ordem do NSC, autorizando uma pauta para a derrocada do governo. O Programa de Ação Encoberta contra o Regime de Castro possuía quatro tópicos: a criação de "uma responsável e unificada oposição cubana ao regime de Castro fora de Cuba"; uma "poderosa ofensiva de propaganda contra Castro"; a criação de uma "organização de ação e inteligência encoberta dentro de Cuba", coordenada desde o exílio; e "o desenvolvimento de uma força paramilitar fora de Cuba para uma futura ação guerrilheira"[21]. Assim sendo, começou o treinamento militar a exilados cubanos na Flórida, na Guatemala e na Nicarágua.

Convencidos de que, para dar um fim à Revolução Cubana, requeria-se a remoção de seu(s) líder(es) de posições de poder, sucederam-se planos de atentado a Fidel nessa conjuntura.[22] Dados desse subterrâneo *top secret* apareceriam, de modo compassado, a partir das afirmações dos jornalistas Drew Pearson e Jack Anderson em coluna no *The New York Times*[23], que relacionavam a CIA e a máfia nos intentos de assassinar Fidel. Na mesma época, o inspetor geral da CIA, J.S. Earman, após realizar uma pesquisa dos fatos, concluiria um relatório, calçado pelas memórias e nas parcas anotações dos agentes situados no esquema, visto que o seu caráter encoberto não recomendava documentação a respeito.

Característica do ano de 1960, conforme uma cronologia proposta pelo inspetor, em uma primeira fase, os planos objetivaram

desmoralizar a imagem de Fidel, "influenciando sua conduta ou alterando sua aparência". Um deles previa a utilização de um *spray* com um composto químico, parecido com o LSD, destinado a infectar o ar de um estúdio onde o Comandante fosse falar; um outro concebia a contaminação de charutos de sua preferência, para "abobá-lo em público" ou "provocar a queda irreversível da sua barba" – um sinal determinante da sua figura –, com a aplicação de sal de talium, uma substância depiladora, em algum dos artigos de seu uso pessoal.

No mês seguinte, ocorreram provocações na área da Base de Guantânamo, o palco de alguns dos planos. "Aos que dizem que vamos atacar a Base Naval de Caimanera (Guantânamo)... cuidado com as auto-agressões, que já não iludem...", disse Fidel.

Delegação cubana sendo expulsa do Hotel Shelburne, em NY, 1960

C A P Í T U L O 3 4

Depois de expulsos, Fidel e a delegação se hospedaram no Hotel Theresa, no Harlem, NY, 1960

O olhar de Simone

Losango vermelho e negro nas ombreiras. Desviando a vista desse curto quadro, enquanto desciam as escadas, Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir registraram a concreta "existência" de um gigante de uniforme cáqui, com laços zelosamente ajustados nas negras botas, apesar dos fartos cabelo e barba desgrenhados ao azar.

Fidel adiantou-se alvissareiro para cumprimentar o casal filósofo, sem poder disfarçar um certo mal-estar: mais que o atraso dos hóspedes, irritava-lhe a falta do intérprete, não prevenido a tempo, sendo ainda "caçado" n'alguma parte pela assessoria. Simone imprimiu na mente aquele perfil oblíquo de longo nariz, franzido de aborrecimento, oportunamente alisado por um sorriso.

Os dois seriam hóspedes especiais do governo e permaneceriam quase dois meses em Cuba, para observar a Revolução. De fatais conclusões, um precoce prognóstico: algo de trágico e frágil emarcava o seu líder. "O que aconteceria se desaparecesse?", conjeturou Simone.

"Perguntava-me o que era exatamente aquilo... As pessoas gritam de júbilo, lançam-se da tribuna, crianças corriam até o estrado e queriam tocar o seu uniforme.... Ele permanecia ali apenas sorridente, com uma espécie de torpeza. Nada de histriônico... Teria horror de decepcionar as pessoas que encontravam tanta felicidade em olhá-lo. Então, permanecia ali, um pouco turvado; parecia até tímido... Dá-se e, ao mesmo tempo, se observa... Pensa de maneira profunda, dialética, a partir das causas. Sabe que se atacar um problema por qualquer lado, tudo o que há demais virá inevitavelmente... Não parte jamais de uma teoria, forma idéias a partir da realidade. Parece que a sua superioridade intelectual vem daí... A originalidade da Revolução está em que faz o que tem de ser feito, sem se preocupar em definir uma ideologia a priori"[1], declarou Simone de Beauvoir. Como comentou "Che" Guevara aos filósofos, em um francês macarrônico, Fidel era, sem dúvida, "um vulgarizador de temas complexos".

Das jornadas pelo interior, a perturbadora lembrança, em Simone, das relações sem rodeios. Ao entrar nos povoados, um grupo cercava seu carro: "Fidel, Fidel, desça! O povo exige que fales!". Ele sacudia os ombros, murmurando: "Agora qualquer meia dúzia resolveu falar em nome do povo"; mas cedia solícito. Escutava as reclamações da gente no corpo a corpo, ao pé do ouvido, questionando, exagerado, as minúcias, e intransigente

com o *laissez passer*: “Por que não há sabonete nesse banheiro?... Por que está quebrado aquele vidro da vitrine? (...) Esse toldo é muito pequeno. No verão, quando houver mais gente, não terão como se proteger do sol! (...) Por que levaram para o escritório aquele rapaz que manejava o trator? (...) E o que roubou madeira na semana passada, não foi preso ainda?”.

Célia, a fiel e diligente companheira, tudo anotava. Em um bar de praia, onde pararam para tomar uns refrescos, Fidel irritou-se porque estavam mornos. “Olhem lá, já pousaram duas moscas...”, alertou os serventes. Em seguida, levantou-se para examinar os encanamentos da cozinha e dos banheiros, tomando notas para o ministro de Obras Públicas.

De madrugada, Sartre e Simone foram descansar em uma cabana e Fidel foi pescar. Voltou com os pargos e os vermelhos que o cozinheiro preparou pela manhã. Foi nessa ocasião que Sartre discorreu, a pedido do cubano, sobre o problema da Argélia. Tratou de explicar-lhe o impasse: após mais de dois anos de guerra, o general Charles De Gaulle, Presidente da França, buscando um acordo, propusera a realização de uma consulta eleitoral como referendo sobre a independência: se devia ser absoluta ou relativa (com autonomia, mas dentro da comunidade francesa), com um prévio cessar fogo. A Frente de Liberação Nacional (FLN), o exército rebelde argelino que representava a maioria muçulmana, recusou a proposta, o que porventura supusera De Gaulle, à procura de estirar o conflito até a derrota dos insurgentes e preservar os interesses dos colonos europeus no território (estes, a nona parte da população argelina, correspondente a um milhão de habitantes).

Depois seria a vez de Sartre satisfazer sua sensível curiosidade: como Fidel interpretaria um artista eminentemente esteta, mas que, como cidadão, atuasse em benefício do país? “Será um cidadão cívico”, respondeu-lhe Fidel, “mas como artista estará traindo sua própria obra, condenando-a ao isolamento. É o problema da arte pela arte...”, deixando manifesta sua concepção de

cultura, atada ao saber e à política, que não viria a sofrer sensíveis modificações no curso de sua vida.

"Antes, a cultura excluía o povo da verdade e do conhecimento de si mesmo, mas a Revolução abriu uma via dupla; o povo começou a descobrir a cultura e esta a descobri-lo... (...) Os intelectuais juntam o livro ao rifle: um é instrumento de cultura e o outro, de defesa da pátria...", sustentou.

Tal visão, estreita e conservadora para muitos intelectuais, era compartilhada por Sartre, que evitava, no entanto, o extremismo da defesa de uma "arte funcional".

A disputar com o casal francês as atenções de Fidel, quem chegava a Cuba, em 29 de março, era Jânio Quadros, candidato de oposição à Presidência do Brasil.[2] Ao desembarcar, declarou que fora apreciar a transformação social, econômica, política e moral que se operava, o que o fazia marcar pontos para um eleitorado brasileiro de esquerda, que deveria pender, no todo, para seu principal contendor, o marechal nacionalista Henrique Duffles Batista Teixeira Lott. Do aeroporto, o cadillac de Fidel zarpou, levando Jânio para o Hotel Havana Riviera, momentos em que o primeiro divertiu-se com o símbolo da vassoura usado por Jânio em campanha, que mais uma vez traduzia-lhe a lembrança do senador Chibás.

À noite, na recepção na residência do embaixador brasileiro Vasco Leitão da Cunha, onde aparecia de quando em quando, Fidel pôs-se a apreciar, à vista de todos, Nininha Nabuco, a filha do embaixador. Mesmo para quem não o conhecia, não era difícil detectar o seu gosto por uma mulher, pois ao pousar-lhe o olhar, torcia o nariz e a boca. Era um qualificado sedutor, embora a vida que levava não lhe permitisse dar seqüência às conquistas. Se o caso era premente, no entanto, tentava se "organizar", o que certamente ocorreu nesse, enquanto ele durou. Durante a festa, apesar da dita concentração de Fidel, um dos componentes da delegação, o líder das Ligas Camponesas do Brasil, um grupo que reivindicava a reforma agrária no Nordeste brasileiro,

Francisco Julião, em um canto reservado, encontrava a oportunidade de lhe pedir apoio aos seus planos, como também o faria com "Che" Guevara. Mais tarde, vários brasileiros do grupo de Julião seguiriam a Cuba para treinamento.

Fim de noite, Fidel foi recolher seu colete com a pistola deixados na recepção e descobriu que a segunda havia desaparecido. Na busca nervosa dos guardas por todo o recinto e convidados, resgatou-se apenas o coldre, caído no chão, mas nada dela, que, concluiu-se, fora usurpada por algum obcecado fã, cubano ou brasileiro.[3] Seria a primeira e a última vez que uma arma de Fidel sumiria no ar...

Em um *tête-à-tête*, Fidel contou a Jânio Quadros o caso da sua renúncia como primeiro-ministro. Jânio ficou tão impressionado que, mais de um ano depois, ao abandonar o cargo de Presidente, premido pelo que chamou de "forças ocultas", abrigava a inconfessa esperança de que o povo aclamasse pela sua volta, tal como ocorrera com o líder cubano. Quanto à conferência terceiro-mundista que Fidel desejava promover e para a qual solicitou a colaboração do brasileiro, este opinou que a via como incompatível com o "espírito pan-americano", ao que o outro retrucou com uma meia provocação: apenas governantes de países da América Latina não vinham mostrando a suficiente independência dos Estados Unidos para aceitar seu convite.

Fidel era o único na região a defender uma autonomia sem reticências. Os observadores da conjuntura, Sartre e Simone, chegaram a testemunhar, em pouco tempo, uma boa parcela das definições do governante que se esboçaram no ano anterior. Vale dizer: o gordo convênio com a URSS assinado por Fidel, semanas antes do programa que o governo de Eisenhower montava para derrubá-lo. Para tanto, Fidel havia dito a Alexandr Alexeiev, o correspondente da agência de notícias soviética Tass, que um modo de eliminar as "predisposições anticomunistas" em Cuba seria a promoção de um grande evento, como o que a URSS realizara no México.

Meses após esse comentário, vinham os soviéticos. A gigantesca Exposição de Ciência, Técnica e Cultura da URSS, gestionada por Alexeiev, deu cobertura à chegada do vice-primeiro-ministro Anastas Mikoyan, para sondar, extra-oficialmente, o estreitamento das relações.

Dispostos em um pavilhão de nove mil metros quadrados, os Sputniks, o Lunnik – que se converteu em satélite eterno do sol –, grandes maquetes da primeira central atômica, das plataformas de extração de petróleo submarino, microscópios eletrônicos, armamentos, automóveis, costumes populares, livros, revistas e a "Câmara dos Tempos" que permitia fazer milhões de fotografias por segundo. Tudo isso cativou os cubanos por sua demonstração de desenvolvimento, ao contrário do que se acreditava até então.

A partir do convênio selado por Fidel, com duração de cinco anos, Cuba devia comprar produtos soviéticos, especialmente petróleo, a um valor 33% inferior ao dos Estados Unidos, e fornecer à URSS um milhão de toneladas de açúcar ao ano, com preço cotado acima do mercado internacional, o que lhe garantia um saldo favorável na balança comercial de 70 milhões de dólares no período. Além disso, receberia um vasto suprimento de armas, assistência técnica, militar e de segurança, e um crédito de 100 milhões de dólares pagáveis em 12 anos, a juros de 2,5% ao ano, o que terminaria sendo saldado através do envio de contêineres de frutas, enlatados e conservas fabricados em Cuba. Ao pronunciar-se sobre o convênio, Fidel argumentou ser apenas um "intercâmbio eqüânime", que em países do Ocidente oportunamente chamariam de paternal subsídio.

O caso do U-2 norte-americano, o mais moderno avião de espionagem da época, que, decolando da base da Turquia, foi abatido ao violar o espaço aéreo soviético no dia 1º de maio, seria atribuído por Krushov ao "diabinho cubano desafiador". Em conseqüência, foi cancelada uma reunião sobre desarmamento entre Estados Unidos, França e Inglaterra de um lado, e a URSS

por outro, que se realizaria por aqueles dias em Paris. Uma semana depois do incidente do U-2, formalizou-se o restabelecimento das relações diplomáticas entre Cuba e URSS, com Alexeiev nomeado conselheiro da representação diplomática soviética e Faure Chomón embaixador cubano na URSS.

No rastro soviético, vieram representantes da DDR (Alemanha Oriental), da Polônia e da Checoslováquia para fechar outros intercâmbios. O encanto que Mikoyan tomara por Cuba tornava-se decisivo para influenciar o Leste Europeu, em cujo interior havia divergências no tocante à aliança com Fidel, como um efeito colateral das suas rusgas com o Partido Socialista Popular (PSP). Mas a influência do velho partido ia aumentando na mesma proporção em que se consolidavam os laços cubanos com a URSS. Blas Roca, secretário-geral do PSP, reconheceu, no Pleno do Comitê Central realizado em agosto, que o chefe da Revolução era Fidel Castro e revisou as críticas que fizera quando do assalto ao Moncada: "Não foi concebido como um clássico *putsch*, apesar da forma... Não pretendia abocanhar o governo, mas iniciar uma revolução...".

Por iniciativa comum de Fidel e Blas Roca, criaram-se, oficialmente em 2 de dezembro, as Escolas de Instrução Revolucionária (EIR), cuja missão era explicar e divulgar o marxismo-leninismo aos cubanos, sob a direção geral de Lionel Soto. Roca só não pôde calar os companheiros destoantes, que continuariam intrigando o governo, a boca pequena.

Em junho, as principais empresas petroleiras norte-americanas anunciaram que não enviariam um só barril de petróleo ao território cubano e as refinarias não processariam o óleo cru vindo da URSS. A Texaco deslanchou a crise, sendo seguida pelas refinarias da Esso e da Shell. Então, o Presidente Eisenhower tomou a decisão de cortar a cota açucareira de Cuba, o que foi ratificado pelo Congresso norte-americano em 3 de julho. Com isso, Cuba perderia os milhões de dólares de suas exportações para os Estados Unidos.

"Tirarão a cota, libra por libra, e nós lhes tiraremos as usinas... uma por uma!", pontificou Fidel. Krushov enviou-lhe prontamente um telex, afirmando que a URSS compraria a totalidade de seu açúcar.

A cada decisão expressa dos Estados Unidos, Fidel aproveitava para responder com uma outra radical, no objetivo de inverter o pressuposto causante. Ao representar os fatos como seus cúmplices, podia justificar que "o imperialismo" era o maior culpado da briga. Ainda em julho, no dia 6, assinou a Lei nº 851, estabelecendo a nacionalização de todas as propriedades norte-americanas em Cuba. Um mês depois, relacionavam-se as refinarias de petróleo, 36 usinas açucareiras e as companhias de telefone e luz.

Pressionada pelos Estados Unidos, a Organização dos Estados Americanos (OEA) condenou Cuba na *Declaração de Costa Rica*[4] e, em 2 de setembro, milhares de cubanos, com Fidel, a repudiavam na Praça Cívica (ou Praça da Revolução), aprovando a *Declaração de Havana*. Quinze dias depois, nacionalizaram-se os três bancos norte-americanos que operavam em Cuba: o First National City Bank of New York, o First National Bank of Boston e o Chase Manhattan Bank.

Em plena batalha com os Estados Unidos, no dia seguinte, 18 de setembro, Fidel resolveu viajar a Nova York para participar da XV Reunião da Assembléia Geral das Nações Unidas. Já no avião e antes de decolar, levantou de súbito, olhou em volta e perguntou: "Onde está Santiago Alvarez?". Era o repórter, depois cineasta, considerado um gênio do documentário entre os latino-americanos, que estava meio escondido em uma poltrona no fundo da aeronave. Fidel já se acostumara a tê-lo sempre por perto, registrando-o, em uma época em que, entre Alvarez e os da escolta, havia ainda certos estranhamentos. Só aos poucos, contou Alvarez, a "parede" dos guardas se convenceria de amaciar ante a sina do documentarista: "colar atrás de Fidel com a câmera na mão", como mais uma de suas extensões, reportando-o

por completo, onde estivesse, para o jornal cinematográfico do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC), durante décadas.

* * *

Atmosfera de tensão. Agentes do FBI e uma porção de policiais custodiavam o Hotel Shelburne, onde Fidel se hospedaria em Nova York. Do lado de fora, protestos e incidentes sucediam entre anticastristas e simpatizantes da Revolução.

Na manhã seguinte, quando nem bem começara a reunião, Fidel dirigiu-se às pressas ao prédio da Organização das Nações Unidas (ONU), para protestar pelos insultos de que vinha sendo objeto a representação de seu país. Concomitantemente, julgando-se lesionada, a gerência do hotel notificara que a delegação deveria abandonar o recinto e negava-se a devolver os cinco mil

Com Malcolm X, no Hotel Theresa

dólares depositados como garantia de gastos, argumentando ter que aguardar instruções do Departamento de Estado. "Se necessário, acamparemos nos jardins, que é um território internacional", declarou Fidel na ONU, ao não encontrar um hotel que pudesse lhe oferecer garantias.

Por detrás da cena visível, ainda sérios indícios de um plano de atentado. A CIA tratara de recrutar um membro da Segurança à disposição dos chefes de Estado e, assim, introduzir charutos explosivos na caixa que ficava exposta na suíte de Fidel, mas o policial se recusara. Semanas antes, o supervisor da Divisão Química de Serviços Técnicos na CIA, Joseph Schreider,[5] preparara, como alternativa, uma outra caixa de 50 charutos com botulina tóxica.

O movimento negro do Harlem ofereceu-lhe um hotel no bairro, que ele aceitou. Logo chegaria ao Hotel Theresa (Rua 125 com 7ª Avenida), sendo aclamado por milhares de negros aglutinados nas imediações. Excluído do convite ao banquete oferecido pelo governo no Waldorf Astoria, almoçou no Theresa acompanhado do proprietário, seus empregados e jornalistas dedicados à cobertura. No local, apareceram Nikita Krushov, o marechal Tito e Nasser, para conversar. No decorrer das sessões da assembléia, trocou ainda idéias com o argelino Chanderli, o líder hindu Nehru e N'Khrumah, o Presidente da República de Gana. No dia 26 de setembro, Fidel pronunciou seu discurso:

"Senhores delegados, aproveito para lhes dizer que há muitas mães nos campos de Cuba e neste país, que ainda esperam um telegrama de condolências por seus filhos assassinados por bombas dos Estados Unidos..."

Exigiu a retirada da Base de Guantânamo do território cubano e abordou a problemática africana. As suas relações na área afirmavam-se particularmente com Gana e Guiné, que pregavam a união africana pela descolonização. Naquele ano, 17 países africanos tornavam-se independentes, ainda que certas condições reproduzissem a "balcanizacão" no continente – os particularismos tribais e os embates das lideranças, ambos aspectos explorados

pelas grandes potências –, de acordo com a expressão formulada por Fidel em seu discurso. Também as fronteiras entre os países da área haviam sido traçadas de uma forma artificial, atendendo os interesses dos colonizadores europeus e desconsiderando as distinções etno-culturais.

Entre os dirigentes africanos com formação européia, na Tanzânia, Julius Nyerere projetava a versão de um *socialismo espiritualista*, em busca da essência igualitária das comunidades africanas, rejeitando a luta de classes. Já Sekou Touré, o emergente líder da Guiné[6], contestava que "pertencer à França ou à comunidade francesa seria continuar a subordinação e o estado de indignidade", compartilhando a posição do FLN argelino. Touré iria a Havana em outubro, a convite de Fidel, realizando a primeira visita de um chefe de Estado africano ao país. Conakry,

Com Nikita Krushov, no Hotel Theresa

a capital guineana, tornar-se-ia o primeiro ponto de contato dos cubanos na África.

Ao Congo Belga (chamado Zaire e, atualmente, República Democrática do Congo), Fidel dedicava uma projeção especial. Logo que o dirigente Patrice Lumumba manifestou-se por uma real independência, com a economia nacionalizada, belgas e norte-americanos, em busca de preservar a exploração das grandes riquezas minerais da região, estimularam diferenças entre grupos a ponto de fazer explodir uma guerra civil. Lumumba recorreu à ONU e à URSS, mas terminou assassinado em 15 de fevereiro de 1961, como fruto de um complô organizado pela CIA.[7] Após o episódio, o líder da FLN argelina, Ahmed Ben Bella, sugeriu a Fidel que a emancipação da África passaria, inevitavelmente, pelo Congo.[8] Ditos contatos formalizaram-se no Movimento dos Países Não-Alinhados, cuja primeira conferência realizou-se em Belgrado no mesmo ano. Segundo o líder cubano, nesse marco, "Cuba assumiu a liderança de uma terceira posição, nem comunista, nem capitalista, nem opressão ideológica, nem opressão econômica". Era, no mínimo, mais um autodesafio em sua vida, em uma etapa de enlace com os soviéticos.

Recebendo visita do coronel Nasser,
Presidente do Egito, no Hotel Theresa

Em meio à reunião das Nações Unidas, o avião de Fidel foi confiscado por credores norte-americanos e ele teve que regressar a Cuba em um quadrimotor oferecido por Krushov. Prestes a partir, ao replicar à pergunta de se era comunista, disse: "Para vocês, comunista é todo aquele que tem idéias progressistas. Sou o mesmo de sempre e não faço mais que cumprir tudo que prometi...". Krushov, na mesma oportunidade, disse desconhecer o que era o cubano, mas que ele se considerava um fidelista.

* * *

Para o fim do ano, Fidel completava um ciclo de mudança econômica em Cuba. Declarou pública e estatal a função bancária e assinou o decreto de nacionalização de mais 548 empresas e fábricas, incluindo propriedades de estadunidenses e outras atividades do comércio varejista. Concluiu a reforma urbana, com a entrega de moradias aos inquilinos e pagando a compensação aos proprietários dos imóveis. Embora não estivesse programada, a nacionalização do ensino, em vários graus, também foi decidida, em decorrência da expulsão do clero envolvido em conspirações. Alguns sacerdotes foram presos, mas não houve fuzilados.

O êxodo político se incrementava. Junto a muitos cidadãos comuns que não suportavam o novo perfil do poder, debandaram ex-militantes opositores de Batista, ex-rebeldes do Movimento 26 de Julho (M-26) e de outras organizações, que acusavam Fidel de comunista e traidor da Revolução. Juana Castro Ruz, uma das irmãs de Fidel, também rejeitou a ascensão dos comunistas e se exilou nos Estados Unidos. Para essa situação de extrema polaridade, contribuía a recente criação dos Comitês de Defesa da Revolução (CDR), compostos de populares que, em cada bairro, incumbiam-se de vigiar e detectar atividades contra o regime.

No total, nos três primeiros anos da Revolução, 256 mil dos seis milhões de cubanos (a população total do país na épo-

ca) deixariam o país rumo à Flórida. Fidel decidiu autorizar a saída de todo aquele que desejasse, quando, do outro lado, promoviam-se as entradas "ilegais" para residência nos Estados Unidos, por seu significado político e propagandístico, consolidando a idéia do país partido. Logo, Fidel enrijeceu também os chamados passes de retorno breve, normalmente fornecidos pelos guarda-fronteiras aos que faziam curtas viagens à Flórida. "Não vamos facilitar enlaces aos contra-revolucionários que saem pela manhã e regressam à tarde! Longe de estarmos interessados em que não saiam; no que estamos interessados é que não regressem!", esbravejou.

Em Miami, a CIA fundava uma grande estação para organizar a massa do exílio. Ali, concentrar-se-iam vários "oficiais de caso" para o controle de muitos agentes cubanos, uma frota aérea e naval, escritórios e "casas de segurança", conformando uma boa parte da cidade que passou a ser conhecida como *Little Havana*. O tráfego entre a Flórida e os países limítrofes – Costa Rica, Nicarágua e Guatemala – fez-se intenso, aquecido pelo contrabando de armas, apetrechos militares e drogas, e ainda pontos de lavagem de dinheiro. Em favor da "volta da democracia" para Cuba, a CIA ajudou a criar várias organizações de exilados, fornecendo-lhes armamentos e recursos; contudo, uma porção significativa acabou sendo "penetrada" pela contra-inteligência de Fidel.

Feito o ente oculto onipresente em sua história, a morte recobrava o ímpeto de perseguir Fidel, espreitando o instante de nocauteá-lo. Começava a segunda fase dos planos da CIA para eliminá-lo, mais intensivos e articulados[9], com a colaboração da máfia, igualmente interessada no serviço, em razão de negócios prejudicados pelo novo regime cubano.

Para a CIA, iniciava-se a Operação Sindicato do Jogo, que abarcaria duas fases – a primeira até fins de abril de 1961, reconhecida pelo Senado norte-americano em 1975, como um dos oito planos de atentado a Fidel. Os oficiais de inteligência

envolvidos, além do diretor da CIA, Allen Dulles, e do vice-diretor geral Charles Cabell, foram Richard Bissell (subdiretor de planos), Sheffield Edwards (diretor de Segurança) e James O' Connell. Os participantes da máfia foram, principalmente, John Roselli e o *capo* Santos Trafficante Jr., além de Sam Momo Giancana.

A ação operativa deslanchou quando Robert Maheu, um detetive particular e ex-agente do FBI, foi escolhido para realizar o contato com John Roselli. Maheu se apresentou como um assessor de empresários prejudicados em Cuba, que lhe ofereciam 150 mil dólares pelo serviço de eliminação de Fidel. Selado o acordo, posteriormente, em um encontro ocorrido em setembro de 1960, no Hotel Fontainebleau de Miami, Sam Giancana e Santos Trafficante apareceram acompanhando John Roselli. Os mafiosos aventaram a possibilidade de exterminar Fidel em um tiroteio em algum ponto de Cuba, que foi descartada em seguida, devido ao forte dispositivo de segurança do líder.

Entre todos, Santos Trafficante era o mais significativo "Don" do circuito Miami-Havana[10]. Quase dois anos passados do triunfo da Revolução, ele ainda preservava relações dentro da Ilha, por conta de atividades remanescentes[11] – alguns poucos cassinos de jogo em operação, sob as regras dispostas para o mercado turístico. O desmantelamento dos negócios mafiosos dera-se de forma gradual. Até o início de 1959, Trafficante controlara vários hotéis-cassinos – como o já mencionado Hotel Capri –, pontos de gastronomia e diversão e grande parte do negócio do contrabando (de armas, drogas e bebidas alcoólicas).

Em julho daquele ano, quando ainda mantinha uma bela residência em Havana, Trafficante foi detido pelo Serviço Secreto cubano e transferido a um estabelecimento denominado Triscornia, destinado a estrangeiros à espera de extradição. Ali permaneceu até o momento em que as autoridades julgaram propício para sua saída, dado que corriam processos judiciais contra o "capo" em território norte-americano.[12] Segundo documentos

da contra-inteligência cubana, ele deixou o estabelecimento a 8 de agosto de 1959 e o país, dias depois.[13]

Há duas explicações para a aparente complacência no tratamento com Trafficante, na ocasião. Uma, o fato de ele haver facilitado a aquisição de armas para grupos em luta contra Batista, dos quais, alguns tinham representantes que conquistaram uma boa situação no aparato do novo governo. Assim atuando, o mafioso de faro político buscara se precaver no caso da queda de Batista, que franqueara as portas do país para a máfia em geral. Outra razão devia-se a que as relações surgidas na "rede" de Trafficante serviam, no presente, como uma fértil fonte de inteligência sobre o nascente movimento contra-revolucionário no exílio.

Para que se tenha uma idéia, Trafficante era um velho conhecido de alguém que possuía um acesso direto e constante a Fidel. Tratava-se de Juan Orta, um dos funcionários do gabinete do primeiro-ministro.[14] Orta, entretanto, andava muito insatisfeito, necessitado de dinheiro, pois havia perdido uma boa fonte de renda proveniente dos negócios de Trafficante. Propuseram-lhe, então, ser o executor do envenenamento de Fidel, com pastilhas com botulina tóxica, dissolvente em líquidos frios, as quais recebeu e escondeu por duas semanas no início do ano de 1961, sem decidir-se a finalizar a operação. No mesmo período, ele perdeu sua posição no gabinete ministerial e, em abril, asilou-se em uma embaixada.

Dois meses antes, em fevereiro, outras pastilhas com o veneno seguiram, por recomendação de Trafficante, para as mãos de Manuel Antonio de Varona em Miami. Varona, destacada figura política no antigo regime, era então sócio do mafioso em uma companhia imobiliária do sul da Flórida, e era também o chefe da organização contra-revolucionária Resgate, que contava com membros ativos em Cuba. Entre março e abril, Varona enviou as pastilhas envenenadas para Alberto Cruz Caso, seu homem de confiança dentro do país. Todavia, o sinal necessário para acionar a execução jamais chegou a Varona.

O princípio de "compartimentação" nos métodos da CIA tornou-se, neste caso, o seu algoz, ou a sua vítima. Nenhum dos personagens envolvidos na conexão do atentado a Fidel conhecia a outra que lhe era correlata: a de um plano de invasão a Cuba, e vice-versa. John Roselli, quando tratou de localizar Varona às pressas, não conseguiu, posto que ele fora isolado com o grupo de componentes do suposto futuro governo em Cuba, após o sucesso da invasão[15].

Fidel recebia e captava indícios dos planos, por seus agentes, dentro e fora do território, infiltrados na referida "rede" máfia-CIA (particularmente na de Santos Trafficante). A caminho, uma real invasão vinda dos Estados Unidos, a concretizar a trágica tormenta antevista por Simone de Beauvoir, um ano antes, como uma ameaça ao líder.

Havia rumores de que os invasores mercenários seriam apoiados por forças militares dos Estados Unidos. Raúl Castro já viajava aos países do Leste Europeu para tratar do fornecimento de armamento pesado, incluindo aviões Migs. Pilotos cubanos foram a Praga para treinamento. As armas necessárias vieram em aviões e barcos camuflados, primeiro da Checoslováquia, depois da URSS, em farta quantidade, entre ligeiras, de artilharia e morteiros, tanques, canhões autopropulsados, antitanques, baterias antiaéreas e fuzis de todo tipo. Alguns canhões, com a respectiva munição, vieram da Itália.

Fidel recordou: "Dos italianos, seis canhões... obuses de 120, alguns projéteis de morteiro... Para falar a verdade, aquele equipamento depois foi mandado para a Argélia". Ele supervisionaria os treinamentos com as milícias em vários pontos da Ilha, a toque de caixa, trocando impressões com assessores militares checos e soviéticos recém-chegados.

A 3 de janeiro de 1961, os Estados Unidos romperam as relações diplomáticas com Cuba. Previamente, o chanceler cubano Raúl Roa requisitara, por intermédio do Conselho de Segurança da ONU, a redução de pessoal da embaixada norte-

americana em Cuba, sob o argumento de que a maior parte desenvolvia atividades de espionagem e subversão. Eisenhower solicitou à Suíça que representasse os assuntos diplomáticos dos Estados Unidos em Cuba – esta, por sua vez, indicou como seu representante a Checoslováquia.

Ao tomar posse em 20 de janeiro, o novo Presidente dos Estados Unidos, John Fitzgerald Kennedy, tomava como legado um projeto de invasão prestes a executar-se, sob os auspícios da CIA e do Pentágono. Da CIA, obteve informações de que o povo cubano se somaria aos invasores, mas desaprovou os métodos.

Em fevereiro, a CIA preparava o envio de um grupo com uma tarefa para o "dia D", em terra cubana: sublevar unidades da Marinha de Guerra e da polícia, com elementos conhecidos. Entre os que vieram, encontrava-se o ex-ministro da Agricultura Sorí Marin, que desembarcou no ponto Fundora, entre as províncias de Havana e Matanzas. Fidel, informado, concebeu, com agentes da G-2, a captura dos implicados, provocando, previamente, a detonação de falsos levantes e protestos.

A infiltração de grupos treinados em bases norte-americanas, como a do Panamá, era um dos condicionantes da Operação Pluto, o nome do programa da invasão em seu conjunto. Um outro era a atuação de uma "quinta coluna" na região do Escambray, como contenção às tropas revolucionárias, já que se previa o desembarque mercenário naquela região, de bom acesso pela costa e com um aeroporto. Para lá, deslocaram-se, com efeito, vários grupos ajudados por membros do extinto exército de Batista. Fidel, observando os movimentos, providenciava a detenção de cada participante. Sabia de tudo e confiava em poucos.

Em março, criou o Ministério do Interior, que agrupava as atividades de polícia, inteligência e contra-inteligência. Naqueles tempos, em um certo momento, havia, em Cuba, 15 mil presos ligados a conspirações contra-revolucionárias. Entre eles, Rafael Del Pino, Jorge Sotús e Enrique Ovares, que haviam participado da história de Fidel antes do poder, todos flagrados pela segu-

rança. Na época, o líder cubano recebia as cópias das atas da Associação de Fazendeiros, do próprio secretário que as redigia. Certo dia, com a conspiração andando, mandou cercar a casa das reuniões e, à medida que os conspiradores chegavam, era ele mesmo quem os recebia.[16] No mesmo mês de março, seria a vez de Eloy Gutiérrez Menoyo decidir rumar ao exílio. Nos Estados Unidos, ele constituiu o Alpha 66,[17] que se tornaria uma das mais fortes organizações anticastristas.

O ex-Presidente Urrútia, que, então, vivia em Havana da sua aposentadoria de juiz, também se foi em abril, em instante de convocação geral para o serviço militar. Aproveitando que a vigilância do quarteirão onde residia havia desaparecido, correu à embaixada da Venezuela para pedir asilo e chegou a Miami seis meses depois. Já o ex-professor de Fidel na adolescência, Angel Fernández Varela, foi detido em janeiro, quando tentava embarcar para os Estados Unidos, e liberado em seguida. Ao encontrar-se com Fidel, no Restaurante Potín, dele recebeu um certo aviso de cuidado, mas queria – e devia – permanecer no país: no ano anterior havia sido recrutado pelo oficial da CIA David Atlee Phillips, em uma viagem a Coral Gables.[18] Não tardou, no entanto, a rumar também para o exílio, pois Philips o convocou a assumir o trabalho na Rádio Swan, que transmitia propaganda contra-revolucionária na Flórida. Quanto a Max Lesnick, ciente e expressamente avisado da situação adversa, partiu também para a Flórida em uma lancha, da praia de Cojímar. Mas, segundo declarou, ele era um caso à parte: "Fidel sabia que eu nunca me converteria em instrumento da política norte-americana."[19]

INMINENTE
INVASION YANQUE
ROA A LA ONU PARA DENUNCIAR EL ATAQUE
Vea información en la página DO
REVOLUCION
Patria o Muerte ¡Venceremos

Durante a invasão da Baía dos Porcos, 1961

C A P Í T U L O 3 5

Em treinamento de combate, 1961

A invasão dos traídos

Fidel, visivelmente esgotado, com mais uma noite passada em claro, sobrevoava a Ilha inspecionando as fronteiras de helicóptero. Ninguém sabia, nem podia saber com precisão, quando e como ocorreria a invasão, embora ele próprio desconfiasse que a provável variante era a Península de Zapata, próxima à zona do Escambray. Margeada por um denso pântano,

o acesso à península por terra era dificultoso pela estreiteza das vias, mas tal geografia tornava-a ideal para ali plantar "a cabeça de praia", a base da invasão.

Na capital, do posto de comando das Forças Armadas Rebeldes (FAR), Fidel divisou aeroplanos no céu aproximando-se, evoluindo em circular. Sábado, 15 de abril de 1961, de surpresa, vários B-26 pintados com insígnias da Força Aérea cubana, bombardearam o acampamento das FAR nos arredores de Havana e os aeroportos de San Antonio de los Baños e de Santiago de Cuba. "Em menos de 20 segundos, nossa artilharia respondeu ao fogo...", rememorou o líder.

Sete mortos e 53 feridos. Uma multidão acompanhou o cortejo do enterro das vítimas até o cemitério de Colón, em Havana, onde ele discursou sobre um palanque de madeira em frente à entrada principal. Declarou alerta de combate e, percebendo ser esta a justa oportunidade, decidiu explicitar, pela primeira vez, qual a verdadeira ideologia que inspirava a Revolução: "O que não podem perdoar... é que tenhamos feito uma revolução socialista no nariz dos Estados Unidos! E que essa revolução socialista seja defendida com estes fuzis!".

O bombardeio era o prelúdio. Vieram avisá-lo de que uma esquadra aproximava-se pelo oeste de Havana e pareceu-lhe esquisito. De fato, era rebate falso, uma tentativa de desnortear a defesa. Na madrugada de 17, estando Fidel no posto de comando militar, recebeu a informação de que no extremo oriente, no litoral de Baracoa, fora detectada uma outra embarcação aproximando-se da costa.

Mesmo assim, Fidel ainda sustentava a intuição de que a direção principal do ataque, que estava por ocorrer, seria a Península de Zapata, e ordenou uma mobilização imediata nessa direção. Uma das unidades enviadas ao local deveria situar-se nas franjas da Serra do Escambray.

Com efeito, quase ao alvorecer, dezenas de pára-quedistas se lançavam nas imediações da península, iniciando a tomada

da “cabeça de praia”. O grosso da Brigada 2506, uma expedição de 1.400 mercenários treinados, a maioria, na Guatemala, divididos em sete batalhões, de 200 homens cada, por cinco navios, estava chegando a Playa Girón (Baía dos Porcos) para o desembarque anfíbio e aéreo. Saltando de uma balsa separada da grande embarcação, homens-rãs dirigiam-se ao extremo direito de Playa Girón. Outra parte da expedição deslocou-se à contígua Playa Larga. Alguns oficiais da CIA monitoravam as operações do desembarque a distância.

Para posicionar e efetivar um contra-ataque, Fidel contava apenas com duas vielas tortuosas, “uma espécie de Passagem das Termópilas”, como definiu, lembrando a mitologia grega. Proferindo ininterruptas ordens, gritando pelo telefone, ele surgiu pela região andando a passos largos, ora em cima de um

Durante a invasão da
Baía dos Porcos, 1961

tanque, depois se movendo exaltado no jeep, puxando a barba e expondo-se como o cobiçado alvo.

Avançando o dia, os milicianos já demonstravam poder de resistência em alguns pontos. No fim da tarde, Fidel foi estudar mapas e elaborar formas de colocação das tropas para bloquear definitivamente a passagem, pensando em situá-las pelo oeste de Playa Larga e avançar até Playa Giron, antes do amanhecer. Em alto-mar, divisava-se um porta-aviões norte-americano que parecia detido sob algum impasse.

À noite, chegou a Fidel a notícia de mais um desembarque, a oeste de Havana. Para lá se deslocou, mas flagrou-se enganado, precisando recompor-se e recuperar rapidamente o máximo de raciocínio e precisão. Retornou à zona dos combates e, no dia seguinte, ordenou um avanço em bloco sobre Playa Girón. Horas depois, de pé, sobre um tanque T-34, Fidel cruzou a beira-mar de Girón no comando de uma bateria de canhões e abateu, ele mesmo, um dos últimos barcos com um tiro certeiro.

No dia 19, encontravam-se recuperadas as posições tomadas pela brigada invasora. À tarde, contando-se pouco menos de 72 horas de luta, os navios puseram proa para alto-mar. Entre as tropas cubanas, contavam-se 157 mortos e centenas de feridos. Entre os mercenários, 1.197 prisioneiros, muitos capturados quando corriam pela região pantanosa, desesperados, buscando sair em alguma direção, gritando e queixando-se de traição. Reconheciam no Presidente JFK o grande culpado por sua derrota.

“Kennedy não impediu a invasão”, interpretou Fidel, “porque ainda não tinha suficiente autoridade, nem suficiente experiência no governo... mas evitou um erro muito mais grave, que teria sido o de autorizar o ataque militar...”

As forças militares dispostas nos navios parados no mar do Caribe restaram à espera de uma ordem de cima, nunca despachada. O Presidente norte-americano preservara a coerência com as declarações que fizera cinco dias antes: de que a armada estadunidense não participaria de nenhuma invasão.

Fidel interrogou detidos e pôde apurar, pessoalmente, os detalhes da operação. Depois requisitou uma indenização ao governo norte-americano por perdas e danos, em troca da liberdade dos prisioneiros de guerra. Passados quase dois meses, em 6 de junho, deu corda política ao assunto. Em uma carta ao comitê negociador do caso, propôs renunciar a qualquer indenização, desde que o governo norte-americano gestionasse com seus aliados Francisco Franco (Espanha), Luis Somoza (Nicarágua), Miguel Idígoras (Guatemala) e Muñoz Marín (Porto Rico), a liberdade de cidadãos encarcerados – "por lutarem contra o fascismo, o racismo, o colonialismo e o imperialismo, como Henry Winston, o líder do Partido Comunista (PC) norte-americano, que se encontrava preso desde março de 1956" –, em um número igual aos 1.189 prisioneiros de Girón. Recusada a proposta, em dezembro chegou a Havana a indenização – conteineres de conservas de alimentos e remédios para crianças, avaliados em 54 milhões de dólares. Fidel inspecionou a mercadoria e procedeu à troca dos prisioneiros.

* * *

Apesar da intensiva concentração na defesa do país desde o início de 1961, o programa social não estancara em Cuba. As dotações dos soviéticos permitiam o avanço na construção de hospitais e policlínicas, e generalizava-se, pouco a pouco, a gratuidade dos serviços de saúde, com a formação de novos médicos e profissionais do setor. Ante o crônico problema educacional, Fidel convocara também 10 mil professores, voluntários, para ganhar a metade do salário e deslanchar a erradicação do analfabetismo, especialmente nas zonas do interior – 40% da população cubana, de seis milhões de habitantes, não sabiam ler nem escrever. Quartéis e delegacias foram transformados em escolas e várias das mansões residenciais de luxo da capital, antes abandonadas, transformavam-se em institutos, empresas do Estado ou centros educativos.

Por outro lado, o circuito realizado por "Che" Guevara pelos países socialistas em fins de 1960, fizera-o duvidar da eficácia do modelo soviético. Renegava neste o que enxergava como visão mercantil e burocrática, o determinismo tecnológico e o vício dos cálculos, que se transformavam em cartilha na URSS e, para ele, correspondiam ao princípio da concorrência capitalista. "A construção do socialismo em Cuba tem que fugir desse mecanicismo como da peste", alertou "Che" a Fidel, em particular.

Em vias de elaborar um novo pensamento, "Che" desejava realizar o socialismo com rótulo local, queria provar um novo método de planejamento econômico, em que a maior rentabilidade significasse a queda nos custos de produção. Propôs, assim, incentivar as "forças produtivas", através de estímulos morais e materiais aos trabalhadores, com predomínio dos primeiros, buscando o aperfeiçoamento do indivíduo. O médico argentino não sabia dizer quando, mas um dia, sonhava, nasceria, sim, o "homem novo", com uma real consciência do coletivo. Fidel escutou todas as suas reflexões e nomeou-o presidente do Banco Nacional, depois ministro de Indústria, certamente apostando naquelas reflexões.

Com "Che", integrando a cúpula da economia e participando da direção da Junta Central de Planejamento (Juceplan), estavam o Presidente Osvaldo Dorticós e Carlos Rafael Rodríguez, o economista e intelectual do velho Partido Socialista Popular (PSP). Mas, diferentemente de "Che", Carlos Rafael pregava a aplicação dos manuais soviéticos na gestão econômica, sem alterações, pelos seus 40 anos de eficácia. Já o Presidente Dorticós evitava a celeuma, preferia atuar como um consultor. Quanto a Fidel, discutia muito com os dois, cada aspecto, querendo se esclarecer mais e, ao mesmo tempo, tentando persuadi-los sobre o que se dava por convencido, sem nunca, por tato, produzir o ultimato. No fundo, ele percebia como "Che", mas era flexível para com as opções da URSS: a necessidade desta preservar-se como superpotência no tabuleiro internacional pressionava-a a adotar posturas competitivas.[1] Entre os dois lados, Fidel trans-

mutava-se em pêndulo, mas dentro do campo do socialismo, patrocinando a mudança unida à estabilidade:

“Os Estados Unidos crescem ao ritmo de 2,3% a 2,5% ao ano. A URSS, a um ritmo de 10% a 11%. Em um curso de apenas 20 anos, a URSS ultrapassará a produção total per capita dos Estados Unidos... (...) A realidade vai apresentando novos problemas ao comunismo e ao socialismo... E há que convir que cada país tem as suas peculiaridades, às quais devem se ajustar o programa e os métodos...”[2]

Para Fidel, mais importante do que a prosa teórica, era resolver a carência de oferta de bens e serviços em Cuba. Todos reclamavam de anarquia na distribuição, já que nunca chegava produto suficiente aos pontos-de-venda. O socialismo, comprovava o líder, não havia sido concebido para a carestia, conforme supusera Karl Marx, e mais ainda em uma situação de demanda ascendente. O crescimento do consumo em Cuba – o do arroz e o do leite dobraram, em um ano e meio[3] – era decorrência direta da política social e do “pleno emprego”. Fidel, pensando em como afrouxar o nó cego, resolveu criar uma cadeia de “Lojas do Povo”, com administração estatal. O governo também estabeleceria um racionamento e iniciaria a importação de artigos de primeira necessidade, produzidos nos países socialistas, como a banha para cozinhar e derivados lácteos.

“Calma...”, dizia ele. “Não importa que haja alguns meses com menos carne, se o plano de criação de frangos se desenvolve a toda velocidade... Vamos colocar um gerente em cada matadouro para defender as vacas; para que se mate a vaca que, comprovadamente, for incapaz de procriar… E que todas as netas, bisnetas e tataranetas das atuais vacas não sejam vacas de dois ou três litros de leite, mas de 15 e 20… Se podemos ter um gado com bezerros que pesem 600 libras, por que vamos ter um bodinho?... Em 1970, teremos que ordenhar um milhão de vacas e poderemos cumprir este plano sem inseminação? Ora, vamos aplicá-la! Mas que trabalho dá convencer o administrador... Com

200 touros Santa Gertrudis, mais os que existem na Granja São Caetano e os da Granja San Juan, teremos todos os touros de que necessitamos!”.

Dominando um linguajar de administrador de fazenda, que assimilara de seu pai Angel Castro, atirava-se em uma cruzada de convencimento dos trabalhadores, um comportamento que se repetiria inúmeras vezes pelas décadas seguintes. Iniciou a promoção das jornadas de “trabalho voluntário”, com mobilizações gerais da população para as colheitas de cana. Fidel e “Che” Guevara, em atividade braçal pelas plantações, davam o exemplo, enquanto muitos jovens eram enviados à URSS para estudar agricultura.[4] Incentivadas pela Federação das Mulheres Cubanas (FMC), a organização coordenada por Vilma Espín, até hoje esposa de Raúl Castro, as mulheres foram integradas às tarefas produtivas, rompendo valores da sociedade que herdaram. Antes, a maioria delas trabalhava em serviços domésticos, uma outra parcela em funções de baixa remuneração no setor terciário, ou como prostitutas, então calculadas em torno de 100 mil.

As tradições apareciam como adversárias do esforço físico e moral. Em uma passagem por uma aldeia de pescadores habituados a trabalhar em botes para a mínima subsistência de famílias numerosas, Fidel prontificou-se a lhes enviar melhores barcos e vacas leiteiras; e tentou persuadi-los a preparar os terrenos para a lavoura. Meses depois, voltou ao local. Descobriu que os barcos que mandara haviam sido abandonados, em favor dos antigos botes. E, na terra ao redor, tudo era como antes, pelo mal do costume ou por desleixo.

Ao mesmo tempo em que operava no cenário interno do país, Fidel perseguia o projeto de tornar Cuba o exemplo que converteria “a Cordilheira dos Andes na Sierra Maestra do continente americano”.[5] Sacando de si aquele seu jovem Marx, voluntarioso e impulsivo, hegeliano até, Fidel enxergava a Revolução como o destino inexorável da História, a ruptura inevitável com o imperialismo opressor e as suas vítimas. Cabal e irrascível, ele clamava por

revolução de qualquer maneira, onde quer que fosse, oferecendo-se como um agente desse destino. Admitia que, em certas situações, poderia haver uma transição pacífica para o socialismo, mas ainda esperava para ver "quando, enfim, se daria o primeiro caso":

"Em uns países, não há possibilidade de luta legal. Em outros, existe um regime de exploração feudal no campo ou um regime de exploração monopolista... O movimento revolucionário deve aproveitar as condições democráticas onde elas existam, para desenvolver a luta de massas. Nesse caso, caberia até a formação de uma frente bem ampla…"[6]

Visava, em seu projeto, três regiões: América Latina, Ásia e África. Um passo decisivo era em direção à Argélia, recém-independente[7], em guerra civil, e ao seu líder Ahmed Ben Bella. Em fins de outubro de 1961, viajava a Túnis, como portador de uma oferta de Fidel – apoio militar –, o argentino Jorge Ricardo Masetti, o diretor da *Prensa Latina*. Em dezembro, uma embarcação cubana zarpava do porto de Havana com 1.500 fuzis e mais de 300 metralhadoras para entregar a Ben Bella, regressando com 76 guerrilheiros argelinos feridos, que necessitavam de urgente atendimento médico. Adiante, Fidel enviou-lhe tropas e ia estimulando novos contatos afora, pela América Latina, fornecendo suportes e abrigando combatentes guerrilheiros de vários países para treinamento. Para eles, Cuba era um baluarte; a experiência a aprender e imitar. O então vice-ministro do Interior, o comandante Manuel (Barba Roja) Piñeiro, a "cabeça" do secreto Departamento de Liberação, orientava tais atividades e supervisionava os acampamentos, especialmente a leste de Havana.

Frente ao avanço das formas de luta armada, o assessor militar do Presidente norte-americano John F. Kennedy, o general Maxwel Taylor, sugeria, em relatório, a organização de forças antiguerrilheiras pela região, com capacidade para combater a subversão de "selva e rua". Escolas em Fort Benning (Georgia) e em Fort Gullick (Panamá), adiante, começariam a treinar norte-americanos e latino-americanos de exércitos regulares em técnicas

de contra-insurgência, específicas para neutralizar e destruir núcleos rebeldes.

"O Pentágono também copiou a idéia, no reverso da medalha, mas sabemos que toda a sua ciência militar explodirá contra a realidade. O centro da questão reside em se o povo, em cada país, se apodera das armas – ou se a maquinária militar permanece intacta... Quando esse convencimento chegar... estou seguro de que não haverá força imperialista, reacionária ou de casta militar, nem exército da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a aplacar o movimento revolucionário! Será como um fósforo aceso em um palheiro!", avaliava Fidel.

Kennedy, por enquanto, escolhia medidas mais afins ao seu estilo, para debilitar argumentos das esquerdas e o prestígio de Cuba na América Latina. Apresentou o programa Aliança para

Após a invasão da Baía dos Porcos, 1961

o Progresso, em agosto, em Punta del Leste (Uruguai), sugerindo formas de reforma agrária, fiscal, de educação e saúde, e oferecendo, aos países da área, uma ajuda financeira de 20 bilhões de dólares a serem investidos em um período de dez a 15 anos – uma idéia similar à que Fidel propusera na reunião de Buenos Aires, em 1959.

Para o mandatário norte-americano, alguns perversos esquemas da CIA precisavam ser neutralizados. O general Taylor, em análise sobre o desastre da invasão da Baía dos Porcos, apontara os erros da agência ao exagerar as chances de vitória em Cuba, e recomendara ao Presidente a supervisão de todas as suas atividades. Ao ver-se objeto de controle, a direção da CIA congelou as operações de atentado a Fidel em andamento; mas forjou novas, mais sutis e "encobertas", no mesmo ano de 1961.

Aproveitando as conversações ocasionais entre Fidel e o advogado James Donovan, o representante de Kennedy na negociação sobre os danos sofridos por Cuba com a invasão, a CIA concebeu um novo plano. Contaminaria com um fungo causador de uma doença incurável na pele, ou com o bacilo da tuberculose, um traje de pesca submarina, que alguém próximo sugeriria a Donovan dar de presente para Fidel. Mas desistiram ao descobrir que o advogado já o presenteara com um traje igual.

Outra operação, que se chamou Patty, pretendia fabricar um ataque à Base de Guantânamo e o assassinato de Fidel e de Raúl, de modo concomitante, para justificar uma intervenção militar em Cuba. Houve ainda a Operação Peter Pan, que consistiu em um falso projeto de lei que circulou pela sociedade através de representantes do clero em Cuba, no qual o governo cubano se propunha a assumir a paternidade das crianças cubanas. Conseqüentemente, muitos filhos foram mandados por seus pais aos Estados Unidos, para viverem com parentes exilados e muitos jamais os reencontraram.

Uma terceira operação, no mesmo período, de nome Liborio, concentrava-se em um atentado a Fidel. Ele seria vitimado por

um tiro de bazuka, disparado do terceiro andar de um edifício na Avenida das Missões,[8] a pouca distância do terraço do Palácio Presidencial,[9] onde discursaria no dia 5 de outubro. Atrás de todos os esquemas, estava o oficial David A. Phillips, que havia residido em Havana, como proprietário de um curso de línguas, o Berlitz.

Parte dos envolvidos nas três operações foram capturados, em tempo, pela polícia cubana. A seqüência intensiva dos atentados forçou o endurecimento da segurança de Fidel e de Raúl, que, a partir de então, jamais se deslocariam em um mesmo meio de transporte, entre outros cuidados.

* * *

Em 1961, em plena guerra fria, Estados Unidos e URSS demonstravam um desejo de coexistir em paz. O Muro de Berlim estava de pé. Regularizara-se, finalmente, a situação das “zonas” no lado alemão ocidental, sob a custódia dos antigos aliados na Segunda Guerra. A vontade de assentar a balança do poder mundial refletia-se na expressão em voga: “degelo”. Kennedy e Krushov expressavam a intenção de acelerar o desarmamento. Nesse marco, ao opinarem sobre as rebeliões no Terceiro Mundo, os soviéticos declaravam que a luta armada não constituía a única forma de liberação. Assim, acabaram provocando a China, que acusou a URSS de trair a revolução socialista internacional. O Presidente Kennedy, atento aos motins no Sudeste Asiático, precisamente no Vietnã e no Laos, pronunciou-se por um diálogo com os chineses.

Compatibilizar-se, tanto com a URSS como com a China, era também o ângulo que Fidel se impunha. Provava-se como malabarista, sobre uma frágil linha de ação, visto que a Revolução Cubana era a ferida original no pacto das potências. Recusava as atitudes que servissem à polêmica, mas não renunciava a frisar que a libertação era um fim básico.

Para muitos dirigentes chineses, contudo, Cuba era uma refém do "revisionismo soviético", conforme foi transmitido à delegação de alto nível que representou Fidel em uma reunião em Pequim, em novembro[10]. Já o conflito sino-soviético ia atingindo o estopim: Krushov, em um pronunciamento, atribuía à China desvios ideológicos, como o "culto à personalidade" de Mao Tse-tung. Ofendida, a China decidiu romper com a URSS e foi acompanhada pela Albânia, o país de dois milhões de habitantes, onde celebrava-se, no cotidiano, a figura de Josef Stálin. Os chineses vinham tecendo o agrupamento de uma série de Estados asiáticos ao seu redor, para enfrentar a bipolaridade. Contava, para isso, com um importante aliado: o líder da Indonésia, Ahmed Sukarno, mais um partidário do "neutralismo positivo", junto ao egípcio Nasser e o hindu Nehru. A desavença entre a China e a URSS ia deixando lastros por todos os movimentos de esquerda.

* * *

Liberdade para se desvencilhar dos deveres do Estado era um atributo concedido a "Che" Guevara, mas não a Fidel, cujo caráter, de outra forma, detinha a perícia para se movimentar na malha das nuances. No âmbito interno, ele conseguia estruturar o poder, ao selar a junção das três organizações revolucionárias do antigo regime (Movimento 26 de Julho, Diretório Revolucionário e Partido Socialista Popular) – no que se conheceu como as Organizações Revolucionárias Integradas (ORI)[11]. No secretariado do Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC), tornado agora uma organização, ainda "invisível", que orientava o governo, apareciam seis membros – Fidel e Raúl Castro, Osvaldo Dorticós, Blas Roca, Emílio Aragonés e "Che" Guevara –, que, contando a composição do Conselho[12], revelava o predomínio dos elementos do PSP.

Assumindo a velha guarda comunista como parceira, Fidel tentava conviver com as suas teses, mas mantinha independên-

cia. Disciplinadas pela URSS, eram também as professadas pela maioria dos partidos comunistas latino-americanos que se negavam a adotar a experiência da Revolução Cubana. As idéias identificadas na figura de "Che" tornavam-se, diante delas, uma perigosa heresia, como as de Mao ou as de Trotsky.

No meio cultural cubano, especialmente no cinema, o rechaço à aplicação do molde soviético surgiria com força. O choque explodiu em junho, quando o Conselho Nacional de Cultura (CNC), presidido por Edith García Buchaca, uma egressa do PSP, resolveu censurar um documentário. Velhos comunistas estavam insatisfeitos com a ideologia do suplemento cultural do jornal *Revolución*, o órgão do Movimento 26 de Julho, quer dizer, do governo original. Chamado *Lunes de Revolución*, o caderno ventilava correntes de pensamento, falava de psicanálise, existencialismo e marxismo. A Comissão de Orientação Revolucionária, encabeçada pelo veterano comunista Aníbal Escalante, e o CNC, condenaram-no por seu "diletantismo pequeno burguês". A edição do suplemento foi cancelada ao cabo de uns meses.

Fidel assistiu à briga da intelectualidade no auditório da Biblioteca Nacional, onde compareceram cerca de 300 artistas. Ouviu os argumentos de parte a parte e, ao expressar-se, tratou de romper a intolerância reinante, mas enfatizou a sua visão de cultura como manifestação de uma ideologia política:

"Significa que dentro da Revolução existe tudo; contra a Revolução, nada... O artista mais revolucionário deverá estar disposto a sacrificar até mesmo a sua própria vocação pela Revolução. Mas escritores e artistas que não são revolucionários devem ter a oportunidade e a liberdade de se expressarem, dentro da Revolução..."[13]

Qual seria a fronteira entre dentro e fora?, perguntaramse, em silêncio. Na prática, podia consistir em um enigma, ou um engodo, embutir a questão da liberdade na entidade protetora da Revolução. Semanas depois, com o debate ainda bem aceso, Fidel participava do congresso que fundou a União Nacional de

Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC), elegendo-se presidente o escritor e poeta Nicolas Guillén. Disse Fidel:

"Porque a união que aqui prevaleceu é que fez com que, em vez de associação e organismo, fosse chamada de união... Não faltou quem pensasse que este congresso tinha por fim amordaçar o espírito artístico, porque há muitas pessoas com um insalvável preconceito, que as impede de penetrar nas grandes verdades da Revolução... A todos nós corresponde o papel de ensinar..."[14]

No fim do ano, o governo Kennedy decidia compatibilizar os diversos discursos internos de oposição à Revolução Cubana, ao montar uma macrooperação para neutralizá-la, batizada de

Treinando milicianos, 1961

Mangosta – mamífero carnívoro da Índia, onde é adestrado para matar cobras venenosas. O grande projeto devia culminar, em outubro de 1962, com a queda dos irmãos Castro por uma sublevação interna e, por conseguinte, a invasão militar.[15]

De janeiro a agosto, foram 5.780 ações em diversas áreas, das quais, 716 eram sabotagens a meios econômicos.[16] A primeira ação a concretizar-se foi a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA) e a declaração de embargo comercial[17], durante a oitava reunião de chanceleres, em Punta del Leste (Uruguai). Proibiam-se outros países de vender produtos de tecnologia norte-americana a Cuba e previa-se o corte de laços dos Estados Unidos com as nações que apoiassem Cuba. Com exceção do México, todos os países latino-americanos começavam a romper relações com Cuba. Fidel, com o povo reunido na grande praça, rechaçou o bloqueio e reclamou as rebeliões por todo o continente.

Presa do objetivo de eliminá-lo, a CIA atuava por conta própria, paralelamente à supervisão do Estado. Em abril de 1962, retomou-se a operação Sindicato do Jogo, enlaçada à máfia, com novas pastilhas para envenenar Fidel. William Harvey, que coordenava o programa ZR Rifle para organização de assassinatos políticos, contatou John Roselli.

As pastilhas agora entrariam em Cuba pelas mãos de um diplomata espanhol, Alejandro Vergara. Em Cuba, foram entregues ao coordenador do grupo Resgate, que as deixou com um *barman* do Hotel Havana Livre (ex-Hilton). Santos de la Caridad seria o encarregado de depositá-las em um líquido qualquer que Fidel pedisse quando fosse ao local. Quase um ano se passou e nenhuma das idas do Comandante ao bar coincidiu com o turno do executor, que ia e vinha, a cada dia, com as pastilhas da casa para o trabalho, e vice-versa. Enfim, em uma noite de março de 1963, ele ali se encontrava quando Fidel atravessou a entrada acompanhado de um grupo e pediu-lhe um *milk shake* de chocolate.

Mais que nervoso, de la Caridad pegou o copo de metal do liquidificador, depositou os ingredientes e voltou rápido ao congelador para pegar as pastilhas ali postas. Mas, por efeito acelerado de refrigeração, elas haviam grudado no tubo. O *barman* fez de tudo para despregá-las; mas elas partiram e o líquido venenoso escorreu pelo gelo. Desesperado, aturdido, ele teve que terminar de preparar o *milk shake* e servi-lo a Fidel.

Havana, 1961

Durante a crise dos mísseis, 1962

CAPÍTULO 36

Em pronunciamento na TV para explicar sabotagens contra o país, 1962

A estabilidade impossível

O homem Fidel parecia quase esquecido na premência infindável da Revolução. Entre mazelas e frutos, ele construía uma vida oculta; ou será que não? Estaria, irremediavelmente, tragado pela magnificência de uma missão, fadado à condição de ser especial? De todo modo, é hora de

perscrutar uma natureza que se tornava fugidia, indevassável. Algo que o fazia alguém comum, despojado do estóico heroísmo.

À beira da cama desse cidadão sem endereço certo, quando se permitia o repouso, às vezes se sentava um companheiro – assessor para ainda trocar últimas idéias, quando não era Célia Sánchez, a constante e fiel. Fosse uma das suas casas ou um alojamento, no momento de dormir, Fidel ocupava um espaço no colchão de homem solteiro. Quanto ao sono – o nada de atividade que se tornava um problema, o vizinho da morte em seu estágio absoluto –, era aquilo de que ele se desobrigara fazia tempo. Quanto ao celibato, uns o aceitavam, sossegados; outros engasgavam na latente curiosidade, jamais formulada: por que não se casava? O fato é que, em primeiro lugar, Fidel rejeitava a idéia de figurar acompanhado de uma esposa, condição a que tampouco se encaixaria a iconoclasta Célia. E, apesar disso, certamente, os dois se amavam, a distância dos padrões.

Fidel tornara-se avesso às instituições burguesas e, ao pé da letra, ao matrimônio. Talvez fosse o traço da auto-suficiência que o impedia, ou a simples incapacidade de realizar o que se chama “vida a dois”, tal como sua falta de pendor musical desde a infância. Quem sabe era o prazer das multidões ou da solidão, uma virtude ou uma falha? Seja como for, em uma sociedade bem ciosa da estabilidade familiar, nada jamais era comentado. Raúl, seu irmão, ao contrário, casara-se com Vilma Espín, em 1959, dentro dos padrões institucionais, sem que se prejudicasse a vocação revolucionária de ambos.

Também a tortuosa vivência de Fidel, unida às suas características e formação, compelira-o às descontinuidades, afetiva e familiar. Muito contribuíra a essa opção a maneira amarga com que terminara o seu casamento com Mirta Díaz-Balart, que durara de fato sete anos. Já como homem de Estado, resolveria manter sua vida privada sob sigilo e jamais se permitiria misturá-la com a pública, garantindo-lhes a espontaneidade e a autonomia.

Ao resguardar o mistério, evitava que sua intimidade se transformasse em entretenimento de outrem ou matéria para seus opositores, aumentando seu poder de sedução e cultivando a crença em sua palavra. Fidel tinha o pé bem plantado no mundo e preferia debruçar-se no papel que correspondia ao seu projeto de vida: a Revolução. Já vivera – e vivia – outros movimentos pendulares, não queria fabricar mais um, mas o motivo estava longe de ser qualquer prévio voto de castidade.

Tirante os encantos passageiros por algumas mulheres, algo raro ocorreu em uma de suas jornadas interioranas pelo país, durante a campanha de alfabetização. Em Las Villas, conheceu Dalia (Lala) Soto, uma cubana alta, de corpo bonito, jeito simples e um quê de diferente. Atraído, passou a visitá-la e deixou que o mútuo desejo florescesse. Nasceria, assim, a relação que não mais se interromperia por exigências do percurso. Ocupando o lado do segredo, Lala comporia com Célia a junção da mulher ideal para Fidel. Levando um cotidiano comum de trabalhadora, ela sempre preferiu a tudo, até hoje, as horas em que está em sua casa na praia de Jaimanitas. Do Comandante, ela geraria cinco meninos: Alex, Alexis, Alejandro, Antônio e Angel, que cresceram e se criaram normalmente em Cuba, preservando a sua identidade da grande maioria dos amigos, colegas e outros conhecidos, fundamentalmente, por razões de segurança.

No total, Fidel foi pai de oito filhos. Depois de Fidelito, o filho de Mirta, nasceram Jorge Angel (de María Laborde) e Alina (de Natalia Revuelta), anos depois.

Fidelito, um adolescente naqueles primeiros anos da Revolução, tornava-se introspectivo e pouco afeito aos excessos de cuidado de que era objeto, como o único filho oficial do Comandante. Anos depois, formou-se em Física Nuclear. Já Jorge Angel é químico. Sua mãe, María Laborde, já falecida, era a ativista do Movimento 26 de Julho (M-26), que conheceu Fidel e com ele se relacionou em Havana, em meados de 1955, quando ele se encontrava recém-anistiado, antes de exilar-se no México.

Foi quando ele também reencontrou Natalia (Natty) Revuelta, a mulher com quem mantivera uma extensa correspondência durante a prisão. Tanto Jorge Angel quanto Alina foram gerados nessa mesma época, em que, cabe lembrar, Fidel concluía sua separação de Mirta (que hoje vive discretamente em Barcelona, casada com um médico espanhol).

No que se refere ao destino de Alina, foi reconhecida e tratada como filha pelo marido de Natty, mas, ainda pequena, ao saber da mãe quem era seu verdadeiro pai, interiorizou um enorme desgosto, vendo com olhos raivosos qualquer aproximação por parte de Fidel. Alina passou parte da adolescência e juventude fora de Cuba, quando Natty trabalhava em representações diplomáticas do país na Europa. Depois regressou a Cuba, onde se profissionalizou como manequim do *La Maison*, uma empresa de moda local, e, atualmente, encontra-se no exílio. Ao decidir publicar suas memórias na Espanha, nas quais expressa o ressentimento da condição de filha ilícita de Fidel, não obteve, contudo, a aprovação da mãe. Natty, uma senhora bonita, reservada e elegante, de rasgados olhos verdes, hoje vive só em Havana e transita em certos salões oficiais, além de contar com o apoio do Conselho de Estado para o que, eventualmente, necessite. Em Natty sobra o aspecto que identifica as mulheres da vida de Fidel: uma catalisadora personalidade.

Dos encantos de que foi acometido até a maturidade, preferencialmente por louras e eventuais morenas, ressalta-se o caso de Maria Lorenz, viçosa jovem que em um dia, em 1959, chegou a Havana em companhia de seu pai, capitão alemão aposentado, em seu barco particular de turismo.

Fidel cruzou com os dois por mera casualidade, em pleno mar. Entusiasmou-se tanto por aquela jovem que, meses depois, mandou emissários aos Estados Unidos a sugerir-lhe que voltasse, a seu pedido. Nada supunha do risco que assumia. A moça foi a Cuba e manteve uma calorosa relação com Fidel, apresentando-se como sua secretária particular, até que foi recrutada por

Frank Sturgis[1] – o agente da CIA eleito como o preferencial perseguidor das pegadas do líder cubano – nos Estados Unidos. Logo Maria Lorenz retornava a Havana com a incumbência de atentar contra a vida de Fidel, do que desistiu ao reencontrar-se com ele. Disse Lorenz, em um depoimento à revista norte-americana *Vanity Fair*, que seu ato foi por amor; mas pode-se crer que, mais uma vez, era um efeito do *corpo fechado* de Fidel aos apelos da morte.

Não apenas ela o espreitava incansável, mas também as crises. Em 1962, Fidel reincidia na roda-viva da política, sob o impacto do decreto do bloqueio que, além de minar um pouco mais a economia, repercutiu de cheio na unidade do regime.

Cuba ficava sem suprimento de matérias-primas, peças, equipamentos, fertilizantes, inseticidas e meios de transporte, o que em parte viria a ser sanado com um novo acordo comercial com a URSS, no valor de 700 milhões de dólares. Fidel precisou aplicar um racionamento drástico no consumo, em 12 de março, estabelecendo a "libreta" – que significava a "repartição eqüitativa dos alimentos" – para cada chefe de família. Muitos cubanos, assustados, buscaram um jeito de não afundar na crise ou tentavam fugir do país.

"Que haja distribuição eqüânime e que ninguém se faça de amiguinho, pois não pode haver privilégios, em absoluto!", ditou Fidel. "Dezessete mil pequenos agricultores receberam sementes, mas ficaram com os feijões produzidos, para o consumo de um ano! (...) Outra coisa irritante é encontrar esses ambulantes vendendo artigos a um preço diferente das lojas. Não queremos reprimir este comércio, apesar de dar mais dores de cabeça que benefícios..."[2]

A economia incorria em um círculo vicioso. Seu mau desempenho geral era atribuído ao Estado, mas a questão nuclear era a falta de produtividade do trabalho, que se buscava neutralizar com maior centralização administrativa e burocrática, retornando ao início do problema sem resolvê-lo.

O impasse estimulava distorções em quem menos se esperava. Aníbal Escalante, oriundo do velho Partido Socialista Popular (PSP), então secretário-geral das Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), a base do governo, exacerbava do cargo, dispondo seus protegidos nas Forças Armadas Revolucionárias (FAR), no comércio exterior e na administração estatal. Movia-o a ambição pessoal[3], ou o que ele justificava como a vontade da URSS de redirecionar o poder em Cuba – o que significaria desbancar Fidel e "Che"[4] –, para melhor efetivar a salvação política e econômica.

Quando Emílio Aragonés comentou as atitudes de Aníbal Escalante, Fidel tapou os ouvidos e disse-lhe irritado: "Não bastam tantos problemas? E lá vem você com intrigas e delírios!". Mas, ao receber um relatório fundamentado, não titubeou em solicitar a Aragonés que transmitisse, a Aníbal e aos "camaradas" soviéticos, um aviso de cuidado. Em pronunciamento, no dia 26 de março, condenava-o publicamente, dentro de uma ampla crítica ao fenômeno político interno:[5]

"Muitas vezes nos perguntamos onde está a raiz desse espírito sectário, implacável, sistemático, que se encontra em todos os níveis... O sectarismo vem produzindo um exército de revolucionários amestrados... uma camisa de força divorciada das massas, com mentalidade de camarilha!"

Aníbal e seus aliados ideológicos haviam colaborado para reacender divisões e dissabores, aviltando quem não possuísse uma "carteira" de militância comunista. Espalhou-se a farsa como uma epidemia: mostrar-se um correto comunista, cumpridor dos mandamentos, rendia dividendos. Com o exílio de Aníbal na Checoslováquia, relaxava-se a prepotência dos comunistas e incorporavam-se ao secretariado do Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC) membros de outras procedências[6].

Também a primeira informação a chegar a Cuba sobre a iminência de uma invasão militar norte-americana possuía o selo soviético. Em mensagem ao embaixador Alexandr Alexeiev, o

premiê Nikita Krushov dizia haver obtido sinais fidedignos do plano invasor e o único meio dissuasivo seria o deslocamento de projéteis com ogivas nucleares para o território cubano. Krushov declarava-se seguro de que, caso os foguetes fossem instalados, os Estados Unidos não se lançariam a uma represália, da mesma forma que a URSS nada fizera contra os mísseis norte-americanos plantados próximos de sua fronteira – na Turquia, na Itália e na República Federal Alemã.[7] Cabia a Alexeiev providenciar a oportunidade de se formular oficialmente a proposta.

Fidel a recebeu, em 29 de maio, trazida pelos chefes de uma delegação de 18 especialistas em hidrotécnica: Sharaf R. Rashidov (secretário do Comitê Central do Partido Comunista do Uzbequistão) e o Marechal Biryuzov (chefe das tropas de

Manejando equipamento bélico, 1962

foguetes soviéticos), disfarçado de "engenheiro Petrov". Os dois, mais o embaixador Alexeiev, em reunião com Fidel, informaram-lhe da probabilidade do ataque militar norte-americano e sugeriram-lhe a instalação de ogivas nucleares em foguetes de alcance médio e intermediário, conforme a recomendação de Krushov.

O Comandante reuniu o secretariado do PURSC e voltou com a resposta: "Se é preciso estabelecer esses projéteis aqui, para fortalecer a correlação de forças a favor da URSS e do campo socialista e servir, ademais, a prevenir a agressão militar direta, autorizamos que sejam instalados todos os projéteis que forem necessários". Mas se era apenas pela defesa de Cuba, acrescentava, preferível seria outra alternativa, como um tratado militar de defesa mútua. No fundo, Fidel não gostava da idéia de tornar Cuba uma base soviética, já que um passo dessa natureza geraria uma grande tensão; mas devotava simpatia e confiança por Krushov. Ao perguntar quantos projéteis seriam, informaram-lhe que seriam 42. Restava preparar um acordo militar.

Em junho, por fontes de inteligência cubana, Fidel soube do teor de uma conversa mantida entre Krushov e Kennedy em Viena. O segundo, a uma certa altura, mencionou que, assim como os soviéticos haviam "resolvido à sua maneira o problema na Hungria" (referia-se à invasão do país em 1956), os norte-americanos deviam buscar uma solução ao problema de Cuba, justificando que ambas eram peças que haviam se desalinhado de seus blocos. Foi esta a frase interpretada por Krushov como uma sutil mensagem de probabilidade da invasão, reforçando indícios antes captados pela KGB.

* * *

Raúl Castro foi à URSS para concretizar o acordo militar. Ao encontrar-se com Krushov, formulou-lhe a grande interrogação que pairava na mente de Fidel: que providência seria tomada se os Estados Unidos descobrissem o segredo? A resposta de

Krushov foi taxativa: "Enviaremos ao Caribe a frota do Báltico!..." – uma medida que não deixava de parecer simplória, visto que nada, nem a maior frota soviética em alto-mar, poderia verter a aterradora realidade de mísseis nucleares estacionados às portas dos territórios soviético e norte-americano. Terminada a visita, Raúl voltou a Cuba com um protocolo para o acordo.

Ao lê-lo, Fidel o desaprovou: pareceu-lhe um texto escrito em linguagem errática, sem habilidade, supondo que devia ser, posteriormente, divulgado à opinião pública. Propôs títulos, modificou fundamentos e os 14 artigos. Introduziu novos itens, tais como: os dois exércitos, cubano e soviético, permaneceriam com comandos independentes; a URSS não teria direito a ocupar territórios; e as instalações montadas passariam à propriedade do governo cubano ao retirarem-se as tropas soviéticas. Uma declaração a constar, para ele crucial, era: "Qualquer ataque a Cuba será encarado como um ataque a URSS". Concluía-se, assim, a "cobertura" do segredo, com uma terminologia amparada no Direito Internacional e no Artigo 51 da Carta da Organização das Nações Unidas (ONU).

Por etapas, de avião ou navio, 44.500 soldados soviéticos desembarcariam em Cuba como técnicos agrícolas, deslocando-se, em seguida, para as bases em formação, em uma operação de que só a alta direção política conhecia o real significado, exigindo precaução e segurança máximas.

A população observava enormes caminhões cruzando as estradas – eram os mísseis que passavam. Raúl Curvelo, o chefe da Força Aérea, desconfiou do tráfego e não resistiu a interrogar Fidel. Ele apenas o olhou. Aos chefes da Segurança, Ramiro Valdés e Osmani Cienfuegos, o Comandante informara que eram armamentos convencionais e eles fingiram acreditar. Para as pessoas comuns, cada vez mais intrigadas com as caravanas e a profusão de russos pelas ruas querendo trocar máquinas fotográficas por garrafas de rum, na ausência de vodka, devolvia-se um silêncio que não conseguia calar os boatos. No início, indivíduos que

afirmavam haver visto um foguete ou algo parecido, eram isolados; mas chegou um momento em que o segredo era o comentário de milhares e tornara-se inviável manter tal operação escandalosa em absoluto *petit comité*.

No início de setembro, "Che" Guevara e Emílio Aragonés foram incumbidos de ir a URSS levar o texto do acordo com as correções de Fidel. Este solicitava a Krushov que o tornasse público o quanto antes, mas o soviético replicou que não poderia divulgá-lo antes das eleições parciais de novembro nos Estados Unidos, para não prejudicar Kennedy, com quem vinha dialogando sobre a distensão. Quanto à latente pergunta sobre a possível descoberta da operação, Krushov acrescentava que se os Estados Unidos soubessem dos foguetes em Cuba não teriam outra alternativa que aceitá-los. Em caso de perigo, reiterou, despacharia a frota do Báltico... O ministro da Defesa russo, Marechal Malinovski, "Che" e Aragonés, ali presentes no momento, suspiraram fundo, de mal-estar.[8]

A preocupação de Fidel acabou ganhando base real. Os serviços de inteligência britânico e alemão informaram a Washington sobre certo trânsito suspeito de conduzir material militar soviético e, talvez, tropas a Cuba, embora sem confirmação. Kennedy, ao ser questionado, afirmou não possuir evidências do assunto e afastava a hipótese de uma invasão – embora estivesse em curso a Operação Mangosta, que a previa –, como o fizera na ocasião da Baía dos Porcos.[9] Vários meios de opinião já defendiam a intervenção em Cuba, argumentando que a Ilha estava inundada de soldados soviéticos. Sucediam-se as notícias sobre desembarques de armas.

Kennedy acabou sendo informado do fornecimento de alguns projéteis de defesa antiaérea, com alcance parabólico de 40 quilômetros, equipamentos de radar, lanchas torpedeiras e 3.500 técnicos, aproximadamente, o que não denotava o deslocamento de uma capacidade ofensiva de grande monta. Por via das dúvidas, resolveu checar com Krushov e este lhe confirmou,

por intermédio do embaixador soviético em Washington, A. Dobrinin, que as armas não eram ofensivas. De sua parte, Fidel resolvia emitir um comunicado:

"O governo de Cuba dirigiu-se ao governo soviético solicitando assistência em armamentos e correspondentes especialistas técnicos para o adestramento de pessoal militar cubano. (...) Enquanto perdurarem as ameaças por parte dos Estados Unidos, a República de Cuba terá todos os fundamentos para adotar as medidas que garantam a sua segurança e a defesa de sua soberania e independência."

Por parte dos responsáveis pela macrooperação Mangosta nos Estados Unidos, determinara-se o início das provocações para preparar o clima bélico. No dia 23 de agosto, uma região de Havana havia sido atacada por tiros de canhão, provenientes de embarcações que se situaram a poucos quilômetros da costa. O Alpha 66 e outros grupos anticastristas também vinham realizando ataques a barcos que percorriam o Caribe. Fidel precisou desmentir uma notícia de um suposto ataque de dois cruzadores cubanos a uma aeronave norte-americana, sobre águas internacionais. Providências, em uma seara supersecreta, encaminhavam o seu assassinato na Universidade de Havana ou num jogo de beisebol, e uma provocação à Base de Guantânamo.

Ante o crescente clamor guerreiro de certas correntes, Krushov deixou-se provocar: declarou que, no caso de se efetivar a invasão, foguetes seriam lançados sobre os Estados Unidos[10]. Fidel produziu o eco rapidamente:

"Já não somos sardinhas. Não se equivoque o tubarão! Senadores e diretores de jornais invocam o direito à segurança, como se outros povos não tivessem o mesmo direito... Se os imperialistas crêem que são meras palavras as advertências do governo soviético, ou se não crêem – e Oxalá creiam! –, nós, sim, sabemos até onde vai esta solidariedade!"[11]

Enfim, no final do mês de setembro, a inteligência militar norte-americana confirmava a existência de uma instalação de

mísseis balísticos de alcance médio (MRBM) na localidade de San Cristóbal, em Pinar del Río, a leste de Havana. A 14 de outubro, um vôo do avião espião U-2 fotografou a base de San Cristóbal com alguns dos foguetes R-12. As fotos foram mandadas para JFK no dia 16.

No mesmo dia, Fidel dirigia-se ao aeroporto para receber o líder argelino Ahmed Ben Bella,[12] que vinha de Nova York. Kennedy o havia recebido e prometido ajuda financeira.[13] Sabendo que passaria por Cuba, tentou desestimulá-lo, insinuando que algo de grave estava por ocorrer. Mas Ben Bella tomou o vôo para Havana, pois pretendia agradecer a Fidel o apoio antes recebido.

"Jamais esqueceremos o que vocês fizeram em favor de nossos refugiados no Marrocos e em Túnis, nem como foram acolhidos e atendidos aqui os nossos órfãos e os nossos feridos", disse Ben Bella em Havana.

Durante a sua estadia de exatas 27 horas, o argelino comentou a estranha atitude do Presidente norte-americano. Fidel pressentiu o estouro da crise.

Kennedy encontrava-se em um beco sem saída. Mas esperou seis dias – tenso interregno de meditação, durante o qual detinha razões para tomar qualquer iniciativa –, até que se pronunciou. Seu discurso, de cortantes 17 minutos, ocorreu em meio a uma acelerada mobilização militar, com frotas da Marinha americana dirigindo-se à Flórida, milhares de soldados e 22 aviões interceptores sobrevoando o Estreito. O Presidente norte-americano decretou bloqueio naval a Cuba e exigiu a retirada imediata dos foguetes e armamentos estratégicos situados no território. O mundo, abstraído da presença de bases com foguetes na fronteira com a URSS, viu-o como o chefe de Estado com moral para defender-se. Adquirira o pleno direito de réplica, pois empenhara crédito na palavra de Krushov – de que não havia armas estratégicas em Cuba. A concreta ameaça, indicava Kennedy, encontrava-se no vizinho. Para muitos exilados cubanos nos Estados Unidos, os dias de Fidel estavam contados.

Iniciava-se a Crise de Outubro (ou a Crise dos Mísseis), que pôs a humanidade à beira da Terceira Guerra, a primeira nuclear. Às 17h40 do mesmo dia 22, Fidel expediu a ordem de alarme de combate a milhares de soldados em seus respectivos postos. "Cuba não é o Congo!", expressou, ao rejeitar raivosamente a inspeção do território requisitada por Kennedy. Logo, recebeu uma mensagem de Krushov, plena de ânimo combativo: "Rechaçamos as exigências descaradas do governo norte-americano de controle sobre o envio das armas a Cuba! (...) Expressamos nossa firme segurança de que os planos agressivos dos imperialistas norte-americanos sofrerão o fracasso!".

Desde então, Fidel passaria o tempo deslocando-se pela Ilha a verificar as unidades militares, exceto em momentos de breve reunião e análise com o alto comando. Ao encontrar-se

Durante a crise dos mísseis, 1962

com o comandante soviético, o general Blijov, na noite de 25, requisitou-lhe que não agrupasse os projéteis, porque corriam risco de serem destruídos em bloco, na iminência de um ataque surpresa. Já no dia 26 pela manhã, representantes do governo soviético exploravam, com o governo de Kennedy, uma possível fórmula para deter a crise, a qual consistiria na retirada dos projéteis com a inspeção da ONU, com a garantia, por parte dos Estados Unidos, de que não invadiriam Cuba.

Pelo céu cubano, intermitentes vôos rasantes, cada vez mais baixos, parecendo a ante-sala do grande ataque. Fidel, na ignorância daqueles contatos além-fronteiras, resolveu ordenar o disparo contra eles, com as baterias antiaéreas. Ciente ainda de outros vôos a grande altura, nada podia fazer, pois os soviéticos, que controlavam os projéteis terra-ar, não decidiam abatê-los. À tarde de 26, Krushov e Kennedy acertaram o compromisso. Terminada a conversação, o segundo requisitou a assessores uma sucinta análise das conseqüências da retirada dos foguetes norte-americanos da Turquia.

Enquanto isso sucedia, Fidel enviava uma nova mensagem a Krushov:

"Considero que a agressão é quase iminente, dentro de 24 ou 72 horas... Resistiremos firme e decididamente ao ataque, seja qual for... Desejo, neste instante, expressar-lhe... uma opinião pessoal... a URSS não deve permitir jamais a circunstância em que os imperialistas possam descarregar contra ela o primeiro golpe nuclear... O senhor tem sido um incansável defensor da paz... Não obstante, até o último momento, manteremos a esperança de que se preserve a paz e estamos dispostos a contribuir com o que estiver ao nosso alcance..."[14]

Dia 27, o chefe soviético que controlava as baterias de projéteis terra-ar derrubou um U2 que voava a uns 20 mil pés de altitude. O Kremlin entrou em pânico; mas Fidel assumiu a responsabilidade, pois a orientação de atirar havia sido incentivada por ele antes. No mesmo dia, a Rádio Moscou noticiava o acor-

do entre Estados Unidos e URSS, que, além do compromisso oral dos Estados Unidos de não invadir Cuba, incluía a troca dos foguetes da Turquia pelos de Cuba. Fidel escutou. Sentiu fundo o insulto. Soltou uns palavrões, como, às vezes, fazia quando esquentado. Afinal, inteirava-se do término da crise, da que Cuba era o palco e o objeto, por um meio de comunicação pública. Subseqüentemente, quando perguntado, Krushov comentou que a resolução da retirada baseara-se também em notícias vindas da Ilha. Referia-se à derrubada do U-2 "por um comandante de segundo escalão" e a mensagem de Fidel do dia 26, que, no seu entender, propunha um primeiro golpe contra os Estados Unidos, que, fatalmente, desataria a guerra nuclear. Fidel lhe replicou com um texto histórico, contundente:

"Não sei quais notícias o senhor recebeu. Só respondo sobre a mensagem que lhe enviei... O que fizemos frente aos acontecimentos, companheiro, foi prepararmo-nos e nos dispormos a lutar. Em Cuba, só houve um tipo de alarme: o de combate.

"(...) Muitos olhos de homens, cubanos e soviéticos... dispostos a morrer com suprema dignidade, verteram lágrimas ao conhecer a decisão surpreendente, inesperada e praticamente incondicional, de retirar as armas... Nós sabíamos – não presuma que ignorávamos – que haveríamos de ser exterminados, no caso de estalar a guerra termonuclear. Contudo, nem por isso lhe pedimos que retirasse os projéteis. Nem por isso lhe pedimos que cedesse. Crê o senhor que desejávamos a guerra? Como evitá-la, se a invasão se produzisse? Tratava-se, precisamente, de que esta era possível... E se de fato ocorresse, que fazer com os dementes que desatassem a guerra? (...) Entendo que não se deve conceder aos agressores o privilégio de decidir, ainda mais quando há de se usar a arma nuclear... E não sugeri ao senhor, companheiro Krushov, que a URSS fosse agressora, porque isso seria algo mais que incorreto... imoral e indigno de minha parte; mas que, desde o instante em que o imperialismo atacasse... as forças armadas destinadas à nossa defesa.... respondessem com um golpe aniquilador...

"(...) Cada qual tem as suas próprias opiniões. E sustento a minha, acerca da periculosidade dos círculos agressivos do Pentágono e da sua tendência ao golpe preventivo. O senhor pode convencer-me que estou equivocado, mas não pode me dizer que estou equivocado sem me convencer...

"(...) Não são uns, mas muitos os que neste momento vivem indizível amargura e tristeza... Nosso povo, todavia, mantém inquebrantável a sua vontade de resistir... Talvez mais que nunca necessite confiar em si mesmo e na sua vontade de luta...

"(...) E sairemos adiante, sem que nada possa destruir os laços de amizade e gratidão eterna para com a URSS."[15]

O que Fidel havia temido era a vacilação da URSS e o que almejava, com o desenrolar da crise, era assegurar uma solução cabal e honrada ao conflito com os Estados Unidos. Não lhe bastava um trato oral entre as duas potências – de que Cuba não seria objeto de agressão militar –, ainda mais depois de haver sido dispensado de consulta ou comunicado. E lançou os seus cinco requisitos – os "cinco pontos" – para a negociação, a saber:

1- Fim do bloqueio econômico e de todas as medidas de pressão comercial e econômica que exerce os Estados Unidos contra o nosso país; 2 - Fim de todas as atividades subversivas, lançamentos e desembarque de armas e explosivos por ar e mar, organizações de invasões mercenárias, infiltração de espiões e sabotadores e ações dessa natureza que se levam a cabo desde o território dos Estados Unidos e de alguns países cúmplices; 3 - Fim dos ataques piratas... a partir das bases existentes nos Estados Unidos e em Porto Rico; 4 - Fim de todas as violações ao nosso espaço aéreo e naval por aviões e navios de guerra norte-americanos; 5 - Retirada da Base Naval de Guantânamo e devolução do território cubano ocupado pelos Estados Unidos.

Esforço em vão. O acerto, previamente traçado, seguia seu rumo. Após uma reunião do Conselho de Segurança da ONU, U Thant solicitou a suspensão da *quarentena* por parte dos Estados Unidos e do envio de armamentos por parte da URSS e a

Fidel, da construção de plataformas. Este concordou com a retirada, mas sem inspeção do território, pois "Cuba jamais cederia ante posições de força"; e convidou o secretário-geral da ONU a vir a Cuba. Dia 30, U Thant chegava a Havana.

Em um primeiro encontro, Fidel lhe argumentou que não poderia aceitar um acordo baseado em uma mera promessa falada. Em um segundo, mais reservado, reforçou que, para haver uma solução duradoura, era indispensável que as garantias pedidas por Cuba fossem atendidas. Enquanto isso, helicópteros norte-americanos vistoriavam a baixa altura, em alto-mar, os foguetes descobertos das lonas nos navios soviéticos. Cubanos, acompanhando as notícias, comentavam o *strip-tease* e inventavam um refrão: *Nikita mariquita, lo que se da, no se quita!* (Nikita, veado, o que se dá não se tira!).

Para Fidel, o atropelo da descoberta dos projéteis poderia ter sido evitado, se Krushov não houvesse se recusado a publicar o convênio. Às artimanhas ao azar do líder soviético, correspondeu a eqüanimidade de Kennedy, que não se deixou arrastar pelo espírito de escalada. Por isso, o líder cubano manteve por ele, ao longo de décadas, uma impressão positiva.[16] Também ao aceitar a colocação dos foguetes em seu território, Fidel desconhecia a real desproporção entre os arsenais nucleares dos Estados Unidos e da URSS, de 17 a um a favor do primeiro, o que, conforme declararia anos depois, o teria levado a esmorecer a oferta soviética.

Apesar de tudo, o desenlace da Crise dos Mísseis evitou a consecução final da Operação Mangosta, detendo em seco a invasão militar, que se concebera para outubro. O *establishment*, a CIA e a contra-revolução se indignaram com a opção de Kennedy pela diplomacia, culpando-o, uma vez mais, por haver frustrado uma revanche. Meses depois, em abril, a representação do exílio cubano rompia publicamente com Kennedy, pois este resolvera reprimir ações dos "comandos" anticastristas. Fidel comentou: "Um dos 'cinco pontos' já foi aceito", acrescentando: "Os corvos que o governo norte-americano criou, agora, querem trucidá-lo".

Com Raúl e "Che", durante o ciclone Flora, 1963

C A P Í T U L O   3 7

"Che" com o Presidente Ben Bella, da Argélia, 1964

Vítima de feitiço

Para desvencilhar-se do cerco, só invertendo-o. Na cabeça de Fidel, significava realizar a Revolução Tri-Continental, o que o compelia a uma ação sistemática na África em primeiro plano, logo na Ásia e na América Latina, em união com os "neutralistas" adversos à ordem bipolar.

Jorge Serguera (Papito), ex-comandante de coluna na Segunda Frente de Raúl Castro durante a guerra, seria o homem destacado por Fidel para armar os entendimentos, como o primeiro embaixador nomeado para a região.

Em janeiro de 1963, Papito partiu para Argel com uma carta de Fidel a Ben Bella. Posteriormente, começou as sondagens com Houari Boumedienne, o frio chefe das Forças Armadas argelinas, e Ben Barka, o líder rebelde do Marrocos, além de Nasser, no Egito, e o dirigente guineano Sekou Touré.[1] Como lhe expôs Boutros-Gali, o expoente da inteligência egípcia,[2] um aspecto a ressaltar, favorável, em princípio, aos objetivos, era a crescente influência dos chineses na área.

Argélia era o ponto eleito para uma triangulação com a América Latina. Diferente do seu ansioso parceiro "Che" Guevara, Fidel não esperava resultados a curto ou a médio prazo. Pensava numa dinâmica por fases, em que a inicial incluía firmar um elo com os venezuelanos.[3]

A Frente Armada de Liberação Nacional (FALN), grupo guerrilheiro venezuelano, havia nascido em 1962 e, naquele momento, operava em cinco frentes pelo país. De Argel, para lá regressaram combatentes que haviam sido treinados em Cuba e, pela mesma via, enviaram-se armas à guerrilha, devidamente camufladas. Um grupo de cubanos partiu em apoio, mas a seguir sofreria uma ofensiva intensa dos adversários, em decorrência da orientação de retranca da direção política. Quando a guerrilha decaiu de vez, esse grupo foi resgatado pela rede clandestina do Partido Comunista (PC) e do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR),[4] o que possibilitou seu regresso a Cuba.

Segunda fase: Argentina. "Che" Guevara já via a hora da saída para a frente de batalha, mas Fidel conseguiu controlá-lo.[5] Argumentou que, por sua estatura política e militar, não seria conveniente que fosse na frente, mas, sim, depois de ultrapassada a chamada etapa da sobrevivência com um mínimo de condições. Em Cuba, o argentino Jorge Masetti – diretor da agência Prensa

Latina – havia começado a receber treinamento militar[6], com o fim de dedicar-se à Operação Segunda Sombra, assim batizada por "Che" Guevara e Barba Roja (comandante Manuel Piñeiro). Outros do grupo se especializavam em táticas de luta clandestina urbana.

Organizado o pequeno destacamento chefiado por Masetti, denominado Exército Guerrilheiro dos Pobres, em abril de 1963, sua primeira escala seria o Brasil, onde seus integrantes entraram como membros de uma delegação comercial, portando passaportes diplomáticos argelinos. Com a mesma cobertura ingressaram na Bolívia e, em setembro, clandestinamente, na Argentina. Alguns cubanos já haviam sido transferidos[7] desde o ano anterior para o ponto boliviano de recepção ao grupo de Masetti, a fim de, ali, criar uma base com "fachada profunda", quer dizer, sob absoluto disfarce. William Cooke e Alicia Eguren, os peronistas amigos de "Che", encarregar-se-iam da ajuda pela parte argentina, embora desconhecessem o plano na íntegra. Pela fronteira norte, reunir-se-ia, passo a passo, o grupo de 25 homens encabeçados por Masetti (comandante Segundo), que comporia uma coluna guerrilheira em Salta, uma localidade argentina fronteiriça à Bolívia. Por enquanto, a orientação de Cuba era a de se manterem concentrados, até que chegasse o momento.

O território argentino era parte de um esquema previamente idealizado por "Che" Guevara e comunicado a Fidel, batizado de Projeto Andino. Para desencadear um processo revolucionário na América Latina, Guevara considerava, em primeira instância, o contexto efervescente por que passava o Peru, onde surgiam grupos armados com significativa organização. A partir do começo de 1963, o Exército de Liberação Nacional (ELN) e o MIR peruanos iniciaram várias ações, especificamente na zona de Puerto Maldonado, perto da Bolívia[8]. Concomitantemente, agentes cubanos foram situados em La Paz, a capital boliviana, onde as operações eram, desde logo, menos obstruídas, já que o país contava com um governo progressista desde 1952. Ditos trâmites foram

mapeados por Barba Roja por determinação de Fidel e com o suporte de quadros do PC boliviano.[9]

Para efetivar o Projeto Andino, "Che" concebia a fundação de uma "coluna-mãe", integrada por combatentes de vários países latino-americanos e, uma vez superada a etapa de adaptação, formados os contingentes, aos poucos estes se desprenderiam como colunas para outras regiões, tomando por base a experiência do Exército Rebelde cubano. "Era, então, uma concepção de foco, mas não desvencilhado da luta de massas, porque a sua razão de ser, desse pequeno motor, era fazer arrancar o motor maior...", explicou Barba Roja.

No entanto, todo o esquema primordial pelos Andes acabou esfacelado. O grupo que permanecia com Masetti "desapareceu", provavelmente, entre 15 e 25 de abril de 1964 , deprimindo sobremaneira "Che" Guevara, em Cuba. As guerrilhas do ELN e do MIR, que se recompuseram, depois vieram a se desmantelar em meados de 1965.[10] Ante os reveses, Guevara ficava mais impaciente. A ultradireita recobrava força na região, com setores das polícias e dos exércitos assessorados pela CIA em táticas de contra-insurgência, aprendidas nas bases e escolas militares norte-americanas.

A pedido da Argélia, que "triangulava" os contatos com latino-americanos, e também do Egito, aumentaria ainda o número de africanos a receber treinamento militar ou bolsas de estudo em Cuba. O estado de guerra no território argelino recrudesceu após a eleição de Ahmed Ben Bella à Presidência. O Rei Hassan II, do Marrocos, pensou em aproveitar as dissidências surgidas próximo à fronteira para pleitear territórios. Dias depois da ocupação marroquina de duas cidades, Ben Bella dirigiu-se ao embaixador cubano Papito Serguera; queria saber se Fidel se dispunha a enviar-lhe ajuda militar de emergência. O embaixador passou o recado a Barba Roja, em linguagem cifrada, por telegrama: "Faz falta essa gente de Pedrito, uns enfermeiros, mas com jipes para poder vacinar todos por aqui"[11].

Aos que decidiram partir à longínqua Argélia, Raúl Castro pediu que dissessem aos familiares que seguiam para um curso intensivo na URSS. A força, denominada Grupo Especial de Instrução (GEI), totalizava 686 homens, que deviam cumprir um severo código de conduta, prescrito pelo ministro das Forças Armadas Revolucionárias (FAR):

"Proibido ingerir bebida alcoólica, em qualquer momento... Proibidas, totalmente, as relações íntimas, de qualquer classe... Exigido o respeito completo aos costumes e à religião do povo argelino... Não fazer alarde de nossa Revolução, nem de nossa ideologia... Ser modestos em todo o momento, ensinar o pouco que sabemos, sem nunca nos apresentarmos como especialistas na matéria..."[12]

Incentivando o esporte

Como armamentos, levavam, entre outros, um batalhão com tanques, artilharia antiaérea e uma bateria de canhões.[13] O contingente, ao desembarcar, dirigiu-se ao sul, não distante da fronteira com o Marrocos. Com as tropas de prontidão, dias depois chegava a informação do acordo com o Rei Hassan. A presença dos cubanos e a inclinação do bloco dos países arábes pela causa argelina haviam influído no armistício.

Desde o momento em que se decidira organizar o GEI, não houve, por parte de Cuba, consulta à URSS, de caráter político ou militar, apesar de que a maior parte do armamento enviado era de procedência soviética, o que implicava violação dos tratados militares, que estabeleciam que as armas não eram exportáveis. De todo modo, a URSS preferia mesmo abster-se sobre o tema argelino, ao menos até então.

A exportação revolucionária de Fidel readquirira ímpeto em um momento em que se criara uma espécie de abismo político entre Cuba e URSS, devido à Crise dos Mísseis. Entre os cubanos, cultivara-se uma silenciosa amargura, estimulando o anticomunismo dentro e fora do país. O embaixador soviético Alexeiev tentara, por meses, curar a ferida, conversando com as autoridades cubanas, até que Fidel decidiu realizar a sua primeira viagem à URSS. A par da razão ideológica, ele olhava a questão com um viés prático, pois Cuba não podia prescindir da URSS para livrar-se do impasse econômico, atribuído, por certa vertente no poder, à política econômica defendida por "Che" Guevara. Também desejara examinar, in loco, o que supunha ser o poderio soviético.

Era uma noite de abril de 1963, quando o avião que o conduzia pousou em Murmansk, a capital da zona polar da URSS. Em pleno Círculo Ártico, que vivia uma dessas noites de seis meses, percorreu o Golfo de Kola, onde conheceu um quebra-gelo atômico, o "Lênin", integrante da propalada frota do Báltico. Visitou navios de guerra e observou foguetes. Dias depois, em um Ilyushin 18 prateado, especialmente reformado para a sua

comodidade, seguia para Moscou, escoltado por sete caças. Para recebê-lo com pompa e circunstância, Krushov, Leonid Brejnev e Yuri Gagarin, o primeiro cosmonauta do mundo, mais uma multidão de mais de 100 mil pessoas na Praça Vermelha superlotada de bandeirinhas de Cuba.

Hóspede do Kremlin, Fidel rebelou-se com o sufocante protocolo. Resolveu sair pelo pátio, próximo da meia-noite, acompanhado de quatro assessores. Transpôs a guarda das velhas muralhas e adentrou a Praça, onde não demorou a ser rodeado por dezenas de moscovitas que por ali passeavam. Em seguida, conseguiu escapar da aglomeração pelos fundos do Hotel Moscou e foi se encontrar com o restante dos cubanos da delegação.

Na manhã de 30, saiu para uma estada na "dacha"[14] de Nikita Krushov, em Sabidowa, uma bela casa de campo a 136 quilômetros da capital, em uma localidade repleta de pinhos. Perto dali, conheceu o Mar de Moscou – na verdade, um enorme lago formado após a construção do canal do Rio Moscova, que se tornara um criadouro de patos.

O programa do dia era caçar, do que Fidel guardava grande experiência desde a infância, mas então precisou absorver uma nova técnica: embarcar no bote levando consigo uma pata, distanciar-se e aguardar em absoluto silêncio, pois os grunhidos da fêmea atrairiam, irreversivelmente, os machos, que sairiam da água empinando vôos, perto do cair do sol. Na primeira tentativa, o cubano se aborreceu de esperar e voltou antes que a pata grunhisse, mas, em uma outra, regressou com três patos abatidos. De madrugada, seria a vez dos galos selvagens. Fidel e Krushov saíram a caçar alguns, sabendo de antemão que só podiam avançar quando eles estivessem cantando, porque é o único instante em que não conseguem perceber qualquer ruído.

Em Sabidowa, em uma conversa particular, o líder soviético pôs-se a ler, para o cubano, certos comunicados que recebia de Kennedy. Em um deles, Fidel ouviu do tradutor a seguinte

expressão: "... retirada dos foguetes da Turquia e da Itália..." Deteve-se: "Espere... Repita isso, por favor". Disse o intérprete a frase de Kennedy: "(...) Como o senhor sabe, concordamos com a retirada dos foguetes da Turquia e da Itália..." Fidel, vendo Krushov sorrir com a sua costumeira picardia, interpretou: os mísseis em Cuba foram, desde o início, pensados como uma moeda de troca – um tópico que Fidel decidiu classificar no arquivo do esquecimento durante décadas, para não danificar as relações uma vez estremecidas.

De volta à capital de Moscou, visitou Dolores Ibárruri, La Pasionaria, a Presidente do PC espanhol e compartilhou pontos-de-vista com Rodney Arismendi e Mario Monje, secretários-gerais dos PCs do Uruguai e da Bolívia, respectivamente. Ao todo, seriam 40 dias de viagem, em que andou por lagos gelados, estepes e pela Sibéria, presenciando a aurora boreal; observou hidroelétricas e petroleiros; e pesquisou o funcionamento dos *sovkoses* (cooperativas estatais) e *kolkoses* (fazendas estatais), apontando dados sobre normas, salários e preços de bens de consumo, chegando à conclusão que o trabalhador soviético tinha a sua satisfação assegurada, com a eficiência garantida pelas máquinas. Retornou

Entre populares, 1966

a Havana enfeitiçado pelo sucesso da planificação bem aplicada, decidido a estreitar os laços e determinado a resolver o desequilíbrio na balança comercial com a URSS – naquele momento, entre 150 e 200 milhões de dólares –, incrementando ao máximo a exportação de açúcar cubano.

Raciocinou, na época: "Nossa indústria acucareira estancou. A terceira safra dos anos de revolução foi a menor... Há uma infinidade de pequenos agricultores, o minifúndio é ineficiente… Designaremos um preço para comprar seu produto nos próximos quatro anos, para que se sintam alentados… Hoje, quando a população aumentou em dobro, nosso problema é encontrar mão-de-obra..."[15]

* * *

Os valores soviéticos penetraram em Cuba. Fidel decidiu nacionalizar uma outra parcela do comércio varejista, como as lojas de roupa, tecidos, calçados e ferragens. No país, começaram a eleger os "operários exemplares" como na URSS, com distribuição de prêmios aos que se distinguiam nas safras – viagens a qualquer país socialista do Leste Europeu, motocicletas e eletrodomésticos. O problema, para Fidel, era como evitar a geração de uma mentalidade viciada de ganância em uma situação de país subdesenvolvido, compatibilizando os estímulos materiais com os morais, como pregava "Che". E iniciou um proselitismo, no intento de dosar tendências contrárias:

"Que o povo aprenda a viver socialmente... De nenhuma maneira é possível, no estado atual, satisfazer todas as aspirações de casas que há… De novo introduziram-se os formulários. Preencheram-se 150 mil pedidos – mas havia 4 ou 5 mil apartamentos à disposição! Não foi criado um departamento para a cobrança de aluguéis e a maior parte dos locatários paga espontaneamente... Trinta por cento não pagam, mas 118.130 antigos proprietários vão ao banco em dia e recebem o seu cheque, con-

forme ditou a reforma urbana... Advertimos que ninguém se apoderasse ilegalmente de uma casa e creio que há umas 4 mil pessoas nessa situação… Solução? Só Mandrake, o Mago, porque, naturalmente, não se botará ninguém na rua.

"(...) Milhares de casais esperam casas para contrair matrimônio. Propus uma solução: que os namorados se mudem para a casa dos sogros... Que ponham um colchão ali ou uma cama, que não tem que ser muito grande, porque, bem… não deixarão de se casar por ser um pouco mais estreito... Se se querem bem, essas coisas não vão importar…Cabem perfeitamente. Agora, se ao lado de um casal belo e romântico, aparecer uma família com 11 crianças, a quem devemos dar o apartamento, hein?[16]

"(...) Com o desaparecimento do desemprego, com o crédito aos camponeses, a mão solta de administradores em algumas empresas, aumentou o burocratismo e o desperdício… O Banco Nacional tem 1.900 empregados, a metade destes é desnecessária… Por que visam o "Che", se ele não tem culpa disso? Passou por lá e não empregou nenhum burocrata."[17]

Ainda sob a inspiração soviética, em 3 de outubro, foi decretada a segunda reforma agrária, quando 70% de toda a terra passaram à propriedade nacional, com indenização por dez anos para os despojados. Reduzia-se a 65 hectares o limite máximo para a posse da terra, acelerando o processo da produção em fazendas estatais, em larga escala, estreitando-se a categoria dos pequenos proprietários. A expectativa de Fidel era de que a própria realidade, passo a passo, fosse compelindo a massa de camponeses a aglutinarem-se em cooperativas gerenciadas pelo Estado.

A minimizar as iniciativas, um possante furacão, o Flora, entrou pelo país, varou o interior para o norte e provocou uma incomensurável devastação nas plantações. Fidel partiu às províncias afetadas para colaborar nas operações de salvamento e de evacuação de pessoas, virtualmente desaparecidas ou incomunicáveis.

Uma atordoante neblina formava uma parede a 50 metros de sua vista. A cada hora, caía mais uma ponte, ou acabava uma estrada. Era impossível contar com os helicópteros. A solução, de alto risco, era enfrentar as águas. Horas depois, o carro anfibio em que ele se encontrava esbarrou num banco de lama e ameaçava afundar na correnteza, contra árvores despencadas pelo furor do vento. Do outro anfíbio que o seguia, o comandante William Gálvez e mais dois homens tentavam já o resgate, amarrando cabos de reboque na hélice ou em alguns troncos que ainda mantinham-se firmes. Ao menos conseguiram sustar o total afundamento. Meia hora depois, o anfíbio onde estava Fidel foi finalmente puxado por um caminhão das FAR. Ele veio até a borda a nado, amparando-se, eventualmente, nas cordas. Com as águas alcançando a altura de dois metros, não desistiu, no entanto, de seguir caminho com os salva-vidas.

* * *

Durante o ciclone Flora, 1963

Enquanto a relação com a URSS mostrava-se recuperada, Fidel dispunha-se a um entendimento com o Presidente Kennedy, e vice-versa. No decorrer do ano de 1963, Kennedy percorreu um caminho diverso dos demais setores do bloco do poder norte-americano, no tocante a Cuba e a URSS. Em setembro, incentivou conversações entre o embaixador norte-americano William Attwood e Carlos Lechuga, o chefe da missão cubana na Organização das Nações Unidas (ONU), com a finalidade de iniciar a normalização das relações. Do lado oposto, a CIA seguia operando esquemas de assassinato do líder cubano. Um previa, como instrumento, uma concha espetacular que chamasse a atenção de Fidel no local onde costumava praticar mergulho, a qual explodiria quando tocada. Outro seria um atentado a realizar-se no dia 28 de setembro, na Praça da Revolução: um engenheiro, com acesso à rede de encanamentos que passava debaixo da tribuna, dispôs ali 70 libras de explosivo plástico C-4. Os envolvidos foram capturados em tempo, sendo apurado que o plano envolvia mafiosos e exilados cubanos que se reuniam na Ilha Bimini, nas Bahamas.

Em 22 de novembro, Fidel reunia-se em um sítio na praia cubana de Varadero, com o jornalista francês Jean Daniel, portador de uma mensagem de aproximação de parte do Presidente norte-americano. Kennedy admitia os erros da política norte-americana em relação a Cuba, dizendo que aprovara a busca de justiça e do fim da corrupção que levaram Fidel à Sierra Maestra. Pensava ser a hora já de dialogar e sua única queixa era o fato do cubano haver abraçado o comunismo.

“Pedindo-me para dizer que não sou uma peça do jogo de xadrez soviético é o mesmo que pedir a uma mulher para dizer, em público, que ela não é uma prostituta, senhor Daniel. Agora, realmente, me parece que um homem como Kennedy é capaz de ver que não é do interesse dos Estados Unidos manter uma situação que só conduz ao imobilismo... Assim, compreendemos que tudo pode voltar à normalidade em um clima de paz e respeito

mútuos...", retrucava Fidel à iniciativa do diálogo, acrescentando que a visão do Presidente vinha provocando as "sabotagens" à sua política dentro dos Estados Unidos. A conversa com o jornalista avançava, quando surgiu a notícia do assassinato de Kennedy em Dallas.

Nos Estados Unidos, com a ascensão do vice Lyndon Johnson, os meses subseqüentes apontariam a uma nova corrida armamentista, com o fortalecimento dos partidários do confronto. Sob a alegação de envio de armas aos rebeldes na Venezuela, a Organização dos Estados Americanos (OEA) decidiu novas retaliações a Cuba, em junho de 1964. O acordo advertia:

"O governo de Cuba, se persistir na realização de atos que revistam características de agressão e intervenção contra um ou mais dos Estados membros da organização, os demais preservarão seus direitos essenciais de Estados soberanos, mediante o uso da legítima defesa, em forma individual ou coletiva, podendo chegar até a emprego da força armada..."

Previamente à reunião da OEA, vieram a público declarações de Juana, a irmã de Fidel, no México, chamando-o de "ditador comunista" e prometendo prestar o seu testemunho no curso do evento. Representantes do exílio cubano trataram de protegê-la, dizendo temer que fosse seqüestrada por agentes do castrismo. Procurada incessantemente no México, a irmã Emma, casada com um engenheiro mexicano, não quis prestar qualquer declaração.

Fidel deslanchou a réplica: "Se eu fosse um desses governantes que tornam os seus familiares milionários, não passaria por esse problema. Para mim, pessoalmente, o fato é amargo e profundamente doloroso"[18]. E justificou o incentivo de Cuba aos movimentos revolucionários: "A OEA carece de moral para condenar Cuba. Os Estados Unidos, em cumplicidade com os governos da Guatemala, Nicarágua, Costa Rica, Venezuela, Porto Rico e outros, introduziram em Cuba milhares de armas e explosivos para promover a subversão e a derrubada do regime...

Se financiamos uma revolução contra um governo que não nos respeita, não há violação, porque não existem normas entre nós…”[19]

O novo Presidente norte-americano acabou admitindo a intervenção militar na região da Indochina, cogitada desde que ocorrera um golpe de Estado no Vietnã, no mesmo mês da morte de Kennedy, novembro de 1963. De sua parte, Fidel enviara assessores militares de inteligência à Frente de Liberação Nacional (FLN) do Vietnã, o exército guerrilheiro, de modo supersecreto, para não atiçar uma polêmica com os chineses, que para lá enviavam recursos e armamentos. Posteriormente, deixou clara a posição de Cuba: “Somos partidários de que se dê ao Vietnã toda a ajuda que seja necessária! Não somos nem jamais seremos satélites de ninguém!”.

Desejava reforçar que seus atos não obedeciam a um mandado da URSS. Quase dois anos depois, a 9 de julho de 1966, constituiu a primeira tropa de combatentes “internacionalistas” cubanos para o Vietnã. Lá, eles construíram ainda a Estrada Hochimín, que cruza o país de norte a sul, e alguns daqueles grupos ali permaneceram até a vitória total vietnamita, uma década depois, quando Fidel visitaria o país.

Após a invasão militar norte-americana na República Dominicana, em abril de 1965, a qual desejava impedir o retorno do democrata Juan Bosch ao governo, Fidel entrou na briga, acusando os Estados Unidos de violação do Direito Internacional e da Carta da OEA, com o apoio das *repúblicas bananeiras* e dos *gorilas* do Brasil e do Paraguai. Em reunião extraordinária da OEA, na ocasião, os Estados Unidos propuseram a criação de uma *força intervencionista continental*, a ser acionada em caso de ameaça à segurança americana, como entendiam ser a situação em Santo Domingo.[20]

* * *

Em 1964, Fidel seguiu novamente para Moscou, onde firmou o convênio para suprimento de maquinária de corte e carga da cana-de-açúcar, fechando um compromisso de abastecimento de grandes quantidades do produto para os próximos seis anos, com o aumento do preço de compra em seis centavos a tonelada. Sua atenção voltava-se para o desenvolvimento intensivo na agricultura e na pecuária, pondo de um lado, temporariamente, o empenho à industrialização, identificada com o programa de "Che" Guevara.

O progresso técnico-científico se fixaria como um perene objetivo de Fidel, com pincéis de idealismo: "Revolução social mais revolução técnica, é igual à abundância, ao socialismo e ao comunismo… Quando as épocas das revoluções sociais tiverem passado, teremos a revolução da natureza. Essa será a eterna revolução do homem..."

Adentrava roças, serras, pastos, usinas açucareiras, granjas e aldeias, conversando, anotando cifras, horas, dados, calculando a melhor aritmética para o crescimento. Fidel viveria a cruzada da capacitação dos solos para fazê-los mais férteis, metendo-se nas cabinas das gruas e acompanhando a produtividade das máquinas. Para a formação de quadros técnicos e especializados, ia mobilizando milhares de jovens à "escola no campo" para a consecução das metas agrícolas. Na pecuária, perseguiu a criação de centros de inseminação artificial para a obtenção de um bom gado de leite.

Acreditando que no socialismo a máquina não conspirava contra o homem, o líder cubano vislumbrava o dia em que não haveria distinção entre o trabalho intelectual e o físico, reprocessando, assim, as suas vivências de Birán e a dos colégios jesuítas.

Fixando-se no modelo agrário-exportador, Fidel contradizia as formulações dos teóricos do subdesenvolvimento, uma próspera linhagem da intelectualidade latino-americana de esquerda, que então se encontrava perseguida ou exilada:

"Cuba tem um mercado assegurado para até 10 milhões de toneladas de açúcar… Isso significa que, para o ano 1970, nos-

sas exportações poderão chegar a um valor de até 1,5 bilhão de dólares. (...) E não importa que a população aumente. Se a totalidade da população trabalhar e cada um dos homens e mulheres for capaz do máximo de produtividade, as necessidades serão satisfeitas."[21]

Mas, com a generalização da formação educacional e a especialização em vários níveis, agravavam-se os sinais de carência de trabalhadores no campo.[22]

* * *

Passados dois anos da aventura dos mísseis, Nikita Krushov foi dispensado de suas funções. Seus colegas de partido diziam que ele havia exorbitado do cargo, prescindindo do coletivo, e que fracassara na política agrícola, embora fosse a economia soviética, como um todo, que indicasse um esgotamento.

Fidel também havia se desgostado com Krushov. Pouco antes de sua queda, enviara um emissário (Jorge Risquet) para conversar com o dirigente soviético. Estava vendo o governo norte-americano em uma nova escalada, solicitava-lhe alguma providência, talvez o incremento da brigada soviética de infantaria motorizada em Cuba, então composta de 1.700 homens, que ali permanecera desde a Crise dos Mísseis. Uma outra variante, cogitava Fidel, seria a integração de Cuba ao Pacto de Varsóvia, ao que Krushov respondeu com ironia, dizendo ao emissário que o lugar de Cuba era na OEA. Ao ouvir a solicitação de mais armas e artefatos militares, contestou de forma dura: os benefícios do convênio sobre o açúcar serviam para que Cuba fizesse face aos seus pagamentos.

Ao perder a credibilidade interna e externa, Krushov terminara objeto de um *golpe manso* no dia 6 de novembro de 1964. Leonid Brejnev foi nomeado secretário do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) que, junto a Nicolai Podgorny, Presidente do Presidum, e Alexei Kossiguin, primeiro-ministro,

compunha o quadro de continuidade da política exterior. A URSS permaneceria na tentativa do equilíbrio com o bloco capitalista.

* * *

A viagem de "Che" Guevara à África, como o grande chanceler de Fidel, a partir de dezembro, por três meses, determinou a próxima fase do projeto Tri-Continental. Atenta à movimentação, a inteligência norte-americana concluía que o objetivo era espraiar a Revolução e assegurar aliados contra o bloqueio.[23]

Simultaneamente à partida de "Che", Fidel promoveu, com imprescindível discrição, a 9 de dezembro, um encontro de dirigentes dos partidos comunistas da América Latina em Havana, sob o pretexto de acertar uma frente comum para a reunião internacional de Moscou a se realizar dentro de alguns meses. A questão prioritária, entretanto, eram as guerrilhas.[24] Certos dirigentes queriam limar asperezas, como o uruguaio Rodney Arismendi, que antes conversara com Fidel sobre a realidade de cada nação – algumas sob regimes militares ditatoriais –, que condicionava estratégia e táticas diferenciais às organizações comunistas.

De fato, nenhuma delas se comprometia a apadrinhar a luta armada em seus países. Quanto a Fidel, estava ciente da improbabilidade do objetivo de continentalizar a Revolução em curto prazo, como ansiava "Che". Para ele, era preciso ganhar tempo, esperar com paciência, desenvolver quadros e experiência, mas ao pronunciar-se ante os dirigentes, fez a crítica geral ao seu conformismo. No imediato, reservadamente, dirigia sua mente e os esforços para a África, que via como o meio útil para atingir o outro objetivo.

Convencera-se de que precisava de uma melhor relação com os chineses, como na Tanzânia, para onde enviou um grupo a fim de obter informações sobre o processo em Moçambique – a passagem que lhe parecia adequada para chegar ao Congo. Desde os primeiros contatos, lembre-se, Fidel e Ben Bella haviam con-

cluído que este país era um detonador, em sua condição de "estado-tampão". Do Congo, poderia se definir a transformação do sul-africano e a queda do *apartheid*, com as independências de Angola, Moçambique e Rodésia.

Desde fins de 1963, um conselho nacional congolês repartira zonas de liberação para cada frente, com os líderes Soumaliot, Laurent Kabila e Idelfonso Masengo no leste, e Mulele, no oeste; enquanto Moises Tshombe organizava um exército de cerca de 500 mercenários brancos, contando com ajuda da CIA. Em 1964, Fidel e os Não-Alinhados condenavam os Estados Unidos e a Bélgica por intervirem com tropas e aviões da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no Congo, em apoio aos mercenários.

Em março de 1965, de regresso da viagem exploratória, "Che" Guevara relatava a Fidel, na casa de Cojímar, suas sondagens e conversas. Em Conakry, encontrara-se com o secretário-geral do Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), Amílcar Cabral, o qual pensava que a teoria da luta cubana não era aplicável no caso da Guiné, embora duvidasse da sua aplicabilidade em Cabo Verde.

Em Brazzaville, a Alphonse Massemba-Debat, o chefe do Governo do Congo Francês (Brazzaville), oferecera o apoio cubano, conforme as instruções de Fidel. Massemba-Debat havia anunciado um programa socialista e vinha recebendo ameaças de opositores. "Che" Guevara ainda esteve com o presidente do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), Agostinho Neto, cujos combatentes, como os do PAIGC, seguiriam para treinamento em Cuba.

Em Argel, "Che" fizera a petição de Fidel a Ben Bella: se ele aceitava acolher em seu território quadros latino-americanos treinados em Cuba; e comunicou-lhe a decisão de colaborar com os rebeldes do Congo.[25] Ao encontrar-se com os congolenhos seguidores de Lumumba, particularmente Kabila e Soumaliot, a colaboração foi acertada. Presente ao conclave comunista que

se realizava em Moscou naquele mês de março, Raúl Castro escutaria as azedas observações dos soviéticos sobre as posições que "Che" Guevara havia defendido no Seminário Afro-asiático, em Argel.

Com militares cubanos, 1964

Lendo a carta de despedida de "Che" Guevara, no ato de fundação do PCC, 1965

C A P Í T U L O 3 8

No julgamento de Marquito (Marcos Rodríguez), 1964

Catarses e fissuras

Em tempo de polarizações, impetuoso por natureza, Fidel tinha que se resignar a viver no centro de um anel de corpos eletromagnéticos: a escolta redobrada. E como não havia escapatória, seu senso prático encontrava um modus vivendi. “O problema da minha segurança é dela. Faço o que tenho vontade...”, manifestou.

Para facilitar a agilidade na troca dos turnos, os membros dessa segurança pessoal estabeleciam residência perto dos pontos básicos de Fidel em Havana – Jaimanitas, Palácio, Calle 11 e Cojímar. Entre eternas urgências e mobilizações apressadas, a vida da escolta do Comandante andava além do limite humano: perder e ganhar todo o medo, concentrar o máximo de controle – da fome, da dor, do cansaço, do sono e de qualquer outra vontade –, com faros de cão, ouvidos de maestro e olhos de lince. Um único sentido, voltado àquele a quem proteger, sempre pronta, em uma respiração, a lançar-se por detrás para abraçá-lo, saltar pela frente ou envolvê-lo, carregá-lo voando ou cobrir, com seus corpos, o dele no chão, em qualquer lugar, com as miras certeiras no agressor, se necessário. O segurança é aquele ser totalmente visível, mas anônimo. Inabalável, mas com a necessária parcimônia com todo o mundo, que insiste e pressiona para se aproximar do Comandante.

Até hoje, por suas poucas horas de sono, Fidel, às vezes, cochila dentro da Mercedes blindada e o motorista fica dando umas voltas a mais para que ele possa descansar, se não é exigida a sua presença em algum compromisso. Ao deslocar-se naquele cômodo compartimento, mas integrado ao mundo, ele repousa encontrando-se consigo ou concentrando-se para ler.

* * *

Em 1964, contavam-se, aproximadamente, em 15 mil os presos políticos no país, entre os participantes de conspirações, de bandos da Serra do Escambray, de infiltrados em redes de espionagem ou os que eram flagrados tentando sair ilegalmente do país. Eloy Gutiérrez Menoyo, capturado no início de 1965 ao desembarcar em Baracoa, no extremo oriental, comandando um grupo do Alpha 66, seria um dos últimos dessa safra de presos[1]. Quanto aos bandos do Escambray, haviam convertido aquela região serrana em uma fortaleza quase indomável, depois da invasão

da Baía dos Porcos, em que deveriam haver servido como uma coluna de barragem para as tropas da Revolução. Para combatê-los, desde então, vinham deslocando-se para a região milhares de milicianos, policiais e militares. Fidel, quando podia, metia-se entre as tropas, que, finalmente, conseguiriam cercar a extensão do Escambray e concluir a operação de *limpeza*. Medidas de segurança eram uma necessidade, mas, dizia o Comandante, a Revolução tampouco podia se manter com a metade da população vigiando a outra. Referia-se à atmosfera criada pelos Comitês de Defesa da Revolução (CDR) em cada quarteirão, com moradores inspecionando vizinhos, afrontando a liberdade individual e formando comportamentos viciados.

A ordem política estava em consolidação. Ao requerer a exposição pública do julgamento de Marquito (Marcos Rodríguez)[2], o delator que havia provocado o extermínio da nata do Diretório Revolucionário (DR), em abril de 1957, Fidel visava a cura de máculas do passado, que sensibilizaram velhos comunistas e combatentes do DR, agora componentes do aparato do poder.

Em uma carta aberta ao jornal *Hoy*, herdado do antigo Partido Socialista Popular (PSP), de 21 de março de 1964, ele escreveu: "(...) Que se publique na íntegra a declaração de Faure Chomón! Que seja o juízo mais público possível! Que tudo se discuta! Não podemos permitir que os inimigos se aproveitem, para semear a confusão e a dúvida... É necessário que os intrigantes, os pseudo-revolucionários, os sectários de novo cunho, que não se conformam com menos que ver rolar cabeças de honestos revolucionários... sejam desarmados e recebam uma lição de civismo!"

Iniciado o julgamento, certas sessões serviriam de palco para uma verdadeira catarse, veiculada no exterior como o retrato da divisão cubana.

O assassinato dos dirigentes do Diretório por policiais de Batista ficara conhecido como "o crime da Rua Humboldt 7". Nesse dia, antes do ocorrido, Marquito marcara um encontro com

um delegado, o coronel Ventura, que o atendeu sem delongas e confiou na informação que o outro lhe forneceu: o endereço do esconderijo dos jovens procurados pela polícia desde o assalto ao Palácio Presidencial.[3] Marquito ligara-se ao grupo do Diretório a partir de meados dos anos 50, quando foi deslocado da revista *Nuestro Tiempo*, dirigida por Edith García Buchaca, onde trabalhava como servente, para o núcleo do Partido Comunista (PC) na Universidade de Havana. Sua tarefa ali seria conhecer e informar sobre os movimentos do Diretório.

Após o crime da Humboldt, os órgãos da repressão em Cuba classificaram-no rapidamente como um prófugo. Marquito seguiu para a Costa Rica, onde policiais lhe dariam tratamento preferencial, a pedido de colegas cubanos, segundo um documento visto por Jose Assef, militante do Diretório, que lá se encontrava exilado. Em seguida, foi para o México e uniu-se à comunidade de exilados, ligando-se especialmente a dois dirigentes do PSP, Joaquín Ordóqui e a mesma Edith García Buchaca[4], aos quais confessou o sucedido na Rua Humboldt e os dois guardaram o segredo.

Um indício dos elos de Marquito com a polícia batistiana apareceria em declarações de um agente do coronel Ventura, durante os inquéritos dos primeiros meses de 1959, ao descrever uma pessoa envolvida no crime. Mas, quando Marquito foi chamado para identificação, o policial não o reconheceu, ou preferiu não fazê-lo.

Em 1961, por recomendação de membros do PSP, Marquito ganhava uma bolsa de estudos para Praga (Checoslováquia). Ali freqüentou, em algumas ocasiões, a embaixada do Brasil, pois como muitos cubanos que lutaram contra Batista, ele cultivava os laços semeados pelo embaixador Vasco Leitão da Cunha em Havana, que a muitos acolhera. Um diplomata brasileiro – que Marquito recordou, durante um depoimento, chamar-se Sócrates – aproximou-se dele um dia, em nome de Leitão da Cunha, avisando-o de que estava para ser detido, de acordo com as

informações obtidas, e ofereceu-lhe ajuda. Mas não houve tempo; no dia seguinte, o cubano foi preso pela polícia checoslovaca. Em Cuba, Joaquín Ordóqui tomava a iniciativa de interceder por ele junto ao Presidente Osvaldo Dorticós.

A história, em seus meandros, foi pessoalmente apurada por Fidel em interrogatórios a Marquito, por ocasião do julgamento. A sós, em uma sala, Marquito sentia-se compelido a olhar para baixo. “Nunca te preocupou a idéia que pudesse aparecer algum documento?”, perguntou o Comandante, referindo-se a uma reveladora carta de Marquito a Ordóqui, chegada previamente às suas mãos. “Acreditei que, como havia dito a Edith García Buchaca e ela me recomendou manter-me fiel ao partido, então, pensei que... ”, respondeu.

Sobre as motivações que haviam levado Marquito à delação, Fidel ainda explorou a possibilidade de vingança, pois ele havia sido objeto do sarcasmo dos colegas em uma discussão no dia anterior ao crime, quando fora até o esconderijo. Outras perguntas tentaram esclarecer a relação entre Marquito, sua amiga Dysis e Joe Westbrook, namorado dela e um dos rapazes do grupo, pois podia haver ciúmes ou ódio doentios pelo meio. Todos foram fatores que contribuíram para o crime que se comprovava, para o qual a sentença era a pena de morte.[5]

Meses depois, Joaquín Ordóqui seria suspenso do conselho do Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC) e demitido do posto de chefe de Abastecimento das Forças Armadas Revolucionárias (FAR). O comunicado, assinado por Fidel, justificativa a decisão “por aspectos da sua conduta política desde 1957, não esclarecidos de forma satisfatória...”. Sobre Ordóqui também recaíam acusações de sectarismo.

* * *

No plano da política externa, definida a incorporação de cubanos à luta no Congo, em março de 1965, concentrava-se um

contingente composto majoritariamente de negros, dado o destino da partida, ignorado por eles. Fidel veio conversar com o grupo no refeitório do acampamento, na intenção de acalmar as incógnitas. Perguntou se eles tinham, ao menos, uma idéia de onde "ensinariam a combater". Um respondeu que podia ser o Vietnã e o líder cubano insinuou: "Por que não seria um lugar desse ritmo que se ouve por aí?". Falava de uma dança popular em Cuba, apelidada Moçambique, mas os ouvintes não captaram ou não quiseram crer no que julgaram uma brincadeira do Comandante. A dúvida permaneceu até que eles puseram o pé no Congo. No entanto, ao segundo grupo que sairia semanas depois, Fidel disse na hora da despedida: "Quando chegarem ao Congo, encontrarão a pessoa que vai comandar como se fosse eu..."

Para o centro da África, moveram-se mais de 140 cubanos, em mais uma operação preparada pela divisão de Barba Roja. Ao projetar duas frentes guerrilheiras, Fidel designou "Che" Guevara como o chefe da primeira, o que seria uma forma efetiva de desviá-lo, por um período, da ansiedade de incorporar-se à guerrilha na Argentina e países andinos, onde a eficiência da repressão aconselhava o compasso de espera.

Em 2 de abril, acompanhado por Víctor Dreke – que comandara tropas contra os bandos do Escambray – e José María Martínez Tamayo (Papi), "Che" Guevara seguiu rumo à Europa, no começo de um prolongado percurso que o levaria à Tanzânia. Enquanto ele, com sua tropa e armas, ali chegava em vôos comerciais, aportavam embarcações da URSS em Dar-es-Salaam, a capital da Tanzânia[6], com equipamentos militares e outros suprimentos que se uniriam à logística chinesa já utilizada pelos rebeldes congoleses.

Antes de entrar na embarcação que cruzaria o Lago Tanganika, na fronteira com o Congo, "Che" Guevara retirou a prótese facial que alterava a sua fisionomia. Dois dias depois, em território congolês, revelou sua identidade, para ser comunicada a Laurent Kabila, um dos dirigentes de inspiração lumumbista, que

entrou em pânico ao saber quem era o personagem à frente da tropa em Kibamba, a aldeia pesqueira ao sopé da montanha e às margens do lago.

Em Cuba e em outros países, começavam os boatos ao se evidenciar o desaparecimento de "Che" da cena pública. Alguns diziam que desafiara a autoridade de Fidel e havia sido executado. Outros falavam que ficara louco irrecuperável; ou que, com um punhado de discípulos, escapara de Cuba para fazer uma nova revolução. Problemático era descobrir onde. Fidel, acossado pelas perguntas, respondia que se saberia de Guevara apenas quando este quisesse. Passariam meses, até que os norte-americanos recebessem os primeiros indícios de que o médico argentino estava pela selva do Congo.

No *Uvero*, o maior navio mercante cubano, enviava-se à África um grande carregamento de armas e munições, uniformes e alimentos, não apenas para a coluna de "Che", mas também para entregar ao Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e à Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). Ali viajava também uma parcela dos componentes de

Com o dirigente guineano Sekou Touré

uma segunda frente, idealizada por Fidel para o Congo, e nove instrutores militares para Brazzaville[7].

A 18 de junho, a Argélia, a terra inspiradora do projeto, mudava de rumo político. Ben Bella foi preso e derrubado por um golpe militar dirigido pelo coronel Houari Boumedienne. A toda pressa, Fidel precisou repensar a sua política africana. Certa indefinição ainda se prolongou em solo argelino por semanas, durante as quais o Comandante procurou influenciar os golpistas, na expectativa de não perder a principal ponte do projeto Tri-Continental, mas terminou rechaçando o ato:

"Não podemos corroborar esse procedimento contra as massas e contra o partido… E se decidirem romper relações conosco, não seriam os primeiros adeptos de quartelada que romperiam… Não atuamos como oportunistas, mas como marxistas-leninistas…"[8]

No fim de junho, propunha a Jorge Risquet a chefia da segunda frente que concebera, integrada por 200 homens. Os objetivos dessa eram prestar ajuda a Brazzaville, formando milícias locais; treinar e equipar a guerrilha do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) em Cabinda, para auxiliá-la a penetrar no interior de Angola; e funcionar como reserva da coluna de "Che", se necessário.[9] A 23 de agosto chegava a Brazzaville o grosso do batalhão. Parte penetraria em território angolano, enquanto outros grupos do MPLA viriam àquela cidade para iniciarem o adestramento.

O embaixador cubano Serguera, após o golpe em Argel, também foi deslocado para Brazzaville. Aí, ao deparar-se com Risquet, um egresso do velho PSP, no comando militar, pensou que a sua missão estava esgotada. Não havia recebido, contudo, nenhum comunicado[10] sobre a alteração do enfoque de Fidel para a África.

A presença da tropa cubana em Brazzaville teria outro desdobramento. Um ano depois, estando o Presidente Massemba-Debat ausente do país, ocorreu uma sublevação militar. Risquet, enquanto aguardava uma orientação de Fidel, resolveu consultar

representantes soviéticos, que escolheram manter-se neutros. Demais autoridades governamentais, na ausência do Presidente, refugiavam-se, literalmente, ao redor da piscina da sede da embaixada cubana, desfrutando do lazer, incapazes de qualquer ação. Fidel, por meio de mensagens a Risquet, propugnou a ofensiva em defesa do regime, "com a maior pressão possível"[11]. Os cubanos tomaram pontos estratégicos da capital, conseguindo abafar o golpe.

Para "Che" Guevara – "Tatu", como foi apelidado pelos congoleses, por sua facilidade de arrastar-se e se ocultar na selva fechada –, transcorreram meses de luta contra mercenários cubanos arregimentados pela CIA, sul-africanos e forças governamentais em ofensiva crescente, traduzindo os grandes interesses sobre aquele "estado-tampão". Na verdade, Tatu era o único, entre os aliados do lado da guerrilha, a dar as caras no palco da guerra: os comandantes congoleses ali não apareciam. Parte do "exército" que "Che" dirigia, corroía-se pela peste africana ou ameaçava desertar. Cupins grassavam toda a matéria e inexistia alimento, além do aipim com sal e o chá de ervas com gotas de limão, um dia sim, outro não. "Che" e os cubanos aprenderam, ao menos, a entender de serpentes, e que os crocodilos, que infestavam os rios que eles cruzavam a nado tantas vezes às noites, ou não comem no escuro ou não gostam da carne dos negros. Impressões dessa tormenta foram transmitidas por "Che" em cartas e notas de um diário:

"Querido Fidel... Deves pensar que padeço da terrível doença do pessimismo sem causa... Quando chegou teu 'presente de grego' (Emílio Aragonés), ele me disse que uma das minhas cartas havia provocado a sensação de um gladiador condenado... Posso te assegurar que, se não fosse por mim, este belo sonho estaria totalmente desintegrado, em meio à catástrofe geral... Sobram homens armados e faltam soldados... Soumaliot e companheiros? Seria prolixo enumerar a grande quantidade de mentiras em que incorreram... No resto do país, só existem gru-

pos desconexos que sobrevivem na selva... As dissensões entre Kabila e Soumaliot são cada vez mais sérias e tomadas como pretexto para continuar entregando cidades, sem combater... Bem, a menos que nos resolvamos, definitivamente, a lutar sozinhos...”

Os líderes, todos os de movimentos de liberação africanos, constituíam, no geral, uma elite ilustrada e formada em institutos europeus, havendo-se distanciado da problemática tribal. Os homens comuns não entendiam o porquê daquela luta, atados aos seus ritos e costumes que inviabilizavam um ordenamento militar. Desde antes, houve também uma superestimação das condições pré-revolucionárias no Congo. Segundo as informações que chegaram a Cuba, mais da metade do país deveria estar liberada no momento em que “Che” desembarcou, mas isto não era nem a sombra da verdade.

Fidel começava a entender a necessidade da retirada. Ao receber Gastón Soumaliot, o chefe do Conselho Supremo da Revolução do Congo, em setembro de 1965, em Havana, este foi franco e lhe recomendou a repatriação de suas tropas, pois a situação estava perdida. “Devemos fazer tudo, menos o absurdo. Se nossa presença é injustificável e inútil, precisamos pensar em nos retirar...”, solicitou Fidel a “Che” em uma mensagem.[12]

Acrescentava-lhe que ele poderia regressar a Cuba, se quisesse, ou manter seu status clandestino em outro lugar. Fazia tal adendo porque havia tornado pública a carta de despedida que “Che” lhe deixara antes de partir, no marco da fundação do Partido Comunista de Cuba (PCC, decorrente do PURSC) no início de outubro, em que se tornara inadiável e premente dar uma convincente satisfação sobre a sua ausência. Fidel leu a carta, na íntegra, em plena solenidade:

“(...) Neste momento, lembro-me de muitas coisas – de quando o conheci no México, na casa de Maria Antonia, quando me propôs juntar-me a você; de todas as tensões causadas pelos preparativos. Um dia, vieram me perguntar quem devia ser noti-

ficado em caso de morte, e a possibilidade real desse fato causou-me um impacto. Mais tarde, soubemos que era verdade, que numa revolução se vence ou se morre (se ela for autêntica).

"(...) Atualmente, tudo tem um tom menos dramático, porque somos mais maduros. Mas o fato se repete. Sinto que cumpri com a parte do meu dever que me prendia à Revolução Cubana em seu território e me despeço de você, dos camaradas, do seu povo, que agora é meu...

"(...) Renuncio formalmente aos meus cargos no partido, ao meu posto de ministro, à minha patente de comandante e à minha cidadania cubana... Nada legal me prende a Cuba, só laços de outra classe que não se podem romper como as nomeações... Recordando minha vida pregressa, acho que trabalhei com suficiente integridade e dedicação para consolidar o triunfo revolucionário. Minha única deficiência grave foi não ter tido mais confiança em você, desde os primeiros momentos na Sierra Maestra, e não ter percebido, com a devida rapidez, suas qualidades de líder e de revolucionário...

"Vivi dias magníficos e, ao seu lado, senti o orgulho de pertencer ao nosso povo nos dias brilhantes, embora tristes, da crise caribenha (dos mísseis). Raramente um estadista foi mais brilhante que você naqueles dias (...)

"Outras nações do mundo requerem nossos modestos esforços. Posso fazer aquilo que é vedado a você, devido à sua responsabilidade à frente de Cuba, e chegou a hora de separar-nos.

"Saiba-se que o faço com uma mistura de alegria e dor. Aqui deixo o mais puro de minhas esperanças de construtor e meus entes queridos. E deixo um povo que me recebeu como um filho. Isso dilacera uma parte de meu espírito... Carrego para novas frentes de batalha a fé que você me ensinou, o espírito revolucionário do meu povo, a sensação de estar cumprindo com o mais sagrado dos deveres: lutar contra o imperialismo onde quer que seja. Isso me consola e mais do que cura as feridas mais profundas.

"(...) Declaro uma vez mais que eximo Cuba de qualquer responsabilidade, salvo a que emana de seu exemplo... Se minha hora final me encontrar debaixo de outros céus, meu último pensamento será para o povo e, especialmente, para você. (...) Não lamento por não deixar nada material para minha mulher e meus filhos. Estou feliz que seja assim. Nada peço para eles, pois o Estado os proverá com o suficiente para viver e para ter instrução. (...) *Hasta la victoria siempre! Patria o muerte!* Abraço-o com todo o meu fervor revolucionário... "Che".

O texto traduzia todas as questões. A "Che" não restavam alternativas após haver renunciado à sua vida em Cuba. Desde que se unira a Fidel no México, dez anos antes, ainda sem uma completa noção do líder que tinha à sua frente, o argentino expressara-lhe que seu elo com Cuba haveria de ser passageiro, pois queria fazer a revolução em seu país. Adiante, daria ao processo cubano o que de melhor tinha, a sua brilhante personalidade, enfrentando opositores e invejosos da sua condição de herói estrangeiro, adorado pelo povo. Se alguns no poder o intrigaram, servindo-se de equívocos da política econômica ou atribuindo inconveniências à sua veia libertária, Fidel era o seu avalista. Ao se encaminhar o Projeto Andino, que resgatava o antigo sonho de "Che", ele já se preparava para romper com as amofinações do Estado e lançar-se para realizá-lo. A experiência congolesa havia sido apenas um desvio forçado por Fidel, na intenção de protegê-lo.

"Che" se cansou de buscar um responsável pelo Conselho Supremo da Revolução do Congo que pudesse assinar um documento em que se solicitava a retirada da tropa cubana. Queria deixar patente que não estava abandonando voluntariamente os congoleses, mas era a conjuntura que o obrigava a tal disposição.[13] Em novembro, o general Mobutu, com o apoio de tropas mercenárias e dos Estados Unidos, conquistava o poder naquele país.

Nas mensagens do manuscrito *Passagens da Guerra Revolucionária*, "Che" deixava impressa a catarse do fracasso no

Congo. Afinal, ele partiu numa lancha, a descoberto, com seus ajudantes próximos, aos quais mencionou, no decorrer do trajeto, sua almejada futura missão.

* * *

Às vésperas do anúncio da formação do PCC, que dera o acabamento ao processo de institucionalização do regime em Cuba, Fidel habilitou um porto para a saída legal de cubanos para os Estados Unidos, com um aviso aos familiares no exílio para que viessem buscá-los. Apresentaram-se centenas de barcos no porto de Camarioca, em Matanzas, gerando um problema de tráfego ilegal ascendente para a polícia norte-americana. Era uma tática de Fidel: como os Estados Unidos haviam cancelado a liberação de vistos para cubanos desde a Crise dos Mísseis, mas promoviam entradas ilegais que serviam de propaganda, o líder cubano buscou o meio de provocar uma renegociação sobre o assunto. Dizia ele, em plena repercussão do fato, que Cuba não podia se responsabilizar de modo unilateral pela ordem nas fronteiras.[14]

Após negociações com a embaixada da Suíça, as partes acordaram abrir listas semanais para cubanos que quisessem se juntar a familiares, exceto jovens em idade militar. Em fins de novembro de 1965, deu-se início aos vôos "charter" que decolavam da praia de Varadero, os quais perdurariam até o fim do acordo, em 1973.

O governo dos Estados Unidos só lamentou que não estivessem incluídos os presos políticos cubanos e reiterava sua disposição de recebê-los[15]. Fidel respondeu que os liberaria, desde que os Estados Unidos solicitassem, igualmente, que Venezuela, Colômbia, Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Equador, Brasil, Peru, Paraguai, Bolívia e Argentina também liberassem os seus condenados por conduta política e revolucionária.

Pelos "charter", partiriam de Cuba, durante todo o período, 300 mil pessoas, aproximadamente. A Lei de Ajuste Cubano,

então promulgada nos Estados Unidos, concedia aos imigrantes cubanos um extenso grau de privilégios que estimularam a continuidade da imigração ilegal. Seqüestros e desvio de aviões em pleno vôo, com destino aos Estados Unidos e Cuba, converteram-se em uma prática corrente até meados dos anos 70.

Sacramentando, igualmente, a linha trilhada por "Che", apesar dos reveses do projeto, em 3 de janeiro de 1966, Fidel inaugurou a Conferência Tri-Continental, em Havana. Ao evento, compareceram 743 delegados da Ásia, África e América Latina, com uma parcela de chineses e soviéticos como observadores. Na agenda, a vontade de unificação dos povos dos três Continentes e a intensificação das lutas de liberação, conforme anunciara meses antes o líder marroquino Mahdi Ben Barka, presidente do Comitê Preparatório da Conferência, após o acerto que fizera com Fidel em Havana. Pouco depois, em 29 de outubro, Ben Barka foi seqüestrado e assassinado em Paris, onde se encontrava exilado. Da operação, participaram policiais da contra-inteligência francesa, em cumplicidade com o ministro do Interior marroquino, o general Oufkir, e a CIA.

O ambiente da Conferência Tri-Continental refletiu as diferenças dentro dos movimentos comunista e de esquerda. Os trotskistas alardeavam que a carta de despedida de "Che" havia sido forjada e que a Quarta Internacional devia exigir a sua aparição pública. Outras vertentes, de extrema esquerda, apostavam que a razão de seu abandono era que se opusera à integração, no Comitê Central do PCC, dos favoritos de Castro: os seguidores de Moscou. Na abertura da conferência, Fidel reiterou a condição clandestina de "Che" Guevara, a qual seria esclarecida quando as circunstâncias permitissem. Frente às polêmicas presentes, demarcou a sua visão:

"... a Quarta Internacional cometeu um crime como organização puramente trotskista… Se, em um tempo passado, o trotskismo representou uma posição errônea, mas dentro do campo das idéias políticas, depois foi se convertendo em um vulgar ins-

trumento da reação… O imperialismo está inevitavelmente derrotado. Quem, entre os povos, nos deu, nestes tempos, a mais extraordinária lição? O povo do Vietnã.”

O que definia um comunista naquela conjuntura, sublinhou Fidel, era sua atitude para com a guerrilha. O crescimento dos massacres, fuzilamentos e assassinatos políticos era o indicador da “profunda crise revolucionária no Continente”, com novas alianças cubanas espalhando-se em várias partes. No caso brasileiro, revertera-se a original com Francisco Julião e suas falidas Ligas Camponesas, para surgir uma com Leonel Brizola – ex-governador do estado do Rio Grande do Sul –, exilado no Uruguai pela ditadura militar, que organizava o Grupo dos 11, responsável, mais tarde, pela frustrada guerrilha do Caparaó. Perguntado sobre se Cuba havia fornecido algum tipo de recursos financeiros a Brizola, o comandante Piñeiro (Barba Roja) respondeu que, por deferência, posto que o dirigente brasileiro encontrava-se vivo, era ele quem deveria responder.[16]

Outros elos eram com o guatemalteco Turcios Lima e o venezuelano Fabricio Ojeda, comandantes guerrilheiros que morreriam naquele ano. Lima foi assassinado em outubro e Ojeda em junho. Este, 17 dias antes de sua morte, escreveu uma carta a Fidel, dissecando-lhe a situação em que se encontrava a guerrilha. Os chefes da Frente de Liberação Nacional (FLN), Frente Armada de Liberação Nacional (FALN) e o Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), organizações que haviam se unificado, sofriam sanções severas do PC venezuelano, sendo acusados de promover *atividades fracionais*. A Fidel, chegaria um documento da direção do partido, assinado por Pompeyo Márquez, Teodoro Petkoff e Freddy Muñoz, prescrevendo a retirada das forças guerrilheiras e recolocando, em primeiro plano, as iniciativas políticas. O Comandante condenou, com ira, tal concepção que chamou de derrotista e entreguista.

Durante os encontros da Conferência Tri-Continental, ele ficaria particularmente impressionado com Amílcar Cabral[17], o

líder do PAIGC. A partir de então, a ajuda que Fidel daria ao movimento na Guiné Bissau e Cabo Verde seria a mais longa, diversificada e bem-sucedida das intervenções dos cubanos na África, desde o estouro da rebelião guineana até o fim da guerra, em 1974. Quanto aos soviéticos, forneceram sofisticados armamentos ao PAIGC, a cargo dos cubanos.

Cabral dirigiu tanto a guerra, como os contatos com Fidel e a inteligência cubana, a partir de Conakry (capital da Guiné Francesa), com o apoio de Sekou Touré.[18] Em abril de 1967, havia quase 70 cubanos na Guiné Bissau, entre eles, uma mulher, Concepción Dumois (Conchita), a viúva de Masetti, quase 30 médicos, vários dos que haviam estado no Congo, enfrentando um clima agressivo, alimentação carente, parasitas, malária e doenças endêmicas.

A disciplina do PAIGC, bem diversa da dos congoleses, impressionaria os cubanos e os norte-americanos, que consideravam a organização a mais eficiente na África Portuguesa[19]. A 16 de setembro de 1974, quatro meses após a Revolução dos Cravos, o colapso da ditadura portuguesa, voltava ao seu país o capitão cubano Pedro Rodríguez Peralta, que Fidel foi esperar no aeroporto. Peralta estivera preso por muitos anos, mas jamais revelara o vínculo do governo cubano com o PAIGC. Sustentara, sem titubeio, que era um latino que se unira à causa por conta própria .

No início de 1966, Fidel ainda enfrentaria um conflito com os chineses, que resolveram reduzir, de forma drástica, a quantidade de arroz que forneciam a Cuba. No fundo da questão comercial, uma forma de represália da China ao estreitamento entre Cuba e URSS com a fundação do PCC, e à participação cubana em movimentos na África e na Ásia, especialmente no Vietnã. Desde o ano anterior, os chineses vinham promovendo uma farta distribuição de propaganda da Revolução Cultural e do pensamento de Mao para oficiais cubanos, em seus escritórios e residências. Fidel advertiu sobre o *intento divisionista*, mas

os impressos seguiam sendo remetidos, alcançando um total de 58.041 destinatários no país em setembro de 1965.[20] O líder cubano chegou a ameaçar, inclusive, com a redução do pessoal diplomático chinês no país.

Na Organização das Nações Unidas (ONU), 18 países latino-americanos culpavam Cuba pela ebulição do Continente. Reunidos em uma comissão, exortariam a formação de equipes de segurança, espionagem, repressão e intervenção em todos os países da América – os futuros "boinas verdes" –, e a suspensão da venda de armas e implementos militares para Cuba. Logo veio a réplica de Fidel:

"Os povos têm direito a varrer – e, tarde ou cedo, varrerão – esses governos traidores que servem aos interesses estrangeiros em seus próprios países, mediante a ação revolucionária mais violenta, porque a opressão e a exploração imperialista se exercem cada vez mais sobre eles com emprego de força e violência! Não lhes resta outra alternativa!"

Uma delegação de parlamentares chilenos, que visitava Cuba, decidiu partir, em protesto, ao saber das declarações de Fidel, que consideraram ofensivas ao seu país e ao seu novo Presiden-

Em manobras militares

te, Eduardo Frei, o democrata-cristão que vencera nas eleições o socialista Salvador Allende. O Comandante respondeu:

"(...) À medida que o senhor Frei enfrenta contradições sociais, não lhe ocorre outra coisa senão culpar a Conferência Tri-Continental dos seus próprios problemas e, por motivo de uma greve em uma das grandes minas de cobre, lançou tropas contra os trabalhadores, ocasionando oito mortos e 35 feridos.

"(...) Acreditamos que, quando num país todas as vias não estão fechadas – como ocorre na imensa maioria dos povos da América Latina –, a luta armada revolucionária não se põe na ordem do dia. Cremos que no Chile, mais cedo ou mais tarde, as contradições de classe, a luta do povo contra o imperialismo, contra a oligarquia e a burguesia, tomará o caminho da luta armada. "[21]

Eduardo Frei revidou, chamando Cuba de "ditadura caprichosa, satelóide político e econômico do exterior, com partido único, imprensa oficial e milhares de fuzilamentos". Depois desafiou Fidel a dizer qual dos dois governos, o seu ou o dele, tinha feito mais por seu povo. Fidel devolveu o desafio:

"(...) Que ele recupere os recursos naturais; que nacionalize as indústrias ianques, que convoque um congresso operário... Se o senhor Frei quiser fazer uma viagenzinha a Havana, prometemos que não iremos vaiá-lo… E não é que queiramos qualquer relação com esta porcaria de governo!"[22]

O ânimo de Fidel andava para além de exaltado. Depois, ele teria uma altercação com a Iugoslávia, o que ao menos acabaria neutralizando o seu problema com a China. Ele afirmou que a Liga dos Comunistas Iugoslavos ocultava a sua cara, pois não era partido e nem era comunista. O marechal Castelo Branco, o primeiro Presidente da ditadura militar no Brasil, talvez por fanfarronice, também resolveu desafiar Fidel a vir ao Brasil fazer uma revolução.

"Lamento muito não ser brasileiro, senhores...", retrucou Fidel. "Mudaria com gosto todos os cargos e a minha carga de

primeiro-ministro, pela condição de mais humilde cidadão brasileiro... Mas estou seguro que os brasileiros ajustarão contas com os gorilas, como o povo da Argentina ajustará contas com os seus.”

Ante as dificuldades e as pressões, saltava um Fidel cada vez mais altivo, autônomo e agressivo, ansioso, à sua maneira, por um diálogo. Seu maior antagonista, o governo dos Estados Unidos, além de organizar sucessivas provocações na Base Naval de Guantânamo, também tentou impedir a participação da delegação cubana nos X Jogos Centro Americanos de Porto Rico, em julho de 1966. Uns dias antes da abertura, foram autorizados os 400 vistos, mas não a permissão para aterrissagem ou desembarque de transporte vindo de Cuba. Fidel, então, decidiu a saída do navio com as equipes e, nas proximidades das águas porto-riquenhas, todos desceram e puseram-se em barcos salva-vidas, até que a guarda da fronteira viesse recolhê-los.

No campo do comércio, apertava-se o bloqueio dos Estados Unidos, com nuances. Se havia uma patente norte-americana em qualquer linha de fabricação de um produto, inviabilizava-se o negócio. A fábrica francesa Richard de Lyon foi pressionada, mas, em 1965, terminou vendendo 900 tratores bulldozers a Cuba, no valor de 35 milhões de dólares, mais os caminhões da mesma marca. Por vários anos, a França concedeu mais de 100 milhões de dólares em crédito para Cuba. E a Inglaterra, o equivalente a 80 milhões de dólares de crédito, por cinco anos. Também foram adquiridas máquinas colheitadeiras de arroz, alemãs e italianas. Em boa parte, esses *furos* no bloqueio eram o fruto do trabalho do advogado Baudilio (Bilito) Castellanos, o velho amigo de Fidel desde a infância, agora embaixador em missão do primeiro-ministro pela Europa.

Em 1966

CAPÍTULO 39

Com "Che"

A fênix e o condor

Para o governo norte-americano, quem então poderia ser o cubano a repor a Ilha em seus braços e fazê-la abandonar suas idéias de revolução além-fronteiras? O ex-comandante Rolando Cubela. Narcisista, bem apessoado, barbudo e guerreiro, com adequado currículo e boa *performance* pública, era ele o

perfil eleito pela CIA para ajudar a corroer o poder, eliminar Fidel e, eventualmente, substituí-lo.

Revisemos sua trajetória. Pouco depois de haver sido despojado do Palácio Presidencial, que ocupara de modo intempestivo nos primeiros dias de janeiro de 1959, Cubela foi enviado como adido militar para a Espanha. Todavia, não tardaria a regressar a Cuba, onde assumiu a subsecretaria de Governo, que detinha funções de polícia e de ordem interna. Em outubro, foi eleito presidente da Federação dos Estudantes Universitários (FEU), com o beneplácito de Fidel. Terminado o mandato, começou, pouco a pouco, a cair no ostracismo. Desgostoso por não se ver mais reconhecido, cultivava, como um conselheiro em seus momentos de dissipação, José Alemán Gutiérrez – o filho do hipermilionário e ex-ministro de Educação no antigo regime, José Alemán. O laço entre eles criara-se no exílio, durante a ditadura de Batista. Através de Alemán, a organização do Diretório, da qual Cubela fazia parte, conseguira recursos e armamentos.

Cubela seria o mais interessante caso na dramaturgia dos antagonistas de Fidel. Segundo documentos norte-americanos, a primeira vez que a CIA se aproximou dele foi em março de 1961, um mês antes da invasão da Baía dos Porcos. Cubela se encontrava no México, participando de um congresso.[1] Em uma primeira conversa, esboçou-se uma relação que se denominou política[2] entre ele e um oficial da CIA. Para o setor de operações supersecretas, iniciou-se o expediente do agente código AM-LASH.

No fim do mês, a representação da CIA em Miami recebeu de Havana a informação de que tanto Cubela como Juan Orta – o funcionário do gabinete de Fidel que seria um dos executores no caso das pastilhas envenenadas – queriam desertar e necessitavam de auxílio para fugir. Um mapeamento dos nomes citados nos documentos sobre os atentados a Fidel revela o personagem que se relacionava com ambos: o "capo" da máfia Santos Trafficante. Em seu depoimento ao Comitê de Assassinatos da Câmara dos Estados Unidos, em 1977, José Alemán Filho escla-

receu que os vínculos entre Trafficante e Cubela mantiveram-se antes e depois do triunfo da Revolução.

Com intervalos, o trato entre Cubela e a CIA durou quatro anos, de 1961 a 1965, em encontros nas cidades de Helsínqui (Finlândia), Porto Alegre (Brasil), Paris (França) e Madrid (Espanha), onde Cubela comparecia como representante das organizações estudantis cubanas. Em razão do rechaço à URSS entre cubanos após a Crise dos Mísseis, a CIA supôs ser aquele o período adequado a acelerar o Projeto AM-LASH (Cubela), com recrutamento e instrumentalização de civis e militares – identificados pelo código AM-TRUCK – para apoiarem um golpe contra o regime de Cuba, depois de morto Fidel. Um acerto com Cubela para a realização do atentado ocorreria em outubro de 1963, em Paris. Em 22 de novembro, no mesmo dia em que Kennedy foi assassinado – e que o líder cubano ouvia a mensagem de aproximação do Presidente norte-americano, por intermédio do jornalista Jean Daniel –, Cubela recebeu uma caneta dotada de agulha hipodérmica insensível, carregada com o veneno Black Leaf 40, que deveria ser encostada no corpo de Fidel na primeira oportunidade que surgisse. Com isso, o cubano morreria, em dois ou três dias. Entretanto, Cubela se desfez da caneta jogando-a no Rio Sena, antes de voltar a Cuba. Aparentemente, havia desistido do intento. Seu amigo José Alemán Filho, que aceitou tornar-se informante do FBI para não ser incriminado no processo contra o mafioso Norman Rothman, relatara aos seus superiores que ouvira de Santos Trafficante que JFK seria eliminado.[3]

Fidel, no mesmo dia do assassinato de Kennedy, inferira a conexão entre este fato e o projeto por parte de setores norte-americanos contra Cuba, conforme insinuara ao jornalista Jean Daniel. Com efeito, posteriormente, seria possível observar a coincidência entre nomes e dados surgidos nas apurações da G-2 (serviço secreto cubano) sobre os atentados a Fidel e programas afins, e investigações particulares e oficiais sobre o magnicídio de Kennedy realizadas dentro dos Estados Unidos. O cruzamen-

to entre essas informações permitiu não apenas confirmar a dedução do Comandante, como também identificar os prováveis autores e executores do assassinato de Kennedy, conforme exposto no livro *ZR – o rifle que matou Kennedy*. Para esta obra desta autora, foi o próprio Fidel quem autorizou as consultas aos arquivos do serviço secreto cubano.

Quase um ano após o encontro de Cubela em Paris, dar-se-ia um contato entre ele e Manuel Artime – este, o agente código B-1 –, chefe de uma organização anticastrista, arranjado pela CIA em Madrid. Os interesses de ambos se complementavam: Artime necessitava de um homem com bom trânsito dentro de Cuba; e Cubela, de uma possante arma com um silenciador, para poder executar o assassinato de Fidel da forma que desejava.

Por volta de junho de 1965, tendo em vista as indiscrições de Cubela com alguns conhecidos, a CIA resolvia se distanciar do projeto, mas a G-2 cubana já havia plantado um dos seus homens junto a ele e encontrava-se a par dos planos. Ao iniciar-se o ano de 1966, Fidel convocou Cubela ao seu gabinete para uma conversa e obteve algumas confissões. Em março, ocorreu o julgamento dele e de sua rede[4]. Com a intervenção do líder cubano em seu favor, Cubela foi condenado a 25 anos de prisão:

"Quem se fez responsável por todos estes atos foi uma pessoa que, por suas características, resultava praticamente impossível que pudesse desempenhar qualquer função chave no seio da Revolução... Não creio necessário solicitar do tribunal sanções mais drásticas... Penso que muito mais importante e útil é eliminar os vícios que contribuíram para engendrar esta conduta... o amiguismo, o favoritismo, o parasitismo, as tendências ao acomodamento e, inclusive, à corrupção... que subsistem em algumas pessoas, setores e em algumas frentes de trabalho... Não vacilaram os imperialistas... em subornar, corromper e recrutar... como fizeram no seio de minha própria família, para utilizá-los depois como instrumentos repugnantes, por dinheiro... E verdadeira-

mente um crime que, enquanto nas ruas se recolhem até os legumes caídos para fazer economia, haja indivíduos que gastem milhares de pesos na doce vida..."[5]

Com o aprofundamento das investigações, até o vice-ministro das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), Efigênio Ameijeiras, foi privado de seus cargos por compartilhar de relações com Cubela e seu grupo.[6] Vieram à tona vários outros amantes da "boa vida", em setores que lidavam com o comércio exterior e atividades afins.

A France Press (AFP) espalhou que o caso Cubela despertara estudantes nacionalistas da Universidade de Havana, contra o controle exercido pelos comunistas. A agência publicou: "A idéia do assassinato veio das próprias fileiras dos que primeiro se rebelaram contra a tirania. Daí, a vacilação e a perplexidade de Fidel Castro, que adotou uma decisão de clemência..."

Fidel e "Che"

Fosse por um surto de generosidade, por proteção a alguns, inadvertidamente, envolvidos no processo, ou pela unidade que devia garantir no recém-nascido Partido Comunista de Cuba (PCC), Fidel, em seu eterno movimento pendular e modulado, ia afastando aqueles que não cabiam na sua ordem revolucionária. Note-se ainda que nenhuma relação de Cubela com a CIA foi mencionada durante o julgamento. Embora ficasse evidente, a segurança preferiu silenciá-la, pois não pudera precisar alguns aspectos nucleares. O Projeto – ou Operação AM-LASH – só se revelou anos depois, a partir das investigações conduzidas nos Estados Unidos.

* * *

Em Havana, permaneciam ainda vários estrangeiros que haviam participado da reunião da Tri-Continental. Por intermédio de Osvaldo Barreto, um venezuelano que passara por Argel, o ex-embaixador Papito Serguera conheceu o texto *Revolução na Revolução*, de Régis Debray. Correu para mostrá-lo a Barba Roja, que, no dia seguinte, o levou a Fidel. Depois de ler, este comentou: “Interessante... Diz o que nós não podemos dizer. Por que não me trazem esse francês aqui?”.

Papito comunicou a Debray que Fidel gostaria de publicar o seu trabalho. Ao receber o francês na Calle 11, o Comandante opinou sobre o texto e deu sugestões, o que sempre faz ao topar com os autores de escritos políticos e ideológicos. Ainda que não representasse sua visão, aquela convinha à etapa de fomento da guerrilha. O texto foi efetivamente publicado e instaurou a tese do “foquismo” entre as esquerdas latino-americanas, como se fosse uma cria cubana sob invólucro francês. Havia distinção, entretanto, com a idéia do “foco armado” de “Che” Guevara – uma *coluna-mãe* destinada a detonar o processo revolucionário, mas não dissociada dos movimentos populares. Acrescentava “Che”, como o fazia também Fidel, “que a luta guerrilheira seria excessiva em países com possibilidades de luta cívica”.

Naquele momento, “Che” encontrava-se na Tanzânia, convencido a realizar a sua meta na América Latina. Como vinha repetindo a Fidel em mensagens, ele julgava a Bolívia a opção para o projeto, em virtude da prática e da logística dos quadros comunistas que haviam participado do apoio a Jorge Masetti e aos peruanos. Sempre que a guerrilha não se metesse em solo boliviano, os esquemas haviam contado com a “vista grossa” de autoridades do governo nacionalista de Victor Paz Estensoro, que durara no poder até 1964, quando sucedeu o golpe do general Barrientos. A presença norte-americana na área ganhava volume rapidamente, reequipando as Forças Armadas, deslocando assessores em contra-insurgência e “boinas verdes”, para Venezuela, Colômbia, Guatemala e, logo, na Bolívia.

Para “Che”, ao desenvolver-se a Bolívia como o centro irradiador, adviria necessariamente a reação dos exércitos dos governos apoiados pelos Estados Unidos, o que, mais cedo ou mais tarde, conduziria à intervenção norte-americana. Formar-se-ia, então, um outro “Vietnã”, conforme os seus termos, considerando a resistência que empreenderiam as colunas rebeldes já formadas. O Partido Comunista Boliviano (PCB), um dos raros a não se mostrar refratário à via insurrecional, ao lado de setores nacionalistas do país, inclusive do exército, eram vistos por “Che” como os seus prováveis aliados no processo.

Ao insistir “Che” em uma partida sem demora, Fidel lhe pedia calma e prudência, sustentando que sua presença se justificaria em uma etapa posterior, quando amadurecidos a situação e os quadros. Mas depois da experiência do Congo, não houve meio de desviá-lo do objetivo: “O outro seria proibi-lo e isso não estava dentro do tipo de relação que tínhamos, nem por razões de Estado...”, explicou o Comandante.

Assim sendo, Fidel solicitou o apoio formal do PCB ao projeto. Mario Monje, o secretário-geral, foi a Cuba em junho e prometeu mobilizar colaboradores, como também conseguir o consenso da direção partidária a um movimento guerrilheiro ru-

ral. Para Monje, o Comandante não informou tudo, a saber: não mencionou "Che" Guevara.

Depois, Fidel mandou chamar "Che" a Cuba, a fim de que viesse preparar e selecionar o pessoal que seguiria com ele. Tomou a providência que lhe pareceu a mais sensata naquela circunstância: um especialista em plástica, Eddy Suñol, viajaria com o emissário Ulises Estrada à Tanzânia, para realizar uma cirurgia em "Che", antes da viagem.

Já transformado, ele embarcou para Praga, via Cairo. Em 19 de julho de 1966, provido de passaporte uruguaio, com o nome de Ramón Benítez, rumou a Viena, logo Genebra, Zurich e Moscou. Ao chegar em Havana, seguiu para a Fazenda San Andrés, em Pinar del Río. Atendido pelo pessoal de Barba Roja, "Che" fez uma nova plástica, que alterou ainda mais a sua fisionomia.

Fidel acompanhou os treinamentos do grupo escolhido por "Che", que, entretanto, permanecia escondido e isolado do convívio de conhecidos. Aproximando-se a data da partida, o líder cubano estabeleceu uma condição: a viagem só se realizaria se ninguém o reconhecesse. E fez o teste. Convidou várias pessoas, incluindo Aleida, a mulher de "Che", e a filha Aleidita, a um jantar com um comerciante argentino que visitava o país. Ninguém, nem as duas, o identificaram.

"Che" e Fidel se viram pela última vez em uma casa da segurança, na madrugada do embarque. Ali também se encontravam Piñeiro (Barba Roja), Raúl Castro e Vilma Espín, enquanto os dois, sentados em um sofá, conversaram em voz baixa, durante mais de uma hora. Embora fossem seres intensos nos sentimentos, preferiram um abraço forte e curto a concluir a despedida, que, porventura, seria não mais que uma pausa para o próximo capítulo de uma história em comum.

* * *

Novembro de 1966. Mais de 20 cubanos entravam no território boliviano sem serem detectados. Em fins de dezembro, estabelecidos em um acampamento, a oito quilômetros da fazenda de Ñancahuazú, “Che” preparava-se para uma reunião com Mario Monje, o secretário do PCB. Sabendo que o argentino viera para o comando do movimento, Monje requisitou-lhe a chefia geral político-militar. “Che” respondeu que não podia entregá-la e o outro se retirou para não mais retornar.

Encontrando-se ainda em uma base fixa, “Che” comunicou a Fidel o ocorrido. Este convocou, com urgência, o segundo secretário do PCB, Jorge Kolle, e Simón Reyes, um dirigente sindicalista boliviano, para uma conversa em Havana, onde lhes cobrou a colaboração prometida. De nada adiantou.

A coluna de “Che” já empreendia a marcha. Em uma mensagem radiofônica de 23 de janeiro de 1967 a Fidel, ele previa: “A qualquer momento ficaremos isolados”. Observava o perigo e resolveu dividir a coluna, na expectativa de reuni-la em 15 ou 20 dias. Comunicações e contatos escasseavam, sendo, gradualmente, cortados. “Che” ficou dando voltas sem rumo e sem chance de iniciar o plano em Ñancahuazú ou dirigir-se à zona de La Paz, a capital, mais adequada para detonar a guerrilha, pela tradição de sua militância.

No começo de março, Fidel foi acusado de participar do seqüestro e da morte de uma autoridade venezuelana, em uma operação da Frente Armada de Liberação Nacional (FALN)[7]. Encontrando-se em Havana, a direção conjunta da Frente de Liberação Nacional (FLN) e FALN assumiu publicamente a responsabilidade pelo ato, como uma represália pelo assassinato de seus membros. Fidel anexou ao comunicado um brado de guerra: “Desde agora declaramo-nos invencíveis... Aviso que aqui vão tropeçar com um Stalingrado... e, ademais, com meia dúzia de ‘Vietnãs’ no resto do continente...”[8]

Em terra boliviana, os primeiros indícios da presença de “Che” apareceram em abril. Conforme o relato de um corres-

pondente inglês, "(...) entre os objetos cuidadosamente atirados na zona, apareceram uma fotografia do Dr. Ernesto "Che" Guevara e uma cópia do discurso do general Vo Nguyen Giap do Vietnã do Norte... A zona estava minada e cheia de armadilhas. Era obra de especialistas…"[9]

No mesmo mês, dia 19, ao rebater a iniciativa da Conferência Inter-Americana de unir esforços contra a subversão no Continente, Fidel anunciou a formação de uma nova frente guerrilheira – precisamente na Bolívia. Em junho, atuava no Oriente Médio, mandando pilotos e soldados cubanos para lutarem ao lado dos sírios contra Israel, às vésperas da Guerra dos Seis Dias. De 31 de julho a 10 de agosto, patrocinou a Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), em Havana. No encerramento, comentando sobre os pontos-de-vista conflitantes surgidos nos debates, precisou sua fronteira ideológica:

A foto que percorreu o mundo

"Falou-se de caminho fundamental, que a ele deverão se subordinar as demais formas de luta... Mas não haverá ninguém tão sectário e dogmático que diga que, em todas as partes, há que agarrar amanhã mesmo um fuzil… Entendemos que o pensamento revolucionário deve adquirir novos vôos. As verdades evidentes pertencem à filosofia burguesa… A própria literatura marxista deverá rejuvenescer, mas a que tipo de trânsito pacífico se referem alguns, que não seja de acordo com o imperialismo?"[10]

Abusou de citar informes da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) sobre a realidade regional, para justificar por que era impossível resolver o problema da fome sem uma revolução. O brasileiro Carlos Marighella, com quem trocou idéias por várias horas, deixou-lhe a impressão de ser um revolucionário de muita lucidez. Imprimia-se um novo elo com a esquerda brasileira: Marighella passaria meses recebendo treinamento em Cuba, como instrutor de guerrilha, enquanto amadurecia um plano de levantamento combinado, de guerrilha rural e urbana, em Goiás, o qual enviou, posteriormente, definido e mapeado, para Fidel.[11]

Na Bolívia, na cidade de Santa Cruz, o exército detinha Régis Debray, que havia ido incorporar-se à guerrrilha de "Che". Forçaram-no a falar; sob tortura, ele resistiu, mas acabou confirmando que Guevara encontrava-se no território. Contudo, o real delator veio a ser o argentino Ciro Bustos, o único sobrevivente do grupo de Masetti que, ao ser capturado, forneceu detalhes precisos. Bustos era o enlace da coluna de "Che" com os argentinos que se uniriam ao projeto.

Soldados adestrados para operações na selva partiram de cidades bolivianas, no início de outubro, para a zona identificada. Agentes da CIA, alguns deles cubanos anticastristas, colaboravam na caçada. Calculavam-se 1.500 homens formando um cordão para encurralar Guevara, que seguia movendo-se, na tentativa de viabilizar soluções.

"Penso que estava muito afetado, por já saber da morte do outro grupo. (...) Eu o conhecia bem. Creio que, nesse momento,

sentia muito e reagia com certa temeridade. Não haveria forma de capturá-lo vivo...", refletiu Fidel.

No dia 8 de outubro, "Che" caiu ferido. Dia 9, com a ferida precariamente tapada, foi executado a sangue frio. Em Havana, no dia seguinte, Piñeiro, ao receber a radiofoto do cadáver de "Che", foi correndo avisar Fidel. Este apareceu para vê-la com cara de incrédulo, afirmando que se tratava de uma "fabricação". Identificou, sim, alguém que se parecia com "Che", mas não se convenceu e voltou para casa. Logo veio a segunda radiofoto e Piñeiro foi mostrá-la. Fidel empalideceu. Olhou-a demoradamente e fez um grande silêncio. Nas horas que se seguiram, não esboçou palavra, mantinha-se de punhos cerrados e com o coração sob aperto, enquanto brotavam, incessantes, os novos despachos das agências de notícias a coroar a amargura. O Comandante não queria crer, mas foi forçado a concluir que a notícia era certa. Prostrado, seguia sem fala e queria mesmo perdê-la – o que era a sua expressão mais vital –, ante o absoluto desalento. Pensou em um instante que seria ele a ter que transmitir a notícia para o povo e tentou recuperar-se. Dele dependeria o grau do impacto de um sofrimento avassalador, de milhares de pessoas. Orientando-se, balbuciou a Célia que fosse buscar Aleida, a mulher de "Che", pois queria, antes de tudo, lhe falar pessoalmente. Ao vê-la entrar, levantou-se e pousou a larga mão em seu ombro, como é seu costume nas confidências, para ampará-la na tragédia. Veio-lhe, então, à memória, o que dissera no início do ano, com um ar de profecia, aos que insistiam em saber do paradeiro de "Che": "Quiseram-no morto tantas vezes, que ele renascerá das cinzas como a fênix..."

Semanas depois, com efeito, chegaria às suas mãos algo que o eternizaria além do símbolo: o diário de "Che", encontrado na sua mochila. O então ministro do Interior boliviano, Antonio Arguedas, que tempos atrás cooperara com o movimento guerrilheiro[12], percebera a intenção da CIA de falsear o texto para divulgá-lo e julgou por bem enviá-lo a Fidel. Contatou um jor-

nalista conhecido e pediu que este fosse ao Chile localizar alguns elementos de esquerda ligados a Cuba, para que intermediassem a entrega das cópias fotostáticas do original. Partes do diário, inseridas em discos de música folclórica, desembarcaram em Havana, via México. Dessa vez, Fidel não duvidou: reconheceu imediatamente a caligrafia, o estilo, o modo de ser e de pensar de seu grande companheiro.

Foi enorme a correria para aprontar a edição do livro em Cuba, no maior segredo possível, antes que saísse qualquer versão apócrifa. Depois, a pressa em enviá-la a editores de confiança na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, como o italiano Feltrinelli, o francês François Maspero, Arnaldo Orfila da Siglo XXI e à equipe da revista norte-americana *Rampart*. Publicado o texto, a CTK, a agência de notícias checa, afirmou que a sua autenticidade era duvidosa. Fidel se enfureceu:

“Ora, ninguém pode conceber que alguém publique uma cópia falsa de um documento, cujo original está em mãos de outro, sendo, além do mais, este outro, um inimigo! Seria insustentável que incorrêssemos em semelhante erro!”

Intelectuais de várias partes do mundo, como os cineastas Francesco Rosi e Satsuo Yamamoto, acorreram a Havana para um congresso cultural em janeiro de 1968. A perspectiva anunciada era explorar formas de manter viva a obra de “Che”, ventilando, assim, o ânimo dos artistas cubanos, depauperado com a falta do forte aliado em seu perene conflito com posturas internas conservadoras.

Desde a exibição dos filmes *Aventuras de Juan Quin-Quin* (de Julio García Espinosa) e *Memórias do subdesenvolvimento* (de Tomás Gutiérrez Alea), os velhos comunistas diziam-se desacatados pela ousadia temática das obras. Fidel fora solicitar o fim da desavença, recolocando-se no meio da balança das forças contrárias:

“A Revolução tem também os seus direitos, e o primeiro é o de existir... Há outro que, creio, ninguém discute: é o direito

que o governo tem de exercer essa função, revisar os filmes que se exibem para o povo. (...) Mas se alguém se preocupa tanto, que tenha paciência, pois chegará o dia em que o Estado não existirá..."

Em Cuba, já se havia abolido inclusive o direito de "propriedade intelectual", contrariando autores ou as injunções do mercado, pois Fidel defendera que os conhecimentos deviam ser patrimônio de toda a humanidade:

"Quem paga a Cervantes os direitos de propriedade intelectual? Quem paga a Shakespeare? (…) Faremos o mesmo com tudo o que se chama de patentes. O que inventemos estará a serviço de todos…"

Na ordem política, o crônico sectarismo de alguns dirigentes elevara-se à máxima potência, com a crescente exportação da Revolução. Aníbal Escalante, que regressara a Cuba em meados de 1966, voltava ao foco das atenções. Nos últimos seis anos, ele permanecera escorando-se nos soviéticos, tentando incentivar uma dissidência; mas a KGB apenas jogava na escuta, sem se envolver.

Tanto Aníbal como o grupo que se recompôs ao seu redor consideravam que a saída de "Che" – o "chinês" ou o "trotskista" – seria um acontecimento saudável para o país. A membros do Comitê Central do PCC, a alguns soviéticos, alemães orientais e checoslovacos, dentro e fora do país, eles opinavam que a URSS devia obrigar a direção de Cuba a abraçar a linha do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

Fidel observava o desenrolar. Em seu discurso na OLAS em agosto de 1967, advertira-os, com sutileza, alinhavando-os às posições defendidas por contra-revolucionários e pelos partidos comunistas "reformistas" da América Latina:

"Luta de idéias subsiste, inclusive em Cuba... Não podemos chamá-la de fração porque não tem volume, não tem tamanho, não tem possibilidades, não tem nada... De onde procede? Dos velhos sectários ressentidos, com um feroz oportunismo... Ao

quererem moderar a linha da Revolução, coincidem com os do Alpha 66, com o Presidente Johnson e com a CIA...”

Ao resolver desmascará-los em março de 1968, qualificou-os de microfração. Reuniu o Comitê Central durante três dias, para analisar os relatórios sobre as atividades do grupo. Raúl Castro havia elaborado uma análise, que havia sido “classificada”:[13]

“Atividades do grupo fracional (...) difamação e intriga da política internacional da Revolução, com propaganda e atividades clandestinas... informação falsa a funcionários de países estrangeiros com o propósito de socavar as relações de Cuba; subtração de documentos secretos do Comitê Central do PCC e do Ministério da Indústria Básica...; difamação da memória do Comitê Central; oposição sistemática a todas as medidas da Revolução; justificação da direção direitista do Partido Comunista da Venezuela; fabricação e circulação clandestina de documentos contrários à linha da Revolução...”

Foram detidos e condenados 43 implicados nas atividades e, à boca pequena, falava-se que o grupo havia montado uma conspiração para tomar o poder. Aníbal, que recebeu uma pena de 15 anos, solicitou cumpri-la na URSS. Antes de concluí-la, porém, regressou a Cuba, onde veio a falecer como gerente de uma fazenda.

* * *

A microfração, enquanto a reação de um grupo à ruptura de cancelas postas por Moscou, articulava-se curiosamente, na mesma conjuntura, com a resposta soviética à Primavera de Praga.

Pelo mundo, muitos se inspiravam no sacrifício de “Che” e no heróico Vietnã. Em maio de 1968, a juventude francesa ocupou as ruas de Paris. Depois, no Uruguai, no México e no Brasil; a explosão parecia interminável. Prolongavam-se os choques entre polícia e estudantes e formavam-se novos grupos partidários da guerrilha, em um contínuo processo de cisões e aglutinações.

Operários e estudantes execraram os stalinistas na Checoslováquia. Uma nova direção, sob a batuta de Dubcek, desejava implementar em Praga um socialismo de rosto humano. A situação de instabilidade chegou ao estopim: a 21 de agosto, a capital checa foi invadida por tropas soviéticas e do Pacto de Varsóvia. Dubcek foi deposto. Ao chegar a informação a Cuba, o capitão Aragonés, que havia saído de casa para dar um passeio, tomou, sem demora, o caminho do Palácio.

Fidel recomendou à representação cubana na Checoslováquia, pelo telefone: "Não façam nada, nem tomem partido..." Perguntou qual era a posição de cada um dos oito membros do Burô Político do PCC e, entre retóricos e vacilantes, os comunistas optavam por um caminho tortuoso: o apoio aos soviéticos, embora não à invasão.

Ramón Sánchez Parodi, um funcionário da inteligência de Piñeiro, foi enviado a Praga para apurar os fatos. Em um primeiro plano, percebeu que a ampla maioria da população rejeitava a presença militar soviética. Apesar da delicada situação, Fidel resolveu tomar posição. Deu apoio à invasão, mas com ressalvas, argumentando que "a posição de Cuba não podia entrar em contradição com os seus interesses". Na verdade, à maneira de um bom piloto, ao enxergar a tempestade, fez uma manobra no ar e preparou o pouso:

"Sabemos que, durante 20 anos, a Checoslováquia teve uma direção saturada de muitos vícios, dogmatismo e burocratismo... Uns chamavam o processo que surgia de democratização, outros de liberalização... (...) Os principais impulsores dessa política liberal burguesa foram os comunistas iugoslavos... Em 24 de abril, *Rude Pravo*, o órgão oficial do Partido Comunista Checoslovaco, destacava que os Estados Unidos esperavam de seu país uma política exterior mais inteligente... Em junho, soube-se de possíveis empréstimos norte-americanos à Checoslováquia... de créditos solicitados à República Federal Alemã (RFA), em 27 de junho... Polônia e Iugoslávia também receberam empréstimos.

Era o início de uma lua-de-mel entre os liberais checos e o imperialismo... Aceitamos a amarga necessidade que exigiu o envio dessas forças à Checoslováquia. O que não caberia aqui é dizer que a soberania do Estado checoslovaco não foi violada..."[14]

* * *

A morte de "Che" Guevara, a microfração e a Primavera de Praga são marcos de um período divisor de águas para Fidel. O idealismo que caracterizava o pensamento guevarista atingia o limite, assim como sua contrapartida. Fidel sofria de excessos:

"O dinheiro é um vil intermediário entre o homem e os produtos que ele cria… Chegará o dia em que frutas, vegetais e até o leite serão distribuídos gratuitamente para todo o povo. Chegará o dia em que o dinheiro nada valerá; o homem trabalhará pelo hábito... "

No que chamou de "ofensiva revolucionária", em 1968, Fidel nacionalizou o que restava da iniciativa privada no país. A resolução, de 22 de maio, implicava, de imediato, a realocação de muitos proprietários e trabalhadores, mas os centros de produção estavam deficitários – não tinham dinheiro, não pagavam e nem recebiam. Falava-se, realmente, que o dinheiro seria extinto e havia ameaças de racionamento de leite, ovos e pão.

À gradual diminuição da produção açucareira, correspondia um estupendo aumento dos gastos de energia e combustível.[15] O petróleo importado da URSS não bastou e foi necessário solicitar aos soviéticos uma antecipação de uma cota de 100 mil toneladas.

Em 1968, Fidel já verbalizava o lento esgotamento de um modelo. Premissas "guevaristas" no campo econômico, como estímulos morais e trabalho voluntário, criticadas pela microfração como as responsáveis pela estagnação produtiva, iam perdendo relevância.

Um caminho que se impõe

Oscar Niemeyer

Fidel é, sem dúvida, uma das figuras mais importantes do século XX. Um dia quem sabe teremos que segui-lo. A Revolução Cubana é um exemplo. É o caminho que se impõe, quando a vida se degrada e a esperança foge do coração dos homens. A última vez que encontrei Fidel foi em Niterói, no Rio de Janeiro, quando ele visitava o museu que projetei lá. Tenho um vídeo sobre essa visita. Como me honra e agrada vê-lo me abraçar afetuosamente e ouvir as palavras generosas que disse a meu respeito! Certo dia, ele me pediu que projetasse um monumento de protesto contra o bloqueio norte-americano a Cuba. Diante do projeto que fiz e lhe apresentei, numa de suas visitas ao Brasil, ele, satisfeito, exclamou: "Vou construí-lo na praça em frente à embaixada dos Estados Unidos em Havana!". Nesta biografia, a que dedicou nove anos de trabalho em pesquisas e entrevistas, Claudia Furiati se empenhou a fundo para deixar à posteridade a história mais completa e precisa possível da vida deste grande homem.

No MAC (Museu de Arte Contemporânea), com Niemeyer e o prefeito de Niterói, Jorge Roberto Silveira, quando da inauguração da exposição "40 anos da Revolução Cubana"

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO II - DO SUBVERSIVO AO ESTADISTA

Editora Revan

FidelCastro
UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA
TOMO II - DO SUBVERSIVO AO ESTADISTA

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO II - DO SUBVERSIVO AO ESTADISTA

1ª Edição

Editora Revan

In memoriam

A Jesús Montané Oropesa e
Manuel Piñeiro Losada,
chaves de realização
desta obra que não
puderam ver concluída.

Sumário
TOMO II

PARTE VII Começaria Tudo Outra Vez

*"É difícil imaginar, e menos ainda crer
nos horríveis crimes que aqui se cometeram.
Por milhares de anos, a humanidade recordará
tais atos com repugnância e horror."*

Fidel Castro

***No campo de concentração
de Auschwitz, Polônia, 1972***

PARTE VI

Meu Colete é Moral

Com o seu grande amigo Salvador Allende, Presidente do Chile, 1971

C A P Í T U L O 4 0

Na Conferência dos Não-Alinhados, em Argel, 1973, presidida pelo coronel Houari Boumedienne

Domesticando o leão-marinho

A edição dos elos de Cuba pelo Continente, após o Congresso da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), assinalava na Argentina a organização armada Montoneros. Encorajada pelo embaixador para o país, Emílio Aragonés, a confiança entre as partes era de tal ordem

que, dos 40 milhões de dólares que a organização abocanhou em resgates de seqüestros, um pouco mais da metade seguiria para Cuba para ser guardada e, em pequenas doses, remetida de volta aos detentores argentinos.[1]

Outros vínculos, mais ou menos diretos, que envolviam favores, cessão de recursos e, prioritariamente, o treinamento de quadros em Cuba, residiam nos Tupamaros no Uruguai e, no Brasil, na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) do capitão Lamarca, no Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e na Aliança Libertadora Nacional (ALN), de Carlos Marighella, que seria morto por agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo, em novembro de 1969. Entre os brasileiros que desembarcavam na Ilha, alguns por um período indeterminado, incluíram-se o cineasta Glauber Rocha e o "Cabo Ancelmo", este um militar da Marinha de Guerra, aliado de Lamarca que provocava desconfiança em brasileiros que o acusavam de *infiltrado*; mas a inteligência cubana não tinha comprovação da suspeita.[2]

Os combatentes, que rumavam para treinamentos na Coréia do Norte, passavam também por Havana, onde ganhavam passaporte cubano, em decorrência de um acordo prévio entre suas organizações e o Partido Comunista (PC) coreano.

A perseverante repressão das ditaduras militares às atividades subversivas, em larga escala na área latino-americana, incitava o desmonte e as reaglutinações entre os grupos em seus países. Suas ações, em particular os seqüestros, eram transmitidas à opinião pública como fruto dos agentes de Havana, apesar de o coordenador dos contatos, Barba Roja, por delegação de Fidel, haver frisado que "Cuba procurava não interferir nos conceitos e programas de cada organização".

Em outubro de 1969, Fidel recebia, no salão do aeroporto de Havana, o grupo de 13 brasileiros[3] trocados pelo embaixador norte-americano Charles Elbrick, que havia sido seqüestrado no Brasil, em uma operação inédita na história política. Eles vi-

nham de uma escala no México, onde receberam atendimento e roupas adequadas. A conversa com Fidel se prolongou por toda a tarde. O Comandante elogiou o plano do seqüestro e quis saber tudo sobre o estado de resistência das esquerdas em nível nacional, ouvindo, em resposta, que a esperança se mantinha nos ativistas, concentrados, especialmente, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Sobre o número de presos políticos, informaram-no ser mais de 1.500.

"Tem-se a impressão de que no Brasil não há saída institucional à vista", comentou Fidel. "Quanto a vocês, embora não tenham suficiente força, já chegaram à ante-sala da revolução. (...) Nessa fase, no entanto, os revolucionários ainda não se colocam como será a situação depois da vitória… Fazer socialismo em um país subdesenvolvido é ter que construir tudo… É cinco vezes mais difícil desenvolver um país que ganhar uma guerra…"

No final da conversa, Fidel propôs que, durante a estada, eles se sentissem como em casa e, se quisessem exercitar-se, poderiam também "cortar um pouco de cana", como faziam todos os cidadãos cubanos naquele momento.

Para a próxima safra, a de 1970, a meta era de 10 milhões de toneladas de açúcar, o que significava o dobro das cifras de antes da Revolução e requeria um crescimento da superfície agrícola muito acima da média estimada pela FAO – o organismo internacional das Nações Unidas sobre Agricultura e Alimentação – para satisfazer as necessidades de países da América Latina. Para Fidel, era premente harmonizar os termos de intercâmbio com a URSS, a fim de poder consolidar os créditos e efetivar o desenvolvimento.

A população fora informada de que as festas de fim de ano seriam suspensas, para que as "energias" não se desviassem do objetivo primordial. No dizer de Fidel, começava "um ano de 18 meses". Mas o país não possuía equipamento suficiente para concluir a idealizada tarefa. A maior parte da colheita teria que

se realizar à mão, sem trégua, persuadia o Comandante, mobilizando e arregimentando brigadas, principalmente entre os jovens. Em Havana, enquanto se convocava o povo para formar o "cordão agrícola", fechavam-se os cabarés e a maioria dos centros de diversão.

Orlando Borrego, que havia sido assessor de "Che" Guevara e assumira a pasta do Ministério da Indústria Açucareira, deixou claro a Fidel que a meta não seria alcançada. Por inexistirem condições, técnicas ou humanas, de concretizá-la, ele desejava isentar-se da responsabilidade. De seu lado, o povo, apesar de consciente da dificuldade, dispendia um esforço estóico, acreditando em Fidel, que, como os mágicos, imaginava-se, deveria ter alguma carta escondida para operar o milagre.

Em maio, ele decidiu anunciar que não se atingiriam os dez milhões. Chegara-se ao máximo possível: 8.537.600 tonela-

Participando da safra açucareira, 1970

das. Além da frustração coletiva, o país afundava na crise, até porque vários setores da economia haviam sido relegados a um segundo plano ou simplesmente abandonados, durante o empenho da safra. Observava-se, como agravante, uma taxa crescente de delitos de vagabundagem e roubo.

Ao abordar as falhas do processo, Fidel aludia, entrelinhas, à fase terminal de inspiração guevarista, indicando uma transição: "Os homens morrem, mas o Partido é imortal!".

Sob a pressão da urgência por uma ordem socioeconômica eficaz, apartava o ideal do "homem novo" que, a longo prazo, transformaria a sociedade mediante a ação consciente e solidária de cada um, o que não significava a abdicação dos sonhos.

Uma comissão presidida por Humberto Pérez, um jovem economista formado na URSS, foi instituída por Fidel para implantar, definitivamente, o modelo soviético no país. A medida foi mal recebida entre artistas e intelectuais. No meio da desilusão, eles acusavam o governo de querer impingir ao país uma "camisa-de-força ideológica" e de criar um deserto cultural. Vários deles tomaram o rumo do exílio.

Em um congresso, que se realizou em abril de 1971, digladiaram os intitulados liberais, os conservadores, os licenciosos e os engajados. A pedido de Alfredo Guevara, seu amigo desde a universidade, que então presidia o Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC), Fidel veio interferir na polêmica, mas dessa feita não trouxe o seu costumeiro pêndulo:

"Digam-me: tem algum cabimento? Escritores revolucionários olhando, de Paris, os demais cubanos como aprendizes, pobrezinhos e infelizes, por não terem fama internacional? (...) Aqui terão lugar, sem meias-tintas ou panos quentes, apenas os revolucionários. Já sabem, senhores intelectuais burgueses, agentes da CIA e do imperialismo... Livros que se publiquem aqui, o papel que se imprima, o espaço de que dispomos, estão a serviço da educação! (...) Nossa avaliação é política. Não pode haver estética contra a justiça, contra o bem-estar, contra a liberação,

contra a felicidade do homem. Por isso, no campo da cultura, temos que promover amplamente a participação das massas!"[4]

O estímulo à luta armada no Continente, por parte de Fidel, sofreria igualmente um refluxo. Contar com um aliado na região, era realmente improvável, na maré alta dos governos militares alinhados aos Estados Unidos. Até prova em contrário, havia somente uma chance: no Chile – onde, afinal, o senador socialista Salvador Allende, pela via eleitoral, conseguiu chegar à Presidência, apoiado pela coalizão Unidade Popular, em 1970. Naquele país sul-americano, de grandes minas e alturas projetando-se para o mar, começaria uma transformação, ainda que sitiada pela ameaça de detentores das armas.

Em outubro do ano anterior, vigente o governo de Eduardo Frei, o general chileno Roberto Viaux tentara um golpe militar. Ao fracassar, acelerou a discórdia no alto oficialato, motivando a entrega da chefia do exército ao general René Schneider, um convicto legalista.

Pouco antes da posse de Allende, em 4 de setembro de 1970, um grupo de profissionais liberais norte-americanos, iden-

Recebido pelo Presidente Allende, em Santiago do Chile, 1971

tificados como agentes de espionagem, entre os quais, 30 de nacionalidade cubana, desembarcavam em Santiago, a capital do Chile, sendo mantidos sob observação. Dia 15 do mesmo mês, o Presidente Richard Nixon orientava o diretor da CIA, Richard Helms, a organizar um golpe de Estado, em uma operação que depois ficaria conhecida como Track II[5]. Em 5 de outubro, o núcleo da CIA no Chile fez o contato com os militares dispostos à conspiração e informou ao seu centro: “O general Viaux pretende seqüestrar o general Schneider para precipitar o golpe”.

Schneider havia se pronunciado pelo acatamento ao legítimo governo de Allende. Em 22 de outubro, o carro em que o chefe do Exército se encontrava foi interceptado, ele foi baleado e morto. Seria esta a primeira de uma escalada de ações.[6]

Fidel desembarcou no Aeroporto de Santiago em 10 de novembro de 1971, a convite de seu amigo, agora Presidente, Salvador Allende. À sua espera, além de um milhão de chilenos ao longo de qulômetros de avenidas e ruas, havia também um plano para assassiná-lo. Ele não confirmara a viagem até o último instante, como de hábito, mas o programa para a execução do atentado estava organizado. Segundo investigações norte-americanas, a CIA pensou em alvejá-lo com uma câmera-revólver, disparada por um de dois executores plantados na recepção do aeroporto, com credenciais de jornalista e documentos que os identificavam como comunistas. O matador seria adiante eliminado, em uma operação que lembrava Lee Oswald e o assassinato de Kennedy.

Parecendo uma obra do destino ou de uma sorte singular, um dos atiradores teria ficado doente na noite anterior à chegada de Fidel e foi levado a um hospital; o outro, na iminência do ato, entre a multidão de pessoas e o possante esquema de segurança, não o cumpriu. Observaria Fidel, sobre o plano: “Não quiseram disparar, porque não são fanáticos, nem suicidas; são mercenários. Calculam quando e como atuarão para poder escapar. Não atuam em condições de verdadeiro risco...”

O impacto da passagem de Fidel pela capital chilena foi enorme. No primeiro dia, a agência italiana ANSA chegou a descrever sua presença como a de um mensageiro divino para o povo. Durante a estada, ele percorreu o país de norte a sul, em companhia do amigo Presidente. A pé ou em carro aberto, ele se recusava a viver conscientizando o perigo da morte. Expunha-se acintosamente, com irreverência, manuseando os muitos microfones que sempre o cercavam nos palanques. Até os quebrava ao tentar arrancá-los, contaminado pela euforia das aglomerações, algumas no nível da histeria só para ver o "líder da Sierra Maestra", como anunciavam as rádios do interior do Altiplano. Em algumas localidades, comentou Fidel, sentia-se o movimento de vertentes de direita, paramentando o caos sobre as dificuldades econômicas, favorecendo as condições para um golpe.

Na cidade de Victoria, estando com trabalhadores de uma mina de salitre, precisou interromper a fala para recomendar: "Vocês não crêem que podemos nos movimentar em ordem? Podem se aproximar, mas devagar, devagar... em ordem..." Depois vivenciou uma greve do sindicato dos motoristas de transportes de carga, em que as mulheres, batendo em panelas, cantavam versos de oposição a Allende.

Apesar dos sinais cruzados, Fidel, vestido com um poncho, expressou vibrante, referindo-se ao governo anterior, vencido pelo voto popular: "Como deixaram o país? Pobre. Então, que vão pro diabo!(...) Agora vamos reconstruir nosso futuro! Somos os donos do nosso ferro, do nosso salitre, de nossas indústrias fundamentais! Há que dizer: Vão pro diabo que os carregue!".

Um segundo intento de atentado contra sua vida se realizaria em Antofagasta, em uma região mineira montanhosa. Mais uma vez o acaso o protegeu, porque a dinamite introduzida em um veículo, que interceptava a estreita estrada por onde o carro de Fidel cruzaria, não explodiu quando esse esbarrou no detonador elétrico.

Em seus encontros, Fidel privilegiou dois tópicos: a necessidade de integração da América Latina e o surgimento do movimento cristão-marxista, por ele entendido como a grande novidade no campo das ideologias de esquerda. Os cristãos progressistas apoiavam Allende, representando uma força estratégica no confronto com a direita. Antes da viagem ao Chile, inclusive, para conhecer melhor a questão, Fidel havia ido conversar com o padre Ernesto Cardenal, escritor e poeta nicaragüense, que se encontrava em Havana. Em Santiago do Chile, as reflexões de Cardenal lhe serviram de base para os debates com o cardeal Silva Henríquez e com católicos e sacerdotes de esquerda, sobre as possíveis contradições entre a ação, os conceitos e a fé da esquerda cristã. E foi por eles questionado sobre a intransigência do regime cubano com os seus opositores, ao que argumentou: "Aí é que o perdão, uma virtude cristã, não se aplica. Utilizamos a justiça revolucionária para defender o povo".

Evidenciava-se, entretanto, para Fidel, que a afinidade entre o cristianismo e o socialismo se produzia de fato, em contextos revolucionários com altos índices de pobreza.

Quanto à integração regional, defendeu-a como a forma de libertação do subdesenvolvimento – que só ocorreria quando cada nação latino-americana adquirisse autonomia para a realização de programas econômicos conjuntos, pontuou –, recuperando, aí, o seu irremediável traçado determinista: "Será um processo histórico longo, de integrações parciais de tipo econômico, até que um dia – é a lei da História – seremos uma união..."[7]

A raiz do seu idealismo localizava-se no herói nacional cubano José Martí, que havia projetado, em fins do século XIX, uma América Latina unida frente à outra "soberba e brutal".

Em vários centros acadêmicos, respondeu às perguntas dos estudantes. Sobre a falta de democracia em Cuba, explicou, ao contrário, a sua originalidade, que residia no poder das organizações de massa. Sobre as vias de transformação social e política,

disse que cada país devia desenvolver a sua, ao seu estilo e de acordo com as suas condições, como a própria Unidade Popular, no Chile, e o governo militar progressista estabelecido no Peru. Ao fim da jornada de 25 dias, ele estava rouco e, surpreendentemente, exausto.

Ao passar pela costa sul, o calor era tanto que ele teve vontade de entrar no mar. Chegou a tirar a roupa, mas não deixaram que se atirasse, pois o litoral é rochoso. Em um penhasco do Pacífico, onde se sentou para um breve repouso, um lobo-marinho, normalmente arisco e selvagem, ao vê-lo em seu habitat, se emproou e o saudou. Captou-o por instinto.

* * *

Já de regresso a Cuba, Fidel passou pelo Peru, para estar com o Presidente, o general Juan Velazco Alvarado. Para a ocasião, programara-se mais um atentado, a se realizar quando o visitante aparecesse na porta do Ilyushin, na pista do aeroporto de Lima, a capital peruana. De um Beechcraft estacionado a determinada distância, ele receberia o disparo fatal e a aeronave, rapidamente, decolaria. Mas o avião de Fidel parou em uma outra área, de segurança máxima.

A conjuntura o animava a reacender a política externa para África e Ásia. Em maio de 1972, foi a Serra Leoa, Guiné e Argélia. Aos rebeldes guineanos, levou recursos militares e humanos, como uma equipe de pilotos para a pequena frota de aviões Mig e turmas de operários para a construção de novos aeroportos, desafogando o de Conakry. Colaborou no treinamento de milícias coordenadas por Sekou Touré, envolvido por completo na luta de seu vizinho Amílcar Cabral, após a ofensiva portuguesa de 1970.

Fidel acreditava que o colapso português na Guiné Bissau não estava distante. Percebia, como também os observadores das grandes potências, que a evolução da luta era gradativamente favorável ao Partido Africano para a Independência de Guiné e

Cabo Verde (PAIGC), influindo nas perspectivas dos movimentos em Angola e Moçambique[8]. Informara-se bastante sobre o tema e o dominava mais que qualquer um. Em Cuba, em 1972, montou, no prédio das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), um posto militar exclusivo para o acompanhamento do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), em Angola.

Propício era o momento, também pela situação na contraparte norte-americana. Invadidos o Laos e o Cambodja, os Estados Unidos viam-se em uma situação enredada no Vietnã. Já não desejavam prosseguir com aquela guerra e nem podiam dela sair. Aventavam-se, portanto, várias hipóteses para o fim do conflito. Fidel, tentando influenciar na resolução, não se opunha à idéia da reunificação do norte e do sul do Vietnã, mas pronunciava-se contrário à retirada unilateral das forças da Frente de Liberação Nacional (FLN) – uma tese proveniente de grupos comunistas que temiam o confronto com os Estados Unidos –, o que lhe parecia aceitação disfarçada de uma derrota.

Realpolitik ou, simplesmente, pragmatismo político, o fato é que o Presidente Richard Nixon vinha se esforçando pelo diálogo, em um projeto diplomático desenhado e administrado por seu secretário de Estado, Henry Kissinger. Em fevereiro de 1972, após uma famosa partida de pingue-pongue entre norte-americanos e chineses, Nixon foi à China conversar com Mao; e dispôs-se à *détente* com a URSS, como manifestou em 1972 e 1974, nas reuniões para os acordos SALT (Strategic Arms Limitation). Em 1973, começaria a retirar as tropas do Vietnã e atuou para a conclusão da Guerra do Yom Kippur, no Oriente Médio, no mesmo ano.

Simultaneamente, um percurso de Fidel pelo Leste Europeu não ocorreu sem turbulências. Na Polônia de Gomulka, seu avião, ao chegar, permaneceu bastante tempo sobrevoando o aeroporto, à espera de uma autorização para pouso, e a segurança cubana se eriçou. Dias depois, em Varsóvia, circulava a notícia de que Fidel sofrera um enfarte fulminante. Já, então, os cuba-

Com o coronel Khadafi, da Líbia

Com Yasser Arafat, da Palestina

Com o Presidente peruano Juan Velazco Alvarado

Com Janos Kádar, da Hungria

Com Leonid Brezjnev, da URSS

Recebendo do marechal Gretsko a espada de marechal do Exército Vermelho

Com cosmonautas soviéticos e Leonid Brezjnev

Em Katowice, Polônia, com uniforme de gala dos mineiros

Recebendo o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Carlos, Polônia, fundada em 1340

Abraçando moscovitas pelas ruas

Com Nicolau Ceausescu, premiê da Romania

Na Alemanha Democrática, acompanhado por Erich Honecker

Nas ruas de Argel com o Presidente Houari Boumedienne

Com Walter Ulbricht, RDA

Na IV Frota em Rostok, RDA

Jogando basquete na Bulgária

Jogando pingue-pongue na FMJD em Budapeste

nos suspeitaram de maquinações de insatisfeitos com a presença de Fidel. Na Romênia, houve uma desavença entre o Presidente Nicolau Ceausescu e o cubano, em um parlatório. Só na URSS não houve problemas. Fidel ali subscreveu cinco acordos econômicos, com vigência de 1973 a 1985, que estipulavam novos créditos para Cuba, prevendo-se a prorrogação, por 13 anos, das dívidas contraídas e o seu pagamento em produtos cubanos. Preparavam-se as condições para a entrada de Cuba no Comecon, o mercado comum dos países socialistas. Na verdade, aproximando-se de Estados e dirigentes variados, Fidel objetivava ampliar o seu leque de relações.

Em setembro de 1973, compareceu, pela primeira vez, à Conferência do Movimento dos Países Não-Alinhados, que se realizava em Argel. Quando chegou a sua vez de se pronunciar, as luzes do salão apagaram-se subitamente, e o corre-corre se formou. O anfitrião Presidente da Argélia, coronel Houari Boumedienne, pediu ao líder cubano que viesse se sentar ao seu lado, como medida de segurança. Dessa maneira, informal, Fidel passava de fato a integrar a comissão coordenadora do movimento, composta de 15 membros.

* * *

O momento era de atrito. Havia os que consideravam que o Movimento dos Não-Alinhados não devia mais se pronunciar como antiimperialista, mas "terceirista", condenando os imperialismos de direita e de esquerda, dos Estados Unidos e da URSS. O coronel Khadafi, figura de destaque depois que assumiu o governo da Líbia, em 1970, era um partícipe da segunda vertente e criticava a política de Cuba. Fidel, contudo, evitou a polêmica; mas, em outro momento, fez uma censura direta aos governantes brasileiros. O representante do Brasil pediu a palavra, mas foi impedido de se expressar, pois se encontrava, ali, na condição de observador. Concedido, finalmente, o direito de ré-

plica, dois dias depois, a tradução simultânea, por recomendação de Boumedienne, suavizou as conotações da fala, para que não se reavivasse o choque. Fidel, a esse ponto, já havia vertido também a sua ira contra as representações da África do Sul e de Israel.

Valia ponderar, para quem logo abraçaria a bandeira do movimento, como um dos seus principais porta-vozes: "Unir. Somente isto nos permitirá ocupar um lugar no mundo entre as grandes comunidades humanas...; nos dará forças para enfrentar os gigantescos problemas alimentícios, econômicos, sociais e humanos de uma população que ascenderá a seis bilhões nos próximos 25 anos...; e tornaria possível a nossa participação na revolução científico-técnica que conformará o futuro... Sem isso, nossas riquezas naturais se esgotarão em benefício exclusivo das sociedades de consumo e seremos os párias do mundo de amanhã, ausentes da civilização... O lugar é aqui. Se é certo que, nas atuais circunstâncias, no seio da família latino-americana, não é viável criar uma organização regional própria... tampouco é possível reunir-se na velha Organização dos Estados Americanos (OEA), nem tem sentido fazê-lo..."

Marcando uma presença distinta na arena internacional, Fidel deixava em resguardo o seu discurso subversivo, extremista, a despeito do carniceiro "Condor" que agilizava o vôo na América Latina. No Chile, aniquilou-se a experiência socialista em 11 de setembro de 1973, quando um golpe militar, apoiado pela CIA, derrubou o governo de Allende. Cuba acolheu centenas de chilenos refugiados.

Com os novos convênios com a URSS, iniciava-se uma etapa de florescimento em Cuba. Entre produtos e créditos, o governo dos Estados Unidos calculava que a URSS gastava um milhão de dólares diários com o seu parceiro caribenho. O preço estipulado pelos soviéticos para o níquel cubano, cinco mil dólares a tonelada, representava o dobro do preço médio internacional. O do açúcar, já superior ao do mercado mundial, se elevou – e o

acordo previa que, em caso de aumento do preço do petróleo, subiria, imediatamente, o do açúcar.

Os serviços educacionais e sociais entraram em alta. O que a Organização Mundial de Saúde (OMS) projetava para a próxima década, na América Latina, em breve, seria uma realidade em Cuba. Taxa de incidência de poliomielite: zero; impaludismo: zero; e o progressivo decréscimo de todas as enfermidades crônicas. No campo da ciência, um incremento qualitativo nas pesquisas, com a criação da Academia de Ciências, do Instituto de Física Nuclear, do Centro Nacional de Investigações Científicas e outros. As primeiras experiências cubanas no campo da genética aplicaram-se no desenvolvimento da agricultura e da pecuária.

Na produção cultural, a de livros logo ultrapassaria os 30 milhões de exemplares por ano, o que significava o consumo de mais de cinco livros por habitante. Expandiram-se o balé, a dança, as artes plásticas e a música, original e autóctone, com o surgimento e o estímulo a jovens compositores e instrumentistas. Criaram-se vários festivais e concursos, além do literário Casa de las Américas, já integrante do calendário latino-americano.

Em setembro de 1973, Fidel fez questão de ir ao Vietnã, solidarizar-se com a vitória da FLN na guerra. Do episódio, registra-se a memória de um vietnamita da cidade de Ho-Chi Minh, que na época era uma criança mutilada de guerra:

“(...) Os ventos do fim de estação levantavam uma poeira que cegava, mas Fidel, como se tivesse a intenção de esperar alguém, sob o sol quente, encontrava-se parado em frente a uma casa, perto do velho fortim.

“(...) Quando o carro que me transportava se deteve ao seu lado, Fidel, tomando-me pelas axilas, conduziu-me à casa com suas mãos firmes. Com uma me abrigava em seu peito e com a outra, acariciava-me a cabeça com ternura, como se fosse seu filho... Ao acariciar meus braços, mutilados nos cotovelos, suas mãos apertavam mais o meu corpo... meu rosto, meus olhos, minhas

bochechas, não me permitindo distinguir mais que as suas barbas espessas e duras, que se metiam em meus olhos, úmidas...

"(...) Fidel chorava. Inquieto, emocionado, encostei a minha cabeça em seu ombro e também chorei... Quando soube que ele era o líder querido e respeitado do povo cubano, o primeiro chefe de Estado que visitava as zonas liberadas de Quang Tri, admirei-o muito mais."[9]

Por aqueles dias, o processo de retirada de funcionários norte-americanos e oficiais do exército sul vietnamita de Saigon ainda era lento. Os derradeiros helicópteros só abandonaram a cidade em abril de 1975.

Condecorado em Bien Phu pelo general Vo Nguyen Giap, 1973

C A P Í T U L O 4 1

Discursando no XXV Congresso do PCUS, 1976.
Ao fundo, Alexei Kossiguin e Mikhail Suslov

Vôos cegos do Comandante

Nos Estados Unidos, ocorrera o Watergate. Como efeito direto do caso, movia-se uma opinião liberal em favor de entendimentos com Cuba. O escândalo, de vasta e duradoura extensão, havia concorrido a alterar os ponteiros do conflito. Do grupo de quatro homens que arrombou a sede do

Partido Democrata, em 17 de junho de 1972, para buscar provas contra o senador George McGovern – candidato dos democratas à Presidência –, dois eram cubanos: Eugenio Rolando Martinez (Musculito) e Virgilio Gonzalez; todos ligados à CIA e ao serviço secreto de Nixon na Casa Branca, coordenado por Howard Hunt.

A Presidência de Nixon esgotava-se, resvalando no abismo. Na avalanche do processo que se seguiu a Watergate – que, como bem deduziu o Presidente acuado, puxava à tona escusas transações antes e depois da invasão da Baía dos Porcos[1] –, já ninguém no topo do poder conseguiria “salvar a pele”, segundo o jargão usual de bastidores. Em uma fase de pressões, que favorecia as discrepâncias, certos setores da CIA tentavam fórmulas para distanciar-se de seus apadrinhados do exílio cubano. Grupos anticastristas com capacidade de ação própria iniciariam ataques entre si e contra instalações nos Estados Unidos, operando um giro de objetivo. Mas sob os olhos agoniados da nação que encarava o seu governo maculado, a hostilidade contra Cuba entrava em descenso. Fidel, na outra ponta, cunhava um tento.

Tanto republicanos como democratas expressavam que a relação com Cuba era anacrônica e malograda. Em janeiro de 1973, um grupo do Partido Republicano enviou ao governo de Nixon um relatório, *Détente com Cuba*, sugerindo-o considerar uma normalização com Fidel. Senadores, como John Sparkman e William Fulbright, junto a alguns empresários, desdenhavam das proibições de comércio com terceiros países por conta do embargo.

Na hipótese de normalizarem-se as relações, Fidel era assediado por personalidades, congressistas e repórteres especiais norte-americanos que lhe questionavam sobre temas e condições da negociação. Exercitava, então, como raros, a sedução do argumento. Ele ingressava, para sempre, na ordem das manchetes dos jornais e na preferência dos entrevistadores, com suficiente espaço para defender-se dos ataques, como o da ausência de direitos humanos em Cuba, afirmando serem em seu país muito mais garantidos, porque eminentemente sociais. Sobre o número

de presos políticos, dizia que havia uns três mil naquele momento, contra a cifra de 15 mil em 1961, em dias próximos à invasão da Baía dos Porcos.

De modo simultâneo, o governo estadunidense explicitava a disposição de resolver questões pendentes há quase uma década: os seqüestros de aviões e o tráfego de barcos no Caribe, relativos à imigração ilegal. Um acordo sobre "pirataria aérea e naval" foi selado entre Cuba e Estados Unidos, em fevereiro de 1973, determinando prevenção e controle rigorosos para eliminá-la. Na oportunidade, Fidel lembrou:

"Nos primeiros tempos, roubavam aviões, helicópteros; ofereciam 100 mil dólares a cada piloto da nossa Força Aérea que fosse com seu avião embora de Cuba. (...) Em certo momento, o invento diabólico da CIA saiu do controle e voltou-se contra os Estados Unidos. (...) Então, por quaisquer razões, políticas, de delito comum ou desequilíbrio mental, seqüestravam aviões e os traziam para Cuba. (...)"[2]

Mas havia "velhas dívidas", do ponto de vista de Fidel, a serem saldadas pelo país que lhe cobrava a indenização pelas propriedades nacionalizadas: a questão da Base Naval de Guantânamo, as infiltrações de comandos e espiões e o bloqueio; além da política norte-americana desenvolvida no continente:

"Mesmo cessando a guerra do Vietnã, os problemas da América Latina continuariam. Não se trata de ostentar a representação dos outros, e sequer um poder militar; é uma questão de princípios. As relações não poderão melhorar entre nós enquanto os Estados Unidos se arrogarem o direito de praticar intervenção e subversão na área..."

Cuba assumira participar da resistência armada nos anos 60 e, agora, alguns governos latino-americanos começavam a quebrar o seu isolamento diplomático. Em uma reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA), 12 países votaram contra o bloqueio e três (Chile, Paraguai e Uruguai) a favor, com seis abstenções, inclusive a do Brasil.

Em junho de 1974, chegava a Cuba uma proposta do secretário de Estado Henry Kissinger para iniciar um diálogo. Era uma mensagem oral, transmitida, em seu nome, pelo jornalista Frank Mankiewicz, ex-assessor de imprensa de Robert Kennedy, que vinha com mais dois jornalistas – Kirby Jones e o documentarista Saúl Landau[3] – para entrevistar Fidel. O emissário acabaria regressando a Washington com uma boa matéria e o sinal favorável do líder cubano.

Em outubro, Mankiewicz trouxe uma segunda mensagem, agora escrita, embora não assinada, de Kissinger.[4] Expressava o seu espírito de *détente*, dizendo que, apesar de Cuba e Estados Unidos possuírem sistemas distintos e discordarem na maior parte dos tópicos de política exterior, não havia razões para uma hostilidade perpétua. Propunha deslanchar conversações mediante intermediários, em caráter confidencial.

Pela parte dos Estados Unidos, foi designado Lawrence Eagleburger, o chefe de gabinete de Kissinger, com um substituto, Winston Lord; por parte de Cuba, o representante era Ramón Sánchez Parodi, funcionário da inteligência de *Barba Roja* em trânsito para o Ministério das Relações Exteriores (MINREX), e o suplente, José Viera Linares, então vice-ministro de Relações Exteriores. Kissinger atuava através de uma linha particular, sem comunicar a providência aos demais órgãos de governo, como o Conselho de Segurança Nacional (NSC).

O primeiro encontro das delegações ocorreu em janeiro de 1975, em um recanto no Aeroporto de La Guardia, em Nova York, por menos de meia hora. Os representantes dos Estados Unidos – Eagleburger, acompanhado por Mankiewicz –, apresentaram um memorando com a lista de expectativas do seu país em relação a Cuba: a compensação financeira pelas propriedades e empresas norte-americanas expropriadas e pelos seqüestros de aviões; a libertação de dez cidadãos norte-americanos em cárceres cubanas e de prisioneiros políticos em geral; o respeito aos direitos humanos; a permissão de visita de exilados cubanos

aos seus familiares; o fim da interferência cubana em grupos que pregavam a independência de Porto Rico e demais grupos insurgentes por toda a América Latina; a preservação do princípio de que Cuba jamais seria base de armas estratégicas; e a necessidade de dar utilidade ao edifício da extinta embaixada norte-americana que se encontrava em deterioração.

Kissinger só omitiu a reivindicação mais verbalizada, até então, pelas autoridades norte-americanas – que Cuba rompesse os laços militares com a URSS – e outra que viria a ser nuclear em governos posteriores: a implantação de reformas democráticas. Os emissários de Kissinger informaram também que se pretendia aumentar para 250 milhas o limite do movimento dos cubanos em missão nos Estados Unidos, até então restrito a um raio de 25 milhas, sob pena de prisão, a partir de Columbus Circle, em Nova York, e autorizar negócios pendentes entre Cuba e filiais norte-americanas radicadas no Canadá e na Argentina. Os representantes cubanos – Parodi, acompanhado por Nestor García, o primeiro-secretário da missão cubana na Organização das Nações Unidas (ONU) –, conforme a orientação recebida de Fidel, escutaram mais que argumentaram, na intenção de melhor captar e comunicar os conteúdos.

No fim do mês, Mankiewicz, o correio privado, entregou a Fidel uma nova mensagem, na qual se dizia que as petições apresentadas nada mais eram que "a manifestação do interesse em normalizar as relações". Mas o cubano, desde que tomara conhecimento da lista, dera marcha à ré, usando aquela sua velha tática de deixar o acontecimento fluir sem explicitar, por enquanto, precavendo-se das possíveis armadilhas. No tocante à autorização para as visitas familiares, contudo, sinalizou positivamente ao emissário.

Em 12 de fevereiro, o governo norte-americano liberava uma licença para que a Litton Industries of Canada exportasse dois milhões de dólares em equipamentos para Cuba; mas, apesar do gesto, o pessoal de Kissinger sentia, desde logo, uma falta

de interesse da Ilha em responder, ou mesmo confirmar um novo encontro. Fidel retrucava à sua maneira, quando via uma oportunidade, dizendo que o fim do conflito cubano-estadunidense poderia ocorrer de modo paulatino, assumindo várias formas. Agentes da inteligência cubana também se encontraram, naquele mês, com funcionários da CIA em terceiros países na Europa e verbalizaram que Havana estava preparada para considerar uma aproximação. Em maio, o líder cubano acederia à requisição do senador George McGovern, que visitava Cuba, de devolver os dois milhões de dólares do resgate pago aos seqüestradores de um vôo da Southern Airways para Havana, em 1972, guardados em um depósito de alta segurança quando os responsáveis foram detidos.

De acordo com comunicado feito a Nestor García, em um encontro no Aeroporto de Washington, em 21 de junho, Kissinger ponderava que seria útil que o próximo encontro sucedesse antes da reunião da OEA em San José, Costa Rica, em fins de julho.[5] Julgava que esta seria a oportunidade para acabar com o caráter multilateral das sanções contra Cuba, conforme fora estipulado pelos Estados Unidos em 1962, na OEA, o que deixaria cada país livre para negociar de forma bilateral. Nesse ínterim, inclusive, Argentina e Colômbia já haviam retomado as suas relações com Cuba. A resolução, para o secretário de Estado norte-americano, decerto, provocaria que setores internos, outros governos e negociantes reclamassem o cancelamento do bloqueio.

A segunda reunião das delegações não tardou. Lawrence Eagleburger, Williams Rogers, Sánchez Parodi e Nestor García, encontraram-se para um almoço de duas horas e meia, no sofisticado Hotel Pierre, em Nova York, em 9 de julho, onde a parte cubana mostrou o seu *package deal*.

Tratava-se do conhecido conjunto de cinco pontos de Fidel, desde a Crise dos Mísseis: o fim do bloqueio, das atividades subversivas, dos sobrevôos e violações aéreas e marítimas, dos ataques piratas e a devolução do território de Guantânamo. Quanto

à expectativa de Kissinger e de sua equipe sobre uma ação de bloco contra o bloqueio, a avaliação de Fidel, ali insinuada, era cética. Menos plausível lhe parecia, no momento, uma decisão expressa dos Estados Unidos de restabelecer relações diplomáticas com Cuba, apesar de Gerald Ford, o sucessor de Nixon após a renúncia, ser um político isento de ligações com a contra-revolução[6] – mas esta reflexão do Comandante não foi transmitida aos interlocutores. No final do almoço, ficou acertado que os norte-americanos dariam o sinal para o próximo encontro.

Em 29 de julho, cumpriu-se a primeira antevisão de Kissinger. A OEA eliminou a multilateralidade das sanções contra Cuba, liberando cada governo a tomar sua própria decisão, e o Departamento de Estado logo anunciaria que os Estados Unidos encontravam-se prontos para reabrir as conversações com Cuba. No Senado norte-americano, concluíam-se os trabalhos de uma comissão criada para investigar atividades da inteligência, os quais revelavam alguns planos de assassinato de Fidel, implicando a CIA e grupos de exilados em Miami. O *Informe Church*, o relatório da comissão supervisionada pelo senador Frank Church, não veio a público entretanto, e parte das suas constatações foi ocultada do texto final, mas a simples divulgação de suas conclusões gerais teve grande repercussão na sociedade estadunidense.

Em 9 de agosto, Cuba devolveu, via representação diplomática da Suíça, os dois milhões de dólares pertencentes a Southern Airways pelo mencionado resgate. Em 19 de agosto, Gerald Ford autorizou mudanças na lei do embargo, entre as quais: licença para que subsidiárias norte-americanas em países estrangeiros fizessem negócios com Cuba; abolição de penalidades a países que os realizassem; e permissão para que navios em trânsito comercial para Cuba se abastecessem em portos norte-americanos.[7] Fidel comentou:

“Considero que são passos positivos... Não obstante, subsiste em essência o bloqueio econômico. (...) Estamos decididos

e dispostos a discutir com os Estados Unidos com absoluta seriedade, mas não com um punhal no peito... Para que exista um clima verdadeiro de discussão das diferenças, que abarcam muitos problemas, deve-se criar um clima de igualdade...”

No mesmo mês de agosto, Cuba propôs uma resolução favorável à independência de Porto Rico na ONU e realizou uma conferência internacional sobre o tema. Em setembro, através de uma nota, o Departamento de Estado expressou que tal posição podia se tornar um obstáculo para a normalização das relações, ao que Fidel respondeu que aquela era uma posição histórica dos governos cubanos, desde o início do século.

Para Gerald Ford, que decidira aspirar à candidatura à Presidência pelo Partido Republicano, e Kissinger, que se comprometia a apoiá-lo, seguir abordando uma aproximação com Cuba, em meio à campanha que começaria em poucos meses, seria um fator complicador. O adversário dentro do partido era Ronald Reagan, cujo discurso centrava-se no ataque veemente à *détente*, reacendendo a guerra fria.

Pelo novo jornalista-correio, Kirby Jones, em novembro, Fidel transmitia a Kissinger que Cuba estava apta a permitir um número limitado de visitas de familiares separados, que poderiam ser organizadas por um canal especial. Definiu que até 70 pessoas de dez famílias receberiam a autorização para uma permanência em Cuba de dez dias, mas nenhuma poderia estar envolvida em atividades contra o governo. Como passo inicial para um futuro acordo, era também o lance de Fidel para influir na comunidade da Flórida em uma conjuntura pré-eleitoral.

Contudo, à questão de Porto Rico seguiu-se um choque frontal entre Cuba e Estados Unidos com relação a Angola. Gerald Ford havia aprovado um incremento para operações secretas e paramilitares da CIA no país africano, que evoluíam desde os anos 60. O objetivo do governo norte-americano era fortalecer a UNITA e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), os dois grupos armados desejosos de dizimar o Movimento Po-

pular para a Libertação de Angola (MPLA). Em resposta a um apelo de Agostinho Neto (o líder do MPLA), Fidel autorizou o envio de tropas militares, equipadas com armamentos pesados, na maioria soviéticos, além dos 480 instrutores que já se encontravam em Angola. Esta seria a justificativa de Kissinger para dispor a pausa na aproximação. Conforme um fragmento das notas tomadas por Nestor García, em 12 de janeiro de 1976, em um encontro com o secretário Williams Rogers no Aeroporto de La Guardia:

"O despacho de tropas cubanas para participar de um conflito interno entre africanos em Angola é um obstáculo fundamental para qualquer esforço prolongado para resolver a nossa controvérsia, pelo momento...".

Três dias depois, Fidel declarou:

"Somos a favor da coexistência entre Estados com sistemas sociais distintos. O que não aceitamos são condições humilhantes, o preço absurdo que os Estados Unidos, aparentemente, querem nos fazer pagar para uma melhoria das relações..."

O envolvimento na guerra angolana congelava os entendimentos, que, de resto, pouco alteraram os respectivos *packages deal* cubano e norte-americano.[8] A tentativa fora um produto original da "geopolítica kissingeriana", que perseguia um remanejamento com Cuba comparável ao da China, alargando, assim, o projeto da distensão e garantindo a predominância estadunidense na arena internacional, sob nova vestimenta. No caso de Fidel, foi apenas o exercício de um diálogo, de cujos resultados duvidava desde o início, posto que não se dispunha a certas concessões, como em política exterior.

Nos últimos meses de campanha, Gerald Ford fez duros ataques a Fidel por sua intervenção em Angola. Diferentemente, o aspirante do Partido Democrata, James Carter, passava aos cubanos um discreto recado: se vitorioso, desejava restabelecer os vínculos diplomáticos. O Comandante, como observador do processo, aguardava para ver quem se elegeria Presidente. Pri-

mava nele o cálculo político, como quando se decidira a iniciar as visitas entre familiares cubanos ou resolveu desvelar o caso de um de seus agentes secretos especiais: “Noel”.

A missão de Noel (Nicolas Zirgado Ross) – codinome Zafiro para a CIA – foi interrompida logo após a sabotagem a um avião da Cubana, que explodiu após decolar do aeroporto de Barbados[9], em 6 de outubro de 1976. Morreram 73 pessoas, a maioria desportistas cubanos. Ao discursar no enterro das vítimas, Fidel relatou aspectos do caso do seu agente secreto ao longo de dez anos de trabalho para a CIA, “informando” sobre decisões de governo e movimentos do líder cubano. Um último pedido da CIA fora para confirmar a presença de Fidel à comemoração da independência de Angola, em 11 de novembro. “Caso afirmativo tratar de averiguar itinerário completo visita outros países mesma viagem...”, completava.[10]

Revelar o intercâmbio que Noel mantivera, significava “queimá-lo”. Em seu pronunciamento, Fidel expôs dados sobre as ligações entre a CIA e as organizações contra-revolucionárias, logo se referindo a uma vasta conexão, que nos remete à Operação Condor:

“Reside na íntima associação entre a CIA e as ditaduras da Nicarágua e do Chile... Os mesmos grupos estão sendo também usados contra o Panamá, a Jamaica, a Guiana... e outros movimentos progressistas na América Latina...”[11]

Afirmou, portanto, sentir-se na obrigação de cancelar o Acordo sobre Pirataria Aérea e Naval firmado com os Estados Unidos:

“Nosso esforço para acabar com os seqüestros de aviões não poderão ser mantidos, (...) enquanto, ao mesmo tempo, os contra-revolucionários, conduzidos direta ou indiretamente pela CIA, desencadeiam atos terroristas e atacam nossos barcos...”

A fala de Fidel, transmitida ao vivo pelas cadeias norte-americanas de tevê, atuaria, sensivelmente, sobre as emoções do eleitorado às vésperas da escolha do novo Presidente, atribuindo desconfiança ao discurso de Reagan.

A seqüência dos fatos relacionados ao atentado de Barbados confirmaria as denúncias de Fidel. Jornais, como o *Miami Herald* e o *Il Messagero* de Roma, reportavam informações de que um grupo, Condor, baseado nos Estados Unidos, reivindicava a autoria da explosão do avião cubano. O jornal romano chamava a atenção para dois aspectos: o atentado ocorria em um momento em que a companhia Cubana de Aviación ampliava suas rotas pelo continente, em razão da normalização diplomática com alguns países da área; e que as pressões sobre o regime cubano se reativaram desde que Fidel enviara tropas para apoiar o MPLA.

Quanto aos fatos, primeiro, a polícia de Port of Spain (capital de Trinidad-Tobago), onde o avião da Cubana fizera uma escala, não tardou a deter, sob suspeita, dois venezuelanos[12] que ali chegaram em seguida à explosão em Barbados. Pouco a pouco, confirmavam que os dois eram os responsáveis pela colocação de "duas bombas de alta potência no bagageiro do avião". De acordo com as apurações realizadas na Venezuela, eles atuaram orientados por experientes contra-revolucionários cubanos[13], que, por sua vez, eram co-autores do assassinato do ex-ministro chileno Orlando Letelier (do governo Salvador Allende), ocorrido em 21 de setembro, apenas semanas antes, em Washington, conforme investigação conduzida pelo FBI.

Ambos os casos apresentam nexos entre a CIA, a DINA (polícia secreta do general Augusto Pinochet) e outros organismos militares e policiais. Orlando Bosch, um dos cubanos acusados, possuía diferentes pseudônimos em passaportes costarriquenho e chileno, além do norte-americano. Em junho – isto é, no mês anterior à reunião da OEA em San José, que eliminara o caráter multilateral do bloqueio –, Bosch, na Costa Rica, presidira uma reunião que instituíra o Comando de Organizações Revolucionárias Reunidas (CORU).[14] Fidel comentou:

"Estes grupos não apenas atuam livre e impunemente dentro dos Estados Unidos, mas seus principais cabeças, através do CORU, estão estreitamente ligados às atividades da CIA que se

proclamam contra a CORU! E em muitas ocasiões, a CIA realiza os trabalhos sujos, através de outros meios, e as organizações são usadas para reclamar a paternidade das ações...” O que indicava a referida reacomodação da relação entre a CIA e a contra-revolução cubana, a partir do escândalo de Watergate.

Em 19 de outubro, Fidel enviava uma mensagem ao Presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, agradecendo a firmeza com que atuava para a elucidação do caso. Assim, despegavam-se as farpas entre os dois, criadas no auge do movimento guerrilheiro venezuelano. Mas, quatro anos depois, a decisão do tribunal venezuelano seria pela absolvição dos autores da sabotagem, que se serviam de relações com autoridades nos distintos Poderes.

Eleito Presidente a 11 de novembro de 1976, James Carter declarou abertas, sem subterfúgios, as conversações com Cuba, mas Angola permaneceria como uma espinhosa matéria. Entre as ex-colônias portuguesas, ela era o caso à parte.

* * *

Voltemos um pouco atrás. Na Guiné Bissau e em Cabo Verde, apesar do assassinato do líder Amílcar Cabral, em janeiro de 1973, o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) concluiu a independência em setembro, contando com a participação de cubanos nas operações de artilharia e dos SAMS, os mísseis terra-ar.[15] Em Portugal, a ditadura de herança salazarista caiu em abril de 1974. A vez da liberação de Moçambique seria em junho de 1975, após dez anos de luta, com Fidel colaborando, de igual modo, com o movimento conduzido pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e envolvendo-se com a defesa do vizinho Zimbabwe (antiga Rodésia). Samora Machel, o líder da Frelimo, dirigia sua gente com refrões e cantos, em uma linguagem que encantou o líder cubano.

Quanto à participação da URSS no processo, desde os anos 60, era cautelosa, pois queria resguardar os seus interesses de potência. Dava preferência aos que haviam superado certas etapas do socialismo, como Gana, Máli e Tanzânia. Se uma entrada nos países da África servia para alfinetar a China, também mexia com os brios de setores dominantes em países europeus – Alemanha, Inglaterra, França, Bélgica, Itália e Portugal –, as ex-metrópoles que ainda mantinham negócios no Continente africano, principalmente nas áreas ricas em recursos minerais.

Em Angola, em particular, os soviéticos não acreditavam, inicialmente, na vitória de Agostinho Neto e só vieram a participar "empurrados por Fidel"[16], que estava convencido de que a vitória do MPLA alteraria a correlação de forças na África. Mais adiante, os soviéticos obteriam também vantagens econômicas na região, assim como a RDA e a Checoslováquia. Fidel rememorou:

"Convencemos a URSS a colaborar em setembro de 1975... Eles argumentavam que até 11 de novembro, isto é, a data da independência, não mandariam armas; mas que, se o Congo Brazzaville aceitasse, poderiam depositá-las neste país e que os angolanos se incumbissem de transportá-las…"[17]

Pelo norte, o Zaire invadira o território angolano, com a CIA e a FNLA; e pelo sul, avançava a África do Sul com a UNITA. As forças sul africanas, com tanques e artilharia, cruzaram a fronteira da Namíbia, pelo oeste, e penetravam até 70 quilômetros por dia em Angola. Em 3 de novembro, nas proximidades de Benguela, chocaram-se com uma tropa de recrutas angolanos e seus instrutores cubanos, que não dispunham de meios para conter tanques, infantaria e artilharia. Dois dias depois, Fidel despachava por mar um batalhão de soldados regulares com armamento antitanque, que chegaria um mês depois.

Outras tropas de elite embarcaram em velhos aviões de passageiros. Logo, a inteligência norte-americana descobriu, e atuou para impedir o pouso necessário para reabastecimento em Barbados. Fidel substituiu a escala dos aviões para Georgetown

(Guiana); mas a companhia Texaco, que controlava a distribuição da gasolina, recebeu instruções do governo norte-americano de não vendê-la. A única alternativa que restava a Fidel, em caráter de emergência, era realizar "vôos cegos", de enorme risco, cruzando todo o Atlântico com destino a Cabo Verde, onde os aparelhos chegavam com os tanques secos, a ponto de despencar. Depois, ele resolveu fazer adaptações nas aeronaves e uma parte das poltronas foi retirada para dar lugar a mais tanques de combustível.

A guerra prosseguia. Alguns destacamentos cubanos, passando por Lisboa e outros países, desembarcaram em Luanda quando os portugueses já transferiam o poder aos angolanos, acedendo à independência da colônia. Em Cuba, Fidel, imaginando posições e movimentos, computando na mente a geografia das operações, instruía cada pelotão sobre o que fazer. Insistia sobre a defesa do petróleo de Cabinda, explorado por uma companhia norte-americana. Mandou um prévio comunicado alertando o MPLA que, entre 8 e 11 de novembro, Cabinda seria atacada – e estava certo. Cubanos e angolanos passaram por um enorme aperto até rechaçar as forças que pretendiam separar a região do

Com o líder angolano Agostinho Neto, 1976

resto de Angola. Quando aquele batalhão de infantaria cubana, que viera por mar, aportou no país, os adversários que haviam penetrado pelo norte situavam-se a 25 quilômetros de Luanda, mas, afinal, foram contidos. As ações completaram-se em quatro meses, misturando táticas de guerra regular e de guerrilha.

Em função do fuso horário, Fidel comparecia ao posto de comando do edifício das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), entre 14 e 15 horas, quando eram entre 8 e 9 horas em Angola, e ali permanecia até finda a madrugada, riscando linhas e pregando alfinetes de cores variadas sobre minúsculos nomes em mapas. Em vez do antigo xadrez que jogava com "Che" Guevara, construía um dominó, o lazer que, eventualmente, desfrutaria com Isidoro Malmierca (então diretor do jornal *Granma*, órgão do Partido Comunista de Cuba - PCC, depois chanceler de Cuba). Se percebia qualquer manobra suspeita do adversário, contou Malmierca, Fidel não agüentava calado, pedia imediatamente a anulação do jogo.

As comunicações com Angola se davam por um sofisticado aparelho de rádio, que possuía uma extensão no seu gabinete

Nas ruas de Argel com o Presidente Boumedienne

do Palácio, garantindo o permanente contato de Fidel com o comando cubano na guerra. Em fins de março, quando se completava a retirada dos invasores do norte e do sul, calculava-se em 36 mil o número de soldados cubanos no país. A Agostinho Neto, que foi a Cuba em julho, Fidel, pondo o dedo indicador em seu peito para prender a sua atenção, recomendou alerta dali para frente. Nada se podia prever do futuro: "Muito está por vir", disse-lhe.

* * *

Ainda transcorria a campanha presidencial norte-americana e Henry Kissinger anunciou uma viagem aos países da África. Sentindo-se cheio de moral, Fidel esbravejou ao saber da notícia:

"Que categoria de hipócritas, cínicas e farisaicas palavras, Kissinger pode dirigir aos movimentos de liberação da África, aos representantes dos povos oprimidos da Rodésia (Zimbabwe), Namíbia e África do Sul? Ford e Kissinger possuem o hábito inveterado da chantagem e a ameaça como instrumento de política exterior.

"(...) Eisenhower, Kennedy, Johnson e Nixon, todos trataram de intimidar Cuba. Mas só podem ser reprimidos os povos que não têm dignidade. Os imperialistas ianques possuem centenas de milhares de soldados no estrangeiro, bases militares em todos os continentes e em todos os mares – na Coréia, Japão, Filipinas, Turquia, Europa Ocidental, Panamá e muitos lugares, contando-se em dezenas e centenas as suas instalações militares... Nas instituições de guerra, agressão, espionagem e suborno, os Estados Unidos investem hoje mais de 120 bilhões de dólares...

"(...) Ford e Kissinger mentem ao povo norte-americano e à opinião mundial quando pretendem responsabilizar a URSS pelas ações solidárias de Cuba em Angola. (...) Mentem quando se empenham em culpar o seu Congresso da derrota em Angola, por não haver autorizado novos fundos aos bandos mercenários. (...) Não vou assinalar, neste solene ato, o qualificativo que os epítetos

de Ford merecem por suas campanhas politiqueiras pelo sul dos Estados Unidos e outros cínicos fatos de sua política imperial. Basta-me, por hora, responder-lhe que é um vulgar mentiroso... A guerra de Angola era na realidade a guerra de Kissinger!

"(...) Uma guerra contra Cuba se sabe quando e como pode começar, podem decidi-la quatro dementes, mas o que não se sabe é quando e como pode terminar! Não mudaremos a primogenitura revolucionária, que nos dá o fato de ser a primeira revolução socialista no hemisfério ocidental, por um prato de lentilhas! Também como os cristãos, podemos dizer que não só de pão vive o homem!"[18]

O fato é que Angola resgatava a aura do heroísmo cubano, contribuindo para que Fidel esticasse um pouco mais o seu arco de comunicação com diversas personalidades naquela conjuntura. Muitos iriam a Cuba apenas cumprimentá-lo, ou reverenciá-lo, outros pretendiam acertar intercâmbios econômicos, políticos ou culturais.

A destacar, a atriz italiana Gina Lolobrigida fora a Havana, em 1974, tirar fotos de Fidel para uma reportagem especial e afirmou-se, para o mundo, desejosa de um romance com o Comandante. Em 1975, ele recebeu Imelda Marcos, a primera-dama das Filipinas; o líder socialista sueco Olof Palme, os portugueses Álvaro Cunhal, secretário do Partido Comunista Português (PCP) e o general Otelo Saraiva de Carvalho, da Revolução dos Cravos. Em 1976, o general de Exército Vo Nguyen Giap, comandante das Forças Armadas do Vietnã; George Marchais, secretário geral do Partido Comunista Francês (PCF); Felipe González, primeiro-secretário do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE); Pierre Trudeau, primeiro-ministro canadense, o marechal Tito da Iugoslávia e Luis Carlos Prestes, secretário geral do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que viajara do seu exílio em Moscou.

Quanto aos dirigentes da área caribenha, sobre os quais também se noticiavam planos de atentado na época: Luis Echeverría, Pre-

sidente do México; o primeiro-ministro jamaicano Michael Manley – que instaurava um programa socialista e popular em seu país – e o general Omar Torrijos Herrera, chefe de governo da República do Panamá, que reivindicava dos Estados Unidos a restituição da Zona do Canal; além da maioria dos dirigentes africanos, árabes e asiáticos e delegações latino-americanas de oposição em seus países. Na América, crescia a vaga de países em trânsito de regimes militares para governos democráticos, alterando o desenho do poder.

Com Álvaro Cunhal, secretário-geral do PC Português

*Com Pierre Trudeau,
primeiro-ministro do Canadá*

*Com Olof Palme,
primeiro-ministro da Suécia*

Com o Presidente Dorticós, de Cuba, desfilando em Havana

C A P Í T U L O 4 2

Com Daniel Ortega, Presidente da Nicarágua, 1976

Face oculta: Nicarágua

A paz interna e o avanço socioeconômico observados em Cuba haviam concorrido para a abrangente iniciativa de Fidel no exterior. Os efeitos da crise do petróleo, cruéis para todos os países importadores, não existiram para os que gravitavam em torno da URSS, o que lhes confirmava as benesses do socialismo:

"Não éramos vítimas do intercâmbio desigual, nem de juros ou suas sobretaxas, nem de supervalorização monetária, de protecionismo ou dumping..."[1], apontou Fidel.

Em fins de 1975, no marco da grande mobilização militar para Angola, o regime de Cuba encontrava-se pronto para o seu arremate político-institucional. Após um debate em comissões formadas pelas organizações de massa, foi aprovada a Constituição da República de Cuba. Ratificou-se o planejamento da economia[2] e o Partido Comunista de Cuba (PCC) consolidava-se no papel de orientador da sociedade, como sublinhado por Fidel na abertura do Primeiro Congresso:

"Não há dúvida de que temos realmente um partido de homens puros. Não há dúvida de que é um privilégio formar parte de uma família, a família de nosso Partido, de homens que unem ao seu caráter, a honestidade e a firmeza de princípios... No Partido, cada qual é um soldado espartano nos interesses do povo..."

Ao criticar os procedimentos idealistas herdados da década anterior, Fidel atribuiu-os à impaciência em atingir o comunismo saltando etapas, em uma auto-referência e a "Che" Guevara, não explícita, que porventura contaminara membros do governo e outros cidadãos. Já a aceitação da coexistência da produção do Estado com os minifúndios no campo, para ele, havia sido um desvio de mentalidade. Só não se mostrou rigoroso nesta assertiva para evitar as insatisfações do campesinato independente e seus representantes nos núcleos do partido. Mas Fidel era, certamente, um entusiasta das fazendas estatais com trabalho assalariado, que possibilitavam um maior controle dos resultados para o cumprimento das metas. Para 1980, quando findaria o primeiro plano qüinqüenal, almejava-se um produto social global 34% superior a 1975. Ao abraçar as premissas de gestão econômica da URSS, ansioso por desenvolver o país, Fidel caminhava, de modo inconsciente e otimista, do idealismo à outra ponta, o mecanicismo.

Uma resolução do Primeiro Congresso do PCC foi formar a Assembléia Nacional, como o órgão supremo do Estado, instituindo em Cuba um parlamentarismo complexo e sui generis. Eleitos por um período de cinco anos, os deputados federais, considerando as propostas de comissões das organizações de massa, deviam indicar, entre os seus componentes, os membros do Conselho de Estado – a sua máxima representação política –, cujo Presidente seria também o do Conselho de Ministros, este se constituindo como o poder executor da política. Ao Comitê Central (CC) e ao Burô Político do PCC, caberia seguir definindo a pauta político-ideológica do governo.

A eleição para a Assembléia Nacional percorria três instâncias. Primeiro, nas circunscrições de cada município, que realizavam assembléias para a indicação dos candidatos. Dentre estes, eram escolhidos, por voto direto, os representantes às assembléias municipais (vereadores); e, de forma indireta, os representantes às assembléias provinciais (deputados estaduais) e à nacional (deputados federais). O cargo de Presidente da República, ocupado desde 1959 por Osvaldo Dorticós, foi declarado extinto. Fidel, além dos postos de Comandante-em-Chefe das Forças Armadas Revolucionárias (FAR) e primeiro-secretário do CC do PCC, passou a ocupar os de Presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros (renováveis a cada cinco anos). "Aspiramos a que esta democracia seja perfeita, na medida em que garante o mérito e a qualidade dos homens com responsabilidade pública, sobre os privilégios...", defendeu o líder cubano.

Uma nova divisão do território foi também estabelecida, com 14 províncias e 169 municípios. Na política educacional, instituiu-se o chamado Destacamento Pedagógico, composto de centenas de estudantes de último grau que, por suas aptidões, eram selecionados para aperfeiçoarem-se como instrutores e professores nas creches e escolas instituídas por todo o país. Na maioria das províncias havia também faculdades de Medicina,

de onde se pensava garantir a sobra para as missões "internacionalistas", percebendo salários do Estado.

Parte dos médicos e dos professores seguia para a região centro-americana, onde um outro longo conflito atingia o auge. Na Nicarágua, como em Angola, Fidel praticava o que entendia ser *realpolitik*, apoquentando o Conselho de Segurança Nacional (NSC) norte-americano. Com os nicaragüenses, seus laços já faziam história, remontando-se a 1960, ano em que se registrou o primeiro envio de armas a guerrrilheiros, coordenado por "Che" Guevara.

De treinamentos em Cuba a sucessivos extermínios de contingentes pelo interior da Nicarágua, morte de líderes e rearticulações, estreitara-se a relação, sob cerrado silêncio, durante a década.[3] Proximamente à reunião da Tri-Continental, produzira-se uma divisão no que se chamava Frente Sandinista, o movimento inspirado na figura do general Augusto Sandino, de origem camponesa, que comandara a resistência à invasão norte-americana nos anos 20. Dentro do grupo, havia a vertente determinada a uma guerra prolongada, influenciada pelo ocorrido no Vietnã e por "Che" Guevara; os "terceiristas" adeptos da insurreição urbana; e os "proletários", jovens da burguesia com tese de vanguarda operária sindical.[4]

No início dos anos 70, a ditadura de Anastacio Somoza na Nicarágua entrava em decadência, com o questionamento internacional do regime e a perda de confiança de empresários em sua política econômica. Em uma maré de alta repressão, o Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) – o exército guerrilheiro – conseguia se sustentar e ganhava autoridade moral. Em 1976, três chefes nicaragüenses, o comandante Tomás Borge, que se encontrava exilado no México, e os irmãos Daniel e Humberto Ortega, chegaram a Havana para um colóquio com Fidel, que os convocara. Ele se dispunha a ser o padrinho da reunificação das tendências na Frente Sandinista, até por um sentido de previdência, como lhes observou de modo figurado: "Marolas ameaçam a próxima tormenta no Caribe..."

Fidel aconselhou-os a que, na nova fase, não tentassem imitar o processo cubano e persistissem no entendimento com outros setores sociais, com uma política flexível de alianças, o que, até então, havia sido impraticável pelo sectarismo de certas vertentes. O projeto de unificação consistia em que três membros de cada uma das tendências integrassem a direção nacional sandinista, criando-se uma Frente Sul, com o comandante Eden Pastora.

Em seguida, outros contatos em nível de Estado davam frutos. Os Presidentes Carlos Andrés Perez (Venezuela), Odúber Quirós (Costa Rica), Omar Torrijos (Panamá), Luis Echeverría e López Portillo (México), anuindo à sugestão de Fidel, ofereceram apoio aos sandinistas. Os armamentos chegavam à Costa Rica e, dali, eram despachados para o território nicaragüense.

De Cuba, transferiram-se grupos especiais de inteligência e contra-inteligência para penetrar nos esquemas do inimigo. Usando táticas de guerra irregular pelo interior do país, voavam em helicópteros, a baixa altura, esbarrando nas copas das árvores, esgotando a resistência do adversário. Mesclavam-se também, na luta sandinista, as estratégias de guerrilha e de luta de massas, ainda que a primeira, no decorrer do processo, servisse de sustentação para a segunda, ao inverso do que ocorrera na Revolução Cubana.

Em fins de 1977, os sandinistas já tomavam pontos cruciais do país e concretizavam alianças com sindicatos, organizações civis, populares e algumas unidades militares, surgindo na direção nacional o Grupo dos Doze. Em uma espiral ascendente, a insurreição se generalizou em setembro de 1978. O adversário entrava em um beco sem saída: se abandonasse as cidades, a população as tomava; ficando nela, facilitava a ofensiva guerrilheira. Já os Estados Unidos planejavam uma intervenção militar, antes que se consagrasse a vitória sandinista, que ocorreria em julho de 1979.

Na América Central, Fidel havia conquistado outro aliado: o primeiro-ministro Michael Manley, um ex-trabalhador

mineiro da pequena vizinha ilha da Jamaica. Manley se proclamava firmemente oposto ao bloqueio a Cuba e ao *apartheid* sul-africano, desde quando fizera amizade com o líder cubano na Conferência dos Não-Alinhados em Argel. A seu convite, em outubro de 1977, Fidel foi à Jamaica, a bordo de um navio-escola, que partiu do porto de Santiago de Cuba. Embarcara disposto a proporcionar ao vizinho uma total cooperação, principalmente para o desenvolvimento agrícola, da educação e da saúde, posto que as terras e a maioria das ações nas minas de bauxita e alumínio já se encontravam sob controle estatal.

Juntos, Fidel e Manley condenaram as interferências e as sabotagens em escalada na área centro-americana.[5] Tentando exercitar o seu precário inglês, o cubano esboçou algumas frases em um primeiro encontro, mas logo desistiu, temendo não ser bem entendido pelos ouvintes: "*Sorry*... Não creio que Manley tenha interesse de tomar Cuba como padrão, nem nós temos interesse que Manley nos imite..."[6]

Aos religiosos da Jamaica, foi obrigado a precisar o caráter do alinhamento de Cuba com a URSS:

"Pertencemos a vários blocos e a nenhum. Creio que, nas Nações Unidas, somos do bloco dos países latino-americanos; no campo internacional, dos Não-Alinhados; nos organismos internacionais, ao bloco dos 77, os subdesenvolvidos; e, na ordem política, pertencemos à comunidade dos países socialistas..."[7]

Definia-se como um cidadão do mundo, sedento por tudo. Seus ministros e assessores viviam nervosos, com papeizinhos nos bolsos, anotando e atualizando termos e números, pois Fidel queria conferir qualquer dado, passado ou presente, a todo instante, durante as viagens e com visitantes em Cuba. Ao fim de uma jornada, ele, jamais cansado, era o único a sustentar a memória incólume.

No mesmo ano realizou um circuito por países da África, para se comunicar com os seus parceiros. Afora os pontos de presença militar ou de assessores de inteligência ou contra-inte-

ligência cubanos, a maioria dos países do Continente já desfrutava, desde anos antes, de intercâmbio de caráter civil – técnicos, professores, médicos e profissionais em geral –, sendo que eram milhares os que buscavam formação escolar e acadêmica em Cuba.

Angola, de fato, marcava uma mudança no destino africano, como antevira o Comandante, acelerando os movimentos de liberação na Namíbia, no Zimbabwe e na própria África do Sul. Fidel, na ocasião, estreitou as relações com o líder sul-africano Oliver Tambo, Joshua Nkomo, o dirigente da Frente Patriótica do Zimbabwe (Rodésia),[8] e Sam Nujoma, o Presidente da Organização do Povo do Sudeste Africano (SWAPO), que lutava pela independência da Namíbia. Em seguida, pousou no Congo Brazzaville e depois em Moçambique, atravessando corredores aéreos em ponto de bala, com as distintas organizações em confronto armado.

Esteve ainda na Líbia – declarada República Popular Socialista pelo coronel primeiro-ministro Muamar Khadafi –, na Etiópia, na Somália e no Iêmen do Sul. O apoio militar de Fidel destinava-se então, prioritariamente, aos etíopes, negros longilíneos de várias etnias, guerreiros de vestes e máscaras de tigres e leões, como ele os mencionava.

Em 1977, a Etiópia passou a ser governada pelo coronel Mengistu Hailé Mariam, que alinhou o país ao bloco soviético. Um problema intensificou-se com a vizinha Eritréia a noroeste, que, nos anos 50, havia sido um Estado dentro do império etíope, comandada por um movimento guerrilheiro que ainda perseguia a emancipação. Os rebeldes da Eritréia não consideraram que a declaração ideológica do coronel Hailé Mariam justificasse a interrupção da sua luta; ao contrário.

Um segundo conflito ocorreu a sudeste, com a Somália. Em uma orquestração combinada com os soviéticos na África pela primeira vez, Fidel, a pedido do Presidente etíope, enviou-lhe 40 mil soldados e instrutores militares para combater as tropas somalís que haviam ocupado o planalto de Ogaden, na fronteira. Ao rei-

Colocando flores no Mausoléu de Lênin, em Moscou

Com o marechal Tito, Presidente da Iugoslávia

No Monumento dos defensores de Moscou, até onde estiveram os nazistas na II Guerra Mundial

Com o Presidente Omar Torrijos, do Panamá

Com o coronel Khadafi, Presidente da Líbia

Com tropas cubanas na Etiópia

Com Mengistu Hailé Mariam, Presidente da Etiópia

Com Michael Manley, Presidente da Jamaica

Com Fatah Ismail, Presidente da República Popular Democrática do Iêmem

Com Luis Echeverría, Presidente do México

Com Julius Nyerere, Presidente da Tanzânia

Com Sam Nujoma, Presidente da SWAPO

Presença cubana na África

vindicar aquela faixa territorial, o coronel Hailé Mariam contava com o apoio da etnia etíope habitante do planalto, os somalianos.

Junto com o governo da República Democrática Popular do Iêmen – separada da Etiópia apenas por uma estreita passagem no Mar Vermelho –, Fidel tratou de influir para a conclusão de um acordo de inviolabilidade das fronteiras entre os países da região, amparando-se no prescrito pela OUA, a organização que pretendia selar a unidade africana. Por seu lado, a Somália obteve o apoio do Egito, do Irã e da Arábia Saudita; enquanto os soviéticos se colocavam, com cubanos e iemenitas, ao lado dos etíopes.

Repunha-se, assim, o quadro de instabilidade no Oriente Médio; mas, com a posição tomada pela URSS, assegurou-se o trânsito pelo Canal de Suez e o Mar Vermelho, onde a chave do controle era o porto de Adem, na costa sul do Iêmen. Batalhões e unidades de cubanos por ali cruzaram até 1978, em direção ao porto etíope de Al de Assab.

Guerra fria; no limite, quando nas altitudes do norte da África os termômetros registravam 20 graus abaixo de zero. Repetindo o modelo de condução da guerra em Angola, Fidel fez-se outra vez vencedor, somando mais uma vantagem: conhecia bem os combatentes adversários, já que boa parte dos oficiais militares somalís havia sido preparada em Cuba.

* * *

Para uma fase de prosperidade nos contatos externos, o recém-designado chanceler de Cuba, Isidoro Malmierca, constituía o perfil adequado, de leve discrição e "olho clínico". Sobre Fidel, Malmierca fez observações colhidas no decorrer de uma intensa relação. Tanto antes como no presente, assinalou, se o interlocutor da vez não conhece bem a matéria em debate, melhor calar a boca; caso contrário, é batalha perdida, porque Fidel sempre ganha a polêmica. No caso de o Comandante sentir necessidade de maior preparação para uma conversa com alguma personalida-

de ou autoridade, o gabinete lhe propõe uma série de pontos, percorrem-se as instâncias adequadas para as contribuições dos especialistas e, logo, organiza-se o relatório, em tempo hábil. Sucede que, ao chegar às suas mãos, ele muda tudo, guardando tudo na mente, estudando a seu modo e reelaborando o original.

Por conta de sua sabedoria e versatilidade, até os chefes de Estado inibem-se quando conversam com ele e não lhe expõem opiniões. Certas figuras chegam a mudar de personalidade no ato do encontro, mas Fidel prefere fingir desconhecer sua perturbadora ascendência. A seu jeito, sustenta a naturalidade no trato e abranda a possibilidade de que um sinal seu, ou uma palavra, possa representar um veto ao outro. Muitos dos que dele se aproximam, contudo, em eventos e solenidades, usam como pretexto sérias razões e argumentos, freqüentemente políticos, mas o que buscam de fato é nada mais que a chance de estar ali, perto dele, em seu círculo.

* * *

Fidel, para apoiar o chanceler Malmierca em um diligente campo, incentivou seu casamento com Maria Elena, a sua intérprete de francês. Entre eles, intuía a perfeita "química", verbalizou. Conta Maria Elena que, um dia, ao chegar com Malmierca de uma viagem a Lisboa, convidou o Comandante para jantar, avisando que prepararia o bacalhau que trouxera. O convidado quis logo saber a receita, ao que ela lhe respondeu que o faria "à viscaína" ou "à moda do invento", já que faltava uma variedade de iguarias nos armazéns da cidade. Fidel pediu que ela deixasse o preparo por sua conta: indicou-lhe o tempo de molho na primeira vez, o número de águas a trocar para aliviar o sal, deu outras instruções e enviou-lhe os complementos e os temperos que julgava convenientes. De bacalhau, ele também entendia: gravara, em algum plano da mente, como García, o cozinheiro de Birán, aprontava os peixes que o velho D. Angel trazia do

porto de Santiago. Fora isso, seu talento para a cozinha era natural e intuitivo, assemelhando-se ao da política. Ele sempre gostou de "pôr a mão na massa" e preparar as refeições, para familiares aos domingos ou, eventualmente, para um grupo de amigos, especialmente os spaghettis desde a juventude, com molhos igualmente criativos.

* * *

Dos Estados Unidos, com James Carter como Presidente, retomaram-se, em janeiro de 1977, as conversações cubano-norte-americanas do "ponto de nó" em que haviam estancado.

O jornalista Frank Mankiewicz regressava ao espaço da intermediação e o grupo de autoridades delegadas era agora composto por Peter Tarnoff, secretário executivo de governo, Robert Pastor, assessor para América Latina do Conselho de Segurança Nacional; e Wayne Smith, um alto funcionário da inteligência para Assuntos Cubanos no Departamento de Estado. Pela parte cubana, uniram-se a Sánchez Parodi, José Luis Padrón e José Arbesú, integrantes do Departamento de América do PCC.

Não houve maiores delongas para formalizar os primeiros acordos. Um foi sobre fronteiras marítimas e pesca, em águas entendidas como de preferência econômica dos norte-americanos; outro, sobre a supressão dos vôos de espionagem – os SR 71 – sobre território cubano; ainda a revogação da proibição de viagens de cidadãos norte-americanos a Cuba e o estabelecimento de "escritórios de interesse" em ambos países, espécie de representação com intercâmbio de diplomatas, mas sem status de embaixada, para o acompanhamento dos temas do futuro reatamento, previsto para um prazo não distante, embora ignorado. Na hipótese do relaxamento do embargo econômico, Fidel já citava possibilidades de inversão no turismo, na produção de níquel, de tabaco e outros produtos agrícolas, considerando que o açúcar estava comprometido com os países socialistas.

Ao anunciar-se a permissão das viagens a Cuba, surgiriam 50 mil pedidos de visto na embaixada checoslovaca em Washington. Em maio, partiram 450 turistas. O tratado da pesca foi formalizado durante uma visita do subsecretário de Estado para Assuntos Latino-Americanos, Terence Todman, a Havana. Uma equipe de dez diplomatas estadunidenses chegou em junho, em um jato da Força Aérea, para iniciar a montagem do escritório de representação. Ibrahín Lane vinha como o chefe da parte norte-americana, enquanto Sánchez Parodi se preparava para a incumbência do escritório cubano em Washington. Sucederam-se várias entrevistas de Fidel à mídia norte-americana, reuniões com empresários e parlamentares e com os senadores democratas Fredrich Richmond e Richard Nolan. Ao senador George McGovern, que revisitou Cuba, foram entregues, conforme prévio trato, cópias das investigações até então supersecretas, sobre as operações da CIA contra Cuba e contra o líder cubano, que serviriam de subsídios a uma nova comissão que se formava no Congresso norte-americano, agora sobre assassinatos políticos. Fidel e Carter se envolviam em um passatempo refinado, aos olhos do mundo.

Com as representações em funcionamento, houve cinco encontros para a negociação do que se entendia como barreiras políticas para a normalização diplomática: a íntima relação de Cuba com a URSS – definida pelos Estados Unidos como ameaça à sua segurança; os temas de Angola, Etiópia e Porto Rico; o incentivo do regime cubano à subversão na América Latina[9]; e as situações dos direitos humanos e dos presos políticos em Cuba. Na lista que expôs sobre a mesa, a representação dos Estados Unidos só evitou reintroduzir o tema da indenização às empresas norte-americanas nacionalizadas, cujo valor se calculava em 2,5 bilhões de dólares. Fidel, de sua parte, logo mandou soltar dez norte-americanos que se encontravam presos no país, dois por tráfico de drogas da Colômbia, outros por delitos de infiltração e espionagem, mas insistiu que o programa de relações exteriores de Cuba era um tópico da soberania do Estado:

"Pergunto-me: por que eles têm que exigir que retiremos técnicos ou instrutores, ou até mesmo unidades militares, que tenhamos em qualquer país? É engraçado... Pedem-nos, como pré-condição, que retiremos as nossas tropas da África, enquanto em nosso próprio território, na Base de Guantânamo, temos milhares de soldados americanos contra a nossa vontade![10] (...) Não há tropas norte-americanas no Japão, em Okinawa, na Coréia e em Taiwan? Bases norte-americanas na Turquia, Grécia e em toda a Europa? Nós não estamos em nenhum lugar contra a vontade do povo local!"[11]

Apesar dos empecilhos, a negociação ia tomando forma quando se fabricou o melindre. Em meio à retomada dos confrontos em Angola, a comunidade dos kataguenses – habitantes da zona fronteiriça entre Zaire[12], Angola e Zâmbia – intensificara seu movimento nômade, querendo aproximar-se do MPLA e dos cubanos. Em um certo momento, havia já 200 mil katangueses em Angola, ocupando uma considerável faixa territorial. Já em fins de 1977 os meios noticiosos traziam à luz, com alarde, o que se chamou "invasão de Shaba", a maciça incursão dos katangueses à província de Shaba, uma região rica em minerais a sudeste do Zaire.

O Presidente Carter, tomando as dores do país amigo, o Zaire, declarou que Fidel poderia haver evitado a invasão, pois havia dois mil soldados cubanos postados na faixa da fronteira, mas não o fizera. Ao ver denunciada sua responsabilidade, o cubano a desmentiu com veemência. Explicou que o chefe dos rebeldes de Katanga, general Nathanael N'Bumba, havia, sim, pedido ajuda, mas recebera a resposta de que Cuba não poderia enviar-lhe armamentos nem assessoria, por uma razão política: não atiçar divisões entre os povos da África Negra. Quando começaram os rumores de que os katangueses pretendiam cruzar a fronteira em massa e entrar no Zaire, Fidel se comunicou com Agostinho Neto e aconselhou-o a tentar controlá-los, o que o angolano tentou em vão. Os cubanos não detinham poderes para

impedi-los, acrescentou. Sabia-se, contudo, que as tropas de Mobutu, o Presidente do Zaire, haviam atuado em massacres e mortes de membros de ambas as etnias na região.

Na iminência da invasão, Fidel julgou por bem abordar o assunto com o governo estadunidense, através do novo "escritório de interesses". Em seguida, o acontecimento era divulgado, implicando-o como co-responsável. "Há gente na administração norte-americana tentando fabricar o incidente para justificar a intervenção na África. E o responsável é Zbgniew Brzezinski (secretário de Defesa)", disse Fidel.[13]

Conforme sua interpretação, inventava-se um fato para provocar a cizânia no diálogo entre Cuba e Estados Unidos. Um mapa criado no gabinete de Brzezinski assinalava os pontos na África onde havia pessoal militar cubano, trocando os números e os lugares, e foi divulgado na ocasião em que o Senado norte-americano discutia a proposta de venda de aviões F-15 à Arábia Saudita – que foi rapidamente aprovada. Adiante, saiu a notícia, como uma grande novidade, da colaboração de Fidel com o Iêmen do Sul, o que vinha sucedendo há seis anos. Carter condenou o cubano e este respondeu que, da mesma forma, pedia a condenação das políticas do *apartheid* e de Mobutu.

No íntimo, Fidel sabia que Carter estava sendo confundido pelo outro "front" do seu governo. Cyrus Vance, o secretário de Estado, partilhava da linha do entendimento; mas a política identificada com o secretário de Defesa, Brzezinski, é que detinha hegemonia no Conselho de Segurança Nacional. O mandatário democrata, vendo-se acossado internamente, pincelava críticas à situação dos direitos humanos em Cuba. Fidel replicava apontando a "boa vizinhança" dos Estados Unidos com os regimes do Chile, Nicarágua, Brasil, Zaire e África do Sul, onde o desacato à matéria incluía torturas e assassinatos políticos "inexistentes em Cuba". Questionou-lhe o caso da portorriquenha Lolita Lebrón, detida nos Estados Unidos há 25 anos, afirmando-se disposto a uma troca de prisioneiros, mas obtivera informa-

ções de que ela só aceitaria se fosse decidida a liberdade de todo o seu grupo.

De qualquer modo, em 20 de novembro de 1978, como uma derivação dos intercâmbios, dava-se em Havana a primeira reunião de Fidel com um grupo da comunidade de cubanos no exílio. Max Lesnick, seu amigo da juventude, compareceu, ficando hospedado em uma casa para visitantes especiais. O reencontro dos dois ocorreu no Palácio e redundou em uma conversa particular de várias horas, da qual Lesnick sairia como um privilegiado consultor de Fidel para assuntos cubano-norte-americanos.

Em virtude de acordos com representantes da comunidade, definia-se um programa de reunificação entre familiares e foram postos em liberdade quase três mil presos políticos em Cuba. Quanto a alguns elementos – como Húber Mattos, o ex-comandante do Exército Rebelde detido em 1959, cuja pena, em breve, terminaria –, Fidel decidiu mantê-los cumprindo as suas respectivas condenações judiciais.

Um derradeiro impasse no diálogo entre Cuba e Estados Unidos veio a ocorrer na segunda metade de 1979[14], com a Presidência de Carter entrando na etapa final. As discrepâncias no bloco de poder norte-americano já se evidenciavam, por conta de um outro incidente relacionado a Cuba: a presença de aviões Mig e de uma brigada soviética no país.

“Não nego que exista pessoal militar soviético em nosso país. Digo que é exatamente o mesmo de há 17 anos... O que vocês chamam de brigada, nós chamamos de Centro de Instrução nº 12... E se eu me rebaixasse a dar uma explicação acerca do caráter das nossas instalações militares, estaria questionando o direito de Cuba de adotar medidas defensivas que estime pertinentes!”[15]

A referida instalação, criada antes da crise dos mísseis, usada para observações e espionagem, desprovida de armas nucleares ou estratégicas, era uma velha conhecida da CIA, mas

foi ressuscitada como uma nova "força de combate russa" ameaçando os Estados Unidos.[16] Fidel definiu o acontecimento como uma "microcrise de Outubro" (dos mísseis), quando, ao mesmo tempo, surgiam indícios de novos acordos dos Estados Unidos com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e o incremento de suas tropas em diversos pontos: "Alguém disse que a história se repete. Neste caso, a primeira vez foi como tragédia e a segunda, como comédia..." Denunciava o fato também como uma tentativa de sabotar a VI Reunião dos Não-Alinhados em Havana.

A distensão ruía. Paralisavam-se, por decisão norte-americana, os tratados SALT II. O assessor Robert Pastor, do Conselho de Segurança Nacional, um dos interlocutores da questão cubana, expressava ao seu mentor, Zbgniew Brzezinski: "Já que embarcamos em mais um período anti-Castro, deixe-me apenas anotar: a premissa de que Cuba é uma marionete soviética é falsa."[17]

Em seu aniversário, 13 de agosto de 1976

Em 1978

C A P Í T U L O 4 3

Com o Secretário Geral da ONU, Kurt Waldheim, 1979

Um cidadão do mundo

Enquanto, nos Estados Unidos, era noticiado que havia uma tropa da URSS estacionada em Cuba, Fidel ciceroneava a VI Reunião dos Países Não-Alinhados, previamente eleito como seu próximo presidente.

Entre os chefes de Estado participantes, o marechal Tito da Iugoslávia era um benemérito de honras especiais, recebendo far-

tos e bons charutos, assim como o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim. Chegavam também a Havana o moçambicano Samora Machel, o general panamenho Omar Torrijos e o primeiro-ministro Maurice Bishop, de Granada. Ao todo, 94 delegações, de Estados ou movimentos de emancipação, empenhadas em mudar a ordem das relações internacionais. Fidel deu o tom:

"Os imperialistas ianques e seus velhos e novos aliados – refiro-me ao governo chinês – não desejavam esta conferência em Cuba. Elaboraram a repugnante intriga de que Cuba converteria o movimento em um instrumento da política soviética. Sabemos, de sobra, que o governo dos Estados Unidos obteve cópia do projeto do documento final elaborado por Cuba e realizou uma febril ofensiva diplomática para tratar de modificá-lo."[1]

Mas o próprio terreno dos Não-Alinhados não estava isento de antagonismos, então manifestos em duas regiões. Uma, o Afeganistão, prestes a uma guerra civil e palco de guerra fria desde o assassinato do embaixador norte-americano em Cabul, a capital, em fevereiro de 1979. A CIA aparelhava opositores no Paquistão, próximos à fronteira, contra o governo de orientação comunista. Fidel, apesar de sua posição pró-soviética, propiciou o encontro entre afegãos e paquistaneses durante a reunião; sem êxito, contudo.

Visões discordantes entre os Não-Alinhados se revelavam também em relação ao mapa político asiático. No Cambodja, enfrentavam-se os pró-chineses e os pró-vietnamitas. Pol Pot, o homem forte do Khmer Vermelho, que governava o país, unira-se à China e invadira o Vietnã. Em represália, no começo de 1979, forças vietnamitas, aliadas a dissidentes do Pol Pot, tomaram Phnom Penh, a capital cambojana. A tensão na antiga Indochina explicava-se, em grande parte, pelos movimentos dos chineses que buscavam a hegemonia no continente.

A proposta de Fidel, de que os assentos da delegação do Cambodja permanecessem vazios em sinal de protesto, não foi aprovada pela maioria dos participantes da reunião. Tornara-se

notória, ao longo de todo o ano, a retomada da crítica de Fidel à China, que invadira o Vietnã e voltara-se para o Japão e o Ocidente, firmando uma aliança com os Estados Unidos na Ásia.

Os racistas da África do Sul e os israelenses sionistas também foram reprovados por Fidel, que saudou, em contrapartida, a Revolução Popular Islâmica do Aiatolá Khomeini iniciada em janeiro. O fundamentalismo iraniano significava uma barragem à penetração norte-americana.

Na função de presidente dos Não-Alinhados, em 10 de outubro, Fidel se encontrava a caminho de Nova York, para o 24º período de sessões da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Poucos instantes depois da decolagem, levantou de sua poltrona e se aproximou de jornalistas norte-americanos que o acompanhavam durante a viagem. Ao sentar sobre o braço de um assento, perguntaram-lhe sobre as recentes manobras militares na Base de Guantânamo. “Muito interessantes... Estão arruinando os contribuintes norte-americanos...”, respondeu.

Com Samora Machel, Presidente de Moçambique

O tema da dívida de Cuba com os Estados Unidos, por conta das nacionalizações, foi reiterado, ao que retrucou com um caso irônico: "Uma vez a *National Geographic* tirou uma foto minha em Havana e pagou com um cheque de 100 dólares, que não se pôde descontar. Então, nos Estados Unidos, à parte de todas as outras dívidas, devem-me esses 100 dólares..." Questionaram-lhe também sobre as ameaças contra a sua vida. "Ninguém morre antes do tempo. Só não sabemos a data", contestou.

E ao insistirem se o seu traje tinha algum tipo de proteção, se ele não usava um colete à prova de balas, Fidel desabotoou a jaqueta e exibiu o peito: "Assim desembarcarei. Meu colete é moral e foi o que me protegeu sempre. Além do mais, vivo em uma terra calorosa..."[2]

Já em Nova York, entregou-se à proteção da polícia norte-americana, montada, a pé e de prontidão na porta da ONU. Exilados cubanos e latinos, próximos uns e outros, agitavam bandeiras opostas: "*Welcome Fidel*", "*Go away from Cuba*", em um clima de histeria. O seu discurso, no dia 12 de outubro, qualificado como um acontecimento transcendental nas Nações Unidas, era o libelo acabado do Terceiro Mundo:

"(...) Por que uns povos têm que andar descalços, para que outros viajem em luxuosos automóveis? Falo em nome das crianças que no mundo não têm nem um pedaço de pão... em nome dos enfermos que não têm remédios. Falo em nome daqueles a quem se negou o direito à vida e à dignidade humana... Qual é o destino destes? Morrer de fome? Ser eternamente pobres? Para que serve, então, a civilização? Para que serve a consciência do homem? Para que servem as Nações Unidas? Basta já de palavras! Faltam atos. Chega de abstrações!"

Ancorando-se nos índices da FAO, apresentou os pontos de estrangulamento do mundo subdesenvolvido. O protecionismo, os monopólios, o controle tecnológico e as formas de financiamento externo dos países ricos, eram os responsáveis

pela portentosa dívida dos países pobres. Predicou a moratória total por uma "nova ordem econômica internacional":

"A dívida externa dos países em desenvolvimento alcançou a cifra de 335 bilhões de dólares... A dos países de menor desenvolvimento relativo e em situacão desvantajosa é insuportável. Não tem solução, deve ser perdoada... Que se crie um novo sistema monetário internacional que impeça as flutuações desastrosas das moedas que prevalecem na economia internacional, em particular o dólar norte-americano... Chega de se falar de uma nova ordem econômica internacional especulativa que ninguém entende!"

Afinal, ele propôs uma equação alternativa à das grandes potências: paz com desenvolvimento, para todos. "Não vim aqui como profeta da revolução. Não vim pedir ou desejar que o mundo se convulsione violentamente. Mas não se pode falar de paz em nome de dezenas de milhões de seres humanos que morrem a cada ano de fome ou de enfermidades que podem ser curáveis em todo o mundo. Não se pode falar de paz, em nome de 900 milhões de analfabetos. (...) Adeus às armas. Consagremo-nos civilizadamente aos problemas mais angustiantes de nossa era: esta é a responsabilidade e o dever mais sagrado de todos os estadistas do mundo. Esta é, ademais, a premissa indispensável da sobrevivência humana!"

A política de beligerância circulava pelo Caribe. A descoberta da brigada soviética havia sido o pretexto para uma ofensiva dos Estados Unidos na área "sob influência cubana". Não apenas os sandinistas chegavam ao poder na Nicarágua. O Movimento Nueva Joya, encabeçado por Maurice Bishop, constituía um governo revolucionário e popular em Granada. Em El Salvador, formava-se um bloco de setores populares, unido à Farabundo Martí – a frente guerrilheira – contra a junta cívico-militar que ocupou o governo em outubro de 1979, como forma indireta de intervenção norte-americana. Os Estados Unidos estavam buscando articular os exércitos da Guatemala, de Honduras e até do

Pacto Andino, para compor “uma força de paz” centro-americana a conter a subversão.

Aos sandinistas, Fidel aconselhava prudência e tato, pois, naquela conjuntura, árduo seria fazer prosperar uma revolução recém-nascida. “Talvez nem me creiam”, completava, “mas penso que vocês devem realizar eleições...”[3]

No ano seguinte, a Frente Sandinista instaurou o regime pluripartidário com economia mista. Aplicou uma reforma agrária e nacionalizações parciais. Empresários e agricultores médios foram estimulados, evitando atritos com o governo de Ronald Reagan. Examinando, in loco, esperançoso, a experiência sandinista, Fidel expressou: “E aqui não poderá ocorrer um golpe de Estado como no Chile, porque o povo detém o poder e as armas...”

Observado por Tomás Borge, ministro do Interior da Nicarágua, 1976

Quanto a El Salvador, o assassinato do arcebispo Oscar Romero, em abril de 1980, despertou a consciência de diversas organizações de todo o mundo para a guerra civil que grassava no país. Os Estados Unidos já falavam claramente em intervir, ante a iminência de queda da junta governamental salvadorenha.

Dizia-se que Fidel enviava armamentos aos rebeldes salvadorenhos, na verdade fornecidos pela Nicarágua, contra a qual também se montava um requintado expediente. Alexander Haig, o secretário de Estado do Presidente Reagan, dotou a CIA – então sob a direção de William Casey – de 19,9 milhões de dólares para financiamento de atividades dos "contras" dentro da Nicarágua, partindo da vizinha Honduras.

Nestor Sánchez, oficial da CIA e subsecretário de Defesa, coordenou as operações militares no território e adjacências, sob o comando local do coronel norte-americano Oliver North. Impedir a proliferação de regimes como Cuba era a premissa do Ato do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, em abril de 1982. O *Documento de Santa Fé*, elaborado pelo Conselho para a Segurança Interamericana, estipulava que Cuba devia submeter-se aos Estados Unidos ou ser desestabilizada, bloqueada ou invadida, se necessário. Colaborando com o Exército Sandinista para combater os "contras", o número de cubanos chegou a quatro mil, incluindo voluntários para o trabalho de educação primária e saúde.

Em março de 1982, Daniel Ortega, dirigente nicaragüense, e Fidel solicitavam providências do Conselho de Segurança da ONU, em razão da ameaça de uma invasão militar norte-americana. Em menos de um mês, os Estados Unidos vetavam a resolução do Conselho quanto a abster-se de uso da força, aberta ou encoberta, contra qualquer país da América Central ou do Caribe. A região se tornava uma espécie de Oriente Médio às avessas, um foco de conflito internacional. A necessidade de defesa do regime sandinista, que recebia ajuda da URSS e de países socialistas, acabaria produzindo uma frente comum latino-ame-

ricana, com participação de europeus. Os Presidentes López Portillo, do México, e François Mitterand, da França, demandavam, com urgência, aos organismos internacionais, uma ajuda de no mínimo de 20 bilhões de dólares para a sobrevivência dos extenuados países centro-americanos, para os próximos cinco anos. Sereno, com os pés no momento, Fidel sustentava a busca de "soluções políticas" para a região.

Formou-se o Grupo de Contadora, com Venezuela, Colômbia, Panamá e México, para encaminhar acordos. Apresentou-se à Nicarágua um programa de seis pontos, entre os quais um pacto de não-agressão com Honduras e o cancelamento do envio de armas para El Salvador, excluindo qualquer concessão unilateral aos Estados Unidos. A Nicarágua aceitou e Fidel, de sua parte, prontificou-se a iniciar a retirada de todas as tropas e assessores cubanos da América Central, assim que se concretizasse a negociação. Quanto à idéia do grupo de realizar eleições em El Salvador, como meio de resolver o conflito, o líder cubano opinou que era preciso respeitar a posição dos combatentes empenhados em uma feroz contenda interna, os quais não confiariam em um processo eleitoral que seria conduzido pelo regime.

Inaugurando a Escola de Instrutores de Esportes, 1977

O governo do Presidente Reagan desdenhava as propostas e enviava navios de guerra às costas nicaragüenses no Pacífico e no Atlântico. Contra essa postura e elogiando Fidel, uniram-se, ao Presidente Mitterand, os líderes sociais-democratas Willy Brandt (Alemanha) e Olof Palme (Suécia). A causa centro-americana surgia como fator de aproximação entre Fidel, a social-democracia e os partidos comunistas europeus. Pelo fim dos anos 70, o estadista cubano, mais afeito à diversidade, sentia-se confortável como um cidadão do mundo. Encontrou afinidades com Enrico Berlinguer e Santiago Carrillo, respectivamente, secretários-gerais dos PCs italiano e espanhol, e especialmente, com Felipe González, do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), o partido que se tornou a força predominante na Espanha nas eleições de 1982.

Contudo, não se encontrava uma solução efetiva para a Nicarágua. Daniel Ortega e Henry Kissinger, que fora chamado a presidir uma comissão de diplomatas por parte dos Estados Unidos, mantiveram conversações, mas a escalada militar norte-americana continuou até 1984, quando as eleições realizadas no país conferiram a vitória dos sandinistas. Naquele momento, a Nicarágua enfrentava graves problemas econômicos.

Ainda na região centro-americana, a relação entre Fidel e o general panamenho Manuel Antônio Noriega gerava insinuações, nos meios públicos, de tramas em comum. Noriega, o comandante da Guarda Nacional, era o homem forte no Panamá desde a morte de Omar Torrijos (1981), em um suspeito acidente aéreo. Logo afirmaram que Noriega era um agente duplo de Cuba e que Fidel era o mediador entre Noriega e negociantes de drogas na Colômbia. A dúbia e polêmica figura do general panamenho acabaria sendo acusada de vínculos formais com o tráfico e outros delitos.

Fidel argumentava que, no fundo, as acusações eram parte de uma campanha contra a Guarda Nacional e Noriega, que defendia os sandinistas e o Tratado Torrijos-Carter – em que os

Estados Unidos comprometeram-se a entregar o Canal do Panamá aos panamenhos no ano 2000. Para Fidel, denotavam-se as intenções golpistas do governo Reagan no Panamá.[4]

Além da situação explosiva no Caribe, a gestão de Fidel como Presidente dos Não-Alinhados foi arrebatada por confrontos. Naquilo que opunha turcos a cipriotas, ele pendia para as reivindicações de soberania da Ilha de Chipre, em concordância com os postulados de Makarios, o líder visto pelos Estados Unidos como o "Castro do Mediterrâneo". Na guerra aberta entre o Irã e o Iraque, Fidel enviou seu chanceler Malmierca como emissário a Teerã e Bagdá, para costurar um acordo entre o governo da revolução islâmica instaurado pelo Aiatolá Khomeini e Saddam Hussein. Anuindo a uma proposta de Yasser Arafat, o líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP), uma comissão foi formada com representantes de Ásia e África, com os quais o líder cubano se reuniu para tentar pôr fim a mais um conflito no Oriente Médio. Ao lado dos palestinos, ainda condenou os acordos de Camp David, como um instrumento do sionismo e dos interesses estadunidenses na região. Em 1982, quando o Líbano foi invadido, repudiou firmemente o expansionismo israelense sobre os territórios árabes.

Já o apoio de Fidel à entrada no Afeganistão por tropas soviéticas em dezembro de 1979, reforçara sobremaneira o seu alinhamento à URSS. Após sucessivos complôs, e com o aval do grupo de militares no poder afegão, a intervenção foi justificada como a única forma de garantir a continuidade do regime progressista.

A posição de Fidel coincidiu com a de dirigentes comunistas europeus, como o francês George Marchais (secretário-geral do Partido Comunista Francês - PCF), com quem Fidel firmou um comunicado explicando a invasão soviética como uma resposta ao persistente incentivo da CIA aos grupos opositores na fronteira com o Paquistão. A guerra fria incrementava-se na Europa no fim da década, com a instalação de 572 projéteis nucleares de alcance médio em bases da Organização do Tratado do Atlânti-

co Norte (OTAN) – além das esquadras mobilizadas para o Índico e o Golfo Pérsico –, provocando a desaprovação das esquerdas européias. Não obstante, a postura pró-soviética de Fidel não apenas atiçou a divergência no movimento que presidia, como contribuiu para enterrar a aspiração de que Cuba pudesse ingressar como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU.

Na África Austral, Fidel atuaria de acordo com os rebeldes ao *apartheid*. Protestou contra a intromissão de tropas sul-africanas, durante as eleições de 1980, no Zimbabwe, que desacatava os acordos firmados com a Grã-Bretanha. Questionado freqüentemente sobre a permanência de militares cubanos em Angola, respondia que se procederia a uma retirada paulatina, conforme os sul-africanos fossem abandonando a Namíbia e cessassem a agressão.

Com os pioneiros em Havana

Em 1984, reuniram-se sul-africanos, angolanos e cubanos, com a mediação dos Estados Unidos, para entabular negociações. Na ocasião, determinou-se a efetivação da Resolução 435/78 do Conselho de Segurança da ONU, para a Independência da Namíbia, assegurando o respeito às fronteiras.

Em outra seara, de crítica à ordem econômica internacional vigente[5], Fidel promovera uma reunião do grupo dos 77 – os países subdesenvolvidos participantes da ONU – em Havana, dois meses depois de seu discurso na Assembléia Geral da organização. O objetivo da reunião era traçar planos de desenvolvimento a serem apresentados às nações mais ricas, na tentativa de concretizar o abstrato "diálogo norte-sul". O encontro com os representantes dos países ricos foi previsto para Cancún (México), mas os Estados Unidos insistiam em vetar a presença de Cuba. Fidel, então, comunicou ao Presidente mexicano López Portillo que não participaria, para que se viabilizasse o entendimento.

Flexibilizava mais o seu arco mental, embora se mantivesse seguro na baliza por sua coerência, quase visceral, a certos princípios político-ideológicos. Logo, Fidel patrocinaria um fórum de economistas de todo o mundo em Cuba, para discussão de teses sobre o desenvolvimento. Durante o evento, admitiu ser impossível prescindir das empresas multinacionais no processo, por serem elas as donas da tecnologia, dos mercados e dos recursos financeiros.

"A política de forças não tem perspectiva. Mais eficaz é uma política inteligente, diplomática e de colaboração econômica... Procuro me defender do chauvinismo, porque é inimigo do internacionalismo. Respeito as correntes do marxismo, porque ele não é um dogma, nem uma receita a ser aplicada...", ponderou.

Em correspondência, governos aliados aos Estados Unidos começavam a se articular com a posição de Cuba em organismos econômicos internacionais, como foi o caso do Brasil na Geplacea, dos países produtores de açúcar. Fidel enxergava as nuances da transição brasileira, a partir dos próprios militares no poder:

"Antes, eram muito associados à África do Sul e a Israel; agora se interessam por palestinos e árabes... Matizes diferentes que, a meu juízo, têm uma razão objetiva: é um momento em que estão produzindo bens de capital para exportação, inclusive armamentos..."[6].

Em Havana, incentivou eventos e encontros entre artistas e intelectuais latino-americanos de diversas tendências, mas com um ponto em comum: a aversão à dominação política e ideológica.[7] Empenhou-se, pessoalmente, na ampliação do Festival do Novo Cine Latino-Americano e na criação de uma distribuidora de cinema para a América Latina, na busca de romper o estrangulamento provocado pelas *majors* de Hollywood. Participou da formação da Fundação do Novo Cinema, que seria presidida por Gabriel García Márquez, e da Escola Internacional de Cinema e Televisão, com sede em Cuba.

Em março de 1983, em Nova Délhi (Índia), transferia a presidência dos Não-Alinhados à primeira-ministra Indira Gandhi.

Com Indira Ghandi, primeira-ministra da Índia

Concentração popular em Havana

CAPÍTULO 44

No Teatro da Opera de Odessa, em 1981, tendo à sua direita José Miyar (Chomy), seu assessor, e Carlos Rafael Rodríguez, vice-Presidente do Conselho de Estado de Cuba

Exílio & Bloqueio: os marielitos

As vicissitudes animavam e perseguiam a projeção de Fidel como estadista. Pelo exterior, além da acusação de ditador, recaíam sobre ele todas as referentes ao paradigma da autoridade. De sua parte, para desfazer impressões, não economizava oportunidades para tentar explicar o sistema de

representação política do seu país, que, com tantas instâncias, terminava incompreensível à primeira vista. "Isto aqui não é uma monarquia e nem um caudilhismo! Temos um partido e uma direção coletiva!", defendia-se dos ataques ao seu regime, acusado de antidemocrático.

Fidel já não suportava, sequer, a menção ao seu especial carisma, vinda dos que o admiravam, pois lhe parecia uma confirmação do seu poder pessoal. Mas, em Cuba, à sua revelia ou não, os de sua geração e, em particular, os mais novos que cresciam sob os auspícios de um Estado generoso e paternal, nele enxergavam o líder guerreiro que se transformava em um vulto do século e com o qual erigiam uma pátria vencedora.

Dentre os mármores diáfanos que sustentam o imponente Palácio do governo – chamado Palácio da Revolução, situado entre os prédios do Conselho de Estado e de Ministros e do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba (PCC) –, os que rodeiam o Comandante-em-Chefe no dia-a-dia, cultivam a memória de seus gestos ou atitudes que a ele os atariam por toda a vida.

Com o orgulho preso ao peito, cada um deles acolhe uma história reservada de Fidel. Esse bem da intimidade, multiplicado pela devoção do povo em geral, impregna as esquinas e os recantos do edifício, do mobiliário simples às plantas ornamentais e perfumadas que Célia Sánchez arrumara para a decoração interior. Espécimes de açucena, palmas brancas da Sierra Maestra, a "flor de Célia", conotam uma sólida origem; logo seriam a sua marca indissipável. De 1980, quando ela faleceu, até hoje, é a respiração de Célia que decifra o ambiente, quando se sai do elevador pelos andares, particularmente se o sol não bate ou se as cortinas se fecham.

Fidel sofreu um enorme baque com a morte de Célia. Se existiu quem o compreendeu por completo, fora ela. Aceitava as tensões da sua personalidade e as necessidades de seu ser original, como a da companhia de Lala ou das outras mulheres de sua vida, passageiras. O homem que cultivava a autonomia flagrava-

se dependente. A intensa relação que com ela construíra no cotidiano, de repente se esvaiu, depauperando-o, em sua plena ascensão na arena internacional.

Mas o elo entre Fidel e Célia tinha, na verdade, uma face conturbada. A imagem pura e heróica, que ambos deviam preservar enquanto espelhos da Revolução, impingira-lhes a sublimação e invadira o afeto, fazendo-o incompleto com o passar dos anos. Em Fidel, a carência de um amor comum se satisfaria em Lala, o segredo. Não que ele fosse ou se tornasse dúbio: ele encontrava-se inteiro em cada um de seus mundos. Já para Célia, todavia, não houve atalho; dedicava-se integralmente a ele – ou melhor, à Revolução –, sofrendo feliz.

Intuí esse enredo em duas ocasiões. A primeira quando, em uma recepção no Palácio, observei Fidel cercado por um grupo de atiçadas venezuelanas que exibiam belos decotes nos vestidos justos. Perguntas tantas, curiosidades, risos, ele ali envolto mais de uma hora, com um solitário e permanente cálice de Martini branco na mão, até que soltou uma frase como um desabafo: "Todos os meus amores são platônicos! Todos os meus amores são platônicos!". Senti, de meu ângulo, que ele não era precisamente um contemplativo, mas que apenas pusera um freio às atrações.

Outro ano, no encerramento do Festival de Cinema de Havana, no Palácio, encontrava-me de novo por perto, com ele conversando junto aos chilenos Elizabeth Menz e Miguel Littín, quando pediu a um ajudante que lhe trouxesse "flores de Célia". Vieram duas palmas que ele, em seguida, me presenteou, em um gesto de cavalheiro espanhol. Senti que começava ali a compreendê-lo, quem sabe pudesse narrar um dia sua história.

Com Célia ausente, vários personagens assumiam partes de seu papel. O médico José Miyar, conhecido pelo apelido de Chomy, passou a chefe de gabinete de Fidel, enquanto a secretaria pessoal, que Célia acumulava, veio a ser compartilhada por membros do chamado Grupo de Apoio ao Comandante-em-Chefe, na maioria jovens.[1] Como seu ajudante principal, permanecia o

comandante Jesús Montané, fundador, como ele, do Movimento 26 de Julho (M-26).

Uma das prioridades dos afazeres no gabinete é manter Fidel pontualmente informado, alimentando a sua natural visão de largo alcance político. Ele recebe diariamente uma síntese das notícias das agências de imprensa e das principais publicações internacionais, confeccionada como um boletim-guia, separado por áreas de seu interesse. O trabalho de preparação desse boletim, além de exigir especialização, implica muita perspicácia sobre o ser de Fidel. É, portanto, a prerrogativa da seleta equipe da secretaria pessoal, pela qual transitam muitos informes confidenciais, alguns procedentes da Segurança do Estado, ou investigações de circuito interno para uma limpeza de redação, a serem encaminhadas a Fidel. Se ele resolve fazer anotações ao boletim, mudanças em textos e, eventualmente, redigir, como as fichas para um discurso, usa a tradicional máquina de escrever ou os faz à mão, pois o seu lado conservador ainda não o liberou para sentir-se à vontade com o computador e a Internet.

* * *

Ao iniciar-se a década dos 80, uma pesada hostilidade reincidia sobre as relações entre Cuba e Estados Unidos. Assim que as pesquisas apontaram a vitória folgada do republicano Ronald Reagan sobre o Presidente Jimmy Carter, que tentava a reeleição, Fidel instituiu milícias de combate através do país. Seguro do aval do povo, declarou que, em caso de invasão, "as tropas inimigas poderiam entrar, mas não encontrariam saída, como as de Napoleão na velha Rússia..."

Confirmada a eleição de Reagan, milhares de cubanos convergiram à sede do escritório de interesses norte-americanos em Havana, apinhando a Avenida do Malecón de ponta a ponta, na maior passeata popular capitalina realizada até então. A multidão, estimada em 1,5 milhão de pessoas, protestava contra a intensifi-

cação de desembarques de homens e apetrechos militares na área de Guantânamo, da retomada dos vôos de espionagem SR 71 e reclamava o respeito à soberania dos países centro-americanos.

No entanto, havia, internamente, os não-convictos do regime, desejosos de uma sociedade liberal e de folgado consumo, como nos Estados Unidos, sem as limitações do socialismo e os esquemas soviéticos. Nos últimos anos vinha se produzindo um aumento das saídas ilegais, nunca firmemente reprimidas pelas autoridades e impulsionadas pela franquia com que os cubanos eram recebidos na Flórida. De vez em quando, o êxodo era acompanhado de acidentes e afogamentos no mar, com grande publicidade, ou dos seqüestros e roubos de meios de transporte, aviões e barcos.

Subitamente, em março de 1980, grupos de cubanos correram às embaixadas da Venezuela e do Peru, penetrando nelas à força, a fim de conseguir a liberação de vistos. A seguir, foi comunicada a morte de um policial que custodiava a embaixada peruana. Como os grupos eram abrigados nas sedes diplomáticas sem grande obstáculo, em nome do direito ao asilo, Cuba se via pressionada a conceder as autorizações de saída. No exterior, afirmava-se que a Revolução era a causa da pressão pelo êxodo, ao que Fidel rebatia que a maior motivação era a pobreza a que a América Latina havia sido condenada, exemplificando com a onda de exilados do Haiti, onde não se constatavam conflitos políticos ou militares.

Fidel concluiu que Venezuela e Peru estavam em conluio com as autoridades norte-americanas. Por outro lado, ele consentia na idéia de que a problemática do exílio representava, de fato, um *handicap* em favor do seu adversário, os Estados Unidos, e decidiu inverter o placar. Primeiro avisou os governos das representações diplomáticas invadidas que, de sua parte, nada lhe custaria liberar um porto, como havia feito com o de Camarioca nos anos 60, e que não mais poderia fornecer proteção aos que não colaboravam com a própria salvaguarda. Acrescentou que a

atitude condescendente incitaria novas violações, mais ainda quando se sabia que os vistos estavam sendo outorgados aos que usavam de violência, mas não aos que os solicitavam em ordem. Nos dois dias subseqüentes à emissão da ordem de retirada da vigilância das sedes diplomáticas, afluíram mais de 3 mil pessoas, de Havana e outras cidades, ao pátio e às imediações da embaixada do Peru.

O governo cubano instalou por perto um posto da Cruz Vermelha, com alimentos, serviços médicos e de higiene. A aglomeração cresceu até dez mil pessoas, um número que podia ser calculado pelas porções de refeições entregues.

Ao se darem conta da quantidade de "lumpens" e indivíduos anormais entre os concorrentes, os representantes dos respectivos governos começaram a cortar a entrada. Peru mencionava a hipótese de receber uns mil; a Espanha uns 500 e os Estados Unidos, até dois mil, embora nada fosse oficializado. Acampados em meio à balbúrdia, à espera da vez, alguns já renunciavam a solicitar o asilo.

Concentração no porto de Mariel, 1980

Sem enxergar um real desenlace do caso a curto ou a médio prazo, Fidel decidiu liberar o porto de Mariel, removendo toda e qualquer restrição aos que quisessem emigrar. Providenciava um expurgo pacífico, apavorando o Presidente Carter em seu fim de mandato. Os apelidados de "marielitos" seguiriam aos borbotões. Em 21 de abril, muitas embarcações da Flórida chegaram ao porto cubano, prontas para levar os que desejassem, por conta do florescente negócio do traslado ilegal. Fidel comentou:

"Agora estão levando os anti-sociais. Naqueles primeiros anos, escancararam as portas aos técnicos, intelectuais, engenheiros, professores e médicos... Infelizmente, não podemos lhes oferecer a reunificação das famílias aqui, pois o país vive uma batalha pelo seu desenvolvimento…"

Criava-se a ponte marítima Mariel-Flórida, por onde passariam ao redor de 125 mil pessoas. No dia 26 (do mesmo abril), o governo norte-americano informava a decisão de discriminar as entradas dos refugiados, mediante uma seleção; e apelava a setores dominantes em Miami a não estimularem o êxodo, pois estavam fazendo "o jogo de Fidel Castro".

Entre 4 e 15 de maio, chegaram 8.427 embarcações, levando, em seu conjunto, uma boa parte do "lúmpen" cubano e uma outra menor de pessoas com antecedentes de delito comum e político. O fluxo de "marielitos" era já qualificado de intolerável pelas autoridades estadunidenses, que ordenaram a suspensão das viagens. Ainda em maio, houve manobras militares norte-americanas no Caribe, coincidindo com uma reunião dos países do Pacto Andino – dois deles co-protagonistas do incidente diplomático – para a conformação da "força de paz" para debelar a insurgente América Central.

Concebia-se, paralelamente, a nova estratégia para Cuba, com a criação da Fundação Nacional Cubano-Americana (FNCA), promovida por Richard Allen (assessor de Segurança Nacional dos Estados Unidos). Dirigida pelo cubano Jorge Más Canosa, a

FNCA tinha por objetivo conformar um lobby no Congresso e influir sobre órgãos de opinião pública, com uma inflamada retórica contra Cuba. A iniciativa esfriou o começo da discussão bilateral sobre o tema migratório, com duas reuniões – uma em dezembro de 1980 e outra em janeiro de 1981 –, em que a parte cubana passou a ser representada por Ricardo Alarcón (vice-ministro de Relações Exteriores), em missão na Organização das Nações Unidas (ONU).

O assunto só veio a se resolver em 1984, culminando com um acordo, para o qual contribuiu, em grande medida, o chamado problema dos cubanos "excluíveis" (indesejáveis ou excluídos) em território norte-americano. Eram uns três mil ex-"marielitos" que cometeram crimes nos Estados Unidos, por necessidade ou por vício, sendo muitos deles presos. As autoridades norte-americanas solicitavam a sua repatriação desde maio de 1983, mas Fidel resistia, cobrando o redimensionamento de toda a questão migratória, prévio a qualquer medida.

Em fins de junho, durante a visita do reverendo Jesse Jackson (candidato à indicação pelo Partido Democrata à Presidência dos Estados Unidos) a Havana, a seu convite, Fidel aceitou discutir sobre o regresso dos "excluíveis", assim como liberar 22 presos norte-americanos e 26 contra-revolucionários cubanos, que viajariam com Jackson a Washington. O reverendo, defensor da normalização das relações, esperava poder resolver outros casos de opositores libertos em Cuba, que não recebiam vistos de entrada nos Estados Unidos. Ao regressar, consultou o republicano Walter Mondale, o seu contendor, que se pronunciou favoravelmente ao debate. Quanto à postura do líber cubano ante a gestão de Jackson, apresentava uma significativa alteração, já que nos últimos tempos não acedera à liberação de qualquer preso norte-americano, em conseqüência das acusações de envolvimento de Cuba com o tráfico de drogas e da retomada dos seqüestros de aviões.[2] No diálogo com o reverendo, ressaltara que o tema do exílio não devia se converter em uma peça de campanha eleito-

ral, como de hábito, razão que o levava a adiar a posição sobre os "excluíveis" para depois do mês de novembro.

Enfim, Fidel ia atingindo um certo estado proveitoso na questão migratória com os Estados Unidos, já que desejava o fim das saídas ilegais, de sua manipulação política e implicações ideológicas. Formalmente, assentara o direito de emigração a todos os cidadãos cubanos, ainda que na prática persistissem travas. Seguiram-se encontros entre representantes dos dois governos, em julho e agosto, em meio à "diplomacia das notas", onde Fidel reclamava das emissões radiofônicas dos Estados Unidos para Cuba, de contrapropaganda, especificamente da estação inaugurada com o nome Rádio Martí. O debate, afinal, se concluiu em 13 de dezembro, com um comunicado conjunto:

"Os Estados Unidos restabelecerão a expedição de vistos preferenciais de imigrante a cidadãos cubanos residentes em Cuba... em especial, a familiares imediatos de cidadãos norte-americanos e de cubanos com residência permanente nos Estados Unidos... pais, cônjuges e filhos solteiros menores de 21 anos... e ainda outros que cumpriram pena por crimes contra a Segurança do Estado (...) que se qualifiquem conforme as leis norte-americanas (...), fazendo o máximo aproveitamento de um número de até 20 mil imigrantes por ano.... Cuba, de sua parte, aceitará a devolução daqueles cidadãos cubanos que chegaram aos Estados Unidos em 1980, procedentes do porto de Mariel, e que foram declarados inadmissíveis a permanecer legalmente nos Estados Unidos..."

Passados 26 anos, era alcançado um acordo satisfatório sobre emigração. Todavia, no ano seguinte, ao começar a vigorar, foram concedidos apenas 1.227 vistos do total fixado (20 mil), enquanto Fidel começava a receber, por etapas, os 2.746 "marielitos excluíveis", muitos acometidos de doenças graves, saídos de prisões norte-americanas. Sobre alguns deles, enfermos mentais, ele fez questão de assinalar que, dos hospitais ou de centros de recuperação de Cuba, não haviam saído naquelas condições, a não ser

que pedidos por algum parente, sem serem registrados no meio do êxodo geral.

Para a América Central, não havia trégua. Maurice Bishop, o primeiro-ministro de Granada, viera a público denunciar planos de eliminação “de todos os líderes progressistas centro-americanos e caribenhos”.[3] Em 1983, a ilha de Granada, um Estado das Pequenas Antilhas, encontrava-se prestes a provocar um novo estrondo na região, espalhando divisões nos demais países.

Quando Bishop realizou uma escala em Cuba, vindo da Hungria e da Checoslováquia, para uma conversa com Fidel, não se referiu à existência de atritos políticos em seu país; mas o certo é que vinha evoluindo um sério conflito na direção e no seio do partido governante de Granada, o Movimento Nueva Joya, de orientação comunista. Dias depois, a embaixada cubana em Granada informava sobre as divisões. Em seguida, o próprio Bishop comunicou ao líder cubano da gravidade de algumas discordâncias acentuadas na sua ausência. Em poucas horas, seus oponentes conseguiam o apoio da maioria do partido, de setores do Exército e de Segurança, e o destituíram, decretando sua prisão domiciliar. Apresentava-se, por outra parte, o acontecimento como o advento ao poder do grupo de comunistas ortodoxos fiéis a Cuba.

No dia 15 de outubro, Fidel enviou uma mensagem ao Nueva Joya. Demonstrava preocupação sobre os prováveis danos ao processo revolucionário e à imagem do país, explicitando a intenção de abster-se. O impasse durou vários dias, mas a população estava ao lado de Bishop e clamava por seu retorno. Dia 19, um grupo de ativistas anunciou uma greve geral e ocupou uma instalação militar. Outros entraram na residência de Bishop para liberá-lo. À tarde, ele foi declarado morto, quando tropas do exército dispararam contra amotinados na zona em que ele se encontrava.

Ao saber do falecimento de Bishop e de vários de seus colaboradores, Ronald Reagan determinou providências para o país caribenho. Do lado de Fidel, as relações com os novos diri-

gentes, que, afinal, provinham da mesma organização de seu amigo Bishop, tornavam-se frias, de certo modo tensas. Dois dias depois, forças norte-americanas surgiam em águas próximas à ilha de Granada.

Ante o perigo de invasão, os granadinos solicitaram a colaboração de Cuba, mas Fidel insinuou dificuldades para concedê-la. Ali, no entanto, já se encontravam muitos cubanos, concluindo obras do aeroporto civil ou colaborando em outros campos, como na pesca e na saúde, que possuíam apenas armas ligeiras, de infantaria, que Maurice Bishop lhes fornecera para uma eventualidade de defesa. Em 22 de outubro, Fidel enviou aos seus diplomatas e cubanos em missão em Granada, a seguinte mensagem:

"Em momentos em que se aproximam os navios de guerra norte-americanos… compreendo o amargo que é, para vocês, como para nós aqui, arriscarem a vida dos compatriotas. (...) Não é o novo governo de Granada que devemos ter em mente, mas Cuba, a sua honra, o seu povo e a sua moral combativa… Se os Estados Unidos intervierem, se formos diretamente ataca-

Com médicos internacionalistas, Havana

dos – repito: se atacados diretamente –, devemos nos defender energicamente, como se fosse em Cuba, na zona de nossos acampamentos e nas áreas de trabalho próximas… Se os ianques desembarcarem na pista próxima à universidade para evacuarem seus cidadãos, não interfiram em absoluto… Os assessores do exército e do Ministério do Interior (MININT) devem continuar aí, até nova ordem, para receber informação e tratar de influir positivamente na conduta do exército e órgãos de segurança… e colocar no primeiro avião crianças e pessoas não indispensáveis aos serviços e ao trabalho essenciais…"

Fidel pedia ainda que se transmitisse à direção granadina: os colaboradores cubanos eram muito poucos para serem tomados como fator de importância militar; um envio de reforços seria impensável pela situação criada após a morte de Bishop e seus aliados; e que não esquecessem que uma resistência sólida e eficaz contra tão potentes invasores seria impossível sem a participação popular, que porventura só seria resgatada quando as responsabilidades sobre os erros e crimes fossem esclarecidas. Em se tratando de uma questão entre caribenhos, o Comandante evitava qualquer passo que pudesse justificar a invasão de Granada ou a guerra com Cuba.

Delegações dos 12 países de fala inglesa no Caribe e a colônia britânica das Bahamas reuniram-se para discutir o apoio à intervenção militar norte-americana, mas não alcançaram consenso. Fidel propôs aos granadinos reagirem, com gestões políticas e diplomáticas rápidas, para impedir a intervenção, mas esta foi decidida pelo Presidente Reagan no dia 23. Uma mensagem da embaixada cubana no Panamá a Havana, na noite do dia 24, assinalava:

"(...) Segue a nota de Noriega ao Comandante-em-Chefe: Por nosso intermédio, as autoridades norte-americanas, especificamente o vice-Presidente George Bush, afirmam não desejar o enfrentamento com as tropas cubanas e oferecem saída ao contingente cubano, com segurança, e todos os pertences..."

No amanhecer do dia 25, Exército e Marinha dos Estados Unidos atacavam Granada, junto com 300 soldados provenientes de Barbados, Jamaica, Dominica, Antigua, Santa Lucia e San Vicente, como escudo político, em distintos pontos. Horas depois, um contingente avançou sobre as instalações cubanas e deu-se o combate. Os homens ali dispunham de pouca munição, mas Fidel considerou inviável a evacuação do pessoal. À tarde, através do escritório de interesses em Cuba, o governo norte-americano lamentou a ocorrência do confronto, dizendo que havia sido produto da confusão e da "circunstância da presença de cubanos em locais próximos à área de operação das tropas multinacionais".

Em Granada havia 784 cubanos, sendo 636 trabalhadores de construção e 43 militares. Desse total, 24 foram mortos. Com a invasão efetivada, Fidel declarou: "Não há nem sequer um novo governo em Granada. Estamos dispostos, inclusive, a terminar o aeroporto e continuar com a nossa colaboração..."

No dia 2 de novembro, a embaixada de Cuba foi cercada e dado um prazo de 24 horas para que todos os cubanos abandonassem o país. Fidel refletiu sobre as raízes do episódio de Granada:

"Os que conspiraram contra Bishop no seio do partido, do exército e da segurança, eram um grupo de extremistas, intoxicados de teoricismo político? Impossível saber se quem cravou o punhal do divisionismo e do enfrentamento interno o fez por conta própria ou instrumentado, de alguma forma, pela própria CIA, imputando a Bishop a prática do culto à personalidade e o erro de se apartar dos métodos leninistas..."

Desconfiou mais por um pequeno dado: menos de 15 dias depois de se revelarem as discórdias internas, a invasão foi decidida. Fidel identificava, mais uma vez, a curiosa conexão entre a linha dura do *establishment* e os que assumiam, às vezes na aparência, posições extremistas de esquerda.

Inaugurando o Hospital Camilo Cienfuegos

CAPÍTULO 45

Com Carlos Lage, presidente da FEU, e Jorge Lezcano, secretário do PCC em Havana

À cata das divisas

Dentro de Cuba, apesar do modelo soviético adotado, que parecia inconteste, a economia socialista preservava problemas. As restritas condições socioeconômicas, segundo Fidel, explicavam a reprodução do lúmpen – que vivia em apertados cômodos, em situação de promiscuidade –, originando

comportamentos ilícitos, ainda que em nenhum bairro faltassem escolas, água ou assistência médica.

Pelo país, Fidel vinha realizando mais um de seus proselitismos contra o vício da "acomodação" ante as dificuldades:

"Não nos damos conta de que temos uma luta diária, incessante, em que a palavra número um, fundamental, é a exigência – exigência! Que se acabe a embromação, o compadrio, a tolerância – que se acabe! E isso tem que ser na administração do Estado, nos Poderes Populares, no nível das províncias e municípios! (...) "[1]

Lamentava a ingenuidade de se haver criado um regime de garantias para o delinqüente. Na premissa de que o sistema era justo em essência, generalizou-se a idéia de que os seres humanos naturalmente retribuiriam com esforços, hoje ainda ou quem sabe amanhã. Uma providência tomada foi a de diminuir o funcionalismo, sendo os trabalhadores alocados para atividades produtivas. Outra, a decisão de importar uma quantidade de bens indisponíveis no mercado interno, como equipamentos de melhor tecnologia, além de um mero paliativo, gerou o endividamento de Cuba junto às instituições financeiras do ocidente europeu. Fosse através da oferta maciça de bônus ou prêmios por boa produção, ou transferindo operários que não rendiam a outros setores, os sintomas da estagnação não cediam.

Sem o aumento do conjunto da produção, reiteravam-se a carência e os desvios. Como agravante, uma seqüência de pragas – a "roya de cana", o "mofo azul" e a "febre africana" – veio deteriorar os canaviais, quase a totalidade da área tabaqueira e a pecuária. De maio a setembro de 1981, uma epidemia de dengue hemorrágica se estendeu por todo o país, afetando mais de 350 mil pessoas.

Outras infecções, por agentes químicos tóxicos, atacaram várias aldeias. Fidel obteve indícios de que os incidentes se deviam à "guerra biológica do inimigo", embora não pudesse comprovar, tal como fora empregada durante a guerra do Vietnã,

sendo que agora o objetivo desse "inimigo" seria denegrir os progressos na medicina e nas investigações científicas, que poderiam livrar Cuba do clássico diagnóstico do subdesenvolvimento.

O bloqueio era um grande adversário. Uma empresa mista (a Lucaba, Estados Unidos-México) precisou expedir uma autorização especial para exportação de um medicamento, dotado de um componente fabricado nos Estados Unidos, para que, através da Bayer, ele pudesse ser vendido com urgência a Cuba. O "malathion" precisou vir de avião e, para Cuba, o preço do transporte da tonelada era 3,5 vezes maior. O próprio sistema do Conselho de Assistência Mútua Econômica (CAME), o mercado comum socialista, também causava empecilhos. Para obter as aparelhagens de dedetização, na Hungria, era preciso esperar o outro plano qüinqüenal, porque no anterior não havia sido previsto.

Não obstante as dificuldades, apontava-se em Cuba o crescimento do produto social global, por conta de algumas indústrias e do conjunto das safras, a partir da modernização das usinas açucareiras. Do Brasil, chegou a Fidel a sugestão de utilizar o álcool como combustível, como forma de poupar petróleo – o gerador básico da energia gasta no país –, mas ele disse que Cuba não podia dar-se ao luxo de destinar nem um hectare de cana para a produção de álcool para transporte.

Nas resoluções do II Congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC), o acento temático permaneceu sobre a formação e o desenvolvimento técnico-científicos. Na saúde, registrava-se uma taxa de mortalidade infantil inferior à de alguns países desenvolvidos – 18,5 por mil nascidos –, com vacinações em massa, como contra a meningite, além dos baixos índices de mortalidade materna e altos na debelação de doenças infecto-contagiosas. Outros avanços eram no campo químico-farmacêutico, com descobertas como a do Interferon, destinado ao tratamento de alguns tipos de câncer e enfermidades virais, a Melagenina – derivada da placenta humana para a cura do vitiligo –, o tratamento eficaz da retinose pigmentária, a obtenção do fator de crescimento

epidérmico e o policosanol (PPG) para problemas cardíacos, além de sucessos reconhecidos nos transplantes e vacinas.[2]

Fidel tornava-se um garoto-propaganda das descobertas da medicina, e do PPG em particular, frisando seus atributos para a resistência física e sexual. No Palácio, em companhia de um grupo

de artistas brasileiros, Fidel e o então diretor de publicidade da TV Bandeirantes, Ricardo Gimenez, quase no mesmo instante, pediram licença para se afastarem. Soubemos depois que Gimenez perguntara ao cubano, no sanitário, se era mesmo verdade que o PPG era afrodisíaco, o que lhe foi confirmado com ênfase.

Nas pesquisas científicas, já era relevante a participação das mulheres. Fidel, articulando um discurso feminista, aborda-

Com artistas brasileiros, da esquerda para a direita: no alto, Monique Curi, Denise Sarraceni, Aracy Balabanian, Ricardo Gimenez, Edney Giovenazzi; em baixo: Ariclê Perez, Conceição Senna, Beth Carvalho, Liège Monteiro, Ney Matogrosso, e Bayard Tonelli. (Foto da autora)

va a discriminação como relativamente superada, devido a uma política específica para o gênero e a uma maior liberdade sexual, observando-se uma miscigenação ascendente e liberada no país.

"Vou buscando as mulheres aqui e lá, lutando contra os preconceitos que ainda subsistem...", comentou. "Mas se deixarmos a questão às leis que vigoram no capitalismo, dedicar-se-ão a trabalhar em bares, a serem prostitutas ou a mulheres de seus maridos, como antes... em que uma mulher divorciada era condenada ao desprezo..."

Em função da "dupla jornada" das mulheres, eram-lhes concedidas licenças ocasionais, dentro do horário de trabalho, para que pudessem resolver assuntos pessoais ou domésticos.[3] O único malefício da emancipação era a tendência aos casamentos precoces, sobretudo na área rural.

A URSS restabelecia os compromissos com Cuba, com expectativas de aumento do volume de intercâmbio comercial no qüinqüênio 1981-85. Mas, na prática, muitos anseios e propostas não mostravam resultados.

A ressaltar, a decisão de instituir o "mercado livre camponês" como solução, ao menos temporária, para minorar a insuficiência crônica de produtos necessários e para inibir o "mercado negro", acabou gorando. Os pontos de venda destinados aos cultivadores privados tornavam-se focos da especulação de "intermediários", um grupo socioeconômico emergente. Eles compravam os produtos das empresas estatais e os revendiam com um alto preço aos consumidores, atravessando a morosa distribuição estatal.

Em um outro tipo de mercado existente, o "paralelo", também se vendiam caro os produtos que eram escassos e necessários à população, como o alho, e os supérfluos desejados, como rum, cigarros, tabaco e cerveja, mas, nesse, o abastecimento era gerenciado diretamente pelo Estado. Já o comércio particular, às vezes eventual ou de improviso, ia conformando uma categoria de vendedores ambulantes, popularmente chamados "merolicos", que com artefatos tirados dos armazéns estatais por seus "sóci-

os", fabricavam outros, como bijuterias, a partir do material plástico das escovas de dente. Vendiam bem e só não se podia acusá-los, como a muitos trabalhadores do Estado, de pouco espírito inventivo ou de negligência.

Fidel já criticou o "mercado livre" quando começou a funcionar, meio contra a sua vontade. Nele, via um foco de distúrbio, não de avanço, ao menos naquele momento. Adiante resolveu extinguí-lo, pensando em estabelecê-lo em um futuro mais próspero, sobre outras bases , onde se venderiam os excedentes das cooperativas e granjas estatais, isto é, uma parte de produção que sobrasse não comprometida com o abastecimento da "libreta" – a cota fixa de bens e produtos para cada núcleo familiar – e os serviços públicos. Qualquer solução, para vingar, dependia de um maior grau de desenvolvimento – e este de soluções, retomando-se o círculo vicioso. Ampliar o sistema de cooperativas poderia ser um gerador de riqueza, mas Fidel era mesmo partidário da produção estatal em larga escala, para atender aos compromissos de exportação.

Na carência, administradores e empregados deixavam-se subornar, formando uma rede de "sócios" que controlavam lugares nas filas para aquisição de bens nos armazéns do Estado, quando não começavam a desviá-los às escondidas, furtando-os. Formas de "trabalho por conta própria" nasciam, quase espontaneamente, como o artesanato de cabides de roupa, porque haviam desaparecido das lojas.

Como muitas empresas não rentáveis não eram fechadas, nem se despediam os trabalhadores, o Estado cobria as perdas e subsidiava as atividades. Ao problema da hipertrofia do funcionalismo, articulava-se o abuso na cessão de folgas e licenças, com administradores viciados no "faço constar" e no desleixo. Muitas empresas apresentavam-se produtivas porque os burocratas alteravam os relatórios, inventando valores. Em um armazém, um cartaz recomendava em confiança: "Companheiro, o que for levar, favor anotar no livro..."

Em fevereiro de 1983, foram enxugadas algumas empresas deficitárias. Certas fábricas foram paralisadas por um período indeterminado, por não receberem as matérias-primas, sendo declarada a "interrupção" dos seus operários.

Materiais para indústrias, equipamentos e peças de reposição, combustível, remédios, alimentos e bens de consumo necessitavam ser adquiridos em "divisas" (dólares), fora da área do CAME. Preservar este fim, em um Estado com gastos de amplo espectro, era uma acrobacia financeira, sendo a cada ano mais indispensáveis os créditos da URSS.

Por ocasião do Segundo Congresso, Fidel instituiu um secreto departamento "MC" (Moeda Convertível), sob a gerência de oficiais do Ministério do Interior (MININT), destinado a encontrar meios para trazer os produtos e bens necessários ao país. Sua intenção, no fundo, era romper, pouco a pouco, a dependência da URSS e a malha do bloqueio. O Panamá, do general Noriega,

Na exposição de Ciências dos pioneiros, 1980

serviria como intermediário e base para essas operações comerciais, de maneira prudente. Em 15 de fevereiro de 1982, foi promulgado o decreto-lei nº 50 “sobre associações econômicas entre entidades cubanas e estrangeiras”, que introduziu a permissão para inversões estrangeiras no país.

Durante uma reunião do CAME, em Cuba, em outubro de 1984, os soviéticos declararam que não poderiam mais continuar com “a torneira aberta de recursos”. Impraticável também, afirmaram, era continuar responsabilizando-se por saldar a dívida que Cuba contraíra com os países ocidentais. A grande URSS via desabar uma hecatombe em seu sistema e não possuía instrumentos para freá-la. Na Polônia, o regime já havia caído, por contradições internas e pelo trabalho da inteligência do bloco oposto. O modelo econômico estancava, estarrecendo o CAME e Cuba, em diferentes planos. Uma orientação de emergência foi redistribuir as tarefas entre os países socialistas, como um sustentáculo à URSS, em uma antecipada socialização dos prejuízos.

Fidel, ao encerrar a sessão, pronunciou o discurso do pronto-socorro. Certamente, disse ele, a manutenção das taxas de crescimento se encontrava ameaçada, porque os gastos com a defesa eram grandes. Mas, no íntimo, sabia que dali teria que sair para perseguir desesperadamente os meios de curar os danos. Convocou a população à guerra econômica de todos, requisitando restrições ao consumo – e elogiou a URSS:

“Acordamos com os soviéticos as entregas de combustível de1986 a 1990, e tudo o que pouparmos se converterá em divisas. (…) Assinamos com os soviéticos os planos de cooperação até 2000. Não podemos hipotecar nosso futuro por caprichos de consumo... Há que deixar de lado todo subjetivismo…”

Bem poucos, entre eles Fidel – e o finado “Che” Guevara em seu tempo –, preservaram a noção, no retiro de suas mentes, de um provável colapso do campo socialista em um futuro, apesar dos sentenciosos manuais. Na conjuntura em questão, sobre o desvio das “cópias mecanicistas” do sistema da URSS, a face

paternalista do Estado ressaltava à tona, exagerada, embora exaustivamente verbalizada por Fidel. Mas para os problemas não se encontravam respostas. Perguntava-se, então: onde existiriam? O Comandante revisitava na mente, quase por instinto, seu parceiro "Che" Guevara, que lhe dissera, após aquelas primeiras viagens de observação pelo Leste Europeu, que os procedimentos lá assumidos não expressavam um processo comunista.

Surgiam, contudo, compensações na nova jornada de sacrifício. Fidel foi homenageado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), com mais uma medalha por haver parado de fumar. Em uma carta circular, a organização havia solicitado aos Presidentes de todos os países do mundo que dessem exemplo e abandonassem o tabagismo. O cubano foi o único, o mundo inteiro desacreditava. A ação pessoal e dramática – deixar de fumar – implicava abdicar dos "puros"; mas o educando jesuíta dispôs-se de fato, degrau em degrau, à renúncia. Sua última baforada foi em um belo Cohiba, em 26 de agosto de 1985. Os charutos cubanos também perderam o seu melhor garoto-propaganda, em fase da cata desesperada por dólares.

Antevendo o que se apresentaria no caminho, foi atrás de ânimo. Pediu pessoalmente a Mário Vazquez Reña, Presidente da ODEPA, que considerasse seriamente Cuba como uma opção para sediar os próximos Jogos Panamericanos – o que, aliás, Fidel vinha perseguindo desde 1982. Mas depois que o comitê olímpico cubano declarou que não participaria das Olimpíadas de Los Angeles, em solidariedade aos países socialistas, considerando-se o boicote que os Estados Unidos haviam feito às últimas ocorridas em Moscou, a possibilidade sumiu de vez. Em fins de 1984, Fidel reclamou com Vazquez Reña e com Juan Antonio Samaranch, Presidente do Comitê Olímpico Internacional, pela outorga da sede a Indianápolis, em uma votação surpreendente e duvidosa.

Mas as feridas e os obstáculos não o inibiam. Na maturidade, aprofundando suas leituras de Hemingway, mais entendia os meandros de uma luta irregular, além de havê-la conhecido na prática.

Um caminho que se impõe

Oscar Niemeyer

Fidel é, sem dúvida, uma das figuras mais importantes do século XX. Um dia quem sabe teremos que segui-lo. A Revolução Cubana é um exemplo. É o caminho que se impõe, quando a vida se degrada e a esperança foge do coração dos homens. A última vez que encontrei Fidel foi em Niterói, no Rio de Janeiro, quando ele visitava o museu que projetei lá. Tenho um vídeo sobre essa visita. Como me honra e agrada vê-lo me abraçar afetuosamente e ouvir as palavras generosas que disse a meu respeito! Certo dia, ele me pediu que projetasse um monumento de protesto contra o bloqueio norte-americano a Cuba. Diante do projeto que fiz e lhe apresentei, numa de suas visitas ao Brasil, ele, satisfeito, exclamou: "Vou construí-lo na praça em frente à embaixada dos Estados Unidos em Havana!". Nesta biografia, a que dedicou nove anos de trabalho em pesquisas e entrevistas, Claudia Furiati se empenhou a fundo para deixar à posteridade a história mais completa e precisa possível da vida deste grande homem.

No MAC (Museu de Arte Contemporânea), com Niemeyer e o prefeito de Niterói, Jorge Roberto Silveira, quando da inauguração da exposição "40 anos da Revolução Cubana"

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO II - DO SUBVERSIVO AO ESTADISTA

Editora Revan

FidelCastro
UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA
TOMO II - DO SUBVERSIVO AO ESTADISTA

Claudia Furiati

FidelCastro

UMA BIOGRAFIA CONSENTIDA

TOMO II - DO SUBVERSIVO AO ESTADISTA

1ª Edição

Editora Revan

Coordenação Geral
Nei Sroulevich

Projeto Gráfico e Capas
Fernando Pimenta

Revisão
Heloiza Gomes

Diagramação e Editoração
Domingos Sávio

Fotos e Ilustrações Gráficas
Todas as fotos e ilustrações gráficas da presente edição foram gentilmente cedidas pela Oficina de Assuntos Históricos do Conselho de Estado da República de Cuba, incluindo as dos fotógrafos cubanos Alberto Korda, Libório Noval, Raúl Corrales e Osvaldo Salas; pelo jornal Juventud Rebelde, de Havana; pela Agência Noticiosa Prensa Latina (PL); e pelos fotógrafos brasileiros: Magno Mesquita, Evandro Teixeira/AJB, Wilson Dias/Radiobrás, Luiz Antonio/ Agência O Globo, Acervo-AE; e divulgação do Palácio da Liberdade.

Fotolitos
Imagem & Texto Ltda.

CIP-Brasil, Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Furiati, Claudia, 1954 - Fidel Castro, Uma Biografia Consentida / Biografia
I Tomo: Do Menino ao Guerrilheiro - 576p.
II Tomo: Do Subversivo ao Estadista - 480p.

ISBN

In memoriam

A Jesús Montané Oropesa e
Manuel Piñeiro Losada,
chaves de realização
desta obra que não
puderam ver concluída.

Sumário

TOMO II

PARTE VII Começaria Tudo Outra Vez

Discursando em Havana

PARTE VII

Começaria Tudo Outra Vez

Com o pintor equatoriano Oswaldo Guayasamín (à esquerda)

CAPÍTULO 46

Com Mercedes e "Gabo" (Gabriel García Márquez), 1983

Do dia em que o capitalismo desaparecer

Gato difícil de agarrar, Fidel não pretendia, por enquanto, fazer outra corte às Nações Unidas. No campo dos organismos internacionais, só sentira de fato um certo compromisso com a Organização Mundial da Saúde (OMS), que reconhecia os méritos do regime cubano.

A economia não funcionava, mas tal certeza era apenas uma suspeita até 1984. Fidel vinha experimentando formas para salvá-la, com a única vantagem de operar em uma pista de obstáculos já conhecida. Um novo ajuste entre os preços do açúcar e do petróleo, entre Cuba e URSS, por motivo da forte queda de ambos no mercado mundial, não pôde sequer suavizar o agravamento do quadro.

Cuba já devia a mais de cem bancos, em sua maioria por empréstimos de curto prazo. Fidel buscava se entender com os credores, solicitando que não agregassem obstáculos à disposição de negociar; mas, por força do bloqueio, era inevitável os Estados Unidos tentarem impugnar os prováveis acordos. O governo Reagan impediu a renegociação de Cuba com Japão, Inglaterra, França, Itália e a República Federal Alemã, com quem o país abria mercados para o níquel; além de haver acirrado proibições à importação de equipamentos que contivessem ferro ou outro componente de origem cubana. Os últimos pedidos para refinanciamento – um fenômeno recente, sinal de insolvência –, haviam sido encaminhados por Cuba ao Clube de Paris e também diretamente aos governos que o integravam.

A fonte secou. Fidel continuava negando problemas com a comunidade socialista, dizendo que Cuba era imune à crise, mas os créditos comerciais e de inversão que recebia da URSS se revelavam uma dívida acumulada, sobre o continuado desequilíbrio da balança comercial entre os dois países. Como garantir a provisão das 11 milhões de toneladas de combustível necessárias a cada ano? Permanecia de pé, contudo, o pressuposto básico de Fidel para resolver o que conceituava como subdesenvolvimento e conformar a "sociedade revolucionária" – a formação educacional do povo.

Os problemas internos da sua Cuba, colados ao seu denso olhar humanista, arrastavam-no a se envolver com o mundo e insistir no tema de uma crise econômica universal. Como expressou em metáfora, a dívida externa do mundo dos pobres vinha

rolando “à velocidade máxima de uma bola de neve”, embora não perdesse de vista que a maioria daqueles despossuídos vivia penando sob um calor de mais de 30 graus, vários meses por ano.

Afinal, era preciso garantir a sobrevivência, aqui e acolá. Ele, então, cingiu-se de conceitos complementares à sua tese “por uma nova ordem”, cuja semente se plantara no ano de 1971 quando da reunião que mantivera com intelectuais e economistas da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), em Santiago do Chile, e cujo principal fruto saltou em 1979, com suas formulações na Organização das Nações Unidas (ONU).

De um certo ângulo, ao inventar a campanha pela “anulação da dívida externa”, expressando um subversivo desejo, sabia que provocaria a repreensão dos poderosos. Perigosa seria uma unidade em torno do tema:

“Não colocamos que um país isolado tome decisões, mas convocamos à ação conjunta de todos os países da América Latina e do Terceiro Mundo, para lhes dizer a forma em que se eliminará a dívida”, considerava Fidel.

Lógica do argumento: se a dívida era efeito de fatores externos, era chegada a hora de inverter a iniciativa dos embates, simplesmente não entregando o dinheiro – uma mera deferência às inúmeras riquezas sugadas das antigas colônias, instrumento do desenvolvimento alheio. Acrescentava-se o quinhão das malversações financeiras, as contas excusas e o desperdício de recursos. Além do mais, elocubrava Fidel, uma fórmula de suspensão de pagamentos poderia se desatar de qualquer maneira, quando o desespero de algumas nações a ela os conduzisse.

“Dez anos, 20, com as mãos estendidas pedindo! Isso cansa, esgota. Então, planejamos pôr as mãos no bolso. Não daremos nada... Greve geral para com os devedores! Se não impusermos, não vão conversar! Não podem bloquear o Terceiro Mundo, porque se autobloqueariam automaticamente; ficariam sem café, sem chocolate, matérias-primas e combustível…”[1]

Mesmo com toda essa radicalidade, Fidel, definitivamente, não considerava adequado, no momento, o projeto socialista para países subdesenvolvidos. Políticos em um campo paralelo ao seu interpretaram que ele até "atrevia-se" a propugnar uma variante de reprodução para o capitalismo. Em contrapartida à ameaça de uma ruína dos bancos, dizia ele, por que não converter uma parte dos bilhões – 30, até 40% – gastos na indústria armamentista, para estancar uma tão voraz dívida, ascendente a 360 bilhões de dólares? Para Fidel, acionar as economias em função desse pagamento, significava danificar os processos democráticos que se desenvolviam pela região sob uma ordem capitalista, embora a própria consciência da crise contribuísse para a "abertura". As Forças Armadas, pela América Latina, estavam em retirada do comando das nações, como mais uma decorrente do processo. Espremido pela incompreensão, a raiva ou a perplexidade dos outros, o que Fidel propunha era uma saída no âmbito financeiro, sem revoluções nem nacionalizações.[2]

"Vou correr o risco de que me acusem de salvador do capitalismo. E se tivermos que pagar esse preço para que prolongue sua vida por mais dez ou 20 anos, pagaremos com gosto...", expressou.

No âmbito do Sistema Econômico Latino-Americano (SELA), uma iniciativa de agregação regional por parte do Presidente mexicano Luis Echeverría, que incluía Cuba, havia sido debatida a idéia de uma moratória parcial ou total. Em 1984, criou-se ainda o Grupo de Cartagena, que não contava com a totalidade dos países da região, mas defendera uma proposta similar, anuindo ao diálogo com os grandes credores, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Eram raros os políticos que ousavam defender o calote, em aberto, até por temor de expressar o termo "moratória", o que Fidel explicava como uma espécie de "respeito místico" aos países desenvolvidos industrializados. Não obstante, em benefício deles, escoavam bilhões de dólares em cadência, apenas por parte da América

Latina. Os canais eram a elevação das taxas de juros e royalties, a supervalorização do dólar, a fuga de divisas e as conseqüentes perdas nas relações de intercâmbio, que se concretizavam em artifícios para captação de dinheiro, cobrindo o déficit público nos Estados Unidos, que em cinco anos (1980 a 1985) atingia 200 bilhões de dólares. Em caso de recusa aos pagamentos, por absoluta impossibilidade, o país era ameaçado de suspensão de créditos.

Como uma recomendação para encher o caixa, o FMI advogava programas de austeridade financeira e comercial. Em 1985, incluía o adendo pela queda das barreiras alfandegárias a movimentar os mercados. De sua parte, o Banco Mundial anunciava a iminente recessão global, a maior dos últimos 40 anos, frisando a conveniência dos grandes idealizarem melhorias para o relacionamento com o Terceiro Mundo. Em 4 de julho, quando chamada a um encontro com o governo norte-americano, a representação latino-americana ouviu novos conselhos para

Com o Presidente López Portillo, do México

neutralizar a crise, como abater os preços de importados, e uma promessa de decréscimo no valor das taxas de juros.

Em meados de julho, Fidel patrocinava em Havana a Conferência de Sindicatos da América Latina e do Caribe, com a presença de 330 dirigentes, a qual seria um prólogo ao seu recado maior. No final do mês, declarou aberta a discussão sobre a dívida externa da América e do Caribe, sobre "a nova ordem internacional e sua urgência". Não excluía do direito a participar do fórum nem mesmo os generais Alfredo Stroessner e Augusto Pinochet, respectivamente, governantes do Paraguai e do Chile, pois a conversa proposta não dizia respeito "apenas ao pai (Estados Unidos), mas igualmente aos seus filhos".[3] A essa grande reunião promovida em Havana, compareceram 1.200 representantes de forças políticas de diferentes matizes no Continente e mais 300 jornalistas. Na verdade, era esperada uma maior presença de figuras de peso, entre governantes e líderes de oposição, se considerado o trabalho desenvolvido pelos emissários do governo cubano a vários países no decorrer do ano, para o que em si era um desafio conjuntural e um tema bem espinhoso. Para completar, as companhias aéreas, por conta de expedientes do bloqueio, criaram muitas dificuldades para reserva e trâmite das passagens.

Usando de um apurado cálculo matemático, Fidel defendeu que a dívida era definitivamente "impagável" – mesmo com uma significativa queda dos juros e o aumento das exportações. Ateve-se à hipótese de limitar o seu pagamento a 10% da renda anual das exportações, segundo o defendido por Alan García, recém-eleito Presidente do Peru, em sua plataforma de governo. Também examinou uma variante com 20%, mas concluiu que, de qualquer modo, o problema seria apenas postergado. A dívida externa, nas suas palavras, era "um câncer que se multiplicava" e, se não extirpado, a América Latina ver-se-ia obrigada nos próximos dez anos a entregar 400 bilhões de dólares só pela via dos denominados "serviços" (juros e *royalties* da dívida). O bom senso apontava a necessidade de selar o consenso geral sobre o seu

cancelamento, antes que a crise atingisse o ápice. Fidel concluía sobre o perigo de o Primeiro Mundo cair "em sua própria armadilha", ao haver erguido um "castelo de cartas" financeiro que despencaria a um simples estalar de dedos. Na verdade, como sempre e desde antes, torcia pelo alvorecer do dia em que o capitalismo desaparecesse, que poderia estar mais próximo:

"Se eles tratarem de impor a cobrança da dívida e a conscientização do problema tiver chegado às massas, então, estaremos na ante-sala das revoluções... Se bloquearem, darão corda a um colossal movimento de libertação do Terceiro Mundo. Desatarão uma solidariedade maior do que a ocorrida quando do ataque inglês às Ilhas Malvinas...[4]

"Alguém, por aí, mostrou um artigo que afirmava 'Castro keynesiano'. Nem me lembrei que havia existido Keynes quando comecei a meditar sobre o assunto… Entre as duas teses pode haver uma certa coincidência, pelo fato de que o incremento do poder aquisitivo da massa de necessitados impulsionará o comércio, as exportações e o emprego; mas não se vai salvar o capitalismo. Pois o capitalismo não tem salvador possível!"[5]

O fenômeno da dívida externa, pelo verbo de Fidel, virava, em breve, um catalizador em todo o mundo, restando só operacionalizar sua meta da moratória – esta de sucesso bem menos provável. Mas de seu ponto de vista, decidi-la era vital à sobrevivência e à condição de independência dos países[6], o que implicava o princípio de unidade, ou uma incipiente "integração" regional, com a adoção de um projeto adverso ao fluxo neoliberal. Por outro lado, pela necessidade de combater uma perversa combinação de inflação com recessão, vários países da área vinham aplicando uma estrita receita monetarista, de controle da circulação econômica e de redução dos gastos públicos, de acordo com a teoria do economista norte-americano Milton Friedman, formulador da Escola de Chicago, que se incorporava como a ferramenta do neoliberalismo desde o seu alvorecer. Vários eram os crentes da doutrina, mas não todos. Alguns, ao abrirem-

se às inversões das multinacionais, resguardavam certas ressalvas, como os Presidentes José Sarney (Brasil) e Alan García (Peru), que se opunham aos programas recessivos do FMI.

Adiante nada se concretizou. Em outubro de 1985, os acordos do Parlamento Latino-Americano (Parlatino), em Montevidéu, estabeleceram que a "impagável" dívida implicava "tratamento coletivo", enquanto o FMI inventava um atraente esquema de "conversão da dívida", uma cobrança com capitalização, em que alguns bens das nações devedoras terminavam passando à propriedade estrangeira. Em sondagens realizadas em algumas regiões, uma maioria de cidadãos afirmava que pagar o que se deve é uma obrigação. "Confundiam a dívida externa com a dívida ao quitandeiro…", comentava Fidel, lastimando. Na sua opinião, perdia-se ali a grande oportunidade de se exigir uma nova ordem internacional.

Simultaneamente ao capítulo da dívida externa que lançara na pauta internacional, Fidel não desviava a atenção da urgência de respostas para dentro da Ilha. No III Congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC), que se realizou de 4 a 7 de fevereiro de 1986, foi criado o Comitê de Controle e Revisão[7], que daria o

Com José Sarney, Presidente do Brasil

início formal ao processo de "retificação" das "tendências negativas". Devia corrigir, em suma, os mesmos aspectos a que o líder cubano vinha se referindo antes de importar o Sistema de Direção e Planificação da Economia da URSS – a época em que se autocriticava e ao regime, por um exagerado idealismo. Agora, com uma réstia de grave nostalgia, mais de dez anos após haver retificado as premissas caracterizadas como "guevaristas". No fundo, Fidel nunca havia deixado de acalentar a utopia de um ser humano ideal, como o seu parceiro "Che". E também permanecia fiel à crença de agilizar o crescimento socioeconômico a partir de relações comunistas, até porque as tendências errôneas se relacionavam, segundo ele, em algum ponto, às reminiscências do passado capitalista.

Assim, devassou a sociedade de alto a baixo. À imprensa de seu país, aconselhou adotar um espírito crítico, "que não devia destruir, nem castigar". Pediu a cada jornalista que lutasse contra a censura e a autocensura, sem, no entanto, esquecer "o seu papel de educador"[8]. Apontou os desvios do setor: pouca variedade, superficialidade, baixa capacidade de síntese e de reflexão sobre os acontecimentos.[9] Chamou os jornalistas de aborrecidos, medrosos e praticantes de uma linguagem apologética.

Converteu-se em um tipo ativo de liderança de oposição, identificando ineficiências, violações, desperdício, indolência, negligência, busca de privilégios e dinheiro fácil pela especulação e comércio ilegal, fazendo proselitismo pelo país afora. Dizia-se, à boca pequena, que Cuba não precisava de oposicionistas, porque o maior deles era o chefe do governo.

"Esta tem que ser uma luta de baixo para cima e de cima para baixo, contra o parasitismo, essa tendência a receber, sem corresponder com trabalho à sociedade. Não queremos resolver os problemas com métodos extremistas, mas não podemos nos adaptar ao mal feito! (...) O sistema de direção pode ser um engano completo se as deficiências não forem superadas! Sei de pintores que venderam quadros a organismos do Estado e que

ganharam até mais de 200 mil pesos em um ano, mil vezes mais que os médicos!”[10], alardeava Fidel.

Sobre tudo e todos observou. Viu o ganhar dinheiro converter-se em motivação de existência. Descobriu a contradição de o regime satisfazer-se com a “consciência social” de professores e médicos, mas conferir “estímulos materiais” aos operários que se destacavam no cumprimento das metas.

“Poder lavar a roupa suja em público nos dá uma grande moral. Melhor limpar já os trapos, antes que nos sepultem por estarem guardados. (...) Existe muito demagogo oportunista, populistas criando esse tremendo caos! (...) Vícios que a Revolução criou, digamos com franqueza… Queríamos viver no paraíso e a idéia em si já parecia suficientemente atrativa...”, reconhecia.

No setor de construção, Fidel se decidiu a terminar as obras cujos prazos se dilatavam ao infinito, convocando trabalhadores às microbrigadas, constituídas de “excedentes”, dispensados em caráter temporário das suas unidades de origem por interrupção na produção, por carência de matérias-primas, mais aqueles que

Com o Presidente da Coréia do Norte, Kim Il Sung, 1986

desejassem aportar um "plus trabalho" – inspirado na antiga idéia do "trabalho voluntário" . O Estado permanecia como o fornecedor dos materiais, além dos salários, priorizando as construções e as reformas de postos de saúde, institutos, creches e fábricas. Para a iniciativa, em troca de bons resultados, os construtores de uma brigada adquiriam a oportunidade de ter a casa própria.[11] Pouco a pouco, todavia, de alguns núcleos reproduziu-se um negócio de espertos, que compravam e vendiam as moradias prontas ou os materiais de construção, estes entregues pelo Estado.

"Retificar" para Fidel era ainda perseguir a superação interna, lançando mão de todos os meios disponíveis para forçar a capacidade produtiva, evitar a *débâcle*. As centrais termoelétricas foram concluídas e a energia pôde chegar a 90% da população. Em outubro de 1987, encontrava-se pronto o centro de estudos aplicados à energia nuclear, que foi inaugurado por Fidel e Hans Blix, diretor geral da Organização Internacional de Energia Atômica (OIEA). Fidelito (Fidel Castro Díaz-Balart), já formado em Física, assumiu a Secretaria Executiva da Comissão de Energia Atômica de Cuba.

A um olhar sensato, parecia irreal atestar os feitos e, mais ainda, a intenção de Fidel de avançar, com os cofres ralos, "tirando leite das pedras". Ao aproximar-se o fim da década, a safra açucareira alcançaria mais de 8 milhões de toneladas, o que arrematava a aparência de milagre.

Em meados de 1986, Fidel resolveu suspender o pagamento dos juros da dívida de Cuba, reduziu as importações em 50% e ditou outras medidas de austeridade. No ano seguinte, falou claro ao povo: não seria possível pedir nada mais aos países socialistas. Não havia dinheiro, nem créditos. E estabeleceu cortes em salários de trabalhadores de empresas improdutivas. O momento o conduzia à hipótese de "importar" determinadas experiências de organização e eficiência do capitalismo, conforme verbalizou:

"Ao contrário do que escreveu Marx, a vida nos obrigou a usar o caminho socialista para chegar ao desenvolvimento; e não

o capitalista, então, temos realmente que esquecê-lo... O capitalismo impulsionou extraordinariamente as forças produtivas, até que se converteu em um freio delas. Ademais, com ele jamais se alcançará a justiça social... De qualquer maneira, é mais fácil organizar a produção quando há uma reserva de trabalhadores criada pelas leis do mercado (capitalista)..."

Para a América Latina em geral, pregava Fidel: concertar a independência e depois o desenvolvimento. Mas casos como o da Nicarágua mereciam outro enfoque. A Frente Sandinista ganhou as eleições por larga maioria em novembro de 1984, mas as condições econômicas e políticas eram muito delicadas para que se pudesse pensar na execução de um pleno programa socialista. O agravamento da crise econômica era a ficha com que os Estados Unidos se habilitavam para apostar no fracasso da experiência nicaragüense.

Raúl Castro, ministro das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), logo após os sandinistas conquistarem o poder, quando se fazia iminente uma intervenção no Caribe, havia solicitado à URSS uma formulação: de que uma agressão a Cuba não seria tolerada – termos que nos remetem aos antecedentes da Crise dos Mísseis. Mas a URSS, na nova oportunidade, disse não. O episódio foi enterrado como um segredo de que só Fidel e Raúl eram sabedores: a URSS abandonara o suporte militar a Cuba no início dos anos 80. Moscou e Havana "cobriram" com profissionalismo o caso, que internamente foi classificado como Pandora.

Contra os Estados Unidos, segundo as previsões de Raúl, Cuba poderia suster um conflito bélico "por mais de cem anos", com a Ilha recheada de franco-atiradores, visto que as forças terrestres seriam, no confronto, as decisivas. Uma vez que o adversário desembarcasse em terra, a guerra se faria com tiros de fuzil, sendo a aviação em parte ineficaz. As FAR cubanas fabricavam todos os tipos de mina e seus soldados eram bem treinados em emboscadas. Quilômetros de túneis subterrâneos haviam sido também construídos, centenas de covas labirínticas cruzando a

ilha de ponta a ponta, que desembocavam em estruturas semi-urbanas, armazéns e depósitos com comidas, mantimentos, remédios, tanques, armamentos e munições. Raúl raciocinava que se cada dois de seus soldados aniquilasse um invasor, dificilmente este, desprovido de vanguarda e retaguarda, poderia persistir na agressão e seu patrono, o governo norte-americano, assumir a quantidade de baixas. Muito da técnica (militar) lhes fora ensinada pelos soviéticos, embora a doutrina de guerra fosse um rebento autóctone. Já estudos do Pentágono, na época, estimavam que, para invadir Cuba, seriam necessários 30 milhões de homens – uma cifra inviável – para os seis milhões de cubanos em armas, entre tropas e milícias de civis com presteza e conhecimento do território.

Em abril de 1985, com Ronald Reagan reeleito nos Estados Unidos, decretou-se o bloqueio à Nicarágua. De outra parte, o vice-Presidente norte-americano George Bush, juntamente com Reagan, enfrentariam o escândalo Irã-Contras no ano seguinte. Em síntese, tratava-se de um mecanismo de venda de armas ao Irã, encoberta com a concessão de fundos para os "contra-nicaragüenses", através de contas na Suíça, que fora deslanchado depois que o Congresso norte-americano começou a vetar as verbas para a luta anti-sandinista.

No movimento da década, verificava-se o fato de que Fidel, Cuba e a América Latina mostravam transformações. Mais além da neutralização dos militares da direita, a explosão das sociedades – que tanto se almejou um dia – agora se via como um perigo dentro da portentosa crise econômica. Na candente questão centro-americana, que lhe falava bem de perto, Fidel preservava o firme apoio ao Grupo de Contadora, que persistia na busca de soluções políticas para os conflitos regionais.

Por ocasião do encontro de Esquípulas (o nome da cidade guatemalteca onde ocorreram as reuniões entre os cinco Presidentes centro-americanos, em agosto de 1987), Fidel conversou com Daniel Ortega. O tema central era a realização de novas

eleições na Nicarágua, o que, no íntimo, o cubano entendia como o risco da fragilização ante o adversário – considerando que este mantinha uma luta armada –, mas não se permitia a estorvar a definição dos sandinistas de "baixar a guarda".

O plano de paz, denominado Esquipulas II, de Oscar Arias, o Presidente da Costa Rica, país que antes fora conduto para os "contras", ampliou o espectro das conversações. Mais quatro países – Peru, Uruguai, Brasil e Argentina – uniam-se aos esforços. Para Fidel, o tratamento do plano pareceu enviesado, como se o problema da região fosse um subproduto do conflito este-oeste; mas, enfim, granjeou o necessário consenso, com a deposição das armas e o cancelamento da ajuda aos "contras". Oscar Arias acabou conquistando o Nobel da Paz, antes mesmo que esta se houvesse sedimentado ao seu redor. O jornal *La Prensa*, de Violeta Chamorro, com financiamento de norte-americanos, voltou a circular na Nicarágua e os chefes dos "contras" anunciavam a continuação das hostilidades. Já no vizinho El Salvador, Fidel percebia como remota a chance do fim do confronto entre os guerrilheiros, a extrema direita e o governo democrata-cristão. Para saber se terminaria, disse ele, só quando, eventualmente, esvaísse a resistência de uma ou outra parte. Aquele era um tempo em que muitos mutilados salvadorenhos ainda seguiam para Cuba para atendimento médico.

Girando o foco para o outro hemisfério, a aproximação cada vez mais estreita entre Cuba e Espanha animava expectativas. O vínculo entre Fidel e Felipe González não apenas recuperou os laços históricos como também pavimentou o caminho para um melhor entendimento com a Comunidade Européia . Em 1986, 63% dos artigos e produtos importados por Cuba eram de fabricação espanhola. Apesar da filiação socialista do espanhol, sabia Fidel que Felipe não se propunha a mudar o sistema, ao menos de imediato, até porque o país vivia uma engenhosa transição, com o embate de forças políticas internas. A pedido do governo espanhol, Fidel concedera asilo a membros do ETA, mas tanto

ele como Felipe preservavam a elegância de não opinar sobre assuntos internos, salvo excepcionalmente.

Em uma visita surpresa a Madrid, Fidel, ante uma solicitação do premiê que se expressava duvidoso quanto ao ingresso da Espanha na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), opinou que o melhor seria que permanecesse como um país neutro. À parte, em função dos vínculos, a Espanha concentrava uma parcela expressiva de exilados cubanos e se tornara um escoadouro natural da “questão cubana”. O premiê González vinha sendo pressionado a interceder pela libertação de presos políticos em Cuba, como Eloy Gutiérrez Menoyo. Rolando Cubela, ao se reduzir a sua pena, foi residir na Espanha.

A salvação de Cuba consistia em abrir searas contra o bloqueio. Não apenas uma boa quantidade de europeus, mas também empresários latino-americanos desembarcavam em Havana com desenvoltura, para uma Feira Internacional dedicada a fazer negócios. Em novembro de 1988, o número de empresas comerciais representadas no evento já seria de quase 400, de 23 países, oferecendo como resultado alguns contratos comerciais com Cuba. Fidel entusiasmava-se com a tendência à ampliação dos negócios.

Ao mesmo tempo, aprofundava as relações com os grupos e partidos que vinham agenciando os processos democráticos na América. Esteve em Quito (Equador), em agosto de 1988, uma ocasião em que consolidou a amizade com o pintor equatoriano Oswaldo Guayasamín e formulou os primeiros votos pela virada do século:

“Oxalá o ano 2000 encontre uma América Latina mais unida![12] Penso que esta unidade deve ser uma das tarefas da atual geração. Não há romance mais real, não há história mais interessante a contar do que a nossa própria...”

Em dezembro já estava no México para a posse de Carlos Salinas de Gortari. Em janeiro de 1989, em Caracas (Venezuela), para a de Carlos Andrés Pérez, sempre absorvendo a atenção da mídia e defendendo a expansão de um modo de pensar próprio, latino-americano. Na seqüência dos contatos, promoveu encon-

tros de intelectuais e se apresentou como colaborador do desenvolvimento da arte e da indústria do audiovisual na região. Cineastas e atores norte-americanos, como Jack Lemmon, Robert de Niro e Oliver Stone, foram a Cuba prestigiar o Festival do Novo Cinema Latino-Americano.

Bispos, congressistas, empresários e um coronel aviador norte-americanos visitaram o país no mesmo período, coroando uma tendência dissonante à posição do *establishment*. De outra parte, a seção de interesses dos Estados Unidos em Cuba vinha sendo usada como um centro de inteligência, com equipamentos sofisticados para a espionagem técnica.[13] Provas desta e outras foram reunidas por agentes cubanos infiltrados na CIA nas últimas décadas. No início de 1987, Fidel resolveu "desclassificar" uma grande parte desses arquivos, revelando os casos e os nomes dos agentes.

De modo cabal, Fidel afirmava que jamais se legalizaria uma imprensa de oposição em Cuba para servir aos Estados Unidos e que em outros países a liberdade de informação era uma falácia – o que de fato existia eram proprietários dos veículos de comunicação usando-os livremente, em defesa dos seus interesses. Nas circunstâncias do regime, introduzia-se uma questão semântica: ser de oposição era igual a aliar-se ao poderoso inimigo.

C A P Í T U L O 4 7

General Ochoa

Atração fatal: narco-dólares

Instigando a reflexão, García Márquez afirmou uma vez que Fidel era um exemplo da “solidão do poder”. Depois se calou. O Comandante, no entanto, que a cada década menos se pertencia, manifestou que não se sentia infeliz. Havia-se resignado, sim, a não concretizar desejos comuns humanos, como

sentar na murada da Avenida do Malecón ou caminhar por uma calçada do centro havaneiro. Sem temor à disciplina, retinha as amarguras da condição que oprimia o seu lado amante do ar livre. Jogava-se, então, no meio do povo. Não encontrava "o tempo de estar só" e, decerto, ainda desfruta o seu foro íntimo, durante as pausas do ser público.

Mas a expressão do Nobel colombiano nos leva além. Ficamos a cogitar se uma tamanha estatura não se esgota em si, margeando o total isolamento; se Fidel não é o general no labirinto ou o coronel a quem ninguém escreve, numa alusão aos personagens do nosso mestre escritor. Assomam as perguntas ante o estigma do poder revolucionário: ele recorre de fato a interlocutores, compartilha decisões, afinal escuta outras vozes ou acata apenas a sua?

Tal impressão de suficiência, resistente ao tempo, talvez tenha sido captada por Tu, o cachorro chinês do embaixador brasileiro Ítalo Zappa. O animal ficou muito agressivo em Cuba e, particularmente, com Fidel, nas tantas vezes que aparecia na residência do embaixador. Zappa acabou encontrando uma solução para Tu com o coronel Tony de La Guardia, chefe de um setor especial do Ministério do Interior (MININT), que o levou a uma pensão para animais, onde veio a falecer no mesmo ano do fuzilamento do coronel.

* * *

Fechando a década de 80, voltavam à arena os temas dos presos políticos e dos direitos humanos da ditadura cubana. Fidel rebatia:

"Onde está a liberdade dos negros e dos "chicanos" nos Estados Unidos? Vão me dizer que um milionário e um mendigo têm os mesmos direitos? Quando não há igualdade, não pode haver liberdade; onde não há igualdade, não pode haver democracia! Independência, dignidade, honra, direitos e a verdadeira liberdade foram conquistadas com a Revolução!"

Quanto aos presos da primeira etapa, dizia que haviam sido milhares, restando "alguns batistianos esquecidos" pela mídia,[1] com algumas exceções. Um era Armando Valladares, ex-policial de Batista, detido ao participar de sabotagens contra o regime. Valladares depois foi "fabricado" como um intelectual dissidente e alçado a chefe da delegação norte-americana para a 44ª sessão da Comissão dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), em fevereiro de 1988. Foi quando ele acusou o regime de Castro de torturas físicas a prisioneiros.

Fidel instou a que uma representação viesse visitar as prisões do país, sem qualquer objeção. A Comissão de Direitos Humanos aceitou o convite e os delegados foram recebidos pelo Comandante em setembro. Os presos, os funcionários da segurança e indivíduos de vários perfis foram entrevistados. O informe da comissão concluiu que não havia torturados, desaparecidos, nem "esquadrões da morte" em Cuba e que o trato nas penitenciárias era humano. Quanto aos detidos por delitos contra-revolucionários, que atuaram contra o regime, não havia 10 mil, conforme afirmara Valladares. Em 1987, o número era de 458 e, no ano seguinte, menos de cem. Na verdade, o total de presos era de 20 mil, a grande maioria por crimes comuns, que recebiam educação e pagamento pelos trabalhos que realizavam, assim como seus familiares recebiam ajuda do Estado.

"Se aqui alguém quer jogar uma bomba, fazer terrorismo ou sabotagens, se é um espião a serviço dos Estados Unidos, não podemos condená-lo? Por que não?", acrescentou Fidel. "Na Espanha, condena-se os da ETA que lutam contra o Estado. Na Itália, foram as Brigadas Vermelhas. Na Inglaterra, os irlandeses contra o domínio britânico... Em Cuba, jamais se viu a força pública dissolvendo uma manifestação com gás lacrimogêneo, pancadas, cachorros ferozes e jatos de água..."

De resto, o bloco socialista caminhava sobre ovos. Mikhail Gorbachov chegara ao poder soviético em março de 1985, planejando reformas domésticas, a reconciliação com o Ocidente e

a autodeterminação dos povos que integravam a URSS e o Leste Europeu.

A primeira vez que se encontrou com Fidel foi em Moscou, durante o XXVII Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em 2 de janeiro de 1986. Na ocasião, os dois países acordaram em "elevar a eficiência da cooperação mútua até o ano 2000". Ao líder cubano, sobreveio a desconfiança: Gorbachov defendia a suspensão de todas as provas nucleares e a redução de 50% dos armamentos estratégicos, para facilitar o diálogo com Reagan. De seu ponto, o norte-americano explicitou reservas, argumentando o direito natural dos países à independência quanto a seus meios defensivos. Em abril de 1987, Gorbachov chegaria a propor aos Estados Unidos a destruição total dos mísseis de alcance médio plantados na Europa Ocidental, norte-americanos ou soviéticos, no que esteve resolutamente amparado pelo governo britânico. Com a primeira-ministra Margaret Thatcher, o líder soviético acordou uma ampla colaboração, em vários campos, inaugurando uma comunicação corrente e direta entre o Kremlin e Downing Street.

Foi em outubro, durante as comemorações do aniversário da Revolução Russa, que Fidel expôs aos soviéticos o problema das próximas Olimpíadas que se realizariam em Seúl. Disse que não se podia deixar os norte-coreanos "em maus lençóis", portanto, devia-se repetir a posição socialista de bloco, que não comparecera aos jogos anteriores em Los Angeles.

Fidel já tomara a iniciativa de se dirigir formalmente ao Comitê Olímpico, reivindicando a divisão do evento entre as duas Coréias. Propunha que as Nações Unidas se incumbissem da gestão política da competição, cuja natureza harmônica fora maculada no transcurso dos anos, ao grifar, à sua maneira, o conflito entre as superpotências e a sua diferença com o Terceiro Mundo. Sobre a proposta de Fidel, contudo, ninguém moveu uma palha. Com exceção dos norte-coreanos, todos os socialistas viajaram a Seúl, inclusive Cuba, cuja ausência só interessava

se não fosse um ato isolado. Em particular, o líder cubano julgou a atitude do bloco nada mais que "a declaração de debilidade e desespero".

Em outra reunião com representantes dos países do mercado comum socialista, Fidel relatou a "retificação" que se levava a cabo em Cuba e lhes aconselhou a brecar esquemas que perigavam fazê-los desabar no caos absoluto. Mas entusiasmou-se ao ouvir de Gorbachov a intenção de realizar uma "perestroika", uma reestruturação na URSS: do que pôde apreender, assemelhava-se ao que se vinha executando em Cuba. O líder soviético expôs a necessidade de abandonar "estereótipos ideológicos" que obstaculizavam a plena revelação do socialismo, e de derrubar a idéia do "terror militar soviético", alimentada pelo mundo. Tratando-se de uma espécie de retomada da "coexistência pacífica", Fidel colocou a questão: como a URSS pensava configurar o ansiado equilíbrio entre os dois sistemas sociais antagônicos, com um outro mundo desigual e de subdesenvolvimento intolerável, em que se processavam "guerras sujas" contra Nicarágua, Angola e Moçambique, o descalabro do *apartheid* e a tragédia dos palestinos? Os ouvintes apenas gravavam na mente a sua fala, sem comentários. Ao sair dali, seria ele a ter o cuidado de calar sobre os problemas que afligiam o bloco.

Depois de demorada negociação, Gorbachov e Reagan assinaram o acordo que visava a liquidar os foguetes de pequeno e médio alcance. No final de 1988, o dirigente soviético já acumulava os cargos de secretário geral do PCUS e Presidente do Soviete Supremo, contando, para o diálogo com os Estados Unidos, com um novo mandatário, George Bush.

A *perestroika* e a *glasnost* (transparência) ganhavam espaços cativos na mídia e provocavam a revisão do pensamento de intelectuais e políticos que anteviam, assustados, o desaparecimento do socialismo. Com uma pitada de desgosto ou de alívio, alguns afirmavam que Fidel não era um seguidor de Gorbachov, o paladino de drásticas reformas.

Para desanuviar o clima de animosidade, o dirigente soviético desembarcou em Cuba, em abril de 1989. Após a assinatura de novos convênios, Fidel saudou Gorbachov com galhardia, sem lhe poupar elogios:

"Estamos hoje na presença de quem foi um verdadeiro cruzado pela paz. (...) O cumprimento mais cabal daquela idéia luminosa de Lênin ao triunfar a Revolução de Outubro. (...) Existiu, existe e existirá uma grande colaboração entre nós, cada vez maior..."[2]

Aos cubanos, o soviético esclareceu:

"Nossa solidariedade com vocês, queridos companheiros, não está sujeita a flutuações conjunturais! Isto diz respeito, em particular, aos vínculos econômicos. Têm que ser mais dinâmicos, mais eficientes e aportar maior rendimento aos nossos países..."[3]

Além de explicar a reorganização do aparato estatal na URSS, a reformulação das relações entre as nações do bloco socialista e dos direitos das repúblicas federadas, Gorbachov franqueou outras questões da crise corrente em seu país:

"Por que no cosmos fazemos milagres, se na vida cotidiana não garantimos, em certas ocasiões, o imprescindível? Como, finalmente, surgiram na sociedade fenômenos de corrosão moral, apatia e egoísmo, alheios ao socialismo?"

Já nessa fase Fidel via que os críticos não mais culpavam Cuba como um satélite da URSS e que, ao contrário, desejavam que assim fosse; mas lembrava que seu país estava em uma outra latitude, "a 90 milhas de Miami", em uma problemática particular.

Havia ainda alterações do sistema chinês, entendidas como uma abertura econômica com repressão política, esta melhor diagnosticada após os distúrbios na Praça Tian Amen, em junho de 1988, em Pequim. Recobrando a simpatia pelos chineses, Fidel falou que não queria ser um cúmplice dos seus detratores e nem seu juiz, mas que eles haviam realizado o milagre: só com 100

milhões de hectares de terra, que sofriam inundações colossais, alimentavam 1,143 bilhão de habitantes. E completou: "Jamais pensei que os chineses haviam renunciado aos seus objetivos socialistas, apesar da abertura ao Ocidente..."

De toda maneira, restava a Cuba o papel de subversiva na nascente ordem internacional, bem discorde da almejada por Fidel, o que lhe exigia uma dupla cautela:

"Não podemos cometer erros que nos debilitem ideologicamente... E devemos dizer, de uma vez por todas: seguiremos apenas com um único partido, da mesma forma que Martí não necessitou de mais de um para levar a luta pela independência no século passado..."

Naquele final de 1988, acometia-lhe à memória imagens da fase da Revolução Francesa intitulada o império da "lei de Saturno". A mãe Revolução, como o deus Saturno, devorava os próprios filhos, em uma espécie de defesa mórbida. Um dia rolava a cabeça de Danton, no outro a de Robespierre e daí por diante, embora no processo da Revolução Cubana, nascida em um contexto de guerra fria, a capacidade de Fidel de se mover

Com Raúl Castro

em distintas representações da autoridade, viesse livrando o país de um desmonte. Ainda assim, não era à toa que as imagens resolviam se assomar às suas íntimas reflexões.

Fidel andava conturbado pelo mais grave caso de corrupção nas entranhas do Estado, desde o alvorecer da Revolução: "o caso Ochoa-de La Guardia", como ficou conhecido. Até então, não se tornara visível, mas não eram poucos os que de algo sabiam. As peças do caso, passo a passo reveladas, encaixavam-se em um tabuleiro de podres poderes, em momento que não podia ser mais delicado, por conta das crises interna e externa, desenhando um golpe à Revolução. Já em 1987, Fidel havia lidado, em seu gabinete, com casos de altos funcionários e militares de patente que adquiriam bens de modo irregular e os que tomaram aviões para abandonar o país.

Com 49 anos, charmoso e viril, ele era um dos oficiais mais condecorados e queridos em Cuba: Ochoa, o general de divisão Arnaldo Ochoa Sánchez. Desde 1983, encontrava-se constantemente fora do país, salvo em reduzidos períodos, desempenhando missões militares na Etiópia, Nicarágua e Angola. Desejoso de reunir capital, seu primeiro sinal de desvio sucedeu a meados de 1986. Seu ajudante, o capitão Jorge Martínez Valdés, em viagem de trabalho ao Panamá, encontrou o ítalo-norte-americano Frank Morfa, que lhe sugeriu uma participação em operações de "lavagem de dinheiro". Ochoa, ao saber, abraçou a idéia, só não sabia como levá-la a cabo, mas instruiu o ajudante a prosseguir alimentando contatos. No início de 1987, apareceu o colombiano Fabel Pareja, desejando estabelecer comunicação direta com aquele a quem o capitão devia obediência, para que se pudesse acertar o negócio. Em seguida, ofereceu-lhe um passaporte colombiano. Pareja trabalhava para Pablo Escobar, o chefe do Cartel de Medellín.

Ao se informar da existência de um esquema de operações com drogas a partir do departamento "MC" (Moeda Conversível) do MININT – destinado a captar divisas e adquirir produtos,

peças e equipamentos no exterior, escapando ao bloqueio –, o general Ochoa pensou em alinhavar a colaboração.

Tony de La Guardia, o coronel que dirigia o departamento MC, levava seus negócios com cautela. Exercia o privilegiado posto desde 1982, após a aprovação da Lei nº 50 – que autorizava asssociações com empresas estrangeiras. Conquistara a simpatia e o apreço de Fidel desde 1961, quando o conheceu em uma competição de regatas, na qual Fidel era o padrinho da equipe Pescadores, vencida pela equipe Caribe da Universidade de Havana, composta por Rolando Cubela e os irmãos gêmeos de La Guardia (Tony e Patricio).

Oficiais do MININT, entre os quais o coronel de La Guardia, e um grupo da corporação CIMEX (entidade cubano-panamenha que servia ao MC) mantinham um padrão de vida burguês. Em meados dos anos 80, Fidel soube de atividades, festas que promoviam, além de clínicas, restaurantes e clubes para atendimento exclusivo, e lhes fez chegar uma advertência: “Não tolerarei aproveitadores. Que isto não se repita”. E solicitou que os estabelecimentos fossem entregues à administração do Poder Popular. Com a faculdade de importar aparelhos de telefonia, gravadores, televisões a cores e outros bens de consumo ocidentais, inclusive iates, o grupo deles desfrutava ou os presenteava aos seus protegidos. Os beneficiários possuíam inclusive uma identificação: relógios Rolex em aço acinzentado no pulso.

As atividades do departamento MC envolviam relações com estrangeiros que dispunham de meios navais e aéreos e detinham a autoridade para coordenar a guarda-fronteira e serviços afins. O primeiro elo entre o coronel e os narcotraficantes se concretizaria no Panamá, através do seu funcionário Miguel Ruiz Poo e um primo deste, também cubano (Reinaldo Ruiz), casado com uma colombiana. No início de 1987, acertaram que um avião procedente da Colômbia aterrissaria em Cuba com caixas de computador IBM repletas de cocaína. Lanchas vindas de Miami recolheriam a droga embalada em caixas de charuto cubano. A

operação, realizada em abril, proporcionou ao grupo 320 mil dólares. Em maio, um outro avião aterrissava na base militar da praia de Varadero com o mesmo objetivo, completando-se, no ano, cinco operações exitosas e uma que falhou porque o avião não chegou à base.

Na vertente de Ochoa com seu ajudante, corriam aqueles meses sem novidade. Até que, em novembro de 1987, em uma viagem a serviço, alguém, em nome do colombiano Pareja, entregou ao capitão aquele passaporte prometido, com o nome de Fidel Buitrago Martínez. Concomitantemente, com o avanço da guerra no sul de Angola, o ministro das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), Raúl Castro, delegava ao general Ochoa a responsabilidade integral à frente das tropas cubanas naquele país, para onde ele logo partiria, sem se desvencilhar da idéia do negócio do tráfico.

Na segunda quinzena de abril de 1988, Ochoa despachou o seu ajudante, de Angola a Havana, para uma reunião com o coronel Tony de La Guardia e representantes de Pablo Escobar, que viajariam ao país como turistas. O capitão Martínez levava consigo uma mensagem de Patricio de La Guardia, que também estava em missão em Angola, para seu irmão gêmeo Tony, em que lhe requeria "o máximo de boa vontade" com quem representava o seu grande amigo Ochoa. No encontro, foi firmado um pacto, em que cabia uma participação a alguns mexicanos.

O general planejava criar uma companhia panamenha para conduzir as operações e abrir caminho para a "lavagem de dinheiro" em Cuba. Já possuía uma conta no Panamá, aberta em nome do capitão Martínez. Parte do dinheiro ali depositado era propriedade da Nicarágua e outra parcela de Cuba.[4] Quanto à primeira, sua origem se reportava aos primeiros meses de 1987, quando o major-general Joaquin Quadra Lacayo, o responsável pelas finanças do Exército Sandinista, entregou ao general Ochoa – então o máximo representante das FAR de Cuba naquele país – um total de 161 mil dólares para compra de material bélico.

Previamente, o general afirmara dispor de meios seguros para o fornecimento; mas, meses depois, seu ajudante Martínez explicou ao major Lacayo que a negociação estancara, porque os provedores se deparavam com sérios obstáculos para colocar a carga em território nicaragüense.

A relação dos gêmeos de La Guardia fundamentava o vínculo com Ochoa. Martínez, como emissário, viajaria ao exterior amparado por trâmites regulares. Em maio de 1988, partiu para Medellín (Colômbia) a fim de negociar diretamente com Pablo Escobar, como representante do governo cubano. No aeroporto, foi recebido por um irmão de Escobar. Pablo, ao encontrá-lo, concordou em pagar 1.200 dólares por quilo de cocaína, como recompensa pela cooperação de Cuba.

Em uma primeira operação, envolvendo o general Ochoa, previa-se que uma embarcação de bandeira panamenha recolheria, em alto-mar, duas toneladas de cocaína e navegaria até as proximidades de Cienfuegos, onde funcionários de Tony de La Guardia levariam a carga até o porto de Mariel, à espera de ser recolhida pelas lanchas de Miami.

Mas o plano não se realizou, porque o piloto da embarcação original foi assassinado por traficantes concorrentes. Martínez e os representantes de Escobar conceberam, então, iniciá-la por ar e de La Guardia aceitou dar cobertura, na seqüência, como se fossem encomendas de tabaco. No entanto, um novo imprevisto sucedeu: a carga que se lançou de uma aeronave foi capturada. Escobar reclamou e o pessoal de Tony declarou ignorar o fato. Em dezembro de 1988, em Angola, Ochoa era informado de um sério problema: o chefão Escobar pretendia mandar um homem a Cuba para se queixar às autoridades, supondo que as operações eram autorizadas pelo mais alto nível do governo.

Em 20 de abril de 1989, entraram em cena dois mexicanos que queriam adquirir até duas toneladas de cocaína por mês. Tony de La Guardia e Ochoa conversaram sobre a divisão dos lucros. Uma semana depois, o capitão Martínez viajava para conversar

com um mensageiro de Escobar e comunicar-lhe o pedido dos mexicanos, assim como a viabilidade de ser usado um corredor aéreo, a ser devidamente pago. Afinal, a vertente de Ochoa (dele e de seu ajudante) não teria êxito em qualquer dos planos de tráfico em que se envolveu; ao contrário de Tony, cuja equipe soube manter o outro lado bem "compartimentado" sobre suas próprias operações, quase todas bem-sucedidas.

O grupo de La Guardia montara um sistema profissional de apoio, como sendo para atividades normais do MC. De janeiro de 1987 à segunda quinzena de abril de 1989, conseguiu realizar 15 operações: cinco em 1987 (em intervalos de dois ou três meses); duas em 1988 e oito em 1989, em quatro meses. Sentindo-se o dono da área e com as "costas quentes", o grupo embalara na etapa final, em que adotou o método de "bombardear" a mercadoria. A cocaína, protegida e empacotada, era lançada ao mar ao norte de Varadero e, para evitar ser detectada pela polícia norte-americana, era "clavada" (enterrada em alguma ilhota ou submersa a pequena profundidade). Simultaneamente, Ochoa solicitava um adiantamento ou empréstimo a de La Guardia de 100 mil dólares, dos que recebeu 50, depositados na conta no Panamá. Enfim, em 1989, o saldo da conta panamenha de Ochoa era de 200 mil dólares, contendo a sobra de uma quantia que lhe fora entregue pelos angolanos para aquisição de equipamentos de comunicação. De Angola, Ochoa havia enviado armamentos ao Exército Sandinista – fuzis, baionetas, granadas e acessórios –, o que foi entendido como uma compensação pelo negócio anterior paralisado. Daqueles 161 mil dólares empenhados pelos sandinistas, o general havia usado só um pequeno montante.

Agravara-se, a essa altura, a suspeita sobre as atividades. Por agentes infiltrados nas redes da máfia e do exílio cubano, a inteligência norte-americana tinha ciência de que, desde o primeiro semestre de 1987, de modo esparso, aviões com drogas procedentes da Colômbia vinham realizando aterrissagens na base de Varadero, com a cumplicidade da Segurança do país. Em 1988,

circularam comentários de narcotraficantes que afirmavam haver feito operações com Cuba e, em seguida, veicularam-se notícias nos Estados Unidos, mencionando Varadero e o nome de Raúl Castro. Ainda que pudessem ser interpretados como expedientes da tradicional contrapropaganda – que, em etapa recente, incluíra o tema da droga pelas relações com o general panamenho Noriega –, alguns detalhes que permeavam os fatos mexeram com a intuição de Fidel, que acionou a contra-inteligência cubana.

Investigação em curso, esta passou a se concentrar na apuração do tráfego aéreo e naval em Varadero. Logo, o grupo de La Guardia se recolheu, desmontando esquemas e tentando apagar as impressões, o que explica a baixa intensidade das operações em 1988. De seu lado, os federais norte-americanos já possuíam dois nomes de oficiais cubanos, mantidos ainda em discrição: Tony de La Guardia e Miguel Ruiz Poo, seu subordinado – e ainda gravações de conversas mantidas no Panamá entre um de seus agentes e Ruiz Poo. A ruptura do "segredo" entre homens adestrados no hermetismo e na "dupla moral" dava-se na mesma razão das relações nos interstícios da máfia internacional, cuja semente em Cuba se localizava na etapa anterior à Revolução.

Em 6 de março de 1989, um despacho da agência noticiosa UPI assinalava:

"Dois narcotraficantes se declararam culpados de transportar mais de uma tonelada de cocaína através de Cuba, com a suposta ajuda de militares e funcionários desse país, informou-se hoje pelo escritório da Promotoria Federal de Miami. O grupo foi infiltrado por agentes secretos que se fizeram passar por compradores e conseguiram gravar os encontros em áudio e vídeo..."

Para Fidel, "era um desarmamento moral". Convocou José Abrantes, o ministro do Interior, para executar uma pesquisa de fundo, mais além dos aviões vindos da Flórida ou outras partes do Caribe que costumavam violar o espaço aéreo de Cuba. As rádios da contra-inteligência perseguiam e checavam todas as comunicações de Miami ou da Colômbia, por qualquer meio.

Um informe, finalmente, detectou que "a partir de 16 de março de 1989, sinais reincidiam no indicativo 'Gordo', em rede a partir de Miami, e em embarcações circulando a noroeste de Havana, próximo às costas", o que começaria a ser objeto de atenção

Información del Ministerio de las Fuerzas Armadas Revolucionarias

Arrestado y sometido a investigación el General de División Arnaldo Ochoa Sánchez

● Nos vemos en el desagradable deber de informar que el General de División Arnaldo Ochoa Sánchez, quien ha recibido del Partido y de las Fuerzas Armadas Revolucionarias importantes responsabilidades y honores, ha sido arrestado y sometido a investigación por graves hechos de corrupción y manejo deshonesto de recursos económicos.

Sean cuales fueren los méritos de cualquier compañero, el Partido y las Fuerzas Armadas Revolucionarias no pueden admitir en absoluto la impunidad de quienes, apartándose de los principios de la Revolución, cometan graves violaciones de la moral y las leyes socialistas.

De acuerdo a las normas que rigen la conducta de las Fuerzas Armadas Revolucionarias, el General de División Arnaldo Ochoa será sometido en primer término a un Tribunal de Honor integrado por oficiales de su rango que recomendará las medidas ulteriores a seguir, incluidas las de tipo legal, que se correspondan con las faltas cometidas por él.

Las recomendaciones que adopte dicho tribunal y los fundamentos de las mismas serán informados oportunamente al pueblo.

MINISTERIO DE LAS FUERZAS ARMADAS REVOLUCIONARIAS

priorizada. Em meados de abril, Fidel queria saber os nomes dos funcionários implicados. Em seguida, descobriam-se contatos radiofônicos entre a província de Matanzas, onde se situa Varadero, e a Flórida, em 23 de abril, sobre fornecimento de drogas; e um possível ponto de mensagens, o escritório de Amado Padrón, o assistente do coronel de La Guardia. Dia 27, em uma reunião do comando do MININT, de que participava Tony de La Guardia, resolvia-se a captura de algumas daquelas lanchas. No mesmo dia, a propósito de despachar com o MC, um oficial da contra-inteligência fez a Tony perguntas sobre as comunicações do departamento, que ele respondeu com a habilidade suficiente para amainar as suspeitas. Maio e junho transcorreriam sem aparentes novidades desse lado.

Nessa mesma etapa, Raúl Castro e o setor de contra-inteligência militar se dedicavam a uma outra investigação: sobre certos comportamentos do general Ochoa, o que exigia adiar a sua designação como chefe da Divisão do Exército Ocidental, conforme anunciado ao seu regresso de Angola. Raúl esperava que, com uma conversa franca, tudo se resolvesse; mas, nos encontros com Ochoa, percebeu simulações e evasivas. "Ochoa já não era o jovem soldado rebelde da coluna de Camilo, o internacionalista que lutara nas montanhas da Venezuela, o chefe de nossas tropas na Etiópia...", declarou Raúl.

As investigações atingiam provas de um tema sensível: comércio e enriquecimento ilegais por contrabando de marfim e diamantes a partir de Angola. Não restava outra alternativa senão detê-lo, o que ocorreu no dia 14 de junho, a fim de possibilitar um maior aprofundamento dos fatos. Raúl comunicou a decisão à sociedade cubana, tentando encontrar motivos para os desvios do general, citando, entre esses, o grave abatimento ante as dificuldades econômicas do país, unido ao desgaste de Ochoa por suas sucessivas missões no exterior, mas frisou a razão moral: "Foi uma ética espartana, cimentada na unidade, que fez possível a nossa resistência e a nossa obra."[5]

Vista geral do Tribunal de Honra das FAR

Antonio de La Guardia foi fuzilado...

e Patricio de La Guardia, condenado a 30 anos

Dicta sentencia el Tribunal Militar Especial

— Sancionados a la pena capital, Ochoa, Martínez, Antonio La Guardia y Amado Padrón.
— Sancionados a 30 años, Patricio La Guardia, Antonio Sánchez Lima, Eduardo Díaz Izquierdo, Alexis Lago Arocha, Miguel Ruiz Poo y Rosa María Abierno Gobín.

PROFERIDAS PELO TRIBUNAL MILITAR ESPECIAL, AS SENTENÇAS:
Pena de morte para Ochoa, Martínez, Antonio de La Guardia e Amado Padrón.
30 anos de preisão para Patrício de La Guardia, Antonio Sanchéz Lima, Eduardo Díaz Izquierdo, Aléxis Lago Arocha, Miguel Ruiz Poo e Rosa Maria Abierno Gobín.

Jorge Martínez,
fuzilado

Amado Padrón Trujillo,
fuzilado

Outros detidos seriam os gêmeos Patricio e Tony de La Guardia, por colaboração com Ochoa no contrabando, além de outras violações, como de normas de entrada e saída do país. Mais adiante apareceram confirmações de envolvimento com o narcotráfico, depois de confissões de uma cubana que estivera em Luanda, convivendo com os oficiais em tarefas administrativas, além de documentos – cartas e cartões – que apontavam a ligação do capitão Martínez com o Cartel de Medellín.

Em 25 de junho, iniciou-se o julgamento do Tribunal de Honra das FAR sobre o general Ochoa, acusado de práticas imorais e corruptas, que recomendaria pô-lo à disposição de um Tribunal Militar especial, para ser julgado por traição à pátria. O juízo da Causa 1, Conexão Cubana – envolvimento com o tráfico de drogas, marfim e diamantes, locupletação pessoal e de grupo – como ficou conhecida, começou às 20 horas do dia 30 de junho. O Tribunal Militar especial era integrado pelos generais de Divisão Ramón Espinosa Martín, das FAR (como Presidente), Julio Casas Regueiro, também das FAR, e Fabián Escalante Font, do MININT (como juízes). Atuavam, como representante do Ministério da Justiça, o general de Brigada Juan Escalona Reguera e nove oficiais como defensores dos 14 acusados. Durante o juízo, Ochoa alegou que, com o negócio que havia concebido, poderia aliviar os problemas do país e do exército; que Cuba era demasiado honesta, pois desperdiçava oportunidades, como a de lavagem de dinheiro. Confirmava-se também, de acordo com os depoimentos, que o grupo de Tony ajudara a trafegar por Cuba seis toneladas de cocaína, pelas quais recebeu 3,4 milhões de dólares, aproximadamente, restando pagamentos pendentes, devido à interrupção das operações. Os fundos apareceram em malas e esconderijos, em casas de amigos e familiares. Com o coronel de La Guardia foram encontrados 174.446 dólares.

Em 4 de julho, o promotor (general de Brigada Juan Escalona) solicitava a pena de morte para sete dos 14 oficiais das FAR e do MININT e 30 anos de prisão para Patricio de La Guardia. Na

sentença do Tribunal Militar especial, ratificada pelo Tribunal Supremo Popular, reduzia-se o número de sanções à pena capital. Consultado o Comitê Central do Partido Comunista de Cuba (PCC), dez membros argumentaram contra o fuzilamento. Fidel decidiu a favor, junto com todo o Conselho de Estado:

"Tivemos que deixar tudo de lado para nos dedicarmos aos da 'dolce vita'. Quem poderá voltar a crer na Revolução se realmente não se aplicarem, para faltas tão graves, as penas mais severas que as leis do país estabelecem? Como poderemos garantir a disciplina em nossas Forças Armadas e no Ministério do Interior, se um chefe de um Exército de dezenas de milhares de homens em combate se dá ao luxo de reservar tempo para tais atividades, como alguém que se sente acima da lei, da moral, do país? Quem voltaria a falar de retificação?

"(...) Há muitos que pensam que sou eu quem decide se algo deve ser feito ou não e digo com toda franqueza: se apenas eu tivesse que decidir, e não o Conselho de Estado em nome dos representantes do povo, adotaria exatamente a mesma decisão. Hoje, a Revolução não pode ser generosa, sem fazer um profundo dano a si mesma!"

Na mesma ocasião, acrescentou um curioso detalhe:

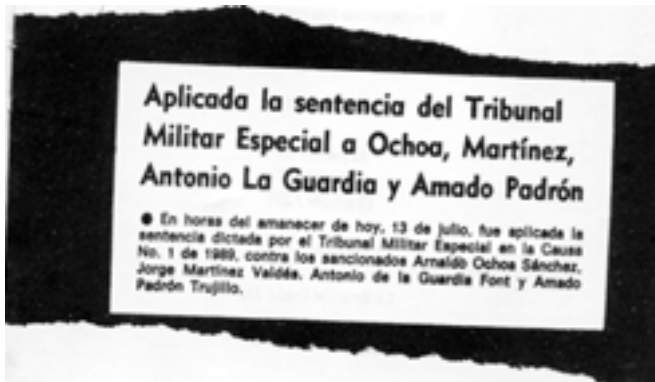
"E não é que pretendamos jogar a culpa agora nos Estados Unidos. Mas eles podiam, discretamente, haver-nos dito algo, antes de tudo vir a público: 'há dois oficiais cubanos fazendo estas operações' e não teriam que explicar como sabiam... Posso citar um fato que ocorreu não faz muito tempo. Através da inteligência, nos chegaram informações de que um grupo de elementos reacionários de um estado do Sul dos Estados Unidos falava em fazer um atentado ao Presidente Reagan. Os dados que tínhamos não eram muito precisos, no entanto, dei instruções ao Ministério do Interior de informar confidencialmente às autoridades norte-americanas o assunto..."

Setores da sociedade e do Estado julgaram exacerbada a sentença. Fidel recebeu mensagens de personalidades do exteri-

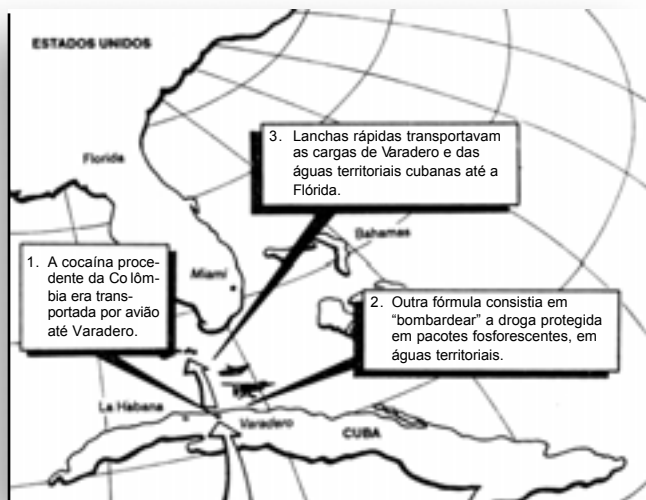
or apelando que se reconsiderasse a decisão. Sobre o julgamento do caso Ochoa-de La Guardia, os meios de comunicação pontificavam que o pano de fundo era a crise da Revolução e as gretas no poder em Cuba; que os réus em questão estavam servindo como "bodes expiatórios". Alguns declararam que era a hora final de Castro, pois fora derrubado o pilar dos militares, como um efeito em cadeia da ruína do socialismo. Por outro lado, grupos de opinião compreenderam a atitude como a clara demonstração ao mundo de que havia princípios inegociáveis para Fidel e a Revolução; ou que, nesse contexto, preponderavam as razões do Estado, acima do bem ou do mal, parceiras do instinto de sobrevivência, sobre outras quaisquer.

Se analisados os casos mais significativos de "traidores" da Revolução, cujo drama os caracteriza como antagonistas de Fidel, nem sempre a inclemência norteou os julgamentos, que

Aplicada la sentencia del Tribunal Militar Especial a Ochoa, Martínez, Antonio La Guardia y Amado Padrón

● En horas del amanecer de hoy, 13 de julio, fue aplicada la sentencia dictada por el Tribunal Militar Especial en la Causa No. 1 de 1989, contra los sancionados Arnaldo Ochoa Sánchez, Jorge Martínez Valdés, Antonio de la Guardia Font y Amado Padrón Trujillo.

Na madrugada de hoje, 13 de julho, foi executada a sentença ditada pelo Tribunal Militar Especial sobre a Causa nº 1, contra os condenados Arnaldo Ochoa Sánchez, Jorge Martínez Valdés, Antonio de la Guardia Font e Amado Padrón Trujillo

dependeram do significado da ameaça. Para com Rolando Cubela, caso revelado em um tempo de "consolidação revolucionária" (1965/66), que pretendia assassinar o líder cubano, pode-se afirmar que houve benevolência, porque ele não recebeu a pena máxima – o que, de maneira simbólica, aponta, uma vez mais, à inadvertência de Fidel para com a sua vida física, entregue às bençãos da sorte. Também é verdade que o caso Ochoa-de La Guardia evidenciava a mais vil tendência dentre as que determinaram o difícil processo da "retificação". Fuzilados ambos uma semana depois da sentença, Ochoa, minutos antes, apenas solicitou a Fidel que lhe fosse tirada a venda dos olhos.

Decerto, o relatório da contra-inteligência do MININT que detectara o esquema MC, transbordaria os marcos de seu objetivo. A partir dele, surgiu a mancha em toda a estrutura do "Ministério", como se chamava o MININT entre o povo, por seu grau de relevância no Estado e penetração na sociedade. Nele, um grande grupo de elementos, se não estava envolvido nos esquemas, "tapava os olhos" ou "lavava as mãos". Até o ministro Abrantes.

Esquema da conexão do tráfico

Outro informe narrava os comentários de círculos do narcotráfico envolvendo oficiais cubanos, como Tony de La Guardia, o qual foi conhecido por Abrantes em 25 de fevereiro de 1989. O ministro pediu que se colhessem mais detalhes, o que coincidiu com o momento em que se iniciava a fase derradeira das operações com drogas, caracterizada pela retranca e o ocultamento por parte dos responsáveis. Quando já o caso estourava, Fidel apurou que Abrantes "engavetara" os informes. O ministro foi, então, informado que seu destino seria o ostracismo ou, como diz o cubano sobre quem é demitido e mandado para casa, partiria para o "plano pijama". Sobre as advertências do Comandante anos antes, pedindo providências ao ministro para o fim da "dolce vita", algumas foram atendidas parcialmente ou no todo, outras foram ignoradas. Em 28 de junho, era designado para o seu cargo de ministro do Interior o general Abelardo Colomé Ibarra (Furry) das FAR.

"Destruíram moralmente o Ministério do Interior e é preciso reconstruí-lo. A sua direção tem responsabilidade... por sua insensibilidade frente à conduta de alguns desses senhores que todo o mundo sabia que eram uns potentados que gastavam, ostentavam e viviam diferente dos demais", justificou Fidel.

Pouco a pouco, oficiais do Ministério das Forças Armadas (MINFAR) assumiram as chefias de distintos departamentos do MININT. Abrantes foi enviado à prisão e dava-se início à Causa nº 2, que redundaria em uma real devassa no "Ministério". Conduzida pelo Tribunal Militar especial, ela concluía sua primeira sessão em 24 de agosto. Como acusados, o general de Divisão José Abrantes e outros seis altos oficiais do MININT por "abuso de cargo, negligência e uso indevido de recursos financeiros e materiais". O ex-ministro admitiu haver autorizado operações financeiras à margem do Estado, desleixo no traslado de informação à alta direção do país e a existência de uma reserva milionária em divisas, manejada de modo oculto e ilegal, para a aquisição de bens ao organismo e para usufruto de particulares.

Em articulação com a corporação CIMEX e outras empresas do país que negociavam em dólares, as reservas podiam ser rapidamente movimentadas a partir do Banco do Estado. Desse sistema "paralelo", quase corporativo, participavam funcionários do MININT, da Aduana Geral da República, de uma empresa comercial criada pelo ministro e do MC, através do qual se teceram relações com empresas estrangeiras, principalmente em Angola, Gana e Panamá. Tais atividades ilegais eram julgadas legítimas em função da deformação do sistema, sobretudo no MC criado para burlar o bloqueio. O ministro, atrás das grades, perguntava-se do que, enfim, fora culpado, entre lembranças descontínuas, amargas e entrecortadas.

Apesar dos rumores dentro e fora do país, os réus das causas de 1989 não estavam com um programa pronto para a substituição do poder. Mas o Estado que os puniu, assim poderia haver percebido, dada sua dimensão conspirativa. Naquelas circunstâncias, era cabível supor que, se não extirpada na raiz, a rede formada poderia se tornar uma base de manobra para interesses contra o regime.

A título de complemento, Abrantes havia preparado, a pedido de Fidel, um ano antes, um documento com propostas de superação para a crise que acometeria o país na hipótese de queda da URSS. Alguns colaboradores do "Ministério" redigiram pautas, em que coincidiram os seguintes itens: descriminalização do dólar e liberação para o exercício de empresas privadas em Cuba.

Na Espanha, com o Rei Juan Carlos e o premiê Felipe González

CAPÍTULO 48

Com o premiê soviético Mikhail Gorbachov

URSS, o pai fracassado

O plano do general Ochoa engatinhava, enquanto Cuba sustentava um papel de proa nos processos da África e da América Central. A diferença é que, na região sul-africana, encontrava-se distante a possibilidade de uma explosão social como na centro-americana, foi a reflexão de Fidel, embo-

ra não abandonasse a probabilidade de um estiramento da luta em qualquer dos casos.

Ao longo de 1988, Cuba, no intuito de abrandar o desastre econômico da Nicarágua, doava-lhe artigos, alimentos e, a cada ano, 90 mil toneladas de combustível ; mas já Daniel Ortega expressava a firme decisão de negociar o fim do confronto. O Congresso norte-americano, não obstante, aprovou uma ajuda aos "contras" no valor de 40 milhões de dólares, que muito favoreceu o enraizamento da candidata de oposição à Presidência na Nicarágua, Violeta Chamorro, em 1989. Quanto à guerrilha salvadorenha, permanecia em combate, sem definição.

Pela guerra em Angola, em dez anos, calculava-se que haviam passado mais de 200 mil cubanos. Junto aos países da Linha de Frente – Botsuana, Tanzânia, Moçambique, Zâmbia e Zimbabwe –, o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) apresentara uma fórmula para terminar as hostilidades, prevendo três anos para a retirada das tropas no sul (o maior contingente), no centro e no norte. Os sul-africanos a rejeitaram, exigindo a imediata saída dos cubanos, como prévia condição à efetivação da Resolução 435 da Organização das Nações Unidas (ONU), de Independência da Namíbia[1]. Em fins de janeiro de 1986, em uma reunião tripartite (soviético-angolano-cubana), elaborou-se a pauta que Gorbachov deveria expor aos Estados Unidos – que também participaram da iniciativa de paz na África –, em uma tentativa de desobstruir a barreira posta pelos sul-africanos. Fidel, de sua parte, reduzia, gradativamente, o seu pessoal militar em território angolano. Até 1983, ano em que a situação econômica angolana declinou, Cuba havia recebido, a cada ano, 20 milhões de dólares pela colaboração civil e técnica dos grupos que para lá seguiam, mas nada pela colaboração militar.

Em fins de 1987, com o crescimento das tensões, partia para Angola uma nova missão militar. De quando em vez, para círculos íntimos, o general Ochoa, o chefe da missão, reclamava que o haviam despachado a uma guerra perdida. Tal estado de descrédi-

to revelava-se em seu comportamento pouco receptivo às instruções emitidas de Cuba, preferindo utilizar uma estratégia própria.

Fidel reclamou da insubordinação, mais ainda quando informado da ausência de Ochoa de uma reunião no centro de operações de Luanda, onde também participavam os assessores soviéticos. Ochoa dispunha-se a deslocar tropas situadas no sul, em Cuito Cuanavale e em Menongue, em direção ao centro do país, onde a UNITA acentuara os ataques. Mas, baseando-se nos estudos que realizava sobre seus mapas, Fidel afirmava que não se podia comprometer a resistência na frente sul, estando seguro de que ali ocorreria o grosso do confronto que se avizinhava.

No dias 13 e 14 de janeiro de 1988, um ataque sul-africano obrigou o deslocamento de um batalhão de tanques, que atravessou 200 quilômetros para chegar a Cuito Cuanavale. Uma orientação enviada por Fidel a Ochoa, em 17 de janeiro, relativa à defesa, não seria cumprida.

“Deve-se reduzir o perímetro da defesa no lado leste do rio (Cuito), estabelecendo as brigadas 59 e 25 em posições bem fortificadas mais próximas do mesmo... Estas devem cobrir a direção leste, de modo que a Brigada 8 recupere a sua missão de transporte de abastecimento...”

Fidel acabou mandando buscar o general para discutir, pessoalmente, a urgente situação e convencê-lo do esquema de defesa, dando-lhe a tarefa de “vencer qualquer senão dos aliados angolanos ou de qualquer assessor soviético”. Resolveu reforçar a aviação em Angola com os seus melhores pilotos e enviou grupos especiais do Ministério do Interior (MININT) para o controle da zona da termoelétrica e como meio de desviar a pressão sul-africana sobre Cuito a leste. Reajustar as linhas tornava-se imprescindível, pois havia uma série de brigadas angolanas que dependiam de uma ponte que era constantemente atacada pela artilharia adversária, de longo alcance. No dia 14 de fevereiro, produzia-se o grande ataque sul-africano, desde logo antevisto, cujas tropas poderiam haver chegado até a ponte e aniquilado as

brigadas angolanas, o que só pôde ser evitado pelo contra-ataque forte e desesperado de uma companhia de tanques.

Aproximadamente, um mês depois, Fidel escreveu a Ochoa: "Foi uma constante, por parte de vocês, menosprezar as possíveis ações inimigas… Não te oculto que aqui estamos amargurados com o ocorrido, previsto e advertido em reiteradas ocasiões..."[2]

O reajuste ordenado ainda demorou, mas, por sorte, a Força Aérea cubana já assumia um papel decisivo. Em uma mensagem do dia 20, Fidel ainda pressionava por agilidade no remanejo dos tanques para resolver aquele perigo a leste. Dia 21, dizia:

"É realmente incompreensível a lentidão com que se procede em Cuito Cuanavale. Parece que só amanhã chegarão umas cordas para a ponte.... Algo está falhando na transmissão das ordens... Os que ali estão dirigindo ignoram as conseqüências militares, políticas e morais, verdadeiramente funestas, de um desastre com as forças a leste do rio, sem que sequer se disponha de uns botes para fazer como os ingleses com sua frota em Dunkerque...

"(...) Nestas condições, creio que 'Pólo' (referia-se ao general de divisão das FAR, Leopoldo Cintra Frías) deve permanecer em Cuito, até que este gravíssimo problema seja resolvido... A nosso juízo, deve-se, sem vacilação, manter um reduto bem fortificado com não mais de uma brigada a leste do rio, com linha de defesa escalonada, e os tanques disponíveis na retaguarda..."

A partir desse momento, todos os ataques adversários esbarraram no reduto a leste do rio. Os contingentes que se aproximavam caíam sob o fogo da artilharia, nos campos minados e sob o ataque vindo dos Mig-23, em seus vôos rasantes. Sem que se alterasse o assédio principal do inimigo sobre Cuito Cuanavale, Fidel daria a ordem de avançar rumo ao sul em 6 de março, quando o general Ochoa punha um acento nos seus negócios, diluídos em meio à circulação dos mantimentos para a guerra.

Em junho, as tropas cubanas se encontravam próximas à última linha da fronteira. Fidel resolvera construir um aeroporto em Cahama, com refúgios para aviões de combate; enviou regi-

mentos completos de foguetes antiaéreos e outros equipamentos. Quanto à África do Sul, o progressivo desgaste militar, as pressões internacionais e a mobilização interna contra o *apartheid* obrigaram-na a iniciar negociações diplomáticas com o governo do MPLA, então presidido por José Eduardo dos Santos. Realizadas as primeiras conversações de paz além-fronteiras entre os contendores, a inteligência cubana detectou o plano de um outro ataque aéreo e maciço sul-africano. Fidel alertou suas tropas, em mensagem de Cuba:

"Tenham pronto o contragolpe com todos os meios aéreos possíveis para a destruição de pontos estratégicos do inimigo. (...) golpear fortemente as bases adversárias na Namíbia... Um ponto, depois outro..."

O ataque ocorreria em 26 de junho, sobre forças cubanas em deslocamento. No dia seguinte, Fidel orientou o bombardeio aéreo sobre acampamentos e instalações sul-africanas. Pelos meses seguintes, ocorreram combates conjuntos com a SWAPO e os angolanos, de que participaram, aproximadamente, 40 mil soldados cubanos. A cada dia, eram mais homens feridos e mortos, de lado a lado. O exército sul-africano, bem preparado, contava com melhor armamento, além de bombas nucleares em sua reserva estratégica; mas Fidel, concentrando o máximo de sua atenção na estratégia da guerra, conseguiria impor superioridade militar, especialmente na aviação.

As negociações caminharam por Londres, em seguida Cairo e Nova York, em julho. Pela parte cubana, Carlos Aldana assumia como chefe da delegação[3], substituindo Jorge Risquet. A partir de 22 de agosto, uma nova rodada quatripartite – Angola, Cuba, África do Sul e Estados Unidos, como país mediador –, em Genebra. Em outubro, um outro encontro foi realizado em Nova York, quando a discussão congelou, posto que as exigências sul-africanas pareceram inaceitáveis.

Dos angolanos, eles requeriam a definição de um calendário para a deposição das armas, sem qualquer garantia clara, em

troca, de que não mais sofreriam agressões. Os cubanos estavam dispostos à total retirada, em termos flexíveis, mediante uma solução global que implicasse o término de toda provocação ao governo angolano.

Ponto em suspenso e impasse. Mas Fidel não acreditava, no momento, em um novo ataque adversário. Sua orientação foi manter as baterias antiaéreas preparadas para uma emergência, mas também desviar uma quantidade de pessoal dos destacamentos avançados, até pela dificuldade de abastecimento. Em dezembro, os acordos foram concluídos, estabelecendo-se o início do processo de Independência da Namíbia, garantido pela ONU. Dois mil e dezesseis combatentes seriam o total de baixas cubanas.

Simultaneamente ao gosto de vitória, o golpe institucional. Na imprensa estadunidense, corriam a galope as denúncias sobre o envolvimento dos oficiais de Cuba com traficantes. Como eram fluentes os contatos entre os dois governos nas negociações de paz, Fidel pediu que se argüíssem os representantes do Departamento de Estado sobre a questão, mas estes afirmaram não ser a matéria de sua alçada e, sim, da Secretaria de Justiça.

Como antes citado, uma base importante era o Panamá, onde o seu homem forte, o general Manuel Antonio Noriega, em fevereiro de 1988, era destituído da chefia das Forças de Defesa por um complô. Em março e abril, os Estados Unidos queriam seqüestrá-lo e enviaram quase dois mil soldados adicionais à zona do Canal. Noriega declarou a existência de um plano de desestabilização, a fim de impedir o cumprimento do Tratado Torrijos-Carter. Cuba e Fidel eram, então, apontados como cúmplices do grande traficante de drogas Noriega.

Fidel, em defesa, para evidenciar o combate ao tráfico em Cuba, relacionava o montante de capturas feitas pela polícia cubana. De 1970 a 1988, 375 narcotraficantes, sendo 108 norte-americanos e 267 de outras nacionalidades, todos julgados e detidos com penas elevadas; e mais embarcações e aeronaves que trafegavam as drogas e penetravam nos limites territoriais

cubanos. As declarações eram feitas enquanto se iniciava a última fase das operações bem-sucedidas do grupo do coronel Tony de La Guardia.

Em maio de 1989, ao se prenunciar no Panamá o triunfo do candidato *torrijista* à Presidência, ocorreram violentos confrontos e foram anuladas as eleições. George Bush manteve em vigor as sanções econômicas ao Panamá e anunciou o envio de mais dois mil soldados, a acrescentarem-se aos 10 mil acantonados em suas bases. Já Noriega descartava qualquer negociação entre as Forças de Defesa e a oposição.

Em outubro, a intentona de um grupo de oficiais anti-Noriega falhou. O governo Bush ameaçou intervir no país, se fossem revelados os segredos do plano – o apoio que o governo norte-americano dera ao grupo em troca da entrega de Noriega. Em fins de dezembro, concretizava-se a invasão do Panamá, com bombardeios simultâneos e conseqüentes mortes, delineando a maior operação militar dos Estados Unidos desde a guerra do Vietnã.

O general Noriega era a presa desejada. Todavia, andava por locais não identificados, em função de sucessivas ameaças de seqüestro. Dizia-se que se encontrava protegido na residência do embaixador de Cuba, Lázaro Mora, mas, na verdade, ali estavam abrigados apenas os seus familiares diretos.[4] Soldados norte-americanos estacionaram carros de combate em frente à casa do embaixador e situaram-se nas açotéias de prédios vizinhos, com ordens de intensificar uma "guerra psicológica" até o absoluto esgotamento.

Fidel escreveu ao secretário-geral da ONU, Javier Pérez de Cuellar, e ao presidente do Conselho de Segurança, Enrique Peñalosa, exigindo a condenação ao ato – cujo objetivo era "a retomada do canal de Panamá"[5] – e a outorga de garantias à embaixada cubana, pelas provocações dos Estados Unidos aos seus funcionários diplomáticos. Ao saírem da casa, os diplomatas cubanos foram detidos e interrogados por militares norte-americanos; entre eles, o próprio embaixador. O local se manteve, por

vários dias, sob cerco ostensivo e a mira de possantes armas, assim como a sede da Nunciatura Apostólica – um outro "provável" esconderijo de Noriega, como se veiculou –, para onde de fato o general se transferiu em 24 de dezembro. Em janeiro de 1990, Noriega foi preso por agentes da DEA, a polícia norte-americana antinarcóticos.

No decorrer do processo realizado contra ele em Miami, representantes da Justiça norte-americana se precaveram, através de meios hábeis, de que saíssem à luz pública certos aspectos que perpassavam o caso, como os laços de agentes da CIA e do Departamento de Estado com os narcotraficantes e o Cartel de Medellín, para financiamento dos "contra-nicaragüenses". Entretanto, confirmou-se a antiga relação de Noriega com a DEA e a CIA, que não lhe perdoara o fato de haver-se recusado a compactuar em operações anti-sandinistas.

No final de 1989, em Havana, Fidel viveu ainda um outro forte impacto que vinha do Continente europeu: a queda do Muro de Berlim. Derrubou-se, de fato, à meia-noite de 9 de novembro, impelindo à dissolução de todo um sistema com suas idéias e arejando a vocação intevencionista do seu principal opositor, os Estados Unidos.

Fidel, até então, cuidava para não danificar as relações com a URSS, pois seria "uma ingratidão, um oportunismo e uma estupidez", como expressou. Em 26 de julho, sob uma perseverante chuva, dissera a uma multidão acomodada sob um largo teto de guarda-chuvas, quieta e circunspecta: "Imaginem vocês o que ocorrerá no mundo se a comunidade socialista sumir! Nessa hipótese, que não creio possível, as potências imperialistas lançar-se-iam como feras sobre o Terceiro Mundo..."

Dois dias antes da queda do Muro, assinalou que Cuba encontrava-se às vésperas de um "período especial", que fora concebido para uma eventualidade de guerra ou de bloqueio total ao país:

"No momento em que estamos avançando... não sabemos que conseqüências podem ter os fenômenos que hoje vemos em

muitos países do campo socialista, que incidência direta terão em nossos planos... Vai ver que um dia vamos ter que aplicar o espírito de contingente militar a todos os trabalhadores do país… Chamamos de 'período especial', porque ninguém sabe que tipo de problemas de ordem prática poderão sobrevir..."[6]

Derrubado o Muro, empenhou o país na resistência, lembrando a Doutrina Monroe:

"... Porque se amanhã, ou qualquer dia, despertarmos com a notícia de que se criou uma grande contenda civil na URSS, ou com a notícia de que a URSS se desintegrou – o que esperamos não ocorra jamais –, ainda nessas circunstâncias, Cuba e a Revolução Cubana continuariam lutando! Cuba não é um país onde o socialismo chegou após os batalhões vitoriosos do Exército Vermelho... Mas se houvesse regresso ao capitalismo... seríamos um prolongamento de Miami, o cumprimento da profecia de um Presidente dos Estados Unidos no século passado..."

A política de Gorbachov acelerara a queda do socialismo, que vinha em processo nos países do Leste Europeu. Despencava em um, logo no outro, como uma seqüência irremediável e com o ressurgimento de nacionalidades e etnias. Para melhor adaptarem-se ao sistema ocidental capitalista, organizou-se uma cordial recepção a emissários do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Fidel já se sentiu à vontade para criticar as reformas implementadas na URSS:

"Impossível uma retificação verdadeiramente socialista desprestigiando o Partido, liquidando a disciplina social, semeando o caos em toda parte... Não é a forma de superar os inquestionáveis erros cometidos em uma Revolução que nasceu das entranhas do autoritarismo czarista, em um país imenso, atrasado e pobre. (...)"[7]

Não demorou a observar o quadro de aflição no Leste Europeu, a situação instável dos trabalhadores, com grupos revivendo o culto do germanismo. "Tal evolução pode reconduzir às correntes fascistas…", refletiu.

O Conselho de Assistência Mútua Econômica (CAME) seria em seguida extinto, com a prévia providência de abolir o tratamento "companheiro", substituído pelos formalistas "senhor" e "senhora", que acabaram atacando o espontâneo linguajar em Cuba. A este país, aportavam publicações soviéticas demandando a ruptura dos laços, assim como de toda ajuda à Nicarágua ou a El Salvador. Fidel ordenou que as fizessem "desaparecer de circulação".

Cuba, antes um atraente aliado, tornara-se um ônus para os soviéticos, o dado que, entretanto, não tomara Fidel de surpresa. Vinha avisando, com insistência, que as dificuldades seriam cada vez maiores: "É preciso sacrificar tudo que não seja essencial. Não se trata de sobreviver, mas de continuar se desenvolvendo".

* * *

O conturbado 1989 compelia a paralisar setores da vida do país, mas concluíam-se, ou adiantavam-se, mais de duas mil obras, incluindo-se as dos próximos Jogos Panamericanos, que se realizariam em Havana. Com um fôlego e um batimento de pulso pouco crível, Fidel alertava o povo sobre as iminentes, severas e as mais adversas restrições, sobretudo de essenciais matérias-primas, alimentos e combustíveis. Logo Cuba perderia, de fato, 75% de suas importações e mais de 95% do mercado externo para os seus produtos. Das 13 milhões de toneladas de petróleo que recebia a cada ano, a cifra baixava abruptamente a três milhões. Deixaram de vir fertilizantes, herbicidas, ração para animais, madeira, peças para indústrias, meios de transporte, maquinária agrícola, remédios, tecidos e um leque de recursos abrangendo todo o funcionamento da economia, sem contar o previsto nos convênios militares com a URSS. Tal quadro de estrangulamento evidenciava a dissolução de relações quase filiais, que Fidel ainda tentava desviar, quando questionado: "A nossa política não é buscar novos fornecedores, porque para isso teríamos que re-

solver o problema de financiamento. Pensamos em manter os vínculos. Rompê-los não dependerá de nós…”[8]

O fim da URSS foi a resultante do processo de reformas gorbachovianas, ao mesmo tempo em que coroava o término da guerra fria. Na verdade, concluiu-se após uma tentativa de golpe de setores mais resistentes do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em 19 de agosto de 1991. Logo, o Partido foi dissolvido e os símbolos da Revolução Russa ultrajados, levando à separação de outras repúblicas. Boris Ieltsin, o Presidente da Rússia, que chamara à desobediência civil e estabelecera-se no Parlamento rodeado de barricadas durante o frustado golpe, ascendeu como figura política.

“Quem poderia dizer que a URSS e o campo socialista seriam liquidados sem que se disparasse um único tiro? Foi um fenômeno de suicídio, de autodestruição!”, comentou Fidel. “Morreu pela cumplicidade interna, por não ter sido capaz de se defender, pela falta de visão de dirigentes e políticos”[9], pontuaria, arriscando-se à complexa análise do fenômeno.

Ainda em 14 de setembro de 1991, Fidel era informado da decisão das autoridades russas de retirar o seu contingente militar estacionado em Cuba, ao final de negociações com os Estados Unidos. Era a denominada Brigada de Instrução (de infantaria motorizada), que se havia tornado o Centro de Estudos (nº 12). Fidel esbravejou ao ver repetindo-se a forma “desleal” do epílogo da crise dos mísseis:

“Estaríamos dispostos a aceitar a retirada simultânea de nosso país do pessoal militar soviético, se fosse recíproco com o pessoal militar norte-americano... e também parte de um acordo internacional garantido ante as Nações Unidas.”

Um ano depois, subsistiam as conversações sobre o contingente, com Fidel solicitando, como um ponto a negociar com os Estados Unidos, a retirada da Base de Guantânamo; mas a Rússia declinava de vinculá-lo. Recorde-se que, conforme um acordo de 1934, os Estados Unidos pagavam por ano o valor de

dois mil dólares (que pela última década do século XX representavam 4.085 dólares) pelo arrendamento do território da Base; mas Fidel sempre se recusara a utilizar o dinheiro, depositado em uma conta bancária que expira em 2.002. O tema de Guantânamo constava também da argumentação sobre a preservação de um centro de caráter distinto, montado pelos soviéticos e denominado "Lourdes" pelos cubanos.

Tratava-se do maior núcleo construído para espionagem radioeletrônica fora do território da URSS, a partir do qual se obtinha a parcela mais significativa da informação estratégico-militar, sendo a restante por exploração via satélite ou outras. O "Lourdes" servia também para comunicações de natureza civil com as frotas mercante e pesqueira soviéticas. Sobre o assunto, o ministro Raúl Castro declarou:

"Não representaria nenhum problema de consciência manter em nosso território um centro de exploração radioeletrônica de um país que não consideramos inimigo e que havia sido estabelecido por meio de um convênio assinado sobre a base de vantagens recíprocas, quando temos uma base militar norte-americana instalada em nosso território (...) e quando cada palmo deste é, permanentemente, fotografado por satélites e outros meios norte-americanos, assim como são captadas todas as nossas comunicações..."

O ministro assinalaria, reservadamente, que, ante as circunstâncias, cobrar-se-ia da Rússia um aluguel pelo espaço. De todo modo, para Fidel, o relevante era exigir a supressão da Base de Guantânamo, porque o inverso equivalia à chancela para agressões ao país. Remexido pelos acontecimentos, não mais se continha e sublinhava as diferenças da sua Revolução para com a URSS e as "presas de guerra" do Leste Europeu: "Não tivemos stalinismo, abuso de autoridade, privilégios de dirigentes. Pensando empatar com os Estados Unidos, eles estimularam a mentalidade de consumo sem que pudessem satisfazê-la..."

Na URSS, como a pequena propriedade não pudera abastecer a demanda, houve coletivização compulsória no campo,

que causara profundos choques, ao contrário de Cuba. Fidel lembrava ainda que, diferentemente da URSS, o Partido não intervinha na indicação de candidatos nas eleições primárias, apenas as representações do Poder Popular e organizações de massa.

Na capital cubana, das marcas da amizade com os soviéticos, pouco restaria, salvo a grande torre da embaixada na Quinta Avenida, de inspiração stalinista e prepotência dissonante ao aconchego da arquitetura havaneira. Contudo, por uma oferta de Fidel, quase 50 mil crianças, vítimas do acidente nuclear da usina de Chernobil, iriam a Cuba receber assistência médica gratuita. Do primeiro grupo de 140, que chegou em fins de março de 1990, a maioria regressou ao se completar o tratamento intensivo de três meses, já a caminho da cura.

Em tempo de desilusão, Fidel enfrentaria mais uma nódoa na cúpula do poder. Desta feita era Carlos Aldana, cuja projeção política se deu quando foi destacado à condução das negociações de paz no sul-africano. Com um discurso moderno, bem articulado, e uma forte personalidade, ele despontou, logo ocupando um crucial espaço, ao assumir a chefia dos departamentos Ideológico e de Relações Internacionais do Comitê Central (CC) do Partido Comunista de Cuba (PCC), os quais necessitavam de uma habilidosa expressão para o novo diálogo com o mundo. Falava-se, entre as paredes e as mímicas, que Aldana era "o terceiro" – ou quem sabe o segundo – homem do governo depois do "da barba".

Coberto pelo manto das amizades de Fidel e de Raúl, Aldana manipulou por conta própria uma rede de "dependentes", esparsa por vários departamentos da administração, criando um esquema de poder paralelo. Em anos anteriores, cruzara com as figuras do coronel Tony de La Guardia e do ministro Abrantes – os réus das Causas de 1989 –, para o acesso às vias especiais de captação de recursos e produtos para Cuba, "furando o bloqueio".

Aldana incrementou a corrupção a partir do seu gabinete, através da relação com o gerente geral da Audiovisuales Caribbean S.A,

uma empresa cubana que representava firmas internacionais, principalmente a Sony do Japão, e instituições do país. Acusado de enriquecimento ilícito, com valores depositados em uma conta no estrangeiro, foi dispensado das suas funções em setembro de 1992, quando também foram encontrados cartões de crédito de sua propriedade para uso internacional.

Para autoridades do Departamento de Estado, de quem angariou a simpatia durante as conversações sobre Angola, Aldana mostrou-se como a ponte segura para um acordo de "transição" em Cuba. Entre os seus alvos internos, barreiras da expansão de sua influência, situavam-se alguns "históricos" da Revolução, cativos da estima de Fidel, como Manuel Piñeiro (Barba Roja) e Jorge Risquet Valdés, uma personalidade exemplar na direção política do país.

Com Robert McNamara, Secretário de Defesa do governo JFK, no encontro sobre a Crise dos Mísseis em Havana, 1992

CAPÍTULO 49

Com Otto Rivero e Mírim Yanet, dirigentes estudantis de Cuba

O pêndulo de Fidel

Esfacelado o bloco socialista, Fidel seria, mais que todos, posto à prova, o que lhe aumentava a vontade de virar o jogo. Afinal, o que seria de Cuba? E ele, perduraria no poder até quando?

Pronto a um bombardeio de perguntas e cobranças, em uma real maratona de reuniões e solenidades, Fidel aterrissou na capital brasileira (Brasília) em março de 1990, para a posse do

Presidente Fernando Collor de Mello. Exibia um apurado senso de humor, ferino, se necessário.

Um jornalista provocador lembrou-lhe que, para um político, era sempre preferível sair um minuto antes que um depois do fim da festa. Outros lhe perguntaram se não se julgava um retrógrado perdido no tempo, enquanto o mundo avançava na modernidade; se não estaria cansado do exercício do governo, ou decepcionado. "Fui obrigado a usar o cérebro tantas vezes por 30 anos, tanto ou mais que os campeões olímpicos, que me sinto enxuto", respondeu.

Quanto à condição de ditador encastelado que não se punha à prova das urnas, Fidel tentava explicar que, nos primeiros anos, só não houvera eleições porque a etapa se caracterizara pelo assentamento da Revolução, e reiterava que, no tipo de parlamentarismo depois estabelecido pela Constituição cubana, ele poderia e foi reeleito chefe de Estado, de governo e do Partido, a cada renovação periódica da Assembléia Nacional ou do Comitê Central (CC) do Partido Comunista de Cuba (PCC) – mas a matéria parecia pouco inteligível ou muito excêntrica à platéia. Sobre a alicerçada idéia de que era um ditador, recaía ainda a mística do herói legendário.

"O povo me pôs ali e um revolucionário não deserta...", argumentou. "A culpa não é minha, mas dos ianques. Tentaram me matar durante 30 anos e não puderam. Levaram 30 anos tratando de esmagar a Revolução, não puderam... Mas eu seria o primeiro, no exato instante em que me desse conta de que me tornei inútil e prejudicial, a lhes pedir – e exigir – liberação de minhas responsabilidades..."

Foi Fidel que, ao constatar a ineficácia da sua acrobacia explanatória, acabou interrogando os jornalistas: "Por que não se aprofundam nos temas que lhes cabe 'cobrir', em vez de repetirem as opiniões que vêm empacotadas pelas agências, como papagaios?". Entre uma e outra abordagem, soube que um grupo considerável de parlamentares brasileiros, da situação e da oposi-

ção, havia assinado um documento pedindo eleições diretas em Cuba. Sem perder o viço do argumento, mas quase a elegância, Fidel se irritou por "tanta cisma com a Revolução", onde o mundo todo se sentia o dono da casa e um corriqueiro item tornava-se uma hipérbole.

A caminho da solenidade de posse, as comitivas de Dan Quayle, o vice-Presidente norte-americano, e de Fidel se esbarraram na entrada do acesso ao edifício do Congresso Nacional, vindas de dois flancos opostos. Policiais motorizados se interpuseram, dando a vez a Fidel, solicitando que Quayle aguardasse. Em outra circunstância, o protocolo palaciano quis passá-lo adiante da extensa fila de cumprimentos, mas ele se recusou, preferindo permanecer em seu posto à frente de Francisco Iglesias, o presidente do Banco Interamericano, a quem lembrou vigiar-lhe o lugar, se necessário.

No decorrer do evento, o vice norte-americano comentou sentir-se "chocado" por ver fardado um chefe de Estado. Fidel revidou dizendo que a sua roupa não era "de um militarote, era da Sierra Maestra", mas o traje do vice americano era "de um almofadinha". Logo também surgiriam as críticas à barba de Fidel, que alguns, com razão, apostavam ser pintada como o cabelo, mas foi o seu uniforme que acabou virando um mote, lançando a polêmica: já não seria tempo dele abandonar a farda?

De bom grado, o general Andrés Rodríguez, o mandatário do Paraguai que liderara o movimento de derrubada do ditador Alfredo Strossner, veio a Fidel aconselhá-lo a trajar um terno, como fizera ele, para evitar problemas. Contudo, a questão era mesmo mental. Ao findar um dos almoços para os convidados de honra, ao avistar o paraguaio caminhando à sua frente, o Comandante o chamou: "General!". O militar virou prontamente a cabeça e Fidel se aproximou entabulando conversa: "Como o senhor vê, pode-se levar uma vestimenta por fora ou por dentro... O senhor não está de farda, mas se ouvir general, reage rápido, hein..."

* * *

Sócios de aflições comuns, uma espécie de clube de Presidentes e ex-governantes latino-americanos recém-saídos ou recém-chegados, ou que logo sairiam, formava-se de modo espontâneo naquela fase, foi o que Fidel pressentiu. Nunca haviam se reunido a propósito, embora houvesse sido tentado cinco anos antes, por ocasião da Conferência sobre a Dívida Externa – que acabou sendo negociada em separado com os Estados Unidos e os organismos financeiros. Na visão do líder cubano, certos problemas de que tanto reclamavam, jamais se resolveriam sem uma estratégia coletiva:

"Reúnem-se grupos e excluem-se os demais. Fazem o Grupo de Cartagena, o Grupo dos Oito e ninguém se atreve a dizer: Vamos nos reunir todos... Ao longo de décadas, de séculos, criamos o hábito da submissão... Não soubemos ousar. Falamos de integração, unidade e estamos longe de alcançar esses objetivos. Temos hoje uma necessidade histórica de que nos compreendam e nos ajudem. Não queremos ser os novos índios..."[1]

Do premiê espanhol Felipe González e do Presidente venezuelano Carlos Andrés Pérez, que lhe chegaram após conversas com autoridades norte-americanas, Fidel ouviu uma recomendação: abandonar a sua "estratégia da resistência". Os Estados Unidos estariam dispostos a fornecer ajuda a Cuba, desde que, antes, ela reduzisse o seu aparato militar, implantasse uma economia de mercado e realizasse eleições livres – como recentemente, dentro da mesma linha, a Europa Oriental, a Nicarágua e o Panamá. O cubano lamentou não poder atender a solicitação, dado que, do outro lado, a estratégia havia sido sempre – e era ainda – de agressão ou de asfixia econômica. Agregou que a primeira foi relaxada uns anos atrás, porque o preço a pagar – o número de mortos em uma guerra com Cuba – os freava. "Não existem fórmulas intermediárias: ou resiste-se ou se fazem concessões...", asseverou. "Se tivéssemos cedido uma única vez às exigências imperialistas, a Revolução Cubana não existiria..."

* * *

A amparar a dupla estratégia dos Estados Unidos, a contrapropaganda. Em abril de 1991, uma equipe técnica de universitários conseguia cortar o sinal das primeiras transmissões da TV Martí originadas nos Estados Unidos para Cuba, ainda que novas tentativas de neutralizar as emissões da Rádio Martí (que haviam se iniciado em 1985) não obtivessem êxito. Em julho, grupos de cubanos ingressavam nas embaixadas da República Federal Checoslovaca e da Espanha, solicitando asilo. O primeiro grupo foi arregimentado por um diplomata checo. Quanto a Madrid, anunciou que acolheria os refugiados e reforçaria a segurança de sua embaixada para evitar uma avalanche, mas Fidel não transigiu:

"É sabido que ninguém que penetre à força em uma embaixada receberá autorização para sair do país. Nada temos contra a Espanha, nem contra o povo espanhol, nada inclusive contra o governo, mas, para nós, existem pontos inaceitáveis..."

O episódio esteve a ponto de estremecer as afáveis relações entre os dois países, mas a representação espanhola decidiu respeitar os acordos migratórios.

No mesmo mês, com Fidel atiçando, previamente, os bastidores diplomáticos, realizava-se a I Cumbre Ibero-Americana na cidade mexicana de Guadalajara, com a presença de 23 chefes de Estado e de governo. Para o primeiro encontro da comunidade de nações, México e Espanha haviam desempenhado o seu papel em um arranjo com Fidel, que não apenas queria, mas, então, necessitava de um estreitamento com seus "naturais parceiros". Dando uma prova disso, pronunciou-se apto a oferecer-lhes um tratamento preferencial para associações e investimentos em seu país[2]; assim como a firmar o Tratado de Tlatelolco (de Não Proliferação de Armas Nucleares na América Latina), tão logo fosse subscrito por todos os países da área:

"Fomos contra por muito tempo, porque seria uma renúncia unilateral em relação às grandes potências. Uma parte da América Latina também não o aceitava, mas agora há uma situação nova: desapareceu a URSS e ficamos sós; desaparece também

o bloqueio geral dos países latino-americanos contra Cuba e desenvolvem-se as relações diplomáticas ou consulares com a maioria deles. Ademais, soubemos da decisão do Brasil e da Argentina de somar-se ao Tratado..."[3]

Sendo a unidade a inspiradora do encontro, Fidel também procurou desfazer uma incógnita no ar não manifesta: se a socialista Cuba poderia, ou deveria, integrar-se a um conjunto de países capitalistas. O anfitrião, o Presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari, não demorou a esclarecer que, apesar do Tratado de Livre Comércio a ser negociado entre o seu país, os Estados Unidos e o Canadá, cada país era soberano para o trato com os demais. Naquele encontro, evidenciava-se a tendência recente às aglutinações parciais entre nações, com pactos regionais, como a que igualmente se esboçava na parte sul-americana – com Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Tal curso mais incentivou Fidel a se declarar por uma integração total, "não apenas econômica, mas também política"[4], para a qual não via como obstáculo a condição de ser socialista, ao contrário, esta a "favorecia por natureza". Soou subversivo, talvez ultrapassado ou idealista, aos apelos da modernidade; mas o impedimento residia em algo bem mais velho – a relação com os Estados Unidos:

"Ilusões. Sempre um novo canto de sereias. A Aliança para o Progresso, o Plano Baker, o Plano Brady e a última das fantasias, a Iniciativa para as Américas… Enquanto isso, a unidade imprescindível brilhou sempre por sua ausência. Um Continente balcanizado não poderá sobreviver. As políticas das grandes potências econômicas e dos organismos financeiros internacionais sob seu controle não trouxeram o desenvolvimento, mas a pobreza a mais de 250 milhões de pessoas... A região realizou uma transferência de recursos para o exterior no valor de 224 bilhões de dólares em apenas oito anos. A dívida externa continua superior aos 400 bilhões... "

O projeto mais recente, a Iniciativa para as Américas, buscava vincular os países da área ao mercado norte-americano

mediante acordos bilaterais. Enquanto isso, pregando uma total abertura comercial, os Estados Unidos reforçavam o protecionismo para a entrada de produtos latino-americanos e os governantes dos países em questão reclamavam dos seus fardos e problemas, defendendo princípios de justiça social e redistribuição de riquezas. Fidel, então, propôs uma postura elementar de defesa:[5] a América Latina via-se impedida de fazer concessões comerciais, em razão da diferença dos níveis de desenvolvimento.

Todavia, circunscritos à doutrina do neoliberalismo – ao que, em geral, referiam-se como uma situação inevitável –, os latino-americanos abraçavam a tese da soberania limitada. Alguns países que conseguiam a redução da inflação e do déficit público animavam-se, embora saúde e educação em seus países permanecessem debilitadas, com um maior incremento da violência social, caracterizando um universo de "excluídos" da qualidade de vida. Fidel viu-se na obrigação de defender o vilipendiado Estado:

"Se não pode administrar uma fábrica, dificilmente poderá administrar um hospital. Muitos nos dizem que o socialismo é uma utopia irrealizável. Então, teríamos que nos perguntar, com toda razão, para que, demônios, nos trouxeram a este mundo de egoísmo, individualismo e guerras de todos contra todos para sobreviver... A meu juízo, se não derrotarmos o neoliberalismo na América Latina, desaparecemos como nações e seremos mais colônias que nunca..."

O pêndulo da História se inclinava irreversivelmente para um lado, como sugeriu o peruano Alan García a Fidel. A metáfora lhe agradou por seu contorno dialético: se o capitalismo se caracterizava como um sistema cíclico, com avanços e retrocessos, pensou, com o socialismo haveria de passar igual e um dia, por certo, vingaria. No fundo, não se desfazia de seu jovem Marx que aguardava o desenvolvimento histórico da "grande consciência". De qualquer modo, a conjuntura reforçava a sua aceitação de uma vantagem dos capitalistas: "a capacidade de oferecer respostas rápidas a determinados problemas e possibilidades".

Restando como um marco para o diálogo informal entre os países, nas próximas Cumbres, ou reuniões de cúpula, Fidel perseguiria um pensamento univalente entre mutantes, embora amáveis companheiros Presidentes. Em Madrid, no encontro de 1992, levantou a cabeça e insistiu sobre a solidariedade:

"Nosso herói nacional José Martí, filho de espanhóis, escreveu algo que parece concebido para esta reunião: 'Cuba não anda de pedinte pelo mundo. Ao salvar-se, salva. Nossa América não lhe falhará, porque ela não falha à América...'"[6]

* * *

Na Espanha, ainda passeou por Sevilha, cruzou a Galícia e assistiu à inauguração do XXV Jogos Olímpicos de Barcelona. Mente irrequieta, percebia a nuclear incongruência dos grandes encontros da diplomacia. Bem ajustado, no entanto, ao destino do espetáculo, havendo-se adotado como o missionário das questões impertinentes, compareceu à ECO-92 no Rio de Janeiro (Brasil). De Fidel, era o tento de ser um dos pioneiros na abordagem do tema da ecologia em tensão com o progresso, em 1979, na Organização das Nações Unidas (ONU). No acontecimento do Rio de Janeiro, seria o ator principal da palavra. Breve, cortante, seu efeito sonoro editou em uma tela imaginária o fim de mundo ao que se podia reagir:

"As sociedades de consumo envenenaram mares e rios, contaminaram o ar, debilitaram e perfuraram a camada de ozônio, saturaram a atmosfera de gases que alteram as condições climáticas... Os bosques desaparecem, desertos se estendem, bilhões de toneladas de terra fértil vão parar a cada ano ao mar… Numerosas espécies se extinguem...

"(...) Aplique-se uma ordem econômica internacional mais justa. Utilize-se toda a ciência necessária para o desenvolvimento sustentado sem contaminação. Pague-se a dívida ecológica; não a dívida externa. Desapareça a fome; não o homem… Quando

as supostas ameaças do comunismo desapareceram e já não restam pretextos para guerras frias, corridas armamentistas e gastos militares, o que impede dedicar de imediato esses recursos a promover o desenvolvimento do Terceiro Mundo e combater a ameaça de destruição ecológica do planeta?

"(…) Cessem os egoísmos, os hegemonismos, cessem a insensibilidade, a irresponsabilidade e o engano. Amanhã será demasiado tarde para fazer o que devíamos ter feito há muito tempo. Obrigado!"[7]

Na platéia, George Bush aplaudiu-o educadamente.

De volta ao Brasil, em julho de 1993, para a III Cumbre, pediu solidariedade "para a Cuba que luta" e defendeu a ampliação do número de membros do Conselho de Segurança da ONU, com uma maior participação proporcional para América Latina, Caribe, África e Ásia. Não se podia permitir, defendia, que as

Com Fernando Collor de Melo, Presidente do Brasil

Nações Unidas se consolidassem como o instrumento de hegemonismo mundial dos Estados Unidos. Ali, conversou com Jean Bertrand Aristide, o Presidente deposto do Haiti que era apoiado pela comunidade internacional. A questão era a faculdade de intervenção e de permanência de tropas estrangeiras no país haitiano para a garantia do retorno de Aristide e a normalização institucional. Fidel opinou que o princípio em si era insustentável, mas, à primeira vista, inexistiam meios para que os próprios haitianos pudessem fazer valer a sua escolha.

Já em seu país, ao relatar as experiências das reuniões no exterior, extravasou à vontade:

"Há os que mencionam cifras de 30 milhões de crianças sem lar pelas ruas da América Latina... Oitenta e quatro milhões de indigentes. Milhões de crianças em idade escolar que trabalham mais de oito horas... Como vêm agora com a teoria de que a receita é mais capitalismo para desenvolver os países?"[8]

* * *

Dentro de seus limites territoriais, mais que nunca, sua presença revelava liderança, com as rédeas nas mãos, frente à espiral de queda progressiva na economia. Em um "período especial", a hipótese de uma inviável reversão da crise tornava-se a vilã de Fidel, escorada pelos periódicos ciclones que assolavam o país de dez milhões de habitantes.

"E se tivermos que escolher, em algum momento, entre o combustível para os ônibus e o de preparar a terra e cortar a cana ou mobilizar 300 mil pessoas para a colheita, mas tendo que providenciar acampamentos, roupa, sapatos, instrumentos de trabalho e alimentos?", perguntava ao povo.

A partir de 1990, iniciava-se o rol de medidas, leis e decretos referentes à redistribuição de produtos, combustível, eletricidade e transporte, para o setor estatal e particulares, em uma realidade de restrições e carestia. Obras fundamentais – re-

finarias, fábricas, termoelétricas e a usina nuclear – tiveram de ser paralisadas. Com uma grave falta de papel, os impressos administrativos, de imprensa e literatura, foram reduzidos ao máximo. Fidel só não renunciou à continuidade dos programas no campo das Ciências. "E que todo mundo investigue, experimente, racionalize, invente e inove!", conclamava, captando a criatividade popular, ante a ausência de peças e materiais.

Das metas para tentar refrear a queda em uma primeira fase, destacavam-se o programa alimentar, o impulso ao turismo e a ampliação de mercados para exportação. O país teria de comercializar seus produtos – como o açúcar e o níquel – aos preços do mercado mundial, bem mais reduzidos, com a ex-URSS inclusive. Neste quadro, manter os preços internos, o pleno emprego e reduzir o excesso da moeda circulante, eram os outros problemas que requeriam solução.

Falava-se de uma "opção zero". Como resposta, as organizações de jovens, a Federação dos Estudantes Universitários (FEU) e a União de Jovens Comunistas (UJC), mobilizavam seus milhares de militantes para sustentar a Revolução e o seu condutor, preparando-se para enfrentar até o extremo. Roberto Robaina e Felipe Pérez Roque seriam as figuras ascendentes desse movimento maciço de estudantes, que provocou em Fidel a seguinte afirmação: "Somos um país em que, definitivamente, o povo pode dizer: o Estado sou eu!"[9].

A bicicleta foi instituída como um meio geral de locomoção, sendo distribuídas centenas de chinesas e algumas soviéticas, uma novidade social que determinou uma política especial e urgente de aprendizagem e adaptação ao trânsito. Aquele era o momento em que o preço do petróleo poderia elevar-se ainda mais, em virtude da ameaça de confronto no Golfo Pérsico.

Estando Cuba, afinal, no Conselho de Segurança da ONU, em 7 de agosto de 1990, Fidel enviou uma mensagem aos governantes de países árabes, explicando o motivo da abstenção do seu país na votação sobre o projeto de resolução de bloqueio

econômico total ao Iraque, que invadia o Kuwait. Concebido pelos Estados Unidos, o projeto significava um aval para uma escalada bélica, mas não anulava a inconveniência da ação iraquiana, pontuava o líder cubano, posto que daria lugar a que o governo norte-americano promovesse uma coalizão política e militar de países árabes. E assim ocorreu.

Meses depois, a feroz ostentação do ataque anglo-norte-americano ao Iraque o faria recordar conversas com alguns políticos norte-americanos que visitaram Cuba nos idos de 1970, que diziam que a URSS queria se apoderar do mundo. Fidel ironizava:

"Se vocês crêem que existe alguém tão louco neste mundo querendo tomá-lo, por que não o presenteamos? Ora, o mundo não é Luxemburgo, está mais para a Índia, com milhões de seres vivendo na miséria, desemprego e fome crescentes..."

Sua idéia atrevida seria oferecer de uma vez o globo terrestre aos Estados Unidos, excluindo Cuba, logicamente. Mas a dúvida era se ela restaria a salvo. O general Colin Powell (comandante das tropas norte-americanas e chefe do Estado-Maior do Exército), notabilizado na Guerra do Golfo, declarou a necessidade de destruir Fidel, assim como a Kim Il Sung, da Coréia do Norte, depois do alvo priorizado: Saddam Hussein. Militares da sua equipe exporiam, em 1992, ao Congresso dos Estados Unidos, o esboço de um plano de "intervenção humanitária" em Cuba, pois se observava a possibilidade de uma explosão social no país, com emigração violenta e desordenada, sobretudo com destino à Base Naval de Guantânamo. Exageravam sim, certamente animados pelo fim da guerra fria, mas seu ponto de vista não era de todo cego. Um rincão da base se convertia ultimamente em refúgio de haitianos; ou servia, no seu todo, para o cenário de supostas provocações de cubanos do lado de fora, na falta de uma maior serventia. Quase um século depois de sua criação, calculava-se que abrigava quase sete mil soldados e 35 funcionários cubanos em tarefas de saúde e comércio. Se, no passado, a base chegara a funcionar como um centro de operações de

suprimento e "infiltração" contra o regime cubano, atualmente era, na opinião de uma maioria, apenas um símbolo de agressão.

Mal-estar com os Estados Unidos à parte, garantir os alimentos à população de Cuba virava a prioridade número um para Fidel. Se a oferta havia sido sempre um problema agudo, agora se tornava definitivamente crônico: "Pergunto-me o que vamos fazer. Acaso voltaremos a estabelecer as tendinhas e camelôs do 'mercado livre camponês' para que vendam a qualquer preço?".

O "mercado livre camponês", que fora abolido como agenciador de corrupção, havia sido também uma das cópias do modelo soviético. Com a carência, cresceu o "mercado negro", com desvio de recursos dos estabelecimentos estatais, em muitos casos tolerado, embora poluísse o ideal da igualdade:

"O paternalismo foi o que agravou a desordem, porque fez com que todos acreditassem ser imunes. Por exemplo, uma mulher, mãe de oito filhos, cada um de um pai diferente, o que faz? Vende para outrem a metade da sua cota de leite e uma parte da de arroz que lhe sobram e estimula o mercado negro... Quero ser claro: não fazemos restrições para se ter filhos e muito menos marido. Nem estou fazendo a crítica moral da mulher, são coisas da vida... Agora, este problema se repete com as cotas de cigarros e de rum que um núcleo familiar tem direito, porque muitos não fumam nem bebem.

"(...) Quem se acostumou a ter o máximo, não compreende quando começa a faltar. O frango que não chegou no mercado acaba ofuscando o medicamento que pode salvar a vida ou aliviar uma dor; ou o litro de leite garantido para cada criança que se educa...[10]

"E quem não viveu os anos de abundância neste país? Sábado ou domingo, as estradas repletas, eu mesmo passava por elas e perguntava: 'Vão ao trabalho voluntário?' Diziam-me: 'Não, a um jogo de beisebol...' Fizeram também trabalhos voluntários, mas gastaram muito pneu e gasolina; era incontrolável. Conheci gente que ia ver a namorada em uma motoniveladora…"[11]

O mais árduo era "socializar os prejuízos". Levando o programa alimentar, Fidel convocava o povo a dar a sua cota de trabalho na agricultura e incentivava o auto-abastecimento de empresas estatais e cooperativas. Pelas cidades plantaram-se hortas em terrenos subutilizados e criaram-se animais em pátios e quintais, para autoconsumo ou venda. No plano mais geral, o Comandante propunha a remodelação do sistema político-econômico para adaptá-lo ao período de desaparição da comunidade socialista. Entre as propostas discutidas nas comissões populares, para serem incorporadas à Constituição, as mais transformadoras referiam-se à relação com "empresas mistas e outras modalidades de associação econômica", direitos e deveres de estrangeiros residentes e sobre a liberdade de religião e de crenças. A abertura ao investimento estrangeiro, em produções cooperadas ou acordos de comercialização com o Estado, seria o destaque das posições tomadas pelo IV Congresso do PCC, em outubro de 1991. A Assembléia Nacional aprovou as reformas em julho de 1992.

Das áreas factíveis de inversão de capital estrangeiro, somente se excluíam os setores de educação, saúde e Forças Armadas, embora se admitisse sua participação no sistema empresarial dos militares.

"Meditamos sobre o que deve fazer o Estado. Se forem de grande importância estratégica e social, então, ele deve subsidiar as empresas deficitárias; ou outras que considere conveniente manter. Desde logo, há campos difíceis para serem manejados só por ele", admitiu Fidel.

Ao se incentivarem as empresas mistas, o setor de turismo internacional foi o maior beneficiado, o que significava privar os cubanos de serviços hoteleiros:

"Quando estabelecemos um hotel para o turismo estrangeiro, há quem pense que estamos lhe tirando algo, mas precisamos resolver outros problemas. E se há algum excedente, será para gente que se destaque em alguma atividade. Não podemos dizer:

o hotel está aberto para qualquer ladrão, desses que especulam e que acumulam um montão de pesos...”[12]

Na questão religiosa, concluía-se o processo iniciado em fins de 1985, quando de um encontro entre Fidel e representantes de diversas igrejas de Cuba, no bojo do diálogo com religiosos norte-americanos e os da América Latina, particularmente os adeptos da Teologia da Libertação. Outras resoluções se referiam ao estímulo às associações entre agricultores independentes – instituindo-se as cooperativas de produção agropecuária (CPA) e as de crédito e serviço (CCS) –, invertendo as antigas resistências de Fidel para com as formas cooperativas. Na agricultura, não tardaria o regresso à tração animal, com juntas de bois e o transporte da colheita em carretas e mulas, em virtude da falta de combustível para operar os equipamentos.

Decidiu-se, ainda, a mudança no sistema eleitoral. A partir daquele momento, não apenas os representantes municipais (de “circunscrição”) seriam eleitos de forma direta, mas também os representantes às Assembléias Provinciais e os 500 deputados da Assembléia Nacional. Quanto à postulação dos candidatos, na primeira instância era igualmente de forma direta, apenas com a participação das organizações populares de base. Delegava-se ao PCC um papel de “força dirigente superior”, sem qualquer interferência na execução das diversas políticas. Completava-se, assim, a divisão entre o Estado e o Partido no regime cubano.

O “voto da dignidade” seria o lema de Fidel nas eleições para representantes e deputados em dezembro de 1992, quando votaram 97,2% dos eleitores, a saber, mais de 7,8 milhões de cidadãos. Nos meses anteriores, programas patrocinados por grupos no exílio e transmitidos para Cuba, conclamaram à anulação do voto, como a organização Plataforma Democrática Cubana, encabeçada pelo escritor Carlos Alberto Montaner.

Nessa Cuba sem crianças abandonadas ou mendigos, apareciam meninos perto de hotéis pedindo chiclete ou moças ensaiando

o retorno à prostituição. Em 1992, a situação era pior. No alvorecer do ano, em janeiro, um grupo atacou uma base náutica no intento de seqüestrar um barco e partir para os Estados Unidos, assassinando três soldados. "Apagões" se intensificaram e a moeda se desvalorizou sobremaneira, com um dólar chegando a valer 150 pesos. O excesso de dinheiro circulante chegava ao máximo, mas o governo preferia não liberar preços e nem aplicar uma política de ajuste, pela deficiência de oferta.

Nas cidades e nos campos, reproduziam-se as burlas das normas e grupos de enriquecidos. Nas instituições financeiras internacionais, o governo não podia buscar nem um centavo. O esforço por racionalizar recursos acabou compelindo à redução de pessoal militar. Das representações no exterior, retiravam-se adidos militares, até por se encontrar esgotada a época das missões internacionalistas. Em atos de solidariedade, chegavam a Cuba doações de materiais e alimentos, de governos e organizações amigas. A "caravana da amizade" dos Pastores pela Paz, com o reverendo norte-americano Lucius Walker, foi recebida por Fidel em 1992 e 1993, após haver percorrido várias cidades com um carregamento de toneladas de comida e medicamentos, vivendo uma série de altercações com as autoridades federais norte-americanas. Em meados do ano, o Congresso dos Estados Unidos aprovara uma lei que outorgava ao Presidente (George Bush) o direito de aplicar sanções econômicas aos países que mantivessem relações comerciais com Cuba. A lei foi batizada de Torricelli, o sobrenome do deputado norte-americano que a propusera.

Apesar das reformas, com a perda de incentivo do trabalhador para ganhar os pesos que nada compravam, a produtividade continuava despencando. Na segunda metade de 1993, foi aprovada uma outra série de medidas de cunho radical. Primeiro, a descriminalização – ou a legalização – da posse e do uso de dólares norte-americanos, ou de outra moeda conversível. Anteriormente, além de ser considerado um crime, possuí-las era de pouca serventia dentro do país. Agora, em conseqüência da

medida, autorizavam-se livres remessas em divisas de pessoas no exterior a familiares em Cuba. Em uma etapa anterior, divisas que entrassem no país por algum meio acabavam parando em repartições estatais que as trocavam por ouro; ou por pesos nas instituições bancárias. Mas, em "período especial", fazia-se corriqueiro o envio das divisas de forma clandestina.

"O propósito é, entre outros, evitar uma grande perseguição policial", disse Fidel. "Nossa polícia não pode se dedicar a perseguir quantas divisas entram no país pela via do turismo, porque, nesse caso, não teremos turismo. Quem diria? Nós, tão doutrinários, que combatemos o capital estrangeiro, vemo-lo agora como uma necessidade imperiosa..."[13]

Antes e depois de decidida, a "despenalização" desencadeou as mais variadas posições. Uma parte da população opinava que o dólar deveria ser trocado por uma "divisa conversível", válida para circular dentro do país; outros defendiam uma espécie de "certificado" para compras em determinadas lojas de importados, especiais para estrangeiros. Outros ainda, a permissão do uso do dólar apenas em uma espécie de "mercado paralelo".

Para a arrecadação dessa nova massa monetária, que também chegava às mãos de cubanos através dos turistas, o Estado montou uma rede de lojas e serviços de freqüência franca, não sem uma nova polêmica. Fidel foi à defesa:

"Não existem companhias norte-americanas com cadeias de lojas? Por que não podemos tê-las e administrá-las bem? Qual é a diferença? Pode ser que tenhamos que aprender a forma como administram; mas, por razões objetivas, nem sempre poderemos superar atrasos tecnológicos ou resolver certas necessidades."

A afluência das remessas em dólares, principalmente dos Estados Unidos, conferiram aos seus beneficiários um padrão econômico desigual, ao lhes garantir o acesso às lojas de importados, antes exclusivas de diplomatas e estrangeiros. Muitos cubanos optaram por abandonar postos de relevância social – caso de professores e técnicos qualificados – para tentar uma

ocupação nas frentes de turismo, com boas chances para aqueles que dominavam línguas estrangeiras. Ao se introduzirem agentes capitalistas no sistema, surgiram, inevitavelmente, as distinções socioeconômicas.

Estabeleceu-se na economia, desse modo, um sistema monetário dual que permitiu, até certo ponto, minorar a escassez e a retração econômica. Concomitantemente, uma nova leva de representações de empresas de todo o mundo, inclusive dos Estados Unidos, visitavam Cuba para explorar possibilidades de negócios. No final de 1993, consolidavam-se 99 associações econômicas com capital estrangeiro, entre produções cooperadas e empresas mistas, sendo 21 em turismo; e ainda 413 empresas estrangeiras, provenientes de 40 países, representadas em Cuba através de entidades nacionais ou com escritórios independentes.

No campo, criaram-se as unidades básicas de produção cooperativizada (UBPC), reformando as relações em uma parte das granjas e fazendas do Estado. Este preservava a condição de dotar os créditos e os meios de produção, mas os operários agrícolas passavam a donos da produção e usufrutuários da terra, recebendo parcelas para a exploração em caráter familiar. Amesma disposição, de entrega de terras em condições de usufruto, foi conferida a produtores de tabaco, café e cacau.

Os resultados na produção, entretanto, não corresponderiam às intenções, observando-se a continuidade do baixo aproveitamento ou insuficiência de força de trabalho. Já aos operários industriais não se entregaram os meios de produção, porque, explicava Fidel, seria como lhes presentear perdas: unidades inadimplentes ou insustentáveis.

Outra providência foi a ampliação do "trabalho por conta própria", sobretudo no setor terciário. Legalizaram-se ofícios privados e pequenas empresas familiares, buscando-se alternativas de emprego e oferta adicional à população. Logo a medida receberia uma normatização especial. Em 1995, segundo dados oficiais, 208 mil pessoas eram já "contapropristas".

A crise e as reformas foram profundas na primeira metade dos anos 90. Provocando o apelo ao consumo e alterando valores e gostos na população cubana, o aumento das relações com estrangeiros que vinham do mundo capitalista, era um mal indispensável. Ao contrário dos comunistas cubanos mais conservadores, Fidel incentivava os contatos com o mundo exterior: "Uma mulher não é pura por estar na cela de um convento!", disse, em metáfora, e terminou ofendendo as freiras cubanas que se mostravam suas aliadas, conforme declarou.

Em sintonia com a nova fase, ascendia uma nova geração ao poder, impregnando-o de cara nova. Em novembro de 1992, Carlos Lage, um outro ex-dirigente estudantil e ajudante de Fidel, foi designado secretário do Comitê Executivo do Conselho de Ministros e vice-Presidente do Conselho de Estado, com atribuições similares às de um primeiro-ministro.

Falando para um grupo de engenheiros

Em visita à Muralha da China

C A P Í T U L O 5 0

Com Hugo Chávez, Presidente da Venezuela

Pátria ou morte: os balseiros

O drama de Cuba com a abertura econômica motivou as vertentes do exílio. Algumas se manifestavam cansadas da condição de “reféns” do conflito Estados Unidos x Cuba, desejando o fim do bloqueio e do “limbo jurídico” a que haviam sido condenadas.

Após articulações com diplomatas cubanos, um grupo de mais de 200 cubanos exilados, pertencentes a distintas tendências, regressaria a Havana para participar de um encontro que se intitulou "A Nação e a Emigração", em abril de 1994. Durante o encontro, produziram-se acordos, como a possibilidade de "repatriação" dos exilados e uma maior flexibilidade para os prazos e as condições para visitas ao país. Quanto à reivindicação de que as remessas em dinheiro a familiares pudessem servir de capital inicial para empresas e negócios, as autoridades esclareceram que a prioridade, nesse campo, era para o capital estrangeiro em produções destinadas à exportação e que não pretendiam deliberar sobre alterações sensíveis na estrutura socioeconômica.

O grupo ainda reclamou o direito de participar na vida da nação, fosse através das instituições vigentes ou de outros partidos a serem fundados. Fidel, que foi saudá-los, expressou satisfação pelo fato de terem vindo a Cuba, sem se deixar intimidar pelas pressões das vertentes opostas à reunião, mas esquivou-se de comentar a questão do pluripartidarismo. Uma das justificativas para manter um partido único, esclareceu em outra oportunidade, era a de que qualquer intento de organização política em Cuba fora dos marcos oficiais, evidenciava, invariavelmente, vínculos com elementos nos Estados Unidos.

Dentre aqueles com quem conversou em particular estava Eloy Gutiérrez Menoyo, que, no encontro, expôs sua agenda de oposição e pediu a abertura de escritórios do seu movimento Cambio Cubano, que adotava uma linha moderada, de mudanças no regime, mas com Fidel no poder. Entre os amigos da juventude, participava Max Lesnick, com quem já retomara as relações e a quem perguntou por Alfredo (Chino) Esquivel, estranhando sua ausência.

O Chino foi contatado e voltou à terra. Ao chegar, recebeu o aviso de manter-se localizável e a postos para o chamado, mas não foi dos mais sacrificados com o ritual da espera. Dois dias depois, já cruzando o interior do Palácio Presidencial, viu Fidel

sair ao corredor para recebê-lo e dar-lhe um grande abraço. Tomado de nostalgia e contentamento, disse-lhe que aquele era um dia muito especial e, portanto, pedira que fosse servida uma das duas latas de caviar que sobravam de um presente da URSS e uma garrafa de vinho argentino das que lhe enviava Carlos Menem – a quem retribuía com charutos. Chino encontrava-se aposentado e Fidel, ao saber que ganhava três mil dólares como pensão, comentou que, então, viveria como um nababo em Cuba.

Mas uma parte dos *novos ricos* de Cuba estava com o destino traçado. No início de maio de 1994, a Assembléia Nacional aprovou uma legislação de controle: o confisco dos bens dos que enriqueceram por meios ilícitos e um programa de saneamento das finanças. Neste, estipulava-se o aumento dos preços de produtos não essenciais e eliminavam-se serviços gratuitos no ensino, especialmente em níveis superiores e de extensão, inibindo o ingresso nas universidades:

"Quem enterrará os mortos neste país? Quem limpará as ruas? Nosso problema, agora, até pode ser a quantidade de trabalhadores intelectuais para poucos manuais. Se todo mundo é universitário, então, o gari terá que ganhar mais que o profissional universitário"[1], defendeu Fidel.

Completava-se um ciclo de decisões que abalavam princípios socialistas e mandamentos da igualdade, sob a batuta de Fidel. Logo veio a matéria mais polêmica, que há dez anos rumorejava-se como hipótese: o estabelecimento de impostos, em um povo acomodado a um Estado provedor. O Comandante propôs que toda e qualquer renda, incluindo salários, fosse suscetível de taxação. Tratava-se, em essência, de barrar a ação espontânea do mercado.

Para provocar a retração do "mercado negro" e, ao mesmo tempo, estimular a oferta, sugeriu uma nova modalidade de "mercado agropecuário" que vinha concebendo; instaurado, finalmente, em outubro. Na prática, eram feiras livres para a venda de excedentes horti-fruti-granjeiros, onde podiam concorrer vá-

rias categorias do campesinato. Os estabelecimentos, muitas vezes com o formato de grandes pavilhões, ficaram sob a administração do Poder Popular, que alugava os espaços aos agricultores e lhes cobrava percentuais sobre os ganhos declarados. A única ressalva era a de que membros das cooperativas só se habilitavam aos pontos após haver cumprido seus compromissos de entrega ao Estado. Todavia, enquanto a produção como um todo não crescesse, sabia Fidel, todas as iniciativas resultariam fugazes.

Enquanto alguns do exílio sonhavam com o regresso, muitos cubanos de dentro, por insatisfação e baixas perspectivas, viamse compelidos ao êxodo. O movimento, intrínseco à história da Ilha, entrava em alta, com vários casos de barcos pagos na Flórida que fundeavam em praias cubanas para recolher suas encomendas (as pessoas). Em 1991, 2.203 fugitivos; em 1992, 2.557; e, em 1993, 3.656. Em pleno ar pelo Caribe, reavivavam-se os seqüestros de aeronaves.[2] De janeiro a julho de 1994, seriam resgatados 4.731 fugitivos nas águas do Estreito da Flórida.

O episódio do seqüestro de um velho rebocador de madeira acendeu o pavio do êxodo em massa. Apto apenas para navegação curta em águas interiores, o rebocador partiu superlotado do porto de Havana, na noite fechada de 13 de julho, para um inevitável naufrágio no mar revolto do Estreito. A seqüência das cenas do episódio revelava a polarização das posturas dos cubanos ante a crise que a todos afligia. Alguns se esforçaram por impedir a saída da embarcação. Adiante, no ponto de cruzamento da baía, outro barco civil veio situar-se veloz, bem à sua frente, ao mesmo tempo em que outros se aproximavam pelo lado e por trás, tentando reter o rebocador, sendo que o último terminou chocando-se à sua popa, causando o afundamento. Das 63 pessoas a bordo, só 31 puderam ser resgatadas com vida. Seguidamente, em dias posteriores, houve mais seqüestros de lanchas que foram recolhidas pela guarda-costeira norte-americana.

Se a penúria reclamava a fuga, também embotava o ânimo e insuflava o medo. No início de agosto, Fidel e Raúl andavam

pelo país inteiro em uma diligência a favor da audácia e da participação positiva, “contra os oportunistas, os burocratas e os simuladores”. “É nas reuniões que se deve falar, não pelos corredores. Que todos os revolucionários exponham abertamente as suas opiniões (...) no lugar adequado, no momento oportuno e com a forma correta…”, dizia Raúl.

Em 5 de agosto, no dia em que saía a lei dos impostos, um grupo tentou tomar uma lancha provocando manifestações de violência na área do porto. A polícia pediu a ajuda dos núcleos do Partido Comunista de Cuba (PCC) e do Poder Popular para tentar reprimir o movimento que tomava um vulto incontrolável.[3] No início da tarde, nas imediações do porto, nos bairros de Centro Havana e Havana Velha, sucedia um motim, com embates entre grupos conformistas ou rebeldes à conjuntura.

Fidel se encontrava em seu gabinete acompanhando os acontecimentos por rádio, até que escutou que havia disparos, elementos lançando pedras contra a polícia, e decidiu partir ao foco da desordem. Ao saltar do carro, discretamente observou o quadro a distância: congelara-se, lá pelo início dos anos 60, a última imagem vista em seu país povoada por gente com aquela atitude. Meteu-se naquela aglomeração revolvida, ladeado pela escolta, a quem dera a expressa ordem de não atirar em nenhuma circunstância. Em questão de minutos, os manifestantes, ao se darem conta da sua presença, foram silenciando os protestos. Não obstante, Fidel se arriscara em demasia, apresentando-se como um possível alvo para agressão. “Esse é o meu papel. Posso morrer amanhã e o país será igual. Já sofri vários enfartes, frutos de boatos, e apesar dos sustos, por sorte, até agora, não tive nenhum...”[4]

À desordem instalada, Fidel atribuía um grau de responsabilidade ao estímulo à imigração ilegal por parte dos governos norte-americanos:

“Quanto mais difíceis as condições econômicas, mais se incrementam esses fenômenos... Se os Estados Unidos não to-

Em 5 de agosto de 1994, no começo da crise dos balseiros

marem medidas rápidas e eficientes para cessar o estímulo às saídas ilegais, sentiremo-nos no dever de dar instruções aos nossos guarda-fronteiras de não obstaculizarem nenhuma embarcação que deseje partir..."[5]

Alçava o fato àquela dimensão política que punha os Estados Unidos em "sinuca de bico", parecida com a do êxodo de Mariel. Pelo acordo sobre imigração com os Estados Unidos, em 1984, 160 mil vistos deveriam haver sido concedidos para cubanos em um período de dez anos, posto que o estipulado eram 20 mil anuais. Somente 11.222 foram liberados no total[6], considerando-se que o trato foi suspendo em 1986 e 1987, em razão do estabelecimento da Rádio Martí. No ano em questão, 1994, até o dia 22 de julho, registravam-se 544 vistos liberados.

A questão diferia para o caso de dissidentes ou criminosos, em que, proporcionalmente, o número de concessões de vistos não se mostrava muito defasado do previsto.[7] Também a acolhida a imigrantes sem a documentação requerida não apresentava empecilhos, em virtude dos esquemas locais bem estruturados e organizações para auxiliá-los. Em outros lugares, como na Espanha, também havia incentivo à imigração de cubanos, com oferta de emprego, dinheiro ou contas bancárias,[8] mediante a influência mantida por setores anticastristas no exílio.

A vaga de lanchas ou balsas, muitas improvisadas ou artesanalmente construídas, ou seqüestros de embarcações com ocorrência de mortes, tentando cruzar o Caribe ao azar, crescia de modo alarmante, apresentada em show pela mídia. Relaxando a patrulha do litoral cubano, Fidel buscava repor a discussão do tema migratório na sua abrangência, o que implicaria apresentar sobre a mesa a questão do bloqueio.

Em 11 de agosto, os balseiros já chegavam a 5.435, a maioria jovens em idade de trabalhar, sem alternativas em Cuba. No mesmo dia, a Casa Branca afirmava, em tom de represália, que qualquer cubano que abandonasse o país, pelo motivo que fosse, poderia adquirir cidadania estadunidense. O jornal *The New York*

Times, cotejando outra linha, no mesmo 11 de agosto, analisou que os Estados Unidos encontravam-se paralisados ante um dilema de que eram os autores.

Oito dias depois, ante o fluxo de balsas batendo às costas norte-americanas, o Presidente Clinton resolvia não mais admitir as entradas ilegais, dando por extinto o asilo político automático. Os resgatados em alto-mar deveriam ser recolhidos à Base de Guantânamo pela guarda-costeira, unindo-se, assim, aos 15 mil refugiados haitianos que ali se encontravam. Mas sensível à pressão direta do setor mais conservador do exílio, que se recusava ao diálogo com Fidel, ditou também a proibição das remessas de dólares para Cuba, restrições ao tráfego aéreo entre os países, e avalizou as transmissões radiofônicas contra a Revolução, que serviam como um mecanismo de persuasão ao êxodo. Até esse dia, calculava-se que 33 mil cubanos haviam tomado o destino da Flórida na vaga dos balseiros.

Em 9 de setembro, chegou-se a um novo acordo migratório em Nova York. Os Estados Unidos comprometiam-se, mais uma vez, com 20 mil vistos anuais a Cuba, que de sua parte tomaria medidas para deter os refugiados. Aos milhares que se encontravam na base, couberam apenas promessas de um desfecho. Fidel pontificava que não aceitaria, sob nenhum pretexto, a armadilha de se concederem vistos aos concentrados em Guantânamo, preservando a dúvida aos que aguardavam em Cuba por documentos legais; que os Estados Unidos teriam que "resolver o problema sem estimular novamente o caos". Guantânamo estava prestes a se tornar um campo permanente de refugiados, o que custaria ao país norte-americano milhões de dólares em manutenção.

Uma noite, soldados da base descuidaram da vigilância e uns 700 refugiados conseguiram escapar, atravessando campos minados em direção ao país, registrando acidentes com mortos e feridos. A Administração norte-americana ofereceu uma solução em 1995: liberavam-se todos que lá estavam, podendo ou

não iniciar os trâmites legais para ingressar nos Estados Unidos, se assim desejassem.

* * *

Com um olhar no resto do mundo, Fidel observava a circunstância especial da decolagem econômica dos "tigres asiáticos" – principalmente Taiwan, Cingapura e Coréia do Sul – e aprofundava uma longa e densa reflexão sobre os fenômenos do neoliberalismo e da globalização. Os asiáticos, com grande disponibilidade de capital e de mercados, atingiram um rápido e pujante desenvolvimento com alto nível técnico, conformando os exemplos que as grandes instituições financeiras recomendavam seguir, omitindo porventura o fato de constituírem regimes fortes com orientações protecionistas. Fidel conjeturava:

"Como é que o Haiti pode imitar o exemplo de Taiwan? E os países da África? À Somália, foram levar alimentos à ponta de canhões... A população do planeta cresce a um ritmo de, aproximadamente, 100 milhões de habitantes por ano... O capitalismo está condenado ao crescimento ou a devorar-se a si mesmo, porque parar significaria uma catástrofe para os Estados Unidos, Japão e Europa. Para uns se desenvolverem, outros teriam que parar de crescer...[9] Trata-se, para os pobres e pequenos, de saber como vamos sobreviver nas próximas décadas; da nossa existência como nações."[10]

Países do Caribe não podiam prescindir da integração. A tentativa desenhou-se em 5 de maio de 1994, em Barbados, na Conferência dos Pequenos Estados Insulares, da qual Fidel participou. Mas seria em Cartagena, na IV Cumbre Ibero-Americana, que se formaria a Associação de Estados do Caribe, integrada por 25 países, incluindo os centro-americanos, mais Colômbia e Venezuela. Em uma próxima reunião, propugnar-se-ia a formação de um fundo de desenvolvimento para os países membros.

A grande sensação de Cartagena foi Fidel, que surgiu vestido de "guayabera" – camisa típica caribenha que, com manga comprida, considera-se um traje protocolar – de cor branca e uma calça comprida escura, ambas impecáveis, confeccionadas por seu alfaiate particular. O abandono do uniforme, antes criticado, do qual afirmara não se desprender, gerava o enorme susto, uma sensação de estranheza ou de nostalgia que percorreu o mundo. E seria para sempre? Em compensação, uma boa vista d'olhos poderia detectar que ele não se despegou das botas (tamanho 45), por insubstituíveis ao seu interminável caminho.

Na ocasião, um grupo de terroristas projetava disparar em Fidel, quando ele estivesse percorrendo pontos da cidade em companhia do seu amigo Gabriel García Márquez, que tem uma residência em Cartagena. Os executores eram vinculados à Fundação Cubano-Americana, sendo chefiados pelo exilado cubano Luis Posada Carriles. Este fora um dos autores da sabotagem do

Com Itamar Franco, Presidente do Brasil

avião em Barbados, em 1976 – e viria a tentar um novo atentado em 17 de novembro de 2000, na Cidade do Panamá, durante a X Cumbre Ibero-Americana. O fato foi denunciado por Fidel in loco, visando inclusive a prevenir sobre a provável ocorrência de explosões em locais do evento. Posada Carriles, portando identidade falsa e passaporte salvadorenho, foi, em seguida, detido na capital panamenha.

Em Cartagena, Fidel ainda quis fazer um desabafo, após os pronunciamentos do último dia:

"Sei que, às vezes, quando falo, alguns não movem a mão. Correto, eu os respeito. Cada qual deve fazer o que estime pertinente. Aplaudi todos, alguns com mais entusiasmo... Aprecio tanto, por isso, o gesto do Presidente Itamar Franco, do Brasil, surpreso de que não se tenha mencionado uma só palavra sobre o bloqueio injusto, criminoso, desumano, que há mais de 30 anos se impôs ao nosso país... Ficamos sozinhos e muito, quando ficam sós, se rendem. Nós não nos rendemos, seguimos lutando, porque entendemos que defendemos a dignidade, a soberania e a independência de nossos povos de América Latina... Não se disse que Cuba foi o país que mais avançou na área do social na História deste hemisfério. Fizemos tanto, que penso que mais do que teríamos podido… Chama-me a atenção que não se tenha dito também uma só palavra sobre a posição comum que deveríamos levar à Cumbre de Miami, algo tão importante e tão vital, que está bem próximo... Por último, digo que respeito as idéias de vocês e as respeito com muita sinceridade. Haveria que realizar uma Cumbre para discutir o que é a democracia, o que é a participação do povo e o que significa que milhões de pessoas morram neste hemisfério todos os anos, por doenças, fome, podendo se salvar… É nosso dever, se somos democratas, se somos humanos, de pensar em tudo isso. Temos nossas idéias, nossas concepções sobre a democracia e não nos sentimos envergonhados disso… Peço respeito também para os nossos critérios, da mesma forma que respeitamos os seus..."

Outro assunto na oportunidade, de menor repercussão, fora a convocação a uma Cumbre em Miami, promovida por Clinton para o final do ano. Desde logo, um encontro em Miami, apregoando o livre movimento dos capitais, tinha a intenção de dividir e neutralizar os acordos entre os latino-americanos. Fidel, ausente da lista de convidados, ironizou, expressando que teria sido mais inteligente da parte dos Estados Unidos haver convocado a reunião em um país da área:

"Covardia, mediocridade e miséria política se refletem na exclusão de Cuba. No entanto, não nos opomos à reunião... O que não se aceita é que os Estados Unidos pretendam converter-se em modelo e juiz supremo dos ordenamentos políticos latino-americanos..."[11]

Com Cuba, era outra a circunstância. O Presidente norte-americano Bill Clinton revia o status da China, atribuindo-lhe o de nação mais favorecida no comércio com os Estados Unidos; abriu-se ao Vietnã e assinou acordos com a Coréia do Norte. A Ásia, em ascensão, povoava também a cabeça de Fidel, que, como indutor de reformas, desejava melhor compreender o processo na região e assimilar experiências. Além do que, os chineses demonstravam empenho em colaborar com Cuba nesta etapa de dificuldades. "Há muitos anos os chineses introduzem mudanças, mas não destruíram a sua história, nem o Partido, nem o Estado… e avançam com uma velocidade extraordinária, como também começam a fazer os vietnamitas…", analisou Fidel.

Cruzando o meio de seu mandato, a preocupação com a futura influência eleitoral da Flórida, onde não detivera maioria de votos para a Presidência, levava Clinton a condescender com o lobby da linha dura do exílio cubano. Carlos Menem, o Presidente argentino, ali, criticou o regime de Fidel, mas este preferiu se manter calado sem contraditar, certamente por sua extensa relação com os peronistas. Também, no âmbito pessoal, os dois se entendiam.

Em dezembro, vestido com a farda que havia dispensado em Cartagena, Fidel chegou à Cidade do México para a posse de

Ernesto Zedillo, quando também eclodia a crise financeira mexicana, precipitando o colapso do mercado de ações. O fato punha em questão o modelo de liberalização imposto pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), com o "efeito tequila" em outras economias regionais, o que dava razão às formulações do cubano.

Uma questão que se comentava era a do muro metálico que os Estados Unidos pretendiam erguer na fronteira com o México, como um meio de conter as invasões, com previsão de se iniciar em março de 1995. Muitos mexicanos que se introduziam pelos desertos morriam, ou eram mortos. Fidel lembrou que os territórios onde se aventuravam eram os mesmos que lhes haviam sido tomados no século passado, embora, no presente, o impulso de êxodo fosse econômico. Só no Arizona, o muro teria a extensão de 6,43 quilômetros, composto de pranchas de material bélico utilizado na Guerra do Golfo. Com os equipamentos sofisticados que se utilizaram, o de Berlim que ficara para a memória, parecia um brinquedo.

Coincidindo com a Cumbre de Miami, chegava a Cuba, para estar com Fidel, o coronel venezuelano Hugo Chávez, o líder do Movimento Bolivariano Revolucionário (MBR), recém-libertado da prisão. Chávez havia encabeçado, mais de dois anos antes, uma rebelião militar inspirada nos ideais de Simón Bolívar, o general Libertador da metade norte do subcontinente no início do século XIX.

Fidel, que o recebeu em 13 de dezembro, declarou afinidade com a ideologia do grupo, que o remetia a outros movimentos militares de conteúdo nacionalista na região, expressos nas figuras de Omar Torrijos (Panamá), Juan Velazco Alvarado (Peru) e Francisco Caamaño (República Dominicana). O coronel Chávez afirmou que pretendia candidatar-se à Presidência, compondo uma frente nacional e, se eleito, convocaria uma Assembléia Nacional Constituinte. O apoio popular a Chávez na Venezuela era crescente. Fidel o aconselhou, no entanto, a ser discreto na sua simpatia por Cuba, porque poderia prejudicá-lo em seus ob-

jetivos. "O destino das lideranças que se afeiçoam por Cuba não é dos mais promissores", confessou.

* * *

Entrando no ano de 1995, o eixo da desavença cubano-norte-americana parecia inverter-se rapidamente, mostrando uma estratégia dupla. O subsecretário de Estado norte-americano Peter Tarnoff conversou secretamente com Ricardo Alarcón, o presidente da Assembléia Nacional de Cuba – e o maior especialista no tema –, em Toronto (Canadá), no intuito de explorar possibilidades de relaxamento das tensões. Delegações de executivos norte-americanos visitaram Cuba, sendo que mais de cem assinavam cartas de intenção com o governo cubano para explorar negócios, assim que a Casa Branca os liberasse. A permissão para investimento de capitais por parte de cubanos no exílio também sairia no mesmo ano.

Por outro lado, Richard Nuccio, o responsável pelos Assuntos Cubanos do Departamento de Estado, mostrava-se ativo, por variados canais, nos contatos com intelectuais cubanos e as Organizações Não-Governamentais (ONGs) estabelecidas em Cuba. Como pano de fundo, um estudo produzido pelo Pentágono, coordenado por um oficial de inteligência, o cubano-americano Nestor Sánchez, com quem contribuíram especialistas russos, concluía que o melhor caminho para resolver o impasse era mesmo encorajar uma liberalização gradual em Cuba, favorecendo "uma transição leve". O estudo frisava que a adoção, pelo país de Fidel, de uma variante dos modelos chinês e vietnamita – de abertura econômica com partido único – significava o início; e que as ONGs em Cuba, além de representarem uma base independente de recursos, insinuavam a cisão entre interesses da sociedade civil e do Estado.

A permanência de Fidel Castro à frente do governo era até considerada conveniente aos Estados Unidos, uma vez que, sob

a sua direção, o país passaria por modificações graduais, mais seguras e pacíficas, com o apoio das Forças Armadas cubanas, na trilha de uma economia mais capitalista. As autoridades norte-americanas reconheciam que não havia transição possível em Cuba que pudesse prescindir de Fidel, aproximando-se, assim, das linhas moderadas do exílio presentes ao encontro de 1994 e desdenhando esquemas tradicionais do anticastrismo e seus aliados no *establishment*.

Fidel, ao tomar conhecimento da formulação, deduziu com o seu viés: "Esta concepção é a de penetrar e tentar debilitar, mediante os intercâmbios e a concessão de favores a setores que consideram permeáveis – sociólogos, filósofos, historiadores e outros acadêmicos –, deslumbrando-os com as suas instituições milionárias e altas tecnologias...". Raúl Castro a batizou de "trilha dois" da Lei Torricelli, dedicada às operações internas, como antes, de outra forma, ocorrera nos anos 60, na intenção de cooptar intelectuais, funcionários de alto escalão e militares para a contra-revolução.

Ao completar um ano da onda aguda dos balseiros, observavam-se várias incursões de embarcações e avionetas, no espaço marítimo e aéreo de Cuba. Em uma delas, atiraram-se milhares de panfletos sobre a capital. Fidel acompanhou o episódio com "sangue frio", mas alertou que a paciência de Cuba teria um limite. O Departamento de Estado depois informou-o de que começava uma investigação sobre as atividades do grupo Irmãos para o Resgate, por serem os responsáveis pelas incursões, ao desviarem seus aviões dos planos de vôo previamente apresentados. A pedido de Warren Christopher, o secretário de Estado norte-americano, em outubro, o governo cubano enviou relatórios sobre as violações do espaço aéreo e marítimo, indicando as omissões dos tripulantes em conectar os seus códigos de identificação. Simultaneamente, confundidos na dinâmica do tráfego aéreo, vôos fretados Miami-Havana eram usados por cerca de 100 mil pessoas.

Em julho de 1995, ao Congresso norte-americano havia sido apresentado o projeto da Lei Helms-Burton – uma versão

corrigida e aumentada da Lei Torricelli –, patrocinado pelo senador Jesse Helms e pelo deputado Daniel Burton.

Canadá e União Européia protestaram contra a natureza extraterritorial do projeto de lei. Não era de se estranhar a posição canadense, visto que a aproximação com Cuba amparava-se bem na relação entre Fidel e Pierre Trudeau, ex-primeiro-ministro e eminência do Partido Liberal do Canadá, que não rompera relações com Cuba e sempre havia rejeitado o bloqueio. O México, que fazia parte da ALCA (Acordo de Livre Comércio norte-americano) e quase todos os países latino-americanos também saíram a condenar o projeto.

O Presidente Clinton vetou o projeto da lei. Em outubro, revogou as restrições de viagens de norte-americanos a Cuba (especialmente acadêmicos, artistas e representantes de organismos) e autorizou agências de notícias a abrirem burôs no país. Observando a estratégia dupla, Fidel julgou o assunto suspeito:

“Que sentido tem criar burôs aqui e lá? Bobagem. Centenas de jornalistas apareceram, todo mundo filmou os balseiros e mais o que quiseram. Não temos recursos. Seria um intercâmbio desigual de informação!” Posteriormente, apenas a rede CNN receberia a permissão do governo cubano para estabelecer a representação.

Alternando a farda de gala com o terno sob medida, em março, viajou a Copenhague para a Conferência Mundial para o Desenvolvimento, onde reincidiu na crítica ao neoliberalismo:

“Se os ianques fossem capazes de aceitar um conselho de um adversário leal, eu lhes diria: desembolsem e ajudem, colaborem e apóiem, que será a única segurança para os Estados Unidos... Onde falta humanidade, não pode haver direitos humanos. O neoliberalismo, doutrina de moda imposta ao mundo de hoje, sacrifica impiedosamente, nos países subdesenvolvidos, os gastos para saúde, educação, cultura, esportes, previdência social, moradias, água potável e outras necessidades elementares. O crescimento incontido das drogas, a xenofobia e a violência

mostram a sua decadência moral... Repartam-se melhor as riquezas do mundo entre as nações e dentro delas!”[12]

Depois seguiu para Paris, atendendo um convite de Federico Mayor, o diretor geral da Unesco. Encontrou-se com François Mitterand, que acabava de deixar o poder por motivo de doença, e empresários franceses. Esteve na terra do vinho, na Borgonha, levado por Gerard Bourgoin, e passou por Chablis, uma cidade de origem medieval, onde elegeram-no membro da Irmandade dos Pilares de Chablis. Adentrou caves onde se armazenam as garrafas de vinho branco produzido na região, o melhor do mundo, e ganhou um copo de prata dos provadores. Gostou especialmente de uns versos gravados em uma peça de madeira: “O vinho Chablis alegra o coração, estira as pernas e aviva o espírito!”. Ao sul de Paris, em Champigny, foi rever George Marchais, o ex-secretário do Partido Comunista Francês (PCF).

Na V Cumbre Ibero-Americana, realizada em Bariloche (Argentina), em 1995, Fidel assistiu ao grupo de países latino-americanos expressar uma formal condenação ao embargo norte-americano a Cuba. Por outro lado, afirmava-se que Carlos Menem, o anfitrião do encontro, comprometera-se com uma espécie de aliança estratégica extra-Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). “O objetivo é a divisão entre os países latino-americanos, evitar no possível a integração econômica independente, sabotar o Mercosul”[13], disse Fidel.

Depois partiu para a Colômbia, à 11ª Reunião dos Não-Alinhados, e logo para Nova York, para o 50º aniversário da ONU. Como de costume, não foi convidado para as recepções, mas insistiu em um recado: “Até quando se terá que esperar para que se faça realidade a democratização das Nações Unidas e a verdadeira cooperação internacional?”[14].

Com bastante fôlego, ainda foi à China no fim do ano, depois ao Vietnã e ao Japão. Quinze minutos bastaram para que Fidel escalasse cerca de 500 metros de uma empinada encosta da Grande Muralha. Na China, com a qual em velhos tempos

digladiara-se como Gengis Khan, andou a gosto, visitou as zonas agrícolas e de desenvolvimento industrial, além da Bolsa de Valores, a primeira de um país socialista.

Na tarde de 2 de dezembro, tomou o rumo da capital da província central de Shaanxi, de nome Xian, em um começo de jornada pelo interior. Passou por Shangai, Shengzhen e Gangzhou, os pólos de desenvolvimento da "economia socialista de mercado", ouvindo com interesse todas as explicações. Pudong, em frente a Shanghai, era o ponto priorizado para a conversão da zona em uma "cabeça de dragão" da decolagem econômica do delta do Rio Yangtzé, compondo o corredor econômico asiático. Testemunhava a colocação em prática da tese de Deng Xiao Ping: golpear com as duas mãos, da mesma forma e com a mesma força, isto é, pujança econômica mais fortalecimento do Partido.[15] Para concluir, Fidel selou vários acordos com a China e avaliou:

"Estão tratando de fazer o seu traje sob medida. Nós, o nosso... É uma Pequim que não se pode tomar, em uma nação de 1,25 bilhão de habitantes, com um Partido Comunista e idéias

Com Jiang Zemin, Presidente da China

revolucionárias com as mesmas origens das nossas – Marx, Engels e Lênin –, que se complementaram com as de Mao Tsé-tung e Deng Xiao Ping...”

No Palácio da Reunificação, na cidade Ho Chi Minh, no Vietnã, Fidel viajaria em emocionadas e gratas imagens de 22 anos antes, quando ficara garantida a vitória da Frente de Libertação Nacional, conhecida como Vietcong. No Japão, em 12 de dezembro, reuniu-se com a representação da Conferência Econômica Japão-Cuba.

Já de regresso à sua terra, reelaborava a análise sobre as diferenças: a China e o Vietnã acumulavam riquezas provenientes de suas exportações, galgando os patamares da auto-suficiência agrícola e industrial. Não era o caso de Cuba, muito menos de outros países de uma área que Fidel, quase sozinho, ainda chamava de Terceiro Mundo.

Em visita ao Vietnã

CAPÍTULO 51

Em seu 70º aniversário, visitando a fazenda de Birán, agosto de 1996

Vou morrer de botas

Se Fidel encontra tempo, é provável que entre na cozinha do Palácio do Governo para palpitar sobre receitas e artes culinárias; ou a cruze em direção ao refeitório anexo para almoçar com os trabalhadores, obedecendo ao instinto cultivado na infância da fazenda em Birán, época do cozinheiro García e dos patrícios de D. Angel, os galegos imigrantes.

Por natureza, Fidel é glutão, salvo apenas dos sortilégios por seu senso "jesuíta" de controle. Entre os pratos de predileção, alguns de uma lista para seduzir os mais ascéticos: lagostas assadas no espeto ou grelhadas, postas de bacalhau douradas em caçarola de ferro e um bom bife de filé, quando há carne. Ainda listam-se uns especiais de forno: o *pilaf à grega* (arroz com caldo de galinha, manteiga, amêndoas, pimentões, azeitonas e cenoura picados) e o peixe *grand meunier* com vinho, preparados eventualmente. Mas Fidel diz que, no cotidiano, adora mesmo os grelhados, de peixes, mariscos ou de carneiro, com saladas variadas, em parte por disciplina às recomendações de seu médico Eugenio Sellmam, um personagem misterioso que aparece ao seu lado, invariavelmente, dentro ou fora do país.

O competente Sellmam prescreveu zero de gorduras para Fidel, até para que se previna de má digestão, por serem incertos os seus horários de refeição. Como sobremesa, permite os sorvetes de frutas, unidos com gelatina sem leite. Maioneses e aqueles pecados de spaghettis que, assim como o bacalhau, ele mesmo preparou tantas vezes à sua moda, devorando-os com gosto, andam de retiro, confere em relato Pepe.

José Vela Gómez (Pepe) é um velhinho afável, de memória bem articulada para os seus 88 anos, que, embora já aposentado, ainda atua na coordenação do Departamento de Gastronomia do Palácio. Fidel não desejou deixá-lo inativo, uma atitude que, em geral, tem com os funcionários das equipes que o rodeiam. Pepe Vela começou a atendê-lo em 1961, depois de haver passado por uma larga experiência como maître em restaurantes de luxo dos anos 50, como os dos Cabarets Montmartre e Tropicana.[1]

Pelos anos 90, mesmo em período de aperto e estritos gastos, em uma ou outra ocasião, ainda é preciso providenciar recepções nos salões oficiais. Um imenso fogão, aquecido à base de carvão vegetal, introduzido na cozinha há anos por Pepe, é a base do desfrute. Os menus para convidados foram consagrados na prática, com serviços à francesa, russa, espanhola e *comida*

criolla (cubana), com entradas frias de lagosta ou camarão, coquetéis de ostras e sobremesas com doces de fabricação própria. A gerência da cozinha também procura se ajustar a um gosto expresso pelo convidado ou aos seus costumes. Se é um muçulmano, descartam-se os pratos com carne de porco. Aos que, informa-se, são abstêmios, tampouco se oferecem os drinques com bebidas alcoólicas; caso contrário, serve-se o rum cubano *Isla del Tesoro*, envelhecido há 30 anos em barris de carvalho, cujas garrafas os visitantes levam depois das recepções, mesmo vazias, como recordação. Pepe contou que ele e Fidel, em um breve bate-papo na copa, comentando sobre a velhice, o avançar da idade, decidiram que iriam "morrer de botas calçadas", mesmo com todos os problemas de uma sociedade em mutação.

* * *

Crescia a tendência dos provincianos do interior chegarem a Havana para tentar fixar residência e encontrar um trabalho vantajoso que manejasse divisas, agravando, assim, a situação habitacional e de serviços públicos. As atividades associadas ao capital estrangeiro contavam com estímulos à mão-de-obra, doação de roupas, calçados, artigos de higiene, limpeza e alimentação – posto que não se autorizavam pagamentos de salário em dólares –, quando não maior conforto nas próprias instalações de trabalho. No entanto, declarado aberto, na teoria, o acesso à moeda estrangeira ou aos "pesos conversíveis", que significavam poder de compra, mais moças e rapazes se viam tentados ao "jineterismo" – a acepção local de prostituição, vinculada à expansão do turismo –, assim chamado, em uma primeira fase, por se associar à possibilidade de adquirir calças jeans.

De maneira informal, instituía-se uma "economia da permuta", com compra e aluguel de quartos, apartamentos e até frações de uma casa. Oferecendo preços em dólares, bem mais em conta que os vigentes nos restaurantes administrados pelo Estado, pro-

liferavam os restaurantes *paladares* (outro apelido popular, este inspirado nos afazeres da personagem de uma telenovela brasileira que passava na tevê).

A produção açucareira, a mola das exportações, descia então a 3,3 milhões de toneladas, a mais baixa de todo o período da Revolução. As UPBC açucareiras não eram rentáveis, detectando-se como motivo o descompromisso com as normas de trabalho ou a irracionalidade no uso dos recursos, em resumo, a baixa vinculação do homem à atividade. Independentemente da capacidade produtiva de cada unidade, o Estado pagava ao núcleo de trabalhadores da UBPC uma antecipação em dinheiro e recursos, sobre um patamar predeterminado de produção, o qual quase sempre era descumprido. Para deter o acelerado declive, concederam-se os incentivos em bens de consumo e foi preciso recorrer a empréstimos no exterior – com juros de 30% acima dos termos do mercado financeiro, referentes a uma “taxa de risco”, pois Cuba não possuía crédito internacional, nem uma grande instituição bancária como avalista. Dois anos depois, Fidel concordaria em realizar uma grande reestruturação do setor açucareiro, com aumento de autonomia das UBPC e com financiamento de capital estrangeiro, como o canadense, para tentar frear a tendência à estagnação da capacidade das usinas.

Fidel atormentava-se com o advento de diferenças sociais, devotado a um cotidiano de angústia para administrar a escassez. Desdobrava-se em criar e discutir fórmulas para soerguer o país de um fenômeno original, nunca dantes vivenciado, nem sequer imaginado ou ditado por algum manual[2].

As reformas decididas compunham uma experiência sem fisionomia definida, sem se orientar por um projeto, por se situarem sobre uma crise móvel e contra a corrente dominante na economia mundial. Imperioso era, então, que as novas organizações associadas com estrangeiros, vinculadas ao setor externo, começassem a render. Quem nada compreendia, entre o povo, ficava perplexo ou se assustava com a seqüência de leis e outras

providências, acusando o poder de produzir o caos; enquanto aquele centrava o seu ataque numa parcela dos produtores "contapropistas" ou nos "franco-atiradores do mercado", como Fidel chegou a expressar, pois adquiriam dólares de modo furtivo, desorganizando a economia, embora tudo fosse proclamado e observado a olho nu. Assim, ao lado dos enriquecidos, surgia uma categoria original de "subempregados" – dedicados a um trabalho informal e não licenciado, o qual, por sua mobilidade, ofuscava a aferição de uma cifra exata[3] – e um percentual de 7% de desempregados no país. Um daqueles autônomos podia ganhar, em um dia, o que um professor ou um médico percebia do Estado por todo um mês de trabalho. "Possivelmente o que os estrangeiros oferecem como estímulo aos que trabalham em suas representações, seja quatro ou cinco vezes mais do que ganha aqui um ministro...", observou Fidel.

Insegurança e descrença de que o sistema pudesse funcionar, levavam pessoas à busca de uma salvação pessoal. Como meio de debelar os problemas, em janeiro de 1996 foi lançada a hipótese de um "imposto em escala progressiva". As taxas corresponderiam a percentuais sobre os montantes ganhos pelo indivíduo ou a unidade produtora. Eram, em princípio, altas aos que alugavam um quarto ou montavam *paladares* em pontos de circulação de turistas, o que acabaria provocando a inibição das atividades. Em seguida, com os níveis de evasão e de subdeclaração ao fisco, tornou-se inviável fazer as estimativas e as cobranças, mesmo com o aumento de funcionários inspetores. Determinaram-se, então, as taxas fixas para a série de autonômos legais, isto é, registrados, além de uma ofensiva do aparato policial, para recuperação da ordem. Mais de sete mil "jineteras", chegadas de cidades do interior, foram expulsas do balneário de Varadero. Centenas de pessoas que alugavam casas ou quartos para atividades ilegais foram processadas, assim como motoristas que prestavam serviços de apoio. Por outro lado, como formas de ocupação, o governo estimulou a montagem das feiras de artesãos

e o comércio ambulante em determinados locais das cidades mais freqüentados por turistas.

A grande surpresa, em todo esse quadro, foi que, no curso de 1996, observou-se um processo de recuperação econômica, com um crescimento de 2,5% do Produto Interno Bruto (PIB). A política de saneamento monetário também apresentou resultados: dos mais de 150 pesos que haviam chegado a valer um dólar, a relação decrescia a 35 por um. Fidel assumiu, no entanto, que a recuperação não se expressava no plano do consumo, uma vez que se conferia pela área de comércio exterior, particularmente naquelas atividades associadas ao capital estrangeiro.

Entre 1995 e 1997, 200 associações entre o Estado cubano e empresas de 40 países resultariam em um ingresso na ordem de mais de 1,5 bilhão de dólares[4]. A Espanha liderava as participações no turismo e o Canadá e a França, entre outros, nos setores de energia, telecomunicações e petróleo. O número poderia ser maior, mas, na prática, não era fácil concluir as licenças para operar, visto que passavam por exames cuidadosos ou eram mantidas em ritmo socialista, dizia-se, como demoradas promessas. Pela morosidade, certas firmas, ansiosas por respostas, operando ou não, acudiam a oferecer comissões aos membros das empresas estatais, alguns se deixando subornar.

* * *

A aparente onda de relaxamento das tensões entre Estados Unidos e Cuba atiçava o ímpeto dos grupos radicais do exílio – como sucedera no passado –, enraivecidos com o recente estudo do Pentágono que afirmava que “Cuba não mais representa um perigo à Segurança dos Estados Unidos; não é, em si, uma ameaça militar”. Fidel comentou o tema:

“Deveria ser igual, não? Pergunto-me por que eles têm direito a se fazer essa pergunta e nós não. E a resposta que encontro é que partem da hipótese de que poderiam usar o seu

grande poder contra o nosso país... Mas nós somos, em todo caso, um perigo moral – e real, se nos atacarem aqui dentro de nosso território –, embora não tenhamos o poderio militar dos Estados Unidos....”

As incursões de aeronaves piratas em volteios pelos céus de Cuba, procedentes da Flórida, aceleravam-se nos primeiros dias do ano de 1996. Fidel declarou o risco de um incidente se os vôos não fossem resolutamente impedidos, enquanto embarcava rumo a Paris, para o enterro do amigo e ex-Presidente da França, François Mitterand, falecido em 8 de janeiro daquele ano.

Na segunda semana do mês, um dos aviões lançou material de propaganda em bairros de Havana, na mesma ocasião em que um grupo de ativistas dissidentes era detido por haver anun-

Com François Mitterand,
Presidente da França, em Paris

ciado uma concentração pública. Na tarde de 24 de janeiro, dois de quatro Cessnas que haviam decolado da Base de Opalocka (Flórida) foram derrubados ao penetrarem no espaço aéreo de Cuba, provocando a morte de seus quatro tripulantes. Pertenciam à organização *Hermanos al Rescate* (Irmãos para o Resgate), que se dedicava ao negócio do traslado de cubanos para a Flórida, possuindo uma frota de cinco aviões, pilotos e um orçamento de 1,2 milhão de dólares, por conta de seu elo com a Fundação Nacional Cubano-Americana (FNCA), o grande lobby do exílio cubano.

Horas antes da derrubada dos Cessnas sucedera a invasão de três aeronaves do mesmo tipo, em uma outra zona do país. Foram advertidas, assim como foi pedido seu registro à central de tráfego aéreo norte-americana, a qual respondeu ignorar os dados. Posteriormente, notificou que a partir do meio-dia, no setor ao norte do porto de Mariel, realizar-se-iam vôos. Pouco depois das 15 horas, a vigilância cubana ainda tentava convencer os aviões Cessnas a se afastarem, mas ao penetrarem dois no espaço aérreo, deu-se a ordem para que Migs os abatessem.

Em nota oficial do dia 25, Cuba declarava que os Cessnas haviam entrado no limite territorial das 12 milhas náuticas, entre cinco e oito (milhas) ao norte da praia de Baracoa. Um informe da Casa Branca confirmava a assertiva, mas outros membros do governo diriam o contrário. O fato e sua grande repercussão fizeram a organização do exílio anticastrista, com seus aliados congressistas, republicanos na maioria, sentir-se potente para exigir do Presidente Clinton uma intervenção militar. Em Cuba, o regime convocava à resistência, rememorando a vitória na Baía dos Porcos. Em seguida, os Estados Unidos pediriam uma reunião do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) para discutir o ataque da Força Aérea cubana; e, enfim, recomendou-se à Organização da Aviação Civil Internacional (OACI) formar uma comissão para investigar o incidente.

Clinton havia-se oposto à Lei Helms-Burton até o episódio do abate das avionetas. O texto da lei instava o impedimento

do ingresso de Cuba em organizações internacionais, da concessão de empréstimo por parte dos institutos multilaterais de financiamento e de vistos a pessoas ou representantes de firmas que lá tivessem se estabelecido; e prescrevia o direito de qualquer cidadão, nativo ou naturalizado, demandar, nas cortes estadunidenses, um ressarcimento de um valor mínimo de 50 mil dólares a qualquer pessoa ou entidade beneficiada por uma das quase seis mil propriedades confiscadas de norte-americanos no início da Revolução (avaliadas, no geral, em cerca de um bilhão de dólares).

Não tardaram a surgir as ameaças sobre empresas ou indivíduos com negócios em Cuba. A União Européia, capitaneada a princípio, em grande parte, pelos interesses da Espanha, manifestava-se contrária à lei com veemência, propondo levar o assunto à Organização Mundial do Comércio (OMC), como um atentado ao princípio do livre comércio. Todavia, com José Maria Aznar, político de centro-direita, eleito primeiro-ministro espanhol, o apoio explícito passou a ser condicionado a uma abertura política em Cuba. O chanceler espanhol Abel Matutes veio a público confirmar a nova política, assim como outros representantes do governo, expressando a necessidade de se buscar uma "transição democrática" para Cuba. Foram seguidos pela maioria dos países da União Européia que, entretanto, em tese, continuava desaprovando as medidas coercitivas. "Seguiremos pobres com grande dignidade. Não importa quanto dure o período especial", retrucou Fidel.

Fidel acrescentou que a reivindicação de Aznar, "um aliado da extrema-direita do exílio", encontrava-se fora de eixo, pois Cuba já havia realizado as reformas políticas e econômicas que lhe cabiam. Em 30 de outubro, retirou o beneplácito do embaixador da Espanha, Jose Coderch Planas, que, em declarações à imprensa, dissera considerar uma obrigação receber dissidentes cubanos na sede diplomática, o que Cuba afirmava ser uma violação da Convenção de Viena. Em uma rara decisão, em agosto,

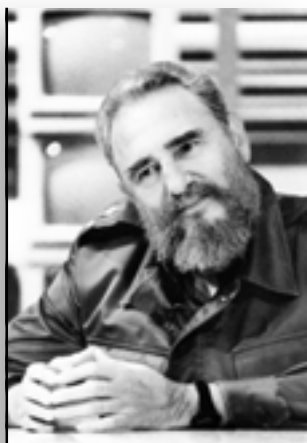
a Organização dos Estados Americanos (OEA) votou, por unanimidade, uma resolução condenando a Lei Helms-Burton. Após transitar no Congresso dos Estados Unidos, Clinton a assinou, mas suspendeu a aplicação do tópico que propunha que os cidadãos norte-americanos impetrassem os processos acusatórios. Note-se que, considerando as normas do Direito Internacional, tampouco podia alegar-se inconstitucionalidade às nacionalizações.

O relatório da OACI, concluído em meados de junho de 1996, afirmava que a derrubada dos Cessnas havia ocorrido em águas internacionais. O governo cubano apelou, justificando que seus testemunhos e documentos não haviam sido examinados. Já o conflito conjuntural com os Estados Unidos encaminhava-se para um ajuste: Clinton se comprometia a tomar medidas contra aviões de matrícula estadunidense que entrassem no espaço aéreo cubano sem autorização, enquanto assumia atitudes ao gosto do lobby cubano-americano. Como principal efeito: probabilidade de aumentar a sua votação na Flórida para um segundo mandato. Quanto a Fidel, preferia ver Clinton reeleito, a ter pela frente a animosidade dos republicanos. De qualquer maneira, uma sensação de "meio inexplicável" havia perpassado o caso do abate dos Cessnas.

Ao Núncio Apostólico de Cuba, que desejou apurar detalhes, Fidel comentou sobre a derrubada: "Inoportuna... mas inevitável...". E acrescentou: "O caso podia ter sido evitado pelos norte-americanos. Há umas verdades que, às vezes, temos que guardar e nos fazem perguntar até onde o decoro pode conviver com a paciência..."

Pensando a fábula de La Fontaine, *O lobo e o cordeiro*, onde o segundo era, desde logo, a anunciada vítima, apesar da lógica de seu argumento, Fidel se debatia com a mesma sina, mantendo-se eqüidistante do seu maior adversário. Comentou que, quando Cuba resolvia se entender com um Presidente norte-americano, cedo ou tarde, acabava "estragando tudo" (*metendo a pata*, como diz o cubano), de alguma forma.

Após ter garantido o novo mandato, Clinton apareceria prefaciando o Plano de Apoio para uma Transição Democrática em Cuba, em janeiro de 1997. O documento, de 24 páginas, elaborado pela Agência para o Desenvolvimento Internacional, recomendava que as instituições financeiras e os organismos internacionais aportassem de quatro a oito bilhões de dólares para inversões em "uma Cuba pós-revolucionária". Para tanto, não impunha a saída de Fidel do poder; mas a ajuda econômica, assim como a renegociação do acordo sobre a Base Militar de Guantânamo, dependeria do avanço do regime para o pluralismo político, à adequação às receitas do Fundo Monetário Internacional (FMI), à libertação de presos políticos e outros ítens. Sobre o assunto, apreciou o líder cubano:

"Veja... Nós não discutimos se na Europa há monarquias ou repúblicas, se no poder há conservadores ou social-democratas, defensores ou adversários de uma idílica 'terceira via', apologistas ou detratores do chamado estado de 'bem-estar', com o qual se tenta disfarçar o incurável mal do desemprego... Nem

Em entrevista no programa de televisão "Hoy mismo"

palpitamos sobre os 'cabeças raspadas' das tendências neonazistas que ressurgem..."[5]

Por outro lado, em Cuba, sim, existia um embrião de oposição. Não seria, pois, a hora de se instaurar um pluralismo? À questão, Fidel replicou: "Não vejo razão em cooperar com a estratégia dos Estados Unidos. As dissidências, tanto interna quanto externa, são gêmeas em origem e direção: ambas são anexionistas – desejam que Cuba se incorpore aos Estados Unidos – e anti-socialistas..."

Desde o episódio dos Cessnas, processara-se uma confluência de linhas retesadas em lados opostos, no bloqueio e no exílio. Internamente, Fidel vinha providenciando as injeções de reforço institucional, com um tático recato. Durante uma reunião do Comitê Central (CC) do Partido Comunista de Cuba (PCC), em 1996, falaram Raúl Castro e Carlos Lage, mas ele permaneceu em silêncio; só aplaudiu formalmente. Em um extenso informe, Raúl realizou uma solene ultradefesa do sistema, prometendo liquidar a incipiente variante de "glasnost" em meios de imprensa, produção artística e intelectual, e em núcleos ligados ao Partido, admitindo, por outro lado, que certas premissas comunistas, como a do igualitarismo, a pureza ética, o pleno emprego e o Estado provedor, encontravam-se lesadas. O ideário comunista se ressentia de sustentação.

"É decisivo evitar que nos desunam e nos afundem... A eficiência da economia faz parte da batalha ideológica… O inimigo não oculta o seu propósito de utilizar uma parte das chamadas Organizações Não-Governamentais (ONGs)...", argumentou Raúl.

Tomando o exemplo do ocorrido na URSS, quando, em fins da década de 80, havia milhares de clubes e associações, fez a crítica das ONGs. Antes consideradas de utilidade, pois incorporavam recursos e estimulavam contatos, resultavam agora suspeitas, por perseguirem interesses diversos do Estado. Assim, censurou centros de produção intelectual e cultural criados para assessorar o Partido e que haviam absorvido mecanismos

de funcionamento das ONGs, como o Centro de Estudos de América (CEA) e o Centro de Estudos Europeus (CEE). Seus componentes foram acusados de "ingenuidade com pedantismo", seduzidos pelas oportunidades de viagens e edição de textos no exterior, "ao gosto de quem pudesse financiá-los", servindo como fomento de uma "quinta-coluna". O ministro das Forças Armadas Revolucionárias (FAR) chamou a atenção para a série de teses e livros editados nos Estados Unidos, que, concomitantemente, mostravam a separação entre sociedade civil e Estado em Cuba, validando os motivos para que os indivíduos se organizassem em grupos independentes. Raúl citou o Pax World Service como uma das instituições norte-americanas que buscavam interferir na ordem interna, através da seção de interesses norte-americanos.

Não obstante, nem todos os que, direta ou indiretamente, se viram atingidos pela crítica, serviam de instrumento para o "inimigo". Membros das organizações atingidas comentaram que, com conhecimento oficial, grande parte de seus orçamentos já vinha sendo preenchida por recursos externos, em sintonia com a política de abertura aos intercâmbios com estrangeiros. Expressavam-se como artistas e intelectuais que se organizavam para poder viabilizar as suas atividades.

Paralelamente às ondulações do governo de Clinton com relação a Cuba, a linha dura do exílio se mantinha ofensiva. No decorrer de 1997, em junho e setembro, hotéis da capital havaneira (Capri, Nacional, Copacabana, Chateau e Tritón) sofreram atentados – um deles provocando a morte de um turista italiano. O objetivo era desarticular o setor que vinha granjeando recursos ao país. O autor, um salvadorenho recrutado por uma rede vinculada à Fundação Nacional Cubano-Americana (FNCA), também entrara no país como turista.

Outro atentado, este contra a vida de Fidel, foi preparado previamente à VII Cumbre Ibero-Americana, que se realizaria na Ilha de Margarita (Venezuela) no mesmo ano; mas policiais federais norte-americanos capturaram, em Porto Rico, o iate, as

armas e os tripulantes vinculados à FNCA. Pouco depois, em novembro, quem veio a falecer, de morte natural, foi o máximo dirigente da fundação, Jorge Más Canosa, dono de empresas de comunicação e de construção civil nos Estados Unidos. Nos bastidores da questão Cuba-Estados Unidos, previa-se o crescente predomínio de alas moderadas do exílio e um vazio no lobby institucional.

Brincando com os microfones, com voz vagarosa, Fidel curou ânimos ao final do 17º Congresso da Central de Trabalhadores de Cuba (CTC), dirigindo-se precisamente aos representantes da maioria trabalhadora. Entre o Estado e os indivíduos, conclamou à consciência em torno dos interesses da nação. Ao dialogar com um produtor rural que reclamava de seus parceiros na categoria, que aumentavam preços no mercado agropecuário, afirmou que os problemas deviam ser resolvidos pela sociedade organizada.

Poucas palavras e abatimento. No Palácio do Governo, patrocinou-se um grande ato contra a corrupção. O conjunto de altos funcionários das empresas e instituições do Estado foi convocado a assinar um Código de Ética dos Quadros do Estado Cubano, que normatizava a conduta que deviam seguir. Fidel, em uma frase, reclamou por não haver sido incluído na lista de assinantes, como também Raúl, e fez questão de fazê-lo.

A reserva de Fidel, por esquisita e incomum, dava chance a uma série de especulações sobre seu estado de saúde. Não aparecia em público desde 9 de agosto – quando encerrou o congresso sindical – e não proferia discursos desde 4 de abril. Crescentes eram os comentários além-fronteiras de que estaria gravemente enfermo, com câncer, enfizema pulmonar ou mal de Parkinson; que lhe restavam poucos meses de vida e pensava em suicídio.

Revelando-se capenga a política de bloqueio, havia ainda quem esperasse uma *solução biológica* para a Revolução. Em fins de 1997, uma emissora de Miami, ouvida em Cuba, anunciou "a morte de Castro". Interpretou-se, prontamente, que era Fidel. Duas horas depois se saberia que o morto era um cidadão comum, de nome René Orley Castro Sánchez. Tanta mística le-

vava a pensar: o dia em que de fato algo de muito grave ocorrer a Fidel, já ninguém acreditará...

O boato ganhara efeito em cadeia também pela demora em ser desmentido. Entre a desconfiança fundada e os artifícios de anticastristas, a verdade é que o líder cubano passara realmente doente um período, acometido de diverticulite. Além de um tratamento com remédios, precisou de repouso, zero de gordura e dieta com muitas fibras, por exigência do Dr. Sellmam.

Com o reverendo Lucius Walker, dos Pastores pela Paz, em Nova York

Com o menino Elián González

CAPÍTULO 52

Recebendo o Papa em Havana, 1998

Lobos, renas e cordeiros

Volantes em frente à embaixada cubana em Santiago do Chile pediam o fim do ditador Castro, mas Eduardo Frei, o Presidente do país anfitrião da VI Cumbre Ibero-Americana, em novembro de 1996, defendera previamente o direito à sua presença. Observava-se a face de um Fidel grave e recolhido, mesmo fora do seu país, embora ali não abdicasse da palavra:

"Vão se apoderando dos centros de produção de bens e servicos mais estratégicos, enquanto a nossa cultura é esquartejada! O que ficará de nossa independência? Que possibilidade haverá de se alcançar uma verdadeira 'governabilidade democrática' – este, o tema do encontro?"[1]

Assim havia sido em junho, quando participara, em Istambul (Turquia), da Habitat II, conferência internacional sobre Assentamentos Humanos. Em novembro, foi ainda a Roma para o Encontro Mundial sobre Alimentação promovido pela FAO, ocasião em que esteve no Vaticano para encontrar-se com o Papa João Paulo II. Nos fóruns do mundo, Fidel defendia, cada vez mais solitariamente, aquelas mesmas causas dos pobres e do Terceiro Mundo, expressão em desuso, mas que para a Revolução Cubana preservavam-se como a réplica aos rumos que lhe queriam impor. Do passado, sobreviviam todas as marcas, como a da conexão cubana com as guerrilhas, que desgastava o país, mas o Comandante não se eximia de encarar o assunto, se preciso.

Já em julho fora chamado a interceder no caso do seqüestro do arquiteto Juan Gaviria (irmão do ex-Presidente colombiano César Gaviria), para que os guerrrilheiros o libertassem e desistissem da pressão para a renúncia do Presidente Ernesto Samper – que vinha tratando de se proteger de escândalos que o envolviam com o narcotráfico. Quase um ano depois, Alberto Fujimori, o Presidente do Peru, foi a Havana consultar Fidel: gostaria de saber se ele poderia acolher o comando do Movimento Revolucionário Tupac Amaru, que tomara a embaixada japonesa em Lima, quando ali se encontravam dezenas de autoridades. O cubano respondeu que acederia à solicitação, desde que esta viesse igualmente do governo japonês. Na seqüência do tema, em janeiro de 1999, com Andrés Pastrana, o Presidente colombiano, e Hugo Chávez, recém-eleito para a Presidência da Venezuela, reuniu-se para discutir a situação de confronto na Colômbia. Meses depois, em Havana, Pastrana ensaiava entendimentos com re-

presentantes de um dos grupos guerrilheiros, o Exército de Liberação Nacional (ELN).

A relação de Chávez com Fidel preocupava o grupo de militares fiéis ao Presidente venezuelano. Para eles, a influência de Cuba contribuía a pô-lo em mãos da esquerda radical. Mencionando Fidel com freqüência, apesar das constantes advertências deste para não o fazer, Hugo Chávez estimulava a desconfiança. Dos dirigentes latino-americanos com quem manteve afinidade, o único ao qual Castro nunca recomendou nada nesse sentido foi a Salvador Allende, mas fora em virtude do transe esfogueado de outros tempos.

Sob a avalanche da crise financeira internacional, sendo credor do mérito de dirigir um país que ocupava um dos primeiros lugares no que se refere à educação e à saúde, durante a VII Cumbre, na Ilha de Margarita (Venezuela), Fidel seria menos espezinhado pelos eufóricos do neoliberalismo, por se recusar a promover a abertura total de Cuba.

Com Fernando Henrique Cardoso, Presidente do Brasil, e Hugo Chávez, Presidente da Venezuela

"Estou farto de ver isso. Não podem falar. Enfim agradecem a Cuba, por dizer aquilo que eles se vêem impossibilitados, visto que têm sempre um crédito pendente com o Fundo Monetário Internacional (FMI), com o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento e por aí vai...", desabafou.

Quando o Presidente brasileiro, Fernando Henrique Cardoso, defendeu, em pronunciamento, a adoção de regras internacionais para o controle do capital especulativo, proporcionou-lhe a oportunidade de reacender a antiga utopia: já que os Estados Unidos não desejavam sucesso ao Mercosul, nem a qualquer outra tentativa de integração regional, a estratégia latino-americana deveria ser, antes de tudo, unir-se. Impraticável, todavia, era convencer, pelo entrelaçamento geral das economias e a própria ameaça de internacionalização do caos financeiro, abordadas nas Cumbres de Oporto (Portugal) e Havana (Cuba), respectivamente em 1998 e 1999. Fidel, como cicerone, retomaria a inspiração:

"... Senhores, estou interessadíssimo em ler as notícias sobre a questão sugerida pelo Brasil, quando ela for colocada ao Grupo dos Sete (Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra, Japão, Canadá, Itália)... Vão ter que dar uma voltinha e procurar o livro de Karl Marx, *O Capital*, para refrescar um pouco as idéias. Vão ter que ressuscitar as análises da formação do capitalismo e do socialismo..." , ironizou.

Com o desconforto de ter que organizar "discursos-telegrama", como os definiu, viajou às reuniões da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Organização Mundial do Comércio (OMC), em 1998. À OMC, fora discutir um acordo multilateral de inversões, em pé de igualdade – estando parcialmente neutralizada a ameaça de aplicação da Lei Helms-Burton na Europa –, e observou a consagração de fórmulas cada vez mais distantes das necessidades da maioria dos povos, junto às sugestões de larga franquia para os mercados.

"Que produções industriais nos reservarão? As de baixa tecnologia, elevado trabalho humano e altamente poluentes?

Pretende-se, por acaso, converter grande parte do Terceiro Mundo em uma imensa zona franca, sem impostos?

"(...) Por que a mais poderosa potência econômica do mundo obstrui o ingresso da China na OMC? Por que não se menciona o injusto intercâmbio desigual? Por que não se fala mais do peso insuportável da dívida externa? Do que vamos viver? Os países em desenvolvimento não podem permitir que os dividam!"[2]

Contou com a companhia de Nelson Mandela, o Presidente da África do Sul, parceiro de aflições de longa data, que também viera às sessões da OMC. Ao despedir-se, Fidel elogiou os suíços, "especialistas em política", que conseguiam se entender dentre os seus 26 cantões e parlamentos, em um território eleito para abrigar reuniões sobre os problemas do mundo, só faltando mesmo "adotar as Nações Unidas".[3]

Em Havana, promoveu o Economia 98, um debate com a Associação de Economistas da América Latina e o Caribe (AEALC), sobre a crise globalizada: se uma grande crise eclodir, seria a últi-

Com Nelson Mandela

Com Felipe Pérez Roque,
Ministro de Relações Exteriores, 1998

ma? Poderia o sistema responder? Qual o caminho mais racional: acordos regionais ou multilaterais? Estas eram algumas das questões propostas. No intercâmbio com a categoria, deduziu a grande impotência, teórica e prática, ante os ditames dos grandes organismos financeiros internacionais. De outro modo, realinhava a elaboração do pensamento que nele se gestara por conta da ascensão e da queda dos chamados "tigres asiáticos", "unidas ao fenômeno dos bilhões de dólares que transitam a cada dia pelo mundo, como em um enorme cassino". Fidel dispunha-se a romper a fatalidade do descalabro, "uma espécie de Frankestein incontrolável", "uma bomba atômica", o campo ideal para os lobos da especulação que, "assim como nos bosques árticos, saltam sobre as renas que se atrasam no galope". Sentia-se vigoroso no argumento como o cordeiro da fábula de La Fontaine. Da crise do México à russa e à asiática, o desastre desabou sobre a América Latina.

"Todos podem se arruinar em questão de horas. Um dia, o próprio banco do FMI quebrará, porque não alcançarão os bilhões para fazer face a todas as crises, os quais nem sequer as resolvem, e nada se faz para preveni-las. O mundo precisa de métodos de gerenciamento e exige a globalização do pensamento político e econômico", considerou.

Na reunião do Grupo dos 77, em Havana, em abril de 2000, advogou o cancelamento da dívida externa dos países menos desenvolvidos e a supressão do FMI, "incapaz de assegurar a estabilidade da economia mundial". Solicitou aos países exportadores de petróleo a concessão de preços preferenciais aos mais atrasados do grupo. Alertava para o perigo da "iugoslavização" da Rússia, afogada em problemas. Se a sua inflexão pôde parecer a alguns como a de um profeta do Apocalipse, seu ensejo era o revés: subverter o tabuleiro internacional. Ao mesmo tempo, uma antecipada homenagem pela proximidade das comemorações dos 150 anos da criação do *Manifesto Comunista*:

"Marx foi o primeiro a conceber o mundo globalizado, como decorrência de uma capacidade de produção de bens que lograsse satisfazer as necessidades materiais e espirituais de todos os seres humanos. Era o prefácio para um mundo socialista..."

Fiel ao marxismo-leninismo, ao recordar que Lênin perseguira "o socialismo em um só país", apressou-se a integrá-lo, de alguma forma, à idéia. Fidel justificou que foram as circunstâncias posteriores à Revolução de 1917 que o obrigaram a atuar de modo diverso.

O contexto das megafusões de grandes empresas produzia o efeito em mão dupla: sua ótima reprodução dependeria de uma maior socialização da renda, ao mesmo tempo em que o poder ia se transferindo às mãos dos que concentravam os principais meios produtivos, a notar-se, em especial, o fenômeno corrente na indústria das Comunicações. A essa reflexão, Fidel agregou dados do continente *esquecido*: "Na África, há vários países com uma linha de telefone para cada cem famílias. E mais da metade dos africanos nunca viu um aparelho telefônico".

A globalização era irreversível, mas não o neoliberalismo, pontuou Fidel, sedimentando as convicções dos pensadores revolucionários, que nem sequer imaginaram que o progresso, a qualquer preço, pudesse provocar a deterioração ambiental, ou que os recursos naturais atingiriam o seu limite. Bem ao estilo do jovem Marx que nele habitava, afirmou enfático:

"O sistema capitalista marcha para a própria destruição, como outras sociedades de classe ao longo da História. É uma lei e um processo que se aceleram.

"(...) E se quiserem falar de educação e saúde, de um mundo humano e justo, verdadeiramente democrático, simplesmente renunciem aos seus sistemas!"[4]

Como uma seqüela inevitável desse mundo globalizado e unipolar, desapareceriam os Estados nacionais, dentro de um cenário de "desintegrações, reintegrações, guerras econômicas, ferozes competições pelos escassos recursos":

"O *apartheid* no mundo... Bilhões de seres desprovidos dos elementares direitos humanos, vida, saúde, educação, água potável, alimentos, moradia, emprego, esperanças... No passo em que vamos, com a cegueira, a superficialidade e a irresponsabilidade das chamadas classes políticas, logo não nos restará nem o ar...", visualizou.

* * *

Final da História? Uma filosofia de fim de século. Em setembro de 2000, Fidel ia à Cúpula do Milênio na Organização das Nações Unidas (ONU), um fórum para traçar os rumos do futuro. Aproveitou para chamar a instituição de velha, decrépita de credibilidade, por se eximir durante décadas de sua mais importante função: manter a paz e a segurança para a humanidade. Melhor seria "cancelar o teatro", concluiu. Em uma ocasião para os cumprimentos, ele apertou a mão de Bill Clinton, em uma promissora cordialidade.

O gesto não podia ser por acaso. Há alguns meses, havia se encerrado o caso do menino Elián, que obtivera uma ampla repercussão internacional. O menino havia partido de Cuba acompanhado de sua mãe, em 22 de novembro de 1999, em uma embarcação rumo à Flórida. Uma patrulha cubana a abordou e tratou de persuadir os ocupantes a não prosseguirem viagem, mas sem resultado. Logo depois, o desfecho: a mãe do menino morreria afogada e ele se agarrou a um pneu, assim como mais dois adultos, boiando nas águas do mar. Passados dias, após ser resgatado pela vigilância da fronteira da Flórida, o menino foi recolhido por parentes por parte da mãe, residentes em Miami, os quais requisitaram e obtiveram, em seguida, a custódia temporária, sem a anuência do pai, que permanecera em Havana.

Marchas e concentrações pelo regresso do menino Elián suceder-se-iam na capital cubana, onde os palanques eram ocupados por estudantes de vários níveis. Na Flórida, apesar das recomendações do Departamento de Justiça de que Elián deveria ser entregue ao pai, os advogados dos parentes, membros da Fundação Nacional Cubano-Americana (FNCA) e da estação local do FBI (cujo chefe era irmão do advogado que defendera um dos participantes do plano de atentado contra Fidel na Ilha de Margarita) conseguiam retardar indefinidamente o julgamento final. Dias antes da audiência marcada, surgia um escândalo: acusaram de espionagem um funcionário da seção de interesses cubanos nos Estados Unidos, manchando ainda outras autoridades relacionadas ao caso.

Fidel evitava se pronunciar e inclusive comparecer à "tribuna aberta" que se montara na praça em frente à representação norte-americana em Havana. "Já não é preciso que eu fale...", comentou entre os íntimos.

Em 22 de abril de 2000, em uma operação de policiais federais norte-americanos, Elián foi retirado da casa em que se encontrava. Fidel se surpreendeu ao conhecer o fato, embora lembrasse que o governo norte-americano vinha buscando atuar nos marcos da Justiça, e considerou:

"O problema geral, no entanto, não está solucionado. Enquanto a Lei do Ajuste Cubano não for removida, outros casos poderão ocorrer... Se ao resto da América Latina e do Caribe ofertassem os mesmos beneplácitos para a imigração, mais da metade dos Estados Unidos estaria hoje ocupada por gente de todas as partes. O mesmo ocorreria com a Europa, que se encheria de habitantes do norte e do sul do Sahara..."

A crise que assolara Cuba, com o posterior ensaio de recuperação econômica, levara Fidel a fixar a atenção para o campo da ideologia e dos valores. Muitos cubanos foram procurar uma bússola moral nas religiões, encontrando-a em ritos africanos, no espiritismo ou no catolicismo. Ele mesmo resolveu promover uma injeção à fé, ao anunciar a visita do Papa João Paulo II a Cuba no início de 1998, dinamizando ainda mais o diálogo do regime com o exterior. Para preparar a atmosfera da visita, foram permitidas celebrações de missas ao ar livre e vários locais da cidade foram preenchidos com posters do Papa e da Virgem de la Caridad del Cobre, a santa padroeira de Havana.

Recebendo o Papa, no aeroporto José Martí, em Havana

Por conta de um acordo prévio, foram soltos 106 prisioneiros cubanos, cujos nomes constavam de uma lista de 270 entregue a Fidel em 22 de janeiro, pelo cardeal e secretário de Estado do Vaticano, Ângelo Sodano, em nome do Papa. Em uma relação final, após alguns nomes excluídos ou acrescentados, ficaram pendentes de decisão vários casos, entre os que participaram de atentados, infiltrações e sabotagens, como o salvadorenho que colocara bombas em hotéis de Havana – que acabou condenado à morte e fuzilado em fevereiro de 1999.

Fidel fez o seu papel de atrair a multidão para receber Sua Santidade, o ilustre visitante. Desejava as praças cheias de crentes e não-crentes, sem uma única palavra de ordem, nem qualquer refutação a eventuais provocações. "Com orgulho de ser o que somos e como somos, sei que podemos conseguir. Assim será", disse.

Estranhavam alguns, pensando que Fidel guardava uma estratégia não declarada. Outros pressagiavam o fim do regime, às expensas de suas intenções. Ele retrucou:

"O Papa não pode ser considerado o anjo exterminador de socialismos, comunismos e revoluções. Ele é um permanente crítico da globalização neoliberal, um implacável adversário do neoliberalismo. E muito nos alegramos com isso".

No dia 21 de janeiro, Fidel caminhou até a escada do avião para recebê-lo. Preocupado com que nada lhe ocorresse, ia ao seu lado ajustando o passo como a resguardá-lo. Em uma bandeja levada por crianças, João Paulo II beijou mostras da terra de todos os rincões da Ilha. Fidel, em breve discurso em um palanque erguido no aeroporto, resgatou o tempo da primitiva Igreja e a esta associou a Revolução:

"Somos um povo que se nega a submeter-se ao império da mais poderosa potência econômica, política e militar da História, muito mais que a antiga Roma. Como aqueles cristãos atrozmente caluniados para justificar crimes, nós, tão caluniados como eles, preferiremos mil vezes a morte a renunciar às nossas convicções.

"(...) Que podemos oferecer-lhe em Cuba, Santidade? Um povo com menos desigualdades, menos cidadãos sem amparo... um povo instruído a quem o senhor pode falar com toda a liberdade que desejar... Não haverá nenhum país mais preparado para compreender a sua feliz idéia: de que a distribuição eqüitativa das riquezas e a solidariedade entre os homens e os povos devem ser globalizadas... Bem-vindo a Cuba!"

O Papa também se manifestou:

"(...) Acompanho, com a oração, os meus melhores votos para que esta terra possa oferecer a todos uma atmosfera de liberdade, confiança recíproca, justiça social e paz duradoura. Que Cuba se abra para o mundo e que o mundo se abra para Cuba."

Cento e sessenta e seis cadeias de televisão, mais 3.501 jornalistas estrangeiros, credenciaram-se para o evento. Entre as aglomerações, não se viam soldados ou policiais armados, conforme relataram vários observadores. No todo ou em parte, ao vivo ou pelos jornais, centenas de milhões de pessoas acompanharam a passagem do Papa por Cuba e o que se revelava eram cenas mágicas, desmontando as pré-noções. Não haveria momento mais oportuno para manifestações contra o regime, não havia nenhum constrangimento. Apenas se assistiu a momentos de paz e harmonia, com Fidel na primeira fila, como anfitrião digno e respeitoso.

Ele se colocou à esquerda do Papa na missa da capital. Terminada a celebração, João Paulo II fez questão de saudá-lo. Nas quatro homilías das missas campais e em seus pronunciamentos, verbalizou preceitos da Igreja, como a condenação ao aborto e ao divórcio, que em Cuba são considerados livres. Um único percalço entre a hierarquia eclesiástica e o governo cubano se originou na posição expressa pelo arcebispo de Santiago (de Cuba), Pedro Meurice Estiù, em suas palavras introdutórias. Estando perto de Raúl Castro, criticou o marxismo-leninismo e "os cubanos que confundem a pátria com um partido, a cultura com uma ideologia". O Papa percebeu o mal-estar e, ao ler o

texto de sua homilía, a esta altura já distribuído, omitiu com habilidade o termo "direitos humanos", assim como uma frase do general Antonio Maceo, herói da Independência de Cuba: "Quem não ama a Deus, não ama a pátria" – para não acentuar a polarização.

Quem polemizou foi Fidel, mas em âmbito interno, com os responsáveis por filmes e livros que exploravam o desalento

Em seu gabinete no Palácio da Revolução, em Havana

e os problemas sociais cubanos e ganhavam honras no exterior. Parte dos intelectuais reclamou de sintomas de uma nova "caça às bruxas". Na União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC), que representava o coletivo da categoria, agrupavam-se os que tentavam neutralizar o surto, negando qualquer ameaça de retrocesso ao "realismo socialista". Fidel foi à sede do organismo para conversar: o desejável era buscar o "socialismo real", disse, com uma produção cultural de identidade, não condicionada pelas necessidades mercadológicas. Seus interlocutores não negavam a tese, mas entendiam a antinomia: a realidade compelia a uma criatividade competitiva, como nos países capitalistas, mais ainda nesses tempos de globalização.

Em 2000, Fidel se dedicaria à reestruturação da política cultural, como uma prioridade. A "tribuna aberta" instaurada durante o caso Elián tornou-se permanente, com os amplificadores voltados para dentro. Fidel promoveu a diversificação de todas as formas de criação, das escolas às ruas e nos centros especializados, como requisito básico para uma "globalização qualitativa", sem padrões uniformes, sem vulgarização da cultura. O olhar de Fidel fixava-se nos jovens. Por essa lente, podia-se enxergar várias décadas atrás: Fidel também havia sido um significativo fruto de uma geração.

"Nossa juventude precisa de educação abrangente; uma profunda cultura política, nem dogmática nem sectária. José Martí disse: 'Ser culto para ser livre'; e há que acrescentar a apóstrofe: 'Sem cultura não há liberdade possível'.

"(...) A ordem econômica e a globalização neoliberal estão órfãs e indefesas de ética e idéias. Nesse campo se decidirá a luta principal do novo tempo...

"(...)... porque o próprio desenvolvimento humano, da ciência e da técnica, converteu o mundo em uma aldeia onde não cabem fronteiras...

"(...) Tenho a esperança de que muita gente compreenderá ou irá descobrir por si mesma: Podemos salvar a espécie huma-

na! Marx criticou os utópicos. Sinto-me entre os criticados com motivo, sim ou não?"

Líder de estratégia mediante contextos reais, Fidel já pusera a certa distância – embora ao alcance da mão –, o seu ser idealista. Pelo fim do milênio, cruzado o século, convencera-se da impossibilidade de um socialismo imaculado. Ante as desigualdades, a tarefa era elaborar o modo de neutralizá-las.

Com Carlos Laje, secretário do Conselho de Estado de Cuba

Marchando no Malecón, acompanhado de Hojjatoleslam Hajj Seyed Hassan Khomeini, sobrinho do Aiatolá. Logo atrás, de boné branco, Fidel Castro Díaz-Balart. Havana, 2001

C A P Í T U L O 5 3

Com Ricardo Alarcón, observando a estátua de John Lennon, recém-inaugurada em Havana, 2001

Alguém insubstituível?

O cultivo do silêncio por Fidel coincidira com a chegada "oficial" dos seus 70 anos, em 1996.

Ao aparecer na província interiorana de Las Villas, onde o povo comemorava o término da construcão de uma estrada, sua figura plácida, o olhar cabisbaixo na fisionomia cansada, induziam a acreditar que o enérgico estadista envelhecera. Sen-

tado sobre um pequeno palanque armado sobre um campo, ele se entretinha observando as falas dos populares, batucando as unhas das mãos, fortes e pontiagudas, umas contra as outras, dando-lhes certa trégua apenas ao puxar os fios da barba. Todavia, chegada a vez de se pronunciar, levantou-se resoluto. Com o movimento, recobrou a vivacidade e, ao escutar o ruído do primeiro trovão, moveu a cabeça para o alto. Via-se o céu prenhe de vapor negro, a chuva retesada. Fidel fez pausa e começou com uma brincadeira: "Há quem pense que tenho a faculdade de espantar as chuvas. Vamos ver..."

O aguaceiro caiu minutos depois; mas logo abrandou, enquanto ele falava mais de uma hora, em uma contagem fora do estilo ou, quem sabe, desejando poupar desnecessários sacrifícios aos milhares que não arredaram pé, nem se moveram. Depois, durante encontro com as milhares de crianças e adolescentes que se reuniram para felicitá-lo previamente à data de 13 de agosto, a do seu aniversário, confessou: "Não é fácil adaptar-se mentalmente à idéia da velhice. Tendemos a encarar o que ficou para trás e entende-se que a vida tem um limite..."

A proximidade de pessoas sempre o deliciava. Destino ou castigo, disse ele, era a labuta de gabinete. Ultimamente fugia o quanto possível das reuniões executivas, comparecendo apenas às fundamentais. Por estarem mais bem distribuídas as responsabilidades de governo, era necessário apenas continuar preparando futuros quadros de direção. Fidel já podia "até tirar férias" se quisesse, empreender longas viagens, "a eterna talvez", dando corda à confidência e atiçando suspeitas.

Perceber Fidel na seara dos 70 reeditava a grande incógnita sobre a sobrevivência de uma Cuba revolucionária no seu desaparecimento. Adviria a aterradora frustração, o imenso oco, um desmoronamento social, a instabilidade do poder? Nos bastidores da diplomacia, um diagnóstico: deslanchara a "sucessão de Fidel". Com a cena política aberta aos seus mais próximos colaboradores, perfazia-se uma espécie de instável "dança de

cadeiras" entre o seu irmão Raúl e as figuras jovens ascendentes: Carlos Lage, Abel Prieto, logo também Felipe Pérez Roque; incluindo-se, na alternância, o Presidente da Assembléia Nacional, Ricardo Alarcón, este um "histórico" como exceção. Por conta do pernicioso "boca a boca" sobre o seu estado de saúde, ele pontuava: "Estejam tranquilos. Venho reconquistando a minha liberdade, pouco a pouco. É só".

A ressalva seria "concederem-lhe uma licença para se ausentar de vez e escrever as suas memórias", o que "por certo não ocorreria", como afirmou. Apesar de contumaz conspirador, Fidel pôs os segredos à luz, na hora e no modo que julgou certos, neste livro, afirmando que, de importante, nada mais havia a revelar. Na verdade, sendo ele um eterno rebelde, refratário aos enquadramentos, nem sequer a liderança, a condição de estadista e nem mesmo a sua equipe de escoltas, haviam-no impedido de desfrutar da vida por completo, ainda que a intimidade fossem fugazes intervalos. A curva da velhice o obrigava a poupar-se, mas no cotidiano, se não há compromissos, permanece ainda

Com Raúl e Ramón (Mongo), os três irmãos

noites inteiras em seu gabinete, lendo ou trabalhando, ou pratica os seus exercícios, indo deitar-se pela madrugada. Caso contrário, conversa com algum visitante à Ilha, entre taças de vinho, até o raiar do sol.

Foi em outubro de 1997, durante o V Congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC), que Fidel assustou os ouvintes, ao insistir em grifar a pessoa de Raúl como a do seu grande substituto, de acordo com um dos seus primeiros pronunciamentos em 1959. O irmão é o chefe organizado e experiente, mas nem tão "duro" como deixa transparecer – embora seja rodeado de gente desse tipo, todos combatentes "históricos" – e compõe a ponta matriz de um triângulo, sabendo-se compartilhadas a área econômica com Carlos Lage (hoje um amadurecido dirigente, prático, modesto e circunspecto) e a política, com Ricardo Alarcón, mais teórico e discursivo. A possibilidade de uma substituição, deixou claro Fidel, seria algo a decidir-se pelo PCC e pela Assembléia Nacional no momento dado. Ao abordar, entretanto, o tema da sua retirada ou sucessão, seus ouvintes visualizaram a possibilidade da despedida. A alguns companheiros, em particular, ironizou com o jeito cortante: "Cuidem mais de Raúl. Se eu fosse o imperialismo, não estaria tratando de liquidar Fidel..."

Mas já haviam se incorporado à praxe medidas para evitar o risco de uma dupla perda. No que concerne a Fidel, a contrainteligência cubana chegou a computar em 637 o número de tentativas de assassinato, entre projetos e operações desenvolvidas e abortadas, até 1997. Em parte dessas, o Comandante escapara com vida por proteção da entidade da sorte, das estrelas ou pela inadvertência dos conspiradores.

Sair ileso, uma sina. Percorrer a tênue interseção entre vida e morte, o que o movia? Com o que conta ele, afinal, para livrar-se dos desastres?

Águas revoltas, uma constante. Na adolescência e na juventude, ao projetar-se de um trampolim sobre um litoral rochoso ou salvando a turma de escoteiros em um rio enervado. Na flor

da idade, aos 20 anos, quando todos dormiam em um navio, saltou pela borda agarrando a metralhadora Thompson em uma mão, com a malfadada esperança de que ainda lhe servisse. Se ficasse, sabia, certamente seria alcançado por agentes da repressão. Mergulhou resoluto, com estilo, nas águas da Baía de Nipe, alfinetando a morte. Um tubarão, que por ali circulava, poderia havê-lo tragado, mas talvez por instinto nem apareceu naquele dia, libe-

Em Santiago do Chile,
ante o túmulo de Salvador Allende

rando o território à tentadora presa. Assim, Fidel vivia mais uma, entre tantas "situações-limite", mas não a tornara um dilema. O impulso não foi deslocado do cálculo – e chegou a nado, até a costa. Incrivelmente salvo.

"Se aprendi uma lição, em todos esses anos que tive de desafiar a morte, desarmado muitas vezes, é que o inimigo respeita os que não o temem, os que o desafiam", contou.

Principal figura da "geração do centenário" do nascimento de José Martí, à semelhança do patrono libertador, em sua vida, Fidel conjugou o pensamento, a palavra e a ação. Reúne os extremos, do ideal à prática. Reflete para atuar, mas decide por rompantes, sem estudada determinação.

Quando assaltou o quartel Moncada, ele não contava com perspectivas. Ao ser enviado ao presídio, vislumbrava a morte certa. Desembarcando do *Granma*, atolado em um pântano, era um náufrago. A subversão o empurrava, mas jamais se negava à disciplina. Atirado e louco, embrenhou-se na Sierra Maestra e venceu uma guerra impossível contra um exército de 80 mil homens. A façanha valeu-lhe o apelido *El Caballo*, mas foi com o vigor da mente que aplicou princípios, controlou resultados e reelaborou a experiência. Se o acaso influiu, nem foi demais.

Martí, Bolívar ou San Martín, Frei Caneca ou Tiradentes, libertadores latino-americanos, todos foram derrotados antes de verem ativa a sua cria ou assistido o seu engano. Exceto Fidel. A frustrada Independência de Cuba veio, com ele, completar-se quase um século depois. Como o general dominicano Máximo Gómez, praticou as formas de combate irregular em dadas condições geográficas. Como o general Antonio Maceo, desejou autonomia ao comando militar na Sierra, dispondo em segundo plano a problemática civil. Ao negar-se a compor com o poder durante a Junta de Liberação (dezembro de 1957), era o herói Maceo quem lhe indicava o caminho. Como um maestro, combinou propostas e situou cada grupo em seu lugar, sendo abrangente e restrito. O triunfo o arremessou sobre o mundo: "Fidel era en-

tão o foguete lançado ao espaço que... ou chegaria ao destino ou pereceria no empenho”[1].

Fez História no exercício do poder, e fora dele; intimidou os opositores ou os fez vacilar, angariando simpatias por cima das diferenças. Como outros que também fundaram revoluções, adquiriu a enorme autoridade, ofuscante, avassaladora, constituindo-se em um mito vivo – que viria a ser o último do milênio.

Meditando sobre o destino da Revolução

Reforçado pela natural associação com o acontecimento histórico que o fez nascer, a "revolução de Castro" seria bem utilizada pela contrapropaganda.

De sua parte, desde o início, procurou combater o "culto à personalidade" e o abuso de poder. Fidel era o Estado e não o era. Em certa oportunidade, o Conselho (de Estado) pensou em condecorá-lo "herói de Cuba", ao que resistiu obstinado, posto que se assemelharia a "uma autocondecoração". Enquanto ocupasse cargos, declarou, jamais poderia receber uma tal homenagem, em acatamento à idéia da direção coletiva, herdada desde a fundação do Movimento 26 de Julho.[2] Preserva-se como chefe de Estado postulado e eleito, em primeira instância, como deputado pelo município oriental de Santiago de Cuba. "Quem sou eu? Um político no melhor sentido da palavra", respondeu.

Com relação ao seu maior desafeto, os Estados Unidos, o bloqueio acabaria se convertendo no maior culpado das agruras de Cuba, absolvendo-a de seus próprios erros de política econômica. Desenredar o tema se tornaria complexo, atualizando-se uma relativa acomodação do conflito cubano-norte-americano em uma margem de tempo imprevisível. Fidel opinou: "Nem me alegra, nem me entristece: mantém-me sereno. O reatamento não é para nós algo desesperadamente necessário. Normalizar as relações não depende de nós, repito".

Tópicos como os nexos entre familiares separados, através das visitas ou das dotações de recursos, pouco a pouco se restauraram. Legisladores norte-americanos advogaram pela liberação da venda de remédios, equipamentos médicos e alimentos para Cuba, com o crivo da Câmara de Comércio. Em outubro de 1999, Fidel recebeu pela primeira vez, em Havana, um governador de um estado estadunidense, George Ryan, de Illinois. Grupos se mobilizavam pela concessão de uma "ajuda humanitária" ao país, mas o cubano repudiou a proposta por "cínica". Até calçou um tênis feito em Cuba e compôs a vanguarda de uma passeata pelas ruas da capital, "em recusa de migalhas".

“Que nos tratem igual à China, ao Vietnã e outros países! Por que querem nos impor critérios? Obrigam-nos a constatar: Cavalheiros, quem são os principais defensores do socialismo em Cuba? Eles mesmos.”

Na quietude do avançar da idade, prefere se dedicar à reflexão, para reavivar a Revolução e achar o caminho para um estágio superior de consciência política.

“Pode se seguir impondo ao mundo padrões de consumo? Não poderíamos inculcar um pouco mais de ânsia de cultura e riqueza espiritual? Sem esquemas, dogmas ou palavras de ordem?”, questionou.

Fidel não pensava sobreviver muito tempo, quando assumiu na juventude a rebeldia. Hoje, sente a saudade do menino que escalava montes e cruzava rios; mas avista o futuro, como no cume do Pico Turquino. Deixou de ser o afoito dono da verdade: conheceu a contenção de quem viu grandes expectativas se desmoronarem. Com passos largos, aprendeu a paciência, e diz que começaria tudo de novo, com a meta de um atleta olímpico, sonhando “combater até o último dia, como um soldado de fila”. “Na montanha, sofre-se mais de sede quando o cantil está vazio. Adquiri o hábito de não tomar água até poder reabastecê-lo...”, recordou.

N O T A S

Capítulo 31

[1] Castro, Fidel – Discurso, 8 de janeiro de 1959.

[2] Idem.

[3] Castro, Fidel – Coletiva à imprensa, 10 de janeiro de 1959.

[4] Estado (Relações Exteriores) – Roberto Agramonte; Fazenda – Raúl Chibás; Justiça – Angel Fernández; Saúde – Julio Martínez Páez; Comércio – Raúl Cepero Bonilla; Trabalho – Manuel Fernández; Presidência (Secretaria) – Luis Buch; Obras Públicas – Manuel Ray Rivero; Recuperação (de Bens Malversados) – Faustino Pérez; Exército – coronel Rego Rubido; Marinha – Gaspar Bruch; Força Aérea – Pedro Luíz Díaz Lanz; Polícia – Efigenio Almejeiras; Supremo Tribunal – Emilio Menéndez; Fiscal do Supremo (Procurador Geral) – Felipe L. Luaces; Delegado Geral do Presidente perante os organismos armados – Fidel Castro Ruz. Obs.: O ministro do Exército (coronel Rego Rubido) exercia o posto de comandante militar de Santiago e unira-se ao Exército Rebelde ao conhecer a trama do golpe militar.

[5] Emma Castro logo se casaria com um engenheiro naval mexicano, Víctor Lomeli.

[6] Castro, Fidel – Discurso no Palácio dos Esportes, 22 de janeiro de 1959.

[7] Castro, Fidel – Palestra no Lions de Havana, 13 de janeiro de 1959.

[8] Pelo Tratado de Assistência de 1934, a Emenda Platt havia sido abolida, fixando-se um novo acordo para o aluguel da Base de Caimanera (ou Naval de Guantânamo) por quatro mil dólares, que só poderia ser rescindido por ambas partes ou por disposição do locatário USA.

[9] Listam-se, entre as primeiras intervenções: um truste fosforeiro, o consórcio petroleiro RECA, a Companhia Cubana de Aviação, o Aeroporto de Rancho Boyeros, 14 usinas açucareiras, as empresas de transporte Onibus Aliados e Onibus Metropolitanos e a Cuban Telephone Company.

[10] Fora em 11 de fevereiro de 1958. Previa a formação de "corte marcial" para responsáveis de crimes e torturas, com poderes para decretação de pena de morte.

[11] Castro, Fidel – Pronunciamento ante o túmulo de Eduardo Chibás, 16 de janeiro de 1959.

[12] Jesús Sosa Blanco.

[13] Castro, Fidel – Discurso no Palácio dos Esportes, 22 de janeiro de 1959.

[14] Fonte: Entrevista Antonio Llibre. Oficiosamente, na nova ordem em elaboração naqueles dias, o exército rebelde já se organizava em chefias, entre as quais a de Ramiro Valdéz Menéndez, G2 (inteligência militar); Belarmino Castilla, da G1 (pessoal); Antonio E. Lussón, G3 (operações); Sergio del Valle, G4 (logística); William Gálvez, G5. Enyo Leyva foi designado chefe da segurança de Fidel.

[15] Castro, Fidel – Memória da Venezuela, 13 de março de 1967.

[16] Teses do PSP, Arquivo do PSP, janeiro de 1959.

[17] Entrevista Faure Chomón.

[18] Castro, Fidel – Entrevista do Hotel Havana Riviera, 22 de janeiro de 1959.

[19] Entrevistas Jorge Risquet e José Antonio Tabares del Real.

[20] Entrevistas Lionel Soto e Alfredo Guevara.

[21] Proeminente advogado, bem relacionado ao Departamento de Estado e a magnatas do petróleo norte-americanos, Miró Cardona mantinha uma relação pessoal com Fidel desde quando fora seu professor na Universidade de Havana. A razão da sua retirada eram disputas com Urrútia. A seguir, seria enviado à Espanha como embaixador; e posteriormente aos Estados Unidos, proposto por Fidel em maio de 1960.

[22] Castro, Fidel – Programa de tevê *Ante la Prensa*, 19 de fevereiro de 1959.

[23] Castro, Fidel – Entrevista, 20 de fevereiro de 1959.

[24] Entrevista Lionel Soto.

[25] Castro, Fidel – Entrevista, 6 de março de 1959.

Capítulo 32

[1] Castro, Fidel – Entrevista em Nova York, 23 de abril de 1959.

[2] Castro, Fidel – Entrevista aos diretores de Imprensa norte-americana, 17 de abril de 1959.

[3] Castro, Fidel – na Esplanada Municipal de Montevidéu, 5 de maio de 1959.

[4] Castro, Fidel – Entrevista ao programa de tevê *Ante la Prensa*, 9 de maio de 1959.

[5] Castro, Fidel – Em *Ante la Prensa*, 21 de maio de 1959.

[6] Em geral, essa dimensão correspondia às plantações de cana-de-açúcar que utilizavam força de trabalho assalariada, que foram nacionalizadas,

e mantiveram-se como grandes unidades de produção ("granjas do povo") estatais.

[7] Conversações com Manuel Piñeiro.

[8] Idem.

[9] O coronel Gamal Abdel Nasser organizou o movimento dos oficiais que depuseram a monarquia egípcia em 1952. Obteve o controle do território, substituiu os partidos políticos, unificando-os, e destruiu o poder dos latifundiários. Ao nacionalizar o Canal de Suez, em 1956, a Inglaterra, junto com França e Israel, invadiu o Egito, retirando-se após pressão internacional. Em seguida à proclamação da República, Nasser presidiu o Egito de 1954 a 1970.

[10] Líbia (1951); Sudão, Tunísia e Marrocos (1956); Gana (1957).

[11] Entrevista Eloy Gutiérrez Menoyo.

[12] Entrevista Max Lesnick.

[13] Idem.

[14] Realizar-se-ia no dia 27 de julho de 1959 em Santiago do Chile.

[15] Causa no 3, Tribunais Revolucionários de Havana, 12 de janeiro de 1960.

[16] Em novembro de 1960, dez meses depois, Morgan foi detido ao fomentar, por instrução da CIA, um "bando" na Sierra do Escambray. Em janeiro de 1961, Gutiérrez Menoyo partiu aos Estados Unidos para unir-se ao grupo de figuras que formariam o governo de Cuba após a invasão da Baía dos Porcos. Seria detido em Cuba em 1964, ao vir em uma expedição da República Dominicana, como um dos chefes do grupo contra-revolucionário Alpha 66.

[17] Além do grupo de cubanos, integraram-na também venezuelanos, portorriquenhos, norte-americanos e espanhóis.

[18] O comandante Délio Gómez Ochoa e o Dr. Francisco Pividal

[19] Na conjuntura, foi fundado o Partido Social Cristão, liderado por Jose Ignacio Rasco, professor da Universidade Católica de Villanueva e ex-colega de Fidel no Colégio Belén.

[20] Padula Jr. , Alfred A. – *The Fall of the Bourgeoisie: Cuba, 1959-1961*, PHD dissertation, University of New Mexico, 1974.

[21] Carlos Prío, Manuel Antonio de Varona e Aureliano Sánchez Arango.

[22] O Movimento de Recuperação Revolucionária (MRR) contava com uma base na ACU (Associação Católica Universitária). O Movimento Revolucionário do Povo (MRP) apoiava-se na Juventude Operária Católica (JOC) e outros setores dissidentes. Havia ainda o DRE (versão capciosa do extinto Diretório), procedente da Juventude Estudantil Católica (JEC) e o MDC. Do MRP, participaria Raúl Chibás, que partiu ao exílio em 10 de agosto de 1960.

Capítulo 33

[1] Entrevista Emílio Aragonés.

[2] Entrevista Chino Esquivel.

[3] Em um julgamento público em dezembro, Húber Mattos foi condenado a 20 anos de prisão.

[4] Entrevista José Rebellón.

[5] A relação entre a chamada "direita" do 26 de Julho e militantes católicos consolidara-se desde os preparativos da fracassada greve de abril de 1958.

[6] Castro, Raúl – Palavras no X Congresso Nacional Operário, 18 de novembro de 1959.

[7] Castro, Fidel – Palavras no X Congresso Nacional Operário, 18 de novembro de 1959.

[8] Conrado Béquer, dos açucareiros, foi eleito Presidente, tendo como vices: Conrado Rodríguez, da Segunda Frente do Escambray, e o oriental, e comunista, Juan Taquechel. Como secretário do Executivo, ficava David Salvador.

[9] Entrevista Emílio Aragonés.

[10] Castro, Fidel – Encerramento do 24º Congresso Nacional da CTC, 15 de setembro de 1959.

[11] Castro, Fidel – *Ante la Prensa*, 17 de setembro de 1959.

[12] Ministério das Relações Exteriores (MINREX) de Cuba, Nota Diplomática, 18 de novembro de 1959.

[13] CIA, The Caribbean Republics, National Intelligence Estimate 80-54, 24 de agosto de 1954, CIA Records, FOIA.

[14] A Conferência de Yalta realizou-se em fevereiro de 1945, sendo precedida pela de Teerã, em dezembro de 1943, ao esboçar-se a vitória dos Aliados. As principais decisões tomadas em Yalta foram: o desmembramento da Alemanha, o reconhecimento do governo iugoslavo sob a chefia do Marechal Tito e do governo polonês pró-soviético, a definição das fronteiras da Polônia, a supervisão dos países que haviam sido satélites do "Eixo", a divisão da Coréia em duas zonas (o Norte com a URSS e o Sul com os Estados Unidos) e a subtração da Indochina à França para entregá-la à China. A URSS devia ainda ajudar a liquidar a guerra com o Japão, recebendo como compensação alguns territórios na Ásia. As Américas eram, desde logo, as zonas de interesse norte-americano.

[15] Entrevista Alfredo Guevara.

[16] Em 1955, Nasser foi um dos organizadores e líderes da Conferência de Bandung, onde surgiu o movimento "neutralista" afro-asiático, o precur-

sor do Movimento dos Países Não-Alinhados. Na ocasião, 29 países afro-asiáticos condenaram o colonialismo, a discriminação racial e o armamento atômico. A reunião em Bandung era decorrente do encontro, ocorrido em agosto de 1954, entre os líderes Pandiet Nehru (Índia), Mohamed Ali (Paquistão), Bandaranaike (Ceilão), Sastroamidjojo (Indonésia) e U Nu (Myanma).

17 Hemingway, Prêmio Nobel em 1954, suicidou-se em 2 de julho de 1961, vítima de um disparo de seu rifle de caça em Idaho. Em seu testamento, deixava o sítio para o governo de Cuba para que o utilizassem como desejassem.

18 As Milícias Nacionais Revolucionárias (MNR) foram criadas em 26 de outubro de 1959.

19 Informe do Comitê Especial do Senado dos Estados Unidos: "Investigação do Senado dos Estados Unidos sobre planos para a eliminação física de dirigentes políticos estrangeiros" – conhecido como *Informe Church*, coordenado pelo Senador Frank Church, 1975.

20 Idem.

21 Informe do general Maxwell Taylor, Comissão de Estudos sobre Cuba, Estados Unidos, 1961.

22 Informe sobre planos de atentado a Fidel Castro, 23 de maio de 1967, do inspetor geral da CIA (J. S. Earman), por solicitação do diretor da CIA (Richard Helms). O documento foi enviado para arquivo secreto, havendo sido desclassificado em 1994, com fragmentos censurados. De acordo com as investigações cubanas, o projeto se traçava desde 1959. Um norte-americano (Allen Robert Mayer), que foi introduzido ilegalmente no território para atentar contra a vida de Fidel, foi detido pela polícia em 2 de fevereiro de 1959. No mês seguinte, no dia 26 de março, foi descoberto outro plano de assassinato, sendo um dos seus mentores Rolando Masferrer, antigo antagonista de Fidel, desde os tempos da universidade.

23 *New York Times*, 7 de março de 1967. A fonte principal dos autores teria sido o mafioso John Roselli ou o seu advogado Edward Morgan.

Capítulo 34

1 Beauvoir, Simone de – Sur Fidel, Arquivo Fidel Castro, ref. cit.

2 Na delegação, Afonso Arinos de Mello Franco, José Aparecido de Oliveira, Fernando Sabino, Augusto Marzagão, Villas-Boas Corrêa, Carlos Castelo Branco, Helio Fernandes, Marcio Moreira Alves, Milton Santos,

Paulo de Tarso, Castelo Branco, Raimundo Eirado, Rubem Braga, Moniz Bandeira, Murilo Melo Filho e Francisco Julião, entre outros.

[3] Testemunho de José Aparecido de Oliveira.

[4] VII Reunião de Chanceleres da OEA, Costa Rica, 29 de agosto de 1960.

[5] O nome de Schreider aparece constantemente censurado no texto do inspetor geral da CIA. Ver ainda, sobre o atentado: Wise, David & Ross, Thomas – The Invisible Government, NY, Random House, 1964.

[6] Sekou Touré lutava pela unidade africana contra o tribalismo. Foi um dos propulsores da idéia dos "Estados Unidos da África", na conferência dos povos africanos celebrada em Accra, capital de Gana, em fins de 1958. Também um aliado do líder Patrice Lumumba no Congo e dos chineses. Em seu país, Touré foi o organizador do movimento sindical, agrupando 700 mil trabalhadores em um país de apenas 2,5 milhões de habitantes.

[7] *Informe Church*, Congresso dos Estados Unidos, 1975. ref. cit.

[8] Entrevista Jorge (Papito) Serguera.

[9] Informe do inspetor geral da CIA, ref. cit.

[10] Idem.

[11] HSCA (House Select Comitee on Assassinations), JFK Exhbit F-602 – Investigador: Gaetón Fonzi, parcialmente publicado em *Washington Post*, por Georges Crile III, 16 de maio de 1976.

[12] Warren Comission files, declassified testimony from the British journalist John Wilson, (também retido no establecimento de Triscornia, no mesmo período de Santos Trafficante). Wilson testemunhou que Trafficante recebeu, na ocasião, a visita de Jack Ruby (o assassino de Lee H. Oswald).

[13] HSCA, JFK Exhibit F-410, "Statement of the Cuban Government".

[14] Informe do inspetor geral da CIA, ref. cit.

[15] Os componentes da Frente Revolucionária Democrática (FRD) eram o ex-senador Manuel Antonio de Varona, Manuel Artime (chefe do MRR), Justo Carrillo, Aureliano Sánchez Arango e José Ignacio Rivero. Em março, após conflitos internos, da FRD formou-se o Conselho Revolucionário Cubano (CRC), sob a presidência de José Miró Cardona (ex-primeiro-ministro de Cuba), abrigando inicialmente Manuel Ray Rivero (chefe da organização MRP e ex-ministro de Obras Públicas).

[16] Entrevista Alfredo Guevara.

[17] Entrevista Eloy Gutiérrez Menoyo.

[18] Entrevista Fernández Varela.

[19] Entrevista Max Lesnick.

Capítulo 35

[1] Conversações com Manuel Piñeiro.

[2] Castro, Fidel – Plenária da ANAP, 17 de maio de 1962.

[3] Castro, Fidel – Palavras na graduação de alunos do centro de inseminação artificial, 12 de dezembro de 1961.

[4] Castro, Fidel – Graduação de alunas das escolas de Corte e Costura, 11 de dezembro de 1961.

[5] Castro, Fidel – Discurso, 26 de julho de 1961, El Caney de las Mercedes, Santiago de Cuba.

[6] Castro, Fidel – Coletiva de imprensa, fevereiro de 1962.

[7] A independência argelina formalizou-se em 27 de junho de 1961.

[8] O atirador seria o cubano Antonio Veciana Blanc, depois fundador do grupo Alpha 66.

[9] Castro, Fidel – Plenárias estudantis, 21 de outubro de 1961.

[10] Ernesto ("Che") Guevara, Emílio Aragonés e Osmani Cienfiegos.

[11] Fundaram-se também a Associação de Jovens Rebeldes (AJR), englobando os universitários; a União dos Pioneiros de Cuba (UPC), as crianças e adolescentes; e a Associação Nacional dos Pequenos Agricultores (ANAP).

[12] Carlos Rafael Rodríguez, Aníbal e Cézar Escalante, Ramiro Valdés, Flávio Bravo, Joaquin Ordóqui, Lázaro Peña, Manuel Luzardo e Severo Aguirre.

[13] Castro, Fidel – Palavras aos intelectuais, 30 de junho de 1961.

[14] Castro, Fidel – Encerramento do Primeiro Congresso Nacional de Escritores e Artistas, 22 de agosto de 1961.

[15] Participavam de "Mangosta": o Departamento de Estado, as secretarias de Comércio e de Defesa, o Pentágono, a CIA e a USIA (U.S. Information Agency), entre outros.

[16] Documentos da Operação Mangosta, "desclassificação" pelo Grupo de Revisão de Registros de Assassinatos (GRRA), 18 de novembro de 1997.

[17] O embargo total sobre o comércio entre Estados Unidos e Cuba foi implantado pela Ordem Executiva Presidencial nº 3447, de 7 de fevereiro de 1962, válida "até que Cuba devolvesse 50% das propriedades norte-americanas nacionalizadas, a partir de ll de janeiro de 1959, ou abonasse uma compensação equivalente a 50% do valor das propriedades afetadas".

Capítulo 36

[1] Depoimento prestado por Frank Sturgis ao Comitê de Assassinatos da Câmara, Estados Unidos, 1978.

[2] Castro, Fidel – Plenária açucareira, 14 de maio de 1962.

[3] Entrevista Lionel Soto.

[4] Conversações com Manuel Piñeiro.

[5] Entrevista Bilito Castellanos.

[6] José Abrantes, Raúl Curvelo, Armando Hart, Haydée Santamaría, Faure Chomón, Osmani Cienfuegos, Juan Almeida e Sergio del Valle.

[7] Alexeiev, Alexandr – Artigo escrito para ser publicado em 12 e 18 de novembro de 1988, arquivo do escritor e embaixador cubano Carlos Lechuga

[8] Entrevista Emílio Aragonés.

[9] Kennedy, John, F. – Conferência de Imprensa, 31 de agosto de 1962, JFKL, ref. cit.

[10] Declarações de Krushov, Agência Tass,12 de setembro de 1962.

[11] Castro, Fidel – Aniversário dos CDR, 28 de setembro de 1962.

[12] Em 3 de julho de 1962, após quase sete anos de guerra, a Argélia tornou-se independente. Em 26 de setembro, Ben Bella era nomeado primeiro-ministro pela Assembléia Nacional.

[13] JFKL John F. Kennedy Library, Arquivo Central, box 41.

[14] Castro, Fidel – Mensagem a Krushov, 26 de outubro de 1962.

[15] Idem, 27 de outubro de 1962.

[16] Castro, Fidel – Entrevista a Maria Schriver, NBC, Estados Unidos, 24 de fevereiro de 1988.

Capítulo 37

[1] Entrevista Jorge (Papito) Serguera.

[2] Idem.

[3] A mencionar: Osvaldo Barreto e Pedro Lugo, que se encontravam em Argel.

[4] Conversações com Manuel Piñeiro.

[5] Idem.

[6] Depoimentos de Ulisses Estrada, Víctor Dreke e Dario Urra, agentes de Piñeiro no Departamento "Liberação", MININT, Arquivo das FAR.

[7] Abelardo Colomé Ibarra (Furry), hoje ministro do Interior e general de Corpo de Exército, e José Maria Martínez Tamayo (Papi), portando passaporte argelino em 1962.

[8] O grupo era dirigido por Alain Elías. Entre os integrantes, Javier Heraud e Abraham Lamas.

[9] Foram os bolivianos irmãos Peredo e Rodolfo Saldaña.

[10] Do MIR, o dirigente Luis de la Puente Uceda morreu em novembro de 1965 e Guillermo Lobatón, em janeiro de 1966. Héctor Béjar do ELN foi detido em 1965 e destruída a coluna que dirigia.

[11] Pedrito refere-e a Pedro Miret, que então a divisão de artilharia das FAR.

[12] Arquivo das FAR – Mensagens de Raúl Castro a Flávio Bravo e Jorge Serguera, 20 de outubro de 1963.

[13] Informe de Flávio Bravo a Raúl Castro, Argel, 21 de outubro de 1963.

[14] Nome dado aos locais de descanso das autoridades soviéticas.

[15] Castro, Fidel – Pronunciamento, 27 de junho de 1963.

[16] Castro, Fidel – Encerramento do Congresso da ANAP, 9 de agosto de 1963.

[17] Castro, Fidel – Graduação de alunos das Escolas de Auxiliares de Administração, 2 de outubro de 1963.

[18] Castro, Fidel – Em recepção na embaixada do Canadá, UPI, 2 de julho de 1964.

[19] Castro, Fidel – *Um dia com Castro*, reportagem da tevê francesa, julho de 1964

[20] Outras conferências extraordinárias dos chefes do Exército do Continente se realizariam nessa etapa, na base do Panamá, na escola de oficiais de West Point e em Buenos Aires, para tratar do tema. A terceira ocorreu em fins de outubro de 1967, após a morte de "Che" Guevara na Bolívia.

[21] Castro, Fidel – Conselho do Plano de Ensino Tecnológico de Solos, Fertilizantes e Gado, 18 de dezembro de 1966.

[22] Castro, Fidel – V Plenária Nacional da Federação de Mulheres Cubanas, 9 de dezembro de 1966.

[23] Hughes (INR) to SecState, '"Che" Guevara's African Venture',19 apr.1965, pp.1-2, NSFCF: Cuba, box 20, LBJL

[24] Conversações com Manuel Piñeiro.

[25] Entrevista Jorge Serguera.

Capítulo 38

[1] Gutiérrez Menoyo seria libertado 20 anos depois, em 1985, a pedido do premiê espanhol Felipe González. Nove anos depois voltaria a conversar com Fidel em Havana, como presidente do grupo Câmbio Cubano, defensor de uma negociação pacífica com o regime.

[2] Marquito, no início dos anos 50, trabalhara como servente na revista cultural *Nuestro Tiempo*, ligada ao partido comunista e supervisionada por Alfredo Guevara. Adiante, acabou sendo deslocado para servir ao núcleo da Juventude Comunista na universidade, onde passaria a relacionar-se com estudantes que se incorporaram ao Diretório Revolucionário (DR). Próximo ao assalto ao Palácio, em 1957, Marquito relatou à direção do DR que os comunistas discordavam do plano, alarmados com a possibilidade de um confronto armado com a polícia. Percebido como um "infiltrado", dirigentes do Diretório decidiram marginalizá-lo paulatinamente. Em seguida veio o assalto ao Palácio e a cerrada perseguição, quando Marquito ainda mantinha-se informado dos passos dos dirigentes do DR procurados pela polícia de Batista. Quando estes se encontravam na casa da Rua Humboldt, ele os delatou.

[3] Depoimento de Marquito, Juízo Oral da Causa nº 72, 1964.

[4] Entrevista Alfredo Guevara.

[5] Sentença nº 4, 1964, Supremo Tribunal de Justiça de Cuba.

[6] CIA, Directorate of Intelligence, weekly reports, 'The Situation in the Congo', 10 mar.1965, 31 mar.1965, 4 and 14, apr.1965 & CIA, Office of Current Intelligence, 'Tanzanian Support for the Congo Rebels', 7 apr. 1965.

[7] Risquet Valdés, Jorge – *A Segunda Frente de "Che" em terra congolesa*, *História da Coluna 2*.

[8] Castro, Fidel – Palavras aos delegados ao IX Festival da Juventude e dos Estudantes realizado em Argel, 26 de junho de 1965.

[9] Castro, Raúl – Pronunciamento no XX Aniversário... das missões no Congo Brazzaville (República Popular do Congo) e Congo Leopoldville (República do Zaire), 7 novembro de 1985.

[10] Conversações com Manuel Piñeiro.

[11] Castro, Fidel – Mensagem a Jorge Risquet, 1 de julho de 1966.

[12] Mensagem de Rafael (Oscar Fernández Padilla) para "Tatu" ("Che" Guevara), Arq do CC do PCC, 4 nov.1965 & Guevara, Ernesto - "Passagens da guerra revolucionaria (Congo)", 1965

[13] Villegas, Harry ("Pombo") – *Com a arma da autoridade moral*, revista *Tri-Continental*, julho de 1997.

[14] Castro, Fidel – Palavras em Santiago do Chile, 3 de dezembro de 1971.

[15] Memorandum do governo dos Estados Unidos ao governo de Cuba, através da embaixada da Suíça, 6 de novembro de 1965.

[16] Conversações com Manuel Piñeiro.

[17] Castro, Fidel – Palavras ao ser condecorado com a Ordem Amílcar Cabral da República de Cabo Verde, pelo Presidente Antonio Manuel Mascarenhas, 14 de abril de 1988.

[18] Protocolo de assistência técnica entre o Partido Comunista de Cuba e o Partido Africano para a Independência da Guiné Bissau e Cabo Verde, Conakry, 27 maio 1972, CID-FAR). Ver ainda a respeito: Davidson – "No Fist Is Big Enough to Hide the Sky: The Liberation of Guinea and Cape Verde", London, 1981.

[19] "Policy Planning Memorandum Nº I", Departamento de Estado dos Estados Unidos, 2 de dezembro de 1971, FOIA 1982/0426.

[20] Castro, Fidel – *Resposta ao governo chinês*, 5 de fevereiro de 1966.

[21] Castro, Fidel – Discurso, 13 de março de 1966.

[22] Idem, 26 de julho de 1966.

Capítulo 39

[1] Informe do inspetor geral da CIA, 1967, ref. cit. Ver ainda *Informe da Comissão Church*, 1975, ref. cit.

[2] O superagente com quem esteve era David Atlee Phillips. O contato foi preparado por Carlos Tepedino (agente AM-WHIP), um amigo de Cubela, ex-dono de uma joalheria no Hotel Havana Hilton.

[3] HSCA (Comitê de Assassinatos da Câmara dos EUA), JFK Exhibit F-603, 1978.

[4] Indiciados: Rolando Cubela Secades, Ramón Guín Díaz, J.L. González Gallarreta, Alberto Blanco Romáriz, Juan Alsina Navarro, Guillermo Cunill Alvarez e Angel Herrero Véliz.

[5] Castro, Fidel – Carta ao promotor Jorge Serguera, sobre a Causa nº 108, Tribunal Revolucionário nº.1, relativa ao juízo celebrado de 7 a 9 de março de 1966.

[6] Acordo do Burô Político, PCC, abril de 1966.

[7] O cadáver de Julio Iribarren Borges for encontrado a 24 quilômetros de Caracas, com três balas nas costas.

[8] Castro, Fidel – Discurso, 13 de março de 1967.

[9] Reportagem de Murray Sale, London Times, 10 de abril de 1967.

[10] Castro, Fidel – Encerramento do Congresso da OLAS, 10 de agosto de 1967.

[11] Conversações com Manuel Piñeiro.

[12] Castro, Fidel – Pronunciamento, 24 de julho de 1968.

[13] Castro, Raúl – Informe da Comissão das Forças Armadas e da Segurança do estado sobre atividades do grupo fracional, 29 de janeiro de 1968.

[14] Castro, Fidel – Discurso sobre os acontecimentos de Praga, 23 de agosto de 1968.

[15] Castro, Fidel – III Congresso da ANAP, 18 de maio de 1967.

Capítulo 40

[1] A pedido do primeiro governo de Carlos Menem na Argentina, uma parcela do montante do dinheiro permanece retida em Cuba.

[2] Conversações com Manuel Piñeiro.

[3] O grupo era composto por Maria Augusta Carneiro Ribeiro, Gregório Bezerra, Luis Travassos, Wladimir Palmeira, José Ibrahim, Rolando Frati, José Dirceu de Oliveira, Mário Roberto Zanconatti, Ricardo Zaratini, Ivens Marchetti, João Leonardo da Silva Rocha, Onofre Pinto (ex-sargento) e Argonalta Pacheco da Silva.

[4] Castro, Fidel – XIII Congresso da CTC, 15 de novembro de 1973.

[5] Informe sobre atividades de inteligência, Comissão Church, Congresso dos Estados Unidos, 1975.

[6] Idem.

[7] Castro, Fidel – Encerramento do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, 30 de abril de 1971.

[8] Entrevista Jorge Risquet & Relações Guiné-Cuba, Instituto Superior de Relações Internacionais, Havana, Cuba & Sec. State, 'Focus on Portuguese Guinea', 16 Aug.1963, box WH-1,JFKL.

[9] Tung Thiem, Phan – *Porque Fidel chorou*, Vietnã, 1996.

Capítulo 41

[1] Schorr, Daniel – Oliver Stone's Nixon: the book of the film, Hyperion, Nova York, 1995.

[2] Castro, Fidel – Entrevista com o Presidente do México, Luis Echeverría, Havana, 21 de agosto de 1975.

[3] Kornbluh, Peter&Blight, James G. – *Dialogue with Castro: a hidden history*, 1994.

[4] Entrevista Ramón Sánchez Parodi.

[5] State Depart: "Memorandum of Conversation on Cuba Policy: Tactics Before and After San José", 9 de junho de 1975.

[6] Castro, Fidel – Entrevista a Mankiewicz e Jones, 1974.

[7] NSDM, "Termination of US Restrictions on Third Country Trading with Cuba", 19 de agosto de 1975.

[8] "Normalizing Relations with Cuba", Informe do subsecretário de Estado Rogers, março de 1975.

[9] Barbados, Trinidad-Tobago, Jamaica e Guiana (inglesa) haviam normalizado suas relações com Cuba desde 1972.

[10] Castro, Fidel – Discurso no enterro das vítimas do crime de Barbados, 15 de outubro de 1976.

[11] Idem.

[12] Freddy Lugo e Hernán Ricardo.

[13] Orlando Bosch (chefe da CORU) e Luis Posada Carriles (ex-inspetor policial na época de Fulgêncio Batista e então inspetor do DISIP, a polícia secreta da Venezuela).

[14] Composta por Frente de Liberação Nacional de Cuba (FLNC), Ação Cubana, Movimento Nacionalista Cubano, Brigada 2506 e F-14, entre outros.

[15] Arquivo do MINFAR, *Realização da Operação Amílcar Cabral*, 1974, CID-FAR.

[16] Conversações com Manuel Piñeiro.

[17] Testemunho de Anatoly Dobrinin, ex-embaixador soviético nos Estados Unidos, em "Confidence: Moscow's Ambassador in six cold war presidents", Nova York, 1995.

[18] Castro, Fidel – Discurso, XV Aniversário de Girón, 19 de abril de 1976.

Capítulo 42

[1] Castro, Fidel – Conversa com o congressista norte-americano Mervin Dymally e com o acadêmico Jeffrey Elliot, 29 de março de 1985.

[2] Entrevista Humberto Pérez.

[3] Entrevista Tomás Borge.

[4] Idem.

[5] Comunicado conjunto Michael Manley e Fidel Castro, Visita de Fidel à Jamaica, outubro de 1977.

[6] Castro, Fidel – Entrevista coletiva na Jamaica, outubro de 1977.

[7] Castro, Fidel – Reunião com representantes das igrejas na Jamaica, outubro de 1977.

[8] Após a independência de Moçambique, a luta de guerrilhas se intensificou pela região e o regime de Yan Smith, primeiro-ministro da Rodésia, bombardeou Zâmbia e Moçambique. Juntamente com Angola, Botsuana e Tanzânia, estes países constituíram o grupo da Linha de Frente para lutar contra o racismo. Grupos ativistas africanos se uniram em uma Frente Patriótica, co-presidida por Joshua Nkomo e Robert Mugabe – este mais um dirigente africano de orientação marxista que ascenderia à Presidência no Zimbabwe nas eleições realizadas em 1980, depois de entendimentos com Londres e com a população branca da antiga Rodésia.

[9] Entrevista José Arbesú.

[10] Castro, Fidel – Entrevista ao jornalista brasileiro Fernando Morais, 1976.

[11] Castro, Fidel – Entrevista aos jornalistas norte-americanos R. Valariani (NBC), Rabel (CBS) e Bárbara Walters (ABC), 16 de junho de 1978, cópia do Arquivo do CC do PCC.

[12] República Democrática do Congo.

[13] Castro, Fidel – Entrevista aos jornalistas norte-americanos R. Valariani (NBC), Rabel (CBS) e Bárbara Walters (ABC), ref. Cit.

[14] Entrevista José Arbesú.

[15] Castro, Fidel – Entrevista a Dan Rather, CBS, 30 de setembro de 1979.

[16] Castro, Fidel – Entrevista a jornalistas norte-americanos e correspondentes estrangeiros, 28 de setembro de 1979.

[17] Pastor para Brzezinski, White House, box CO-21, Jimmy Carter Library, 21 de setembro de 1979.

Capítulo 43

[1] Castro, Fidel – Abertura da VI Reunião dos Não-Alinhados, Havana, 3 de setembro de 1979.

[2] Castro, Fidel – Entrevista aos jornalistas Jou Alpert e Karen Ranuci, durante o vôo a Nova York, 10 de outubro de 1979.

[3] Entrevista Tomás Borge.

[4] Castro, Fidel – Entrevista a Maria Schriver, NBC, 24 de fevereiro de 1988.

[5] Castro, Fidel – II Congresso de Economistas do Terceiro Mundo, 26 de abril de 1981.

[6] Castro, Fidel – Em conversa com parlamentares brasileiros, julho de 1980.

[7] Relatório do Comitê permanente do Primeiro Encontro de Intelectuais pela soberania dos povos de Nossa América, setembro de 1981. Composição: Mario Benedetti, Juan Bosch, Ernesto Cardenal, Suzy Castor, Gabriel Garcia Márquez, Pablo Gonzalez Casanova, George Lamming, Mariano Rodríguez e Chico Buarque de Hollanda.

Capítulo 44

[1] Entre estes, os ex-dirigentes de organizações estudantis Carlos Lage D'Ávila e Felipe Pérez Roque, atualmente secretário do Conselho de Ministros e Ministro de Relações Exteriores, respectivamente.

[2] Em 1981, houve dois seqüestros de aeronaves, sendo condenados os autores a dez anos de prisão. Em 1982, foram cinco seqüestros, com pena de até 20 anos aos autores; em 1983, 11 seqüestros, dez de aeronaves procedentes dos Estados Unidos; e em 1984, quatro seqüestros – para Brasil, Colômbia e Estados Unidos, havendo um grupo pendente de julgamento e outros punidos com penas de até 20 anos.

[3] Como exemplos, o atentado ao líder oposicionista Walter Rodney em Guiana, o golpe militar na Jamaica, a tentativa de invasão no Suriname, sabotagens com explosivos em Granada e planos contra a vida dos dirigentes do Movimento Nueva Joya.

Capítulo 45

[1] Castro, Fidel – Primeiro Período de Sessões da Assembléia Nacional do Poder Popular, 5 de julho de 1979.

[2] No campo do controle de enfermidades, Cuba obteria importantes êxitos contra as hepatites B e aguda, a esclerose múltipla, a dengue hemorrágica, a meningite meningocócica tipo B. No fim da década de 80, foram erradicadas a tuberculose, a poliomielite, a difteria, o tétano, o sarampo, o tifo e a rubéola.

[3] Castro, Fidel – III Congresso da FMC, 8 de março de 1980.

Capítulo 46

[1] Castro, Fidel – Encerramento do Encontro sobre a situação da mulher na América Latina e Caribe, 7 de junho de 1985.

[2] Castro, Fidel – Entrevista ao jornal mexicano *Excelsior*, 21 de março de 1985.

[3] Castro, Fidel – Coletiva com jornalistas, 4 de agosto de 1985.

[4] Castro, Fidel – IV Congresso da FELAP, 7 de julho de 1985.

[5] Castro, Fidel – Encerramento do Encontro sobre a Dívida, Havana, 4 de agosto de 1985.

[6] Castro, Fidel – Entrevista ao jornal *El Dia*, México, 8 de junho de 1985.

[7] Para coordenar o referido Comitê, foi indicado o comandante Juan Almeida Bosque.

[8] Castro, Fidel – Congresso de Jornalistas de Cuba, 26 de outubro de 1986.

[9] Castro, Fidel – II Pleno do Comitê Nacional da União dos Periodistas de Cuba (UPEC), julho de 1987.

[10] Castro, Fidel – Pronunciamento, 19 de abril de 1986.

[11] Castro, Fidel – Reunião sobre a gestão de empresas da Cidade de Havana, 26 de junho de 1986.

[12] Castro, Fidel – Em visita a Quito, Equador, 13 de agosto de 1988.

[13] Castro, Fidel – Entrevistas ao jornal *The Washington Post* (jornalistas: Leonard Downie, Jimmie Hoagland e Karen de Young), 30 de janeiro de 1985. Ainda: Nota de Fidel Castro a Curtis W. Kamman, chefe da oficina de interesses dos Estados Unidos, em Cuba, 29 de janeiro de 1987.

Capítulo 47

[1] Castro, Fidel – Debate com juristas, 17 de setembro de 1987.

[2] Castro, Fidel – Discurso na Assembléia Nacional, por ocasião da visita de Gorbachov, 4 de abril de 1989.

[3] Gorbachov, Mikhail – Discurso em Havana, 3 de abril de 1989.

[4] Ochoa, Arnaldo Sánchez – Em depoimento ao Tribunal Militar, junho de 1989.

[5] Castro, Raúl – No 28º Aniversário do Exército Ocidental, 14 de junho de 1989.

Capítulo 48

[1] A 16 de dezembro de 1968 a ONU afirmara o direito da Namíbia à autodeterminação. Seguidamente dominado o país por alemães, ingleses e sul-africanos, estando canceladas as possibilidades de uma luta política, a SWAPO passou a dirigir a luta armada.

[2] Castro, Fidel – Mensagem ao general Ochoa, 15 de fevereiro de 1988.

[3] Era integrada pelo general de Divisão das FAR Ulisses Rosales del Toro, do vice-chanceler Ricardo Alarcón, Rodolfo Puente Ferro (Departamento África do PCC), José Arbesú Fraga (Departamento América do PCC) e do coronel Eduardo Morejón Estévez.

[4] Entrevista Lázaro Mora.

[5] Castro, Fidel – Cartas ao secretário-geral da ONU e ao Conselho da Segurança da ONU, 21 de dezembro de 1989.

[6] Castro, Fidel – Inauguração de um combinado de materiais de construção, San Miguel de Padrón, Havana, 7 de novembro de 1989.

[7] Castro, Fidel – No ato de sepultamento de combatentes mortos em guerras na Africa, 7 de dezembro de 1989.

[8] Castro, Fidel – Em Cozumel, México, 23 de outubro de 1991.

[9] Castro, Fidel – Discurso, 19 de abril de 1992.

Capítulo 49

[1] Castro, Fidel – Na entrega do Prêmio Estado de São Paulo ao etnólogo Orlando Villas Boas, Brasil, 17 de março de 1991.

[2] Castro, Fidel – Em encontro com os Presidentes do México, Venezuela e Colômbia, México, 22 de outubro de 1991.

[3] Castro, Fidel – Entrevista a Mario Vazquez Raña, publicada em *El Sol*, México, 19 de janeiro de 1995.

[4] Castro, Fidel – Na I Cumbre Ibero-Americana, Guadalajara, México, 18 de julho de 1991.

[5] Castro, Fidel – Entrevista à jornalista mexicana Beatriz Pagés Rebollar, 9 de maio de 1991.

[6] Castro, Fidel – Na II Cumbre Ibero-Americana, Madrid, 23 de julho de 1992.

[7] Castro, Fidel – Na ECO-92, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1992.

[8] Castro, Fidel – Discurso, 26 de julho de 1991.

[9] Castro, Fidel – No IV Congresso da FEU, novembro de 1990.

[10] Castro, Fidel – I Congresso Pioneiril, 1 de novembro de 1991.

[11] Castro, Fidel – Em Assembléia da CTC, 7 de novembro de 1993.

[12] Castro, Fidel – No IV Congresso do PCC, 10 de outubro de 1991.

[13] Castro, Fidel – Discurso, 26 de julho de 1993.

Capítulo 50

[1] Castro, Fidel – Entrevista a Mário Vazquez Raña, publicada em *El Sol*, México, 19 de janeiro de 1995.

[2] A Nota Diplomática 723, do MINREX ao governo dos Estados Unidos, de 29 de junho de 1994, protestava contra a impunidade do cubano seqüestrador de um AN – 24, em um vôo Havana-Nassau.

[3] Entrevista Jorge Lezcano.

[4] Castro, Fidel – Declaração em 5 de agosto de 1994.

[5] Idem.

[6] Sobre o número de vistos concedidos na vigência do Acordo: em 1985, 1.227; em 1988, 3.472; em 1989, 1631; em 1990, 1.098; em 1991, 1376; em 1992, 910; em 1993, 964.

[7] O acordo estabelecia três mil vistos anuais, à parte, para essa categoria. Em dez anos autorizaram-se 17.210.

[8] Castro, Fidel – Mensagem à Divisão de Assuntos Cubanos do Departamento de Estado norte-americano, 5 de fevereiro de 1985.

[9] Castro, Fidel – No IV Encontro Latino-Americano e do Caribe, janeiro de 1994.

[10] Castro, Fidel – Na Conferência dos Pequenos Estados Insulares, Bridgetown, Barbados, 5 de maio de 1994.

[11] Castro, Fidel – Na IV Cumbre, Cartagena, Colômbia, 14 de junho de 1994.

[12] Castro, Fidel – Na Conferência Mundial para o Desenvolvimento, Copenhague, março de 1995.

[13] Castro, Fidel – Na V Cumbre, San Carlos de Bariloche, Argentina, 16 de outubro de 1995.

[14] Castro, Fidel – No 50º aniversário da ONU, Nova York, 22 de outubro de 1995.

[15] O anúncio de radicais reformas econômicas, com a reabilitação da figura de Deng Xiao Ping, data de dezembro de 1978, quando da terceira plenária da 11ª reunião do Comitê Central do Partido Comunista Chinês.

Capítulo 51

[1] Entrevista José Vela Gómez.

[2] Castro, Fidel – No Primeiro Encontro Nacional de Presidentes das Cooperativas de Créditos e Serviços, 3 de junho de 1998.

[3] Entrevista Osvaldo Martinez.

[4] Lage D'Ávila, Carlos (vice-Presidente do Conselho de Estado e secretário do Comitê Executivo do Conselho de Ministros de Cuba) – Pronunciamento no Forum Econômico Mundial, Davos, Suíça, janeiro de 1997.

[5] Castro, Fidel – Em entrevista a Federico Mayor, ex-diretor da UNESCO, março de 2.000.

Capítulo 52

[1] Castro, Fidel – Na VI Cumbre, Santiago do Chile, 10 de novembro de 1996.

[2] Castro, Fidel – Por ocasião da reunião da OMC, Genebra, 19 de maio de 1998.

[3] Castro, Fidel – Na conferência do Club Suíço, Genebra, maio de 1998.

[4] Castro, Fidel – No II Encontro Mundial de Educação Especial, 20 de junho de 1998.

Capítulo 53

[1] Entrevista Max Lesnick.

[2] Castro, Fidel – Na Condecoração de Raúl Castro e Juan Almeida como heróis da República de Cuba, março de 1998.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

A massa documental desta biografia foi extraída, em primeiro plano, de fichas e pastas reservadas e confidenciais do Arquivo Fidel Castro, na Oficina de Assuntos Históricos do Conselho de Estado da República de Cuba. Consultas também foram realizadas ao Arquivo do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba e ao Arquivo do Ministério das Relações Exteriores de Cuba (MINREX).

Discursos:

Foram lidos, analisados e fichados todos os discursos de Fidel Castro, desde os seus anos de juventude.

Livros:

Abanbegyan, Abel; *Inside Perestroika*, Nova York, New York Monthly Press, 1990.

Acevedo, Enrique; *Guajiro*, La Habana, Editorial Capitán San Luis, 1997.

Al-Chalabi, F.J.; *OPEC and the International Oil Industry*, [s.ed.], 1980.

__________; *OPEC at the Crossroads* , [s.ed.], 1989.

Alape, Arturo; *El Bogotazo: Memorias del Olvido*, La Habana, Casa de Las Américas, 1983.

Aldana, Carlos; *Sobre las conductas contrarrevolucionarias y las actividades delictivas*, La Habana, Editora Política, 1992.

Alfonso, Carmen R; *100 preguntas y respuestas sobre Cuba*, La Habana, Editorial Pablo de la Torriente, 1989.

Almeida Bosque, Juan; *Presidio, Exilio y Desembarco – trilogia*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

Alvarez Tábio, Pedro & Hernández, Otto; *El Combate de Uvero*, La Habana, Editorial Gente Nueva, 1980.

Amejeiras Delgado, Efigenio; *Más allá de nosotros*, Santiago de Cuba, Editorial Oriente, 1984.

Anderson, Jon Lee; *"Che" Guevara*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 1997.

Anuario de Estudios Cubanos; *La Republica neocolonial*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1979.

Arboleya, Jesús; *Havana-Miami, The US-Cuba migration conflict*, Melbourne, Ocean Press, 1996.

Bachiller y Morales, Antonio; *José Martí: El avisador hispano-americano*, en: Martí - Obras Completas, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1975.

Báez, Luis; *Camino de la Victoria*, La Habana, Casa de Las Americas, 1975.

__________ *Memória Inédita – Conversaciones con Juan Marinello*, La Habana, Editorial SI-MAR, 1995.

__________; *Secreto de Generales*, La Habana, Editorial SI-MAR, 1996.

Benjamin, Jules Robert; *The United States and Cuba*, Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1974.

Beschloss, Michael R.; *Taking Charge: The Johnson White House tapes, 1963-1964*, Nova York, Simon&Schuster, 1997.

__________; The Crisis Years – Kennedy and Krushov 1960-1963, Nova York: Harper Collins Publishers Inc., 1990.

Betto, Frei; *Fidel y la Religión*, La Habana, Publicaciones de Consejo de Estado, 1985.

Blanco, Katiuska; *Después de lo increíble*, La Habana, Casa Editora Abril, 1994.

Bonachea, Ramón L.; *Revolutionary Struggle 1947-1959, Selected Works of Fidel Castro*, Cambridge, Cambridge Mass, 1972.

Bonsal, Phillip W.; *Cuba, Castro and the United States*, Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1971.

Borge, Tomás; *La paciente impaciencia*, La Habana, Casa de las Américas, 1989.

Brzezinski, Zbigniew; *Power and Principle*, Washington; Farrar, Straus and Giroux, 1983.

Buch, Luis; *Mas allá de los códigos*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1995.

Canton Navarro, José; *Cuba - El desafío del yugo y la estrella*, La Habana, Editorial SI-MAR, 1997.

Cardosa Arias, Santiago; *Presencia de Fidel en la Finca Acana, Matanzas*, em: *Cuba, História e Economia* – compêndio, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

Cardoso, Ciro Flammarion & Brignoli, Héctor Pérez; *Os métodos da história*, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

Casa de las Américas; *La Sierra y el Llano*, La Habana, 1969.

Castañeda, Jorge G.; *"Che" Guevara, a vida em vermelho*, Sao Paulo, Companhia das Letras, 1997.

Castro Ruz, Fidel; *Can Cuba survive?*, an interview with Fidel Castro by Beatriz Pagés, Melbourne, Ocean Press, 1992.

__________; *"Che" na lembrança de Fidel*, Niterói, Casa Jorge Editorial, 1997.

__________; *El Movimiento 26 de Julio*, en: La Revolucion Cubana 1953-1980, La Habana, Ediciones La Habana, 1983.

__________; Entrevista a Beatriz Bíssio, *Fidel, o futuro do socialismo*, Rio de Janeiro, Editora Terceiro Mundo, 1990.

__________; Entrevista a revista *Siempre*, La Habana, Publicaciones del Consejo del Estado, 1991.

__________; Entrevista ao deputado Mervin Dymally e ao acadêmico Jeffrey Elliot dos Estados Unidos, Publicaciones del Consejo de Estado, 1985.

__________; Entrevista à agência de notícias EFE, La Habana, Editora Política, 1985.

__________; *Face to face with Fidel Castro*, a conversation with Tomás Borge, Melbourne, Ocean Press, 1993.

__________; *Informe del Comité Central del Partido Comunista de Cuba al Primer Congreso,* La Habana, Editora Política, 1975.

__________; *Informe del Comité Central del Partido Comunista de Cuba al Segundo Congreso*, La Habana, Editora Política, 1981.

__________; *Informe del Comité Central del Partido Comunista de Cuba al Tercer Congreso*, La Habana, Editora Política, 1986.

__________; *Informe del Comité Central del Partido Comunista de Cuba al Cuarto Congreso*, La Habana, Editora Política, 1991.

__________; *Informe Económico sobre Cuba*, en: *La Revolución en marcha* – colección, Sección Divulgación de la Dirección de Cultura del Ejército Rebelde, 1959.

__________; *La Historia me Absolverá*, edición anotada, La Habana, Publicaciones del Consejo de Estado, 1993.

__________; *Me hice revolucionario*, La Habana, Publicaciones del Consejo de Estado, 1995.

__________; *O Pensamento de Fidel Castro – Seleção Temática*, janeiro de 1959 a abril de 1961, La Habana, Editora Politica, 1983.

__________; *Por el camino correcto – Compilación de textos 1986-1989*, La Habana, Editora Politica, 1989.

__________; *Reconto crítico del PPC*, en: Moncada, Antecedentes y Preparativos, La Habana, Editora Política, 1980.

__________; *Selección de Textos 1959-1991: La Integración Latinoamericana*, La Habana, Editora Política, 1992.

__________; *The Right to Dignity – Castro Fidel and the Non Aligned Movement*, Melbourne, Ocean Press, 1989.

__________; *Tomorrow is too late*, at the 1992 Rio summit on the environment, Melbourne, Ocean Press, 1993.

__________; *Un Encuentro con Fidel – entrevista a Gianni Mina*, La Habana, Publicaciones del Consejo de Estado, 1988.

__________; *War and crisis in the Americas – speeches 1984-1985*, Nova York, Pathfinder Press, 1985

Carrillo, Justo; *Cuba 1933*, Miami, Institute of Interamerican Studies, University of Miami, 1983.

Centro de Estudios de Historia de las FAR; *De Tuxpan a La Plata*, La Habana, Editora Política, 1985.

Centro de Estudios de Historia Militar; *História de Cuba*, MINFAR, Editora Politica, 1980.

__________; *Moncada: Motor de la Revolución*, Colección Revolucionaria 1953-1955, La Habana, Editora Política, 1983.

Centro de Estudios sobre America; *Pensar al "Che"*, La Habana, Editorial José Martí, 1989.

Centro de Información para la Prensa; *Período Especial*, La Habana, Publicaciones CIP, 1996.

Chomón, Faure; *El Asalto al Palacio Presidencial*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1969.

Cirules, Enrique; *El Imperio de La Habana*, La Habana, Casa de las Américas, 1993.

__________; *Juan Almeida, um autor*, São Paulo, Edições Mandacaru, 1988.

Conte Aguero, Luis; *Cartas del Presidio*, La Habana, Editorial Lex, 1959.

Crenshaw, Charles A. & Hansen, Jens & Shaw, Gary; *JFK Conspiracy of Silence*, Nova York, Penguin Group, 1992.

De Armas, Ramón & Torres Cuevas, Eduardo & Cairo Ballester, Ana; *História de la Universidad de la Habana, 1930/1978*, La Habana, Universidade de la Habana, 1994.

Debray, Régis; *Revolution in the Revolution?*, Nova York, Monthly Review Press, 1967.

Domenech, Silvia M; *Cuba: Economía en período especial*, La Habana, Editora Política, 1996.

Domínguez, Marlen; *José Martí en los documentos de la Revolución*, La Habana, Editorial Pablo de la Torriente, 1991.

Dubois, Jules; *Fidel Castro: Rebel Liberator or Dictator?*, Indianapolis, Bobbs-Merrill, 1959.

Escalante Font, Fabián; *Playa Girón: la gran conjura*, La Habana, Editorial Capitán San Luís, 1991.

__________; *The Secret War – CIA covert operations against Cuba 1959-1962*, Melbourne, Ocean Press, 1995.

Feltrinelli, Giangiacomo; *Fidel Castro: Diez Años de Guerra y de Revolución*, Milano, Editore Feltrinelli, 1964.

Fernández, Alina; *Alina, Memorias de la hija rebelde de Fidel Castro*, Madrid, Plaza & Janes Editores, 1997.

Forner, Philip S.; *Historia de Cuba y sus relaciones con los Estados Unidos*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1973.

Franqui, Carlos; *Diary of the Cuban Revolution*, Nova York, Viking Press, 1980.

Furiati, Claudia; *Confissões de um reatamento – a história secreta do reatamento das relações entre Brasil e Cuba*, Niterói Livros, 1999.

__________; *ZR RIFLE, the plot to kill Kennedy and Castro-Cuba opens secret files*, Melbourne, Ocean Press, 1994.

Fonzi, Gaetón; *La ultima conspiracion – Caso Kennedy*, material do Serviço Secreto cubano.

García Oliveras, Julio; *José Antonio Echeverría*, La Habana, Editora Abril, 1988.

Garrison, Jim; *JFK: Na trilha dos assassinos*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.

Gómez Ochoa, Delio; *La Victoria de los caídos*, Santo Domingo, Editora Alfa & Omega, 1998.

Grau Imperatori, Angela; *El sueño irrealizable del tio Sam*, La Habana, Casa Editora Abril , 1997.

Guerra, Ramiro; *Manual de Historia de Cuba*, La Habana, Editorial Pueblo y Educación, 1988.

Guevara, Ernesto ("Che"); *Escritos y Discursos*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1977.

__________ & Castro, Raúl; *La Conquista de la Esperanza*, La Habana, Casa Editora Abril, 1996.

__________; *Pasajes de la Guerra Revolucionaria*, La Habana, Ediciones Unión, 1997.

Gunter, Neuberger & Opperskalski, Michael; *La CIA en Centroamérica y el Caribe*, La Habana, Editorial José Martí, 1985.

Harnecker, Marta; *Del Moncada a la Victoria. La Estrategia Política de Fidel*, La Habana, Editorial Nuestro Tiempo S.A., 1986.

__________; *Fraguando el porvenir*, Madrid, Editorial Cien, 1997.

__________; *La Izquierda en el umbral del siglo XXI*, Madrid, Editorial Cien, 1998.

Hart Dávalos, Armando; *Cambiar las reglas del juego*, La Habana, Editorial Letras Cubanas, 1986.

Hinckle, Warner & Turner, William; *Deadly Secrets The CIA-Mafia War Against Castro and the Assassination of J.F.K*, Nova York, Harper & Row Publishers, 1994.

Huberman, Leo & Sweezy, Paul M.; *Cuba: Anatomy of a Revolution*, Nova York, Monthly Review Press, 1960.

Instituto Superior de Relaciones Internacionales; *De Eisenhower a Reagan – la politica de Estados Unidos contra la Revolucion Cubana*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1987.

Kalfon, Pierre; *Ernesto Guevara, una leyenda de nuestro siglo*, Madrid, Editorial Plaza & Janés Editores, 1997.

Kutler, Stanley I.; *The wars of Watergate*, Alfred A. Knopf, Nova York, 1990.

Lane, Mark; *Kennedy, o crime e a farsa*; Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

Lazo Pérez, Mario; *Recuerdos del Moncada*, La Habana, Editora Política, 1987.

Le Riverend Brisone, Julio; *Breve Historia de Cuba*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1995.

__________ y otros; *Historia de Cuba*, La Habana, Editorial Pueblo y Educación, 1975.

__________; *La Republica, Dependencia e Revolucion*, La Habana, Editora Universitaria, 1966.

Leal Spengler, Eusebio; *Breves apuntes de la historia de Cuba*, La Habana, Editorial Palacio de las Convenciones, 1987.

Lechuga, Carlos; *En el ojo de la Tormenta*, La Habana, Ediciones SI-MAR, 1995.

Lenin, Vladimir I. ; *Los partidos políticos en Rusia*, en *Lenin – Obras Completas*, Moscou, Editorial Progreso, 1981.

León Cotayo, Nicanor; *Se quiebra la esperanza?*, La Habana, Editora Politica, 1994.

López Civeira, Francisca; *Historia de las relaciones de EEUU con Cuba*, La Habana, Ministerio de Educación Superior, Selección de Lecturas, 1985.

Martí, Jose; *Obras Completas*, La Habana, Editora Politica, 1976.

Martin, Lionel; *El Joven Fidel: Los orígenes de su ideología comunista*, Barcelona, Ediciones Grijalbo S.A., 1982.

Martínez Victores, Ricardo; *7RR: La historia de Radio Rebelde – testimonio*, La Habana, Editorial Ciencias Sociales, 1970.

May, Ernest R. & Philip D. Zelikow; *The Kennedy Tapes: inside de White House during the Cuban Missile crisis*, The Belknap Press / Harvard University Press, 1997.

Mealy, Rosemary; *Fidel & Malcolm X: lembranças de um encontro*, Niterói, Casa Jorge Editorial, 1995.

Mencía, Mario; *A Prisão Fecunda*, La Habana, Editora Política, 1980.

__________; *El Grito del Moncada*, La Habana, Editora Política, 1986.

__________; *Tiempos Precursores*, La Habana, Editorial Ciencias Sociales, 1986.

Merle, Robert; *Premier combat de Fidel Castro*, Paris, Robert Laffont, 1965.

Ministério de Educación Superior; *La Revolución Cubana – 1953/ 1980, selección de lecturas*, La Habana, Editora ENPES, 1990.

__________; *Recopilación – Historia de Cuba*, Curso de Superación para Maestros; La Habana, Editora Pedagógica, 1966.

Ministerio de las Fuerzas Armadas Revolucionarias; *The US-Cuba conflict*, MINFAR Authors Team, La Habana, Editora Política, 1994.

Miranda, Olga; *Cuba/USA, Nacionalizaciones y Bloqueo*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1996.

Montaner, Carlos Alberto; *Fidel Castro y la Revolución Cubana*, Barcelona, Plaza & Janes Editores, 1984.

Morais, Fernando; *A Ilha*, São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1985.

Muñiz, Mirta; *Elecciones en Cuba, Farsa o Democracia?*, Melbourne, Ocean Press, 1993.

Nealy, Rosemari; *Fidel & Malcolm X*, Niterói, Casa Jorge Editorial, 1995.

Nixon, Richard M.Memoirs, Nova York, Grosset & Dunlap, 1978.

Núñez Jimenez, Antonio; *En Marcha con Fidel*, La Habana, Editorial Letras Cubanas, 1982.

Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado; *Diario de la Guerra – Diciembre 1956 -Febrero 1957*, La Habana, 1991.

Osakabe, Haquira; *Argumentação e Discurso Político*, São paulo, Kairos Livraria e Editora, 1979.

Peña, Jacinto E.; *Célia en la clandestinidad*, La Habana, Oficina de Asuntos Historicos do Conselho de Estado, 1980.

Phillips, David A.; *The night watch*, Nova York, Atheneum, 1977.

Pichardo, Hortensia; *Documento para la Historia de Cuba*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1973.

Pillas, Jean-Marc; *Nossos agentes em Havana*, La Habana, Editora Record, 1995.

Quevedo Pérez, José; *El último semestre*, La Habana, Ediciones Unión, 1982.

__________; *La batalla del Jigüe*, La Habana, Editorial Letras Cubanas, 1979.

__________; *Vale la pena recordar*, La Habana, Imprenta de las FAR, 1993.

Reyes Fernández, Eusebio; *Un corazón de oro cargado de dinamita – ensayo biografico sobre José Antonio Echeverría*, La Habana, Editora Política, 1989.

Ricoeur, Paul; *Ïnterpretação e Ideologias*, Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1983.

Riera, Mario; *Cuba Política (1899-1955)*, La Habana, Ediciones Habana, 1955.

__________; *Cuba Republicana (1899-1958)*, Miami, University of Miami, 1974.

Risquet Valdés, Jorge; *El segundo frente del "Che" en el Congo*, La Habana, Casa Editora Abril, 2000.

Rivele, Stephen; *Kennedy la conspiracion de la Mafia*; Série Repórter, Barcelona, Ediciones B.S.A., 1988.

Rodríguez, Carlos Rafael; *A proposito del empleo en Cuba*, em Letra con Filo, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

__________; *Cuba en el tránsito al socialismo*, en Letra con Filo, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1984.

__________; *Palabras en los Setenta*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1984.

Rodríguez, José Luis & Moreno, George Carriazo; *Ërradicación de la pobreza en Cuba*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1987.

Rodríguez Loeche, Enrique; *Rumbo al Escambray*, La Habana, Sección de Impressoras, Capitolio Nacional de Cuba, 1960.

Rodríguez Morejón, Gerardo; *Fidel Castro*, La Habana, P. Fernández y cia., 1959.

Roig de Leuchsenring, Emilio; *Cuba no debe su independencia a los Estados Unidos*, La Habana, Editorial La Tertulia, 1950.

__________; *Tradición antiimperialista de nuestra historia*, La Habana, Cuadernos de Historia Habanera, 1962.

Rojas, Marta; *La Generación del Centenario en el Moncada*, La Habana, Ediciones Revolucionarias, 1965.

Rojas, Marta & Más, Sara; *Y lo hermano nos cuesta la vida – semblanza biografica*, La Habana, Casa Editora Abril, 1998.

Rosete Silva, Hilario; *Palabra Húmeda – El "Che" Chevara en voz de los suyos*, La Habana, Ediciones Abril, 1998.

Scott, Peter Dale & Hoch, Paul L. and Russell Stetler; *The Assassinations*, New York, Random House, 1976.

Secret 1967 CIA Inspector General's Report on plots to assassinate Fidel Castro, *CIA targets Fidel*, Melbourne, Ocean Press, 1996.

Selsdon, Esther; *The Life and Times of Fidel Castro*, Nova York, Parragon Books, 1994.

Serguera Riverí, Jorge; *Caminos del "Che"*, México, Plaza y Valdés S.A. de C.V., 1997.

Sirkys, Alfredo; *Os carbonarios*, São Paulo, Global Editora e Distribuidora Ltda., 1983.

Smith, Earl E.; *El Cuarto Piso*, Santo Domingo, Editorial Corripio, 1983.

Smith, Wayne S.; *Selected Essays on Cuba*, Washington, The Wilson Center, 1984.

Soto, Lionel; *La Revolucion del 33*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1977.

Suárez Pérez, Eugenio; *De Birán a Cinco Palmas – compilación*, La Habana, Ediciones Verde Olivo, 1997.

Suárez Ramos, Felipa; *U.S Maine: en la memoria habanera*, La Habana, Editorial Pablo de la Torriente, 1995.

Szulc, Tad; *Fidel: um retrato crítico*, São Paulo, Editora Best Seller, 1986.

Tabares del Real, José A.; *Guiteras*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1973.

__________; *La Revolución del 30, sus dos últimos años*, la Habana, Editora Arte y Literatura, 1971.

Taber, Robert; *M-26, Biography of a Revolution*, New Tork, Lyle Stuart, 1961.

Tablada Pérez, Carlos; *El Pensamiento Económico de Ernesto "Che" Guevara*, La Habana, Casa de las Américas, 1987.

Taibo II, Paco Ignacio; *Guevara, también conocido como el "Che"*, Madrid, Editorial Planeta, 1998.

__________ & Escobar, Froilán & Guerra, Félix Guerra; *El año que estuvimos en ninguna parte: El "Che" Guevara en El Congo*, España, Editorial Txalaparta, 1997.

Tauler López, Arnoldo; *Las Ideas no se matan*, La Habana, Editorial Ciencias Sociales, 1988.

Tellería, Evelio; *Los Congresos obreros en Cuba*, La Habana, Dirección Política de las FAR, 1972.

Tenório, Carlos Alberto; *O Senhor de todas as armas*, Rio de Janeiro, Editora Mauad, 1996.

Torrado, Fabio Raimundo; *Fidel Castro: Los derechos humanos –- selección Temática*, La Habana, Editora Politica, 1989.

Urrútia Lleó, Manuel; *Fidel Castro and Company, Inc.*, Nova York, Frederick A. Praeger, 1964.

Vários autores; *Antes del Moncada*; La Habana, Editorial Pablo de la Torriente, 1989.

__________; *Historia*, La Habana, Editorial Pueblo y Educación, 1982.

__________; *Mártires del Moncada*, La Habana, Ediciones Revolucionarias, 1965.

Villegas, Harry (Pombo); *Pombo, un hombre de la guerrilla del "Che"*, La Habana, Ediciones Colihue, Editora Política, 1996.

Wyden, Peter; *Bay of Pigs*, Nova York, Simon&Schuster, 1979.

Coleções / Periódicos e Revistas:

Bohemia – Cuba – 1950/ 60/ 70/ 80/ 90.

Carteles – Cuba – 1940/50.

Debates Americanos – Cuba – 1990/00.

Diario de La Marina – Cuba – 1940/50.

Ecos de Belén – Cuba – 1940/50.

Gazeta Oficial da República de Cuba – 1960/70.

Granma – Órgão oficial do Partido Comunista de Cuba (PCC) – 1965/ 00.

Juventud Rebelde – Cuba – 1980/90.

Obra Revolucionaria – Cuba – 1959/1963.

Plenarias Jovenes Rebeldes – Cuba – 1961/1965.

Prensa Libre – Cuba – 1940/50.

Revista Fundamentos – Cuba – 1940/50.

Revista Semestral de Estudios Historicos y Socioculturales – Cuba – 1990/00.

Revolución – Órgão do Movimento 26 de Julho – 1959/1965.

The Miami Herald – Estaos Unidos – 1980/90.

The Nova York Times – Estados Unidos – 1960/70/80/90.
The Washington Post – Estados Unidos – 1960/70/80/90.
Times – Estados Unidos – 1970/80/90.
Trabajadores – Cuba – 1990/00.

Apostilas, Artigos, Relatórios, Extratos, Diversos:

Barnard, F. M.; *Pluralism, Socialism and Political Legitimacy*, artigo, 1991.
Blanco, Katiuska; *El hijo de Don Angel vuelve...*, artigo, La Habana, Jornal Juventud Rebelde, 23 de agosto de 1996.
Blight, James G. et al.; *Cuba on the Brink: Castro, the Missile Crisis and the Soviet Collapse*, extrato de publicação, 1993.
Blight, James G.; *The Shattered Crystal Ball*, apostila, 1990.
Bonachea, Ramón L. & San Martin, Marta; *The Cuba Insurrection, 1952-1959*, extrato de publicação, 1974.
Bourne, Peter G.; *Fidel*, apostila, 1986.
Bowker, Mike & Brown, Robin; *From Cold War to Collapse*, extrato de publicação, 1992.
Brzezinski, Zbigniew; *The Grand Failure: The Birth and Death of Communism in the 20th Century*, extrato de publicação, 1989.
__________; *The Soviet Bloc: Unity and Conflict*, extrato de publicação, 1967.
Cardosa Arias, Santiago; *7 meses antes del ataque al Moncada*, relato [s.a.].
Castro Ruz, Fidel; Entrevista a Andre Fort, *Journal L'Humanité*, relatório Arquivo do CC do PCC, 1979.
__________; Entrevista a Barbara Walthers, ABC-EUA, relatório do Arquivo do CC do PCC, 1975.
__________; Entrevista a Bill Moyers, CBS-EUA, idem, 1979.
__________; Entrevista a Maria Schreider, NBC – Estados Unidos, gravação em vídeo, 1992.
__________; Entrevista aos jornalistas norte-americanos Saúl Landau e Frank Mankievsky, relatório do Arquivo do CC do PCC, 1974.
__________; Entrevista a Simon Malley, revista *Afrique-Asie*, idem, 1983.
__________; *Informe del Comité Central del Partido Comunista de Cuba al Quinto Congreso*, apostila, 1996.
Chaffee, Wilbur R. Jr. & Prevost, Gary; *Cuba: A different America*, extrato de publicação, 1988.

Conquest, Robert; *The Great Terror; Stalin's Purge of the Thirties*, extrato de publicação, 1973.

Conte Agüero, Luis; *Eduardo Chibás, El Adalid de Cuba*, extrato de publicação, 1955.

Cruz Cabrera, Juan Emerio; *La Administracion Carter frente a la Revolucion Cubana*, La Habana, Centro de Estudios sobre Estados Unidos, 1983.

Daniels, Robert; *Marxism and Communism: Essential Readings*, extrato de publicação, 1965.

Del Aguila, Juan M.; *Cuba: Dilemmas of a Revolution*, extrato de publicação, 1988.

Díaz, Eduardo; *Las Fuerzas Armadas en los gobiernos auténticos*, tese de Mestrado em História, Universidade de Havana, 1997.

El hermano de Fidel abre una tienda, in periódico *El Nacional*, Caracas, Venezuela, 20 de novembro de 1994.

Fagen, Richard; *The Transformation of Political Culture in Cuba*, apostila, 1969.

Fernández, Abraham R.; *El movimiento obrero cubano en la etapa insurecional*, tese de Doctorado, Instituto de Ciencias Sociales, Universidad de La Habana, 1992.

Foreign Policy Association; *Problemas da Nova Cuba*, relatório, 1934.

Gaddis, John Lewis; *The United States and the End of the Cold War*, apostila, 1992.

García Luis, Julio; *Fidel en Birán*, relato [s.a.].

__________; *Afrenta de "marines" a José Martí y la protesta que anunció futuras batallas*, [s.a.].

Geyer, Georgie Anne; *Guerrilla Prince: The Untold Story of Fidel Castro*, extrato de publicação, 1991.

Glynn, Patrick; *Closing Pandora's Box*, extrato de publicação,1992.

Gebler, Carlo; *Driving through Cuba*, apostila,1990.

Gorbachov, Mikhail; *Perestroika: New Thinking for Our Country and the World*, extrato de publicação, 1987.

Gravação em cassete de conversatório entre Fidel e Gabriel Palau – Santiago de Cuba, 1988.

Harding, Harry; *China's Second Revolution: Reform after Mao*, apostila, 1987.

Hewett, E. A. & Winston, V. H.; *Milestones in Glasnost and Perestroika*, extrato de publicação, 1991.

Ibarra, Jorge; *Cuba 1899-1958, Processos e estruturas sociais*, extrato de publicação, [s.a.].

__________; *José Martí: Dirigente Politico e Ideólogo Revolucionario*, apostila, [s.a.]

Isidrón del Valle, Aldo; artigos: *Viaje al mundo de los recuerdos*, *Historia para una foto*, *La Generación del Centenario y sus primeras acciones*, *Lalo, el guardafaro de Cayo Saetía: un hombre de palabra*, *Noviembre 1947: Artemisa por primera vez*, *Yo Acuso! de Fidel Castro* , 1980/90.

Izquierdo Canosa, Raúl; *La Reconcentración 1896-1897*, extrato de publicação, [s.a.].

Johns Hopkins University School of Adavnced International Studies; *Report on Cuba: Findings Of the Study Group on United States-Cuban Relations*, Boulder -Colo, Westview Press, 1984.

José Raúl Capablanca, publicação do INDER (Instituto Nacional de Desportos), Cuba, 1975.

Journal of Interamerican Studies and World Affairs, julho/agosto 1994, volume 36, no. 2.. Estados Unidos.

Koakowski, Leszek; *Main Currents of Marxism*, apostila, 1978.

La Gesta Revolucionaria: Acciones y Heroes, relatório, Conselho de Estado da República de Cuba.

La Neocolonia – Organización y Crisis, 1899-1940, La Habana, Editora Política, 1998.

LaFeber, Walter; *America, Russia, and the Cold War, 1945-84*, apostila, 1985.

Lechuga, Carlos; *Itinerario de una farsa*, extrato de publicação, [s.a].

López Civeira, Francisca; *El PRC(A) y el PRC: Continuidad historica?*, artigo, em *Revista de La Universidad de la Habana*,1993.

Lowenthal, Richard; *Communism: The Desintegration of a Secular Faith*, artigo, 1964.

Mankiewicz, Frank; & Jones, Kirby; *With Fidel: A Portrait of Castro and Cuba*, artigo, 1976.

Martinez Marquez, *Entrevista a Grau*, artigo, em Revista BOHEMIA, 24 de janeiro de 1939.

Martínez Páez, Julio; *Médicos en la Sierra Maestra – apuntes históricos*, ensaio, 1959.

McLellan, David; *Marxism after Marx*, extrato de publicação, 1980.

McManus, Jane; *Getting to Know Cuba*, extrato de publicação, 1989.

Miyar Bolío, María Teresa; *La politica de Cuba hacia la Comunidad Cubana en el contexto de las relaciones Cuba-EU 1959-1980*; ensaio, La Habana, Centro de Estudios sobre EEUU (CESEU-UH), 1991.

__________ & Rosa María Lobaina Barthelemy; *La Revolucion y la Emigracion: lo politico y lo humano de un conflicto*, ensaio, La Habana, Centro de Estudios sobre EEUU (CESEU-UH), 1994.

Montané Oropesa, Jesús; *Nuevas experiencias para la lucha*, artigo, em “Granma rumbo a la libertad”, La Habana, Editora Gente Nueva, 1983.

Ordóqui, Joaquin; *Memórias*, testemunho, La Habana, Instituto de Historia de Cuba, {s.a.].

Ovares, Enrique; *Fatos ocorridos en Colômbia, Bogotá, Conhecidos como El Bogotazo*, documento, Miami, 1998.

Padilla, Heberto; *Self-Portrait of the Other*, ensaio, 1990.

Pardo Llada, José; *Como politiquean los vecinos del Norte*, artigo, em Revista Bohemia, 7 de novembro de 1948.

Perez, Louis A. Jr.; *Cuba*, extrato de publicação, 1988.

Perez Hernández, Faustino; *Veinticinco Aniversario de la Huelga de Abril*, discurso, Sagua la Grande, 1983.

__________; “Yo vine en el Granma”, testemunho, arquivo pessoal.

Quirk, Robert E.; *Fidel Castro*, ensaio, [s.a.].

Relatos da viagem e do desembarque do *Granma* por participantes: Roberto Roque; Calixto García; René Rodríguez; Faustino Pérez; Pedro L. Sánchez; Pablo Díaz; Ernesto “Che” Guevara de La Serna; Universo Sánchez; Mario Hidalgo; Efigenio Ameijeiras; Raúl Castro; Norberto Collado; Jesús Reyes; Arsenio Garcia, documentos, Conselho de Estado da República de Cuba.

Relatos de acciones del Directorio Revolucionario: *Dentro del Palacio* (Luis Goicochea); *El Chequeo de Batista* (Armando Pérez Pintó); *Rescate del Camión de Daytona* (Domingo Portela); *Asalto a Radio Reloj* (Julio García Olivera); *Perseguidos y Asesinados – El Crimen de Humboldt 7* (Enrique Rodríguez Loeches), apostilas, arquivo pessoal.

Relatos do Assalto ao Moncada e Presídio por participantes: Jesús Montané; Oscar Alcalde; Abelardo Crespo; Haydée Santamaría; Manuel Hernández; Melba Hernández, documentos, Conselho de Estado da República de Cuba.

Relatos sobre a formação do Movimento 26 de Julho (M-26.7) por participantes: Ramón Alvarez; Gloria Cuadras; María Antonia Figueroa; Camilo Cienfiegos; Manuel Hernández, documentos, Conselho de Estado da República de Cuba.

Relatos sobre ações de apoio ao Desembarque do *Granma* por participantes: Frank País, Célia Sánchez, Vilma Espín e Léster Rodríguez, documentos, Conselho de Estado da República de Cuba.

Relatos sobre o exílio no México por participantes:

María Antonia González; Ernesto "Che" Guevara de La Serna; Alberto Bayo; Arsenio García; Pablo Díaz; Calixto García; Esperanza Olazábal; Universo Sánchez, documentos, Conselho de Estado da República de Cuba.

Sánchez, Germán; *El Moncada: crisis del sistema neocolonial, inicio de la revolución latinoamericana*, ensaio, La Habana, Revista Casa de Las Américas, julho/agosto 1973.

Selección de Lecturas de Historia de Cuba; Ediciones ENPES, La Habana, Cuba, 1983.

Schwartz, B. I.; *Communism and China*, extrato de publicação, 1968.

Seton-Watson, Hugh; *The Imperialist Revolutionaries: Trends in World Communism in the 1960's and 1970's* , apostila, 1985.

Solomon, Richard H.; *Mao's Revolution and the Chinese Political Culture*, apostila, 1971.

Suchilicki, Jaime; *Cuba: From Columbus to Castro*, extrato de publicação, 1990.

Thomas, Hugh; *Cuba or the pursuit of freedom*, extrato de publicação, 1971.

U.S. Senate Select Commitee on Intelligence Activities; *Alleged Assassination Plots Involving Foreign Leaders*, Washington, D.C.., Government Printing Office, 1975.

Viajes de Fidel por la amistad y el internacionalismo, relatos e fotos, La Habana, Editorial Orbe, 1980.

Visita de Fidel Castro a la Unión Soviética, em *Viva Cuba*, Moscou, Ediciones Pravda, 1963.

Volkogonov, Dmitri; *Stalin: Triumph and Tragedy*, apostila, 1991.

Wohlforth, William Curtis; *The Elusive Balance: Power and Perceptions during the Cold War*, apostila, 1993

World Summit for Social Development, relatório, Copenhague, International Conference Centre, 1995.

Entrevistas

Familiares de Fidel:

Alejandro Ruz Gonzalez
Ana Rosa Soto
Angelita Castro
Enrique Soto
Mariela Castro
Ramón Castro
Raúl Castro
Tania Fraga Castro
Vilma Espín de Castro

Sobre Birán, Terra Natal:

Angel Fernández Varela, professor de Fidel no Colégio Belén
Benito Rizo
Cándido Martínez
Carlos Falcón
Jose Heribaldo Gómez Reyes, funcionário do Colégio Belén
Juan e Tino Cortiñas
Juan Pedro Batista
Juan Socarrás

Sobre a Etapa da Universidade:

Alfredo Esquivel
Alfredo Guevara
Antonio Medina Fernández
Baudilio Castellanos
Enrique Ovares
Lionel Soto
Max Lesnick

Sobre Fases da Revolução:

Armando e Emir, da escolta de Fidel
Angel Fernández Villa
Antonio Llibre
Antonio Pérez Herrero
Armando Hart Dávalos
Arnol Rodríguez
Emílio Aragones
Eloy Gutiérrez Menoyo
Faure Chomón Mediavilla
Humberto Pérez
Ignacio Dominguez Chambombiant
Isidoro Malmierca
Ismael González Y González
Jesús Montané Oropesa
Jesús Soto
Jorge Lezcano Perez
Jorge Risquet Valdés
Jorge Serguera
José Arbesú
José Antonio Tabares del Real
José Llanusa
José Quevedo
José Rebellon
José Vela Gomez, chefe de cozinha do Palácio da Revolução
Juan Almeida Bosque
Julio Martínez Páez
Luis Buch
Luis Báez
Manuel Piñeiro Losada
Maria Antonia Figueroa
Osvaldo Martínez
Philip Agee
Ramón Sánchez Parodi
Raúl Chibás
Santiago Alvarez, documentarista de Fidel
Sergio Montané
Tomás Borge
e
Fidel Castro

Consultas:

Abel Prieto
Armando Campos
Benigno Iglesias
Carlos Tablada
Elza Montero Maldonado
Estela Bravo
Felipe Pérez Roque
Francisca Lopez Civeira
Francisco Padrón
Gabriel García Márquez
Heberto Norman
Iroel Sánchez
Jorge Ferrera
Jorge Solís
Julio García Espinosa
Katiuska Blanco
Lázaro Mora
Manuel Rodriguez
Marta Harnecker
Marta Rojas
Mirta Muniz
Natalia Revuelta
Omar González
Otto Hernández
Paula Ortiz
Pedro Álvarez Tabío
Ramón Suárez
Reinaldo Caviac
Rogelio Montenegro
Rogelio Polanco
Sergio Cervantes
William Gálvez

ÍNDICE

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

W

X

Y

Z

Um caminho que se impõe

Oscar Niemeyer

Fidel é, sem dúvida, uma das figuras mais importantes do século XX. Um dia quem sabe teremos que segui-lo. A Revolução Cubana é um exemplo. É o caminho que se impõe, quando a vida se degrada e a esperança foge do coração dos homens. A última vez que encontrei Fidel foi em Niterói, no Rio de Janeiro, quando ele visitava o museu que projetei lá. Tenho um vídeo sobre essa visita. Como me honra e agrada vê-lo me abraçar afetuosamente e ouvir as palavras generosas que disse a meu respeito! Certo dia, ele me pediu que projetasse um monumento de protesto contra o bloqueio norte-americano a Cuba. Diante do projeto que fiz e lhe apresentei, numa de suas visitas ao Brasil, ele, satisfeito, exclamou: "Vou construí-lo na praça em frente à embaixada dos Estados Unidos em Havana!". Nesta biografia, a que dedicou nove anos de trabalho em pesquisas e entrevistas, Claudia Furiati se empenhou a fundo para deixar à posteridade a história mais completa e precisa possível da vida deste grande homem.

No MAC (Museu de Arte Contemporânea), com Niemeyer e o prefeito de Niterói, Jorge Roberto Silveira, quando da inauguração da exposição "40 anos da Revolução Cubana"